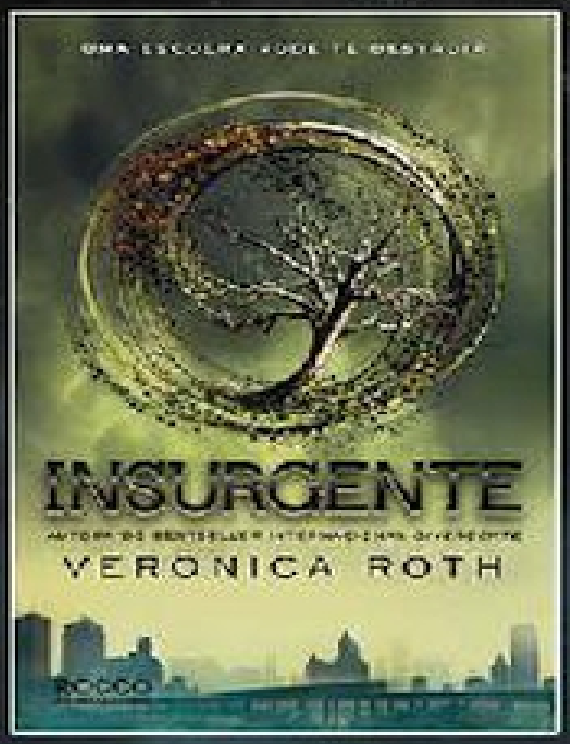
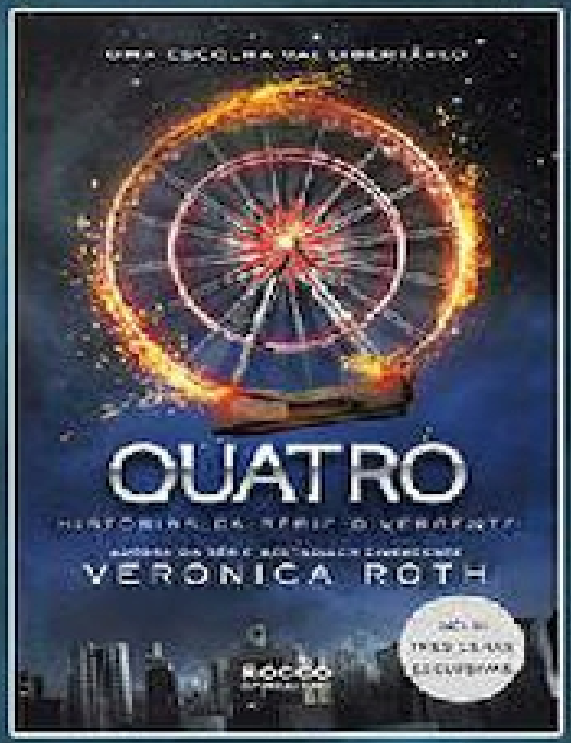




SÉRIE DIVERGENTE

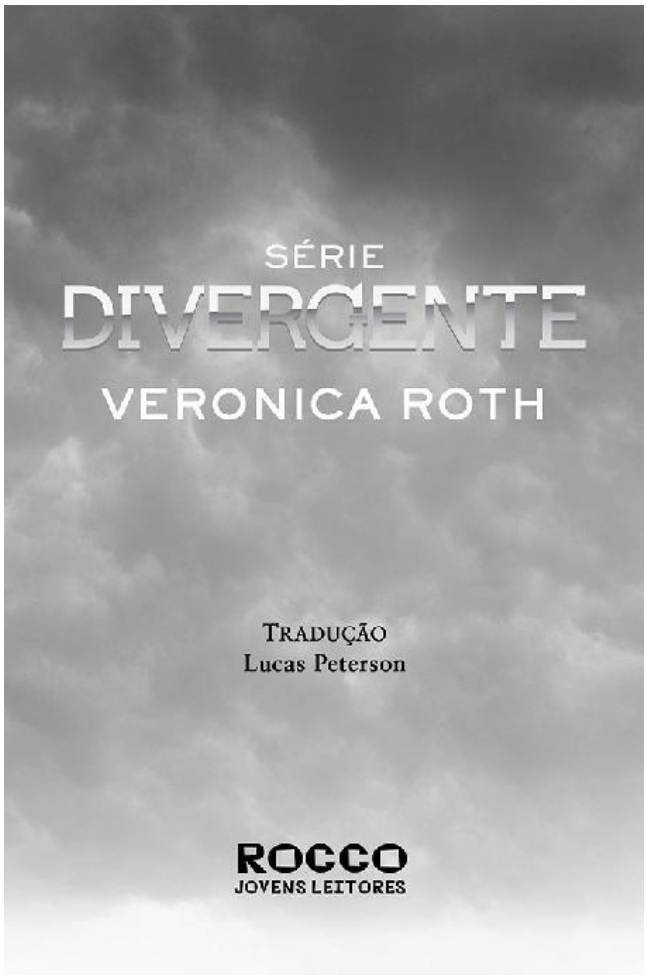
UMA COLEÇÃO DE QUATRO LIVROS





AUTORA BESTSELLER #1 DO *NEW YORK TIMES*

VERONICA ROTH


SÉRIE
DIVERGENTE
VERONICA ROTH
TRADUÇÃO
Lucas Peterson
ROCCO
JOVENS LEITORES

Índice

Divergente

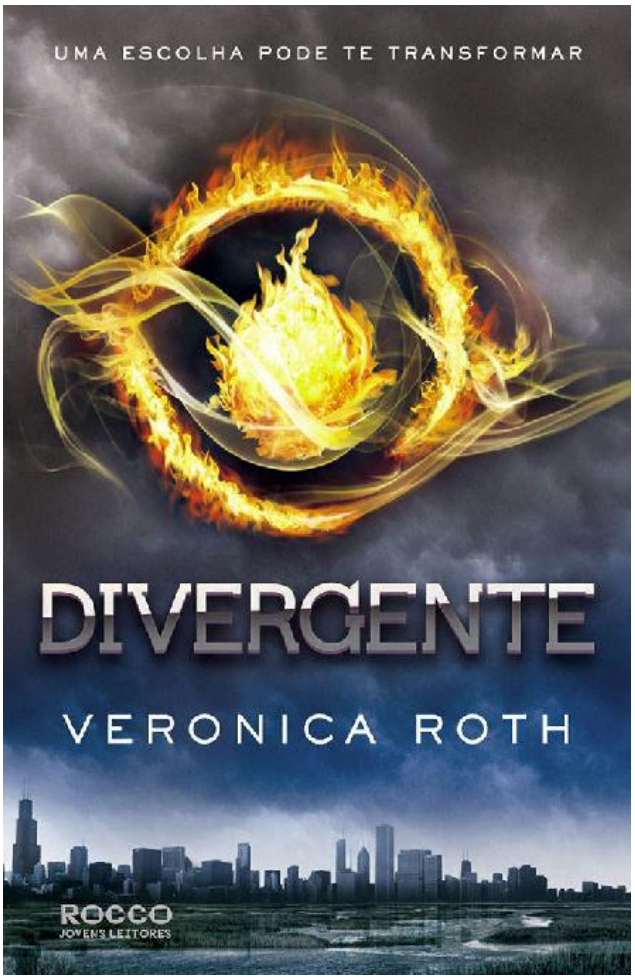
Insurgente

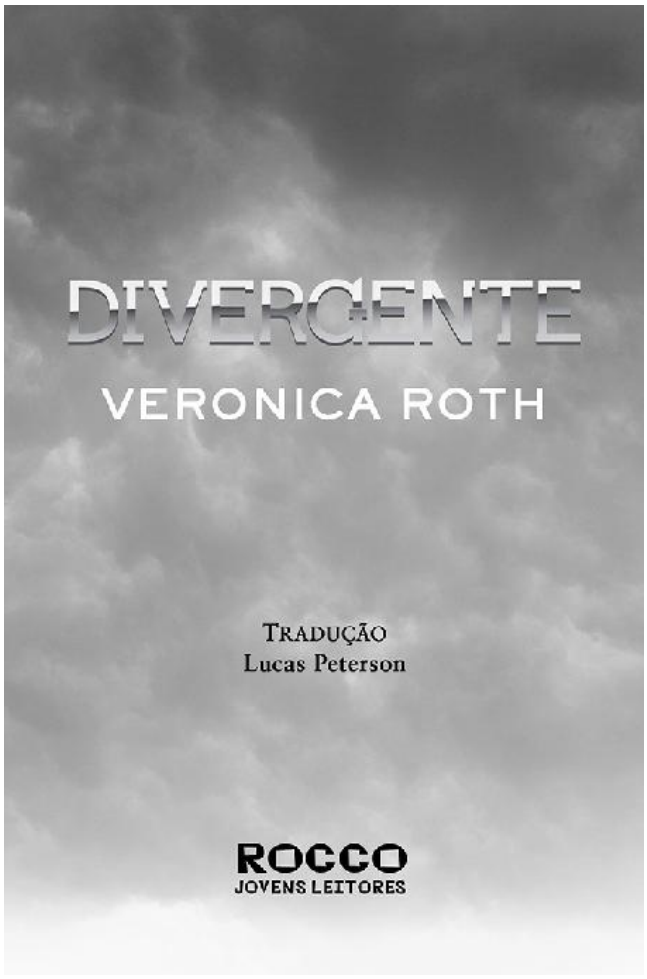
Convergente

Quatro: histórias de Divergente

Créditos

A Autora


UMA ESCOLHA PODE TE TRANSFORMAR
DIVERGENTE
VERONICA ROTH
ROCCO
JOVENS LEITORES


DIVERGENTE
VERONICA ROTH
TRADUÇÃO
Lucas Peterson
ROCCO
JOVENS LEITORES

Para minha mãe,
que me presenteou com o momento em que Beatrice percebe a força de sua mãe e se pergunta como não a havia percebido antes.

CAPÍTULO UM

HÁ UM ÚNICO espelho em minha casa. Fica atrás de um painel corrediço no corredor do andar de cima. Nossa facção permite que eu fique diante dele no segundo dia do mês, a cada três meses, no dia em que minha mãe corta meu cabelo.

Sento-me em um banco e minha mãe permanece em pé atrás de mim com a tesoura, aparando. Os fios caem no chão, formando um anel loiro e sem graça.

Ao terminar, ela afasta os cabelos do meu rosto e os amarra em um nó. Reparo em como parece calma e em como está concentrada. Ela tem muita experiência na arte de perder-se em pensamentos. Não posso dizer o mesmo de mim.

Espio minha imagem no espelho quando ela não está prestando atenção, não por vaidade, mas por curiosidade. Um rosto pode mudar muito em três meses. No meu reflexo, vejo um rosto estreito, olhos grandes e redondos e um longo e delgado nariz. Ainda pareço uma criança, apesar de ter completado dezesseis anos em algum momento dos últimos meses. As outras facções celebram aniversários, mas nós, não. Seria um ato de autocomplacência.

— Pronto — diz ela, ao prender o nó com um grampo. Seus olhos surpreendem os meus no espelho. É tarde demais para desviar o olhar, mas em vez de me censurar ela sorri, encarando nosso reflexo. Franzo levemente as sobrancelhas. Por que ela não me repreendeu?

— Hoje é o dia, afinal — diz ela.

— Sim — respondo.

— Você está nervosa?

Por um momento, encaro meus olhos no espelho. Hoje é o dia do teste de aptidão que me mostrará a qual das cinco facções eu pertenço. E amanhã, na Cerimônia de Escolha, escolherei uma; escolherei o caminho que vou trilhar pelo resto da minha vida; escolherei se devo ficar com minha família ou abandoná-la.

— Não — digo. — Os testes não precisam mudar nossas escolhas.

— Certo. — Ela sorri. — Vamos tomar o café da manhã.

— Obrigada. Por cortar meu cabelo.

Ela beija meu rosto e desliza o painel sobre o espelho. Acredito que minha mãe poderia ter sido linda em um mundo diferente. Seu corpo é magro sob o manto cinza. As maçãs de seu rosto são salientes e seus cílios são longos, e, quando ela solta o cabelo à noite, ele cai ondulante sobre seus ombros. Mas, como integrante da Abnegação, ela é obrigada a esconder sua beleza.

Andamos juntas até a cozinha. Nas manhãs em que meu irmão prepara o café, a mão de meu pai acaricia meus cabelos enquanto ele lê o jornal e minha mãe cantarola ao limpar a mesa — é justamente nessas manhãs que eu me sinto mais culpada por querer deixá-los.

+ + +

O ônibus fede a fumaça. Cada vez que passa sobre um trecho irregular de asfalto, sacode-me de um lado para o outro, mesmo que eu esteja apoiada no banco para me manter parada.

Meu irmão mais velho, Caleb, está em pé no corredor, segurando a barra de metal acima de sua cabeça para manter-se firme. Não somos parecidos. Ele tem o cabelo escuro e o nariz curvado do meu pai, e os olhos verdes e covinhas nas bochechas da minha mãe. Quando era mais novo, esse conjunto de traços parecia estranho, mas agora lhe cai bem. Se não fosse um membro da Abnegação, tenho certeza de que as meninas da escola repariam nele.

Também herdou o talento da minha mãe para o altruísmo. Ofereceu seu assento no ônibus sem hesitar a um rabugento membro da Franqueza.

O homem veste um terno preto e uma gravata branca: o uniforme padrão da Franqueza. Sua facção valoriza a honestidade e enxerga a verdade em branco e preto. Por isso se vestem assim.

Os intervalos entre os prédios diminuem e as estradas ficam mais regulares à medida que nos aproximamos do centro da cidade. O edifício que um dia foi chamado de Sears Tower, e que hoje chamamos de Eixo, surge em meio à névoa, como uma pilastra escura no horizonte. O ônibus passa sob os trilhos elevados. Nunca entrei em um trem, embora eles nunca parem de circular e haja trilhos por toda a parte. Apenas os integrantes da Audácia andam de trem.

Há cinco anos, pedreiros voluntários da Abnegação restauraram algumas das ruas. Começaram os consertos pelo centro e seguiram em direção aos limites da cidade, até que seus materiais se esgotaram. As ruas da região onde moro ainda são rachadas e desiguais e não é seguro dirigir por elas. Mas isso não importa, porque nós não temos carro.

A expressão de Caleb permanece tranquila enquanto o ônibus treme, balança e arranca pela estrada. Com o manto cinza dependurado em seu braço, ele segura a barra de ferro para manter o equilíbrio. Percebo pelos movimentos constantes de seus olhos que está observando as pessoas ao redor, esforçando-se para enxergar apenas elas, e não a si mesmo. A facção da Franqueza valoriza a honestidade, mas a nossa facção, a Abnegação, valoriza o altruísmo.

O ônibus para em frente à escola e eu me levanto, espremendo-me para passar entre o integrante da Franqueza e o banco da frente. Ao tropeçar sobre os sapatos do homem, me apoio na mão de Caleb. Minhas calças são longas demais e eu nunca fui muito graciosa.

O edifício dos Níveis Superiores abriga a mais antiga das três escolas da cidade: Níveis Inferiores, Níveis Medianos e Níveis Superiores. Como todas as outras construções ao redor, ele é feito de vidro e aço. Há uma enorme escultura de metal em frente ao edifício que os integrantes da Audácia

costumam escalar depois das aulas, desafiando uns aos outros a subir cada vez mais alto. No ano passado, vi uma das integrantes cair e quebrar a perna. Fui eu que corri para chamar a enfermeira.

— Testes de aptidão hoje — digo. Caleb não é nem um ano mais velho que eu, então somos da mesma série.

Ele acena com a cabeça ao atravessarmos a porta de entrada. Meus músculos contraem-se quando entramos no prédio. Há um clima de fome no ar, como se cada aluno de dezesseis anos estivesse tentando devorar o máximo possível deste dia. É bem provável que não caminhemos mais por estes corredores depois da Cerimônia de Escolha. Quando escolhermos nossas novas facções, elas se encarregarão de nos oferecer o restante dos nossos estudos.

Nossas aulas hoje durarão metade do tempo, para que possamos assistir a todas antes do teste de aptidão, que ocorrerá depois do almoço. Meu coração já está acelerado, só de pensar.

— Você não está nem um pouco preocupado com o que ele pode revelar? — pergunto a Caleb.

Paramos na bifurcação do corredor, de onde ele seguirá em uma direção, para a aula de Matemática Avançada, e eu em outra, para a aula de História das Facções.

Ele franze sua testa ao olhar para mim.

— Você está?

Poderia dizer-lhe que tenho me preocupado há semanas a respeito do que o teste de aptidão vai me revelar: Abnegação, Franqueza, Erudição, Amizade ou Audácia?

No entanto, apenas sorrio e digo:

— Não muito.

Ele sorri de volta.

— Bem... tenha um bom dia.

Sigo para a aula de História das Facções, mordendo o lábio inferior. Ele não respondeu minha pergunta.

Os corredores são estreitos, embora a luz que entra pelas janelas crie a ilusão de espaço, e são um dos poucos lugares em que pessoas da nossa idade e de facções diferentes se misturam. Hoje, os estudantes apresentam uma energia diferente, uma sensação de último dia.

Uma menina de cabelos longos e encaracolados grita "ei!" perto do meu ouvido, acenando para um amigo distante. Uma manga de jaqueta esbarra na minha cara. De repente, um garoto da Erudição vestindo um casaco azul me empurra. Perco o equilíbrio e bato no chão com força.

— Sai da frente, Careta — diz ele rispidamente, e segue pelo corredor.

Meu rosto esquenta. Levanto-me e me ajeito. Algumas pessoas pararam quando eu caí, mas nenhuma ofereceu ajuda. Seus olhares apenas me acompanham até o final do corredor. Esse tipo de coisa tem acontecido com outros integrantes da minha facção há meses. Os membros da Erudição têm divulgado relatórios antagônicos em relação à Abnegação, e isso tem afetado nosso relacionamento na escola. As roupas cinza, o corte de cabelo simples e o comportamento modesto da nossa facção deveriam me ajudar a esquecer de mim mesma e fazer com que as outras pessoas se esquecessem de mim também. Mas agora eles fazem de mim um alvo.

Paro em frente a uma janela da Ala E e espero a chegada dos membros da Audácia. Faço isso todas as manhãs. Às 7h25 em ponto, eles provam sua coragem ao pular de um trem em movimento.

Meu pai chama os integrantes da Audácia de "endiabrados". Eles têm *piercings*, tatuagens e usam roupas escuras. Sua principal função é proteger a grade que circunda nossa cidade. Proteger de quê, eu não sei.

Eles deveriam me deixar chocada. Eu deveria me perguntar o que a coragem, que é a virtude que mais valorizam, tem a ver com um anel de metal pendurado no nariz. No entanto, sigo-os com os olhos por onde quer que andem.

O apito do trem toca alto e o som ressoa em meu peito. O farol do trem pisca enquanto a composição se desloca violentamente e passa em frente à escola, com suas rodas rangendo contra os trilhos de metal. Ao passarem os últimos vagões, uma quantidade enorme de jovens com roupas escuras se atira do trem em movimento, alguns caindo e rolando no chão, outros pisando em falso por um momento antes de recobrarem o equilíbrio. Um dos garotos coloca o braço em volta dos ombros de uma menina, rindo.

Assisti-los é uma atividade vã. Desvio o olhar da janela e atravesso a multidão até a sala de História das Facções.

CAPÍTULO DOIS

OS TESTES COMEÇAM depois do horário de almoço. Sentamo-nos em mesas extensas no refeitório, e os administradores chamam dez nomes por vez, um para cada sala de testes. Sento-me ao lado de Caleb e de frente para a nossa vizinha, Susan.

O trabalho do pai de Susan exige que ele circule bastante pela cidade, o que lhe permite ter um carro e levá-la e trazê-la da escola todos os dias. Ele também se ofereceu para nos levar, mas, como Caleb costuma dizer, preferimos sair mais tarde para não incomodá-lo.

É claro que não queremos.

Os administradores, em sua maioria, são voluntários da Abnegação, embora haja um voluntário da Erudição em uma das salas de teste e um da Audácia em outra, pois, segundo as regras, membros da Abnegação, como nós, não podem ser testados por pessoas da nossa própria facção. As regras também ditam que não devemos nos preparar de maneira alguma para os testes, portanto não sei o que esperar deles.

Desvio o olhar de Susan para as mesas com integrantes da Audácia, do outro lado do refeitório. Eles estão rindo, gritando e jogando cartas. Em outro conjunto de mesas, jovens da Erudição conversam entre livros e jornais, em sua busca constante por conhecimento.

Um grupo de meninas da Amizade, vestidas de amarelo e vermelho, está sentado em círculo no chão do refeitório, brincando de um tipo de jogo com as mãos enquanto entoam cantigas. De vez em quando, elas soltam um coro de risadas quando alguém é eliminado da brincadeira e obrigado a sentar no meio da roda. Na mesa ao lado delas, garotos da Franqueza fazem gestos

enfáticos com as mãos. Parecem discutir algo, mas não deve ser nada sério, porque alguns deles estão sorrindo.

Na mesa da Abnegação, permanecemos sentados em silêncio enquanto esperamos. Os costumes das facções ditam até como devemos nos comportar nos momentos de inatividade e estão acima das preferências individuais. Duvido de que todos da Erudição queiram estar sempre estudando, ou que todo membro da Franqueza aprecie um debate acalorado, mas, como eu, eles não podem desafiar as normas de suas facções.

Caleb é chamado no grupo seguinte. Ele caminha com confiança em direção à saída do refeitório. Não preciso desejar-lhe sorte para acalmá-lo. Ele sabe onde é seu lugar, e acredito que sempre soube. Minha memória mais antiga dele é de quando tínhamos quatro anos. Ele me deu uma bronca por não ceder minha corda de pular a uma menininha no pátio que não tinha com o que brincar. Hoje em dia, não me dá mais sermões com tanta frequência, mas seu olhar de reprovação já está marcado em minha mente.

Já tentei explicar que meus instintos são diferentes dos dele. A ideia de ceder meu assento ao homem da Franqueza no ônibus nem passou pela minha cabeça. Mas ele não entende. "Apenas faça o que você deve fazer", é o que sempre diz. Para ele, as coisas são simples assim. Deveriam ser para mim também.

Meu estômago aperta. Fecho os olhos e mantenho-os fechados durante dez minutos, até Caleb voltar e se sentar novamente.

Ele está pálido como um fantasma. Esfrega as palmas das mãos nas pernas, como eu costumo fazer quando quero enxugar o suor e, quando as levanta novamente, seus dedos tremem. Abro a boca para perguntar algo, mas as palavras me escapam. Não posso perguntar-lhe a respeito dos resultados, e ele não pode me contar.

Um voluntário da Abnegação chama a próxima lista de nomes. Dois da Audácia, dois da Erudição, dois da Amizade, dois da Franqueza, e então:

— Da Abnegação: Susan Black e Beatrice Prior.

Levanto-me porque sou obrigada, mas se pudesse permaneceria sentada ali para sempre. Sinto-me como se houvesse uma bolha no interior do meu peito que cresce a cada segundo, ameaçando rasgar-me de dentro para fora. Sigo Susan pela porta de saída. As pessoas por quem eu passo provavelmente não conseguem nos diferenciar uma da outra. Usamos as mesmas roupas e cortamos nossos cabelos loiros da mesma maneira. A única diferença é que Susan talvez não sinta como se estivesse prestes a vomitar, e não me parece que suas mãos estejam tremendo tanto que ela precise segurar a manga de sua camisa para contê-las.

Do lado de fora do refeitório, uma fileira de dez salas nos aguarda. Elas são utilizadas apenas para os testes de aptidão, portanto nunca entrei em nenhuma delas. Ao contrário das outras salas da escola, são separadas por espelhos, e não por vidros. Vejo meu reflexo, pálido e apavorado, ao caminhar em direção a uma das portas. Susan sorri nervosamente para mim ao entrar na sala 5 e eu entro na sala 6, onde uma mulher da Audácia está me esperando.

Ela não tem a aparência tão severa quanto os integrantes mais jovens da Audácia que conheço de vista. Tem olhos pequenos, escuros e angulosos, e veste um blazer preto e uma calça jeans. Só quando ela se vira para fechar a porta percebo a tatuagem em sua nuca, um gavião branco e preto com um olho vermelho. Se não estivesse com o coração na garganta, perguntaria a ela qual é o significado de sua tatuagem. Deve haver algum.

Espelhos cobrem as paredes internas da sala. Posso ver meu reflexo de todos os ângulos: o tecido cinza escondendo o formato das minhas costas, meu pescoço longo, minhas mãos com juntas protuberantes, ruborizadas pelo fluxo de sangue. O teto brilha com o branco da luz. No centro da sala, há uma cadeira reclinada como a de um dentista, com uma máquina ao lado. Parece ser um lugar onde coisas terríveis acontecem.

— Não se preocupe — diz a mulher —, não dói.

Seu cabelo é preto e liso, mas sob a luz percebo que nele há traços de cinza.

— Sente-se e fique à vontade — pede ela. — Meu nome é Tori.

Sento-me desengonçadamente na cadeira e reclino o corpo, encostando a cabeça sobre o apoio. As luzes machucam meus olhos. Tori está ocupada com a máquina à minha direita. Tento me concentrar nela, e não nos fios em suas mãos.

— Por que o gavião? — pergunto de repente, enquanto ela prende um eletrodo em minha testa.

— Você é a primeira pessoa curiosa que conheço da Abnegação — diz ela, erguendo a sobrancelha ao olhar para mim.

Estremeço e meus braços ficam arrepiados. Minha curiosidade foi um erro, uma traição aos valores da Abnegação.

Cantarolando um pouco, ela prende outro eletrodo em minha testa e explica:

— Em certas partes do mundo antigo, o gavião simbolizava o sol. Quando fiz esta tatuagem, pensei que, se eu carregasse o sol sempre comigo, não teria medo do escuro.

Tento me controlar para não fazer outra pergunta, mas não consigo evitar.

— Você tem medo do escuro?

— Eu *tinha* medo do escuro — corrige-me ela. Prende o eletrodo seguinte em sua própria testa, depois conecta um fio a ele. Ela encolhe os ombros. — Hoje, serve como um lembrete do medo que superei.

Tori fica em pé atrás de mim. Aperto o braço da cadeira com tanta força que as juntas das minhas mãos ficam brancas. Ela puxa alguns fios em sua direção e liga-os a mim, a ela e à máquina atrás dela. Depois, me entrega o frasco com um líquido transparente.

— Beba isto — diz.

— O que é? — Minha garganta parece estar inchada. Engulo em seco com força. — O que vai acontecer?

– Não posso falar. Apenas confie em mim.

Expiro o ar dos meus pulmões e derramo o conteúdo do frasco em minha boca. Meus olhos se fecham.

+ + +

Quando abro os olhos novamente, apenas um instante havia se passado, mas estou em outro lugar. Estou novamente em pé no refeitório da escola, mas todas as longas mesas estão vazias, e vejo, através das paredes de vidro, que está nevando. Há dois cestos diante de mim, sobre uma das mesas. Dentro de um deles vejo um pedaço de queijo e no outro uma faca do tamanho do meu antebraço.

Ouço uma voz feminina atrás de mim que diz:

– Escolha.

– Por quê? – pergunto.

– Escolha – ela repete.

Olho para trás, mas não vejo ninguém. Volto-me novamente para os cestos.

– O que farei com eles?

– Escolha! – ela grita.

Quando ela grita comigo, meu medo se desfaz, dando lugar à teimosia. Fecho a cara e cruzo os braços.

– Se é assim que você quer – diz ela.

Os cestos desaparecem. Ouço uma porta rangendo e viro-me para ver quem é. O que vejo não é uma pessoa, mas um cachorro com nariz pontudo, parado a alguns metros de mim. Ele se agacha, esgueirando-se em minha direção, e seus lábios se abrem, revelando seus dentes. Um rosnado soa do fundo de sua garganta, e percebo que um pedaço de queijo talvez fosse bastante útil agora. Ou uma faca. Mas já é tarde demais para isso.

Penso em correr, mas o cachorro seria mais rápido do que eu. Tentar derrubá-lo à força também seria impossível. Minha cabeça começa a latejar.

Preciso tomar uma decisão. Se eu conseguisse pular sobre uma das mesas e usá-la como escudo... Não, sou baixa demais para pular sobre as mesas e não sou forte o bastante para virar uma delas de lado.

O cachorro rosna, e posso quase sentir o som vibrando dentro do meu crânio.

No meu livro de Biologia, está escrito que cachorros conseguem sentir o cheiro do medo por causa de uma substância química secretada pelas glândulas humanas quando nos sentimos acuados; a mesma substância é secretada por animais que cachorros costumam caçar. O cheiro do medo leva-os a atacar. O cachorro aproxima-se de mim lentamente, suas unhas raspando no chão.

Não posso correr. Não posso lutar. Mas já consigo sentir o cheiro pútrido do bafo dele e tento não pensar no que ele pode ter acabado de comer. Não há qualquer traço branco em seus olhos, apenas um brilho negro.

O que mais sei a respeito dos cachorros? Sei que não devo encará-los. Isso seria um sinal de agressividade. Lembro-me de ter pedido um cão de estimação ao meu pai quando era mais nova, e agora, enquanto observo o chão em frente às patas do cachorro, não consigo entender o que me levou a pedir tal coisa. Ele se aproxima, ainda rosnando. Se encará-lo é sinal de agressividade, o que seria um de submissão?

Respiro alto, mas de maneira regular. Ajoelho-me no chão. A última coisa que quero agora é me deitar em frente ao cachorro, deixando o rosto na mesma altura de seus dentes, mas essa é a minha melhor opção. Estico as pernas para trás e me apoio sobre os cotovelos. O cachorro esgueira-se em minha direção, cada vez mais perto, até eu conseguir sentir a sua respiração em meu rosto. Meus braços estão tremendo.

Ele late em meu ouvido, e cerro os dentes para não soltar um grito de medo.

Sinto algo áspero e molhado tocando minha bochecha. O cachorro para de rosnar e, ao levantar minha cabeça para olhá-lo, vejo que está arfando. Ele

lambe meu rosto. Franzo a testa e sento-me sobre os calcanhares. O cachorro apoia suas patas sobre meus joelhos e lambe meu queixo. Faço uma careta e enxugo sua baba da minha pele, depois solto uma risada.

— Você até que não é uma fera tão amedrontadora, não é mesmo?

Levanto-me devagar para não assustá-lo, mas ele parece ter se tornado um animal completamente diferente daquele que eu havia encarado alguns segundos antes. Estico a mão com cuidado, para que consiga puxá-la de volta se for preciso. Ele encosta a cabeça na minha mão. De repente, sinto-me feliz por não ter escolhido a faca.

Pisco os olhos e ao abri-los vejo uma criança do outro lado do refeitório usando um vestindo branco. Ela estica os braços e berra:

— Cachorrinho!

Quando ela começa a correr em direção ao cachorro que está do meu lado, abro a boca para tentar alertá-la, mas é tarde demais. O cachorro vira em sua direção. Em vez de rosnar, ele late e grunhe e abocanha o ar, seus músculos se contraindo como um emaranhado de cabos. Está prestes a dar o bote. Eu não penso, apenas salto; jogo meu corpo sobre o cachorro, envolvendo seu grosso pescoço com os meus braços.

Minha cabeça se choca contra o chão. O cachorro desaparece, assim como a garotinha. Estou sozinha na sala de testes, que agora está vazia. Giro o corpo devagar e não consigo me ver em nenhum dos espelhos. Abro a porta e entro no corredor, mas o lugar não é mais um corredor; é um ônibus, e todos os assentos estão ocupados.

Fico em pé no corredor e agarro uma das barras de segurança. Perto de mim, um homem lê o jornal em um dos bancos. Não consigo ver seu rosto por trás do jornal, mas consigo ver suas mãos. Elas são desfiguradas, como se houvessem sido queimadas, e seguram o jornal com força, como se quisessem amassá-lo.

— Você conhece este sujeito? — ele pergunta. Aponta para a foto na primeira página do jornal. Na manchete, está escrito: "Assassino Brutal é

Finalmente Preso!" Olho fixamente para a palavra "assassino". Há tempos não leio essa palavra, mas até sua forma me enche de pavor.

Na foto sob a manchete, há um jovem com um rosto simples e barba. Tenho a sensação de que o conheço, mas não consigo me lembrar de onde. Ao mesmo tempo, tenho a sensação de que seria má ideia revelar isso ao homem.

— E então? — Percebo um tom de raiva em sua voz. — Você o conhece ou não?

Uma má ideia; não, uma péssima ideia. Meu coração dispara e agarro a barra do ônibus com força para evitar que minhas mãos tremam e me denunciem. Se eu disser a ele que conheço o homem no jornal, algo horrível vai acontecer comigo. Mas posso convencê-lo de que não o conheço. Posso simplesmente limpar a garganta e dar de ombros, mas isso seria uma mentira.

Limpo a garganta.

— Você o conhece ou não? — repete ele.

Dou de ombros.

— E então?

Sinto meu corpo tremer. Meu medo é irracional; isso é apenas um teste, não é real.

— Não — digo com um tom tranquilo. — Não tenho a menor ideia de quem ele é.

O homem se levanta e finalmente consigo ver seu rosto. Ele está usando óculos escuros e sua boca é retorcida, como se estivesse rosnando. Sua bochecha é marcada por cicatrizes, como suas mãos. Ele inclina-se, aproximando-se do meu rosto. Seu hálito cheira a cigarros. *Isso não é real*, repito em meus pensamentos. *Não é real.*

— Você está mentindo — diz ele. — Você está *mentindo*!

— Não estou.

— Eu posso ver em seus olhos que você está mentindo.

Eu endireito minha postura.

– Não, você não pode.

– Se você o conhecesse – diz ele com uma voz fraca –, poderia me salvar. Poderia me *salvar*!

Eu o encaro com olhos semicerrados.

– Bem – digo, e firmo o maxilar –, eu não o conheço.

CAPÍTULO TRÊS

ACORDO COM AS palmas das mãos suadas e o peso da culpa no peito. Estou deitada na cadeira da sala espelhada. Ao inclinar a cabeça, vejo Tori atrás de mim. Ela contrai os lábios e retira os eletrodos de nossas cabeças. Espero que ela diga algo sobre o teste, que já terminou, ou me informe que me saí bem, embora eu não ache que seja possível se sair mal em um teste como esse. Mas ela não diz nada, apenas desconecta os fios da minha cabeça.

Ergo-me na cadeira e enxugo as palmas das mãos em minhas calças. Devo ter feito algo de errado, mesmo que tudo tenha se passado apenas na minha mente. Será que Tori está com esse olhar estranho porque não sabe como me dizer que sou uma pessoa terrível? Eu queria que ela apenas desembuchasse logo.

— Isso — diz ela — foi intrigante. Com licença, já volto.

Intrigante?

Levanto os joelhos até meu peito e enterro o rosto neles. Queria ter vontade de chorar, porque as lágrimas talvez me proporcionassem uma sensação de libertação, mas a vontade não me veio. Como é possível ser reprovado em um teste para o qual é proibido se preparar?

À medida que o tempo passa, vou ficando mais tensa. Sou obrigada a enxugar minhas mãos a toda hora, sempre que o suor se acumula. Ou será que estou fazendo isso apenas para me acalmar? E se eles disserem que não me encaixo em nenhuma das facções? Eu teria que viver nas ruas, com os sem-facção. Não conseguiria viver assim. Viver sem facção não significa apenas viver na pobreza e no desconforto; significa viver afastado da sociedade, separado da coisa mais importante da vida: a comunidade.

Minha mãe me disse certa vez que não podemos sobreviver sozinhos e, mesmo se pudéssemos, não desejaríamos tal destino. Sem uma facção, não temos qualquer propósito ou razão de viver.

Balanço a cabeça. Não posso pensar assim. Tenho que me manter calma.

Finalmente, a porta se abre e Tori entra novamente na sala. Agarro os descansos da cadeira.

— Desculpe por deixá-la preocupada — diz Tori. Ela para ao lado dos meus pés, com as mãos nos bolsos. Sua aparência é tensa e pálida.

— Beatrice, seus resultados foram inconclusivos — diz. — Normalmente, cada estágio da simulação elimina uma facção ou mais, mas no seu caso apenas duas foram descartadas.

Eu a encaro.

— Duas? — pergunto. Minha garganta está tão apertada que é difícil falar.

— Caso você tivesse demonstrado uma aversão automática à faca e escolhido o queijo, a simulação a teria guiado para um cenário diferente e confirmado sua aptidão para a Amizade. Isso não ocorreu, e por isso descartamos a Amizade. — Tori coça a nuca. — Normalmente, a simulação progride de maneira linear, isolando uma facção pela eliminação das outras. As escolhas que você fez não permitiriam que a Franqueza, a próxima possibilidade, fosse descartada; portanto, fui obrigada a alterar a simulação para colocá-la no ônibus. Lá, sua insistência em ser desonesta eliminou a possibilidade da Franqueza. — Ela sorri um pouco. — Não se preocupe. Só quem é realmente da Franqueza fala a verdade naquela situação.

Um dos nós em meu peito se desfaz. Talvez eu não seja uma pessoa terrível, afinal.

— Na realidade, isso não é completamente verdade. Pessoas que dizem a verdade são da Franqueza... e da Abnegação — diz ela. — O que nos leva a um problema.

Meu queixo cai.

— Por um lado, você se atirou sobre o cachorro e não permitiu que ele atacasse a menininha, o que caracteriza-se como uma reação da Abnegação... mas, por outro, quando o homem lhe falou que a verdade o salvaria, você continuou recusando-se a revelá-la. — Ela suspira. — Não fugir do cachorro sugere a Audácia, mas pegar a faca também, e não foi isso que você fez.

Ela limpa a garganta e continua:

— Sua resposta inteligente ao cachorro sugere um forte alinhamento com a Erudição. Eu não tenho a menor ideia de como interpretar a sua indecisão no primeiro estágio, mas...

— Espere — interrompo-a. — Então você não tem nenhuma ideia de qual é a minha aptidão?

— Sim e não. Minha conclusão — explica ela — é que você apresenta aptidão para a Abnegação, a Audácia e a Erudição. Pessoas que apresentam resultados assim são... — Ela olha para trás, como se esperasse ser surpreendida por alguém. — ...são chamadas de... *Divergentes*. — Sussurra a última palavra tão baixo que quase não a ouço, e um olhar tenso e preocupado volta a dominar seu semblante. Ela segue a lateral da cadeira e se inclina em minha direção.

— Beatrice — diz ela —, você não deve compartilhar essa informação com ninguém, sob quaisquer circunstâncias. Isso é muito importante.

— Não devemos revelar nossos resultados. — Aceno com a cabeça. — Sei disso.

— Não. — Tori agora se ajoelha ao lado da cadeira e apoia seus braços sobre o descanso. Nossos rostos estão a poucos centímetros de distância. — Isso é diferente. Não estou dizendo que você não deve revelar o resultado agora; o que quero dizer é que não deve revelá-lo a ninguém, *nunca*, não importa o que aconteça. A Divergência é algo extremamente perigoso. Você entendeu bem?

Não entendi. Como é possível que resultados inconclusivos nos testes sejam perigosos? Mesmo assim, aceno com a cabeça. Não quero compartilhar o resultado do meu teste com ninguém, de qualquer maneira.

– Tudo bem. – Solto os braços da cadeira e me levanto. Sinto-me tonta.

– Sugiro – diz Tori – que você vá para casa. Você tem muito o que pensar, e esperar com os outros não será bom para você.

– Preciso avisar ao meu irmão aonde estou indo.

– Eu o avisarei.

Levo a mão à minha testa e fixo o chão ao sair da sala. Não tenho coragem de olhá-la nos olhos. Não tenho coragem de pensar a respeito da Cerimônia de Escolha amanhã.

Agora a escolha é minha, independente do resultado do teste.

Abnegação. Audácia. Erudição.

Divergente.

+ + +

Decido não pegar o ônibus. Se eu chegar cedo em casa, meu pai vai reparar quando conferir o registro caseiro no fim do dia, e serei obrigada a explicar o que aconteceu. Decido, então, caminhar. Terei de falar com Caleb antes que comente qualquer coisa com nossos pais, mas ele sabe manter segredo.

Caminho no meio da estrada. Como os ônibus costumam circular colados ao meio-fio, é mais seguro caminhar assim. Às vezes, nas ruas perto da minha casa, consigo ver os locais onde as faixas amarelas costumavam estar. Não precisamos mais delas agora que os carros são tão raros. Também não precisamos de sinais de trânsito, mas eles continuam pendurados de maneira precária sobre algumas partes das estradas, como se fossem desabar a qualquer momento.

As renovações na cidade ocorrem de maneira lenta, e o espaço urbano se tornou uma mistura de prédios novos e limpos e construções velhas e decadentes. A maior parte dos novos edifícios fica próxima ao pântano, que há muito tempo costumava ser um lago. A agência de voluntários da Abnegação para a qual minha mãe trabalha é responsável por grande parte das renovações.

Quando tento enxergar o estilo de vida da Abnegação de maneira distanciada, considero-o lindo. Ao assistir a minha família mover-se em harmonia; quando somos convidados para um jantar e todos ajudam na limpeza depois, sem que ninguém tenha que pedir; quando vejo Caleb ajudar um estranho a carregar suas compras, apaixono-me por essa vida novamente. Mas, quando tento viver isso por conta própria, tenho dificuldade. O processo nunca me parece genuíno.

Mas escolher uma facção diferente significa renunciar à minha família. Permanentemente.

O trecho da cidade repleto de esqueletos de construções e calçadas rachadas pelo qual caminho fica logo após o setor da Abnegação. Há locais em que a estrada desabou completamente, revelando sistemas de esgoto e galerias subterrâneas vazias que eu deveria evitar; e outros têm um fedor tão forte de esgoto e lixo que sou obrigada a tapar o nariz.

É neste local que vivem os sem-facção. Por não terem conseguido completar a iniciação para a facção que escolheram, são obrigados a viver na pobreza, encarregando-se dos trabalhos que ninguém mais quer fazer. São faxineiros, peões de obra e garis; fabricam tecidos e guiam trens e ônibus. Como pagamento por seu trabalho, recebem comida e roupa, mas, como diz minha mãe, não o bastante.

Vejo um homem sem facção parado em uma esquina adiante. Usa roupas marrons em farrapos e tem uma papada sob o queixo. Ele me encara e eu o encaro de volta, sem conseguir desviar o olhar.

— Perdão — diz ele. Sua voz é áspera. — Você poderia me dar algo para comer?

Sinto um nó na garganta. Uma voz severa na minha cabeça me diz para olhar para o chão e continuar andando.

Não. Eu balanço a cabeça. Não devo temer este homem. Ele precisa de ajuda e devo ajudá-lo.

— É... sim — digo. Enfio a mão na minha mochila. Meu pai me ensinou a sempre carregar algum tipo de comida na mochila, exatamente para esse tipo de situação. Ofereço um pequeno pacote de fatias de maçã desidratadas ao homem.

Ele estica o braço, mas, em vez de pegar o pacote, agarra meu pulso. Sorri para mim. Há uma falha entre seus dentes dianteiros.

— Nossa, como você tem olhos bonitos — diz ele. — É uma pena que o resto seja tão sem graça.

Meu coração dispara. Tento soltar a mão, mas ele aperta meu pulso com mais força. Sinto um odor pungente e desagradável em seu bafo.

— Você parece ser um pouco jovem demais para estar andando por aí sozinha, querida — ele diz.

Paro de tentar soltar o braço e endireito meu corpo. Sei que pareço jovem; ele não precisa me lembrar disso.

— Sou mais velha do que pareço — respondo. — Tenho dezesseis anos.

Ele abre os lábios, revelando o molar cinza com uma cavidade escura na lateral da boca. Não sei se está sorrindo ou fazendo uma careta.

— Então, hoje é um dia especial para você, não é mesmo? O dia anterior à sua *escolha*?

— Me solta — digo. Há um zumbido em meus ouvidos. Minha voz soa clara e firme. Não é o que eu esperava ouvir. Parece a voz de outra pessoa.

Estou pronta. Sei o que fazer. Imagino-me puxando o cotovelo para trás e batendo no homem. Vejo o pacote de maçãs voando na direção oposta. Escuto meus passos enquanto corro. Estou preparada para agir.

Mas, de repente, o homem solta meu pulso, pega o pacote de maçãs e diz:

— Escolha com sabedoria, menininha.

CAPÍTULO QUATRO

CHEGO A MINHA rua cinco minutos antes do que o normal, de acordo com o meu relógio, que é o único adorno que a Abnegação permite que usemos, por ser um objeto prático. Meu relógio tem uma correia cinza e uma superfície de vidro. Inclinando-o da maneira certa, consigo ver vagamente meu reflexo sobre os ponteiros.

Todas as casas da minha rua têm o mesmo tamanho e formato. Elas são feitas de cimento cinza, com poucas janelas, em um formato retangular minimalista e econômico. Seus jardins são cobertos de grama selvagem e suas caixas de correio são compostas de um metal simples. Para certas pessoas, a composição pode parecer deprimente, mas considero a simplicidade das casas acolhedora.

O motivo para a simplicidade não é o desprezo pela singularidade, como as outras facções já afirmaram em certas ocasiões. Nossas casas, nossas roupas, nossos cortes de cabelo, tudo é projetado para que nos esqueçamos de nós mesmos e para nos proteger da vaidade, da cobiça e da inveja, que são apenas formas de egoísmo. Se possuímos pouco e queremos pouco, e se somos todos iguais, não invejamos ninguém.

Esforço-me para amar essa filosofia.

Sento-me nos degraus da entrada de casa e espero a chegada de Caleb. Ele não demora muito. Depois de alguns minutos, vejo figuras com mantos cinza subindo a rua. Ouço risadas. Na escola, tentamos não chamar atenção, mas quando chegamos em casa permitimo-nos brincadeiras e diversão. Mesmo assim, minha inclinação natural para o sarcasmo não é bem-vista. O sarcasmo sempre ocorre à custa de terceiros. Talvez seja realmente melhor que a Abnegação me obrigue a reprimi-lo. Talvez eu não precise deixar

minha família. Talvez, se me esforçar para me encaixar na Abnegação, meu esforço se transforme em realidade.

— Beatrice! — diz Caleb. — O que aconteceu? Você está bem?

— Estou bem. — Ele está com a Susan e com o irmão dela, Robert, e Susan me olha de maneira estranha, como se eu fosse uma pessoa diferente da que ela conhecia de manhã. Dou de ombros. — Quando o teste acabou, me senti mal. Deve ter sido aquele líquido que eles nos deram. Mas já estou me sentindo melhor.

Tento sorrir de maneira convincente. Pareço ter convencido Susan e Robert, que não demonstram mais qualquer tipo de preocupação em relação à minha estabilidade mental, mas Caleb me encara com os olhos semicerrados, como costuma fazer sempre que suspeita de que alguém esteja escondendo a verdade.

— Vocês dois vieram de ônibus hoje? — pergunto. Não me importo com a maneira pela qual Susan e Robert voltaram para a casa, mas preciso mudar de assunto.

— Nosso pai teve que trabalhar até tarde — diz Susan —, e ele nos disse que precisávamos reservar um tempo para pensar antes da cerimônia de amanhã.

Meu coração dispara quando ela fala da cerimônia.

— Se quiserem, podem passar aqui em casa mais tarde — diz Caleb educadamente.

— Obrigada. — Susan sorri para Caleb.

Robert ergue a sobrancelha e olha para mim. Estivemos trocando olhares há um ano, assim como Susan e Caleb têm se paquerado da maneira naturalmente hesitante dos membros da Abnegação. Caleb segue Susan com os olhos à medida que ela desce a rua. Sou obrigada a agarrar seu braço para arrancá-lo de seu estado de deslumbramento. Puxo-o para dentro de casa e fecho a porta atrás de nós.

Ele se vira para mim. Suas sobrancelhas escuras e retas se aproximam uma da outra, formando uma ruga entre elas. Com esse semblante, ele fica mais

parecido com minha mãe do que com meu pai. Posso facilmente imaginá-lo vivendo o mesmo tipo de vida que meu pai viveu: ficando na Abnegação, aprendendo um ofício, casando-se com Susan e criando uma família. Será maravilhoso.

Talvez eu não esteja aqui para ver.

— Agora você me dirá a verdade? — pergunta ele gentilmente.

— A verdade é — digo — que eu não devo falar a respeito do teste. E que você não deve perguntar.

— Você ignora tantas regras, e não pode ignorar esta? Nem por algo tão importante? — Suas sobrancelhas se aproximam ainda mais, e ele morde o canto da boca. Embora suas palavras sejam de acusação, ele parece estar tentando arrancar informações de mim, como se realmente quisesse que eu respondesse.

Encaro-o com olhos semicerrados.

— E você pode? O que aconteceu no seu teste, Caleb?

Nossos olhares se encontram. Ouço o apito de um trem, tão distante que poderia ser o som do vento passando por um corredor. Mas o reconheço. Parece um chamado dos membros da Audácia, convidando-me a juntar-me a eles.

— Só... não diga nada aos nossos pais sobre o que aconteceu, tudo bem? — digo.

Ele continua a me encarar por alguns segundos, depois assente com a cabeça.

Quero subir para meu quarto e me deitar. O teste, a caminhada e meu encontro com o homem sem-facção me exauriram. Mas meu irmão preparou o café da manhã no início do dia, minha mãe preparou nossos almoços e meu pai fez o jantar ontem, o que significa que é a minha vez de cozinhar. Eu respiro fundo e entro na cozinha para começar a preparar a comida.

Minutos depois, Caleb junta-se a mim. Cerro meus dentes. Ele ajuda com tudo. O que mais me irrita a seu respeito é sua bondade natural, seu

altruísmo inato.

Caleb e eu trabalhamos juntos em silêncio. Cozinho ervilhas no fogão. Ele descongela quatro pedaços de frango. A maior parte do que comemos é congelada ou enlatada, porque as fazendas hoje em dia estão muito longe. Minha mãe me disse que, há muito tempo, havia pessoas que se recusavam a comprar alimentos geneticamente modificados, pois achavam que eles não eram naturais. Hoje em dia, não temos nenhuma opção.

Quando meus pais chegam em casa, o jantar está pronto e a mesa está posta. Meu pai solta sua bolsa na entrada e beija minha cabeça. Algumas pessoas consideram-no um homem teimoso, talvez até teimoso demais, mas ele também é carinhoso. Tento enxergar apenas seu lado bom; tento mesmo.

— Como foi o teste? — pergunta-me ele. Coloco as ervilhas em uma saladeira.

— Foi tudo bem — digo. Eu não poderia mesmo ser da Franqueza. Minto com muita facilidade.

— Ouvi dizer que houve algum tipo de problema em um dos testes — diz minha mãe. Como meu pai, ela trabalha para o governo, mas coordena projetos de melhoria urbana. Ela recrutou voluntários para a aplicação dos testes de aptidão. Mas geralmente organiza trabalhadores para ajudar os sem-facção com alimentação, moradia e oportunidades de emprego.

— É mesmo? — diz meu pai. É raro haver algum problema com os testes de aptidão.

— Não sei exatamente o que aconteceu, mas minha amiga Erin me disse que algo deu errado em um dos testes, e por isso os resultados tiveram que ser transmitidos oralmente. — Minha mãe coloca um guardanapo ao lado de cada prato da mesa. — Parece que o aluno ficou doente e teve que ir para casa mais cedo. — Ela ergue os ombros. — Espero que ele esteja bem. Vocês ouviram alguma coisa a esse respeito?

— Não — diz Caleb, e sorri para minha mãe.

Meu irmão também não poderia pertencer à Franqueza.

Sentamo-nos à mesa. Sempre passamos a comida para a direita e ninguém come antes que todos estejam servidos. Meu pai dá as mãos a meu irmão e a minha mãe, e eles dão as mãos ao meu pai e a mim, e meu pai agradece a Deus pela comida, pelo trabalho, pelos amigos e pela família. Nem todas as famílias da Abnegação são religiosas, mas meu pai diz que não devemos dar atenção a tais diferenças, ou elas nos dividirão. Não sei exatamente o que pensar a respeito disso.

— Então — fala minha mãe para meu pai. — Qual é o problema?

Ela segura a mão dele e acaricia suas juntas com o dedão em pequenos movimentos circulares. Olho para suas mãos unidas. Meus pais se amam, mas raramente demonstram afetividade diante de nós dessa maneira. Eles nos ensinaram que o contato físico é algo poderoso, por isso o tenho evitado desde a minha infância.

— Me diga o que o está incomodando — diz ela.

Encaro meu prato. Os sentidos aguçados da minha mãe costumam me surpreender, mas agora eles parecem me repreender. Por que eu estava tão absorta em meus próprios problemas que não percebi o olhar profundo de preocupação e a postura carregada do meu pai?

— Tive um dia difícil no trabalho hoje — diz ele. — Bem, na verdade, foi o Marcus quem teve um dia difícil. Não é certo dizer que fui eu.

Marcus é um companheiro de trabalho do meu pai; ambos são líderes políticos. A cidade é regida por um conselho de cinquenta pessoas, todas representantes da Abnegação, já que, pelo seu comprometimento com o altruísmo, nossa facção é considerada incorruptível. Nossos líderes são selecionados por seus pares de acordo com a impecabilidade de seu caráter, sua força moral e sua capacidade de liderança. Representantes de cada uma das outras facções podem se pronunciar nas audiências sobre determinados assuntos, mas a decisão final é sempre do conselho. E embora o conselho teoricamente decida em conjunto, Marcus é um membro especialmente influente.

As coisas têm funcionado dessa maneira desde o começo da grande paz, quando as facções foram formadas. Acho que o sistema é mantido porque tememos o que pode acontecer se acabar: a guerra.

— Isso tem a ver com o relatório que a Jeanine Matthews divulgou? — pergunta minha mãe. Jeanine Matthews é a principal representante da Erudição, selecionada pelo nível do seu QI. Meu pai costuma reclamar bastante dela.

Eu olho para eles.

— Um relatório?

Caleb me lança um olhar de advertência. Não devemos falar na mesa de jantar a não ser que nossos pais nos façam uma pergunta direta, o que raramente acontece. Meu pai costuma dizer que nossos ouvidos receptivos são uma dádiva para eles. Eles nos oferecem seus ouvidos receptivos depois do jantar, na sala da família.

— Sim — responde meu pai. Suas pálpebras se contraem. — Aqueles arrogantes e hipócritas... — Ele interrompe sua fala e limpa a garganta. — Desculpem-me. Mas ela divulgou um relatório atacando o caráter de Marcus.

Ergo as sobrancelhas.

— E o que estava escrito no relatório?

— Beatrice — sussurra Caleb.

Abaixo a cabeça, virando o garfo várias vezes na mão até que o calor no meu rosto se dissipe. Não gosto de ser repreendida. Especialmente por meu irmão.

— Estava escrito — meu pai diz — que a violência e a crueldade de Marcus em relação a seu filho foram as razões pelas quais o rapaz escolheu a Audácia, e não a Abnegação.

Poucas pessoas nascidas na Abnegação escolhem deixá-la. Quando algo assim ocorre, não esquecemos. Há dois anos, o filho de Marcus, Tobias, deixou nossa facção e se juntou à Audácia, e isso o deixou arrasado. Tobias era

seu único filho e sua única família, depois que a mulher falecera ao dar à luz o segundo filho. O bebê morreu minutos depois.

Nunca vi o Tobias. Ele raramente frequentava os eventos comunitários e nunca acompanhou o pai aos jantares em nossa casa. Meu pai costumava comentar que achava isso estranho, mas nada disso importava mais.

— Cruel? O Marcus? — Minha mãe balança a cabeça. — Aquele pobre homem. A última coisa de que ele precisa agora é que o lembrem de sua perda.

— Você quer dizer, da traição de seu filho? — diz meu pai friamente. — Isso não deveria me surpreender. Há meses que os membros da Erudição têm usado esses relatórios para nos agredir. E este não será o último. Tenho certeza de que outros virão.

Mais uma vez, eu não deveria me pronunciar, mas não consigo me conter.

— Por que eles estão fazendo isso? — pergunto.

— Por que você não aproveita este momento para escutar o que seu pai tem a dizer, Beatrice? — diz minha mãe gentilmente. Ela me apresenta a pergunta como uma sugestão, e não como uma ordem. Olho para Caleb do outro lado da mesa, e vejo seu olhar de desaprovação.

Encaro minhas ervilhas. Não sei se consigo viver essa vida de obrigações por muito mais tempo. Não sou boa o bastante nisso.

— Você sabe o motivo — fala meu pai. — Porque nós temos algo que eles querem. Valorizar o conhecimento acima de todas as coisas provoca uma sede de poder que leva o ser humano a lugares sombrios e vazios. Devemos ser gratos por evitarmos isso.

Aceno com a cabeça. Sei que não escolherei a Erudição, embora os resultados do meu teste tenham sugerido essa opção. Eu sou, afinal, filha do meu pai.

Meus pais tiram a mesa depois do jantar. Eles não deixam Caleb ajudar, porque devemos nos reservar esta noite em vez de nos reunirmos na sala da família, para que possamos pensar a respeito dos resultados de nossos testes.

Minha família poderia me ajudar a escolher, se eu pudesse compartilhar com eles meus resultados. Mas não posso. O aviso de Tori ressoa em minha memória a cada vez que fraquejo em minha decisão de me manter calada.

Caleb e eu subimos as escadas e, ao chegar ao topo, antes de nos separarmos para entrar em nossos quartos, ele me para, colocando uma mão em meu ombro.

— Beatrice — diz ele, fixando meus olhos. — Devemos pensar em nossa família. — Há algo de estranho em sua voz. — Mas também devemos pensar em nós mesmos.

Encaro-o por alguns segundos. Essa é a primeira vez que o vejo pensar em si mesmo ou falar algo que não pareça altruísta.

Fico tão assustada com seu comentário que digo apenas o que devo dizer:

— Os testes não precisam mudar nossas escolhas.

Ele esboça um sorriso.

— Será que não?

Ele aperta meu ombro e entra em seu quarto. Espio o interior e vejo uma cama desarrumada e uma pilha de livros em sua mesa. Ele fecha a porta. Queria poder dizer-lhe que estamos passando pela mesma situação. Queria poder conversar com ele da maneira que eu quero, e não da maneira que eu devo. Mas admitir que preciso de ajuda seria demais para mim, e por isso desisto da ideia.

Entro no meu quarto e, ao fechar a porta, me dou conta de que a decisão pode ser simples. Escolher a Abnegação exigiria uma grande demonstração de altruísmo da minha parte, e escolher a Audácia exigiria uma grande demonstração de coragem, e talvez apenas a escolha entre uma das duas facções já seja uma comprovação de onde eu pertenço. Amanhã, essas duas qualidades se enfrentarão dentro de mim, e apenas uma poderá vencer.

CAPÍTULO CINCO

O ÔNIBUS QUE pegamos até a Cerimônia de Escolha está cheio de pessoas com camisas e calças cinza. Um anel claro de luz solar atravessa as nuvens como a ponta acesa de um cigarro. Nunca fumarei um cigarro, já que eles estão ligados intimamente à vaidade, mas há um grupo de integrantes da Franqueza fumando em frente ao edifício quando saltamos do ônibus.

Tenho que inclinar a cabeça para trás para conseguir enxergar o topo do Eixo, e mesmo assim parte dele desaparece em meio às nuvens. O Eixo é o maior prédio da cidade. Da janela do meu quarto, consigo ver as luzes das duas torres em seu topo.

Sigo meus pais ao descermos do ônibus. Caleb parece calmo, mas eu também pareceria se soubesse o que fazer. No entanto, sinto como se meu coração fosse saltar para fora do peito a qualquer momento, e seguro o braço do meu irmão para me estabilizar enquanto subimos os degraus da entrada do prédio.

O elevador está lotado, então meu pai oferece nosso lugar a um grupo de integrantes da Amizade. Em vez de usar o elevador, subimos pela escada, seguindo-o sem questionamentos. Servimos de exemplo para os outros membros da nossa facção, e logo estamos cercados por uma massa de tecido cinza, subindo as escadas de cimento à meia-luz. Entro no ritmo dos passos da multidão. O som uniforme dos pés em meus ouvidos e a homogeneidade das pessoas ao meu redor me convencem de que eu poderia escolher isso. Eu poderia ser incluída ao pensamento de colmeia da Abnegação, projetando-me sempre para fora de mim mesma.

Mas então minhas pernas começam a doer, fico com dificuldade em respirar e mais uma vez me distraio comigo mesma. Precisamos subir vinte

andares de escadas até a Cerimônia de Escolha.

Meu pai abre a porta do vigésimo andar e a segura como um sentinela até que cada membro da Abnegação tenha passado. Eu teria esperado por ele, mas a multidão me empurra em frente, para fora do vão da escada e para dentro do salão no qual decidirei o destino do resto da minha vida.

O salão é organizado em círculos concêntricos. No círculo externo, ficam os indivíduos de dezesseis anos de cada facção. Ainda não somos considerados membros; nossas decisões hoje nos tornarão iniciandos, e viraremos membros se conseguirmos completar a iniciação.

Organizamo-nos em ordem alfabética, de acordo com os sobrenomes que talvez deixemos para trás. Eu me coloco entre Caleb e Danielle Pohler, uma menina da Amizade com bochechas rosadas e vestido amarelo.

O círculo seguinte contém fileiras de cadeiras para as nossas famílias. Elas são organizadas em cinco seções, uma para cada facção. Nem todos os integrantes das facções vêm à Cerimônia de Escolha, mas há um número suficiente de pessoas para formar uma multidão.

A responsabilidade em conduzir a cerimônia se alterna entre as facções a cada ano, e este ano pertence à Abnegação. Marcus fará o discurso de abertura e lerá os nomes em ordem alfabética inversa. Caleb escolherá antes de mim.

No círculo central, localizam-se cinco recipientes de metal, tão grandes que, se me encolhesse, caberia dentro deles. Cada um dos recipientes contém uma substância que representa uma das facções: pedras cinza para a Abnegação, água para a Erudição, terra para a Amizade, brasas acesas para a Audácia e vidro para a Franqueza.

Quando Marcus pronunciar meu nome, andarei até o centro dos três círculos. Não falarei nada. Ele me oferecerá uma faca. Farei um corte em minha mão e derramarei meu sangue dentro do recipiente da facção que eu escolher.

Meu sangue nas pedras. Meu sangue fervendo nas brasas.

Antes de os meus pais se sentarem, param diante de nós. Meu pai beija a minha testa e apoia a mão sobre o ombro de Caleb, sorrindo.

— Nos vemos em breve — diz ele. Não há qualquer traço de dúvida em suas palavras.

Minha mãe me abraça, dissipando quase completamente qualquer traço de determinação que eu tenha conseguido manter até agora. Cerro os dentes e olho para o teto, de onde luminárias esféricas estão penduradas, preenchendo o salão com uma luz azulada. Ela me abraça pelo que parece ser muito tempo, mesmo depois que abaixo os braços. Antes de me soltar, ela vira a cabeça e sussurra em meu ouvido:

— Eu te amo. Não importa o que aconteça.

Franzo a sobrancelha enquanto ela se afasta de mim. Ela sabe o que poderei fazer. Deve saber, ou não se sentiria obrigada a dizer aquilo.

Caleb segura minha mão, apertando-a tanto que me machuca, mas eu não largo a dele. A última vez que seguramos as mãos um do outro dessa maneira foi no funeral do meu tio, enquanto meu pai chorava. Precisamos da força um do outro agora, assim como precisávamos naquele dia.

As pessoas se organizam lentamente no salão. Eu deveria estar observando os membros da Audácia; deveria estar absorvendo o máximo de informação possível, mas a única coisa que consigo fazer é observar as luminárias do outro lado do salão. Tento me perder no seu brilho azul.

Marcus fica em pé sobre o pódio, entre as seções da Erudição e da Audácia, e limpa a garganta diante do microfone.

— Sejam bem-vindos — diz ele. — Sejam bem-vindos à Cerimônia de Escolha. Sejam bem-vindos à maneira com a qual honramos a filosofia democrática de nossos antepassados, que afirma que cada homem tem o direito de escolher seu próprio caminho no mundo.

Ou, penso então, um dos cinco caminhos predeterminados. Aperto os dedos de Caleb com a mesma força com que ele aperta os meus.

— Nossos dependentes agora têm dezesseis anos. Eles se encontram no precipício da maturidade, e agora é responsabilidade deles decidir que tipo de pessoas serão. — A voz de Marcus é solene, distribuindo igualmente o peso de cada palavra. — Há décadas, nossos antepassados perceberam que a culpa por um mundo em guerra não poderia ser atribuída à ideologia política, à crença religiosa, à raça ou ao nacionalismo. Eles concluíram, no entanto, que a culpa estava na personalidade humana, na inclinação humana para o mal, seja qual for a sua forma. Dividiram-se em facções que procuravam erradicar essas qualidades que acreditavam ser responsáveis pela desordem no mundo.

Volto meu olhar para os recipientes no centro do salão. No que eu acredito? Não sei; não sei; não sei.

— Os que culpavam a agressividade formaram a Amizade.

Os integrantes da Amizade trocam sorrisos. Eles se vestem de maneira confortável, com roupas vermelhas ou amarelas. Sempre que os vejo, parecem-me bondosos, amorosos, livres. Mas me juntar a eles nunca foi uma opção para mim.

— Os que culpavam a ignorância se tornaram a Erudição.

Eliminar a opção da Erudição foi a única parte fácil da minha escolha.

— Os que culpavam a duplicidade fundaram a Franqueza.

Nunca simpatizei com a Franqueza.

— Os que culpavam o egoísmo geraram a Abnegação.

Eu culpo o egoísmo; culpo mesmo.

— E os que culpavam a covardia se juntaram à Audácia.

Mas eu não sou altruísta o bastante. Tenho tentado há dezesseis anos e simplesmente não sou altruísta o bastante.

Minhas pernas ficam dormentes, como se tivessem perdido toda a vitalidade, e me pergunto como serei capaz de andar quando eles chamarem meu nome.

— Trabalhando juntas, as cinco facções têm vivido em paz há anos, cada uma contribuindo com um diferente setor da sociedade. A Abnegação supriu

nossa demanda por líderes altruístas no governo; a Franqueza providenciou líderes confiáveis e seguros no setor judiciário; a Erudição nos ofereceu professores e pesquisadores inteligentes; a Amizade nos deu conselheiros e zeladores compreensivos; e a Audácia se encarrega de nossa proteção contra ameaças tanto internas quanto externas. Mas o alcance de cada facção não se limita a essas áreas. Oferecemos uns aos outros muito mais do que pode ser expressado em palavras. Em nossas facções, encontramos sentido, encontramos propósito, encontramos vida.

Penso no lema que li no meu livro didático sobre a História das Facções: *A facção antes do sangue*. Mais do que às nossas famílias, pertencemos às nossas facções. Será que isso é realmente verdade?

Marcus conclui:

— Longe delas, não sobreviveríamos.

O silêncio que se segue às suas palavras é mais pesado do que outros silêncios. Carrega o peso do nosso maior medo, maior até do que o medo da morte: o medo de se tornar um sem-facção.

Marcus continua:

— Portanto, celebramos hoje uma ocasião feliz: o dia em que recebemos novos iniciandos, que trabalharão conosco em prol de uma sociedade e um mundo melhores.

Uma salva de palmas. Elas soam abafadas. Tento manter-me completamente parada, porque, quando consigo manter meus joelhos fixos e meu corpo duro, paro de tremer. Marcus lê os primeiros nomes, mas não consigo distinguir as sílabas. Como saberei quando ele chamar o meu?

Um por um, cada jovem de dezesseis anos deixa a fila e se dirige ao centro do salão. A primeira garota a decidir escolhe a Amizade, a mesma facção de onde veio. Vejo suas gotas de sangue pingarem sobre a terra, depois ela se coloca atrás dos assentos da facção, sozinha.

O salão está em constante movimento; um novo nome e uma nova pessoa escolhendo, uma nova faca e uma nova escolha. Reconheço a maioria das

pessoas, mas duvido que eles saibam quem sou.

— James Tucker — anuncia Marcus.

James Tucker, da Audácia, é a primeira pessoa a tropeçar a caminho dos recipientes. Ele abre os braços e recupera o equilíbrio antes de cair no chão. Seu rosto fica vermelho e ele caminha rápido até o meio do salão. Já no centro, olha para o recipiente da Audácia, depois para o da Franqueza: as chamas laranja que crescem cada vez mais alto e o vidro que reflete a luz azulada.

Marcus oferece a faca. O garoto respira fundo, inflando o peito e, ao expirar, aceita-a. Então passa a lâmina na palma da mão de maneira violenta e estende o braço para o lado. Seu sangue se derrama sobre o vidro e ele é o primeiro de nós a trocar de facção. O primeiro transferido. Ouve-se um murmúrio na seção da Audácia, e encaro o chão.

Eles o verão como um traidor de agora em diante. Seus familiares da Audácia terão a opção de visitá-lo em sua nova facção daqui a uma semana e meia, no Dia da Visita, mas não irão, porque ele os abandonou. Sua ausência assombrará os corredores e ele se tornará um vazio que não conseguirão preencher. Com o passar do tempo, o vazio desaparecerá, como ocorre quando um órgão é removido e os fluidos corporais preenchem o espaço que deixou. Os humanos não conseguem tolerar o vazio por muito tempo.

— Caleb Prior — diz Marcus.

Caleb aperta minha mão uma última vez e, ao se afastar, encara-me por um longo tempo. Observo seus pés movendo-se em direção ao centro do salão e suas mãos firmes ao aceitarem a faca que Marcus lhe entrega movem-se com destreza quando uma aperta a lâmina contra a outra. Ele fica parado, enquanto o sangue forma uma pequena poça na palma da sua mão, e seus lábios se contraem.

Ele expira. Depois inspira. Depois, estende a mão sobre o recipiente da Erudição, e seu sangue pinga para dentro da água, escurecendo o tom de vermelho contido nela.

Ouço uma comoção que rapidamente se transforma em gritos de protesto. Mal consigo pensar. Meu irmão, meu irmão altruísta, um transferido? Meu irmão, nascido para a Abnegação, na *Erudição*?

Ao fechar os olhos, vejo a pilha de livros sobre a mesa de Caleb, e suas mãos trêmulas esfregando-se em suas pernas depois do teste de aptidão. Como não fui capaz de perceber, quando ele me disse ontem que eu deveria pensar em mim mesma, que ele também estava oferecendo esse conselho a si mesmo?

Observo os membros da Erudição, que ostentam sorrisos presunçosos e se acotovelam. Os da Abnegação, geralmente plácidos, agora se comunicam em sussurros tensos e encaram o outro lado do salão, onde está a facção que se tornou nossa inimiga.

— Atenção — diz Marcus, mas a multidão não lhe dá ouvidos.

— Silêncio, por favor! — grita ele.

O silêncio domina o salão. Exceto por um zumbido agudo.

Ouço meu nome e um tremor me propulsiona para a frente. Na metade do caminho em direção aos recipientes, tenho certeza de que escolherei a Abnegação. Tudo me parece claro. Já posso imaginar-me amadurecendo como uma mulher que se veste com túnicas da Abnegação, casada com Robert, o irmão de Susan, trabalhando como voluntária nos finais de semana, na paz da rotina, nas noites tranquilas diante da lareira, na certeza de que estarei segura e, se não totalmente feliz, certamente mais feliz do que me encontro agora.

Percebo que o zumbido que ouço vem dos meus próprios ouvidos.

Olho para Caleb, que agora está em pé atrás da seção da Erudição. Ele me encara de volta e acena levemente com a cabeça, como se soubesse o que estou pensando e concordasse comigo. Meus passos fraquejam. Se Caleb não pertence à Abnegação, como posso pertencer? Mas que escolha tenho agora que ele nos deixou e sou a única que restou? Ele não me deixou opção.

Tensiono o maxilar. Serei a filha que fica; preciso fazer isso por meus pais. Preciso.

Marcus me oferece a faca. Eu encaro seus olhos, de um tom azul-escuro, uma cor estranha, e a aceito. Ele acena com a cabeça, e me viro na direção dos recipientes. Tanto o fogo da Audácia quanto as pedras da Abnegação estão à minha esquerda, um recipiente em frente ao meu ombro e o outro atrás dele. Seguro a faca com a mão direita e encosto a lâmina na palma da esquerda. Rangendo os dentes, passo a lâmina sobre minha pele. Arde um pouco, mas quase não reparo na dor. Levo minhas duas mãos ao peito e respiro com dificuldade.

Abro os olhos e lanço meu braço para a esquerda. O sangue pinga no carpete, entre os dois recipientes. Depois, com um suspiro que não consigo conter, lanço meu braço para a frente, e meu sangue faz as brasas chiarem.

Sou egoísta. Sou corajosa.

CAPÍTULO SEIS

PREGO OS OLHOS no chão e me coloco atrás dos iniciandos nascidos na Audácia que escolheram voltar para sua facção de origem. Todos eles são mais altos do que eu, e, mesmo quando levanto a cabeça, a única coisa que consigo ver são ombros vestidos de preto. Quando a última garota faz sua escolha, a Amizade, chega a hora de ir embora. A Audácia é a primeira a deixar o salão. Passo diante dos homens e mulheres vestidos de cinza da facção a qual eu costumava pertencer, olhando fixamente para a nuca da pessoa que caminha na minha frente.

Porém, preciso ver meus pais uma última vez. Olho para o lado logo antes de passar por eles e imediatamente me arrependo. Os olhos do meu pai queimam os meus com uma expressão de acusação. A princípio, ao sentir um calor atrás dos meus olhos, penso que ele descobriu uma maneira de atear fogo em mim, de me punir pelo que fiz, mas não. A verdade é que estou quase chorando.

Ao seu lado, minha mãe sorri.

As pessoas atrás de mim me empurram em frente, para longe dos meus pais, que estarão entre as últimas pessoas a ir embora. Eles talvez até fiquem para ajudar a empilhar as cadeiras e limpar os recipientes. Viro a cabeça para procurar Caleb em meio à multidão da Erudição atrás de mim. Ele está entre os iniciandos, apertando a mão de outro transferido, um rapaz que costumava pertencer à Franqueza. O sorriso leviano em sua boca é um sinal de traição. Meu estômago aperta e viro o rosto. Se isso é tão fácil para ele, talvez devesse ser fácil para mim também.

Olho para o rapaz à minha esquerda, que costumava ser da Erudição e agora está tão pálido e nervoso quanto eu deveria estar. Passei tanto tempo

tentando decidir qual facção deveria escolher que não parei para considerar o que aconteceria se optasse pela Audácia. O que espera por mim na sede da facção?

A multidão da Audácia que nos empurra segue em direção às escadas, e não aos elevadores. Pensei que só a Abnegação usasse as escadas.

De repente, todos começam a correr. Ouço vaias e gritos e risadas por todo lado, e o estrondo de dezenas de passos se movendo em ritmos diferentes. Para a Audácia, usar as escadas não é um ato de altruísmo; para eles, é um ato de selvageria.

— O que diabos está acontecendo? — grita o garoto ao meu lado.

Apenas balanço a cabeça e continuo correndo. Estou sem fôlego quando alcançamos o primeiro andar, e o grupo da Audácia sai em alvoroço para a rua. Lá fora, o ar está gelado e o céu rebate o laranja do sol que se põe, refletido no vidro negro do Eixo.

Os integrantes da Audácia se espalham pela rua, bloqueando a passagem de um ônibus, e eu corro mais rápido para alcançar o final da multidão. À medida que corro, minha confusão se dissipa. Faz muito tempo que não corro para lugar nenhum. A Abnegação aconselha seus membros a evitar qualquer coisa feita por puro divertimento, e o que estamos fazendo agora não é nada mais do que isso: meus pulmões ardendo, meus músculos doendo, o prazer selvagem de uma genuína corrida. Sigo os integrantes da Audácia enquanto descem a rua e viram a esquina, e então ouço um som familiar: o apito do trem.

— Ah, não — resmunga o garoto da Erudição. — A gente vai ter que pular para dentro daquilo?

— Sim — digo, sem fôlego.

Ainda bem que passei tanto tempo assistindo aos integrantes da Audácia chegarem à escola. A multidão se espalha em uma longa fila. O trem se aproxima pelos trilhos de aço com as luzes piscando e o apito tocando alto. As portas dos vagões estão abertas para que os membros da Audácia

embarquem, e é exatamente isso o que eles fazem, grupo por grupo, até que apenas os iniciandos fiquem de fora. Os iniciandos nascidos na Audácia já estão acostumados a isso, e em um segundo só sobram os transferidos.

Eu e mais algumas pessoas nos colocamos à frente do grupo e começamos a correr. Acompanhamos o vagão por alguns metros, depois nos lançamos para o lado. Não sou tão alta e forte quanto algumas das outras pessoas, e não consigo puxar meu corpo para dentro do vagão. Seguro uma barra ao lado da porta, enquanto meu ombro se choca contra a parede do trem. Meus braços tremem, até que finalmente uma garota da Franqueza me agarra e me puxa para dentro. Agradeço, esbaforida.

Ouço um grito e olho para trás. Um menino baixo e ruivo que era da Erudição estica os braços e tenta alcançar o trem. Perto da porta, uma garota da Erudição estende o braço para tentar alcançar sua mão, esforçando-se ao máximo para puxá-lo para dentro, mas ele está longe demais. Ele cai de joelhos sobre os trilhos enquanto nos afastamos no trem, depois apoia a cabeça em suas mãos.

Sinto-me inquieta. Ele acabou de ser reprovado na iniciação da Audácia. Agora é um sem-facção. Isso poderia acontecer a qualquer momento.

— Você está bem? — pergunta-me animadamente a garota da Franqueza que me ajudou. Ela é alta, sua pele é marrom-escura e seu cabelo é curto. É bonita.

Faço que sim com a cabeça.

— Meu nome é Christina — diz ela, estendendo-me a mão.

Faz muito tempo que não aperto a mão de alguém. Na Abnegação, as pessoas cumprimentam-se com acenos de cabeça, como sinal de respeito. Seguro sua mão sem convicção, sacudindo-a duas vezes, e espero não ter apertado fraco demais, ou forte demais.

— Beatrice — respondo.

— Você sabe aonde estamos indo? — Ela precisa gritar para ser ouvida em meio ao barulho do vento, que sopra cada vez mais forte pelas portas abertas.

O trem está acelerando. Eu me sento. Será mais fácil manter o equilíbrio se eu estiver mais próxima do chão. Ela levanta a sobrancelha enquanto olha para mim.

— Um trem em disparada é sinônimo de ventania — digo. — E o vento pode nos empurrar para fora. Sente-se.

Christina senta-se ao meu lado, depois empurra o corpo para trás para apoiar as costas na parede.

— Acho que estamos indo para a sede da Audácia — digo —, mas não sei onde ela fica.

— Será que alguém sabe? — Ela balança a cabeça, sorrindo. — Eles parecem ter simplesmente brotado de algum buraco no chão.

O vento varre o vagão e os outros transferidos, empurrados pelas rajadas, caem uns sobre os outros. Vejo Christina rir sem conseguir ouvi-la e consigo até esboçar um sorriso.

À minha esquerda, a luz alaranjada do pôr do sol rebate nos prédios de vidro, e consigo enxergar vagamente as fileiras de casas cinza onde costumava ficar a minha moradia.

Hoje seria a vez de Caleb preparar o jantar. Quem irá assumir seu lugar, minha mãe ou meu pai? E, quando forem esvaziar o quarto dele, o que encontrarão? Imagino os livros escondidos entre a cômoda e a parede, os livros sob o colchão. A sede por conhecimento da Erudição preenchendo todos os espaços escondidos do quarto. Será que ele sempre soube que escolheria a Erudição? E, se já sabia, por que eu não fui capaz de perceber?

Que bom ator ele foi. Pensar nisso me dá náuseas, porque, apesar de eu também tê-los abandonado, pelo menos não fui capaz de dissuadi-los da mesma maneira. Todos já sabiam que eu não era altruísta.

Fecho os olhos e imagino minha mãe e meu pai sentados à mesa de jantar, em silêncio. Será que o fato de a minha garganta apertar ao pensar neles é um resquício de altruísmo, ou será egoísmo, porque sei que nunca mais serei a filha deles?

+ + +

– Eles estão pulando do trem!

Levanto a cabeça. Meu pescoço dói. Estive agachada assim, com minhas costas encostadas na parede, por pelo menos meia hora, escutando o ruído do vento e assistindo à paisagem borrada da cidade passar por nós. Endireito o corpo. O trem desacelerou nos últimos minutos, e vejo que o menino que gritou estava certo: os integrantes da Audácia nos vagões dianteiros estão pulando do trem para um telhado que passa ao lado. Os trilhos estão a sete andares de altura.

A ideia de pular de um trem em movimento até um telhado, sabendo que há um vão entre os trilhos e a beirada do prédio, me dá ânsia de vômito. Eu me levanto e ando, cambaleante, até o lado oposto do vagão, onde os outros transferidos se organizam em fila.

– Também temos que pular, então – diz uma garota da Franqueza. Ela tem um nariz enorme e dentes tortos.

– Ótimo – responde um garoto da Franqueza. – Isso faz muito sentido, Molly. Pular sobre um telhado a partir de um trem em movimento.

– Fomos nós que escolhemos isso, Peter – afirma a garota.

– Bem, eu é que não vou – diz um garoto da Amizade, atrás de mim. Sua pele é morena e ele está usando uma camisa marrom. É o *único* transferido da Amizade. Lágrimas escorrem sobre suas bochechas.

– Você tem que pular – diz Christina –, ou será reprovado. Vamos, vai dar tudo certo.

– Não, não vou. Prefiro ser um sem-facção a morrer! – O menino da Amizade balança a cabeça. Parece estar em pânico. Continua a balançar a cabeça enquanto olha para o telhado, que se aproxima cada vez mais.

Não concordo com ele. Eu preferiria morrer a me tornar vazia como os sem-facção.

— Você não pode forçá-lo a pular — digo, olhando para Christina. Seus olhos marrons estão arregalados, e ela comprime tanto os lábios que eles mudam de cor. Ela me oferece a mão.

— Vamos — diz. Levanto a sobrancelha e olho para a mão que ela me oferece. Estou prestes a falar que não preciso de ajuda, quando ela continua: — Eu simplesmente... não conseguirei pular a não ser que alguém me arraste junto.

Seguro sua mão e nos dirigimos à beirada do vagão. Quando ele alcança o telhado, eu conto:

— Um... dois... *três*!

No três, nós nos lançamos para fora do trem. Depois de um momento em que me sinto suspensa no ar, meus pés se chocam contra o chão sólido do telhado e sinto uma pontada de dor nos calcanhares. A aterrissagem violenta lança meu corpo contra o telhado, e meu rosto vai de encontro aos cascalhos. Solto a mão de Christina. Ela está rindo.

— Isso foi divertido — diz ela.

Christina se encaixará perfeitamente no espírito aventureiro da Audácia. Todos os iniciandos, exceto o garoto da Amizade, conseguiram alcançar o telhado, alguns de maneira melhor; outros, pior. Molly, a menina da Franqueza com dentes tortos, segura o tornozelo e faz uma cara de dor; e Peter, o menino da Franqueza com o cabelo brilhante, sorri orgulhosamente. Ele deve ter caído em pé.

De repente, ouço um grito. Viro a cabeça, procurando a origem do som. Uma garota da Audácia está em pé na beirada do telhado, olhando para a calçada abaixo e berrando. Atrás dela, um garoto da Audácia segura sua cintura para evitar que ela caia.

— Rita — diz ele. — Rita, acalme-se. Rita...

Caminho até a beirada e olho para baixo. Há um corpo na calçada; uma menina, com os braços e pernas retorcidos de maneira estranha e com o cabelo espalhado em um círculo ao redor da cabeça. Meu estômago aperta e

olho para os trilhos do trem. Nem todo mundo conseguiu alcançar o telhado. Nem mesmo os integrantes da Audácia estão seguros.

Rita cai de joelhos, chorando. Viro o rosto para não ver. Quanto mais eu olhar para ela, maior a probabilidade de começar a chorar também, e não posso chorar na frente dessas pessoas.

Tento convencer a mim mesma, da maneira mais severa possível, que é assim que as coisas funcionam aqui. Fazemos coisas perigosas e pessoas morrem. Pessoas morrem e seguimos em frente, em direção ao próximo perigo. Quanto mais rápido eu assimilar isso, maiores serão minhas chances de sobreviver à iniciação.

Não tenho mais certeza de que conseguirei sobreviver.

Decido contar até três, e depois disso seguirei em frente. *Um*. Lembro o corpo da garota na calçada e sinto um calafrio. *Dois*. Ouço os soluços de Rita e os murmúrios de consolação do menino atrás dela. *Três*.

Franzo os lábios e me distancio de Rita e da beirada do telhado.

Meu cotovelo arde. Levanto a manga da minha camisa para examiná-lo, com as mãos tremendo. Um pedaço de pele se soltou, mas o machucado não está sangrando.

— Nossa, que *escândalo*! Uma Careta está exibindo um pedaço do corpo!

Levanto a cabeça. "Careta" é a gíria usada para designar os integrantes da Abnegação, e sou a única da facção no local. Peter aponta para mim, rindo debochadamente. Ouço mais risadas. Meu rosto esquenta, e abaixo a manga da minha camisa.

— Escutem todos! Meu nome é Max! Sou um dos líderes da sua nova facção! — grita um homem do outro lado do telhado. Ele é mais velho que os outros, com rugas profundas em sua pele escura e cabelos cinza em suas têmporas, e fica em pé sobre a mureta na beirada do telhado como se aquilo fosse uma calçada. Parece não se importar com o fato de que alguém acabou de cair dali e morrer. — Alguns andares abaixo de nós, encontra-se a entrada

para membros do nosso complexo. Quem não tiver coragem de pular, não pertence a este grupo. Nossos iniciandos terão o privilégio de ir primeiro.

— Você quer que nós pulemos do *telhado*? — pergunta uma garota da Erudição. Ela é alguns centímetros mais alta do que eu, com cabelo castanho-claro e lábios carnudos. Está boquiaberta.

Não entendo por que ainda ficaria chocada com isso.

— Sim — diz Max. Ele parece estar se divertindo.

— Tem água lá embaixo ou algo do tipo?

— Quem sabe? — Ele ergue as sobrancelhas.

O grupo em frente aos iniciandos se divide em dois, abrindo um caminho largo para nós. Eu olho ao redor. Ninguém parece muito interessado em pular do prédio e todos evitam olhar para Max. Alguns limpam pequenos machucados e retiram os cascalhos que ficaram presos a suas roupas. Eu olho para Peter. Ele está cutucando uma de suas cutículas, tentando agir de maneira casual.

Sou orgulhosa. Algum dia irei me meter em confusão por causa disso, mas hoje meu orgulho me torna corajosa. Caminho em direção à beirada do telhado e ouço risadinhas atrás de mim.

Max abre caminho, liberando minha passagem. Caminho até a mureta e olho para baixo. O vento golpeia minhas roupas, fazendo o tecido estalar. O prédio onde estamos fica em um dos lados de uma praça, que conta com mais três outros edifícios. No centro da praça, há um enorme buraco no concreto. Não consigo ver o que há no fundo.

Isso é apenas uma tática para nos amedrontar. Alcançarei o fundo do buraco em segurança. Esse pensamento é a única coisa que me ajuda a subir na mureta. Meus dentes estão batendo. Não posso voltar atrás agora. Não com todas as pessoas atrás de mim apostando que vou fracassar. Minhas mãos tateiam a gola da minha camisa e encontram o botão que a mantém fechada. Depois de algumas tentativas, solto os botões e tiro a camisa.

Estou usando uma camiseta cinza sob a camisa. Ela é a roupa mais apertada que tenho e ninguém jamais me viu vestida com ela. Amasso minha camisa em uma bola e olho para trás, para Peter. Lanço a bola de tecido sobre ele com o máximo de força que consigo, contraindo meu maxilar. A camisa se choca contra seu peito. Ele me encara. Ouço vaias e gritos atrás de mim.

Olho novamente para o buraco. Os pelos em meus braços arrepiam-se e meu estômago revira-se dentro da barriga. Se eu não pular agora, não conseguirei pular nunca mais. Engulo em seco.

Não penso. Apenas dobro os joelhos e pulo.

O vento sopra em meus ouvidos à medida que o chão se aproxima, crescendo e expandindo; ou me aproximo do chão, com o coração batendo tão forte que dói e com cada músculo do meu corpo tensionado, enquanto a sensação de queda aperta meu estômago. Sou envolvida pelo buraco e caio para dentro da escuridão.

Atinjo algo duro, que cede sob meu peso e depois sustenta meu corpo. O impacto arranca o ar dos meus pulmões e eu bufo, esforçando-me para recuperar a respiração. Meus braços e pernas ardem.

Uma rede. Há uma rede no fundo do buraco. Olho para os prédios acima e começo a rir, em uma mistura de alívio e histeria. Meu corpo treme e cubro o rosto com as mãos. Acabei de pular de um prédio.

Preciso pisar em terra firme novamente. Vejo algumas mãos estendidas para mim da beirada da rede, então agarro a primeira que consigo alcançar e uso-a para me puxar para fora. Rolo o corpo para fora da rede e quase caio de cara no chão de madeira, mas ele me segura.

"Ele" é o jovem dono da mão que agarrei. Tem o lábio superior fino e o inferior grosso. Seus olhos são tão fundos que os cílios encostam-se à pele sob suas sobrancelhas, e são de um tom azul-escuro, uma cor lúdica, adormecida e prolongada.

Suas mãos seguram meus braços, mas ele me solta assim que me coloco em pé novamente.

— Obrigada — digo.

Estamos em uma plataforma a três metros do chão. Ao redor de nós, há uma vasta caverna.

— Não acredito — diz uma voz que vem de trás do rapaz. Ela pertence a uma garota de cabelos escuros e três argolas de prata na sobrancelha direita. Ela ri de mim. — Uma Careta, a primeira a pular? Isso é inédito.

— Existe uma razão para ela tê-los deixado, Lauren — diz ele. Sua voz é profunda e ressoa no ar. — Qual é o seu nome?

— É... — Não sei por que hesito. Mas o nome "Beatrice" simplesmente não parece mais adequado.

— Pode pensar — afirma ele, esboçando um sorriso. — Essa é sua única chance de escolher um.

Um lugar novo, um nome novo. Posso começar do zero aqui.

— Tris — digo com firmeza.

— Tris — repete Lauren, sorrindo. — Faça o anúncio, Quatro.

O garoto, Quatro, olha para trás e grita:

— A primeira a pular: Tris!

Uma multidão surge à medida que meus olhos se acostumam com a escuridão. Eles comemoram e lançam os punhos para o ar, e então outra pessoa aterrissa na rede. Ela cai gritando. É Christina. Todos riem, mas em seguida começam a comemorar novamente.

Quatro apoia a mão nas minhas costas e diz:

— Seja bem-vinda à Audácia.

CAPÍTULO SETE

QUANDO TODOS OS iniciandos já estão novamente em terra firme, Lauren e Quatro nos guiam por um túnel estreito. As paredes são de pedra e o teto é em declive, fazendo com que eu sinta como se estivesse descendo para o centro da terra. Há longos intervalos entre as áreas iluminadas do túnel, e nas áreas escuras entre a luz fraca de uma lâmpada e outra, sinto que perdi o caminho, até que um ombro esbarra contra o meu. Nos locais iluminados, sinto-me segura novamente.

O garoto da Erudição à minha frente para de repente, e esbarro nele, batendo com o nariz em seu ombro. Recuo um pouco e esfrego a mão no nariz, recuperando-me da pancada. Todo mundo parou, e nossos três líderes se voltam para nós com os braços cruzados.

— É aqui que nos separamos — diz Lauren. — Os iniciandos nascidos na Audácia vêm comigo. Acho que *vocês* não precisam de um tour do local.

Ela sorri e acena na direção dos iniciandos nascidos na Audácia. Eles se separam do grupo e partem em meio às sombras. Vejo o último deles sumir na escuridão e olho para os que restaram. A maior parte dos iniciandos era da Audácia, portanto só restam nove pessoas. Destas, sou a única que era da Abnegação, e não há ninguém da Amizade. O resto do grupo é da Erudição e, por incrível que pareça, da Franqueza. Ser honesto o tempo todo deve exigir coragem. Eu não saberia dizer.

Quatro fala conosco em seguida.

— Eu geralmente trabalho na sala de controle, mas durante as próximas semanas, serei seu instrutor — diz ele. — Meu nome é Quatro.

— Quatro? Como o número? — pergunta Christina.

— Sim — responde ele. — Você tem algum problema com isso?

— Não.

— Ótimo. Nós estamos prestes a entrar no Fosso, que vocês um dia irão aprender a amar. Ele...

Christina ri jocosamente.

— Fosso? Que ótimo nome.

Quatro caminha até Christina e aproxima o rosto do dela. Seus olhos se estreitam e por um instante ele simplesmente a encara.

— Qual é o seu nome? — pergunta ele calmamente.

— Christina — responde ela baixinho.

— Bem, Christina, se eu quisesse aguentar os espertinhos da Franqueza, teria me juntado à sua facção — diz ele, irritado. — A primeira lição que você aprenderá de mim é como manter sua boca calada. Entendeu bem?

Ela acena que sim com a cabeça.

Quatro se dirige às sombras no fim do túnel. O grupo de iniciandos segue-o em silêncio.

— Que canalha! — resmunga ela.

— Acho que ele não gosta que riam dele — respondo.

Percebo que é melhor eu tomar cuidado com Quatro. Ele me pareceu tranquilo quando estávamos na plataforma, mas há algo no seu jeito calmo que me inquieta agora.

Quatro empurra uma porta dupla e entramos no lugar que ele chamou de "Fosso".

— Ah — sussurra Christina. — Agora entendi.

"Fosso" é realmente a melhor maneira de descrever o lugar. É uma caverna subterrânea tão grande que, do fundo, onde estou, não consigo ver o outro lado. Paredes de rochas desniveladas se agigantam por vários andares sobre minha cabeça. Há espaços reservados para comida, roupas, acessórios e atividades de lazer, construídos nas paredes de pedra. Caminhos estreitos e degraus entalhados nas rochas conectam esses espaços. Não há qualquer barreira para impedir que pessoas despenquem das passagens.

Uma área inclinada de luz laranja estende-se por uma das paredes de pedra. O teto do Fosso é composto de painéis de vidro e, sobre eles, há um edifício que permite a entrada da luz solar. O prédio deve ter parecido apenas mais uma construção urbana quando passamos por ele de trem.

Luminárias azuis estão penduradas em intervalos aleatórios sobre os caminhos de pedra e se parecem com as que iluminavam o Salão de Escolha. À medida que a luz do sol se torna mais fraca, elas se tornam mais fortes.

Há pessoas por todo lado, todas vestidas de preto, e todas falando, gritando e gesticulando expressivamente. Não vejo nenhum idoso em meio à multidão de pessoas. Será que existe alguém velho na Audácia? Será que eles não duram tanto tempo ou são simplesmente mandados embora quando não conseguem mais saltar de trens em movimento?

Um grupo de crianças corre tão rápido por um caminho estreito, sem qualquer grade de proteção, que meu coração acelera, e quase grito para que corram mais devagar, para que não se machuquem. Lembro-me das ruas ordenadas da Abnegação: uma fileira de pessoas na direita passando por uma fileira de pessoas na esquerda, sorrisos contidos, cabeças inclinadas para baixo e silêncio. Meu estômago aperta. Mas há algo de maravilhoso no caos da Audácia.

— Sigam-me — diz Quatro —, e lhes mostrarei o abismo.

Ele faz um sinal para que sigamos em frente. A aparência de Quatro parece mansa, se comparada à da maioria dos integrantes da Audácia, mas, quando ele se vira, vejo o trecho de uma tatuagem saindo de trás da gola de sua camiseta. Ele nos guia para o lado direito do Fosso, que está completamente escuro. Forço os olhos e vejo que o chão em que estou pisando termina em uma grade de metal. Ao nos aproximarmos dela, ouço um ruído alto: água, água correndo rapidamente, chocando-se contra as rochas.

Olho para baixo. O chão termina em um desfiladeiro íngreme, e vários metros abaixo de nós há um rio. A água se choca violentamente contra a parede abaixo de mim e uma nuvem de gotículas é lançada para o alto. À

minha esquerda a água é mais calma, mas à direita ela se torna branca em sua batalha contra as rochas.

— O abismo serve para nos lembrar que há um limite tênue entre a coragem e a estupidez! — grita Quatro. — Um salto intrépido para dentro dele tomaria a sua vida. Isso já ocorreu antes e ocorrerá novamente. Que isso lhes sirva de aviso.

— Isso é incrível — diz Christina, enquanto nos afastamos da grade.

— É realmente incrível — respondo, assentindo com cabeça.

Quatro guia o grupo de iniciandos pelo Fosso, em direção a um enorme buraco na parede. O aposento que se encontra além do buraco é iluminado o bastante para que eu perceba para onde estamos nos dirigindo: um refeitório repleto de pessoas e ruídos de talheres. Ao entrarmos, os integrantes da Audácia se levantam. Eles nos aplaudem. Batem os pés no chão. Gritam. O barulho me cerca e me preenche. Christina sorri e, logo depois, também sorrio.

Procuramos assentos livres. Christina e eu encontramos uma mesa praticamente vazia em um dos cantos do salão, e acabo me sentando entre ela e Quatro. No centro da mesa, há uma bandeja com uma comida que não conheço: pedaços circulares de carne entre fatias redondas de pão. Seguro um deles entre meus dedos, sem saber ao certo o que fazer.

Quatro me cutuca com o cotovelo.

— Isto é carne — diz ele. — Coloque isto dentro. — Ele me passa um pequeno pote que está cheio de um molho vermelho.

— Você nunca comeu hambúrguer? — pergunta Christina, com os olhos arregalados.

— Não — respondo. — É assim que se chama?

— Os Caretas comem comida simples — diz Quatro, acenando para Christina.

— Por quê? — pergunta ela.

Dou de ombros.

— A extravagância é considerada autocomplacente e desnecessária.

Ela solta uma risadinha.

— Não me admira que você tenha partido.

— Claro — digo, girando os olhos para cima. — Foi só por causa da comida.

Quatro contorce o canto da boca.

As portas do refeitório se abrem e o silêncio domina o espaço. Eu olho para trás. Um jovem entra, e o salão fica tão silencioso que consigo ouvir seus passos. Seu rosto é perfurado por tantos *piercings* que eu mal consigo contá-los, e seu cabelo é longo, escuro e ensebado. Mas não é isso o que faz com que ele pareça ameaçador, e sim a expressão fria em seus olhos, que varrem o refeitório.

— Quem é esse? — sussurra Christina.

— Seu nome é Eric — Quatro responde. — Ele é um de nossos líderes.

— Sério? Mas ele é tão jovem.

Quatro a encara severamente.

— A idade não importa aqui.

Percebo que ela está prestes a perguntar algo que eu também gostaria de saber: *Então o que importa?* Mas os olhos de Eric param de vagar pelo refeitório e ele começa a se dirigir a uma mesa. Começa a se dirigir à *nossa* mesa, sentando-se ao lado de Quatro. Não nos cumprimenta, e por isso também não o cumprimentamos.

— E então, não vai me apresentar? — pergunta, acenando a cabeça para mim e para Christina.

— Essas são Tris e Christina — diz Quatro.

— Olha só, uma Careta — diz Eric, rindo de mim. Seu riso puxa os *piercings* de seus lábios, esticando as perfurações que eles ocupam e fazendo com que eu me contraia de nervoso. — Vamos ver quanto tempo você vai durar.

Penso em responder algo, talvez para convencê-lo de que *vou* durar, sim; mas as palavras me escapam. Não sei por que, mas não quero que Eric olhe

para mim mais do que já olhou. Na verdade, não quero que olhe para mim nunca mais.

Ele batuca com os dedos na mesa. As juntas da sua mão têm cicatrizes, exatamente onde elas se abririam se ele socasse algo com muita força.

— O que você tem feito, Quatro? — pergunta ele.

Quatro ergue um dos ombros.

— Nada demais — responde.

Será que eles são amigos? Meu olhar se alterna entre Eric e Quatro. Tudo o que Eric fez, desde sentar ali e perguntar a Quatro a respeito de sua vida, sugere que eles sejam amigos, mas a maneira como Quatro está sentado, tenso como uma corda esticada, sugere algo diferente. Talvez sejam rivais, mas como isso poderia ser possível, se Eric é um líder e Quatro, não?

— Max me disse que ele está tentando falar com você há tempos, mas que você nunca aparece — diz Eric. — Ele pediu para eu descobrir o que está acontecendo.

Quatro encara Eric por alguns segundos antes de dizer:

— Diga a ele que estou satisfeito no cargo em que me encontro.

— Então, ele quer oferecer-lhe um emprego.

Os anéis na sobrancelha de Eric refletem a luz da sala. Talvez Eric enxergue Quatro como uma possível ameaça ao seu cargo. Meu pai costuma dizer que aqueles que desejam o poder e o alcançam vivem com medo de perdê-lo. É por isso que devemos entregar o poder àqueles que não o desejam.

— Parece que sim — afirma Quatro.

— E você não está interessado?

— Há dois anos que não estou interessado.

— Bem — diz Eric. — Vamos esperar que ele se toque, então.

Ele dá um tapa no ombro de Quatro, um pouco forte demais, e se levanta. Quando faz isso, eu imediatamente relaxo o corpo. Não havia percebido que estava tão tensa.

— Vocês dois são... amigos? — digo, incapaz de conter minha curiosidade.

— Fomos da mesma turma de iniciandos — diz ele. — Ele se transferiu da Erudição.

Esqueço completamente de tomar cuidado com Quatro.

— Você também é um transferido?

— Pensei que teria problemas com a garota da Franqueza perguntando demais — afirma ele friamente. — Agora tenho uma Careta na minha cola também?

— Deve ser porque você é tão acolhedor — digo diretamente. — Sabe? Quase como uma cama de pregos.

Ele me encara e não desvio o olhar. Ele não é um cachorro, mas valem as mesmas regras. Desviar o olhar é sinal de submissão. Encará-lo é sinal de desafio. É uma escolha minha.

Meu rosto esquenta. O que acontecerá quando a tensão estourar?

No entanto, ele apenas fala:

— Cuidado, Tris.

Meu estômago pesa como se eu tivesse acabado de engolir uma pedra. Um membro da Audácia sentado em outra mesa convida Quatro a juntar-se a eles, e volto-me para Christina. Ela ergue as duas sobrancelhas.

— O que foi? — pergunto.

— Estou desenvolvendo uma teoria.

— E o que diz a sua teoria?

Ela segura o hambúrguer, sorri, e diz:

— Que você está pedindo para morrer.

+ + +

Depois do jantar, Quatro desaparece sem nos dar qualquer satisfação. Eric guia-nos por uma série de corredores sem dizer aonde estamos indo. Não entendo por que um líder da Audácia ficaria responsável por um grupo de iniciandos, mas talvez seja só por esta noite.

No final de cada corredor há uma lâmpada azul, mas entre uma e outra o caminho é escuro, e eu preciso tomar cuidado para não tropeçar no chão desnivelado. Christina caminha ao meu lado em silêncio. Ninguém nos mandou ficar calados, mas não se ouve uma palavra.

Eric para em frente a uma porta de madeira e cruza os braços. Nos aglomeramos a seu redor.

— Para quem não sabe ainda, meu nome é Eric — diz. — Sou um dos cinco líderes da Audácia. Levamos o processo de iniciação muito a sério aqui, por isso me voluntariei para supervisionar a maior parte do seu treinamento.

Só de imaginar isso, sinto náuseas. Um líder da Audácia supervisionando a nossa iniciação já é ruim o bastante, mas o fato de ser o Eric apenas piora a situação.

— Existem algumas regras básicas aqui — diz ele. — Vocês devem estar na sala de treinamento às oito da manhã todo dia. O treinamento acontecerá todos os dias, das oito da manhã às seis da tarde, com um intervalo para o almoço. Vocês estarão livres para fazer o que quiserem depois das seis. Vocês também terão direito a um intervalo entre cada estágio da iniciação.

O termo "fazer o que quiser" fica marcado na minha mente. Em casa, eu nunca podia fazer o que queria, nem por uma única noite. Deveria antes pensar nas necessidades dos outros. Na verdade, nem sei o que gosto de fazer.

— Vocês só estão autorizados a sair do complexo acompanhados por alguém da Audácia — acrescenta Eric. — Atrás desta porta fica o quarto onde vocês irão dormir durante as próximas semanas. Vocês notarão que há dez camas, mas apenas nove de vocês. Imaginamos que uma proporção maior de iniciandos chegaria até aqui.

— Mas éramos doze no início — protesta Christina. Fecho os olhos e espero ela ser repreendida. Ela precisa aprender a ficar calada.

— Sempre há pelo menos um transferido que não consegue chegar ao complexo — diz Eric, cutucando as cutículas. Ele dá de ombros. — De qualquer

maneira, no primeiro estágio da iniciação, nós mantemos os iniciandos transferidos e os nascidos na Audácia separados, mas isso não quer dizer que vocês serão avaliados separadamente. Ao final da iniciação, suas classificações serão determinadas em comparação com as dos iniciandos nascidos na Audácia. E eles já estão em vantagem. Então, eu imagino que...

— *Classificações?* — pergunta a menina de cabelo castanho-claro à minha direita. — Para que seremos classificados?

Eric sorri e, na luz azulada, seu sorriso parece maléfico, como se tivesse sido talhado em seu rosto com uma faca.

— A classificação de vocês servirá a dois propósitos — diz. — Primeiramente, determinará a ordem pela qual vocês escolherão um emprego após a iniciação. Há um número limitado de cargos *desejáveis* à disposição.

Meu estômago aperta. Pelo seu sorriso, pressinto, assim como pressenti no instante em que entrei na sala do teste de aptidão, que algo ruim está prestes a acontecer.

— O segundo propósito — fala ele — é que apenas os dez iniciandos com os melhores resultados se tornarão membros.

Sinto uma pontada de dor no estômago. Ficamos imóveis como estátuas. E então Christina diz:

— *O quê?*

— Há onze nascidos na Audácia, e nove de vocês — conclui Eric. — Quatro iniciandos serão eliminados no início do primeiro estágio. Os outros serão eliminados depois do teste final.

Isso significa que, mesmo tendo passado por todos os estágios da iniciação, seis iniciandos serão eliminados no final e não se tornarão membros. Pelo canto do olho, percebo que Christina está olhando para mim, mas não consigo encará-la de volta. Meus olhos estão grudados em Eric e não conseguem se mover.

Minhas chances, como a inicianda mais baixa e a única transferida da Abnegação, não são boas.

— O que faremos se formos eliminados? — pergunta Peter.

— Vocês deixarão o complexo da Audácia — diz Eric de maneira indiferente —, e passarão a viver com os sem-facção.

A menina com cabelo castanho-claro coloca as mãos sobre a boca e soluça, tentando reprimir o choro. Lembro-me do homem sem-facção com os dentes cinza, agarrando o pacote de maçãs das minhas mãos. Seu olhar vago me encarando. Mas, em vez de chorar como a garota da Erudição, sinto-me mais fria. Mais dura.

Eu me tornarei um membro. Eu conseguirei.

— Mas isso... não é justo! — diz Molly, a garota de ombros largos da Franqueza. Embora suas palavras soem raivosas, ela parece estar aterrorizada. — Se eu apenas *soubesse*...

— Você está dizendo que, se soubesse disso antes da Cerimônia de Escolha, não teria escolhido a Audácia? — grita Eric. — Por que se é isso que quer dizer, pode ir embora agora mesmo. Se você realmente é uma de nós, a possibilidade de fracassar não deveria importar para você. E, se importa, então você é covarde.

Eric empurra a porta do dormitório e ela se abre.

— Vocês nos escolheram — diz ele. — Agora nós escolheremos vocês.

+ + +

Deitada na cama, escuto a respiração de nove pessoas.

Eu nunca havia dividido um quarto com meninos antes, mas não tenho outra opção aqui, a não ser que queira dormir no corredor. Todos os outros iniciandos colocaram as roupas que a Audácia nos forneceu, mas eu resolvo dormir com as roupas da Abnegação, que ainda guardam o cheiro de sabão e de ar puro, o cheiro de casa.

Eu costumava ter meu próprio quarto. Da minha janela, via-se o gramado do jardim da minha casa e, depois disso, o horizonte enevoado da cidade. Estou acostumada a dormir em um ambiente silencioso.

O calor se acumula atrás dos meus olhos à medida que penso na minha casa, e, quando pisco, uma lágrima escorre sobre meu rosto. Cubro a boca para abafar o soluço de tristeza.

Não posso chorar, não aqui. Preciso me acalmar.

Vai ficar tudo bem aqui. Poderei contemplar meu reflexo no espelho sempre que desejar. Poderei me tornar amiga da Christina e cortar meu cabelo curto e deixar que outras pessoas limpem suas próprias bagunças.

Minhas mãos tremem e as lágrimas se acumulam com mais rapidez em meus olhos, ofuscando minha visão.

Não importa se na próxima vez em que eu vir meus pais, no Dia da Visita, eles tenham dificuldade em me reconhecer, se é que vêm mesmo. Não importa que eu sinta uma dor no peito toda vez que me lembro dos seus rostos, mesmo que seja por apenas um segundo. Sofro até quando me lembro do rosto de Caleb, mesmo que suas mentiras tenham me machucado. Sincronizo minha respiração com as dos outros iniciandos. Nada disso importa.

Um ruído sufocado interrompe o som das respirações, seguido por um forte soluço. Ouço o ranger das molas de um colchão e o movimento de um corpo pesado em uma das camas, seguido de mais soluços, abafados inutilmente por um travesseiro. Os soluços vêm do beliche ao lado do meu; eles pertencem a Al, um menino da Franqueza que é o maior e mais alto entre todos os iniciandos. Ele é a última pessoa que eu esperava ver desfalecer dessa maneira.

Seus pés estão a poucos centímetros da minha cabeça. Eu deveria consolá-lo; deveria *querer* consolá-lo, pois fui educada para isso. No entanto, sinto apenas nojo dele. Alguém com uma aparência tão forte não deveria se

comportar de maneira tão fraca. Por que ele não chora em silêncio como todos nós?

Engulo em seco com força.

Se minha mãe soubesse o que estou pensando, sei o que faria comigo. Os cantos de sua boca iriam curvar-se para baixo. Suas sobrancelhas iriam franzir-se sobre seus olhos, não em uma careta de repreensão, mas quase de estafa. Esfrego a palma da mão sobre as minhas bochechas.

Al soluça outra vez. Quase posso sentir o som de seu soluço chiando em minha própria garganta. Ele está a apenas poucos centímetros de distância de mim, eu deveria tocá-lo.

Não. Abaixo minha mão e me viro de lado, olhando para a parede. Ninguém precisa saber que não quero ajudá-lo. Posso manter isso em segredo. Meus olhos se fecham e sinto o peso do sono, mas sempre que chego perto de dormir ouço Al novamente.

Talvez meu problema não seja o fato de eu não poder ir para casa. Sentirei falta da minha mãe e do meu pai e de Caleb e da luz do fogo de noitinha e do estalar das agulhas de costura da minha mãe, mas essa não é a única razão para essa sensação de vazio em meu estômago.

Talvez meu problema seja que, mesmo que eu voltasse para casa, lá não seria meu lugar, em meio a pessoas que se doam sem pensar e se importam com os outros de maneira tão natural.

Pensar nisso me leva a ranger os dentes. Aperto o travesseiro contra meus ouvidos para bloquear o choro de Al e adormeço com uma poça úmida apertada contra a bochecha.

CAPÍTULO OITO

— A PRIMEIRA coisa que vocês vão aprender hoje é como atirar com uma arma. A segunda é como vencer uma briga. — Quatro coloca uma arma em minha mão sem olhar para mim e continua caminhando. — Felizmente, se vocês estão aqui é porque já sabem subir e descer de um trem em movimento, portanto não preciso ensiná-los isso.

Não é nenhuma surpresa para mim que a Audácia espere que estejamos sempre em alerta e preparados para correr, mas eu contava com mais do que seis horas de descanso antes que a corrida começasse. Meu corpo ainda está pesado de sono.

— A iniciação é dividida em três estágios. Mediremos seu progresso e os classificaremos de acordo com sua performance em cada um deles. Os estágios não têm peso igual na determinação da sua posição final; portanto, é possível, embora improvável, que sua posição na classificação mude drasticamente durante o processo.

Olho fixamente para a arma em minha mão. Nunca esperei um dia segurar e, muito menos, disparar uma arma. Ela me parece perigosa, como se eu pudesse ferir alguém apenas por segurá-la.

— Acreditamos que o preparo vence a covardia, que definimos como a falha em agir diante do medo — diz Quatro. — Portanto, cada estágio da iniciação é projetado para prepará-los de uma maneira diferente. O primeiro estágio prioriza o estado físico; o segundo, o emocional; o terceiro, o mental.

— Mas o que... — Peter boceja enquanto fala. — O que atirar com uma arma tem a ver com... coragem?

Quatro gira a arma em sua mão, encosta o cano contra a testa de Peter e a engatilha. Peter fica paralisado, de queixo caído, com o bocejo travado em sua

boca.

— Acorde — diz Quatro rispidamente. — Você está segurando uma arma carregada, seu idiota. Aja de acordo.

Ele abaixa a arma. Assim que a ameaça imediata passa, os olhos verdes de Peter assumem um olhar duro. Surpreende-me o fato de ele conseguir reprimir uma resposta à ameaça, depois de passar a vida inteira falando o que lhe vem à cabeça na Franqueza, mas ele consegue, e suas bochechas coram.

— Mas, respondendo a sua pergunta... você terá muito menos chances de borrar suas calças e chamar a mamãezinha se estiver preparado para se defender. — Quatro para de caminhar ao alcançar o fim da fileira e vira para o outro lado. — Essa informação também pode lhes ser útil mais adiante, no primeiro estágio. Portanto, observem com atenção.

Ele encara a parede na qual estão pendurados os alvos: uma placa quadrada de compensado para cada um de nós, com três círculos vermelhos no centro. Ele separa os pés, segura a arma com ambas as mãos e atira. O estrondo é tão alto que machuca meus ouvidos. Estico o pescoço para ver o alvo. A bala perfurou o círculo central.

Olho para o meu alvo. Meus familiares nunca aprovariam que eu usasse uma arma. Eles diriam que as armas são usadas para a autodefesa, quando não para a violência, e são, portanto, instrumentos de proveito próprio.

Afasto minha família dos meus pensamentos, separo os pés, deixando-os paralelos aos meus ombros, e seguro delicadamente a empunhadura da arma com as duas mãos. Ela é pesada e difícil de levantar e afastar do corpo, mas quero mantê-la o mais longe possível do meu rosto. Aperto o gatilho, primeiro cautelosamente, depois com mais força, afastando o rosto da arma. O som fere meus ouvidos e o coice lança minhas mãos para trás, em direção ao meu nariz. Eu tropeço, apoiando-me na parede atrás de mim para me equilibrar. Não sei onde foi parar a bala, mas sei que não foi nem perto do alvo.

Atiro mais uma vez, e mais outra e outra, e nenhum dos tiros chega perto.

— Estatisticamente — diz Will, o garoto da Erudição ao meu lado, sorrindo —, você já deveria ter acertado o alvo pelo menos *uma* vez, mesmo que fosse sem querer.

Seu cabelo é loiro e desgrenhado, e ele tem uma ruga entre as sobrancelhas.

— É mesmo? — pergunto, em tom sincero.

— Sim — diz ele. — Acho que você está desafiando as leis da natureza.

Cerro os dentes e encaro o alvo, decidida a pelo menos me manter firme desta vez. Se eu não for capaz de aprender nem a primeira lição que eles nos deram, como serei capaz de chegar ao final do primeiro estágio?

Aperto o gatilho com força, e desta vez estou preparada para o coice. O disparo lança minhas mãos para trás, mas meus pés permanecem firmes no chão. Vejo um buraco de bala no canto do alvo, e ergo a sobrancelha ao olhar para Will.

— Viu como eu estava certo? As estatísticas não mentem — afirma ele.

Eu esboço um sorriso.

Depois de mais cinco tentativas, consigo acertar o centro do alvo, fazendo com que uma corrente de energia percorra meu corpo. Estou desperta, com os olhos bem abertos e as mãos quentes. Abaixo a arma. Há uma certa sensação de poder em controlar algo que pode causar tanta destruição, ou em controlar qualquer coisa, na realidade.

Talvez este seja realmente o meu lugar.

+ + +

Quando finalmente chega a hora de fazermos um intervalo para o almoço, meus braços estão latejando de segurar a arma por tanto tempo, e tenho dificuldade em esticar os dedos. Massageio-os a caminho do refeitório. Christina convida Al a se sentar conosco. Toda vez que olho para ele, lembro-me de seus soluços de choro, então evito encará-lo.

Mexo nas ervilhas com o garfo e meus pensamentos me levam de volta ao teste de aptidão. Quando Tori me alertou dos perigos de ser Divergente, aquilo me pareceu estar estampado em meu rosto, como se qualquer deslize meu pudesse fazer com que alguém descobrisse. Até agora, isso não tem sido um problema, mas mesmo assim não me sinto segura. E se eu acabar baixando a guarda e algo terrível acontecer?

— Como assim? Você não se lembra de mim? — pergunta Christina para o Al enquanto prepara um sanduíche. — Há apenas alguns *dias*, nós estudávamos na mesma turma de Matemática. E *não sou* uma pessoa muito quieta.

— Eu passava a maior parte do tempo dormindo nas aulas de Matemática — responde Al. — Era a primeira aula do dia!

E se o perigo não ocorrer agora? E se ele me atingir daqui a anos, quando eu já não estiver mais esperando por ele?

— Tris — diz Christina. Ela estala os dedos na frente do meu rosto. — Tem alguém em casa?

— O quê? O que foi?

— Perguntei se você se lembra de ter frequentado alguma aula comigo — diz ela. — Não leve isso a mal, mas eu provavelmente não me lembraria de você mesmo que a gente tivesse. Para mim, todo mundo da Abnegação tinha a mesma aparência. Aliás, eles continuam tendo, mas agora você não é mais um deles.

Eu a encaro. Ela não precisa me lembrar disso.

— Desculpe, estou sendo mal-educada? — pergunta ela. — Estou acostumada a simplesmente falar o que me vem à cabeça. Minha mãe costumava dizer que as boas maneiras são apenas uma forma mascarada de enganação.

— Talvez seja por isso que as nossas facções não costumam se relacionar — digo, rindo um pouco. Os membros da Franqueza e da Abnegação não se odeiam como os da Erudição e da Abnegação, mas se evitam. A verdadeira

inimizade da Franqueza é com a Amizade. Eles afirmam que aqueles que buscam a paz acima de tudo irão sempre enganar os outros para tentar manter as coisas tranquilas.

— Posso sentar aqui? — pergunta Will, batucando os dedos contra a mesa.

— O que foi? Não está a fim de ficar com seus amigos da Erudição? — questiona Christina.

— Eles não são meus amigos — afirma Will, colocando seu prato sobre a mesa. — O fato de virmos da mesma facção não significa que nos damos bem. Além disso, o Edward e a Myra estão namorando e prefiro não ficar segurando vela.

Edward e Myra, os outros dois transferidos da Erudição, estão sentados a algumas mesas de distância, tão perto um do outro que seus cotovelos se esbarram quando eles cortam a comida. Myra para de cortar e beija Edward. Eu os olho com atenção. Vi poucos beijos durante minha vida.

Edward vira a cabeça e pressiona seus lábios contra os de Myra. O ar chia entre meus dentes e desvio o olhar. Parte de mim espera que eles sejam repreendidos. Outra parte imagina, com certo desespero, como deve ser a sensação de sentir um lábio contra os meus.

— Será que eles precisam ser tão *descarados*? — digo.

— Ela só beijou ele. — Al franze a testa ao olhar para mim. Quando ele faz essa cara, suas sobrancelhas encostam em seus cílios. — Não é como se eles estivessem pelados.

— Um beijo não é algo que se faça em público.

Al, Will e Christina, todos, sorriem debochadamente para mim.

— Que foi? — pergunto.

— Você está deixando transparecer a Abnegação dentro de você — diz Christina. — Não há nada de errado em demonstrar um pouco de afetividade em público.

— É. — Dou de ombros. — Bem... acho que serei obrigada a me acostumar com isso.

— Ou você pode continuar sendo frígida — fala Will, com os olhos verdes cintilando maliciosamente. — Se você quiser, é claro.

Christina joga um pão nele. Ele o agarra no ar, depois arranca um pedaço com uma mordida.

— Não seja mau com ela — diz ela. — A frigidez faz parte da natureza dela. Assim como ser um sabichão faz parte da sua.

— Eu não sou *frígida*! — exclamo.

— Não ligue para isso — pede Will. — É adorável. Olha só, você está toda vermelha.

Seu comentário apenas faz com que meu rosto esquente ainda mais. Todos os outros riem. Tento me forçar a rir também e, após alguns segundos, as risadas começam a vir naturalmente.

A sensação de voltar a rir é boa.

+ + +

Depois do almoço, Quatro nos guia a uma nova sala. Ela é enorme, com um chão de tábuas que rangem coberto por rachaduras e com um enorme círculo pintado no centro. Na parede esquerda, há uma placa verde: um quadro-negro. Minha professora dos Níveis Inferiores usava algo assim, mas há tempos eu não via um. Talvez tenha algo a ver com as prioridades da Audácia: primeiro vem o treinamento, depois a tecnologia.

Nossos nomes são escritos no quadro em ordem alfabética. Pendurados em um dos lados da sala, com intervalos de cerca de um metro entre eles, encontram-se sacos de pancadas.

Alinhamo-nos atrás deles e Quatro fica em pé no centro, onde todos podem vê-lo.

— Como eu disse hoje de manhã — diz Quatro —, o próximo passo é aprender a lutar. O objetivo desta etapa é ensiná-los a agir; preparar seus corpos para que respondam a ameaças e desafios. Algo de que vocês vão precisar, se quiserem viver como integrantes da Audácia.

Não consigo nem imaginar como é a vida na Audácia. Tudo o que consigo pensar é em terminar a iniciação.

— Hoje, nos concentraremos na parte técnica, e amanhã vocês começarão a lutar uns contra os outros — diz Quatro. — Por isso, sugiro que prestem atenção. Aqueles que não aprenderem rápido vão se machucar.

Quatro lista tipos diferentes de socos, demonstrando-os à medida que os apresenta, primeiro no ar e depois no saco de pancadas.

Vou me familiarizando com eles à medida que treinamos. Como no caso da arma, preciso de algumas tentativas até descobrir como devo me posicionar e como movimentar meu corpo da mesma maneira que ele. Os chutes são mais complicados, embora ele nos ensine apenas o básico. O saco de pancadas machuca minhas mãos e pés, deixando minha pele vermelha, e quase não se move, não importa o quão forte eu bata. Ao meu redor, ouço os sons de pele se chocando contra tecido.

Quatro caminha em meio ao grupo de iniciandos, observando-nos enquanto repetimos os movimentos. Quando ele para diante de mim, meu estômago revira, como se alguém estivesse torcendo-o com um garfo. Ele me encara, seus olhos fitando meu corpo da cabeça aos pés, sem se demorar em parte alguma: um olhar prático e científico.

— Você não tem muita musculatura — diz ele. — Isso significa que é melhor usar os joelhos e cotovelos. Você conseguirá concentrar mais força neles.

De repente, ele pressiona a mão contra minha barriga. Seus dedos são tão longos que, enquanto a palma da sua mão encosta em um lado das minhas costelas, as pontas dos dedos alcançam o outro. Meu coração bate com tanta força que o meu peito dói, e eu o encaro com os olhos arregalados.

— Nunca se esqueça de manter a tensão aqui — diz ele, com a voz tranquila.

Quatro recolhe a mão e continua andando. Sinto a pressão de sua palma mesmo depois que ele já se afastou. É estranho, mas preciso parar e recobrar o fôlego por alguns segundos antes de voltar a treinar.

Quando Quatro nos libera para o jantar, Christina me cutuca com o cotovelo.

— Pensei que ele fosse partir você ao meio — afirma ela, torcendo o nariz. — Tenho pavor dele. Deve ser aquele jeito tranquilo de falar.

— É. Ele é... — Olho para trás e o encontro. Ele é quieto e impressionantemente seguro de si. Mas não fiquei com medo de que pudesse me machucar — ...certamente intimidante — digo, finalmente.

Al, que caminha à nossa frente, vira em nossa direção quando chegamos ao Fosso e anuncia:

— Quero fazer uma tatuagem.

Atrás de nós, Will pergunta:

— Uma tatuagem de quê?

— Não sei. — Al solta uma risada. — Só quero sentir que realmente deixei minha velha facção para trás. Parar de chorar a respeito disso.

Quando nenhum de nós responde, ele diz:

— Eu sei que vocês me ouviram.

— É, então vê se aprende a chorar mais baixo! — Christina cutuca o braço largo de Al. — Acho que você tem razão. Já estamos na metade do caminho para ingressar na Audácia. Se quisermos entrar de verdade, é melhor nos parecermos com eles.

Ela lança um olhar em minha direção.

— Não. Eu não vou cortar o cabelo — digo —, nem pintá-lo de uma cor estranha. Nem perfurar minha cara.

— E seu umbigo? — pergunta ela.

— E seu mamilo? — diz Will com deboche.

Começo a resmungar.

Agora que o treinamento de hoje acabou, podemos fazer o que quisermos até a hora de dormir. Só de pensar nisso, sinto-me tonta, mas pode ser apenas cansaço.

O Fosso está repleto de pessoas. Christina anuncia que encontraremos Al e Will no estúdio de tatuagem e me arrasta em direção a um dos departamentos de roupas. Tropeçamos pelo caminho, subindo cada vez mais alto acima do chão do Fosso e espalhando pedras com nossos sapatos.

— Qual é o problema com minhas roupas? — digo. — Não estou usando mais nada cinza.

— Elas são feias e enormes. — Ela suspira. — Por que você não deixa eu te ajudar? Se você não gostar das roupas que eu escolher, nunca mais precisará vesti-las, juro.

Dez minutos depois, encontro-me em frente a um espelho no departamento de roupas, usando um vestido preto até os joelhos. A saia não é muito larga, mas também não fica colada nas minhas coxas, como a primeira que ela escolheu e me recusei a vestir. Meus braços nus arrepiam-se. Ela retira o elástico do meu cabelo e eu o balanço para desfazer a trança, fazendo com que ele caia ondulando sobre meus ombros.

Ela pega um lápis preto.

— Delineador — diz.

— Você não vai conseguir fazer com que eu fique bonita. — Fecho os olhos e fico parada. Ela passa a ponta do lápis pela base dos meus cílios. Imagino-me diante da minha família com essas roupas, e meu estômago aperta como se eu fosse passar mal.

— Quem se importa em ficar bonita? Meu objetivo é fazer com que você se destaque.

Abro os olhos e, pela primeira vez, encaro abertamente meu reflexo. Meu ritmo cardíaco acelera, como se eu estivesse quebrando as regras e fosse ser repreendida. Será tão difícil romper com a mentalidade da Abnegação imbuída em mim quanto puxar um único fio em uma peça complexa de tecelagem. Mas encontrarei novos hábitos, novos pensamentos, novas regras. Eu me tornarei uma nova pessoa.

Meus olhos sempre foram azuis, mas um azul fraco, acinzentado. Com a ajuda do delineador, no entanto, eles ficam penetrantes. E, com o cabelo emoldurando meu rosto, minha feição parece mais delicada e ampla. Não sou bonita. Meus olhos são grandes demais e meu nariz é muito longo. Mas Christina tem razão, meu rosto se destaca.

Olhar para mim mesma agora não é como me ver pela primeira vez; é como ver outra pessoa pela primeira vez. Beatrice era uma garota que eu eventualmente via de relance no espelho e que se mantinha calada na mesa de jantar. A pessoa que vejo agora prende o meu olhar e se recusa a libertá-lo; esta é Tris.

— Viu só? — diz Christina. — Você está... impressionante.

Dadas as circunstâncias, este é o melhor elogio que poderia me oferecer. Eu sorrio para ela pelo espelho.

— Gostou? — pergunta ela.

— Sim. — Aceno com a cabeça. — Eu pareço... outra pessoa.

Ela solta uma risada.

— Isso é bom ou ruim?

Encaro-me novamente. Pela primeira vez, a ideia de deixar para trás minha identidade da Abnegação não me deixa nervosa; apenas me dá esperança.

— É bom. — Balanço a cabeça. — Desculpe, é que eu nunca pude olhar para meu próprio reflexo por tanto tempo.

— É mesmo? — Agora é Christina que balança a cabeça. — A Abnegação é mesmo uma facção estranha.

— Vamos ver o Al se tatuar — digo. Apesar de ter deixado minha antiga facção para trás, ainda não estou pronta para criticá-la.

Quando eu morava com minha família, minha mãe e eu íamos buscar pilhas de roupas praticamente idênticas a cada seis meses, mais ou menos. É fácil distribuir produtos quando todos usam as mesmas coisas, mas no complexo da Audácia tudo é mais variado. Cada integrante da facção recebe

uma quantidade específica de pontos para gastar por mês, e o vestido custa um ponto.

Christina e eu corremos pelo caminho estreito que leva ao estúdio de tatuagem. Quando chegamos lá, Al já está sentado na cadeira, e um homem baixo e magro, com mais tinta do que pele espalhada pelo corpo, está traçando uma aranha em seu braço.

Will e Christina folheiam livros com desenhos, cutucando-se sempre que encontram algum de que gostem. Quando sentam um ao lado do outro, noto a enorme diferença entre eles: Christina é morena e magra e Will é pálido e largo. Mas percebo também a semelhança entre seus sorrisos despreocupados.

Vagueio pelo estúdio, observando as obras de arte penduradas nas paredes. Hoje em dia, os únicos artistas pertencem à Amizade. A Abnegação considera que a arte não tem utilidade prática e que sua apreciação é um desperdício de tempo que poderia ser usado ajudando os outros, portanto, embora eu já tenha visto obras em livros didáticos, é a primeira vez que me encontro em um local decorado com arte. Os quadros fazem com que o estúdio pareça mais intimista e acolhedor, e eu poderia passar horas admirando-os sem ver o tempo passar. Passo levemente meus dedos na parede. A imagem de um gavião em uma das paredes me lembra a tatuagem de Tori. Embaixo dela, vejo o desenho de um pássaro voando.

— É um corvo — diz uma voz atrás de mim. — Bonito, não?

Ao virar-me, deparo com Tori. Sinto como se estivesse de volta à sala do teste de aptidão, com os espelhos por toda a minha volta e os fios ligados à minha testa. Não esperava vê-la novamente.

— Olha só quem está aqui! — Ela sorri. — Pensei que nunca mais fosse vê-la. Beatrice, não é?

— É Tris, na verdade — digo. — Você trabalha aqui?

— Sim, trabalho. Tirei apenas alguns dias de folga para aplicar os testes. Mas passo a maior parte do tempo aqui. — Ela bate os dedos contra o queixo. —

Reconheço seu nome. Você foi a primeira a pular, não foi?

— Sim, fui.

— Parabéns.

— Obrigada. — Encosto a mão no desenho do pássaro. — Escute, preciso conversar com você sobre... — Olho para Will e para Christina. Não posso colocar Tori contra a parede agora; eles iriam fazer perguntas — ...uma coisa. Qualquer hora dessas.

— Acho que isso não seria boa ideia — diz ela, em tom baixo. — Eu a ajudei da melhor maneira que pude, mas agora você terá que se virar sozinha.

Contraio os lábios. Ela tem respostas; sei que tem. Se não quiser revelá-las agora, terei que arrumar uma maneira de extraí-las dela em outra ocasião.

— Você quer fazer uma tatuagem?

O desenho do pássaro prende minha atenção. Minha intenção não era colocar um *piercing* ou fazer uma tatuagem quando vim para cá. Sei que uma tatuagem seria mais uma barreira que eu construiria entre mim e minha família; uma barreira que eu nunca mais poderia derrubar. E, se minha vida aqui continuar da maneira como tem sido, esta será a menor das barreiras entre nós.

— Sim — digo. — Quero três destes pássaros voando.

Aponto para minha clavícula, mostrando a direção na qual quero que voem, até o coração. Um pássaro para cada membro da família que deixei para trás.

CAPÍTULO NOVE

— JÁ QUE VOCÊS estão em número ímpar, haverá um que não lutará hoje — diz Quatro, afastando-se do quadro na sala de treinamento. Ele lança um olhar em minha direção. O espaço ao lado do meu nome está em branco.

O nó em meu estômago se desfaz. Uma prorrogação.

— Isso não é nada bom — diz Christina, cutucando-me com o cotovelo. Ela atinge um dos meus músculos doloridos e faço uma careta de dor. Hoje, a maioria dos meus músculos estão doloridos.

— Ai!

— Desculpe — diz ela. — Mas olha: vou ter que enfrentar o Tanque.

Christina e eu nos sentamos juntas durante o café da manhã, e mais cedo ela fez uma barreira para me esconder no dormitório enquanto eu trocava de roupa. Nunca tive um amigo como ela antes. Susan era mais amiga do Caleb do que minha, e o Robert apenas seguia Susan para onde quer que ela fosse.

Na realidade, acho que nunca tive amigo nenhum. É impossível estabelecer uma amizade de verdade quando ninguém acha que deve aceitar a ajuda de terceiros ou falar de si mesmo. Isso não acontecerá aqui. Já sei mais sobre a Christina do que jamais soube a respeito de Susan, e só se passaram dois dias.

— O Tanque? — Localizo o nome de Christina no quadro. Ao seu lado, está escrito "Molly".

— É, a versão ligeiramente mais afeminada do Peter — ela diz, apontado com a cabeça em direção a um grupo de pessoas do outro lado da sala. Molly é tão alta quanto Christina, mas é a única semelhança entre elas. Ela tem ombros largos, pele bronzeada e um nariz arredondado.

— Esses três — Christina aponta para Peter, Drew e Molly, consecutivamente — têm sido praticamente inseparáveis desde que nasceram. Eu os odeio.

Will e Al encaram-se na arena. Posicionam as mãos na frente do rosto para se proteger, exatamente como Quatro nos ensinou, girando um ao redor do outro. Al é cerca de quinze centímetros mais alto que Will, e duas vezes mais largo. Ao olhar para ele, percebo que mesmo seus traços faciais são grandes: nariz grande, lábios grandes, olhos grandes. A luta não vai durar muito tempo.

Olho para Peter e seus amigos. Drew é mais baixo que Peter e Molly, mas tem o porte físico de um trator, e seus ombros estão sempre curvados. Seu cabelo é vermelho alaranjado: a cor de uma cenoura envelhecida.

— Por que você não gosta deles? — pergunto.

— O Peter é pura maldade. Quando éramos crianças, ele arrumava briga com pessoas de outras facções, e, quando um adulto chegava para apartar a confusão, chorava e dizia que a outra criança é que tinha começado tudo. E é claro que eles acreditavam, já que éramos da Franqueza e não podíamos mentir.

Ela solta uma risada, depois torce o nariz e diz:

— Drew é apenas um subalterno. Duvido que consiga pensar qualquer coisa por conta própria. E Molly... é o tipo de pessoa que queima formigas com uma lente de aumento só para vê-las sofrer.

Na arena, Al atinge a mandíbula de Will com um soco forte. Meu rosto se contrai ao ver aquilo. Do outro lado da sala, Eric brinca com uma das argolas em sua sobrancelha e ri de maneira debochada enquanto observa Al.

Will cambaleia para o lado, com uma mão sobre o rosto, e bloqueia o soco seguinte de Al com a outra mão. Pela careta que faz, dá para perceber que o soco dói tanto em sua mão quanto se o houvesse atingido diretamente. Al é lento, mas forte.

Peter, Drew e Molly lançam olhares furtivos em nossa direção, depois aproximam suas cabeças, cochichando.

— Acho que eles perceberam que estamos falando deles — digo.

— E daí? Eles já sabem que eu os odeio.

— Sabem? Como?

Christina lança um sorriso falso para os três, acenando com mão. Eu abaixo a cabeça e minhas bochechas esquentam. Não deveria mesmo estar fofocando. A fofoca é uma forma de autocomplacência.

Will encaixa o pé em uma das pernas de Al e a puxa para trás, derrubando-o no chão. Al levanta-se desajeitado.

— Porque eu já falei pra eles — diz Christina, rangendo os dentes enquanto sorri. Seus dentes de cima são retos, mas os de baixo são tortos. Ela olha para mim. — Nós tentamos ser bastante honestos a respeito do que sentimos na Franqueza. Muitas pessoas já me disseram que não gostam de mim. E muitas não disseram. E daí?

— Mas nós... não deveríamos ferir o sentimento das pessoas — digo.

— Gosto de imaginar que meu ódio por eles é uma forma de ajudá-los — afirma ela. — De lembrá-los de que não são as pessoas mais importantes do mundo.

Eu rio um pouco disso, depois volto novamente minha atenção para a arena. Will e Al se encaram por mais alguns segundos, mais vacilantes do que antes. Will afasta o cabelo pálido dos olhos. Eles olham para Quatro, como se esperassem que terminasse a luta, mas ele permanece de braços cruzados, sem esboçar qualquer reação. A alguns metros, Eric olha para o relógio.

Depois de andar em círculos por alguns segundos, Eric grita:

— Vocês estão achando que isso aqui é diversão? Querem fazer uma pausa para tirar uma soneca? Lutem!

— Mas... — Al ergue o tronco, abaixa a mão e continua. — Vocês estão contando pontos? Quando termina a luta?

— Termina quando um de vocês não for mais capaz de continuar — diz Eric.

— De acordo com as regras da Audácia — explica Quatro —, um de vocês também poderia entregar a luta.

Eric encara Quatro com os olhos semicerrados.

— De acordo com as *antigas* regras — diz ele. — Nas *novas* regras, ninguém pode entregar a luta.

— Um homem valente sabe reconhecer a força dos outros — responde Quatro.

— Um homem valente nunca se entrega.

Quatro e Eric se encaram por alguns segundos. Sinto como se estivesse enxergando duas faces da Audácia: a face honrável e a face brutal. Mas até eu sei que, nesta sala, é Eric, o mais jovem líder da Audácia, que detém a autoridade.

Gotas de suor escorrem da testa de Al; ele as seca com as costas da mão.

— Isso é ridículo — diz Al, balançando a cabeça. — Qual é o propósito de eu bater nele? Nós somos da mesma facção!

— Ah, então você acha que vai ser fácil assim? — pergunta Will, sorrindo. — Vamos. Tenta me bater, seu lerdo.

Will ergue as mãos novamente. Vejo um olhar determinado nele que não estava lá antes. Será que realmente acha que conseguirá vencer? Al só precisaria socar sua cabeça com força mais uma vez para apagá-lo de vez.

Isso se o Al conseguir atingi-lo. Tenta um soco, mas Will desvia, com a nuca brilhando de suor. Ele desvia de outro soco, movimentando-se rapidamente para trás do adversário e chutando suas costas com força. Al é lançado para a frente, depois vira-se novamente para Will.

Quando eu era mais jovem, li um livro sobre ursos pardos. Havia a foto de um em pé, apoiado sobre suas pernas traseiras, com as patas da frente esticadas, rosnando. Al se parece com ele agora. Ele avança sobre Will, segurando seu braço para que ele não consiga fugir, e desfere um soco poderoso contra seu queixo.

Vejo os olhos de Will, que têm um tom verde opaco como aipo, apagando-se. Eles giram para cima e a tensão deixa seu corpo por inteiro. Escorrega das mãos de Al, como um peso morto, e desaba no chão. Um calafrio atravessa minha espinha e invade meu peito.

Al arregala os olhos e agacha-se ao lado de Will, dando pequenos tapas em sua bochecha com uma das mãos. O silêncio toma conta da sala enquanto esperamos que Will recobre a consciência. Durante alguns segundos, nada acontece, e ele permanece deitado no chão com os braços dobrados sob seu corpo. De repente, ele pisca, claramente desnorteado.

— Levante-o — diz Eric. Ele lança um olhar voraz sobre o corpo caído de Will, como se aquilo fosse uma refeição e estivesse semanas sem comer. A curvatura de seus lábios é cruel.

Quatro vira-se para o quadro-negro e desenha um círculo ao redor do nome de Al. Vitória.

— Próxima luta: Molly e Christina! — grita Eric. Al coloca o braço de Will sobre os ombros e o arrasta para fora da arena.

Christina estala os ossos dos dedos. Eu lhe desejo sorte, mas não sei se isso lhe servirá de alguma coisa. Christina não é fraca, mas é muito mais magra que Molly. Espero que seu peso a ajude.

Do outro lado da sala, Quatro apoia Will pela cintura e o guia para o lado de fora. Al fica parado na porta por um instante, observando enquanto eles partem.

O fato de Quatro sair da sala me deixa nervosa. Deixar-nos sozinhos com Eric é como contratar uma babá cujo passatempo preferido é amolar facas.

Christina empurra o cabelo para trás das orelhas. Seu cabelo vai até a altura do queixo, é preto e seguro atrás por presilhas prateadas. Ela estala mais um dedo. Parece nervosa, o que não é de se estranhar. Quem não estaria nervoso depois de ver Will desabar como um saco de batatas daquele jeito?

Se os conflitos da Audácia terminam sempre com apenas uma pessoa em pé, não estou certa do que acontecerá comigo nesta parte da iniciação. Será

que serei como o Al e permanecerei em pé ao lado do corpo caído de outra pessoa, sabendo que fui eu que a coloquei lá, ou como o Will, indefeso no chão? Será que meu desejo por vitória é um sinal de egoísmo ou de coragem? Seco as palmas úmidas das minhas mãos no tecido da calça.

Acordo do devaneio quando Christina acerta um chute na lateral do corpo de Molly, que perde o ar, depois range os dentes como se estivesse prestes a rosnar. Uma mecha de cabelo ralo cai sobre seu rosto, mas ela não o afasta.

Al está em pé a meu lado, mas estou muito concentrada na nova luta para olhar para ele, ou parabenizá-lo pela vitória, se é que ele quer ser parabenizado. Não tenho muita certeza.

Molly ri com deboche de Christina e, de repente, mergulha com as mãos esticadas em direção a seu tronco. Atinge-a em cheio, derrubando e prendendo a adversária contra o chão. Christina se debate, mas Molly é pesada e nem se move.

Molly soca Christina, que desvia a cabeça. Mas ela apenas volta a socar mais uma vez, e mais outra, até que seu punho atinge o queixo da adversária, depois o nariz e a boca. Sem pensar, agarro o braço de Al e o aperto com o máximo de força que consigo. Preciso segurar-me em algo. Sangue escorre da lateral do rosto de Christina, respingando no chão ao lado de sua bochecha. É a primeira vez na minha vida que rezo para que alguém desmaie.

Mas ela não desmaia. Christina grita e consegue soltar um dos braços. Soca a orelha de Molly, desequilibrando-a, e consegue se libertar. Ajoelha-se e leva uma mão ao rosto. O sangue que escorre de seu nariz é grosso e escuro e cobre os dedos em segundos. Ela grita mais uma vez e rasteja para longe de Molly. Percebo pelo movimento dos seus ombros que ela está soluçando de dor, mas meus ouvidos estão latejando e não consigo ouvi-la.

Por favor, desmaie.

Molly chuta a lateral de Christina, derrubando-a de costas no chão. Al solta sua mão e me puxa para bem perto dele. Eu travo os dentes para evitar soltar um grito. Não simpatizei com o Al na primeira noite, mas ainda não me

tornei uma pessoa cruel; ver Christina com as mãos sobre as costelas faz com que eu queira me meter entre ela e Molly.

— Pare! — berra Christina, quando Molly se prepara para dar mais um chute. Ela ergue uma mão. — Pare! Eu... — Ela tosse. — Eu não aguento mais.

Molly sorri, e suspiro, aliviada. Al suspira também, e sinto-o respirar com força ao meu lado.

Eric caminha para o centro da arena, movendo-se lentamente, e para ao lado de Christina com os braços cruzados. Ele diz tranquilamente:

— Perdão, mas o que você disse? Que você não aguenta mais?

Christina ajoelha-se com dificuldade. Ao levantar a mão, ela deixa uma marca vermelha no chão. Tapa o nariz para parar o sangramento e assente com a cabeça.

— Levante-se — diz ele. Se tivesse gritado, talvez eu não sentisse vontade de botar os bofes para fora. Se tivesse gritado, eu saberia que é só isso o que ele planejava fazer: gritar. Mas sua voz é contida e suas palavras são precisas. Agarra o braço de Christina, levanta-a com um puxão e a arrasta para fora.

— Sigam-me — diz.

E nós o seguimos.

+ + +

Sinto o ronco do rio ressoar em meu peito.

Aproximamo-nos da grade. O Fosso está praticamente vazio; o dia ainda está na metade, embora pareça sempre ser noite.

Se houvesse pessoas ao redor, duvido que alguém ajudaria Christina. Para começar, estamos com o Eric, e além disso, a Audácia conta com regras diferentes, nas quais a brutalidade não é considerada uma violação.

Eric empurra Christina contra a grade.

— Suba — diz ele.

— O quê? — pergunta ela, como se esperasse que Eric voltasse atrás, mas seus olhos arregalados e sua palidez demonstram que sabe que isso não

acontecerá. Ele não desistirá.

— Suba na grade — repete Eric, pronunciando as palavras lentamente. — Se você conseguir se pendurar sobre o abismo por cinco minutos, esquecerei sua covardia. Se falhar, não permitirei que prossiga com a iniciação.

A grade é estreita e feita de metal. As gotas que respingam do rio cobrem a superfície, deixando-a escorregadia e fria. Mesmo que Christina seja corajosa o bastante para se pendurar na grade por cinco minutos, talvez não consiga se segurar. Ou escolhe se tornar uma sem-facção ou arrisca a própria vida.

Ao fechar os olhos, imagino seu corpo se chocando contra as pedras escarpadas do rio e sinto um calafrio de medo.

— Tudo bem — diz ela, com a voz trêmula.

Ela é alta o bastante para passar a perna por cima da grade. Seu pé treme. Apoia os dedos do pé na beirada enquanto passa a outra perna por cima da grade. Virada para nós, seca as mãos nas calças e segura a grade com tanta força que as juntas dos seus dedos ficam brancas. Em seguida, tira um dos pés da beirada do abismo. Depois o outro. Vejo seu rosto entre as barras da grade, determinado, com os lábios apertados um contra o outro.

Ao meu lado, Al liga o cronômetro do relógio.

Durante o primeiro minuto e meio, Christina vai bem. Suas mãos se mantêm firmes ao redor da grade e seus braços não tremem. Começo a acreditar que conseguirá se safar, provando ao Eric o quão tolo ele foi em duvidar dela.

De repente, a água do rio se choca contra a parede, lançando um vapor branco sobre as costas de Christina. Seu rosto bate contra a grade e ela grita. Suas mãos escorregam e ela se segura apenas pelas pontas dos dedos. Tenta se segurar melhor, mas agora as mãos estão molhadas.

Se eu a ajudar, Eric me obrigará a me pendurar na grade também. Será que deixarei que caia e morra, ou será que aceitarei ser uma sem-facção? O

que é pior: aceitar a morte de alguém com indiferença, ou se tornar um exilado de mãos vazias?

Meus pais não teriam nenhuma dificuldade em responder essa pergunta.

Mas não sou como meus pais.

Que eu saiba, Christina não chorou desde que chegamos aqui, mas agora ela contrai o rosto e solta um soluço mais alto do que o ruído do rio. Outra onda atinge a parede, molhando todo seu corpo. Uma das gotas atinge minha bochecha. Suas mãos escorregam novamente, e desta vez uma delas se solta da grade, fazendo com que fique pendurada por apenas quatro dedos.

— Vamos lá, Christina! — diz Al, em um tom de voz surpreendentemente alto. Ela olha para ele, que bate palmas. — Vamos, agarre a grade novamente. Você consegue. Agarre.

Será que eu seria forte o suficiente para sustentá-la? Será que valeria a pena tentar ajudá-la se sei que sou fraca demais para fazer qualquer coisa a respeito?

Sei por que me pergunto essas coisas: são desculpas. *A razão humana é capaz de justificar qualquer mal; é por isso que não devemos depender dela.* Isso é o que meu pai costumava dizer.

Christina lança o braço para cima, tentando agarrar a grade. Ninguém mais a incentiva, mas Al continua a bater palmas e gritar, com os olhos colados nos dela. Eu queria muito ser capaz; queria ser capaz de me mexer, mas apenas olho para ela e me pergunto há quanto tempo tenho sido tão asquerosamente egoísta.

Olho para o relógio do Al. Quatro minutos se passaram. Ele acotovela meu ombro com força.

— Vamos — digo. Minha voz sai como um sussurro. Limpo a garganta. — Falta só um minuto — digo, mais alto. A outra mão de Christina finalmente alcança a grade. Seus braços tremem com tanta força que me pergunto se não é a terra que está tremendo sob meus pés, chacoalhando minha visão, sem que eu perceba.

— Vamos, Christina! — dizemos Al e eu, e à medida que nossas vozes se unem, passo a acreditar que talvez eu seja forte o bastante para ajudá-la.

Vou ajudá-la. Se a mão dela escorregar novamente, vou ajudá-la.

Outra onda estoura, molhando as costas de Christina, e ela solta um grito agudo quando suas duas mãos se soltam da grade. Um berro escapa da minha garganta. Parece que o som vem da boca de outra pessoa.

Mas ela não cai. Segura as barras da grade. Seus dedos escorregam para baixo, até eu não conseguir mais ver sua cabeça; só consigo ver sua mão agarrada às barras de metal.

O cronômetro de Al marca cinco minutos.

— Já se passaram cinco minutos — diz, praticamente cuspindo as palavras na cara de Eric.

Eric confere seu próprio relógio. Faz isso devagar, girando lentamente o pulso, enquanto meu estômago aperta e o fôlego me escapa. Ao piscar, vejo o corpo da irmã de Rita na calçada sob os trilhos do trem, com os membros retorcidos de uma forma estranha; vejo Rita gritando em prantos; vejo a mim mesma, virando o rosto para o outro lado.

— Tudo bem — diz Eric. — Você já pode subir, Christina.

Al caminha até a grade.

— Não — diz Eric. — Ela tem que subir sozinha.

— Não, não tem — rosna Al. — Ela já fez o que você mandou. Não é uma covarde. Fez o que você mandou.

Eric não responde. Al estica os braços sobre a grade. Ele é tão alto que consegue alcançar o punho de Christina. Ela agarra seu antebraço. Al a puxa para cima, com o rosto corado de frustração, e corro até eles para ajudar. Como eu imaginava, minha altura não permite que eu seja muito útil, mas consigo agarrar o ombro de Christina depois que Al já a levantou um pouco, e nós dois a puxamos por cima da grade. Ela desaba no chão, com o rosto ainda manchado pelo sangue da luta, as costas encharcadas e o corpo tremendo.

Eu me ajoelho a seu lado. Seus olhos se levantam e encontram os meus, depois voltam-se para Al, e nós três recuperamos o fôlego juntos.

CAPÍTULO DEZ

NAQUELA NOITE, SONHO que Christina está novamente pendurada na grade, mas dessa vez pelos dedos do pé, e alguém grita que só um Divergente seria capaz de salvá-la. Então, corro para puxá-la, mas alguém me empurra da beirada, e acordo antes de atingir as pedras.

Encharcada de suor e trêmula por causa do sonho, caminho até o banheiro feminino para tomar um banho e me trocar. Quando volto para o quarto, alguém pichou a palavra "Careta" em vermelho no meu colchão. A palavra também está escrita com letras menores na lateral do estrado da minha cama e no meu travesseiro. Olho ao redor, com o coração batendo forte de raiva.

Peter está atrás de mim, assobiando ao ajeitar o travesseiro. É difícil de acreditar que eu possa odiar tanto alguém com uma aparência tão amável: suas sobrancelhas são naturalmente inclinadas para cima e ele tem um sorriso largo e branco.

— Bela decoração — diz ele.

— Fiz alguma coisa contra você que eu não saiba? — pergunto. Seguro a ponta do lençol e o arranco da cama. — Não sei se você percebeu, mas somos da mesma facção agora.

Balanço a cabeça enquanto removo a fronha do travesseiro. *Não fique nervosa.* Ele quer me tirar do sério, mas não vai conseguir. No entanto, cada vez que ele ajeita o travesseiro, sinto vontade de socá-lo na boca do estômago.

Al entra no quarto, e nem preciso pedir para ele me ajudar; ele apenas se aproxima e começa a tirar a roupa de cama comigo. Terei que limpar o estrado mais tarde. Al carrega a pilha de lençóis até o lixo, depois caminhamos juntos até a sala de treinamento.

— Ignore-o — diz Al. — Ele é um idiota e, se você não se irritar, ele vai acabar desistindo de mexer com você.

— É. — Eu encosto em minha bochecha. Elas ainda estão quentes e coradas de raiva. Tento me distrair. — Você conversou com o Will? — pergunto calmamente. — Depois da... bem, você sabe.

— Conversei. Ele está bem. Não ficou bravo comigo. — Al suspira. — Agora eu serei sempre lembrado como o primeiro cara que apagou outro.

— Há coisas piores pelas quais alguém pode ser lembrado por aqui. Pelo menos eles não vão hostilizar você.

— É, mas podemos ser lembrados por coisas melhores também. — Ele me cutuca com o cotovelo, sorrindo. — Como por ser a primeira a pular.

Eu realmente fui a primeira a pular, mas acho que minha fama na Audácia não irá muito além disso.

Limpo a garganta.

— Um de vocês teria que ser nocauteado. Se não tivesse sido ele, teria sido você.

— Eu sei, mas não quero ter que repetir aquilo. — Al balança a cabeça muitas vezes e muito rápido. Ele funga o nariz. — Não quero mesmo.

Alcançamos a porta da sala de treinamento e eu digo:

— Mas você terá que repetir.

Ele tem um rosto doce. Talvez doce demais para a Audácia.

Ao entrarmos na sala, olho para o quadro-negro. Não tive que lutar ontem, mas hoje certamente terei. Ao ver o meu nome, fico imediatamente paralisada.

Meu rival será Peter.

— Ah, não! — diz Christina, que se espreme para dentro da sala atrás de nós. Seu rosto está machucado e ela parece tentar caminhar sem mancar. Ao ver o quadro, amassa o embrulho de bolinho que está em sua mão. — Não acredito! Eles realmente vão obrigar *você* a lutar contra *ele*?

Peter é quase trinta centímetros mais alto do que eu e ontem derrotou Drew em menos de cinco minutos. O rosto de Drew hoje está quase completamente roxo.

— Você poderia fingir um desmaio depois de algumas pancadas — sugere Al. — Ninguém a culparia por isso.

— É — digo. — Talvez eu faça isso.

Encaro meu nome no quadro. Meu rosto está quente. Al e Christina estão apenas tentando ajudar, mas o fato de não acreditarem, nem por um segundo, que eu tenha alguma chance de derrotar Peter me incomoda.

Fico em um canto da sala, ouvindo distraidamente o tagarelar de Al e Christina, enquanto assisto à luta entre Molly e Edward. Ele é muito mais rápido que ela, por isso sei que Molly não irá vencer hoje.

À medida que a luta prossegue e minha irritação se dissipa, começo a ficar tensa. Quatro nos disse ontem que devemos explorar a fraqueza dos nossos adversários, mas, fora sua total falta de qualidades louváveis, Peter não possui qualquer fraqueza. Ele é alto o bastante para ser forte, mas não grande o bastante para ser lerdo; é bom em identificar os pontos fracos dos outros; é perverso e não terá nenhuma compaixão por mim. Queria acreditar que ele me subestima, mas isso não é verdade. Sou tão inexperiente quanto ele deve imaginar.

Talvez Al tenha razão, e eu deva apenas deixar que ele me bata algumas vezes, depois fingir um desmaio.

Mas não posso deixar de tentar, pelo menos. Não posso ficar em último lugar.

Quando Molly ergue-se do chão, praticamente inconsciente graças ao Edward, meu coração já está batendo com tanta força que posso sentir a pulsação nas pontas dos dedos. Não consigo lembrar a maneira certa de me posicionar. Não consigo lembrar a maneira certa de socar. Caminho até o centro da arena e minhas entranhas se contorcem à medida que Peter caminha em minha direção, ainda mais alto do que eu lembrava, com os

músculos dos braços ressaltados. Ele sorri para mim. Será que vomitar em cima dele me ajudaria em alguma coisa?

Duvido.

— Você está bem, Careta? — diz ele. — Parece que vai chorar. Posso até pegar mais leve com você se começar a chorar.

Por trás dos ombros de Peter, consigo ver Quatro ao lado da porta com os braços cruzados. Ele faz um bico com a boca, como se tivesse acabado de comer algo azedo. Eric está a seu lado, batendo com o pé no chão mais rápido que o ritmo do meu coração.

Peter e eu nos encaramos frente a frente e, um segundo depois, suas mãos já estão armadas perto do seu rosto e seus cotovelos já estão dobrados. Seus joelhos também se dobram, como se ele estivesse preparado para dar o bote.

— Vamos lá, Careta — diz ele, com os olhos brilhando. — Só uma lagrimazinha. Ou que tal implorar um pouco?

Só de pensar em implorar pela clemência de Peter faz com que eu sinta um gosto de bile na boca e, então, por impulso, chuto a lateral de seu corpo. Tento chutar, na verdade, porque ele agarra meu pé e puxa-o para a frente, desequilibrando-me. Minhas costas se chocam contra o chão, mas eu liberto meu pé e me levanto, desengonçada.

Preciso ficar de pé para que ele não consiga chutar minha cabeça. É minha maior preocupação no momento.

— Pare de brincar com ela — grita Eric. — Eu não tenho o dia inteiro.

O olhar malicioso de Peter desaparece. Seu braço se contrai e uma pontada de dor atinge meu queixo e se espalha pelo meu rosto, fazendo com que as bordas da minha visão escureçam e meus ouvidos chiem. Eu pisco os olhos e sou lançada para o lado, sentindo a sala desabar e balançar ao meu redor. Não me lembro de ver seu punho vindo em minha direção.

Estou desequilibrada demais para fazer qualquer coisa, mas me afasto dele até os limites da arena. Ele se lança sobre mim, chutando minha barriga com

força. Seu pé força o ar para fora dos meus pulmões e dói, mas dói tanto que não consigo respirar, embora isso talvez seja por causa do impacto do chute. Eu não sei, apenas desabo.

A única coisa que consigo pensar é em *permanecer em pé*. Empurro-me para cima, mas Peter já está me esperando. Ele agarra meus cabelos com uma mão e soca meu nariz com a outra. A dor agora é diferente, menos como uma pontada e mais como um estalo soando em meu cérebro, pontilhando a minha visão com cores diferentes: azul, verde, vermelho. Tento afastá-lo com as mãos, estapeando seus braços, e ele me soca novamente, desta vez nas costelas. Meu rosto está molhado. Meu nariz está sangrando. Acho que estou suja de vermelho, mas estou tonta demais para olhar para baixo.

Ele me empurra e caio outra vez, arranhando as mãos no chão, piscando, mole, lenta e com calor. Eu tusso e me esforço para me levantar. Com a sala girando tão rápido ao meu redor, eu deveria continuar deitada no chão. Peter também gira em torno de mim; sinto-me como se estivesse no centro de um planeta que gira, onde a única coisa que continua parada sou eu. Algo atinge minhas costelas e quase desabo outra vez.

De pé, de pé. Vejo uma massa sólida na minha frente: um corpo. Soco com toda minha força, e minha mão atinge algo macio. Peter quase nem geme, e depois dá um tapa de mão aberta em meu ouvido, rindo enquanto recupera o fôlego. Ouço um zumbido e pisco para tentar expulsar as manchas negras que invadem meus olhos. Como elas foram parar dentro deles?

De relance, vejo Quatro empurrar a porta e sair da sala. Parece que não está mais interessado na luta. Ou talvez esteja indo descobrir o que está fazendo com que o mundo gire como um peão; eu também adoraria saber.

Meus joelhos cedem e sinto o chão frio contra minha bochecha. Algo atinge minha lateral com força e grito pela primeira vez, um berro agudo que parece pertencer a outra pessoa. Sinto outra pancada contra minha lateral, e não consigo ver mais absolutamente nada, nem o que está bem diante do meu nariz, e as luzes se apagam.

– Chega! – grita alguém.

E eu penso em *tudo* e *nada* ao mesmo tempo.

+ + +

Quando acordo, não sinto quase nada, mas o interior da minha cabeça está enevoado, como se estivesse recheado de bolas de algodão.

Sei que perdi a luta, e a única coisa que está amenizando minha dor também está fazendo com que seja difícil pensar com clareza.

– Seu olho já está roxo? – pergunta alguém.

Abro um olho. O outro permanece fechado como se estivesse colado. Will e Al estão sentados à minha direita; Christina está sentada na cama com um saco de gelo encostado em seu queixo.

– O que aconteceu com o seu rosto? – digo. Meus lábios não me obedecem direito e parecem grandes demais.

Christina solta uma risada.

– Olha quem está falando. Você quer que a gente arrume um tapa-olho pra você?

– Bem, já sei o que aconteceu com meu rosto – digo. – Eu estava lá. Mais ou menos.

– Você realmente acabou de fazer uma *piada*, Tris? – diz Will, sorrindo. – A gente deveria te dar analgésicos mais vezes, se isso fizer com que você vire uma piadista. Ah, e respondendo a sua pergunta, fui eu que espanquei a Christina.

– Não acredito que você não conseguiu derrotar o Will – diz Al, balançando a cabeça.

– Que foi? Ele é *bom* – diz ela, dando de ombros. – Além do mais, acho que finalmente descobri o que devo fazer para parar de perder. Só preciso evitar que as pessoas soquem meu queixo.

– Você não acha que já deveria ter se dado conta disso há um tempo? – Will pisca para ela. – Agora eu sei por que você não pertence à Erudição. Você

não é das mais espertas, não é?

— Você está se sentindo bem, Tris? — pergunta Al. Seus olhos são castanho-escuros, quase a mesma cor da pele de Christina. Seu queixo parece áspero, e ele provavelmente teria uma barba grossa se não a raspasse. É difícil de acreditar que tenha apenas dezesseis anos.

— Sim — digo. — Só queria poder ficar aqui para sempre para nunca mais precisar ver a cara do Peter.

Mas a verdade é que não sei onde estamos. É uma sala grande e estreita, com uma fileira de camas em cada lado. Algumas das camas contam com cortinas que as separam das outras. No lado direito da sala, há uma cabine de enfermeira. Deve ser o local onde os membros da Audácia vêm quando estão doentes ou machucados. A mulher na cabine olha para nós e segura uma prancheta. É a primeira vez que vejo uma enfermeira com tantos brincos na orelha. Alguns membros da Audácia devem se candidatar para exercer funções que tradicionalmente seriam entregues a outras facções. Afinal de contas, não faria sentido que os membros da Audácia fossem até o hospital da cidade sempre que um deles se machuca.

Eu tinha seis anos quando visitei um hospital pela primeira vez. Minha mãe tinha escorregado na calçada em frente à nossa casa e quebrara o braço. Ao ouvi-la gritar, caí em prantos, mas Caleb apenas saiu correndo para chamar nosso pai sem dizer uma palavra. No hospital, uma mulher da Amizade, vestindo uma camisa amarela e com unhas impecáveis, aferiu a pressão da minha mãe e alinhou seu osso enquanto sorria.

Lembro-me de que Caleb disse à minha mãe que a fratura demoraria apenas um mês para sarar, pois era superficial. Pensei que ele estivesse apenas tranquilizando-a, já que é isso que as pessoas altruístas fazem, mas agora me pergunto se ele não estava repetindo algo que estudou; se todas as suas tendências à Abnegação não eram apenas traços disfarçados da Erudição.

— Não se preocupe com o Peter — diz Will. — Pelo menos ele vai acabar apanhando do Edward, que estuda combate direto desde que tínhamos dez

anos de idade. Por pura diversão.

— Que bom — responde Christina. Ela confere o relógio. — Acho que estamos perdendo o jantar. Você quer que a gente fique aqui, Tris?

Eu balanço a cabeça.

— Estou bem.

Christina e Will se levantam, mas Al faz um sinal para que eles sigam sem ele. Ele tem um cheiro diferente, adocicado e fresco, parecido com sálvia e erva cidreira. Quando se revira na cama à noite, sinto o cheiro no ar e sei que está tendo um pesadelo.

— Só queria falar que você perdeu o comunicado do Eric. Nós vamos a uma excursão amanhã até a cerca, para aprender sobre as profissões da Audácia — diz ele. — Precisamos estar no trem às 8h15.

— Tudo bem — respondo. — Obrigada.

— Não ligue para o que a Christina diz. Seu rosto não está feio. — Ele sorri um pouco. — Quer dizer, está bonito. Está sempre bonito. Quer dizer, você está com uma aparência corajosa. Como um membro da Audácia.

Seus olhos fitam os meus de relance, e ele coça a parte de trás da cabeça. O silêncio parece crescer entre nós. Foi legal ele ter dito aquilo, mas age como se suas palavras tivessem outros significados. Espero que não. Eu não conseguiria sentir atração pelo Al; não conseguiria sentir atração por alguém tão frágil. Abro o sorriso mais largo que minha bochecha machucada permite, esperando que a tensão se dissipe.

— É melhor eu deixar você descansar — diz ele. Levanta-se para ir embora, mas antes que ele parta, eu o agarro pelo pulso.

— Al, você está bem? — pergunto. Ele olha para mim sem entender. — Quer dizer, está ficando mais fácil?

— É... — Ele dá de ombros. — Um pouco.

Al solta a mão da minha e a enfia no bolso. A pergunta deve tê-lo deixado envergonhado, porque nunca o havia visto tão vermelho. Se eu passasse as

noites chorando no travesseiro, também ficaria envergonhada. Quando choro, pelo menos sei disfarçar.

— Perdi para o Drew. Depois que você lutou contra o Peter. — Ele olha para mim. — Deixei que ele me batesse algumas vezes, depois caí e não me levantei. Mesmo sendo capaz de me levantar. Calculo... calculo que, se venci do Will, mesmo que perca o resto, não ficarei em último lugar, e não terei que machucar mais ninguém.

— É realmente isso o que você quer?

Ele olha para o chão.

— Eu simplesmente não consigo. Talvez isso signifique que sou um covarde.

— Não querer machucar as pessoas não faz de você um covarde — digo, porque sei que é a coisa certa a dizer, mesmo que não tenha certeza se realmente concordo com isso.

Por um instante, ficamos parados, encarando um ao outro. Talvez eu realmente concorde com o que falei. Se ele é um covarde, não é porque não gosta de sentir dor. É porque se recusa a agir.

Ele me olha de maneira triste, e diz:

— Você acha que nossas famílias vêm nos visitar? Dizem que as famílias dos transferidos nunca vêm no Dia da Visita.

— Não sei — digo. — Não sei se a visita deles seria boa ou ruim.

— Acho que seria ruim. — Ele faz que sim com a cabeça. — É, já é difícil o bastante como está. — Balança a cabeça mais uma vez, como se quisesse confirmar o que acabou de dizer, depois sai do quarto.

Em menos de uma semana, os iniciandos da Abnegação poderão visitar suas famílias pela primeira vez desde a Cerimônia de Escolha. Eles vão voltar para suas casas, sentar ao redor da mesa da sala e interagir com seus pais como adultos pela primeira vez.

Eu costumava esperar ansiosamente por esse dia. Costumava pensar a respeito do que diria a meus pais quando finalmente tivesse a permissão de

fazer perguntas na mesa de jantar.

Em menos de uma semana, os iniciandos nascidos na Audácia encontrarão suas famílias no fundo do Fosso ou no edifício de vidro sobre o complexo e farão o que quer que seja que os membros da Audácia fazem quando se reencontram. Talvez, revezem-se lançando facas nas cabeças uns dos outros. Não duvido nada.

E os iniciandos transferidos que tenham pais tolerantes o bastante poderão vê-los também. Suspeito que não será o meu caso. Não depois do grito de raiva do meu pai durante a cerimônia. Não depois que suas duas crianças se foram.

Se eu pelo menos pudesse ter dito a eles que sou uma Divergente e que estava confusa sobre o que escolher, talvez eles tivessem entendido. Talvez tivessem me ajudado a descobrir o que exatamente é um Divergente, qual é seu significado e por que é algo tão perigoso. Mas não confiei a eles este segredo, portanto, nunca saberei.

Cerro os dentes e as lágrimas enchem meus olhos. Estou cansada de tudo isso. Estou cansada das minhas lágrimas e da minha fraqueza. Mas não há muito o que eu possa fazer para impedir que elas venham.

Não sei bem se acabo caindo no sono ou não. Mais tarde, no entanto, escapo do quarto e volto para o dormitório. A única coisa pior do que deixar Peter me colocar em um hospital é deixar que ele me faça passar a noite lá.

CAPÍTULO ONZE

NA MANHÃ SEGUINTE, não ouço o despertador nem o barulho dos passos e das conversas dos outros iniciandos se arrumando. Acordo com Christina sacudindo meu ombro com uma mão e dando tapinhas na minha bochecha com a outra. Ela já está vestida com uma jaqueta preta, com o zíper fechado até o pescoço. Se ficou com hematomas da luta de ontem, a sua pele escura ajuda a escondê-los.

— Vamos — diz ela. — Hora de acordar.

Sonhei que Peter me amarrava em uma cadeira e me perguntava se eu era uma Divergente. Eu respondia que não, e ele me socava até que eu dissesse que sim. Acordei com as bochechas molhadas.

Tento dizer alguma coisa, mas só consigo soltar um gemido. Meu corpo dói tanto que mal consigo respirar. O fato de meus olhos estarem inchados do chororô de ontem também não ajuda. Christina me oferece a mão.

O relógio marca 8 horas. Devemos estar nos trilhos do trem às 8h15.

— Vou correr e arrumar alguma coisa para comermos de café da manhã. Apenas... arrume-se. Parece que você vai precisar de um tempinho — diz ela.

Eu solto um grunhido. Tentando não dobrar a cintura, enfio a mão na gaveta sob a cama à procura de uma camiseta limpa. Minha sorte é que Peter não está aqui para ver meu esforço. Depois que Christina deixa o dormitório, fico completamente sozinha.

Desabotoo a camisa e olho para a lateral do meu corpo, que está coberto de hematomas. Fico hipnotizada pelas cores por um instante: um tom claro de verde e outro escuro de azul e marrom. Eu me troco o mais rápido que consigo e deixo meu cabelo solto porque não consigo levantar os braços para prendê-lo.

Encaro meu reflexo no pequeno espelho na parede de fundo e o que vejo é uma estranha. Ela é loira como eu, com o rosto estreito como o meu, mas não há mais nenhuma outra semelhança entre nós. *Eu* não tenho o olho roxo, o lábio cortado e um hematoma no queixo. *Eu* não sou pálida como a neve. Esta pessoa não pode ser eu, embora ela se mova sempre que eu me movo.

Quando Christina retorna com um bolinho em cada mão, estou sentada na beirada da cama, olhando para meus tênis desamarrados. Precisarei inclinar-me para amarrar os cadarços. Fazer isso me causará dor.

Mas Christina apenas me entrega um dos bolinhos e agacha-se na minha frente para amarrar meus cadarços. Meu peito se enche de gratidão. É uma sensação terna, quase como uma dor. Talvez todos tenham um pouco de Abnegação dentro de si, mesmo que não saibam.

Bem, todos menos o Peter.

— Obrigada — digo.

— Bem, nunca chegaríamos a tempo se você tivesse que amarrá-los sozinha — diz ela. — Vamos. Você consegue comer e andar ao mesmo tempo, não consegue?

Apressamo-nos em direção ao Fosso. O bolinho é de banana com nozes. Minha mãe costumava cozinhar pães do mesmo sabor para dar aos sem-facção, mas eu nunca cheguei a experimentar. Já estava velha demais para ser mimada naquela época. Tento ignorar a pontada que sinto no estômago sempre que penso na minha mãe, enquanto sigo, meio caminhando e meio correndo, Christina, que parece ter esquecido que suas pernas são mais longas que as minhas.

Subimos a escada que leva do Fosso ao prédio de vidro acima e corremos até a porta de saída. Cada vez que meu pé toca o chão, sinto uma pontada de dor nas costelas, mas procuro ignorá-la. Alcançamos os trilhos bem na hora em que o trem está chegando, com seu apito tocando alto.

— Por que demoraram tanto? — Will grita, esforçando-se para ser ouvido sob o apito do trem.

— A Pernocas Curtas aqui se transformou em uma velha da noite para o dia — diz Christina.

— Ah, cala a boca! — respondo, um pouco chateada de verdade.

Quatro está na frente do grupo, tão perto dos trilhos que, se ele se mexesse três centímetros, o trem arrancaria seu nariz. Afasta-se para deixar algumas pessoas entrarem antes. Will tem dificuldade em entrar no vagão em movimento, caindo primeiro de barriga no chão e depois puxando suas pernas para dentro. Quatro agarra a barra de metal na lateral do vagão e salta para dentro com leveza, como se não tivesse quase dois metros de altura.

Corro lentamente ao lado do carro, contraindo o rosto, depois travo os dentes e seguro a barra de metal lateral. Isso vai doer um bocado.

Al segura meus dois braços e me levanta com facilidade para dentro do vagão. Sinto uma pontada de dor no lado do corpo, mas logo se dissipa. Vejo que Peter está atrás de Al, e minhas bochechas esquentam. Al estava apenas tentando ser gentil, por isso sorrio para ele, mas a verdade é que eu queria que as pessoas parassem de tentar ser tão gentis. Elas estão apenas dando mais oportunidades para que Peter zombe de mim.

— Você está se sentindo bem? — diz Peter, lançando-me um olhar de falsa compaixão, com os lábios rebaixados e as sobrancelhas viradas em um arco para cima. — Ou é a dor que está fazendo com que você faça essa... *Careta*?

Ele cai na gargalhada com a própria piada, e Molly e Drew começam a rir também. Molly ri de uma maneira feia, fazendo ruídos com o nariz e balançando os ombros, e Drew de maneira silenciosa, como se estivesse sofrendo de dor.

— Nossa, como você é esperto! — diz Will.

— É mesmo. Tem certeza de que você não pertence à Erudição, Peter? — diz Christina. — Fiquei sabendo que eles aceitam maricas.

Quatro, ao lado da porta, fala antes que Peter tenha a chance de responder:

— Será que vou ser obrigado a escutar essa lenga-lenga até chegarmos à cerca?

Todos ficam calados e Quatro volta-se novamente para a porta do vagão. Ele segura as barras de metal em ambos os lados, com os braços bem esticados, e inclina-se para a frente, fazendo com que a maior parte do seu corpo se projete para fora do trem, embora seus pés permaneçam fixos do lado de dentro. O vento faz com que sua camisa grude em seu peito. Tento ver a paisagem por onde estamos passando, atrás dele: um oceano de prédios abandonados e em ruínas, que se tornam menores à medida que o trem segue seu caminho.

De vez em quando, no entanto, meus olhos voltam-se novamente para Quatro. Não sei bem o que espero ou o que quero ver nele, se é que quero realmente ver alguma coisa. Mas acabo olhando-o automaticamente, sem pensar no que estou fazendo.

— O que você acha que está lá fora? — pergunto para Christina, acenando com a cabeça em direção à porta. — Quer dizer, além da cerca.

Ela dá de ombros.

— Um monte de fazendas, eu acho.

— Eu sei, mas... e além das fazendas? Do que estamos protegendo a cidade?

Ela balança os dedos em minha direção.

— De monstros!

Eu reviro os olhos.

— Até cinco anos atrás, nem havia guardas perto da cerca — diz Will. — Vocês se lembram da época em que a polícia da Audácia costumava patrulhar o setor dos sem-facção?

— Sim — digo. Também me lembro de que meu pai foi uma das pessoas que votou a favor da retirada da Audácia do setor dos sem-facção. Ele disse que os pobres não precisavam ser policiados; precisavam ser ajudados, e nós poderíamos ajudá-los. Mas prefiro não comentar a respeito disso agora, ou aqui. Este é um dos exemplos que a Erudição usa para tentar provar a incompetência da Abnegação.

— É verdade — diz ele. — Aposto que você os via toda hora.

— Por que você diz isso? — pergunto, em um tom excessivamente áspero. Não quero que me associem tanto com os sem-facção.

— Porque você tinha que passar pelo setor dos sem-facção para chegar à escola, não tinha?

— Você por acaso memorizou o mapa inteiro da cidade por pura diversão? — pergunta Christina.

— Claro — responde Will. — Você não?

Os freios do trem gritam e somos todos lançados para a frente à medida que o vagão perde velocidade. Fico feliz pelo tranco, pois ele me ajuda a levantar. Não há mais ruínas de prédios ao redor, apenas campos amarelos e trilhos. O trem para sob um toldo. Desço até a grama, apoiando-me na barra de metal para manter o equilíbrio.

Diante de mim, está uma cerca de metal, com arame farpado no topo. Ao caminhar um pouco, vejo que a cerca segue para além da minha visão, em uma linha perpendicular ao horizonte. Do outro lado da cerca, há uma aglomeração de árvores, a maior parte delas mortas, mas algumas ainda verdes. Guardas armados da Audácia também circulam pelo lado oposto.

— Sigam-me — diz Quatro. Mantenho-me perto de Christina. Embora não goste de admitir isso nem a mim mesma, sinto-me mais calma quando estou perto dela. Se Peter tentar mexer comigo, ela irá me defender.

Silenciosamente, repreendo a mim mesma por ser tão covarde. Os insultos de Peter não deveriam me incomodar, e eu deveria me concentrar em aprender a lutar melhor, e não na minha péssima performance na luta de ontem. Além disso, deveria tentar me defender sozinha, mesmo que isso fuja da minha capacidade, e não depender de outras pessoas para me proteger.

Quatro guia-nos até o portão, que tem a largura de uma casa, e bloqueia a estrada depredada que leva à cidade. Quando visitei esse local com minha família, ainda criança, seguimos em um ônibus pela estrada e além, até as

fazendas da Amizade, onde passamos o dia colhendo tomates e suando as camisas.

Sinto outra pontada no estômago.

— Caso vocês não fiquem entre os primeiros cinco colocados ao final da iniciação, provavelmente é aqui que irão parar — diz Quatro ao alcançar o portão. — Uma vez que tenham se tornado guardas na cerca, vocês terão alguma chance de subir de posição, embora seja difícil. Talvez consigam ser escolhidos para patrulhar as fazendas da Amizade, mas...

— Patrulhar para quê? — pergunta Will.

Quatro ergue um ombro.

— Acho que vocês vão descobrir se forem escolhidos. Mas, como eu estava dizendo, a maior parte das pessoas que se tornam guardas na cerca durante a juventude continua exercendo essa função. Se isso lhes servir de consolo, alguns deles insistem em que não é um trabalho tão ruim quanto as pessoas pensam.

— É verdade. Pelo menos não seríamos obrigados a dirigir ônibus e limpar a sujeira dos outros como os sem-facção — sussurra Christina no meu ouvido.

— Em qual colocação você ficou? — pergunta Peter para Quatro.

Embora eu não acreditasse que Quatro fosse responder, ele encara Peter de igual para igual e diz:

— Eu fiquei em primeiro.

— E você escolheu fazer *isso*? — Os olhos de Peter são grandes, redondos e verde-escuros. Pareceriam inocentes, se eu não soubesse o tipo de pessoa que ele é. — Por que você não escolheu um emprego governamental?

— Porque eu não queria um — diz Quatro em um tom moderado. Lembro-me do que ele falou no primeiro dia sobre trabalhar na sala de controle, onde a Audácia monitora a segurança da cidade. Para mim, é difícil imaginá-lo lá, rodeado de computadores. Para mim, seu lugar é a sala de treinamento.

Aprendemos sobre as profissões de cada facção na escola. As opções da Audácia são limitadas. Podemos vigiar a cerca ou trabalhar na segurança da cidade. Podemos trabalhar no complexo da Audácia, fazendo tatuagens, produzindo armas ou até mesmo lutando com outros da nossa facção como forma de entretenimento. Ou podemos trabalhar para os líderes da Audácia. A última opção parece ser a melhor para mim.

O único problema é que já estou em uma péssima colocação. Talvez até já me torne uma sem-facção no final do primeiro estágio.

Paramos perto do portão. Alguns guardas da Audácia olham para nós, mas não muitos. Eles estão ocupados demais abrindo os dois lados do portão, que é duas vezes mais alto e muitas vezes mais largo que eles, para liberar a passagem de um caminhão.

O motorista usa um chapéu e tem uma barba e sorri. Ele para o caminhão logo depois de passar no portão e desce. A caçamba do veículo é aberta e alguns outros membros da Amizade sentam-se nos caixotes de carga. Olho para os caixotes; eles contêm maçãs.

— Beatrice? — diz um menino da Amizade.

Minha cabeça gira quando ouço meu nome. Um dos membros da Amizade que está na parte de trás do caminhão se levanta. Ele tem cabelo loiro e encaracolado e um nariz familiar, largo na ponta e estreito na base. Robert. Tento me lembrar dele na Cerimônia de Escolha e a única coisa que me vem à mente é o som da batida do meu coração nos meus ouvidos. Quem mais se transferiu? Será que Susan também? Será que sobrou algum iniciando da Abnegação este ano? Se a Abnegação estiver em decadência, a culpa é nossa; a culpa é minha, do Robert e do Caleb. Minha. Tento afastar esse pensamento da minha cabeça.

Robert salta da caçamba do caminhão. Está usando uma camiseta cinza e uma calça jeans azul. Depois de um segundo de indecisão, ele se aproxima de mim e me envolve em seus braços. Eu endureço o corpo. A Amizade é a única

facção que se cumprimenta por abraços. Não movo um músculo até ele me soltar.

Seu sorriso se desfaz quando olha para mim novamente.

— Beatrice, o que aconteceu com você? O que aconteceu com seu rosto?

— Nada — digo. — É apenas o treinamento. Não é nada demais.

— *Beatrice*? — pergunta uma voz anasalada ao meu lado. Molly dobra os braços e solta uma risada. — É esse seu verdadeiro nome, Careta?

Eu a encaro.

— E você pensou que Tris fosse um apelido para quê?

— Ah, sei lá... fracote? — Ela leva a mão ao queixo. Se seu queixo fosse maior, talvez equilibrasse o tamanho do nariz, mas ele é sutil e quase se confunde com o pescoço. — Não, espera. *Isso* não começa com Tris. Mandei mal.

— Não há necessidade de hostilizá-la — afirma Robert tranquilamente. — Eu sou o Robert, e você?

— Sou alguém que não dá a mínima para o seu nome — diz ela. — Por que você não volta para o seu caminhão? Não devemos conversar com pessoas de outras facções.

— Por que você não cai fora daqui? — disparo.

— Tudo bem. Não quero atrapalhar você e seu namorado — ela diz. E se afasta sorrindo.

Robert me olha de maneira triste.

— Eles não parecem ser pessoas muito simpáticas.

— Alguns realmente não são.

— Você sabe que pode voltar para casa, não é? Tenho certeza de que a Abnegação abriria uma exceção para você.

— E por que você acha que eu quero voltar para casa? — pergunto, com o rosto quente. — Por acaso você acha que não dou conta disso aqui?

— Não é isso. — Ele balança a cabeça. — Não é que você não consiga, é que você não deveria precisar lidar com isso. Você deveria ser feliz.

— Foi isso o que eu escolhi. Não tem volta. — Olho para o caminhão atrás de Robert. Os guardas da Audácia já terminaram de revistá-lo. O homem barbado volta para o banco do motorista e bate a porta. — Além disso, Robert, o meu objetivo na vida não é apenas... ser feliz.

— Mas não seria bem mais fácil se fosse? — diz ele.

Antes que eu possa responder, ele coloca a mão em meu ombro, depois vira-se para voltar ao caminhão. Uma garota na caçamba carrega um banjo no colo. Ela começa a dedilhar o instrumento enquanto Robert puxa o corpo para dentro, e o caminhão começa a se movimentar, levando para longe a música do banjo e a voz trêmula da menina.

Robert acena em minha direção, e mais uma vez imagino outra vida possível para mim. Imagino-me na caçamba do caminhão, cantando com a garota, mesmo que nunca tenha cantado na vida, rindo enquanto desafino, escalando árvores para colher maçãs, sempre em paz e sempre segura.

Os guardas da Audácia fecham o portão e o trancam. A tranca fica do lado de fora. Mordo o lábio. Por que eles trancam o portão pelo lado de fora, e não pelo de dentro? Parece até que não querem evitar que algo entre, mas sim que nós saiamos.

Procuro afastar esse pensamento da cabeça. Isso não faz o menor sentido.

Quatro afasta-se da grade, onde estava conversando com uma guarda feminina com uma arma apoiada no ombro.

— Estou começando a achar que você tem uma tendência a fazer escolhas precipitadas — diz ele ao se aproximar de mim.

Eu cruzo os braços.

— Foi apenas uma conversa de dois minutos.

— Não acho que a duração da conversa torne-a menos precipitada. — Ele franze as sobrancelhas e encosta a ponta do dedo no canto do meu olho machucado. Jogo minha cabeça para trás, mas ele não tira a mão, apenas inclina a própria cabeça para trás e suspira. — Sabe, se você aprendesse a atacar primeiro, se sairia melhor.

— Atacar primeiro? — digo. — E como isso pode me ajudar?

— Você é rápida. Se você conseguir desferir alguns bons golpes antes que eles consigam entender o que está acontecendo, você poderia vencer. — Ele dá de ombros, e abaixa a mão.

— Fico surpresa que você saiba disso — digo, em um tom baixo —, já que saiu na metade da minha única luta.

— Eu não queria assistir àquilo — diz ele.

O que ele quer dizer com isso?

Ele limpa a garganta.

— Parece que o próximo trem já chegou. Hora de partir, Tris.

CAPÍTULO DOZE

EU ME REVIRO sobre o colchão e solto um suspiro. Faz dois dias que lutei com Peter, e meus hematomas estão ganhando um tom roxo azulado. Já me acostumei a sentir dores a cada movimento que faço, e por isso já consigo me mexer melhor, mas ainda estou longe de ficar boa.

Embora eu ainda esteja machucada, fui obrigada a lutar outra vez hoje. Por sorte, desta vez minha oponente foi Myra, que não conseguiria acertar um soco nem se alguém estivesse controlando seu braço. Consegui bater bastante nela nos primeiros dois minutos. Ela caiu e ficou tonta demais para se levantar. Eu deveria estar me sentindo triunfante, mas não há nenhum mérito em socar uma garota como a Myra.

No instante em que encosto a cabeça no travesseiro, a porta do dormitório se abre e um grupo de pessoas carregando lanternas invade o quarto. Levanto o tronco do colchão, quase batendo com a cabeça no estrado da cama de cima, e me esforço para ver o que está acontecendo em meio à escuridão.

— Todos de pé! — grita alguém. Uma lanterna ilumina o ambiente por trás de uma cabeça, fazendo com que os *piercings* brilhem. Eric. Ao redor dele, estão outros membros da Audácia, entre eles alguns que eu já vi no Fosso e outros que nunca vi antes. Quatro também está entre eles.

Seus olhos se voltam para os meus e me encaram. Eu os encaro de volta, sem perceber que todos os transferidos ao redor de mim estão levantando de suas camas.

— Ficou surda, Careta? — grita Eric. Sou arrancada de meu torpor e pulo para fora do cobertor. Felizmente, durmo inteiramente vestida, porque Christina está ao lado do nosso beliche usando apenas uma camiseta, com as

longas pernas à mostra. Ela dobra os braços e encara Eric. De repente, sinto que adoraria conseguir encarar alguém com tanta ousadia usando tão poucas roupas, mas sei que nunca serei capaz de fazer algo assim.

— Vocês têm cinco minutos para se trocar e nos encontrar nos trilhos — diz Eric. — Nós vamos fazer outra excursão.

Enfio os sapatos e saio correndo atrás de Christina em direção ao trem, contraindo o rosto de dor. Um pingo de suor escorre pela minha nuca à medida que subimos correndo as passagens da parede do Fosso, empurrando os membros que encontramos em nosso caminho. Eles não parecem surpresos por nos ver. Pergunto-me quantas pessoas correndo desesperadas eles veem por semana.

Chegamos logo depois dos iniciandos nascidos na Audácia. Há uma pilha escura ao lado dos trilhos. Em meio à escuridão, consigo distinguir alguns canos de armas e protetores de gatilho.

— Vamos *atirar* em alguma coisa? — Christina sussurra no meu ouvido.

Ao lado da pilha, há caixas de algo que parece munição. Aproximo-me para conferir uma das caixas, onde está escrito PAINTBALLS.

Nunca ouvi falar nisso, mas o nome já diz tudo. Solto uma risada.

— Todos peguem uma arma! — grita Eric.

Corremos em direção à pilha de armas. Como já estou mais perto, pego a primeira que vejo, que é pesada, mas não o bastante para me impedir de sustentá-la, além de uma caixa de *paintballs*. Enfio-a no bolso e penduro a arma nas costas, com a alça cruzando meu peito.

— Qual é a previsão de horário? — pergunta Eric a Quatro.

Quatro confere o relógio.

— Já está quase na hora. Será que você nunca vai conseguir decorar os horários dos trens?

— Para quê, se tenho você para memorizá-los por mim? — diz Eric, dando um empurrão no ombro de Quatro.

Um círculo de luz surge à minha esquerda, distante. Ele cresce à medida que se aproxima, iluminando a lateral do rosto de Quatro e criando uma sombra no vão sutil sob a maçã de seu rosto.

Quatro é o primeiro a embarcar no trem, e corro atrás dele, sem esperar Christina, Will e Al. Ele vira-se para trás enquanto acelero os passos ao lado do trem e estende a mão para mim. Agarro seu braço e ele me puxa para dentro. Até mesmo os músculos de seus antebraços são tesos e definidos.

Largo-o rapidamente, sem olhar para ele, e sento-me no outro lado do vagão.

Quando todo mundo já embarcou, Quatro se pronuncia.

— Nos dividiremos em dois times para um jogo de caça-bandeira. Cada time será composto igualmente de iniciandos nascidos na Audácia e transferidos. Um time sairá para esconder sua bandeira primeiro. Depois, será a vez do outro time. — O vagão balança, e Quatro segura a lateral da porta para manter o equilíbrio. — Isso é uma tradição da Audácia, portanto sugiro que a levem a sério.

— Qual será o prêmio para o time vencedor? — grita alguém.

— Este é o tipo de pergunta que alguém da Audácia nunca faria — diz Quatro, erguendo uma sobrancelha. — O prêmio será a vitória, é claro.

— Quatro e eu seremos os capitães dos seus times — diz Eric. Ele olha para Quatro. — Que tal dividirmos os transferidos primeiro?

Inclino a cabeça para trás. Se eles forem nos escolher, serei a última a ser chamada, tenho certeza.

— Você primeiro — diz Quatro.

Eric dá de ombros.

— Edward.

Quatro se apoia no batente da porta e acena com a cabeça. O luar faz com que seus olhos se acendam. Ele passa os olhos rapidamente pelos iniciandos transferidos e, sem hesitar, diz:

— Eu quero a Careta.

Risadas abafadas soam dentro do vagão. O calor se espalha pelas minhas bochechas. Não sei se devo ficar brava por estarem rindo de mim ou lisonjeada pelo fato de ele ter me escolhido primeiro.

— Você está tentando provar alguma coisa? — pergunta Eric, com seu tradicional sorriso de deboche. — Ou está apenas escolhendo os mais fracos para ter a quem culpar se você perder?

Quatro dá de ombros.

— É, por aí.

Brava. Devo ficar brava, com certeza. Franzo as sobrancelhas e olho para minhas mãos. Qualquer que seja a estratégia de Quatro, ela está pautada no fato de eu ser mais fraca que os outros iniciandos. Isso causa um gosto amargo em minha boca. Preciso provar que ele está errado. Realmente *preciso*.

— Sua vez — diz Quatro.

— Peter.

— Christina.

Isso complica minha estratégia. Christina não é um dos fracos. O que ele está planejando, afinal?

— Molly.

— Will — diz Quatro, roendo uma unha.

— Al.

— Drew.

— A última que sobrou é a Myra, então ela está no meu time — diz Eric. — Agora vamos aos iniciandos nascidos na Audácia.

Paro de prestar atenção depois disso. Se Quatro não está tentando provar alguma coisa por escolher os mais fracos, então o que será que está fazendo? Olho para cada pessoa escolhida por ele. O que temos em comum?

Quando eles chegam à metade dos iniciandos nascidos na Audácia, acho que começo a entender aonde ele quer chegar. Fora o Will e alguns outros, todos nós compartilhamos o mesmo tipo físico: ombros estreitos e

fisionomia magra. Todas as pessoas do time do Eric são largas e fortes. Ontem mesmo, Quatro disse que sou rápida. Todos nós seremos mais rápidos que os do time do Eric, o que provavelmente será uma vantagem no caça-bandeira. Embora eu nunca tenha jogado antes, sei que é uma brincadeira que exige muito mais rapidez do que força bruta. Cubro um sorriso com a mão. Eric é mais brutal, mas Quatro é mais esperto.

Eles terminam de escolher os times, e Eric sorri para Quatro.

— Seu time pode começar em segundo — diz Eric.

— Não preciso de nenhum favor seu — responde Quatro. Ele sorri discretamente. — Você sabe que não preciso que eles ganhem.

— Não, o que eu sei é que você perderá começando em primeiro ou em segundo — diz Eric, mordendo um dos *piercings* em seu lábio. — Você e seu time de fracotes podem começar em primeiro, então.

Todos nos levantamos. Al lança um olhar desamparado em minha direção e eu sorrio de volta, esperando transmitir-lhe alguma tranquilidade. Se algum de nós quatro tinha que parar no time do Eric, do Peter e da Molly, é melhor que tenha sido o Al. Eles não costumam implicar com ele.

O trem está prestes a descer ao nível do solo. Desta vez, estou determinada a cair em pé.

Quando estou prestes a pular, alguém empurra meu ombro com força, quase me lançando para fora do vagão. Não olho para trás para ver quem foi: Molly, Drew ou Peter, não importa. Antes que eles tentem me empurrar de novo, eu pulo. Desta vez, estou pronta para o impulso que o trem dá à minha queda, correndo um pouco para não o quebrar e ao mesmo tempo manter meu equilíbrio. Um prazer selvagem invade meu corpo e sorrio. É apenas um pequeno feito, mas faz com que me sinta da Audácia.

Uma das iniciandas nascidas na Audácia toca o ombro de Quatro e pergunta:

— Quando o seu time venceu, onde vocês esconderam a bandeira?

— Responder isso iria contra o espírito deste exercício, Marlene — diz ele de maneira casual.

— Fala para mim, Quatro — reclama ela, lançando um sorriso sedutor em sua direção. Ele afasta a mão dela do seu braço e, por algum motivo, isso me faz sorrir.

— No Navy Pier — grita outro iniciando nascido na Audácia. Ele é alto, com pele morena e olhos escuros. É bonito. — Meu irmão estava no time vencedor. Eles esconderam a bandeira no carrossel.

— Vamos para lá, então — sugere Will.

Ninguém se opõe, então seguimos para o leste, em direção ao pântano que costumava ser um lago. Quando eu era mais nova, costumava imaginar como devia ser o lago sem a cerca construída na lama para proteger a cidade. Mas tenho dificuldade em imaginar tanta água em um único lugar.

— Estamos perto da área da Erudição, não estamos? — pergunta Christina, esbarrando no ombro de Will.

— Sim, ela fica ao sul daqui — diz ele. Vira o rosto para o lado e, por um segundo, vejo que um olhar de saudade domina seu semblante. Mas logo depois se desfaz.

Devo estar a pouco mais de um quilômetro de distância do meu irmão. A última vez que estivemos tão perto foi há uma semana. Balanço a cabeça um pouco para afastar o pensamento. Não devo pensar nele hoje. Minha prioridade deve ser passar pelo primeiro estágio. Não devo pensar nele em dia nenhum.

Atravessamos a ponte. Ainda precisamos dela, porque a lama abaixo é molhada demais para pisar. Há quanto tempo será que o rio secou?

Depois da ponte, a cidade muda. Antes, a maioria das construções ainda estava em uso, e, mesmo as que não estavam, continuavam bem cuidadas. Diante de nós agora encontra-se um oceano de ruínas de concreto e vidros quebrados. O silêncio neste trecho da cidade é macabro; parece saído de um

pesadelo. É difícil enxergar meu caminho porque já passa da meia-noite e todas as luzes da cidade estão apagadas.

Marlene pega uma lanterna e ilumina a rua à nossa frente.

— Está com medo do escuro, Mar? — O iniciando da Audácia com olhos escuros debocha dela.

— Se você quiser pisar nos vidros quebrados, Uriah, fique à vontade — responde ela, nervosa. Mesmo assim, apaga a lanterna.

Já percebi que ser da Audácia, em parte, significa estar disposto a dificultar as coisas para si mesmo, para que você se torne uma pessoa autossuficiente. Vagar por ruas escuras sem uma lanterna não é algo particularmente corajoso, mas o fato é que nós não devemos depender de ajuda, nem mesmo da luz. Devemos ser capazes de encarar qualquer coisa.

Gosto disso, porque pode haver um dia em que não tenhamos uma lanterna, ou uma arma, ou alguém para nos guiar. E quero estar pronta para este dia.

Os prédios terminam um pouco antes do pântano. Uma faixa de terra se projeta para dentro da área alagadiça, e erguendo-se sobre ela há uma enorme roda branca com dezenas de compartimentos para passageiros pendurados em intervalos regulares. A roda-gigante.

— Vocês já pararam para pensar que as pessoas realmente andavam nessa coisa? Por pura *diversão* — diz Will, balançando a cabeça.

— Aposto que eles eram da Audácia — digo.

— É, mas uma versão mais fraquinha da Audácia. — Christina ri. — Uma roda-gigante da Audácia de verdade não teria carros. A pessoa simplesmente se penduraria pelas mãos, e seja o que Deus quiser.

Seguimos a lateral do píer. Todas as construções à minha esquerda estão vazias, com letreiros arrancados e janelas fechadas, mas é um tipo de vazio organizado. Quem quer que tenha deixado estes lugares foi embora por escolha própria, e não às pressas. Alguns lugares da cidade não são assim.

— Duvido de que você pule dentro do pântano — diz Christina para Will.

— Você primeiro.

Alcançamos o carrossel. Alguns dos cavalos estão arranhados e desgastados, com os rabos quebrados e as selas lascadas. Quatro tira a bandeira do bolso.

— Dentro de dez minutos, o outro time escolherá seu local — diz ele. — Sugiro que vocês usem esse tempo para bolar uma estratégia. Podemos não ser da Erudição, mas o preparo mental é um dos aspectos importantes do treinamento da Audácia. Há quem diga que é o mais importante.

Ele está certo. De que serve um corpo preparado se você tem uma mente confusa?

Will pega a bandeira da mão de Quatro.

— Algumas pessoas deveriam ficar aqui montando guarda enquanto as outras vão procurar a localização do outro time — diz Will.

— Nossa, você acha mesmo? — Marlene arranca a bandeira da mão de Will. — Quem disse que você está no comando, transferido?

— Ninguém — diz Will. — Mas alguém tem que estar.

— Talvez devêssemos desenvolver uma estratégia mais defensiva. Esperar que eles venham até nós e então acabar com eles — sugere Christina.

— Essa é uma solução para os maricas — diz Uriah. — Por mim, nós os atacamos com tudo o que temos. É só esconder bem a bandeira para eles não conseguirem encontrá-la.

De repente, todos começam a conversar ao mesmo tempo, falando cada vez mais alto. Christina defende o plano de Will; os iniciandos nascidos na Audácia preferem um plano mais ofensivo; todos discutem a respeito de quem deve tomar a decisão. Quatro senta-se na beirada do carrossel, apoiando-se contra o casco de plástico de um dos cavalos. Levanta os olhos para o céu, onde não há nenhuma estrela, apenas a lua redonda nos espreitando por uma fina camada de nuvens. Os músculos dos seus braços estão relaxados e ele descansa uma mão na nuca. Parece estar quase confortável, apoiando a arma sobre o ombro.

Fecho os olhos por um instante. Por que me distraio tão facilmente quando olho para ele? Preciso me concentrar.

O que eu diria se conseguisse gritar mais alto do que toda a discussão que está acontecendo atrás de mim? Não podemos agir até sabermos onde o outro time está. Eles podem estar em qualquer lugar em um raio de três quilômetros, embora eu saiba que o pântano não é uma possibilidade. A melhor maneira de os encontrarmos não é discutindo como devemos procurá-los ou quantas pessoas devem sair em busca deles.

A melhor maneira de encontrá-los é subindo no ponto mais alto possível.

Olho de relance para ter certeza de que ninguém está me vendo. Ninguém olha para mim, então caminho até a roda-gigante com passos leves e silenciosos, apertando a arma contra as costas com uma das mãos para evitar que faça barulho.

Ao olhar para o topo da roda-gigante, minha garganta aperta. Ela é mais alta do que eu pensava; tão alta que mal consigo ver os carros balançando no topo. A única coisa boa da sua altura é que é construída para aguentar peso. Se eu escalá-la, ela não vai desabar sob meus pés.

Meu coração bate mais rápido. Será que realmente devo arriscar minha vida por isso; para ganhar um jogo apreciado pelos integrantes da Audácia?

Olhando para as enormes e enferrujadas pilastras de sustentação da roda, identifico os degraus de uma escada de mão, embora mal consiga vê-los no escuro. Cada degrau tem apenas a largura dos meus ombros e não há qualquer grade para me proteger de uma queda, mas subir por uma escada ainda é melhor do que pelas armações de metal da roda.

Agarro um dos degraus. Ele está enferrujado e é fino, e parece que pode se desfazer em minha mão. Apoio o peso no degrau mais baixo para testá-lo e salto sobre ele, checando se consegue me sustentar. O movimento faz com que minhas costelas doam, e faço uma careta.

— Tris — diz uma voz grave atrás de mim. Não sei como não me assusto com ela. Talvez seja porque estou me adaptando à Audácia, e a prontidão

mental é algo que devemos desenvolver. Ou talvez seja porque a voz é grave, suave e quase tranquilizadora. Seja qual for o motivo, olho para trás. Quatro está atrás de mim com a arma presa às costas, da mesma maneira que a minha.

— Sim — digo.

— Eu vim aqui descobrir o que você acha que está fazendo.

— Estou procurando um lugar mais alto — respondo. — Não *acho* que eu esteja fazendo nada demais.

Vejo seu sorriso no escuro.

— Tudo bem. Eu vou junto.

Paro por um segundo. Ele não me olha da mesma maneira que Will, Christina e Al às vezes me olham, como se eu fosse pequena e fraca demais para ser útil, sentindo pena de mim por isso. Mas se insiste em vir comigo, deve ser porque duvida da minha capacidade.

— Eu vou ficar bem — digo.

— Não tenho dúvidas disso — responde ele. Embora não pareça ter falado de maneira sarcástica, suspeito dele. Só pode ter sido sarcasmo.

Começo a subir a escada e, quando já estou a alguns metros do chão, ele me segue. Move-se mais rápido do que eu, e logo suas mãos seguram os degraus onde meus pés acabaram de pisar.

— Então, me diga... — sussurra ele à medida que subimos. Ele parece estar sem fôlego. — Qual você acha que é o objetivo deste exercício? Refiro-me ao jogo, não à escada.

Olho para o concreto abaixo de nós. Ele já parece bem longe, mas ainda não subi nem um terço do caminho. Acima de mim há uma plataforma, logo abaixo do centro da roda. Concentro-me em chegar até lá. Nem penso em como vamos descer depois. A brisa que soprava contra o meu rosto agora bate forte contra a lateral do meu corpo. Quanto mais alto subirmos, mais forte ela ficará. Preciso estar preparada.

— Aprender táticas de estratégia — digo. — Ou talvez de trabalho em equipe.

— Trabalho em equipe — repete ele. Uma risada chia em sua garganta. Parece uma respiração nervosa.

— É, talvez não — digo. — O trabalho em equipe não parece ser uma prioridade na Audácia.

O vento aperta. Aproximo-me da pilastra branca para evitar uma queda, mas isso dificulta a subida. Abaixo de mim, o carrossel parece pequeno. Mal consigo ver minha equipe sob a tenda. Alguns deles não estão mais lá; devem ter sido enviados em uma equipe de busca.

— Deveria ser uma prioridade, sim. Costumava ser — diz Quatro.

Mas não estou escutando muito bem, porque a altura está me deixando tonta. Minhas mãos doem de tanto segurar os degraus e minhas pernas estão tremendo, mas não sei bem o motivo. Não é a altura que me assusta; ela faz com que me sinta viva e cheia de energia, com cada órgão e veia e músculo do meu corpo soando no mesmo tom.

De repente, percebo o que está me deixando tonta. É ele. Algo nele faz com que me sinta prestes a despencar. Ou derreter. Ou arder em chamas.

Minha mão quase erra o degrau seguinte.

— Agora me diz... — pede ele, em meio a uma respiração ofegante — ...qual você acha que é a conexão entre o aprendizado de estratégia e a... coragem?

Sua pergunta me lembra de que ele é meu instrutor e que devo aprender algo com esta experiência. Uma nuvem passa em frente à lua e sua luz refletida em minha mão se transforma.

— A estratégia... nos prepara para agir — digo finalmente. — Aprendemos estratégia para que possamos usá-la.

Ouço-o respirar atrás de mim, rápido e alto.

— Você está bem, Quatro?

— Você é *humana*, Tris? A uma altura destas... — Ele puxa o ar com força. — Você não está nem um pouco assustada?

Olho para trás, para o chão abaixo de nós. Se eu cair agora, morrerei. Mas não acredito que vou cair.

Uma rajada de vento bate contra o lado esquerdo do meu corpo, jogando o meu peso para a direita. Perco o fôlego e aperto os degraus, desequilibrando-me. A mão fria de Quatro segura o lado do meu quadril, e um dos seus dedos encosta em uma parte exposta de pele logo abaixo da minha camiseta. Ele me aperta, ajudando-me a me equilibrar novamente e me empurrando suavemente para a esquerda.

Agora *eu* é que não consigo respirar. Fico parada, olhando para minhas mãos, com a boca seca. Sinto a presença de sua mão que já não encosta mais em mim, de seus dedos longos e estreitos.

— Você está bem? — pergunta ele calmamente.

— Sim — respondo, com a voz falha.

Retomo a subida, em silêncio, até alcançar a plataforma. A julgar pelas pontas quebradas de barras de metal, a plataforma costumava contar com uma grade de proteção, mas agora não há mais nada. Eu me sento no chão e me arrasto até o canto, para que Quatro também tenha espaço para se sentar. Sem pensar, deixo as pernas balançarem da beirada. Quatro, no entanto, agacha-se e aperta as costas contra a pilastra de metal, respirando com dificuldade.

— Você tem medo de altura — digo. — Como você consegue sobreviver no complexo da Audácia?

— Eu ignoro o medo — diz ele. — Ao tomar decisões, finjo que ele não existe.

Eu o encaro por um instante. Não consigo evitar. Para mim, há uma diferença clara entre alguém que não tem medo e alguém que toma atitudes, apesar do medo, como ele.

Estou encarando-o há mais tempo do que deveria.

— O que foi? — diz ele calmamente.

— Nada.

Desvio o olhar e fito a cidade. Preciso me concentrar. Há um motivo pelo qual subi até aqui.

A cidade está mergulhada no breu, mas, mesmo que não estivesse, não conseguiria enxergar muito longe. Há um prédio bloqueando minha visão.

— Não estamos alto o bastante — digo. Olho para cima. Sobre minha cabeça, há um emaranhado de barras brancas, formando as armações da roda. Se eu subir com cuidado, posso apoiar o pé entre os suportes e as barras laterais e me manter segura. Ou pelo menos o mais segura possível.

— Vou subir — digo, levantando-me. Seguro uma das barras acima de mim e puxo o corpo para cima. Pontadas de dor castigam meus machucados, mas eu as ignoro.

— Pelo amor de Deus, Careta — diz ele.

— Você não precisa me seguir — respondo, estudando o labirinto de barras de metal acima de mim. Enfio o pé no encontro entre duas barras e me propulsiono mais para o alto, segurando outra barra mais adiante. Meu corpo balança por um instante, fazendo com que o coração bata com tanta força que não consigo sentir mais nada. Todos os meus pensamentos se concentram nas batidas do meu coração e movem-se no mesmo ritmo.

— Preciso, sim — diz ele.

O que estou fazendo é loucura, e tenho consciência disso. Qualquer erro, por menor que seja, ou qualquer segundo de hesitação, e minha vida já era. Um calor rasga meu peito e eu sorrio ao agarrar a barra seguinte. Puxo meu peso, com os braços tremendo, e me esforço para erguer a perna até que consiga apoiá-la em outra barra. Quando sinto que estou equilibrada, procuro Quatro abaixo de mim. Mas, em vez de vê-lo, olho diretamente para o chão.

Perco o fôlego.

Imagino meu corpo desabando, chocando-se contra as barras durante a queda, e vejo os membros do meu corpo em ângulos quebrados no concreto, como os da irmã da Rita quando não conseguiu alcançar o telhado do prédio. Quatro segura uma barra com cada mão e puxa o corpo para cima com facilidade, como se estivesse apenas se levantando da cama. Mas ele não está

confortável ou à vontade aqui; todos os músculos dos seus braços estão tensos. É idiotice pensar nisso quando estamos a trinta metros do chão.

Agarro outra barra e acho outro lugar para apoiar o pé. Ao olhar para a cidade novamente, vejo que o prédio já não está mais no caminho. Estou alto o bastante para ver os outros prédios no horizonte. A maior parte deles é negra contra o azul-escuro do céu, mas consigo ver as luzes vermelhas acesas sobre o Eixo. Elas piscam duas vezes mais devagar do que o ritmo do meu coração.

Sob os prédios, as ruas parecem túneis. Durante alguns segundos, vejo apenas um tapete negro cobrindo o terreno abaixo, com pequenas diferenças entre os prédios, o céu, as ruas e o chão. De repente, percebo uma pequena luz trepidando no chão.

— Está vendo aquilo? — digo, apontando para o local.

Quatro para de escalar ao alcançar as barras de metal logo atrás de mim e olha para o local que eu aponto, aproximando o queixo da minha cabeça. Sinto sua respiração na minha orelha e fico trêmula novamente, como me senti ao subir a escada.

— Estou — diz ele. Ele abre um sorriso. — Está vindo do parque no final do píer. Faz sentido. O local é cercado por campo aberto, mas as árvores oferecem alguma camuflagem. Mas parece que não o suficiente.

— Ótimo — digo. Olho para o seu rosto atrás de mim. Estamos tão perto um do outro que esqueço onde estou; reparando apenas que os cantos da sua boca são naturalmente reclinados, assim como os meus, e que ele tem uma cicatriz no queixo. — Bem... — Limpo a garganta. — Comece a descer. Seguirei você.

Quatro acena com a cabeça e começa a descer. Sua perna é tão longa que ele encontra rapidamente um apoio para o pé, passando o corpo entre as barras. Mesmo na escuridão, percebo que suas mãos estão muito vermelhas e trêmulas.

Desço um dos meus pés, apoiando o peso sobre uma das barras laterais. A barra range e se solta, chocando-se ruidosamente contra várias outras barras no caminho antes de quicar no chão de concreto. Fico pendurada nas barras, com os pés balançando no ar. Solto um arquejo abafado.

— Quatro!

Tento encontrar outro apoio para o meu pé, mas a barra mais próxima fica a mais de um metro de distância e não consigo alcançá-la. Minhas mãos estão suadas. Lembro-me de quando as enxuguei nas calças antes da Cerimônia de Escolha, antes do teste de aptidão, antes de cada momento importante, e reprimo um grito. Vou cair. Vou cair.

— Segure firme! — grita ele. — Apenas segure firme, que eu tenho uma ideia.

Ele continua a descer. Está indo para o lado errado; deveria estar vindo na minha direção, e não se afastando de mim. Olho para minhas mãos, que estão agarradas à estreita barra de metal com tanta força que as juntas dos meus dedos estão brancas. Já meus dedos estão vermelho-escuros, quase roxos. Eles não vão aguentar muito tempo.

Eu não vou aguentar muito tempo.

Fecho os olhos com força. É melhor não olhar. É melhor fingir que nada disso está acontecendo. Ouço o som do tênis de Quatro contra as barras de metal, depois seus pés descendo rapidamente os degraus da escada.

— Quatro! — grito. Talvez ele tenha ido embora. Talvez tenha me abandonado. Talvez esteja testando a minha força, a minha coragem. Puxo o ar pelo nariz e solto-o pela boca. Conto a quantidade de vezes que respiro para tentar manter a calma. Um, dois. Para dentro, para fora. No entanto, a única coisa que consigo pensar é: *Vamos, Quatro! Vamos, faça alguma coisa.*

De repente, ouço algo chiando e estalando. A barra que seguro treme e solto um grito por entre meus dentes cerrados, e me esforço para me segurar.

A roda está se movendo.

O ar envolve meus calcanhares e meus pulsos à medida que o vento começa a se mover para cima, como em um gêiser. Abro os olhos. Estou me movendo em direção ao chão. Começo a rir, tonta de histeria, à medida que o chão se aproxima cada vez mais de mim. Mas a roda-gigante está acelerando. Se eu não soltar a barra na hora certa, os carros e a estrutura de metal vão arrastar meu corpo junto com eles, e então realmente morrerei.

Todos os músculos do meu corpo tensionam à medida que acelero em direção ao chão. Quando já estou perto o bastante para ver as rachaduras na calçada, solto a barra de metal e meus pés se chocam contra o asfalto. Minhas pernas desmontam sob o peso da queda e trago os braços para junto do corpo, rolando para o lado o mais rápido que consigo. O cimento arranha meu rosto, e me viro bem a tempo de ver um dos carros descendo em minha direção, como um gigantesco sapato que está prestes a me esmagar. Rolo o corpo para o lado novamente e a parte de baixo do carro apenas esbarra no meu ombro.

Estou salva.

Cubro o rosto com as mãos. Não tento me levantar. Sei que apenas desabaria novamente se tentasse. Ouço passos, e as mãos de Quatro envolvem meus pulsos. Deixo que ele afaste minhas mãos do rosto.

Ele aninha perfeitamente uma das minhas mãos entre as suas. O calor da sua pele se sobrepõe à dor que sinto nos dedos, depois de segurar a barra de metal por tanto tempo.

— Você está bem? — pergunta, apertando sua mão contra a minha.

— Estou.

Ele começa a rir.

Um segundo depois, eu começo a rir também. Com a mão livre, empurro meu corpo para cima e me sento. Percebo a enorme proximidade entre nós, de no máximo quinze centímetros. O espaço parece carregado de eletricidade, e sinto que deveríamos estar ainda mais perto um do outro.

Ele se levanta, puxando-me para cima. A roda ainda está girando, criando uma corrente de vento que joga meu cabelo para trás.

— Você podia ter me falado que a roda-gigante ainda estava funcionando — digo. Tento falar de maneira tranquila. — Não precisaríamos nem ter escalado.

— Eu teria dito, se eu soubesse — assegura ele. — Não podia deixar você pendurada lá daquele jeito, então arrisquei. Vamos, está na hora de roubar a bandeira deles.

Quatro hesita por um instante, depois segura meu braço, pressionando com as pontas dos dedos a parte interna do meu cotovelo. Em qualquer outra facção, me seria dado um tempo para me recuperar, mas ele é da Audácia, então apenas sorri para mim e segue em direção ao carrossel, onde os membros da nossa equipe estão guardando a bandeira. Eu corro ao seu lado, mancando. Ainda me sinto fraca, mas minha mente está desperta, especialmente com sua mão me segurando dessa maneira.

Christina está sentada em um dos cavalos, suas longas pernas cruzadas e a mão segurando a barra que sustenta o animal de plástico. Outros três iniciandos nascidos na Audácia estão entre os animais gastos e sujos. Um deles apoia a mão na cabeça de um dos cavalos, e o olho arranhado do animal me encara por trás de seus dedos. Uma menina mais velha da Audácia está sentada na beirada do carrossel e coça a sobrancelha, perfurada por três *piercings*, com o dedão.

— Onde foram parar os outros? — pergunta Quatro.

Ele parece estar tão animado quanto eu e seus olhos arregalados estão radiando.

— Vocês ligaram a roda-gigante? — diz a garota mais velha. — O que diabos vocês pensam que estão fazendo? Por que não gritam logo, *Olhem para cá! Estamos aqui!* — Ela balança a cabeça. — Se eu perder outra vez este ano, será vergonhoso demais. Perder três anos seguidos?

— A roda-gigante não importa — diz Quatro. — Nós sabemos onde eles estão.

— Nós? — pergunta Christina, desviando o olhar de Quatro para mim.

— É, enquanto todos vocês estavam de bobeira, Tris escalou a roda-gigante para procurar o outro time — explica ele.

— E o que faremos agora, então? — pergunta um iniciando nascido na Audácia, em meio a um bocejo.

Quatro olha para mim. Lentamente, os olhos dos outros iniciandos, incluindo os de Christina, migram dele para mim. Eu tensiono os ombros, quase os levantando para dizer que não sei, e então uma imagem do píer estendido diante de mim me vem à mente. Tenho uma ideia.

— Vamos nos separar em dois grupos — digo. — Quatro de nós para o lado direito do píer, e três para o lado esquerdo. O outro time está no parque no final do píer, então o grupo de quatro pessoas ataca enquanto o de três passa escondido por trás deles para pegar a bandeira.

Christina olha para mim como se não me reconhecesse mais. Eu compreendo seu olhar.

— Parece um bom plano — afirma a garota mais velha, batendo uma mão contra a outra. — Então, vamos acabar logo com isso?

Christina se junta a mim no grupo que vai pela direita, assim como Uriah, que tem um sorriso branco, contrastando com sua pele bronzeada. Não havia percebido antes, mas ele tem uma cobra tatuada no pescoço. Observo por um instante como a cauda do animal se enrosca ao redor do lóbulo de sua orelha, mas então Christina começa a correr e sou obrigada a segui-la.

Preciso correr duas vezes mais rápido para conseguir equiparar meus passos curtos aos dela. Ao correr, me dou conta de que apenas um de nós conseguirá tocar na bandeira, e não importará que foi o meu plano e as minhas informações que nos levaram até ela se eu não conseguir pegá-la primeiro. Embora já esteja respirando com dificuldade, começo a correr

mais rápido e quase alcanço Christina. Puxo a arma para a frente do corpo e coloco o dedo sobre o gatilho.

Alcançamos o final do píer e fecho a boca com força para silenciar minha respiração pesada. Corremos mais devagar para que nossos passos não soem tão alto, e procuro a luz trepidante que vi do alto da roda-gigante. Daqui do chão, ela é maior e mais fácil de encontrar. Aponto para ela e Christina acena com a cabeça, liderando o caminho em sua direção.

De repente, escuto um coro de vozes gritando, tão alto que me faz sair do chão. Ouço as lufadas de ar das bolas de tinta sendo disparadas e explodindo ao se chocarem contra seus alvos. Nosso time atacou e o outro time contra-ataca, deixando sua bandeira praticamente desprotegida. Uriah mira e atinge a coxa da última pessoa que guarda a bandeira, uma garota baixinha de cabelo roxo, que joga a arma no chão em um ataque de raiva.

Acelero a corrida para alcançar Christina. A bandeira está pendurada em um galho de árvore bem mais alto do que eu. Tentamos alcançá-la.

— Vamos lá, Tris — diz ela. — Você já salvou o dia. E sabe que não vai conseguir alcançá-la, de qualquer maneira.

Ela me olha de uma maneira paternalista, como as pessoas às vezes olham as crianças que cismam em agir como adultas, e arranca a bandeira do galho. Sem olhar para mim, ela se vira e dá um grito de vitória. A voz de Uriah junta-se à dela, depois ouço um coro de gritos a distância.

Uriah bate em meu ombro, e tento não me lembrar do olhar que Christina lançou sobre mim. Talvez ela esteja certa; eu já provei minha capacidade hoje. Não quero ser egoísta; não quero ser como o Eric, com medo da potencialidade dos outros.

Os gritos de triunfo se espalham, e levanto a voz para participar também, correndo em direção a meus companheiros de equipe. Christina levanta a bandeira no ar, e todos se amontoam a seu redor, segurando o seu braço para erguer a bandeira ainda mais alto. Não consigo alcançá-la, então me afasto, sorrindo.

Uma mão toca meu ombro.

– Bom trabalho – diz Quatro calmamente.

+ + +

– Não acredito que não a encontrei primeiro! – diz Will mais uma vez, balançando a cabeça. O vento que entra pela porta do trem bagunça seu cabelo.

– Você estava exercendo a função importantíssima de não nos atrapalhar – fala Christina, radiante.

Al lamenta:

– Por que eu tinha que ficar no outro time?

– Porque a vida não é justa, Albert. E o mundo está conspirando contra você – diz Will. – Ei, posso ver a bandeira outra vez?

Peter, Molly e Drew sentam-se de frente para os membros da Audácia, em um canto. Seus peitos e costas estão manchados com tinta azul e rosa, e eles parecem bem abatidos. Conversam silenciosamente, olhando de soslaio para as outras pessoas no trem, especialmente para Christina. Esse é o lado bom de não estar segurando a bandeira agora: não sou o alvo de ninguém. Pelo menos, não mais do que o normal.

– Então você subiu mesmo na roda-gigante? – diz Uriah. Ele atravessa o vagão, tropeçando levemente com o balanço do trem pelo caminho, e senta-se ao meu lado. Marlene, a garota com o sorriso sedutor, o segue.

– Sim – confirmo.

– Você foi bem esperta. Esperta tipo... alguém da Erudição – diz Marlene. – Eu sou Marlene.

– Tris – respondo.

De onde venho, ser comparado com alguém da Erudição seria um insulto, mas seu tom é de elogio.

– É, eu sei quem você é – diz ela. – É difícil se esquecer da primeira a pular.

Parece que se passaram anos desde que pulei do telhado de um prédio vestida com meu uniforme da Abnegação; parece que se passaram décadas.

Uriah tira uma das bolas de tinta de sua arma e a espreme entre o polegar e o indicador. O trem dá um tranco para a esquerda e Uriah cai sobre mim, seus dedos esmagando a bola de tinta até que um jato rosa e malcheiroso atinge meu rosto.

Marlene cai no chão e começa a rir. Limpo um pouco da tinta com a mão, lentamente, e a esfrego na bochecha dele. O cheiro de óleo de peixe se espalha pelo vagão.

— Eca! — Ele aperta a bola na minha direção outra vez, mas a abertura está do lado errado, e a tinta espirra em sua boca. Tosse e faz barulhos exagerados, como se estivesse engasgando.

Limpo o rosto novamente com a manga da camisa, rindo tanto que meu estômago dói.

Se o resto da minha vida for assim, com gargalhadas, atos corajosos e o tipo de exaustão que você sente depois de um dia gratificante, serei uma pessoa feliz. Enquanto Uriah raspa a língua com as pontas dos dedos, eu me dou conta de que a única coisa que preciso fazer é conseguir passar na iniciação, e, então, poderei ter essa vida.

CAPÍTULO TREZE

NA MANHÃ SEGUINTE, ao me arrastar para dentro da sala de treinamento, bocejando, vejo um enorme alvo em um dos cantos e, ao lado da porta, uma mesa repleta de facas. Vamos praticar com alvos outra vez. Pelo menos esse tipo de exercício não dói.

Eric está no centro da sala, com a postura tão rígida que parece que alguém trocou sua espinha por uma vara de metal. Só de olhar para ele, sinto como se o ar da sala ficasse mais pesado, me oprimindo. Quando ele ficava apenas encostado contra a parede, eu podia pelo menos fingir que ele não estava presente. Hoje, não há como fazer isso.

— Amanhã será o último dia do primeiro estágio — diz Eric —, e vocês vão lutar novamente. Mas, hoje, aprenderão a mirar. Todos devem pegar três facas. — Sua voz está mais grave do que o normal. — E devem prestar atenção enquanto Quatro demonstra a técnica correta para lançá-las.

Ninguém se move, a princípio.

— Agora!

Todos correm para pegar as adagas. Elas não são tão pesadas quanto as armas de fogo, mas mesmo assim segurá-las não me parece algo natural, e sinto como se estivesse fazendo algo proibido.

— Ele está mal-humorado hoje — murmura Christina.

— Você já o viu de bom humor alguma vez? — sussurro de volta.

No entanto, entendo o que ela quer dizer. Pelo olhar envenenado que Eric lança disfarçadamente em direção a Quatro, dá para perceber que a derrota de ontem deve tê-lo incomodado mais do que deixou transparecer. Vencer o caça-bandeira é uma questão de honra, e é muito importante dentro da Audácia. Mais importante do que a razão e o bom-senso.

Observo o braço de Quatro enquanto ele lança as facas. Depois, observo sua postura. Ele acerta o alvo todas as vezes, soltando o ar dos pulmões sempre que solta a faca.

Eric grita as instruções:

— Formem uma fileira!

A pressa é inimiga da perfeição, penso. Minha mãe me ensinou isso quando eu estava aprendendo a tricotar. Preciso pensar nesta atividade como um exercício mental, e não físico. Por isso, decido passar os próximos minutos praticando sem a faca, procurando a postura correta, aprendendo o movimento de braço adequado.

Eric caminha em passos rápidos atrás de nós.

— Acho que a Careta levou pancadas demais na cabeça! — diz Peter, a algumas pessoas de distância de mim na fileira. — Ei, Careta! Você lembra o que é uma *faca*?

Ignorando-o, pratico o lançamento mais uma vez com a faca na mão, mas sem soltá-la. Abstraio os passos de Eric atrás de mim, os deboches de Peter e a sensação contínua de que Quatro está me observando, e lanço a faca. Ela gira em torno de si mesma no ar e bate contra a tábua. A navalha não prende no alvo, mas sou a primeira a acertá-lo.

Rio debochadamente quando Peter erra mais uma vez. Não consigo me conter.

— Ei, Peter — digo. — Você lembra o que é um *alvo*?

Ao meu lado, Christina também ri, e sua faca seguinte também atinge o alvo.

Meia hora depois, Al é o único iniciando que ainda não conseguiu acertá-lo. Suas facas caem ruidosamente no chão, ou quicam na parede. Enquanto todos nós nos aproximamos da tábua para recolher nossas armas, ele procura as dele no chão.

Quando tenta e erra mais uma vez, Eric marcha em sua direção e pergunta:

— Por que você é tão devagar, Franqueza? Precisa de óculos? Quer que eu traga o alvo mais para perto?

O rosto de Al enrubesce. Ele lança outra faca um pouco à direita do alvo. Ela gira no ar e bate contra parede.

— O que foi isso, iniciando? — pergunta Eric baixinho, inclinando-se sobre ele.

Eu mordo o lábio. Isso não vai ser legal.

— Ela... ela escorregou da minha mão — gagueja Al.

— Bem, então eu acho que você deveria ir buscá-la — diz Eric. Ele olha para os rostos dos outros iniciandos, que pararam de lançar suas facas, e pergunta:

— Eu falei para vocês pararem?

As facas começam a chocar-se contra a tábua novamente. Todos nós já vimos Eric nervoso, mas desta vez é diferente. Seu olhar é quase doentio.

— Ir buscá-la? — Os olhos de Al se arregalam. — Mas as outras pessoas ainda estão jogando.

— E?

— E eu não quero ser atingido.

— Acho que você pode confiar que seus colegas iniciandos terão uma mira melhor que a sua. — Eric sorri de leve, mas seus olhos permanecem cruéis. — Vá pegar a faca.

Al não costuma se opor às coisas que a Audácia nos obriga a fazer. Não acho que seja por medo; ele apenas sabe que seria uma atitude inútil. Desta vez, no entanto, Al trava os dentes. Ele chegou ao seu limite de obediência.

— Não — diz ele.

— Por que não? — Os olhos penetrantes de Eric encaram fixamente seu rosto. — Você está com medo?

— De ser atingido por uma faca voadora? — diz Al. — Sim, estou!

Seu erro é a honestidade, e não a recusa, que Eric poderia até ter aceitado.

— Parem todos! — Eric grita.

As facas todas param, assim como as conversas. Seguro minha pequena adaga com força.

— Saiam do ringue. — Eric volta novamente o olhar para Al. — Todos menos você.

Eu solto a adaga e ela cai no chão empoeirado com um ruído surdo. Sigo os outros iniciandos até o canto da sala, e eles se acotovelam na minha frente, ansiosos para ver a cena que está fazendo com que minhas entranhas se contorçam: o Al, encarando a ira de Eric.

— Fique em pé diante do alvo — diz Eric.

As mãos grandes de Al tremem. Ele caminha até o alvo.

— Ei, Quatro. — Eric olha para trás. — Você pode me dar uma força aqui?

Quatro coça uma de suas sobrancelhas com a ponta de uma faca e se aproxima de Eric. Ele está com olheiras escuras e a boca tensa, tão cansado quanto nós.

— Você vai ficar parado aí enquanto ele lança estas facas — Eric diz para Al —, até aprender a não se esquivar.

— Isso é realmente necessário? — pergunta Quatro. O tom de sua voz parece ser de tédio, mas ele não parece estar entediado. Seu rosto e seu corpo estão tensos, alertas.

Eu fecho minhas mãos em punhos e aperto-as com força. Não importa o quão natural pareça o tom de Quatro, a pergunta ainda é um desafio. E Quatro não costuma desafiar Eric diretamente.

A princípio, Eric encara Quatro em silêncio. Quatro o encara de volta. À medida que os segundos passam, cerro os punhos com tanta força que as unhas machucam as palmas das minhas mãos.

— A autoridade aqui é minha, lembra? — diz Eric, tão baixo que mal consigo ouvi-lo. — Aqui e em qualquer outro lugar.

O rosto de Quatro fica vermelho, embora sua expressão permaneça a mesma. Ele segura as facas com mais força e as juntas de seus dedos ficam brancas à medida que se vira em direção a Al.

Meus olhos passeiam dos olhos arregalados do Al para suas mãos trêmulas, depois para o rosto determinado de Quatro. A raiva ferve em meu peito e estoura da minha boca:

— Pare!

Quatro gira a faca em sua mão, seus dedos movendo-se com dificuldade pelo fio da navalha. Ele me olha de maneira tão dura que sinto como se seu olhar me transformasse em pedra. Eu sei por que ele me olha assim. Foi idiotice da minha parte me manifestar dessa maneira em frente ao Eric; seria idiotice me manifestar mesmo se ele não estivesse aqui.

— Qualquer panaca pode ficar em pé diante de um alvo — digo. — Isso não prova nada, apenas que você está nos intimidando. E, se lembro bem, intimidação é um sinal de *covardia*.

— Então seria fácil para você — diz Eric. — Se você estiver disposta a tomar o lugar dele, é claro.

A última coisa que eu quero agora é um alvo atrás de mim, mas já não posso voltar atrás. Nem me deixei nenhuma alternativa. Atravesso o grupo de iniciandos e alguém empurra meu ombro.

— Lá se vai sua carinha bonita — chia Peter. — Não, espera aí, sua cara nunca foi bonita.

Recupero o equilíbrio e caminho em direção a Al. Ele acena com a cabeça para mim. Tento sorrir de maneira encorajadora, mas simplesmente não consigo. Fico em pé diante da tábua, e minha cabeça nem alcança o centro do alvo, mas isso não importa. Olho para as facas que Quatro está segurando: uma em sua mão direita e duas na esquerda.

Minha garganta está seca. Tento engolir, depois olho para Quatro. Ele nunca é descuidado. Ele não vai me acertar. Ficarei bem.

Inclino o queixo para cima. Não me esquivarei. Se me esquivar, provarei ao Eric que isso não é tão fácil quanto falei que era; provarei que sou uma covarde.

— Se você se esquivar — diz Quatro, lentamente, cuidadosamente —, o Al toma seu lugar novamente. Entendeu?

Faço que sim com a cabeça.

Os olhos de Quatro ainda estão fixos nos meus quando ele levanta a mão, joga o ombro para trás e atira a faca. Vejo apenas uma mancha no ar, depois ouço um ruído seco. A faca está fincada na madeira, a cerca de quinze centímetros da minha bochecha. Fecho os olhos. Graças a Deus.

— E aí, Careta, já está pronta para sair daí? — pergunta Quatro.

Eu me lembro dos olhos arregalados de Al e de seus soluços abafados de noite e balanço a cabeça.

— Não.

— Abra os olhos, então. — Ele aponta o dedo para o ponto entre seus dois olhos.

Eu o encaro, apertando minhas mãos contra os lados do meu corpo para que ninguém veja que elas estão tremendo. Ele passa uma faca da sua mão esquerda para a direita, e a única coisa que vejo são seus olhos quando a faca atinge o alvo sobre a minha cabeça. Esta parou mais perto que a outra, e sinto sua presença sobre meu crânio.

— Vamos lá, Careta — diz ele. — Deixe que outra pessoa fique aí e aguente isso.

Por que ele está tentando me persuadir a desistir? Será que ele quer que eu falhe?

— *Cala a boca*, Quatro!

Prendo a respiração enquanto ele gira a última faca em sua mão. Vejo um brilho em seus olhos quando ele joga o braço para trás e solta a faca. Ela voa, certeira, em minha direção, girando no ar. Meu corpo endurece. Desta vez, quando ela finca na madeira, minha orelha arde e sinto o sangue em minha pele. Levo a mão à orelha. Ele me cortou.

E, pelo olhar que lança em minha direção, foi de propósito.

— Eu adoraria ficar aqui mais um pouco para ver se todos vocês são tão corajosos quanto ela — diz Eric, com uma voz mansa —, mas acho que por hoje é só.

Ele aperta meu ombro. Seus dedos parecem secos e frios, e se apodera de mim com seu olhar, como se estivesse tomando posse do que eu fiz. Não devolvo seu sorriso. O que fiz não tem nada a ver com ele.

— É melhor eu ficar de olho em você — diz ele.

Sinto um formigamento de medo dentro de mim, no meu peito, na minha cabeça e nas minhas mãos. Sinto como se a palavra DIVERGENTE estivesse tatuada na minha testa, e que, se ele olhasse para mim por tempo o bastante, pudesse vê-la. Mas ele apenas tira a mão do meu ombro e continua andando.

Quatro e eu ficamos para trás. Espero até que a sala fique vazia e a porta esteja fechada para olhar para ele novamente. Ele anda em minha direção.

— A sua... — Ele começa a falar.

— Você fez isso de *propósito*! — grito.

— Fiz — diz ele em um tom moderado. — E você deveria me agradecer pela ajuda.

Eu cerro os dentes.

— *Agradecer* a você? Você quase arrancou minha orelha e ainda passou o tempo todo me provocando. Por que eu deveria agradecer?

— Sabe, já estou ficando um pouco cansado de esperar que você acorde!

Ele me olha fixamente e, mesmo me encarando, seus olhos parecem pensativos. Eles são de um tom de azul peculiar, tão escuro que são quase pretos, com um pequeno pedaço de azul mais claro no canto da íris esquerda.

— Acordar? Acordar para quê? Para o fato de que você quer provar para o Eric o quão valentão você é? Ou que você é um sádico, igual a ele?

— Não sou um sádico. — Ele não grita. Eu preferiria que ele gritasse. Me assustaria menos. Ele aproxima o rosto do meu, lembrando-me de quando fiquei deitada a poucos centímetros das presas do cão nervoso durante o teste de aptidão, e diz:

– Se eu quisesse machucar você, não acha que já teria machucado?

Ele atravessa a sala e enfia a ponta da faca na mesa com tanta força que ela finca na madeira, com o cabo voltado para o teto.

– Eu... – Começo a gritar, mas ele já se foi. Solto um urro frustrado, e enxugo parte do sangue que escorre da minha orelha.

CAPÍTULO QUATORZE

HOJE É O dia anterior ao Dia da Visita. Penso no Dia da Visita da mesma maneira que penso no fim do mundo: nada depois dele importa. Tudo o que faço é um preparo para quando ele chegar. Talvez eu veja meus pais novamente. Talvez não. Qual seria a pior situação? Não sei dizer.

Tento vestir uma das pernas da calça, mas ela fica presa logo acima do meu joelho. Franzo as sobrancelhas e olho para minha perna. Uma saliência de músculos está impedindo que o tecido passe. Deixo que a calça caia no chão, depois olho para a parte de trás das minhas coxas, onde outro músculo sobressai.

Dou um passo para o lado e paro diante do espelho. Vejo músculos nos meus braços, pernas e barriga que não conseguia ver antes. Belisco o lado da minha cintura, onde uma pequena camada de gordura costumava indicar curvas que provavelmente cresceriam no futuro. Nada. A iniciação da Audácia secou toda a maciez do meu antigo corpo. Não sei se isso é bom ou ruim.

Pelo menos estou mais forte do que antes. Enrolo-me na toalha outra vez e saio do banheiro feminino. Espero que não haja ninguém no dormitório para me ver andando por aí assim, mas não posso usar aquelas calças.

Quando abro a porta do dormitório, um peso desaba sobre meu estômago. Peter, Molly, Drew e alguns outros iniciandos estão em um canto, rindo. Eles levantam as cabeças quando entro e começam a rir de mim. O riso anasalado de Molly é o mais alto de todos.

Caminho até meu beliche, tentando fingir que eles não estão lá, e remexo a gaveta sob minha cama procurando o vestido que Christina me obrigou a comprar. Com uma mão prendendo a toalha e outra segurando o vestido, eu me levanto, e Peter está bem atrás de mim.

O susto faz com que eu salte, quase batendo a cabeça contra o beliche de Christina. Tento me espremer para passar, mas ele bate com a mão contra a beirada da cama, bloqueando a passagem. Eu deveria ter adivinhado que eles não me deixariam em paz tão facilmente.

— Eu ainda não havia percebido que você é tão magricela, Careta.

— Me deixa em paz. — Não sei como, mas minha voz é firme.

— Não estamos no Eixo, sabia? Ninguém é obrigado a obedecer as ordens dos Caretas aqui. — Seus olhos percorrem meu corpo inteiro, não da maneira luxuriosa com a qual os homens costumam olhar as mulheres, mas cruelmente, examinando cada falha minha. Sinto as batidas do meu coração em meus ouvidos enquanto os outros aproximam-se mais, formando uma matilha atrás de Peter.

Isso não vai ser bom.

Preciso sair daqui.

Do canto do olho, vejo uma passagem livre até a porta. Se eu conseguir mergulhar por baixo do braço de Peter e correr até a porta, talvez consiga escapar.

— Olhem só para ela — diz Molly, cruzando os braços. Ela dá um sorriso cínico. — Ela é praticamente uma criança.

— Não sei não — diz Drew. — Ela até que pode estar escondendo algo sob esta toalha. Por que não damos uma espiada?

Agora! Eu mergulho sob o braço de Peter e me dirijo à porta. Algo agarra e prende a toalha enquanto me movimento, depois puxo-a com força. Vejo a mão de Peter, juntando o tecido em um punho. A toalha escapa da minha mão e sinto o ar frio em meu corpo nu arrepiando os cabelos da minha nuca.

Ouço uma sonora gargalhada e corro o mais rápido possível em direção à porta, segurando o vestido contra meu corpo para tentar cobri-lo. Desço o corredor voando, entro no banheiro e me encosto contra a porta, sem fôlego. Fecho os olhos.

Nada disso importa. Não ligo.

Um soluço escapa da minha boca e cubro-a imediatamente com a mão para silenciá-lo. Não importa o que eles tenham visto. Balanço a cabeça, como se o movimento fosse tornar o que estou pensando em realidade.

Com as mãos tremendo, eu me visto. O vestido é preto e liso, com uma gola cavada que deixa à mostra a tatuagem em minha clavícula, e bate nos meus joelhos.

Quando termino de me vestir e a vontade de chorar passa, sinto algo quente e violento remoendo minhas entranhas. Quero machucá-los.

Encaro meus olhos no espelho. Eu quero machucá-los, e é exatamente isso que vou fazer.

+ + +

Não posso lutar de vestido, então busco roupas novas no Fosso antes de andar até a sala de treinamento para minha última luta. Espero que seja contra Peter.

— Ei, onde você estava hoje de manhã? — pergunta-me Christina quando entro. Forço os olhos para conseguir enxergar o quadro-negro do outro lado da sala. O espaço ao lado do meu nome está em branco; ainda não tenho um oponente.

— Tive que resolver algumas coisas — digo.

Quatro vai até o quadro e escreve um nome ao lado do meu. *Por favor, seja o Peter, por favor, por favor...*

— Você está bem, Tris? Você parece um pouco... — diz Al.

— Um pouco o quê?

Quatro sai da frente do quadro. O nome escrito ao lado do meu é o de Molly. Não é Peter, mas é bom o bastante.

— Um pouco tensa — diz Al.

Minha luta é a última da lista, o que significa que terei que esperar três lutas até poder encará-la. Edward e Peter lutarão logo antes de nós. Ótimo.

Edward é o único capaz de vencer Peter. Christina lutará contra Al, o que significa que Al perderá rápido, como tem feito a semana inteira.

— Pegue leve comigo, ok? — pede Al a Christina.

— Não prometo nada — responde ela.

A primeira dupla, Will e Myra, já se encara no centro da arena. Por alguns segundos, eles apenas se movimentam para frente e para trás, desferindo socos no ar e errando chutes. Do outro lado da sala, Quatro apoia-se na parede, bocejando.

Olho para o quadro e tento prever o resultado de cada luta. Não é muito difícil. Depois, roo as unhas e penso em Molly. Christina perdeu para ela, e isso significa que é boa. Ela tem um soco poderoso, mas não costuma mover os pés. Se não conseguir me atingir, não conseguirá me machucar.

Como já era de se esperar, a luta entre Christina e Al é rápida e indolor. Al desaba depois de levar alguns golpes fortes no rosto e não levanta, fazendo com que Eric balance a cabeça, desapontado.

Edward e Peter demoram mais tempo. Embora sejam os dois melhores lutadores, a diferença de qualidade entre eles é clara. O punho de Edward atinge o queixo de Peter com força, e eu me lembro do que Will nos falou a respeito dele, que tem estudado táticas de combate desde os dez anos de idade. Isso fica evidente durante a luta. Ele é mais rápido e esperto até mesmo que Peter.

Ao final da terceira luta, já roí minhas unhas até o talo e a fome da hora do almoço já está batendo. Caminho até a arena, sem olhar para nada e para ninguém, apenas para o centro da sala. Uma parte da minha raiva já passou, mas é fácil ressuscitá-la. Só preciso pensar no quão frio estava o ar e no quão altas foram as gargalhadas. *Olhe para ela. Ela é praticamente uma criança.*

Molly se posiciona diante de mim.

— Aquilo que eu vi na sua nádega esquerda era uma marca de nascença? — diz ela, sorrindo. — Meu Deus, você é tão pálida, Careta.

Ela atacará primeiro. Sempre ataca.

Molly lança o corpo em minha direção, concentrando todo o peso em um soco. Quando avança, eu desvio e enterro o punho em sua barriga, bem acima do umbigo. Antes que ela consiga encostar em mim, escapo com as mão levantadas, pronta para a próxima investida.

Ela não está mais sorrindo. Corre em minha direção como se estivesse tentando me derrubar, e eu me jogo rapidamente para fora do caminho. Ouço a voz de Quatro na minha cabeça, dizendo-me que a melhor arma que tenho é o meu cotovelo. Só preciso descobrir uma maneira de usá-lo.

Bloqueio o soco seguinte com meu antebraço. A pancada machuca, mas quase não percebo. Ela cerra os dentes e solta um grunhido de frustração, parecendo mais um bicho do que uma pessoa. Ela tenta desengonçadamente chutar o lado do meu corpo, mas eu me esquivo, e enquanto está desequilibrada, lanço-me para a frente e jogo o cotovelo em seu rosto. Ela puxa a cabeça para trás bem na hora, e meu cotovelo atinge seu queixo apenas de raspão.

Ela soca minhas costelas e eu tropeço para o lado, recuperando o fôlego. Com certeza, há alguma parte de seu corpo que está esquecendo de proteger. Quero esmurrar o rosto, mas sei que isso não seria inteligente. Suas mãos estão altas demais, protegendo o nariz e as bochechas, mas deixando a barriga e as costelas expostas. Molly e eu temos a mesma falha em combate.

Nossos olhares se encontram por um rápido instante.

Solto um gancho baixo, sob seu umbigo. Meu punho afunda em sua pele, forçando-a a soltar uma pesada baforada de ar pela boca, que sinto em meu ouvido. Enquanto ela recupera o fôlego, dou-lhe uma rasteira e ela se espatifa no chão, levantando uma nuvem de poeira no ar. Puxo o pé para trás e chuto suas costelas com toda a força.

Minha mãe e meu pai não aceitariam que eu batesse em alguém caído no chão.

Não me importo.

Ela se encolhe para proteger o lado do corpo, e eu chuto outra vez, acertando sua barriga. *Como uma criança.* Chuto mais uma vez, atingindo o rosto. O sangue jorra de seu nariz e se espalha. *Olhe para ela.* Outro chute acerta o peito.

Puxo o pé para trás mais uma vez, mas a mão de Quatro agarra meu braço, e ele me puxa para longe dela com uma força impressionante. Eu respiro por entre os dentes cerrados, olhando para o rosto de Molly, coberto de sangue, em um tom de vermelho-escuro, vivo e, de certa maneira, belo.

Ela solta um grunhido e ouço um gorgolejar vindo de sua garganta, depois vejo o sangue começar a escorrer dos seus lábios.

— Você já venceu — murmura Quatro. — Agora pare.

Enxugo o suor da testa. Ele olha para mim. Seus olhos estão muito arregalados; ele parece alarmado.

— Acho que você deveria ir embora — diz ele. — Vá dar uma volta.

— Estou bem — digo. — Agora eu estou bem — repito, para mim mesma.

Eu gostaria de poder dizer que me sinto culpada pelo que fiz.

Mas não me sinto.

CAPÍTULO QUINZE

O DIA DA VISITA. Assim que abro os olhos, eu me lembro. Meu coração salta, depois afunda quando vejo Molly arrastando-se pelo dormitório, com o nariz roxo entre esparadrapos. Quando ela sai do quarto, confiro se Peter e Drew ainda estão lá. Nenhum dos dois está, então me troco rapidamente. Não me importo mais que alguém me veja com roupas íntimas, desde que não sejam eles.

Todos os outros se trocam em silêncio. Nem mesmo Christina está sorrindo. Todos sabemos que podemos acabar indo até o térreo do Fosso, procurando em cada rosto, e não encontrar ninguém que nos pertença.

Arrumo a cama com os cantos dos lençóis bem esticados, como meu pai ensinou. Ao catar um fio de cabelo do travesseiro, vejo Eric entrar no dormitório.

— Atenção! — anuncia ele, afastando um cacho escuro de cabelo dos seus olhos. — Quero dar-lhes alguns conselhos a respeito do dia de hoje. Se, por algum milagre, suas famílias vierem visitá-los... — Ele passa os olhos pelos nossos rostos e sorri cinicamente — ...o que eu duvido que aconteça, é melhor que vocês não se mostrem muito apegados. Isso facilitará as coisas para vocês e para eles. Nós levamos o lema "facção antes do sangue" muito a sério aqui. O apego à sua família sugere que você não está inteiramente satisfeito com a nova facção, o que seria algo *vergonhoso*. Entenderam?

Eu entendi. Captei o tom de ameaça na voz dura de Eric. A única parte do discurso que realmente importa para ele é a última: nós somos da Audácia e devemos agir como tal.

Quando estou saindo do dormitório, Eric vem falar comigo.

— Talvez eu tenha subestimado você, Careta — diz. — Você foi bem ontem.

Eu olho para cima e o encaro. Pela primeira vez desde que derrotei Molly, sinto uma pontada de culpa na barriga.

Se Eric acha que fiz algo certo, então devo ter feito errado.

— Obrigada — respondo. Escapo rapidamente do dormitório.

Quando meus olhos se acostumam com a baixa luminosidade do corredor, vejo Christina e Will andando na minha frente. Will está rindo, provavelmente de alguma palhaçada de Christina. Não tento alcançá-los. Não sei bem por que, mas acho que seria errado incomodá-los.

Não sei onde Al está. Não o vi no dormitório e ele não está indo para o Fosso conosco agora. Talvez já esteja lá.

Corro os dedos pelos meus cabelos e os arrumo em um coque. Confiro minhas roupas; será que estou bem coberta? Minhas calças são justas e minha clavícula está à mostra. Eles não vão aprovar isso.

E o que importa se não aprovarem? Eu contraio a mandíbula. Esta é a minha facção agora. Estas são as roupas que minha facção usa. Paro logo antes do final do corredor.

Grupos de famílias se encontram no andar térreo do Fosso, a maioria de famílias da Audácia, com iniciandos da Audácia. Eles ainda parecem estranhos para mim: uma mãe com um *piercing* na sobrancelha, um pai com o braço tatuado, um iniciando com o cabelo roxo, um saudável núcleo familiar. Vejo Drew e Molly sozinhos em um dos cantos do local e contenho um sorriso. Pelo menos as famílias deles não vieram.

Mas a de Peter veio. Ele está ao lado de um homem alto com sobrancelhas volumosas e uma mulher baixa, de aparência fraca e cabelos vermelhos. Os dois usam calças pretas e camisas brancas, roupas típicas da Franqueza, e seu pai fala tão alto que eu quase posso ouvi-lo de onde estou. Será que eles sabem o tipo de filho que têm?

Mas, e eu... que tipo de pessoa sou, afinal?

Do outro lado do Fosso, Will está acompanhado de uma mulher que usa um vestido azul. Ela não parece ser velha o bastante para ser sua mãe, mas tem

a mesma ruga entre as sobrancelhas que ele, e o mesmo cabelo dourado. Ele me disse certa vez que tinha uma irmã; talvez seja ela.

Ao seu lado, Christina abraça uma mulher morena com as roupas azuis e brancas da Franqueza. Atrás da Christina, vejo uma menina jovem, também da Franqueza. Sua irmã mais nova.

Será que me dou ao trabalho de procurar os meus pais na multidão? Eu poderia simplesmente dar meia volta e retornar ao dormitório.

De repente, vejo-a. Minha mãe está sozinha perto da grade, com as mãos juntas em frente ao corpo. Nunca a havia visto tão deslocada, com suas calças largas e cinza e sua jaqueta cinza abotoada até o pescoço, o cabelo preso de maneira simples e o rosto plácido. Começo a caminhar em sua direção enquanto as lágrimas brotam dos meus olhos. Ela veio. Veio me ver.

Acelero o passo. Ela me vê e, por um instante, sua expressão não muda, como se não me reconhecesse. Mas então seus olhos se acendem e ela abre os braços. Ela cheira a sabão e a detergente de roupas.

— Beatrice — sussurra. Ela acaricia meu cabelo.

Não chore, digo a mim mesma. Eu a abraço e pisco até conseguir me livrar da umidade em meus olhos, depois a solto e olho para ela novamente. Sorrio com lábios fechados, da mesma maneira que ela. Ela toca meu rosto.

— Olhe só para você — diz. — Está mais forte. — Ela coloca o braço sobre meus ombros. — Diga-me como você está.

— Você primeiro. — Retorno aos velhos hábitos. Devo permitir que ela fale primeiro. Não devo deixar que a conversa se concentre em mim por muito tempo. Devo me certificar de que ela não esteja precisando de alguma coisa.

— Hoje é uma ocasião especial — diz ela. — Eu vim vê-la, então vamos falar mais sobre você. Considere isso como um presente meu.

Minha mãe altruísta. Ela não deveria estar me dando presentes, não depois que eu abandonei a ela e ao meu pai. Caminho com ela em direção à grade sobre o abismo, feliz de estar ao seu lado. Não havia percebido o quão pouco afeto tive durante este período de uma semana e meia. Em casa, nós

não tocávamos muito um no outro, e o máximo que vi meus pais fazendo foi segurando as mãos na mesa de jantar, mas mesmo assim era mais do que isto, mais do que aqui.

— Posso fazer só uma pergunta? — Sinto o coração pulsar em minha garganta. — Onde está o papai? Ele foi visitar Caleb?

— Ah. — Ela mexe a cabeça. — Seu pai teve que trabalhar.

Olho para o chão.

— Se ele tiver se recusado a vir, você pode me falar.

Seus olhos estudam meu rosto.

— Seu pai tem sido egoísta ultimamente. Isso não significa que ele não a ame, juro.

Eu a encaro, estupefata. Egoísta, meu pai? É muito estranho ela usar um adjetivo assim, ainda mais para descrever meu pai. Olhando para ela, não consigo definir se está brava. Mas deve estar; se está chamando meu pai de *egoísta*, só pode estar brava.

— E Caleb? — pergunto. — Você o visitará mais tarde?

— Eu gostaria muito — diz ela —, mas a Erudição proibiu os visitantes da Abnegação de entrarem em seu complexo. Se eu tentasse, seria expulsa.

— O quê? — pergunto chocada. — Isso é horrível. Por que eles fariam algo assim?

— A tensão entre nossas facções está mais alta do que nunca — diz ela. — Gostaria que fosse diferente, mas há pouco o que eu possa fazer a respeito.

Imagino Caleb parado entre os iniciandos da Erudição, procurando minha mãe na multidão, e sinto uma pontada na barriga. Ainda estou com um pouco de raiva por ele ter mantido tantos segredos de mim, mas não quero que sofra.

— Isso é horrível — repito. Volto meus olhos para o abismo.

Quatro está parado sozinho diante da grade. Embora ele não seja mais um iniciando, muitos dos membros da Audácia se reúnem com suas famílias

durante o Dia da Visita. Ou sua família não gosta de se reunir, ou ele não era originalmente da Audácia. De qual facção ele poderia ter vindo?

— Aquele ali é um dos meus instrutores. — Eu me aproximo dela e continuo: — Ele é um pouco assustador.

— Ele é *bonito* — diz ela.

Concordo com a cabeça sem pensar. Ela ri, e tira o braço dos meus ombros. Quero mantê-la longe do Quatro, mas, quando estou prestes a sugerir que a gente vá para outro lugar, ele olha para nós.

Seus olhos se arregalam quando vê minha mãe. Ela lhe oferece a mão.

— Olá. Meu nome é Natalie — diz ela. — Sou a mãe de Beatrice.

É a primeira vez que vejo minha mãe apertar a mão de alguém. Quatro oferece a sua lentamente, aparentando nervosismo, e sacode a mão da minha mãe duas vezes. Ambos parecem pouco à vontade com o gesto. Se ele não consegue apertar a mão de alguém com naturalidade, Quatro certamente não nasceu na Audácia.

— Quatro — diz. — É um prazer conhecê-la.

— Quatro — repete minha mãe, sorrindo. — É um apelido?

— Sim. — Ele não prolonga o assunto. Qual será o nome dele de verdade? — Sua filha está indo bem aqui. Tenho supervisionado o treinamento.

Desde quando "supervisionar" alguém significa atirar-lhe facas e dar-lhe broncas a todo instante?

— Fico feliz em saber — diz ela. — Tenho algum conhecimento a respeito da iniciação da Audácia e estava preocupada com ela.

Ele olha para mim, e seus olhos percorrem meu rosto, do nariz até o queixo. Em seguida, diz:

— Não precisa se preocupar.

Não consigo evitar a vermelhidão que invade meu rosto. Espero que não seja perceptível.

Será que ele está apenas tentando tranquilizá-la porque é minha mãe, ou será que ele realmente acredita que eu seja habilidosa? E por que me olhou

daquela maneira?

Minha mãe inclina a cabeça.

— Não sei por que, mas você me parece familiar, Quatro.

— Também não consigo imaginar de onde poderia ser — responde ele, em um tom de voz subitamente frio. — Não costumo me associar a pessoas da Abnegação.

Minha mãe solta uma risada. Seu riso é leve, quase como um sopro de vento.

— Hoje em dia, poucas pessoas se associam. Sei que não é nada pessoal — diz ela.

Ele parece relaxar um pouco.

— Bem, vou deixar vocês matarem a saudade em paz.

Minha mãe e eu o observamos ir embora. O ronco do rio abaixo enche meus ouvidos. Talvez Quatro fosse da Erudição, o que explicaria seu ódio pela Abnegação. Ou talvez acredite nos artigos que a Erudição lança sobre nós. Sobre *eles*, sou obrigada a me corrigir. Mas foi gentil da parte dele dizer a minha mãe que estou indo bem, quando sei que não é isso o que ele acha.

— Ele é sempre assim? — diz ela.

— Costuma ser pior.

— Você já fez alguma amizade? — pergunta ela.

— Algumas — digo. Olho para trás e vejo Will, Christina e suas famílias. Quando Christina me vê, ela me chama com um gesto de mão, sorrindo, então eu e minha mãe atravessamos o Fosso em sua direção.

No entanto, antes que possamos alcançá-los, uma mulher baixa e gorda com uma camisa listrada de branco e preto toca o meu braço. Eu estremeço, segurando-me para não afastar sua mão com um tapa.

— Com licença — diz ela. — Você conhece meu filho? Albert?

— Albert? — repito. — Ah, você quer dizer o Al? Sim, eu o conheço.

— Você sabe onde podemos encontrá-lo? — pergunta, apontando para um homem atrás dela. Ele é alto e largo como um trator. Com certeza é o pai do

Al.

— Desculpe, não o vi esta manhã. Talvez vocês o encontrem lá em cima. — Aponto para o teto de vidro acima de nós.

— Ai, meu Deus — diz a mãe dele, abanando o rosto com a mão. — Eu preferiria evitar esse caminho. Quase tive um ataque de pânico na descida. Por que vocês não instalam um corrimão? Vocês são todos loucos, por acaso?

Esboço um sorriso. Há algumas semanas, poderia ter me ofendido com esse tipo de pergunta, mas agora passo bastante tempo com os transferidos da Franqueza e não me surpreendo mais com sua falta de tato.

— Loucos, não — digo. — Somos audazes. Caso eu o encontre, direi que vocês estão procurando por ele.

Reparo que minha mãe está sorrindo da mesma maneira que eu. Ela não está reagindo como alguns outros pais de transferidos, girando a cabeça para todos os lados e olhando para as paredes e o teto do Fosso ou então para dentro do abismo. É claro que ela não está curiosa; ela é da Abnegação. A curiosidade não faz parte da sua cultura.

Apresento minha mãe a Will e a Christina, que me apresenta a sua mãe e a sua irmã. Quando Will me apresenta a sua irmã mais velha, Cara, ela me lança um olhar que faria uma planta secar e não estende a mão para mim. Encara minha mãe.

— Não acredito que você seja amigo de um *deles*, Will — diz ela.

Minha mãe contrai os lábios, mas é claro que não diz nada.

— Cara — diz Will, fazendo uma careta —, não precisa ser *mal-educada*.

— Não preciso, é? Você sabe quem ela é? — Ela aponta para minha mãe. — Ela é a *mulher* de um dos membros do conselho. Coordena uma "agência de voluntários" que supostamente oferece ajuda aos sem-facção. Você pensa que eu não sei que vocês estão apenas desviando os produtos para distribuir para a sua própria facção, enquanto *nós* ficamos sem comida fresca por um mês, hein? Comida para os sem-facção, uma ova!

— Desculpe — diz minha mãe, delicadamente. — Acredito que você esteja equivocada.

— Equivocada. Ah! — grita Cara. — Então vocês devem ser exatamente o que parecem, não é? Uma facção de bobos alegres e bonzinhos, sem uma gota de egoísmo no corpo. Está bem.

— Não fale assim com minha mãe — interfiro, com o rosto quente. Cerro os punhos. — Não diga mais uma palavra, ou eu juro que quebro o seu nariz.

— Calma aí, Tris — diz Will. — Você não vai socar minha irmã.

— Ah, é? — digo, erguendo as duas sobrancelhas. — Não vou, é?

— Não, você não vai. — Minha mãe segura meu ombro. — Vamos, Beatrice. Não queremos incomodar a irmã do seu amigo.

Sua voz é gentil, mas sua mão aperta meu braço com tanta força que a dor me obriga a me afastar. Ela caminha rapidamente comigo em direção ao refeitório. Logo antes de o alcançarmos, no entanto, faz uma curva fechada para a esquerda e entramos em um corredor escuro que eu ainda não conhecia.

— Mãe — digo. — Mãe, como você sabe aonde estamos indo?

Ela para ao lado de uma porta trancada e se estica na ponta dos pés, examinando a base da luminária azul pendurada do teto. Ela acena com a cabeça alguns segundos depois e olha novamente para mim.

— Eu disse para você não perguntar nada sobre mim. Estava falando sério. Está realmente tudo bem, Beatrice? Como foram as lutas? Em que posição você está?

— Posição? — pergunto. — Você sabe que eu tenho lutado? Você sabe que estão nos classificando em posições?

— O processo de iniciação da Audácia não é exatamente uma informação ultrassecreta.

Não sei o quão fácil é descobrir o que outra facção faz durante o processo de iniciação, mas suspeito que não seja *tão* fácil assim. Lentamente, eu digo:

— Estou entre os últimos colocados, mãe.

— Ótimo. — Ela acena novamente. — Ninguém presta muita atenção nos últimos colocados. Agora, isso é muito importante, Beatrice: qual foi o resultado do seu teste de aptidão?

Os avisos de Tori ecoam dentro da minha cabeça. *Não diga nada a ninguém*. Eu deveria dizer a ela que meu resultado foi a Abnegação, porque foi isso o que a Tori registrou no sistema.

Encaro os olhos da minha mãe, com o seu tom pálido de verde e um borrão escuro de cílios ao redor. Ela tem algumas rugas ao redor da boca, mas fora isso parece mais nova do que realmente é. Estas marcas ficam mais evidentes quando ela cantarola, como costumava fazer ao lavar a louça.

Ela é minha mãe.

Posso confiar nela.

— Foi inconclusivo.

— Foi o que pensei. — Ela suspira. — Muitas crianças criadas na Abnegação recebem esse resultado. Não sabemos o motivo. Mas você precisa ter muito cuidado durante o próximo estágio na iniciação, Beatrice. Não importa o que aconteça, tente se misturar aos outros. Não chame atenção para si mesma. Entendeu?

— Mãe, o que está acontecendo?

— A facção que você escolheu não importa para mim — diz ela, encostando a mão em meu rosto. — Sou sua mãe e quero apenas o seu bem.

— É porque sou uma... — Começo a dizer, mas ela aperta a mão contra meus lábios.

— Não diga isso — sussurra ela. — Nunca.

Então, Tori estava certa. Ser Divergente é realmente algo perigoso. Mas ainda não consigo entender o motivo ou o que isso tudo significa.

— Por quê?

Ela balança a cabeça.

— Não posso dizer.

Ela olha para trás, onde mal se pode ver a luz do andar térreo do Fosso. Ouço gritos e conversas, risadas e ruídos de passos. O cheiro do refeitório alcança minhas narinas, doce e espesso: pão fresco. Ao me encarar novamente, minha mãe cerra os dentes.

— Há algo que eu quero que você faça — diz ela. — Não posso visitar seu irmão, mas você pode, quando terminar a iniciação. Quero que vá até lá e peça para ele fazer uma pesquisa sobre o soro de simulação. Está bem? Você pode fazer isso por mim?

— Só se você me *explicar* um pouco isso tudo, mãe! — Cruzo os braços. — Se você quer que eu faça um passeio pelo complexo da Erudição, é melhor me dar uma boa razão para isso!

— Não posso. Desculpe. — Ela beija minha bochecha e afasta uma mecha de cabelo que caiu do coque atrás da minha orelha. — É melhor eu ir embora agora. Será melhor para você se nós não parecermos muito apegadas.

— Não me importo com o que eles acham de mim — digo.

— Mas deveria se importar — responde ela. — Suspeito que eles já estejam monitorando você.

Ela se afasta, mas eu estou estupefata demais para segui-la. Ao chegar no final do corredor, ela se vira e diz:

— Coma um pedaço de bolo por mim, está bem? O de chocolate. É delicioso. — Ela sorri de uma maneira estranha e torta, e diz:

— Você sabe que eu te amo.

E então, ela se vai.

Fico sozinha sob a luz azul vinda da luminária acima de mim, e de repente entendo:

Ela já esteve neste complexo antes. Ela se lembrava deste corredor. Ela conhece o processo de iniciação.

Minha mãe era da Audácia.

CAPÍTULO DEZESSEIS

NAQUELA TARDE, VOLTO para o dormitório, enquanto todos estão com suas famílias, e encontro Al sentado em sua cama, encarando o espaço na parede onde o quadro-negro costuma ficar. Quatro retirou o quadro ontem para calcular nossas colocações no primeiro estágio.

— Aí está você! — digo. — Seus pais estavam te procurando. Eles te encontraram?

Ele balança a cabeça.

Sento a seu lado na cama. Minha perna tem praticamente metade da grossura da dele. Está usando bermudas pretas. Em seu joelho, há um machucado roxo e uma cicatriz.

— Você não quis vê-los?

— Não queria que eles me perguntassem como estou indo — diz ele. — Eu teria que dizer, e eles saberiam se estivesse mentindo.

— Bem... — Esforço-me para encontrar algo para dizer. — E qual é o problema em como você está indo?

Al solta uma risada forçada.

— Perdi todas as lutas desde minha vitória contra o Will. Não estou indo nada bem.

— Mas foi uma escolha sua. Você não poderia dizer isso a eles?

Ele sacode a cabeça.

— Meu pai sempre quis que eu viesse para cá. Quer dizer, eles diziam que queriam que eu ficasse na Franqueza, mas só porque era isso o que eles deveriam dizer. Eles sempre admiraram a Audácia, tanto meu pai quanto minha mãe. Eles não entenderiam se eu tentasse explicar.

— Ah. — Bato com os dedos em meu joelho. Depois olho para ele. — É por isso que você escolheu a Audácia? Por causa dos seus pais?

Al balança a cabeça.

— Não. Acho que foi porque... acredito que seja importante proteger as pessoas. Defendê-las. Como você fez comigo. — Ele sorri para mim. — É isso o que a Audácia deveria fazer, não é? Isso sim é coragem. Não... machucar os outros sem motivo.

Lembro-me do que Quatro me disse, que o trabalho em equipe costumava ser uma prioridade na Audácia. Como será que era a Audácia naquela época? O que eu teria aprendido se estivesse aqui quando minha mãe ainda pertencia à facção? Talvez eu não tivesse quebrado o nariz da Molly. Ou ameaçado a irmã do Will.

Sinto uma pontada de culpa.

— Talvez as coisas melhorem quando a iniciação terminar — digo.

— Pena que eu talvez fique em último lugar — afirma Al. — Acho que vamos descobrir hoje à noite, não é?

Permanecemos sentados em silêncio, um ao lado do outro, por alguns instantes. É melhor estar aqui, em silêncio, do que no Fosso, assistindo a todo mundo se divertir com suas famílias.

Meu pai costumava dizer que, às vezes, a melhor maneira de ajudar alguém é simplesmente ficando a seu lado. Sinto-me bem quando faço algo que eu sei que lhe daria orgulho, como se isso compensasse todas as coisas que fiz das quais ele não se orgulharia.

— Sabia que me sinto mais corajoso quando estou a seu lado? — pergunta Al. — Como se eu pudesse realmente pertencer a este lugar, da mesma forma que você pertence.

Estou prestes a responder, quando ele estica o braço e o coloca sobre meus ombros. De repente, fico paralisada, com as bochechas ardendo.

Não queria que minhas suspeitas a respeito dos sentimentos que Al nutre por mim estivessem certas. Mas parece que estão.

Não me apoio nele. Apenas endireito o corpo, fazendo com que seu braço caia dos meus ombros. Então, aperto as mãos uma contra a outra sobre meu colo.

— Tris, eu... — Ele hesita. Sua voz parece cansada. Olho para ele. Seu rosto está tão vermelho quanto eu sinto que o meu deve estar, mas não está chorando. Está apenas envergonhado.

— É... desculpe — diz ele. — Eu estava tentando... é... desculpe.

Queria poder dizer-lhe que não é nada pessoal. Poderia dizer que meus pais quase nunca se davam as mãos, mesmo em nossa própria casa, e portanto me acostumei a me retrair diante de gestos afetuosos, porque eles me educaram a levar tais gestos muito a sério. Talvez, se dissesse isso, não haveria esta camada de dor sob seu rubor envergonhado.

Mas é claro que é algo pessoal. Ele é meu amigo e nada mais. O que poderia ser mais pessoal do que isso?

Eu respiro e, ao soltar o ar, forço um sorriso.

— Desculpe pelo quê? — pergunto, tentando soar o mais natural possível. Eu limpo minhas calças com a mão, embora elas não estejam sujas, e me levanto.

— É melhor eu ir embora — digo.

Ele faz que sim com a cabeça sem olhar para mim.

— Você vai ficar bem? — pergunto. — Quer dizer... por causa dos seus pais. Não por... — Corto a frase no meio. Não saberia o que dizer se continuasse falando.

— Ah, claro. — Ele acena novamente, de maneira excessivamente enfática. — Nos vemos mais tarde, Tris.

Tento não sair do dormitório rápido demais. Quando a porta se fecha atrás de mim, levo a mão à testa e sorrio um pouco. Apesar da situação constrangedora, é bom saber que alguém gosta de você.

+ + +

Falar das visitas das nossas famílias seria doloroso demais, então o único assunto entre os iniciandos à noite é a classificação final do primeiro estágio. Sempre que alguém perto de mim fala disso, olho fixamente para algum lugar do outro lado da sala e o ignoro.

Minha posição não pode ser tão ruim agora quanto era no começo, especialmente depois que derrotei Molly, mas talvez não seja boa o bastante para me classificar entre os dez primeiros no final da iniciação, especialmente quando os iniciandos nascidos na Audácia forem incluídos na conta.

Durante o jantar, sento-me em uma mesa de canto com Christina, Will e Al. Estamos desagradavelmente perto de Peter, Drew e Molly, que se sentam à mesa ao lado. Sempre que a conversa na nossa mesa morre, ouço tudo o que eles falam. Eles estão fazendo especulações a respeito das classificações. Que surpresa!

— Você não podia ter *animais de estimação*? — pergunta Christina, indignada, dando um tapa na mesa. — Por que não?

— Porque, se você parar para pensar, não faz nenhum sentido lógico — diz Will, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Qual é o sentido de alimentar e cuidar de um animal que apenas suja suas coisas, faz a sua casa feder e, invariavelmente, acaba morrendo?

— O *sentido* é... — Christina perde o fio da meada e inclina a cabeça para o lado. — Bem, eles são divertidos. Eu tinha um buldogue chamado Chunker. Uma vez, deixamos um frango assado inteiro sobre a copa da cozinha para esfriar e, quando minha mãe foi ao banheiro, ele o puxou para o chão e o devorou inteiro, com os ossos, a pele e tudo mais. Nós morremos de rir.

— Nossa, isso realmente me fez mudar de ideia. Por que eu não iria querer morar com um animal que come toda a minha comida e destrói a minha cozinha? — Will balança a cabeça. — Por que você não arruma um cachorro depois da iniciação, se está se sentindo tão nostálgica?

— Porque não. — Christina desfaz o sorriso e cutuca a batata com o garfo. — Minha simpatia por cachorros meio que já era. Depois... vocês sabem, do teste de aptidão.

Nós trocamos olhares. Todos sabemos que não devemos discutir o teste, nem mesmo agora que já escolhemos. Para eles, no entanto, a regra talvez não seja tão séria quanto para mim. Meu coração bate loucamente. Para mim, a regra significa proteção. Ela evita que eu seja obrigada a mentir para meus amigos a respeito do resultado. Sempre que penso na palavra "Divergente", ouço a advertência de Tori, e agora a da minha mãe também. *Não conte para ninguém. É perigoso.*

— Você quer dizer... matar o cachorro, não é? — pergunta Will.

Havia praticamente me esquecido disso. Os que tiveram como resultado a aptidão para a Audácia pegaram a faca durante a simulação e esfaquearam o cachorro quando ele atacou. Não me admira que Christina não queira mais ter um cachorro de estimação. Eu cubro minhas mãos com as mangas da camisa e entrelaço os dedos.

— É — responde ela. — Quer dizer, vocês todos tiveram que fazer aquilo, não tiveram?

Ela olha primeiro para o Al, depois para mim. Seus olhos escuros se estreitam, e ela diz:

— *Você* não teve.

— Oi?

— Você está escondendo alguma coisa — afirma ela. — Está inquieta.

— O quê?

— Na Franqueza, nós aprendemos a ler a linguagem corporal das pessoas, para sabermos quando alguém está mentindo ou escondendo algo de nós — diz Al, cutucando-me com o cotovelo. Pronto. Agora as coisas entre nós já parecem normais novamente.

— Ah. — Eu coço a nuca. — Bem...

— Viu, você está se entregando de novo! — diz ela, apontando para minha mão.

Sinto como se estivesse engolindo a batida do meu próprio coração. Como conseguirei mentir sobre o resultado se eles sabem identificar quando não estou sendo sincera? Terei que controlar minha linguagem corporal. Abaixo uma das mãos, depois prendo as duas entre as pernas. Será que é isso que uma pessoa honesta faria?

Posso pelo menos falar a verdade a respeito do cachorro.

— Não, eu não matei o cachorro.

— Como o seu resultado foi Audácia se você não usou a faca? — diz Will, encarando-me com os olhos semicerrados.

Eu o encaro de volta e digo de maneira natural:

— Meu resultado não foi Audácia, foi Abnegação.

Isso é uma meia verdade. Tori registrou o meu resultado como Abnegação, portanto, é o que consta no sistema. Qualquer um que tenha acesso aos dados pode conferir. Eu continuo encarando Will por alguns segundos. Desviar o olhar seria suspeito. Depois, dou de ombros e enfio meu garfo em um pedaço de carne. Espero que eles tenham acreditado em mim. Precisam acreditar.

— Mas você escolheu a Audácia mesmo assim? — diz Christina. — Por quê?

— Eu já disse — respondo, sorrindo debochadamente. — Por causa da comida.

Ela solta uma risada.

— Vocês sabiam que a Tris nunca tinha visto um hambúrguer antes de chegar aqui?

Ela começa a contar a história do nosso primeiro dia, e eu relaxo o corpo, embora ainda me sinta pesada. Não deveria mentir para os meus amigos. Isso cria mais uma barreira entre nós, e já há barreiras demais para o meu gosto. Barreiras como a que foi erguida quando Christina pegou a bandeira ou quando eu rejeitei Al.

Depois do jantar, voltamos para o dormitório. É difícil não ir correndo, sabendo que as colocações estarão no quadro-negro quando chegarmos. Quero acabar logo com isso. Na porta do dormitório, Drew me empurra contra a parede para passar na minha frente. Meu ombro raspa contra a pedra, mas continuo andando.

Sou baixa demais para conseguir enxergar alguma coisa por trás da multidão de iniciandos que está em pé no fundo da sala, mas, quando consigo achar um espaço entre duas cabeças, vejo que o quadro-negro está no chão, apoiado na perna de Quatro e virado para o outro lado. Ele está parado, com um pedaço de giz na mão.

— Para os que acabaram de chegar, vou explicar como a classificação foi determinada — diz ele. — Depois do primeiro ciclo de lutas, nós os classificamos de acordo com seus níveis de habilidade. O número de pontos que vocês receberam depende do seu nível de habilidade e do nível de habilidade do oponente que você derrotou. Vocês ganham mais pontos por demonstrarem progresso, ou quando derrotam alguém com um nível alto de habilidade. Eu não recompenso ninguém por se aproveitar dos mais fracos. Isso não passa de covardia.

Acho que seus olhos param em Peter quando ele fala esta última frase, mas Quatro desvia o olhar tão rapidamente que não há como ter certeza.

— Se você está em uma posição alta, perde pontos se for derrotado por alguém de uma posição baixa.

Molly faz um som desagradável com a boca, como um grunhido ou um murmúrio.

— O segundo estágio terá um peso maior do que o primeiro, porque está mais intimamente relacionado com a superação da covardia — continua ele. — Dito isso, é extremamente difícil atingir uma alta colocação no final da iniciação se sua colocação no primeiro estágio tiver sido baixa.

Eu troco meu pé de apoio, tentando conseguir uma visão melhor dele. Quando consigo, desvio imediatamente o olhar. Seus olhos já estão voltados

para mim, provavelmente atraídos pelo meu movimento irrequieto.

— Nós anunciaremos os cortes amanhã — diz Quatro. — O fato de que vocês são transferidos e os outros iniciandos são nascidos na Audácia não será levado em consideração. Quatro de vocês poderão ficar sem facção amanhã, e nenhum deles. Ou quatro deles poderão ficar sem facção, e nenhum de vocês. Ou qualquer outra combinação entre estas duas. Dito isso, eis as suas colocações.

Ele pendura o quadro em um gancho e se afasta para que possamos ver:

1. Edward
2. Peter
3. Will
4. Christina
5. Molly
6. Tris

Sexta? Não é possível que eu seja a sexta colocada. Derrotar Molly deve ter me ajudado mais do que eu imaginava. E parece que perder para mim a prejudicou. Volto a ler o final da lista.

7. Drew
8. Al
9. Myra

Al não está em último, mas, a não ser que os iniciandos nascidos na Audácia tenham falhado terrivelmente em sua versão do primeiro estágio, ele já é um sem-facção.

Olho para Christina. Ela inclina a cabeça e olha com uma cara intrigada para o quadro-negro. E ela não é a única. Um silêncio inquietante paira sobre o quarto, como se estivesse equilibrado precariamente sobre a beirada de um desfiladeiro.

De repente, ele cai.

— O quê? — pergunta Molly, irada. Ela aponta para Christina. — Eu a derrotei! Eu a derrotei em *minutos*, e ela está em uma colocação *melhor* que a minha?

— Se quiser assegurar uma boa colocação para si mesma, eu sugiro que pare de perder para oponentes com colocações baixas — diz Quatro, entre os lamentos e murmúrios dos outros iniciandos. Ele guarda o giz no bolso e passa direto por nós, sem olhar para mim. Suas palavras me magoam um pouco, já que eu sou a oponente de colocação baixa a qual ele se refere.

Parece que Molly se dá conta disso também.

— Você — diz ela, voltando seus olhos semicerrados para mim. — *Você* vai pagar caro por isso.

Fico esperando que ela me ataque ou me bata, mas apenas gira o corpo para o outro lado e se retira do dormitório. Isso é ainda pior. Se ela tivesse explodido para cima de mim, sua raiva se esgotaria rapidamente depois de um ou dois socos. Mas sua saída significa que ela quer planejar algo. Sua saída significa que eu precisarei estar constantemente em alerta.

Peter não disse nada quando as posições foram reveladas, o que é algo surpreendente, dada sua inclinação para reclamar de tudo o que vá contra a sua vontade. Ele apenas caminha até seu beliche e se senta, desamarrando os cadarços de seus sapatos. Isso faz com que eu fique ainda mais inquieta. Não existe a menor chance de ele estar satisfeito com o segundo lugar. Não o Peter.

Will e Christina batem um na mão do outro, depois Will dá um tapinha nas minhas costas, com sua mão enorme, que é maior do que a minha omoplata.

— Olha só! Número seis, hein! — diz ele, sorrindo.

— Pode não ser o bastante — lembro a ele.

— Vai ser, não se preocupe — diz ele. — Vamos comemorar.

— Isso, vamos — diz Christina, segurando meu braço com uma mão e o braço de Al com a outra. — Vamos, Al. Você ainda não sabe como os nascidos na Audácia se saíram. Não há como ter certeza de nada ainda.

— Eu só quero me deitar — murmura ele, soltando seu braço.

Já no corredor, é fácil esquecer Al, a vingança da Molly e a calma suspeita do Peter, e é fácil também fingir que o que nos separa como amigos não existe. Mas, bem no fundo, não consigo deixar de pensar que Christina e Will são meus concorrentes. Se quero batalhar para chegar aos dez primeiros colocados, terei que derrotá-los primeiro.

Só espero que eu não seja obrigada a traí-los durante o processo.

+ + +

Tenho dificuldade em dormir à noite. Eu costumava achar o dormitório barulhento, com todas as respirações dos outros, mas hoje ele parece silencioso. Quando fica assim, penso na minha família. Felizmente, o barulho no complexo da Audácia costuma ser constante.

Se minha mãe era da Audácia, por que ela escolheu a Abnegação? Será que ela amava o clima de paz, de rotina, de bondade, e todas estas coisas das quais sinto falta quando me permito lembrar do meu passado?

Pergunto-me se alguém aqui a conheceu quando jovem e pode me dizer como ela era. Mesmo se alguém lembrasse, provavelmente não iria querer falar sobre o assunto. Os transferidos de facção não devem falar sobre suas antigas facções depois de se tornarem membros. Isso supostamente torna mais fácil transferir a lealdade da família para a facção e aceitar o princípio de "facção antes do sangue".

Enterro o rosto no travesseiro. Ela pediu para que eu pedisse a Caleb para pesquisar o soro de simulação. Mas por quê? Será que isso tem algo a ver com o fato de eu ser uma Divergente, de eu estar em perigo, ou será que é algo completamente diferente? Solto um suspiro. Tenho milhares de perguntas a fazer, e ela foi embora antes que eu pudesse perguntar qualquer uma delas. Agora, elas flutuam na minha cabeça, e duvido que conseguirei dormir antes que consiga respondê-las.

Ouço um tumulto do outro lado do quarto e levanto a cabeça do travesseiro. Meus olhos não estão acostumados com o escuro, então encaro o breu absoluto como se estivesse olhando para o lado de dentro das minhas pálpebras. Ouço os ruídos de uma confusão e de um tênis arrastando no chão. Depois, o ruído surdo de uma grande pancada.

De repente, ouço um urro que faz o meu sangue gelar e o meu cabelo arrepiar. Jogo o lençol para o lado e me levanto, com os pés descalços no chão de pedra. Ainda não consigo enxergar bem o bastante para descobrir a origem do som, mas vejo um monte escuro no chão a alguns beliches de distância. Outro urro invade meus ouvidos.

— Acendam as luzes! — grita alguém.

Caminho em direção ao som, vagarosamente, para não tropeçar em nada. Sinto-me como se estivesse em transe. Não quero ver de onde estão vindo os urros. Urros assim costumam ser acompanhados de sangue e ossos e dor; é um tipo de urro que vem do fundo do estômago e se estende por cada centímetro do corpo.

As luzes se acendem.

Edward está caído no chão ao lado da cama, com as mãos sobre o rosto. Ao redor da sua cabeça há uma poça de sangue e, entre os dedos que cobrem seu rosto, o cabo prateado de uma faca. Com o coração batendo em meus ouvidos, reconheço o objeto como uma faca de manteiga do refeitório. A navalha está cravada em seu olho.

Myra, que se encontra aos pés de Edward, solta um grito. Mais alguém grita, outra pessoa chama por socorro, e Edward continua no chão, contorcendo-se e urrando de dor. Eu me ajoelho ao lado de sua cabeça, com os joelhos dentro da poça de sangue, e apoio a mão em seu ombro.

— Fique parado — digo.

Estou calma, embora não consiga ouvir nada, como se a minha cabeça estivesse debaixo d'água. Edward se debate outra vez, e repito mais alto e com mais firmeza:

— Eu disse para você ficar *parado*. Respire.

— Meu olho! — grita ele.

Sinto um cheiro pútrido. Alguém vomitou.

— Tira isso do meu olho! — grita. — Arranca, arranca, arranca!

Sacudo a cabeça, depois me dou conta de que ele não consegue me ver. Uma gargalhada brota de dentro de mim. Estou histérica. Preciso reprimir a histeria se quiser ajudá-lo. Preciso me esquecer de mim mesma.

— Não — digo. — Você precisa esperar que o médico a retire. Está escutando? Deixe que o médico a retire. E respire.

— Está doendo — soluça ele.

— Eu sei que está. — Ouço a voz da minha mãe no lugar da minha. Vejo-a ajoelhada diante de mim na calçada em frente à nossa casa, enxugando as lágrimas do meu rosto no dia em que ralei o joelho. Eu tinha cinco anos.

— Vai ficar tudo bem. — Tento falar de maneira firme, como se não estivesse apenas tranquilizando-o, mas a verdade é que estou. Não sei se vai ficar tudo bem. Na verdade, suspeito que não.

Quando a enfermeira chega e pede para eu me afastar, obedeço. Minhas mãos e meus joelhos estão ensopados de sangue. Quando olho ao redor, percebo que apenas dois dos transferidos não estão entre nós.

Drew.

E Peter.

+ + +

Depois que levam Edward embora, levo uma muda de roupas para o banheiro e lavo as mãos. Christina me acompanha e fica parada ao lado da porta, mas não fala nada, e prefiro assim. Não há muito o que dizer.

Esfrego as linhas da minha mão e raspo a parte de baixo das unhas para limpar o sangue. Visto as calças que eu trouxe e jogo as sujas no lixo. Pego o máximo de toalhas de papel que consigo carregar. Alguém precisa limpar a sujeira no dormitório e, como duvido que conseguirei voltar a dormir algum dia, resolvo tomar a iniciativa.

Quando estico o braço para girar a maçaneta da porta, Christina diz:

— Você sabe quem fez isso, não sabe?

— Sei.

— Será que devemos contar para alguém?

— Você realmente acha que alguém da Audácia vai fazer algo a respeito? — digo. — Depois que eles a penduraram do abismo? Depois que nos obrigaram a espancar uns aos outros até desmaiarmos?

Ela não diz nada.

Depois disso, passo meia hora ajoelhada no chão do dormitório, esfregando o sangue de Edward. Christina joga fora as toalhas sujas e me traz outras limpas. Não vejo Myra; ela deve ter acompanhado Edward até o hospital.

Ninguém dorme muito aquela noite.

+ + +

— Sei que isso vai soar estranho — diz Will —, mas eu preferia não ter o dia de folga hoje.

Faço que sim com a cabeça. Sei o que ele quer dizer. Ter algo para fazer ajudaria a me distrair e, se há uma coisa de que preciso agora, é de distração.

Eu ainda não passei muito tempo sozinha com Will, mas Christina e Al estão cochilando no dormitório, e nenhum de nós dois queria ficar naquele quarto por muito tempo. Will não me disse isso, mas eu sei.

Raspo uma unha na parte de baixo de outra. Eu esfreguei bem as mãos depois de limpar o sangue de Edward, mas ainda sinto como se elas estivessem sujas. Will e eu andamos a esmo. Não há para onde ir.

— Nós poderíamos ir visitá-lo — sugere Will. — Mas o que diríamos? "Eu não conheço você muito bem, mas lamento por você ter sido esfaqueado no olho"?

Isso não tem graça. Percebo isso assim que as palavras saem de sua boca, mas mesmo assim uma risada brota da minha garganta, e eu deixo que ela saia porque é mais fácil do que reprimi-la. Will me encara por um instante, depois começa a rir também. Às vezes, rir e chorar são as nossas únicas opções, e rir parece ser a melhor das duas agora.

— Desculpe — digo. — Mas é que tudo isso é simplesmente tão absurdo.

Não quero chorar pelo Edward. Pelo menos não da maneira profunda e pessoal que choramos por um amigo ou uma pessoa amada. Quero chorar porque algo de terrível aconteceu, e eu testemunhei aquilo e não pude fazer nada para resolver a situação. Ninguém que gostaria de punir Peter tem a autoridade para fazê-lo. A Audácia conta com leis para evitar que as pessoas ataquem outras desta maneira, mas com pessoas como Eric no poder, eu duvido que tais regras sejam cumpridas.

— O mais absurdo é que, em qualquer outra facção, o fato de nós contarmos a alguém o que aconteceu seria considerado um ato de coragem. Mas logo aqui... na *Audácia*... a coragem não nos ajudaria em nada — digo, com mais seriedade.

— Você já leu os manifestos das facções? — pergunta Will.

Os manifestos das facções foram escritos logo depois que elas se formaram. Aprendemos sobre eles na escola, mas nunca li nenhum deles.

— Você já? — franzo a sobrancelha ao olhar para ele.

Depois, lembro que Will já memorizou o mapa da cidade por pura diversão, e digo:

— Ah, é claro que já. Esquece.

— Em um dos trechos de que me lembro do manifesto da Audácia, está escrito: "Nós acreditamos nos atos simples de bravura, na coragem que leva uma pessoa a se levantar em defesa de outra".

Will suspira.

Ele não precisa dizer mais nada. Sei o que quer dizer. Talvez a Audácia tenha sido criada com boas intenções, com os ideais e os objetivos certos. Mas ela já se afastou muito deles. Dou-me conta de que o mesmo pode ser dito da Erudição. Há muito tempo, a Erudição buscava o conhecimento e a engenhosidade com o objetivo de fazer o bem. Hoje, eles buscam o conhecimento e a engenhosidade com a ganância em seus corações. Será que as outras facções sofrem do mesmo mal? Nunca havia pensado nisso antes.

No entanto, apesar da corrupção de ideais que vejo na Audácia, não conseguiria abandonar a facção. Não é apenas pelo fato de que uma vida sem facção, em total isolamento, pareça-me um destino pior do que a morte. É também porque, nos breves instantes em que amei estar aqui, percebi uma facção que vale a pena lutar para salvar. Talvez possamos voltar a ser bravos e honráveis.

— Vamos para o refeitório comer bolo — diz Will.

— Vamos. — Eu sorrio.

Ao andarmos em direção ao Fosso, repito para mim mesma o trecho citado por Will, para não esquecê-lo.

Acredito nos atos simples de bravura, na coragem que leva uma pessoa a se levantar em defesa de outra.

É uma linda maneira de se pensar.

+ + +

Mais tarde, quando volto ao dormitório, o beliche de Edward está sem roupas de cama e sua gaveta está aberta e vazia. Do outro lado do quarto, o beliche de Myra está do mesmo jeito.

Quando pergunto a Christina aonde eles foram, ela diz:

— Eles desistiram.

— Myra também?

— Ela disse que não queria continuar sem ele. E ela seria cortada de qualquer maneira. — Ela dá de ombros, como se não soubesse mais o que fazer. Se esse for realmente o motivo, sei como ela se sente. — Pelo menos eles não cortaram Al.

Al seria cortado, mas a saída de Edward o salvou. A Audácia decidiu poupá-lo até o próximo estágio.

— Quem mais foi cortado? — pergunto.

Christina dá de ombros novamente.

— Dois nascidos na Audácia. Não me lembro de seus nomes.

Aceno com a cabeça e olho para o quadro-negro. Alguém riscou os nomes de Edward e Myra e mudou os números ao lado dos outros nomes. Agora, Peter é o primeiro. Will é o segundo. Eu sou a quinta. Começamos o primeiro estágio com nove iniciandos.

Agora somos sete.

CAPÍTULO DEZESSETE

MEIO-DIA. HORA DO almoço.

Estou sentada em um corredor que não conhecia. Andei até aqui porque precisava sair do dormitório. Talvez, se trouxesse as minhas roupas de cama até aqui, nunca mais precisaria ver o dormitório. Talvez seja a minha imaginação, mas acho que o lugar continua cheirando a sangue, embora eu tenha esfregado o chão até minhas mãos doerem e alguém tenha passado água sanitária nele hoje de manhã.

Belisco o dorso do meu nariz. Esfregar o chão quando ninguém mais queria limpá-lo é algo que minha mãe teria feito. Se não posso estar com ela, o mínimo que posso fazer é agir como ela de vez em quando.

Ouço ruídos de pessoas se aproximando, de suas pegadas ecoando no chão de pedra, e olho para baixo, para meus pés. Troquei meu par de tênis cinza por um preto há uma semana, mas guardei-o no fundo de uma das minhas gavetas. Não consigo me desfazer dele, embora eu saiba que é besteira se apegar tanto a um par de tênis, como se tivesse o poder de me guiar até minha casa.

— Tris?

Levanto a cabeça. Uriah para na minha frente. Ele faz um sinal para que os outros iniciandos nascidos na Audácia continuem sem eles. Eles trocam olhares, mas continuam andando.

— Você está bem? — ele diz.

— Tive uma noite difícil.

— É, eu fiquei sabendo o que aconteceu com aquele cara, o Edward. — Uriah olha para o corredor. Os dois iniciandos da Audácia desaparecem depois de uma curva. Ele esboça um sorriso. — Você quer dar o fora daqui?

— O quê? — pergunto. — Aonde você está indo?

— Para um pequeno ritual de iniciação — diz ele. — Vamos. Temos que correr.

Considero rapidamente minhas opções. Posso ficar parada aqui. Ou posso sair do complexo da Audácia.

— Os únicos iniciandos que eles costumam deixar participar são os que têm irmãos mais velhos dentro da Audácia — diz ele. — Mas talvez eles nem percebam. Apenas aja como uma de nós.

— O que exatamente vamos fazer?

— Algo perigoso — diz ele. Seus olhos brilham com algo que eu só poderia descrever como Audaciamania, mas em vez de fugir de seu olhar, como eu talvez fizesse há algumas semanas, sou cativada por ele, como se fosse contagioso. A excitação substitui o sentimento pesado dentro de mim. Começamos a correr mais devagar ao alcançarmos os outros iniciandos.

— O que a *Careta* está fazendo aqui? — pergunta um garoto com uma argola de metal entre suas narinas.

— Ela acabou de ver aquele cara levar uma facada no olho, Gabe — diz Uriah. — Deixe ela em paz, ok?

Gabe dá de ombros e vira-se para o outro lado. Ninguém diz nada, embora alguns deles me olhem de relance, como se estivessem me julgando. Os iniciandos nascidos na Audácia são como uma matilha de cães. Se eu agir da forma errada, não permitirão que eu ande com eles. Mas, por enquanto, estou segura.

Viramos em outra curva e vemos um grupo de membros parados no final do próximo corredor. Há um número grande demais deles para que sejam todos parentes de algum iniciando, mas percebo certas semelhanças entre alguns dos rostos.

— Vamos nessa — diz um dos membros. Ele gira o corpo e se atira para dentro de uma porta escura. Os outros membros seguem-no, e nós os seguimos. Mantenho-me na cola de Uriah ao adentrar a escuridão, e os dedos

do meu pé esbarram em um degrau. Eu me apoio antes de cair para a frente e começo a subir.

— A escada dos fundos — diz Uriah, quase sussurrando. — Ela costuma ficar trancada.

Eu concordo com a cabeça, embora saiba que ele não consegue me ver, e subo até que os degraus terminem. A essa altura, uma porta no final da escada já foi aberta, permitindo que a luz do sol invada o espaço. Saímos a algumas centenas de metros de distância do edifício de vidro sobre o Fosso, perto da linha do trem.

Sinto-me como se já tivesse feito isso um milhão de vezes. Ouço o apito do trem. Sinto a vibração no chão. Vejo a luz da locomotiva. Estalo os dedos da mão e dou um salto com a ponta dos pés.

Corremos em um único grupo ao lado do trem e, em ondas, membros e iniciandos saltam juntos para dentro do vagão. Uriah entra antes, e as pessoas se apertam atrás de mim. Não posso cometer nenhum erro; jogo meu corpo para o lado, agarrando a barra na lateral do vagão, e me puxo para dentro. Uriah segura meu braço para me ajudar a me equilibrar.

O trem acelera. Uriah e eu nos sentamos, encostados em uma das paredes.

Eu grito para ser ouvida em meio ao ruído do vento:

— Aonde estamos indo?

Uriah ergue os ombros.

— Zeke não me disse.

— Zeke?

— Meu irmão mais velho — diz ele. Ele aponta para o outro lado do vagão, para um garoto sentado na porta, com as pernas penduradas para o lado de fora. Ele é franzino e baixo e não se parece em nada com Uriah, a não ser pela cor da pele.

— Não é para vocês saberem. Estragaria a surpresa! — grita a garota à minha esquerda. Ela me oferece a mão. — Meu nome é Shauna.

Aperto sua mão, mas não imprimo força o suficiente e solto-a rápido demais. Duvido que um dia consiga melhorar meu aperto de mão. Dar a mão a um estranho não me parece natural.

— Meu nome é... — começo a dizer.

— Eu sei quem você é — diz ela. — Você é a Careta. Quatro me falou de você.

Eu espero que o calor que sobe para o meu rosto não seja visível.

— Ah, é? E o que ele disse?

Ela sorri debochadamente.

— Ele disse que você é uma Careta. Por que pergunta?

— Se o meu instrutor está falando de mim — digo, com o máximo de firmeza que consigo —, quero saber o que ele está dizendo. — Espero que a minha mentira tenha sido convincente o bastante. — Ele não vem conosco, né?

— Não, ele nunca vem conosco — responde ela. — Já deve ter perdido a graça para ele. Não há muitas coisas que o assustem, sabe?

Ele não vem. Algo dentro de mim se esvazia como um balão furado. Eu ignoro o sentimento e faço que sim com a cabeça. Sei muito bem que Quatro não é um covarde. Mas também sei que pelo menos uma coisa ainda o assusta: alturas. O que quer que seja que vamos fazer, deve ter alguma coisa a ver com alturas, se é algo que ele evita. Ela não deve saber disso, se fala dele com tanto respeito.

— Você o conhece bem? — pergunto. Sou curiosa demais; sempre fui.

— Todos conhecem o Quatro — diz ela. — Fomos iniciando juntos. Eu não sabia lutar muito bem, então ele me dava aulas particulares todas as noites, depois que todos já estavam dormindo. — Ela coça a nuca, com a expressão repentinamente séria. — Foi legal da parte dele.

Ela se levanta e fica em pé atrás dos membros que estão na porta. Em uma questão de segundos, sua expressão séria se desfaz, mas continuo abalada pelo que ela disse. Por um lado, acho estranho pensar em Quatro como

alguém "legal" e, por outro, quero socar Shauna sem entender exatamente por quê.

— Lá vamos nós! — grita ela. O trem não desacelera, mas Shauna se lança para fora do vagão mesmo assim. Os outros membros seguem-na, em uma onda de pessoas de roupas pretas e cheias de *piercings*, não muito mais velhas do que eu. Fico parada diante da porta, ao lado de Uriah. O trem está andando muito mais rápido do que jamais esteve nas outras vezes em que pulei, mas não posso perder a coragem agora, na frente de todos esses membros da Audácia. Então, pulo, aterrissando com força no chão e pisando em falso por alguns passos antes de recuperar o equilíbrio.

Uriah e eu corremos para alcançar os membros junto com os outros iniciandos, que mal olham para mim.

Ao andar, olho ao redor. O Eixo está atrás de nós. Sua silhueta negra contrasta com as nuvens ao fundo. Os prédios ao nosso redor, no entanto, são escuros e silenciosos. Isso significa que devemos estar ao norte da ponte, onde a cidade está abandonada.

Viramos uma esquina e nos espalhamos ao caminharmos pela Michigan Avenue. Ao sul da ponte, a Michigan Avenue é uma rua movimentada e cheia de pessoas, mas aqui ela é completamente vazia.

Assim que levanto os olhos para observar os prédios, sei aonde estamos indo: o abandonado edifício Hancock, um pilar negro de vigas entrelaçadas, o mais alto edifício ao norte da ponte.

Mas o que será que faremos? Será que o escalaremos?

Ao nos aproximarmos, os membros começam a correr, e Uriah e eu disparamos para tentar alcançá-los. Esbarrando os ombros uns contra os outros, eles se espremem por um conjunto de portas na base do edifício. O vidro em uma das portas está quebrado, e tudo o que sobrou foi uma moldura vazia. Eu a atravesso sem precisar abri-la e sigo os membros por um saguão de entrada macabro e escuro, esmagando pedaços de vidro sob meus pés.

Eu achava que íamos subir pelas escadas, mas paramos no saguão de elevadores.

— Os elevadores funcionam? — pergunta Uriah, o mais baixo possível.

— Claro que eles funcionam — diz Zeke, girando os olhos para cima. — Você acha que sou burro o bastante para esquecer de vir aqui mais cedo e ligar o gerador de emergência?

— O pior é que eu acho, sim — diz Uriah.

Zeke encara o irmão, depois dá uma gravata em seu pescoço e esfrega o punho em sua cabeça. Zeke pode até ser menor que Uriah, mas ele deve ser mais forte. Ou mais rápido. Uriah dá um tapa na lateral do seu corpo e ele o solta.

Eu sorrio ao ver o cabelo desarrumado de Uriah, e as portas dos elevadores se abrem. Amontoamo-nos no interior dos elevadores, os membros em um e os iniciandos em outro. Uma menina com a cabeça raspada pisa os dedos do meu pé e não se desculpa. Seguro o pé, fazendo uma careta de dor, e penso em chutar sua canela de volta. Uriah olha para o próprio reflexo na porta do elevador e ajeita o cabelo.

— Qual será o andar? — diz a garota com a cabeça raspada.

— Cem — digo.

— E como é que *você* sabe?

— Lynn, vamos — diz Uriah. — Seja simpática.

— Estamos em um edifício abandonado de cem andares com membros da Audácia — respondo. — Como é que *você* não sabe?

Ela não responde. Apenas aperta o botão certo com força.

O elevador dispara para o alto tão rápido que meu estômago afunda e meus ouvidos entopem. Seguro uma barra na lateral do elevador, vendo os números aumentarem no monitor. Passamos do vinte, do trinta, e Uriah termina de arrumar seu cabelo. Cinquenta, sessenta, e os dedos do meu pé param de doer. Noventa e oito, noventa e nove, e o elevador para no cem. Ainda bem que não fomos de escada.

— Como será que chegaremos até o telhado da... — Uriah interrompe a frase no meio.

Um forte vento atinge meu corpo, fazendo com que meu cabelo voe sobre meu rosto. Há um buraco enorme no teto do centésimo andar. Zeke apoia uma escada de alumínio na beirada do buraco e começa a subir. A escada estala e balança sob seus pés, mas ele continua subindo e assobiando. Ao chegar ao telhado, vira-se e segura o topo da escada para a pessoa seguinte.

Começo a me perguntar se isso não é uma missão suicida disfarçada de brincadeira.

Não é a primeira vez que me pergunto isso desde a Cerimônia de Escolha.

Subo a escada depois de Uriah. Isso me lembra da escada que subi na roda-gigante, com Quatro vindo atrás de mim. Lembro-me mais uma vez dos seus dedos em meu quadril, me segurando, e quase erro um dos degraus da escada. *Idiota*.

Mordendo o lábio, chego ao final da escada e fico em pé sobre o telhado do edifício Hancock.

O vento é tão possante que não consigo ouvir ou sentir mais nada além dele. Sou obrigada a me apoiar em Uriah para impedir que o vento me derrube. A princípio, tudo o que vejo é o pântano, vasto e marrom por todos os lados, tocando o horizonte, sem vida. Do outro lado, fica a cidade, que não difere muito do pântano, inanimada e com limites que desconheço.

Uriah aponta para algo. Ligado a um dos mastros sobre a torre, há um cabo de aço da grossura do meu pulso. No chão, há uma pilha de arneses de tecido grosso, grandes o bastante para segurar uma pessoa. Zeke pega um deles e prende-o a uma roldana pendurada no cabo de aço.

Sigo o cabo com os olhos, passando pela aglomeração de edifícios e pela Lake Shore Drive. Não consigo ver onde ele termina, mas tenho certeza de uma coisa: se eu realmente encarar isso, vou descobrir.

Vamos descer em uma tirolesa, em um cabo de aço, apoiados por um arnês preto, de uma altura de trezentos metros.

— Meu Deus do céu! — diz Uriah.

A única coisa que consigo fazer é acenar com a cabeça.

Shauna é a primeira a vestir o arnês. Ela se contorce para a frente, de barriga para baixo, até que a maior parte de seu corpo esteja apoiada no tecido escuro. Em seguida, Zeke prende uma cinta ao redor dos seus ombros, outra na parte mais estreita de suas costas e outras duas nas suas coxas. Então a puxa, no arnês, até a beirada do edifício, contando regressivamente a partir de cinco. Shauna levanta o polegar, sinalizando que está pronta, e ele a empurra para a frente, em direção ao nada.

Lynn fica sem ar enquanto Shauna voa de cabeça em direção ao chão, em um ângulo fechado de inclinação. Passo à sua frente para conseguir enxergar melhor. Ela permanece presa de maneira segura ao arnês até onde consigo ver, mas depois fica longe demais, tornando-se apenas um pontinho preto sobre a Lake Shore Drive.

Os membros comemoram, levantando os punhos no ar, e formam uma fila, ocasionalmente empurrando uns aos outros para conseguir um lugar melhor. Não sei como, mas acabo sendo a primeira entre os iniciandos da fila, logo à frente de Uriah. Apenas sete pessoas se encontram entre mim e o cabo.

Mesmo assim, algo dentro de mim reclama: *ainda preciso esperar sete pessoas?* É uma mistura estranha de terror e ansiedade, que eu nunca havia sentido até agora.

O próximo membro, um rapaz de aparência jovem e cabelo comprido até os ombros, prende-se ao arnês de costas, e não de barriga para baixo. Ele estica bem os braços à medida que Zeke o empurra pelo cabo de aço.

Nenhum dos membros demonstra qualquer sinal de medo. Eles agem como se já tivessem feito isso milhares de vezes, e talvez realmente tenham. Mas, quando olho para trás, vejo que a maioria dos iniciandos parece pálida e preocupada, mesmo conversando animadamente. O que acontece entre a iniciação e o momento de se tornar um membro da facção que faz com que o

pânico se transforme em diversão? Ou será que as pessoas simplesmente aprendem a esconder melhor seus medos?

Três pessoas na minha frente. Outro arnês; o membro entra com os pés primeiro e cruza os braços sobre o seu peito. Duas pessoas. Um rapaz alto e largo pula feito uma criança antes de prender-se no arnês e solta um grito agudo ao desaparecer no ar, fazendo a garota na minha frente rir. Uma pessoa.

Ela se prende ao arnês com a cabeça para a frente e mantém as mãos esticadas enquanto Zeke aperta as cintas. Depois, é minha vez.

Meu corpo estremece à medida que Zeke prende meu arnês no cabo. Tento colocá-lo em volta do meu corpo, mas tenho dificuldade; minhas mãos estão tremendo demais.

— Não se preocupe — diz Zeke, próximo ao meu ouvido. Ele segura o meu braço e me ajuda a me preparar, prendendo-me de barriga para baixo.

Zeke aperta as cintas no meio do meu corpo e me empurra para a frente, até a beirada do telhado. Olho para baixo, para as vigas de aço e as janelas escuras do edifício, até a calçada rachada. Sou uma idiota por fazer isso. E uma idiota por gostar de sentir meu coração batendo contra minha caixa torácica e o suor se acumulando nas linhas das minhas mãos.

— Está pronta, Careta? — Zeke sorri de maneira jocosa para mim. — Devo admitir que estou impressionado por você não estar gritando e chorando.

— Eu falei — Uriah diz. — Ela é cem por cento Audácia. Agora, vamos logo com isso!

— Cuidado, irmãozinho, ou eu talvez não aperte sua cinta forte o bastante — diz Zeke. Ele dá um tapa no próprio joelho. — E aí, *ploft*!

— Está bem, está bem — diz Uriah. — Mamãe cozinharia você vivo.

Ouvi-lo falar de sua mãe, de sua família intacta, faz meu peito doer por um instante, como se alguém tivesse enfiado uma agulha nele.

— Só se ela descobrisse. — Zeke dá um puxão na roldana ligada ao cabo de aço. Para minha sorte, ela aguenta o peso, porque, se tivesse partido, minha

morte seria rápida e certa.

Ele olha para mim e diz:

— Um, dois, três e j...

Antes de terminar a palavra "já", ele solta o arnês e me esqueço dele, esqueço-me do Uriah, da minha família e de todas as coisas que poderiam dar errado agora e causar minha morte. Ouço o som de metal deslizando em metal e sinto um vento tão intenso que faz com que lágrimas brotem dos meus olhos à medida que voo em direção ao chão.

Sinto-me como se meu corpo estivesse sem substância, sem peso. À minha frente, o pântano parece gigantesco, com seus trechos marrons se estendendo até os limites da minha visão, mesmo desta altura. O vento é tão frio e tão veloz que machuca meu rosto. Eu acelero, e um grito de júbilo brota dentro de mim, mas é interrompido pelo vento que entra na minha boca assim que ela se abre.

Segura pelas cintas, estendo os braços para os lados e imagino que estou voando. Mergulho em direção à rua, que está rachada e depredada, e segue perfeitamente a curva do pântano. Posso imaginar, daqui de cima, como o pântano deveria parecer quando ainda estava cheio de água, como aço derretido refletindo a cor do céu.

Meu coração bate tão forte que o peito dói, e não consigo gritar ou respirar, mas ao mesmo tempo sinto tudo, cada veia e cada fibra, cada osso e cada nervo, todos vivos e alertas em meu corpo, como se tivessem recebido uma carga elétrica. Eu sou pura adrenalina.

O chão cresce e se aproxima de mim, e consigo ver as pessoas, pequenininhas, na calçada abaixo. Eu deveria gritar de pavor, como qualquer pessoa normal faria, mas ao abrir a boca solto apenas um urro de alegria. Grito mais alto, e as pessoas no chão levantam os punhos e gritam de volta, mas elas estão tão distantes que mal consigo ouvi-las.

Olho para baixo, e o chão se torna um borrão cinza, branco e preto, de vidro, cimento e aço. Cachos de vento, tão macios quanto se fossem feitos de

cabelo, enroscam-se entre meus dedos e puxam meus braços para trás. Tento puxar os braços para a frente outra vez, mas não tenho força o suficiente. O chão se torna cada vez maior.

Antes de começar a desacelerar, cerca de um minuto depois, ainda voo em linha paralela ao chão, como um pássaro.

Quando começo a voar mais devagar, corro os dedos pelos cabelos. O vento o deixou completamente emaranhado. Ao parar, fico pendurada a cerca de cinco metros do chão, mas a altura parece insignificante agora. Estico os braços para trás e me esforço para desfazer as cintas que estão me sustentando. Meus dedos tremem, mas mesmo assim consigo afrouxá-las. Uma multidão de membros da Audácia me espera no chão. Eles seguram os braços uns dos outros, formando uma rede humana sob meu corpo.

Para descer, preciso acreditar que vão me segurar. Preciso aceitar que essas pessoas são minhas e que sou delas. O ato exige mais coragem do que descer na tirolesa.

Eu contorço o corpo para a frente e caio. Meu corpo se choca violentamente contra seus braços. Ossos de mãos e antebraços pressionam minhas costas, até que algumas mãos seguram meus braços e me colocam de pé. Não sei de quem são as mãos que me seguram; vejo sorrisos e ouço risadas.

— O que você achou? — pergunta Shauna, dando um tapinha em meu ombro.

— É... — Todos os membros me encaram. Parecem tão excitados com a experiência quanto eu, com um brilho de adrenalina em seus olhos e os cabelos bagunçados. Eu entendo por que meu pai considerava a Audácia um bando de loucos. Ele não entendia, nem poderia entender, o tipo de camaradagem que se forma depois que um grupo de pessoas arriscou junto suas vidas.

— Quando posso ir de novo? — digo. Abro um sorriso grande o bastante para mostrar meus dentes e, quando eles riem, começo a rir junto. Lembro-

me de subir as escadas com a Abnegação, onde todos os pés seguiam o mesmo ritmo e todas as pessoas eram iguais. Isto aqui é completamente diferente. Mas também somos, de alguma maneira, um só ser.

Olho para o edifício Hancock, que agora está tão longe que não consigo ver as pessoas no telhado.

— Olhem! Lá vem ele! — diz alguém, apontando o dedo sobre meu ombro. Sigo o dedo até uma pequena forma escura descendo pelo fio de aço. Alguns segundos depois, ouço um grito de gelar o coração.

— Aposto que ele vai chorar.

— O irmão do Zeke, chorar? Duvido. Ele apanharia muito.

— Ele está se debatendo!

— Parece um gato sendo estrangulado — digo. Todos riem novamente. Sinto um pouco de culpa por caçoar do Uriah pelas costas, mas eu teria dito a mesma coisa se ele estivesse aqui embaixo. Pelo menos, espero que sim.

Quando Uriah finalmente chega, junto-me aos membros para recebê-lo. Alinhamo-nos sob seu corpo e erguemos os braços no espaço entre nós. Shauna prende uma de suas mãos em meu cotovelo. Eu seguro outro braço, que já não sei a quem pertence em meio a tantas mãos entrelaçadas, e olho para ela.

— Acho que já não podemos mais chamar você de "Careta", Tris — diz Shauna.

+ + +

Ainda sinto o cheiro do vento ao entrar no refeitório à noite. Logo que entro, vejo que estou no meio de um grupo de pessoas da Audácia e me sinto uma delas. Shauna acena para mim e o grupo se dispersa, então caminho até a mesa onde Christina, Al e Will estão sentados, me olhando, boquiabertos.

Não pensei neles quando aceitei o convite de Uriah. De certa maneira, é agradável ver seus olhares de estupefação. Mas também não quero que eles fiquem chateados comigo.

— Onde você esteve? — pergunta Christina. — O que você estava fazendo com eles?

— Uriah... sabe, o iniciando da Audácia que estava na nossa equipe de caça-bandeira? — digo. — Ele estava saindo com alguns dos membros e implorou para que eu fosse com ele. Mas os outros não queriam muito a minha companhia. Uma garota chamada Lynn pisou em mim.

— Eles podiam até não querer que você fosse — diz Will calmamente —, mas parecem gostar de você agora.

— É — digo. Não há como negar. — Mas estou feliz em estar de volta.

Espero que eles não notem que estou mentindo, mas é difícil esconder. Vi meu reflexo em uma janela ao voltar para o complexo, e tanto minhas bochechas quanto meus olhos estavam brilhando, e meu cabelo estava bagunçado. Minha aparência é de quem acabou de passar por uma experiência poderosa.

— Bem, você perdeu Christina quase socando um cara da Erudição — diz Al. Há um tom de ansiedade em sua voz. Sempre posso contar com Al para amenizar as tensões. — Ele veio aqui para perguntar a nossa opinião a respeito da liderança da Abnegação, e Christina disse a ele que deveria se preocupar com coisas mais importantes.

— Ela tem toda a razão — afirma Will. — Mas ficou irritado com ela, o que não é uma boa ideia.

— De fato, é uma péssima ideia — digo, concordando com a cabeça. Se eu sorrir o bastante, talvez possa fazê-los esquecer a inveja, a mágoa ou o que quer que seja que está fervendo agora por trás dos olhos de Christina.

— É — diz ela. — Enquanto você estava lá se divertindo, eu estava me encarregando do trabalho sujo de defender sua antiga facção, eliminando o conflito entre facções...

— Ah, fala sério! Você sabe que gostou de fazer aquilo — diz Will, cutucando-a com o cotovelo. — Se não for contar a história direito, deixa que eu conto. Ele estava parado...

Will começa a contar sua versão dos fatos, e eu mexo a cabeça como se estivesse ouvindo, mas a única coisa que consigo pensar é em estar no topo do edifício Hancock, olhando para baixo, e a imagem que passou pela minha cabeça do pântano cheio de água, de volta à sua antiga glória. Olho para os membros da Audácia, por trás dos ombros de Will, que agora estão lançando pedaços de comida uns nos outros com seus garfos.

É a primeira vez que me sinto realmente ansiosa para me tornar um deles.

Isso significa que terei que sobreviver ao próximo estágio da iniciação.

CAPÍTULO DEZOITO

AO QUE ME PARECE, o segundo estágio da iniciação consiste em ficarmos sentados com outros iniciandos em um corredor escuro, imaginando o que irá acontecer por trás de uma porta fechada.

Uriah senta-se de frente para mim, com Marlene à sua esquerda e Lynn à sua direita. Os iniciandos nascidos na Audácia e os transferidos foram separados durante o primeiro estágio, mas de agora em diante treinaremos juntos. Foi isso o que Quatro nos informou antes de desaparecer para dentro da tal porta.

— E então — diz Lynn, raspando os sapatos no chão —, qual de vocês está na primeira colocação?

A princípio, ninguém responde, então Peter limpa a garganta.

— Sou eu — responde ele.

— Aposto que eu conseguiria derrotar você. — Ela diz isso de maneira casual, girando o anel em sua sobrancelha com as pontas dos dedos. — Estou na segunda colocação, mas aposto que qualquer um de nós conseguiria derrotar você, transferido.

Quase solto uma risada. Se eu ainda estivesse na Abnegação, consideraria o comentário grosseiro e descabido, mas dentro da Audácia desafios como este são comuns. Já aprendi a praticamente esperar que eles ocorram.

— Se eu fosse você, não teria tanta certeza disso — diz Peter, com os olhos brilhando. — Quem é o primeiro entre vocês?

— Uriah — afirma ela. — E tenho certeza, sim. Você sabe há quantos anos estamos nos preparando para isso?

Se o seu objetivo é nos intimidar, ela conseguiu. Estou até sentindo mais frio.

Antes que Peter consiga responder, Quatro abre a porta e diz:

— Lynn.

Ele faz um gesto para que ela o acompanhe, atravessando o corredor, e uma luz azul distante rebate em sua cabeça careca.

— Então, você é o primeiro — Will se dirige a Uriah.

Uriah dá de ombros.

— Sou. E daí?

— E você não acha um pouco injusto que vocês tenham passado a vida inteira se preparando para isso, enquanto nós devemos aprender tudo em poucas semanas? — pergunta Will, com os olhos semicerrados.

— Na realidade, não. As habilidades individuais realmente são importantes no primeiro estágio, mas não há como se preparar para o segundo — diz ele. — Pelo menos, foi isso o que ouvi dizer.

Ninguém comenta nada a respeito. Permanecemos sentados em silêncio durante vinte minutos. Conto cada minuto em meu relógio. De repente, a porta se abre novamente e Quatro chama outro nome.

— Peter — diz ele.

Cada minuto se arrasta sobre mim como uma lixa. Aos poucos, a quantidade de iniciandos no corredor vai se reduzindo, até que sobramos apenas eu, Uriah e Drew. Drew está balançando a perna e Uriah está batendo com os dedos em seu joelho, enquanto eu tento permanecer completamente imóvel. As únicas coisas que consigo ouvir de dentro da sala no final do corredor são murmúrios, e começo a suspeitar que isso é apenas mais uma parte do jogo ao qual eles gostam de nos submeter, aterrorizando-nos sempre que possível.

A porta se abre e Quatro acena para mim.

— Venha, Tris.

Eu me levanto com as costas doloridas depois de passar tanto tempo encostada na parede e caminho em sua direção, passando pelos outros

iniciandos. Drew estica a perna para tentar me fazer tropeçar, mas salto sobre ela no último instante.

Quatro apoia a mão em meu ombro e me guia para dentro da sala, depois fecha a porta.

Assim que vejo o que há no interior da sala, recuo imediatamente, e meu ombro se choca contra o peito de Quatro.

No centro da sala, há uma cadeira de metal, parecida com a do teste de aptidão. A seu lado, há uma máquina que também reconheço. Esta sala, no entanto, não conta com nenhum espelho e quase nenhuma iluminação. Há um monitor de computador sobre uma mesa no canto.

— Sente-se — diz Quatro. Ele aperta meu braço e me empurra adiante.

— Qual vai ser a simulação? — pergunto, tentando inutilmente evitar que minha voz soe trêmula.

— Você já ouviu a expressão "enfrente seus medos"? — pergunta ele. — É isso que você fará, literalmente. A simulação irá ensiná-la a controlar suas emoções diante de uma situação assustadora.

Levo a mão trêmula à testa. As simulações não são reais; elas não podem me fazer mal, portanto, logicamente, não devo temê-las. No entanto, a minha reação é visceral. Preciso reunir todas as forças que tenho para conseguir me aproximar da cadeira e sentar sobre ela outra vez, apoiando minha cabeça sobre o encosto. O frio do metal atravessa minhas roupas.

— Você já administrou os testes de aptidão alguma vez? — questiono. Ele parece ser bem qualificado para a tarefa.

— Não — responde ele. — Tento evitar os Caretas o máximo possível.

Não entendo por que alguém teria vontade de evitar o contato com a Abnegação. Até consigo entender alguém que queira manter distância da Audácia ou da Franqueza, já que a bravura e a honestidade podem levar as pessoas a fazer coisas estranhas. Mas a Abnegação?

— Por quê?

— Você está me perguntando isso porque acha que eu realmente irei responder?

— Por que você diz coisas de maneira tão vaga se não quer que as pessoas o questionem depois?

Seus dedos roçam meu pescoço. Meu corpo fica tenso. Será que o gesto é afetuoso? Não, ele precisa apenas afastar meu cabelo. Ele dá petelecos em alguma coisa, e me viro para ver o que é. Quatro está segurando uma seringa com uma longa agulha em uma das mãos, com o dedão encostado no êmbolo. O líquido dentro da seringa tem uma coloração alaranjada.

— Uma injeção? — Minha boca fica seca. Não costumo ter medo de agulhas, mas esta é enorme.

— Nós usamos uma versão mais avançada da simulação aqui — diz ele —, com um soro diferente e sem a necessidade de fios e eletrodos.

— Como é que ela funciona sem os fios?

— Bem, *eu* ficarei conectado a alguns fios, para acompanhar o que está acontecendo — explica ele. — Mas, no seu caso, há um transmissor minúsculo no soro que envia os dados para o computador.

Ele vira meu braço e enfia lentamente a ponta da agulha na pele macia do lado do meu pescoço. Uma dor profunda se espalha pela minha garganta. Faço uma careta e tento me concentrar em seu rosto tranquilo.

— O soro fará efeito dentro de seis segundos. Esta simulação é diferente do teste de aptidão — diz ele. — Além de conter o transmissor, o soro estimulará suas amídalas, que compõem a parte do cérebro responsável pelo processamento das emoções negativas, como o medo, induzindo assim uma alucinação. A atividade elétrica do cérebro é então transmitida para o nosso computador, que cria uma imagem a partir da sua alucinação, que eu posso ver e monitorar. Eu enviarei estas imagens gravadas para os administradores da Audácia. Você permanecerá no estado alucinatório até que consiga se acalmar, ou seja, até que seu ritmo cardíaco se reduza e você consiga controlar sua respiração.

Tento acompanhar o que ele está dizendo, mas meus pensamentos estão se embaralhando. Começo a sentir os sintomas naturais do medo: suor nas palmas das mãos, batimento cardíaco acelerado, pressão no peito, boca seca, nó na garganta, dificuldade em respirar. Ele coloca as mãos sobre os dois lados da minha cabeça e se inclina sobre mim.

— Seja corajosa, Tris — sussurra ele. — A primeira vez é sempre a mais difícil.

Seus olhos são a última coisa que vejo.

+ + +

Estou em pé, no meio de um campo de capim seco que bate na minha cintura. Há um cheiro de fumaça no ar que queima minhas narinas. Acima de mim, o céu tem a cor de bile, e olhar para ele me causa ansiedade, fazendo com que meu corpo se retraia na direção oposta.

Ouço um farfalhar, como o som de folhas de papel agitadas pelo vento, mas o vento não está soprando. O ar está imóvel e silencioso, exceto pelo ruído, e não está quente nem frio, diferente de qualquer ar que eu conheça, embora eu ainda consiga respirar. Uma sombra mergulha do céu.

Algo pousa em meu ombro. Sinto seu peso e o espetar de suas presas e balanço o braço, tentando livrar-me da criatura, estapeando-a com a mão. Sinto algo macio e frágil. Uma pena. Eu mordo o lábio e olho para o lado. Um pássaro negro do tamanho do meu antebraço vira o rosto e me encara com um de seus olhos de corça.

Eu ranjo os dentes e acerto o corvo mais uma vez com minha mão. Ele crava suas garras e não se move. Solto um grito, mais de frustração do que de dor, e bato no corvo com as duas mãos, mas ele permanece imóvel e resoluto, com o olho fixo me encarando e as penas brilhando na luz amarelada. Ouço o ronco de um trovão e o som de pingos no chão, mas não está chovendo.

O céu escurece, como se uma nuvem estivesse passando em frente ao sol. Ainda tentando afastar o meu rosto do corvo, olho para cima. Uma revoada de

corvos mergulha em minha direção, em um exército de garras esticadas e bicos abertos que avança sobre mim, todos grasnando, preenchendo todo o espaço com suas vozes ensurdecedoras. Os corvos voam em uma massa única, mergulhando em direção à terra, com suas centenas de olhos de corça brilhando.

Tento correr, mas meus pés estão firmemente colados ao chão e recusam-se a se mexer, assim como o corvo em meu ombro. Eu grito à medida que eles me circundam, com suas penas agitando-se ao redor do meu ouvido, bicando meus ombros e agarrando-se às minhas roupas com suas garras. Grito até as lágrimas escorrerem dos meus olhos, agitando os braços. Minhas mãos se chocam contra corpos sólidos, mas são incapazes de afastá-los; eles estão em um número grande demais. Eu estou sozinha. Eles beliscam as pontas dos meus dedos e se apertam contra meu corpo, com as asas roçando contra minha nuca e as garras se embrenhando em meus cabelos.

Eu me debato, me contorço e desabo no chão, cobrindo a cabeça com os braços. Eles berram em minha direção. Sinto algo movimentando-se sob mim no capim: um corvo se espremendo para me alcançar sob meu braço. Abro os olhos e ele bica meu rosto, acertando o nariz. Meu sangue pinga sobre o capim e eu solto um soluço, depois acerto um tapa no animal, mas outro se enfia sob meu braço, cravando sua garra na parte de frente da minha camisa.

Solto gritos e soluços.

— Socorro! — berro. — Socorro!

Os corvos batem as asas com mais força, causando um ruído ensurdecedor em meus ouvidos. Meu corpo arde, e eles estão por toda a parte, e não consigo pensar, não consigo respirar. Abro a boca para puxar o ar e ela se enche de penas, penas descendo pela minha garganta, entrando nos meus pulmões, substituindo o meu sangue pelo seu peso morto.

— Socorro — suspiro e grito, sem sentidos, sem lógica. Estou morrendo; estou morrendo; estou morrendo.

Minha pele arde e eu estou sangrando; os grasnidos são tão altos que meus ouvidos chiam, mas eu *não* estou morrendo, e lembro-me de que isso não é real, mas parece tão real, parece tão real. *Seja corajosa.* A voz de Quatro grita na minha memória. Eu grito para ele, inalando penas e exalando um "Socorro!". Mas nenhum socorro virá; estou sozinha.

Você permanecerá no estado alucinatório até que consiga se acalmar, sua voz continua, e eu tusso, e meu rosto está molhado de lágrimas, e outro corvo conseguiu se esgueirar sob o meu braço, e sinto a ponta de seu bico afiado encostando na minha boca. Seu bico se espreme entre os meus lábios e arranha meus dentes. O corvo empurra a cabeça para dentro da minha boca e a mordo com força, sentindo um gosto putrefato. Eu cuspo e cubro os meus dentes com a mão, formando uma barreira, mas agora há outro corvo se espremendo nos meus pés, e outro bicando minhas costelas.

Acalme-se. Eu não consigo, não consigo. Minha cabeça está latejando.

Respire. Mantenho a boca fechada e puxo o ar pelo nariz. Passaram-se horas desde que estive sozinha no campo; passaram-se dias. Solto o ar pelo nariz. Meu coração bate com força em meu peito. Preciso desacelerá-lo. Respiro novamente, com o rosto molhado de lágrimas.

Soluço outra vez e forço o corpo para a frente, esticando-me no capim, que pinica a minha pele. Estico os braços e respiro. Os corvos empurram e cutucam as laterais do meu corpo, enfiando-se e esgueirando-se sob ele, e não faço mais nada para impedir. Deixo que eles continuem com as batidas de asas, os grasnidos e as bicadas, enquanto relaxo um músculo de cada vez, resignada em me tornar uma carcaça bicada.

A dor toma conta do meu corpo.

Abro os olhos e estou sentada na cadeira de metal.

Solto um grito e balanço os braços e as pernas para me livrar dos pássaros, mas eles já não estão mais lá, embora eu ainda possa sentir as penas roçando contra a minha nuca e as garras em meu ombro e na minha pele que arde.

Solto um gemido e puxo os joelhos para junto do meu peito, enterrando o rosto neles.

Uma mão toca meu ombro, e lanço o punho em sua direção, atingindo algo sólido, mas macio.

— Não toque em mim! — Eu soluço.

— Acabou — diz Quatro. Sua mão acaricia meu cabelo de uma maneira desajeitada, e eu me lembro da maneira como meu pai passava a mão na minha cabeça quando me dava um beijo de boa-noite, ou da maneira como minha mãe tocava meu cabelo quando ela o aparava com a tesoura. Esfrego as palmas das mãos em meus braços, ainda tentando afastar as penas, embora saiba que elas não estão mais lá.

— Tris.

Balanço o corpo para frente e para trás na cadeira.

— Tris, vou levar você de volta ao dormitório, está bem?

— Não! — grito. Levanto a cabeça e o encaro, embora não consiga vê-lo por meio do borrão de lágrimas. — Eles não podem me ver... não desta maneira...

— Ah, acalme-se — diz ele. Ele revira os olhos. — Eu a levarei pela porta dos fundos.

— Não preciso que você me leve... — Eu balanço a cabeça. Meu corpo está tremendo e me sinto tão fraca que não sei se conseguirei me levantar, mas preciso tentar. Não posso ser a única que precisou ser levada de volta ao dormitório. Mesmo que eles não me vejam, irão descobrir, irão falar de mim...

— Isso é besteira.

Ele segura meu braço e me arrasta para fora da cadeira. Pisco os olhos para afastar as lágrimas, enxugo as bochechas com as costas da mão e deixo que ele me guie até a porta que fica atrás do monitor do computador.

Seguimos pelo corredor em silêncio. Quando estamos a certa distância do quarto, arranco meu braço da sua mão e paro.

— Por que você fez aquilo comigo? — pergunto. — Qual foi o propósito daquilo, hein? Quando escolhi a Audácia, não sabia que estava me candidatando a semanas de tortura!

— Você achou que superar a covardia seria uma tarefa fácil? — diz ele calmamente.

— Aquilo não teve nada a ver com a superação da minha covardia! A covardia se encontra em como alguém escolhe ser na vida real, e na vida real eu não seria bicada até a morte por corvos, Quatro! — Cubro o rosto com as mãos e solto um soluço.

Ele não diz nada, apenas fica parado diante de mim enquanto eu choro. Levo poucos segundos para me recompor e enxugar o rosto mais uma vez.

— Quero ir para casa — digo de maneira fraca.

Mas voltar para casa não é mais uma opção. Minhas únicas opções são a Audácia ou os bairros pobres dos sem-facção.

Ele não me encara com compaixão. Apenas me encara. Seus olhos estão escuros na penumbra do corredor, e sua boca está fixa em uma linha dura.

— Aprender a pensar em meio ao medo — diz ele — é uma lição que todos, até mesmo a sua família de Caretas, devem aprender. É isso o que estamos tentando ensinar-lhe. Se você não conseguir aprender, terá que dar o fora daqui, porque não vamos querer você.

— Estou *tentando*. — Meu lábio inferior treme. — Mas eu fracassei. Estou fracassando.

Ele suspira.

— Quanto tempo você acha que passou naquela alucinação, Tris?

— Não sei. — Balanço a cabeça. — Cerca de meia hora?

— Três minutos — responde ele. — Você acordou três vezes mais rápido do que os outros iniciandos. Você pode ser qualquer coisa, Tris, menos um fracasso.

Três minutos?

Ele esboça um sorriso.

— Amanhã você se sairá melhor. Você vai ver.

— Amanhã?

Ele apoia a mão nas minhas costas e me guia em direção ao dormitório. Sinto as pontas de seus dedos pela minha camisa. Sua pressão suave faz com que eu me esqueça dos corvos por um instante.

— O que você viu na sua primeira alucinação? — digo, olhando para ele.

— Não foi exatamente um "que" mas um "quem". — Ele dá de ombros. — Mas isso não importa.

— E você já conseguiu superar esse medo?

— Ainda não. — Nós alcançamos a porta do dormitório, e ele apoia as costas na parede, enfiando as mãos nos bolsos. — Talvez eu nunca supere.

— Então, eles não vão embora?

— Às vezes vão. E às vezes são apenas substituídos por novos medos. — Ele prende os dedões nas passadeiras de cinto da sua calça. — Mas o objetivo não é perder o medo. Isso seria impossível. Aprender a controlar seu medo e libertar-se dele é o *verdadeiro* objetivo.

Concordo com a cabeça. Eu costumava achar que os membros da Audácia eram destemidos. Pelo menos, era assim que pareciam ser para mim. Mas o que eu percebia como a falta de medo talvez fosse apenas o medo sob controle.

— De qualquer maneira, seus medos dificilmente serão exatamente o que aparece na simulação — diz ele.

— Como assim?

— Bem, você realmente tem medo de corvos? — pergunta ele, sorrindo discretamente. Sua expressão faz com que seus olhos fiquem cálidos o bastante para que eu esqueça que ele é o meu instrutor. Ele é apenas um garoto conversando de maneira natural e me acompanhando até a porta do dormitório. — Quando você vê um corvo, você sai correndo e gritando?

— Não. Acho que não. — Penso em me aproximar dele, sem um motivo específico, mas apenas porque quero saber a sensação de estarmos próximos;

apenas por isso.

Seria tolice, diz uma voz dentro da minha cabeça.

Eu me aproximo e me apoio contra a parede também, inclinando a cabeça para o lado para olhá-lo. Assim como na roda-gigante, sei exatamente quanto espaço há entre nós. Quinze centímetros. Eu me inclino. Menos de quinze centímetros. Sinto-me mais quente, como se ele estivesse emanando um tipo de energia que só consigo sentir agora que estou próxima o bastante.

— Então, do que tenho medo de verdade? — pergunto.

— Não sei — diz ele. — Apenas você pode saber.

Aceno com a cabeça devagar. Poderiam ser várias coisas, mas não sei qual delas seria a certa, ou até se há mesmo uma certa.

— Eu não sabia que me tornar um membro da Audácia seria tão difícil — digo, e imediatamente me surpreendo por ter falado isso; por ter admitido isso. Mordo o lado interno da minha bochecha e encaro Quatro cuidadosamente. Será que foi um erro dizer isso a ele?

— Dizem que nem sempre foi assim — fala ele, levantando um dos ombros. Minha confissão parece não incomodá-lo. — Quer dizer, se tornar um membro da Audácia.

— O que mudou?

— A liderança — diz ele. — A pessoa que controla o treinamento estabelece o padrão de comportamento da Audácia. Há seis anos, Max e outros líderes mudaram os métodos de treinamento para torná-los mais competitivos e brutais, afirmando que isso testaria a força das pessoas. E isso modificou as prioridades da Audácia como um todo. Aposto que você consegue adivinhar quem é o novo protegido dos líderes.

A resposta é óbvia: Eric. Eles treinaram-no para ser perverso, e agora ele nos treinará para sermos tão perversos quanto ele.

Olho para Quatro. O treinamento deles não funcionou com ele.

— Se você ficou em primeiro lugar entre os iniciandos da sua turma — digo —, então em que posição ficou Eric?

— Em segundo.

— Então, ele era a segunda opção de liderança deles — balanço a cabeça lentamente. — E você era a primeira.

— Por que acha isso?

— Pela maneira como Eric se comportou durante o jantar na primeira noite. Ele estava com inveja, mesmo já tendo o que quer.

Quatro não me contradiz. Devo estar certa. Queria perguntar a ele por que não assumiu a posição que os líderes lhe ofereceram; por que é tão resistente à liderança quando parece ser um líder nato. Mas sei como Quatro encara perguntas pessoais.

Eu fungo e enxugo o rosto mais uma vez, depois aliso meu cabelo.

— Parece que eu estive chorando? — pergunto.

— Bem... — Ele se inclina para perto de mim, cerrando os olhos como se estivesse inspecionando meu rosto. Um pequeno sorriso surge no canto de sua boca. Ele se aproxima ainda mais, tão próximo que estaríamos respirando o mesmo ar, se eu não houvesse esquecido completamente de respirar.

— Não, Tris — diz ele. Ele substitui o sorriso por uma expressão mais séria e fala: — Você parece dura como uma pedra.

CAPÍTULO DEZENOVE

AO ENTRAR NO DORMITÓRIO, vejo que a maioria dos outros iniciandos, tanto os nascidos na Audácia quanto os transferidos, estão aglomerados entre as fileiras de beliches e Peter está no centro deles. Ele segura uma folha de papel em suas mãos.

— *O êxodo em massa dos filhos dos líderes da Abnegação não pode ser ignorado ou atribuído ao acaso* — lê ele. — *A recente transferência de Beatrice e Caleb Prior, filhos de Andrew Prior, levanta dúvidas sobre a solidez dos valores e ensinamentos da Abnegação.*

Um calafrio invade minha espinha. Christina, em pé no canto do grupo, olha para o lado e me vê. Ela me olha com preocupação. Não consigo me mexer. Meu pai. Agora, a Erudição está atacando meu pai.

— *Por qual outro motivo, senão este, teriam os filhos de um homem tão importante decidido que o estilo de vida que ele escolheu para eles não é admirável?* — Peter continua a leitura. — *Molly Atwood, outra transferida dentro da Audácia, sugere que a culpa pode ser atribuída a uma criação perturbada e abusiva. "Eu a ouvi falar durante o sono uma vez", diz Molly. "Ela estava pedindo para que o pai parasse de fazer algo. Não sei o que era, mas fez com que tivesse pesadelos."*

Então, é assim que Molly resolveu se vingar. Ela deve ter falado com o repórter da Erudição com quem Christina discutiu.

Molly abre um sorriso. Seus dentes são tortos. Se eu os arrancasse com um soco, talvez estivesse fazendo um favor a ela.

— O quê? — pergunto. Na verdade, tento perguntar, porque minha voz sai abafada e rouca, e preciso limpar a garganta para falar novamente. — *O quê?*

Peter para de ler e algumas pessoas se viram. Parte delas, incluindo Christina, olha para mim com pena, com as sobrancelhas inclinadas e os

cantos das bocas voltados para baixo. Mas a maioria sorri debochadamente, encarando-me de maneira sugestiva. Peter é o último a se virar para mim, com um largo sorriso no rosto.

— Me dá isso — exijo, estendendo a mão. Meu rosto está fervendo.

— Mas não acabei de ler — responde ele, com um tom jocoso. Seus olhos voltam a sondar o papel. — *No entanto, a resposta talvez não se encontre em um homem desprovido de moralidade, mas nos ideais corrompidos de toda uma facção. Talvez a resposta esteja no fato de termos confiado nossa cidade a um grupo de tiranos pró-elitistas que não têm a capacidade de nos guiar da pobreza à prosperidade.*

Avanço sobre ele e tento arrancar o papel de suas mãos, mas ele o levanta bem acima da minha cabeça, para que eu não consiga alcançá-lo a não ser que pule. Mas não vou pular. Em vez disso, levanto o calcanhar e piso o mais forte que consigo no local onde os ossos dos seus pés ligam-se aos seus dedos. Ele range os dentes e reprime um gemido de dor.

Então, lanço-me em direção a Molly, esperando que a força do impacto a surpreenda e a derrube no chão, mas antes que eu consiga alcançá-la, duas mãos frias agarram meu pulso.

— Você está falando do meu *pai*! — grito. — Meu pai, sua covarde!

Will me afasta dela, levantando-me do chão. Respiro intensamente e me esforço para agarrar o papel antes que alguém leia mais uma palavra daquilo. Preciso queimá-lo; destruí-lo; preciso.

Will me arrasta para fora do dormitório, até o corredor, com as unhas fincadas na minha pele. Depois que as portas se fecham atrás de nós, ele me solta, e eu o empurro com toda a minha força.

— O que foi? Você acha que eu não consigo me defender contra aquele lixo da Franqueza?

— Não é isso — diz Will. Ele bloqueia a porta com o corpo. — Só achei melhor impedir que você começasse uma pancadaria dentro do dormitório. Acalme-se.

Eu solto uma pequena risada.

— Me acalmar? Me *acalmar*? Eles estão falando da minha *família*, da minha *facção*!

— Não, não estão. — Ele está com olheiras escuras sob os olhos e parece exausto. — Estão falando da sua antiga facção, e não há nada que você possa fazer a respeito, então o melhor é ignorá-los.

— Você por acaso ouviu o que eles disseram? — Meu rosto já não está mais quente e a minha respiração está voltando ao normal. — A porcaria da sua antiga facção não está mais apenas insultando a Abnegação. Eles estão incitando a derrubada de todo o governo.

Will solta uma risada.

— Não estão nada. Eles são arrogantes e enfadonhos, e é por isso que os deixei, mas não são revolucionários. Eles apenas desejam ter mais voz e se irritam com a Abnegação porque recusam-se a lhes dar ouvidos.

— Eles não querem que as pessoas os ouçam, querem que as pessoas concordem com eles — respondo. — E não é certo intimidar as pessoas para que elas concordem com você. — Eu cubro o rosto com as mãos. — Não consigo acreditar que o meu irmão tenha se juntado a eles.

— Ei. Eles não são de todo mal — diz ele de maneira dura.

Eu aceno com a cabeça, mas não acredito nele. Não consigo imaginar que alguém possa sair da Erudição ileso, embora Will pareça uma pessoa legal.

A porta se abre outra vez e Christina e Al se juntam a nós no corredor.

— É a minha vez de me tatuar — diz ela. — Quer vir conosco?

Eu ajeito o cabelo. Não posso voltar para o dormitório. Mesmo que Will deixasse, eu estaria em menor número lá dentro. Minha única opção é ir com eles e tentar esquecer o que está acontecendo fora do complexo da Audácia. Já tenho bastante com o que me preocupar além da minha família.

+ + +

À frente de mim, Al carrega Christina nas costas. Ela grita enquanto ele corre em meio à multidão. As pessoas que conseguem sair a tempo abrem passagem para eles.

Meu ombro ainda está ardendo. Christina me convenceu a tatuar o selo da Audácia junto com ela. O símbolo consiste em um círculo com uma chama dentro. Minha mãe nem reagiu à tatuagem na minha clavícula, então não me preocupo mais tanto com isso. As tatuagens fazem parte da vida aqui e são tão importantes para a minha iniciação quanto aprender a lutar.

Christina também me convenceu a comprar uma camisa que deixa tanto os meus ombros quanto a minha clavícula à mostra, e a passar delineador preto nos olhos novamente. Nem tento mais me opor às suas tentativas de me embelezar. Até porque já comecei a gostar delas.

Will e eu caminhamos atrás da Christina e do Al.

— Não acredito que você fez outra tatuagem — diz ele, balançando a cabeça.

— Por quê? — pergunto. — Porque sou uma Careta?

— Não. Porque você é... uma pessoa sensata. — Ele sorri. Seus dentes são retos e brancos. — E então, qual foi o seu medo hoje, Tris?

— Muitos corvos — respondo. — E o seu?

Ele começa a rir.

— Muito ácido.

Não pergunto o que ele quer dizer com isso.

— É realmente fascinante como tudo aquilo funciona — diz ele. — É basicamente um duelo entre o seu tálamo, que produz o medo, e o seu lobo frontal, que toma as decisões. Mas a simulação se passa toda dentro da sua cabeça, por isso você acha que alguém está fazendo aquilo com você, mas é apenas você, fazendo aquilo a si mesmo... — Ele perde o fio da meada. — Desculpe. Estou falando como alguém da Erudição. É apenas o hábito.

Dou de ombros.

— É interessante — digo.

Al quase derruba Christina, e ela agarra com força a primeira coisa que consegue alcançar, que por acaso é o rosto dele. Ele faz uma careta e segura melhor as pernas dela. Olhando assim, Al parece até feliz, mas há um peso até mesmo em seus sorrisos. Estou preocupada com ele.

Vejo Quatro em frente ao abismo, com um grupo de pessoas ao seu redor. Ele ri tanto que precisa segurar a grade para manter o equilíbrio. A julgar pela garrafa em sua mão e a expressão alegre em seu rosto, ele está bêbado ou a caminho de ficar. Eu havia começado a ver Quatro como uma pessoa dura, como um soldado, e tinha me esquecido de que ele tem apenas dezoito anos.

— Opa! — diz Will. — Instrutor à vista!

— Pelo menos não é o Eric — digo. — Ele provavelmente nos obrigaria a participar de algum tipo de desafio.

— É verdade, mas Quatro também é assustador. Lembra-se de quando ele apontou uma arma para a cabeça do Peter? Acho que ele fez xixi nas calças.

— Peter mereceu — digo com firmeza.

Will não argumenta. Talvez há algumas semanas houvesse argumentado, mas agora todos já vimos do que Peter é capaz.

— Tris! — grita Quatro. Will e eu trocamos olhares de surpresa e apreensão. Quatro solta a grade e caminha em minha direção. À frente de nós, Al para de correr e Christina desce das suas costas. Não os culpo por me encarar. Há quatro de nós, e Quatro está falando apenas comigo.

— Você está diferente. — Suas palavras, que costumam ser límpidas, soam confusas.

— Você também — digo. E ele realmente parece mais relaxado, mais jovem. — O que está fazendo?

— Desafiando a morte — responde ele, rindo. — Bebendo ao lado do abismo. Não deve ser uma boa ideia.

— Realmente, não é. — Não sei se gosto do Quatro assim. Há algo de inquietante nele.

— Não sabia que você tinha uma tatuagem — diz, olhando para minha clavícula.

Ele toma um pequeno gole da garrafa. Seu hálito é denso e forte. Como o hálito do homem sem-facção.

— É claro. Os *corvos* — diz ele. Vira o rosto e olha para os amigos, que, ao contrário dos meus, continuam a conversar sem ele. — Eu a convidaria a se juntar a nós, mas não é certo você me ver assim — continua.

Fico com vontade de perguntar-lhe por que ele quer que eu me junte a ele, mas suspeito que a resposta tenha algo a ver com a garrafa em sua mão.

— Assim como? — pergunto. — Bêbado?

— É... bem, não. — Sua voz se atenua. — Verdadeiro, eu acho.

— Vou fingir que não vi.

— É muito gentil da sua parte.

Ele aproxima os lábios do meu ouvido e diz:

— Você está bonita, Tris.

Suas palavras me surpreendem, e meu coração salta de repente. Eu preferia que não saltasse, porque, pela maneira como seu olhar passa direto pelo meu, percebo que ele não tem a menor ideia do que acabou de falar. Eu solto uma risada.

— Só me faça o favor de manter-se longe do abismo, está bem?

— É claro. — Ele pisca para mim.

Não consigo conter um sorriso. Will limpa a garganta, mas não quero desviar o olhar de Quatro, nem quando ele começa a caminhar de volta para seus amigos.

De repente, Al voa em minha direção como uma rocha rolando ladeira abaixo e me ergue em seu ombro. Eu solto um grito, com o rosto fervendo.

— Vem cá, garotinha — diz ele. — Vou te levar para jantar.

Eu apoio os cotovelos nas costas de Al e aceno para Quatro à medida que sou levada embora.

— Achei melhor salvar você — diz Al ao nos afastarmos. Ele me coloca de volta no chão. — O que foi aquilo?

Ele tenta parecer tranquilo, mas sua pergunta tem um tom quase triste. Ele ainda gosta demais de mim.

— É, acho que todos nós queremos saber a resposta para *esta* pergunta — diz Christina de uma maneira cantarolada. — O que ele disse?

— Nada. — Balanço a cabeça. — Ele estava bêbado. Não sabia o que estava falando. — Limpo a garganta. — É por isso que eu estava sorrindo. Foi... engraçado vê-lo daquele jeito.

— Certo — diz Will. — Será que não seria porque...

Dou uma cotovelada forte nas costelas de Will antes que ele termine a frase. Estava perto o bastante para ouvir o que Quatro falava sobre mim. Não quero que saia contando para todo mundo, especialmente para o Al. Não quero que ele se sinta ainda pior.

Em casa, eu costumava passar noites calmas e agradáveis com minha família. Minha mãe tricotava cachecóis para as crianças vizinhas. Meu pai auxiliava Caleb em seu dever de casa. Havia fogo na lareira e paz no meu coração, já que estava fazendo exatamente aquilo que deveria, e tudo era tranquilo.

Eu nunca havia sido carregada nas costas por um garoto enorme, ou gargalhado tanto na mesa de jantar que minha barriga doesse, ou escutado o tumulto de centenas de pessoas falando ao mesmo tempo. A paz é contida; isso aqui é liberdade.

CAPÍTULO VINTE

RESPIRO PELO NARIZ. Para dentro, para fora. Para dentro.

— É apenas uma simulação, Tris — diz Quatro com serenidade.

Ele está errado. A última simulação vazou para dentro da minha vida, tanto quando estou acordada quanto quando estou dormindo. Tive pesadelos, não apenas com os corvos, mas com as sensações que tive durante a simulação, de terror e impotência. Acredito que seja desta impotência que eu tenha medo de verdade. Tive ataques repentinos de terror no chuveiro, durante o café da manhã e no caminho até aqui. Roí tanto as unhas que feri os dedos. E não sou a única que se sente assim; dá para perceber.

Mesmo assim, concordo com a cabeça e fecho os olhos.

+ + +

Estou no escuro. As últimas coisas das quais me lembro são a cadeira de metal e a agulha no meu braço. Desta vez, não há nenhum campo; não há nenhum corvo. Meu coração dispara por antecipação. Quais serão os monstros que surgirão da escuridão para me roubar a racionalidade? Por quanto tempo serei obrigada a esperar por eles?

Uma esfera azul se acende poucos metros à minha frente e depois mais uma, enchendo o recinto de luz. Estou no chão do Fosso, perto do abismo, e os iniciandos estão ao meu redor, com os braços cruzados e os rostos inexpressivos. Procuro Christina e encontro-a entre eles. Nenhum deles se move. Sua imobilidade faz com que um nó se forme em minha garganta.

Vejo algo diante de mim: meu reflexo indistinto. Eu o toco, e meus dedos encostam em um vidro, frio e liso. Olho para cima. Há uma chapa de vidro

sobre mim; estou dentro de uma caixa de vidro. Eu a empurro para cima, para tentar abri-la. Ela nem se move. Estou trancada aqui dentro.

Meu coração dispara. Não quero ficar enclausurada. Alguém bate no vidro diante de mim. Quatro. Ele aponta para meus pés, sorrindo com deboche.

Alguns segundos atrás, meus pés estavam secos, mas agora estou dentro de um centímetro e meio de água, e minhas meias estão encharcadas. Eu me agacho para ver de onde está vindo a água, mas ela parece não estar vindo de lugar nenhum, apenas surgindo do chão de vidro da caixa. Levanto a cabeça e olho para Quatro, e ele dá de ombros. Ele se junta ao grupo de iniciandos.

A água sobe rapidamente. Agora já cobre meus tornozelos. Bato com os punhos contra o vidro.

— Ei! — grito. — Me tirem daqui!

A água continua a subir, fria e macia, até minhas panturrilhas nuas. Bato no vidro com mais força.

— Me tirem daqui!

Encaro Christina. Ela se inclina na direção de Peter, que está a seu lado, e sussurra algo em seu ouvido. Os dois riem.

A água cobre minhas coxas. Bato com os dois punhos contra o vidro. Não estou mais tentando chamar a atenção deles; estou tentando quebrar o vidro. Desesperada, bato contra o vidro com o máximo de força que consigo. Dou um passo para trás e jogo o ombro contra a parede, uma, duas, três, quatro vezes. Bato na parede de vidro até meu ombro começar a doer, gritando por socorro, vendo a água subir até a cintura, as costelas, o peito.

— Socorro! — grito. — Por favor! Por favor, me ajudem!

Dou um tapa no vidro. Vou morrer neste tanque. Corro as mãos trêmulas pelos cabelos.

Vejo Will entre os iniciandos e algo atiça as profundezas da minha memória. Algo que ele disse. *Vamos, pense.* Paro de tentar quebrar o vidro. É difícil respirar, mas preciso tentar. Precisarei do máximo de ar possível daqui a alguns segundos.

Meu corpo é erguido com leveza pela água. Eu flutuo para mais perto do teto e inclino a cabeça para trás à medida que a água cobre meu queixo. Arfando, aperto o rosto contra o vidro acima de mim, sugando o máximo de ar que consigo. E então a água me cobre, envolvendo-me completamente dentro da caixa.

Não entre em pânico. Não adianta, meu coração acelera e meus pensamentos embaralham. Eu me debato dentro da água, batendo contra as paredes. Chuto o vidro com o máximo de força que consigo, mas a água desacelera meu pé. *A simulação está toda dentro da sua cabeça.*

Solto um grito, e minha boca se enche de água. Se está tudo na minha cabeça, então posso tomar o controle da situação. A água queima meus olhos. Os rostos passivos dos iniciandos me encaram. Eles não ligam para mim.

Eu grito novamente e empurro a parede com a palma da mão. Ouço alguma coisa. O ruído de algo rachando. Quando recolho a mão, vejo que há uma rachadura no vidro. Bato com a outra mão ao lado da rachadura e trinco o vidro novamente. Desta vez, no entanto, a rachadura cresce, a partir da minha mão, em linhas longas e tortuosas. Meu peito arde, como se eu tivesse acabado de engolir fogo. Chuto a parede de vidro. Os dedos do meu pé doem com o impacto, e ouço um ronco baixo e longo.

O vidro arrebenta, e a força da água contra minhas costas me lança para a frente. Consigo respirar novamente.

Eu arquejo e levanto o tronco. Estou na cadeira. Respiro profundamente e balanço os braços para a frente. Quatro está à minha direita, mas, em vez de me ajudar a levantar, ele apenas me encara.

— O que foi? — pergunto.

— Como você conseguiu fazer aquilo?

— Fazer o quê?

— Quebrar o vidro.

— Não sei. — Quatro finalmente me oferece a mão. Jogo as pernas para o lado da cadeira e, ao me levantar, sinto-me segura. Calma.

Ele solta um suspiro e agarra o meu ombro, guiando-me e me arrastando para fora da sala ao mesmo tempo. Caminhamos rapidamente pelo corredor, e, então, paro, puxando o braço. Ele me encara em silêncio. Não me dará nenhuma informação a não ser que eu pergunte.

— O que foi? — pergunto.

— Você é Divergente — responde ele.

Eu o encaro, o medo pulsando dentro de mim como eletricidade. Ele sabe. Como ele sabe? Devo ter me entregado. Devo ter falado algo de errado.

Preciso agir com naturalidade. Eu me reclino, apoiando os ombros contra a parede, e digo:

— O que é um Divergente?

— Não se faça de idiota — diz ele. — Suspeitei da última vez, mas agora ficou óbvio. Você manipulou a simulação; você é Divergente. Vou apagar a gravação, mas a não ser que você queira acabar *morta* no fundo do abismo, é melhor arrumar um jeito de esconder isso durante as simulações. Agora, me dá licença.

Ele volta para a sala de simulação e bate a porta. Sinto o coração batendo na minha garganta. Eu manipulei a simulação; quebrei o vidro. Não sabia que isso era uma atitude Divergente.

Como será que ele soube?

Afasto-me da parede e começo a descer o corredor. Preciso de respostas, e sei exatamente quem as terá.

+ + +

Caminho diretamente para o estúdio de tatuagens onde vi Tori pela última vez.

Não há muitas pessoas ao redor, porque estamos no meio da tarde e a maioria delas está no trabalho ou na escola. Há três pessoas no estúdio: o outro tatuador, um homem em cujo braço ele está desenhando um leão e

Tori, que está ordenando uma pilha de papéis no balcão. Ela olha para mim quando entro.

— Olá, Tris — diz ela, e olha para o outro tatuador, que está concentrado demais no que está fazendo para nos dar atenção. — Vamos para os fundos.

Eu a sigo para trás da cortina que separa as duas salas. A sala dos fundos conta com algumas cadeiras, agulhas de tatuagem sobressalentes, tinta, blocos de papel e obras de arte emolduradas. Tori fecha a cortina e senta-se em uma das cadeiras. Eu me sento ao seu lado, batendo com os pés no chão para me ocupar com alguma coisa.

— O que foi? — pergunta ela. — Como estão indo as simulações?

— Muito bem. — Aceno com a cabeça algumas vezes. — Parece que bem até demais.

— Ah.

— Por favor, ajude-me a entender — digo rapidamente. — O que significa ser... — Hesito. Não deveria pronunciar a palavra "Divergente" aqui. — O que diabos eu sou? O que isso tem a ver com as simulações?

O comportamento de Tori muda de repente. Ela apoia as costas na cadeira e cruza os braços. Sua expressão se fecha.

— Entre outras coisas, você... você é alguém que tem consciência, quando está em uma simulação, que o que está vivendo não é real — diz ela. — Alguém que pode, portanto, manipular a simulação ou até mesmo encerrá-la. E também... — Ela se inclina para a frente e me encara. — Alguém que, por também ser da Audácia... provavelmente irá morrer.

Um peso se instala em meu peito, como se cada frase que ela dissesse se empilhasse sobre mim. A tensão se acumula dentro de mim até eu não conseguir mais contê-la e precisar chorar, gritar, ou...

Solto uma risada rápida e seca que morre quase tão repentinamente quanto surge, e digo:

— Então, eu vou morrer?

— Não necessariamente — diz ela. — Os líderes da Audácia ainda não sabem a respeito de você. Eu apaguei os resultados do teste de aptidão do sistema imediatamente e cadastrei o seu resultado manualmente como Abnegação. Mas pode ter certeza: se eles descobrirem o que você é, eles *vão* te matar.

Eu a encaro em silêncio. Ela não parece ser louca. Parece sã, mesmo que um pouco nervosa, e nunca suspeitei de que fosse desequilibrada. Mas só pode ser. Não há nenhum registro de assassinato em nossa cidade desde que nasci. Mesmo que alguns indivíduos sejam capazes disso, os líderes de uma facção nunca seriam.

— Você está paranoica — digo. — Os líderes da Audácia não me matariam. As pessoas não fazem essas coisas. Não mais. É por isso que temos tudo isso... todas as facções.

— Você acha que não? — Ela pousa as mãos sobre os joelhos e me encara diretamente, com as feições subitamente tomadas por certa ferocidade. — Eles pegaram meu irmão, então, por que não pegariam você? Por acaso você é tão especial assim?

— Seu irmão? — digo, cerrando os olhos.

— É. Meu irmão. Nós dois nos transferimos da Erudição, mas o teste de aptidão dele foi inconclusivo. No último dia das simulações, eles acharam o corpo dele no abismo. Disseram que foi suicídio. Meu irmão estava indo bem nos treinamentos, estava namorando outra inicianda, estava *feliz*. — Ela balança a cabeça. — Você tem um irmão, não tem? Você não acha que saberia se ele tivesse tendências suicidas?

Tento imaginar Caleb se matando. A ideia, por si só, já me parece absurda. Mesmo que Caleb estivesse extremamente triste, isso nunca seria uma opção para ele.

Suas mangas estão dobradas, e eu consigo ver a tatuagem de um rio em seu braço direito. Será que ela tatuou isso depois que o irmão morreu? Será que o rio foi outro medo que ela superou?

Ela baixa a voz.

— No segundo estágio do treinamento, Georgie começou a se sair bem muito rápido. Ele disse que as simulações nem o amedrontavam... elas eram como um jogo. Então, os instrutores começaram a prestar mais atenção nele. Eles se amontoavam na sala durante as simulações, em vez de apenas deixar que o instrutor registrasse os resultados. Sussurravam a respeito dele o tempo todo. No último dia das simulações, um dos líderes da Audácia veio vê-lo com os próprios olhos. E no dia seguinte Georgie se foi.

Eu poderia me aperfeiçoar nas simulações se aprendesse a controlar a força que me ajudou a quebrar o vidro. Eu poderia me tornar tão boa que os instrutores reparassem em mim. Eu poderia, mas será que eu farei isso?

— E essa é a nossa única característica? — questiono. — Apenas conseguir mudar as simulações?

— Duvido de que seja — diz ela —, mas é a única que conheço.

— Quantas pessoas sabem sobre isso? — digo, pensando em Quatro. — Sobre a manipulação das simulações.

— Dois tipos de pessoa — diz ela. — As pessoas que querem matar você. Ou quem já passou por isso, diretamente ou indiretamente, como eu.

Quatro disse que apagaria a gravação na qual eu quebro o vidro. Ele não me quer morta. Será que ele é um Divergente? Ou será que é alguém da família dele? Ou um amigo? Ou uma namorada?

Afasto esse pensamento da minha cabeça. Não posso me distrair com ele agora.

— Não entendo — falo devagar — por que os líderes da Audácia se importam se eu consigo ou não manipular as simulações.

— Se eu tivesse descoberto isso, já teria contado para você. — Ela contrai os lábios. — A única coisa que consegui descobrir é que não é com a manipulação da simulação que eles estão preocupados; ela é apenas o sintoma de outra coisa. É esta outra coisa que os preocupa.

Tori segura minha mão e a aperta entre as suas.

— Pense bem — diz ela. — Essas pessoas lhe ensinaram a usar uma arma. Eles lhe ensinaram a lutar. Você realmente acha que não seriam capazes de machucar você? De matar você?

Ela solta minha mão e se levanta.

— Preciso ir agora, ou Bud vai começar a fazer perguntas. Tome cuidado, Tris.

CAPÍTULO VINTE E UM

A PORTA DO FOSSO se fecha atrás de mim e estou sozinha. Desde o dia da Cerimônia de Escolha não ando por este túnel. Lembro-me de como andei por ele naquele dia, com os passos instáveis, procurando por luz. Agora caminho com firmeza. Não preciso mais de luz.

Faz quatro dias que conversei com Tori. Desde então, a Erudição publicou mais dois artigos a respeito da Abnegação. O primeiro acusava a Abnegação de reter artigos de luxo, como carros e frutas frescas, das outras facções, com o objetivo de impor sua crença de sacrifício sobre todos os outros. Quando o li, lembrei de Cara, a irmã do Will, acusando minha mãe de reter produtos.

O segundo artigo discutia as questões por trás da escolha dos líderes governamentais baseada em suas facções, questionando os motivos pelos quais apenas as pessoas que se definem como altruístas deveriam estar no poder. O texto promovia o retorno aos sistemas políticos de eleições democráticas do passado. Na verdade, isso faz muito sentido, o que me faz pensar que tudo não passa de uma incitação revolucionária sendo vendida como algo racional.

Alcanço o final do túnel. A rede se estende sob o enorme buraco, da mesma maneira que estava quando a vi pela última vez. Subo as escadas até a plataforma de madeira para onde Quatro me puxou depois da minha aterrissagem e seguro a barra na qual a rede está ligada. Eu não teria conseguido erguer meu corpo apenas com os braços quando cheguei aqui, mas agora faço isso quase automaticamente, rolando em seguida para o centro da rede.

Acima de mim vejo os prédios vazios ao redor da borda do buraco e o céu. Ele está azul-escuro e sem estrelas. Também não vejo a lua.

Os artigos me incomodaram, mas pude contar com meus amigos para me animar, o que é algo admirável. Quando o primeiro foi publicado, Christina seduziu um dos cozinheiros da Audácia, e ele deixou que nós experimentássemos um pouco de massa de bolo. Depois do segundo artigo, Uriah e Marlene me ensinaram um jogo de cartas, que jogamos por duas horas seguidas no refeitório.

Mas hoje à noite quero ficar sozinha. Além disso, quero me lembrar dos motivos que me fizeram vir para cá, e por que eu estava tão determinada a ficar aqui que cheguei a pular de um prédio para isso, mesmo antes de saber o que significava pertencer à Audácia. Enfio os dedos nos buracos da rede sob o meu corpo.

Eu queria ser como os alunos da Audácia que eu via na escola. Queria ser barulhenta, ousada e livre como eles. Mas eles ainda não eram membros; estavam apenas brincando de ser da Audácia. Assim como eu, quando pulei do telhado do prédio. Não sabia o que é o medo.

Nos últimos quatro dias, enfrentei quatro medos. Em um deles, estava amarrada a um poste e Peter acendia uma fogueira sob meus pés. Em outro, eu estava me afogando novamente, mas desta vez no meio do oceano, com a água se agitando ao meu redor. No terceiro, assisti à minha família sangrar lentamente até a morte. No quarto, alguém apontava uma arma para mim e me obrigava a atirar neles. Agora, sei o que é o medo.

O vento atinge a beirada do buraco e me alcança, e eu fecho os olhos. Na minha mente, estou novamente na beirada do telhado. Desabotoo a camisa cinza da Abnegação, deixando os braços à mostra, expondo mais do meu corpo do que qualquer outra pessoa jamais havia visto. Enrolo a camisa e jogo-a contra o peito do Peter.

Abro os olhos. Não, eu estava errada; não pulei do prédio porque queria ser como os membros da Audácia. Pulei porque já era como eles, e queria me mostrar para eles. Eu queria reconhecer uma parte de mim que a Abnegação me obrigava a esconder.

Estico as mãos acima da cabeça e seguro a rede outra vez. Flexiono os dedos do pé até o limite, tomando o máximo de espaço da rede que consigo. O céu noturno está vazio e silencioso e, pela primeira vez em quatro dias, minha mente também está.

+ + +

Seguro minha cabeça com as mãos e respiro profundamente. Hoje a simulação foi a mesma de ontem: alguém apontava uma arma para mim e ordenava que eu atirasse contra minha família. Quando levanto a cabeça, vejo que Quatro está me observando.

— Eu sei que a simulação não é real — digo.

— Você não precisa me explicar isso — responde ele. — Você ama sua família e não quer atirar neles. Não há nada de absurdo nisso.

— A simulação é o único momento que tenho para vê-los — falo. Embora ele diga que não preciso, sinto que devo lhe explicar por que tenho tanta dificuldade em enfrentar esse medo. Retorço os dedos e depois os separo. As pontas das minhas unhas estão completamente comidas. Eu as tenho roído enquanto durmo. Acordo com as mãos sangrando todos os dias. — Sinto falta deles. Você às vezes... não sente falta da sua família?

Quatro olha para o chão.

— Não — diz ele depois de um tempo. — Não sinto. Mas sei que isso não é comum.

Não, não é comum. É tão incomum que eu me esqueço da simulação em que fui obrigada a apontar uma arma para o peito de Caleb. Como será que era sua família, se ele nem liga mais para eles?

Paro com a mão na maçaneta da porta e olho para ele.

Você é como eu? Pergunto em silêncio. *Você é Divergente?*

Sinto que estou correndo perigo só em pensar esta palavra. Seus olhos encaram os meus e, enquanto os segundos passam silenciosamente, sua expressão vai se tornando cada vez menos severa. Ouço a batida do meu

coração. Estou encarando-o a mais tempo do que deveria, mas ele devolve o olhar, e sinto que nós dois estamos tentando dizer algo que o outro não consegue ouvir, embora eu possa estar errada. Continuo encarando-o, e agora o coração bate ainda mais forte, enquanto seus olhos tranquilos me engolem inteira.

Eu abro a porta e desço o corredor apressada.

Não deveria me distrair tão facilmente com ele. Não deveria pensar em nada além da iniciação. As simulações deveriam me perturbar mais; elas deveriam estilhaçar minha mente, como têm feito com os outros iniciandos. Drew não consegue dormir e fica apenas encarando a parede em posição fetal. Al grita todas as noites por causa dos pesadelos e chora em seu travesseiro. Em comparação, meus pesadelos e unhas roídas não são nada.

Os gritos do Al sempre me acordam, e olho para as molas da cama acima da minha e me pergunto o que há de errado comigo, se continuo me sentindo forte mesmo quando todos ao meu redor estão desmoronando. Será que essa confiança que sinto tem a ver com o fato de eu ser Divergente ou será outra coisa?

Ao voltar para o dormitório, espero encontrar a mesma coisa que vi no dia anterior: alguns iniciandos deitados em suas camas, encarando o vazio. No entanto, encontro-os em pé em meio a um grupo no outro canto do quarto. Eric está diante deles com um quadro-negro nas mãos, mas ele está virado para o outro lado, então não consigo ler o que está escrito. Paro ao lado do Will.

— O que está acontecendo? — sussurro. Espero que não seja outro artigo, porque não sei se consigo aguentar mais hostilidades contra mim.

— Estão divulgando as colocações do segundo estágio — diz ele.

— Pensei que não haveriam mais cortes a partir do segundo estágio — digo baixinho.

— E não haverão. É apenas um tipo de relatório de como as coisas estão indo.

Eu concordo com a cabeça.

Ver o quadro-negro faz com que me sinta inquieta, como se algo estivesse nadando dentro do meu estômago. Eric levanta o quadro e o pendura em um prego na parede. Quando ele se afasta, o silêncio domina o recinto, e estico o pescoço para ver o que está escrito.

Meu nome está em primeiro lugar.

As pessoas olham para mim. Continuo lendo a lista. Christina e Will estão em sétimo e nono, respectivamente. Peter está em segundo, mas, quando olho para o tempo que está escrito ao lado do seu nome, percebo que minha vantagem sobre ele está suspeitamente larga.

A média de tempo dele é de oito minutos. A minha é de dois minutos e quarenta e cinco segundos.

— Parabéns, Tris — diz Will baixinho.

Eu balanço a cabeça, ainda encarando o quadro. Deveria estar feliz por ter ficado em primeiro lugar, mas sei o que isso significa. Se Peter e seus amigos já me detestavam antes, agora eles vão me odiar ainda mais. Agora eu sou o Edward. O próximo olho furado pode ser o meu. Ou algo ainda pior.

Procuro o nome do Al e vejo que ele está em último lugar. A aglomeração de iniciandos se dispersa lentamente, até que apenas eu, Peter, Will e Al permanecemos. Quero consolar Al. Quero dizer a ele que o único motivo para eu estar indo tão bem é que há algo de diferente com meu cérebro.

Peter vira-se lentamente, emanando tensão de cada um de seus membros. Ele poderia ter apenas me encarado, mas me lança um olhar muito mais ameaçador; um olhar de puro ódio. Caminha em direção ao seu beliche, mas no último instante arranca para cima de mim, empurrando-me contra a parede, com as mãos em meus ombros.

— Não serei desbancado por uma Careta. — Sua voz chia, e seu rosto se aproxima tanto do meu que consigo sentir seu hálito pútrido. — Como foi que você conseguiu, hein? Como diabos você conseguiu?

Ele me puxa um pouco para a frente, depois me lança contra a parede novamente. Eu travo os dentes para evitar soltar um grito, embora a dor do impacto tenha percorrido toda a minha espinha. Will agarra a gola da camisa de Peter e o arrasta para longe de mim.

— Deixe-a em paz — diz ele. — Só um covarde intimidaria uma garotinha desse jeito.

— Uma garotinha? — diz Peter com escárnio, arrancando a mão do Will de sua camisa. — Você é cego ou é só burro mesmo? Ela vai empurrá-lo para as últimas colocações e para fora da *Audácia*, e você perderá *tudo*, só porque ela sabe como manipular as pessoas e você, não. Portanto, me procure quando você finalmente se der conta de que ela está querendo mesmo é arruinar a todos nós.

Peter sai do dormitório, furioso. Molly e Drew o seguem, com expressões de repugnância.

— Obrigada — digo, acenando a cabeça para Will.

— O que ele disse é verdade? — diz Will baixinho. — Você está tentando nos manipular?

— E como diabos eu faria algo assim? — brigo com ele. — Só estou fazendo o melhor que posso, como todos os outros.

— Eu não sei. — Ele ergue um pouco os ombros. — Talvez agindo como se fosse fraca, para que tenhamos pena de você, depois agindo de maneira forte, para ganhar vantagem sobre nós?

— Ganhar vantagem sobre vocês? — repito. — Sou sua *amiga*. Eu não faria isso.

Ele não diz nada, mas percebo que não acredita completamente em mim.

— Não seja idiota, Will — diz Christina, pulando do beliche.

Ela olha para mim sem compaixão e diz:

— Ela não está atuando.

Christina vira-se e sai do dormitório sem bater a porta. Will vai atrás dela. Fico sozinha no quarto com Al. A primeira e o último.

Al nunca pareceu pequeno para mim, mas agora ele parece, com seus ombros rebaixados e o corpo dobrado sobre si mesmo como um pedaço amassado de papel. Ele se senta na beirada da cama.

— Você está bem? — pergunto.

— Claro — responde ele.

Seu rosto está muito vermelho. Eu desvio o olhar. Minha pergunta foi apenas uma formalidade. Só um cego não veria que ele não está nada bem.

— Ainda não acabou — digo. — Você pode melhorar a sua posição na tabela se você...

Perco a voz quando ele levanta o rosto e olha para mim. Nem sei o que diria a ele caso eu terminasse a frase. Não existem estratégias para o segundo estágio. Eles penetram nas profundezas do que nós realmente somos e testam qualquer coragem que encontram por lá.

— Viu? — diz ele. — Não é tão simples assim.

— Sei que não é.

— Não, acho que você não sabe — diz ele, balançando a cabeça. Seu queixo treme. — Para você é fácil. Tudo isso é fácil.

— Isso não é verdade.

— É, sim. — Ele fecha os olhos. — Fingir que não é não me ajuda em nada. Eu nem... Eu nem acredito que você possa realmente me ajudar.

Sinto como se um forte temporal caísse sobre mim e minhas roupas estivessem pesadas e encharcadas; como se eu estivesse pesada e desajeitada e inútil. Não sei se ele quis dizer que ninguém pode ajudá-lo ou que eu, especificamente, não posso ajudá-lo, mas qualquer uma dessas possibilidades me incomoda. Quero ajudá-lo. Mas sou incapaz.

— Eu... — começo a falar, tentando me desculpar, mas pelo quê? Por pertencer mais à Audácia do que ele? Por não saber o que dizer?

— Eu só... — As lágrimas que vinham se acumulando em seus olhos escorrem, molhando suas bochechas — ...quero ficar sozinho.

Eu faço que sim com a cabeça e me viro. Deixá-lo sozinho não é uma boa ideia, mas não há nada que eu possa fazer. Ouço o som da porta se fechando atrás de mim e continuo caminhando.

Passo pelo bebedouro e pelos túneis que pareciam intermináveis no dia em que cheguei aqui, mas nos quais eu mal reparo agora. Essa não é a primeira vez em que traio os ensinamentos da minha família desde que cheguei, mas, por algum motivo, sinto como se fosse. Em todas as outras vezes, eu soube o que deveria fazer, mas optei por não fazê-lo. Desta vez, não sabia o que fazer. Será que perdi a habilidade de reconhecer o que as pessoas precisam? Será que eu perdi parte de mim mesma?

Continuo andando.

+ + +

Não sei como, mas encontro o mesmo corredor em que me sentei no dia em que Edward foi embora. Não queria ficar sozinha, mas acho que não tenho opção. Fecho os olhos e me concentro no chão frio de pedra sob meu corpo, enquanto respiro o ar bolorento do subsolo.

— Tris! — grita alguém do fim do corredor. Uriah corre lentamente em minha direção. Atrás dele, estão Lynn e Marlene. Lynn está segurando um bolinho.

— Pensei que a encontraria aqui. — Ele se agacha perto dos meus pés. — Fiquei sabendo que você ficou em primeiro lugar.

— Então, você queria apenas me parabenizar? — Rio de maneira debochada. — Bem, obrigada.

— Acho que *alguém* deveria parabenizá-la — diz ele. — E eu acredito que seus amigos não estejam muito a fim, já que as posições deles não estão entre as melhores. Então, pare de se lamentar e venha conosco. Vou acertar um bolinho na cabeça da Marlene com um tiro.

A ideia é tão absurda que não consigo deixar de rir. Eu me levanto e sigo Uriah até o final do corredor, onde Marlene e Lynn estão esperando. Lynn

cerra os olhos quando olha para mim, mas Marlene sorri.

— Por que você não saiu para comemorar? — pergunta ela. — Você já está praticamente garantida entre os dez melhores se continuar assim.

— Ela é Audácia demais para os outros transferidos — diz Uriah.

— E Abnegação demais para comemorar — comenta Lynn.

Eu a ignoro.

— Por que você quer atirar em um bolinho na cabeça da Marlene?

— Ela duvidou que eu conseguisse atingir um pequeno objeto a uma distância de trinta metros — explica Uriah. — Apostei que ela não teria a coragem de ficar na frente quando eu tentasse. Tudo se encaixou perfeitamente.

A sala de treinamento onde atirei com uma arma pela primeira vez não fica muito longe do meu corredor secreto. Chegamos lá em menos de um minuto, e Uriah acende a luz. O lugar está exatamente igual à última vez em que estive aqui: alvos em um lado da sala, e uma mesa com armas no outro.

— Eles realmente deixam essas coisas largadas desse jeito? — pergunto.

— Deixam, mas elas não estão carregadas. — Uriah levanta a camisa. Há uma arma presa à cintura de sua calça, logo abaixo de uma tatuagem. Observo o desenho, tentando desvendar o que é, mas ele abaixa a camisa antes que eu consiga decifrá-lo.

— Pronto — diz ele. — Vá para a frente de um dos alvos.

Marlene se afasta, saltitante.

— Você não vai realmente atirar nela, vai? — pergunto para Uriah.

— Não é uma arma de verdade — diz Lynn tranquilamente. — Ela está carregada com bolinhas de plástico. O máximo que pode acontecer é machucar um pouco o rosto dela ou talvez deixá-lo um pouco vermelho. Você acha que nós somos idiotas?

Marlene se posiciona em frente a um dos alvos e pousa o bolinho sobre a cabeça. Uriah fecha um olho ao mirar.

— Espere! — grita Marlene. Ela arranca um pedaço do bolinho e enfia-o em sua boca. — Pronto! — grita de novo, com a boca cheia. Ela faz um sinal de positivo com o dedão.

— Imagino que suas posições na tabela sejam boas — digo para Lynn.

Ela acena com a cabeça.

— Uriah está em segundo. Eu estou em primeiro. Marlene é a quarta.

— Você está vencendo de mim por muito pouco — diz Uriah, enquanto continua a mirar. Ele aperta o gatilho. O bolinho cai da cabeça de Marlene. Ela nem pisca.

— Nós dois ganhamos! — grita ela.

— Você sente saudade da sua antiga facção? — Lynn me pergunta.

— Às vezes — digo. — As coisas eram mais tranquilas por lá. Não era tão exaustivo.

Marlene pega o bolinho do chão e o enfia na boca.

— Que nojo! — grita Uriah.

— O objetivo da iniciação é nos reduzir ao que verdadeiramente somos. Pelo menos, é isso que diz o Eric — diz Lynn. Ela levanta uma das sobrancelhas.

— Quatro diz que o objetivo é nos preparar.

— Bem, eles não costumam se entender.

Eu concordo com a cabeça. Quatro me disse que as projeções de Eric a respeito da Audácia são equivocadas, mas eu gostaria de que ele me dissesse como, então, acha que elas deveriam ser. De vez em quando, consigo captar alguns momentos do que eu acredito que seja, como quando os membros da Audácia festejaram o meu salto do telhado do prédio, ou quando formaram uma rede com os braços para me segurar depois que desci na tirolesa, mas isso não é o bastante. Será que ele já leu o manifesto da Audácia? Será que é nisso em que ele acredita? Nos atos simples de bravura?

A porta da sala de treinamento se abre. Shauna, Zeke e Quatro entram no exato momento em que Uriah atira em um dos alvos. A bolinha de plástico

quica no centro do alvo e rola no chão.

— Bem que eu pensei ter ouvido alguma coisa daqui de dentro — diz Quatro.

— Parece que é o idiota do meu irmão — diz Zeke. — Vocês não deveriam estar aqui tão tarde. Cuidado, ou Quatro pode contar para Eric, e aí vocês vão se ferrar.

Uriah torce o nariz ao olhar para o irmão e guarda a arma de brinquedo. Marlene atravessa a sala, dando mordidas em seu bolinho, e Quatro se afasta da porta para que nós saiamos.

— Você não nos deduraria ao Eric — diz Lynn, olhando desconfiadamente para Quatro.

— Não, eu não faria isso — diz. Quando passo por ele, ele apoia a mão nas minhas costas para me guiar para fora, encostando a palma entre as minhas omoplatas. Eu me arrepio. Espero que ele não tenha notado.

O grupo desce o corredor. Zeke e Uriah se empurram, Marlene divide o bolinho com Shauna e Lynn caminha na frente de todos. Eu começo a segui-los.

— Espere um pouco — diz Quatro. Eu me viro e olho para ele, imaginando qual versão de Quatro verei agora: o que me dá broncas ou o que escala rodas gigantes comigo. Ele esboça um sorriso, mas isso não altera seu olhar, que parece estar tenso e preocupado.

— Você sabe que aqui é o seu lugar, não sabe? — ele diz. — Seu lugar é conosco. Logo, isso tudo vai terminar, então aguente só mais um pouco, está bem?

Ele coça a parte de trás da orelha e desvia o olhar, como se estivesse envergonhado do que disse.

Eu o encaro. Sinto a batida do meu coração por todo o corpo, até mesmo nos dedos do pé. Sinto vontade de fazer algo ousado, mas poderia também simplesmente ir embora. Não sei qual opção seria a mais inteligente, ou a mais sensata. Eu não sei nem se me importo com isso.

Estendo a mão e seguro a dele. Seus dedos se entrelaçam nos meus. Não consigo respirar.

Olho para cima, para ele, e ele para baixo, para mim. Ficamos assim por um longo tempo. Então, eu recolho a mão e corro atrás de Uriah, Lynn e Marlene. Talvez agora ele me considere idiota ou estranha. Mas talvez tenha valido a pena.

+ + +

Sou a primeira pessoa a chegar ao dormitório e, quando outros começam a chegar, deito-me e finjo estar dormindo. Não preciso de nenhum deles, se forem continuar a agir assim sempre que eu me sair bem em alguma coisa. Se conseguir terminar a iniciação, vou me tornar um membro da Audácia e não precisarei mais vê-los.

Não preciso mais deles, mas continuo querendo sua companhia? Cada tatuagem que fiz com eles é um lembrete da nossa amizade, e quase todas as vezes em que ri neste lugar escuro foi por causa deles. Não quero perdê-los. Mas sinto como se já tivesse perdido.

Depois de pelo menos meia hora de pensamentos intensos, deito-me de barriga para cima e abro os olhos. O dormitório está escuro agora, e todos já se deitaram. *Devem estar exaustos de tanto me odiar*, penso, com um sorriso torto. Além de vir da mais odiada das facções, agora também os estou humilhando.

Levanto-me para beber água. Não tenho sede, mas preciso fazer alguma coisa. Meus pés descalços fazem um som grudento no chão enquanto caminho, e encosto a mão na parede para me orientar. Há uma lâmpada azul acesa sobre o bebedouro.

Seguro os cabelos sobre um dos ombros e me inclino. Assim que a água encosta em meus lábios, ouço vozes no final do corredor. Me esgueiro para mais perto delas, esperando que a escuridão me mantenha escondida.

— Até agora, não houve nenhum sinal disso. — A voz é de Eric. Sinal de quê?

— Bem, ainda não haveria como você ter certeza — responde alguém. Uma voz feminina; fria e familiar, mas como algo que ouvi em um sonho, e não como a voz de uma pessoa real. — O treinamento de combate não revela nada. As simulações, no entanto, são capazes de revelar quem são os rebeldes Divergentes, se é que há algum. Portanto, teremos que examinar as gravações várias vezes para ter certeza.

A palavra "Divergente" faz com que eu congele. Inclino-me para a frente, com as costas encostadas na pedra, para ver de quem é a voz que me parece tão familiar.

— Não esqueça o motivo que me levou a pedir ao Max que nomeasse você como líder — diz a voz. — Sua prioridade máxima será sempre encontrá-los. Sempre.

— Não esquecerei.

Eu me movimento alguns centímetros para a frente, esperando ainda estar escondida. Seja quem for a dona dessa voz, é ela que está no comando; ela é responsável pela posição de liderança do Eric; é ela que me quer morta. Inclino a cabeça para a frente, esforçando-me para vê-los antes que virem o corredor.

De repente, alguém me agarra por trás.

Tento gritar, mas uma mão cobre minha boca. A mão cheira a sabão e é grande o bastante para cobrir toda a parte de baixo do meu rosto. Eu me debato, mas os braços que me prendem são fortes demais, e mordo um de seus dedos.

— Ai! — grita uma voz rouca.

— Cale-se e mantenha a boca dela coberta. — A voz que diz isso é mais aguda e limpa que outras vozes masculinas. Peter.

Uma venda preta cobre meus olhos, e as mãos de outra pessoa a amarram atrás da minha cabeça. Eu me esforço para respirar. Há pelo menos duas

mãos segurando meus braços e me arrastando para a frente, outra nas minhas costas, empurrando-me, e uma outra cobrindo minha boca e evitando que eu grite. Três pessoas. Meu peito dói. Não consigo lutar contra três pessoas sozinha.

— Como será o som de uma Careta implorando por piedade? — diz Peter, soltando uma risadinha. — Vamos, depressa.

Tento me concentrar na mão que cobre minha boca. Deve haver algo de diferente nela que me ajude a identificar de quem é. Descobrir sua identidade é uma maneira de me concentrar em algo. Preciso ocupar meus pensamentos ou entrarei em pânico.

A palma da mão está suada e é macia. Eu cerro os dentes e respiro pelo nariz. O cheiro de sabão me parece familiar. Erva-cidreira e sálvia. O mesmo cheiro que sinto ao redor do beliche do Al. Um peso atinge meu estômago.

Ouço o som de água se chocando contra pedras. Estamos perto do abismo. Provavelmente bem acima dele, pela altura do som. Aperto os lábios um contra o outro, para reprimir um grito. Se estamos acima do abismo, já sei o que eles pretendem fazer comigo.

— Vamos, levantem-na.

Eu me debato, e a pele áspera deles arranha a minha, mas sei que não há nada que eu possa fazer. Grito também, embora saiba que ninguém pode me ouvir daqui.

Conseguirei sobreviver até amanhã. Conseguirei.

As mãos me empurram para os lados e para cima e eu bato com as costas em algo duro e frio. Pela sua largura e curvatura, percebo que é uma grade de metal. É *a* grade de metal acima do abismo. Respiro com dificuldade enquanto o vapor de água atinge minha nuca. As mãos forçam minhas costas a se dobrarem sobre a grade. Meus pés saem do chão, e meus agressores são a única coisa evitando que eu caia na água.

Uma mão pesada apalpa meus peitos.

— Você tem certeza de que tem dezesseis anos, Careta? Pelo que estou sentindo, você não parece ter mais do que doze.

Os outros garotos riem.

Sinto o gosto amargo de bile na minha garganta e engulo.

— Espera aí, acho que encontrei alguma coisa! — Sua mão me aperta. Mordo a língua para não gritar. Mais risadas.

A mão do Al solta minha boca.

— Pare com isso — grita ele. Reconheço sua voz, grave e inconfundível.

Quando Al me solta, eu me debato novamente e escorrego até o chão. Desta vez, mordo com o máximo de força possível o primeiro braço que encontro. Ouço um grito e cravo os dentes ainda mais, sentindo o gosto de sangue. Algo duro atinge meu rosto. Um calor claro invade minha cabeça. A sensação seria de dor, se a adrenalina não estivesse correndo nas minhas veias como ácido.

O garoto arranca o braço da minha boca e me empurra no chão. Bato com o cotovelo na pedra e levo as mãos à cabeça para arrancar a venda dos olhos. Um pé atinge o lado do meu corpo, forçando o ar para fora dos meus pulmões. Eu arquejo, tusso e tento agarrar o nó atrás da minha cabeça. Alguém segura uma mecha dos meus cabelos e bate com minha cabeça contra algo duro. Um grito de dor explode da minha boca e fico tonta.

Desnorteada, tateio o lado da minha cabeça para encontrar a ponta da venda. Arrasto minha mão pesadamente para cima, levantando a venda, e pisco os olhos. A cena que encontro diante de mim está virada de lado, e balança para cima e para baixo. Vejo alguém correndo em nossa direção e alguém fugindo; alguém grande: Al. Agarro a grade ao meu lado e puxo o corpo para cima, até conseguir me levantar.

Peter agarra meu pescoço e me levanta, com o dedão cravado sob meu queixo. Seu cabelo, que costuma ser limpo e arrumado, está bagunçado e gruda na testa. Seu rosto pálido está retorcido e os dentes estão cerrados, e ele me segura sobre o abismo. Manchas coloridas começam a surgir nos

cantos da minha vista, amontoando-se ao redor do seu rosto, verdes e rosas e azuis. Ele não diz nada. Tento chutá-lo, mas minhas pernas são curtas demais. Meus pulmões clamam por ar.

Ouço um grito, e ele me solta.

Estico os braços ao cair, arquejando, e minhas axilas se chocam contra a grade. Prendo os cotovelos na grade e solto um grunhido. O vapor da água toca meus calcanhares. O mundo despenca e balança ao meu redor, e alguém está no chão do Fosso: Drew, gritando. Ouço pancadas. Chutes. Gemidos.

Pisco algumas vezes e me esforço para focalizar o único rosto que consigo enxergar. Ele está retorcido de raiva. Seus olhos são azul-escuro.

— Quatro — resmungo.

Fecho os olhos e sinto suas mãos segurando meus braços, logo abaixo dos ombros. Ele me puxa por cima da grade e para junto do seu peito, me envolvendo em seus braços, depois passando o braço por trás dos meus joelhos. Eu apoio o rosto em seu ombro, depois mergulho em um silêncio vazio e repentino.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

ABRO OS OLHOS e vejo as palavras "Tão Somente Temei ao Senhor" pintadas em uma parede branca. Ouço mais uma vez o som de água corrente, mas desta vez o ruído vem de uma torneira, e não do abismo. Passam-se alguns segundos até que eu consiga ver os contornos das coisas ao redor com mais clareza: as linhas do batente de uma porta, de uma bancada e do teto.

A dor lateja continuamente na minha cabeça, bochecha e costelas. Eu não deveria me mover; só vai piorar as coisas. Vejo uma colcha de retalhos azul sob minha cabeça e faço uma careta de dor ao tentar virar o rosto para ver de onde está vindo o barulho de água.

Quatro está no banheiro com as mãos na pia. O sangue nas juntas de seus dedos faz com que a água fique rosa. Ele tem um corte no canto da boca, mas, fora isso, parece estar inteiro. Mantém uma expressão plácida enquanto examina o corte, depois desliga a água e enxuga as mãos com uma toalha.

Só tenho uma lembrança de como cheguei aqui, que se resume a uma única imagem: tinta preta ondulando no lado de um pescoço, a ponta de uma tatuagem, o suave balançar que só pode significar que ele me carregou.

Ele apaga a luz do banheiro e pega um pacote de gelo na geladeira, que fica no canto do quarto. Quando caminha em minha direção, penso em talvez fechar os olhos e fingir que estou dormindo, mas nossos olhares se encontram antes que eu consiga fazer isso.

— Suas mãos — resmungo.

— Você não precisa se preocupar com minhas mãos — responde ele. Apoia o joelho sobre o colchão e se inclina sobre mim, colocando o saco de gelo sob a minha cabeça. Antes que se afaste, estico a mão para tocar o corte no lado do

seu lábio, mas paro, com a mão suspensa no ar, quando me dou conta do que estou fazendo.

O que você tem a perder? pergunto-me, e encosto levemente os dedos em sua boca.

— Tris — diz ele, com boca colada aos meus dedos —, eu estou bem.

— Por que você estava lá? — pergunto, abaixando a mão.

— Eu estava voltando da sala de controle. Ouvi um grito.

— O que você fez com eles? — digo.

— Deixei Drew em uma enfermaria há meia hora — responde. — Peter e Al correram. Drew disse que eles estavam apenas tentando assustar você. Pelo menos, eu acho que era isso o que estava tentando dizer.

— Ele está muito machucado?

— Ele vai sobreviver — responde, e depois conclui, amargamente —, só não sei em que condições.

Não é correto desejar a dor a outra pessoa só porque ela me machucou primeiro. Mas uma sensação incandescente de triunfo toma conta de mim quando penso em Drew na enfermaria, e aperto o braço de Quatro.

— Que bom — digo. Minha voz soa firme e feroz. A raiva se acumula dentro de mim, substituindo o meu sangue por um líquido amargo e me preenchendo, consumindo-me. Quero destruir algo ou bater em algo, mas tenho medo de me mexer, então começo a chorar.

Quatro se agacha ao lado da cama e me observa. Não vejo nenhuma compaixão em seus olhos. Teria ficado desapontada se tivesse visto. Ele solta o pulso e, para minha surpresa, pousa a mão sobre meu rosto, acariciando-o com o dedão. Seu toque é delicado.

— Eu poderia prestar queixa contra eles — diz ele.

— Não — peço. — Não quero que pensem que estou com medo.

Ele acena com a cabeça e move o dedão distraidamente sobre a maçã do meu rosto, para frente e para trás.

— Pensei que você fosse dizer isso.

— Você acha que seria uma má ideia eu me sentar?

— Eu ajudo.

Quatro segura meu ombro com uma mão e apoia minha cabeça com a outra, enquanto empurro o corpo para cima. A dor se espalha em pontadas violentas, mas tento ignorá-la, reprimindo um gemido.

Ele me entrega o saco de gelo.

— Você pode se permitir sentir dor — diz ele. — Estamos sozinhos aqui.

Eu mordo o lábio. Há lágrimas em meu rosto, mas nenhum de nós fala delas ou repara nelas.

— Sugiro que você conte com seus amigos transferidos para protegê-la de agora em diante — fala.

— Eu pensei que contava — suspiro. Sinto novamente a mão do Al em meu rosto, e um soluço lança meu corpo para a frente. Encosto a mão na testa e balanço para frente e para trás. — Mas Al...

— Ele queria que você fosse uma garota pequena e tímida da Abnegação — diz Quatro suavemente. — Ele a machucou porque sua força fez com que se sentisse fraco. Só por isso.

Concordo com a cabeça e tento acreditar nele.

— Os outros não sentirão tanta inveja se você deixar transparecer um pouco de vulnerabilidade. Mesmo que não seja real.

— Você acha que eu devo *fingir* ser vulnerável? — pergunto, levantando a sobrancelha.

— Sim, acho. — Ele pega o saco de gelo da minha mão, roçando os dedos contra os meus, e encosta-o na minha cabeça. Eu abaixo a mão, com tanta vontade de relaxar o braço que nem reclamo. Quatro se levanta. Eu encaro a bainha da sua camiseta.

Às vezes, vejo-o como uma pessoa qualquer, e, às vezes, sinto sua imagem na boca do meu estômago, como uma dor profunda.

— Amanhã, é bom você chegar confiante no café da manhã e mostrar para seus agressores que não se abalou com o que fizeram — diz ele —, mas você

deve deixar que vejam o machucado em seu rosto e manter a cabeça abaixada.

Só de pensar nisso, fico enojada.

— Acho que não serei capaz de fazer isso — digo friamente. Levanto o rosto e olho para ele.

— Mas você precisa.

— Acho que você não está *entendendo*. — Meu rosto esquenta. — Eles me tocaram.

Seu corpo inteiro se contrai ao ouvir o que eu digo, e sua mão aperta o saco de gelo com força.

— Tocaram em você — repete ele, com um olhar frio.

— Não... da maneira que você está pensando. — Eu limpo a garganta. Ao levantar esse assunto, não me dei conta do quão constrangedor seria. — Mas... quase.

Desvio o olhar.

Ele fica parado e calado por tanto tempo, que sinto que preciso falar alguma coisa.

— O que foi?

— Não queria dizer isso, mas sinto que devo. — Ele suspira. — É mais importante que você esteja segura do que certa, por enquanto. Entendeu?

Suas sobrancelhas retas estão rebaixadas sobre seus olhos. Meu estômago se contorce, em parte porque sei que ele está certo, embora eu não queira admitir, e em parte porque desejo algo que não sei expressar. Quero me apertar contra o espaço que há entre nós até que ele desapareça.

Faço que sim com a cabeça.

— Mas, por favor, quando você tiver a oportunidade... — Ele apoia a mão no meu rosto, frio e forte, e inclina minha cabeça para cima para que eu olhe para ele. Seus olhos brilham. Eles parecem quase predatórios. — Acabe com eles.

Eu rio nervosamente.

— Você é um pouco assustador, Quatro.

– Faça-me um favor – diz ele – e não me chame assim.

– Então, como devo chamar?

– De nada. – Ele afasta a mão do meu rosto. – Por enquanto.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

NÃO VOLTO PARA o dormitório. Dormir no mesmo quarto que meus agressores só para parecer corajosa seria burrice. Quatro dorme no chão e eu durmo em sua cama, sobre a colcha, respirando o cheiro da fronha. Ela cheira a detergente e a algo pesado, doce e fortemente masculino.

O ritmo da respiração de Quatro diminui, e eu ergo o corpo um pouco para ver se ele está dormindo. Ele está deitado de barriga para baixo, com um dos braços apoiando a cabeça. Seus olhos estão fechados e seus lábios separados. Pela primeira vez, parece tão jovem quanto realmente é, e me pergunto quem ele é de verdade. Quem será ele quando não é um membro da Audácia, ou um instrutor, ou Quatro, ou qualquer definição dessas?

Quem quer que seja, gosto dele. Agora é mais fácil admitir isso a mim mesma, no escuro, depois de tudo o que aconteceu. Ele não é doce, gentil ou especialmente bondoso. Mas é esperto e corajoso e, embora tenha me salvado, tratou-me como uma pessoa forte. Isso é tudo que eu preciso saber.

Assisto aos músculos das suas costas subindo e descendo até eu cair no sono.

Acordo cheia de dores. Faço uma careta ao me levantar, com a mão sobre as costelas, e caminho até um pequeno espelho do outro lado do quarto. Sou quase baixa demais para conseguir enxergar meu reflexo, mas, quando fico na ponta dos pés, consigo ver meu rosto. Como eu já esperava, há um hematoma azul-escuro na minha bochecha. Odeio a ideia de ter que entrar no refeitório assim, mas as instruções de Quatro fixaram-se na minha mente. Preciso recuperar minhas amizades. Preciso parecer fraca para me proteger.

Prendo o cabelo em um coque. A porta se abre e Quatro entra, com uma toalha na mão e o cabelo brilhando com a água do banho. Sinto um frio no

estômago ao ver o pedaço de pele que aparece acima do seu cinto quando ele levanta a mão para enxugar o cabelo e me esforço para olhar para seu rosto.

— Olá — digo. Minha voz soa travada. Eu queria que não soasse.

Ele toca minha bochecha machucada com as pontas dos dedos.

— Nada mal — fala. — Como está sua cabeça?

— Bem — respondo. Estou mentindo. Minha cabeça está latejando. Passo os dedos sobre o galo e sinto uma pontada de dor no couro cabeludo. Poderia ser pior. Eu poderia estar boiando no rio.

Todo o meu corpo enrijece quando a mão dele desce até o lado do meu corpo, onde fui chutada. Faz isso de maneira natural, mas não consigo me mover.

— E aqui? — pergunta, com a voz baixa.

— Só dói quando eu respiro.

Ele sorri.

— Não há muito o que você possa fazer a esse respeito.

— Peter provavelmente daria uma festa se eu parasse de respirar.

— Bem — diz ele —, eu só iria se tivesse bolo.

Solto uma risada, depois faço uma careta, cobrindo a mão dele com a minha para fixar minha caixa torácica. Ele afasta a mão lentamente, deslizando as pontas dos dedos na lateral do meu corpo. Quando seus dedos se afastam, sinto uma dor no peito. Passado esse momento, sou obrigada a me lembrar do que aconteceu ontem à noite. E desejo ficar aqui com ele.

Ele acena de leve e guia meu caminho para fora do quarto.

— Eu entro primeiro — avisa, quando já nos encontramos do lado de fora do refeitório. — Nos vemos em breve, Tris.

Ele atravessa a porta e fico sozinha. Ontem ele me disse que achava que eu deveria fingir ser fraca, mas ele estava errado. Já sou fraca. Eu me encosto na parede e apoio a testa nas mãos. É difícil respirar fundo, então minha respiração é curta e rasa. Não posso deixar que isso aconteça. Eles me

atacaram para fazer com que me sinta fraca. Posso fingir que eles conseguiram, para me proteger, mas não posso fazer disso uma verdade.

Afasto-me da parede e entro no refeitório sem pensar duas vezes. Logo depois, lembro-me de que preciso parecer intimidada, então desacelero os passos e me aproximo da parede, mantendo a cabeça abaixada. Uriah, na mesa ao lado do Will e da Christina, levanta a mão para acenar para mim. Depois a abaixa.

Sento-me ao lado do Will.

Al não está lá. Ele não está em parte alguma.

Uriah se senta ao meu lado, deixando seu bolinho meio comido e seu copo de água pela metade na outra mesa. Por um instante, os três apenas olham para mim.

— O que aconteceu? — diz Will, baixando a voz.

Olho para a mesa atrás dele. Peter está sentado lá, comendo uma torrada enquanto sussurra algo para Molly. Minha mão aperta o canto da mesa. Quero bater nele. Mas agora não é o momento.

Drew não está com ele, o que só pode significar que ainda está na enfermaria. Uma onda de prazer malicioso invade meu corpo quando penso nisso.

— Peter, Drew... — digo baixinho. Apoio a mão sobre minhas costelas ao esticar o braço para pegar uma torrada do outro lado da mesa. Estender a mão dói, então me permito fazer uma careta e inclinar o corpo para a frente.

— E... — Engulo em seco. — E Al.

— Meu Deus! — diz Christina, com os olhos arregalados.

— Você está bem? — pergunta Uriah.

Os olhos de Peter encontram os meus do outro lado do refeitório, e preciso me esforçar para desviar o olhar. Mostrar a ele que me amedronta traz um gosto amargo à minha boca, mas preciso fazer isso. Quatro estava certo. Preciso fazer o possível para evitar ser atacada novamente.

— Não muito — digo.

Meus olhos ardem e, ao contrário da careta de dor de antes, desta vez não estou exagerando. Agora acredito na advertência de Tori. Peter, Drew e Al quase me lançaram do abismo por inveja. Por que seria tão impensável que os líderes da Audácia cometessem um assassinato?

Sinto-me desconfortável, como se estivesse na pele de outra pessoa. Se eu não tomar cuidado, posso acabar morta. Não posso nem confiar nos líderes da minha facção. Da minha nova família.

— Mas você é apenas... — Uriah contrai os lábios. — Não é justo. Três contra um?

— E todos sabemos que Peter é a pessoa mais justa do mundo. Por isso ele atacou Edward na cama e enfiou uma faca em seu olho. — Christina bufa e balança a cabeça. — Mas Al? Você tem certeza, Tris?

Encaro o prato. Sou o Edward da vez. Mas, ao contrário dele, não vou embora.

— Sim — digo. — Tenho certeza.

— Só pode ser desespero — fala Will. — Ele tem agido... Não sei. Como uma pessoa diferente. Desde o começo do segundo estágio.

De repente, Drew entra no refeitório. Solto a torrada, e meu queixo cai.

Dizer que ele está "machucado" seria pouco. Seu rosto está inchado e roxo. Seu lábio está ferido e há um corte em sua sobrancelha. Ele mantém os olhos no chão enquanto caminha até a mesa, sem levantá-los nem para olhar para mim. Eu olho para Quatro, do outro lado do refeitório. Ele ostenta o sorriso de satisfação que eu gostaria de ter agora.

— *Você* fez isso? — sussurra Will.

Eu balanço a cabeça.

— Não. Alguém, que não consegui ver, me encontrou logo antes... — Engulo em seco. Falar disso só piora as coisas e torna-as mais reais — ...que eles me atirassem do abismo.

— Eles iam *matar* você? — diz Christina baixinho.

— Talvez. Ou talvez estivessem apenas planejando me pendurar do abismo para me amedrontar. — Levanto um ombro. — Só sei que funcionou.

Christina lança um olhar triste para mim. Will apenas encara a mesa.

— Precisamos fazer algo a respeito disso — diz Uriah em um tom baixo.

— Fazer o quê? Espancá-los? — Christina sorri maliciosamente. — Parece que alguém já se encarregou disso.

— Não. Eles conseguiriam se recuperar de uma dor assim — responde Uriah. — Precisamos derrubá-los na classificação. Isso manchará seus futuros. Permanentemente.

Quatro se levanta e se posiciona entre as mesas. O silêncio domina o refeitório.

— Transferidos. Hoje faremos algo diferente — diz ele. — Sigam-me.

Nos levantamos, e Uriah franze a testa.

— Cuidado — ele aconselha.

— Não se preocupe — diz Will. — Nós cuidaremos dela.

+ + +

Quatro nos guia para fora do refeitório pelos caminhos que circundam o Fosso. Will está à minha esquerda e Christina à minha direita.

— Nunca cheguei a me desculpar — diz Christina suavemente. — Por ter pegado a bandeira quando era sua por merecimento. Não sei o que deu em mim.

Não sei se é uma boa ideia perdoá-la ou não; ou perdoar qualquer um dos dois, depois do que me falaram quando as colocações foram divulgadas ontem. Mas minha mãe diria que as pessoas têm defeitos e que eu devo ser compreensiva. E Quatro me disse para me apoiar nos meus amigos.

Não sei mais em quem me apoiar, porque já não sei bem quem são meus verdadeiros amigos. Uriah e Marlene, que ficaram ao meu lado mesmo quando eu parecia forte, ou Christina e Will, que sempre me protegeram quando eu parecia fraca?

Quando os olhos grandes e castanhos de Christina encontram os meus, eu aceno com a cabeça.

— Esquece isso — digo.

Ainda quero continuar nervosa, mas preciso deixar minha raiva de lado.

Subimos até uma altura do Fosso na qual eu nunca havia estado antes, tão alto que o rosto do Will fica pálido sempre que ele olha para baixo. Costumo gostar de alturas, então seguro o braço de Will como se precisasse de apoio, mas, na verdade, quem está dando apoio a ele sou eu. Ele me lança um sorriso de gratidão.

Quatro vira-se e caminha de costas brevemente. De costas, em uma passagem estreita e sem grade de proteção. O quão familiarizado será que ele está com este lugar?

Ele olha para Drew, que se arrasta atrás do grupo, e diz:

— Acelere o passo, Drew!

É uma piada cruel, mas não consigo deixar de sorrir. Mas, quando Quatro vê meu braço ao redor do braço de Will, seu olhar alegre some, e ele faz uma cara que me dá calafrios. Será que ele está... com ciúmes?

Aproximamo-nos cada vez mais do teto de vidro e, pela primeira vez em vários dias, vejo o sol. Quatro sobe uma escada que atravessa um vão no teto. Os degraus rangem sob seus pés, e olho para baixo para ver o Fosso e o abismo.

Caminhamos sobre o vidro, que agora é o chão e não mais o teto, atravessando um salão cilíndrico, cujas paredes também são de vidro. Os prédios ao redor estão em ruínas e parecem abandonados, e é provavelmente por isso que nunca havia notado o complexo da Audácia antes. Além disso, o setor da Abnegação fica bem longe daqui.

Os membros da Audácia estão espalhados pelo salão de vidro, conversando em grupos. No canto da sala, dois membros lutam com varas de madeira, rindo quando um deles erra o outro. Sobre nossas cabeças, duas cordas se estendem no recinto, uma delas poucos metros mais alta que a

outra. Elas devem ter algo a ver com as acrobacias mortais pelas quais os membros da Audácia são conhecidos.

Quatro nos guia por outra porta. Do outro lado, há um espaço enorme e úmido, com paredes grafitadas e tubulações expostas. O lugar é iluminado por uma série de antiquados tubos fluorescentes com coberturas de plástico, que devem realmente ser muito velhos.

— Este — diz Quatro, com os olhos brilhando na luz opaca — é um tipo diferente de simulação, conhecido como paisagem do medo. Ela foi desativada para nós agora, mas o lugar estará bem diferente da próxima vez que vocês vierem aqui.

Atrás dele, a palavra "Audácia" está grafitada em letras vermelhas estilizadas em uma parede de concreto.

— Por suas simulações, nós coletamos dados a respeito de seus piores medos. A paisagem do medo acessa estes dados e cria uma série de obstáculos virtuais. Alguns deles serão medos que vocês já enfrentaram anteriormente em suas simulações. Alguns podem ser medos novos. A diferença é que vocês terão consciência, na paisagem do medo, de que tudo não passa de uma simulação, então terão o juízo a seu favor durante o processo.

Isso significa que todos serão como os Divergentes na paisagem do medo. Não sei se isso serve de alívio, porque não haverá como me detectarem, ou se é um problema, pois não estarei em vantagem.

— O número de medos que surgirão na sua paisagem dependerá do número de medos que vocês têm — continua Quatro.

Quantos medos será que eu terei? Penso em enfrentar os corvos novamente e sinto um calafrio, embora o ar esteja quente.

— Avisei a vocês que o terceiro estágio é voltado para o preparo mental — diz ele. Eu me lembro de quando ele disse isso. No primeiro dia. Logo antes de apontar uma arma para a cabeça do Peter. Eu queria que ele tivesse apertado o gatilho.

— Isso significa que vocês terão que controlar tanto o lado emocional quanto o corporal, para combinar as habilidades físicas que aprenderam no primeiro estágio com o controle emocional que vocês aprenderam no segundo. Para manter uma mente sã.

Um dos tubos de luz sobre a cabeça de Quatro cintila e pisca. Quatro para de olhar para os outros iniciandos e se concentra em mim.

— Na semana que vem, vocês atravessarão a sua paisagem do medo o mais rápido possível, diante de uma banca de líderes da Audácia. Esta será sua prova final, que determinará a colocação no terceiro estágio. Assim como a pontuação do segundo estágio teve um peso maior do que a do primeiro, o terceiro estágio terá um peso maior do que o segundo. Entenderam?

Todos acenamos nossas cabeças. Até mesmo Drew, que se move com uma expressão de dor.

Se eu for bem na prova final, terei uma boa chance de terminar entre os dez primeiros e consequentemente me tornar um membro. Entrar para a Audácia. Só de pensar nisso, sinto-me quase tonta de alívio.

— Existem duas maneiras de passar por um obstáculo. Ou vocês conseguem se acalmar o bastante para que a simulação registre um ritmo cardíaco normal e estável ou vocês encontram uma maneira de encarar o medo, o que pode forçar a simulação a avançar. Uma maneira de encarar o medo de afogamento, por exemplo, é nadando ainda mais fundo. — Quatro dá de ombros. — Então, sugiro que vocês usem a próxima semana para pensar a respeito dos seus medos e desenvolver maneiras de encará-los.

— Isso não parece justo — diz Peter. — E se uma pessoa tem apenas sete medos e outra tem vinte? Não é culpa dela.

Quatro o encara por um breve instante, depois solta uma risada.

— Você realmente quer me ensinar o que é justo e o que não é?

O grupo de iniciandos abre caminho enquanto ele se aproxima de Peter, dobra os braços e diz, com uma voz macabra:

— Entendo que você esteja preocupado, Peter. Os acontecimentos da noite de ontem certamente provaram que você não passa de um maldito covarde.

Peter o encara de volta, inexpressivo.

— Então, agora todos já sabem — diz Quatro, tranquilamente — que você tem medo de uma menina baixinha e magricela da Abnegação.

Sua boca forma um sorriso.

Will me envolve em um de seus braços. Os ombros de Christina sacodem com sua risada contida. E, em alguma parte dentro de mim, eu também encontro um sorriso.

+ + +

Quando voltamos ao dormitório no final da tarde, Al está lá.

Will se posiciona atrás de mim e segura meu ombro suavemente, para me assegurar de que está perto. Christina também se aproxima de mim.

Al está com olheiras e seu rosto está inchado de tanto chorar. Sinto uma pontada no estômago quando o vejo. Não consigo me mexer. O cheiro de erva-cidreira e sálvia, que eu costumava achar agradável, tornou-se amargo em minhas narinas.

— Tris — diz Al, com a voz trêmula. — Posso falar com você?

— Você está falando sério? — Will aperta meu ombro. — Você nunca mais poderá chegar perto dela, entendeu?

— Não vou machucar você. Nunca foi minha intenção... — Al cobre o rosto com as mãos. — Eu só queria pedir desculpa. Lamento muito. Eu não... Não sei o que há de errado comigo. Eu... Por favor, perdoe-me. *Por favor*...

Ele estende a mão, como se fosse tocar meu ombro, o rosto molhado de lágrimas.

Em algum lugar dentro de mim há uma pessoa misericordiosa e clemente. Em algum lugar, há uma garota que tenta entender pelo que as pessoas estão passando, que aceita o fato de que as pessoas fazem coisas más e que o desespero leva-as a lugares mais escuros do que jamais puderam imaginar.

Eu juro que essa pessoa existe, e ela sofre por esse garoto arrependido que vejo diante de mim.

Mas se eu a visse, não a reconheceria.

— Fique longe de mim — digo baixinho. Meu corpo está duro e frio, e não sinto raiva, não sinto dor, não sinto nada.

— Nunca mais chegue perto de mim — repito com a voz ainda mais baixa.

Nossos olhares se encontram. Seus olhos estão escuros e reluzentes. Eu não sinto nada.

— Se você chegar, juro por Deus que te mato — digo. — Seu covarde.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

– TRIS.

Em meu sonho, minha mãe diz meu nome. Ela me chama, e eu atravesso a cozinha para ficar a seu lado. Ela aponta para a panela no fogão, e abro a porta para olhar. O olho brilhante de um corvo me encara de volta, enquanto as penas de suas asas se espremem contra os lados da panela e seu corpo gordo se cobre de água fervendo.

– O jantar – diz ela.

– Tris! – ouço novamente. Abro os olhos. Christina está em pé ao lado da minha cama, com as bochechas borradas de maquiagem e lágrimas.

– É o Al – diz ela. – Vamos.

Alguns dos outros iniciandos estão acordados, e outros dormem. Christina segura minha mão e me puxa para fora do dormitório. Corro descalça sobre o chão de pedra, piscando, com olhos ainda nebulosos e o corpo pesado de sono. Algo de terrível aconteceu. *É o Al*.

Atravessamos correndo o chão do Fosso, e então Christina para. Uma multidão se juntou ao redor da beirada do abismo, mas estão todos um pouco afastados uns dos outros, então há espaço o bastante para que eu passe por Christina e por um homem alto e de meia-idade e chegue até a frente.

Dois homens estão perto da beirada, puxando uma corda e erguendo alguma coisa. Ambos soltam grunhidos com o esforço, jogando seus corpos para trás para que a corda deslize sobre a grade. Uma forma enorme e escura aparece na beirada, e alguns outros membros da Audácia correm para ajudar os homens a levantá-la sobre a grade.

A forma desaba com um ruído seco sobre o chão do Fosso. Um braço pálido, inchado de água, bate contra a pedra. Um corpo. Christina cola seu

corpo ao meu, agarrando meu braço com força. Ela vira a cabeça para meu ombro e soluça, mas eu não consigo desviar o olhar. Alguns dos homens viram o corpo, e a cabeça gira para o lado.

Os olhos estão abertos e vazios. Escuros. Olhos de brinquedo. E o nariz tem um arco alto, um dorso curto e uma ponta redonda. Os lábios estão azuis. O rosto em si parece algo não humano, metade cadáver e metade criatura. Meus pulmões ardem; minha respiração seguinte é trêmula. *O Al*.

— Um dos iniciandos — diz alguém atrás de mim. — O que aconteceu?

— A mesma coisa que acontece todo ano — responde alguém. — Ele se atirou no abismo.

— Não seja tão mórbido. Pode ter sido um acidente.

— Eles o encontraram no meio do rio. Você acha que ele tropeçou no próprio cadarço e... opa... simplesmente voou cinco metros para a frente?

As mãos de Christina apertam meu braço cada vez mais forte. Eu deveria pedir para ela me soltar; está começando a doer. Alguém se ajoelha ao lado do rosto de Al e fecha seus olhos. Deve ser para fazer parecer que ele está dormindo. Que idiotice. Por que as pessoas cismam em fingir que a morte é um tipo de sono? Não é. Não é.

Algo dentro de mim desmorona. Meu peito está apertado, sufocando-me, não consigo respirar. Desabo de joelhos no chão, carregando Christina comigo. Sinto a aspereza da pedra sob meus joelhos. Ouço algo, a lembrança de um som. Os soluços do Al; seus gritos à noite. Eu deveria ter percebido. Ainda não consigo respirar. Aperto as mãos contra o peito e balanço para frente e para trás, para liberar a tensão que se acumula sobre ele.

Quando pisco, vejo o topo da cabeça do Al enquanto ele me carrega até o refeitório. Sinto o movimento de seus passos. Ele é grande e caloroso e desajeitado. É não, *era*. Isso é a morte: quando o "é" se transforma em "era".

Solto um chiado. Alguém trouxe um saco preto para envolver o corpo. Dá para perceber que o saco é pequeno demais. Uma risada brota da minha garganta e derrama da minha boca, tensa e gorgolejada. Al é grande demais

para o saco; que tragédia. Na metade da risada, eu tapo a boca com as mãos, e ela passa a soar mais como um lamento. Solto o braço e me levanto, deixando Christina no chão. Começo a correr.

+ + +

— Tome — diz Tori. Ela me entrega uma caneca quente com cheiro de menta. Seguro-a com as duas mãos, e meus dedos formigam com o calor.

Ela se senta de frente para mim. Quando se trata de funerais, a Audácia não perde tempo. Tori diz que eles desejam reconhecer a morte assim que ela acontece. Não há ninguém na sala da frente do estúdio de tatuagem, mas o Fosso está repleto de pessoas, e a maioria delas está bêbada. Não sei por que isso ainda me surpreende.

De onde venho, um funeral é uma ocasião triste. Todos se reúnem para oferecer apoio à família do falecido, e ninguém fica desocupado, e não há risadas, gritos e brincadeiras. Os membros da Abnegação não bebem, então todos ficam sóbrios. É claro que os funerais aqui são exatamente o oposto.

— Beba — diz ela. — Prometo que fará você se sentir melhor.

— Não acho que chá seja a solução — digo lentamente. Mas dou um pequeno gole mesmo assim. A bebida aquece minha boca e minha garganta e desce para meu estômago. Não havia percebido o quanto eu estava com frio, até me aquecer.

— Eu disse que faria você se sentir melhor, não completamente bem. — Ela sorri para mim, mas os cantos dos seus olhos não enrugam como normalmente. — Acho que você não irá se sentir bem por um bom tempo.

Mordo o lábio.

— Quanto tempo... — Tenho dificuldade em encontrar as palavras certas. — Quanto tempo demorou para você ficar bem depois que o seu irmão...

— Não sei. — Ela balança a cabeça. — Alguns dias sinto que ainda não estou bem. Outros, sinto-me ótima. Feliz, até. Mas demoraram alguns anos até eu desistir de planejar uma vingança.

— E por que você desistiu? — pergunto.

Seus olhos se esvaziam enquanto ela encara a parede atrás de mim. Ela bate com as pontas dos dedos em sua perna por alguns segundos, depois diz:

— Acho que eu não desisti de verdade. Acho que estou apenas... esperando a oportunidade certa.

Ela sai de seu estado de torpor e olha para o relógio.

— Está na hora de ir — diz ela.

Derramo o resto do chá na pia. Quando solto a caneca, percebo que estou tremendo. Isso não é bom. Minhas mãos costumam tremer quando estou prestes a chorar, e não posso chorar na frente de todo mundo.

Sigo Tori para fora do estúdio e descemos a passagem que leva ao andar térreo do Fosso. Todas as pessoas que estavam espalhadas antes se aglomeram perto do abismo, e o ar está carregado com o cheiro de álcool. Uma mulher na minha frente cambaleia para a direita, perdendo o equilíbrio, depois cai na gargalhada ao desabar em cima do homem ao seu lado. Tori segura meu braço e me guia para longe dela. Encontro Uriah, Will e Christina entre os outros iniciandos. Os olhos de Christina estão inchados. Uriah está segurando um frasco prateado. Ele me oferece um gole. Balanço a cabeça.

— Nossa, que surpresa! — diz Molly, atrás de mim. Ela bate o cotovelo contra o de Peter. — Uma vez Careta, sempre Careta.

Eu deveria ignorá-la. Não deveria me importar com suas opiniões a meu respeito.

— Li um artigo interessante hoje — diz ela, mais perto do meu ouvido. — Algo sobre seu pai e sobre os *verdadeiros* motivos que levaram você a deixar sua antiga facção.

Defender-me não é a coisa mais importante na minha cabeça no momento. Mas é a mais fácil de resolver.

Eu giro o corpo, e meu punho encaixa no queixo de Molly. As juntas dos meus dedos ardem com o impacto. Não me lembro de ter decidido socá-la. Não me lembro nem de ter fechado a mão.

Ela se atira para cima de mim, com os braços abertos, mas não chega muito longe. Will agarra a gola da sua camisa e a puxa para trás. Ele olha para ela, depois para mim, e diz:

— Parem com isso, vocês duas.

Uma parte de mim preferia que ele não a tivesse segurado. Uma luta seria uma boa distração, especialmente agora que Eric está subindo em uma tribuna ao lado da grade. Eu olho para ele, cruzando os braços para não tremer. O que será que ele vai dizer?

Na Abnegação, não há nenhum registro de suicídios recentes, mas a posição da facção é clara quanto a isso: o suicídio, para eles, é um ato egoísta. Alguém que seja verdadeiramente altruísta não pensa em si mesmo o bastante para desejar a morte. Ninguém diria isso se alguém realmente se suicidasse, mas é o que todos pensariam.

— Calados, todos! — grita Eric. Alguém toca algo que soa como um gongo, e os gritos lentamente cessam, mas não os murmúrios.

— Obrigado. Como vocês sabem, estamos reunidos aqui hoje porque Albert, um iniciando, saltou para dentro do abismo ontem à noite — diz Eric.

Os murmúrios cessam também, e apenas o som da água correndo sob o abismo continua.

— Não sabemos o motivo — afirma Eric. — E seria fácil chorarmos sua morte esta noite. Mas não escolhemos uma vida fácil ao nos juntarmos à Audácia. E a verdade é... — Eric sorri. Se eu não o conhecesse, acreditaria que seu sorriso é verdadeiro. Mas eu o conheço bem. — A verdade é que, neste mesmo instante, Albert está explorando um lugar desconhecido e incerto. Ele mergulhou em águas turbulentas para chegar lá. Quem de nós é corajoso o bastante para se aventurar na escuridão, sem saber o que jaz além? Albert ainda não era um dos nossos membros, mas certamente era um dos mais *bravos* entre nós!

Um grito surge no meio da multidão, seguido de outro. O grito de comemoração da Audácia em vários tons: alto e baixo, agudo e grave. Seu

grito imita o ronco da água. Christina toma o frasco da mão de Uriah e bebe. Will coloca o braço ao redor de seus ombros e a puxa para perto. As vozes enchem meus ouvidos.

— Nós o celebraremos agora, e o lembraremos para sempre! — grita Eric. Alguém lhe entrega uma garrafa escura e ele a levanta. — Para Albert, o Corajoso!

— Para Albert! — grita a multidão. As pessoas erguem os braços ao meu redor, e a Audácia grita o seu nome. — Albert! Al-bert! Al-bert! — Eles gritam até que seu nome perca o sentido e pareça mais o grito primitivo de uma raça antiga.

Eu me viro para o outro lado. Não consigo mais aguentar isso.

Não sei para onde estou indo. Acho que não estou indo para lugar nenhum, só para longe daqui. Caminho por um corredor escuro. No final, encontro o bebedouro, banhado na luz azul da lâmpada acima.

Balanço a cabeça. Corajoso? Ele seria corajoso se tivesse admitido a sua fraqueza e deixado a Audácia, sem se importar com a vergonha que isso lhe traria. Al morreu por orgulho: uma falha que está em todos os corações da Audácia. Inclusive no meu.

— Tris.

Uma corrente de energia atravessa meu corpo, e eu me viro. Quatro está atrás de mim, nos limites do círculo azul de luz. A iluminação lhe confere uma aparência macabra, escurecendo as órbitas de seus olhos e criando sombras sob as maçãs de seu rosto.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto. — Você não deveria estar prestando as condolências?

Essas palavras trazem um gosto ruim à minha boca, e eu as digo como se precisasse cuspi-las para fora.

— E você, não deveria? — diz ele. Quatro se aproxima de mim e eu vejo seus olhos outra vez. Sob esta luz, eles parecem pretos.

— Não posso prestar condolências a alguém que não respeito — respondo. Sinto uma pontada de culpa e balanço a cabeça. — Desculpe, isso não é verdade.

— Ah. — Pela maneira que ele me olha, percebo que não acredita em mim. Não o culpo por isso.

— Isso é ridículo — digo, enquanto o calor invade meu rosto. — Ele se joga de um abismo e Eric o chama de corajoso? Eric, que tentou fazer com que você atirasse facas na cabeça do Al? — Sinto gosto de bile. O sorriso falso do Eric, suas palavras artificiais, seus ideais doentios, tudo isso me enoja. — Ele não era corajoso! Estava deprimido, era um covarde e quase me matou! É esse o tipo de coisa que devemos respeitar aqui?

— O que você quer que eles façam? — pergunta ele. — O condenem? Al já está morto. Ele não poderá ouvir sua condenação. Já é tarde demais para isso.

— A questão não é o Al — digo, irada. — A questão são todas as pessoas que estão assistindo! Todas as pessoas que agora acreditam que se jogar do abismo é uma opção válida. Quer dizer, por que não se matar se todos o chamarão de herói depois? Por que não se matar, se todos lembrarão o seu nome? É... não consigo...

Eu balanço a cabeça. Meu rosto está fervendo e meu coração dispara, e tento me controlar, mas não consigo.

— Isso *nunca* teria acontecido na Abnegação! — quase grito. — Nada disso! Nunca. Este lugar o transformou e o destruiu, e eu não me importo se dizer isso faz de mim uma Careta, não me importo, não me importo!

Os olhos de Quatro se voltam para a parede sobre o bebedouro.

— Cuidado, Tris! — diz ele, ainda encarando a parede.

— Isso é tudo o que você tem a dizer? — pergunto, brigando com ele. — Que eu devo ter *cuidado*? Só isso?

— Você é pior do que um membro da Franqueza, sabia? — Ele agarra meu braço e me arrasta para longe do bebedouro. Sua mão me machuca, mas não sou forte o bastante para soltá-lo.

Seu rosto se aproxima tanto do meu que consigo ver algumas sardas em seu nariz.

— Só vou dizer isso uma vez, então escute bem. — Ele pousa a mão em meu ombro, segurando-me com os dedos, apertando. Sinto-me pequena. — Eles estão observando você. *Você*, em especial.

— Me solta — digo, com a voz fraca.

Seus dedos se abrem, e ele ajeita o corpo. Meu peito fica um pouco mais leve depois que ele não está mais tocando em mim. Tenho medo das suas mudanças repentinas de humor. Elas me mostram que há algo de instável dentro dele, e a instabilidade é perigosa.

— Eles também estão observando você? — digo, tão baixo que ele não conseguiria me ouvir se não estivesse tão próximo de mim.

Ele não responde a minha pergunta.

— Eu fico tentando te ajudar — reclama ele —, mas você se recusa a ser ajudada.

— Ah, tá. Que *ajuda*! — digo. — Cortar minha orelha com uma faca, me provocar e gritar comigo mais do que com qualquer outra pessoa realmente são coisas que me ajudam muito.

— Provocar você? Você quer dizer, quando eu atirei as facas? Eu não estava provocando você — diz ele, irritado. — Eu estava tentado fazer você se lembrar de que, se você fracassasse, outra pessoa teria que tomar o seu lugar.

Eu cubro a nuca com a mão, tentando visualizar o incidente com a faca. Cada vez que ele falou comigo, foi para me lembrar de que, se eu desistisse, Al teria que tomar o meu lugar na frente do alvo.

— Por quê? — pergunto.

— Porque você é da Abnegação — explica ele —, e é exatamente nos momentos em que você está agindo de maneira altruísta que você é mais corajosa.

Agora eu entendo. Ele não estava tentando me convencer a desistir. Ele estava me lembrando o motivo pelo qual eu não podia desistir, por que eu

precisava proteger Al. Pensar nisso me causa sofrimento. Proteger Al. O meu amigo. O meu agressor.

Não posso odiar Al tanto quanto eu gostaria.

Mas também não posso perdoá-lo.

— Se eu fosse você, me esforçaria mais para fingir que esse impulso altruísta está passando — diz ele —, porque, se as pessoas erradas descobrirem... bem, não será nada bom para você.

— Por quê? Por que eles estão tão interessados nas minha intenções?

— As únicas coisas que interessam a eles são as intenções. Eles tentam convencê-los de que se importam com o que vocês fazem, mas não é verdade. Eles não querem que vocês ajam de uma determinada maneira. Querem que vocês *pensem* de uma determinada maneira. Para que seja fácil decifrá-los. Para que vocês não sejam uma ameaça para eles. — Ele encosta a mão na parede ao lado da minha cabeça e se apoia nela. Sua camisa é apertada o bastante para que eu possa ver o contorno da sua clavícula e o pequeno vão entre o músculo do seu ombro e o seu bíceps.

Eu gostaria de ser mais alta. Se eu fosse alta, meu físico magro seria considerado esbelto, e não infantil, e talvez ele não me visse como uma irmã mais nova que ele precisa proteger.

Não quero que ele me veja como uma irmã.

— Eu não entendo — digo — por que eles se importam tanto com o que estou pensando, se eu estiver agindo de acordo com o que eles querem.

— Você está agindo como eles querem agora — responde ele —, mas o que acontecerá quando seu cérebro com inclinação para a Abnegação a levar a fazer algo diferente, algo que eles não querem que você faça?

Não sei responder a sua pergunta, nem sei se ele está certo a respeito de mim. Será que eu tenho inclinação para a Abnegação ou para a Audácia?

Talvez para nenhuma das duas. Talvez a minha inclinação seja para a Divergência.

— Talvez eu não precise da sua ajuda! Já pensou nisso? — questiono. — Não sou fraca, sabia? Posso encarar isso sozinha.

Ele balança a cabeça.

— Você pensa que o meu instinto imediato é proteger você. Porque você é pequena, ou uma menina, ou uma Careta. Mas você está enganada.

Ele aproxima o seu rosto do meu e segura o meu queixo. Sua mão cheira a metal. Quando foi a última vez que ele segurou uma arma ou uma faca? Minha pele estremece no ponto em que ele a toca, como se sua pele me transmitisse eletricidade.

— Meu instinto *imediato* é de pressionar você até que você ceda, só para ver o quanto terei que empurrar — diz ele, apertando os dedos ao falar a palavra "ceda". Meu corpo fica tenso com a aspereza da sua voz e se contrai como uma mola, fazendo com que me esqueça de respirar.

Ele abaixa os olhos até que encontram os meus e diz:

— Mas eu me contenho.

— Por que... — Engulo em seco. — Por que é este o seu instinto imediato?

— Porque o medo não faz com que você se apague; ele faz com que você acenda. Já vi isso acontecendo com você. É fascinante. — Ele solta meu queixo, mas não afasta a mão, acariciando levemente meu rosto, depois meu pescoço. — Às vezes, eu quero apenas... ver de novo. Ver você acesa.

Coloco as mãos em sua cintura. Não me lembro de tomar esta decisão. Mas não consigo me afastar. Aproximo o meu corpo do seu peito, envolvendo-o em meus braços. Meus dedos acariciam os músculos das suas costas.

Depois de alguns segundos, ele toca as minhas costas estreitas, apertando-me para mais perto de si, e acaricia meus cabelos com sua outra mão. Sinto-me pequena outra vez, mas agora isso não me assusta. Fecho os olhos com força. Ele não me assusta mais.

— Será que eu deveria estar chorando? — pergunto, com a voz abafada pela sua camisa. — Será que há algo de errado comigo?

As simulações abriram uma ferida tão grande em Al que ele não conseguiu fechá-la. Por que o mesmo não ocorreu comigo? Por que não sou como ele, e por que esse pensamento faz com que me sinta tão inquieta, como se fosse eu que estivesse me equilibrando na beirada de um abismo?

— Você acha que eu entendo alguma coisa de lágrimas? — diz ele baixinho.

Fecho os olhos. Não espero que Quatro me tranquilize, e ele não se esforça para isso, mas me sinto melhor aqui do que me senti no meio daqueles que são meus amigos, minha facção. Aperto a testa contra seu ombro.

— Se eu o houvesse perdoado — pergunto —, você acha que ele estaria vivo agora?

— Não sei — responde ele. Quatro coloca a mão sobre minha bochecha, e eu viro o rosto para ele, mantendo os olhos fechados.

— Sinto que isso tudo é minha culpa.

— Não é sua culpa — diz ele, encostando a testa na minha.

— Mas eu devia. Devia tê-lo perdoado.

— Talvez. Talvez todos nós pudéssemos ter feito mais por ele — afirma ele —, mas nós devemos apenas fazer com que a culpa nos ajude a fazer mais no futuro.

Eu franzo as sobrancelhas e afasto o corpo. Esta é uma lição que aprendemos na Abnegação: usar a culpa como uma ferramenta, e não como uma arma contra si mesmo. É exatamente o que meu pai disse em um dos seus sermões nos nossos encontros semanais.

— De que facção você veio, Quatro?

— Isso não importa — responde ele, olhando para o chão. — É aqui que estou agora. E você deveria se lembrar disso também.

Ele me encara com um olhar indeciso e encosta os lábios entre minhas sobrancelhas. Fecho os olhos. Não entendo isso, seja lá o que for. Mas não quero estragar o momento, então não falo nada. Ele não se move; apenas fica

ali, com a boca encostada na minha pele, e eu fico ali, com as mãos na sua cintura, por muito tempo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

EU, WILL E Christina nos encontramos diante da grade sobre o abismo, tarde da noite, depois que a maioria dos membros da Audácia já foi dormir. Meus dois ombros ardem por causa da agulha da tatuagem. Nós três fizemos novas tatuagens há meia hora.

Tori era a única pessoa no estúdio, então me senti à vontade para tatuar o símbolo da Abnegação em meu ombro direito: um par de mãos, com as palmas voltadas para cima, como se estivessem ajudando alguém a se levantar, unidas por um círculo. Sei que é arriscado fazer uma tatuagem assim, principalmente depois de tudo o que aconteceu. Mas esse símbolo é parte da minha identidade, e me pareceu importante carregá-lo na pele.

Subo em uma das barras transversais da grade, encostando as coxas no metal para manter o equilíbrio. Foi daqui que Al saltou. Olho para o fundo do abismo, para a água escura e as pedras escarpadas. A água se choca contra o paredão, lançando uma nuvem de vapor para o alto e molhando meu rosto. Será que ele teve medo ao ficar em pé aqui? Ou será que estava tão seguro de que queria pular que foi fácil?

Christina me entrega uma pilha de papéis. Juntei uma cópia de cada relatório publicado pela Erudição nos últimos seis meses. Jogá-los no abismo não vai me livrar deles para sempre, mas talvez me ajude a me sentir melhor.

Eu encaro o primeiro deles. Nele, há uma foto de Jeanine, a representante da Erudição. Seus olhos mordazes, mas bonitos, encaram-me de volta.

— Você já a viu alguma vez? — pergunto a Will. Christina amassa este primeiro relatório e o lança para dentro da água.

— A Jeanine? Sim, uma vez — responde ele. Pega o relatório seguinte e o rasga completamente. Os pedaços voam para dentro do rio. Ele faz isso sem a mesma malícia da Christina. Sinto que ele está participando só para provar para mim que não concorda com as táticas da sua antiga facção. Não dá para perceber se ele acredita ou não no que eles estão pregando, e tenho medo de perguntar.

— Antes de se tornar uma líder, ela trabalhou com minha irmã. Elas estavam tentando desenvolver um soro com uma duração mais longa para as simulações — diz ele. — A Jeanine é tão esperta que dá para perceber mesmo antes de ela abrir a boca. Ela parece... um computador que fala e anda.

— O que... — Jogo uma das páginas para o fundo do abismo, contraindo os lábios. É melhor eu perguntar logo. — O que você acha do que ela diz?

Ele dá de ombros.

— Não sei. Talvez seja mesmo uma boa ideia ter mais de uma facção controlando o governo. E seria bom também se nós tivéssemos mais carros e... frutas frescas e...

— Mas você sabe que não existe um armazém secreto onde guardamos todas essas coisas, não sabe? — pergunto, enquanto uma onda de calor invade o meu rosto.

— Sim, eu sei — diz ele. — Só acho que a Abnegação não considera o conforto e a prosperidade como prioridades, mas talvez elas seriam se outras facções também participassem das decisões.

— Porque dar um carro a um garoto da Erudição é mais importante que dar comida aos sem-facção — retruco, irritada.

— Ei — diz Christina, acariciando o ombro do Will com os dedos. — Isso aqui é para ser uma sessão leve e descompromissada de destruição simbólica de documentos, e não um debate político.

Eu engulo o que estava prestes a dizer e encaro a pilha de papéis na minha mão. Notei que Will e Christina têm trocado muitas carícias ultimamente. Será que eles também notaram?

— Mas tudo aquilo que ela falou a respeito do seu pai — diz ele — faz com que eu a odeie um pouco. Não consigo imaginar o que a levaria a dizer coisas terríveis assim.

Eu consigo. Se a Jeanine conseguir fazer as pessoas acreditarem que meu pai e todos os outros líderes da Abnegação são corruptos e horríveis, ela terá todo o apoio de que precisa para qualquer revolução que queira fazer, se é que este é mesmo o seu plano. Mas não quero continuar discutindo, então apenas aceno com a cabeça e jogo o resto dos papéis para dentro do abismo. Eles deslizam no ar, para frente e para trás, para frente e para trás, até alcançarem a água. Serão filtrados na parede do abismo e descartados.

— Hora de ir dormir — diz Christina, sorrindo. — Estão prontos para voltar? Acho que quero botar a mão do Peter em um pote de água morna para ver se ele molha a cama esta noite.

Eu me viro para o lado oposto do abismo e vejo um movimento no lado direito do Fosso. Uma pessoa sobe em direção ao teto de vidro, e pela maneira suave com que caminha, como se os pés mal tocassem o chão, sei que é Quatro.

— Parece uma ótima ideia, mas preciso conversar com Quatro a respeito de algo — digo, apontando para a sombra que sobe a passagem. Os olhos dela seguem minha mão.

— Você tem certeza de que é uma boa ideia ficar correndo sozinha por aí à noite? — pergunta ela.

— Eu não estarei sozinha. Estarei com Quatro. — Mordo o lábio.

Christina olha para Will, e ele a encara de volta. Nenhum dos dois está realmente escutando o que estou dizendo.

— Tudo bem — diz Christina distraidamente. — Bem, nos vemos mais tarde, então.

Christina e Will caminham em direção ao dormitório. Ela bagunça o cabelo dele e ele dá pequenos socos nas costelas dela. Observo-os por alguns

instantes. Sinto que estou testemunhando o começo de algo, mas não sei exatamente o quê.

Corro até a passagem do lado esquerdo do Fosso e começo a subir. Tento pisar o mais silenciosamente possível no chão. Ao contrário de Christina, não tenho dificuldade em mentir. Minha intenção não é falar com Quatro. Pelo menos, não até eu descobrir aonde ele está indo, a esta hora, no prédio de vidro acima de nós.

Corro em silêncio, perdendo o fôlego ao alcançar a escada, depois me encontro em um canto do salão de vidro, e Quatro está no canto oposto. Pelas janelas, vejo as luzes da cidade, ainda acesas, mas já começando a se apagar lentamente. Todas elas deverão ser apagadas até a meia-noite.

Do outro lado do salão, Quatro está parado diante da porta da paisagem do medo. Ele segura uma caixa preta em uma das mãos e uma seringa em outra.

— Já que você está aqui — diz ele, sem olhar para trás —, é melhor que venha comigo de uma vez.

Mordo o lábio.

— Para dentro da paisagem do medo?

— É.

Ao caminhar em sua direção, pergunto:

— Eu posso fazer isso?

— O soro nos conecta ao programa — diz ele —, mas é ele que determina de quem será a paisagem na qual entraremos. E agora ele está programado para reproduzir a minha.

— Você vai deixar que eu veja a sua paisagem do medo?

— Por que você acha que eu estou entrando? — pergunta ele em um tom baixo. Ele não levanta os olhos. — Quero te mostrar algumas coisas.

Ele segura a seringa, e eu inclino a cabeça para expor melhor o meu pescoço. Sinto uma dor aguda quando a agulha entra, mas já me acostumei a ela. Quando ele termina, me entrega a caixa preta. Dentro dela, há outra seringa.

— Nunca fiz isso antes — aviso, ao retirá-la da caixa. Não quero machucá-lo.

— Bem aqui — diz ele, tocando o local em seu pescoço com a unha. Eu me levanto na ponta dos pés e enfio a agulha, com as mãos tremendo um pouco. Ele parece nem sentir.

Seus olhos se mantêm fechados o tempo todo, e, quando eu termino, ele guarda as duas seringas na caixa e a coloca ao lado da porta. Ele sabia que eu iria segui-lo até aqui. Sabia ou esperava que o seguisse. Seja qual for o caso, fico feliz.

Ele me oferece a mão, e eu a seguro. Seus dedos estão frios e inseguros. Sinto que deveria dizer algo, mas estou zonza demais para encontrar as palavras. Ele abre a porta com a mão livre e eu o sigo para dentro da escuridão. Já me acostumei a entrar em lugares desconhecidos sem hesitar. Mantenho a respiração estável e seguro firmemente sua mão.

— Tente descobrir por que me chamam de Quatro — pede ele.

A porta se fecha atrás de nós, levando com ela o pouco de luz que havia. O ar é frio dentro do corredor; sinto cada partícula dele invadir meus pulmões. Aproximo-me de Quatro, até que meu braço toque o seu e meu queixo esteja perto de seu ombro.

— Qual é o seu verdadeiro nome?

— Tente descobrir isso também.

A simulação nos absorve. O chão que eu piso não é mais feito de cimento. Ele range como metal. A luz derrama de todos os lados; a cidade se desdobra ao nosso redor com seus prédios de metal e o arco dos trilhos de trem, e estamos muito acima dela. Há muito tempo não vejo um céu azul, então, quando ele se estende à minha volta, sinto a respiração travar em meus pulmões e o efeito é estonteante.

De repente, começa a ventar. O vento bate tão forte que preciso me apoiar em Quatro para não cair. Ele solta a mão da minha e coloca o braço sobre meus ombros. A princípio, penso que está fazendo isso para me proteger, mas então percebo que ele está respirando com dificuldade e precisa que eu o

sustente. Ele força o ar para dentro e para fora da boca, mas seus dentes permanecem cerrados.

Para mim, a altura é linda, mas se está aqui é porque é um dos piores pesadelos do Quatro.

— Precisamos pular, não é? — grito, para que ele me ouça apesar do uivo do vento.

Ele faz que sim com a cabeça.

— No três, está bem?

Ele faz que sim outra vez.

— Um... dois... *três*! — Eu o puxo comigo e começo a correr. Depois que damos os primeiros passos, fica fácil. Nós dois saltamos da beirada do prédio. Caímos como pedras, rápido, com o vento se chocando contra nossos corpos e o chão crescendo abaixo. De repente, a cena desaparece, e eu me encontro de quatro no chão, sorrindo. Adorei essa explosão de adrenalina no dia em que escolhi a Audácia, e continuo adorando.

Ao meu lado, Quatro arqueja e aperta a mão contra o peito.

Fico em pé e ajudo-o a se levantar.

— E o que vem em seguida?

— É...

Algo sólido atinge minha espinha. Eu me choco com Quatro, batendo com a cabeça em sua clavícula. Paredes surgem à minha esquerda e à minha direita. O espaço é tão apertado que ele precisa dobrar os braços na frente do peito para caber nele. Um teto desaba sobre as paredes ao nosso redor com um estrondo, e Quatro se curva para a frente, soltando um gemido. O espaço é grande o bastante para acomodá-lo, e nada mais.

— Confinamento — falo.

Ele faz um som gutural. Eu inclino a cabeça para trás, até conseguir olhar para ele. Está tão escuro que mal consigo ver seu rosto, e o ar está abafado; respiramos o mesmo ar. Ele faz uma careta, como se estivesse sentindo dor.

— Ei — digo. — Está tudo bem. Veja...

Eu puxo o seu braço para o lado do meu corpo para lhe dar mais espaço. Ele agarra minhas costas e coloca o rosto ao lado do meu, ainda agachado para a frente. Seu corpo está quente, mas sinto apenas seus ossos e os músculos que os envolvem; ele não cede sob meu peso. Meu rosto arde. Será que ele consegue sentir que ainda tenho o corpo de uma criança?

— É a primeira vez que me sinto feliz por ser tão pequena. — Eu rio. Talvez eu possa acalmá-lo com piadas. E me distrair também.

— Mmhmm — faz ele. Sua voz soa travada.

— Não tem como escaparmos daqui — digo. — É mais fácil encarar o medo diretamente, não é? — Não espero por uma resposta. — Então, o que você precisa fazer é tornar o espaço ainda menor. Tornar a situação pior, para que ela melhore. Certo?

— Sim. — Sua curta resposta soa presa e tensa.

— Tudo bem. Então, teremos que nos agachar. Está pronto?

Eu aperto sua cintura para puxá-lo para baixo junto comigo. Sinto a linha dura da sua costela contra minha mão e ouço o ranger de uma tábua após a outra, à medida que o teto desce junto conosco. Percebo que não há como cabermos aqui com tanto espaço entre nós, então me viro e me curvo como uma bola, com a espinha contra o peito de Quatro. Um dos seus joelhos está dobrado ao lado da minha cabeça e o outro está enfiado sob mim, fazendo com que eu me sente em seu calcanhar. Somos um emaranhado de membros. Ouço uma respiração pesada em meu ouvido.

— Ai — geme ele, com a voz rouca. — Isto é pior. Isto é muito...

— Silêncio — peço. — Coloque os braços ao redor de mim.

Obedientemente, ele desliza os dois braços ao redor da minha cintura. Eu sorrio enquanto encaro a parede. Não estou gostando disso. Não estou, nem um pouco, não.

— A simulação mede sua resposta ao medo — digo suavemente. Estou apenas repetindo o que ele nos disse, mas talvez lembrá-lo ajude de alguma maneira. — Portanto, se você conseguir baixar o ritmo do seu batimento

cardíaco, ela irá seguir para o próximo medo. Lembra? Então tente se esquecer de que estamos aqui.

— É mesmo? — Sinto seus lábios movendo-se contra minha orelha enquanto ele fala, e uma onda de calor atravessa meu corpo. — É fácil assim, não é?

— Sabe, a maioria dos garotos adoraria estar trancada em um lugar fechado com uma garota. — Giro os olhos para cima.

— Não os claustrofóbicos, Tris! — Ele soa desesperado agora.

— Tudo bem, tudo bem. — Coloco minha mão sobre a sua e a guio para o meu peito, colocando-a sobre o meu coração. — Sinta o ritmo do meu coração. Você consegue senti-lo?

— Sim.

— Você percebe como ele está estável?

— Ele está acelerado.

— É, bem, mas isso não tem nada a ver com a caixa. — Faço uma careta assim que digo isso. Acabei de me entregar. Espero que ele não tenha notado. — Toda vez que você me sentir respirar, respire junto. Concentre-se nisso.

— Está bem.

Eu respiro com força, e seu peito sobe e desce junto com o meu. Depois de alguns segundos fazendo isso, falo calmamente:

— Por que você não me diz de onde vem este medo? Talvez falar sobre isso nos ajude... de alguma maneira.

Não sei como ajudaria, mas me parece uma boa ideia.

— Bem... está bem. — Ele respira comigo outra vez. — Vem da minha maravilhosa infância. Castigos para uma criança. O minúsculo armário do andar de cima.

Eu aperto os lábios. Lembro-me de ser castigada, de ser mandada para o quarto sem jantar, de ser proibida de fazer uma coisa ou outra, das duras broncas que recebi. Mas nunca fui trancada em um armário. A crueldade

disso me abala, e sinto uma dor no peito por Quatro. Não sei o que dizer, então tento manter o clima natural.

— Minha mãe mantinha nossas roupas de inverno no armário.

— Eu não... — Ele arqueja. — Não quero mais falar sobre isso.

— Tudo bem. Então... eu posso falar. Pergunte-me alguma coisa.

— Tudo bem. — Ele dá uma risada trêmula ao lado do meu ouvido. — Por que o seu coração está batendo tão rápido, Tris?

Faço uma careta e digo:

— Bem, eu... — Procuro uma desculpa que não envolva o fato de eu estar entre seus braços. — Eu mal o conheço. — *Não foi uma desculpa boa o bastante.* — Eu mal o conheço, e estou espremida dentro de uma caixa com você, Quatro. O que você esperava?

— Se esta fosse a sua paisagem do medo — diz ele —, eu estaria nela?

— Não tenho medo de você.

— Claro que você não tem. Mas não foi isso o que eu quis dizer.

Ele ri novamente e, de repente, as paredes ao nosso redor se rompem com um estrondo e desabam, e nos encontramos sob um foco de luz. Quatro suspira e afasta os braços do meu corpo. Eu me levanto, cambaleante, e começo a me limpar, embora, que eu saiba, não tenha me sujado. Esfrego as palmas das mãos na minha calça jeans. A distância repentina do corpo de Quatro faz com que eu sinta frio nas costas.

Ele fica parado na minha frente. Está sorrindo, e eu acho que não gosto do seu olhar.

— Talvez você pertença mesmo é à Franqueza — diz ele —, porque você é uma péssima mentirosa.

— Acho que o meu teste de aptidão descartou completamente essa possibilidade.

Ele balança a cabeça.

— Os testes de aptidão não significam nada.

Meu olhar se estreita.

— O que você está tentando me dizer? Não foi por causa do seu teste que você veio parar na Audácia?

Sinto uma excitação atravessar meu corpo como o sangue em minhas veias, empurrada pela esperança de que ele vá me confirmar que é um Divergente, que ele é como eu, que podemos descobrir o que isso significa juntos.

— Não exatamente — diz ele. — Eu...

Ele olha para trás e se cala. Uma mulher aparece a alguns metros de distância, apontando uma arma para nós. Ela está completamente imóvel, com o rosto inexpressivo. Se eu saísse da simulação agora, não lembraria da sua aparência. À minha direita, surge uma mesa. Sobre ela, há uma arma e uma única bala. Por que a mulher não está atirando em nós?

Ah, eu penso. O medo de Quatro não está ligado à ameaça à sua vida. Tem a ver com a arma sobre a mesa.

— Você precisa matá-la — digo suavemente.

— Todas as vezes.

— Ela não é real.

— Ela parece real. — Ele morde o lábio. — Isso tudo parece real.

— Se ela fosse real, já teria matado você.

— Tudo bem. — Ele acena com a cabeça. — É só eu... acabar logo com isso. Esta não é... tão difícil assim. Não me causa tanto pânico.

Não causa tanto pânico, mas muito mais pavor. Vejo isso em seus olhos enquanto ele pega a arma e abre o tambor, como se já tivesse feito isso centenas de vezes. E pode ser que tenha mesmo. Ele carrega a arma e a aponta para ela, segurando-a com as duas mãos. Fecha um dos olhos com força e respira lentamente.

Ao soltar o ar, ele atira, e a cabeça da mulher é lançada para trás. Vejo uma explosão de vermelho e desvio o olhar. Ouço o som do corpo desabando no chão.

Quatro solta a arma e ela cai no chão, produzindo um ruído surdo. Encaramos o corpo caído da mulher. Ele estava certo. Isso realmente parece real. *Não seja ridícula*. Eu agarro seu braço.

— Venha — digo. — Vamos embora. Vamos seguir em frente.

Depois de mais um puxão, ele sai do seu torpor e me segue. Ao passarmos pela mesa, o corpo da mulher desaparece, embora permaneça em nossas memórias. Como será a sensação de matar alguém a cada vez que se passa pela paisagem do medo? Talvez eu descubra.

Há uma coisa, no entanto, que não entendo: estes deveriam ser os piores medos do Quatro. E, embora ele tenha entrado em pânico na caixa e no telhado, ele matou a mulher sem grandes dificuldades. Parece que a simulação está aproveitando qualquer medo que consiga encontrar dentro dele, mas não conseguiu achar muitos.

— Lá vamos nós — sussurra ele.

Uma figura escura se move diante de nós, esgueirando-se pela beirada do círculo de luz, esperando nosso próximo passo. Quem será? Quem será que frequenta os pesadelos do Quatro?

O homem que surge diante de nós é alto e magro, com o cabelo muito curto. Ele está com as mãos atrás das costas. E usa as roupas cinza da Abnegação.

— Marcus — sussurro.

— Esta é a parte — diz Quatro, com a voz trêmula — em que você descobre meu nome.

— Será que ele é... — Eu desvio o olhar de Marcus, que caminha lentamente em nossa direção, para Quatro, que se afasta devagar, e, de repente, tudo faz sentido. Marcus teve um filho que se juntou à Audácia. Seu nome era... — Tobias.

Marcus nos mostra as mãos. Há um cinto enrolado em um de seus punhos. Ele o desenrola de seus dedos, devagar.

— Isso é para o seu próprio bem — diz ele, e sua voz ecoa doze vezes.

Uma dúzia de Marcus se movimentam em direção ao centro do foco de luz, todos segurando o mesmo cinto, com o mesmo rosto inexpressivo. Quando os Marcus piscam outra vez, seus olhos se tornam cavidades vazias e escuras. Os cintos arrastam no chão, que agora está coberto de ladrilhos brancos. Sinto um arrepio em minha espinha. A Erudição acusou Marcus de crueldade. Ao menos desta vez, eles estavam certos.

Olho para Quatro, ou para Tobias, e ele parece paralisado. Sua postura murcha. Ele parece anos mais velho; parece anos mais novo. O primeiro Marcus joga o braço para trás e o cinto voa sobre seu ombro, enquanto se prepara para atacar. Tobias se encolhe, levantando os braços para proteger o rosto.

Eu me jogo na frente dele e o cinto estala em meu punho, enrolando-se em mim. Uma dor lancinante corre pelo meu braço, até o ombro. Cerro os dentes e puxo o braço com o máximo de força que consigo. O cinto é arrancado da mão de Marcus, e eu o desenrolo do meu braço e seguro-o pela fivela.

Balanço o braço o mais rápido que consigo. Meu ombro dói com o movimento repentino, e atinjo o ombro de Marcus. Ele grita e se joga sobre mim com os braços abertos e as unhas que parecem garras. Tobias me joga para trás do seu corpo, posicionando-se entre mim e Marcus. Ele parece estar com raiva, não medo.

Todos os Marcus desaparecem. As luzes se acendem, revelando o longo recinto com paredes de tijolos rachados e chão de cimento.

— Já acabou? — digo. — Estes eram os seus piores medos? Por que você só tem quatro... — Minha voz morre. Só quatro medos.

— Ah. — Eu olho para ele. — É por isso que o chamam de...

Perco as palavras ao ver a expressão em seu rosto. Seus olhos estão arregalados e parecem quase vulneráveis sob a luz do ambiente. Se não estivéssemos aqui, eu descreveria seu olhar como de estupefação. Mas por que ele estaria olhando para mim dessa maneira?

Ele segura o meu cotovelo, pressionando a pele suave sobre meu antebraço com o dedão, e me puxa para junto do seu corpo. A pele ao redor do meu pulso ainda arde, como se o cinto fosse real, mas está tão pálida quanto o resto do meu corpo. Seus lábios movem-se vagarosamente contra a minha bochecha, e então seus braços apertam meus ombros e ele mergulha o rosto no meu pescoço, respirando contra a minha clavícula.

Eu fico imóvel por um instante, depois o envolvo em meus braços e solto um suspiro.

— Ei — digo suavemente. — Nós conseguimos.

Ele levanta o rosto e acaricia meu cabelo, empurrando-o para trás da minha orelha. Encaramo-nos em silêncio. Seus dedos movem-se distraidamente sobre uma mecha do meu cabelo.

— Você me ajudou a conseguir — diz ele, finalmente.

— Bem. — Minha garganta está seca. Tento ignorar a onda de nervosismo que pulsa por todo o meu corpo a cada vez em que ele me toca. — É fácil ser corajosa quando os medos não são meus.

Abaixo as mãos e enxugo-as disfarçadamente na minha calça jeans, esperando que ele não perceba.

Se percebe, não diz nada. Prende seus dedos nos meus.

— Venha — diz ele. — Quero te mostrar outra coisa.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

DE MÃOS DADAS, descemos em direção ao Fosso. Controlo cuidadosamente a força com que seguro sua mão. Às vezes, penso que não estou segurando forte o bastante, depois, acho que estou apertando demais. Eu nunca havia entendido por que as pessoas andavam de mãos dadas, mas quando ele acaricia a palma da minha mão com a ponta do dedo, eu estremeço e entendo imediatamente.

— Então... — Eu me agarro ao último pensamento lógico do qual consigo me lembrar. — Quatro medos.

— Quatro medos no passado; quatro medos agora — diz ele, acenando com a cabeça. — Eles não mudaram, então continuo entrando lá, mas... ainda não progredi em nenhum deles.

— Você não pode ficar totalmente sem medo, lembra? — digo. — Afinal, você ainda se importa com as coisas ao seu redor. Com sua vida.

— Eu sei.

Caminhamos pela beirada do Fosso, por um caminho estreito que leva às pedras no fundo do abismo. Eu nunca havia reparado nele antes, porque se confundia com o paredão de pedra. Mas Tobias parece conhecê-lo muito bem.

Não quero destruir o clima do momento, mas preciso perguntar-lhe sobre seu teste de aptidão. Preciso saber se ele é Divergente.

— Você ia falar alguma coisa sobre o seu teste de aptidão... — digo.

— Ah. — Ele coça a nuca com a mão livre. — E isso importa?

— Sim. Eu quero saber.

— Você é realmente muito exigente. — Ele sorri.

Alcançamos o final da passagem e chegamos ao fundo do abismo, onde o chão de rochas é pouco seguro, com inclinações íngremes saindo da água turbulenta. Ele me guia para cima e para baixo, passando por pequenas falhas e fileiras de pedras pontiagudas. Meus sapatos grudam nas pedras ásperas. Suas solas marcam cada pedra com uma pegada molhada.

Ele encontra uma pedra relativamente plana à beira do rio, onde a corrente não é tão forte, e se senta com os pés balançando da beirada. Sento-me ao seu lado. Ele parece se sentir confortável neste lugar, apenas alguns centímetros acima do perigoso rio.

Ele solta minha mão. Observo a ponta escarpada da pedra.

— Não falo dessas coisas para qualquer um, sabia? Nem para os meus amigos — diz ele.

Eu entrelaço os dedos das minhas mãos e aperto-os uns contra os outros. Este é o lugar perfeito para ele me contar que é Divergente, se for isso mesmo o que ele é. O ronco do abismo nos protege de sermos ouvidos por alguém. Não sei por que pensar nisso me deixa tão nervosa.

— Meu resultado foi o esperado — fala ele. — Abnegação.

— Ah. — Algo murcha dentro de mim. Eu estava errada a respeito dele.

No entanto, pensei que, se ele não fosse Divergente, seu resultado teria certamente sido a Audácia. E, teoricamente, eu também tirei a Abnegação como resultado. Pelo menos, é isso o que consta no sistema. Será que a mesma coisa aconteceu com ele? E, se for isso, por que ele não conta a verdade?

— Mas você escolheu a Audácia mesmo assim? — pergunto.

— Por necessidade.

— Por que você precisava sair da Abnegação?

Seus olhos se afastam rapidamente dos meus e encaram o espaço à sua frente, como se procurassem uma resposta. Ele não precisa dizer nada. Ainda sinto a presença e a dor do cinto no meu pulso.

— Você precisava fugir do seu pai — digo. — É por isso que você não quer ser um líder da Audácia? Porque você talvez precisasse vê-lo novamente?

Ele ergue um ombro.

— Por isso e porque eu nunca me senti como se realmente pertencesse à Audácia. Pelo menos, não da maneira como ela é agora.

— Mas você é... incrível — digo. Eu paro um pouco e limpo a garganta. — Quer dizer, pelos padrões da Audácia. Quatro medos é algo inédito. Como este poderia não ser o seu lugar?

Ele dá de ombros. Não parece ligar para o seu talento ou para a sua posição dentro da Audácia, e é exatamente isso o que eu esperaria de alguém da Abnegação. Não sei bem o que pensar.

— Eu tenho a teoria de que o altruísmo e a coragem não são tão diferentes assim — diz ele. — Se você passou a vida inteira treinando para se esquecer de si mesmo quando está diante do perigo, isso se torna o seu instinto natural. Meu lugar poderia ser a Abnegação tão facilmente quanto é aqui.

Subitamente, sinto-me pesada. Uma vida inteira de treinamento não foi o bastante para mim. Meu instinto natural ainda é a autopreservação.

— Pois é — concordo. — Deixei a Abnegação porque não era altruísta o bastante, por mais que eu tentasse.

— Isso não é inteiramente verdade. — Ele sorri para mim. — E aquela garota que deixou que alguém atirasse facas contra ela para poupar um amigo; que bateu com um cinto no meu pai para me proteger; aquela garota altruísta não era você?

Ele descobriu mais a meu respeito do que eu jamais soube. E, embora, ao considerar todas as minhas falhas, pareça impossível que ele sinta algo por mim... Quem sabe? Franzo as sobrancelhas ao olhar para ele.

— Você tem prestado bastante atenção, não tem?

— Gosto de observar as pessoas.

— Talvez seu lugar seja mesmo na Franqueza, Quatro, porque você é um péssimo mentiroso.

Ele apoia a mão na pedra ao seu lado, com os dedos próximos dos meus. Eu olho para nossas mãos. Ele tem dedos longos e finos. Mãos feitas para movimentos precisos e hábeis. Não são as mãos de alguém da Audácia, que costumam ser grossas e rudes, prontas para quebrar coisas.

— Tudo bem. — Ele aproxima o rosto do meu, com o olhar concentrado em meu queixo, meus lábios e em meu nariz. — Eu a observei porque gosto de você. — Ele fala isso de maneira simples, corajosa, erguendo os olhos até os meus. — E não me chame de "Quatro", está bem? É bom ouvir meu nome novamente.

E, assim, ele finalmente se declarou para mim, e eu não sei o que responder. Com o rosto quente, a única coisa que consigo pensar em dizer é:

— Mas você é mais velho do que eu... *Tobias*.

Ele sorri para mim.

— Ah, claro. A enorme diferença de dois anos é *intransponível*, não é mesmo?

— Não estou tentando ser autodepreciativa — digo. — Mas não entendo. Eu sou mais nova. Não sou bonita. Eu...

Ele solta uma risada profunda, que soa como se viesse das profundezas do seu ser, e encosta os lábios na minha têmpora.

— Não precisa fingir — digo, ofegante. — Você sabe que eu não sou. Não sou feia, mas certamente não sou bonita.

— Tudo bem. Você não é bonita. E daí? — Ele beija minha bochecha. — Eu gosto da sua aparência. Você é extremamente esperta. Você é corajosa. E, mesmo que tenha descoberto a questão com o Marcus... — Sua voz fica mais suave. — Você não está me olhando daquele jeito. Como se eu fosse algum tipo de cachorrinho abandonado.

— Bem — digo. — Você não é.

Por um instante, seus olhos escuros encaram os meus, e ele fica em silêncio. Então, toca meu rosto e se inclina para perto de mim, roçando os

lábios nos meus. O rio solta um ronco e sinto uma nuvem de água bater nos meus tornozelos. Ele sorri, depois aperta sua boca contra a minha.

A princípio, fico tensa e insegura e, quando ele se afasta, tenho certeza de que fiz algo de errado, ou malfeito. Mas ele segura meu rosto, com os dedos firmes contra a minha pele, e me beija outra vez, com mais segurança, mais certeza. Eu o envolvo em meus braços, deslizando a mão por seu pescoço, até seu cabelo curto.

Beijamo-nos por alguns minutos, no fundo do abismo, cercados pelo ronco da água ao nosso redor. Quando nos levantamos, de mãos dadas, me dou conta de que, se nós dois tivéssemos feito escolhas diferentes, talvez acabássemos fazendo a mesma coisa, em um lugar mais seguro, usando roupas cinza em vez de pretas.

CAPÍTULO VINTE E SETE

NA MANHÃ SEGUINTE, sinto-me abobalhada e leve. Sempre que tento apagar o sorriso do rosto, ele insiste em voltar. Acabo desistindo de reprimi-lo. Deixo meu cabelo solto e troco a camisa larga que costumo usar por uma que deixa meus ombros à mostra, revelando minhas tatuagens.

— O que há com você hoje? — pergunta Christina, a caminho do café da manhã. Seus olhos ainda estão inchados de sono e seu cabelo bagunçado forma uma coroa frisada ao redor de seu rosto.

— Bem, sabe como é — digo. — O sol está brilhando. Os pássaros estão cantando.

Ela levanta uma sobrancelha, como se tentasse me lembrar de que estamos dentro de um túnel subterrâneo.

— Deixe a menina ficar de bom humor — diz Will. — Talvez isso nunca mais aconteça.

Dou um tapa em seu braço e me apresso para chegar ao refeitório. Meu coração bate forte, porque sei que, em algum momento na próxima meia hora, verei Tobias. Sento no meu lugar de costume, ao lado de Uriah e de frente para Will e Christina. O assento à minha esquerda permanece vazio. Será que Tobias sentará nele? Será que ele vai sorrir para mim durante o café da manhã? Será que ele vai me olhar da maneira secreta e furtiva que eu me imagino olhando para ele?

Pego uma torrada do prato e começo a passar manteiga nela com um entusiasmo um pouco excessivo. Sinto que estou agindo como uma louca, mas não consigo parar. Seria como parar de respirar.

De repente, ele entra. Seu cabelo está mais curto, parecendo mais escuro, quase preto. Está curto como os cabelos da Abnegação. Sorrio para ele e

levanto a mão para convidá-lo a se sentar conosco, mas ele se senta ao lado de Zeke, sem nem mesmo olhar para mim, então abaixo a minha mão novamente.

Encaro a minha torrada. Não é mais tão fácil sorrir.

— Está tudo bem? — pergunta Uriah, com a boca cheia de torrada.

Balanço a cabeça e dou uma mordida na minha torrada. O que eu esperava? Só porque nos beijamos não quer dizer que as coisas vão mudar. Talvez ele não goste mais de mim. Talvez ache que foi um erro me beijar.

— Hoje é dia de paisagem do medo — diz Will. — Será que veremos nossas próprias paisagens do medo?

— Não. — Uriah balança a cabeça. — Nós passaremos pela paisagem de um dos instrutores. Meu irmão me disse.

— É mesmo? Qual instrutor? — diz Christina, animando-se de repente.

— Sabe, realmente não é justo que vocês tenham acesso a todas essas informações internas, e nós não — diz Will, encarando Uriah.

— Até parece que você não usaria uma vantagem se pudesse — responde Uriah.

Christina os ignora.

— Espero que seja a paisagem do Quatro — diz ela.

— Por quê? — pergunto. A pergunta soa incrédula demais. Eu mordo o lábio, arrependida de ter aberto a boca.

— Parece que *alguém* teve uma mudança repentina de humor. — Ela revira os olhos. — Até parece que você não quer saber quais são os medos dele. Ele age como se fosse tão durão que provavelmente tem medo de doces, um pôr do sol muito brilhante ou algo do gênero. Esse jeito durão dele deve ser só uma maneira de compensar isso.

Balanço a cabeça.

— Não será ele.

— Como você pode saber?

— É apenas um pressentimento.

Lembro-me do pai de Tobias na sua paisagem do medo. Ele não deixaria que todos vissem aquilo. Olho para ele. Por um instante, seus olhos encontram os meus. Ele me encara de maneira insensível. Depois, desvia o olhar.

+ + +

Lauren, a instrutora dos iniciandos nascidos na Audácia, está parada, com as mãos nos quadris, na entrada da sala de paisagens do medo.

– Há dois anos – diz ela –, eu tinha medo de aranhas, de sufocamento, de ser espremida lentamente entre paredes, de ser expulsa da Audácia, de sangrar incontrolavelmente, de ser atropelada por um trem, da morte do meu pai, de ser humilhada em público e de ser raptada por homens sem rosto.

Todos a encaram inexpressivamente.

– A maioria de vocês terá entre dez e quinze medos nas suas paisagens. Essa é a média, em geral – diz ela.

– Qual é o número mais baixo que alguém já teve? – pergunta Lynn.

– No passado recente – diz Lauren –, quatro.

Eu não olhei para o Tobias desde que saímos do refeitório, mas não posso evitar olhá-lo agora. Ele mantém os olhos colados no chão. Eu sabia que quatro era um número baixo, baixo o bastante para inspirar um apelido, mas não sabia que era menos da metade da média.

Eu encaro os meus pés. Ele é excepcional. E agora nem olha mais para mim.

– Vocês não descobrirão o seu número hoje – diz Lauren. – A simulação está programada para a minha paisagem do medo. Portanto, vocês vivenciarão os meus medos, e não os seus.

Lanço um olhar mordaz para Christina. Eu estava certa; nós não vamos entrar na paisagem do Quatro.

— Para este exercício, no entanto, cada um de vocês enfrentará apenas *um* dos meus medos, para sentirem como funciona a simulação.

Lauren aponta para nós aleatoriamente, designando um medo para cada um. Eu estava mais para trás do grupo, então ficarei com um dos últimos, o do rapto.

Como não estou conectada ao computador enquanto espero, não consigo ver as simulações, apenas as reações das pessoas a elas. Assisto-as para tentar me distrair da preocupação em relação ao Tobias. Cerro os punhos enquanto Will tenta afastar aranhas que não consigo ver e Uriah empurra paredes que são invisíveis para mim, e rio quando Peter fica completamente vermelho com o que quer seja que ele vivencia como uma "humilhação pública". Finalmente, é a minha vez.

O obstáculo não será agradável, mas, como fui capaz de manipular todas as simulações anteriores e como já passei pela paisagem do Tobias, não fico preocupada quando Lauren injeta a agulha no meu pescoço.

De repente, o cenário muda e o rapto começa. O chão sob meus pés torna-se um gramado, e mãos agarram meus braços e cobrem minha boca. Está escuro demais para ver qualquer coisa.

Encontro-me diante do abismo. Ouço o ronco do rio. Grito, com a boca abafada pela mão que a cobre, e me debato para tentar me libertar, mas os braços são fortes demais; meus sequestradores são fortes demais. A imagem do meu corpo caindo para dentro da escuridão surge na minha mente; a mesma imagem que eu agora carrego comigo em meus pesadelos. Grito novamente; grito até a minha garganta doer e cerro os olhos, derramando lágrimas quentes.

Eu sabia que eles viriam me pegar; sabia que eles tentariam novamente. A primeira vez não foi o suficiente. Grito outra vez, não por socorro, já que eu sei que ninguém irá me socorrer, mas porque esta é a única opção para alguém que está prestes a morrer e não pode fazer mais nada a respeito.

— Parem — diz uma voz severa.

As mãos desaparecem, e a luz se acende. Estou em pé sobre o cimento da sala de paisagens. Meu corpo treme, e eu caio de joelhos, com as mãos sobre o rosto. Eu acabei de falhar. Perdi toda a noção, toda a consciência. O medo de Lauren se transformou em um dos meus.

E todos me viram. Tobias me viu.

Ouço passos. Tobias marcha em minha direção e me levanta violentamente.

— O que diabos foi isso, Careta?

— Eu... — Soluço ao respirar. — Eu não...

— Recomponha-se! Isso é patético.

Algo rompe dentro de mim. Minhas lágrimas cessam. Uma onda de calor atravessa o meu corpo, afastando minha fraqueza, e dou um tapa tão forte no rosto de Tobias que as juntas dos meus dedos doem com o impacto. Ele me encara, com uma das faces completamente vermelha, e eu o encaro de volta.

— Cala a boca — digo. Arranco meu braço da sua mão e caminho para fora da sala.

CAPÍTULO VINTE E OITO

APERTO A JAQUETA ao redor dos meus ombros. Faz muito tempo que não vejo o ar livre. O sol brilha tenuamente em meu rosto, e observo a minha respiração se condensando no ar.

Pelo menos, consegui uma coisa: convencer Peter e seus amigos de que não sou mais uma ameaça. Só preciso me certificar de que amanhã, quando passar pela minha própria paisagem do medo, eu prove a eles que estão errados. Ontem, fracassar me parecia algo impossível. Hoje, já não tenho mais tanta certeza.

Passo as mãos pelos meus cabelos. A vontade de chorar passou. Tranço-os e amarro-os com um elástico preso ao meu pulso. Sinto-me mais como eu mesma. Isso é tudo o que eu preciso fazer: lembrar-me de quem sou. E sou alguém que não permite que coisas sem importância, como garotos e experiências de quase morte, entrem no meu caminho.

Solto uma risada e balanço a cabeça. Será que sou isso mesmo?

Ouço o apito do trem. Os trilhos fazem uma volta ao redor do complexo da Audácia, depois continuam para além da minha visão. Onde será que eles começam? Onde será que terminam? Como será o mundo para além deles? Eu me aproximo.

Quero ir para casa, mas não posso. Eric nos alertou para que não parecêssemos muito apegados aos nossos pais durante o Dia da Visita; portanto, visitar minha casa seria como trair a Audácia, e eu não posso me dar o luxo de fazer isso. Mas Eric não disse que não podíamos visitar pessoas em outras facções diferentes daquelas de onde viemos, e minha mãe realmente me pediu para visitar Caleb.

Sei que não devo sair sem ser supervisionada, mas não consigo evitar. Ando cada vez mais rápido, até que começo a correr. Balançando os braços, sigo o último vagão até que eu consiga agarrar a barra de metal e me puxar para dentro, fazendo uma careta com a pontada de dor que atravessa meu corpo moído.

Uma vez dentro do vagão, deito-me no chão ao lado da porta e vejo o complexo da Audácia se perder na distância. Não quero mais voltar, mas optar pela desistência, por me tornar uma sem-facção, seria a coisa mais corajosa que eu já fiz, e, hoje, sinto-me uma covarde.

O vento lambe meu corpo e se entranha entre meus dedos. Deixo minha mão cair para fora do vagão, permitindo que ela vá de encontro ao vento. Não posso ir para casa, mas posso encontrar parte dela. Caleb faz parte de cada memória da minha infância; é uma parte integral da minha formação.

O trem desacelera à medida que se aproxima do centro da cidade, e eu me levanto e observo os prédios menores se tornando cada vez maiores. Os membros da Erudição vivem em enormes prédios de pedra voltados para o pântano. Seguro a barra de metal e inclino o corpo para fora apenas o bastante para ver aonde os trilhos estão me levando. Eles descem até o nível do solo logo antes de se voltarem para o leste. Respiro o cheiro da calçada molhada e o ar do pântano.

O trem mergulha e desacelera, e eu salto. Minhas pernas tremem com o impacto da minha aterrissagem, e corro alguns passos para recobrar o equilíbrio. Caminho pelo meio da rua, para o sul, em direção ao pântano. O terreno vazio se estende até os limites da minha visão, uma planície marrom colidindo com o horizonte.

Eu me viro para a esquerda. Os prédios da Erudição se agigantam acima de mim, escuros e misteriosos. Como encontrarei Caleb aqui?

Os membros da Erudição mantêm registros; faz parte da natureza deles. Eles devem ter registros dos seus iniciandos. Alguém tem acesso a esses

registros; só preciso encontrar essa pessoa. Examino os prédios. Pela lógica, o edifício central deve ser o mais importante. É melhor eu começar por ele.

Há membros da facção por todo lado. As normas obrigam os membros a sempre usar no mínimo uma peça de roupa azul, porque essa cor faz com que o corpo libere químicos calmantes, e "uma mente calma é uma mente lúcida". A cor também passou a simbolizar a facção, mas parece desagradavelmente clara para mim agora. Estou acostumada à iluminação escassa e a roupas escuras.

Espero atravessar a multidão normalmente, desviando-me dos cotovelos alheios e murmurando "com licença", como sempre faço, mas isso não é necessário. Tornar-me alguém da Audácia fez com que eu passasse a chamar atenção. A multidão abre passagem para mim, e seus olhares me acompanham. Eu retiro o elástico do meu cabelo e solto o seu nó antes de atravessar a porta da frente.

Paro logo depois da entrada e inclino a cabeça para trás. O salão é enorme, silencioso, e cheira a páginas cobertas de poeira. O chão de madeira corrida range sob meus pés. Prateleiras de livros cobrem as paredes em ambos os lados, mas parecem ser mais decorativas do que qualquer outra coisa, porque há computadores nas mesas no centro da sala, e ninguém está lendo os livros. Eles encaram os monitores com olhos tensos e concentrados.

Eu deveria ter adivinhado que o edifício central da Erudição seria uma biblioteca. Um retrato na parede do outro lado do salão chama minha atenção. Ele tem duas vezes a minha altura e quatro vezes a minha largura e retrata uma mulher com olhos de um cinza líquido, por trás de um par de óculos: Jeanine. Como representante da Erudição, foi ela quem publicou aquele artigo sobre meu pai. Eu já sentia antipatia por ela desde que meu pai começou a reclamar na mesa de jantar, mas agora eu a odeio.

Sob seu retrato, há uma grande placa com as palavras: O CONHECIMENTO LEVA À PROSPERIDADE.

Prosperidade. Para mim, essa palavra tem uma conotação negativa. A abnegação usa-a para descrever a autocomplacência.

Como Caleb pôde escolher ser uma dessas pessoas? As coisas que eles fazem, as coisas que querem, estão todas erradas. Mas ele provavelmente pensa a mesma coisa a respeito da Audácia.

Caminho até a mesa que fica logo abaixo do retrato de Jeanine. O jovem sentado atrás dela não levanta a cabeça ao dizer:

— Em que posso ajudá-la?

— Estou procurando uma pessoa — digo. — Seu nome é Caleb. Você sabe onde posso encontrá-lo?

— Não tenho permissão de divulgar informações pessoais — responde ele de maneira fria, cutucando o monitor à sua frente com os dedos.

— Ele é meu irmão.

— Não tenho a permi...

Eu dou um forte tapa na mesa, bem na sua frente, e ele acorda do seu torpor, olhando para mim por cima dos óculos. As pessoas ao redor me encaram.

— Eu disse — repito, de maneira curta e grossa — que estou procurando uma pessoa. Ele é um iniciando. Você poderia ao menos me dizer onde posso encontrá-los?

— Beatrice? — diz uma voz atrás de mim.

Eu me viro e vejo Caleb com um livro na mão. Seu cabelo cresceu e se dobra sobre suas orelhas, e ele usa uma camiseta azul e um par de óculos retangulares. Embora pareça diferente e eu não possa mais amá-lo, corro até ele o mais rápido que consigo e lanço os braços ao redor de seus ombros.

— Você tem uma tatuagem — diz ele, com a voz abafada.

— Você está usando óculos — retruco. Eu me afasto e estreito o olhar. — Sua visão é perfeita, Caleb. O que você está fazendo?

— É... — Ele olha para as mesas ao redor. — Venha. Vamos sair daqui.

Saímos do prédio e atravessamos a rua. Preciso acelerar o passo para acompanhá-lo. Em frente à sede da Erudição, existe um local que costumava ser um parque. Hoje chamamos o lugar apenas de "Millenium", e ele não é nada mais que um terreno baldio com várias esculturas de metal enferrujadas. Uma delas tem a forma de um mamute metálico abstrato, e outra se parece com um feijão e é tão grande que pareço uma anã a seu lado.

Paramos sobre o concreto ao redor do feijão de metal, onde membros da Erudição se sentam em pequenos grupos com jornais e livros. Ele tira os óculos e os enfia no bolso, depois passa a mão no cabelo, encarando-me de maneira nervosa. Parece envergonhado. Talvez eu devesse estar também. Estou tatuada, de cabelo solto e vestida com roupas apertadas. Mas isso não me envergonha.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta ele.

— Eu queria ir para casa — digo —, e você é o mais próximo disso que eu consegui.

Ele contrai os lábios.

— Não precisa ficar tão feliz em me ver — falo.

— Ei — diz ele, pousando a mão em meu ombro. — Estou muito feliz em vê-la. Só que isso não é permitido. Existem regras.

— Eu não me importo — afirmo.

— Talvez devesse se importar. — Sua voz é gentil; ele me lança seu olhar habitual de desaprovação. — Se eu fosse você, não ia querer me meter em encrenca com sua facção.

— O que você quer dizer com isso?

Sei exatamente o que ele quer dizer. Ele vê minha facção como a mais cruel das cinco, e nada mais que isso.

— Só não quero que você se machuque. Você não precisa ficar tão irritada comigo — diz, inclinando a cabeça para o lado. — O que *aconteceu* com você lá?

— Nada. Não aconteceu nada comigo. — Fecho os olhos e esfrego a mão na nuca. Mesmo que eu pudesse explicar-lhe tudo o que aconteceu, não iria

querer. No momento, não consigo nem juntar forças o suficiente para pensar sobre isso.

— Você acha... — Ele encara os próprios sapatos. — Você acha que fez a escolha certa?

— Eu não acho que havia uma escolha a ser feita — digo. — E você?

Ele olha ao redor. Pessoas nos encaram ao passarem por nós. Ele as encara de maneira nervosa. Ainda está inquieto, mas talvez não seja por causa da sua aparência, ou por minha causa. Talvez sejam eles. Eu seguro seu braço e o puxo para debaixo do arco do feijão de metal. Andamos por baixo da cavidade vazia. Vejo meu reflexo por toda a parte, distorcido pela curva das paredes, e interrompido aqui e ali por manchas de ferrugem e sujeira.

— O que está acontecendo? — pergunto, cruzando os braços. Eu não havia percebido as olheiras sob seus olhos. — O que há de errado?

Caleb apoia a mão na parede de metal. No seu reflexo, um dos lados da sua cabeça parece pequena e amassada, e seu braço parece estar dobrado para trás. Meu reflexo, no entanto, parece pequeno e achatado.

— Algo grande está acontecendo, Beatrice. Algo está errado. — Seus olhos estão arregalados e embaciados. — Não sei o que é, mas as pessoas estão andando por aí de maneira estranha, sussurrando entre si, e Jeanine faz discursos sobre a corrupção da Abnegação o tempo todo, quase todos os dias.

— E você acredita nela?

— Não. Talvez. Eu não... — Ele balança a cabeça. — Não sei em que acreditar.

— É claro que você sabe — digo de maneira assertiva. — Você sabe quem são nossos pais. Você sabe quem são nossos amigos. O pai da Susan, por exemplo. Você acha que ele é corrupto?

— O quanto será que eu sei realmente? O quanto eles me permitiram saber? Nós não podíamos fazer perguntas, Beatrice; nós não podíamos saber das coisas! E aqui... — Ele olha para cima e, no círculo plano e espelhado acima de nós, vejo nossos reflexos minúsculos, do tamanho de unhas. Este, eu

penso, é nosso verdadeiro reflexo; é tão pequeno quanto realmente somos. Ele continua. — Aqui, a informação é livre e está sempre disponível.

— Aqui não é a Franqueza. Existem mentirosos aqui, Caleb. Existem pessoas que são tão inteligentes que sabem como manipular você.

— Você não acha que eu saberia se estivesse sendo manipulado?

— Se eles são tão espertos que fazem você acreditar, não. Não acho que você saberia.

— Você não tem ideia do que está falando — diz ele, balançando a cabeça.

— Ah, é. Como *eu* saberia reconhecer uma facção corrupta? Estou apenas treinando para entrar na *Audácia* — afirmo. — Pelo menos, sei no que estou me metendo, Caleb. *Você* está escolhendo ignorar o que soubemos a nossa vida inteira. Que estas pessoas são arrogantes e gananciosas e não o levarão a lugar algum.

Sua voz endurece.

— Acho que é melhor você ir embora, Beatrice.

— Será um prazer — respondo. — Ah, não que você vá se importar com isso, mas mamãe me pediu para lhe falar que você deve pesquisar a respeito do soro de simulação.

— Você a viu? — Ele parece magoado. — Por que ela não...

— Porque — digo — a Erudição não permite mais a entrada de membros da Abnegação em seu complexo. Esta informação não estava disponível para você?

Eu o empurro para o lado, afastando-me da cavidade espelhada e da escultura, e começo a descer a calçada. Não devia ter saído de onde estava. O complexo da Audácia é meu lar agora. Pelo menos, lá eu sei exatamente em que pé estou, mesmo que não seja um pé muito estável.

A calçada se esvazia, e eu levanto o rosto para ver o motivo. A alguns metros de mim, dois homens da Erudição estão parados de braços cruzados.

— Com licença — diz um deles. — Você terá que nos acompanhar.

+ + +

Um dos homens me segue tão de perto que consigo sentir sua respiração na minha nuca. O outro me guia para dentro da biblioteca e por três corredores, até um elevador. Depois da biblioteca, o chão não é mais de madeira, e sim de ladrilhos brancos, e as paredes reluzem como o teto da sala onde fiz o teste de aptidão. O brilho delas reflete nas portas prateadas do elevador, e deixo os olhos semicerrados para conseguir enxergar.

Tento manter-me calma. Repito questões do treinamento da Audácia para mim mesma. *O que devemos fazer no caso de sermos atacados por trás?* Imagino-me lançando o cotovelo para trás, contra o estômago ou a virilha de alguém e, também, correndo. Gostaria de ter uma arma agora. Estes são pensamentos típicos da Audácia e se tornaram meus pensamentos também.

O que devemos fazer no caso de sermos atacados por duas pessoas ao mesmo tempo? Sigo o homem por um corredor vazio e reluzente, até um escritório. As paredes são feitas de vidro. Acho que já sei qual facção projetou minha escola.

Uma mulher está sentada atrás de uma mesa de madeira. Eu a encaro. É o mesmo rosto que domina o espaço da biblioteca da Erudição e que está impresso em cada um dos artigos divulgados pela facção. Há quanto tempo será que odeio esse rosto? Não consigo me lembrar.

— Sente-se — diz Jeanine. Sua voz me soa familiar, especialmente quando está irritada assim. Seus olhos, de um cinza líquido, concentram-se nos meus.

— Prefiro ficar em pé.

— *Sente-se* — diz ela novamente. Tenho certeza de que já ouvi sua voz antes.

Ouvi-a conversando com Eric no corredor, antes de ser atacada. Ouvi-a falando sobre os Divergentes. Mas ouvi-a outra vez antes disso; ouvi-a...

— Era a sua voz na simulação — digo. — Quer dizer, no teste de aptidão.

Ela é o perigo sobre o qual Tori e minha mãe me alertaram, o perigo de ser Divergente. E ela está sentada bem na minha frente.

— Exatamente. O teste de aptidão é de longe meu maior feito como cientista — responde. — Eu conferi os resultados do seu teste, Beatrice. Parece que houve um problema. Ele não foi gravado, e os resultados tiveram que ser cadastrados manualmente. Você sabia disso?

— Não.

— Sabia que é apenas a segunda pessoa na história que teve a Abnegação como resultado e mesmo assim escolheu a Audácia?

— Não — digo, reprimindo minha surpresa. Tobias e eu somos os únicos? Mas o resultado dele foi verdadeiro e o meu foi falso. Então, na realidade, ele foi o único.

Sinto um aperto no estômago ao pensar nele. Sua singularidade não me importa agora. Ele me chamou de patética.

— O que a fez escolher a Audácia?

— O que isso importa? — Tento suavizar minha voz, mas não consigo. — Você não vai me repreender por me afastar da minha facção e procurar meu irmão? "A facção antes do sangue", certo? — Eu faço uma pequena pausa. — Aliás, por que estou aqui no seu escritório? Você não deveria ser uma figura importante?

Talvez isso faça com que ela desça um pouco do seu pedestal.

Ela contrai o lábio por um instante.

— Deixarei que a Audácia a repreenda — diz ela, inclinando a cadeira para trás.

Eu apoio as mãos no encosto da cadeira na qual me recusei a me sentar e fecho os dedos com força. Atrás dela há uma janela com vista para a cidade. O trem faz uma curva lenta a distância.

— Quanto ao motivo da sua presença aqui... uma das qualidades da minha facção é a curiosidade — diz ela. — E, ao examinar seus dados, percebi que

havia um erro em outra simulação sua. Ela também não foi registrada. Você sabia disso?

— Como você acessou meus dados? Apenas a Audácia tem acesso a eles.

— Como fomos nós da Erudição que desenvolvemos as simulações, temos um... *acordo* com a Audácia, Beatrice. — Ela inclina a cabeça para o lado e sorri para mim. — Só estou preocupada com o funcionamento da nossa tecnologia. Se ela falhou com você, preciso me assegurar de que não voltará a falhar no futuro, entende?

Só há uma coisa que eu entendo: ela está mentindo. Não liga para a tecnologia, mas suspeita de que haja algo de errado com os resultados do meu teste. Como os líderes da Audácia, está farejando um Divergente. E, se minha mãe quer que Caleb pesquise a respeito do soro de simulação, deve ser porque foi a Jeanine que o desenvolveu.

Mas o que há de tão ameaçador na minha habilidade de manipular as simulações? Por que isso importaria logo à representante da Erudição?

Não tenho a resposta para essas perguntas. Mas a maneira com a qual ela me olha me lembra o olhar do cão bravo na sala de aptidão: um olhar perverso e predatório. Ela quer me rasgar em pedaços. Não posso me deitar submissamente agora. Preciso me tornar um cão bravo também.

Sinto o sangue pulsando em minha garganta.

— Não sei como isso funciona — digo —, mas o líquido que injetaram em mim me causou náuseas. Talvez a pessoa que administrou a minha simulação tenha ficado distraída por pensar que eu iria vomitar e se esqueceu de registrar os dados. Também me senti enjoada depois do teste de aptidão.

— Você costuma ter o estômago sensível, Beatrice? — Sua voz é como uma navalha. Ela bate com as unhas aparadas no vidro da mesa.

— Desde criança — respondo da maneira mais natural possível. Solto o encosto da cadeira e puxo-a para poder sentar. Não posso parecer nervosa, mesmo que sinta como se minhas entranhas estivessem se contorcendo dentro de mim.

— Você tem ido extremamente bem nas simulações — ela diz. — A que atribui a facilidade com que as completa?

— Sou corajosa — digo, encarando-a. As outras facções veem a Audácia de uma determinada maneira. Impertinente, agressiva, impulsiva. Pretensiosa. Devo agir da maneira que ela espera. Dou um sorriso debochado. — Sou a melhor inicianda que eles têm.

Inclino-me para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. Precisarei elaborar minha mentira um pouco mais para conseguir convencê-la.

— Você quer saber por que escolhi a Audácia? — pergunto. — Porque estava entediada. — Elaborar mais, mais. As mentiras exigem comprometimento. — Eu estava cansada de ser uma mariquinhas boazinha e queria dar o fora da Abnegação.

— Então, você não sente saudades dos seus pais? — pergunta ela com cuidado.

— Você quer saber se eu sinto saudade de levar broncas por me olhar no espelho? Saudade de me mandarem calar a boca na mesa de jantar? — Balanço a cabeça. — Não, não sinto falta deles. Eles não são mais a minha família.

A mentira queima minha garganta ao atravessá-la, ou talvez a sensação venha apenas das lágrimas que estou me esforçando para conter. Imagino minha mãe atrás de mim com um pente e uma tesoura, sorrindo discretamente ao aparar meu cabelo, e sinto vontade de gritar, em vez de insultá-la dessa maneira.

— Então, isso quer dizer... — Jeanine contrai os lábios e faz uma pausa antes de continuar a falar — ...que você concorda com os relatórios que foram divulgados a respeito dos líderes desta cidade?

Os relatórios que descrevem minha família como ditadores corruptos, gananciosos e moralistas? Os relatórios carregados de ameaças sutis e insinuações revolucionárias? Eles me causam náuseas. Saber que foi ela que os divulgou faz com que eu sinta vontade de estrangulá-la.

Eu sorrio.

— Plenamente — digo.

+ + +

Um dos lacaios de Jeanine, um homem com uma camisa de gola azul e óculos escuros, me leva de volta ao complexo da Audácia em um elegante carro prateado, de um tipo que eu nunca havia visto antes. O motor praticamente não emite ruídos. Quando pergunto ao homem a respeito do carro, ele me diz que seu funcionamento é à base de energia solar e começa a discorrer longamente a respeito de como os painéis no capô convertem luz solar em energia. Paro de prestar atenção um minuto depois e volto o olhar para o lado de fora da janela.

Não sei o que farão comigo quando eu voltar. Suspeito de que não será nada agradável. Imagino meus pés pendurados sobre o abismo e mordo o lábio.

Quando o motorista estaciona ao lado do prédio de vidro sobre o complexo da Audácia, Eric está me esperando na porta. Ele agarra meu braço e me puxa para dentro do prédio sem agradecer o motorista. Aperta os dedos com tanta força que tenho certeza de que ficarei roxa.

Ele se posiciona entre o vão de entrada do Fosso e eu, depois começa a estalar as juntas dos dedos. Fora isso, fica completamente parado.

Eu estremeço involuntariamente.

O som discreto de seus dedos estalando é a única coisa que consigo escutar, além da minha própria respiração, que está cada vez mais acelerada. Quando ele termina de estalar os dedos, entrelaça-os à frente do corpo.

— Bem-vinda de volta, Tris.

— Eric.

Ele caminha na minha direção, posicionando cuidadosamente um pé à frente do outro.

— O que... — Suas primeiras palavras são silenciosas — *exatamente* — continua ele, mais alto desta vez — você estava pensando?

— Eu... — Ele está tão perto de mim que consigo ver os buracos onde se encaixam seus *piercings*. — Eu não sei.

— Sinto-me tentado a chamá-la de traidora, Tris — diz ele. — Você não conhece o ditado "facção antes do sangue"?

Já vi Eric fazer e dizer coisas terríveis. Mas nunca o havia visto assim. Ele não é mais um maníaco; está completamente controlado, perfeitamente equilibrado. Cuidadoso e tranquilo.

Pela primeira vez, reconheço o que Eric realmente é: uma pessoa da Erudição disfarçada de membro da Audácia, tão genial quanto sádico; um caçador de Divergentes.

Sinto vontade de fugir.

— Você estava insatisfeita com a vida que está levando aqui? Você, por acaso, se arrepende da escolha que fez? — Eric ergue as duas sobrancelhas cobertas de metal, fazendo com que rugas se formem em sua testa. — Gostaria de que me explicasse o que a levou a trair a Audácia, a você mesma e a *mim*... — Ele bate contra o próprio peito — ...ao se aventurar no complexo de outra facção.

— Eu... — Respiro fundo. Ele me mataria se soubesse o que sou, tenho certeza disso. Suas mãos se fecham em punhos. Estou sozinha aqui; se algo acontecer comigo, ninguém saberá e ninguém verá.

— Se você não conseguir explicar — diz ele suavemente —, eu talvez seja obrigado a reconsiderar sua posição na tabela. Ou, já que você parece ser tão ligada à sua antiga facção... talvez eu seja obrigado a reconsiderar a posição dos seus amigos. Talvez a pequena menina da Abnegação que há dentro de você se importe mais com isso.

A primeira coisa que penso é que ele não poderia fazer isso, que não seria justo. Depois, me dou conta de que é claro que ele poderia e que não hesitaria nem um segundo antes de fazê-lo. E ele está certo. Só de pensar que a minha atitude imprudente pode fazer com que alguém seja forçado a deixar uma facção, sinto o meu peito doer de culpa.

Tento mais uma vez:

— Eu...

No entanto, tenho dificuldade em respirar.

De repente, a porta se abre. Tobias entra no salão.

— O que você está fazendo? — pergunta ele ao Eric.

— Vá embora — diz Eric, com a voz mais alta e menos calculada. Agora ele soa mais como o Eric com quem estou acostumada. Sua expressão também muda, tornando-se mais instável e viva. Eu o encaro, impressionada com sua facilidade em mudar de uma expressão para outra, perguntando-me qual será sua estratégia por trás disso.

— Não — diz Tobias. — Ela é apenas uma garota tola. Não há necessidade de arrastá-la até aqui para um interrogatório.

— Apenas uma garota tola. — Eric solta uma risada curta. — Se ela fosse apenas uma garota tola não estaria em primeiro lugar, estaria?

Tobias belisca a base de seu nariz e olha para mim pelos espaços entre seus dedos. Ele está tentando me dizer algo. Eu penso rapidamente. Qual conselho Quatro me deu recentemente?

A única coisa que consigo pensar é: *finja um pouco de vulnerabilidade.*

Isso já funcionou antes.

— Eu... Eu estava apenas com vergonha e não sabia o que fazer. — Enfio as mãos nos bolsos e encaro o chão. Belisco minha perna com tanta força que lágrimas surgem em meus olhos, e então levanto a cabeça e olho para Eric, fungando. — Eu tentei... e... — Eu balanço a cabeça.

— Você tentou o quê? — pergunta Eric.

— Me beijar — diz Tobias. — E eu a rejeitei, e ela fugiu como uma menininha de cinco anos. Realmente não podemos culpá-la de nada, a não ser de ter agido de maneira estúpida.

Nós dois esperamos.

Eric olha para mim, depois para Tobias, e começa a rir muito alto e por muito tempo, de uma maneira ameaçadora, que me arranha como uma lixa.

— Quatro não é um pouco velho demais para você, Tris? — diz ele, sorrindo novamente.

Passo a mão no rosto como se estivesse enxugando uma lágrima.

— Posso ir embora agora? — pergunto.

— Tudo bem — diz Eric —, mas você está proibida de deixar este complexo novamente sem a supervisão de alguém, entendeu? — Ele se vira para Tobias. — E *você*... deve se certificar de que nenhum outro transferido deixe este complexo novamente. E que ninguém mais tente beijá-lo.

Tobias revira os olhos.

— Está certo.

Deixo o salão e me encontro ao ar livre novamente, balançando as mãos para me livrar da tensão. Sento-me na calçada e abraço meus joelhos.

Não sei por quanto tempo fico sentada ali, com a cabeça abaixada e os olhos fechados, antes que a porta se abra novamente. Não sei se passaram-se vinte minutos ou uma hora. Tobias caminha na minha direção.

Eu me levanto e cruzo os braços, esperando a bronca. Dei um tapa nele e depois me meti em encrenca com a Audácia, e sei que ele me dará uma bronca.

— O que foi?

— Você está bem? — Uma ruga aparece entre suas sobrancelhas, e ele toca suavemente a minha bochecha. Eu afasto sua mão com força.

— Bem — digo —, primeiro fui humilhada na frente de todo mundo, depois tive que bater um papo com a mulher que está tentando destruir a minha antiga facção, depois Eric quase expulsou os meus amigos da Audácia, então, acho que a resposta é sim. Parece que o meu dia está sendo maravilhoso, *Quatro*.

Ele balança a cabeça e olha para o prédio em ruínas à sua direita, que é feito de tijolos e não se assemelha em nada ao elegante pináculo de vidro atrás de mim. Ele deve ser muito antigo. Ninguém mais usa tijolos em construções.

— E por que você se importa tanto? Você pode ser um instrutor cruel ou um namorado preocupado. — Fico tensa ao falar a palavra "namorado". Eu não queria ter dito isso de maneira tão leviana, mas agora é tarde demais. — Você não pode exercer os dois papéis ao mesmo tempo.

— Não sou cruel — diz ele de maneira severa. — Eu estava protegendo você hoje de manhã. Como você acha que Peter e seus amigos idiotas reagiriam se soubessem que você e eu estamos... — Ele suspira. — Você nunca venceria. Eles diriam que sua posição é uma consequência do meu favoritismo, e não do seu próprio mérito.

Abro a boca para discutir, mas não sou capaz. Penso em algumas respostas espertas, mas as deixo de lado. Ele tem razão. Meu rosto esquenta, e eu o esfrio com as mãos.

— Você não precisava ter me insultado para provar algo a eles — digo, por fim.

— E você não precisava fugir até seu irmão só porque eu magoei você — ele diz. Ele esfrega a mão na nuca. — Além do mais, funcionou, não funcionou?

— À minha custa.

— Não imaginei que fosse afetar você dessa maneira. — Ele olha para o chão e ergue os ombros. — Às vezes, esqueço que sou capaz de ferir você. Que é possível ferir você.

Eu deslizo as mãos para dentro dos meus bolsos e balanço o corpo para frente e para trás. Uma sensação estranha toma conta de mim, como uma fraqueza doce e dolorosa. Ele fez o que fez porque acreditava na minha força.

Em casa, Caleb era o irmão forte, porque conseguia esquecer de si mesmo, e porque todas as características que meus pais valorizavam eram naturais a ele. Ninguém jamais confiou tanto na minha força.

Eu me ergo na ponta dos pés, levanto a cabeça e beijo Tobias. Apenas os nossos lábios se tocam.

— Você é genial, sabia? — Balanço a cabeça. — Você sempre sabe exatamente o que fazer.

— Só porque tenho pensado nisso há muito tempo — diz ele, dando-me um beijo rápido em seguida. — Em como eu iria lidar com isso, se eu e você... — Ele recua um pouco e sorri. — Você me chamou de namorado, Tris?

— Não exatamente. — Eu dou de ombros. — Por quê? Você quer que eu chame?

Ele coloca as mãos em meu pescoço e levanta meu queixo com seus dedões, inclinando minha cabeça para trás para encostar sua testa na minha. Por um instante, fica parado assim, com os olhos fechados, respirando o mesmo ar que eu. Sinto a rapidez da sua respiração. Ele parece estar nervoso.

— Quero — diz ele finalmente, e seu sorriso desaparece. — Você acha que o convencemos de que você é apenas uma garota tola?

— Eu espero que sim — digo. — Às vezes, é bom ser pequena. Mas não tenho certeza de que convenci os membros da Erudição.

Os cantos da sua boca se inclinam para baixo, e ele me olha de maneira séria.

— Há algo que eu preciso lhe dizer.

— O quê?

— Agora não. — Ele olha ao redor. — Encontre-me aqui às 23h30. Não diga a ninguém aonde você está indo.

Eu concordo com a cabeça e ele se vira, partindo tão rapidamente quanto chegou.

+ + +

— Onde você *esteve* o dia todo? — pergunta Christina quando entro no dormitório. O quarto está vazio; devem estar todos jantando. — Eu procurei você lá fora, mas não a encontrei. Está tudo bem? Você se meteu em encrenca por ter batido no Quatro?

Eu balanço a cabeça. Só de pensar em contar-lhe a verdade a respeito de onde estive faz com que me sinta exausta. Como poderia explicar o impulso que senti de simplesmente saltar em um trem e visitar meu irmão? Ou a

tranquilidade bizarra na voz do Eric enquanto ele me interrogava? Ou o próprio motivo que me levou a estourar e agredir Tobias?

— Eu só precisava sair um pouco. Caminhei por um longo tempo. E não, não estou encrencada. Ele gritou comigo, eu me desculpei... só isso.

Ao falar, tento manter meus olhos fixos nos dela e as mãos paradas ao lado do meu corpo.

— Que bom, porque preciso lhe dizer uma coisa.

Ela olha para a porta atrás de mim, depois fica na ponta dos pés, examinando todos os beliches, provavelmente para conferir se ainda há alguém por perto. Depois, apoia as mãos nos meus ombros.

— Você consegue ser uma garota por alguns segundos?

— Eu sou sempre uma garota. — Franzo as sobrancelhas.

— Você sabe o que quero dizer. O tipo de garota bobinha e chatinha.

Enrolo uma mecha de cabelo no meu dedo e falo:

— Tá.

Ela abre um sorriso tão grande que consigo ver a sua fileira de dentes de trás.

— Will me beijou — diz ela.

— O quê? — pergunto, surpresa. — Quando? Como? O que aconteceu?

— Você até que *consegue* ser uma garota! — Ela ajeita o corpo, tirando a mão dos meus ombros. — Bem, logo depois do seu pequeno escândalo, nós almoçamos e fomos caminhar perto dos trilhos de trem. Nós estávamos apenas conversando sobre... não lembro sobre o que estávamos conversando. De repente, ele apenas parou, aproximou o rosto de mim, e... me beijou.

— Você sabia que ele gostava de você? — pergunto. — Quer dizer, dessa maneira.

— Não! — Ela ri. — E a melhor parte é que foi apenas isso o que aconteceu. Nós simplesmente continuamos andando e conversando, como se nada tivesse acontecido. Bem, até *eu* resolver beijá-lo.

— Há quanto tempo você sabe que gosta dele?

— Não sei. Acho que eu nem sabia. Mas aí algumas pequenas coisas... como a maneira que ele me abraçou durante o funeral, ou a maneira como ele abre as portas para mim, como se eu fosse uma menina, e não simplesmente alguém que poderia espancá-lo.

Eu solto uma risada. Sinto uma vontade súbita de contar para ela a respeito do Tobias e de tudo o que aconteceu entre nós. Mas os mesmos motivos que Tobias me deu para ter fingido que nós não estávamos juntos faz com que eu me contenha. Não quero que ela pense que a minha posição na tabela tem qualquer coisa a ver com minha relação com ele.

Por isso, apenas digo:

— Estou feliz por você.

— Obrigada. Estou feliz também. E pensei que ainda demoraria um tempo até conseguir me sentir assim novamente... você sabe.

Ela senta-se na beirada da cama e olha ao redor do dormitório. Alguns dos iniciandos já arrumaram as malas. Logo, iremos nos mudar para apartamentos do outro lado do complexo. Aqueles que forem escalados para trabalhos governamentais vão se mudar para o prédio de vidro acima do Fosso. Não precisarei me preocupar mais com a possibilidade do Peter me atacar à noite. Não precisarei mais ver a cama vazia do Al.

— Mal consigo acreditar que já está quase no fim. Parece que acabamos de chegar aqui. E, no entanto, parece... que eu não vejo a minha casa há anos.

— Você sente saudades dela? — Eu me apoio na armação da cama.

— Sinto. — Ela dá de ombros. — Mas algumas coisas são iguais. Quer dizer, as pessoas de onde eu venho são tão barulhentas quanto as daqui, e isso é bom. Mas lá as coisas são mais fáceis. Você sempre sabe em que pé está com todo mundo, porque todos simplesmente dizem. Não existe nenhuma... manipulação.

Eu concordo com cabeça. A Abnegação me preparou para esse aspecto da vida na Audácia. Os membros da Abnegação não são manipuladores, mas também não são diretos.

— Mas não sei se teria conseguido passar pela iniciação da Franqueza. — Ela balança a cabeça. — Em vez das simulações, lá eles aplicam testes com detectores de mentiras. O dia inteiro, todos os dias. E no teste final... — Ela torce o nariz. — Elas fazem você beber um negócio chamado soro da verdade e se sentar na frente de todos, depois fazem perguntas completamente pessoais. A teoria é que, se você botar para fora todos os seus segredos, nunca mais terá vontade de mentir a respeito de nada. Se seus piores segredos já foram revelados, por que não ser sincero de uma vez?

Não sei quando foi exatamente que juntei tantos segredos. Ser Divergente. Meus medos. O que realmente sinto em relação a minha família e meus amigos, Al, Tobias. A iniciação da Franqueza desencavaria coisas que nem mesmo as simulações são capazes de tocar; ela me destruiria.

— Parece horrível.

— Eu sempre soube que não ficaria na Franqueza. Quer dizer, tento ser sincera, mas há coisas que você simplesmente não quer que as outras pessoas saibam. Além disso, gosto de ter controle sobre minha mente.

Todos gostam, afinal.

— Bom, deixa para lá — diz ela. Abre o criado-mudo do lado esquerdo de nosso beliche e uma mariposa sai voando de dentro do móvel, batendo suas asas brancas em direção ao rosto dela. Christina solta um grito tão alto que quase me mata do coração, e começa a estapear o próprio rosto.

— Tira ela de mim! Tira ela de mim!

A mariposa voa para longe.

— Ela já foi embora! — digo. Depois começo a rir. — Você tem medo de... mariposas?

— Elas são nojentas. Aquelas asas aveludadas e os corpinhos idiotas de inseto... — Ela estremece.

Eu continuo rindo. Rio tanto que preciso me sentar e botar a mão sobre a barriga.

— Não tem graça! — grita ela. — Bem... talvez tenha. Um pouco.

+ + +

Quando encontro Tobias naquela noite, ele não fala nada; apenas segura minha mão e me guia em direção à linha do trem.

Puxa o corpo para dentro de um vagão com uma facilidade impressionante quando o trem passa, depois me puxa para dentro também. Meu corpo se choca com o dele, e meu rosto encosta em seu peito. Seus dedos deslizam pelos meus braços e ele me segura pelos cotovelos enquanto o trem sacode sobre os trilhos de aço. Vejo o edifício de vidro sobre o complexo da Audácia diminuir atrás de nós.

— O que você precisava me falar? — grito para que ele consiga me ouvir em meio ao uivo do vento.

— Ainda não.

Ele desliza até o chão e me puxa junto, sentando-se com as costas apoiadas na parede enquanto eu o encaro, com as pernas para o lado, sobre o chão empoeirado. O vento solta alguns fios do meu cabelo e joga-os sobre meus olhos. Ele encosta as palmas das mãos no meu rosto, deslizando os dedos indicadores para trás das minhas orelhas, e puxa minha boca até a sua.

Ouço o guincho dos trilhos enquanto o trem desacelera, o que quer dizer que devemos estar nos aproximando do centro da cidade. O ar está frio, mas seus lábios e suas mãos estão quentes. Ele inclina a cabeça e beija a pele logo abaixo do meu queixo. Ainda bem que o ruído do vento está tão alto, abafando o som do meu suspiro.

O vagão sacode, fazendo com que eu perca o equilíbrio, e me apoio com a mão para não cair. De repente, vejo que estou apoiada em seu quadril. Sinto seu osso pressionando a palma da minha mão. Deveria tirá-la dali, mas não quero. Ele me disse certa vez para ser corajosa, mas, embora eu já tenha ficado imóvel enquanto facas eram lançadas na minha direção e tenha pulado do topo de um prédio, nunca pensei que precisaria de coragem nos momentos pequenos da minha vida. E preciso.

Eu me movo, jogando uma das pernas sobre as dele e me sentando em seu colo e, com o coração quase saltando pela garganta, eu o beijo. Ele levanta um pouco o corpo e sinto suas mãos em meus ombros. Seus dedos deslizam pela minha espinha e um arrepio segue-os até a parte de baixo das minhas costas. Ele abre um pouco o zíper da minha jaqueta, e aperto as mãos contra minhas pernas para evitar que elas tremam. Eu não deveria estar nervosa. É apenas o Tobias.

O vento frio atinge minha pele exposta. Ele afasta o rosto e examina cuidadosamente as tatuagens logo acima da minha clavícula. Seus dedos deslizam sobre elas e ele sorri.

— Pássaros — diz. — São gralhas? Sempre me esqueço de perguntar.

Tento sorrir de volta para ele.

— São corvos. Um para cada membro da minha família. Você gosta deles?

Ele não responde. Puxa-me para mais perto, encostando os lábios em cada um dos pássaros. Eu fecho os olhos. Seu toque é leve e delicado. Uma sensação pesada e quente preenche meu corpo, como se alguém estivesse derramando mel dentro de mim, retardando meus pensamentos. Ele encosta a mão no meu rosto.

— Odeio ter que dizer isso, mas nós precisamos levantar agora.

Eu balanço a cabeça e abro os olhos. Nós dois nos levantamos, e ele me puxa até a porta aberta do trem. O vento não está tão forte agora que o trem desacelerou. Já passa da meia-noite, então todas as luzes das ruas estão apagadas, e os prédios erguem-se como mamutes acima da escuridão, depois mergulham novamente para dentro dela. Tobias levanta a mão e aponta para um conjunto de edifícios, tão longe que parecem ser do tamanho de uma unha. Eles são o único ponto luminoso no mar de escuridão ao redor de nós. É o complexo da Erudição, mais uma vez.

— Parece que os regulamentos da cidade não se aplicam a eles porque costumam deixar as luzes acesas a noite inteira.

— Será que ninguém mais notou? — pergunto, franzindo a sobrancelha.

— Tenho certeza de que sim, mas não fizeram nada para impedi-los. Talvez seja porque não querem criar um problema por algo tão insignificante. — Tobias dá de ombros. — Mas comecei a me perguntar o que eles estão fazendo para precisar tanto de luzes à noite.

Ele se vira para mim, reclinando-se na parede.

— Há duas coisas que você precisa saber a meu respeito. A primeira é que, de uma maneira geral, sou extremamente desconfiado com as pessoas — diz ele. — Eu costumo esperar o pior delas. E a segunda coisa é que sou mais habilidoso com computadores do que as pessoas costumam imaginar.

Eu aceno com a cabeça. Ele já havia dito que seu outro trabalho é com computadores, mas ainda tenho dificuldade em imaginá-lo sentado em frente a um monitor o dia inteiro.

— Há algumas semanas, antes do treinamento começar, eu estava no trabalho e encontrei uma maneira de acessar os arquivos protegidos da Audácia. Parece que a Audácia não é tão eficiente quanto a Erudição quando o assunto é segurança — diz ele. — E eu descobri arquivos que pareciam planos de guerra. Ordens pouco veladas, listas de suprimentos, mapas. Coisas desse tipo. E os arquivos haviam sido enviados pela Erudição.

— Guerra? — Afasto o cabelo que cai sobre meu rosto. Escutar o meu pai falando mal da Erudição durante toda a minha vida fez com que eu os encarasse com desconfiança, e minhas experiências no complexo da Audácia fizeram com que eu encarasse todas as autoridades, e até mesmo os seres humanos de uma maneira geral, com desconfiança. Portanto, não fico surpresa em ouvir que uma facção esteja planejando uma guerra.

Lembro-me do que Caleb me disse mais cedo. *Algo grande está acontecendo, Beatrice.* Eu encaro Tobias.

— Guerra contra a Abnegação?

Ele segura minha mão, entrelaçando os dedos nos meus, e diz:

— É, contra a facção que controla o governo.

Um peso cai sobre meu estômago.

— O propósito de todos aqueles relatórios era levantar suspeitas contra a Abnegação — diz ele, com os olhos fixos na cidade ao redor do vagão. — Parece que a Erudição agora quer acelerar o processo. Não tenho a menor ideia do que fazer a respeito... ou até mesmo do que qualquer um poderia fazer.

— Mas por que a Erudição uniria suas forças às da Audácia? — pergunto.

De repente, me dou conta de algo. Algo que me atinge como um soco na boca do estômago e me remói por dentro. A Erudição não tem armas, e eles não sabem lutar, mas a Audácia sabe.

Encaro Tobias com os olhos arregalados.

— Eles vão nos usar — digo.

— Eu me pergunto como eles planejam nos convencer a lutar — diz ele.

Eu disse ao Caleb que a Erudição sabe como manipular as pessoas. Eles poderiam convencer alguns de nós a lutar com informações falsas, apelando para a ganância ou de muitas outras maneiras. Mas a Erudição é tão meticulosa quanto manipuladora, e sei que eles não deixariam isso ao acaso. Teriam que se assegurar de que todos os seus pontos fracos estarão protegidos. Mas como?

O vento empurra meu cabelo para a frente do meu rosto, fazendo com que minha visão fique entrecoberta, mas eu não me preocupo em afastá-lo.

— Eu não sei — digo.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

FREQUENTEI AS CERIMÔNIAS de iniciação da Abnegação durante todos os anos da minha vida, menos este. É um evento tranquilo. Os iniciandos, que passam trinta dias fazendo trabalhos comunitários antes de se tornarem verdadeiros membros, sentam-se uns ao lado dos outros em um banco. Um dos membros mais velhos lê o manifesto da Abnegação: um pequeno parágrafo a respeito de se esquecer de si mesmo e dos perigos da autoindulgência. Em seguida, todos os membros mais velhos lavam os pés dos iniciandos. Mais tarde, todos compartilham uma refeição, em que cada um serve a comida da pessoa à sua esquerda.

Na Audácia não é assim.

O dia da iniciação mergulha o complexo da Audácia em um clima de loucura e caos. Há pessoas por toda a parte, e a maioria delas já está bêbada ao meio-dia. Eu abro passagem entre elas para pegar um prato de comida na hora do almoço e o carrego até o dormitório comigo. Durante o caminho, vejo uma pessoa cair da passagem na parede do Fosso e, a julgar pelos seus gritos e pela maneira como agarra a perna, ela quebrou alguma coisa.

Pelo menos o dormitório está silencioso. Encaro meu prato de comida. Simplesmente peguei as primeiras coisas que me pareceram gostosas, mas, ao examiná-las melhor agora, percebo que escolhi um peito de frango simples, uma porção de ervilhas e uma fatia de pão integral. Um típico prato da Abnegação.

Solto um suspiro. A Abnegação é o que sou. É o que sou quando não estou pensando no que estou fazendo. É o que sou quando sou posta à prova. É o que sou quando pareço corajosa. Será que estou na facção errada?

Pensar na minha antiga facção faz com que as minhas mãos tremam. Preciso avisar minha família a respeito da guerra que a Erudição está planejando, mas não sei como. Vou descobrir um jeito, mas não hoje. Preciso me concentrar no que me espera. Uma coisa de cada vez.

Alimento-me como um robô, indo do frango às ervilhas e ao pão, depois começando tudo de novo. Não importa a qual facção eu realmente pertença. Daqui a duas horas, caminharei até a sala da paisagem do medo junto com os outros iniciandos, passarei pela minha paisagem do medo e me tornarei um membro da Audácia. É tarde demais para voltar atrás.

Quando termino de comer, enterro o rosto no travesseiro. Não quero dormir, mas acabo caindo no sono um pouco depois e sou acordada pela Christina, que sacode meu ombro.

— Hora de ir — diz. Ela está pálida.

Esfrego os olhos para afastar o sono. Já estou calçada. Os outros iniciandos estão no dormitório, amarrando os cadarços, abotoando as jaquetas e sorrindo de maneira forçada. Prendo o cabelo em um coque e visto minha jaqueta preta, fechando o zíper até a altura do pescoço. A tortura logo vai acabar, mas será que seremos capazes de esquecer as simulações? Será que voltaremos a dormir tranquilos, com a memória dos nossos medos em nossas mentes? Ou será que hoje finalmente esqueceremos nossos medos, como deveríamos?

Andamos até o Fosso e subimos o caminho que leva ao prédio de vidro. Levanto os olhos e encaro o teto. Não consigo ver a luz do sol, porque há solas de pés cobrindo cada centímetro de vidro acima de nós. Por um instante, penso ouvir o vidro rangendo, mas é apenas a minha imaginação. Subo as escadas com Christina, e a multidão me espreme.

Sou baixa demais para conseguir enxergar acima da cabeça das pessoas, então apenas encaro as costas do Will e o acompanho. O calor de tantos corpos dificulta minha respiração. Gotas de suor acumulam-se na minha

testa. Um clarão no meio da multidão revela-se em volta de todos os que estão amontoados: uma série de monitores na parede à minha esquerda.

Ouço um grito de comemoração e paro para olhar os monitores. O monitor da esquerda mostra uma menina com roupas pretas na sala de paisagens do medo: Marlene. Vejo-a mover-se, com os olhos arregalados, mas não consigo ver qual obstáculo ela está enfrentando. Ainda bem que ninguém aqui conseguirá ver meus medos também, apenas minhas reações a eles.

O monitor do meio mostra o ritmo do seu batimento cardíaco. Ele acelera por um instante, depois desacelera. Quando alcança um ritmo normal, o monitor fica verde e os membros da Audácia comemoram. O monitor da direita mostra o tempo de simulação.

Eu arranco os olhos do monitor e corro um pouco para alcançar Will e Christina. Tobias está do lado de dentro de uma porta à esquerda do salão, que eu mal havia notado da outra vez em que estive aqui. Fica ao lado da sala de paisagens do medo. Entro sem olhar para ele.

A sala é grande e conta com outro monitor, parecido com o que havia lá fora. Uma fila de pessoas se senta em cadeiras viradas para ele. Eric está entre elas, assim como Max. Os outros também são mais velhos. A julgar pelos fios conectados às suas cabeças, e por seus olhares distantes, eles estão observando a simulação.

Atrás deles há outra fileira de cadeiras, que agora já estão completamente ocupadas. Sou a última a entrar, então não consigo um lugar.

— Ei, Tris! — grita Uriah do outro lado da sala. Ele está sentado com os outros iniciandos nascidos na Audácia. Só restam quatro deles aqui; os outros já passaram por suas paisagens do medo. Ele bate com a mão em sua perna. — Você pode se sentar no meu colo, se quiser.

— É tentador — grito de volta, sorrindo. — Mas estou bem. Gosto de ficar em pé.

Também não quero que Tobias me veja sentada no colo de outra pessoa.

As luzes se acendem na sala de paisagens do medo, e consigo ver Marlene agachada, com o rosto manchado de lágrimas. Max, Eric e alguns outros se recuperam do torpor da simulação e se retiram da sala. Alguns segundos depois, vejo-os no monitor, parabenizando-a por ter completado a simulação.

— Transferidos, a ordem na qual vocês irão fazer o teste final foi baseada nas suas colocações atuais — anuncia Tobias. — Portanto, Drew será o primeiro e Tris será a última.

Isso quer dizer que cinco pessoas irão antes de mim.

Fico em pé no fundo da sala, a poucos metros de Tobias. Trocamos olhares enquanto Eric injeta a agulha em Drew e o envia para a sala de paisagens. Quando chegar minha vez, já terei visto o quão bem as outras pessoas se saíram, e saberei o quão bem terei que me sair para derrotá-las.

As paisagens do medo não são muito interessantes de se assistir de fora. Vejo que Drew está se movendo, mas não sei a que ele está reagindo. Depois de alguns minutos, fecho os olhos, paro de assistir e tento não pensar em nada. Tentar prever quais medos eu terei que enfrentar ou quantos deles serão é inútil agora. Só preciso me lembrar de que tenho o poder de manipular as simulações e que já pratiquei isso antes.

Molly é a próxima. Ela leva metade do tempo de Drew, mas até mesmo ela enfrenta dificuldades. Perde tempo demais respirando com dificuldade, tentando controlar o pânico. Em certo momento, até grita com toda a força.

Fico impressionada com minha facilidade em ignorar todas as outras coisas que estão acontecendo em minha vida. Meus pensamentos sobre a guerra contra a Abnegação, Tobias, Caleb, meus pais, meus amigos, minha nova facção, tudo isso desaparece da minha cabeça. A única coisa que posso fazer agora é vencer este obstáculo.

Christina é a próxima. Depois Will. Depois Peter. Não os assisto. Sei apenas o tempo que levam para terminar: doze minutos, dez minutos, quinze minutos. E, então, o meu nome.

– Tris.

Abro os olhos e caminho até a frente da sala de observação, onde Eric carrega uma seringa cheia de líquido laranja. Mal sinto a agulha entrar no meu pescoço, vejo o rosto perfurado de Eric enquanto ele injeta o líquido. Imagino o soro como uma adrenalina líquida correndo pelas minhas veias, tornando-me forte.

– Está pronta? – pergunta ele.

CAPÍTULO TRINTA

EU ESTOU PRONTA. Entro na sala, armada não com uma pistola ou uma faca, mas com o plano que bolei ontem à noite. Tobias disse que o terceiro estágio requer preparação mental, ou seja, a criação de estratégias para superar nossos medos.

Eu gostaria de saber em que ordem os medos virão. Dou pequenos saltos enquanto espero que o primeiro apareça. Já estou sem fôlego.

O chão se transforma sob meus pés. O capim surge do concreto e balança com um vento que não consigo sentir. O céu verde substitui os canos acima de mim. Tento ouvir os pássaros e sinto o medo como uma coisa distante, o coração disparado e um aperto no peito, e não algo que realmente exista em minha mente. Tobias me disse que eu deveria tentar descobrir o que a simulação significa. Ele estava certo; não tem nada a ver com pássaros. A questão é o controle.

Sinto as asas batendo ao lado do meu ouvido, e as garras do corvo cravam em meu ombro.

Desta vez, não bato no corvo com toda a força. Eu me agacho, ouvindo o ronco das asas atrás de mim, e corro as mãos pelo capim, logo acima do chão. O que será capaz de derrotar a impotência? A potência. E a primeira vez que me senti potente no complexo da Audácia foi quando segurei uma arma.

Um nó se forma em minha garganta e quero que as garras me *soltem*. O pássaro grasna e meu estômago aperta, mas então sinto algo duro e metálico em meio ao capim. Minha arma.

Aponto-a para o pássaro em meu ombro e ele se solta da minha camisa em uma explosão de sangue e penas. Giro o corpo, apontando a arma para o céu, e então vejo uma nuvem de penas negras mergulhando em minha direção.

Aperto o gatilho, atirando várias vezes contra o mar de pássaros acima de mim, vendo seus corpos escuros tombarem sobre o capim.

Enquanto miro e atiro, sinto a mesma sensação de poder que senti quando segurei uma arma pela primeira vez. Meu coração desacelera e o campo, a arma e os pássaros desaparecem. Estou no escuro novamente.

Troco o meu pé de apoio e algo range sob ele. Agacho-me e passo a mão em um painel frio e liso: vidro. Pressiono as mãos nos vidros que agora se encontram dos dois lados do meu corpo. O tanque outra vez. Não tenho medo de me afogar. O problema não é a água, e sim a minha incapacidade de escapar do tanque. A questão é a minha fraqueza. Só preciso me convencer de que sou forte o bastante para quebrar o vidro.

As luzes azuis se acendem e a água brota do chão, mas não deixarei a simulação ir muito longe. Bato com a mão contra a parede na minha frente, esperando que o vidro estilhasse.

Minha mão quica de volta, sem causar nenhum dano.

Meu coração acelera. E se o que funcionou na primeira simulação não funcionar nesta? E se eu não conseguir quebrar o vidro a não ser que esteja me sentindo aprisionada? A água passa dos meus calcanhares, subindo cada vez mais rápido. Preciso me acalmar e me concentrar. Eu apoio as costas na parede atrás de mim e chuto com o máximo de força que consigo. Chuto outra vez. Os dedos do meu pé latejam, mas nada acontece.

Tenho outra opção. Posso esperar que a água, que já chegou aos meus joelhos, encha o tanque, e tentar me acalmar enquanto me afogo. Me apoio na parede de vidro, balançando a cabeça. Não. Não posso me permitir me afogar. Não posso.

Cerro os punhos e soco a parede. Sou mais forte que o vidro. O vidro é tão fino quanto uma camada de água recém-congelada. Minha mente fará com que isso se torne realidade. Fecho os olhos. O vidro é gelo. O vidro é gelo. O vidro é...

O vidro se estilhaça sob o peso da minha mão e a água derrama sobre o chão. E então a escuridão retorna.

Sacudo as mãos. Deveria ter sido um obstáculo fácil de superar. Já o encarei outras vezes em simulações. Não posso perder tempo assim novamente.

Algo, que parece ser uma parede sólida, atinge o lado do meu corpo, forçando o ar para fora dos meus pulmões, e caio com força, arquejando. Não sei nadar; só vi quantidades de água tão grandes e tão poderosas assim em fotos. Sob mim há uma pedra escarpada, molhada e escorregadia. A água puxa minhas pernas, e eu me agarro à pedra, sentindo o gosto de sal nos lábios. De relance, vejo um céu escuro e uma lua cor de sangue.

Outra onda quebra sobre mim, atingindo minhas costas com violência. Bato com o queixo na pedra e faço uma careta de dor. O mar está gelado, mas meu sangue está fervendo, correndo pelo meu pescoço. Estico o braço e alcanço a ponta da pedra. A água puxa minhas pernas com uma força descomunal. Agarro-me da melhor forma que consigo, mas não sou forte o suficiente. A água me puxa e a onda joga meu corpo para trás. Ela joga minhas pernas por sobre minha cabeça e meus braços para os lados, e eu me choco contra a pedra, com as costas sobre ela e a água jorrando na minha cara. Meus pulmões clamam por ar. Giro o corpo e agarro a ponta da pedra, puxando-me para além do nível da água. Arquejo e outra onda me atinge, mais forte que a primeira, mas estou mais segura na pedra desta vez.

Realmente não devo ter medo de água. Eu devo ter medo de perder o controle. Para encarar isso, preciso recuperá-lo.

Soltando um grito de frustração, lanço a mão para a frente e encontro um buraco na pedra. Meus braços tremem violentamente enquanto eu me arrasto para cima, e puxo meu pé para debaixo do corpo antes que a onda o agarre. Quando meus pés ficam livres da água, levanto-me e me lanço em uma corrida, rápida, com os pés ágeis sobre a pedra e a lua vermelha à minha frente, e o mar desaparece.

De repente, tudo desaparece, e meu corpo está imóvel. Imóvel até demais.

Tento mexer os braços, mas eles estão atados fortemente ao lado do meu corpo. Olho para baixo e vejo uma corda amarrada ao redor do meu peito, dos meus braços, das minhas pernas. Uma pilha de toras de madeira surge ao redor dos meus pés, e vejo uma mastro atrás de mim. Estou a muitos metros do chão.

Figuras surgem das sombras, e reconheço seus rostos. São os iniciandos, carregando tochas. Peter está à frente do bando. Seus olhos parecem covas negras, e seu sorriso de deboche é grande demais para seu rosto, fazendo com que as bochechas se enruguem. Uma risada surge de algum lugar do centro do grupo e aumenta de volume, à medida que as outras vozes se juntam a ela. A única coisa que consigo ouvir é o cacarejar das risadas.

Enquanto o som fica mais alto, Peter abaixa sua tocha até a madeira, e as chamas se erguem perto do chão. Elas tremeluzem na beirada de cada tora, depois se espalham pela madeira. Não tento me livrar das cordas, como fiz da primeira vez em que enfrentei esse medo. Em vez disso, fecho os olhos e inalo o máximo de ar possível. Isto é uma simulação. Não há como eu me machucar. O calor das chamas aumenta a meu redor. Balanço a cabeça.

— Está sentindo este cheiro, Careta? — diz Peter, com a voz ainda mais alta que o som das risadas.

— Não — digo. As chamas estão ficando mais altas.

Ele funga o ar.

— É o cheiro de pele queimando.

Quando abro os olhos, minha visão está borrada pelas lágrimas.

— Sabe do que sinto cheiro? — Minha voz se esforça para se sobrepor às risadas a minha volta, que me oprimem tanto quanto o calor. Meus braços tremem, e sinto vontade de lutar contra as amarras, mas não vou, não vou lutar inutilmente, não vou entrar em pânico.

Olho para Peter através das chamas, e o calor faz com que o sangue suba até a superfície da minha pele, lambendo meu corpo, derretendo os dedos

dos meus pés.

– Sinto cheiro de chuva – digo.

Um trovão ruge acima da minha cabeça, e grito quando uma das chamas atinge a ponta dos meus dedos, lançando uma pontada de dor pela minha pele. Inclino a cabeça para trás e me concentro nas nuvens que se acumulam sobre mim, pesadas e negras de chuva. Um raio atravessa o céu e eu sinto o primeiro pingo na minha testa. *Mais rápido, mais rápido!* O primeiro pingo escorre pelo lado do meu nariz, e o segundo atinge meu ombro, tão grande que parece feito de gelo ou pedra, e não de água.

Lençóis de chuva caem ao meu redor, e ouço um som sibilante mais alto do que as risadas. Sorrio, aliviada, enquanto a chuva apaga o fogo e alivia a dor das queimaduras nas minhas mãos. As cordas se soltam e caem, e passo as mãos pelos cabelos.

Gostaria de ser como Tobias, e ter que enfrentar apenas quatro medos, mas não sou tão destemida.

Eu aliso minha camisa e, ao levantar o rosto, estou no meu antigo quarto, no setor da Abnegação. Nunca enfrentei este medo antes. As luzes estão apagadas, mas o quarto está iluminado pelos raios de lua que atravessam a janela. Uma das paredes está coberta de espelhos. Eu me viro para ela, confusa. Isso não está certo. Não posso ter espelhos.

Examino meu reflexo: meus olhos arregalados, a cama com o lençol cinza bem esticado, a cômoda com minhas roupas, a estante de livros, as paredes vazias. Meus olhos saltam para a janela atrás de mim.

E para o homem do lado de fora dela.

Uma onda fria desce minha espinha como uma gota de suor, e meu corpo fica rígido. Eu o reconheço. É o homem com as cicatrizes no rosto do meu teste de aptidão. Ele está vestido de preto e está imóvel como uma estátua. Eu pisco, e dois homens surgem à sua esquerda e à sua direita, tão imóveis quanto ele, mas seus rostos não têm qualquer feição; são apenas crânios cobertos de pele.

Eu giro o corpo, e eles estão dentro do meu quarto. Aperto os ombros contra o espelho.

Por um instante, a sala fica silenciosa, e então vários punhos começam a esmurrar minha janela. Não apenas dois ou quatro ou seis, mas dezenas de punhos com centenas de dedos, batendo contra o vidro. O som é tão alto que ecoa na minha caixa torácica, e então o homem desfigurado e seus dois companheiros começam a caminhar com movimentos lentos e calculados em minha direção.

Ele vieram me buscar, como Peter, Drew e Al, para me matar. Tenho certeza.

Simulação. Isto é uma simulação. Com o coração martelando no meu peito, encosto a palma da mão no vidro atrás de mim e o deslizo para a esquerda. Não é um espelho, mas a porta de um armário. Eu digo a mim mesma onde encontrar a arma. Ela estará pendurada na parede direita, a apenas alguns centímetros da minha mão. Não desvio o olhar do homem desfigurado, mas encontro a arma com as pontas dos dedos e seguro o cabo.

Mordo o lábio e atiro no homem desfigurado. Não quero ver se o tiro o atingiu. Em seguida, miro em cada um dos homens sem feições, o mais rápido que consigo. Estou mordendo o lábio com tanta força que ele está doendo. As batidas na janela param, mas um ruído estridente toma o seu lugar, e os punhos se tornam dedos contorcidos, arranhando o vidro, lutando para conseguir entrar. O vidro range sob a pressão das mãos, depois racha e se rompe.

Solto um grito.

Não tenho munição o suficiente.

Corpos pálidos e humanos, mas deformados, com braços retorcidos em ângulos estranhos, bocas grandes demais com dentes afiados e cavidades oculares vazias caem para dentro do meu quarto, um após o outro, e erguem-se desajeitadamente, movimentando-se em minha direção. Eu recuo para dentro do armário e fecho a porta na minha frente. Uma solução. Preciso de

uma solução. Eu me agacho e pressiono o lado da arma contra a cabeça. Não conseguirei lutar contra eles. Não conseguirei lutar contra eles, então preciso me acalmar. A paisagem do medo vai registrar meu coração desacelerando e minha respiração se estabilizando e seguirá adiante para o próximo obstáculo.

Eu me sento no chão do armário. A parede atrás de mim range. Ouço pancadas; seus punhos estão batendo novamente, desta vez contra a porta do armário. Mas eu me viro e examino, no escuro, o painel atrás de mim. Não é uma parede, mas outra porta. Eu tateio o armário até conseguir abri-la e vejo o corredor do andar de cima. Sorrindo, atravesso a abertura e me levanto. Sinto o cheiro de algo cozinhando. Estou em casa.

Respirando fundo, vejo minha casa desaparecer. Por um segundo, esqueci que me encontro no complexo da Audácia.

De repente, vejo Tobias diante de mim.

Mas não tenho medo do Tobias. Olho para trás. Talvez haja alguma coisa atrás de mim na qual preciso me concentrar. Mas não há. A única coisa que vejo atrás de mim é uma cama com um dossel.

Uma cama?

Tobias caminha em minha direção, devagar.

O que está acontecendo?

Eu o encaro, paralisada. Ele sorri para mim. Seu sorriso parece gentil. Familiar.

Ele encosta a boca na minha, e meus lábios se afastam. Pensei que seria impossível esquecer que estou em uma simulação. Eu estava errada; ele faz com que tudo no mundo se desintegre.

Seus dedos encontram o zíper da minha jaqueta e o abrem em um movimento rápido, até que a parte de baixo se solte. Ele retira a jaqueta dos meus ombros.

Oh, é tudo o que consigo pensar enquanto ele me beija outra vez. *Oh*.

Meu medo é estar com ele. Durante toda a minha vida, sempre desconfiei do afeto, mas não sabia que essa desconfiança era tão profunda.

Mas esse obstáculo não parece ser igual aos outros. É um tipo diferente de medo, como um ataque de pânico, e não um terror cego.

Ele desliza as mãos pelos meus braços e aperta meu quadril, acariciando com os dedos a pele logo acima do meu cinto, e eu estremeço.

Empurro-o gentilmente para trás e levo a mão à testa. Já fui atacada por corvos e homens com rostos grotescos; já fui incendiada pelo garoto que quase me jogou de um abismo; já quase me afoguei *duas vezes*, e é realmente com isso que eu não consigo lidar? É *esse* o medo para o qual não tenho nenhuma solução: um garoto de quem eu gosto, que quer... fazer sexo comigo?

A Simulação do Tobias beija meu pescoço.

Tento pensar. Preciso encarar o medo. Preciso assumir o controle da situação e descobrir uma maneira de torná-la menos assustadora.

Encaro os olhos da Simulação do Tobias e digo com firmeza:

— Eu *não* vou dormir com você em uma alucinação. Está bem?

Em seguida, seguro seus ombros e viro nossos corpos para o outro lado, empurrando ele contra a armação da cama. Sinto algo diferente de medo: uma pontada no meu estômago, uma bolha de risadas. Eu aperto o meu corpo contra o dele e lhe dou um beijo, com as mãos agarrando os seus braços. Ele parece tão forte. Parece tão... bom.

De repente, ele desaparece.

Eu rio, tapando a boca com a mão, até meu rosto esquentar. Devo ser a única inicianda com esse medo.

Um gatilho estala em meu ouvido.

Eu tinha quase me esquecido desse medo. Sinto o peso de uma arma em minha mão e fecho os dedos em volta de sua empunhadura, deslizando o dedão por cima do gatilho. Um foco de luz brilha do teto, embora eu não

consiga ver sua origem, e, no centro de seu círculo luminoso, estão a minha mãe, o meu pai e o meu irmão.

— Atire — chia uma voz ao meu lado. É uma voz feminina, mas dura, como se fosse coberta por pedras e vidro quebrado. Parece a voz da Jeanine.

Há um cano de arma encostado na minha têmpora; um círculo frio contra minha pele. O frio atravessa meu corpo, fazendo os pelos da minha nuca se arrepiarem. Enxugo as palmas suadas das minhas mãos nas calças e olho para a mulher de relance. É Jeanine. Seus óculos estão tortos, e seus olhos são desprovidos de sentimentos.

Meu maior medo: que minha família morra e que eu seja a responsável.

— Atire — diz ela novamente, de maneira mais insistente. — Atire ou eu mato você.

Eu encaro Caleb. Ele acena com a cabeça, com as sobrancelhas voltadas para dentro, de maneira compreensiva.

— Vamos, Tris — ele diz suavemente. — Eu entendo. Não tem problema.

Meus olhos ardem.

— Não — digo, com a garganta tão apertada que dói. Balanço a cabeça.

— Eu vou contar até dez! — grita a mulher. — Dez! Nove!

Meus olhos saltam do meu irmão para meu pai. Na última vez em que o vi, ele me olhou com desprezo, mas agora seus olhos estão grandes e amenos. Nunca o vi com essa expressão na vida.

— Tris — diz ele. — Você não tem outra escolha.

— Oito!

— Tris — chama minha mãe. Ela sorri. Seu sorriso é doce. — Nós amamos você.

— Sete!

— Cale a boca! — grito, levantando a arma. Eu consigo. Consigo atirar neles. Eles entendem. Estão pedindo para eu atirar. Não desejariam que me sacrificasse por eles. Eles nem são reais. Isto é apenas uma simulação.

— Seis!

Isto não é real. Não significa nada. Os olhos bondosos do meu irmão parecem duas brocas abrindo buracos na minha cabeça. Meu suor torna a arma escorregadia.

– Cinco!

Não tenho outra opção. Fecho os olhos. Pensar. Preciso pensar. A urgência que faz meu coração disparar é causada por uma coisa, e nada mais: a ameaça à minha vida.

– Quatro! Três!

O que foi mesmo que Tobias disse? *O altruísmo e a coragem não são tão diferentes assim.*

– Dois!

Eu solto o gatilho da minha arma e deixo que ela caia no chão. Antes que eu consiga me desesperar, giro o corpo e pressiono a testa contra o cano da arma.

Atire em mim, então.

– Um!

Ouço um clique, seguido pelo estrondo de um tiro.

CAPÍTULO TRINTA E UM

AS LUZES SE ACENDEM. Estou sozinha, na sala vazia com paredes de concreto, tremendo. Ajoelho-me no chão, cruzando os braços na frente do peito. Não estava frio quando entrei aqui, mas parece estar frio agora. Esfrego os braços para me livrar dos arrepios.

Nunca me senti tão aliviada. Todos os meus músculos relaxam ao mesmo tempo e eu consigo respirar livremente outra vez. Não consigo me imaginar atravessando minha paisagem do medo no meu tempo livre, como Tobias faz. Antes isso me pareceu coragem, mas agora parece mais masoquismo.

A porta se abre e eu me levanto. Max, Eric, Tobias e algumas outras pessoas que não conheço entram na sala em fila, e se aglomeram ao redor de mim. Tobias sorri para mim.

— Parabéns, Tris — diz Eric. — Você completou sua avaliação final com sucesso.

Tento sorrir. Não consigo. Não consigo afastar a lembrança da arma contra minha cabeça. Ainda consigo sentir o cano entre minhas sobrancelhas.

— Obrigada.

— Há mais uma coisa antes que a liberemos para ir se arrumar para o banquete de boas-vindas — diz. Ele acena para uma das pessoas desconhecidas atrás dele. Uma mulher com cabelo azul lhe entrega um pequeno estojo preto. Ele abre o estojo e retira uma seringa e uma agulha comprida.

Fico tensa ao ver aquilo. O líquido laranja-amarronzado na seringa me lembra do soro que eles injetam na gente antes das simulações. E elas já deveriam ter terminado.

— Pelo menos, você não tem medo de agulhas. A injeção colocará um rastreador dentro de você, que será ativado apenas se você for tida como desaparecida. É apenas uma precaução.

— Com que frequência as pessoas desaparecem?

— Não muita. — Eric sorri de maneira sarcástica. — É uma nova invenção; uma cortesia da Erudição. Passamos o dia hoje injetando todos da Audácia, e eu imagino que as outras facções farão o mesmo assim que puderem.

Meu estômago dobra. Não posso deixar que ele me injete com nada, especialmente algo desenvolvido pela Erudição e talvez até pela própria Jeanine. Mas também não posso recusar. Se eu recusar, ele poderá duvidar mais uma vez da minha lealdade.

— Tudo bem — digo, com um nó na garganta.

Eric se aproxima de mim com a agulha e a seringa na mão. Eu afasto o cabelo do meu pescoço e inclino a cabeça para o lado. Desvio o olhar enquanto Eric limpa a minha pele com um líquido antisséptico e enfia a agulha. A dor profunda se espalha pelo meu pescoço, forte, mas ligeira. Ele guarda a agulha novamente no estojo e cola um curativo no local da injeção.

— O banquete será em duas horas — diz ele. — Sua posição entre os outros iniciandos, incluindo os nascidos na Audácia, será anunciada lá. Boa sorte.

O pequeno grupo sai da sala em uma fileira, mas Tobias fica para trás. Ele para perto da porta e faz um sinal para que o siga, e eu vou. O salão de vidro acima do Fosso está repleto de integrantes da Audácia, alguns deles caminhando nas cordas acima de nós, outros conversando e rindo em grupos. Ele sorri para mim. Não deve ter me assistido.

— Ouvi dizer que você teve que enfrentar apenas sete obstáculos — diz ele. — É um feito quase inédito.

— Você... você não assistiu à simulação?

— Apenas nos monitores. Os líderes da Audácia são os únicos que veem tudo — explica ele. — Eles pareceram ficar impressionados.

— Bem, ter sete medos não é tão impressionante quanto ter quatro — respondo —, mas será o suficiente.

— Eu ficaria surpreso se você não tirasse o primeiro lugar — diz ele.

Nós entramos no salão de vidro. A multidão continua lá, mas está mais reduzida agora que a última pessoa — ou seja, eu — já terminou.

As pessoas reparam em mim depois de alguns segundos. Mantenho-me ao lado do Tobias, mas não consigo andar rápido o bastante para evitar os gritos de apoio, alguns tapas no ombro e alguns parabéns. Ao olhar para as pessoas ao meu redor, penso no quão estranhas elas pareceriam para meu pai e meu irmão, e o quão normais elas parecem para mim, apesar de todos os brincos de metal em seus rostos e das tatuagens em seus braços e pescoços e peitos. Sorrio de volta para elas.

Descemos os degraus até o Fosso e eu digo:

— Preciso fazer uma pergunta.

Mordo meu lábio.

— O que exatamente eles falaram a respeito da minha paisagem do medo?

— Na verdade, nada. Por quê?

— Por nada. — Chuto uma pedrinha para além da beirada do caminho.

— Você precisa voltar para o dormitório? — pergunta ele. — Porque, se estiver procurando paz e tranquilidade, pode ficar comigo até a hora do banquete.

Meu estômago dobra.

— O que foi? — quer saber ele.

Não quero voltar para o dormitório, e não quero ter medo dele.

— Vamos — digo.

+ + +

Ele fecha a porta atrás de nós e tira os sapatos.

— Quer um pouco de água? — pergunta.

— Não, obrigada. — Seguro as mãos em frente ao meu corpo.

— Você está bem? — diz ele, tocando meu rosto. Sua mão apoia o lado da minha cabeça, deslizando seus dedos longos entre meus cabelos. Ele sorri e segura minha cabeça enquanto me beija. O calor se espalha pelo meu corpo lentamente. E o medo soa como um alarme em meu peito.

Com os lábios imóveis sobre os meus, ele puxa a jaqueta dos meus ombros. Eu me contraio ao ouvi-la caindo no chão, e o afasto, com os olhos ardendo. Não sei por que me sinto assim. Não me senti assim quando ele me beijou no trem. Eu levo as palmas das mãos ao rosto, cobrindo meus olhos.

— O que foi? O que há de errado?

Eu balanço a cabeça.

— Não me diga que não é nada. — Sua voz tem um tom frio. Ele agarra meu braço. — Ei. Olha para mim.

Eu afasto as mãos do rosto e ergo os olhos ao encontro dos seus. Seu olhar de dor e a raiva em sua mandíbula contraída me surpreendem.

— Às vezes, eu me pergunto — digo, com o máximo de calma que consigo —, o que você está ganhando com isso. Isso... seja lá o que isso for.

— O que eu estou ganhando — repete ele, e se afasta de mim, balançando a cabeça. — Você é uma idiota, Tris.

— Eu *não* sou uma idiota — digo. — E é por isso que eu sei que é um pouco estranho que, de todas as garotas que você poderia ter escolhido, você tenha escolhido a mim. Então, se você estiver apenas atrás de... bem, você sabe... *daquilo*...

— O quê? Sexo? — retruca ele, com raiva. — Sabe, se isso fosse a única coisa que eu quisesse, você provavelmente não seria a primeira pessoa que eu procuraria.

Sinto como se ele tivesse acabado de socar meu estômago. É claro que eu não seria a primeira pessoa que ele procuraria. Nem a primeira, nem a mais bonita, nem a mais desejável. Aperto as mãos contra o abdômen e desvio o olhar, segurando as lágrimas. Não sou do tipo que chora. Também não sou do tipo que grita. Pisco algumas vezes, abaixo as mãos, e o encaro.

— Eu vou embora agora — digo baixinho, depois me viro para a porta.

— Não, Tris. — Ele agarra meus pulsos e me puxa de volta. Eu o empurro com força, mas ele segura meu outro pulso, mantendo os nossos braços cruzados.

— Desculpe-me por ter dito isso. O que eu *quis* dizer é que você não é assim. E eu já sabia disso desde que a conheci.

— Você foi um dos obstáculos na minha paisagem do medo. — Meu lábio inferior treme. — Você sabia disso?

— O quê? — Ele solta meus pulsos, e seu olhar de dor retorna. — Você tem *medo* de mim?

— Não de você — digo. Mordo o lábio para fazê-lo parar de tremer. — De estar com você... com qualquer pessoa. Eu nunca me envolvi com alguém antes, e... você é mais velho, e eu não sei quais são suas expectativas, e...

— Tris — diz ele severamente —, não sei que tipo de loucura você enfiou na sua cabeça, mas tudo isso é novidade para mim também.

— Loucura? — repito. — Quer dizer que você nunca... — Levanto uma sobrancelha. — Ah. *Ah*. Apenas imaginei que... — *Que só porque eu sou tão obcecada por ele, todo mundo deve ser também.* — Bem... você sabe.

— É, mas você imaginou errado. — Ele desvia o olhar. Suas bochechas estão vermelhas, como se ele estivesse envergonhado. — Você sabe que pode me falar qualquer coisa, não sabe? — diz. Ele segura meu rosto em suas mãos, com os dedos gelados e as palmas quentes. — Sou mais gentil do que pareço no treinamento, prometo.

Eu acredito nele. Mas isso não tem nada a ver com sua gentileza.

Ele me beija entre as sobrancelhas, depois na ponta do nariz, depois encaixa cuidadosamente a boca na minha. Estou no meu limite. Há eletricidade correndo em minhas veias. Quero que ele me beije, quero; mas tenho medo da direção que isso pode tomar.

Suas mãos deslizam até meus ombros, e seus dedos esbarram na ponta das minhas bandagens. Ele se afasta de mim, com as sobrancelhas contraídas.

— Você está machucada?

— Não. É outra tatuagem. Ela já sarou, mas eu só estava tentando... mantê-la coberta.

— Posso ver?

Eu faço que sim com a cabeça, com a garganta apertada. Abaixo a manga da camisa e deslizo o ombro para fora. Ele encara o meu ombro por um instante, depois corre os dedos sobre ele. Eles sobem e descem sobre meus ossos, que são mais saltados do que eu gostaria. Quando me toca, sinto como se cada parte em que sua pele encosta na minha fosse modificada pela conexão entre nós. Seu toque faz com que uma vibração atravesse meu estômago. Não é apenas medo. É algo mais. Um desejo.

Ele solta a ponta das bandagens. Seus olhos vagueiam pelo símbolo da Abnegação e sorri.

— Eu tenho uma igual — diz ele, rindo. — Nas costas.

— Sério? Posso ver?

Ele pressiona as bandagens contra a tatuagem e cobre novamente meu ombro com a camisa.

— Você está pedindo para eu tirar a roupa, Tris?

Uma risada nervosa brota da minha garganta.

— Só... uma parte.

Ele acena com a cabeça, e seu sorriso subitamente desaparece. Seus olhos encontram os meus e ele abre o zíper do seu suéter. A peça desliza do seu ombro, e ele a joga sobre a cadeira em frente à mesa. Não sinto mais vontade de rir. A única coisa que consigo fazer é olhar para ele.

Suas sobrancelhas se voltam para o centro da testa, e ele agarra a borda da sua camiseta. Em um movimento rápido, ele a puxa por cima da cabeça.

Algumas chamas da Audácia cobrem o lado direito, mas, fora isso, seu peito não é tatuado. Ele desvia o olhar.

— O que foi? — pergunto, franzindo a testa. Ele parece... desconfortável.

— Eu não costumo me exibir assim para muitas pessoas — diz ele. — Na verdade, nunca me exibo para ninguém.

— Não consigo entender por que não — digo suavemente. — Quer dizer, olha só para você.

Caminho lentamente ao redor dele. Nas suas costas, há mais tinta do que pele. Os símbolos de todas as facções estão desenhadas nela: o da Audácia no topo da espinha, o da Abnegação logo abaixo dele, e os outros três, menores, mais abaixo. Por alguns instantes, observo a balança que representa a Franqueza, o olho que representa a Erudição, e a árvore que simboliza a Amizade. Faz sentido que ele se tatue com o símbolo da Audácia, o seu refúgio, e até mesmo com o símbolo da Abnegação, o seu lugar de origem, como eu. Mas e as outras três?

— Eu acho que nós cometemos um erro — diz suavemente. — Nós todos passamos a rebaixar as virtudes das outras facções no processo de reforçar a nossa. Não quero fazer isso. Quero ser corajoso *e* altruísta *e* esperto *e* bondoso *e* honesto. — Ele limpa a garganta. — Eu me esforço continuamente para ser bondoso.

— Ninguém é perfeito — sussurro. — As coisas não funcionam assim. Quando nos livramos de uma coisa ruim, outra a substitui.

Eu troquei a covardia pela crueldade; troquei a fraqueza pela ferocidade.

Corro os dedos sobre o símbolo da Abnegação.

— Precisamos alertá-los. Logo — digo.

— Eu sei — responde ele. — Vamos alertá-los.

Ele se vira para mim. Quero tocá-lo, mas tenho medo da sua nudez; tenho medo de que ele me deixe nua também.

— Isso está assustando você, Tris?

— Não. — Minha voz sai rouca. Limpo a garganta. — Não muito. Só estou... com medo do que quero.

— E o que você quer? — Seu rosto se contrai. — Você me quer?

Eu faço que sim lentamente com a cabeça.

Ele também assente e segura minhas mãos com delicadeza entre as suas. Guia as palmas das minhas mãos até sua barriga. Com os olhos abaixados, puxa minhas mãos para cima, sobre seu abdômen e sobre seu peito, e as segura contra seu pescoço. As palmas das minhas mãos formigam com a sensação da sua pele, macia, quente. Meu rosto está quente, mas mesmo assim estou tremendo. Ele olha para mim.

— Um dia — diz ele —, se você ainda me quiser, nós podemos... — Ele para de falar e limpa a garganta. — Nós podemos...

Sorrio um pouco e o envolvo em meus braços antes que ele termine de falar, pressionando o lado do meu rosto contra seu peito. Sinto o bater do seu coração na minha bochecha, tão rápido quanto o meu.

— Você também tem medo de mim, Tobias?

— Tenho pavor — responde ele, sorrindo.

Eu viro a cabeça para a frente e beijo a cavidade sob sua garganta.

— Talvez você não continue na minha paisagem do medo — murmuro.

Ele inclina a cabeça para baixo e me beija devagar.

— Aí, todos poderão chamar você de Seis.

— Quatro e Seis — digo.

Beijamo-nos outra vez e, desta vez, a sensação parece natural. Sei exatamente como nossos corpos se encaixam, com o seu braço ao redor da minha cintura, minhas mãos em seu peito, a pressão de seus lábios nos meus. Nós já memorizamos um ao outro.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

OBSERVO ATENTAMENTE O rosto do Tobias enquanto caminhamos até o refeitório, procurando qualquer sinal de decepção. Passamos as últimas duas horas deitados em sua cama, conversando, nos beijando e, por fim, cochilando, até que ouvimos os gritos das pessoas a caminho do banquete no corredor.

Mas a verdade é que ele parece mais leve agora do que antes. Pelo menos, está sorrindo mais.

Quando chegamos à porta, nos separamos. Eu entro primeiro e corro até a mesa que compartilho com Will e Christina. Ele entra um minuto depois e se senta ao lado do Zeke, que lhe oferece uma garrafa escura. Ele recusa.

— Onde você esteve? — pergunta Christina. — Todos nós estávamos no dormitório.

— Apenas andando por aí — digo. — Eu estava nervosa demais para conversar com qualquer um.

— Você não tem nenhum motivo para ficar nervosa — diz Christina, balançando a cabeça. — Eu me virei para conversar com Will por um segundo, e você já tinha terminado.

Detecto um tom de inveja em sua voz e mais uma vez gostaria de poder explicar para ela que eu estava bem preparada para a simulação, por causa do que sou. Mas apenas dou de ombros.

— Qual emprego você irá escolher? — pergunto-lhe.

— Acho que quero um emprego como o do Quatro. Treinando iniciandos — diz ela. — Aterrorizando-os. Sabe, algo divertido. E você?

Eu estava tão concentrada em concluir a iniciação que mal pensei nisso. Poderia trabalhar para os líderes da Audácia, mas eles me matariam se

descobrissem o que sou. O que mais posso fazer?

— Acho... que eu poderia ser uma embaixadora para as outras facções — digo. — Acho que o fato de eu ser uma transferida me ajudaria.

— Eu esperava que você dissesse que queria treinar para ser uma líder da Audácia — diz Christina, suspirando. — Porque é isso o que Peter quer. Ele não parava de tagarelar a respeito disso hoje mais cedo no dormitório.

— E é o que eu quero — diz Will. — Espero que eu consiga uma posição mais alta do que a dele na tabela... ah, e do que todos os iniciandos nascidos na Audácia também. Esqueci deles. — Ele solta um gemido. — Ai, meu Deus. Isso vai ser impossível.

— Não vai, não — diz ela. Christina segura a mão do Will e entrelaça os dedos nos dele, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Ele aperta a mão dela.

— Uma pergunta — diz Christina, inclinando o corpo para a frente. — Os líderes que estavam assistindo à sua paisagem do medo... eles estavam rindo de alguma coisa.

— É? — Mordo o lábio com força. — Que bom que eles se divertiram com o meu pavor.

— Você tem alguma ideia de qual foi o obstáculo?

— Não.

— Você está *mentindo* — diz ela. — Você sempre morde a parte de dentro da boca quando está mentindo. É o que te entrega.

Paro de morder a parte de dentro da boca.

— Se serve de consolo para você, o que entrega Will é quando ele contrai os lábios — fala.

Will cobre imediatamente a boca.

— Está bem. Eu estava com medo de... intimidade — digo.

— Intimidade — repete Christina. — Tipo... sexo?

Eu fico tensa. Forço-me a concordar com a cabeça. Mesmo se só a Christina estivesse aqui, e mais ninguém, eu ainda iria querer estrangulá-la

agora. Penso em algumas maneiras de causar o máximo de dano a ela, com o mínimo de força. Tento lançar chamas dos meus olhos.

Will solta uma risada.

— E como foi *isso*? — pergunta. — Quer dizer, alguém simplesmente... tentou fazer com você? Quem foi?

— Bem, você sabe. Um homem sem rosto... não consegui identificar quem era — digo. — E como estavam as suas mariposas?

— Você prometeu que nunca diria nada a ninguém! — grita Christina, dando um tapa no meu braço.

— Mariposas — repete Will. — Você tem medo de mariposas?

— Não apenas de uma mariposa — diz ela. — Mas, tipo... um *enxame* delas. Por toda a parte. Todas aquelas asas e pernas e... — Ela estremece e balança a cabeça.

— Apavorante! — diz Will, sarcasticamente. — Esta é a minha garota. Dura como manteiga derretida.

— Ah, cala a boca.

Um microfone chia em algum lugar, tão alto que tampo os ouvidos. Vejo Eric do outro lado do salão, sobre uma das mesas com o microfone na mão, batendo nele com as pontas dos dedos. Depois que ele para de bater e a multidão da Audácia se cala, Eric limpa a garganta e começa a falar.

— Não somos muito bons de discursos aqui. A eloquência é uma especialidade da Erudição — ele diz. A multidão ri. Será que eles sabem que ele um dia já pertenceu à Erudição? Que por baixo de toda essa suposta imprudência, e até mesmo dessa brutalidade que ele vende como sendo da Audácia, Eric está mais para a Erudição do que para qualquer outra coisa? Se eles soubessem, duvido de que ririam da piada. — Portanto, vou ser breve. É um novo ano, e temos um novo grupo de iniciandos. E um grupo ligeiramente menor de novos membros. Oferecemos a eles os nossos parabéns.

Com a palavra "parabéns", o salão irrompe, não com aplausos, mas com murros nos topos das mesas. O som faz meu peito vibrar, e eu sorrio.

— Nós acreditamos na coragem, na ação, em sermos livres do medo e em aprender as habilidades necessárias para expurgar o mal do mundo, para que o bem possa crescer e prosperar. Se você também acredita nestas coisas, nós os recebemos de braços abertos.

Embora Eric provavelmente não acredite em nada disso, não consigo deixar de sorrir, porque eu acredito nestas coisas. Não importa o quanto os líderes tenham deturpado os ideais da Audácia, estes ideais ainda podem pertencer a mim.

Mais punhos batem nas mesas, desta vez acompanhados de gritos.

— Amanhã, em sua primeira atividade como membros, nossos dez iniciandos vão escolher suas profissões, de acordo com a classificação que tiverem na tabela — diz Eric. — Eu sei que todos estão esperando a divulgação das posições. Elas foram determinadas por uma combinação de três notas: a primeira, do estágio de combate; a segunda, do estágio de simulações; e a terceira, do exame final: a paisagem do medo. As posições aparecerão no monitor atrás de mim.

Assim que ele termina de pronunciar a palavra "mim", os nomes surgem no monitor, que é quase tão grande quanto a própria parede. Ao lado do número um está a minha foto, e o nome "Tris".

Um enorme peso some do meu peito. Não havia percebido que ele estava lá, até que ele se foi, e eu me livrei dele. Sorrio, e um formigamento se espalha pelo meu corpo. Primeira. Divergente ou não, é a esta facção que pertenço.

Esqueço a guerra; esqueço a morte. Will me dá um abraço apertado. Ouço comemorações, risadas e gritos. Christina aponta para o monitor, com os olhos arregalados e cheios de lágrimas.

1. Tris

2. Uriah

3. Lynn

4. Marlene

5. Peter

O Peter ficou. Eu reprimo um suspiro. Mas, em seguida, leio os outros nomes.

6. Will

7. Christina

Dou um sorriso, e Christina se inclina sobre a mesa para me abraçar. Estou distraída demais para protestar contra seu afeto. Ela ri.

Alguém me agarra por trás e grita em meu ouvido. É Uriah. Não consigo me virar, então jogo o braço para trás e aperto seu ombro.

— Parabéns! — grito.

— Você os derrotou! — grita ele de volta. Ele me solta, gargalhando, e corre para o meio do grupo de iniciandos nascidos na Audácia.

Estico o pescoço para tentar ver o monitor novamente. Leio o resto da lista.

Os números oito, nove e dez são nascidos na Audácia, cujos nomes eu mal reconheço.

Os números onze e doze são Molly e Drew.

Molly e Drew foram eliminados. Drew, que tentou fugir enquanto Peter me segurava pela garganta sobre o abismo, e Molly, que alimentou as mentiras da Erudição a respeito do meu pai, tornaram-se sem-facção.

Não é exatamente a vitória que eu queria, mas não deixa de ser uma vitória.

Will e Christina se beijam de uma maneira um pouco lambona demais para o meu gosto. Por toda a minha volta, os punhos da Audácia batem nas mesas. De repente, sinto alguém cutucando meu ombro e, ao virar o rosto, vejo Tobias atrás de mim. Levanto-me, radiante.

— Você acha que seria muito descarado eu te dar um abraço? — diz ele.

— Sabe — digo —, realmente não me importo.

Fico na ponta dos pés e pressiono meus lábios contra os dele.

É o melhor momento da minha vida.

Logo em seguida, o dedão de Tobias roça o ponto da injeção em meu pescoço, e algumas coisas se encaixam de uma vez só dentro da minha cabeça. Não sei como eu não havia me dado conta antes.

Um: O soro colorido contém transmissores.

Dois: Os transmissores conectam a mente a um programa de simulação.

Três: A Erudição desenvolveu o soro.

Quatro: Eric e Max estão trabalhando para a Erudição.

Eu interrompo o beijo e encaro Tobias com os olhos arregalados.

— Tris? — diz ele, confuso.

Balanço a cabeça.

— Agora não. — Na verdade, o que eu quero dizer é *aqui não*. Não com Will e Christina a meio metro de mim, olhando-me boquiabertos, provavelmente porque beijei Tobias, e todo o clamor da Audácia ao nosso redor. Mas ele precisa saber o quão importante é a minha descoberta.

— Depois — digo. — Está bem?

Ele concorda com a cabeça. Nem sei como vou explicar isso depois. Nem sei como organizar meus pensamentos a respeito disso.

Mas eu já tenho certeza de como a Erudição nos fará lutar.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

TENTO FICAR SOZINHA com Tobias depois que as posições são anunciadas, mas a multidão de iniciandos e membros é grande demais, e a força dos seus cumprimentos me afastam dele. Decido sair escondida do dormitório depois que todos já tenham ido dormir para encontrá-lo, mas a paisagem do medo me exauriu mais do que eu imaginava, e logo caio no sono junto com os outros.

Acordo com o som de colchões rangendo e pés se movendo. Está escuro demais para eu conseguir enxergar bem, mas à medida que meus olhos se acostumam com o breu, vejo que Christina está amarrando os sapatos. Abro a boca para perguntar a ela o que está acontecendo, mas então percebo que Will está vestindo uma camisa na minha frente. Todos estão acordados, mas ninguém diz uma palavra.

— Christina — sussurro. Ela não olha para mim, então seguro seu ombro e a sacudo. — Christina!

Ela simplesmente continua amarrando os sapatos.

Meu estômago aperta quando vejo seu rosto. Seus olhos estão abertos, mas inexpressivos, e seus músculos faciais estão frouxos. Ela se move sem olhar para o que está fazendo, com a boca semiaberta, inconsciente, mas parecendo acordada. E todos os outros estão do mesmo jeito.

— Will? — digo, atravessando o dormitório. Todos os iniciandos formam uma fila quando terminam de se vestir. Eles começam a sair silenciosamente do dormitório. Eu seguro o braço do Will para impedir que saia, mas ele se move com uma força irreprimível. Ranjo os dentes e o seguro com o máximo de força que consigo, cravando os calcanhares no chão. Ele apenas me arrasta junto com a fila.

Eles se tornaram sonâmbulos.

Procuro meus sapatos. Não posso ficar aqui sozinha. Amarro-os correndo, visto uma jaqueta e corro para fora do quarto, alcançando rapidamente a fila de iniciandos e imitando seus passos. Demora um pouco até eu perceber que eles se movem em uníssono, movendo os pés e os braços ao mesmo tempo. Tento imitá-los da melhor forma que consigo, mas o ritmo parece estranho para mim.

Nós marchamos em direção ao Fosso, mas, ao alcançarmos a entrada, a parte da frente da fila vira para a esquerda. Max está no corredor, nos observando. Meu coração dispara, e eu olho para a frente da maneira mais inexpressiva que consigo, concentrando-me no ritmo dos meus pés. Fico tensa ao passar por ele. Ele vai perceber que não me tornei uma zumbi como todos, e então algo terrível vai acontecer comigo, tenho certeza.

Os olhos escuros de Max passam direto por mim.

Subimos um lance de escadas e seguimos no mesmo ritmo por quatro corredores. De repente, o corredor se abre em uma enorme caverna. Dentro dela, há uma multidão de integrantes da Audácia.

Há fileiras de mesas com montes pretos sobre elas. Não consigo ver o que há nas pilhas até que eu estou a meio metro delas. Armas.

Claro. Eric disse que todos da Audácia haviam tomado a injeção ontem. Por isso, agora todos da facção se tornaram zumbis, obedientes e treinados para matar. Soldados perfeitos.

Eu pego uma arma, um coldre e um cinto, imitando Will, que está logo à minha frente. Tento seguir seus movimentos, mas não consigo prever o que ele irá fazer, então acabo me enrolando mais do que deveria. Eu travo os dentes. Preciso acreditar que ninguém está me observando.

Quando já estou armada, sigo Will e os outros iniciandos em direção à saída.

Não posso lutar em uma guerra contra a Abnegação, contra minha família. Eu preferiria morrer. A minha paisagem do medo provou isso. Minhas

opções se tornam cada vez mais escassas, e vejo o caminho que devo trilhar. Eu vou atuar durante o tempo necessário pra chegar ao setor da Abnegação. Salvarei minha família. E o que quer que aconteça depois disso não importa. Uma onda de tranquilidade toma conta de mim.

A fila de iniciandos entra em um corredor escuro. Não consigo enxergar Will à minha frente ou qualquer outra coisa ao meu redor. Dou uma topada com o pé em algo duro e caio para a frente, com os braços esticados. Meu joelho atinge outra coisa, um degrau. Ajeito o corpo, tão tensa que os meus dentes estão quase batendo. Eles não viram isso. Torço para que esteja escuro demais para eles terem visto minha queda.

À medida que fazemos uma curva na escada, a luz invade a caverna, até que eu consigo finalmente enxergar os ombros do Will na minha frente novamente. Concentro-me em combinar meu ritmo ao seu, enquanto alcanço o topo da escada, passando por outro líder da Audácia. Agora sei quem são os líderes, porque eles são os únicos que estão acordados.

É, eles não são exatamente os únicos. Eu devo estar acordada porque sou Divergente. E, se estou acordada, isso quer dizer que Tobias também está, a não ser que eu esteja errada a seu respeito.

Preciso encontrá-lo.

Paro em frente aos trilhos do trem, em meio a um grupo de pessoas que se estende até onde minha visão periférica alcança. O trem está parado diante de nós, com todos os vagões abertos. Um por um, os iniciandos entram no vagão à nossa frente.

Não posso virar a cabeça para procurar Tobias no meio da multidão, mas deixo meus olhos se voltarem um pouco para o lado. Não reconheço os rostos à minha esquerda, mas vejo um garoto alto com cabelo curto alguns metros à minha direita. Talvez não seja ele, e não posso me certificar, mas é a melhor chance que tenho. Não sei como chegar até ele sem chamar a atenção dos líderes, mas preciso tentar.

O carro na nossa frente fica cheio, e Will se dirige ao próximo. Acompanho seus movimentos, mas, em vez de parar onde ele para, chego um pouco mais para a direita. As pessoas ao redor de mim são todas mais altas do que eu; elas vão me esconder. Dou mais um passo para a direita, travando os dentes. Movimentei-me demais. Eles vão me pegar. *Por favor, não me peguem.*

Um membro da Audácia com o rosto inexpressivo dentro do vagão oferece a mão ao garoto à minha frente, e ele a segura com movimentos robóticos. Eu seguro a próxima mão sem olhar para ela, e subo no vagão com o máximo de graciosidade que consigo.

Fico parada, encarando a pessoa que me ajudou. Meus olhos se voltam para cima por apenas um instante, para ver seu rosto. Tobias, com o rosto tão inexpressivo quanto todos os outros. Será que eu estava errada? Será que ele não é um Divergente? Lágrimas se acumulam em meus olhos, e pisco para reprimi-las ao me virar para o outro lado.

Pessoas se espremem no vagão à minha volta, e nos posicionamos em quatro fileiras, com os ombros alinhados. De repente, algo estranho acontece: dedos se entrelaçam aos meus, e a palma de uma mão aperta a minha. Tobias, segurando minha mão.

Meu corpo inteiro se enche de energia. Aperto a sua mão, e ele aperta a minha de volta. Ele está acordado. Eu estava certa.

Quero olhar para ele, mas me obrigo a ficar parada e olhar para a frente, enquanto o trem começa a se mover. Ele acaricia as costas da minha mão com o dedão, em um movimento circular lento. Parece estar tentando me acalmar, mas está apenas me deixando mais frustrada. Preciso falar com ele. Preciso olhar para ele.

Não consigo ver aonde o trem está nos levando porque a garota na minha frente é alta demais, então apenas encaro a parte de trás da sua cabeça e me concentro na mão de Tobias até que os trilhos soltam um ruído. Não sei há quanto tempo estou em pé ali dentro, mas minhas costas doem, então deve

ter sido muito tempo. O trem faz um ruído alto e freia, e meu coração bate tão forte que sinto dificuldade de respirar.

Logo antes de descermos do trem, vejo com o canto do olho a cabeça de Tobias se voltar para mim e devolvo seu olhar. Seus olhos escuros parecem insistir comigo quando ele diz:

— Corra.

— Minha família — digo.

Eu olho novamente para a frente e pulo do vagão quando chega a minha vez. Tobias caminha à minha frente. Eu deveria me manter focada na sua nuca, mas reconheço as ruas em que caminhamos agora, e minha atenção se desvia da fila de membros da Audácia na minha frente. Passo pelo local que eu visitava com minha mãe a cada seis meses para buscar roupas novas para nossa família; o ponto onde eu costumava esperar o ônibus que me levava para a escola; o trecho de calçada tão rachado que eu e Caleb fazíamos um jogo de pular e saltar para poder atravessá-lo.

Todos esses lugares estão diferentes agora. Os prédios estão escuros e vazios. As ruas estão repletas de soldados da Audácia, todos marchando no mesmo ritmo, com exceção dos oficiais, que vejo a mais ou menos cada cem metros, observando-nos enquanto passamos ou se reunindo em grupos para discutir alguma coisa. Será que realmente viemos aqui para travar uma guerra?

Caminho cerca de um quilômetro antes de descobrir a resposta para esta pergunta.

Começo a ouvir estouros. Não posso olhar ao redor para descobrir de onde eles estão vindo, mas, quanto mais eu ando, mais altos e nítidos eles se tornam, até que eu os reconheço como tiros. Cerro os dentes. Preciso continuar andando; preciso olhar diretamente para frente.

Muitos metros a nossa frente, vejo uma mulher da Audácia empurrar um homem com roupas cinza, deixando-o de joelhos sobre o chão. Eu reconheço o homem. Ele é um dos membros do conselho. A mulher saca sua arma do

coldre e, com um olhar inexpressivo, atira contra a parte de trás do crânio do homem.

Ela tem uma mecha cinza em seus cabelos. É Tori. Quase perco o passo.

Continue andando. Meus olhos ardem. *Continue andando.*

Nosso grupo passa marchando por Tori e pelo corpo caído do membro do conselho. Quando piso em sua mão inerte, quase me desfaço em lágrimas.

De repente, os soldados à minha frente param de andar, e eu os imito. Mantenho-me o mais imóvel possível, mas a única coisa que quero fazer é encontrar Jeanine, Eric e Max e atirar em todos eles. Minhas mãos estão tremendo e não consigo controlá-las. Respiro rápido pelo nariz.

Outro tiro. De relance, vejo outra massa cinza tombar sobre a calçada. Se isso continuar, todos da Abnegação vão morrer.

Os soldados da Audácia seguem ordens não ditas sem qualquer hesitação ou questionamento. Alguns membros adultos da Abnegação são empurrados em direção a um dos prédios próximos junto com crianças. Um mar de soldados de preto guarda as portas. As únicas pessoas que não vejo são os líderes da Abnegação. Talvez eles já estejam mortos.

Um por um, os soldados da Abnegação na minha frente se afastam para exercer algum tipo de tarefa. Logo, os líderes irão perceber que, qualquer que sejam os sinais que todos estão recebendo, eles não estão funcionando comigo. O que farei quando isso acontecer?

— Isso é uma loucura — sussurra uma voz masculina à minha direita. Vejo uma mecha de cabelo comprido e ensebado e um brinco prateado. Eric. Ele cutuca minha bochecha com o dedo indicador, e eu reprimo a vontade de estapear sua mão.

— Eles realmente não conseguem ver a gente? Nem ouvir a gente? — pergunta uma voz feminina.

— Eles conseguem ver e ouvir. Apenas não estão processando o que veem e ouvem da mesma maneira — diz Eric. — Eles recebem ordens dos nossos computadores por meio dos transmissores que injetamos neles... — Ao falar

isso, ele pressiona o dedo contra o ponto da injeção no meu pescoço para mostrar à mulher onde fica. *Fique parada*, digo a mim mesma. *Parada, parada, parada* — ...e as executam com perfeição.

Eric dá um passo para o lado e se inclina para perto do rosto de Tobias, sorrindo.

— Que visão maravilhosa — diz ele. — O lendário Quatro. Ninguém mais vai lembrar que fiquei em segundo, não é mesmo? Ninguém vai me perguntar: "Como foi treinar com o cara que só tem *quatro medos*?" — Ele saca a arma e a aponta para a têmpora direita do Tobias. Meu coração bate tão forte que consigo senti-lo em meu crânio. Ele não pode atirar; não faria isso. Eric inclina a cabeça para o lado. — Será que alguém notaria se ele levasse um tiro acidental?

— Atire logo — diz a mulher, com um tom entediado. Ela deve ser uma líder da Audácia, se tem o poder de dar permissão ao Eric. — Ele não é nada agora.

— É uma pena que você não tenha aceitado a oferta do Max, Quatro. É, uma pena para *você*, pelo menos — fala Eric baixinho, enquanto engatilha sua arma.

Meus pulmões ardem; faz quase um minuto que eu não respiro. Vejo a mão de Tobias contrair-se com o canto do olho, mas minha mão já está na minha arma. Aperto o cano contra a testa do Eric. Seus olhos se arregalam e seu rosto fica inexpressivo, e, por um segundo, ele se parece com mais um soldado inconsciente da Audácia.

Meu dedo indicador paira sobre o gatilho.

— Afaste a arma da cabeça dele — digo.

— Você não vai atirar em mim — responde Eric.

— É uma teoria interessante — digo. Mas não posso assassiná-lo; não posso. Eu travo os dentes e abaixo a arma, atirando no seu pé. Ele grita e segura o pé com as duas mãos. Assim que a arma do Eric se afasta da sua cabeça, Tobias saca a própria arma e atira na perna da amiga dele. Não espero para ver se a bala a atinge. Agarro o braço do Tobias e começo a correr.

Se conseguirmos chegar ao beco, desapareceremos em meio aos prédios, e eles não conseguirão nos encontrar. É um trajeto de cerca de duzentos metros. Ouço pés movimentando-se atrás de nós, mas não olharei para ver de quem são. Tobias agarra a minha mão e a aperta contra a sua, puxando-me para a frente, mais rápido do que eu jamais corri. Corro cambaleante atrás dele. Ouço um tiro.

A dor é aguda e repentina, começando no meu ombro e se espalhando, rajadas elétricas, para fora. Um grito fica preso na minha garganta, e eu desabo, arranhando a bochecha no chão. Levanto a cabeça e vejo o joelho de Tobias ao lado do meu rosto.

— Corra! — grito.

— Não — responde ele, com uma voz calma e baixa.

Em uma questão de segundos, estamos cercados. Tobias me ajuda a levantar, sustentando meu peso. Tenho dificuldade em me concentrar com tanta dor. Soldados da Audácia nos cercam, apontando suas armas para nós.

— Rebeldes Divergentes — diz Eric, apoiado em um pé só. Seu rosto está doentiamente pálido. — Entreguem suas armas.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

EU APOIO TODO o peso em Tobias. Um cano de arma pressionado contra minha espinha me empurra para frente, pelo portão da sede da Abnegação, um edifício cinza simples de dois andares. Sangue escorre da lateral do meu corpo. Não tenho medo do que está por vir; a dor é grande demais para eu conseguir pensar a respeito disso.

O cano da arma me empurra em direção a uma porta vigiada por dois soldados da Audácia. Tobias e eu a atravessamos e entramos em um escritório simples, com apenas uma mesa, um computador e duas cadeiras vazias. Jeanine está sentada atrás da mesa, falando ao telefone.

— Bem, então envie alguns deles de *volta* pelo trem — diz ela. — Precisamos proteger isso direito. É a parte mais importante. Eu não vou falar... Preciso desligar. — Ela desliga o telefone com força e volta os olhos cinzentos para mim. Eles me lembram aço derretido.

— Rebeldes Divergentes — diz um dos membros da Audácia. Ele deve ser um líder da Audácia ou talvez um recruta que tenha sido tirado da simulação.

— Sim, já percebi. — Ela tira os óculos, dobra-os e os coloca sobre a mesa. Ela provavelmente usa os óculos apenas por vaidade, porque eles fazem com que pareça mais esperta. Pelo menos, foi isso o que meu pai disse.

— *Você* — diz ela, apontando para mim — eu já esperava. Todos aqueles problemas com o seu teste de aptidão me fizeram suspeitar desde o princípio. Mas *você*...

Ela balança a cabeça ao voltar os olhos para Tobias.

— Você, Tobias... Ou devo chamá-lo de Quatro? Você conseguiu me enganar — diz ela em um tom moderado. — Tudo a seu respeito parecia impecável: os resultados nos testes, as simulações de iniciação... tudo. Mas,

apesar disso, aqui está você. — Ela dobra as mãos e apoia o queixo sobre elas. — Será que você poderia me explicar como isso pôde ocorrer?

— Você é o gênio — diz ele friamente. — Por que não me explica?

A boca de Jeanine forma um sorriso.

— Minha teoria é que você realmente pertence à Abnegação. Que a sua Divergência é mais fraca.

Seu sorriso se alarga, como se ela estivesse se divertindo. Eu ranjo os dentes e considero a ideia de saltar sobre a mesa e estrangulá-la. Se eu não estivesse com uma bala cravada no ombro, talvez fosse isso mesmo que eu fizesse.

— Seus poderes dedutivos são impressionantes — diz Tobias, cuspindo as palavras. — Estou realmente embasbacado.

Olho para ele de relance. Já havia quase me esquecido desse lado dele, dessa faceta que explodiria antes de se entregar para a morte.

— Agora que você já provou a sua inteligência, que tal acabar logo com isso e nos matar de uma vez? — Tobias fecha os olhos. — Afinal de contas, você ainda tem muitos líderes da Abnegação para assassinar.

Se seus comentários incomodam Jeanine, ela não deixa isso transparecer. Ela continua sorrindo e se levanta calmamente. Está usando um vestido azul grudado ao corpo, dos ombros aos joelhos, revelando uma camada de gordura em sua cintura. A sala gira enquanto eu tento me concentrar no seu rosto, e me apoio ainda mais em Tobias. Ele coloca o braço ao redor do meu corpo, sustentando-me pela cintura.

— Não seja tolo. Não há pressa alguma — diz ela de maneira tranquila. — Vocês dois estão aqui por um motivo extremamente importante. Veja só. Eu fiquei perplexa em saber que os Divergentes eram imunes ao soro que desenvolvi, então tenho trabalhado para corrigir isso. Pensei que eu tinha conseguido com a última leva, mas, como vocês já perceberam, estava errada. Por sorte, agora tenho uma nova leva para testar.

— E por que você se importaria com isso? — Ela e os líderes da Audácia não tiveram nenhum problema em matar os Divergentes no passado. Por que isso seria diferente agora?

Ela lança um sorriso sarcástico para mim.

— Uma questão me preocupa desde que eu comecei o projeto Audácia, e ela é a seguinte. — Jeanine desvia o corpo da mesa, passando o dedo sobre sua superfície. — Por que será que a maioria dos Divergentes são pessoas de vontade fraca, insignificantes e tementes a Deus e, de todas as facções possíveis, geralmente originárias logo da *Abnegação*?

Eu não sabia que a maioria dos Divergentes vinha da Abnegação e não entendo qual seria o motivo disso. E provavelmente não sobreviverei tempo o bastante para descobrir.

— Vontade fraca — fala Tobias com deboche. — Ao que me parece, é necessária uma vontade bastante *forte* para manipular uma simulação. Vontade fraca é controlar a mente de um exército inteiro porque é difícil demais treinar um por conta própria.

— Não sou uma tola — diz Jeanine. — Uma facção de intelectuais não é nenhum exército. Nós estamos cansados de ser dominados por um bando de idiotas moralistas que rejeitam a riqueza e o avanço, mas não conseguiríamos fazer isso sozinhos. E todos os líderes da Audácia ficaram felizes em ajudar, desde que eu lhes garantisse um lugar em nosso governo renovado e melhorado.

— Melhorado — diz Tobias, com escárnio.

— Sim, melhorado — responde Jeanine. — Melhorado e trabalhando em prol de um mundo no qual as pessoas viverão com riqueza, conforto e prosperidade.

— À custa de quem? — pergunto, com a voz grossa e arrastada. — Toda essa riqueza... não brota do chão.

— No momento, os sem-facção representam um dispêndio de nossos recursos — Jeanine responde. — Assim como a Abnegação. Tenho certeza de

que, uma vez que os que sobrarem da sua antiga facção forem absorvidos pelo exército da Audácia, a Franqueza também irá cooperar e nós finalmente poderemos seguir adiante.

Absorvidos pelo exército da Audácia. Eu sei o que ela quer dizer. Ela quer controlá-los também. Ela quer que todos se tornem manipuláveis e fáceis de controlar.

— Seguir adiante — repete Tobias amargamente. Ele levanta a voz. — Pode ter certeza. Você estará morta antes do fim do dia, sua...

— Talvez, se você conseguisse se controlar — diz Jeanine, cortando as palavras de Tobias secamente com as suas —, você nem estaria nesta situação.

— Estou nesta situação porque você me colocou aqui — grita ele. — No instante em que resolveu organizar um ataque contra pessoas inocentes.

— Pessoas inocentes. — Jeanine solta uma gargalhada. — Eu acho isso um pouco cômico, vindo de você. Eu esperaria que o filho do Marcus entendesse que nem todas aquelas pessoas eram inocentes. — Ela se senta na beirada da mesa, e sua saia se levanta acima dos joelhos, que são marcados por estrias. — Você poderia me dizer, com toda a honestidade, que não ficaria feliz em descobrir que seu pai foi morto durante o ataque?

— Não — diz Tobias, por entre dentes cerrados. — Mas pelo menos a maldade dele não envolvia a manipulação generalizada de toda uma facção e o assassinato calculado de cada líder político que nós temos.

Eles se encaram durante alguns segundos, tempo o bastante para eu me sentir tensa até o osso, e então Jeanine limpa a garganta.

— O que eu ia dizer é que logo dezenas de membros da Abnegação e seus filhos estarão sob minha responsabilidade, para que eu os mantenha em ordem, e não cai bem para mim se um grande número deles for Divergente como vocês, incapazes de serem controlados pelas simulações.

Ela se levanta e dá alguns passos para a esquerda, com as mãos presas uma à outra na frente do corpo. Suas unhas, como as minhas, estão roídas até o talo.

— Portanto, tornou-se necessário desenvolver uma nova forma de simulação à qual eles não são imunes. Fui obrigada a rever minhas próprias hipóteses. É aí que vocês se encaixam. — Ela caminha um pouco para a direita. — Você está certo em dizer que vocês têm uma vontade forte. Eu não posso controlar a sua vontade. Mas existem algumas coisas que posso controlar.

Ela para e se vira para nós. Eu encosto a cabeça no ombro de Tobias. O sangue escorre pelas minhas costas. A dor tem sido tão constante nos últimos minutos que já me acostumei a ela, como uma pessoa se acostuma ao soar de uma sirene, se for contínua.

Jeanine junta uma palma da mão à outra. Não vejo nenhum traço de prazer doentio em seus olhos ou do sadismo que eu esperaria dela. É mais uma máquina do que uma maníaca. Vê problemas e cria soluções, baseada nos dados que coleta. A Abnegação estava atrapalhando sua busca por poder, então ela encontrou uma maneira de eliminá-la. Ela não tinha um exército, então encontrou um na Audácia. Sabia que precisaria controlar grupos enormes de pessoas para se manter segura, então encontrou uma maneira de fazer isso com soros e transmissores. A Divergência é apenas mais um problema que ela precisa solucionar, e é isso o que a torna tão assustadora: é inteligente o bastante para solucionar qualquer coisa, até mesmo o problema da nossa existência.

— Posso controlar o que vocês veem e ouvem — diz ela. — Então, criei um novo soro que adaptará seu ambiente para manipular suas vontades. Aqueles que se recusarem a aceitar nossa liderança deverão ser monitorados cuidadosamente.

Monitorados ou privados de vontade própria. Ela sabe usar bem as palavras.

— Você será a primeira cobaia, Tobias. Beatrice, no entanto... — Ela sorri. — Você está machucada demais para ser útil para mim, então a executaremos assim que terminarmos esta reunião.

Tento esconder o tremor que atravessa meu corpo quando a ouço falar em "execução" e, com o ombro ardendo de dor, olho para Tobias. É difícil conter as lágrimas quando vejo o pavor nos seus olhos arregalados e escuros.

— Não — diz Tobias. Sua voz treme, mas seu semblante é severo enquanto ele balança a cabeça. — Eu preferiria morrer.

— Temo que você não tenha muita escolha — responde Jeanine, leviana.

Tobias toma meu rosto em suas mãos e me beija, e a pressão dos seus lábios faz os meus se separarem. Esqueço a dor e o terror da minha morte iminente e, por um instante, sinto gratidão pelo fato de que a memória deste beijo estará fresca na minha mente quando chegar o meu fim.

De repente, ele me solta, e eu preciso me apoiar na parede para sustentar o corpo. Com um movimento tão repentino quanto o contrair de um músculo, Tobias se lança pelo lado da mesa e agarra o pescoço de Jeanine com as duas mãos. Os guardas da Audácia que estavam na porta saltam sobre ele, com suas armas em riste, e eu grito.

São necessários dois soldados da Audácia para afastar Tobias de Jeanine e empurrá-lo contra o chão. Um dos soldados o imobiliza, com os joelhos em seus ombros e as mãos segurando sua cabeça, pressionando o rosto dele contra o tapete. Eu me atiro contra eles, mas outro guarda empurra meus ombros, jogando-me contra a parede. Perdi muito sangue e sou pequena demais.

Jeanine se apoia na mesa, arquejando e balbuciando algo. Ela esfrega a garganta, que está muito vermelha, com as marcas dos dedos de Tobias. Não importa o quão mecânica ela pareça, ainda é humana; há lágrimas em seus olhos e ela retira uma caixa da gaveta da mesa e a abre, revelando uma seringa e uma agulha.

Ainda ofegante, ela a carrega até Tobias, que range os dentes e dá uma cotovelada no rosto de um dos guardas. O guarda dá uma coronhada na cabeça de Tobias, e Jeanine enfia a agulha em seu pescoço. Seu corpo fica mole.

Um som escapa da minha garganta. Não um soluço ou um grito, mas um lamento áspero e arrastado que soa distante, como se estivesse vindo de outra pessoa.

— Deixem-no se levantar — diz Jeanine, com a voz rouca.

O guarda se levanta, assim como Tobias. Ele não se parece com os soldados sonâmbulos da Audácia; seus olhos estão alerta. Ele olha ao redor por alguns segundos, como se estivesse confuso com o que vê.

— Tobias — digo. — Tobias!

— Ele não reconhece você — diz Jeanine.

Tobias olha para trás. Seus olhos se estreitam e ele começa a se aproximar de mim, rápido. Antes que os guardas consigam detê-lo, ele agarra o meu pescoço com uma de suas mãos, apertando minha traqueia com as pontas dos dedos. Eu perco o ar e meu rosto esquenta com o sangue.

— A simulação está manipulando-o — diz Jeanine. Mal consigo ouvi-la por trás da pulsação nos meus ouvidos. — Alterando o que vê e fazendo-o confundir seus amigos com seus inimigos.

Um dos guardas afasta Tobias de mim. Eu arquejo, puxando ruidosamente o ar para dentro dos meus pulmões.

Ele se foi. Controlado pela simulação, ele agora irá matar as pessoas que chamou de inocentes há menos de três minutos. Seria menos doloroso para mim se Jeanine simplesmente o tivesse matado.

— A vantagem desta versão da simulação — diz ela, com o olhar aceso —, é que ele pode agir de maneira independente e, portanto, é muito mais efetivo do que um soldado irracional. — Ela olha para os guardas que seguram Tobias. Ele luta para se soltar, com os músculos tesos e os olhos focados em mim, mas sem me ver, sem me ver da maneira como via antes. — Mandem-no para a sala de controle. — Precisaremos de um senciente para monitorar as coisas e, ao que me consta, ele costumava trabalhar lá.

Jeanine junta as palmas das mãos em frente ao seu corpo.

— E levem-*na* para a sala B13 — diz ela. Faz um gesto com a mão para me dispensar. Seu gesto é uma ordem para me executarem. Para ela, no entanto, não passa de um item a menos na lista de coisas para fazer: a única progressão lógica do caminho que ela está trilhando. Jeanine me examina de maneira fria enquanto dois soldados da Audácia me puxam para fora da sala.

Eles me arrastam pelo corredor. Sinto-me anestesiada por dentro, mas, por fora, sou uma força de determinação gritante e esperneante. Mordo a mão do homem da Audácia à minha direita e sorrio ao sentir o gosto de sangue. Em seguida, ele me bate, e então não vejo mais nada.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

ACORDO NO ESCURO, largada em um canto duro. O chão sob mim é liso e frio. Levo a mão à minha cabeça latejante e um líquido desliza das pontas dos meus dedos. Vermelho: sangue. Quando abaixo novamente a mão, meu cotovelo esbarra em uma parede. Onde estou?

Uma luz tremula acima de mim. Uma lâmpada se acende, azul e fraca. Vejo as paredes de vidro de um tanque ao redor de mim, e meu reflexo escuro na minha frente. O quarto é pequeno, com paredes de concreto e sem janelas, e estou sozinha dentro dele. Bem, quase sozinha. Há uma pequena câmera presa a uma das paredes de concreto.

Vejo uma pequena abertura perto dos meus pés. Há um tubo ligado a ela que leva a um enorme tanque no canto da sala.

O tremor começa na ponta dos meus dedos e se espalha pelos meus braços, e logo o meu corpo inteiro está tremendo.

Desta vez, não é uma simulação.

Meu braço direito está dormente. Quando me arrasto para fora do canto onde estava, vejo uma poça de sangue. Não posso entrar em pânico agora. Eu me levanto, apoiando-me na parede, e respiro. O pior que pode acontecer comigo agora é me afogar neste tanque. Apoio a testa no vidro e começo a rir. Esta é a pior coisa que consigo imaginar. Minha risada se transforma em um soluço.

Se eu me recusar a desistir agora, parecerei corajosa para quem quer que seja que está me assistindo pela câmera, mas, às vezes, a coragem não está em lutar, mas em aceitar a morte inevitável. Eu suspiro com a cara no vidro. Não tenho medo de morrer, mas quero morrer de outra maneira, de qualquer outra maneira.

É melhor gritar do que chorar, então grito e bato com o calcanhar na parede de vidro atrás de mim. Meu pé rebate no vidro e chuto outra vez, tão forte que meu calcanhar lateja. Chuto outra vez, e outra e outra, depois recuo o corpo e lanço o ombro esquerdo contra a parede. O impacto faz a ferida no meu ombro direito arder como se tivesse sido cutucada com um atiçador quente.

Um fio de água começa a invadir o fundo do tanque.

A câmera significa que eles estão me observando. Não, estão me estudando, como apenas a Erudição faria. Para ver se a minha reação no mundo real está de acordo com minha reação na simulação. Para provar que sou uma covarde.

Eu abro as mãos e deixo-as caírem. Não sou covarde. Levanto a cabeça e encaro a câmera apontada para mim. Se eu me concentrar na respiração, conseguirei esquecer que estou prestes a morrer. Eu encaro a câmera até minha visão se estreitar, e ela se torna a única coisa que consigo ver. A água faz cócegas nos meus calcanhares, depois nas minhas canelas, depois nas minhas coxas. Ela cobre as pontas dos meus dedos. Eu inspiro; depois expiro. A água é suave como seda.

Inspiro. A água vai lavar minhas feridas. Expiro. Minha mãe me mergulhou em água quando eu era uma bebê, para me oferecer a Deus. Há muito tempo não penso em Deus, mas penso Nele agora. É normal. De repente, fico feliz em ter atirado no pé do Eric, e não na cabeça.

Meu corpo é levantado pela água. Em vez de balançar os pés para me manter na superfície, expulso todo o ar dos pulmões e desço até o fundo do tanque. A água abafa meus ouvidos. Sinto seu movimento em meu rosto. Penso em inalar a água e encher meu pulmão com ela, para que me mate mais rápido, mas não consigo fazer isso. Solto bolhas da minha boca.

Relaxe. Fecho os olhos. Meus pulmões ardem.

Deixo minhas mãos flutuarem até o topo do tanque. Deixo que a água me envolva em seus braços de seda.

Quando eu era jovem, meu pai costumava me erguer acima de sua cabeça e correr comigo, e eu sentia como se estivesse voando. Lembro-me da sensação do ar ao meu redor, acariciando o meu corpo, e perco o medo. Abro os olhos.

Uma figura escura se encontra diante de mim. Devo estar perto da morte, se estou tendo alucinações. Sinto uma pontada de dor em meus pulmões. A sensação de sufocar é dolorosa. Alguém encosta a palma da mão no vidro à minha frente e, por um instante, enquanto encaro o vulto através da água, penso ver o rosto borrado da minha mãe.

Ouço o barulho de uma pancada, e o vidro racha. A água esguicha para fora de um buraco no topo do tanque, e o painel de vidro se rompe em dois. Viro o rosto quando o vidro estilhaça, e a força da água lança meu corpo contra o chão. Eu arquejo, engolindo água e ar, depois tusso e arquejo novamente. Duas mãos agarram meus braços, e eu ouço sua voz.

— Beatrice — diz ela. — Beatrice, precisamos correr.

Ela coloca meu braço sobre seus ombros e me levanta. Está vestida como minha mãe e se parece com minha mãe, mas está segurando uma arma, e seu olhar de determinação é desconhecido para mim. Eu caminho, mancando, ao seu lado, sobre cacos de vidro e água e por uma porta aberta. Há corpos de guardas da Audácia mortos ao lado da porta.

Meus pés escorregam e deslizam no chão ladrilhado enquanto descemos um corredor, o mais rápido que minhas pernas fracas permitem. Quando dobramos o corredor, ela atira nos dois homens que guardam a porta de saída. As balas atingem suas cabeças, e eles desabam no chão. Ela me apoia na parede e tira sua jaqueta cinza.

Ela está usando uma camisa sem mangas. Quando levanta o braço, vejo a ponta de uma tatuagem sob a sua axila. Agora entendo por que ela nunca trocou de roupa na minha frente.

— Mãe — digo, com a voz sufocada. — Você era da Audácia.

— Sim — responde, sorrindo. Ela usa sua jaqueta para fazer uma tipoia para o meu braço, amarrando as mangas ao redor do meu pescoço. — E hoje isso me ajudou muito. Seu pai, Caleb e alguns outros estão escondidos em um porão na esquina da North com a Fairfield. Precisamos ir buscá-los.

Eu a encaro. Eu me sentei ao seu lado na mesa da cozinha, duas vezes por dia, durante dezesseis anos, e nunca considerei a possibilidade de ela ter nascido em qualquer outra facção que não a Abnegação. O quanto será que eu realmente sabia sobre minha mãe?

— Teremos tempo para perguntas depois — diz ela. Levanta a camisa e saca uma arma da cintura de sua calça, oferecendo-a para mim. — Agora, precisamos ir.

Ela corre até o final do corredor, e eu a sigo.

Estamos no porão da sede da Abnegação. Minha mãe trabalha neste lugar há tantos anos que não fico surpresa quando ela me guia, sem hesitar, por uma série de corredores escuros e uma escada úmida, até a luz do sol do lado de fora. Em quantos guardas da Audácia será que ela atirou antes de me encontrar?

— Como você conseguiu me encontrar?

— Tenho observado os trens desde que o ataque começou — responde ela, olhando para mim. — Não sabia o que faria quando a encontrasse. Mas meu objetivo sempre foi salvar você.

Sinto um aperto na garganta.

— Mas eu traí vocês. Abandonei vocês.

— Você é minha filha. Não me importo com as facções. — Ela balança a cabeça. — Veja só para onde elas nos levaram. Os seres humanos, de uma maneira geral, não conseguem ser bons por muito tempo antes que o mal penetre novamente entre nós e nos envenene.

Ela para na esquina do beco com a rua.

Sei que esta não é uma boa hora para conversas. Mas há algo de que preciso saber.

— Mãe, como você sabe a respeito da Divergência? — pergunto. — O que ela é? Por que...

Ela abre o tambor de munição e confere o interior, contando quantas balas ainda tem. Depois, tira algumas balas do bolso e recarrega a arma. Em seu rosto, reconheço a mesma expressão que ela faz quando está passando uma linha em uma agulha.

— Eu sei a respeito deles porque sou Divergente — diz ela, encaixando uma bala no tambor. — Só consegui me manter em segurança porque minha mãe era uma líder da Audácia. No Dia da Escolha, ela me disse que eu deveria deixar a nossa facção e escolher uma mais segura. Eu escolhi a Abnegação. — Ela guarda uma bala sobressalente em seu bolso e endireita o corpo. — Mas eu queria que você escolhesse por conta própria.

— Não entendo por que somos uma ameaça tão grande aos líderes.

— Todas as facções condicionam seus membros a pensar e agir de determinada maneira. E a maioria das pessoas fazem exatamente isso. Para a maior parte das pessoas, não é difícil aprender, encontrar uma linha de pensamento que funcione e seguir por ela. — Ela apoia a mão no meu ombro que não está machucado e sorri. — Mas nossas mentes movem-se em dezenas de direções diferentes. Não podemos ficar confinados a uma única maneira de pensar, e isso apavora nossos líderes. Isso significa que não podemos ser controlados. E significa também que, não importa o que eles façam, nós sempre causaremos problemas para eles.

Sinto como se alguém tivesse enchido o meu pulmão com novos ares. Não sou da Abnegação. Não sou da Audácia.

Eu sou Divergente.

E não posso ser controlada.

— Lá vêm eles — diz ela, espiando da esquina. Estico a cabeça por trás de seu ombro e vejo alguns membros da Audácia carregando armas e se aproximando de nós, com movimentos idênticos. Minha mãe olha para trás.

A distância, atrás de nós, outro grupo de membros da Audácia desce o beco em nossa direção, correndo em sincronia.

Ela segura minha mão e me olha nos olhos. Vejo seus cílios longos se movendo enquanto ela pisca. Eu gostaria de carregar algum traço dela em meu rosto pequeno e simples. Mas pelo menos carrego traços dela em meu cérebro.

— Encontre seu pai e seu irmão. No corredor à direita, descendo até o porão. Bata na porta duas vezes, depois mais três e mais seis. — Ela envolve meu rosto em suas mãos. Elas estão geladas, e suas palmas são ásperas. — Vou distraí-los. Você precisa correr o mais rápido que puder.

— Não. — Balanço a cabeça. — Não vou a lugar nenhum sem você.

Ela sorri.

— Seja corajosa, Beatrice. Eu amo você.

Sinto seus lábios na minha testa, e então ela corre até o meio da rua. Levanta a arma acima da sua cabeça e atira para o alto três vezes. Os soldados da Audácia começam a correr.

Eu atravesso a rua em disparada e entro no beco. Ao correr, olho para trás para ver se estou sendo seguida por algum dos soldados da Audácia. Minha mãe atira em direção ao grupo de soldados, e eles se concentram demais nela para reparar em mim.

Volto minha cabeça novamente para trás quando os ouço disparar de volta. Meus pés vacilam e eu paro.

O corpo da minha mãe se enrijece e suas costas se curvam. Sangue jorra de uma ferida em seu abdômen, manchando sua camisa de vermelho-escuro. Uma mancha de sangue se espalha por seu ombro. Eu pisco, e o tom agressivo de vermelho mancha o interior das minhas pálpebras. Pisco novamente, e vejo o sorriso da minha mãe enquanto ela varre meus cabelos cortados do chão, formando uma pequena pilha com eles.

Ela desaba, primeiro de joelhos, com as mãos caindo frouxas do lado do seu corpo, depois com o corpo inteiro contra o chão, jogada para o lado como

uma boneca de pano. Ela permanece imóvel, sem respirar.

Cubro a boca com as mãos e solto um grito abafado. Minhas bochechas estão quentes e molhadas de lágrimas que eu não havia sentido começarem a correr dos meus olhos. Meu sangue parece gritar que pertence a ela e lutar para retornar a ela, e eu ouço sua voz dentro da minha cabeça enquanto corro, dizendo-me que devo ser corajosa.

A dor atravessa meu corpo enquanto tudo aquilo do que sou feita desmorona, todo o meu universo é subitamente desmantelado. O asfalto arranha meu joelho. Se eu me deitar agora, tudo isso poderá acabar. Talvez Eric tivesse razão, e escolher a morte seja como explorar um lugar desconhecido e incerto.

Sinto a mão de Tobias tocando meu cabelo antes da primeira simulação. Ouço sua voz me dizendo que devo ser corajosa. Ouço a voz da minha mãe me dizendo que devo ser corajosa.

Os soldados da Audácia viram seus corpos como se fossem movidos por uma única mente. De alguma maneira, consigo me levantar e voltar a correr.

Eu sou corajosa.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

TRÊS SOLDADOS DA Audácia me perseguem. Eles correm em uníssono, e o som de seus pés ecoa pelo beco. Um deles atira, e eu mergulho, arranhando as palmas das mãos no chão. A bala atinge o muro à minha direita, e pedaços de tijolo voam por toda a parte. Eu dobro a esquina em um salto e engatilho minha arma.

Eles mataram minha mãe. Aponto a arma para o beco e atiro cegamente. Não foram exatamente eles, mas isso não importa, não pode importar e, assim como a própria morte, não pode parecer real neste instante.

Ouço apenas uma pessoa correndo agora. Seguro a arma com as duas mãos e me posiciono no final do beco, apontando-a para o soldado da Audácia. Meu dedo aperta o gatilho, mas não com força o suficiente para atirar. O homem correndo na minha direção não é um homem, mas um garoto. Um garoto com o cabelo desarrumado e uma ruga entre as sobrancelhas.

Will. Seu olhar é vago e sua mente está vazia, mas mesmo assim é Will. Ele interrompe a corrida e me encara, com os pés fixos no chão e a arma levantada. Imediatamente, vejo seu dedo sobre o gatilho e ouço o som de sua arma sendo engatilhada, e atiro. Meus olhos estão bem fechados. Não consigo respirar.

A bala atingiu sua cabeça. Sei disso porque foi onde eu mirei.

Viro-me sem abrir os olhos e me afasto do beco, cambaleante. Esquina da North com a Fairfield. Preciso conferir a placa de rua para descobrir onde estou, mas não consigo lê-la; minha visão está embaçada. Pisco algumas vezes. Estou a apenas alguns metros do prédio onde se encontra o que sobrou da minha família.

Ajoelho-me ao lado da porta. Tobias diria que é tolice fazer qualquer barulho, pois poderia atrair os soldados da Audácia.

Encosto a testa na parede e solto um grito. Depois de alguns segundos, cubro a boca com as mãos para abafar o som e solto outro grito, um grito que se transforma em soluço. A arma cai ruidosamente no chão. Ainda posso ver o Will.

Nas minhas lembranças, ele sorri. Seu lábio está curvado. Seu dentes são retos. Há luz em seus olhos. Ele ri, graceja, mais vivo em minha memória do que eu estou no mundo real. Era ele ou eu. Eu escolhi a mim. Mas me sinto morta também.

+ + +

Esmurro a porta duas vezes, depois mais três vezes e depois mais seis, como a minha mãe disse que eu deveria fazer.

Enxugo as lágrimas do meu rosto. Esta será a primeira vez em que verei meu pai desde que o abandonei e não quero que ele me veja arrasada e soluçando.

A porta se abre e vejo Caleb diante de mim. Fico atordoada ao vê-lo. Ele me encara por alguns segundos, depois me agarra em seus braços, pressionando a mão contra a ferida em meu ombro. Mordo o lábio para reprimir um grito de dor, mas mesmo assim deixo escapar um gemido, e Caleb se afasta repentinamente.

— Beatrice. Meu Deus, você levou um tiro?

— Vamos entrar — digo, com a voz fraca.

Ele passa o dedão sob os olhos, enxugando-os. A porta bate atrás de nós.

A sala está mal iluminada, mas vejo rostos conhecidos, de antigos vizinhos, colegas de escola, companheiros de trabalho do meu pai. Meu pai, que me encara como se eu fosse uma assombração. Marcus. Só de olhar para ele, sinto uma pontada no peito. Tobias...

Não. Não farei isso; não pensarei nele.

— Como você descobriu este lugar? — diz Caleb. — Mamãe encontrou você?

Eu concordo com a cabeça. Também não quero pensar na minha mãe.

— Meu ombro — digo.

Agora que estou segura, a adrenalina que me ajudou a chegar até aqui está diminuindo e a dor está piorando. Eu caio de joelhos. A água pinga da minha roupa sobre o chão de cimento. Um soluço surge dentro de mim, desesperado para ser liberado, e eu o engulo de volta.

Uma mulher chamada Tessa, que vivia na nossa rua, desenrola uma esteira para mim. Ela era casada com um membro do conselho, mas não o vejo aqui. Ele provavelmente está morto.

Outra pessoa traz uma luminária de um canto da sala até o outro, para que tenhamos luz. Caleb pega um kit de primeiros socorros e Susan traz uma garrafa de água para mim. Não há lugar melhor para precisar de ajuda do que um recinto cheio de membros da Abnegação. Eu olho para Caleb. Ele está usando roupas cinza novamente. A lembrança dele no complexo da Erudição parece ter sido apenas um sonho agora.

Meu pai vem até mim, coloca meu braço sobre seus ombros e me ajuda a atravessar o quarto.

— Por que você está molhada? — pergunta Caleb.

— Eles tentaram me afogar — respondo. — Por que você está aqui?

— Fiz o que você pediu. O que mamãe pediu. Eu pesquisei o soro de simulação e descobri que a Jeanine estava desenvolvendo transmissores de longa distância para que seu alcance fosse maior, o que me levou a descobrir informações a respeito da Erudição e da Audácia... de qualquer maneira, eu abandonei a iniciação quando descobri o que estava acontecendo. Eu queria avisar você, mas já era tarde demais — diz ele. — Sou um sem-facção agora.

— Não, você não é — diz meu pai severamente. — Você está conosco.

Ajoelho-me na esteira e Caleb corta um pedaço da minha camisa com uma tesoura médica. Ele retira o pedaço quadrado de tecido, revelando primeiro a tatuagem da Abnegação no meu ombro direito, depois os três pássaros na

minha clavícula. Caleb e meu pai encaram as duas tatuagens com o mesmo olhar de fascinação e susto, mas não dizem nada a respeito.

Deito-me de barriga para baixo. Caleb aperta minha mão contra a sua enquanto meu pai pega o soro antisséptico do kit de primeiros socorros.

— Você já retirou balas de alguém alguma vez na vida? — pergunto, com uma risada trêmula por trás da minha voz.

— Você ficaria surpresa com as coisas que eu sei fazer — responde ele.

Eu poderia me surpreender com muitas coisas a respeito dos meus pais. Penso na tatuagem da minha mãe e mordo o lábio.

— Isso irá doer — diz ele.

Não vejo a faca entrando, mas sinto. A dor se espalha pelo meu corpo e grito por entre dentes cerrados, esmagando a mão de Caleb. Por trás do meu grito, ouço a voz do meu pai me pedindo para relaxar as costas. Lágrimas escorrem dos cantos dos meus olhos e sigo sua ordem. A dor começa novamente e sinto a faca mexendo-se sobre a minha pele, e continuo gritando.

— Consegui — diz ele. E solta algo no chão, que faz um som metálico.

Caleb olha para meu pai, depois para mim e então solta uma risada. Faz tanto tempo que não o ouço rir que o som faz com que eu chore.

— Qual é a graça? — digo, fungando.

— Pensei que nunca mais veria a gente juntos novamente — diz ele.

Meu pai limpa a pele ao redor da ferida com algo gelado.

— Hora de costurar — fala.

Faço que sim com a cabeça. Ele passa o fio na agulha com tanta facilidade que parece já ter feito isso um milhão de vezes.

— Um — começa ele —, dois... *três.*

Eu contraio a mandíbula e me mantenho quieta desta vez. De todas as dores que senti hoje, desde a dor de levar um tiro, quase morrer afogada e retirar a bala, à dor de encontrar e perder minha mãe e Tobias, esta é a mais fácil de suportar.

Meu pai termina de suturar a ferida, dá um nó no fio e cobre os pontos com um curativo. Caleb me ajuda a sentar e separa as bainhas de suas duas camisas, tirando a de manga comprida e oferecendo-a para mim.

Meu pai me ajuda a passar o braço direito pela manga da camisa, e a gola pela minha cabeça. Ela é larga e tem um cheiro fresco, o cheiro do Caleb.

— E então — diz meu pai suavemente. — Onde está sua mãe?

Eu abaixo a cabeça. Não quero dar-lhe a notícia. Não queria nem saber dela eu mesma.

— Ela se foi — digo. — Ela me salvou.

Caleb fecha os olhos e respira fundo.

A expressão do meu pai é de dor, mas ele rapidamente se recompõe, desviando os olhos úmidos e acenando com a cabeça.

— Isso é bom — diz ele, com a voz contida. — É uma boa morte.

Se eu falar agora, irei me descontrolar, e não posso fazer isso agora. Então, apenas aceno de volta.

Eric disse que o suicídio de Al foi um ato de coragem, mas ele estava errado. A morte da minha mãe foi um ato de coragem. Lembro o quão calma e determinada ela estava. Não foi corajosa apenas por ter morrido por mim; foi corajosa por ter feito isso sem dizer nada, sem hesitar e sem ter aparentado considerar outra opção.

Meu pai me ajuda a levantar. Agora é hora de encarar os outros que estão ali. Minha mãe me pediu que os salvasse. Por isso e por que sou da Audácia, é minha responsabilidade liderá-los. Mas não tenho ideia de como assumir essa responsabilidade agora.

Marcus se levanta. A imagem dele atingindo meu braço com um cinto invade minha mente quando o vejo, e meu peito aperta.

— Não estaremos seguros aqui por muito tempo — diz Marcus finalmente. — Precisamos sair da cidade. Nossa melhor opção é alcançar o complexo da Amizade e esperar que eles nos acolham. Você sabe alguma coisa a respeito da estratégia da Audácia, Beatrice? Eles irão parar de lutar à noite?

— Isso não tem nada a ver com a estratégia da Audácia — digo. — Tudo isso foi bolado pela Erudição. E eles não estão exatamente dando ordens.

— Não estão dando ordens? — diz meu pai. — O que você quer dizer com isso?

— O que eu estou tentando dizer é que noventa por cento da Audácia agora é composta de sonâmbulos — digo. — Eles estão em uma simulação e não sabem o que estão fazendo. O único motivo para eu não estar como eles é que eu sou... — Hesito antes de terminar a frase. — O controle mental não me afeta.

— Controle mental? Então eles não sabem que estão matando pessoas? — pergunta meu pai, com os olhos arregalados.

— Não.

— Isso é... terrível. — Marcus balança a cabeça. O tom solidário de sua voz soa falso para mim. — Imagina quando eles acordarem e descobrirem o que fizeram...

O silêncio toma conta da sala, provavelmente enquanto os membros da Abnegação se imaginam no lugar dos soldados da Audácia, e é aí que eu me dou conta do que devemos fazer.

— Precisamos acordá-los — digo.

— O quê?

— Se nós acordarmos os membros da Audácia, eles provavelmente se revoltarão quando descobrirem o que está acontecendo — explico. — A Erudição não terá mais um exército. Os membros da Abnegação não serão mais assassinados. Tudo isso irá terminar.

— Não será tão simples assim — diz meu pai. — Mesmo sem a Audácia para ajudá-los, a Erudição encontrará outra maneira de...

— E como iremos acordá-los? — pergunta Marcus.

— Encontramos os computadores que controlam a simulação e destruímos os dados — digo. — O programa. Tudo.

— Isso é mais difícil do que parece — diz Caleb. — Ele poderia estar em qualquer lugar. Não podemos simplesmente ir até o complexo da Erudição e começar a vasculhar tudo.

— Ele está... — Franzo as sobrancelhas. Jeanine. Jeanine estava falando algo importante quando eu e Tobias entramos em seu escritório. Importante o bastante para desligar o telefone assim que chegamos. *Não podemos simplesmente deixá-lo desprotegido*. E, então, quando ela estava mandando Tobias embora: *enviem-no para a sala de controle.* A sala de controle onde Tobias costumava trabalhar. Com os monitores de segurança da Audácia. E os computadores da Audácia.

— Ele está na sede da Audácia — digo. — Faz sentido. É lá que todos os dados a respeito dos membros da Audácia estão armazenados, então por que não controlar eles de lá?

Percebo vagamente que eu usei a palavra *eles*. Desde ontem, me tornei tecnicamente um membro da Audácia, mas não me sinto um. Também não sou da Abnegação.

— Você tem certeza? — pergunta meu pai.

— É um palpite informado, e é a melhor teoria que eu posso oferecer agora.

— Então, precisamos decidir quem vai e quem segue até a Amizade — fala ele. — De que tipo de ajuda você vai precisar, Beatrice?

A pergunta me surpreende, assim como a expressão em seu rosto. Ele me encara como uma igual. Ele se dirige a mim como uma igual. Ou ele aceitou o fato de que eu agora sou uma adulta, ou aceitou o fato de que não sou mais sua filha. A segunda opção é a mais provável, e a mais dolorosa.

— Qualquer um que saiba e esteja disposto a disparar uma arma — digo —, e que não tenha medo de altura.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

AS FORÇAS DA Erudição e da Audácia estão concentradas no setor da Abnegação, então, se conseguirmos escapar dele, teremos menos chances de encontrar dificuldades.

Não cheguei a decidir quem viria comigo. Caleb foi uma escolha óbvia, já que ele conhece boa parte do plano da Erudição. Marcus insistiu em vir, apesar da minha oposição, porque ele é bom com computadores. E meu pai agiu como se seu lugar no grupo já estivesse implícito desde o princípio.

Observo por alguns segundos os outros correrem na direção contrária, em direção à Amizade e à segurança, depois me viro, em direção à cidade e à guerra. Encontramo-nos ao lado dos trilhos do trem, que nos levarão até o perigo.

— Que horas são? — pergunto a Caleb.

Ele confere o relógio.

— Três e doze.

— Ele vai passar a qualquer instante.

— Ele vai parar? — pergunta ele.

Balanço a cabeça.

— Ele passa devagar pela cidade. Nós seguiremos o vagão por alguns metros, depois subiremos nele.

Pular para dentro de trens em movimento parece algo fácil para mim agora, natural. Não será tão fácil para os outros, mas não podemos parar agora. Eu olho para trás e vejo os faróis brilhando, dourados, em meio ao cinza dos prédios e das ruas. Faço um pequeno aquecimento com as pernas enquanto as luzes dos faróis aumentam cada vez mais, e então o vagão dianteiro passa por mim, e começo a correr. Assim que vejo um vagão aberto,

acelero o passo para me manter ao lado dele e seguro a barra de metal à minha esquerda, lançando o corpo para dentro.

Caleb pula, caindo com força no chão e rolando o corpo para o lado para entrar, depois ajuda Marcus. Meu pai cai de barriga no chão, depois puxa as pernas para dentro. Eles se afastam da porta, mas eu me mantenho na beirada, com uma mão segurando a barra, assistindo à cidade passar por mim.

Se eu fosse Jeanine, mandaria a maior parte dos soldados da Audácia para a entrada acima do Fosso, no prédio de vidro. Seria mais inteligente entrar pela porta de trás, que requer que saltemos do topo de um prédio.

— Imagino que agora você se arrependa de ter escolhido a Audácia — diz Marcus.

Fico surpresa de não ter sido meu pai a dizer isso, mas ele, como eu, está assistindo a cidade passar. O trem passa pelo complexo da Erudição, que está escuro agora. O lugar parece tranquilo a distância, e deve estar tudo tranquilo mesmo dentro das suas paredes, distantes do conflito e da realidade que seus membros causaram.

Eu balanço a cabeça.

— Nem mesmo após os líderes da sua facção decidirem se juntar a uma conspiração para derrubar o governo? — pergunta Marcus rispidamente.

— Eu precisava aprender algumas coisas.

— Como ser corajosa? — diz meu pai suavemente.

— Como ser altruísta — digo. — As duas qualidades muitas vezes são a mesma coisa.

— É por isso que você tatuou o símbolo da Abnegação no ombro? — Caleb pergunta. Estou quase certa de que vejo o traço de um sorriso no semblante do meu pai.

Eu também esboço um sorriso e aceno com a cabeça.

— E o da Audácia no outro.

+ + +

O prédio de vidro acima do Fosso reflete a luz do sol que bate em meus olhos. Eu estou em pé, segurando a barra ao lado da porta para manter o equilíbrio. Estamos quase lá.

— Quando eu disser para vocês pularem — digo —, pulem, o mais longe que conseguirem.

— Pular? — pergunta Caleb. — Estamos a sete andares de altura, Tris.

— Até um telhado... — continuo. Ao ver seu olhar de espanto, explico: — É isso o que eles chamam de teste de coragem.

Boa parte da coragem depende da perspectiva. Na primeira vez em que fiz isso, foi uma das coisas mais difíceis que eu já havia feito na vida. Agora, me preparar para saltar de um trem em movimento me parece algo insignificante, porque fiz coisas mais difíceis nas últimas semanas do que a maioria das pessoas farão em todas as suas vidas. Mesmo assim, nada disso se compara ao que estou prestes a fazer no complexo da Audácia. Se eu sobreviver, provavelmente farei coisas ainda mais difíceis no futuro, como viver sem uma facção, algo que nunca imaginei que fosse possível.

— Pai, vá você primeiro — digo, dando um passo para trás para ele poder se aproximar da beirada. Se ele e Marcus forem primeiro, posso calcular o tempo para que eles saltem da distância mais curta. Se tudo der certo, eu e Caleb conseguiremos pular longe o bastante para conseguir também, já que somos mais jovens. É um risco que preciso assumir.

O trem faz uma curva e, quando ele se alinha à beirada do prédio, eu grito:

— Pule!

Meu pai dobra os joelhos e se lança para a frente. Eu não espero para ver se ele conseguiu. Empurro Marcus para a frente e grito:

— Pule!

Meu pai aterrissa no telhado, tão perto da beirada que fico sem ar. Ele se senta sobre os cascalhos, e empurro Caleb para a frente. Ele caminha até a

beirada do vagão e salta sem que eu tenha que pedir. Dou alguns passos para trás para ter espaço para pegar impulso e me lanço para fora do carro logo que o trem alcança o final do telhado.

Por um instante, fico suspensa no vazio, depois, meus pés se chocam no cimento e eu caio para o lado oposto da beirada do telhado. Meus joelhos doem, e o impacto faz meu corpo estremecer e meu ombro latejar. Eu me sento, com a respiração pesada, e olho para o resto do telhado. Caleb e meu pai estão na beirada, com as mãos agarradas aos braços de Marcus. Ele não alcançou o telhado, mas também não caiu.

Alguma parte maligna dentro de mim torce: *caia, caia, caia*.

Mas ele não cai. Meu pai e Caleb o puxam para cima. Eu me levanto, limpando os cascalhos da calça. Pensar no que faremos a seguir me preocupa. Uma coisa é pedir para que pessoas pulem de um trem, e outra do telhado de um prédio.

— O que faremos a seguir é o motivo pelo qual perguntei se vocês têm medo de altura — digo, caminhando até a beirada do telhado. Ouço o som confuso dos seus passos atrás de mim e subo na mureta sobre a beirada. O vento atinge a lateral do prédio e afasta o tecido da camisa da minha pele. Eu olho para baixo, encarando o buraco no chão sete andares abaixo de mim, depois fecho os olhos enquanto o vento atinge meu rosto.

— Há uma rede no fundo — digo, olhando para trás. Eles parecem confusos. Ainda não entenderam o que estou pedindo que eles façam.

— Não pensem. Apenas pulem.

Eu me viro e, ao fazer isso, inclino o corpo para trás, desequilibrando-o. Desabo como uma pedra, com os olhos fechados e um dos braços esticados para sentir o vento. Relaxo os músculos o máximo possível antes de atingir a rede, que parece uma barra de cimento contra meu ombro. Eu cerro os dentes e rolo o corpo até a beirada, agarrando a barra de metal que sustenta a rede e lançando a perna para fora. Caio de joelhos na plataforma, com lágrimas embaçando meus olhos.

Caleb solta um grito curto, enquanto a rede se estende sob seu corpo, depois volta à posição original. Eu me levanto com certa dificuldade.

— Caleb! — sussurro. — Aqui!

Com a respiração pesada, Caleb se arrasta até a beirada da rede e joga o corpo para fora, atingindo a plataforma com força. Com uma careta de dor, ele se levanta com dificuldade e me encara, boquiaberto.

— Quantas vezes... você... já fez isso? — pergunta ele, arfando.

— Contando com esta, duas — respondo.

Ele balança a cabeça.

Quando meu pai atinge a rede, Caleb o ajuda a sair. Ao se levantar na plataforma, ele inclina o corpo para fora e vomita. Eu desço a escada e, ao terminar, ouço Marcus atingindo a rede e soltando um grunhido.

A caverna está vazia e os corredores se estendem em direção à escuridão.

Pelo que Jeanine disse, não há mais ninguém no complexo da Audácia além dos soldados que ela mandou de volta para vigiar os computadores. Se conseguirmos encontrar os soldados da Audácia, encontraremos os computadores. Eu olho para trás. Marcus está parado sobre a plataforma, branco como um fantasma, mas inteiro.

— Então, este é o complexo da Audácia — diz.

— Sim — falo. — E daí?

— E daí que eu nunca pensei que o conheceria — responde ele, passando a mão em uma das paredes. — Não precisa ser tão defensiva, Beatrice.

Eu nunca havia percebido que seus olhos eram tão frios.

— Você tem algum plano, Beatrice? — diz meu pai.

— Tenho. — E eu tenho mesmo. Só não sei quando exatamente o bolei.

Também não sei se ele irá funcionar. Posso contar com alguns fatores: não há muitos membros da Audácia no complexo, eles não costumam ser muito sutis, e eu farei de tudo para pará-los.

Descemos o corredor que leva ao Fosso, que conta com um foco de luz branca a cada três metros. Quando alcançamos o primeiro, ouço o som de um

disparo e me atiro no chão. Alguém deve ter visto a gente. Eu me arrasto até a faixa de escuridão seguinte. A centelha do disparo brilhou no fundo do corredor, perto da porta que leva ao Fosso.

— Estão todos bem? — pergunto.

— Sim — responde meu pai.

— Então, fiquem aqui.

Eu corro até o canto do corredor. Os focos de luz são projetados da parede e, por isso, diretamente abaixo de cada um, há um fiapo de sombra. Sou pequena o bastante para me esconder neles se eu me virar de lado. Posso me esgueirar pelo canto do corredor e surpreender o guarda que atirou em nós antes que ele consiga ter a oportunidade de acertar um tiro no meu cérebro. Talvez.

Uma das coisas que eu devo à Audácia é a minha capacidade de estar sempre preparada para o perigo, o que ajuda a eliminar meu medo.

— Quem quer que esteja aí — grita uma voz —, entregue suas armas e levante as mãos sobre a cabeça!

Eu viro o corpo de lado e encosto as costas contra a parede de pedra. Eu me movimento rapidamente, passando um pé na frente do outro e me esforçando para enxergar à meia-luz. Outro tiro rompe o silêncio. Eu alcanço o último foco de luz e paro por um instante sob a sombra, permitindo que meus olhos se adaptem à escuridão.

Não conseguirei vencer uma luta, mas, se eu me mover rápido o bastante, nem precisarei lutar. Pisando com cuidado, caminho em direção ao guarda que se encontra ao lado da porta. Quando me encontro a poucos metros de distância, percebo que, mesmo na escuridão, *reconheço* o seu cabelo escuro, que está sempre brilhante, e seu nariz comprido com uma haste estreita.

É Peter.

Um calafrio atravessa a minha pele, passando em volta do meu coração, até as profundezas do meu estômago.

Seu rosto está tenso; ele não é um sonâmbulo. Olha ao redor, mas seus olhos vasculham o espaço acima e atrás de mim. A julgar pelo silêncio, ele não pretende negociar conosco; irá nos matar com certeza.

Molho os lábios com a língua, corro os últimos passos e jogo as costas da mão para cima. O golpe atinge seu nariz e ele grita, cobrindo o rosto com as duas mãos. Meu corpo é impulsionado por uma energia nervosa e, enquanto ele se esforça para tentar enxergar o que está acontecendo, eu chuto a sua virilha. Ele cai de joelhos e sua arma desaba no chão. Eu a agarro e encosto o cano na parte de cima da sua cabeça.

— Como você está acordado?

Ele levanta a cabeça e eu engatilho a arma, movendo uma sobrancelha enquanto o encaro.

— Os líderes da Audácia... avaliaram meu histórico e me retiraram da simulação — ele diz.

— Porque eles perceberam que você já tem tendências homicidas e não se importaria em assassinar algumas centenas de pessoas em plena consciência — digo. — Faz sentido.

— Não sou... homicida!

— Nunca conheci alguém da Franqueza que mentisse tanto. — Bato levemente com o cano da arma em sua cabeça. — Onde estão os computadores que controlam a simulação, Peter?

— Você não vai atirar em mim.

— As pessoas costumam superestimar meu caráter — digo baixinho. — Elas pensam que só porque eu sou pequena, ou uma menina ou uma Careta, eu não consigo ser cruel. Mas elas estão erradas.

Miro a arma oito centímetros para a esquerda e atiro em seu braço.

Seus gritos preenchem o corredor. Seu sangue jorra da ferida e ele solta outro grito, encostando a testa no chão. Volto a apontar a arma para sua cabeça, ignorando a pontada de culpa que sinto no peito.

— Agora que você já percebeu o seu erro — digo —, vou lhe dar mais uma chance de me dizer o que quero saber, antes que eu atire em algum lugar pior.

Há ainda mais um fato com o qual eu posso contar: o Peter não é altruísta.

Ele vira a cabeça e me encara com um de seus olhos brilhantes. Seus dentes mordem o lábio inferior e ele exala o ar de maneira trêmula. Depois inala e exala novamente, da mesma maneira.

— Eles estão escutando — diz, rispidamente. — Se você não me matar, eles matarão. Eu só falarei se você me ajudar a sair daqui.

— O quê?

— Me leve... *ai*... com você — diz ele, com uma careta de dor.

— Você quer que eu leve *você*, a pessoa que tentou me matar... *comigo*?

— Quero — grunhe ele. — Se você quiser uma resposta para a sua pergunta.

Parece ser uma escolha, mas não é. Cada minuto que eu gastar encarando Peter, pensando em como ele assombra meus pesadelos e como me fez mal, significa a morte de dezenas de membros da Abnegação nas mãos do exército de sonâmbulos da Audácia.

— Tudo bem — digo, quase engasgada com as palavras. — Tudo bem.

Ouço passos atrás de mim. Segurando a arma com firmeza, olho para trás. Meu pai e os outros caminham em nossa direção.

Meu pai retira sua camisa de manga comprida. Ele está usando uma camiseta cinza por baixo. Ele se ajoelha ao lado do Peter e passa a camisa sob seu braço, amarrando-a firmemente. Ao pressionar o tecido contra o sangue que escorre do braço de Peter, ele olha para mim e diz:

— Você realmente precisava ter atirado nele?

Eu não respondo.

— Às vezes, a dor serve a um bem maior — diz Marcus calmamente.

Na minha cabeça, vejo-o diante de Tobias com um cinto em punho e ouço o eco da sua voz. *Isso é para o seu próprio bem*. Eu o encaro por alguns segundos.

Será que ele realmente acredita nisso? Parece-me algo que alguém da Audácia diria.

— Vamos — digo. — Levante-se, Peter.

— Você quer que ele *caminhe*? — Caleb pergunta. — Você está louca?

— Eu atirei na perna dele? — digo. — Não. Ele vai caminhar. Para onde vamos, Peter?

Caleb ajuda-o a se levantar.

— Para o prédio de vidro — diz ele, com uma careta de dor. — Oitavo andar.

Ele lidera o caminho, atravessando a porta.

Eu entro no Fosso, banhado pelo ronco do rio e pela luz azul do prédio, que está mais vazio agora do que eu jamais havia visto. Passo os olhos pelos seus paredões, procurando algum sinal de vida, mas não vejo nenhum movimento e nenhuma pessoa em meio a escuridão. Mantenho a minha arma na mão e me direciono ao caminho que leva ao teto de vidro. O vazio me faz tremer. Ele me lembra os campos intermináveis dos meus pesadelos com os corvos.

— O que a faz pensar que você tem o direito de atirar em alguém? — diz meu pai, enquanto me segue pelo caminho. Passamos em frente ao estúdio de tatuagens. Onde estará Tori agora? E Christina?

— Agora não é a hora de discutirmos ética — digo.

— Agora é a hora perfeita — diz ele — porque em breve você terá a chance de atirar em outra pessoa, e se você não se der conta de que...

— Me der conta de quê? — pergunto, sem me virar. — De que cada segundo que eu perco significa mais um membro da Abnegação morto e mais um membro da Audácia transformado em assassino? Já me dei conta disso. Agora é a sua vez.

— Há uma maneira certa de fazer as coisas.

— E o que o faz ter tanta certeza de que sabe qual é? — digo.

— Por favor, parem de brigar — interrompe Caleb, com um tom de reprovação. — Temos coisas mais importantes para fazer agora.

Eu continuo subindo, com o rosto quente. Há algumas semanas, eu nunca teria falado com o meu pai desta maneira. Nem há algumas horas. Mas algo mudou quando eles atiraram na minha mãe. Quando eles levaram Tobias.

Ouço meu pai bufando por trás do ruído da corrente de água. Eu havia me esquecido de que ele é mais velho do que eu, de que sua estrutura não consegue mais sustentar o peso de seu corpo.

Antes de subir a escada de metal que atravessa o teto de vidro, espero na escuridão, observando a luz que o sol projeta nas paredes do Fosso. Observo até uma sombra se mover na parede iluminada pelo sol e conto o tempo até que a sombra seguinte apareça. Os guardas fazem as rondas a cada um minuto e meio, ficam parados por vinte segundos, depois seguem adiante.

— Há homens com armas lá em cima. Quando eles me virem, irão tentar me matar — digo ao meu pai, silenciosamente. Eu estudo seus olhos. — Devo permitir que eles façam isso?

Ele me encara por alguns segundos.

— Vá — diz ele. — E que Deus a ajude.

Eu subo as escadas cuidadosamente, parando logo antes que minha cabeça surja no andar de cima. Espero, vendo as sombras se movendo, e, quando uma delas para, subo o resto da escada, aponto minha arma e atiro.

O tiro não atinge o guarda, mas quebra o vidro atrás dele. Atiro novamente, desviando, enquanto balas atingem o chão ao meu redor e produzem ruídos agudos. Ainda bem que o teto de vidro é à prova de balas, ou ele estilhaçaria e eu desabaria para a morte.

Pronto, um guarda a menos. Respiro fundo e mantenho o corpo sob o teto de vidro, levantando apenas a mão acima do vão e olhando através do vidro para localizar meu alvo. Inclino a arma para trás e atiro no guarda que vem correndo em minha direção. A bala o acerta no braço. Por sorte, é o braço com o qual atira, e ele derruba a arma, fazendo com que ela deslize no chão.

Com o corpo tremendo, eu me lanço pelo vão do teto e pego a arma caída antes que ele a alcance. Uma bala passa voando perto da minha cabeça, tão

perto de me atingir que move parte do meu cabelo. Com os olhos arregalados, lanço o braço direito por cima do meu ombro, causando uma dor terrível por todo o meu corpo, e atiro três vezes para trás. Por algum milagre, um dos tiros acerta um guarda. Meus olhos enchem-se incontrolavelmente de lágrimas causadas pela dor no meu ombro. Acabei de arrebentar os pontos da minha ferida. Tenho certeza disso.

Outro guarda está diante de mim. Eu deito no chão, com a barriga para baixo, e aponto as duas armas para ele, com os braços apoiados no vidro. Eu encaro o pequeno ponto preto do tambor da sua arma a distância.

De repente, algo surpreendente acontece. Ele faz um movimento brusco com o queixo para o lado. Está indicando que devo seguir adiante.

Ele deve ser Divergente.

— Tudo limpo! — grito.

O guarda mergulha para dentro da sala de paisagens do medo e desaparece.

Eu me levanto devagar, segurando o braço direito contra o peito. Estou focada em um objetivo. Estou seguindo este caminho e não conseguirei parar, não conseguirei pensar em mais nada, até que eu alcance o final.

Eu entrego uma arma a Caleb e prendo a outra no meu cinto.

— Acho melhor você e Marcus ficarem aqui com *ele* — digo, acenando a cabeça na direção do Peter. — Ele seria apenas um atraso para nós. Certifique-se de que ninguém nos siga.

Espero que ele não entenda o que estou fazendo, mantendo-o aqui para que ele fique seguro, mesmo sabendo que daria a vida para nos ajudar. Se eu subir este prédio, provavelmente não descerei novamente. O máximo que posso esperar é que eu consiga destruir a simulação antes que alguém me mate. Quando será que decidi embarcar nesta missão suicida? Por que será que a decisão não foi mais difícil?

— Não posso ficar aqui enquanto você vai lá e arrisca a vida — diz Caleb.

— Eu preciso que você fique — retruco.

Peter cai de joelhos no chão. Seu rosto está reluzente de suor. Por um instante, quase me sinto mal por ele, mas então me lembro do Edward e do tecido pinicando meus olhos quando meus agressores os vendaram, e o ódio toma o lugar da piedade. Caleb acaba acenando com a cabeça.

Aproximo-me de um dos guardas caídos e pego sua arma, desviando o olhar da ferida que o matou. Minha cabeça lateja. Eu não comi nada; não dormi nada; não solucei ou gritei ou até mesmo parei por um segundo. Mordo o lábio e me direciono aos elevadores na lateral do salão. Oitavo andar.

Quando a porta do elevador se fecha, eu encosto a cabeça no vidro e ouço os apitos a cada andar pelo qual passamos.

Olho para meu pai.

— Obrigado. Por proteger Caleb — diz meu pai. — Beatrice, eu...

O elevador alcança o oitavo andar e a porta se abre. Dois guardas nos esperam com armas em punho e rostos inexpressivos. Meus olhos se arregalam e eu me jogo no chão, de barriga, quando os disparos começam. Ouço o som das balas atingindo o vidro. Os guardas desabam no chão, um ainda vivo e gemendo, o outro se esvaindo rapidamente. Meu pai está parado sobre eles, com a arma apontada para a frente.

Eu me levanto desajeitadamente. Guardas descem correndo pelo corredor a minha esquerda. A julgar pela sincronia dos seus passos, eles são controlados pela simulação. Eu poderia correr pelo corredor à direita, mas, se eles estão vindo da esquerda, então é lá que se encontram os computadores. Jogo-me novamente no chão, entre os guardas que o meu pai acabou de acertar, e permaneço o mais imóvel possível.

Meu pai salta do elevador e desce o corredor à direita correndo, fazendo com que os guardas da Audácia o sigam. Cubro a boca com as mãos para sufocar um grito. O corredor irá terminar.

Tento esconder o rosto para não ver, mas não consigo. Eu olho por detrás das costas do guarda caído. Meu pai atira para trás, contra os guardas que o perseguem, mas ele não é rápido o bastante. Um deles acerta um tiro em sua

barriga, e ele solta um gemido tão alto que eu quase posso senti-lo ressoando em meu peito.

Ele agarra a barriga, batendo com o ombro contra a parede, e atira outra vez e mais outra. Os guardas estão sob o efeito da simulação; eles continuam correndo, mesmo depois que os tiros os acertam, até que seus corações parem, mas não alcançam meu pai. O sangue escorre da mão do meu pai e seu rosto empalidece. Seu último tiro derruba o último guarda.

— Pai — digo. Minha intenção era gritar, mas a palavra sai quase como um chiado.

Ele desliza até o chão. Nossos olhares se encontram como se não existisse qualquer distância entre nós.

Sua boca se abre, como se ele estivesse prestes a dizer algo, mas seu queixo apenas encosta no peito e seu corpo relaxa.

Meus olhos ardem e estou fraca demais para me levantar; o cheiro de suor e sangue me dá náuseas. Tenho vontade de encostar a cabeça no chão e deixar que tudo termine assim. Quero dormir agora e nunca mais acordar.

Mas o que eu disse ao meu pai mais cedo é verdade. A cada segundo que eu gasto, outro membro da Abnegação é assassinado. Só uma coisa me resta no mundo agora: destruir a simulação.

Levanto-me com dificuldade e desço o corredor correndo, virando à direita no final. Só há uma porta na minha frente. Eu a abro.

Deparo-me com uma parede composta inteiramente de monitores, cada um com cerca de trinta centímetros de altura e trinta centímetros de largura. Há dezenas deles, cada um exibindo um local diferente da cidade. A cerca. O Eixo. As ruas no setor da Abnegação, agora repletas de soldados da Audácia. O andar térreo deste edifício, onde Caleb, Marcus e Peter aguardam meu retorno. É uma parede composta de tudo o que eu já vi, tudo o que eu conheço.

Em um dos monitores, há uma linha de códigos. Atravessa o monitor tão rápido que não consigo ler. É a simulação, o código já compilado, uma lista

complicada de comandos que antecipam e direcionam milhares de resultados diferentes.

Em frente a este monitor, há uma cadeira e uma mesa. Um soldado da Audácia está sentado na cadeira.

– Tobias – digo.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

TOBIAS GIRA O PESCOÇO, e seus olhos escuros me encontram. Suas sobrancelhas contraem-se. Ele se levanta. Parece confuso. Ergue a arma.

— Solte sua arma — diz ele.

— Tobias — digo —, você está em uma simulação.

— Solte a arma — repete ele —, ou eu atiro.

Jeanine disse que ele não me reconheceria. Jeanine também disse que a simulação faria com que Tobias confundisse seus amigos com seus inimigos. Ele irá atirar em mim, se precisar.

Coloco a arma no chão, ao lado do meu pé.

— Solte a arma! — grita Tobias.

— Já soltei — digo. Uma voz baixinha na minha cabeça me diz que ele não consegue me ouvir, não consegue me ver e não me reconhece. Labaredas ardem atrás de meus olhos. Não posso ficar parada aqui esperando ele atirar em mim.

Corro em sua direção, agarrando seus pulsos. Sinto seus músculos se contraindo quando ele aperta o gatilho e desvio a cabeça bem a tempo. O tiro acerta a parede atrás de mim. Arquejando, eu acerto um chute em suas costelas e giro seu pulso para o lado o máximo que consigo. Ele derruba a arma.

Não sou capaz de derrotar Tobias em uma luta. Já sei disso. Mas preciso destruir o computador. Eu me atiro em direção à arma, mas antes que consiga tocá-la, ele me agarra e me atira para o lado.

Encaro seus olhos escuros e confusos por um segundo antes de ele acertar um soco no meu queixo. Minha cabeça é lançada para o lado e me encolho para me proteger dele, cobrindo o rosto com as mãos. Não posso cair; se eu

cair ele vai me chutar e isso será pior, bem pior. Chuto a arma para trás com o calcanhar para que ele não consiga alcançá-la e, ignorando a dor no meu queixo, chuto sua barriga.

Ele agarra meu pé e me puxa, fazendo com que eu caia sobre o ombro. A dor faz com que minha visão periférica escureça. Levanto a cabeça e olho para ele. Tobias joga o pé para trás, preparando-se para me chutar, e projeto o meu corpo, ficando de joelhos e esticando o braço para tentar pegar a arma. Não sei o que faria com ela se conseguisse alcançá-la. Não posso atirar nele, não posso atirar nele, não posso. Ele ainda está lá dentro em algum lugar.

Ele agarra meu cabelo e me joga para o lado. Estico o braço para trás e agarro seu punho, mas ele é forte demais, e minha testa se choca contra a parede.

Ele ainda está lá dentro em algum lugar.

— Tobias — digo.

Tenho a impressão de que há um momento de hesitação, em que seu punho afrouxa um pouco enquanto agarra meu cabelo. Eu giro o corpo e dou um coice para trás, acertando sua perna. Quando meu cabelo desliza entre seus dedos, mergulho em direção à arma e meus dedos se fecham em volta do metal frio. Eu me viro e, deitada de costas para o chão, aponto a arma para ele.

— Tobias, eu sei que você está aí dentro em algum lugar.

Mas, se ele estivesse, não começaria a caminhar em minha direção como se fosse realmente me matar desta vez.

Minha cabeça está latejando. Eu me levanto.

— Tobias, por favor. — Estou implorando. Estou agindo de maneira patética. As lágrimas esquentam o meu rosto. — Por favor. Me veja. — Ele caminha em minha direção com movimentos perigosos, rápidos e poderosos. A arma treme em minhas mãos. — Por favor, me veja, Tobias! Por favor!

Até mesmo com esse semblante raivoso, seus olhos parecem pensativos, e eu me lembro da maneira como seus lábios se curvavam quando ele sorria.

Não posso matá-lo. Não tenho certeza de que o amo; não sei se é este o motivo. Mas tenho certeza do que ele faria se ele estivesse no meu lugar, e eu no lugar dele. Tenho certeza de que não há nada que faça valer a pena matá-lo.

Eu já fiz isso antes, na minha paisagem do medo, com uma arma em minha mão e uma voz gritando atrás de mim que eu deveria matar as pessoas que amo. Naquela situação, eu me dispus a morrer, mas não consigo imaginar como isso poderia me ajudar agora. Mas eu apenas sei, tenho *certeza*, de qual é a coisa certa a se fazer.

Meu pai diz, ou costumava dizer, que há poder em sacrificar a si mesmo.

Eu giro a arma em minha mão e a deito sobre a palma da mão de Tobias.

Ele encosta o cano na minha testa. Minhas lágrimas cessaram e eu sinto o ar frio em minhas bochechas. Estico o braço e encosto a mão no seu peito, para que eu consiga sentir seu coração. Ao menos a batida do seu coração ainda é sua.

Ele engatilha a arma. Talvez seja tão fácil deixá-lo atirar em mim quanto foi na minha paisagem do medo ou em meus sonhos. Talvez eu ouça apenas um estouro e as luzes se acendam, e eu me encontre em outro mundo. Eu permaneço parada, esperando.

Será que eu serei perdoada por tudo o que fiz para chegar até aqui?

Eu não sei. Eu não sei.

Por favor.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

O DISPARO NÃO VEM. Ele me encara com a mesma ferocidade, mas permanece imóvel. Por que não atira em mim? Com a palma da mão, sinto seu coração batendo forte. Ele é Divergente. Ele pode lutar contra esta simulação. Contra qualquer simulação.

— Tobias — digo. — Sou eu.

Dou um passo para a frente e o envolvo em meus braços. Seu corpo está rígido. Seu coração bate mais rápido. Consigo senti-lo contra minha bochecha. Um ruído surdo contra minha bochecha. Um ruído surdo da arma caindo no chão. Ele agarra meus ombros com força demais, cravando os dedos na pele sobre o local onde a bala estava enterrada. Eu solto um grito enquanto ele afasta meu corpo. Talvez ele apenas planeje me matar de uma maneira mais cruel.

— Tris — diz ele, e é o Tobias novamente. Sua boca vem de encontro à minha.

Seus braços me envolvem e ele me levanta do chão, apertando meu corpo contra o seu, com as mãos agarradas às minhas costas. Seu rosto e sua nuca estão molhados de suor, seu corpo treme, e meu ombro está ardendo de dor, mas eu não me importo, não me importo, não me importo.

Ele me coloca novamente no chão e me encara, acariciando minha testa, minhas sobrancelhas, minhas bochechas, meus lábios.

Uma mistura de soluço, suspiro e gemido escapa da sua boca e ele me beija outra vez. Seus olhos brilham com lágrimas. Nunca pensei que veria Tobias chorar. A visão dói em mim.

Eu me encosto em seu peito e choro em sua camisa. Minha cabeça volta a latejar, meu ombro volta a doer, e meu corpo parece subitamente pesar o

dobro do que pesava. Eu me apoio nele, e ele me sustenta.

— Como você conseguiu? — digo.

— Não sei — fala ele. — Apenas ouvi a sua voz.

+ + +

Depois de alguns segundos, me lembro do motivo que me trouxe aqui. Eu me afasto dele e enxugo o rosto com as costas das mãos, voltando-me novamente para os monitores. Vejo que um deles filma o bebedouro. Tobias ficou muito paranoico quando eu falei mal da Audácia ali. Ele ficava olhando o tempo todo para a parede sobre o bebedouro. Agora entendo o motivo.

Ficamos parados ali por alguns instantes, e acho que sei o que ele está pensando, porque eu estou pensando a mesma coisa: como é possível algo tão pequeno controlar tantas pessoas?

— Era *eu* que estava controlando a simulação?

— Acho que você estava mais monitorando do que controlando — digo. — Ela já está completa. Não sei como, mas Jeanine a programou para rodar inteiramente sozinha.

Ele balança a cabeça.

— É... incrível. Terrível, maligno... mas incrível — diz ele.

Vejo algo se movimentando em um dos monitores e identifico meu irmão, Marcus e Peter no andar térreo do prédio. Eles estão cercados por soldados da Audácia, todos de preto e armados.

— Tobias — digo rapidamente. — Agora!

Ele corre até o monitor do computador e começa a digitar alguma coisa nele. Não consigo olhar para o que está fazendo. Só consigo olhar para meu irmão. Ele está com a arma que lhe dei apontada para a frente, pronto para atirar. Eu mordo o lábio. *Não atire*. Tobias bate os dedos contra o monitor mais algumas vezes, digitando letras que não fazem o menor sentido para mim. *Não atire*.

Vejo um clarão, uma centelha, de uma das armas, e perco o ar. Meu irmão, Marcus e Peter estão agachados no chão, com as mãos sobre as cabeças. Depois de alguns instantes, todos eles se movem, e eu percebo que estão vivos. Os soldados da Audácia avançam sobre eles. Uma mancha negra ao redor do meu irmão.

— Tobias — digo.

Ele toca o monitor mais uma vez, e todos no andar térreo ficam parados.

Seus braços desabam para o lado de seus corpos.

De repente, os membros da Audácia se movem. Suas cabeças giram de um lado para o outro, e eles soltam as armas no chão, e suas bocas movem-se como se eles estivessem gritando, e eles empurram-se, e alguns deles caem de joelhos no chão, com as mãos na cabeça, balançando os corpos para frente e para trás, para frente e para trás.

Toda a tensão em meu peito se desfaz e eu me sento, soltando um suspiro.

Tobias se agacha perto do computador e retira a lateral da torre.

— Preciso retirar os dados — diz ele —, ou vão simplesmente reiniciar a simulação.

Assisto à confusão que se desenrola no andar térreo pelo monitor. Deve estar ocorrendo a mesma confusão nas ruas. Eu procuro, entre os monitores, algum que mostre o setor da Abnegação. Há apenas um, no canto inferior da sala. Os membros da Audácia que vejo nos monitores estão atirando uns contra os outros, empurrando-se, gritando, em um cenário caótico. Homens e mulheres com roupas pretas desabam no chão. Pessoas correm em todas as direções.

— Consegui — diz Tobias, segurando o disco rígido do computador. É um pedaço de metal com o tamanho aproximado da palma da sua mão. Ele o oferece para mim, e eu o enfio no bolso de trás da minha calça.

— Precisamos ir — digo, levantando-me. Aponto para a tela à minha direita.

— Precisamos mesmo. — Ele sustenta meus ombros com o braço. — Vamos.

Caminhamos juntos e dobramos o corredor. O elevador me lembra de meu pai. Não consigo deixar de procurar seu corpo.

Encontro-o perto do elevador, cercado pelos corpos de vários guardas. Um grito sufocado escapa da minha garganta. Eu viro o rosto. Minha garganta é invadida por bile e vomito na parede.

Por um instante, sinto como se tudo dentro de mim estivesse ruindo, e eu me agacho ao lado de um cadáver, respirando pela boca para não sentir o cheiro de sangue. Cubro a boca com as mãos para abafar um soluço. Só preciso de cinco segundos. Mais cinco segundos de fraqueza e eu me levantarei. Um, dois. Três, quatro.

Cinco.

+ + +

Não tenho muita consciência do que acontece ao meu redor. Sei que há um elevador, um salão de vidro e um sopro de vento frio. Há uma multidão de soldados da Audácia, vestidos de preto e gritando. Procuro o rosto de Caleb, mas não o encontro, até que saímos do prédio de vidro e somos cercados pela luz do sol.

Caleb corre até mim quando atravesso a porta de saída, e eu caio sobre ele. Ele me abraça com força.

— E papai? — pergunta.

Eu apenas balanço a cabeça.

— Bem — diz ele, quase engasgando —, ele gostaria de que fosse assim.

Vejo Tobias atrás do Caleb, parando de repente. Seu corpo inteiro endurece e ele encara Marcus. Na minha pressa em destruir a simulação, esqueci de avisá-lo que Marcus veio junto comigo.

Marcus caminha até Tobias e envolve o filho em seus braços. Tobias continua imóvel, com os braços abaixados e uma expressão apagada. Vejo seu pomo de Adão subir e descer em seu pescoço e seus olhos se voltando para o alto.

— Filho — suspira Marcus.

Tobias faz uma careta.

— Ei — digo, me afastando de Caleb. Lembro-me do cinto queimando o meu pulso na paisagem do medo de Tobias e me coloco entre eles, empurrando Marcus para trás. — Ei. Afaste-se dele.

Sinto a respiração de Tobias no meu pescoço; ele respira de maneira forte e aguda.

— Fique longe dele — digo, com raiva.

— Beatrice, o que você está fazendo? — pergunta Caleb.

— Tris — responde Tobias.

Marcus me lança um olhar escandalizado, que me parece falso. Seus olhos estão arregalados demais e ele abre a boca de uma maneira exagerada. Se conseguisse arrancar-lhe este olhar a tapas, eu o faria.

— Nem todos aqueles artigos da Erudição eram completamente falsos — digo, encarando Marcus com olhos semicerrados.

— Do que você está falando? — diz Marcus baixinho. — Não sei o que você ouviu falar sobre mim, Beatrice, mas...

— Eu só não atirei em você até agora porque acho que seu filho é quem deveria fazer isso — digo. — Mas se você não ficar longe dele, eu decidirei pelo contrário.

As mãos de Tobias deslizam sobre meus braços e me apertam. Marcus mantém seus olhos focados em mim por alguns instantes, mas eu só consigo enxergá-los como cavidades escuras, como na paisagem do medo de Tobias. Então, ele vira o rosto.

— Precisamos ir — diz Tobias de maneira instável. — O trem deve estar passando a qualquer momento.

Caminhamos pelo solo firme em direção aos trilhos. A mandíbula de Tobias está contraída e ele olha diretamente para a frente. Sinto uma pontada de arrependimento. Talvez eu devesse ter deixado ele lidar com o pai sozinho.

— Desculpe — murmuro.

— Você não precisa pedir desculpa — diz ele, segurando minha mão. Seus dedos ainda estão trêmulos.

— Se nós pegarmos o trem na direção oposta, em direção à saída da cidade e não ao centro, chegaremos à sede da Amizade — digo. — É para lá que os outros foram.

— E a Franqueza? — pergunta meu irmão. — O que você acha que eles farão?

Não sei como a Franqueza responderá aos ataques. Eles não se uniriam à Erudição; eles não seriam tão traiçoeiros. Mas talvez se recusem a lutar contra eles.

Ficamos parados ao lado dos trilhos por alguns minutos antes que o trem chegue. Tobias acaba me pegando no colo, porque já não me aguento mais em pé, e eu encosto a cabeça em seu ombro, respirando fundo o cheiro da sua pele. Desde que ele me salvou do ataque no Fosso, eu associo seu cheiro à segurança. Se eu me concentrar nele, conseguirei me sentir segura agora.

Mas a verdade é que não me sentirei inteiramente segura enquanto Peter e Marcus estiverem conosco. Tento não olhar para eles, mas sinto sua presença, como um cobertor cobrindo meu rosto. Por crueldade do destino, sou obrigada a viajar com pessoas que odeio e deixar pessoas que amo para trás, mortas.

Mortas ou acordando como assassinas. Onde estarão Christina e Tori agora? Vagando pelas ruas, perseguidas pela culpa de seus atos? Ou voltando as suas armas contra as pessoas que as obrigaram a praticar estes atos? Ou será que elas também estão mortas? Eu gostaria de saber.

Mas, por um lado, espero nunca descobrir. Se Christina ainda estiver viva, ela encontrará o corpo de Will. E se ela me encontrar novamente, tenho certeza de que seus olhos treinados pela Franqueza irão saber que fui eu que o matei. Tenho certeza disso, e a culpa me sufoca e me oprime, então sou obrigada a esquecer. Eu me esforço para esquecer.

O trem chega, e Tobias me coloca novamente no chão para que eu possa embarcar. Corro por alguns metros ao lado do vagão, depois jogo o corpo

para o lado, aterrissando sobre meu braço esquerdo. Eu me arrasto para dentro e me sento com as costas contra a parede. Caleb senta-se à minha frente e Tobias ao meu lado, formando uma barreira entre mim, Marcus e Peter. Meus inimigos. Seus inimigos.

O trem faz uma curva e vejo a cidade atrás de nós. Ela irá se tornar cada vez menor, até conseguirmos ver o final dos trilhos, nas florestas e nos campos que eu vi pela última vez quando era jovem demais para dar valor. A bondade da Amizade nos acolherá por um tempo, embora não possamos ficar lá para sempre. Em breve, a Erudição e os líderes corruptos da Audácia vão procurar por nós, e teremos que seguir em frente.

Tobias me puxa para perto dele. Nós dobramos os joelhos e os pescoços para nos fecharmos em um pequeno espaço só nosso, sem conseguirmos ver aqueles que nos incomodam, misturando o ar que respiramos.

— Meus pais — digo. — Eles morreram hoje.

Mesmo tendo dito estas palavras e mesmo que eu saiba que elas são verdadeiras, a morte deles não parece real para mim.

— Eles morreram por *mim* — digo. Sinto que isso é algo importante.

— Eles amavam você — responde ele. — Para eles, não havia maneira melhor de demonstrar isso.

Eu concordo com a cabeça, e meus olhos seguem a linha do seu queixo.

— Você quase morreu hoje — diz ele. — Quase atirei em você. Por que você não atirou em mim, Tris?

— Eu não conseguiria. Seria como atirar em mim mesma.

Ele faz uma expressão de sofrimento e se inclina para mais perto de mim, tocando seus lábios levemente nos meus enquanto fala.

— Preciso lhe dizer uma coisa.

Acaricio os tendões da sua mão com os dedos e olho para ele.

— Eu talvez esteja apaixonado por você. — Ele esboça um sorriso. — Mas estou esperando para lhe dizer quando eu tiver certeza.

— É uma decisão sensata — digo, sorrindo de volta. — Precisamos encontrar um papel para que você possa fazer uma lista, uma tabela ou algo assim.

Sinto sua risada contra meu corpo, e ele desliza o nariz em meu queixo, depois encosta os lábios atrás da minha orelha.

— Talvez eu já tenha certeza — diz ele —, mas não queira assustar você.

Eu solto uma pequena risada.

— Até parece que você não me conhece — digo.

— Está bem — diz ele. — Então, eu te amo.

Eu o beijo enquanto o trem entra em um território desconhecido e mal-iluminado. Eu o beijo pela quantidade de tempo que desejo, por mais tempo do que eu deveria, considerando que meu irmão está a menos de um metro de distância.

Enfio a mão no bolso e pego o disco rígido que contém os dados da simulação. Giro-o em minha mão, deixando que a luz tênue do sol reflita sobre ele. Os olhos de Marcus seguem avidamente seu movimento. *Não é seguro*, penso. *Não completamente*.

Aperto o disco rígido contra o peito, encosto a cabeça no ombro de Tobias e tento dormir.

+ + +

A Abnegação e a Audácia estão fragmentadas e seus membros se dispersaram. Somos como os sem-facção agora. Não sei como serão nossas vidas, separadas de uma facção. A sensação é de rompimento, como uma folha separada da árvore que a sustenta. Somos criaturas da perda; deixamos tudo para trás. Não tenho lar, nem caminho, nem certezas. Não sou mais Tris, a altruísta, ou Tris, a corajosa.

Acho que agora terei que me tornar mais do que as duas coisas.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, Deus, por seu Filho e por me abençoar tanto.

Gostaria de agradecer também às seguintes pessoas: Joanna Stampfel-Volpe, minha agente casca-grossa, que trabalhou mais do que qualquer pessoa que eu conheço — sua bondade e generosidade continuam a me surpreender. Molly O'Neill, também conhecida como a Editora das Maravilhas — não sei como você consegue ter um olhar editorial tão afiado e um coração tão grande ao mesmo tempo. Tenho tanta sorte de ter duas pessoas como você e a Joanna ao meu lado.

Katherine Tegen, por administrar um selo editorial tão incrível. Barb Fitzsimmons, Amy Ryan e Joel Tippie, que projetaram uma capa linda e poderosa. Brenna Franzitta, Amy Vinchesi e Jennifer Strada, minha produtora editorial, minha responsável editorial e minha revisora (respectivamente), também conhecidas como as ninjas da gramática/pontuação/formatação — o seu trabalho é tão importante. As fantásticas diretoras publicitárias e de marketing, Suzanne Daghlian, Patty Rosati, Colleen O'Connell e Sandee Roston; Allison Verost, a minha gerente de publicidade; e todo mundo dos departamentos de marketing e de publicidade.

Jean McGinley, Alpha Wong e todo o resto da equipe de *sub-rights*, que possibilitou que o meu livro fosse impresso em mais idiomas do que eu jamais conseguirei ler, e obrigada a todas as editoras internacionais que abriram as suas portas para o meu livro. A equipe de produção de *audiobooks* e *e-books* da HarperMedia, por todo o seu duro trabalho. A equipe genial de vendas, que se dedicou tanto ao meu livro, e que, pelo que eu ouvi falar, nutre um amor tão grande pelo Quatro quanto eu. E todo o resto da equipe da HarperCollins, que apoiou o meu livro — é necessário um mundo de pessoas

para fazer o que vocês fazem, e eu me sinto muito feliz em fazer parte deste mundo.

Nancy Coffey, a lendária agente literária, por acreditar no meu livro e por me receber tão bem. Pouya Shahbazian, por ser um gênio dos direitos cinematográficos e por apoiar o meu vício em *Top Chef*. Shauna Seliy, Brian Bouldrey e Averill Curdy, meus professores, por me ajudarem a melhorar tanto a minha escrita. Jennifer Wood, minha companheira de escrita, por suas habilidades profissionais em *brainstorming*. Sumayyah Daud, Veronique Pettingill, Kathy Bradey, Debra Driza, Lara Erlich e Abigail Schmidt, minhas leitoras beta, por todas as suas sugestões e o seu entusiasmo. Nelson Fitch, por tirar a minha foto e me apoiar tanto.

Meus amigos, que me apoiam mesmo quando eu estou mal-humorada e antissocial. Mike, por me ensinar muito a respeito da vida. Ingrid e Karl, a minha irmã e o meu irmão, por me guiarem em momentos difíceis — o seu apoio significa mais para mim do que vocês imaginam. E Barbara, a minha mãe, que me incentivou a escrever, mesmo antes que qualquer um de nós soubesse que isso daria em alguma coisa.

Título Original
DIVERGENT

Copyright © 2011 *by* Veronica Roth

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com a HarperCollins Children's Books, uma divisão da HarperCollins Publishers

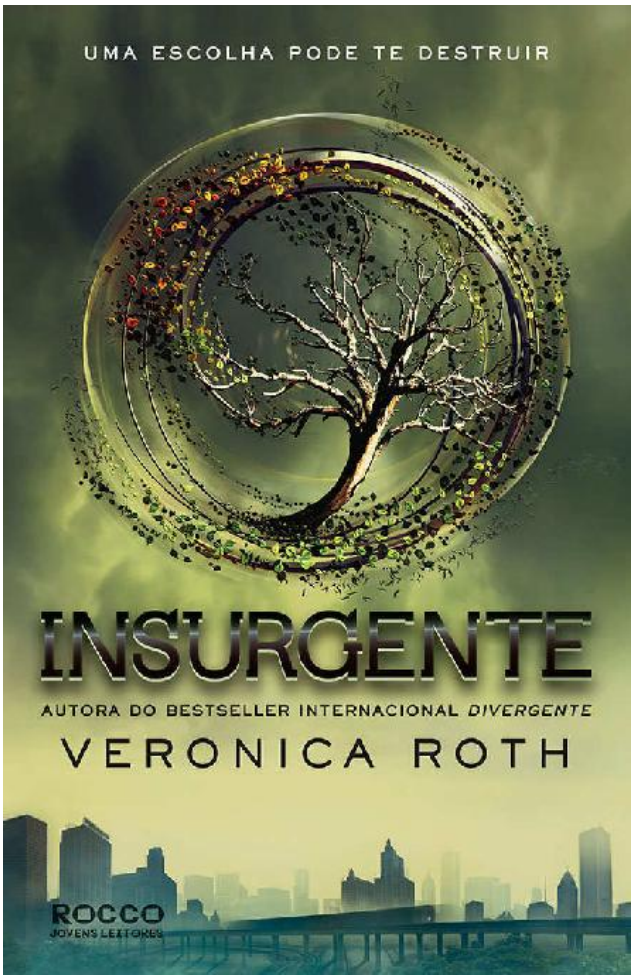
Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos Leitores

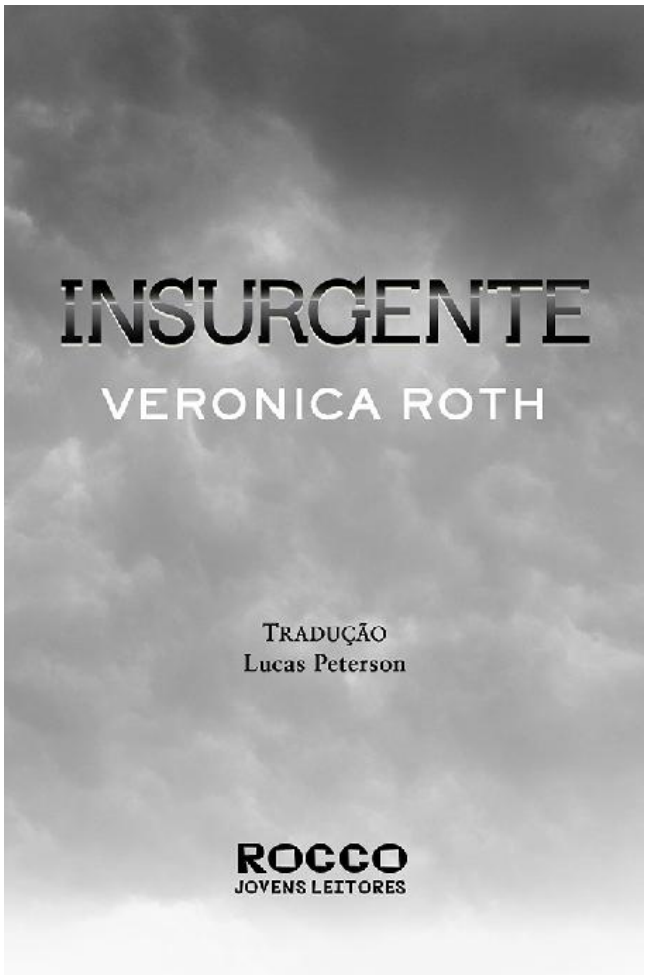
Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
AUGUSTO CARAZZA

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI


UMA ESCOLHA PODE TE DESTRUIR
INSURGENTE
AUTORA DO BESTSELLER INTERNACIONAL *DIVERGENTE*
VERONICA ROTH
ROCCO
JOVENS LEITORES


INSURGENTE
VERONICA ROTH
TRADUÇÃO
Lucas Peterson
ROCCO
JOVENS LEITORES

Para Nelson,
que fez valer a pena cada risco.

Como um animal selvagem, a verdade é poderosa demais para ser mantida aprisionada.

– Do manifesto da Franqueza

CAPÍTULO UM

ACORDO COM O nome dele na boca.

Will.

Antes de abrir os olhos, vejo-o desabar sobre o asfalto novamente. Morto.

Pelas minhas mãos.

Tobias se agacha na minha frente, apoiando a mão sobre meu ombro esquerdo. O vagão do trem chacoalha sobre os trilhos, e Marcus, Peter e Caleb estão de pé ao lado da porta. Respiro fundo e prendo o ar, tentando aliviar parte da pressão acumulada em meu peito.

Uma hora atrás, nada do que aconteceu me parecia real. Mas agora parece.

Solto a respiração, mas a pressão continua.

— Tris, vamos — diz Tobias, encarando os meus olhos. — Precisamos pular.

Está escuro demais para ver onde estamos, mas, se vamos saltar do trem, devemos estar perto da cerca. Tobias me ajuda a levantar e me guia em direção à porta.

Os outros saltam, um de cada vez: primeiro Peter, depois Marcus e, em seguida, Caleb. Seguro a mão de Tobias. O vento aumenta quando nos aproximamos da beirada da porta do vagão, como uma mão empurrando-me para trás, para a segurança.

Mesmo assim, nos lançamos em direção à escuridão e aterrissamos com força. O impacto faz meu ombro ferido doer. Mordo o lábio para evitar gritar e procuro meu irmão.

— Você está bem? — pergunto, ao encontrá-lo sentado na grama a alguns metros de mim, esfregando o joelho.

Ele assente. Ouço-o fungar, como se estivesse tentando conter as lágrimas, e sou obrigada a desviar os olhos para não vê-lo chorar.

Aterrissamos na grama perto da cerca, a vários metros da estrada gasta pela qual viajam os caminhões da Amizade quando trazem comida para a cidade, e longe do portão que permite que eles saiam. O portão está trancado, prendendo-nos do lado de dentro. A cerca gigante barra nosso caminho, alta e flexível demais para ser escalada, e firme demais para ser derrubada.

— Deveria haver guardas da Audácia aqui — diz Marcus. — Onde eles estão?

— Provavelmente estavam sob o efeito da simulação — diz Tobias —, e agora estão...

Ele se cala por um instante.

— Sabe-se lá onde, fazendo sabe-se lá o quê.

Interrompemos a simulação. O peso do disco rígido no meu bolso de trás não me deixa esquecer. Mas não esperamos para ver o que se passou depois. O que será que aconteceu com nossos amigos, nossos companheiros, nossos líderes, nossas facções? Não há como saber.

Tobias se aproxima de uma pequena caixa de metal do lado direito do portão e a abre, revelando um teclado.

— Espero que a Erudição não tenha pensado em trocar a senha — diz ele enquanto digita uma série de números. Ele para no oitavo número e a tranca do portão abre.

— Como você sabia a senha? — pergunta Caleb. Sua voz está carregada de emoção, tanta emoção que fico surpresa por ele não se engasgar.

— Trabalhei na sala de controle da Audácia, monitorando o sistema de segurança. Só modificamos as senhas duas vezes por ano — diz Tobias.

— Sorte a nossa — diz Caleb. Ele encara Tobias de maneira cautelosa.

— Não tem nada a ver com sorte — diz Tobias. — Eu só trabalhava lá porque queria ter certeza de que conseguiria fugir um dia.

Sinto um calafrio. Ele fala em fugir como se acreditasse que nós estamos presos. Eu nunca havia pensado dessa maneira, o que agora parece uma tolice.

Caminhamos em um grupo pequeno, com Peter apertando seu braço sangrento contra o peito, o braço no qual atirei, e Marcus com a mão no ombro dele, mantendo-o estável. Caleb enxuga as bochechas toda hora e eu sei que está chorando, mas não sei como confortá-lo, nem por que não estou chorando também.

Em vez de chorar, assumo a liderança do grupo, com Tobias andando silenciosamente ao meu lado, e, embora não esteja tocando em mim, ele me dá apoio.

+ + +

O primeiro sinal de que estamos nos aproximando da sede da Amizade são os pontinhos de luz que vemos. Depois, as luzes transformam-se em janelas acesas. Um amontoado de construções de madeira e vidro.

Para alcançá-las, precisamos atravessar um pomar. Meus pés afundam no solo e, sobre a minha cabeça, os galhos se entrelaçam, formando uma espécie de túnel. Há frutas escuras penduradas entre as folhas, prontas para cair. O cheiro pungente e doce de maçãs apodrecendo mistura-se ao odor da terra molhada.

Ao nos aproximarmos, Marcus deixa o lado de Peter e assume a liderança do grupo.

— Sei para onde devemos ir — diz.

Ele nos guia, passando direto pelo primeiro edifício, em direção ao segundo, à esquerda. Todos os edifícios, exceto as estufas, são construídos com a mesma madeira escura, crua e áspera. Ouço risadas saindo de uma janela aberta. O contraste entre as risadas e a imobilidade fria dentro de mim é gritante.

Marcus abre uma das portas. A falta de segurança seria chocante, se não se tratasse da sede da Amizade. Eles costumam ultrapassar o limite entre confiança e estupidez.

Nesse prédio, o único som que consigo ouvir é o ranger dos nossos sapatos contra o chão. Não ouço mais o choro de Caleb, mas ele já não estava mesmo fazendo muito barulho.

Marcus para em frente a uma sala espaçosa, onde Johanna Reyes, representante da Amizade, está sentada, olhando por uma janela. Eu a reconheço porque é difícil esquecer seu rosto, quer você o tenha visto uma ou mil vezes. Uma cicatriz se estende, em uma linha grossa, desde a parte imediatamente acima da sua sobrancelha direita até o lábio, cegando um dos olhos e fazendo com que ela ceceie ao falar. Só a ouvi falar uma vez, mas me lembro bem. Ela seria uma mulher linda, não fosse pela cicatriz.

— Graças a Deus! — exclama ela ao ver Marcus. Caminha em sua direção com os braços abertos. Mas, em vez de abraçá-lo, apenas toca seus ombros, como se lembrasse que os membros da Abnegação não gostam de contatos físicos desnecessários.

— Os outros membros do seu grupo chegaram há algumas horas, mas não sabiam ao certo se vocês haviam sobrevivido — conta ela. Está se referindo ao grupo da Abnegação que estava com meu pai e Marcus no esconderijo. Eu havia esquecido completamente de me preocupar com eles.

Ela volta sua atenção para o grupo atrás de Marcus. Primeiro para Tobias e Caleb, depois para mim e por último para Peter.

— Nossa — diz ela, olhando fixamente para o sangue que encharca a camisa de Peter. — Vou chamar um médico. Posso permitir que vocês passem a noite aqui, mas amanhã a nossa comunidade terá que tomar uma decisão em conjunto. E... — ela olha para mim e para Tobias — ... eles provavelmente não ficarão muito felizes com a presença da Audácia em nosso complexo. Peço, é claro, que vocês entreguem quaisquer armas que possam estar carregando.

Pergunto-me, de repente, como ela pode ter tanta certeza de que sou da Audácia. Ainda estou usando uma camisa cinza. A camisa do meu pai.

De repente, o cheiro da camisa, de sabonete e suor, sobe e preenche meu nariz, preenche todo o meu corpo com a sua presença. Cerro os punhos com

tanta força que minhas unhas ferem minhas mãos. *Aqui não. Aqui não.*

Tobias entrega sua arma, mas, quando levo a mão às costas para pegar a arma que estou escondendo, ele a segura e a afasta. Em seguida, entrelaça seus dedos nos meus, para disfarçar o que fez.

Sei que é uma boa ideia manter uma das nossas armas. Mas, mesmo assim, seria um alívio entregá-la.

— Meu nome é Johanna Reyes — apresenta-se ela, apertando a minha mão e depois a de Tobias. Um cumprimento da Audácia. Seu conhecimento dos costumes de outras facções é impressionante. Sempre me esqueço do quão atenciosas as pessoas da Amizade são, até que as encontro.

— Este é To... — Marcus começa a dizer, mas Tobias o interrompe:

— Meu nome é Quatro — diz ele. — Estes são Tris, Caleb e Peter.

Até alguns dias atrás, entre os integrantes da Audácia, "Tobias" era um nome que apenas eu conhecia; um pedaço dele que ele havia me dado de presente. Fora da sede da Audácia, lembro-me do motivo que o levou a esconder esse nome do mundo. O nome representa uma ligação com Marcus.

— Sejam bem-vindos ao complexo da Amizade. — Os olhos de Johanna fixam-se em meu rosto, e ela dá um sorriso torto. — Por favor, permitam que nós cuidemos de vocês.

+ + +

E nós permitimos. Uma enfermeira da Amizade me oferece uma pomada desenvolvida pela Erudição a fim de acelerar a cicatrização para passar no ombro, depois leva Peter à ala hospitalar para tratar do braço. Johanna nos leva até o refeitório, onde encontramos alguns dos membros da Abnegação que estavam no abrigo com Caleb e meu pai. Susan está lá, junto com alguns dos nossos antigos vizinhos, em fileiras de mesas de madeira que se estendem por todo o salão. Eles nos cumprimentam, especialmente a Marcus, com lágrimas contidas e sorrisos reprimidos.

Agarro-me ao braço de Tobias. Curvo-me sob o peso dos membros da facção dos meus pais, das suas vidas e das suas lágrimas.

Um dos membros da Abnegação coloca um copo de líquido fumegante sob meu nariz e diz:

— Beba isto. Ajudará você a dormir, assim como ajudou alguns dos outros aqui. Sem sonhos.

O líquido tem um tom vermelho rosado, da cor de morangos. Agarro o copo e bebo rapidamente. Por alguns segundos, o calor do líquido faz com que eu me sinta como se ainda houvesse algo dentro de mim. À medida que tomo as últimas gotas do copo, sinto o corpo relaxar. Alguém me guia por um corredor, até um quarto com uma cama. E isso é tudo.

CAPÍTULO DOIS

ABRO OS OLHOS, apavorada, agarrando os lençóis. Mas não estou correndo pelas ruas da cidade ou pelos corredores da sede da Audácia. Estou deitada em uma cama, na sede da Amizade, e há um cheiro de serragem no ar.

Viro o corpo e contraio o rosto quando sinto algo espetando minhas costas. Levo as mãos às costas e meus dedos envolvem a arma.

Por um instante, vejo Will de frente para mim, e nós apontamos nossas armas um para o outro. *Sua mão. Eu poderia ter atirado em sua mão. Por que não fiz isso? Por quê?* Quase grito seu nome.

De repente, ele se vai.

Levanto-me da cama e ergo o colchão com uma só mão, depois o apoio em meu joelho. Coloco a arma sob o colchão e deixo que ele a esconda. Quando não vejo mais a arma, nem a sinto mais contra a minha pele, consigo pensar com mais clareza.

Agora que a onda de adrenalina de ontem passou, assim como o efeito do líquido desconhecido que me fez dormir, a dor profunda e lacerante no meu ombro está muito forte. Visto as mesmas roupas de ontem à noite. A ponta do disco rígido escapa de debaixo do travesseiro, onde eu o enfiei logo antes de cair no sono. Dentro do disco estão armazenados os dados que controlavam os membros da Audácia e os registros do que a Erudição fez. O disco parece tão importante que eu mal consigo tocá-lo, mas não posso deixá-lo ali, então o agarro e o enfio entre a cômoda e a parede. Parte de mim acredita que seria uma boa ideia destruí-lo, mas sei que ele contém o único registro da morte dos meus pais, então decido mantê-lo escondido.

Alguém bate à minha porta. Sento-me na beirada da cama e tento ajeitar o cabelo.

— Pode entrar — digo.

A porta se abre e Tobias coloca metade do corpo para dentro. Ele está usando a mesma calça jeans de ontem, mas veste uma camiseta vermelho-escura no lugar da preta, que provavelmente pegou emprestada de alguém da Amizade. A cor fica estranha nele, viva demais, mas, quando ele apoia a cabeça no batente da porta, vejo que ela torna o azul dos seus olhos mais claro.

— Os membros da Amizade vão se reunir daqui a meia hora. — Ele contrai as sobrancelhas e diz, em um tom dramático: — *Para decidir o nosso destino.*

Balanço a cabeça.

— Nunca imaginei que meu destino um dia estaria nas mãos de alguns membros da Amizade.

— Eu também não. Ah, trouxe uma coisa para você.

Ele desenrosca a tampa de um pequeno frasco e me oferece um conta-gotas com um líquido transparente.

— É remédio para a dor. Tome uma medida cheia a cada seis horas.

— Obrigada.

Levo o conta-gotas até o fundo da garganta. O remédio tem gosto de limão velho.

Tobias encaixa o polegar em um dos passadores da sua calça e diz:

— Como você está, Beatrice?

— Você acabou de me chamar de *Beatrice*?

— Achei que seria legal, para variar. — Ele sorri. — Não colou?

— Talvez só em ocasiões especiais. Dias de Iniciação, Dias de Escolha... — Paro de falar. Ia listar mais alguns feriados, mas só a Abnegação os celebra. Acho que a Audácia tem seus próprios feriados, mas não sei quais são. De qualquer maneira, a ideia de celebrarmos qualquer coisa agora parece tão absurda que prefiro não continuar.

— Está combinado. — Seu sorriso desaparece. — Como você está, Tris?

É uma pergunta normal, depois de tudo por que passei, mas fico tensa, com medo de que ele possa ver o que se passa dentro da minha cabeça. Ainda

não falei com ele sobre Will. Quero contar, mas não sei como. Só a ideia de pronunciar as palavras faz com que eu me sinta tão pesada que poderia quebrar as tábuas do chão.

— Estou... — Balanço a cabeça algumas vezes. — Não sei, Quatro. Eu... — Continuo a balançar a cabeça. Ele desliza a mão sobre a minha bochecha, com um dedo preso atrás da minha orelha. Depois, abaixa a cabeça e me beija, fazendo um calor se espalhar por todo o meu corpo. Agarro os seus braços, segurando-o ali pelo máximo de tempo possível. Quando ele me toca, o sentimento de vazio no meu peito e estômago torna-se quase imperceptível.

Não preciso contar nada. Posso apenas tentar esquecer. Ele pode me ajudar a esquecer.

— Eu sei — diz ele. — Desculpe, eu não deveria ter perguntado.

Por um instante, tudo em que consigo pensar é *Como você poderia saber?* Mas algo em sua expressão me lembra de que ele realmente sabe algo sobre a perda. Ele perdeu a mãe quando criança. Não me lembro de como ela morreu, só de ter ido ao funeral.

De repente, lembro-me dele, agarrado às cortinas na sua sala de estar, com mais ou menos nove anos, vestido de cinza, com os olhos escuros fechados. A imagem é passageira, e talvez seja apenas a minha imaginação e não uma lembrança.

Ele me solta.

— Vou deixar você se arrumar.

+ + +

O banheiro feminino fica a duas portas do meu quarto. O chão é coberto de ladrilhos marrom-escuros e cada cabine de chuveiro conta com paredes de madeira e uma cortina de plástico separando-a do corredor central. Uma placa na parede dos fundos diz: LEMBREM-SE: DEVEMOS CONSERVAR OS RECURSOS NATURAIS. OS CHUVEIROS SÓ PERMANECERÃO LIGADOS POR CINCO MINUTOS.

A água do chuveiro é fria, e eu não faria questão de tomar um banho de mais de cinco minutos de qualquer maneira, mesmo se pudesse. Lavo-me rapidamente com a mão esquerda e deixo a mão direita pendurada ao lado do corpo. O remédio que Tobias me deu funciona rapidamente. A dor em meu ombro já se transformou em um latejar ameno.

Quando saio do chuveiro, uma pilha de roupas me aguarda sobre a cama. Parte das roupas é amarela e vermelha, as cores da Amizade, e outra parte é cinza, da Abnegação, uma combinação de cores raramente vista. Aposto que foi alguém da Abnegação que deixou as roupas ali para mim. É o tipo de coisa que eles se lembrariam de fazer.

Visto uma calça jeans vermelha tão comprida que preciso dobrá-la três vezes e uma camisa cinza da Abnegação que é grande demais para mim. As mangas alcançam as pontas dos meus dedos, e as dobro também. Mexer a mão direita dói, por isso mantenho meus movimentos curtos e lentos.

Alguém bate à porta.

— Beatrice? — A voz delicada é de Susan.

Abro a porta. Ela está carregando uma bandeja de comida, que coloca sobre a cama. Procuro em seu rosto algum sinal do que ela perdeu. Seu pai, um líder da Abnegação, não sobreviveu ao ataque. Mas encontro apenas a determinação plácida característica da minha antiga facção.

— Sinto muito por as roupas não lhe servirem — diz ela. — Tenho certeza de que conseguiremos encontrar outras melhores, se a Amizade permitir que fiquemos aqui.

— Elas servem — digo. — Obrigada.

— Ouvi dizer que você foi baleada. Você quer ajuda para arrumar o cabelo? Ou para calçar os sapatos?

Quase recuso, mas realmente preciso de ajuda.

— Sim, obrigada.

Sento-me em um banco em frente ao espelho, e ela fica atrás de mim, com os olhos focados apenas na tarefa que deve realizar, e não no próprio

reflexo. Ela não ergue os olhos, nem por um instante, enquanto passa um pente em meu cabelo. E não me pergunta sobre meu ombro, sobre como levei o tiro, ou sobre o que aconteceu quando deixei o esconderijo da Abnegação para deter a simulação. Tenho a sensação de que, se eu pudesse talhá-la até alcançar o seu núcleo, ela seria composta inteiramente de Abnegação.

— Você já viu o Robert? — pergunto.

Seu irmão, Robert, escolheu a Amizade no mesmo dia em que escolhi a Audácia, e, portanto, está em algum lugar deste complexo. Pergunto-me se o encontro deles será parecido com o meu e de Caleb.

— Rapidamente, ontem à noite — conta ela. — Deixei que ele compartilhasse seu luto com a própria facção, assim como eu compartilho o meu com a minha. Mas foi bom vê-lo novamente.

Ouço um tom em sua voz que sugere que o assunto está encerrado.

— É uma pena que isso tenha ocorrido no momento em que ocorreu — diz Susan. — Nossos líderes estavam prestes a fazer algo maravilhoso.

— É mesmo? O quê?

— Não sei. — O rosto de Susan fica vermelho. — Mas eu sabia que algo estava acontecendo. Não queria ser curiosa, mas percebi certas coisas.

— Não a culparia por ser curiosa, mesmo se esse fosse o caso.

Ela acena com a cabeça e continua a pentear meu cabelo. O que será que os líderes da Abnegação, entre eles meu pai, estavam fazendo? Surpreendo-me com a crença de Susan de que, o que quer que estivessem fazendo, era algo maravilhoso. Gostaria de voltar a acreditar nas pessoas dessa maneira.

Se é que um dia acreditei.

— As pessoas da Audácia deixam os cabelos soltos, certo? — pergunta ela.

— Às vezes — respondo. — Você sabe fazer uma trança?

Seus dedos hábeis começam a arrumar mechas do meu cabelo em uma trança, fazendo cócegas no meio da minha espinha. Encaro duramente o meu

reflexo no espelho até ela acabar. Agradeço-lhe quando termina, e ela deixa o quarto com um sorriso discreto, fechando a porta ao sair.

Continuo encarando o espelho, mas não vejo a mim mesma. Ainda consigo sentir seus dedos roçando minha nuca, quase como os da minha mãe na última manhã que passei ao seu lado. Meus olhos se enchem de lágrimas e eu balanço para a frente e para trás no banco. Tenho medo de que, se começar a chorar, não consiga mais parar, até murchar como uma uva-passa.

Encontro uma caixa de costura na cômoda. Dentro dela há duas cores de linha, vermelha e amarela, e uma tesoura.

Sinto-me calma ao desfazer a trança e pentear meu cabelo novamente. Parto-o ao meio e me certifico de que está reto e bem alisado. Fecho a tesoura no meu cabelo, à altura do queixo.

Como posso manter a mesma aparência depois que ela se foi e tudo mudou? Não posso.

Corto o cabelo o mais reto que consigo, usando a minha mandíbula como referência. A parte mais difícil é a de trás, que não consigo ver muito bem, então faço o melhor possível usando o tato, em vez da visão. Mechas de cabelo louro acumulam-se no chão ao meu redor, formando um semicírculo.

Deixo o quarto sem olhar novamente o meu reflexo.

+ + +

Quando Tobias e Caleb vêm me buscar depois, olham para mim como se eu não fosse a mesma pessoa que eles conheciam ontem.

— Você cortou o cabelo — diz Caleb, levantando as sobrancelhas.

Ater-se aos fatos em meio a uma situação chocante é uma atitude típica da Erudição. Um dos lados do seu cabelo, sobre o qual ele dormiu, está arrepiado, e seus olhos estão vermelhos.

— Sim — respondo. — Está... quente demais para cabelo comprido.

— Você tem razão.

Caminhamos juntos pelo corredor. As tábuas corridas rangem sob nossos pés. Sinto saudade da maneira como meus passos ecoavam no complexo da Audácia. Sinto saudade do ar frio do subterrâneo. Mas, mais do que tudo, sinto saudade dos medos que senti nas últimas semanas, tão pequenos quando comparados aos de agora.

Deixamos o edifício. O ar externo me comprime como um travesseiro tentando me sufocar. O cheiro é verde, como o de uma folha partida ao meio.

— Todos sabem que você é filho de Marcus? — pergunta Caleb. — Digo, entre as pessoas da Abnegação?

— Que eu saiba, não — responde Tobias, olhando de relance para Caleb. — E eu agradeceria se você não falasse nada.

— Não preciso falar nada. Qualquer um com um par de olhos seria capaz de perceber. — Caleb franze a testa ao olhar para Tobias. — Quantos anos você tem mesmo?

— Dezoito.

— Você não acha que é velho demais para namorar minha irmã mais nova?

Tobias solta uma pequena risada.

— Ela não é nada sua.

— Parem com isso, vocês dois — digo. Um grupo de pessoas vestindo amarelo caminha na nossa frente, em direção a uma estrutura baixa e larga, construída inteiramente de vidro. O reflexo da luz do sol nos painéis fere meus olhos. Protejo o rosto com a mão e continuo a caminhar.

As portas da construção estão completamente abertas. Ao redor das beiradas da estufa circular, plantas e árvores crescem em tinas e pequenas piscinas de água. Dezenas de ventiladores espalhados por todo o interior servem apenas para espalhar o ar quente, e eu já estou suando. No entanto, paro de pensar nisso quando a multidão à minha frente se espalha e vejo o restante do ambiente.

No centro da estufa, cresce uma árvore enorme. Seus galhos espalham-se por quase todo o lugar, e suas raízes brotam do chão, formando uma densa

teia de madeira. Nos espaços entre as raízes, não há terra, mas água e barras de metal firmando-as. Isso não deveria me surpreender. Os membros da Amizade passam a vida desenvolvendo feitos agrícolas como esse, com a ajuda da tecnologia da Erudição.

Em meio a um emaranhado de raízes, encontra-se Johanna Reyes, com o cabelo cobrindo o lado marcado do rosto. Aprendi na aula de História das Facções que a Amizade não reconhece líderes oficiais. Eles resolvem tudo por meio do voto, e os resultados costumam ser praticamente unânimes. Eles são como as muitas partes de uma única mente, e Johanna é apenas a sua porta-voz.

Os membros da Amizade sentam-se no chão, a maioria deles com as pernas cruzadas, em grupos e amontoados que parecem um pouco as raízes da árvore. Os membros da Abnegação sentam-se em fileiras metodicamente organizadas, alguns metros à minha esquerda. Meus olhos vasculham o grupo por alguns segundos, até eu me dar conta do que estou procurando: meus pais.

Engulo em seco e tento esquecer. Tobias toca a parte inferior das minhas costas, guiando-me para um canto do espaço de reunião, atrás dos membros da Abnegação. Antes de nos sentarmos, ele aproxima a boca do meu ouvido e diz:

— Gosto do seu cabelo assim.

Encontro um sorriso discreto para oferecer-lhe e encosto nele quando me sento, com o braço contra o seu.

Johanna levanta as mãos e abaixa a cabeça. Todos no ambiente calam-se imediatamente. Por todos os lados, os membros da Amizade sentam-se em silêncio, alguns com os olhos fechados, outros articulando palavras que não consigo ouvir, e outros ainda encarando algum ponto distante.

Cada segundo é uma tortura. Quando Johanna finalmente levanta a cabeça, já estou completamente exaurida.

— Hoje, estamos diante de uma questão urgente — diz ela —, que é: como devemos agir neste momento de conflito, como pessoas que buscam a paz?

Cada membro da Amizade volta-se para a pessoa ao seu lado e começa a falar.

— Como eles conseguem resolver alguma coisa assim? — pergunto, enquanto os minutos de conversa se arrastam.

— Eles não ligam para eficiência — explica Tobias. — Só se importam em chegar a um consenso. Continue assistindo.

Duas mulheres com vestidos amarelos a alguns metros de mim se levantam e se juntam a um grupo de três homens. Um jovem muda de posição, fazendo com que a pequena roda onde ele estava fosse absorvida pela roda ao lado. Por todo o ambiente, os pequenos grupos crescem e se expandem, e um número cada vez menor de vozes enche a sala, até que consigo ouvir apenas três ou quatro pessoas. Só consigo ouvir partes do que elas falam:

— Paz-Audácia-Erudição-abrigo-envolvimento...

— Isso é bizarro — falo.

— Eu acho lindo — diz ele.

Eu o encaro.

— Que foi? — Ele ri um pouco. — Todos têm um papel igual no governo; todos se sentem igualmente responsáveis. E isso faz com que eles se importem; isso os torna gentis. Eu acho isso lindo.

— Eu acho insustentável — digo. — Claro, funciona para a Amizade. Mas o que acontece quando nem todos querem tocar banjo e plantar verduras? O que acontece quando alguém faz algo terrível e discutir não vai resolver o problema?

Ele dá de ombros.

— Bem, acho que vamos descobrir agora.

Por fim, uma pessoa de cada grupo grande levanta-se e se aproxima de Johanna, andando cuidadosamente por entre as raízes da grande árvore.

Imagino que eles vão discursar para o restante do grupo, mas, em vez disso, reúnem-se em uma roda com Johanna e conversam silenciosamente. Começo a achar que nunca vou saber o que estão discutindo.

— Eles não vão nos deixar participar da discussão, não é? — pergunto.

— Duvido — responde ele.

É o nosso fim.

Quando cada um deles já disse o que tinha para dizer, eles se sentam novamente, deixando Johanna sozinha no centro da sala. Ela vira-se para nós e dobra as mãos em frente ao corpo. Para onde iremos quando eles nos obrigarem a ir embora? De volta para a cidade, onde nada é seguro?

— Nossa facção tem mantido uma relação próxima com a Erudição por mais tempo do que qualquer um de nós é capaz de lembrar. Precisamos uns dos outros para sobreviver e sempre cooperamos uns com os outros — diz Johanna. — Mas também mantivemos uma relação forte com a Abnegação no passado e não acreditamos que seja correto recusar a mão a um amigo quando a dele tem estado estendida há tanto tempo.

Sua voz é doce como mel, e seus movimentos são vagarosos e cuidadosos. Enxugo o suor da minha testa com a parte de trás da mão.

— Acreditamos que a única maneira de preservar a nossa relação com ambas as facções é permanecer imparciais e isentos — continua ela. — Sua presença aqui, apesar de bem-vinda, complica isso.

Lá vem, penso.

— Decidimos tornar a nossa sede um refúgio para membros de todas as facções — diz ela —, desde que sejam respeitadas certas condições. A primeira é que nenhuma arma, de qualquer tipo, é permitida dentro do complexo. A segunda é que, se qualquer conflito mais grave ocorrer, seja ele verbal ou físico, todas as partes envolvidas serão convidadas a se retirar. A terceira é que o conflito não deve ser discutido, mesmo de maneira privada, dentro dos limites deste complexo. E a quarta é que todos os que permanecerem aqui deverão contribuir para o bem-estar deste ambiente trabalhando.

Informaremos a Erudição, a Franqueza e a Audácia sobre a nossa decisão assim que possível.

Seu olhar volta-se para mim e Tobias e permanece em nós.

— Vocês são bem-vindos aqui, desde que consigam seguir nossas regras — informa ela. — Essa é a nossa decisão.

Penso na arma que escondi sob o colchão e nas tensões entre mim e Peter, e entre Tobias e Marcus, e minha boca seca. Não sou boa em evitar conflitos.

— Não vamos conseguir ficar aqui muito tempo — digo para Tobias, baixinho.

Há alguns minutos, ele exibia um pequeno sorriso. Agora, os cantos da sua boca formam uma careta.

— Não, não vamos.

CAPÍTULO TRÊS

AQUELA NOITE, VOLTO para meu quarto e enfio a mão sob o colchão, para me certificar de que a arma ainda está lá. Meus dedos tocam o gatilho, e minha garganta aperta como se eu estivesse tendo uma reação alérgica. Puxo a mão de volta e ajoelho ao lado da cama, respirando fundo até a sensação desaparecer.

O que há com você? Balanço a cabeça. *Recomponha-se.*

E é exatamente assim que me sinto: recompondo as partes diferentes de mim mesma, como se as puxasse para dentro do meu corpo com um cadarço. Sinto-me sufocada, mas pelo menos me sinto forte.

Percebo um movimento no canto da minha visão e olho para a janela que dá para o pomar de macieiras. Lá fora, Johanna Reyes e Marcus Eaton caminham lado a lado, depois param no canteiro de ervas para arrancar folhas de menta dos galhos. Deixo o quarto antes que consiga avaliar os motivos que me levam a querer segui-los.

Saio correndo do edifício para não me perder deles. Quando chego do lado de fora, preciso tomar mais cuidado. Caminho pelo outro lado da estufa e, depois de ver Johanna e Marcus desaparecendo atrás de uma fileira de árvores, me esgueiro até a fileira seguinte, esperando que os galhos me escondam caso algum dos dois decida olhar para trás.

— ... tem me confundido é o momento do ataque — diz Johanna. — Será que Jeanine simplesmente terminou de bolar seu plano e resolveu colocá-lo em ação, ou será que houve algum incidente que a incitou?

Vejo o rosto de Marcus através de um tronco partido. Ele contrai os lábios e diz:

— Hum.

— Acho que nunca vou saber. — Johanna ergue a sobrancelha boa. — Não é?

— É, talvez não.

Johanna apoia a mão em seu braço e o encara. Contraio o corpo, temendo que ela me veja, mas ela só olha para Marcus. Agacho-me e engatinho até uma das árvores, para que o tronco me esconda. A casca da árvore incomoda as minhas costas, mas não me mexo.

— Mas a verdade é que *você sabe* — diz ela. — Você sabe por que ela resolveu atacar naquele momento. Posso não pertencer mais à Franqueza, mas ainda sei reconhecer quando alguém está escondendo a verdade de mim.

— A curiosidade é uma característica egoísta, Johanna.

Se eu fosse Johanna, brigaria com ele por um comentário como esse, mas ela apenas diz, gentilmente:

— Minha facção depende de mim para aconselhá-la, e, se você tiver conhecimento de informações tão cruciais, é importante que eu também as saiba, para que possa compartilhá-las com ela. Sei que você será capaz de entender isso, Marcus.

— Há um motivo por que você não sabe tudo o que sei. Há muito tempo, uma informação confidencial foi confiada à Abnegação — diz Marcus. — Jeanine nos atacou porque queria roubá-la. E, se eu não for cuidadoso, ela vai destruí-la. Isso é tudo o que posso dizer.

— Mas, certamente...

— Não — Marcus a interrompe. — Essa informação é muito mais importante do que você imagina. A maioria dos líderes da cidade arriscou a vida para evitar que Jeanine se apoderasse dela e acabou morrendo por isso, e eu não vou colocar isso em risco agora só para saciar a sua curiosidade egoísta.

Johanna se cala por alguns segundos. Está tão escuro que mal consigo ver minhas próprias mãos. Há um odor de terra e maçãs no ar, e eu tento não respirar alto demais.

— Desculpe — diz Johanna. — Devo ter feito algo que levou você a acreditar que não sou confiável.

— Da última vez que confiei essa informação ao representante de uma facção, todos os meus amigos acabaram mortos — responde ele. — Não confio em mais ninguém.

Não consigo me conter. Inclino o tronco para a frente, a fim de olhar por trás da árvore. Marcus e Johanna estão imersos demais na conversa para notar o movimento. Eles estão próximos um do outro, mas não se encostam, e eu nunca vi Marcus parecer tão cansado ou Johanna com uma aparência tão irritada. No entanto, seu rosto relaxa, e ela toca novamente o braço de Marcus, acariciando-o levemente dessa vez.

— Para que alcancemos a paz, precisamos primeiro ter confiança — diz Johanna. — Portanto, espero que você mude de ideia. Lembre-se de que sempre fui sua amiga, Marcus, mesmo quando você não tinha muitos amigos.

Ela se inclina e beija a bochecha de Marcus, depois caminha até a saída do pomar. Ele fica ali parado durante alguns segundos, aparentemente atordoado, depois caminha em direção ao complexo.

As revelações que ouvi na última meia hora zunem em minha mente. Pensava que Jeanine havia atacado a Abnegação para ganhar poder, mas o fez para roubar informações; informações que só eles conheciam.

De repente, o zunido para, e eu me lembro de outra coisa que Marcus falou: *A maioria dos líderes desta cidade arriscou a vida por isso.* Será que meu pai foi um desses líderes?

Preciso saber. Preciso saber o que poderia ser tão importante que tenha levado os membros da Abnegação a morrer, e os da Erudição a matar.

+ + +

Paro antes de bater à porta de Tobias, e ouço o que está acontecendo dentro do quarto.

— Não, *assim* não — diz Tobias, rindo.

— Como assim, "assim não"? Eu imitei você perfeitamente. — A outra voz pertence a Caleb.

— Não imitou nada.

— Bem, faça de novo, então.

Abro a porta no exato momento em que Tobias, sentado no chão com uma das pernas esticada, lança uma faca de manteiga contra a parede à sua frente. A faca finca, com o cabo para trás, em uma enorme fatia de queijo que eles colocaram sobre a cômoda. Caleb, em pé ao seu lado, encara, incrédulo, primeiro o queijo e depois a mim.

— Por favor, diga-me que ele é algum tipo de prodígio na Audácia — diz Caleb. — Você sabe fazer isso também?

Seu aspecto está melhor do que antes. Os olhos não estão mais vermelhos e recuperaram um pouco do antigo brilho de curiosidade, como se ele tivesse voltado a se interessar pelo mundo. Seu cabelo preto está despenteado e os botões da sua camisa estão nas casas erradas. Meu irmão é bonito, mas de uma maneira descuidada, como se quase nunca tivesse a menor ideia de como está a sua aparência.

— Talvez com a minha mão direita — digo. — Mas, sim, o *Quatro* é um tipo de prodígio da Audácia. Vocês podem me explicar *por que* estão lançando facas contra um queijo?

Os olhos de Tobias encontram os meus quando digo a palavra "Quatro". Caleb não sabe que Tobias carrega sua excelência o tempo inteiro no apelido.

— Caleb veio aqui discutir algo — diz Tobias, encostando a cabeça contra a parede enquanto olha para mim. — E, não sei como, acabamos falando sobre lançar facas.

— Como costuma acontecer — falo, começando a esboçar um pequeno sorriso.

Ele parece tão relaxado, sua cabeça está inclinada para trás e seu braço apoiado no joelho. Nós nos encaramos por alguns segundos a mais do que seria socialmente aceitável. Caleb limpa a garganta.

— Bem, acho que está na hora de voltar para o meu quarto — diz Caleb, olhando para Tobias, depois para mim e novamente para Tobias. — Estou lendo um livro sobre sistemas de filtragem de água. O garoto que me deu o livro olhou para mim como se eu fosse louco por querer ler aquilo. Acho que era para ser um tipo de manual, mas é fascinante.

Ele para de falar por um instante, depois diz:

— Desculpem. Vocês também devem achar que sou louco.

— Que nada — diz Tobias, fingindo sinceridade. — Talvez *você* devesse ler esse manual também, Tris. Acho que você ia gostar.

— Posso emprestar-lhe o livro — diz Caleb.

— Talvez depois — respondo. Quando Caleb sai e fecha a porta, olho irritada para Tobias.

— Muito obrigada — digo. — Agora ele vai encher meus ouvidos com todos os detalhes sobre filtragem de água e como funciona. Mas acho que prefiro isso ao que ele realmente quer falar comigo.

— É mesmo? E sobre o que ele realmente quer falar com você? — Tobias franze as sobrancelhas. — Sobre aquaponia?

— Aqua o quê?

— É uma das formas como eles produzem comida aqui. Não é algo pelo qual você se interessaria.

— Tem razão, não me interessa. Sobre o que ele veio falar com você?

— Sobre você. Acho que foi um sermão de irmão mais velho. Tipo "não mexa com a minha irmã mais nova".

Ele se levanta.

— O que você disse a ele?

E se aproxima de mim.

— Eu contei a história de como nós acabamos juntos. Foi assim que começamos a falar sobre arremesso de facas — diz ele. — E eu disse a ele que não estou de brincadeira.

Sinto um calor invadir todo o meu corpo. Ele aperta as mãos contra os meus quadris e me pressiona gentilmente contra a porta. Seus lábios encontram os meus.

Não lembro mais por que vim parar aqui.

E não ligo.

Envolvo-o com meu braço saudável, puxando-o contra mim. Meus dedos encontram a barra da sua camiseta e escorregam para dentro, percorrendo a parte de baixo das suas costas. Ele parece ser tão forte.

Ele me beija novamente, de forma mais insistente, apertando a minha cintura com as mãos. Sua respiração, minha respiração, seu corpo, meu corpo, estamos tão perto que as diferenças desaparecem.

Ele se afasta alguns poucos centímetros. Não o deixo ir muito longe.

— Não foi para isso que você veio aqui — diz ele.

— Não.

— Então, por que veio?

— Quem se importa?

Passo os dedos pelo seu cabelo e puxo a sua boca para a minha novamente. Ele não oferece resistência, mas, depois de alguns segundos, murmura contra a minha bochecha:

— Tris.

— Tudo bem, tudo bem. — Fecho os olhos. Realmente, vim aqui por um motivo importante: para contar-lhe sobre a conversa que ouvi.

Sentamos lado a lado na cama de Tobias, e eu começo do início. Conto a ele sobre como segui Marcus e Johanna até o pomar. Conto sobre a pergunta de Johanna a respeito do momento do ataque da simulação e sobre a resposta de Marcus e a discussão que se seguiu. Enquanto falo, observo seu rosto. Ele não parece chocado ou curioso. Em vez disso, sua boca se contrai em uma expressão amarga, como acontece sempre que alguém menciona o nome de Marcus.

— Bem, o que você acha? — pergunto, depois de terminar a história.

— Eu acho — diz ele cuidadosamente — que Marcus está tentando se sentir mais importante do que realmente é.

Não era essa a resposta que eu estava esperando.

— Então... você acha que ele está falando besteira?

— Acho que provavelmente existe alguma informação que a Abnegação tinha e que Jeanine queria descobrir, mas acho que ele está exagerando a sua importância. Acho que está tentando inflar o próprio ego, fazendo com que Johanna pense que ele tem algo que ela quer e que ele não vai dar.

— Acho... — Franzo as sobrancelhas. — Acho que você está errado. Ele não parecia estar mentindo.

— Você não o conhece como eu. Ele é um ótimo mentiroso.

Ele está certo. Não conheço Marcus. Certamente, não tão bem quanto Tobias. Mas meus instintos me levaram a acreditar em Marcus, e eu costumo confiar neles.

— Talvez você tenha razão — digo —, mas não deveríamos tentar descobrir o que está acontecendo? Só para ter certeza.

— Acho mais importante lidarmos com a situação atual — diz Tobias. — Voltar para a cidade. Descobrir o que está acontecendo por lá. Descobrir uma maneira de derrubar a Erudição. Depois, quando tudo isso estiver resolvido, podemos tentar descobrir sobre o que Marcus estava falando. Tudo bem?

Aceno com a cabeça. Parece um bom plano. Um plano sensato. Mas não acredito nele. Não acredito que seja mais importante seguir em frente do que descobrir a verdade. Quando eu descobri que era Divergente... quando descobri que a Erudição ia atacar a Abnegação... essas revelações mudaram tudo. A verdade costuma mudar os planos das pessoas.

Mas é difícil convencer Tobias a fazer algo que ele não queira, e ainda mais difícil justificar o que sinto sem qualquer prova além da minha intuição.

Por isso, aceito o plano dele. Mas não mudo de ideia.

CAPÍTULO QUATRO

— A BIOTECNOLOGIA existe há bastante tempo, mas nem sempre foi muito eficaz — diz Caleb. Ele começa a comer a casca da sua torrada. Comeu o miolo primeiro, como fazia quando éramos crianças.

Caleb está sentado na minha frente no refeitório, à mesa mais próxima da janela. Alguém entalhou as letras "D" e "T" na beirada da mesa, ligadas por um coração e tão pequenas que quase não as enxerguei. Passo os dedos sobre elas enquanto Caleb continua a falar.

— Mas há algum tempo os cientistas da Erudição desenvolveram uma solução mineral altamente eficaz. É melhor para as plantas do que terra — explica ele. — É uma versão mais antiga da pomada que eles usaram no seu ombro. Ela acelera o crescimento de células novas.

Seus olhos estão acesos com essas novas informações. Nem todos da Erudição têm a mesma sede de poder e falta de consciência que a sua líder, Jeanine Matthews. Alguns são como Caleb: pessoas fascinadas por tudo e que não sossegam enquanto não descobrem como as coisas funcionam.

Apoio o queixo sobre a mão e sorrio discretamente para ele. Parece estar animado hoje. Fico feliz que tenha encontrado algo que o distraia do seu sofrimento.

— Então, a Erudição e a Amizade trabalham juntas? — pergunto.

— A Erudição é mais próxima da Amizade do que qualquer outra facção — diz ele. — Você não se lembra disso do nosso livro de História das Facções? Segundo o livro, são as "facções essenciais". Sem elas, não conseguiríamos sobreviver. Alguns dos livros da Erudição se referem a elas como as "facções enriquecedoras". E uma das missões da Erudição como facção era se tornar as duas coisas: essencial e enriquecedora.

Não gosto disso. Da maneira como a nossa sociedade precisa da Erudição para funcionar. Mas as duas facções realmente são essenciais. Sem elas, a agricultura seria ineficiente, os tratamentos de saúde seriam insuficientes e não haveria qualquer avanço tecnológico.

Mordo a minha maçã.

— Você não vai comer a sua torrada? — pergunta ele.

— O pão está com um gosto estranho — respondo. — Pode ficar com ele, se quiser.

— A maneira como eles vivem aqui me fascina — continua ele, enquanto pega a torrada do meu prato. — São completamente autossustentáveis. Contam com uma fonte de energia própria, bombas de água próprias e um sistema de filtragem próprio, sem falar nas fontes de alimento... Eles são independentes.

— Independentes — digo — e neutros. Deve ser legal.

E, pelo que eu estou percebendo, realmente é. A grande janela ao lado da nossa mesa deixa entrar tanta luz que parece que estou sentada do lado de fora. Grupos de membros da Amizade sentam-se a outras mesas com roupas de cores vivas e pele bronzeada. Em mim, o amarelo fica sem graça.

— Então, acho que a Amizade não foi uma das facções para as quais você mostrou aptidão — comenta ele, sorrindo.

— Não.

Um grupo de membros da Amizade a algumas cadeiras de distância começa a rir. Eles nem olharam em nossa direção desde que me sentei aqui para comer.

— Mas fale baixo, está bem? Não quero que todos saibam disso.

— Desculpe — diz ele, inclinando-se sobre a mesa para poder falar mais baixo. — Mas quais foram as facções?

Começo a ficar tensa e me ajeito em meu lugar.

— Por que você quer saber?

— Tris, sou seu irmão. Você pode me dizer qualquer coisa.

Seus olhos verdes não vacilam. Ele abandonou os óculos inúteis que usava quando era membro da Erudição e agora usa uma camisa cinza e o cabelo curto da Abnegação. Está com a mesma aparência que tinha há alguns meses, quando nossos quartos ficavam no mesmo corredor e considerávamos mudar de facção, mas não tínhamos coragem suficiente para revelar isso um para o outro. Não confiar nele o bastante para contar a verdade foi um erro que não quero cometer novamente.

— Abnegação, Audácia e Erudição.

— *Três* facções? — Ele ergue as sobrancelhas.

— Sim. Por quê?

— Parece muita coisa — diz ele. — Todos tivemos que escolher um tema de pesquisa na iniciação da Erudição, e eu escolhi a simulação do teste de aptidão. Por isso, sei bastante sobre a maneira como é projetado. É muito difícil alguém alcançar um resultado duplo. Na verdade, o programa não permite isso. Mas um resultado *triplo*... Nem sei como isso é possível.

— Bem, a administradora do teste foi obrigada a alterá-lo. Ela forçou o programa a simular a situação do ônibus para que pudesse eliminar a opção da Erudição. Mas não deu certo.

Caleb apoia o queixo sobre a mão fechada.

— Uma alteração no programa — diz ele. — Como será que a administradora do teste sabia fazer isso? Não é algo que eles normalmente aprendem.

Franzo as sobrancelhas. Tori era tatuadora e voluntária no teste de aptidão. Como será que ela aprendeu a alterar o programa do teste de aptidão? Se ela era boa com computadores, era apenas por hobby, e duvido que alguém que tenha a computação como hobby saiba manipular a simulação da Erudição.

De repente, lembro-me de algo que ela falou em uma das nossas conversas. *Tanto meu irmão quanto eu nos transferimos da Erudição*.

— Ela era da Erudição — explico. — Ela se transferiu de facção. Talvez seja por isso.

— Talvez — diz ele, batendo os dedos, da esquerda para a direita, na bochecha. Quase nos esquecemos de comer nosso café da manhã. — O que será que isso indica a respeito da sua química cerebral? Ou da sua anatomia?

Solto uma pequena risada.

— Não sei. Só sei que estou sempre consciente durante as simulações e às vezes consigo acordar delas. Às vezes, elas nem funcionam. Como na simulação do ataque.

— Como consegue acordar delas? O que você faz?

— Eu... — Tento me lembrar. Parece que faz muito tempo desde que participei de uma simulação, mas faz apenas algumas semanas. — É difícil dizer, porque as simulações da Audácia eram programadas para acabar quando nos acalmávamos. Mas em uma das minhas... naquela vez em que Tobias descobriu o que eu sou... fiz algo impossível. Quebrei um vidro simplesmente encostando a mão sobre ele.

Caleb assume uma expressão distante, como se estivesse olhando para um lugar muito longe. Sei que nada do que acabei de descrever aconteceu com ele na simulação do teste de aptidão. Por isso, talvez ele esteja tentando imaginar como é a sensação ou como algo assim é possível. Minha bochecha esquenta. Ele está analisando meu cérebro como se analisasse um computador ou uma máquina.

— Ei — digo. — Volte aqui.

— Desculpe — diz ele, concentrando-se novamente em mim. — Mas é simplesmente...

— Fascinante. É, eu sei. Sempre parece que algo sugou a vida do seu corpo quando você fica fascinado por alguma coisa.

Ele ri.

— Mas podemos mudar de assunto? — peço. — Pode não haver traidores da Erudição e da Audácia por aqui, mas falar sobre isso em público ainda é um pouco estranho.

— Tudo bem.

Antes que Caleb possa prosseguir, a porta do refeitório se abre, e um grupo de membros da Abnegação entra. Eles vestem roupas da Amizade, como eu, mas também está na cara a qual facção pertencem. Eles são silenciosos, mas não carrancudos. Sorriem para os membros da Amizade por quem passam, inclinando a cabeça, e alguns deles param para trocar cortesias.

Susan senta-se ao lado de Caleb com um pequeno sorriso no rosto. Seu cabelo loiro está preso em um nó, como de costume, e brilha como ouro. Caleb e ela sentam-se um pouco mais perto do que amigos se sentariam, mas não se tocam. Ela acena com a cabeça para me cumprimentar.

— Desculpe — diz ela. — Interrompi alguma coisa?

— Não — responde Caleb. — Como vai?

— Vou bem. E você?

Estou prestes a fugir do refeitório para não ter que participar desse tipo de conversa calculada e educada da Abnegação quando Tobias entra no salão com uma expressão perturbada. Ele deve ter trabalhado na cozinha esta manhã, como parte do acordo com a Amizade. Terei que trabalhar na lavanderia amanhã.

— O que aconteceu? — pergunto quando ele se senta ao meu lado.

— Em meio ao entusiasmo para resolver conflitos, parece que a Amizade esqueceu que se meter na vida dos outros só ajuda a criar mais conflitos — diz Tobias. — Se ficar aqui muito mais tempo, vou acabar socando alguém, e não vai ser nada bonito.

Caleb e Susan levantam as sobrancelhas quando olham para ele. Alguns dos membros da Amizade na mesa ao nosso lado param de conversar e o encaram.

— Vocês me ouviram — diz Tobias para eles. Todos desviam o olhar.

— Mas, então — digo, cobrindo a boca para esconder um sorriso —, o que aconteceu?

— Depois eu conto.

Deve ter alguma coisa a ver com Marcus. Tobias não gosta da maneira suspeita com a qual os membros da Abnegação olham para ele quando fala sobre a crueldade de Marcus, e Susan está sentada bem na sua frente. Fecho as mãos sobre meu colo.

Os membros da Abnegação sentam-se à nossa mesa, mas não ao nosso lado. Eles se sentam a uma distância respeitável, a duas cadeiras da gente, mas a maioria deles acena para nós. Eles eram os amigos, vizinhos e colegas de trabalho da minha família, e, há algum tempo, a presença deles me incentivaria a agir de maneira discreta e humilde. Mas agora ela me faz querer falar ainda mais alto, para me distanciar ao máximo daquela antiga identidade e da dor que a acompanha.

Tobias fica completamente paralisado quando uma mão pousa em meu ombro direito, causando pontadas de dor por todo o meu braço. Cerro os dentes para não gemer.

— Ela levou um tiro no ombro — diz Tobias, sem olhar para o homem atrás de mim.

— Perdão. — Marcus levanta a mão e se senta à minha esquerda. — Olá.

— O que *você* quer? — pergunto.

— Beatrice — diz Susan baixinho. — Não há necessidade de...

— Susan, por favor — diz Caleb. Ela fecha os lábios em uma linha reta e desvia o olhar.

Franzo a testa ao olhar para Marcus.

— Eu fiz uma pergunta.

— Gostaria de discutir algo com você — diz Marcus. Sua expressão é tranquila, mas ele está nervoso. A tensão em sua voz o entrega. — Eu e os outros membros da Abnegação discutimos e decidimos que não devemos ficar aqui. Acreditamos que, dada a inevitabilidade de maiores conflitos em nossa cidade, seria egoísmo nosso ficar aqui enquanto o que resta da nossa facção continua do lado de dentro daquela cerca. Gostaríamos que você nos escoltasse.

Por essa eu não esperava. Por que Marcus quer voltar para a cidade? Será que é realmente apenas uma decisão da Abnegação, ou será que ele pretende fazer algo por lá, algo ligado à informação que a Abnegação tem?

Eu o encaro por alguns segundos, depois olho para Tobias. Ele relaxou um pouco, mas mantém os olhos fixos na mesa. Não sei por que age assim na presença do pai. Ninguém, nem mesmo Jeanine, assusta Tobias.

— O que você acha? — pergunto.

— Acho que devemos sair daqui depois de amanhã — diz Tobias.

— Tudo bem. Obrigado — diz Marcus. Ele se levanta e senta no outro canto da mesa, com os outros membros da Abnegação.

Aproximo-me de Tobias sem saber como confortá-lo de uma maneira que não acabe piorando as coisas. Levanto a maçã com a mão esquerda e seguro a mão dele sob a mesa com a direita.

Mas não consigo desviar o olhar de Marcus. Quero saber mais sobre o que ele falou com Johanna. E, às vezes, quando queremos a verdade, precisamos exigi-la.

CAPÍTULO CINCO

DEPOIS DO CAFÉ da manhã, falo para Tobias que vou dar uma caminhada, mas sigo Marcus. Achava que ele iria para o dormitório de hóspedes, mas atravessa o campo atrás do refeitório e entra no edifício de filtragem de água. Paro no primeiro degrau que leva à porta. Será que realmente quero fazer isso?

Subo os degraus e atravesso a porta que Marcus acabou de fechar.

O edifício de filtragem é pequeno, um ambiente único com algumas máquinas grandes dentro. Até onde sei, algumas das máquinas recebem a água suja do restante do complexo, outras a purificam, outras a testam e as últimas bombeiam a água limpa de volta para o complexo. Todos os sistemas de encanamento são subterrâneos, exceto um, que passa sobre o chão e leva água até a usina de energia.

Marcus fica parado ao lado das máquinas que filtram a água. Algumas têm canos transparentes. Dá para ver a água entrar, amarronzada, desaparecer dentro da máquina e sair limpa. Nós dois assistimos o processo de purificação, e eu me pergunto se ele está pensando a mesma coisa que eu. Como seria bom se a vida funcionasse assim, livrando-nos da nossa sujeira e nos devolvendo, limpos, para o mundo. Mas certas sujeiras parecem destinadas a durar.

Encaro a parte de trás da cabeça de Marcus. Preciso fazer isso agora.

Agora.

— Ouvi o que você disse outro dia.

Marcus vira a cabeça rapidamente.

— O que você está fazendo, Beatrice?

— Segui você até aqui. — Cruzo os braços. — Ouvi você falando com a Johanna sobre o que motivou Jeanine a atacar a Abnegação.

— A Audácia lhe ensinou a invadir a privacidade das pessoas assim, ou você aprendeu isso sozinha?

— Sou uma pessoa naturalmente curiosa. Não mude de assunto.

Marcus franze a testa, especialmente entre as sobrancelhas, e há marcas fortes nos lados de sua boca. Ele parece ser uma pessoa que passou a maior parte da vida franzindo a testa. Talvez tenha sido bonito quando era mais jovem, e pode até ainda ser para mulheres da sua idade, como Johanna, mas tudo o que vejo quando olho para ele são os olhos vazados e escuros da paisagem do medo de Tobias.

— Se você me ouviu conversando com Johanna, sabe que não revelei isso nem para ela. Então, o que a leva a acreditar que eu compartilharia essa informação com *você*?

A princípio, não sei o que dizer. Mas subitamente a resposta me vem à cabeça.

— Meu pai. Meu pai está morto.

É a primeira vez que verbalizo isso desde que contei para Tobias, no caminho de trem até aqui, que meus pais morreram por mim. A palavra "morreram" era só um fato então, desvinculado de qualquer emoção. Mas agora a palavra "morto", misturada aos sons da água mexendo e borbulhando na sala, me atinge como uma marreta no peito, e o monstro da tristeza acorda, cravando suas garras nos meus olhos e na minha garganta.

Forço-me a continuar:

— Talvez ele não tenha morrido pela informação a qual você se refere, mas quero saber se ele arriscou a vida por ela.

A boca de Marcus treme.

— Sim — diz ele. — Ele arriscou.

Meus olhos se enchem de lágrimas, e eu pisco para contê-las.

— Bem — continuo, quase engasgando. — Então, que diabo de informação era essa? Era algo que vocês estavam tentando proteger? Ou roubar? Ou o quê?

— Era... — Marcus balança a cabeça. — Não vou contar.

Caminho em sua direção.

— Mas você a quer de volta. E Jeanine está com ela.

Marcus realmente é um bom mentiroso. Ou, no mínimo, uma pessoa boa em esconder segredos. Ele não reage. Gostaria de poder enxergá-lo como Johanna o enxerga; como a Franqueza o enxerga. Gostaria de poder ler as suas expressões. Ele pode estar perto de revelar a verdade. Se eu o pressionar o suficiente, talvez ele ceda.

— Eu poderia ajudá-lo — digo.

O lábio superior de Marcus se contorce.

— Você não tem a menor ideia do quão ridículo é o que está falando. — Ele cospe as palavras contra mim. — Você pode ter conseguido desligar a simulação de ataque, garota, mas foi por pura sorte, e não por suas habilidades. Eu morreria de surpresa se você conseguisse fazer qualquer outra coisa de útil por um bom tempo.

Esse é o Marcus que Tobias conhece. O Marcus que sabe exatamente onde atingir uma pessoa para causar o máximo de dano possível.

Meu corpo treme de raiva.

— Tobias tem razão sobre você — respondo. — Você não passa de um monte de lixo, arrogante e mentiroso.

— Ele disse isso, é? — Marcus ergue uma das sobrancelhas.

— Não — respondo. — Ele não fala sobre você o bastante para dizer algo assim. Descobri isso por conta própria. — Cerro os dentes. — Você não significa praticamente nada para ele, sabia? E, com o passar do tempo, significará cada vez menos.

Marcus não responde, mas apenas se vira novamente para o filtro de água. Fico parada por um instante, absorvendo a minha própria vitória, enquanto o

som da água corrente se mistura ao do batimento cardíaco em meus ouvidos. Em seguida, deixo o edifício e, apenas quando já atravessei metade do campo, me dou conta de que não venci a discussão. Marcus venceu.

Seja lá qual for a verdade, vou ter que descobri-la de outra maneira, porque não vou perguntar novamente.

+ + +

Naquela noite, sonho que estou em um campo e que encontro um bando de corvos no chão. Quando afasto alguns deles, percebo que estão sobre um homem, bicando as suas roupas cinzentas como as da Abnegação. Subitamente, os corvos voam, e eu percebo que o homem é Will.

De repente, acordo.

Aperto o rosto contra o travesseiro e solto, não o seu nome, mas um soluço que lança o meu corpo contra o colchão. Sinto o monstro da tristeza novamente, contorcendo-se no espaço vazio onde meu coração e estômago costumavam ficar.

Puxo o ar com força, as duas mãos sobre o peito. Agora, a criatura monstruosa está com as garras presas na minha garganta, impedindo a passagem de ar. Viro o corpo e encaixo a cabeça entre meus joelhos, respirando até que a sensação de estrangulamento tenha desaparecido.

O ar está quente, mas meu corpo treme. Levanto-me da cama e me arrasto pelo corredor até o quarto de Tobias. Minhas pernas nuas quase brilham no escuro. A porta range quando eu a abro, e ele acorda. Ele me encara por um segundo.

— Vem aqui — diz ele, lento de sono, e se ajeita na cama para abrir espaço para mim.

Eu deveria ter pensado melhor sobre isso. Durmo com uma camiseta comprida que a Amizade me emprestou. Ela não chega a cobrir as minhas coxas, e eu não pensei em colocar um short antes de vir aqui. Tobias passa os

olhos pelas minhas pernas nuas, e meu rosto esquenta. Deito-me ao seu lado, virada para ele.

— Teve um pesadelo? — pergunta ele.

Concordo com a cabeça.

— O que houve?

Balanço a cabeça. Não posso revelar que estou tendo pesadelos com Will, ou teria que explicar o motivo. O que ele pensaria de mim se soubesse o que fiz? Como será que me olharia?

Ele mantém a mão sobre a minha bochecha, movendo lentamente o polegar sobre a maçã do meu rosto.

— Nós estamos bem, sabia? Eu e você. Está bem?

Meu peito dói, e eu concordo com a cabeça.

— Tudo o mais está errado. — Seu sussurro faz cócegas na minha bochecha. — Mas nós estamos bem.

— Tobias — digo. Mas o que quer que eu fosse dizer se perde na minha cabeça, e aperto os lábios contra os dele, porque sei que beijá-lo vai me distrair de todo o resto.

Ele me beija de volta. Sua mão começa a acariciar a minha bochecha, depois desce pela lateral do meu corpo, passando pela dobra da minha cintura, cobrindo a curva do meu quadril e deslizando pela minha perna nua, fazendo-me estremecer. Eu me aproximo mais e o envolvo com as pernas. Minha cabeça zune com o nervosismo, mas o restante do meu corpo parece saber exatamente o que está fazendo, pulsando em um único ritmo e desejando a mesma coisa: escapar de si mesmo e tornar-se parte do corpo dele.

Sua boca move-se contra a minha, e sua mão desliza sob a barra da minha camiseta, e eu não tento impedi-lo, embora saiba que deveria. Solto um pequeno suspiro, e a vergonha faz o meu rosto esquentar. Tobias não me ouviu, ou não se importou, porque pressiona a palma da mão contra a parte inferior das minhas costas, me aproximando mais ainda. Seus dedos movem-

se lentamente para cima das minhas costas, seguindo a minha coluna. Minha camiseta desliza para cima, e eu não a abaixo, mesmo quando sinto o ar frio contra a minha barriga.

Ele beija o meu pescoço e eu seguro o seu ombro para me estabilizar, agarrando a sua camiseta. Sua mão alcança o topo das minhas costas e se enrosca no meu pescoço. Minha camiseta está enrolada em seu braço e nós nos beijamos desesperadamente. Sei que minhas mãos estão tremendo com toda a energia e o nervosismo que há dentro de mim, portanto aperto ainda mais o seu ombro, para disfarçar.

Em seguida, seus dedos roçam o curativo sobre o meu ombro, e uma pontada de dor atravessa o meu corpo. Seu toque não doeu tanto, mas me trouxe de volta à realidade. Não posso ficar com ele *dessa* maneira, se um dos motivos do meu desejo é apenas a vontade de me distrair do meu sofrimento.

Inclino o corpo para trás e cuidadosamente abaixo a barra da minha camiseta para cobrir-me novamente. Por um instante, ficamos apenas deitados, misturando nossas respirações. Não quero chorar. Não, agora não é uma boa hora para chorar. Preciso me segurar. Mas não consigo afastar as lágrimas, não importa o quanto pisque.

— Desculpe.

— Não se desculpe — responde Tobias, quase severamente. Ele enxuga as lágrimas das minhas bochechas.

Sei que pareço um passarinho, estreita e pequena, e com a cintura reta e frágil, como que feita para voar. Mas, quando ele me toca desse jeito, como se não conseguisse afastar a mão, não queria ser nem um pouco diferente.

— Não queria estar tão desequilibrada — digo, com a voz fraquejando. — Mas é que me sinto tão...

Balanço a cabeça.

— Isso é errado — afirma ele. — Não importa se seus pais estão em um lugar melhor. Eles não estão aqui ao seu lado, e isso está *errado*, Tris. Isso não

deveria ter acontecido. Não deveria ter acontecido com você. E qualquer pessoa que diga que está tudo bem está mentindo.

Um soluço sacode o meu corpo novamente, e ele me envolve com seus braços com tanta força que tenho dificuldade em respirar, mas não importa. Se antes eu estava chorando com alguma dignidade, agora a coisa ficou feia. Minha boca se abre, meu rosto se contorce e sons parecidos com os de um animal morrendo escapam da minha garganta. Sinto que vou me despedaçar se continuar assim. Talvez isso fosse até melhor. Talvez fosse melhor simplesmente me despedaçar e não precisar mais carregar esse peso.

Tobias passa um longo período em silêncio, até que eu também me calo.

— Durma — diz ele. — Eu vou protegê-la dos pesadelos, se eles vierem atrás de você.

— Com o quê?

— Com as minhas mãos, é claro.

Envolvo sua cintura com um braço e respiro fundo contra o seu ombro. Ele cheira a suor, ar puro e menta. O cheiro de menta é da pomada que usa às vezes para relaxar músculos doloridos. Ele também cheira a segurança, como uma caminhada por um pomar ensolarado ou um café da manhã silencioso no refeitório. Nos momentos antes de cair no sono, quase me esqueço da nossa cidade devastada pela guerra e do conflito que nos encontrará em breve, se nós não o encontrarmos primeiro.

Antes de dormir, ouço-o sussurrar:

— Eu te amo, Tris.

Eu poderia responder, mas já estou longe demais.

CAPÍTULO SEIS

NAQUELA MANHÃ, ACORDO ao som de um barbeador elétrico. Tobias está diante do espelho, com a cabeça inclinada para conseguir enxergar o canto do queixo.

Abraço os meus joelhos cobertos pelo lençol e o assisto.

— Bom dia — diz ele. — Dormiu bem?

— Dormi. — Eu me levanto e, enquanto ele inclina a cabeça para trás, para alcançar o queixo com o barbeador, abraço-o, encostando a testa nas suas costas, onde a tatuagem da Audácia surge sob a camiseta.

Ele coloca o barbeador na pia e segura as minhas mãos. Nenhum de nós rompe o silêncio. Escuto a sua respiração, e ele acaricia os meus dedos lentamente, esquecendo-se do que estava fazendo.

— É melhor eu ir me arrumar — digo, depois de alguns segundos. Não tenho vontade de ir embora, mas preciso trabalhar na lavanderia e não quero que os membros da Amizade pensem que não estou cumprindo a minha parte do acordo que nos ofereceram.

— Vou arrumar alguma coisa para você vestir — fala ele.

Caminho descalça pelo corredor alguns minutos depois, vestindo a camiseta com a qual dormi e um short que Tobias pegou emprestado da Amizade. Quando entro no meu quarto, Peter está em pé ao lado da minha cama.

Instintivamente, ajeito o corpo e procuro algum objeto no quarto que possa usar como arma.

— Saia daqui — digo com o máximo de confiança que consigo. Mas é difícil evitar que minha voz trema. Não consigo deixar de lembrar do seu olhar

quando ele me pendurou pela garganta sobre o abismo, ou quando me empurrou contra a parede no complexo da Audácia.

Ele se vira para me encarar. Ultimamente, quando ele olha para mim, não vejo a malícia de antes, mas apenas exaustão. Sua postura parece a de uma pessoa vencida e seu braço está apoiado em uma tipoia. Mas ele não me engana.

— O que está fazendo no meu quarto?

Ele se aproxima de mim.

— Por que você está seguindo o Marcus? Vi o que você fez ontem, depois do café da manhã.

Eu o encaro de volta.

— Não é da sua conta. Vá embora.

— Estou aqui porque não entendo por que *você* foi escolhida para cuidar do disco rígido — continua ele. — Não é como se você fosse uma pessoa muito estável.

— *Eu* sou instável? — Solto uma risada. — Acho isso um pouco engraçado, vindo de você.

Peter comprime os lábios e fica calado.

— Por que você está tão interessado no disco rígido? — pergunto com desconfiança.

— Não sou idiota — responde ele. — Sei que contém muito mais do que os dados da simulação.

— Não, você realmente não é idiota, não é mesmo? Você acha que, se entregar o disco rígido para a Erudição, talvez eles desculpem a sua indiscrição e o aceitem de volta.

— Não quero que eles me aceitem de volta. — Ele se aproxima ainda mais. — Se quisesse, não teria ajudado vocês no complexo da Audácia.

Finco a ponta do dedo indicador no peito dele, cravando a unha na sua pele.

— Você me ajudou porque não queria que eu atirasse em você outra vez.

— Posso não ser um traidor de facção e amante da Abnegação. — Ele agarra o meu dedo. — Mas ninguém me controla. Muito menos a Erudição.

Arranco a minha mão de volta, torcendo-a para que ele a solte. Minhas mãos estão suadas.

— Não espero que você entenda. — Enxugo as mãos na barra da minha camiseta, enquanto direciono-me lentamente para a cômoda. — Tenho certeza de que, se eles tivessem atacado a Franqueza, e não a Abnegação, você teria permitido que eles atirassem na testa dos seus familiares sem protestar. Mas não sou assim.

— Cuidado com o que fala sobre a minha família, Careta. — Ele se move junto comigo, em direção à cômoda, mas eu viro o corpo cuidadosamente, posicionando-me entre ele e as gavetas. Não quero revelar a localização do disco rígido, tirando-o do esconderijo com Peter no quarto, mas também não quero deixar o caminho livre para ele.

Seus olhos voltam-se para a cômoda atrás de mim, para o lado esquerdo, onde o disco rígido deveria estar escondido. Franzo as sobrancelhas e olho para ele, e então percebo algo que não havia percebido antes: um volume retangular em um dos seus bolsos.

— Devolva isso. Agora.

— Não.

— Devolva, ou eu juro que te mato quando você estiver dormindo.

Ele ri debochadamente.

— Você deveria ver o quão ridícula fica quando está ameaçando alguém. Parece uma menininha dizendo que vai me enforcar com a corda de pular.

Começo a caminhar em sua direção e ele se afasta, entrando no corredor.

— Não me chame de menininha.

— Eu chamo você do que eu quiser.

Lanço-me sobre ele, mirando o punho esquerdo no local onde eu sei que vai doer mais: seu braço ferido. Ele se desvia do soco, mas, em vez de tentar novamente, seguro seu braço com o máximo de força possível, torcendo-o

para o lado. Peter grita muito alto e, enquanto está distraído pela dor, chuto seu joelho com força, fazendo-o desabar no chão.

Pessoas chegam correndo, vestidas com roupas cinzentas, pretas, amarelas e vermelhas. Peter se lança em minha direção, meio agachado, e soca o meu estômago. Inclino-me para a frente, mas a dor não me detém. Solto algo entre um grunhido e um grito, e parto para cima dele, com o cotovelo esquerdo puxado para trás ao lado da minha boca, para que eu consiga acertar o seu rosto.

Um dos membros da Amizade agarra os meus braços e me puxa para longe de Peter, erguendo-me do chão. A ferida em meu ombro lateja, mas quase não sinto dor em meio ao choque de adrenalina. Esforço-me para me aproximar dele novamente, tentando ignorar os olhares de estupefação dos membros da Amizade e da Abnegação, assim como de Tobias, e uma mulher ajoelha-se ao lado de Peter, sussurrando palavras em um tom tranquilizante. Tento ignorar seus grunhidos de dor e a culpa que aperta o meu estômago. Eu o odeio. Não me importo. Eu o odeio.

— Tris, acalme-se! — diz Tobias.

— Ele está com o disco rígido! — grito. — Ele o roubou de mim! Está com ele!

Tobias caminha em direção a Peter, ignorando a mulher agachada ao seu lado, e pisa sobre seu tórax para que ele não se mova. Em seguida, enfia a mão no bolso de Peter e retira o disco rígido.

Tobias fala com ele baixinho:

— Não vamos ficar em um abrigo para sempre, e isso não foi muito esperto da sua parte.

Depois, ele vira-se para mim e diz:

— Também não foi muito esperto da sua parte. Quer que sejamos expulsos?

Respondo com uma carranca. O homem da Amizade que está segurando o meu braço começa a me puxar pelo corredor. Tento soltar-me da sua mão.

— O que você pensa que está fazendo? Me solta!

— Você violou os termos do nosso acordo de paz — diz ele, suavemente. — Precisamos agir de acordo com o protocolo.

— Vá com ele — aconselha Tobias. — Você precisa se acalmar.

Olho os rostos da multidão que se juntou ao meu redor. Ninguém discute com Tobias. Eles me olham de volta, de relance. Então, deixo que dois homens da Amizade me guiem pelo corredor.

— Cuidado com os pés — avisa um deles. — As tábuas são desniveladas aqui.

Minha cabeça está latejando, sinal de que estou me acalmando. Um dos homens da Amizade, que é grisalho, abre uma porta à esquerda. Uma placa na porta diz: SALA DE CONFLITO.

— Vocês estão me deixando de castigo ou algo assim? — Faço uma careta. É bem o tipo de coisa que a Amizade faria: me deixar de castigo, depois me ensinar a fazer exercícios de respiração purificantes ou a pensar positivo.

A sala é tão clara que preciso apertar os olhos para enxergar. A parede do outro lado possui enormes janelas voltadas para o pomar. Apesar disso, a sala parece pequena, provavelmente porque o teto, assim como as paredes e o chão, também é coberto por tábuas de madeira.

— Por favor, sente-se — instrui o homem mais velho, apontando para um banco no meio da sala. Como todos os outros móveis no complexo da Amizade, ele é feito de madeira bruta e parece robusto, como se continuasse plantado no chão. Não me sento.

— A briga acabou — digo. — Não farei isso novamente. Não aqui.

— Precisamos agir de acordo com o protocolo — diz o homem mais jovem. — Por favor, sente-se, e nós vamos discutir o que aconteceu, depois deixaremos você ir.

Os dois falam de maneira muito delicada. Eles não sussurram como os membros da Abnegação, que estão sempre pisando em ovos e tentando não perturbar os outros. Falam de maneira suave, tranquilizante e baixa.

Pergunto-me, então, se isso é algo que ensinam aos seus iniciandos aqui. Como falar, se mover, sorrir e promover a paz da melhor maneira possível.

Não quero me sentar, mas me sento, na beirada do banco, para poder me levantar rapidamente, se precisar. O homem mais jovem fica em pé na minha frente. Dobradiças rangem atrás de mim. Olho para trás. O homem mais velho está mexendo em algo sobre o balcão atrás de mim.

— O que você está fazendo?

— Estou fazendo chá.

— Não acho que a solução para isso realmente seja tomar chá.

— Então, conte-nos — diz o homem mais novo, chamando a minha atenção de volta para a janela. Ele sorri para mim. — Qual você acha que é a solução?

— Expulsar Peter deste complexo.

— Me parece — diz o homem suavemente — que foi você quem o atacou primeiro. Aliás, foi você quem atirou no braço dele.

— Você não tem ideia do que ele fez para merecer isso. — Minhas bochechas esquentam novamente, latejando em sintonia com as batidas do meu coração. — Ele tentou me matar. E outra pessoa. Ele esfaqueou o olho de outra pessoa... com uma faca de *manteiga*. Ele é mau. Eu tinha todo o *direito* de...

Sinto uma forte pontada no pescoço. Pontos escuros cobrem o homem que se encontra diante de mim, obscurecendo minha visão do seu rosto.

— Desculpe-nos, querida. Estamos apenas seguindo o protocolo.

O homem mais velho está segurando uma seringa. Algumas gotas do que ele injetou em mim ainda estão dentro dela. O líquido é verde vivo, da cor de grama. Pisco rapidamente e os pontos escuros desaparecem, mas o mundo continua balançando ao meu redor, como se eu estivesse indo para a frente e para trás em uma cadeira de balanço.

— Como você se sente? — pergunta o homem mais jovem.

— Eu me sinto... — *Irritada*, eu estava prestes a dizer. Irritada com Peter, irritada com a Amizade. *Mas isso não é verdade, não é?* Sorrio. — Eu me sinto

bem. Parece um pouco... que estou flutuando. Ou balançando. Como *você* se sente?

— A tonteira é um dos efeitos colaterais do soro. Talvez seja melhor você descansar esta tarde. E estou bem. Obrigado por perguntar. Você pode ir agora, se quiser.

— Vocês sabem onde posso encontrar Tobias? — pergunto. Quando penso no seu rosto, o afeto por ele borbulha dentro de mim, e tudo o que quero fazer é beijá-lo. — Quero dizer, o Quatro. Ele é bonito, não é? Não sei por que ele gosta tanto de mim. Não sou muito legal, não é?

— Geralmente, não — diz o homem. — Mas acho que você poderia ser, se tentasse.

— Obrigada. É muita gentileza sua dizer isso.

— Acho que você o encontrará no pomar. Eu o vi saindo depois da briga.

Solto uma pequena risada.

— A briga. Que bobagem...

E realmente parece uma bobagem atingir o corpo de alguém com o punho. Como um carinho, mas forte demais. Carinhos são muito mais gostosos. Talvez eu devesse ter acariciado o braço de Peter. Isso teria sido mais gostoso para nós dois. Meus dedos não estariam doendo agora.

Eu me levanto e sigo em direção à porta. Preciso me apoiar na parede para me equilibrar, mas ela é robusta, por isso não ligo. Tropeço pelo corredor, rindo da minha falta de equilíbrio. Estou desastrada de novo, exatamente como era quando pequena. Minha mãe costumava sorrir para mim e dizer:

— Cuidado onde você pisa, Beatrice. Não quero que se machuque.

Saio ao ar livre e o verde das árvores parece mais verde, tão potente que quase consigo sentir o gosto dele. Talvez eu *consiga* sentir o gosto do verde, e ele seja o mesmo da grama que decidi mastigar quando era criança, só para descobrir que gosto tinha. Quase caio na escada, porque o mundo ao meu redor está balançando, e caio na gargalhada quando sinto a grama fazer cócegas nos meus pés descalços. Caminho em direção ao pomar.

— Quatro! — grito. Por que estou gritando um número? Ah, é. Porque é o nome dele. Grito novamente: — Quatro! Onde você está?

— Tris — diz uma voz, vinda das árvores à minha direita. Parece que a árvore está falando comigo. Dou uma risadinha, mas é claro que é só Tobias, abaixando a cabeça para passar por debaixo de um galho.

Corro em sua direção, mas o chão gira para o lado e eu quase desabo. Sua mão encosta na minha cintura, me sustentando. Seu toque lança uma onda de energia pelo meu corpo, e todo o meu interior queima, como se tivesse sido aceso por seus dedos. Eu me aproximo dele, pressionando meu corpo contra o seu, e levanto a cabeça para beijá-lo.

— O que eles... — Ele começa a dizer, mas eu o interrompo com meus lábios. Ele me beija de volta, mas rápido demais, e eu solto um suspiro alto.

— Isso foi caído — reclamo. — Está bem, não foi, mas...

Fico na ponta dos pés para beijá-lo novamente, e ele encosta os dedos nos meus lábios para me deter.

— Tris. O que eles fizeram com você? Você está parecendo uma lunática.

— Não é muita gentileza sua falar isso. Eles me deixaram de bom humor, só isso. E agora eu quero muito beijá-lo; por isso, se você puder simplesmente *relaxar*...

— Não vou beijá-la. Vou descobrir o que está acontecendo.

Faço beicinho por um segundo, mas depois sorrio, enquanto as coisas começam a fazer sentido na minha cabeça.

— É por *isso* que você gosta de mim! Porque você também não é muito legal! Tudo faz sentido agora.

— Venha comigo — diz ele. — Vamos falar com Johanna.

— Eu também gosto de você.

— Isso me deixa muito mais aliviado — responde ele, de maneira vaga. — Vamos. Ah, pelo amor de Deus. Eu carrego você, então.

Ele me levanta, com um braço sob os meus joelhos e outro sob as minhas costas. Abraço seu pescoço e beijo sua bochecha. Depois, descubro que,

quando chuto o ar, a sensação do vento nos meus pés é gostosa, então movo-os para cima e para baixo, enquanto ele caminha em direção ao edifício onde Johanna trabalha.

Quando alcançamos o escritório, ela está sentada atrás de uma mesa, diante de uma pilha de papéis, mordendo a borracha de um lápis. Ela levanta a cabeça e olha para nós, e sua boca abre um pouco. Uma mecha de cabelo escuro cobre a metade esquerda do seu rosto.

— Você não deveria cobrir a sua cicatriz — sugiro. — Você fica mais bonita com o cabelo fora do rosto.

Tobias me coloca no chão de maneira um pouco bruta. O impacto é brusco e machuca um pouco o meu ombro, mas gosto do som que meus pés fazem ao bater no chão. Solto uma risada, mas Johanna e Tobias não riem comigo. Estranho.

— O que vocês fizeram com ela? — pergunta Tobias, secamente. — O que diabos vocês fizeram com ela?

— Eu... — Johanna franze a testa ao olhar para mim. — Eles devem ter dado demais para ela. Ela é muito pequena. Talvez não tenham levado o peso e o tamanho dela em conta.

— Eles devem ter dado *o que* demais para ela? — insiste Tobias.

— Sua voz é bonita — falo para ele.

— Tris, por favor, fique calada.

— O soro da paz — explica Johanna. — Em doses pequenas, o soro tem um efeito ameno e tranquilizante e melhora o humor. O único efeito colateral é um pouco de tonteira. Oferecemos a membros da nossa comunidade que apresentam dificuldades em manter a paz.

Tobias bufa:

— Não sou idiota. *Todos* os membros da sua comunidade têm dificuldades em manter a paz, porque são humanos. Vocês provavelmente jogam o soro nas reservas de água.

Johanna passa alguns segundos sem responder. Ela dobra as mãos em frente ao corpo.

— Certamente, você sabe que isso não é verdade, ou esse conflito não teria ocorrido. Mas todas as decisões aqui são tomadas em conjunto, como uma facção. Se eu pudesse dar o soro para todas as pessoas da cidade, daria. Você certamente não estaria na situação que está agora se eu tivesse feito isso.

— Ah, claro — retruca Tobias. — Drogar toda a população é realmente a melhor solução para o nosso problema. Ótimo plano.

— O sarcasmo é uma falta de gentileza, Quatro — diz ela suavemente. — Sinto muito se erramos ao administrar uma dose excessiva para a Tris. Sinto muito, de verdade. Mas ela violou os termos do nosso acordo, e temo que, por isso, vocês não possam ficar aqui por muito mais tempo. Não poderemos esquecer o conflito entre ela e o garoto, Peter.

— Não se preocupe. Pretendemos sair daqui o mais rápido possível.

— Ótimo — diz ela, com um pequeno sorriso. — A paz entre a Amizade e a Audácia só pode existir se mantivermos distância entre nossas facções.

— Isso explica muita coisa.

— Como assim? O que você está insinuando?

— Isso explica — fala ele, cerrando os dentes — por quê, sob o pretexto da *neutralidade*, como se isso sequer fosse possível, vocês nos abandonaram para morrer nas mãos da Erudição.

Johanna suspira silenciosamente e olha pela janela. Do lado de fora, há um pequeno pátio com videiras. As videiras agarram-se às beiradas da janela, como se quisessem entrar e participar da conversa.

— A Amizade não faria algo assim — digo. — Isso é maldade.

— Nós não nos envolvemos pelo bem da paz... — começa a dizer Johanna.

— Paz. — Tobias cospe a palavra. — Sim, tenho certeza de que as coisas ficarão muito pacíficas quando estivermos todos mortos ou acovardados sob a ameaça de termos as nossas mentes controladas ou de ficarmos presos em uma simulação sem fim.

Johanna contorce o rosto, e eu a imito, só para experimentar a sensação de fazer aquilo. Não é muito boa. Pergunto-me por que ela fez aquilo.

— A decisão não foi minha — diz ela devagar. — Se tivesse sido, talvez nossa conversa agora fosse diferente.

— Você está dizendo que discorda deles?

— Estou dizendo que não devo discordar da minha facção publicamente, mas que sou livre para fazê-lo na privacidade do meu próprio coração.

— Eu e Tris vamos embora daqui a dois dias — diz Tobias. — Espero que sua facção não desista de usar este complexo como um refúgio.

— Não costumamos mudar nossas decisões tão facilmente. E quanto a Peter?

— Vocês terão que lidar com ele separadamente — diz ele. — Porque ele não virá com a gente.

Tobias segura a minha mão, e a sensação da sua pele contra a minha é agradável, embora não seja nem suave nem macia. Ofereço um sorriso de desculpa para Johanna, mas sua expressão não muda.

— Quatro — chama ela. — Caso você e seus amigos queiram permanecer... intocados pelo soro, é melhor evitarem o pão.

Tobias agradece sem se virar para ela, e descemos o corredor juntos. Dou pequenos saltinhos a cada dois passos.

CAPÍTULO SETE

O EFEITO DO soro passa cinco horas depois, quando o sol está se pondo. Tobias manteve-me trancada em meu quarto durante todo o dia, fazendo visitas de hora em hora para ver como eu estava. Dessa vez, quando ele entra, estou sentada na cama, encarando a parede.

— Graças a Deus — diz ele, encostando a testa na porta. — Estava começando a acreditar que o efeito nunca passaria e que eu seria obrigado a deixar você aqui... cheirando flores, ou seja lá o que você ia querer fazer sob o efeito desse treco.

— Eu vou matá-los. Eu vou *matá-los*.

— Não precisa. Vamos embora em poucos dias. — Ele fecha a porta e retira o disco rígido do bolso. — Pensei em esconder isso atrás da sua cômoda.

— É exatamente onde estava.

— Eu sei. Por isso mesmo o Peter não vai procurar lá de novo. — Tobias afasta a cômoda da parede com uma das mãos e enfia o disco rígido atrás dela com a outra.

— Por que será que não consegui combater o soro da paz? Se o meu cérebro é estranho o bastante para resistir ao soro da simulação, por que não resistiu também a este?

— Para ser sincero, não sei. — Ele desaba ao meu lado na cama, empurrando o colchão. — Talvez, para resistir ao efeito de um soro, você precise realmente *querer*.

— Mas é claro que eu *queria* — digo, frustrada, mas sem muita convicção. Será que eu realmente queria? Ou será que foi agradável esquecer a raiva, a dor, esquecer tudo por algumas horas?

— Às vezes — diz ele, deslizando os braços ao redor dos meus ombros —, as pessoas só querem ser felizes, mesmo que seja de uma maneira irreal.

Ele tem razão. Mesmo agora, esta paz entre nós vem de não falarmos sobre as coisas, sobre Will, sobre os meus pais, sobre eu quase ter atirado na cabeça dele ou sobre Marcus. Mas não ouso interromper este momento com a verdade, porque estou ocupada demais me apoiando nele.

— Talvez você tenha razão — concordo baixinho.

— Você está *cedendo*? — exclama ele, abrindo a boca com ar debochado de surpresa. — Parece que esse soro até fez bem a você...

Eu o empurro com o máximo de força que consigo.

— Retire o que disse. Retire o que disse *agora*.

— Está bem, está bem! — Ele levanta a mão. — É só que... eu também não sou muito legal, sabe? Por isso é que gosto tanto de você...

— Saia! — grito, apontando para a porta.

Rindo sozinho, Tobias beija a minha bochecha e vai embora.

+ + +

À noite, estou envergonhada demais pelo que aconteceu para ir jantar, então passo o tempo agarrada aos galhos de uma macieira, nos limites do pomar, catando maçãs maduras. Subo o mais alto que minha coragem permite para alcançá-las, e meus músculos ardem. Descobri que, quando fico parada, deixo pequenas frestas abertas por onde a tristeza consegue entrar, por isso me mantenho ocupada.

Estou enxugando a testa com a barra da minha camiseta, em pé sobre um dos galhos, quando ouço o barulho. A princípio, ele é fraco e mistura-se ao zunir das cigarras. Fico parada para ouvir melhor e, depois de alguns instantes, consigo identificar o som: carros.

A Amizade conta com cerca de uma dúzia de caminhonetes, usadas para transportar produtos, mas eles só fazem isso durante os finais de semana.

Sinto um arrepio na nuca. Se o som não vem de automóveis da Amizade, provavelmente vem de carros da Erudição. Mas preciso ter certeza.

Agarro o galho acima de mim com as duas mãos, mas me ergo apenas com o braço esquerdo. Não sabia que ainda conseguia fazer isso. Fico agachada, com galhos e folhas enrolados nos cabelos. Algumas maçãs caem no chão quando desloco o meu peso. As macieiras não são muito altas; talvez eu não consiga ver longe o bastante.

Uso os galhos próximos como degraus, equilibrando-me com as mãos e me contorcendo e abaixando para me esgueirar em meio ao labirinto de galhos da árvore. Lembro-me da vez que escalei a roda-gigante no píer, com as mãos tremendo e os músculos pulsando. Dessa vez estou ferida, mas também mais forte, e a escalada é mais fácil.

Os galhos tornam-se mais delgados e fracos. Molho os lábios e encaro o galho seguinte. Preciso escalar o mais alto possível, mas o galho que escolhi é curto e parece flexível. Apoio um pé sobre ele, testando sua resistência. Ele enverga, mas aguenta. Começo a levantar o corpo para apoiar o outro pé, e o galho rompe.

Arquejo enquanto meu corpo desaba para trás, agarrando-me ao tronco da árvore no último segundo. Esta altura terá que ser suficiente. Fico na ponta dos pés e me esforço para olhar na direção do som.

A princípio, não vejo nada além de terras cultivadas, um trecho de terra desmatada, uma cerca, campos e os primeiros prédios a distância. Mas vejo alguns pontos se aproximando da cerca, que ficam prateados ao rebater a luz. Carros com teto preto e painel solar, o que só pode significar uma coisa: a Erudição.

Solto o ar dos meus pulmões, chiando, entre os dentes cerrados. Não paro para pensar; apenas abaixo um pé após o outro, tão rápido que a casca da árvore solta dos galhos, desabando para o chão. Assim que meus pés tocam o solo, começo a correr.

Conto as fileiras de árvores enquanto passo por elas. *Sete, oito.* Os galhos estendem-se para baixo, e eu passo imediatamente abaixo deles. *Nove, dez.* Seguro o meu braço direito junto ao corpo e começo a correr mais rápido, e a ferida de bala no meu ombro dói a cada passo. *Onze, doze.*

Quando alcanço a décima terceira fileira, jogo o corpo para o lado, descendo por uma delas. As árvores da décima terceira fileira são próximas umas das outras. Seus galhos se entrecruzam, criando um labirinto de folhas, galhos e maçãs.

Meus pulmões doem, clamando por oxigênio, mas estou perto do final do pomar. O suor molha as minhas sobrancelhas. Alcanço o refeitório e abro a porta com força, abrindo caminho entre um grupo de homens da Amizade, e então o vejo; Tobias está sentado em um dos cantos do salão, com Peter, Caleb e Susan. Quase não consigo enxergá-los por trás dos pontos que ofuscam a minha visão, mas Tobias toca o meu ombro.

— Erudição. — É tudo o que consigo dizer.

— Vindo para cá?

Assinto com a cabeça.

— Dá tempo de fugir?

Não tenho certeza.

A essa altura, os membros da Abnegação sentados na outra ponta da mesa estão prestando atenção. Eles reúnem-se ao nosso redor.

— Por que precisamos fugir? — pergunta Susan. — A Amizade transformou este lugar em um refúgio. Conflitos não são permitidos.

— A Amizade terá dificuldade em fazer cumprir essa política — diz Marcus. — Como impedir o conflito sem criar mais conflito?

Susan acena com a cabeça.

— Mas não podemos ir embora — diz Peter. — Não temos tempo. Eles nos veriam.

— A Tris tem uma arma — diz Tobias. — Podemos tentar fugir na marra.

Ele segue em direção ao dormitório.

— Espere — chamo-o. — Tenho uma ideia.

Olho para os membros da Abnegação ao redor.

— Disfarces. A Erudição não tem certeza de que ainda estamos aqui. Podemos fingir ser da Amizade.

— Então, todos de nós que não estiverem vestidos como membros da Amizade devem ir para os dormitórios — diz Marcus. — Quanto aos outros, soltem o cabelo; tentem imitar o comportamento deles.

Todos os membros da Abnegação vestidos de cinza deixam o refeitório em grupo e atravessam o pátio até o dormitório de hóspedes. Ao chegar lá, corro até o meu quarto, fico de quatro e enfio a mão sob o colchão, à procura da arma.

Demoro um pouco para encontrá-la e, quando encontro, minha garganta aperta e não consigo engolir. Não quero tocar a arma. Não quero tocá-la novamente.

Vamos, Tris. Enfio a arma sob a cintura da minha calça vermelha. Ainda bem que ela está tão folgada. Encontro os frascos de pomada curativa e analgésicos sobre a mesa de cabeceira e enfio-os no meu bolso, para o caso de conseguirmos escapar.

Em seguida, pego o disco rígido atrás da cômoda.

Se a Erudição nos pegar, o que é bastante provável, eles vão nos revistar, e não quero simplesmente entregar a simulação de ataque novamente. Mas esse disco rígido também contém as imagens de segurança do ataque. O registro das nossas perdas. Da morte dos meus pais. A única parte deles que me restou. E, como os membros da Abnegação não tiram fotos, é também o único registro da aparência deles que tenho.

No futuro, quando a minha memória começar a falhar, o que terei para me lembrar de como eles eram? Seus rostos vão mudar na minha memória. Nunca mais vou vê-los novamente.

Não seja idiota. Isso não é importante.

Aperto o disco rígido com tanta força que minha mão dói.

Então, por que eu sinto *que é tão importante?*

— Não seja idiota — digo em voz alta. Cerro os dentes e agarro o abajur da minha mesa de cabeceira. Tiro o fio da tomada, jogo a pantalha sobre a cama e me agacho sobre o disco rígido. Piscando para afastar as lágrimas, bato com a base do abajur contra o disco rígido, amassando-o.

Bato outra vez, e outra, e outra, até o disco rígido quebrar, espalhando pedaços pelo chão. Em seguida, chuto os pedaços para debaixo da cômoda, coloco o abajur de volta no lugar e sigo para o corredor, enxugando os olhos com as costas da mão.

Alguns minutos depois, um pequeno grupo de homens e mulheres vestindo cinza surge no corredor, junto com Peter, remexendo pilhas de roupas.

— Tris — diz Caleb. — Você ainda está vestida de cinza.

Seguro a camisa do meu pai e hesito.

— É do papai — explico. Se eu trocar de roupa, terei que deixá-la para trás. Mordo o lábio para que a dor me fortaleça. Preciso me livrar dela. É apenas uma camisa. Só isso.

— Vou vesti-la sob a minha — diz Caleb. — Eles não vão perceber.

Aceno com a cabeça e agarro uma camisa vermelha da pilha de roupas. Ela é grande o bastante para ocultar o volume da arma. Entro no quarto mais próximo para me trocar e entrego a camisa cinza para Caleb ao voltar para o corredor. Há uma porta aberta e, por trás dela, vejo Tobias enfiando roupas da Abnegação no lixo.

— Você acha que os membros da Amizade vão mentir por nós? — pergunto a ele, apoiando-me no batente da porta.

— Para evitar um conflito? — Tobias acena com a cabeça. — Com certeza.

Ele está usando uma camisa vermelha de colarinho e uma calça jeans rasgada no joelho. Fica ridículo com essas roupas.

— Bela camisa — comento.

Ele torce o nariz para mim.

— Era a única coisa que cobria a minha tatuagem, está bem?

Dou um sorriso nervoso. Havia me esquecido das minhas tatuagens, mas a camisa as esconde bem.

Os carros da Erudição chegam ao complexo. Há cinco deles, todos prateados, com teto preto. Os motores parecem ronronar enquanto as rodas atravessam o terreno irregular. Entro um pouco para dentro do edifício, deixando a porta aberta atrás de mim, e Tobias mantém-se ocupado com o fecho da lata de lixo.

Todos os carros estacionam e as portas se abrem, revelando pelo menos cinco homens e mulheres vestindo o azul da Erudição.

E cerca de outros quinze vestindo o preto da Audácia.

Quando os membros da Audácia se aproximam, vejo tiras de tecido azul enroladas em seus braços, o que só pode significar que eles se aliaram à Erudição. A facção que escravizou as suas mentes.

Tobias segura a minha mão e me guia para dentro do dormitório.

— Não pensei que a nossa facção seria tão idiota — diz ele. — Você está com a arma, certo?

— Estou. Mas não posso garantir que conseguirei atirar muito bem com a mão esquerda.

— Você deveria treinar isso — aconselha ele. Sempre um instrutor.

— Vou treinar — respondo, e começo a tremer um pouco ao completar: — se sobrevivermos.

Suas mãos acariciam meus braços nus.

— É só saltitar um pouco enquanto anda — instrui, beijando a minha testa —, fingir que você tem medo das armas deles — outro beijo, entre as minhas sobrancelhas —, agir como a flor amedrontada que você nunca será — um beijo na minha bochecha —, e você ficará bem.

— Está bem. — Minhas mãos tremem enquanto eu agarro o colarinho da sua camisa. Puxo a sua boca para junto da minha.

Um sino toca uma, duas, três vezes. É um chamado para o refeitório, onde os membros da Amizade costumam se reunir para ocasiões menos formais do que o encontro do outro dia. Nos juntamos ao grupo de membros da Abnegação fantasiados de Amizade.

Retiro os grampos do cabelo de Susan. Seu estilo de cabelo é severo demais para a Amizade. Ela me oferece um pequeno sorriso de gratidão, enquanto o cabelo cai sobre os ombros. É a primeira vez que vejo seu cabelo dessa maneira. Suaviza seu queixo quadrado.

Eu deveria ser mais corajosa do que os membros da Abnegação, mas eles não parecem estar tão preocupados quanto eu. Sorriem uns para os outros e caminham em silêncio. Silêncio demais. Abro caminho entre eles e cutuco o ombro de uma das mulheres mais velhas.

— Fale para as crianças brincarem de pique-pega — peço a ela.

— Pique-pega?

— Elas estão agindo de maneira muito respeitável e... Careta — explico, contorcendo o rosto ao falar a palavra que se tornou o meu apelido dentro da Audácia. — Crianças da Amizade estariam fazendo uma arruaça. Apenas faça o que eu disse, está bem?

A mulher toca o ombro de uma das crianças da Abnegação e sussurra algo em seu ouvido, e alguns segundos depois um grupo de crianças está correndo, desviando dos pés dos membros da Amizade e gritando:

— Peguei você! É a sua vez!

— Não, você só tocou na manga da minha camisa!

Caleb se dá conta do que estamos fazendo e começa a cutucar a costela de Susan, que cai na gargalhada. Tento relaxar, saltitando ao andar, como Tobias sugeriu, e balançando os braços ao dobrar os corredores. É impressionante como fingir ser de uma facção diferente muda tudo, até o meu modo de caminhar. Deve ser por isso que é tão estranho eu poder facilmente pertencer a três delas.

Alcançamos os membros da Amizade à nossa frente enquanto atravessamos o pátio em direção ao refeitório e nos misturamos a eles. Mantenho Tobias dentro do meu campo de visão, porque não quero me distanciar muito dele. Os membros da Amizade não questionam nossa atitude; eles apenas permitem que nos misturemos à sua facção.

Uma dupla de traidores da Audácia está em pé ao lado da porta do refeitório, segurando armas, e meu corpo enrijece. De repente me dou conta da realidade: estou sendo levada para dentro de um prédio cercado por membros da Erudição e da Audácia. Se me descobrirem, não terei para onde correr. Eles me matarão na hora.

Penso em fugir. Mas para onde poderia ir, sem que eles conseguissem me pegar? Tento respirar normalmente. Estou quase passando por eles. *Não olhe, não olhe.* Estou a alguns passos de distância. *Desvie os olhos, desvie os olhos.*

Susan me dá o braço.

— Estou contando uma piada — diz ela — que você acha muito engraçada.

Cubro a boca com a mão e forço uma risadinha, que soa aguda e estranha, mas, pelo sorriso de Susan, parece que foi convincente. Agarramos uma à outra da mesma maneira que as meninas da Amizade fazem, olhando de soslaio para os membros da Audácia e rindo novamente. Fico impressionada com a minha capacidade de agir assim, mesmo com este peso no meu peito.

— Obrigada — sussurro, depois que entramos no refeitório.

— De nada.

Tobias senta-se à minha frente a uma das mesas longas, e Susan, ao meu lado. Os outros membros da Abnegação se espalham pelo salão, enquanto Caleb e Peter sentam-se a algumas cadeiras de distância de nós.

Batuco os dedos na minha perna enquanto esperamos alguma coisa acontecer. Ficamos sentados ali durante um longo tempo, e eu finjo prestar atenção à história que uma menina da Amizade está contando. Mas, de vez em quando, olho para Tobias, e ele me encara de volta, como se estivéssemos compartilhando o medo.

Finalmente, Johanna entra no refeitório com a mulher da Erudição. Sua camisa azul parece brilhar em contraste com a sua pele, que é marrom-escura. Ela vasculha o salão enquanto conversa com Johanna. Prendo a respiração quando seus olhos me encontram, depois a solto quando ela segue vasculhando o salão, sem hesitar. Ela não me reconheceu.

Pelo menos, não por enquanto.

Alguém bate com a mão na mesa e o refeitório fica em silêncio. Está na hora. É agora que ela nos entregará, ou não.

— Nossos amigos da Erudição e da Audácia estão procurando algumas pessoas — diz Johanna. — Vários membros da Abnegação, três membros da Audácia e um ex-iniciando da Erudição. — Ela sorri. — Para cooperar inteiramente com eles, disse que as pessoas que procuram estiveram, de fato, aqui, mas já foram embora. Eles estão pedindo permissão para revistar as nossas dependências, e isso significa que precisamos votar. Alguém é contra a revista?

A tensão em sua voz sugere que, caso alguém realmente seja contra, é melhor ficar de boca calada. Não sei se os membros da Amizade captam esse tipo de mensagem, mas ninguém fala nada. Johanna acena com a cabeça para a mulher da Erudição.

— Três de vocês ficam aqui — fala a mulher para o grupo de guardas da Audácia posicionado ao lado da entrada. — Os outros, vasculhem os edifícios e me avisem se encontrarem alguma coisa. Podem ir.

Há tantas coisas que eles poderiam encontrar. Os pedaços do disco rígido. Roupas que eu posso ter me esquecido de jogar fora. Uma ausência suspeita de objetos pessoais e de decoração nos nossos aposentos. Sinto o meu batimento cardíaco atrás dos olhos enquanto os três soldados da Audácia que ficaram para trás caminham para cima e para baixo, entre as fileiras de mesas.

Sinto um arrepio na nuca quando um deles caminha atrás de mim, com passos pesados e barulhentos. Não é a primeira vez que fico feliz em ser pequena e de aparência comum. Não chamo a atenção das pessoas.

Mas Tobias chama. Ele entrega o seu orgulho em sua postura, e na maneira como seus olhos apoderam-se de tudo o que veem. Isso não é um traço da Amizade. Só pode ser da Audácia.

A mulher da Audácia que caminha em sua direção olha imediatamente para ele. Seus olhos se estreitam enquanto se aproxima, e ela para diretamente atrás dele.

Queria que o colarinho de sua camisa fosse maior. Queria que ele não tivesse tantas tatuagens. Queria...

— Seu cabelo é bastante curto para alguém da Amizade — comenta ela.

... que ele não cortasse o cabelo como alguém da Abnegação.

— Está quente.

A desculpa até poderia ter colado se ele soubesse dizê-la do jeito certo, mas seu tom é ríspido.

Ela estende a mão e, com o dedo indicador, abaixa o colarinho da camisa de Tobias, revelando a sua tatuagem.

E Tobias entra em ação.

Ele agarra o punho da mulher, puxando-a para a frente e fazendo com que perca o equilíbrio. Ela bate com a cabeça na quina da mesa e desaba. Do outro lado do salão, uma arma dispara, alguém grita, e todos mergulham sob as mesas ou se escondem atrás dos bancos.

Todos, menos eu. Continuo sentada onde estava antes do disparo, agarrada à quina da mesa. Sei onde estou, mas não consigo mais enxergar o refeitório. Vejo o corredor por onde fugi depois que minha mãe morreu. Encaro a arma na minha mão e a pele macia entre as sobrancelhas de Will.

Solto um gemido gorgolejante. Seria um grito se meus dentes não estivessem travados. O feixe de memória desaparece, mas continuo paralisada.

Tobias agarra a nuca da mulher da Audácia e a obriga a se levantar. Ele está segurando a arma dela e a usa como escudo humano, enquanto atira por cima

do seu ombro contra o soldado da Audácia que se encontra do outro lado do salão.

— Tris! — grita ele. — Você poderia me ajudar aqui?

Levanto a camisa apenas o bastante para conseguir agarrar o punho da arma, e meus dedos tocam o metal. Está tão frio que as pontas dos meus dedos doem, mas isso é impossível; o refeitório está muito quente. Um homem da Audácia na ponta da fileira de mesas aponta o revólver em minha direção. O ponto escuro na ponta do cano da arma cresce ao meu redor, e a única coisa que consigo ouvir é o meu próprio batimento cardíaco.

Caleb salta em minha direção e agarra a minha arma. Ele a segura com as duas mãos e dispara contra o joelho do homem da Audácia que está em pé a poucos metros dele.

O homem da Audácia grita e desaba, agarrando a perna e dando a Tobias a oportunidade de disparar contra a sua cabeça. Sua dor é momentânea.

Todo o meu corpo treme, e eu não consigo parar. Tobias ainda segura a mulher da Audácia pela garganta, mas, desta vez, aponta a arma para a mulher da Erudição.

— Mais uma palavra — diz Tobias — e eu mato você.

A boca da mulher da Erudição está aberta, mas ela não fala nada.

— Quem estiver conosco é melhor começar a correr — avisa Tobias, enchendo o salão com a sua voz.

De repente, os membros da Abnegação erguem-se de seus lugares sob as mesas e bancos e seguem em direção à porta. Caleb me puxa do banco. Começo a andar em direção à porta.

De repente, vejo algo. Uma contração, uma centelha de movimento. A mulher da Erudição ergue uma pequena arma e aponta-a para uma pessoa de amarelo na minha frente. O instinto, e não a consciência, leva-me a mergulhar. Minhas mãos se chocam contra a pessoa e o disparo atinge a parede e não ela, ou eu.

— Abaixe a arma — diz Tobias, apontando seu revólver para a mulher da Erudição. — Minha mira é *muito* boa, e aposto que a sua não é.

Pisco algumas vezes para clarear minha visão. Peter me encara. Acabei de salvar a sua vida. Ele não me agradece, e eu o ignoro.

A mulher da Erudição solta a arma. Juntos, eu e Peter seguimos para a porta. Tobias nos segue, caminhando de costas, para manter a arma apontada para a mulher da Erudição. Assim que sai do salão, ele bate a porta entre os dois.

E todos nós corremos.

Corremos juntos pelo corredor central do pomar, ofegantes. O ar noturno está pesado como um cobertor e cheira a chuva. Ouço gritos atrás de nós. Depois, ouço o som de portas de carro batendo. Corro o mais rápido possível, como se estivesse respirando adrenalina, e não ar. O ruído dos motores me segue até o meio das árvores. Tobias agarra a minha mão.

Corremos juntos por um milharal em uma longa fila. A esta altura, os carros já nos alcançaram. Seus faróis atravessam os talos altos, iluminando algumas folhas e espigas de milho.

— Espalhem-se! — grita alguém. Parece ter sido o Marcus.

Nós nos dividimos e nos espalhamos pelo campo, como água sendo derramada. Agarro o braço de Caleb. Ouço Susan arfar atrás dele.

Atropelamos pés de milho pelo caminho. As folhas pesadas cortam minhas bochechas e braços. Encaro o ponto entre as omoplatas de Tobias enquanto corro. Ouço um ruído surdo e pesado e solto um grito. Ouço gritos por todos os lados, à minha direita e à minha esquerda. Tiros. Os membros da Abnegação estão morrendo mais uma vez, como ocorreu quando fingi estar sob o efeito da simulação. E tudo o que eu estou fazendo é correr.

Finalmente, alcançamos a cerca. Tobias segue por ela, empurrando-a com a mão, até que encontra um buraco. Ele segura a grade para que eu, Caleb e Susan possamos atravessar. Antes de começarmos a correr novamente, paro

e olho o milharal que deixamos para trás. Vejo os faróis brilhando, distantes. Mas não ouço mais nada.

— Onde estão os outros? — sussurra Susan.

— Eles se foram — respondo.

Susan soluça. Tobias me puxa com força para o seu lado e segue em frente. Meu rosto arde com os cortes superficiais das folhas de milho e meus olhos estão secos. A morte dos membros da Abnegação é apenas mais um peso que não consigo deixar para trás.

Evitamos a estrada de terra que os carros da Erudição e da Audácia usaram para chegar ao complexo da Amizade, seguindo a linha de trem até a cidade. Não há onde nos escondermos aqui, nenhuma árvore ou prédio para nos proteger, mas não importa. Os carros da Erudição não conseguem atravessar a grade, e vai demorar um pouco até que eles consigam alcançar o portão.

— Preciso... parar... — diz Susan, de algum lugar na escuridão atrás de mim.

Paramos. Susan desaba no chão, chorando, e Caleb se agacha ao seu lado. Tobias e eu olhamos para a cidade, onde as luzes ainda estão acesas, porque ainda não é meia-noite. Quero sentir alguma coisa. Medo, raiva, mágoa. Mas não sinto. Só sinto vontade de continuar a me movimentar.

Tobias vira-se para mim.

— O que foi aquilo, Tris?

— O quê? — respondo, e sinto vergonha de o quão fraca minha voz soa. Não sei se ele está falando do Peter, do que aconteceu antes ou de alguma outra coisa.

— Você congelou! Alguém estava prestes a matá-la, e você não fez *nada*! — Agora ele está gritando: — Pensei que pudesse contar com você, pelo menos para salvar a sua própria pele!

— Ei! — diz Caleb. — Deixe-a em paz, está bem?

— Não — diz Tobias, me encarando. — Ela não precisa ser deixada em paz. — Suaviza a voz: — O que aconteceu?

Ele ainda acredita que sou forte. Forte o bastante para não precisar da sua compaixão. Eu costumava achar que ele tinha razão, mas agora não tenho tanta certeza. Limpo a garganta.

— Eu entrei em pânico. Isso não acontecerá novamente.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Não acontecerá — repito, mais alto.

— Tudo bem. — Pareço tê-lo convencido. — Precisamos chegar a algum lugar mais seguro. Eles vão se reagrupar e começar a procurar por nós.

— Você acha que eles se preocupam tanto conosco? — pergunto.

— Conosco, sim. Éramos nós que eles realmente estavam procurando, e Marcus, que deve estar morto.

Não sei como eu esperava que ele dissesse isso. Talvez com alívio, porque Marcus, seu pai e a maior ameaça à sua vida, finalmente se foi. Ou com dor e tristeza, porque seu pai talvez esteja morto, e às vezes a tristeza não faz muito sentido. Mas ele disse isso como se fosse apenas um fato, como a direção na qual estamos seguindo ou a hora atual.

— Tobias... — Começo a dizer, mas não sei como completar a frase.

— Precisamos ir — diz Tobias, olhando para trás.

Caleb ajuda Susan a se levantar. Ela só consegue se mover com o apoio do braço dele em suas costas, empurrando-a em frente.

Não havia percebido até aquele momento que a iniciação da Audácia havia me ensinado uma lição importante: como seguir em frente.

CAPÍTULO OITO

DECIDIMOS SEGUIR OS trilhos do trem até a cidade, porque nenhum de nós é bom com direções. Caminho de dormente em dormente, Tobias se equilibra sobre um dos trilhos, oscilando apenas de vez em quando, e Caleb e Susan nos seguem. Contraio o corpo cada vez que ouço um som que não consigo identificar, e só relaxo quando percebo que é apenas o vento, ou o ruído dos sapatos de Tobias sobre o trilho. Gostaria de continuar correndo, mas só o fato de eu conseguir mover os pés já é impressionante.

De repente, ouço um rangido baixinho vindo dos trilhos.

Agacho-me e encosto a palma das mãos em um trilho, fechando os olhos para me concentrar na sensação do metal sob minhas mãos. A vibração parece um suspiro atravessando o meu corpo. Olho para a extensão do trilho por entre os joelhos de Susan e não vejo nenhuma luz de trem, mas isso não significa nada. Talvez o trem esteja andando sem apitos ou faróis, para não anunciar sua chegada.

De repente, vejo o brilho de um pequeno vagão, distante, mas se aproximando rapidamente.

— Ele está vindo — aviso a eles. Esforço-me para me levantar, quando tudo o que quero fazer é me sentar. Mas acabo me levantando e esfregando as mãos na calça jeans. — Acho que devemos embarcar.

— Mesmo se o trem estiver sendo controlado pela Erudição? — pergunta Caleb.

— Se os membros da Erudição estivessem controlando o trem, teriam-no usado para ir até o complexo da Amizade para procurar por nós — diz Tobias. — Acho que vale a pena arriscar. Conseguiremos nos esconder na cidade. Aqui, eles vão acabar nos encontrando.

Nós nos afastamos dos trilhos. Caleb oferece instruções detalhadas a Susan sobre como embarcar em um trem em movimento, de uma maneira que só alguém que costumava pertencer à Erudição conseguiria fazer. Vejo o primeiro vagão se aproximando e ouço as batidas rítmicas do trem sobre os dormentes e o sussurro da roda de metal contra os trilhos de metal.

Quando o primeiro vagão passa na minha frente, começo a correr. Ignoro a sensação de queimação nas minhas pernas. Caleb ajuda Susan a subir em um dos vagões do meio, depois embarca também. Respiro fundo e lanço o corpo para a direita, chocando-me com o chão do vagão, as pernas balançando para fora do trem. Caleb agarra o meu braço esquerdo e me puxa mais para dentro. Tobias usa uma maçaneta para alçar o corpo para dentro depois de mim.

Olho para cima e fico sem ar.

Olhos brilham na escuridão. Há formas escuras dentro do vagão, mais numerosas que nós.

Os sem-facção.

+ + +

O vento uiva dentro do vagão. Todos estão de pé e armados, exceto eu e Susan, que não temos armas. Um homem sem-facção com um tapa-olho aponta uma arma para Tobias. Não sei onde ele a conseguiu.

A seu lado, uma mulher mais velha segura uma faca de cortar pão. Atrás dele, outra pessoa segura uma tábua com um prego saindo da ponta.

— Nunca vi pessoas da Amizade armadas — diz a mulher sem-facção que está segurando a faca.

O homem com a arma me parece familiar. Ele está vestido com roupas esfarrapadas de cores diferentes: uma camiseta preta sob uma jaqueta rasgada da Abnegação, uma calça jeans com costura vermelha e botas marrons. Há roupas de todas as facções representadas diante de nós: calças pretas da Franqueza usadas com camisas pretas da Audácia, vestidos amarelos sob

casacos azuis. A maioria das peças de roupas está rasgada ou manchada de alguma maneira, mas algumas não. Imagino que elas tenham sido roubadas recentemente.

— Eles não são da Amizade — diz o homem com a arma. — São da Audácia.

De repente o reconheço: é Edward, o iniciando que deixou a Audácia depois que Peter o atacou com uma faca de manteiga. É por isso que está usando o tapa-olho.

Lembro-me de segurar sua cabeça quando ele estava deitado no chão, gritando, e de limpar o seu sangue do chão.

— Olá, Edward — digo.

Ele inclina a cabeça em um cumprimento, mas não abaixa a arma.

— Tris.

— Seja lá o que vocês forem — diz a mulher —, terão que sair deste trem se quiserem continuar vivos.

— Por favor — implora Susan, com os lábios tremendo. Seus olhos se enchem de água. — Estávamos fugindo... e os outros estão mortos e não... — Ela começa a chorar novamente. — Acho que não consigo continuar, eu...

Sou tomada por uma vontade estranha de bater com a cabeça contra a parede. Não me sinto à vontade perto de pessoas chorando. Talvez seja egoísmo meu.

— Estamos fugindo da Erudição — informa Caleb. — Se saltarmos do trem, eles nos encontrarão mais facilmente. Portanto, agradeceríamos se vocês permitissem que fôssemos até a cidade de trem com vocês.

— É mesmo? — Edward inclina a cabeça para o lado. — E o que vocês já fizeram por nós?

— Eu ajudei você quando ninguém mais queria ajudar — respondo. — Lembra disso?

— Tudo bem, você ajudou. Mas e os outros? Nem tanto.

Tobias dá um passo à frente, e a arma de Edward quase encosta na sua garganta.

— Meu nome é Tobias Eaton. Não acho que você queira me empurrar para fora deste trem.

O efeito do nome sobre as pessoas no vagão é imediato e impressionante: elas abaixam suas armas e trocam olhares significativos.

— Eaton? É mesmo? — diz Edward, erguendo as sobrancelhas. — Tenho que admitir que eu não esperava por essa. — Ele limpa a garganta. — Tudo bem, vocês podem ficar no trem. Mas, quando chegarmos à cidade, terão que vir com a gente.

Em seguida, ele abre um pequeno sorriso.

— Conhecemos uma pessoa que tem procurado por você, Tobias Eaton.

+ + +

Tobias e eu nos sentamos na beirada do vagão, com as pernas balançando para fora.

— Você sabe quem é?

Tobias assente com a cabeça.

— Quem é, então?

— É difícil explicar. Preciso lhe contar muitas coisas.

Apoio o meu corpo contra o dele.

— É. Eu também.

+ + +

Não sei quanto tempo passa até eles pedirem para nós saltarmos. Mas, quando isso acontece, estamos na parte da cidade onde os sem-facção vivem, a cerca de um quilômetro e meio de onde cresci. Reconheço cada prédio no caminho, porque passava por eles quando perdia o ônibus da escola. Um tem tijolos quebrados. Outro está sustentando um poste de luz quebrado.

Ficamos em pé diante da porta do vagão, os quatro enfileirados. Susan choraminga.

— E se nos machucarmos? — pergunta ela.

Seguro sua mão.

— Vamos pular juntas. Eu e você. Já fiz isso várias vezes e nunca me machuquei.

Ela acena com a cabeça e aperta os meus dedos com tanta força que os machuca.

— No três. Um, dois, *três*.

Eu pulo, puxando-a comigo. Meus pés se chocam contra o chão e seguem correndo, mas Susan desaba na calçada e rola de lado. No entanto, fora um joelho ralado, ela parece estar bem. Os outros saltam sem dificuldades. Até Caleb, que, pelo que sei, só havia saltado de um trem uma vez antes disso.

Não sei quem entre os sem-facção conheceria Tobias. Talvez Drew e Molly, que foram reprovados na iniciação da Audácia. Mas eles nem sabiam qual é o nome verdadeiro dele e, além do mais, Edward provavelmente já os matou, considerando a disposição que ele mostrou em atirar em nós. Deve ser alguém da Abnegação ou da escola.

Susan parece ter se acalmado. Ela está andando sozinha agora, ao lado de Caleb, e suas bochechas estão secando, sem nenhuma lágrima para molhá-las novamente.

Tobias caminha ao meu lado, tocando levemente o meu ombro.

— Faz um tempo que não examino esse ombro. Como ele está?

— Está bem. Por sorte, trouxe o remédio contra dor. — Gosto de conversar sobre algo leve ou, pelo menos, o mais leve possível, considerando que ainda estamos falando sobre uma ferida. — Acho que não estou deixando o machucado cicatrizar direito. Estou usando o braço toda hora ou caindo sobre ele.

— Teremos tempo o bastante para cicatrizar quando tudo isso acabar.

— É. — *Ou talvez nem importe se eu cicatrizar ou não*, concluo em silêncio, *porque estarei morta*.

— Toma — oferece ele, tirando uma pequena faca do bolso de trás da calça e me entregando. — Por via das dúvidas.

Coloco a faca no bolso. Estou ainda mais tensa agora.

Os sem-facção nos guiam por uma rua, depois viram a esquina e entram em um corredor sinistro, com cheiro de lixo. Ratos se espalham à nossa frente, com guinchos de terror, e eu só vejo seus rabos, desaparecendo em meio a montes de lixo, latas de lixo vazias e caixas de papelão molhadas. Respiro pela boca para não vomitar.

Edward para ao lado de um dos prédios decadentes de tijolos e abre uma porta de aço com força. Recuo, quase esperando que o prédio desmorone se ele a abrir com muita força. As janelas estão tão sujas que a luz quase não as atravessa. Seguimos Edward para dentro de uma sala escura. Em meio ao brilho cintilante de uma lanterna, vejo... pessoas.

Pessoas sentadas ao lado de rolos de roupas de cama. Pessoas abrindo latas de comida. Pessoas bebendo água de garrafas. E crianças caminhando entre os grupos de adultos, sem qualquer confinamento a uma cor específica de roupas. Crianças sem-facção.

Estamos em um depósito dos sem-facção, e os sem-facção, que deveriam ser espalhados, isolados e sem comunidade... estão juntos dentro dele. Eles estão juntos, como uma *facção*.

Não sei o que esperar deles, mas fico surpresa com o quão normais parecem. Não lutam uns com os outros, nem se evitam. Alguns deles estão contando piadas, outros conversando baixinho. Mas aos poucos todos parecem perceber que nós não deveríamos estar ali.

— Venham — diz Edward, dobrando o dedo para que nós o acompanhemos. — Ela está aqui atrás.

Somos recebidos com olhares e silêncio enquanto seguimos Edward para o interior do prédio que deveria estar abandonado. Finalmente, não consigo mais conter as minhas perguntas:

— O que está acontecendo? Por que vocês estão todos juntos desta maneira?

— Você achou que eles... nós... estávamos dispersos — diz Edward, olhando para trás. — Bem, eles ficaram, por um tempo. Famintos demais para fazer qualquer coisa além de procurar comida. Mas aí os Caretas começaram a lhes dar comida, roupas, ferramentas e tudo o mais. E eles se tornaram mais fortes, e esperaram. Estavam assim quando eu os encontrei, e me receberam de braços abertos.

Entramos em um corredor escuro. Sinto-me em casa, na escuridão e no silêncio tão comuns aos túneis do complexo da Audácia. Tobias, no entanto, está enroscando um fio solto da sua camisa no dedo, para a frente e para trás, repetidas vezes. Ele sabe quem nós iremos encontrar, mas eu ainda não tenho a menor ideia. Por que será que sei tão pouco sobre o menino que diz que me ama, o menino cujo nome verdadeiro é poderoso o bastante para nos manter vivos dentro de um vagão cheio de inimigos?

Edward para em frente a uma porta de metal e bate nela com o punho.

— Espera aí, você disse que vocês estavam esperando? — pergunta Caleb. — Esperando *o quê*, exatamente?

— Esperando o mundo desmoronar — responde Edward. — E foi o que aconteceu agora.

A porta é aberta, e uma mulher estrábica com aparência severa aparece. Seu olho estável olha para cada um de nós.

— Eles estavam perdidos?

— Não exatamente, Therese. — Ele aponta com o polegar para trás, em direção a Tobias. — Este aqui é Tobias Eaton.

Therese encara Tobias durante alguns segundos, depois acena com a cabeça.

— É, é mesmo. Esperem aqui.

Ela fecha a porta novamente. Tobias engole em seco com força, e seu pomo de adão sobe e desce.

— Você sabe quem ela vai chamar, não sabe? — pergunta Caleb a Tobias.

— Caleb — diz Tobias —, por favor, cale a boca.

Para minha surpresa, meu irmão reprime a curiosidade típica da Erudição.

A porta se abre outra vez, e Therese nos dá passagem. Entramos em uma antiga sala das caldeiras, com máquinas que surgem da escuridão tão subitamente que eu acabo esbarrando nelas com os joelhos e cotovelos. Therese nos guia através de um labirinto de metal até os fundos da sala, onde várias lâmpadas estão penduradas do teto sobre uma mesa.

Uma mulher de meia-idade está em pé atrás da mesa. Seu cabelo é preto e cacheado, e sua pele é morena. Suas feições são duras e tão angulares que quase a tornam feia, mas não exatamente.

Tobias agarra a minha mão. De repente, reparo que os dois têm o mesmo nariz, curvado e um pouco grande demais no rosto dela, mas não no dele. Eles também têm a mesma mandíbula forte, queixo distinto, lábio inferior carnudo e orelhas salientes. Apenas os olhos dela são diferentes. Ao contrário dos olhos azuis de Tobias, os dela são tão escuros que parecem pretos.

— Evelyn — diz ele, com a voz levemente trêmula.

Evelyn era o nome da mulher de Marcus e da mãe de Tobias. Seguro a mão dele com menos força. Há apenas alguns dias, estava recordando o funeral dela. O *funeral* dela. E agora ela está diante de mim, com olhos mais frios do que os de qualquer mulher da Abnegação que eu jamais tenha visto.

— Olá. — Ela se aproxima pelo lado da mesa, estudando-o. — Você parece mais velho.

— Pois é. A passagem do tempo costuma ter esse efeito nas pessoas.

Ele já sabia que ela estava viva. Há quanto tempo ele descobrira?

Ela sorri.

— Então, você finalmente veio...

— Não vim pela razão que você imagina — interrompe-a Tobias. — Estávamos fugindo da Erudição, e a única chance de fuga que tínhamos me obrigou a revelar meu nome aos seus mal armados lacaios.

Ela deve tê-lo irritado de alguma maneira. Mas não consigo deixar de pensar que, se eu descobrisse que minha mãe estava viva depois de pensar por tanto tempo que estivesse morta, nunca falaria com ela da maneira que Tobias está falando com a mãe dele agora, não importa o que ela tivesse feito.

A verdade por trás desse pensamento dói. Deixo isso de lado e me concentro no que está diante de mim agora. Sobre a mesa atrás de Evelyn há um grande mapa com marcações em vários pontos. É claramente um mapa da cidade, mas não sei o que as marcações querem dizer. Na parede atrás dela há um quadro-negro com um gráfico desenhado. Não consigo decifrar as informações no gráfico; estão escritas em um tipo de estenografia que desconheço.

— Entendo. — Evelyn continua sorrindo, mas sem o tom alegre de antes. — Apresente-me seus companheiros refugiados, então.

Seus olhos encontram nossas mãos unidas. Tobias solta os dedos imediatamente. Ele aponta para mim primeiro.

— Esta é Tris Prior. Seu irmão, Caleb. E a amiga deles, Susan Black.

— Prior — repete ela. — Conheço muitos Prior, mas nenhum chamado Tris. Já Beatrice, no entanto...

— Bem — comento —, conheço vários Eaton vivos, mas nenhum chamado Evelyn.

— Prefiro o nome Evelyn Johnson. Principalmente quando estou no meio de um grupo de pessoas da Abnegação.

— E *eu* prefiro o nome Tris — respondo. — E não somos da Abnegação. Pelo menos a maioria de nós não.

Evelyn olha para Tobias.

— Você fez algumas amizades bem interessantes.

— Aquelas são contagens da população? — pergunta Caleb, de trás de mim. Ele caminha adiante, com a boca aberta. — E... o quê? Abrigos secretos dos sem-facção? — Ele aponta para a primeira linha do gráfico, onde está escrito: 7..... *Csa Vde*. — Quer dizer, esses lugares no mapa? São abrigos como este, não são?

— Você está fazendo muitas perguntas — diz Evelyn, erguendo uma sobrancelha. Reconheço a sua expressão. Ela pertence a Tobias, assim como sua resistência em relação a perguntas. — Por motivos de segurança, não responderei nenhuma delas. De qualquer maneira, está na hora do jantar.

Ela aponta para a porta. Susan e Caleb caminham em direção a ela, seguidos por mim, e Tobias e sua mãe vêm por último. Atravessamos o labirinto de máquinas outra vez.

— Não sou idiota — fala ela baixinho. — Sei que você não quer saber de mim, embora ainda não entenda exatamente por quê... — Tobias bufa. — Mas vou convidá-lo mais uma vez. Você poderia nos ajudar muito aqui, e sei que você compartilha da nossa opinião a respeito do sistema de facções...

— Evelyn — diz Tobias —, eu escolhi a Audácia.

— Escolhas podem ser refeitas.

— O que a leva a acreditar que eu tenha alguma vontade de estar perto de *você*? — Ouço a pausa em suas pegadas e desacelero meus próprios passos para ouvir a resposta dela.

— Porque sou sua mãe — diz ela, e sua voz quase falha ao dizer essas palavras, com uma vulnerabilidade pouco característica. — Porque você é meu filho.

— Você realmente não entende — continua Tobias. — Você não tem a menor ideia do que fez comigo. — Ele parece estar sem ar. — Não quero me juntar ao seu pequeno exército sem-facção. Quero ir embora daqui o mais rápido possível.

— Meu *pequeno* exército sem-facção tem duas vezes o tamanho da Audácia — diz Evelyn. — É melhor você levá-lo a sério. As ações dele poderão

determinar o futuro desta cidade.

Depois de falar isso, ela caminha na frente dele e na minha frente também. Suas palavras ecoam em minha mente: *Duas vezes o tamanho da Audácia.* Quando será que eles se tornaram tão numerosos?

Tobias olha para mim, com as sobrancelhas abaixadas.

— Há quanto tempo você sabe? — pergunto.

— Há cerca de um ano. — Ele se apoia na parede e fecha os olhos. — Ela me mandou uma mensagem codificada na Audácia, pedindo para que eu a encontrasse no pátio de trens. Eu fui porque estava curioso, e lá estava ela. Viva. Como você deve imaginar, não foi um reencontro muito feliz.

— Por que ela deixou a Abnegação?

— Ela teve um caso. — Ele balança a cabeça. — O que não é nenhuma surpresa, já que meu pai... — Ele balança a cabeça outra vez. — Bem, digamos que Marcus não era mais gentil com ela do que comigo.

— É... é por isso que você está com raiva dela? Porque ela foi infiel a ele?

— Não — diz ele, de maneira um pouco dura demais, enquanto abre os olhos. — Não, não é por isso que estou com raiva.

Aproximo-me dele como se me aproximasse de um animal selvagem, calculando cada passo sobre o chão de cimento.

— Então, por quê?

— Entendo que ela precisava deixar meu pai. Mas será que pensou em me levar junto?

Contraio os lábios.

— Ah, ela deixou você com ele.

Ela o deixou sozinho com seu pior pesadelo. Dá para entender por que ele a odeia.

— É. — Ele chuta o chão. — Foi o que ela fez.

Meus dedos encontram os seus, desajeitados, e ele os guia para os espaços entre os dele. Sei que já basta de perguntas por agora, então deixo que o silêncio permaneça entre nós, até que ele decida quebrá-lo:

– Parece que os sem-facção são melhores amigos do que inimigos.

– Talvez. Mas qual seria o preço dessa amizade?

Ele balança a cabeça.

– Não sei. Mas talvez não tenhamos opção.

CAPÍTULO NOVE

UM DOS SEM-FACÇÃO acendeu uma fogueira para esquentarmos nossa comida. Os que querem comer reúnem-se em uma roda em volta de uma bacia enorme de metal onde se encontra a fogueira, primeiro aquecendo as latas e distribuindo colheres e garfos, depois passando as latas de mão em mão, para que todos possam comer um pouco de tudo. Tento não pensar no número de doenças que poderiam se espalhar assim enquanto mergulho a minha colher em uma lata de sopa.

Edward senta-se no chão ao meu lado e pega a lata de sopa da minha mão.

— Então vocês eram todos da Abnegação, não é? — Ele enfia vários pedaços de macarrão e um de cenoura na boca, e passa a lata para a mulher à sua direita.

— Sim, nós éramos. Mas, como você já sabe, eu e Tobias nos transferimos, e... — De repente me dou conta de que não devo contar a ninguém que Caleb juntou-se à Erudição. — Caleb e Susan ainda são da Abnegação.

— E o Caleb é seu irmão. Você abandonou a sua família para juntar-se à Audácia?

— Você está parecendo alguém da Franqueza — respondo, irritada. — Que tal guardar suas opiniões para si mesmo?

Therese inclina-se em nossa direção.

— Na verdade, ele costumava ser da Erudição, e não da Franqueza.

— É, eu sei. Eu...

Ela me interrompe:

— Eu também era, mas fui obrigada a sair.

— O que houve?

— Eu não era inteligente o bastante. — Ela dá de ombros e pega uma lata de feijão da mão de Edward, mergulhando sua colher dentro dela. — Minha nota no teste de inteligência da iniciação não foi boa o bastante. Então, eles disseram "Passe o resto da vida limpando o laboratório de pesquisa ou vá embora". Decidi ir embora.

Ela olha para baixo e limpa a colher com a língua. Pego os feijões dela e passo-os para Tobias, que encara o fogo.

— Há muitos de vocês da Erudição? — pergunto.

Therese balança a cabeça.

— Na verdade, a maioria é da Audácia. — Ela acena com a cabeça na direção de Edward, e ele franze a testa. — Os outros são da Erudição, da Franqueza e alguns poucos da Amizade. Ninguém é reprovado na iniciação da Abnegação, então temos poucas pessoas de lá, exceto por algumas que sobreviveram ao ataque da simulação e procuraram abrigo aqui.

— Acho que o fato de haver tantas pessoas da Audácia não deveria me surpreender — digo.

— É verdade. A iniciação deles é uma das piores, e existe aquela coisa da velhice.

— Coisa da velhice? — pergunto.

Olho para Tobias. Agora ele está prestando atenção e sua aparência é quase normal, com os olhos pensativos e escuros sob a luz da fogueira.

— Quando os membros da Audácia atingem um certo grau de deterioração física — explica ele —, são convidados a deixar a facção. De uma maneira ou de outra.

— Qual é a outra maneira? — Meu coração dispara, como se já conhecesse a resposta que eu não consigo encarar sem perguntar.

— Digamos apenas que, para algumas pessoas, é melhor morrer do que se tornar um sem-facção — responde ele.

— Essas pessoas são idiotas — diz Edward. — Prefiro ser um sem-facção do que um membro da Audácia.

— Sorte a sua que você veio parar aqui, então — observa Tobias, friamente.

— Sorte? — Edward solta uma bufada irônica. — É. Sou muito sortudo, com meu único olho e tal.

— Lembro-me de ouvir boatos que diziam que você provocou aquele ataque — diz Tobias.

— Como assim? — intervenho. — Ele estava vencendo, só isso, e Peter ficou com inveja, então ele...

Vejo o sorrisinho no rosto de Edward e paro de falar. Talvez eu não saiba de tudo o que ocorreu durante a iniciação.

— Houve um incidente antes — explica Edward. — E Peter não saiu vitorioso dele. Mas isso certamente não justifica uma faca de manteiga no olho.

— Concordo com você — responde Tobias. — Se isso o faz se sentir melhor, ele levou um tiro à queima-roupa no braço durante o ataque da simulação.

Isso realmente parece fazer Edward se sentir melhor, porque ele passa a sorrir ainda mais.

— Quem atirou nele? Você?

Tobias balança a cabeça.

— Tris.

— Muito bem — diz Edward.

Eu aceno com a cabeça, mas me sinto um pouco enojada por ser parabenizada por isso.

Bem, nem *tão* enojada assim. Afinal de contas, foi Peter.

Encaro as chamas abraçarem os pedaços de madeira que as alimentam. Elas se movem e se transformam, como os meus pensamentos. Lembro-me da primeira vez que me dei conta de que nunca havia visto um membro idoso da Audácia. Lembro-me também de quando percebi que meu pai era velho demais para subir os caminhos do Fosso. Agora compreendo isso melhor do que gostaria.

— Você sabe dizer como as coisas andam agora? — pergunta Tobias a Edward. — Todos os membros da Audácia se juntaram à Erudição? A Franqueza fez alguma coisa?

— A Audácia está dividida — diz Edward com a boca cheia. — Metade se encontra na sede da Erudição, e a outra metade na sede da Franqueza. O que restou da Abnegação está aqui, conosco. Não aconteceu muita coisa até agora. Exceto pelo que aconteceu com vocês, é claro.

Tobias acena com a cabeça. Fico um pouco aliviada em saber que pelo menos metade dos membros da Audácia não nos traiu.

Como colherada após colherada, até ficar de estômago cheio. Depois, Tobias arruma catres e cobertas, e eu encontro um canto vazio para deitarmos. Quando ele se abaixa para desamarrar os sapatos, vejo o símbolo da Amizade na parte inferior das suas costas, com os galhos curvando-se sobre sua espinha. Quando ele ajeita o corpo, piso nos lençóis e o abraço, roçando a tatuagem com os dedos.

Tobias fecha os olhos. Espero que o fogo minguante nos esconda enquanto acaricio as suas costas, tocando cada tatuagem, sem vê-las. Imagino o olho fixo da Erudição, a balança desequilibrada da Franqueza, as mãos unidas da Abnegação e as chamas da Audácia. Com a outra mão, encontro a chama tatuada sobre o tórax de Tobias. Sinto a respiração pesada dele contra a minha bochecha.

— Queria que estivéssemos sozinhos — diz ele.

— Eu quase sempre quero isso — respondo.

+ + +

Caio no sono, embalada pelo som de conversas distantes. Ultimamente, tenho mais facilidade em cair no sono quando há barulho ao meu redor. Consigo concentrar-me no barulho, não nos pensamentos que invadiriam a minha mente se houvesse silêncio. O barulho e a atividade são os refúgios dos enlutados e dos culpados.

Quando acordo, o fogo se reduziu a uma pequena brasa, e apenas alguns poucos sem-facção continuam acordados. Demoro alguns segundos para descobrir por que acordei: ouvi as vozes de Evelyn e Tobias a alguns metros de mim. Fico imóvel, esperando que eles não descubram que estou acordada.

— Você vai ter que me explicar o que está acontecendo aqui, se quiser que eu considere ajudá-la — diz ele. — Embora eu ainda não entenda por que precisa de mim.

Vejo a sombra de Evelyn na parede, tremeluzindo com o fogo. Ela é esguia e forte como Tobias. Seus dedos embaraçam-se em seu cabelo enquanto ela fala:

— O que você gostaria de saber exatamente?

— Fale-me sobre o gráfico. E o mapa.

— Seu amigo acertou quando disse que o mapa e o gráfico listavam nossos abrigos secretos. Mas errou a respeito da contagem de população... mais ou menos. Os números não incluem todos os sem-facção, apenas alguns deles. E aposto que você consegue adivinhar quais são.

— Não estou com paciência para adivinhações.

Ela suspira:

— Os Divergentes. Estamos contando os Divergentes.

— Como você sabe quem eles são?

— Antes do ataque da simulação, uma das ações da campanha da Abnegação foi um teste de pessoas sem-facção, para detectar certas anomalias genéticas. Às vezes, os testes incluíam uma segunda aplicação do teste de aptidão. Outras vezes, a questão era mais complicada. Mas eles nos explicaram que suspeitavam que nossa população Divergente é maior do que a de qualquer outro grupo da cidade.

— Não entendo. Por que...

— Por que os sem-facção têm uma população Divergente tão grande? — Pelo tom da sua voz, ela deve estar sorrindo. — É claro que aqueles que não

conseguem confinar-se a uma única forma de pensar teriam uma chance maior de deixar uma facção ou de ser reprovados nas iniciações, certo?

— Não era isso o que eu ia perguntar. Quero saber por que *você* se importa com a quantidade de Divergentes que existem.

— A Erudição está à procura de mão de obra. Eles a encontraram temporariamente na Audácia. Agora, vão procurar mais, e nós somos a opção mais óbvia, a não ser que descubram que nós contamos com mais Divergentes do que qualquer outro grupo. Caso eles não descubram, quero saber quantos de nós somos resistentes às simulações.

— Entendo, mas por que a Abnegação estava tão interessada em descobrir quem é Divergente? Não era para ajudar Jeanine, era?

— É claro que não. Mas, infelizmente, não sei. A Abnegação não estava disposta a revelar informações que, segundo eles, só serviam para aliviar a nossa curiosidade. Eles nos contaram apenas o que acreditavam que deveríamos saber.

— Estranho — murmura ele.

— Talvez você deva questionar o seu pai a respeito disso — sugere ela. — Foi ele quem me falou sobre você.

— Sobre mim? O que ele falou sobre mim?

— Que suspeitava que você fosse Divergente. Ele estava sempre de olho em você. Reparando no seu comportamento. Ele prestava muita atenção em você. Por isso... por isso, pensei que você estaria seguro com ele. Mais seguro do que comigo.

Tobias permanece em silêncio.

— Hoje, vejo que eu provavelmente estava errada.

Ele continua em silêncio.

— Eu gostaria... — Ela começa a dizer.

— Não se atreva a pedir desculpa. — Sua voz treme. — Isso não é algo que você pode consertar com uma ou duas palavras, com alguns abraços ou coisa parecida.

— Tudo bem. Tudo bem. Não vou pedir desculpa.

— Por que os sem-facção estão se reunindo? O que vocês pretendem fazer?

— Queremos derrubar a Erudição. Quando nos livrarmos deles, será difícil nos impedirem de tomar o governo.

— Você quer que eu a ajude a fazer isso? A derrubar um governo corrupto e substituí-lo por uma tirania sem-facção. — Ele ri com desdém. — De jeito nenhum.

— Não queremos ser tiranos — insiste ela. — Queremos estabelecer uma nova sociedade. Uma sociedade sem facções.

Minha boca fica seca. Sem facções? Um mundo onde ninguém sabe quem é ou onde pertence? Não consigo nem imaginar isso. Só consigo imaginar o caos e o isolamento que isso provocaria.

Tobias solta uma gargalhada.

— Certo. E como vocês planejam derrubar a Erudição?

— Às vezes, mudanças trágicas exigem medidas trágicas. — A sombra de Evelyn ergue um ombro. — Imagino que isso envolverá um alto grau de destruição.

Sinto um arrepio ao ouvir a palavra "destruição". Em alguma parte obscura do meu ser, anseio por destruição, desde que seja a Erudição a ser destruída. Mas a palavra agora tem um significado novo para mim, desde que testemunhei a sua verdadeira aparência: corpos vestidos de cinza jogados sobre meios-fios e calçadas, líderes da Abnegação baleados em seus próprios jardins, ao lado de suas caixas de correio. Aperto o rosto contra o catre sobre o qual estou dormindo, tão forte que minha testa dói, só para tentar mandar essa lembrança para longe, longe, *longe*.

— Quanto ao motivo pelo qual preciso de você — diz Evelyn. — Para conseguirmos levar isso a cabo, precisamos da ajuda da Audácia. Eles contam com armas e experiência de combate. Você poderia fazer a ponte entre eles e nós.

— Você acha que sou importante para a Audácia? Bem, não sou. Sou apenas uma pessoa que não tem medo de muita coisa.

— O que estou sugerindo é que você *se torne* importante. — Ela se levanta, e sua sombra se estende do chão até o teto. — Tenho certeza de que você daria um jeito de conseguir isso, se quisesse. Pense nisso.

Ela puxa o cabelo encaracolado para trás e o amarra em um nó.

— A porta está sempre aberta.

Alguns minutos depois, ele se deita novamente ao meu lado. Não quero admitir que estava bisbilhotando, mas quero dizer a ele que não confio em Evelyn nem nos sem-facção, nem em qualquer pessoa que fale de maneira tão natural em destruir uma facção inteira.

Antes que eu consiga juntar coragem para falar, a respiração dele torna-se constante, e ele cai no sono.

CAPÍTULO DEZ

PASSO A MÃO pela nuca para levantar os fios de cabelo que grudaram nela. Meu corpo inteiro dói, especialmente minhas pernas, que queimam por causa do ácido lático mesmo quando estou parada. Também não estou cheirando muito bem. Preciso de um banho.

Desço um corredor até o banheiro. Não sou a única pessoa que teve a ideia de tomar banho. Há um grupo de mulheres diante das pias, metade delas nua, e a outra metade sem parecer dar a menor importância a isso. Encontro uma pia vazia no canto do banheiro e enfio a cabeça sob a torneira, deixando que a água fria se derrame sobre minhas orelhas.

— Olá — cumprimenta Susan. Viro a cabeça para o lado. A água desliza pela minha bochecha e entra no meu nariz. Ela está carregando duas toalhas, uma branca e outra cinza, ambas com as pontas puídas.

— Oi.

— Tenho uma ideia. — Ela vira as costas para mim e levanta a toalha, bloqueando a visão do restante do banheiro. Solto um suspiro aliviado. Privacidade. Ou pelo menos o máximo de privacidade que conseguirei aqui.

Dispo-me rapidamente e agarro o sabonete ao lado da pia.

— Como você está? — pergunta ela.

— Estou bem. — Sei que ela só está perguntando porque as regras da sua facção dizem que deve perguntar. Gostaria que ela falasse comigo livremente. — Como você está, Susan?

— Melhor. Therese me disse que há um grupo grande de refugiados da Abnegação em um dos abrigos dos sem-facção — diz ela, enquanto passo o sabonete no cabelo.

— É mesmo? — Enfio a cabeça sob a torneira outra vez, massageando o couro cabeludo com a mão esquerda para remover o sabão. — Você vai encontrá-los?

— Sim — confirma Susan. — A não ser que vocês precisem da minha ajuda.

— Obrigada por oferecer, mas acredito que sua facção precise mais de você — respondo, fechando a torneira. Gostaria de não precisar me vestir. Está quente demais para usar calça jeans. Mas pego a outra toalha no chão e me seco correndo.

Visto a camisa vermelha que usava antes. Não queria vestir algo tão sujo outra vez, mas não tenho opção.

— Acho que algumas das mulheres sem-facção têm roupas sobrando — diz Susan.

— Provavelmente. Pronto, é a sua vez.

Seguro a toalha enquanto Susan se limpa. Meus braços começam a doer depois de um tempo, mas ela ignorou a dor por mim, então farei o mesmo por ela. A água respinga nos meus calcanhares quando ela lava o cabelo.

— Nunca pensei que passaríamos por essa situação juntas — digo depois de um tempo. — Tomando banho em uma pia de um prédio abandonado, fugindo da Erudição.

— Pensava que moraríamos perto uma da outra — diz Susan. — Frequentaríamos eventos sociais juntas. Pensava que nossos filhos caminhariam até o ponto de ônibus juntos.

Mordo o lábio ao ouvir isso. É claro que a culpa por isso nunca ter sido uma possibilidade é minha, porque escolhi outra facção.

— Desculpe, não tive a intenção de levantar esse assunto. Mas me arrependo por não ter prestado mais atenção. Se eu tivesse prestado, talvez conseguisse perceber pelo que você estava passando. Fui egoísta.

Sorrio de leve.

— Susan, não há nada de errado com a maneira como você agiu.

— Terminei. Pode passar a toalha?

Fecho os olhos e me viro, para que ela possa pegar a toalha da minha mão. Quando Therese entra no banheiro fazendo uma trança no cabelo, Susan pergunta se ela tem alguma roupa sobressalente.

Quando deixamos o banheiro, estou vestida com uma calça jeans e uma camisa preta com gola tão larga que desliza dos meus ombros, e Susan está vestindo uma calça jeans folgada e uma camisa branca da Franqueza, com colarinho. Ela abotoa a camisa até a garganta. Os membros da Abnegação são tão recatados que chegam a se vestir de modo desconfortável.

Quando volto para a sala central, alguns dos sem-facção estão saindo com baldes de tinta e pincéis. Olho para eles até que a porta se fecha.

— Eles vão escrever mensagens para os outros abrigos — diz Evelyn, atrás de mim. — Em um dos outdoors. Códigos formados por informações pessoais, como a cor preferida ou o nome do animal de estimação de infância de alguém.

Não entendo exatamente por que ela está me contando algo sobre os códigos dos sem-facção, até que eu me viro. Vejo uma expressão familiar em seus olhos. É a mesma expressão que Jeanine usou quando contou a Tobias que havia desenvolvido um soro capaz de controlá-lo: uma expressão de orgulho.

— Muito esperto. Foi ideia sua?

— Foi sim. — Ela dá de ombros, mas não me engana. Ela certamente não está indiferente. — Eu era da Erudição antes de ir para a Abnegação.

— É mesmo? O que houve? Não conseguiu acompanhar aquela vida acadêmica?

Ela não morde a isca.

— É, mais ou menos. — Ela faz uma pausa. — Seu pai deve ter deixado a facção pelo mesmo motivo.

Quase me viro para fugir da conversa, mas suas palavras criam um tipo de pressão dentro da minha cabeça, como se ela estivesse esmagando o meu cérebro com as mãos. Eu a encaro.

— Você não sabia? — Ela franze a testa. — Desculpe, esqueci que os membros das facções raramente falam sobre suas antigas facções.

— O quê? — pergunto, com a voz falhando.

— Seu pai nasceu na Erudição. Os pais dele eram amigos dos pais de Jeanine Matthews, antes de morrerem. Seu pai e Jeanine costumavam brincar juntos quando crianças. Eu costumava vê-los trocando livros na escola.

Imagino o meu pai, adulto, sentado ao lado de Jeanine, adulta, a uma mesa do velho refeitório da minha escola, com um livro entre eles. A imagem me parece tão ridícula que solto algo entre uma risada e um gemido. Não pode ser verdade.

Mas...

Mas ele nunca falava sobre sua família ou sua infância.

Mas ele não tinha as mesmas maneiras quietas dos que tinham crescido na Abnegação.

Mas seu ódio pela Erudição era tão forte que deveria ser *pessoal*.

— Desculpe, Beatrice — diz Evelyn. — Não tive a intenção de reabrir feridas do passado.

Franzo a testa.

— Sim, você teve.

— O que você quer dizer...

— Preste bem atenção — digo, baixando a voz. Olho atrás dela para ver se Tobias está por perto. Só consigo ver Caleb e Susan em um canto do chão, compartilhando uma lata de pasta de amendoim. Tobias não está aqui.

— Não sou idiota — continuo a dizer. — Sei que você está tentando usá-lo. E vou falar isso para ele, se ele ainda não tiver percebido.

— Minha querida menina — diz ela. — Sou da família dele. Eu sou permanente. Você é apenas temporária.

— Você tem razão. A mãe o abandonou e o pai o espancava. É claro que a lealdade dele será ao sangue do seu sangue, com uma família dessas.

Vou embora, com as mãos tremendo, e sento-me ao lado de Caleb no chão. Susan agora está do outro lado da sala, ajudando um dos sem-facção na arrumação. Ele me passa a lata de pasta de amendoim. Lembro-me das fileiras de pés de amendoim nas estufas da Amizade. Eles o cultivam porque é um alimento rico em proteína e gordura, o que é importante principalmente para os sem-facção. Pego um pouco da pasta de amendoim com o dedo e enfio-a na boca.

Será que eu conto para ele o que Evelyn acabou de dizer? Não quero que ele pense que a Erudição está em seu sangue. Não quero lhe dar nenhum motivo para voltar para lá.

Decido não falar nada por enquanto.

— Queria falar com você sobre uma coisa — diz ele.

Aceno com a cabeça, ainda tentando lamber a pasta de amendoim que ficou presa no céu da minha boca.

— Susan quer ir visitar o pessoal da Abnegação. E eu também quero. Também quero ter certeza de que ela ficará bem. Mas não quero deixar você.

— Não tem problema.

— Por que você não vem conosco? — pergunta ele. — Tenho certeza de que a Abnegação aceitaria você de volta.

Também tenho certeza. Os membros da Abnegação não guardam rancores. Mas estou prestes a ser engolida pela tristeza e, se eu voltar para a antiga facção dos meus pais, é o que vai acontecer.

Balanço a cabeça negativamente.

— Preciso ir para a sede da Franqueza e descobrir o que está acontecendo. Não saber está me deixando maluca. — Forço um sorriso. — Mas você deve ir. Susan precisa de você. Ela parece estar melhor, mas ainda precisa de você.

— Está bem. — Caleb assente com a cabeça. — Bem, vou tentar me juntar a você em breve. Mas tome cuidado.

— Eu sempre tomo, não é?

— Não, acho que a maneira como você costuma agir está mais para imprudente.

Caleb aperta o meu ombro saudável de leve. Como outro dedo cheio de pasta de amendoim.

Tobias sai do banheiro masculino alguns minutos depois com uma camiseta preta, em vez da camisa vermelha da Amizade que vestia antes, e com o cabelo molhado. Nós nos encaramos, cada um de um lado da sala, e eu sei que está na hora de ir embora.

+ + +

A sede da Franqueza é grande o bastante para abrigar um mundo inteiro. Pelo menos essa é a minha impressão do lugar.

Ela está localizada em um enorme edifício de concreto, voltado para o que um dia foi o rio. Na frente do edifício há uma placa onde está escrito MERC IS MART. No passado, o que se lia era "Merchandise Mart", mas a maioria das pessoas refere-se ao lugar como Merciless Mart, ou Mercado Impiedoso, porque os membros da Franqueza são impiedosos, mas honestos. Eles parecem ter aceitado o apelido.

Não sei o que esperar do lugar, porque nunca entrei lá. Eu e Tobias paramos diante da porta e olhamos um para o outro.

— Lá vamos nós — diz ele.

Não consigo ver nada além do meu reflexo nas portas de vidro. Pareço cansada e suja. Pela primeira vez, percebo que não precisamos fazer nada. Poderíamos nos esconder com os sem-facção e deixar que os outros cuidem dessa bagunça. Poderíamos nos tornar ninguém, seguros, juntos.

Ele ainda não me contou sobre a conversa que teve com sua mãe na noite passada, e não acho que vai contar. Parecia estar tão determinado a alcançar a sede da Franqueza que eu começo a me perguntar se não está planejando algo sem mim.

Não sei por que atravesso as portas. Talvez seja porque decido que, já que chegamos até aqui, não custa nada descobrir o que está acontecendo. Mas acho que o fato é que eu sei o que é verdade e o que não é. Sou Divergente, não sou uma ninguém. Ninguém está realmente "seguro", e tenho coisas mais importantes na minha mente do que ficar brincando de casinha com Tobias. E parece que ele também.

O saguão é grande e bem iluminado, com o piso de mármore preto que se estende até um hall de elevador. Um anel de ladrilhos de mármore branco no centro do saguão forma o símbolo da Franqueza: uma balança desequilibrada, representando o peso da verdade contra o da mentira. O ambiente está lotado de membros armados da Audácia.

Uma soldada da Audácia com o braço em uma tipoia aproxima-se de nós, com a arma em punho e o cano apontado para Tobias.

— Identifique-se — comanda. Ela é jovem, mas não o bastante para conhecer Tobias.

Os outros se reúnem atrás dela. Alguns nos olham com suspeita, outros com curiosidade, mas, mais estranho do que qualquer desses olhares, é o brilho que vejo em alguns dos seus olhos. Reconhecimento. Talvez eles conheçam Tobias, mas como é possível que me reconheçam?

— Quatro — diz Tobias. Ele acena com a cabeça em minha direção. — Esta é a Tris. Nós dois somos da Audácia.

A soldada da Audácia arregala os olhos, mas não abaixa a arma.

— Alguém pode me ajudar aqui? — pede ela. Alguns dos membros da Audácia dão um passo à frente, mas com cuidado, como se fôssemos perigosos.

— Há algum problema? — pergunta Tobias.

— Vocês estão armados?

— É claro que eu estou armado. Sou da Audácia, não sou?

— Coloquem as mãos atrás da cabeça — ordena a garota, de maneira nervosa, como se esperasse que nós recusássemos. Olho para Tobias. Por que

será que estão todos agindo como se estivéssemos prestes a atacá-los?

— Acabamos de entrar andando pela porta da frente — falo, devagar. — Vocês acham que teríamos feito isso se planejássemos machucar vocês?

Tobias não me encara de volta. Apenas encosta as pontas dos dedos na parte de trás da cabeça. Depois de alguns segundos, faço o mesmo. Os soldados da Audácia aglomeram-se ao nosso redor. Um deles revista as pernas de Tobias, enquanto outros pegam a arma presa à sua cintura. Outro soldado, um menino de cara redonda e bochechas rosadas, olha para mim com ar culpado.

— Tenho uma faca no bolso de trás — falo para ele. — Mas, se encostar as mãos em mim, vai se arrepender.

Ele resmunga uma desculpa, depois segura o cabo da faca com as pontas dos dedos, com cuidado para não me tocar.

— O que está acontecendo?

A soldada troca olhares com os outros.

— Desculpe. Mas recebemos ordens para prendê-los assim que vocês chegassem.

CAPÍTULO ONZE

ELES NOS CERCAM, mas não nos algemam, e nos guiam até o hall dos elevadores. Não importa quantas vezes eu pergunte por que estão nos prendendo, ninguém responde nada nem olha para mim. Acabo desistindo e ficando calada, como Tobias.

Subimos até o terceiro andar, onde eles nos levam a uma pequena sala com o piso de ladrilho branco, e não preto. A sala não é mobiliada, exceto por um banco encostado na parede dos fundos. Todas as facções são obrigadas a ter salas de detenção para as pessoas que criam confusão, mas nunca estive em uma antes.

A porta é fechada atrás de nós, depois trancada, e somos deixados sozinhos mais uma vez.

Tobias senta-se no banco com a expressão carrancuda. Caminho de um lado para outro na frente dele. Se ele tivesse qualquer ideia do motivo de estarmos presos aqui, me contaria, então nem pergunto. Ando cinco passos para um lado e cinco para outro, cinco para um lado e cinco para outro, de forma ritmada, na esperança de que isso me ajude a pensar em alguma coisa.

Se a Erudição não dominou a Franqueza, como Edward disse, por que iam querer nos prender? O que poderíamos ter feito a eles?

Se a Erudição *não* os dominou, então o único crime que poderíamos ter cometido é termos nos juntado a ela. Será que eu fiz alguma coisa que poderia ter sido classificada assim? Mordo o lábio inferior com tanta força que faço uma careta de dor. Sim, fiz uma coisa. Atirei no Will. Atirei em vários outros membros da Audácia. Eles estavam sob o efeito da simulação, mas talvez a Franqueza não saiba disso, ou acredite que isso não é um motivo bom o bastante.

— Você poderia se acalmar, por favor? — pede Tobias. — Está me deixando nervoso.

— Estou justamente tentando me acalmar.

Ele inclina o tronco para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, e encara o chão entre seus sapatos.

— Não parece, pelo ferimento no seu lábio inferior.

Sento-me ao seu lado e abraço os joelhos com o braço esquerdo, deixando o direito caído ao lado do corpo. Durante muito tempo, ele não fala nada, e abraço as minhas pernas com cada vez mais força. Sinto que, quanto menor eu fico, mais segura estou.

— Às vezes — diz ele —, acho que você não confia em mim.

— Eu confio em você. É claro que confio. Por que você acha isso?

— Porque parece que você está escondendo alguma coisa de mim. Eu *lhe* contei coisas... — Ele balança a cabeça. — ... que nunca teria contado a mais ninguém. Mas tem alguma coisa acontecendo com você, e você ainda não me contou.

— Há muitas coisas acontecendo. Você sabe disso. Mas e você? Eu poderia falar a mesma coisa de você.

Ele toca a minha bochecha, depois passa os dedos pelo meu cabelo. E ignora a minha pergunta da mesma maneira que eu ignorei a dele.

— Se a questão é só os seus pais — diz ele suavemente —, é só falar que eu acreditarei em você.

Seus olhos deveriam estar cheios de apreensão, considerando a situação na qual nos encontramos, mas estão calmos e escuros. Eles me transportam para lugares familiares. Lugares seguros, onde confessar que atirei em um dos meus melhores amigos seria fácil, e onde eu não teria medo da maneira que Tobias vai me olhar depois que souber o que fiz.

Cubro a mão dele com a minha.

— É só isso mesmo — confirmo, com a voz fraca.

— Tudo bem — diz ele. Ele encosta a boca na minha. Sinto uma pontada de culpa no estômago.

A porta se abre. Algumas pessoas entram. Dois membros armados da Franqueza, um homem mais velho da Franqueza, de pele escura, uma mulher da Audácia que eu não reconheço e, por último, Jack Kang, representante da Franqueza.

Pelos padrões da maioria das outras facções, ele é um líder jovem, com apenas trinta e nove anos. Mas, pelos padrões da Audácia, isso não é nada. Eric tornou-se líder da Audácia aos dezessete. Mas esse é provavelmente um dos motivos por que as outras facções não respeitam as nossas opiniões e decisões.

Jack é bonito, tem cabelo preto, olhos ternos e puxados como os de Tori, e maçãs do rosto salientes. Apesar de sua beleza, ele não é conhecido por seu charme, provavelmente por ser da Franqueza, que considera o charme uma forma de enganação. Mas, se alguém pode nos dizer o que está acontecendo sem gastar tempo com formalidades, é ele. Isso já é alguma coisa.

— Fui informado de que vocês pareciam confusos a respeito do motivo da sua prisão. — Sua voz é grave, mas estranhamente monótona, como se ele não fosse capaz de criar um eco, mesmo no fundo de uma caverna vazia. — Isso significa que ou vocês foram falsamente acusados ou são bons fingidores. A única...

— Do que estamos sendo acusados? — interrompo-o.

— *Ele* está sendo acusado de crimes contra a humanidade. *Você* está sendo acusada de ser sua cúmplice.

— Crimes contra a humanidade? — Finalmente Tobias parece estar nervoso. Ele encara Jack com uma expressão de nojo. — O quê?

— Vimos vídeos do ataque. Você estava *controlando* a simulação do ataque — diz Jack.

— Como vocês conseguiram ver os vídeos? Nós pegamos os dados — diz Tobias.

— Vocês pegaram uma das cópias dos dados. Todos os vídeos do complexo da Audácia gravados durante o ataque foram enviados para outros computadores por toda a cidade — explica Jack. — Tudo o que vimos foi você controlando a simulação e *ela* quase morrendo espancada antes de desistir. Depois vocês pararam, tiveram uma reconciliação amorosa bastante abrupta e roubaram o disco rígido juntos. Talvez tenham feito isso porque a simulação havia chegado ao fim e vocês não queriam que nós colocássemos as mãos nela.

Quase caio na gargalhada. Meu único ato de heroísmo, a única coisa importante que fiz na vida, e eles acham que eu estava trabalhando para a Erudição.

— A simulação não terminou — digo. — Nós a *interrompemos*, seu...

Jack levanta a mão.

— Não estou interessado no que você tem a dizer agora. A verdade surgirá quando vocês dois forem interrogados sob efeito do soro da verdade.

Christina me falou sobre o soro da verdade certa vez. Disse que a parte mais difícil da iniciação da Franqueza é quando eles te dão soro da verdade e você é obrigado a responder perguntas pessoais na frente de todos da facção. Não preciso buscar os meus segredos mais profundos e obscuros para saber que o soro da verdade é a última coisa de que preciso agora.

— Soro da verdade? — Balanço a cabeça. — Não. De jeito nenhum.

— Você tem algo a esconder? — pergunta Jack, erguendo as sobrancelhas.

Quero falar para ele que qualquer pessoa com o mínimo de dignidade tem alguma coisa que deseja guardar para si mesma, mas não quero levantar suspeitas. Portanto, apenas balanço a cabeça.

— Sem problemas, então. — Ele olha para o relógio. — Agora é meio-dia. O interrogatório será às sete. Não adianta se preparar. Não há como esconder nada sob o efeito do soro da verdade.

Ele se vira e sai da sala.

— Que homem agradável — diz Tobias.

+ + +

Um grupo de membros armados da Audácia me acompanha até o banheiro no começo da noite. Eu me demoro lá, deixando as minhas mãos sob a água quente da torneira até que elas fiquem vermelhas e olhando o meu reflexo no espelho. Quando eu era da Abnegação e não podia me olhar no espelho, achava que a aparência de uma pessoa podia mudar muito em três meses. Mas, desta vez, eu pude ver o quanto mudei em poucos dias.

Pareço mais velha. Talvez seja o cabelo curto, ou talvez eu esteja vestindo tudo o que me aconteceu, como uma máscara. De qualquer maneira, sempre acreditei que seria feliz quando deixasse de parecer uma criança. Mas tudo o que sinto é um nó na garganta. Não sou mais a filha que meus pais conheceram. Eles nunca vão conhecer a pessoa que me tornei.

Desvio o olhar do espelho e abro a porta para o corredor com as costas das mãos.

Quando os membros da Audácia me deixam na sala de detenção, fico parada na porta um instante. Tobias está com a mesma aparência que tinha quando o conheci: camiseta preta, cabelo curto e expressão séria. Vê-lo costumava me encher de emoção e nervosismo. Lembro-me de quando segurei a sua mão do lado de fora da sala de treinamento por alguns poucos segundos e de quando nos sentamos juntos nas pedras ao lado do abismo e sinto uma pontada de saudade de como as coisas costumavam ser.

— Está com fome? — pergunta Tobias. Ele me oferece um sanduíche do prato ao seu lado.

Aceito o sanduíche e me sento, apoiando a cabeça em seu ombro. Tudo o que nos resta é esperar, então é isso que fazemos. Comemos até a comida acabar. Continuamos sentados, até que isso se torna desconfortável. Depois, deitamos um ao lado do outro no chão, com os ombros encostados, encarando o mesmo pedaço de teto branco.

— O que você está com medo de falar? — pergunta ele.

— Qualquer coisa. Tudo. Não quero ter que reviver nada daquilo.

Ele acena com a cabeça. Fecho os olhos e finjo dormir. Não há relógio na sala, então não posso contar os minutos até o interrogatório. Parece que o tempo nem existe aqui, exceto pelo fato de que eu o sinto pressionando-me à medida que a hora se aproxima das sete, apertando-me contra os ladrilhos do chão.

Talvez o tempo não parecesse tão pesado se eu não sentisse essa culpa. A culpa de conhecer a verdade e escondê-la em um lugar onde ninguém consegue vê-la, nem mesmo Tobias. Talvez eu não devesse sentir medo de falar nada, porque a honestidade vai fazer eu me sentir mais leve.

Acho que acabo caindo no sono, porque acordo assustada quando ouço a porta se abrir. Alguns membros da Audácia entram enquanto nos levantamos, e um deles fala o meu nome. Christina abre caminho entre os outros e me abraça com força. Seus dedos cravam na ferida do meu ombro, e eu solto um grito.

— Levei um tiro. Ombro. Ai.

— Meu Deus! — Ela me solta. — Desculpe, Tris.

Ela não parece a Christina da qual me lembro. O cabelo dela está mais curto, como o de um menino, e sua pele está acinzentada, sem o tom moreno vivo de antes. Ela sorri para mim, mas seu sorriso não se reflete em seus olhos, que apenas mantêm a aparência cansada. Tento sorrir de volta, mas estou nervosa demais. Christina estará presente no meu interrogatório. Ela ouvirá o que fiz a Will. Nunca me perdoará.

A não ser que eu lute contra o soro e engula a verdade, se conseguir.

Mas será que é realmente isso o que eu quero? Deixar que a verdade apodreça dentro de mim para sempre?

— Você está bem? Fiquei sabendo que estava aqui, então pedi para acompanhá-la — diz ela, enquanto deixamos a sala. — Sei que você não fez nada. Você não é nenhuma traidora.

— Estou bem. E obrigada. Como você está?

— Bem, eu... — Sua voz some, e ela morde o lábio. — Não sei se alguém já te contou... Bem, talvez agora não seja a melhor hora, mas...

— O quê? O que houve?

— É... O Will morreu durante o ataque.

Ela me encara com preocupação e com expectativa. O que ela está esperando de mim?

Ah. Eu não deveria saber que Will está morto. Poderia fingir estar abalada, mas provavelmente não convenceria. É melhor admitir que eu já sabia. Mas não sei como explicar isso sem revelar tudo.

De repente, sinto-me enjoada. Estou realmente pensando na melhor maneira de enganar a minha amiga?

— Eu sei. Vi-o no monitor quando estava na sala de controle. Sinto muito, Christina.

— Ah. — Ela assente. — Bem, eu... fico feliz que você já sabia. Realmente não queria te dar a notícia em um corredor.

Uma pequena risada. Um esboço de sorriso. Nenhum dos dois iguais ao que costumavam ser.

Entramos em fila no elevador. Sinto o olhar de Tobias em mim. Ele sabe que não vi Will nos monitores e não sabia que Will estava morto. Olho para a frente e finjo que ele não está me queimando com o olhar.

— Não se preocupe com o soro da verdade — diz ela. — É fácil. Você mal sabe o que está acontecendo quando está sob o efeito dele. Você só sabe o que falou quando o efeito passa. Eles me colocaram sob o efeito do soro quando eu era criança. É algo bastante comum na Franqueza.

Os outros membros da Audácia dentro do elevador trocam olhares. Em uma situação normal, alguém provavelmente a repreenderia por discutir fatos da sua antiga facção, mas não estamos em uma situação normal. Não haverá nenhum outro momento da vida de Christina no qual ela se encontrará acompanhando a sua melhor amiga, acusada de traição, a um interrogatório público.

— O restante das pessoas está bem? — pergunto. — Uriah, Lynn, Marlene?

— Estão todos aqui. Menos Zeke, irmão de Uriah, que ficou com os outros membros da Audácia.

— O quê? — Zeke, que prendeu as minhas cintas à linha da tirolesa, um traidor?

O elevador para no último andar, e todos os outros saem.

— Eu sei. Ninguém imaginava que isso pudesse acontecer.

Ela segura o meu braço e me puxa em direção à porta. Caminhamos por um corredor com piso de mármore preto. Deve ser fácil se perder na sede da Audácia, porque tudo é igual. Descemos por outro corredor e atravessamos duas portas duplas.

Visto do lado de fora, o Merciless Mart é um bloco achatado com uma seção estreita erguida no centro. Do lado de dentro, a seção elevada é uma sala vazada de três andares com espaços ocos na parede onde estariam as janelas. Vejo o céu escurecendo acima de mim, sem estrelas.

O piso da sala é de mármore branco, com um símbolo preto da Franqueza no centro, e as paredes são iluminadas por fileiras de lâmpadas turvas, fazendo com que a sala inteira brilhe. Todas as vozes causam ecos.

A maioria dos membros da Franqueza e o que restou dos da Audácia já estão reunidos ali. Alguns estão sentados nos bancos enfileirados ao redor dos cantos da sala, mas não há espaço o bastante para todos, portanto os outros estão amontoados ao redor do símbolo da Franqueza. No centro do símbolo, sobre a balança desequilibrada, encontram-se duas cadeiras vazias.

Tobias segura a minha mão. Entrelaço meus dedos nos dele.

Os guardas da Audácia nos guiam até o centro da sala, onde somos recebidos com murmúrios e, em alguns casos, deboches. Vejo Jack Kang no banco da frente.

Um homem velho e de pele escura dá um passo à frente, segurando uma caixa preta.

— Meu nome é Niles. Serei o seu interrogador. Você... — Ele aponta para Tobias. — Você será o primeiro. Portanto, dê um passo à frente, por favor.

Tobias aperta minha mão, depois a solta, e eu fico com Christina na beira do símbolo da Franqueza. O ar na sala está quente. Um ar úmido de verão e de pôr do sol. Mesmo assim, sinto frio.

Niles abre a caixa preta. Dentro dela há duas seringas, uma pra Tobias e outra para mim. Ele também tira um lenço antisséptico do bolso e o oferece a Tobias. Nós não nos preocupávamos com esse tipo de coisa na Audácia.

— Vou injetar o soro no seu pescoço — diz Niles.

Tudo o que consigo ouvir enquanto Tobias passa o lenço no pescoço é o som do vento. Niles dá um passo à frente e enfia a agulha no pescoço de Tobias, injetando o líquido turvo e azulado para dentro de suas veias. A última vez que vi alguém injetando alguma coisa em Tobias foi quando Jeanine o colocou sob o efeito de uma nova simulação, capaz de controlar até um Divergente. Ou, pelo menos, era nisso que ela acreditava. Naquela circunstância, pensei que o tivesse perdido para sempre.

Sinto um calafrio.

CAPÍTULO DOZE

— VOU FAZER uma série de perguntas simples, para que você se acostume com o soro enquanto ele começa a fazer efeito — diz Niles. — Agora. Qual é o seu nome?

Tobias está sentado com os ombros caídos e a cabeça abaixada, como se o seu corpo fosse pesado demais para ele. Ele faz uma careta, se contorce na cadeira e, através de dentes cerrados, responde:

— Quatro.

Talvez não seja possível mentir sob o efeito do soro da verdade, mas sim escolher qual versão da verdade queremos contar: Quatro é o seu nome, mas ao mesmo tempo não é.

— Esse é o seu apelido — diz Niles. — Qual é o seu nome verdadeiro?

— Tobias.

Christina me cutuca com o cotovelo.

— Você sabia disso?

Respondo que sim com um aceno de cabeça.

— Como se chamam seus pais, Tobias?

Tobias abre a boca para responder, depois cerra o maxilar, como se tentasse evitar que as palavras derramassem de sua boca.

— Que relevância tem isso? — pergunta Tobias.

Os membros da Franqueza ao meu redor sussurram uns com os outros. Alguns fazem caretas. Levanto uma sobrancelha e olho para Christina.

— É muito difícil não responder às perguntas imediatamente quando se está sob o efeito do soro da verdade — explica ela. — Isso significa que a força de vontade dele é extremamente forte. E que ele está escondendo alguma coisa.

— Talvez não tivesse relevância antes, Tobias — diz Niles —, mas, agora que você resistiu a responder a pergunta, ela se tornou relevante. Diga-me os nomes dos seus pais, por favor.

Tobias fecha os olhos.

— Evelyn e Marcus Eaton.

Nossos sobrenomes são apenas uma forma adicional de identificação, e servem apenas para evitar confusões nos registros oficiais. Quando casamos, um dos cônjuges deve assumir o sobrenome do outro, ou os dois devem escolher um sobrenome novo. No entanto, embora carreguemos nossos nomes de família para as facções, raramente os mencionamos.

Mas todos reconhecem o sobrenome de Marcus. Percebo isso pelo clamor que surge na sala depois das palavras de Tobias. Todos da Franqueza sabem que Marcus é o membro do governo mais influente, e alguns deles provavelmente leram o artigo publicado por Jeanine a respeito da maneira cruel como ele tratava seu filho. Foi uma das poucas coisas verdadeiras que ela escreveu. E agora todos sabem que o tal filho é Tobias.

Tobias Eaton é um nome poderoso.

Niles espera a plateia ficar em silêncio, depois continua:

— Então, você se transferiu de facção, certo?

— Sim.

— Você se transferiu da Abnegação para a Audácia?

— *Sim* — responde Tobias, rispidamente. — Não é óbvio?

Mordo o lábio. Ele deveria se acalmar; está se entregando demais. Quanto mais ele relutar em responder uma pergunta, mais determinado Niles ficará para ouvir a resposta.

— Um dos propósitos deste interrogatório é determinar a quem você é leal — diz Niles. — Portanto, preciso perguntar: por que você se transferiu?

Tobias encara Niles e mantém a boca fechada. Passam-se segundos de completo silêncio. Quanto mais ele tenta resistir ao soro, mais difícil isso parece se tornar: suas bochechas coram e sua respiração torna-se rápida e

pesada. Meu peito dói por ele. Os detalhes da sua infância deveriam permanecer dentro dele se deseja que fiquem lá. É crueldade da Franqueza forçá-lo a expô-los, roubando-lhe a sua liberdade.

— Isso é terrível — digo a Christina, com raiva. — É errado.

— Qual é o problema? É uma pergunta simples.

Balanço a cabeça.

— Você não entende.

Christina me oferece um pequeno sorriso.

— Você realmente gosta dele.

Estou ocupada demais assistindo Tobias para responder.

— Vou perguntar mais uma vez — diz Niles. — É importante que compreendamos o seu nível de lealdade à facção que escolheu. Então, por que você se transferiu para a Audácia, Tobias?

— Para proteger a mim mesmo — diz Tobias. — Eu me transferi para proteger a mim mesmo.

— Proteger-se do quê?

— Do meu pai.

Todas as conversas na sala cessam, e o silêncio que resta é pior do que os murmúrios. Imagino que Niles insistirá na questão, mas não é o que faz.

— Obrigado por sua honestidade — diz Niles. Os membros da Franqueza repetem a frase, baixinho. Por toda a minha volta, ouço as palavras "Obrigado por sua honestidade" em volumes e tons diferentes, e minha raiva começa a se dissipar. As palavras sussurradas parecem aceitar Tobias, receber e depois descartar seu segredo mais obscuro.

Talvez não seja crueldade, afinal, mas apenas o desejo de compreender que os motiva. Mas isso não faz com que eu sinta menos medo de ficar sob o efeito do soro.

— Sua aliança pertence à sua atual facção, Tobias?

— Minha aliança pertence a qualquer um que não concorde com o ataque à Abnegação — responde ele.

— Por falar nisso — diz Niles —, acho que devemos nos concentrar no que ocorreu aquele dia. Quais são as suas recordações do período em que esteve sob o efeito da simulação?

— A princípio, eu não estava sob o efeito da simulação — explica Tobias. — Ela não funcionou.

Niles solta uma pequena risada.

— Como assim? Ela não *funcionou*?

— Uma das características que definem os Divergentes é que suas mentes são resistentes a simulações — diz Tobias. — E eu sou Divergente. Portanto, não, ela não funcionou.

Mais sussurros. Christina me cutuca com o cotovelo.

— Você também é? — pergunta ela, perto do meu ouvido, para não fazer barulho. — É por isso que ficou consciente?

Eu a encaro. Passei os últimos meses com medo da palavra "Divergente", apavorada com a possibilidade de alguém descobrir o que eu sou. Mas não serei mais capaz de esconder isso. Aceno afirmativamente com a cabeça.

Os olhos de Christina ficam tão grandes que parecem querer saltar do rosto. Não consigo identificar sua expressão. Será que ela está chocada? Será que está com medo?

Será que está maravilhada?

— Você sabe o que isso significa? — pergunto.

— Ouvi falar disso quando era criança — diz ela, com um sussurro de admiração.

Com certeza, ela está maravilhada.

— Como se fosse uma história de fantasia. "Existem pessoas com poderes especiais entre nós!" Coisas desse tipo.

— Bem, não é nenhuma fantasia, e não é nada de mais. É como a simulação da paisagem do medo. Você tinha consciência de que estava sob o efeito dela e podia manipulá-la. Mas, para mim, é assim em todas as simulações.

— Mas, Tris — diz ela, apoiando a mão no meu cotovelo. — Isso é *impossível*.

No centro da sala, Niles está com a mão erguida, tentando silenciar a multidão, mas há sussurros demais, alguns hostis, outros de pavor e outros maravilhados, como os de Christina. Finalmente, Niles se levanta e grita:

— Se vocês não fizerem silêncio, serão convidados a se retirar!

Finalmente, todos fazem silêncio. Niles se senta.

— Quando você fala que é resistente a simulações, o que quer dizer exatamente?

— Normalmente, isso significa que permanecemos conscientes durante as simulações — diz Tobias. Ele parece se dar melhor com o soro da verdade quando responde perguntas factuais, e não emocionais. Agora, nem parece estar sob o efeito do soro da verdade, embora a postura caída e os olhos perdidos indiquem que está. — Com a simulação do ataque foi diferente, porque ela usava um tipo de soro de simulação singular, que respondia a transmissores de longa distância. Os transmissores não funcionaram nos Divergentes, porque acordei no meu estado normal aquela manhã.

— Você disse que não estava sob o efeito da simulação *a princípio*. Pode explicar o que quer dizer com isso?

— Quero dizer que fui descoberto e levado até Jeanine, e ela me injetou uma versão do soro de simulação especialmente desenvolvida para os Divergentes. Durante *essa* simulação eu estava consciente, mas isso não adiantou muita coisa.

— Os vídeos de segurança do complexo da Audácia mostram que você estava *controlando* a simulação — diz Niles, em um tom sombrio. — Como exatamente você explica isso?

— Quando eu estava sob o efeito da simulação, meus olhos ainda eram capazes de ver e processar o mundo ao meu redor, mas meu cérebro não conseguia compreendê-lo. Mas, de alguma maneira, ele ainda era capaz de saber o que eu estava vendo e onde estava. Uma das características dessa nova simulação é a capacidade de registrar minhas respostas emocionais a estímulos externos — explica Tobias, fechando os olhos por alguns segundos

– e responder a eles alterando a aparência desses estímulos. A simulação transformava meus inimigos em amigos, e meus amigos em inimigos. Pensei que estava desligando a simulação. Na realidade, eu estava recebendo instruções sobre como mantê-la funcionando.

Christina concorda com a cabeça ao ouvi-lo falar. Fico mais calma quando percebo que a maior parte da multidão ao meu redor está fazendo o mesmo. Me dou conta de que esse é o benefício do soro da verdade. Dessa maneira, o depoimento de Tobias torna-se irrefutável.

– Vimos vídeos do que acabou acontecendo com você na sala de controle, mas eles são confusos – diz Niles. – Por favor, descreva a situação para nós.

– Alguém entrou na sala, e eu pensei que fosse uma soldada da Audácia tentando impedir que eu destruísse a simulação. E estava lutando contra ela e... – Tobias faz uma careta, esforçando-se para prosseguir. – Mas, de repente, ela parou, e eu fiquei confuso. Mesmo se eu estivesse acordado, teria ficado confuso. Por que ela se renderia? Por que simplesmente não me matou?

Seus olhos vasculham a multidão até encontrarem meu rosto. Meu coração pulsa na minha garganta, nas minhas bochechas.

– Até hoje não entendo – diz ele suavemente – como ela sabia que ia funcionar.

Pulsa nas pontas dos meus dedos.

– Acho que o meu conflito de emoções confundiu a simulação. E então, ouvi a voz dela. De alguma maneira, isso me deu forças para lutar contra a simulação.

Meus olhos ardem. Já tentei não pensar sobre esse momento, quando achei que o havia perdido e que logo estaria morta, quando tudo o que eu queria era sentir o bater do coração dele. Tento não pensar nisso agora; pisco para afastar as lágrimas.

– Finalmente, a reconheci. Voltamos para a sala de controle e paramos a simulação.

— Qual é o nome dessa pessoa?

— Tris. Quer dizer, Beatrice Prior.

— Você já a conhecia antes disso acontecer?

— Sim.

— Como você a conhecia?

— Fui instrutor dela. Agora, estamos juntos.

— Tenho uma última pergunta a fazer — diz Niles. — Na Franqueza, antes de aceitarmos uma pessoa na nossa comunidade, ela precisa expor-se completamente para nós. Considerando a situação grave na qual nos encontramos, exigimos a mesma coisa de você. Portanto, Tobias Eaton, do que você mais se arrepende?

Eu o olho dos pés à cabeça, dos seus tênis surrados aos seus dedos longos e suas sobrancelhas retas.

— Me arrependo... — Tobias inclina a cabeça para o lado e solta um suspiro. — Me arrependo da minha escolha.

— Qual escolha?

— A Audácia. Nasci para a Abnegação. Estava planejando deixar a Audácia e tornar-me um sem-facção. Mas aí eu a conheci e... Pensei que talvez pudesse dar um novo significado à minha decisão.

A conheci.

Por um instante, é como se eu estivesse vendo uma pessoa diferente dentro da pele de Tobias, que não leva uma vida tão simples quanto eu imaginava. Ele queria deixar a Audácia, mas ficou por minha causa. Ele nunca me disse isso.

— Escolher a Audácia para escapar do meu pai foi um ato covarde. Me arrependo dessa covardia. Ela significa que não sou digno da minha facção. Me arrependerei disso para sempre.

Espero que os membros da Audácia gritem, indignados, ou que pulem na cadeira e o espanquem. Eles são capazes de atos muito mais instáveis do que isso. Mas não fazem nada. Apenas ficam parados, silenciosos como estátuas,

com rostos inexpressivos como estátuas, encarando o jovem que não os traiu, mas que também nunca sentiu que realmente pertencia ao mundo deles.

Por alguns instantes, todos nós permanecemos calados. Não sei quem começa a sussurrar; parece que o som parte de uma coisa, e não de uma pessoa. Mas alguém sussurra:

— Obrigado por sua honestidade.

— Obrigado por sua honestidade — repete o restante da sala.

Não me junto a eles.

Sou a única coisa que o manteve na facção que ele queria abandonar. Não sou digna disso.

Talvez ele mereça saber.

+ + +

Niles está em pé no meio da sala, com uma seringa na mão. As luzes sobre ele fazem a seringa brilhar. Ao redor de mim, os membros da Audácia e da Franqueza esperam que eu dê um passo à frente e exponha a minha vida inteira.

O pensamento me ocorre novamente: *Talvez eu consiga lutar contra o soro.* Mas não sei se devo tentar. Talvez seja melhor para as pessoas que amo se eu simplesmente revelar a verdade.

Caminho, tensa, até o centro da sala, enquanto Tobias se retira. Ao passarmos um pelo outro, ele segura a minha mão e aperta meus dedos. Depois, ele se vai, e ficamos apenas eu, Niles e a seringa. Passo o lenço antisséptico no pescoço, mas, quando ele aproxima a seringa de mim, me afasto.

— Prefiro fazer isso eu mesma — digo, estendendo a mão. Nunca mais deixarei que alguém me injete algo com uma seringa novamente. Não depois que deixei Eric me injetar com o soro da simulação de ataque, depois do meu teste final. Não posso mudar o conteúdo da seringa injetando-a eu mesma,

mas, pelo menos dessa maneira, serei o instrumento da minha própria destruição.

— Você sabe como fazer isso? — pergunta ele, levantando suas sobrancelhas espessas.

— Sei.

Niles me oferece a seringa. Eu a posiciono sobre a veia do meu pescoço, enfio a agulha e aperto o êmbolo. Quase não sinto a picada. Estou sob o efeito da adrenalina.

Alguém se aproxima com uma lata de lixo, e eu descarto a seringa. Sinto os efeitos do soro imediatamente. Ele faz o sangue nas minhas veias parecer chumbo. Quase desabo ao caminhar até a cadeira. Niles precisa segurar meu braço para me guiar até lá.

Alguns segundos depois, o silêncio domina minha mente. *Sobre o que eu estava pensando mesmo?* Isso não parece importar. Nada importa, exceto pela cadeira sob mim e o homem sentado à minha frente.

— Qual é o seu nome?

Assim que ele faz a pergunta, a resposta salta da minha boca:

— Beatrice Prior.

— Mas você responde por Tris?

— Sim, respondo.

— Como se chamam os seus pais, Tris?

— Andrew e Natalie Prior.

— Você também se transferiu de facção, certo?

— Sim — respondo, mas um novo pensamento surge, baixinho, no fundo da minha mente: *Também?* Ele está se referindo a outra pessoa, e essa pessoa é Tobias. Franzo a testa ao tentar me lembrar do rosto de Tobias, mas é difícil fazer com que a imagem dele surja na minha mente. Mas acabo conseguindo. Eu o vejo, depois vejo uma imagem dele sentado na mesma cadeira onde estou.

— Você veio da Abnegação? E escolheu a Audácia?

— Sim — confirmo novamente, mas, dessa vez, a resposta sai tensa. Não sei bem por quê.

— Por que você se transferiu?

Essa pergunta é mais complicada, mas, mesmo assim, sei a resposta. A frase "Eu não era boa o bastante para a Abnegação" está na ponta da minha língua, mas outra a substitui: "Eu queria ser livre." Ambas são verdadeiras. Quero responder as duas coisas. Aperto os braços da cadeira enquanto tento lembrar-me de onde estou, do que estou fazendo. Vejo pessoas ao meu redor, mas não sei por que elas estão aqui.

Eu me esforço, da mesma maneira que costumava me esforçar quando quase conseguia me lembrar da resposta para a questão de uma prova, mas ela me escapava. Eu costumava fechar os olhos e imaginar a página do livro didático onde a resposta se encontrava. Tento me esforçar por alguns segundos, mas não consigo; não consigo me lembrar.

— Eu não era boa o bastante para a Abnegação — respondo — e queria ser livre. Por isso, escolhi a Audácia.

— Por que você acha que não era boa o bastante?

— Porque eu era egoísta

— Você *era* egoísta? Não é mais?

— Claro que sou. Minha mãe costumava dizer que todo mundo é egoísta, mas me tornei menos egoísta na Audácia. Descobri que havia pessoas por quem eu lutaria. Por quem eu morreria, até.

Fico surpresa com minha resposta. Mas por quê? Contraio os lábios por um instante. Porque é a verdade. Se estou falando isso aqui, deve ser verdade.

Essa ideia me oferece a peça que faltava na linha de pensamento que eu estava tentando encontrar. Estou aqui para me submeter a um teste de detecção de mentiras. Tudo o que eu disser é verdade. Sinto uma gota de suor escorrendo sobre a minha nuca.

Um teste de detecção de mentiras. Soro da verdade. Preciso me lembrar disso. É fácil demais me perder na honestidade.

— Tris, você poderia nos dizer o que aconteceu no dia do ataque?

— Acordei, e todos estavam sob o efeito da simulação. Portanto, fingi que também estava até encontrar Tobias.

— O que aconteceu depois que você e Tobias se separaram?

— Jeanine tentou me matar, mas minha mãe me salvou. Ela já tinha sido da Audácia, então sabia usar uma arma. — Meu corpo está ainda mais pesado agora, mas não está mais frio. Sinto algo mexendo dentro do meu peito, que é pior do que tristeza, pior do que arrependimento.

Sei o que está por acontecer. Minha mãe morreu, e eu matei Will em seguida; atirei nele; eu o matei.

— Ela distraiu os soldados da Audácia para que eu pudesse fugir, e eles a mataram — conto.

Alguns deles correram atrás de mim, e eu os matei. Mas há membros da Audácia ao meu redor, da Audácia, e eu matei algumas pessoas da Audácia e não devo falar sobre isso aqui.

— Continuei correndo. E... — *E Will me perseguiu. E eu o matei.* Não, não. Sinto o suor se acumulando no topo da minha testa.

— E eu encontrei meu irmão e meu pai — termino, com a voz tensa. — Bolamos um plano para destruir a simulação.

A ponta do braço da cadeira machuca a palma da minha mão. Eu omiti parte da verdade. Certamente isso conta como uma mentira.

Lutei contra o soro. E, por um breve momento, venci.

Deveria me sentir vitoriosa. Mas sinto apenas o peso do que fiz me esmagando novamente.

— Nós nos infiltramos no complexo da Audácia, e eu e meu pai seguimos para a sala de controle. Ele lutou contra soldados da Audácia, o que lhe custou sua vida. Cheguei à sala de controle, e Tobias estava lá.

— Tobias disse que você lutou contra ele, mas depois parou. Por que você fez isso?

— Porque me dei conta de que um de nós teria que matar o outro, e eu não queria matá-lo.

— Você desistiu?

— Não! — respondo, rispidamente. Balanço a cabeça. — Não, não exatamente. Lembrei algo que havia feito na minha paisagem do medo, na iniciação da Audácia... em uma simulação, uma mulher exigiu que eu matasse minha família, mas eu deixei que ela atirasse em mim. Pensei que, já que isso havia funcionado na simulação... — Belisco o dorso do meu nariz. Minha cabeça está começando a doer, estou perdendo o controle, e meus pensamentos estão escorrendo como palavras. — Eu estava tão frenética, mas só conseguia pensar que havia alguma coisa por trás daquilo; alguma força naquilo. E eu não conseguiria matá-lo, então precisava tentar.

Pisco, afastando as lágrimas dos meus olhos.

— Então você nunca esteve sob o efeito da simulação?

— Não. — Esfrego os pulsos nos olhos, afastando as lágrimas antes que elas escorram sobre as bochechas, onde todos conseguiriam vê-las.

— Não — digo mais uma vez. — Não, eu sou Divergente.

— Só para deixar claro: — diz Niles — você está nos dizendo que foi quase assassinada pela Erudição... depois invadiu, lutando, o complexo da Audácia... e depois destruiu a simulação?

— Sim.

— Acho que falo por todos quando afirmo que você fez por merecer o título de membro da Audácia.

Ouço gritos surgindo do lado esquerdo da sala, e borrões em forma de punhos socando o ar escuro. A minha facção, gritando o meu nome.

Mas não, eles estão errados. Não sou corajosa, não sou corajosa, atirei em Will e não consigo nem admitir isso, não consigo nem admitir isso...

— Beatrice Prior — diz Niles —, do que você mais se arrepende?

Do que me arrependo? Não me arrependo de escolher a Audácia ou de deixar a Abnegação. Nem me arrependo de atirar nos guardas do lado de fora

da sala de controle, porque era muito importante que eu passasse por eles.

— Me arrependo...

Meu olhar se afasta do rosto de Niles e vagueia pela sala, parando em Tobias. Ele está inexpressivo, com a boca em uma linha firme e o olhar vazio. Suas mãos, cruzadas sobre seu peito, estão agarradas aos seus braços com tanta força que os ossos dos punhos estão brancos. A seu lado, encontra-se Christina. Meu peito aperta e não consigo respirar. Preciso contar a eles. Preciso contar a verdade.

— Will. — Parece um arquejo, como se viesse direto do meu estômago. Não há mais como voltar atrás. — Atirei em Will enquanto ele estava sob o efeito da simulação. Eu o matei. Ele ia me matar, mas eu o matei. Meu amigo.

Will, com a ruga entre as sobrancelhas, com os olhos verdes como aipo e a capacidade de citar o manifesto da Audácia de cor. Sinto uma dor tão intensa no estômago que quase solto um gemido. Lembrar-me dele dói. Todas as partes do meu corpo doem.

E há outra coisa ainda pior, que eu não havia percebido antes. Eu estava mais disposta a morrer do que a matar Tobias, mas nem pensei nisso quando estava diante de Will. Decidi matar Will em uma fração de segundo.

Sinto-me nua. Não havia percebido que vestia meus segredos como uma armadura, até que eles se foram, e agora todos conseguem me ver como realmente sou.

— Obrigado por sua honestidade — dizem eles.

Mas Tobias e Christina ficam calados.

CAPÍTULO TREZE

LEVANTO-ME DA CADEIRA. Não me sinto tão tonta quanto há alguns minutos; o efeito do soro já está passando. O mundo gira e eu procuro a porta. Não costumo fugir das coisas, mas quero fugir disso.

Todos começam a sair da sala, exceto Christina. Ela continua parada no mesmo lugar de antes, e começa a abrir os punhos cerrados. Seus olhos encontram os meus, mas parece que não os enxergam. Há lágrimas em seus olhos, mas ela não está chorando.

— Christina — digo, mas a única palavra na qual consigo pensar, *perdão*, parece mais um insulto do que um pedido de desculpa. Perdão é o que você pede quando esbarra em alguém ou interrompe uma pessoa falando. O que sinto merece mais do que perdão. — Ele estava armado. Ia atirar em mim. Estava sob o efeito da simulação.

— Você o matou — diz ela. Suas palavras soam maiores do que as palavras costumam soar, como se houvessem crescido dentro de sua boca antes que ela as dissesse. Durante alguns segundos, ela me encara como se não me reconhecesse, depois desvia o olhar.

Uma menina mais jovem com a mesma cor de pele e a mesma altura de Christina segura a mão dela. É sua irmã mais nova. Eu a vi no Dia da Visita, há mil anos. O soro da verdade faz a imagem delas dançar diante dos meus olhos, ou talvez sejam as lágrimas que se acumulam dentro deles.

— Você está bem? — pergunta Uriah, surgindo do meio da multidão e tocando meu ombro. Não o vejo desde antes do ataque da simulação, mas não tenho energia o bastante para cumprimentá-lo.

— Estou.

— Ei. — Ele aperta meu ombro. — Você fez o que precisava, certo? Para evitar que virássemos escravos da Erudição. Ela vai acabar enxergando isso. Quando a tristeza passar.

Não consigo nem assentir com a cabeça. Uriah sorri para mim e vai embora. Alguns membros da Audácia passam por mim e murmuram o que parecem ser palavras de gratidão, de conforto ou elogios. Outros passam longe, encarando-me com olhos desconfiados.

Os corpos vestidos de preto se misturam diante de mim. Estou vazia. Tudo derramou de mim.

Tobias fica parado ao meu lado. Preparo-me para sua reação.

— Peguei nossas armas de volta — informa ele, oferecendo-me a faca.

Enfio-a no bolso de trás sem olhá-lo.

— Podemos falar sobre isso amanhã — diz ele. Calmamente. Com Tobias, calma significa perigo.

— Tudo bem.

Ele desliza o braço sobre meus ombros. Minha mão encontra o quadril dele, e eu o puxo para perto de mim.

Agarro-me a ele com força enquanto caminhamos juntos até os elevadores.

+ + +

Ele encontra duas camas dobráveis para nós no final de um corredor. Deitamos com as cabeças a poucos centímetros de distância uma da outra, sem conversar.

Quando sei que ele caiu no sono, escapo das cobertas e desço o corredor, passando por várias pessoas adormecidas da Audácia. Encontro a porta que leva à escada.

Enquanto subo, degrau por degrau, com os músculos começando a arder e os pulmões clamando por ar, sinto-me aliviada pela primeira vez em dias.

Posso até ter resistência para correr em solo plano, mas subir escadas é algo completamente diferente. Massageio um espasmo na parte de trás da coxa ao passar pelo décimo segundo andar e tento recobrar um pouco do fôlego. Sorrio, com as pernas e o peito queimando. Estou usando a dor para aliviar a dor. Não faz muito sentido.

Quando alcanço o décimo oitavo andar, minhas pernas parecem ter liquefeito. Arrasto-me até a sala onde fui interrogada. Ela está vazia, mas os bancos de anfiteatro ainda estão lá, assim como a cadeira na qual me sentei. A lua brilha por trás de uma nuvem rala.

Apoio a mão no encosto da cadeira. Ela é simples: é feita de madeira e range um pouco. É estranho que algo tão simples tenha sido o instrumento da minha decisão de arruinar um dos meus relacionamentos mais importantes e prejudicar outro.

Como se não bastasse eu ter matado Will, não ter pensado rápido o bastante para encontrar outra solução, agora preciso viver com o julgamento de todos, além do meu, e com o fato de que nada, nem mesmo eu, jamais será igual novamente.

Os membros da Franqueza adoram se vangloriar da verdade, mas nunca revelam o quanto ela custa.

A beirada da cadeira machuca as palmas das minhas mãos. Eu a estava apertando mais forte do que imaginava. Encaro a cadeira por alguns segundos, depois a levanto, equilibrando-a, com as pernas para cima, sobre meu ombro saudável. Vasculho os cantos da sala atrás de uma escada que possa me ajudar a subir. Tudo o que consigo ver são os bancos do anfiteatro, altos, sobre o chão.

Caminho até o banco mais alto e levanto a cadeira acima da minha cabeça. O banco quase encosta no peitoril sob um dos espaços das antigas janelas. Pulo, empurrando a cadeira para a frente, e ela desliza para cima do peitoril. Meu ombro dói. Não deveria estar usando o braço. Mas estou pensando em outras coisas.

Dou um salto, agarro o peitoril e me puxo para cima, com os braços tremendo. Jogo a perna para cima do peitoril e arrasto o resto do corpo em seguida. Fico deitada sobre o peitoril por alguns segundos, respirando com dificuldade.

Levanto-me e fico em pé diante da beirada, sob o arco do que costumava ser uma janela, e encaro a cidade. O rio morto faz uma curva ao redor do edifício e desaparece. A ponte, com a tinta vermelha descascando, se estende sobre a lama. Do outro lado do rio, há prédios, a maioria deles vazia. É difícil imaginar que já houve gente o bastante nesta cidade para preencher todos eles.

Durante alguns segundos, permito-me retornar à memória do interrogatório. A inexpressividade de Tobias; sua raiva depois, reprimida pelo bem da minha sanidade. O olhar vazio de Christina. Os sussurros "Obrigado por sua honestidade." É fácil falar isso quando o que fiz não os afeta.

Agarro a cadeira e lanço-a para fora do edifício. Solto um grito surdo. Ele cresce, tornando-se um berro, depois um urro, e, de repente, estou sobre a beirada do Merciless Mart, gritando com toda a força enquanto a cadeira desaba em direção ao chão, urrando até que a minha garganta arde. Então, a cadeira se choca contra o chão, despedaçando-se como um esqueleto frágil. Sento-me na beirada, encostando o corpo contra a armação da janela e fechando os olhos.

De repente, penso em Al.

Quanto tempo será que Al ficou na beirada, antes de se lançar para dentro do Fosso da Audácia?

Ele deve ter ficado muito tempo, fazendo uma lista de todas as coisas terríveis que havia feito, entre elas quase me matar, e outra lista de todas as coisas boas, heroicas e corajosas que não havia feito, depois deve ter decidido que estava cansado. Cansado não apenas de viver, mas de existir. Cansado de ser quem era.

Abro os olhos e encaro os pedaços de cadeira que mal consigo ver na calçada abaixo. Pela primeira vez, sinto que o entendo. Estou cansada de ser Tris. Fiz coisas ruins. Não posso desfazê-las, e elas se tornaram parte de quem sou. Na maior parte do tempo, parecem ser a única coisa que sou.

Inclino o corpo para a frente, para o ar, segurando a armação da janela com uma das mãos. Se me mover mais alguns centímetros, o peso do meu corpo me puxará para o chão abaixo. Não seria capaz de impedi-lo.

Mas não consigo fazer isso. Meus pais perderam suas vidas pelo amor que sentiam por mim. Perder a minha vida sem um bom motivo seria uma maneira terrível de pagar pelo sacrifício deles, independente do que eu tenha feito.

"Deixe que a culpa lhe ensine como agir da próxima vez", diria meu pai.

"Eu te amo. Independente de qualquer coisa", diria minha mãe.

Parte de mim gostaria de apagá-los da minha mente, para que eu nunca precisasse sofrer por eles. Mas outra parte teme o que eu me tornaria sem eles.

Com a visão turva pelas lágrimas, desço novamente para a sala de interrogatório.

+ + +

Volto para a cama dobrável no início da manhã e Tobias já está acordado. Ele se vira e caminha em direção aos elevadores, e eu o sigo, porque sei que é isso o que ele quer que eu faça. Ficamos parados no elevador, um ao lado do outro. Há um zumbido em meus ouvidos.

O elevador desce até o segundo andar, e eu começo a tremer. Primeiro são minhas mãos, mas depois o tremor sobe até os braços e o peito, até que pequenos arrepios atravessam todo o meu corpo, sem que eu consiga detê-los. Paramos entre os elevadores, sobre outro símbolo da Franqueza, a balança desequilibrada. O símbolo que também está desenhado no meio da espinha dele.

Durante um longo tempo, ele não olha para mim. Ele fica parado com os braços cruzados e a cabeça abaixada até que eu não aguento mais e sinto vontade de gritar. Eu deveria falar alguma coisa, mas não sei o que dizer. Não posso pedir perdão, porque eu apenas disse a verdade e não posso transformar a verdade em mentira. Não posso inventar desculpas.

— Você não me contou. Por que não?

— Porque eu não... — Balanço a cabeça. — Eu não sabia como.

Ele faz uma careta.

— É bem *fácil*, Tris...

— Ah, é — digo, acenando com a cabeça. — É *muito* fácil. Só preciso chegar para você e dizer: "Aliás, eu matei o Will, e agora a culpa está me destruindo por dentro, mas o que há para o café da manhã?" Não é? *Não é?*

De repente, não aguento mais e não consigo mais me conter. Lágrimas enchem os meus olhos e eu grito:

— Por que *você* não mata um dos seus melhores amigos e depois tenta lidar com a culpa?

Cubro o rosto com as mãos. Não quero que ele me veja soluçando outra vez. Ele toca meu ombro.

— Tris — diz ele, gentilmente dessa vez. — Desculpe-me. Eu não deveria fingir que entendo. Eu só queria dizer que... — Ele se esforça por um instante: — Eu gostaria que você confiasse em mim o bastante para me contar coisas assim.

Mas eu confio em você, é o que quero dizer. Mas isso não é verdade. Não acreditei que ele fosse continuar me amando, apesar das coisas terríveis que fiz. Não acredito que ninguém seja capaz disso, mas isso não é problema dele, é meu.

— Quer dizer — continua ele —, fiquei sabendo pelo *Caleb* que você quase se afogou em um tanque de água. Isso não é estranho?

Logo quando eu estava prestes a pedir desculpa.

Enxugo as bochechas com as pontas dos dedos e o encaro.

— Tem coisas bem mais estranhas — digo, tentando suavizar a voz. — Como descobrir que a mãe do seu namorado, que deveria estar morta, ainda está viva ao *vê-la em pessoa*. Ou entreouvir os seus planos para se juntar aos sem-facção, sem que ele fale qualquer coisa a respeito. Isso me parece um pouco estranho.

Ele tira a mão do meu ombro.

— Não finja que esse problema é só meu — digo. — Se eu não confio em você, você também não confia em mim.

— Pensei que ainda não estava na hora de falarmos sobre essas coisas. Preciso falar tudo na hora?

Sinto-me tão frustrada que fico sem palavras por alguns segundos. Minhas bochechas esquentam.

— Meu Deus, *Quatro*! — exclamo, irritada. — Você não quer me contar tudo na hora, mas eu preciso contar tudo imediatamente? Você não vê o quanto isso é idiota?

— Em primeiro lugar, não use esse nome como uma arma contra mim — retruca ele, apontando para mim. — Em segundo lugar, eu não estava planejando me aliar aos sem-facção; estava apenas considerando isso. Se eu tivesse tomado uma decisão, teria falado alguma coisa. E, em terceiro lugar, seria diferente se você pelo menos tivesse a intenção de me falar sobre Will em algum momento, mas está claro que não tinha.

— Eu *falei* para você sobre Will! Aquilo não foi o soro da verdade, fui eu. Falei aquilo por escolha própria.

— Do que você está falando?

— Eu estava consciente. Sob o efeito do soro. Eu poderia ter mentido; poderia ter escondido isso de você. Mas não menti, porque pensei que você merecia saber a verdade.

— Que maneira de me contar! — exclama ele, franzindo a testa. — Na frente de mais de cem pessoas! Quanta intimidade!

— Ah, então não é o bastante eu ter contado; precisa ser na situação ideal? — Levanto as sobrancelhas. — Da próxima vez, quer que eu traga uma xícara de chá e escolha a iluminação ideal para o aposento?

Tobias solta um grunhido de frustração e vira as costas para mim, depois anda alguns passos. Quando ele se vira novamente, suas bochechas estão coradas. Acho que nunca tinha visto seu rosto ficar de outra cor.

— Às vezes não é fácil estar com você, Tris.

Ele desvia o olhar.

Quero dizer que sei que não é fácil, mas que eu não teria sobrevivido à última semana sem ele. Mas apenas o encaro, com o coração pulsando nos ouvidos.

Não posso falar que preciso dele. O fato é que não posso precisar dele. Na realidade, não podemos precisar um do outro, porque quem sabe quanto tempo vamos durar nesta guerra?

De repente, toda a minha raiva desaparece.

— Desculpe. Eu devia ter sido honesta com você.

— É só isso? É só isso o que você tem a dizer? — Ele franze a testa.

— O que mais você quer que eu diga?

Ele apenas balança a cabeça.

— Nada, Tris. Nada.

Olho para Tobias enquanto ele vai embora. Sinto que um vão se abriu dentro de mim, um vazio que cresce tão rapidamente que vai me despedaçar.

CAPÍTULO QUATORZE

– O QUE DIABO você está fazendo aqui? – pergunta uma voz.

Estou sentada em um colchão em um dos corredores. Vim aqui fazer alguma coisa, mas esqueci o que era assim que cheguei, então apenas me sentei. Olho para cima. Lynn, que conheci quando ela pisou no meu pé no elevador do edifício Hancock, está em pé diante de mim, com as sobrancelhas arqueadas. Seu cabelo está crescendo. Ainda está curto, mas ela não está mais careca.

– Estou sentada. Por quê?

– Você está sendo ridícula, isso sim. – Ela solta um suspiro. – Recomponha-se. Você é da Audácia, e está na hora de agir como tal. Você está destruindo a nossa reputação com a Franqueza.

– Como estou fazendo isso, exatamente?

– Fingindo que não nos conhece.

– Só estou fazendo um favor a Christina.

– Christina. – Lynn faz um som de reprovação. – Ela está toda apaixonadinha. As pessoas morrem. É isso o que acontece em uma guerra. Um dia ela vai acabar entendendo.

– É, as pessoas morrem, mas nem sempre é sua melhor amiga que as mata.

– Que seja. – Lynn solta um suspiro, impaciente. – Vamos logo.

Não encontro nenhuma razão para recusar. Levanto-me e a sigo por uma série de corredores. Ela caminha rapidamente, e é difícil acompanhá-la.

– Cadê o seu namorado assustador?

Faço um bico, como se tivesse acabado de experimentar algo amargo.

– Ele não é assustador.

— Claro que não. — Ela solta uma risada debochada.

— Não sei onde ele está.

Ela dá de ombros.

— Bem, você pode reservar uma cama de beliche para ele também. Estamos tentando esquecer aqueles filhos bastardos da Audácia com a Erudição e nos reestruturar.

Solto uma risada.

— Filhos bastardos da Audácia com a Erudição, é? — digo.

Ela abre a porta com um empurrão e entramos em uma sala grande e espaçosa que me lembra o saguão do edifício. Como era de esperar, o piso é preto, com um enorme símbolo branco no centro, mas a maior parte dele está tomada por beliches. Homens, mulheres e crianças da Audácia estão por toda a parte, e não há um único membro da Franqueza.

Lynn me guia até o lado esquerdo da sala, passando por fileiras de beliches. Olha para um menino sentado em uma das camas de baixo. Ele é alguns anos mais novo que nós e está tentando desamarrar os cadarços.

— Hec, você vai ter que encontrar outro beliche.

— O quê? De jeito nenhum — responde o menino, sem olhar para cima. — Não vou mudar de lugar *outra vez* só porque você quer ficar fofocando à noite com uma das suas amigas idiotas.

— Ela não é minha amiga — responde ela, rispidamente. Quase caio na gargalhada. — Hec, esta é a Tris. Tris, este é meu irmão mais novo, Hector.

Ao ouvir meu nome, ele levanta a cabeça rapidamente e me encara, boquiaberto.

— É um prazer conhecê-lo — digo.

— Você é *Divergente*. Minha mãe me disse para ficar longe de vocês, porque vocês podem ser perigosos.

— É. Ela é uma Divergente, grande e assustadora, e vai explodir a sua cabeça usando apenas a força do pensamento — diz Lynn, fincando o dedo

indicador entre os olhos dele. — Não vai me dizer que você realmente *acredita* nessas historinhas de criança sobre os Divergentes?

Ele fica completamente vermelho e agarra algumas das suas coisas que estão empilhadas sobre a cama. Sinto-me mal por obrigá-lo a se mudar, até que o vejo jogar suas coisas em um beliche a poucos metros de distância. Ele não precisou ir muito longe.

— Eu poderia ter feito isso — digo. — Quer dizer, dormido ali.

— É, eu sei. — Lynn dá um sorriso. — Mas ele merece. Ele chamou Zeke de traidor bem na frente de Uriah. Não que isso não seja verdade, mas ele não precisava agir como um idiota. Acho que está se deixando contagiar pela Franqueza. Ele acha que pode falar o que quiser. Ei, Mar!

Marlene coloca a cabeça para fora de um dos beliches e abre um grande sorriso para mim.

— Ei, Tris! — diz Marlene. — Seja bem-vinda. O que está pegando, Lynn?

— Você consegue convencer algumas das garotas mais novas a abrir mão de algumas peças de roupa? — pergunta Lynn. — Mas não apenas camisetas. Calças jeans, calcinhas e quem sabe um par de tênis.

— É claro — diz Marlene.

Coloco minha faca ao lado do beliche de baixo.

— O que você quis dizer com "historinha de criança"? — pergunto.

— *Os Divergentes.* Pessoas com poderes mentais especiais? Fala sério. — Ela dá de ombros. — Sei que você acredita nisso, mas eu não.

— Então, como você explica o fato de que fiquei acordada durante as simulações? — pergunto. — Ou o fato de que consegui resistir completamente a uma delas?

— Acredito que os líderes escolhem pessoas aleatoriamente e mudam suas simulações.

— Por que eles fariam isso?

Ela balança a mão na frente do meu rosto.

— Distração. Como a minha mãe, você está tão ocupada se preocupando com os Divergentes que se esquece de se preocupar com o que os líderes estão realmente fazendo. É apenas uma forma diferente de controle mental.

Seus olhos encontram os meus por um segundo, e chuta o chão de mármore com a ponta do tênis. Será que está lembrando da última vez que esteve sob controle mental, durante a simulação de ataque?

Estive tão centrada no que aconteceu com a Abnegação que quase me esqueci do que houve com a Audácia. Centenas de membros da Audácia acordaram e descobriram a mácula escura do assassinato sobre eles e nem escolheram isso.

Decido não discutir com ela. Se ela quer acreditar em uma conspiração governamental, não acho que conseguirei dissuadi-la. Ela teria que passar pelo que passei para entender.

— Trago roupas — diz Marlene, parando em frente ao beliche. Ela segura uma pilha de roupas pretas do tamanho do seu tórax, que me oferece com um ar de orgulho. — Eu até fiz uma chantagem emocional para que sua irmã cedesse alguns vestidos, Lynn. Ela doou três.

— Você tem uma irmã? — pergunto a Lynn.

— Sim. Ela tem dezoito anos. Foi da turma de iniciação do Quatro.

— Qual é o nome dela?

— Shauna. — Ela olha para Marlene. — Eu *disse* a ela que nenhuma de nós vai precisar usar um vestido tão cedo, mas ela não ouviu, como sempre.

Lembro-me de Shauna. Ela foi uma das pessoas que me segurou quando desci de tirolesa.

— Acho que deve ser mais fácil lutar de vestido — diz Marlene, batendo com o dedo no queixo. — As pernas têm mais liberdade de movimento. E o que importa se alguém conseguir ver sua calcinha, se você estiver dando uma surra na pessoa?

Lynn fica em silêncio, como se reconhecesse alguma genialidade na teoria de Marlene, mas não quisesse admitir.

— Que papo é esse de mostrar a calcinha? — pergunta Uriah, esquivando-se de um dos beliches. — Seja lá o que for, estou dentro.

Marlene soca o braço dele.

— Alguns de nós vamos ao edifício Hancock esta noite — avisa Uriah. — Vocês deveriam vir também. Sairemos às dez.

— Vão andar de tirolesa? — pergunta Lynn.

— Não. Fazer vigilância. Ouvimos dizer que a Erudição mantém as luzes acesas a noite inteira, e isso nos ajudará a espionar as janelas e ver o que eles andam tramando.

— Eu vou — digo.

— Eu também — fala Lynn.

— O quê? Ah. Eu também — diz Marlene, sorrindo para Uriah. — Vou pegar comida. Quer vir comigo?

— Claro.

Marlene se despede com um aceno e vai embora. Ela costumava levantar um pouco as pernas enquanto caminhava, como se estivesse saltitando. Agora, caminha de maneira mais suave, talvez até mais elegante, mas sem a alegria infantil que eu costumava ver nela. O que será que ela fez quando estava sob a influência da simulação?

Lynn faz um bico com a boca.

— O que foi? — pergunto.

— Nada — responde ela, irritada. Ela balança a cabeça. — Ultimamente, eles têm passado o tempo todo juntos, sozinhos.

— Ele deve estar precisando muito dos amigos. Com toda aquela história do Zeke.

— É verdade. Que pesadelo. Ele estava aqui um dia, e no dia seguinte... — Ela suspira. — Não importa o quanto você treine uma pessoa para ser corajosa, nunca saberá se ela realmente o é até que algo real aconteça.

Ela me encara. Nunca havia notado o quão estranhos são os seus olhos, com uma coloração marrom-dourada. E, agora que seu cabelo cresceu um

pouco e que sua careca não é a característica que chama mais atenção, também reparo no seu nariz delicado e nos lábios cheios. Ela é linda, sem nem se esforçar para isso. Sinto inveja dela por um instante, depois penso que deve detestar ser linda e por isso raspou a cabeça.

— *Você* é corajosa — diz ela. — Não preciso lembrá-la disso, porque você já sabe. Mas quero que você saiba que eu sei.

Ela está me elogiando, mas sinto como se tivesse me dado um tapa.

De repente, ela completa:

— Não estrague tudo.

+ + +

Algumas horas mais tarde, depois de almoçar e tirar uma soneca, sento-me na beirada da cama para trocar as ataduras do meu ombro. Tiro a camiseta e fico de top. Há muitos membros da Audácia ao redor, reunidos entre os beliches, rindo e contando piadas. Quando acabo de passar a pomada na ferida, ouço uma gargalhada. Uriah passa correndo entre os beliches carregando Marlene no ombro. Ela acena quando passa por mim, com o rosto vermelho.

Lynn, que está sentada no beliche ao lado, emite um som de reprovação.

— Não consigo entender como ele consegue *dar mole* para alguém com tudo o que está acontecendo.

— Você acha que ele deveria andar por aí cabisbaixo o tempo todo? — pergunto, levando a mão até o ombro para pressionar as ataduras contra minha pele. — Você até que poderia aprender alguma coisa com ele.

— Olha quem fala! Você está sempre sofrendo pelos cantos. A gente devia passar a lhe chamar de Beatrice Prior, a Rainha da Tragédia.

Levanto-me e soco o braço dela, mais forte do que se estivesse brincando e mais fraco do que se fosse a sério.

— Cala a boca.

Sem olhar para mim, ela empurra o meu ombro contra o beliche.

— Não recebo ordens de Caretas.

Percebo que seus lábios estão levemente curvados e reprimo um sorriso.

— Está pronta para ir? — pergunta ela.

— Aonde vocês estão indo? — quer saber Tobias, passando entre o seu beliche e o meu e parando no corredor conosco. Sinto a boca seca. Não falei com ele o dia inteiro e não sei o que esperar. Será que isso vai ser estranho, ou será que voltaremos ao normal?

— Vamos para o topo do edifício Hancock espionar a Erudição — informa Lynn. — Quer vir?

Tobias olha para mim.

— Não. Preciso resolver algumas coisas aqui. Mas tomem cuidado.

Aceno afirmativamente com a cabeça. Sei por que ele não quer vir. Tobias evita alturas sempre que possível. Ele toca meu braço, detendo-me por um instante. Fico tensa. Ele não me toca desde antes da nossa discussão. Mas, então, ele me solta.

— Nós nos vemos mais tarde — murmura ele. — Não faça nenhuma besteira.

— Obrigada pelo voto de confiança — digo com uma careta.

— Não é isso o que eu quis dizer. O que quero dizer é: não deixe que ninguém faça besteira. Eles vão ouvir você.

Ele se inclina em minha direção como se fosse me beijar, mas depois parece pensar duas vezes e endireita o corpo, mordendo o lábio. É um ato insignificante, mas ainda me sinto rejeitada. Evito fazer contato visual e corro atrás de Lynn.

Lynn e eu atravessamos o corredor e seguimos em direção ao hall de elevadores. Alguns dos membros da Audácia começaram a marcar as paredes com quadrados coloridos. Para eles, a sede da Franqueza parece um labirinto, e eles querem aprender a circular por aqui. Só sei chegar nos lugares mais básicos: o dormitório, o refeitório, o saguão e a sala de interrogatório.

— Por que todos deixaram a sede da Audácia? — pergunto. — Os traidores não estão lá, estão?

— Não, eles estão na sede da Erudição. Saímos de lá porque a sede da Audácia é o local da cidade com o maior número de câmeras de vigilância — diz Lynn. — Sabíamos que a Erudição provavelmente conseguiria ter acesso aos vídeos, e que demoraria muito tempo para conseguirmos encontrar todas as câmeras. Por isso, decidimos que seria mais fácil sair de lá.

— Foi uma decisão esperta.

— Até que não nos saímos mal, de vez em quando.

Lynn aperta o botão do primeiro andar. Encaro os nossos reflexos nas portas. Ela é alguns centímetros mais alta do que eu e, embora sua camisa e calça largas escondam seu corpo, dá para ver que ele é curvilíneo.

— Que foi? — pergunta, fazendo cara feia.

— Por que você raspou a cabeça?

— Para a iniciação. Amo a Audácia, mas os caras de lá não consideravam as meninas uma ameaça durante a iniciação. Cansei daquilo. Então, decidi que, se não me parecesse tanto com uma menina, talvez eles passassem a me enxergar de outra maneira.

— Acho que você poderia ter tirado vantagem do fato de ser subestimada.

— É? Como? Agindo como uma fracote sempre que alguma coisa assustadora acontecesse? — Lynn revira os olhos. — Você por acaso acha que eu não tenho nenhuma dignidade?

— Acho que um dos erros dos membros da Audácia é que eles se recusam a ser astutos. Não é preciso jogar a sua força na cara das pessoas.

— Talvez você devesse passar a se vestir de azul, já que vai dar uma de Erudição. Aliás, você faz a mesma coisa, mas sem raspar a cabeça.

Saio do elevador antes de dizer algo do qual possa me arrepender depois. Lynn sabe perdoar, mas também sabe se ofender, como a maioria dos membros da Audácia. Como eu, exceto pela parte de "saber perdoar".

Como de costume, alguns membros da Audácia caminham com armas enormes em frente às portas, atentos aos invasores. Na frente deles, encontra-se um pequeno grupo de jovens da Audácia, entre eles Uriah,

Marlene, Shauna e Lauren, que foi instrutora dos iniciandos nascidos na Audácia, assim como Quatro foi instrutor daqueles que se transferiram de facção. Sua orelha reluz quando ela mexe a cabeça, porque é completamente coberta de piercings.

Lynn para de repente, e eu piso em seu calcanhar. Ela me xinga.

— Que gracinha você é — diz Shauna, sorrindo para Lynn. Elas não se parecem muito uma com a outra, exceto pela cor dos cabelos, um tom médio de marrom. Mas o cabelo de Shauna vai até o queixo, como o meu.

— Sim, este é o meu objetivo de vida: ser uma gracinha — responde Lynn.

Shauna apoia o braço nos ombros de Lynn. É estranho ver Lynn com sua irmã. Na verdade, é estranho saber que ela tem qualquer tipo de conexão com outra pessoa. Shauna me encara, e seu sorriso desaparece. Ela parece preocupada.

— Oi — digo, porque não sei mais o que dizer.

— Olá.

— Meu Deus! Você também acredita nas histórias da mamãe, não é? — Lynn cobre o rosto com a mão. — Shauna...

— Lynn. Cale a boca, pelo menos uma vez na vida — diz Shauna, ainda me encarando. Ela parece tensa, como se achasse que eu pudesse atacá-la a qualquer momento. Com meus superpoderes mentais.

— Ah! — diz Uriah, me resgatando. — Tris, você conhece a Lauren?

— Sim — confirma Lauren, antes que eu consiga responder. Sua voz é dura e nítida, como se ela estivesse brigando com ele, mas parece que sempre fala assim. — Ela usou minha paisagem do medo para praticar durante a iniciação. Então provavelmente me conhece melhor do que deveria.

— É mesmo? Pensei que os transferidos passassem pela paisagem do Quatro — diz Uriah.

— Até parece que ele deixaria qualquer um fazer isso.

Sinto algo morno e macio por dentro. Ele permitiu que *eu* passasse pela sua paisagem do medo.

Vejo de relance algo azul atrás de Lauren e me esforço para enxergar melhor.

De repente, armas começam a disparar.

As portas de vidro estilhaçam. Soldados da Audácia com faixas azuis nos braços estão parados do lado de fora, carregando armas de um tipo que eu nunca havia visto, com feixes de luz azul saindo de cima dos canos.

– Traidores! – grita alguém.

Todos os membros da Audácia sacam suas armas quase ao mesmo tempo. Não tenho uma arma de fogo para sacar, então me escondo atrás da barreira de membros leais da Audácia diante de mim, esmagando pedaços de vidro sob os pés e sacando a faca do bolso de trás.

Ao redor, pessoas desabam. Meus companheiros de facção. Meus amigos mais próximos. Todos desabando, provavelmente mortos, ou morrendo, enquanto o ensurdecedor ruído das armas invade meus ouvidos.

De repente, fico paralisada. Um dos feixes azuis está fixado em meu peito. Mergulho para o lado, para fugir da linha de fogo, mas não sou rápida o bastante.

A arma dispara. Eu desabo.

CAPÍTULO QUINZE

A DOR DIMINUI. Enfio a mão sob a jaqueta para procurar a ferida.

Não estou sangrando. Mas a força do tiro me derrubou, então deve ter havido algum tipo de munição. Passo os dedos no ombro e sinto um calombo duro onde a minha pele costumava ser lisa.

Ouço um ruído no chão, ao lado do meu rosto, e um cilindro de metal do tamanho da minha mão rola e para ao encostar na minha cabeça. Antes que eu consiga me mexer, uma fumaça branca começa a sair das extremidades do cilindro. Começo a tossir e jogo o objeto para longe, mais para dentro do saguão. Mas aquele não é o único cilindro. Eles estão por toda a parte, enchendo o saguão com uma fumaça que não queima nem arde. Na verdade, a fumaça apenas obscurece minha visão por alguns segundos, antes de evaporar completamente.

Qual foi o sentido disso?

Há soldados da Audácia deitados no chão, com os olhos fechados, por todo lado. Franzo a testa e examino o corpo de Uriah. Ele não parece estar sangrando. Não vejo nenhuma ferida perto dos seus órgãos vitais, o que significa que não está morto. Então, o que o apagou assim? Olho para trás, onde Lynn desabou, quase em posição fetal. Ela também está inconsciente.

Os traidores da Audácia entram no saguão com as armas erguidas. Decido fazer o que sempre faço quando não sei bem o que está acontecendo: imito as outras pessoas. Encosto a cabeça no chão e fecho os olhos. Meu coração dispara enquanto os passos dos traidores da Audácia se aproximam, cada vez mais, rangendo contra o chão de mármore. Mordo a língua para reprimir um grito de dor quando um deles pisa na minha mão.

— Não entendo por que não podemos simplesmente atirar na cabeça deles — diz um deles. — Se não tiver nenhum outro exército, nós vencemos.

— Ora, Bob, não podemos simplesmente matar *todo mundo* — retruca uma voz fria.

Minha nuca fica arrepiada. Reconheceria essa voz em qualquer lugar. É o Eric, líder da Audácia.

— Sem pessoas, não vai sobrar ninguém para criar as condições de prosperidade — continua Eric. — De qualquer maneira, não é seu papel questionar as coisas. — Ele fala mais alto: — Metade no elevador, metade nas escadas, esquerda e direita! Vamos!

Há uma arma perto de mim, à esquerda. Se eu abrisse os olhos, poderia agarrá-la e atirar contra ele antes que pudesse reagir. Mas não sei se conseguirei tocar a arma sem entrar em pânico novamente.

Espero até ouvir o último passo desaparecendo atrás de uma porta de elevador ou em uma escadaria antes de abrir os olhos. Todos no saguão parecem inconscientes. Seja lá qual for o gás que usaram contra nós, deve ser algo que induz uma simulação, já que sou a única acordada. Não faz nenhum sentido. Isso não segue nenhuma das regras de simulação que conheço. Mas não tenho tempo para pensar sobre isso agora.

Seguro minha faca e me levanto, tentando ignorar a dor no ombro. Corro até o corpo de uma mulher da Audácia, que está entre os traidores que foram mortos perto da entrada do edifício. Ela era de meia-idade. Há alguns fios brancos em sua cabeça. Tento não olhar para a ferida de tiro em sua testa, mas a luz fraca se reflete em algo que parece osso, e eu quase vomito.

Pense. Não importa quem ela era, qual era o seu nome, ou a sua idade. A única coisa que importa é a faixa azul em seu braço. Preciso me concentrar nisso. Tento encaixar o dedo ao redor do tecido, mas ele não solta. A faixa parece estar costurada em sua jaqueta preta. Vou precisar tirá-la também.

Abro o zíper da minha jaqueta e jogo-a sobre seu rosto para não precisar mais vê-lo. Depois, abro a jaqueta dela e a puxo, primeiro do seu braço

esquerdo, depois do direito, cerrando os dentes enquanto a solto de debaixo do corpo pesado da mulher.

— Tris! — chama alguém. Eu me viro, com a jaqueta em uma mão e a faca na outra. Guardo a faca. Os invasores da Audácia não tinham facas, e não quero levantar suspeitas.

Uriah está atrás de mim.

— Divergente? — pergunto. Não há tempo para me surpreender.

— Sim.

— Pegue uma jaqueta.

Ele se agacha ao lado de um dos traidores da Audácia, um bem jovem, que não tem nem idade para ser membro da facção. Retraio o rosto ao ver sua face pálida e morta. Alguém tão jovem não deveria estar morto; ele não deveria nem ter vindo aqui.

Com o rosto quente de raiva, visto a jaqueta da mulher. Uriah veste a sua, com a boca comprimida.

— *Eles* são os únicos que estão mortos — comenta, baixinho. — Você não acha isso estranho?

— Eles provavelmente sabiam que atiraríamos, mas vieram mesmo assim. Vamos deixar as perguntas para depois. Precisamos ir lá para cima.

— Para cima? Por quê? Vamos dar o fora daqui.

— Você quer fugir antes de descobrirmos o que está acontecendo? — pergunto, irritada. — Antes que os outros membros da Audácia que estão lá em cima saibam o que os atingiu?

— E se alguém nos reconhecer?

Dou de ombros.

— Só posso torcer para que não reconheçam.

Corro até a escada, e ele me segue. Assim que piso no primeiro degrau, pergunto-me o que exatamente planejo fazer. Deve haver mais Divergentes no edifício, mas será que eles saberão o que são? Será que saberão que

precisam se esconder? E o que espero conseguir me infiltrando em um exército de traidores da Audácia?

Nas profundezas do meu ser, sei a resposta: estou sendo imprudente. Provavelmente não conseguirei nada. Provavelmente morrerei.

E o pior de tudo é que não ligo.

— Eles vão subir aos poucos — digo, sem fôlego. — Portanto, você deveria... ir até o terceiro andar. Peça para eles... evacuarem o prédio. Silenciosamente.

— Mas *aonde você* vai?

— Para o segundo andar — respondo. Abro a porta para o segundo andar com o ombro. Sei o que vou fazer lá: procurar os outros Divergentes.

+ + +

Enquanto caminho pelo corredor, passando por cima de corpos inconscientes vestidos de preto e branco, lembro-me de um verso da canção que as crianças da Franqueza cantam quando acham que não há ninguém ouvindo:

A Audácia é a mais cruel das cinco,

Eles estraçalham-se entre si...

A canção nunca pareceu tão real quanto agora, enquanto vejo os traidores da Audácia induzirem uma simulação de sono que não é muito diferente da que foi usada para forçá-los a matar membros da Abnegação há menos de um mês.

Somos a única facção que poderia se dividir dessa maneira. A Amizade não permitiria uma cisão; ninguém da Abnegação seria tão egoísta; os membros da Franqueza discutiriam até alcançar uma solução comum; e mesmo a Erudição nunca faria algo tão ilógico. Realmente somos a facção mais cruel.

Passo por cima de um braço caído e uma mulher com a boca aberta e cantarolo o começo do verso seguinte da canção, baixinho:

A Erudição é a mais fria das cinco,

O conhecimento custa caro...

Quando será que Jeanine se deu conta de que a Erudição e a Audácia criariam uma combinação mortal? Parece que a brutalidade e a lógica fria são capazes de quase qualquer coisa, até de botar uma facção e meia para dormir.

Estudo os rostos e os corpos enquanto caminho, à procura de respirações irregulares, cílios trêmulos ou qualquer outra coisa que indique que as pessoas deitadas no chão estão apenas fingindo que estão inconscientes. Até agora, todos os que vi estão respirando regularmente e todos os cílios estão parados. Talvez não haja Divergentes na Franqueza.

— Eric! — grita alguém do fundo do corredor. Prendo a respiração enquanto ele caminha diretamente na minha direção. Tento não me mover. Se eu me mover, ele vai olhar para mim e me reconhecer, tenho certeza. Olho para o chão, e fico tão tensa que começo a tremer. *Não olhe para mim, não olhe para mim...*

Eric passa direto por mim e desce o corredor à minha esquerda. Eu deveria continuar minha busca o mais rápido possível, mas a curiosidade me leva a caminhar na direção da pessoa que chamou Eric. Pareceu ser algo urgente.

Ao levantar os olhos, vejo um soldado da Audácia em pé, diante de uma mulher ajoelhada. Ela usa blusa branca e saia preta e está com as mãos atrás da cabeça. Mesmo de perfil, o sorriso de Eric demonstra ganância.

— Divergente. Muito bem. Leve-a ao hall dos elevadores. Decidiremos depois quais vamos matar e quais vamos levar de volta.

O soldado da Audácia agarra a mulher pelo rabo de cavalo e começa a caminhar em direção ao hall dos elevadores, arrastando-a atrás de si. Ela solta um grito, depois se levanta com dificuldade, com o tórax inclinado para a frente. Tento engolir, mas parece que tenho um amontoado de bolas de algodão na garganta.

Eric continua a descer o corredor, para longe de mim, e tento não encarar a mulher da Franqueza quando ela passa por mim, com o cabelo preso no

punho do soldado da Audácia. Já sei como o terror funciona: permito que ele me controle por alguns segundos, depois me obrigo a agir.

Um... dois... três...

Sigo em frente com uma determinação renovada. O processo de observar cada pessoa para descobrir quem está acordado está demorando demais. Quando alcanço o próximo corpo inconsciente, piso no seu dedo mindinho com força. Não há qualquer reação. Passo por cima do corpo e encontro o dedo da pessoa seguinte, espremendo-o com força com a ponta do sapato. Também não há resposta.

— Achei um! — grita alguém de um corredor distante, e eu começo a ficar nervosa. Pulo por cima de corpos de homens e mulheres, crianças, adolescentes e idosos, pisando dedos, estômagos ou calcanhares, à procura de sinais de dor. Depois de um tempo, quase não vejo mais seus rostos e continuo sem encontrar reações. Estou brincando de pique-esconde com os Divergentes, mas não sou a única que está procurando.

De repente, consigo alguma coisa. Piso no dedo mindinho de uma garota da Franqueza, e seu rosto se contrai. A contração é muito pequena e rápida. Ela soube esconder bem a dor. Mas é o bastante para chamar minha atenção.

Olho para trás para ver se há alguém por perto, mas todos já saíram do corredor central. Procuro a escada mais próxima. Há uma a apenas três metros de distância, em um corredor lateral, à minha direita. Agacho-me ao lado da cabeça da menina.

— Ei — sussurro, o mais baixinho que consigo. — Está tudo bem. Não sou um deles.

Seus olhos se abrem um pouco.

— Há uma escada a cerca de três metros daqui. Avisarei quando ninguém estiver olhando, e você terá que correr, está bem?

Ela acena com a cabeça.

Levanto-me e caminho lentamente em um círculo. Uma traidora da Audácia à minha esquerda está olhando em outra direção, cutucando um

membro inconsciente da Audácia com o pé. Outros dois atrás de mim estão rindo de alguma coisa. Outro, à minha frente, caminha na minha direção, mas depois levanta a cabeça e desce o corredor novamente, na direção oposta.

— Agora.

A garota se levanta e corre em direção à escada. Observo-a, até que a porta se fecha, depois vejo meu reflexo em uma das janelas. Mas não estou sozinha no corredor de pessoas inconscientes, como pensava. Eric está bem atrás de mim.

+ + +

Olho para o reflexo de Eric na janela e ele me encara de volta. Se eu me mover rápido o bastante, talvez ele não esteja preparado para me segurar. Mas imediatamente me dou conta de que não conseguirei correr mais rápido do que ele. E não conseguirei atirar nele, porque não peguei uma arma.

Giro o corpo, levantando o cotovelo e lançando-o contra o rosto de Eric. Atinjo a ponta do seu queixo, mas não forte o bastante para feri-lo. Ele agarra o meu braço esquerdo com uma das mãos e encosta o cano de sua arma na minha cabeça com a outra, depois sorri para mim.

— Não entendo — diz ele — como você pôde ser burra o bastante para subir aqui sem uma arma.

— Bem, sou esperta o bastante para fazer isso. — Piso com força seu pé, que atingi com um tiro há menos de um mês. Ele solta um grito, contorcendo o rosto com a dor, e atinge o meu queixo com o punho da arma. Cerro os dentes para reprimir um grunhido. Sangue escorre pelo meu pescoço. Ele abriu uma ferida em meu rosto.

Apesar da luta, ele não solta o meu braço nem um segundo. Mas o fato de ele não ter atirado na minha cabeça agora me diz algo: ainda não tem a permissão de me matar.

— Foi uma surpresa descobrir que você ainda estava viva. Já que eu pedi para Jeanine construir aquele tanque de água especialmente para você.

Tento pensar no que posso fazer que seja doloroso o bastante para que me solte. Decido chutá-lo com força na virilha, mas ele se move para trás de mim, segurando-me pelos dois braços e apertando seu corpo contra o meu com tanta força que mal consigo mover os pés. Suas unhas se cravam na minha pele e eu cerro os dentes, tanto por causa da dor quanto por causa da náusea causada pelo seu peito encostado nas minhas costas.

— Ela achava que estudar a reação de uma Divergente à versão real de uma simulação seria fascinante — continua Eric, empurrando-me para a frente e me forçando a andar. Sinto sua respiração no meu cabelo. — E eu concordei. Sabe, a engenhosidade, uma das qualidades que mais valorizamos na Erudição, requer criatividade.

Ele torce as mãos, e seus calos arranham meus braços. Jogo o peso do corpo levemente para a esquerda enquanto ando, tentando posicionar um dos meus pés entre os seus. Percebo, com prazer selvagem, que ele está mancando.

— Às vezes, a criatividade parece ineficaz, ilógica... a não ser que seja usada para um propósito maior. Nesse caso, o acúmulo de conhecimento.

Paro de andar por um segundo, para levantar o calcanhar com força entre as pernas de Eric. Um grito agudo morre em sua garganta, interrompido mesmo antes de começar, e suas mãos fraquejam por um instante. Imediatamente, torço o corpo com o máximo de força que consigo e me solto. Não sei para onde ir, mas preciso correr, preciso...

Ele agarra meu cotovelo, puxando-me para trás e fincando o polegar na ferida em meu ombro e torcendo-o até minha visão escurecer por causa da dor e eu começar a gritar a plenos pulmões.

— Eu *bem* que lembrava, pelas imagens que vi de você naquele tanque de água, que você havia levado um tiro no ombro. Parece que eu estava certo.

Meus joelhos cedem, e ele agarra a gola da minha camisa de maneira quase descuidada, arrastando-me em direção ao elevador. O tecido aperta minha garganta, sufocando-me, e eu o sigo aos tropeções. Meu corpo lateja de dor.

Quando alcançamos o hall do elevador, ele me coloca de joelhos ao lado da mulher da Franqueza que vi antes. Ela e outras quatro pessoas estão sentadas entre duas fileiras de elevadores, vigiadas por guardas armados da Audácia.

— Quero uma arma nela o tempo todo — diz Eric. — Não apenas apontada contra ela, mas *encostada nela*.

Um homem da Audácia encosta o cano da sua arma na minha nuca. Sinto o círculo frio contra a minha pele. Levanto os olhos e encaro Eric. Seu rosto está vermelho, e seus olhos estão úmidos.

— Qual é o problema, Eric? — pergunto, com as sobrancelhas arqueadas. — Está com medo de uma garotinha?

— Não sou idiota — diz ele, passando as mãos no cabelo. — Essa encenação pode ter me enganado antes, mas não enganará novamente. Você é o melhor cão de ataque deles. — Ele se inclina mais para perto de mim. — Por isso, vou me certificar de que seja abatida o mais rápido possível.

Uma das portas do elevador se abre e um soldado da Audácia empurra Uriah, com os lábios ensanguentados, em direção à pequena fileira de Divergentes. Uriah olha para mim, mas não consigo identificar se sua expressão é de sucesso ou derrota. Se ele está aqui, é porque provavelmente falhou. Agora, eles vão encontrar todos os Divergentes neste edifício, e a maioria de nós vai morrer.

Eu deveria estar com medo. Mas, em vez disso, uma risada histérica borbulha dentro de mim, porque, de repente, lembro-me de algo.

Posso até não conseguir segurar uma arma. Mas tenho uma faca no bolso de trás.

CAPÍTULO DEZESSEIS

LEVO A MÃO às costas, centímetro por centímetro, para que o soldado que está apontando a arma para mim não note. As portas do elevador se abrem novamente, trazendo mais Divergentes guiados por traidores da Audácia. A mulher da Franqueza que está ao meu lado choraminga. Há fios de cabelo colados em seus lábios, que estão molhados, não sei se de saliva ou lágrimas.

Minha mão alcança a ponta do meu bolso de trás. Mantenho-a estável, mas meus dedos tremem de nervosismo. Preciso esperar o momento certo, quando Eric estiver por perto.

Concentro-me na minha respiração, imaginando o ar enchendo cada parte dos meus pulmões enquanto inalo, depois lembrando, ao exalar, que todo o meu sangue, oxigenado e desoxigenado, entra e sai do mesmo coração.

É mais fácil pensar em biologia do que na fileira de Divergentes sentados entre as portas dos elevadores. Um garoto da Franqueza, que não deve ter mais do que onze anos, está sentado à minha esquerda. Ele é mais corajoso do que a mulher à minha direita. Está encarando impávido o soldado da Audácia à sua frente.

Inalar, exalar. O sangue corre até minhas extremidades. O coração é um músculo poderoso, o músculo mais forte do nosso corpo em termos de longevidade. Mais soldados da Audácia chegam, anunciando buscas bem-sucedidas em andares específicos do Merciless Mart. Centenas de pessoas inconscientes no chão, atingidas por coisas que não são balas, e eu não tenho a menor ideia do motivo.

Mas continuo a pensar sobre o coração. Não sobre o meu, mas sobre o de Eric, e o quão silencioso ficará seu peito quando seu coração parar de bater. Apesar de odiá-lo, não quero matá-lo, pelo menos não com uma faca e tão de

perto, onde poderei ver a vida deixando seu corpo. Mas só tenho mais uma chance de fazer algo útil. Se quiser ferir a Erudição, preciso tirar-lhe um de seus líderes.

Eu me dou conta de que ninguém trouxe a garota da Franqueza que ajudei a escapar do hall dos elevadores, o que significa que ela deve ter conseguido fugir. Que bom.

Eric junta as mãos nas costas e começa a caminhar de um lado para outro diante da fileira de Divergentes.

— Recebi ordens para levar apenas dois de vocês para a sede da Erudição, para a realização de testes — diz Eric. — Os outros serão executados. Há várias maneiras de determinar quais de vocês serão menos úteis para nós.

Seus passos tornam-se mais lentos quando ele se aproxima de mim. Tenciono os dedos, pronta para agarrar o cabo da faca, mas ele não chega perto o bastante. Continua andando e para na frente do garoto à minha esquerda.

— O cérebro para de se desenvolver aos vinte e cinco anos — diz Eric. — Portanto, a sua Divergência ainda não está completamente desenvolvida.

Ele ergue a arma e dispara.

Um grito estrangulado escapa quando o corpo do garoto desaba no chão, e eu fecho os olhos com força. Todos os meus músculos me impulsionam para ele, mas eu me detenho. *Espere*, *espere*, *espere.* Não posso pensar no garoto. *Espere*. Esforço-me para abrir os olhos e pisco para afastar as lágrimas.

Meu grito serviu para uma coisa: agora Eric está diante de mim, sorrindo. Chamei sua atenção.

— Você também é bem jovem. Ainda está longe de atingir o desenvolvimento completo.

Ele dá um passo em minha direção. Meus dedos se aproximam mais um pouco do cabo da faca.

— A maioria dos Divergentes atinge dois resultados no teste de aptidão. Alguns atingem só um. Ninguém jamais atingiu três resultados. Não por uma

questão de aptidão, mas simplesmente porque, para alcançar tal resultado, você precisa se recusar a escolher alguma coisa — explica ele, aproximando-se ainda mais. Inclino a cabeça para trás para olhá-lo, a fim de ver todo o metal que brilha em seu rosto, assim como seus olhos vazios.

— Meus superiores suspeitam que você atingiu dois resultados, Tris — diz ele. — Eles não acreditam que você seja tão complexa assim, mas apenas uma mistura equilibrada de Abnegação e Audácia. Tão altruísta que chega a ser idiota. Ou será que você é tão corajosa que chega a ser idiota?

Fecho o punho ao redor do cabo da faca e a aperto. Ele se inclina mais para perto.

— Entre mim e você... *Eu* acredito que você possa ter alcançado três resultados, porque você é o tipo de cabeça-dura que se recusaria a tomar uma decisão simples só porque alguém disse que deveria tomá-la. Que tal esclarecer essa questão?

Eu me lanço para a frente, tirando a mão do bolso. Fecho os olhos e levanto a faca na direção dele. Não quero ver seu sangue.

Sinto a faca entrando, depois a puxo para fora novamente. Todo o meu corpo lateja no ritmo do meu coração. Minha nuca está grudenta, coberta de suor. Abro os olhos e vejo Eric desabar no chão, e então... caos.

Os traidores da Audácia não estão segurando armas letais, apenas armas que atiram o que quer que seja com que nos acertaram antes, então todos eles tentam sacar suas armas de verdade. Enquanto isso, Uriah pula em cima de um deles e soca seu queixo. Ele apaga e desaba no chão. Uriah agarra sua arma e começa a atirar nos soldados da Audácia mais próximos.

Tento alcançar a arma de Eric, tão apavorada que mal consigo enxergar, e, ao olhar para cima, posso jurar que a quantidade de soldados da Audácia dobrou. Disparos ecoam em meus ouvidos e me jogo no chão enquanto todos começam a correr. Meus dedos roçam o cano da arma, e sinto um arrepio. Minhas mãos estão fracas demais para segurá-la.

Um braço pesado envolve meus ombros e me empurra em direção à parede. Meu ombro direito arde, e vejo uma nuca tatuada com o símbolo da Audácia. Tobias vira-se, agachado na minha frente para proteger-me dos tiros, e começa a disparar.

— Avise-me se houver alguém atrás de mim!

Olho por cima do seu ombro, cerrando meus punhos ao agarrar sua camisa.

Realmente *há* mais membros da Audácia ao redor. Membros da Audácia sem faixas azuis nos braços; membros leais da Audácia. Minha facção. Minha facção veio nos salvar. Por que será que eles estão acordados?

Os traidores da Audácia fogem correndo do hall dos elevadores. Eles não estão preparados para um ataque, principalmente um que vem de todos os lados. Alguns contra-atacam, mas a maioria foge para as escadas. Tobias atira sem parar, até que a munição acaba e o gatilho passa a apenas estalar. Minha visão está turva demais por conta das lágrimas, e minhas mãos estão inutilizadas demais para atirar. Solto um grito entre dentes cerrados, frustrada. Não consigo ajudá-los. Sou inútil.

No chão, Eric geme. Ainda está vivo, por enquanto.

Gradualmente, os disparos cessam. Minha mão está molhada. Um vislumbre de vermelho indica que ela está coberta de sangue, o sangue de Eric. Limpo-a na minha calça e tento afastar as lágrimas. Meus ouvidos zunem.

— Tris — diz Tobias. — Você já pode soltar a faca.

CAPÍTULO DEZESSETE

TOBIAS ME conta sua história:

Quando os membros da Erudição alcançaram a escada do saguão, uma de suas integrantes não foi até o segundo andar. Ela subiu correndo até um dos andares mais altos do edifício. Lá, evacuou um grupo de membros leais da Audácia, entre eles Tobias, até uma saída de incêndio que não havia sido trancada pelos traidores. Esses membros leais da Audácia reuniram-se no saguão e se dividiram em quatro grupos, que subiram simultaneamente as diferentes escadas, cercando os traidores, que haviam se concentrado no hall dos elevadores.

Os traidores da Audácia não estavam preparados para tanta resistência. Eles acreditavam que todos estariam inconscientes, menos os Divergentes, e, por isso, fugiram.

A mulher da Erudição era Cara. A irmã mais velha de Will.

+ + +

Com um suspiro, deixo a jaqueta cair dos meus braços e examino meu ombro. Um disco de metal mais ou menos do tamanho da unha do meu dedo mindinho está preso à minha pele. Ao redor dele há uma área com filamentos azuis, como se alguém tivesse injetado tinta azul nas pequenas veias sob minha pele. Franzindo a testa, tento arrancar o disco de metal do meu braço e sinto uma dor lacerante.

Rangendo os dentes, enfio o lado cego da minha faca sob o disco e forço-o para cima. Solto um grito com a boca cerrada, e a dor atravessa o meu corpo, fazendo minha visão falhar por um instante. Mas continuo empurrando o

disco com o máximo de força possível, até que ele se solta da minha pele o bastante para que eu consiga segurá-lo com os dedos. Há uma agulha presa sob o disco.

Engasgada de dor, agarro o disco com as pontas dos dedos e puxo uma última vez. Dessa vez, a agulha solta. Ela tem o tamanho do meu dedo mindinho e está coberta de sangue. Ignoro o sangue que escorre do meu braço e seguro o disco e a agulha contra a luz, sobre a pia.

A julgar pelo líquido azul no meu braço e na agulha, eles devem ter injetado algo em nós. Mas o quê? Veneno? Um explosivo?

Balanço a cabeça. Se eles quisessem nos matar, como a maioria de nós já estava inconsciente, só precisariam atirar em nós. Seja lá o que tenham nos injetado, sua intenção não era matar.

Alguém bate à porta. Não sei por quê. Afinal, estou em um banheiro público.

— Tris, você está aí dentro? — pergunta a voz abafada de Uriah.

— Estou — respondo.

Uriah está com uma aparência melhor do que há uma hora. Ele limpou o sangue da boca e seu rosto já está mais corado. De repente, fico surpresa com sua beleza. Todos os seus traços são proporcionais, seus olhos são escuros e alertas, e sua pele é bronzeada. Ele deve ter sido bonito assim a vida inteira. Apenas meninos que foram bonitos a vida inteira carregam esse ar de arrogância no sorriso.

Diferente de Tobias, cujo sorriso é quase tímido, como se o simples fato de alguém ter se dado o trabalho de olhar para ele fosse uma surpresa.

O olhar de Uriah se desvia do meu rosto para a agulha na minha mão, depois para o sangue que escorre do meu ombro até o pulso.

— Que nojento.

— Não estava prestando atenção — respondo. Coloco a agulha sobre a pia e agarro um lenço de papel, limpando o sangue do meu braço. — Como estão os outros?

— Marlene está fazendo piadas, como sempre. — O sorriso de Uriah cresce, criando covinhas em suas bochechas. — Lynn está resmungando. Espera aí, você arrancou isso do seu braço? — Ele aponta para a agulha. — Meu Deus, Tris. Você não tem nervos, não?

— Acho que preciso de um curativo.

— Acha, é? — Uriah balança a cabeça. — Você também deveria colocar gelo no rosto. Estão todos acordando agora. Está uma loucura lá fora.

Levo a mão ao queixo. O local onde Eric me acertou com a arma está doendo. Preciso de um pouco de loção de cura.

— Eric está morto? — Não sei qual resposta estou esperando: sim ou não.

— Não. Alguns dos membros da Franqueza decidiram cuidar dele. — Uriah encara a pia com uma careta. — Eles falaram algo sobre tratamento justo de prisioneiros. Kang o está interrogando em particular agora. Ele disse que não nos quer lá, perturbando a paz ou algo assim.

Bufo.

— É. De qualquer maneira, ninguém entendeu nada — diz ele, apoiando-se na pia ao lado da minha. — Por que atacar o edifício daquele jeito, atirar essas coisas em nós e nos apagar? Por que não nos mataram de uma vez?

— Não faço ideia — respondo. — O único objetivo que consigo imaginar é que isso lhes permitiu descobrir quem é Divergente. Mas esse não pode ser o único motivo.

— Não entendo por que estão atrás de nós. Quer dizer, quando estavam tentando criar um exército, controlando nossas mentes, tudo bem, mas agora? Isso me parece inútil.

Franzo a testa enquanto pressiono uma toalha limpa de papel contra o ombro, para estancar o sangramento. Ele está certo. Jeanine já tem um exército. Por que matar os Divergentes agora?

— Jeanine não quer matar a todos — digo lentamente. — Ela sabe que isso seria ilógico. Nossa sociedade só funciona com todas as facções, porque cada

uma delas treina seus integrantes para funções específicas. O que ela quer é *controle*.

Levanto o rosto e encaro meu reflexo no espelho. Meu maxilar está inchado e ainda há marcas de unhas em meus braços. Que nojo.

— Ela deve estar planejando outra simulação — sugiro. — Igual à de antes, mas, desta vez, ela quer se assegurar de que todos estarão sob sua influência ou mortos.

— Mas a simulação só dura um período determinado de tempo. Só é útil se ela estiver tentando alcançar algo específico.

— Certo. — Solto um suspiro. — Não sei. Não entendo. — Seguro a agulha. — Também não entendo o que é isso. Se for como as outras injeções indutoras de simulações, foi criada para um único uso. Então, por que atirar isso em nós só para nos apagar? Não faz nenhum sentido.

— Não sei, Tris, mas agora temos que lidar com um edifício enorme cheio de pessoas em pânico. Vamos arrumar um curativo para você.

Ele faz uma pausa e depois fala:

— Você pode me fazer um favor?

— O quê?

— Não conte a ninguém que sou Divergente. — Ele morde o lábio. — Shauna é minha amiga, e não quero que ela passe a ter medo de mim.

— Claro — digo, forçando um sorriso. — Minha boca é um túmulo.

+ + +

Passo a noite acordada, removendo agulhas dos braços das pessoas. Depois de algumas horas, paro de tentar ser gentil. Apenas puxo o mais forte possível.

Descubro que o menino da Franqueza baleado na testa por Eric chamava-se Bobby, que a condição de Eric está estável e que, das centenas de pessoas dentro do Merciless Mart, apenas oitenta não estão com os braços feridos. Dessas, setenta são da Audácia, entre elas Christina. Passo a noite inteira

refletindo sobre seringas, soros e simulações, tentando pensar como meus inimigos.

Chegada a manhã, não encontro mais agulhas para remover e vou para o refeitório esfregando os olhos. Jack Kang anunciou que haverá uma reunião ao meio-dia, e talvez eu consiga tirar uma boa soneca depois de comer.

Mas, quando entro no refeitório, vejo Caleb.

Caleb corre até mim e me abraça com cuidado. Solto um suspiro de alívio. Pensei que, a esta altura, não precisaria mais do meu irmão, mas acho que nunca vou deixar de precisar. Relaxo, apoiada nele por um instante, depois vejo Tobias me olhando.

— Você está bem? — pergunta Caleb, afastando-se de mim. — Seu maxilar...

— Não é nada. Só está inchado.

— Soube que eles juntaram vários Divergentes e começaram a atirar neles. Graças a Deus que não encontraram você.

— Na verdade, eles encontraram. Mas só mataram uma pessoa — digo. Belisco o dorso do nariz para tentar aliviar um pouco a pressão na minha cabeça. — Mas estou bem. Quando você chegou?

— Há cerca de dez minutos. Vim com Marcus. Como nosso único líder político oficial, ele sentiu que era seu dever estar aqui. Só ficamos sabendo do ataque há uma hora. Um dos sem-facção viu os soldados da Audácia invadindo o edifício, e demora um pouco para as notícias correrem entre eles.

— Marcus está *vivo*? — pergunto. Não o vimos ser morto quando escapamos do complexo da Audácia, mas presumi que era isso o que havia acontecido. Não sei exatamente como me sinto agora. Talvez desapontada, porque o odeio pela maneira como ele tratou Tobias. Ou aliviada, porque o último líder da Abnegação ainda está vivo. Será possível sentir as duas coisas?

— Ele e Peter escaparam e caminharam de volta para a cidade — explica Caleb.

Não me sinto nem um pouco aliviada em descobrir que Peter ainda está vivo.

— E onde ele está?

— Onde você esperaria que ele estivesse? — responde Caleb.

— Com a Erudição — digo. Balanço a cabeça. — Ele é um...

Não consigo encontrar uma palavra forte o bastante para descrevê-lo. Acho que preciso aumentar meu vocabulário.

Caleb contorce o rosto rapidamente, depois acena com a cabeça e apoia a mão em meu ombro.

— Você está com fome? Quer que eu busque alguma coisa para comer? — pergunta ele.

— Sim, por favor — respondo. — Já volto, está bem? Preciso falar com Tobias.

— Tudo bem. — Caleb aperta meu braço e se afasta, provavelmente para entrar na enorme fila do refeitório. Eu e Tobias ficamos parados, a metros de distância um do outro, por alguns segundos.

Ele se aproxima lentamente.

— Você está bem? — pergunta.

— Se tiver que responder a isso mais uma vez, acho que vou vomitar — respondo. — Não levei um tiro na cabeça, levei? Então estou bem.

— Seu maxilar está tão inchado que parece que você está com comida na boca, e você acabou de esfaquear Eric — diz ele, franzindo a testa. — Não posso nem perguntar se você está bem?

Solto um suspiro. Eu deveria falar para ele sobre Marcus, mas não quero fazer isso aqui, no meio de tantas pessoas.

— Sim, estou bem.

Ele puxa o braço para trás, como se estivesse pensando em encostar em mim, mas decidiu não fazer isso. Depois, ele pensa outra vez e desliza o braço ao redor do meu corpo, puxando-me para junto de si.

De repente, penso em talvez deixar que outra pessoa corra todos os riscos. Talvez eu comece a agir de maneira egoísta, para que possa ficar perto de Tobias sem machucá-lo. Tudo o que quero fazer é mergulhar o rosto em seu pescoço e esquecer o mundo.

— Desculpe-me por ter demorado tanto para ir buscar você — sussurra ele, com a boca encostada em meu cabelo.

Suspiro e toco suas costas com as pontas dos dedos. Eu poderia ficar em pé aqui até desmaiar de exaustão, mas não devo; não posso.

Afasto o corpo e digo:

— Preciso falar com você. Podemos ir para um lugar mais tranquilo?

Ele concorda com a cabeça e deixamos o refeitório. Um dos membros da Audácia que passa por nós grita:

— Olha só! É o *Tobias Eaton*!

Eu havia me esquecido do interrogatório e do nome que ele revelou para toda a Audácia.

Outra pessoa grita:

— Vi seu pai aqui mais cedo, Eaton! Você está indo se esconder?

Tobias ajeita o corpo e fica duro, como se alguém estivesse apontando uma arma para o seu peito, e não caçoando dele.

— É. Vai se esconder, covarde?

Algumas pessoas ao redor riem. Agarro o braço de Tobias e o guio em direção aos elevadores antes que consiga reagir. Ele parece estar prestes a socar alguém. Ou fazer algo pior.

— Eu já ia contar... ele veio com Caleb — digo. — Peter e ele escaparam da Amizade...

— O que você estava esperando? — pergunta ele, mas sem aspereza. Parece que sua voz está distante dele, como se estivesse flutuando entre nós.

— Não é o tipo de notícia que você dá em um refeitório.

— Tem razão.

Esperamos pelo elevador em silêncio, e Tobias morde o lábio e olha para o nada. Ele faz isso até chegarmos ao décimo oitavo andar, que está vazio. Lá, o silêncio me abraça como Caleb fez, acalmando-me. Sento-me em um dos bancos na beirada da sala de interrogatório, e Tobias puxa a cadeira de Niles para se sentar na minha frente.

— Não havia duas dessas? — pergunta ele, franzindo a testa e olhando para a cadeira.

— É verdade. Eu, é... ela foi jogada pela janela.

— Estranho. — Ele se senta. — Então, sobre o que você queria falar? Era sobre Marcus?

— Não, não era isso. Você... está bem? — pergunto, cuidadosamente.

— Não levei um tiro na cabeça, levei? — responde ele, encarando as mãos. — Então estou bem. Vamos mudar de assunto.

— Quero falar sobre simulações. Mas, antes, há outra coisa. Sua mãe disse que o próximo alvo de Jeanine seria os sem-facção. É claro que ela estava errada, mas não sei por quê. Não é como se a Franqueza estivesse pronta para a guerra...

— Pense bem. Pense como alguém da Erudição.

Olho para ele, irritada.

— O que foi? Se você não conseguir fazer isso, nenhum de nós conseguirá.

— Tudo bem. É... deve ter sido porque a Audácia e a Franqueza eram os alvos mais lógicos. Porque... os sem-facção estão por toda a parte, mas nós estamos em um único lugar.

— Certo. Além disso, quando Jeanine atacou a Abnegação, ela roubou todos os dados da facção. Minha mãe me disse que a Abnegação havia documentado as populações de Divergentes sem-facção, o que significa que, depois do ataque, Jeanine deve ter descoberto que a proporção de Divergentes entre os sem-facção é mais alta do que na Franqueza. Isso os tornaria um alvo ilógico.

— Certo. Agora, fale-me sobre o soro novamente. Há partes diferentes nele, certo?

— Duas partes — diz ele, acenando com a cabeça. — O transmissor e o líquido que induz a simulação. O transmissor comunica informações do computador para o cérebro e vice-versa, e o líquido altera o cérebro, colocando-o no estado de simulação.

Aceno com a cabeça.

— Mas o transmissor só funciona para uma simulação, certo? O que acontece com ele depois disso?

— Ele se dissolve. Que eu saiba, a Erudição ainda não conseguiu desenvolver um transmissor que dure mais de uma simulação, embora a simulação de ataque tenha durado mais tempo do que qualquer outra simulação que eu já tenha visto.

Não consigo parar de pensar nas palavras "que eu saiba". Jeanine passou a maior parte da sua vida adulta desenvolvendo soros. Se ela ainda está caçando Divergentes, provavelmente continua obcecada com a criação de versões avançadas da tecnologia.

— O que está acontecendo, Tris?

— Você já viu isto? — pergunto eu, apontando para o curativo cobrindo o meu ombro.

— De perto, não. Eu e Uriah passamos a manhã inteira carregando feridos da Erudição para o quarto andar.

Descolo a ponta do curativo, revelando a ferida criada pela agulha, que, felizmente, não está mais sangrando, e a mancha de tinta azul, que não parece estar desaparecendo. Depois, enfio a mão no bolso e retiro a agulha que estava enfiada no meu braço.

— Quando eles atacaram, não estavam tentando nos matar. Usaram isto como munição.

Sua mão toca a pele pintada ao redor da ferida. Não havia percebido antes, porque aconteceu diante dos meus olhos, mas ele está diferente da época da

iniciação. Deixou a barba crescer um pouco, e eu nunca tinha visto seu cabelo tão longo. Está tão comprido que percebo que é castanho, e não preto.

Ele pega a seringa da minha mão e bate com o dedo no disco de metal.

— Isto deve ser oco. Devia conter esse treco azul que está em seu braço. O que aconteceu depois que atiraram em você?

— Eles lançaram cilindros que soltavam fumaça na sala, e todos ficaram inconscientes. Quer dizer, todos menos eu, Uriah e outro Divergente.

Tobias não parece surpreso. Semicerro os olhos.

— Você já sabia que Uriah é Divergente?

Ele dá de ombros.

— É claro. Administrei as simulações dele também.

— E você nunca me contou?

— Informação privilegiada. Informação perigosa.

Sinto uma onda de raiva. Quantas coisas será que ele vai esconder de mim? Tento reprimir minha ira. É claro que ele não me avisou que Uriah é Divergente. Estava apenas respeitando a privacidade dele. Faz sentido.

Limpo a garganta.

— Você salvou nossas vidas, sabia? Eric estava tentando nos caçar.

— Acho que já passamos do ponto de ficar lembrando quem salvou a vida de quem. — Ele me encara por longos segundos.

— De qualquer maneira — digo para romper o silêncio —, depois que descobrimos que todos estavam dormindo, Uriah correu para o alto do prédio, a fim de alertar as pessoas que estavam lá em cima, e eu fui até o segundo andar, para descobrir o que estava acontecendo. Eric estava reunindo todos os Divergentes ao lado dos elevadores e tentando decidir quais ia levar. Ele disse que só podia levar dois. Mas nem sei por que queria fazer isso.

— Estranho.

— Tem alguma ideia?

— Acho que a seringa injetou transmissores em vocês, e o gás era uma versão em aerossol do líquido que altera o cérebro. Mas por que... — Uma ruga surge entre suas sobrancelhas. — Ah. Ela apagou todos para descobrir quem eram os Divergentes.

— Você acha que esse é o único motivo para ela ter nos injetado transmissores?

Ele balança a cabeça, fixando os olhos nos meus. O azul deles é tão escuro e familiar que sinto que ele poderia me engolir inteira. Por um instante, desejo que isso fosse possível, para que eu pudesse escapar desse lugar e de tudo o que aconteceu.

— Acho que você já decifrou tudo, mas quer que eu a contradiga. E eu não vou contradizer.

— Eles desenvolveram um transmissor de longa duração.

Ele assente com a cabeça.

— Então, agora estamos todos programados para simulações múltiplas. Talvez tantas quanto Jeanine desejar.

Ele assente novamente.

O ar tremula ao escapar da minha boca.

— Isso é muito ruim, Tobias.

+ + +

No corredor, do lado de fora da sala de interrogatório, ele para, apoiando-se contra a parede.

— Então, você atacou Eric. Isso foi durante a invasão? Ou foi quando vocês estavam ao lado dos elevadores?

— Ao lado dos elevadores.

— Há algo que não entendo. Você estava no térreo. Poderia ter fugido. Mas decidiu se meter sozinha no meio de um monte de soldados armados da Audácia. E aposto que você não estava armada.

Aperto os lábios um contra o outro.

— Estou certo?

— Por que você acha que eu estava desarmada? — pergunto, de cara feia.

— Você não consegue tocar em uma arma desde o ataque. Até entendo, por causa do que aconteceu com Will e tudo, mas...

— Will não tem nada a ver com isso.

— Não? — Ele levanta uma sobrancelha.

— Fiz o que precisava ser feito.

— É. Mas agora isso já deveria ter acabado. — Ele se afasta da parede e me encara. Os corredores da Franqueza são largos. Largos o bastante para que eu consiga manter a distância que quero dele. — Você deveria ter ficado com a Amizade. Você deveria ter ficado longe disso tudo.

— Não, não deveria. Você acha que sabe o que é melhor para mim? Você não tem a menor ideia. Eu estava enlouquecendo na Amizade. Aqui, sinto-me... sã novamente.

— Isso é estranho, se considerarmos o fato de que você está agindo como uma psicopata. Não é nada corajoso escolher a posição que escolheu ontem. É mais do que idiota, é suicida. Você não tem o menor respeito por sua própria vida?

— Claro que tenho! Eu estava tentando fazer algo de útil!

Durante alguns segundos, ele apenas me encara.

— Você é mais do que Audácia — diz ele, baixinho. — Mas, se quiser simplesmente ser como eles, se colocando em situações ridículas sem razão e se vingando de seus inimigos sem se preocupar com a ética, fique à vontade. Pensei que você fosse mais do que isso, mas talvez eu estivesse errado!

Cerro os punhos e os dentes.

— Você não deveria insultar a Audácia. Eles o acolheram quando você não tinha mais para onde ir. Deram-lhe um bom emprego. Eles o apresentaram a todos os seus amigos.

Encosto-me na parede, encarando o chão. Os ladrilhos do Merciless Mart são sempre brancos e pretos e, aqui, são organizados em um padrão

quadriculado. Se eu desfocar os olhos, consigo ver exatamente aquilo em que os membros da Franqueza não acreditam: o cinza. Talvez Tobias e eu também não acreditemos. Não de verdade.

Meu corpo está muito pesado, muito mais do que consigo suportar. Tão pesado que eu poderia atravessar o chão.

– Tris.

Continuo a encarar o chão.

– *Tris.*

Finalmente, olho para ele.

– Só não quero perder você.

Ficamos parados por alguns minutos. Não falo o que estou pensando, que ele talvez esteja certo. Há uma parte de mim que quer se perder, que se esforça para se juntar aos meus pais e a Will, para que eu não sofra mais por eles. Uma parte de mim que quer descobrir o que há além.

+ + +

– Então, você é irmão dela? – pergunta Lynn. – Acho que já sabemos quem herdou a beleza.

Rio ao ver a expressão de Caleb, que contrai os lábios e arregala os olhos.

– Quando você precisa voltar? – pergunto, cutucando-o com o cotovelo.

Mordo o sanduíche que Caleb pegou para mim na fila do refeitório. Estou nervosa por ele estar aqui, misturando os restos tristes da minha vida de família aos restos tristes da minha vida na Audácia. O que ele pensará dos meus amigos, da minha facção? O que a minha facção pensará dele?

– Em breve. Não quero que ninguém fique preocupado.

– Não sabia que Susan havia mudado seu nome para "Ninguém" – digo, erguendo uma sobrancelha.

– Rá, rá! – responde ele, com uma careta.

Provocações entre irmãos deveriam parecer naturais para nós, mas não são. A Abnegação desencorajava qualquer coisa que pudesse fazer alguém se

sentir desconfortável, incluindo provocações.

Dá para sentir a cautela que temos um com o outro agora que descobrimos uma maneira diferente de nos relacionar diante das nossas novas facções e da morte dos nossos pais. Sempre que olho para ele, percebo que é a única família que me sobrou, e fico desesperada, desesperada para mantê-lo por perto, desesperada para diminuir a distância entre nós.

— Susan é outra desertora da Erudição? — pergunta Lynn, fincando o garfo em uma vagem. Uriah e Tobias continuam na fila do refeitório, esperando atrás de uns vinte membros da Franqueza que estão ocupados demais, discutindo para pegar a comida.

— Não, ela era nossa vizinha de infância. Ela é da Abnegação — explico.

— E você tem uma relação com ela? — pergunta ela para Caleb. — Não acha isso um pouco idiota? Quer dizer, quando tudo isso acabar, vocês estarão em facções diferentes, vivendo em lugares completamente diferentes...

— Lynn — diz Marlene, tocando o ombro dela —, que tal calar a boca?

Do outro lado do salão, algo azul chama minha atenção. Cara acabou de entrar no refeitório. Abaixo o sanduíche, sem apetite, e olho para ela com a cabeça baixa. Ela caminha até o canto do refeitório, onde alguns refugiados da Erudição estão sentados. A maioria deles abandonou o azul e veste roupas pretas e brancas, mas continua a usar óculos. Tento concentrar-me em Caleb, mas ele também está olhando para os membros da Erudição.

— Não posso voltar para a Erudição, nem eles — diz Caleb. — Quando isso passar, não terei uma facção.

Pela primeira vez, percebo sua tristeza ao falar da Erudição. Não havia percebido o quão difícil deve ter sido para ele a decisão de deixá-los.

— Você poderia ir se sentar com eles — digo, acenando em direção aos refugiados da Erudição.

— Não os conheço. — Ele dá de ombros. — Só passei um mês lá, lembra?

Uriah joga sua bandeja na mesa, irritado.

— Ouvi uma pessoa da fila falando sobre o interrogatório de Eric. Parece que ele não sabia praticamente *nada* sobre o plano de Jeanine.

— O quê? — Lynn bate com o garfo na mesa. — Como isso é possível?

Uriah dá de ombros e se senta.

— Isso não me surpreende — diz Caleb.

Todos o encaram.

— O que foi? — Seu rosto fica corado. — Seria burrice revelar todo o plano para uma única pessoa. Certamente, é mais inteligente revelar apenas pequenas partes dele para cada pessoa que trabalha para ela. Assim, se alguém a trair, a perda não será tão grande.

— Ah — diz Uriah.

Lynn pega o garfo e volta a comer.

— Fiquei sabendo que a Franqueza fez sorvete — diz Marlene, virando o rosto para olhar para a fila do refeitório. — Sabe, algo tipo "que droga termos sido atacados, mas pelo menos temos sobremesa".

— Já estou me sentindo bem melhor — diz Lynn, secamente.

— Provavelmente, não será tão gostoso quanto o bolo da Audácia — diz Marlene, lugubremente. Ela suspira, e uma mecha de cabelo castanho-claro cai sobre seus olhos.

— Nosso bolo realmente era gostoso — conto para Caleb.

— Nós tínhamos refrigerantes — diz ele.

— Ah, mas vocês tinham um rio subterrâneo? — pergunta Marlene, agitando as sobrancelhas. — Ou uma sala onde era possível encarar todos os seus pesadelos ao mesmo tempo?

— Não — diz Caleb. — E, para falar a verdade, fico feliz por isso.

— *Ma-ri-cas* — cantarola Marlene.

— *Todos* os seus pesadelos? — pergunta Caleb, com os olhos brilhando. — Como isso funciona? Quer dizer, os pesadelos são produzidos pelo computador ou pelo cérebro?

— Meu Deus. — Lynn apoia a cabeça nas mãos. — Lá vamos nós.

Marlene começa a descrever as simulações, e deixo sua voz e a voz de Caleb me embalarem enquanto termino o sanduíche. Depois, mesmo com todo o barulho de talheres e o ronco criado pelas centenas de conversas ao meu redor, encosto a cabeça na mesa e caio no sono.

CAPÍTULO DEZOITO

— SILÊNCIO, POR favor!

Jack Kang ergue as mãos, e a multidão se cala. Um talento e tanto.

Estou entre o grupo de membros da Audácia que chegou tarde na reunião, quando todos os assentos já estavam tomados. Vejo de relance um lampejo de luz: um relâmpago. Não é a melhor hora para uma reunião em um salão onde há buracos no lugar das janelas, mas este é o maior espaço do prédio.

— Sei que muitos de vocês estão confusos e abalados pelo que ocorreu ontem — diz Jack. — Ouvi muitos relatórios, diferentes perspectivas, e já tenho uma ideia do que está evidente e do que precisamos investigar um pouco mais.

Prendo meu cabelo molhado atrás das orelhas. Acordei dez minutos antes da hora marcada para a reunião e corri até o chuveiro. Embora ainda esteja exausta, sinto-me mais alerta.

— O que acho que precisamos investigar um pouco mais são os Divergentes — diz Jack.

Ele parece cansado. Está com olheiras, e seu cabelo curto está espetado e bagunçado, como se tivesse passado a noite puxando-o. Apesar do enorme calor dentro da sala, ele está usando uma camisa de mangas compridas, e elas estão abotoadas. Provavelmente estava distraído quando se vestiu de manhã.

— Se você é Divergente, por favor dê um passo à frente para que possamos ouvir o que tem a dizer.

Olho de soslaio para Uriah. Isso parece perigoso. Minha Divergência é algo que devo esconder. Admitir que sou Divergente supostamente significa minha morte. Mas não há motivos para me esconder agora. Eles já sabem de tudo.

Tobias é o primeiro a se mover. Ele caminha entre a multidão, virando o corpo, a princípio, para se espremer entre as pessoas, e depois, quando eles abrem passagem para ele, movendo-se em linha reta até Jack Kang, com os ombros para trás.

Eu me movo também, pedindo licença para as pessoas na minha frente. Elas se afastam imediatamente, como se eu houvesse ameaçado cuspir veneno nelas. Algumas outras pessoas se dirigem ao centro do salão, vestidas com o preto e o branco da Franqueza, mas não muitas. Uma delas é a garota que ajudei.

Apesar da fama recente de Tobias entre a Audácia e do meu novo título de Garota que Esfaqueou o Eric, não somos o verdadeiro foco de atenção. Marcus é que é.

— Você, Marcus? — pergunta Jack, quando Marcus alcança o centro do salão e para sobre o lado mais baixo da balança que está no chão.

— Sim — diz Marcus. — Entendo sua preocupação; a preocupação de todos vocês. Há uma semana, vocês nunca tinham ouvido falar dos Divergentes e, agora, tudo o que sabem é que eles são imunes a algo ao qual vocês são suscetíveis, e isso é assustador. Mas posso garantir que, da nossa parte, não há nada a temer.

Enquanto ele fala, inclina a cabeça e ergue as sobrancelhas de maneira solidária, e eu compreendo imediatamente por que algumas pessoas gostam dele. Passa a sensação de que, se você colocasse todos os seus problemas nas mãos dele, ele cuidaria de tudo.

— A mim parece claro — continua Jack — que fomos atacados para que a Erudição pudesse encontrar os Divergentes. Vocês sabem por quê?

— Não, não sei — diz Marcus. — Talvez o único motivo deles fosse nos identificar. Parece ser uma informação útil, caso eles planejem usar suas simulações novamente.

— Essa não era a intenção deles. — As palavras escapam da minha boca antes que eu decida falá-las. Minha voz soa aguda e fraca em comparação com

as de Marcus e Jack, mas não há mais como parar agora. — Eles queriam nos matar. Eles têm nos matado desde antes de tudo isso acontecer.

Jack franze as sobrancelhas. Ouço centenas de pequenos ruídos de gotas batendo no teto. O salão escurece, como que sob a sombra do que acabei de dizer.

— Isso soa bastante como uma teoria de conspiração — diz Jack. — Que razões a Erudição teria para querer matar vocês?

Minha mãe me disse que as pessoas temem os Divergentes porque não podemos ser controlados. Isso pode até ser verdade, mas o medo do incontrolável não é um motivo concreto o bastante para oferecer a Jack Kang. Meu coração dispara quando percebo que não sou capaz de responder a sua pergunta.

— Eu... — Começo a dizer.

Tobias me interrompe:

— Obviamente, não sabemos, mas nos últimos seis anos ocorreram mais de dez mortes misteriosas entre os membros da Audácia, e existe uma correlação entre as vítimas e resultados de testes de aptidão ou simulações de iniciação irregulares.

Um relâmpago brilha no céu, e um clarão se espalha pelo salão. Jack balança a cabeça.

— Embora isso seja intrigante, correlação não constitui evidência.

— Um líder da Audácia atirou contra a *cabeça* de uma criança da Franqueza — digo, irritada. — Você recebeu algum relatório sobre *isso*? Você acha que isso "merece uma investigação"?

— De fato, recebi. Atirar em uma criança a sangue-frio é um crime terrível que não ficará impune. Felizmente, o criminoso está sob a nossa custódia, e poderemos julgá-lo. *No entanto*, precisamos lembrar que os soldados da Audácia não demonstraram qualquer indicação de que queriam ferir a maioria de nós, ou eles teriam nos matado quando estávamos inconscientes.

Ouço murmúrios de irritação ao redor de mim.

— A invasão pacífica sugere que talvez seja possível negociarmos um tratado de paz com a Erudição e o restante da Audácia — continua ele. — Portanto, vou marcar uma reunião com Jeanine Matthews assim que possível para discutirmos essa possibilidade.

— A invasão deles não foi *pacífica* — digo. Consigo ver o canto da boca de Tobias de onde estou, e ele está sorrindo. — O fato de eles não terem atirado na cabeça de todos vocês não significa que as intenções deles eram honráveis. Por que você acha que vieram até aqui? Para correr pelos seus corredores, apagar todos vocês e depois ir embora?

— Imagino que eles tenham vindo aqui à procura de pessoas como você — diz Jack. — E, embora me preocupe com sua segurança, não acho que podemos atacá-los só porque queriam matar uma fração da nossa população.

— Matar vocês não é a pior coisa que eles podem fazer — digo. — Controlar vocês pode ser bem pior.

Os lábios de Jack dobram-se em um sorriso, como se ele estivesse se divertindo. *Divertindo*.

— É mesmo? E como você acha que eles conseguirão fazer isso?

— Ele atiraram seringas em vocês — diz Tobias. — Seringas cheias de transmissores de simulação. As simulações são capazes de controlar vocês. É assim que eles conseguirão fazer isso.

— Sabemos como as simulações funcionam — diz Jack. — Os transmissores não são implantes permanentes. Se eles quisessem nos controlar, teriam feito isso imediatamente.

— Mas... — começo a falar.

Ele me interrompe:

— Sei que você esteve sob muito estresse ultimamente, Tris — diz ele, calmamente —, e que você prestou um grande serviço para sua facção e para a Abnegação. Mas acredito que sua experiência traumática pode ter comprometido sua capacidade de ser completamente objetiva. Não posso realizar um ataque baseado nas especulações de uma menininha.

Fico completamente imóvel, incapaz de acreditar que ele possa ser tão idiota. Meu rosto está ardendo. Ele me chamou de *menininha*. Uma menininha que está tão estressada que ficou paranoica. Essa não sou eu, mas é quem a Franqueza acredita que sou.

— *Você* não toma as decisões por nós, Kang — diz Tobias.

Por todos os lados, os membros da Audácia gritam em acordo.

— Você não é o líder da nossa facção! — grita alguém.

Jack espera por silêncio, depois diz:

— É verdade. Se desejarem, estão livres para atacar o complexo da Erudição sozinhos. Mas farão isso sem nosso apoio. E é bom lembrarem que estão em desvantagem numérica e despreparados.

Ele tem razão. Não podemos atacar os traidores da Audácia e a Erudição sem a ajuda da Franqueza. Se tentássemos, seria um banho de sangue. Jack tem todo o poder. E agora todos sabemos disso.

— Foi o que imaginei — diz ele presunçosamente. — Muito bem. Vou entrar em contato com Jeanine Matthews e descobrir se podemos negociar a paz. Alguém tem alguma objeção?

Não podemos atacar sem a Franqueza, penso, *a não ser que tenhamos o apoio dos sem-facção.*

CAPÍTULO DEZENOVE

NAQUELA TARDE, JUNTO-ME ao grupo de membros da Franqueza e da Audácia que está limpando as janelas quebradas no saguão. Concentro-me no trajeto da vassoura, mantendo os olhos grudados na poeira que se acumula ao redor dos cacos de vidro. Meus músculos lembram-se do movimento antes da minha mente, mas, quando olho para baixo, em vez do mármore branco, vejo ladrilhos brancos e a parte de baixo de uma parede cinza-clara; vejo mechas loiras do cabelo que minha mãe cortou e o espelho escondido seguramente atrás do painel da parede.

Meu corpo fraqueja, e me apoio no cabo da vassoura.

Alguém toca meu ombro com a mão, e eu me afasto instintivamente dela. Mas é apenas uma menina da Franqueza, uma criança. Ela me encara com olhos arregalados.

— Você está bem? — pergunta ela, com a voz aguda e indistinta.

— Estou — respondo. Ríspida demais. Tento consertar meu tom rapidamente. — Só estou cansada. Perdão.

— Acho que você está mentindo.

Noto um curativo saindo de debaixo da manga da sua camiseta, provavelmente cobrindo o furo da agulha. A ideia desta garotinha sob o efeito de uma simulação me dá náuseas. Não consigo nem olhar para ela. Viro o rosto.

De repente, vejo algo: do lado de fora, um traidor da Audácia sustentando uma mulher, que está com a perna sangrando. Vejo as mechas cinzentas no cabelo da mulher, a ponta do nariz curvado do homem e as braçadeiras azuis usadas pelos traidores da Audácia logo abaixo de seus ombros e reconheço os dois. Tori e Zeke.

Tori está tentando andar, mas arrasta uma das pernas inutilmente. Uma mancha molhada e escura cobre a maior parte da sua coxa.

Os membros da Franqueza param de varrer para encará-los. Os guardas da Audácia posicionados ao lado dos elevadores correm até a entrada com suas armas apontadas. As outras pessoas que estavam fazendo a faxina afastam-se para fugir da confusão, mas eu fico parada onde estou, com o calor correndo pelo meu corpo, enquanto Zeke e Tori se aproximam.

— Eles não estão armados? — pergunta alguém.

Tori e Zeke alcançam o que costumavam ser as portas, e ele levanta uma das mãos quando vê a fileira de soldados armados da Audácia. Mantém a outra mão ao redor da cintura de Tori.

— Ela precisa de assistência médica — avisa Zeke. — Agora.

— Por que deveríamos oferecer assistência médica a uma traidora? — pergunta um homem da Audácia com cabelo loiro e ralo e dois piercings no lábio, enquanto aponta a arma para eles. Há uma mancha azul em seu braço.

Tori solta um gemido e me espremo entre dois membros da Audácia para ajudá-la. Ela apoia a mão, coberta de sangue, na minha. Zeke a coloca no chão, soltando um grunhido.

— Tris — diz ela, com uma voz confusa.

— É melhor afastar-se, garota — adverte o homem loiro da Audácia.

— Não — digo. — Abaixe a arma.

— Eu disse que os Divergentes são loucos — murmura outro membro armado da Audácia para a mulher ao seu lado.

— Não importa que vocês a levem e a amarrem em uma cama para evitar que ela saia atirando em todo mundo! — diz Zeke, irritado. — Mas não deixem que ela sangre até a morte em um saguão da sede da Franqueza!

Finalmente, alguns membros da Franqueza aproximam-se de nós e levantam Tori.

— Para onde devemos... levá-la? — pergunta um deles.

— Encontre Helena — diz Zeke. — É uma enfermeira da Audácia.

Os homens acenam com a cabeça e a carregam até os elevadores. Zeke e eu nos encaramos.

— O que houve? — pergunto.

— Os traidores da Audácia descobriram que estávamos coletando informações sobre eles. Tori tentou fugir, mas eles a atingiram enquanto corria. Eu a ajudei a chegar aqui.

— É uma linda história — diz o homem loiro da Audácia. — Que tal contá-la novamente sob o efeito do soro da verdade?

Zeke dá de ombros.

— Sem problemas. — Ele levanta os punhos à frente do corpo dramaticamente. — Se está tão desesperado assim para me prender, pode me levar.

Depois, ele vê algo atrás de mim e começa a caminhar. Viro e vejo Uriah vindo correndo do hall dos elevadores. Ele está sorrindo.

— Ouvi dizer que você é um traidor imundo — diz Uriah.

— É, fala sério — diz Zeke.

Eles se chocam em um abraço que me parece quase doloroso, batendo nas costas um do outro e rindo ao apertarem as mãos.

+ + +

— Não acredito que você não nos contou — exclama Lynn, balançando a cabeça. Ela está sentada à minha frente, com os braços cruzados e uma das pernas apoiada sobre a mesa.

— Ah, não precisa ficar chateada — diz Zeke. — Eu não deveria nem ter contado a Shauna e Uriah. Qual o sentido de trabalhar como espião se todo mundo sabe disso?

Estamos sentados em uma sala da sede da Franqueza, que eles chamam de Espaço de Reunião, um nome que os membros da Audácia passaram a repetir de forma debochada sempre que possível. A sala é ampla e aberta, com cortinas brancas e pretas em todas as paredes, e um círculo de pódios no

centro. Lynn me contou que eles organizam debates mensais aqui, por diversão, além de celebrações religiosas semanais. Mas, mesmo quando não há nenhum evento em andamento, a sala costuma ficar cheia.

Zeke foi liberado pela Franqueza há uma hora, depois de um rápido interrogatório no décimo oitavo andar. O interrogatório não foi tão lúgubre quanto o meu e o de Tobias, porque não havia nenhum vídeo implicando Zeke, e também porque Zeke é engraçado mesmo quando está sob o efeito do soro da verdade. Provavelmente mais por esse último motivo. De qualquer maneira, viemos para o Espaço de Reunião para uma celebração do tipo "Ei, você não é um traidor imundo!", como disse Uriah.

— Sim, mas a gente tem insultado você desde o ataque de simulação — diz Lynn. — Agora, estou me sentindo uma idiota por ter feito isso.

Zeke coloca o braço ao redor de Shauna.

— Você *é* uma idiota, Lynn. Faz parte do seu charme.

Lynn joga um copo de plástico nele, que se defende. A água do copo voa sobre a mesa, atingindo-o no olho.

— De qualquer maneira, como eu estava dizendo — diz Zeke, esfregando o olho —, meu trabalho, em geral, consistia em tirar os desertores da Erudição em segurança lá de dentro. É por isso que há um grupo grande deles aqui, e um grupo pequeno na sede da Amizade. Mas, Tori... não tenho a menor ideia do que ela estava fazendo. Ela escapava e passava horas fora, e, sempre que ficava por perto, parecia estar prestes a explodir. Não é à toa que eles nos descobriram por causa dela.

— Mas como *você* acabou nesse cargo? — pergunta Lynn. — Você não é tão especial assim.

— Na verdade, foi mais pelo local que eu estava depois do ataque da simulação, bem no meio de um bando de traidores da Audácia. Então, decidi seguir com a farsa. Mas não sei como Tori foi parar lá.

— Ela se transferiu da Erudição — digo.

O que eu não revelo, porque sei que ela não gostaria que todo mundo soubesse, é que ela provavelmente estava nervosa dentro da sede da Erudição porque eles assassinaram seu irmão por ele ser Divergente.

Ela me disse, certa vez, que estava esperando uma oportunidade para se vingar.

— É mesmo? — pergunta Zeke. — Como você sabe disso?

— Bem, todos os transferidos de facção fazem parte de um clube secreto — digo, inclinando-me para trás em minha cadeira. — Nos reunimos toda terceira quinta-feira do mês.

Zeke bufa.

— Onde está Quatro? — pergunta Uriah, olhando para o relógio em seu pulso. — Será que começamos sem ele?

— Não podemos — diz Zeke. — Ele está trazendo A Informação.

Uriah acena com a cabeça, como se isso significasse alguma coisa. Depois, ele para e pergunta:

— Que informação mesmo?

— A informação sobre a reuniãozinha de Kang para fazer as pazes com Jeanine, é claro — diz Zeke.

Do outro lado da sala, vejo Christina sentada a uma mesa com sua irmã. As duas estão lendo alguma coisa.

Meu corpo inteiro fica tenso. Cara, a irmã mais velha de Will, está atravessando a sala em direção à mesa de Christina. Abaixo a cabeça.

— O que foi? — pergunta Uriah, olhando para trás de mim. Quero socá-lo.

— Cala a boca! — digo. — Dá para ser um pouco mais óbvio? — Inclino o corpo para a frente, apoiando os braços dobrados sobre a mesa. — A irmã do Will está ali.

— É, eu falei com ela sobre deixar a Erudição uma vez, enquanto estava lá — diz Zeke. — Ela disse que viu uma mulher da Abnegação ser assassinada enquanto estava em uma missão para Jeanine e que não aguentava mais.

— Como podemos saber que ela não é uma espiã da Erudição? — pergunta Lynn.

— Lynn, ela salvou metade da nossa facção *disto* — diz Marlene, apontando para o curativo em seu braço, onde os traidores da Audácia atiraram nela. — Bem, metade da metade da nossa facção.

— Há quem chame isso de um quarto, Mar — diz Lynn.

— De qualquer maneira, e daí se ela for uma traidora? — pergunta Zeke. — Não estamos planejando nada sobre o qual ela possa informá-los. E, mesmo se estivéssemos, certamente não a incluiríamos em nossos planos.

— Há bastante informação para ela descobrir aqui — diz Lynn. — Quantos somos, por exemplo. Ou quantos de nós não estão sujeitos às simulações.

— Você não a viu explicando por que deixou a Erudição — diz Zeke. — Eu acredito nela.

Cara e Christina se levantaram e estavam deixando a sala.

— Já volto — digo. — Preciso ir ao banheiro.

Espero até que Cara e Christina tenham atravessado a porta, depois as sigo apressadamente. Abro uma das portas do corredor devagar, para não fazer barulho, depois fecho-a atrás de mim. Estou em um corredor escuro, com cheiro de lixo. Deve ser onde a canaleta de lixo da Franqueza vai dar.

Ouço duas vozes femininas vindo da dobra do corredor e me aproximo lentamente para ouvir melhor.

— ... simplesmente não consigo suportar a presença dela aqui — diz uma das vozes, soluçando. Christina. — Não consigo parar de imaginar a cena... o que ela fez... Não consigo entender como ela foi capaz de fazer aquilo!

Os soluços de Christina fazem com que eu me sinta como se estivesse prestes a me despedaçar.

Cara demora a responder.

— Bem, eu entendo.

— O quê? — exclama Christina, em meio a um soluço.

— Você precisa entender; somos treinados para ver as coisas da maneira mais lógica possível — diz Cara. — Portanto, não pense que sou insensível. Mas a garota devia estar morrendo de medo e certamente não estava em condição de avaliar situações de maneira inteligente, se é que ela um dia foi capaz de fazer isso.

Arregalo os olhos. *Mas que...* Penso em uma lista de insultos antes de continuar a ouvir o que ela está dizendo.

— E a simulação tornou impossível que ela conversasse com ele. Portanto, quando ele ameaçou a vida dela, ela reagiu de acordo com o treinamento que recebeu da Audácia: atirar para matar.

— O que você quer dizer? — pergunta Christina amargamente. — Que devemos simplesmente esquecer o que aconteceu, só porque faz sentido?

— É claro que não — diz Cara. A voz dela estremece ligeiramente, e ela repete o que disse, mais baixinho: — É *claro* que não.

Ela limpa a garganta.

— É só que você será obrigada a ficar perto dela, e eu quero facilitar as coisas para você. Não precisa perdoá-la. Na realidade, nem sei por que você era amiga dela para começar. Ela sempre me pareceu meio desequilibrada.

Fico tensa, enquanto espero que Christina concorde com ela, mas, para a minha surpresa e alívio, ela não fala nada.

Cara continua a falar:

— Como eu ia dizendo, você não precisa perdoá-la, mas tente entender que ela não fez o que fez por malícia, mas por pânico. Assim, você conseguirá olhar para a cara dela sem querer socar aquele nariz excepcionalmente comprido.

Levo a mão automaticamente ao nariz. Christina ri um pouco, e sua risada parece uma pontada forte no meu estômago. Atravesso a porta novamente e volto para o Espaço de Reunião.

Embora Cara tenha sido desrespeitosa, e seu comentário sobre o meu nariz tenha sido um golpe baixo, fico grata pelo que disse.

+ + +

Tobias chega por uma porta escondida atrás de uma das cortinas brancas. Afasta a cortina do caminho, irritado, antes de se aproximar de nós e se sentar do meu lado à mesa, no Espaço de Reunião.

— Kang vai se encontrar com um representante de Jeanine Matthews às sete da manhã.

— Um representante? — pergunta Zeke. — Ela não vem em pessoa?

— Até parece que ela iria se expor assim, em um lugar onde um monte de gente irritada e armada poderia mirar nela. — Uriah solta uma pequena risada debochada. — Adoraria ver ela tentar fazer isso. Adoraria mesmo.

— Kang, o Gênio, pretende pelo menos levar alguns guardas da Audácia com ele? — pergunta Lynn.

— Sim — diz Tobias. — Alguns dos membros mais velhos se ofereceram. Mas disseram que vão manter os ouvidos abertos e depois informar o que ouviram.

Franzo a testa ao olhar para ele. Como será que ele sabe todas essas coisas? E por quê, depois de dois anos evitando a todo custo se tornar um líder da Audácia, ele está agindo como um, do nada?

— Então, acredito que a verdadeira questão é: se você fosse da Erudição, o que diria nessa reunião? — pergunta Zeke, colocando as mãos sobre a mesa.

Todos eles olham para mim, esperando uma resposta.

— O que foi? — pergunto.

— Você é Divergente — responde Zeke.

— Tobias também.

— Sim, mas ele não demonstrou aptidão para a Erudição.

— E como você sabe que eu demonstrei?

Zeke ergue os ombros.

— Parece bastante provável, não?

Uriah e Lynn acenam afirmativamente com a cabeça. A boca de Tobias treme, como se fosse sorrir, mas, se era de fato um sorriso, ele o reprimiu. Sinto como se uma pedra tivesse caído sobre meu estômago.

— Que eu saiba, todos vocês têm cérebros funcionais — digo. — Vocês também são capazes de pensar como um membro da Erudição.

— Mas não temos cérebros especiais e *Divergentes*! — diz Marlene. Ela toca a minha cabeça com as pontas dos dedos e aperta levemente o meu crânio. — Vamos lá, faça sua mágica.

— Essa coisa de mágica Divergente não existe, Mar — retruca Lynn.

— E, mesmo se existisse, não deveríamos consultá-la — diz Shauna. É a primeira coisa que ela disse desde que nos sentamos. Ela nem olha para mim ao falar; apenas encara a sua irmã, irritada.

— Shauna... — começa a dizer Zeke.

— Não me venha com essa de "Shauna"! — continua ela, voltando seu olhar irritado para ele. — Vocês não acham que alguém com aptidão para diversas facções pode acabar tendo problemas de lealdade? Se ela apresenta aptidão para a Erudição, como podemos saber que não está *trabalhando* para eles?

— Não seja ridícula — diz Tobias, baixinho.

— Não estou sendo ridícula. — Ela dá um tapa na mesa. — Sei que pertenço à Audácia porque tudo o que fiz no teste de aptidão me indicou isso. Por isso, sou leal à minha facção. Porque não poderia pertencer a nenhum outro lugar. Mas e ela? E você? — Ela balança a cabeça. — Não tenho ideia de a quem vocês são leais. E não vou fingir que está tudo bem.

Shauna se levanta e, quando Zeke tenta segurá-la, ela afasta sua mão, marchando em direção a uma das portas. Encaro-a, até que a porta se fecha atrás dela e a cortina preta que a cobre volta ao lugar.

Sinto-me ofendida, com vontade de gritar, mas Shauna já foi embora, e não posso mais gritar com ela.

— Não é *mágica* — digo, com a cabeça quente. — Vocês só precisam se perguntar qual é a resposta mais lógica para determinada situação.

Eles me encaram de maneira inexpressiva.

— É sério. Se eu estivesse nessa situação, encarando um grupo de guardas da Audácia e Jack Kang, provavelmente não apelaria para a violência, certo?

— Bem, talvez sim, se você também estivesse acompanhada de um grupo de guardas da Audácia. E só seria necessário um tiro. *Bang!* E ele morreria. E a Erudição se daria bem — diz Zeke.

— Eles não vão mandar um moleque qualquer da Erudição para conversar com Jack Kang, vão mandar alguém importante. Seria burrice atirar em Jack Kang e arriscar a vida de quem quer que seja o representante de Jeanine.

— Viu? É por isso que precisamos que você analise a situação — fala Zeke. — Por mim, você o mataria. Valeria a pena, apesar dos riscos.

Belisco o alto do meu nariz. Já estou com dor de cabeça.

— Tudo bem.

Tento colocar-me no lugar de Jeanine Matthews. Já sei que ela não pretende negociar com Jack Kang. Por que precisaria fazer isso? Ele não tem nada a oferecer a ela. Ela tentará tirar vantagem da situação.

— Eu acho que Jeanine Matthews vai manipulá-lo. E que ele fará qualquer coisa para proteger sua facção, mesmo que isso signifique sacrificar os Divergentes. — Paro por um momento, lembrando-me da maneira como ele usou a influência de sua facção para nos intimidar na reunião. — Ou sacrificar a Audácia. Portanto, *precisamos* ouvir o que eles vão discutir nesse encontro.

Uriah e Zeke trocam um olhar. Lynn sorri, mas não é seu sorriso de costume. Ele não se reflete em seus olhos, que parecem mais dourados do que nunca e têm uma aparência fria.

— Então, vamos arrumar um jeito de escutar — diz ela.

CAPÍTULO VINTE

CONFIRO MEU RELÓGIO. São sete da noite. Faltam apenas doze horas até que possamos ouvir o que Jeanine tem a dizer a Jack Kang. Conferi meu relógio no mínimo dez vezes na última hora, como se isso fosse fazer o tempo passar mais rápido. Estou ansiosa para fazer alguma coisa. *Qualquer coisa* que não seja ficar sentada no refeitório com Lynn, Tobias e Lauren, brincando com minha comida e olhando de soslaio para Christina, que está sentada com sua família da Franqueza a uma das outras mesas.

— Será que conseguiremos voltar ao nosso antigo estilo de vida depois que tudo isso passar? — indaga Lauren. Tobias e ela passaram os últimos cinco minutos conversando sobre os métodos de iniciação da Audácia. Deve ser a única coisa que eles têm em comum.

— Isso *se* sobrar alguma facção quando tudo passar — diz Lynn, colocando seu purê de batata dentro de um pão.

— Não acredito que você vai comer um sanduíche de purê de batata — digo, chocada.

— Vou sim, e daí?

Um grupo de membros da Audácia passa entre a nossa mesa e a mesa ao lado. Eles são mais velhos que Tobias, mas não muito. O cabelo de uma das meninas é de cinco cores diferentes, e seu braço tem tantas tatuagens que não consigo ver um centímetro de pele vazia. Um dos meninos inclina-se para perto de Tobias, que está de costas para eles, e sussurra:

— Covarde.

Alguns dos outros o imitam, sussurrando "covarde" perto da orelha de Tobias enquanto passam. Ele fica parado, com sua faca encostada no pão e um pedaço de manteiga pronto para ser espalhado, e encara a mesa.

Espero, tensa, pela sua explosão.

— Que idiotas — diz Lauren. — A Franqueza também, por fazer você expor sua história de vida na frente de todo mundo... eles também são idiotas.

Tobias não responde. Ele abaixa a faca e o pedaço de pão e se afasta da mesa. Ergue os olhos e se concentra em algo que está do outro lado do refeitório.

— Isso precisa parar — diz ele, com uma voz distante, depois começa a caminhar em direção à coisa que está encarando, antes que eu consiga perceber o que é. Isso não é um bom sinal.

Ele desliza por entre as mesas e as pessoas como se fosse mais líquido do que sólido, e eu corro atrás dele, pedindo desculpas ao empurrar as pessoas do caminho.

De repente, vejo exatamente para onde Tobias está indo. Marcus. Ele está sentado com alguns dos membros mais velhos da Franqueza.

Tobias o alcança e o agarra pela nuca, arrastando-o para fora do banco. Marcus abre a boca para falar algo, mas isso é um erro, porque Tobias acerta um soco forte em seus dentes. Alguém grita, mas ninguém corre para ajudar Marcus. Afinal de contas, estamos em um salão repleto de membros da Audácia.

Tobias empurra Marcus para o centro do refeitório, onde há um espaço entre as mesas com um símbolo da Franqueza. Marcus tropeça e cai sobre uma das balanças da Franqueza, cobrindo o rosto com a mão, o que me impede de ver o estrago causado por Tobias.

Tobias empurra Marcus no chão e apoia a sola do sapato em sua garganta. Marcus bate na perna de Tobias, com sangue escorrendo dos lábios, mas, mesmo que estivesse em sua melhor forma, não seria tão forte quanto o filho. Tobias abre a fivela de seu cinto e o solta da calça.

Ele retira o pé da garganta de Marcus e levanta o cinto.

— Isso é para o seu próprio bem — diz ele.

Lembro-me de que foi isso que Marcus e suas muitas manifestações disseram para Tobias em sua paisagem do medo.

Depois, o cinto zune no ar e acerta o braço de Marcus. Seu rosto está completamente vermelho, e ele cobre a cabeça no golpe seguinte, que acerta suas costas. Ao redor de mim, ouço risadas vindas das mesas da Audácia. Mas eu não estou rindo. Não consigo rir de algo assim.

Finalmente, recupero os sentidos. Corro e agarro o ombro de Tobias.

— Pare! Tobias, pare com isso *agora*!

Espero ver um olhar de selvageria em seu rosto, mas, quando ele olha para mim, não é isso o que vejo. Seu rosto não está ruborizado e sua respiração está normal. O ataque não foi realizado no calor do momento.

Foi um ato calculado.

Ele solta o cinto e enfia a mão no bolso, de onde tira um cordão prateado com um anel pendurado. Marcus está ao seu lado lutando para respirar. Tobias joga o anel no chão, ao lado do rosto do seu pai. O anel é feito de um metal manchado e embotado; uma aliança da Abnegação.

— Minha mãe manda lembranças — diz Tobias.

Tobias se afasta, e demoro alguns segundos para voltar a respirar. Quando finalmente recupero o fôlego, deixo Marcus se contorcendo no chão e corro atrás de Tobias. Só consigo alcançá-lo no corredor.

— O que foi *aquilo*?

Tobias aperta o botão DESCER do elevador sem olhar para mim.

— Foi necessário.

— Necessário para quê?

— Que foi? Está com pena *dele* agora? — pergunta Tobias, voltando-se para mim com uma expressão carrancuda. — Sabe quantas vezes ele fez isso comigo? Como você acha que eu aprendi a fazer aquilo?

Sinto-me frágil, como se estivesse prestes a desabar. Realmente, o ataque pareceu algo ensaiado, como se Tobias tivesse seguido uma lista de ações

programadas e ensaiado as palavras na frente do espelho. Ele as sabia de cor, mas estava fazendo o outro papel dessa vez.

— Não — digo, baixinho. — Não, não sinto pena dele, nem um pouco.

— Então, qual é o *problema*, Tris? — Sua voz é dura, e talvez seja ela que me faça desabar. — Há uma semana que você não dá a mínima para o que eu faço ou digo; o que há de diferente dessa vez?

Estou quase com medo dele. Não sei o que dizer quando vejo seu lado desequilibrado, e ele está presente agora, borbulhando sob a superfície das suas ações, como às vezes acontece com meu lado cruel. Ambos travamos uma guerra dentro de nós. Às vezes, isso nos mantém vivos. Outras vezes, ameaça nos destruir.

— Nada — respondo.

O elevador apita ao chegar. Ele entra e aperta o botão FECHAR, e a porta se fecha entre nós. Encaro o metal polido e tento repassar os últimos dez minutos na minha cabeça.

— Isso precisa parar — disse ele. "Isso" era a zombaria, resultante do interrogatório em que admitiu ter se juntado à Audácia apenas para escapar do pai. Por isso ele espancou Marcus. Espancou-o publicamente, onde todos da Audácia puderam ver.

Por quê? Para recuperar o seu orgulho? Não pode ser. Seu ato foi intencional demais para isso.

+ + +

No caminho de volta para o refeitório, vejo um homem da Franqueza levando Marcus para o banheiro. Ele caminha devagar, mas não está com o corpo inclinado, o que indica que Tobias não causou nenhum estrago mais sério. Vejo a porta do banheiro bater atrás deles.

Havia quase me esquecido do que ouvi no complexo da Amizade, sobre a informação pela qual meu pai arriscou sua vida. *Ou supostamente arriscou sua*

vida, penso. Talvez não seja sensato confiar nas palavras de Marcus. E eu prometi a mim mesma que não perguntaria mais nada sobre isso a ele.

Espero do lado de fora do banheiro até que o homem da Franqueza sai, e entro antes de a porta se fechar completamente. Marcus está sentado no chão, do lado da pia, segurando um bolo de toalhas de papel na boca. Ele não parece feliz em me ver.

— Que foi? Veio se vangloriar? — pergunta ele. — Vá embora.

— Não.

Por que estou aqui, exatamente?

Ele me encara, esperando uma reação.

— E aí?

— Decidi refrescar a sua memória. Seja lá o que você quer pegar da Jeanine, não conseguirá fazer isso sozinho, nem só com a ajuda da Abnegação.

— Achei que tivesse deixado isso bem claro. — Sua voz é abafada pelas toalhas de papel. — A ideia de que *você* pudesse ajudar...

— Não sei de onde você tira essa loucura de que sou inútil, mas não passa disto: uma loucura. Só vim dizer que, quando você deixar essa loucura de lado e começar a se desesperar porque é incapaz de resolver isso sozinho, já sabe a quem recorrer.

Deixo o banheiro no exato momento em que o homem da Franqueza volta com um saco de gelo.

CAPÍTULO VINTE E UM

FICO PARADA DIANTE da pia do banheiro feminino, no andar recentemente tomado pela Audácia, com uma arma sobre a palma da mão. Lynn colocou a arma na minha mão há alguns minutos. Ela pareceu confusa pelo fato de eu não ter segurado a arma e a guardado em algum lugar, em um coldre ou na cintura da minha calça jeans. Apenas a deixei pousada sobre a palma da mão e caminhei até o banheiro antes de entrar em pânico.

Não seja idiota. Não posso ir fazer o que farei sem uma arma. Seria loucura. Portanto, preciso resolver meu problema nos próximos cinco minutos.

Fecho o dedo mindinho sobre o punho da arma primeiro, depois o dedo anelar e os outros. O peso da arma me parece familiar. Meu indicador desliza sobre o gatilho. Solto a respiração.

Começo a erguer a arma, levando a mão esquerda à direita, para estabilizá-la. Aponto a arma para a frente, com os braços tesos, como Quatro me ensinou quando este ainda era seu único nome. Usei uma arma como essa para defender meu pai e meu irmão de soldados da Audácia sob o efeito da simulação. Usei-a para evitar que Eric atirasse na cabeça de Tobias. A arma não é inerentemente má. Ela é apenas uma ferramenta.

Vejo um pequeno movimento no espelho e, antes que eu consiga me conter, encaro meu reflexo. *É assim que ele me viu*, penso. *É assim que ele me viu quando atirei nele.*

Solto um gemido, como um animal ferido, largo a arma e aperto o estômago. Quero soluçar, porque sei que isso fará com que eu me sinta melhor, mas não posso me forçar a chorar. Apenas me encolho no banheiro, encarando os ladrilhos brancos. Não consigo. Não consigo levar a arma.

Eu nem deveria ir; mas vou mesmo assim.

— Tris? — Alguém bate à porta. Levanto-me e descruzo os braços enquanto a porta se abre alguns centímetros. Tobias entra no banheiro.

— Zeke e Uriah me disseram que você vai ouvir a conversa de Jack escondida.

— É mesmo?

— Você vai?

— Por que eu deveria contar a você? Você não me conta todos os *seus* planos.

Ele franze as sobrancelhas retas.

— Sobre o que você está falando?

— Estou falando sobre você espancar Marcus na frente de todos da Audácia sem motivo aparente. — Dou um passo em sua direção. — Mas existe um motivo, não é? Porque não é do seu feitio perder o controle. Ele não fez nada para provocá-lo, então deve haver um motivo!

— Eu precisava provar para a Audácia que não sou um covarde. Só isso. Foi só isso o que aconteceu.

— Por que você precisaria... — Começo a dizer.

Por que Tobias precisaria provar algo para a Audácia? Só se for porque ele quer que o respeitem. Só se for porque quer se tornar um líder da Audácia. Lembro-me da voz da Evelyn, no escuro do esconderijo dos sem-facção: *O que estou sugerindo é que você* se *torne importante.*

Tobias quer que a Audácia alie-se aos sem-facção e sabe que a única maneira de garantir que isso aconteça é se ele mesmo fizer com que aconteça.

Mas não entendo por que ele não compartilhou seu plano comigo. Antes que eu consiga perguntar, ele diz:

— E aí? Você vai ouvir a reunião ou não?

— O que importa?

— Você está se expondo ao perigo sem razão outra vez. Como você fez quando subiu para enfrentar a Erudição com nada mais do que... um *canivete*

para se proteger.

— Há um motivo. Um bom motivo. Não saberemos o que está acontecendo, a não ser que escutemos a reunião deles, e precisamos realmente descobrir o que está acontecendo.

Ele cruza os braços. Não é parrudo como outros garotos da Audácia. Algumas garotas podem achar que suas orelhas são de abano, ou que o nariz se curva de um jeito estranho, mas para mim...

Engulo o pensamento. Ele veio aqui me dar uma bronca. Tem escondido coisas de mim. Seja lá qual for a nossa relação agora, não posso ficar pensando sobre o quanto o acho atraente. Isso só me atrapalhará a fazer o que precisa ser feito. E agora isso significa ouvir o que Jack Kang tem a dizer à Erudição.

— Você não está mais cortando o cabelo como um membro da Abnegação — digo. — É porque você quer se parecer mais com um membro da Audácia?

— Não mude de assunto. Já há quatro pessoas indo ouvir a reunião. Você não precisa ir.

— Por que você está insistindo tanto para que eu fique? — Aumento o volume da minha voz. — Não sou o tipo de pessoa que fica parada e deixa que os outros se arrisquem!

— Enquanto você for o tipo de pessoa que não parece valorizar a própria vida... o tipo de pessoa que não consegue nem erguer e disparar uma *arma*... — Ele se inclina em minha direção. — Você deveria ficar parada e deixar que outras pessoas se arrisquem.

Sua voz tranquila pulsa ao meu redor como um segundo batimento cardíaco. Ouço as palavras "não parece valorizar a própria vida" se repetindo na minha cabeça.

— O que você vai fazer? — pergunto. — Vai me trancar no banheiro? Porque só assim você vai conseguir me impedir.

Ele encosta a mão na testa, depois a deixa deslizar pelo lado do rosto. É a primeira vez que vejo seu rosto murchar assim.

— Não quero parar você. Quero que pare a si mesma. Mas, se você quer ser imprudente, não pode impedir que eu vá junto.

+ + +

Ainda está escuro, mas não muito, quando alcançamos a ponte, que conta com dois andares e colunas de pedra em cada um dos lados. Descemos a escada ao lado de uma das colunas de pedra e nos esgueiramos silenciosamente ao alcançarmos o nível do rio. Grandes poças de água parada brilham, refletindo a luz do dia. O sol está nascendo; precisamos assumir nossas posições.

Uriah e Zeke estão em prédios dos dois lados da ponte, para terem uma visão melhor e poderem nos cobrir a distância. A mira deles é melhor do que a de Lynn e Shauna, que veio porque Lynn pediu que viesse, apesar do seu escândalo no Espaço de Reunião.

Lynn move-se primeiro, com as costas encostadas na pedra, enquanto se esgueira pela parte inferior dos apoios da ponte. Eu a sigo, acompanhada por Shauna e Tobias. A ponte é apoiada por quatro estruturas curvas de metal, que a prendem ao muro de pedra, e por um emaranhado de vigas estreitas sob o andar inferior. Lynn se aperta sob uma das estruturas de metal e escala rapidamente, mantendo as vigas estreitas sob seu corpo enquanto segue até o meio da ponte.

Deixo que Shauna vá na minha frente, porque não sei escalar muito bem. Meu braço esquerdo treme quando tento me equilibrar sobre a estrutura de metal. Sinto a mão fria de Tobias na minha cintura, equilibrando-me.

Agacho-me para entrar no espaço entre o fundo da ponte e as vigas sob meu corpo. Não vou muito longe antes de precisar parar, com um pé em uma viga e o braço esquerdo em outra. E eu precisarei ficar naquela posição por muito tempo.

Tobias segue por uma das vigas e coloca a perna esquerda sob meu corpo. Ela é longa o bastante para se esticar sob mim, até outra viga. Solto a

respiração e sorrio para ele, agradecida. É a primeira vez que trocamos olhares desde que deixamos o Merciless Mart.

Ele sorri de volta, mas com um ar sombrio.

Esperamos em silêncio. Respiro pela boca, tentando controlar os tremores dos meus braços e pernas. Shauna e Lynn parecem se comunicar sem palavras. Elas trocam expressões faciais que eu não consigo decifrar, acenando com a cabeça e sorrindo quando chegam a um entendimento. Nunca pensei sobre como seria ter uma irmã. Será que eu seria mais próxima de Caleb se ele fosse uma menina?

A cidade está tão quieta esta manhã que os passos ecoam ao se aproximarem da ponte. O som vem de trás de mim, o que deve significar que são de Jack e seus guardas da Audácia, e não dos membros da Erudição. Os guardas da Audácia sabem que estamos aqui, mas Jack Kang, não. Se ele olhar para baixo por alguns segundos, talvez consiga nos ver por entre a malha de metal sob seus pés. Tento respirar o mais baixo possível.

Tobias confere seu relógio, depois levanta o braço para me mostrar o visor. São exatamente sete horas.

Levanto a cabeça para ver entre a teia de aço acima de mim. Pés passam sobre a minha cabeça. De repente, ouço sua voz.

— Olá, Jack.

É Max, que indicou Eric para o posto de líder da Audácia a pedido de Jeanine e que implementou políticas de crueldade e brutalidade na iniciação da Audácia. Nunca falei diretamente com ele, mas o som da sua voz me faz estremecer.

— Max — diz Jack. — Onde está Jeanine? Pensei que ela ao menos teria a cortesia de vir em pessoa.

— Eu e Jeanine compartilhamos responsabilidades, de acordo com nossas especialidades. Isso significa que tomo todas as decisões militares. Acho que isso inclui o que estamos fazendo hoje.

Franzo a testa. Não ouvi Max falando em muitas ocasiões, mas há algo nas palavras que ele está usando, em seu ritmo, que soa... *estranho*.

— Tudo bem — diz Jack. — Vim para...

— Devo informar-lhe que isso não será uma negociação — diz Max. — Para que pudéssemos negociar, teríamos que estar no mesmo patamar, e você, Jack, não está.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que vocês são a única facção descartável. A Franqueza não nos oferece proteção, sustento ou inovação tecnológica. Portanto, para nós, vocês são dispensáveis. Além disso, vocês não se esforçaram muito para agradar seus hóspedes da Audácia — diz Max. — Por isso, vocês são completamente vulneráveis e inúteis. Portanto, sugiro que você faça exatamente o que eu digo.

— Seu desgraçado — diz Jack, entre dentes cerrados. — Como *ousa*...

— Não precisa ficar nervosinho — diz Max.

Mordo o lábio. Devo confiar em meus instintos, e meus instintos me dizem que há algo errado aqui. Nenhum homem respeitável da Audácia usaria a palavra "nervosinho". Nem reagiria com tanta tranquilidade a um insulto. Ele está falando como outra pessoa. Está falando como Jeanine.

Sinto um arrepio na nuca. Faz total sentido. Jeanine não confiaria em ninguém para representá-la, especialmente um membro instável da Audácia. A melhor solução para esse problema seria colocar um fone de ouvido em Max. E o sinal de um fone de ouvido só alcança cerca de quarenta metros.

Chamo a atenção de Tobias e lentamente ergo a mão e aponto para a minha orelha. Depois, aponto para cima, tentando ao máximo indicar o lugar onde Max está.

Tobias franze a testa por um instante, depois acena com a cabeça, mas não tenho certeza de que entendeu.

— Tenho três exigências — diz Max. — Primeiro, que você devolva o líder da Audácia que tem mantido preso. Segundo, que permita que seu complexo

seja revistado por nossos soldados, para que possamos extrair os Divergentes de lá. E terceiro, que você nos forneça os nomes daqueles que não foram injetados com o soro de simulação.

— Por quê? — pergunta Jack, amargamente. — O que estão procurando? E por que precisam desses nomes? O que pretendem fazer com eles?

— O propósito da nossa revista seria a localização e a remoção de todos os Divergentes do complexo. Quanto aos nomes, não é da sua conta.

— Não é da minha conta?! — Ouço passos rangendo acima de mim e olho para cima, através do emaranhado de metal. Pelo que posso ver, Jack agarrou a gola da camisa de Max.

— Solte-me! — diz Max. — Ou ordenarei que meus guardas atirem!

Franzo a testa. Se Jeanine está falando por Max, ela teria que conseguir vê-lo para saber que ele foi agarrado. Inclino-me para a frente a fim de conseguir ver os prédios do outro lado da ponte. À minha esquerda, há uma curva no rio, com um pequeno prédio de vidro na margem. Ela deve estar lá.

Começo a escalar para trás, em direção à estrutura de metal que sustenta a ponte e à escada de metal que leva à Wacker Drive. Tobias segue-me imediatamente, e Shauna cutuca o ombro de Lynn. Mas Lynn está fazendo outra coisa.

Eu estava tão preocupada com Jeanine que não notei que Lynn havia sacado sua arma e começado a escalar em direção à beirada da ponte. Shauna abre a boca e arregala os olhos quando Lynn lança o corpo para a frente, agarrada à beirada da ponte, e joga o braço por cima dela. Seu dedo aperta o gatilho.

Max arfa, agarrando o peito, e tropeça para trás. Quando ele afasta a mão, ela está escura, manchada de sangue.

Não me preocupo mais em escalar. Salto até a lama, e Tobias, Lynn e Shauna me seguem. Minhas pernas afundam no brejo, e meus pés fazem ruídos de sucção quando os solto. Perco meus sapatos, mas continuo correndo até alcançar o concreto. Armas disparam e balas atingem a lama

perto de onde estou. Jogo-me contra o muro sob a ponte para que eles não consigam mirar em mim.

Tobias se aperta contra a parede atrás de mim, tão perto que seu queixo flutua sobre a minha cabeça e consigo sentir seu peito encostado em meu ombro. Ele está me protegendo.

Posso correr até a sede da Franqueza, até uma segurança temporária. Ou posso encontrar Jeanine no que provavelmente será o estado mais vulnerável no qual ela jamais estará.

Nem há o que escolher.

— Vamos! — digo. Começo a subir a escada correndo, com os outros me seguindo. No andar inferior da ponte, nossos guardas da Audácia atiram contra os traidores. Jack está seguro, encolhido, com um guarda da Audácia protegendo suas costas. Corro mais rápido. Atravesso a ponte correndo sem olhar para trás. Já consigo ouvir os passos de Tobias. Ele é o único que consegue me acompanhar.

Localizo o prédio de vidro. Depois, ouço mais passos e mais tiros. Corro em ziguezague, para evitar que os traidores da Audácia me acertem.

Estou perto do prédio de vidro, a apenas alguns metros de distância. Cerro os dentes e me esforço para correr mais rápido. Minhas pernas estão dormentes; quase não sinto o chão sob meus pés. Mas, antes que eu consiga alcançar a porta, vejo um movimento no beco à minha direita. Viro o corpo e sigo o movimento.

Três figuras estão correndo no beco. Uma é loira. A outra é alta. E a última é Peter.

Tropeço e quase caio.

— Peter! — grito. Ele ergue a arma e, atrás de mim, Tobias ergue a sua. Estamos a poucos metros uns dos outros, paralisados. Atrás de Peter, a mulher loira, que provavelmente é Jeanine, e o traidor alto da Audácia viram a esquina. Embora eu não tenha uma arma, nem um plano, quero correr atrás

deles, e talvez fizesse isso se Tobias não tivesse agarrado o meu ombro e me mantido no lugar.

— Seu traidor — digo para Peter. — Eu sabia. Eu *sabia*.

Um grito corta o espaço. É um grito feminino angustiado.

— Parece que seus amigos precisam de vocês — diz Peter, esboçando um sorriso ou apenas exibindo os dentes cerrados, não sei ao certo. Ele mantém sua arma firme.

— Então, vocês têm uma escolha. Podem nos deixar ir embora e ir ajudá-los ou podem morrer tentando nos seguir.

Quase solto um grito. Nós dois sabemos o que eu vou fazer.

— Espero que você morra — digo.

Ando para trás, até esbarrar em Tobias. Depois, continuamos a recuar, até atingirmos a entrada do beco, onde viramos e corremos.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

SHAUNA ESTÁ DEITADA no chão, com o rosto para baixo e uma mancha de sangue crescendo em sua camisa. Lynn ajoelha-se ao seu lado. Ela a encara, mas não faz mais nada.

— A culpa é minha — murmura ela. — Não deveria ter atirado nele. Não deveria...

Encaro a mancha de sangue. Ela foi alvejada nas costas. Não consigo ver se está respirando ou não. Tobias encosta dois dedos no lado do pescoço dela e acena com a cabeça.

— Precisamos sair daqui. Lynn. Olhe para mim. Vou carregar Shauna, e ela vai sentir muita dor, mas é nossa única escolha.

Lynn assente com a cabeça. Tobias agacha-se ao lado de Shauna e coloca as mãos sob seus braços. Ele a levanta, e ela solta um gemido. Corro para ajudá-lo a colocar o corpo mole dela sob seu ombro. Minha garganta aperta, e eu tusso para aliviar a pressão.

Tobias levanta-se soltando um grunhido e caminhamos juntos em direção ao Merciless Mart. Lynn vai na frente com sua arma, e eu sigo atrás. Caminho de costas para ver se há alguém nos seguindo, mas não vejo ninguém. Acho que os traidores da Audácia bateram em retirada. Mas preciso ter certeza.

— Ei! — grita alguém. É Uriah, correndo em nossa direção. — Zeke precisou ajudá-los a pegar Jack... ah, não. — Ele para de correr. — Ah, não. Shauna?

— Não é hora para isso — diz Tobias, severamente. — Corra até o Merciless Mart e traga um médico.

Mas Uriah fica parado, olhando para Shauna.

— Uriah! Vá, *agora*! — O grito ressoa, já que não há nada na rua para abafá-lo. Uriah finalmente se vira e corre na direção do Merciless Mart.

Estamos a menos de um quilômetro de lá, mas os grunhidos de Tobias, a respiração irregular de Lynn e o fato de que Shauna está sangrando até a morte fazem com que o caminho pareça infinito. Vejo os músculos das costas de Tobias expandindo e contraindo a cada respiração pesada e não ouço nossos passos; ouço apenas meus batimentos cardíacos. Quando finalmente alcançamos a porta do prédio, sinto como se fosse vomitar, desmaiar ou gritar a plenos pulmões.

Uriah, um homem calvo da Erudição e Cara nos encontram assim que entramos. Eles colocam um lençol no chão para Shauna. Tobias deita-a sobre o lençol, e o médico começa a trabalhar imediatamente, cortando as costas da sua camisa. Viro o rosto. Não quero ver a ferida.

Tobias fica parado na minha frente, com o rosto vermelho de exaustão. Quero que me envolva em seus braços novamente, como fez depois do último ataque, mas ele não faz isso, e sei que não devo tomar a iniciativa.

— Não vou fingir que entendo o que está acontecendo com você — diz ele. — Mas se você arriscar sua vida à toa mais uma vez...

— Não estou arriscando a minha vida à toa. Estou tentando fazer *sacrifícios*, como meus pais teriam feito, como...

— Você *não* é como seus pais. Você é uma menina de dezesseis anos...

Ranjo os dentes.

— Como *ousa*...

— ... que não entende que o valor do sacrifício está na *necessidade*, e não em jogar sua vida fora! E, se você fizer isso outra vez, estará tudo acabado entre nós.

Não esperava que dissesse isso.

— Você está me dando um ultimato? — Tento controlar o volume da minha voz para que as outras pessoas não ouçam.

Ele balança a cabeça.

— Não, estou relatando um fato. — Seus lábios parecem uma linha reta. — Se você se colocar em risco à toa novamente, terá se tornado nada mais do

que uma viciada em adrenalina da Audácia, à procura de uma nova dose de emoção, e eu não a ajudarei a fazer isso. — Ele cospe as palavras, amargamente. — Amo Tris, a Divergente, que toma decisões independente de lealdades a facções, que não é o estereótipo de uma facção. Mas a Tris que está fazendo de tudo para destruir a si mesma... não consigo amá-la.

Quero gritar. Não porque estou nervosa, mas porque temo que ele esteja certo. Minhas mãos tremem, e eu agarro a bainha da minha camisa para estabilizá-las.

Ele encosta a testa na minha e fecha os olhos.

— Acredito que você ainda está aí dentro — diz ele, com a boca perto da minha. — Volte para mim.

Ele me beija de leve, e estou chocada demais para detê-lo.

Tobias volta para o lado de Shauna, deixando-me parada sobre um dos lados da balança da Franqueza, sem saber o que fazer.

+ + +

— Quanto tempo.

Deito-me na cama em frente a Tori. Ela está sentada com a perna apoiada em uma pilha de travesseiros.

— É verdade — digo. — Como você se sente?

— Como alguém que levou um tiro. — Ela esboça um sorriso. — Ouvi dizer que você conhece a sensação.

— É verdade. É ótimo, não é? — Não consigo esquecer a bala nas costas de Shauna. Pelo menos Tori e eu nos recuperaremos das nossas feridas.

— Descobriu algo interessante na reunião de Jack?

— Algumas coisas. Você tem ideia de como podemos marcar uma reunião da Audácia?

— Posso resolver isso. Uma das vantagens de ser tatuadora na Audácia é que... bem, você acaba conhecendo todo mundo.

— É verdade. Você também conta com a vantagem de ser uma ex-espiã.

Tori contorce a boca.

— Havia quase me esquecido disso.

— E *você*? Descobriu algo de interessante? Quer dizer, como espiã.

— Minha missão envolvia principalmente Jeanine Matthews. — Ela encara as próprias mãos. — Como ela passa os dias. E, principalmente, *onde* ela passa os dias.

— Então, não é no escritório dela?

A princípio, Tori não responde.

— Acho que posso confiar em você, Divergente. — Ela me olha de soslaio. — Ela tem um laboratório particular no andar superior. Extremamente bem protegido. Estava tentando chegar lá quando nos descobriram.

— Você estava tentando chegar lá. — Ela desvia o olhar rapidamente. — Mas imagino que não para espionar.

— Imaginei que seria mais... *conveniente* se Jeanine Matthews não vivesse por mais muito tempo.

Vejo um tipo de sede em sua expressão, como quando ela me falou sobre seu irmão nos fundos do seu estúdio de tatuagem. Antes da simulação de ataque, poderia ter enxergado isso como uma sede por justiça, ou até por vingança, mas agora vejo que é uma sede por sangue. E, mesmo que isso me assuste, consigo compreendê-la.

Isso provavelmente deveria me assustar ainda mais.

— Vou dar um jeito de organizar a reunião que você pediu.

+ + +

Os membros da Audácia estão reunidos em um espaço entre as fileiras de beliches e as portas, mantidas fechadas por um lençol bem amarrado, que é a melhor tranca que conseguimos improvisar. Não tenho a menor dúvida de que Jack Kang aceitará as condições de Jeanine. Não estamos mais seguros aqui.

— Quais foram os termos? — pergunta Tori. Ela está sentada em uma cadeira entre alguns dos beliches. Sua pergunta é direcionada a Tobias, mas ele não parece estar prestando atenção. Está apoiado em um dos beliches, com os braços cruzados, encarando o chão.

Limpo a garganta.

— Ele apresentou três termos. Devolver Eric para a Erudição. Revelar os nomes de todas as pessoas que não receberam o soro no último ataque. E entregar os Divergentes.

Olho para Marlene. Ela sorri de volta para mim, com ar triste. Deve estar preocupada com Shauna, que ainda está sendo atendida pelo médico da Erudição. Lynn, Hector, os pais deles e Zeke estão com ela.

— Se Jack Kang está fazendo acordos com a Erudição, não podemos continuar aqui — diz Tori. — Então, para onde podemos ir?

Lembro-me do sangue na camisa de Shauna e sinto saudades dos pomares da Amizade, do som do vento nas folhas, da sensação da casca de árvore sob a minha mão. Nunca pensei que sentiria vontade de estar naquele lugar novamente. Não achei que fosse o meu tipo.

Fecho os olhos por um segundo e, quando os abro novamente, estou de volta à realidade, e a Amizade é apenas um sonho.

— Para casa — diz Tobias, levantando a cabeça finalmente. Todos param para escutar o que ele tem a dizer. — Devemos tomar de volta o que é nosso. Podemos quebrar as câmeras de segurança na sede da Audácia para que a Erudição não consiga nos ver. Precisamos ir para casa.

Alguém solta um grito de concordância, e outra pessoa faz o mesmo. É assim que as coisas são decididas na Audácia: com acenos de cabeça e gritos. Nesses momentos, não parecemos mais indivíduos. Somos todos parte de uma única mente.

— Mas, antes de fazermos isso — fala Bud, que costumava trabalhar no estúdio de tatuagem com Tori e que agora está em pé, com a mão apoiada no

encosto da cadeira dela –, precisamos decidir o que fazer com Eric. Será que o deixamos aqui com a Erudição ou o executamos?

– Eric é da Audácia – diz Lauren, girando a argola em seu lábio com as pontas dos dedos. – Isso significa que somos *nós* que devemos decidir o que acontece com ele, e não a Franqueza.

Dessa vez um grito escapa do meu corpo por conta própria, unindo-se aos dos outros, em assentimento.

– De acordo com as leis da Audácia, apenas líderes da facção podem realizar uma execução. Mas todos os cinco antigos líderes da nossa facção nos traíram – diz Tori. – Portanto, acho que está na hora de escolhermos novos líderes. De acordo com a lei, precisamos de mais de um líder, e o número deles precisa ser ímpar. Caso tenham sugestões, é melhor gritar agora, e faremos uma votação se preciso.

– Você! – grita alguém.

– Tudo bem – concorda Tori. – Mais alguém?

Marlene faz uma concha com as mãos sobre a boca e grita:

– Tris!

Meu coração dispara. Mas, para minha surpresa, ninguém murmura em desacordo ou ri. Em vez disso, algumas pessoas acenam com a cabeça, como fizeram quando Tori foi sugerida. Passo os olhos pela multidão e encontro Christina. Ela está parada, de braços cruzados, e parece não apresentar nenhuma reação à minha nomeação.

Tento imaginar o que as outras pessoas pensam de mim. Eles devem ver alguém que não vejo. Alguém competente e forte. Alguém que não posso ser; alguém que posso ser.

Tori aceita a indicação de Marlene com um aceno de cabeça e depois passa os olhos pela multidão, esperando outra recomendação.

– Harrison – diz alguém. Não sei quem é Harrison, até que alguém bate no ombro de um homem de meia-idade com um rabo de cavalo loiro, e ele

sorri. Eu o reconheço. É o homem da Audácia que me chamou de "garota" quando Zeke e Tori retornaram da sede da Erudição.

Os membros da Audácia ficam calados por um instante.

— Eu vou nomear Quatro — diz Tori.

Fora alguns murmúrios de irritação nos fundos da sala, ninguém protesta. Ninguém mais o está chamando de covarde depois que ele espancou Marcus no refeitório. Pergunto a mim mesma como eles reagiriam se soubessem o quanto sua ação foi calculada.

Agora, talvez ele consiga exatamente o que queria. A não ser que eu o impeça.

— Só precisamos de três líderes — diz Tori. — Precisaremos votar.

Eles nunca teriam escolhido o meu nome se eu não tivesse interrompido a simulação de ataque. E talvez eles também não tivessem escolhido o meu nome se eu não tivesse esfaqueado Eric ao lado daqueles elevadores ou ido para debaixo da ponte. Quanto mais ajo de maneira imprudente, mais popularidade ganho dentro da Audácia.

Tobias me encara. Não posso ser popular dentro da Audácia, porque Tobias está certo. Não sou da Audácia; sou Divergente. Sou o que eu quiser ser. E não posso escolher ser *isso*. Preciso manter-me distante deles.

— Não — digo. Limpo a garganta e falo mais alto: — Não, vocês não precisam votar. Eu recuso minha nomeação.

Tori ergue a sobrancelha e olha para mim.

— Tem certeza, Tris?

— Sim — respondo. — Não quero. Tenho certeza.

Depois, sem discussões ou cerimônias, Tobias é escolhido como líder da Audácia. E eu não.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

MENOS DE DEZ minutos depois de escolhermos nossos novos líderes, um sinal soa em um pulso longo, seguido de outros dois mais curtos. Caminho em direção ao som, com a orelha voltada para a parede, e encontro um alto-falante suspenso do teto. Há outro do outro lado da sala.

De repente, a voz de Jack Kang ressoa por toda a sala:

— Atenção todos os ocupantes da sede da Franqueza. Há algumas horas, encontrei-me com um representante de Jeanine Matthews. Ele me lembrou de que a Franqueza está em uma posição frágil e que dependemos da Erudição para a nossa sobrevivência, e disse que, se eu quiser manter a nossa facção livre, terei que cumprir algumas exigências.

Encaro o alto-falante, chocada. O fato de o líder da Franqueza estar sendo tão direto não deveria me chocar, mas não esperava um anúncio público.

— Para que possamos cumprir essas exigências, peço que todos se direcionem ao Espaço de Reunião, para dizer se foram injetados com um implante ou não — diz ele. — A Erudição também ordenou que todos os Divergentes se entreguem a eles. Não sei por que motivo.

Ele soa apático. Derrotado. *Bem, ele realmente foi derrotado*, penso. *Porque estava fraco demais para resistir.*

Uma coisa que a Audácia sabe fazer, e a Franqueza não, é lutar, mesmo quando isso parece inútil.

Às vezes, sinto que estou colecionando as lições que cada facção tem a me ensinar e guardando-as em minha mente, como um guia para me virar no mundo. Há sempre algo a aprender, sempre algo que é importante entender.

O anúncio de Jack Kang termina com os mesmos três sinos com os quais começou. Os membros da Audácia se espalham rapidamente pela sala,

jogando suas coisas dentro de malas. Alguns jovens cortam o lençol que está prendendo a porta, gritando algo sobre Eric. Alguém me pressiona contra a parede e fico parada, assistindo, enquanto o pandemônio se intensifica.

Por outro lado, uma coisa que a Franqueza sabe, e a Audácia não, é como não perder o controle.

+ + +

Os membros da Audácia estão em pé em um semicírculo ao redor de uma cadeira de interrogatório na qual Eric está sentado. Ele parece estar mais morto do que vivo. Seu tórax está inclinado para a frente, com gotas de suor brilhando na testa. Ele encara Tobias com a cabeça caída, fazendo com que seus cílios se misturem às suas sobrancelhas. Tento manter meus olhos concentrados nele, mas seu sorriso — a maneira como seus piercings se afastam quando seus lábios se esticam — é quase terrível demais para suportar.

— Você quer que eu liste os seus crimes? — indaga Tori. — Ou prefere listá-los você mesmo?

A chuva bate do lado de fora do prédio e escorre pelas paredes internas. Estamos na sala de interrogatório, no andar superior do Merciless Mart. O som da tempestade da tarde é mais alto aqui em cima. Cada ronco de trovão e lampejo de relâmpago arrepia minha nuca, como se houvesse eletricidade dançando sobre minha pele.

Gosto do cheiro de concreto molhado. O cheiro quase não chega aqui em cima, mas, quando tivermos terminado com isso, todos da Audácia vão descer correndo as escadas e deixar o Merciless Mart para trás, e o único cheiro que sentirei será o do concreto molhado.

Já estamos com nossas bagagens. A minha é um saco feito com um lençol e algumas cordas. Dentro dele levo minhas roupas e um par de sapatos extra. Estou usando a jaqueta que roubei da traidora da Audácia. Quero que Eric a veja, caso olhe para mim.

Eric olha para a multidão por alguns segundos, e seus olhos param em mim. Ele entrelaça os dedos e os pousa delicadamente sobre o estômago.

— Gostaria que *ela* os listasse. Já que foi ela quem me esfaqueou, tenho certeza de que os conhece muito bem.

Não sei aonde ele quer chegar com isso ou qual é o objetivo de me provocar, especialmente agora, logo antes da sua execução. Ele demonstra um ar de arrogância, mas percebo que seus dedos tremem ao se mexer. Até Eric tem medo da morte.

— Deixe-a fora disso — diz Tobias.

— Por quê? Porque você está transando com ela? — Ele solta um risinho debochado. — Ah, é. Esqueci. Caretas não fazem esse tipo de coisa. Eles apenas amarram os cadarços e cortam os cabelos uns dos outros.

A expressão de Tobias não muda. Acho que compreendo: Eric não liga para mim. Mas ele sabe exatamente como atingir Tobias e com que força fazê-lo. E uma das maneiras de atingir Tobias com o máximo de força é me atingir.

É isso o que eu queria evitar: que meus altos e baixos se tornassem os altos e baixos de Tobias. É por isso que não posso permitir que ele me defenda agora.

— Quero que ela os liste — repete Eric.

Falo no tom mais uniforme que consigo:

— Você conspirou com a Erudição. Você é responsável pela morte de centenas de membros da Abnegação. — Enquanto sigo com a lista, não consigo mais manter a voz firme. Começo a cuspir as palavras, como veneno: — Você traiu a Audácia. Você atirou na cabeça de uma criança. Você é um joguete ridículo de Jeanine Matthews.

Seu sorriso se desfaz.

— Mereço morrer?

Tobias abre a boca para interromper, mas eu respondo antes:

— Sim.

— Tem razão. — Seus olhos estão vazios, como fossos, como noites sem estrelas. — Mas será que você tem o direito de decidir isso, Beatrice Prior? Como você decidiu o destino daquele outro garoto? Qual era o nome dele mesmo? Will?

Não respondo. Ouço meu pai falando, enquanto lutávamos para entrar na sala de controle da sede da Audácia:

— O que a faz pensar que você tem o direito de atirar em alguém?

Ele me disse que havia uma maneira certa de fazer as coisas e que eu precisava descobrir qual era. Sinto algo na minha garganta, como uma bola de cera, tão grossa que mal consigo engolir, mal consigo respirar.

— Você cometeu todos os crimes puníveis por execução dentro da nossa facção — diz Tobias. — *Nós* temos o direito de executá-lo, pelas leis da Audácia.

Ele se agacha ao lado das três armas que estão no chão, ao lado dos pés de Eric. Um por um, ele esvazia os carregadores de munição. As balas quase retinem ao atingir o chão, depois rolam e param contra a ponta do sapato de Tobias. Ele pega a arma do meio e coloca uma bala no primeiro espaço do carregador.

Depois, move as três armas no chão, de um lado para outro, até que meus olhos já não conseguem mais seguir a arma do meio. Não sei mais qual delas está carregada. Ele pega as armas e oferece uma a Tori e outra a Harrison.

Tento pensar na simulação de ataque e no que ela causou à Abnegação. Todos os inocentes, vestidos de cinza, mortos nas ruas. Nem sobraram membros o suficiente da Abnegação para cuidar dos corpos, que ainda devem estar jogados lá. E tudo isso não teria sido possível sem Eric.

Penso no garoto da Franqueza, que Eric matou sem hesitar, e como seu corpo estava rígido quando atingiu o chão ao meu lado.

Talvez não sejamos nós que estamos decidindo se Eric vive ou morre. Talvez tenha sido ele mesmo quem decidiu, quando fez todas essas coisas terríveis.

Mesmo assim, é difícil respirar.

Olho para ele sem malícia, sem ódio e sem medo. As argolas em seu rosto brilham, e uma mecha de cabelo sujo cai sobre seus olhos.

— Esperem. Tenho um pedido a fazer.

— Não aceitamos pedidos de criminosos — diz Tori. Ela está em pé sobre uma perna só há alguns minutos. Sua voz soa cansada. Ela provavelmente quer acabar logo com isso, para poder sentar-se novamente. Para ela, a execução é apenas uma inconveniência.

— Sou um líder da Audácia. E tudo o que peço é que Quatro seja a pessoa a atirar.

— *Por quê?* — pergunta Tobias.

— Para que você seja obrigado a viver com a culpa — responde Eric. — De saber que você usurpou o meu posto e depois atirou na minha cabeça.

Acho que entendo o que ele quer. Quer ver as pessoas ruindo. É o que sempre quis, desde que colocou uma câmera na sala onde tentaram me executar, e eu quase me afoguei, e provavelmente muito antes disso. E ele acredita que, se Tobias for obrigado a matá-lo, conseguirá ver isso antes de morrer.

É doentio.

— Não sentirei culpa alguma — diz Tobias.

— Então você não terá problema em fazê-lo. — Eric sorri novamente.

Tobias pega uma das balas.

— Diga-me — diz Eric baixinho —, porque eu sempre quis saber. É o seu papai que aparece em todas as paisagens do medo pelas quais você já passou?

Tobias coloca a bala no carregador vazio sem levantar a cabeça.

— Não gostou da minha pergunta? — diz Eric. — O que foi? Está com medo de que os membros da Audácia mudem de ideia a respeito de você? Que eles percebam que, mesmo com apenas quatro medos, você ainda não passa de um covarde?

Ele se ajeita na cadeira e apoia as mãos nos descansos.

Tobias ergue a arma com a mão esquerda.

– Eric – diz ele –, seja corajoso.

E aperta o gatilho.

Eu fecho os olhos.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

SANGUE TEM UMA cor estranha. É mais escuro do que imaginamos.

Olho para a mão de Marlene, que está agarrada ao meu braço. As unhas dela são curtas. E roídas. Ela me empurra para a frente, e eu devo estar andando, porque consigo sentir meu corpo se movendo, mas, dentro da minha cabeça, continuo diante de Eric, e ele ainda está vivo.

Ele morreu da mesma maneira que Will. Com o corpo caído para a frente, igual ao do Will.

Pensei que a sensação de inchaço na minha garganta passaria depois que ele morresse, mas isso não aconteceu. Preciso respirar fundo para conseguir ar suficiente. Ainda bem que a multidão ao meu redor é tão barulhenta que ninguém consegue me ouvir. Marchamos em direção à porta. A multidão é liderada por Harrison, que carrega Tori nas costas como se ela fosse uma criança. Ela ri, com os braços em volta do pescoço dele.

Tobias apoia a mão nas minhas costas. Sei disso porque vejo-o chegando atrás de mim, e não porque realmente sinto sua mão. Não sinto absolutamente nada.

As portas são abertas de fora para dentro, e quase atropelamos Jack Kang e o grupo de membros da Franqueza que o seguiu até aqui.

— O que vocês fizeram? Acabo de ser informado de que Eric não está em sua cela.

— Ele estava sob a nossa jurisdição — diz Tori. — Nós o julgamos e o executamos. Você deveria nos agradecer.

— Por que... — O rosto de Jack Kang fica vermelho. Sangue é mais vermelho que um rosto ruborizado, mesmo que um consista do outro. — Por que eu deveria agradecer a vocês?

— Porque você também queria que ele fosse executado, não queria? Já que ele matou uma de suas crianças? — Tori inclina a cabeça, seus olhos grandes e inocentes. — Bem, resolvemos isso para você. E agora, se nos der licença, estamos indo embora.

— O que... *Indo embora*? — balbucia Jack.

Se partirmos, ele será incapaz de atender a duas das três exigências que Max apresentou. Isso o aterroriza, e seu rosto mostra isso com clareza.

— Não posso deixar que vocês façam isso.

— Você não precisa nos *deixar* fazer nada — retruca Tobias. — Se não sair do caminho, seremos obrigados a passar por cima de você.

— Vocês não vieram aqui atrás de aliados? — pergunta Jack, irritado. — Se fizerem isso, juro que nos aliaremos à Erudição, e vocês nunca mais nos terão como aliados, seus...

— Não precisamos de vocês como aliados — diz Tori. — Somos da Audácia.

Todos gritam, e, de alguma maneira, os gritos cortam o atordoamento em minha mente. A multidão inteira segue adiante ao mesmo tempo. Os membros da Franqueza gritam e pulam para fora do caminho, enquanto enchemos o corredor, como se um cano se rompesse e a água da Audácia se espalhasse para encher o espaço vazio.

Marlene solta meu braço. Desço a escada correndo, seguindo os membros da Audácia que estão à minha frente e ignorando a confusão de cotovelos e os gritos ao meu redor. Sinto-me como uma inicianda novamente, correndo pelas escadas do Eixo depois da Cerimônia de Escolha. Minhas pernas ardem, mas não tem problema.

Alcançamos o saguão. Um grupo de membros da Franqueza e da Erudição nos espera lá, incluindo a mulher loira e Divergente que foi arrastada pelos cabelos até os elevadores, a menina que ajudei a escapar e Cara. Eles veem os membros da Audácia passarem correndo com olhares de impotência.

Cara me vê e agarra meu braço, puxando-me para trás.

— Para onde vocês estão indo?

— Para a sede da Audácia — respondo. Tento soltar o braço, mas ela não quer largar. Não olho para o seu rosto. Não consigo olhar para ela agora. — Fujam para a sede da Amizade. Eles prometeram abrigo para qualquer pessoa que quiser. Vocês não estarão seguros aqui.

Ela me solta, quase me empurrando para longe.

Do lado de fora, o chão parece escorregadio sob meus pés, e a bolsa de roupas quica nas minhas costas quando passo a correr menos rápido. A chuva bate na minha cabeça e nas minhas costas. Meus pés espalham a água das poças, molhando minhas calças.

Sinto o cheiro do concreto molhado e finjo que isso é tudo o que existe no mundo.

+ + +

Fico parada diante do corrimão, olhando para o abismo. A água atinge o paredão sob mim, mas não chega alto o bastante para cobrir meus pés.

A cerca de cem metros de onde estou, Bud distribui armas de paintball. Outra pessoa distribui a munição. Em breve os cantos escondidos da sede da Audácia estarão cobertos de tinta multicolorida, que bloqueará as lentes das câmeras de segurança.

— Ei, Tris — diz Zeke, juntando-se a mim perto do corrimão. Seus olhos estão vermelhos e inchados, mas sua boca está curvada em um pequeno sorriso.

— Ei. Vocês conseguiram.

— Sim. Esperamos até que Shauna estivesse estável o bastante e depois a trouxemos até aqui. — Ele esfrega os olhos com o polegar. — Não queria movê-la, mas... Ficar na Franqueza já não era mais seguro. Obviamente.

— Como ela está?

— Não sei. Ela vai sobreviver, mas a enfermeira disse que talvez fique paralisada da cintura para baixo. Isso não me preocuparia tanto, mas... — Ele

ergue um ombro. — Como ela vai poder continuar na Audácia se não conseguir andar?

Olho para o outro lado do Fosso, onde as crianças da Audácia perseguem umas às outras pelo caminho no muro, jogando bolinhas de paintball nas paredes. Uma das bolinhas estoura e suja a pedra de amarelo.

Penso no que Tobias disse quando passamos a noite entre os sem-facção, sobre os membros da Audácia mais velhos deixando a facção porque não eram mais fisicamente capazes de ficar. Penso na canção da Franqueza, afirmando que somos a facção mais cruel.

— Ela vai poder — digo.

— Tris. Ela nem conseguirá se locomover.

— Claro que vai. — Eu o encaro. — Ela pode arrumar uma cadeira de rodas, e alguém pode empurrá-la pelos caminhos do Fosso, e há um elevador no edifício *lá de cima*. — Aponto para a construção acima das nossas cabeças. — Ela não precisa andar para descer de tirolesa ou usar uma arma.

— Ela não vai querer que eu a empurre. — Sua voz treme um pouco. — Ela não vai querer que eu a levante ou carregue.

— Ela terá que superar isso, então. Você vai permitir que ela abandone a Audácia por um motivo idiota como não poder andar?

Zeke fica calado por alguns segundos. Ele me encara, entrecerrando os olhos, como se estivesse me analisando e medindo.

Então, ele se vira, inclina o corpo para a frente e me envolve em seus braços. Faz tanto tempo que não recebo um abraço que meu corpo fica tenso. Depois relaxo e permito que seu gesto esquente o meu corpo, que está gelado por causa das minhas roupas úmidas.

— Vou atirar por aí — diz ele, se afastando. — Quer vir comigo?

Dou de ombros e sigo-o pelo térreo do Fosso. Bud entrega uma arma de paintball para cada um de nós, e eu carrego a minha. Seu peso, formato e material são tão diferentes de um revólver de verdade que não tenho dificuldade em segurá-la.

— Já cuidamos do Fosso e da seção subterrânea — diz Bud. — Mas vocês podem ir para a Pira.

— A Pira?

Bud aponta para o edifício de vidro acima de nós. A visão da construção me atinge como uma pontada de agulha. Na última vez que estive aqui, olhando para o teto, estava em uma missão com o propósito de destruir a simulação. Eu estava com meu pai.

Zeke já começou a subir. Obrigo-me a segui-lo, dando um passo de cada vez. Sinto dificuldade em andar porque mal sou capaz de respirar, mas acabo conseguindo, de alguma maneira. Quando alcanço a escada, a pressão no meu peito praticamente se foi.

Ao entrarmos na Pira, Zeke ergue sua arma e a aponta para uma das câmeras localizadas no teto. Ele atira, e a tinta verde se espalha por uma das janelas. Ele errou o alvo.

— Ai — digo, com uma careta. — Essa foi feia.

— Ah, é? Quero ver se você consegue acertar de primeira.

— Quer, é? — Ergo minha arma, apoiando-a no meu ombro esquerdo, e não no direito. É estranho empunhar a arma com a mão esquerda, mas ainda não consigo aguentar seu peso com a direita. Uso a mira para encontrar a câmera, depois entrecerro os olhos para me focar na lente. Uma voz sussurra na minha cabeça: *Inale. Mire. Exale. Dispare.* Demoro alguns segundos para perceber que é a voz de Tobias, porque foi ele quem me ensinou a atirar. Aperto o gatilho, e a bolinha de paintball atinge a câmera, espalhando a tinta azul sobre a lente. — Pronto. Agora você já viu. E com a mão errada.

Zeke murmura algo baixinho que não soa nada agradável.

— Ei! — grita uma voz animada. A cabeça de Marlene surge do espaço aberto no chão de vidro. Há uma mancha de tinta na sua testa, e isso faz com que ela pareça ter uma sobrancelha roxa. Com um sorriso malicioso, ela mira em Zeke e atinge sua perna, depois aponta a arma para mim. A bolinha de tinta atinge meu braço e sinto uma pontada de dor.

Marlene ri e se esconde sob o vidro. Eu e Zeke trocamos olhares, depois corremos atrás dela. Ela ri, descendo correndo o caminho do Fosso e atravessando um grupo de crianças. Atiro contra ela, mas acerto a parede. Marlene atira em um menino perto do corrimão. É Hector, o irmão mais novo de Lynn. A princípio, ele parece ficar chocado, mas depois atira de volta, atingindo a pessoa ao lado de Marlene.

Sons de estalos enchem o ar à medida que todos no Fosso, jovens e velhos, começam a atirar uns nos outros, esquecendo momentaneamente as câmeras. Desço correndo o caminho do Fosso, rodeada de risos e gritos. Nós nos reunimos em times, depois nos voltamos uns contra os outros.

Quando a batalha finalmente termina, minhas roupas estão mais coloridas de tinta do que pretas. Decido guardar a camisa, para me lembrar do motivo original que me levou a escolher a Audácia: não foi por eles serem perfeitos, mas porque estão vivos. Porque são livres.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

ALGUÉM FAZ UMA incursão à cozinha da Audácia e esquenta os alimentos não perecíveis que estavam guardados lá para podermos comer algo quente de noite. Sento-me à mesma mesa a que costumava me sentar com Christina, Al e Will. Logo que me sento, sinto um nó na garganta. Como é possível que tenha sobrado apenas metade de nós?

Sinto-me responsável por isso. Meu perdão poderia ter salvado Al, mas eu não o dei. Meu raciocínio poderia ter poupado Will, mas não consegui usá-lo.

Antes que eu me afunde demais na culpa, Uriah coloca sua bandeja ao meu lado na mesa. Ela está cheia de ensopado de carne e bolo de chocolate. Olho fixamente para a pilha de bolo de chocolate.

— Tinha bolo? — pergunto, encarando minha bandeja, muito mais vazia que a de Uriah.

— Sim, alguém acabou de trazer. Eles acharam algumas caixas de massa nos fundos e decidiram prepará-las. Pode comer um pouco do meu.

— Um *pouco*? Quer dizer que você planeja comer esta montanha de bolo toda sozinho?

— Sim. — Ele parece confuso. — Por quê?

— Deixa pra lá.

Christina senta-se do outro lado da mesa, o mais distante de mim possível. Zeke coloca sua bandeja na mesa ao lado dela. Logo, Lynn, Hector e Marlene juntam-se a nós. Vejo algo se movimentando sob a mesa e percebo que Marlene segura a mão de Uriah sobre o joelho dele. Eles entrelaçam os dedos. Os dois estão claramente tentando aparentar naturalidade, mas trocam olhares mesmo assim.

À esquerda de Marlene, Lynn está com cara de quem comeu algo amargo. Ela enfia a comida na boca.

— Qual é o problema? — pergunta Uriah para ela. — Você vai vomitar se continuar comendo rápido assim.

Lynn olha para ele com uma careta.

— Vou vomitar de qualquer maneira se vocês dois continuarem trocando olhares dessa maneira.

As orelhas de Uriah ficam vermelhas.

— Não sei do que você está falando.

— Não sou idiota, nem as outras pessoas aqui. Então, por que vocês dois não ficam juntos de uma vez e acabam logo com isso?

Uriah parece chocado. Mas Marlene apenas olha feio para Lynn, depois se inclina para a frente e dá um beijo firme na boca de Uriah, deslizando os dedos pelo pescoço dele, sob a gola da sua camisa. Percebo que deixei cair todas as ervilhas do garfo que estava a caminho da minha boca.

Lynn agarra sua bandeja e sai correndo da mesa.

— O que foi isso? — pergunta Zeke.

— Eu é que não sei — diz Hector. — Ela está sempre irritada com alguma coisa. Já desisti de tentar entender.

Uriah ainda está com o rosto próximo ao de Marlene, e os dois estão sorrindo.

Esforço-me para encarar minha bandeja. É estranho ver duas pessoas que você conheceu separadas se juntando, embora já tenha visto isso acontecer antes. Ouço um guincho vindo da bandeja de Christina, que ela arranha distraidamente com o garfo.

— Quatro! — grita Zeke, chamando-o. Ele parece aliviado. — Vem aqui! Tem espaço!

Tobias apoia a mão em meu ombro saudável. Algumas das juntas da sua mão estão feridas, e o sangue nelas parece fresco.

— Desculpa, não posso ficar — diz ele.

Ele se inclina para a frente e diz:

— Você pode vir comigo, rapidinho?

Eu me levanto, despedindo-me de todos à mesa que estão prestando atenção. Ou seja, apenas de Zeke, porque Christina e Hector estão encarando suas bandejas, e Uriah e Marlene estão conversando baixinho. Eu e Tobias saímos do refeitório.

— Para onde estamos indo?

— Para o trem. Tenho uma reunião, e quero que você me ajude a avaliar a situação.

Subimos um dos caminhos que cruzam os paredões do Fosso, em direção à escada que leva à Pira.

— Por que você precisa de *mim* para...

— Porque você é melhor nisso do que eu.

Não sei como responder. Subimos a escada e cruzamos o chão de vidro. No caminho para fora, atravessamos a sala úmida onde enfrentei minha paisagem do medo. A julgar pela seringa jogada no chão, alguém esteve aqui recentemente.

— Você passou pela paisagem do medo hoje? — pergunto.

— Por que você acha isso? — Seus olhos escuros evitam os meus. Ele abre a porta da frente do edifício, e o ar de verão dança ao meu redor. Não está ventando.

— As juntas das suas mãos estão cortadas, e alguém esteve usando aquela sala.

— É exatamente isso o que quero dizer. Você é muito mais perceptiva do que a maioria das pessoas. — Ele confere seu relógio. — Eles disseram para eu pegar o trem das 20h05. Vamos.

Sinto uma ponta de esperança. Talvez não discutamos dessa vez. Talvez as coisas finalmente melhorem entre nós.

Caminhamos até os trilhos. A última vez que fizemos isso, ele queria me mostrar que as luzes estavam acesas no complexo da Erudição e me dizer que

estavam planejando um ataque contra a Abnegação. Agora, tenho a impressão de que vamos nos encontrar com os sem-facção.

— Sou perceptiva o bastante para perceber que você está fugindo da minha pergunta.

Ele suspira.

— Sim, passei pela minha paisagem do medo. Queria saber se ela havia mudado.

— E ela mudou, não mudou?

Tobias afasta um fio de cabelo que caiu sobre seu rosto e evita encarar meus olhos. Não sabia que seu cabelo era tão espesso. Não dava para ver tão bem quando ele tinha a cabeça raspada, ao estilo da Abnegação. Mas agora seu cabelo tem cinco centímetros de comprimento e quase cai sobre a testa. Isso o faz parecer menos ameaçador, e mais como a pessoa que conheci intimamente.

— Mudou. Mas o número continua o mesmo.

Ouço o trem apitando à minha esquerda, mas o farol do primeiro vagão está apagado, fazendo com que ele deslize sobre os trilhos como algo secreto e sinistro.

— O quinto vagão! — grita ele.

Nós dois começamos a correr. Alcanço o quinto vagão e seguro a barra lateral com a mão esquerda, puxando-a com toda a força. Tento jogar minhas pernas para dentro, mas elas não entram completamente; estão perigosamente perto das rodas. Solto um grito e ralo o joelho no chão ao me arrastar para dentro.

Tobias entra depois de mim e agacha-se ao meu lado. Agarro o joelho e ranjo os dentes.

— Deixe eu ver seu joelho — diz ele. Ele levanta a perna da calça jeans acima do meu joelho. Seus dedos deixam rastros gelados e invisíveis na minha pele, e sinto vontade de agarrar sua camisa, puxá-lo para perto de mim e beijá-lo;

penso em colar meu corpo ao dele, mas não posso, porque todos os nossos segredos criariam um espaço entre nós.

Meu joelho está vermelho, sangrando.

— É uma ferida superficial. Vai sarar rápido — diz ele.

Aceno afirmativamente com a cabeça. A dor já está passando. Ele enrola a calça para que permaneça acima do meu joelho. Deito no chão, olhando para o teto.

— E aí? *Ele* continua na sua paisagem do medo? — pergunto.

Parece que alguém acendeu um fósforo atrás dos seus olhos.

— Sim. Mas não da mesma maneira.

Ele me disse, certa vez, que sua paisagem do medo não havia mudado desde que passou por ela pela primeira vez, durante sua iniciação. Portanto, se ela mudou agora, mesmo que só um pouco, isso é algo importante.

— Agora você está nela. — Ele franze a testa e encara as próprias mãos. — Em vez de ter que atirar naquela mulher, como eu costumava fazer, preciso assistir a você morrendo. E não há nada que eu possa fazer para evitar.

Suas mãos tremem. Tento pensar em algo útil para dizer, como "Eu não vou morrer", mas não tenho como garantir isso. Vivemos em um mundo perigoso, e não valorizo tanto a vida a ponto de fazer qualquer coisa para sobreviver. Não há como confortá-lo.

Ele confere o relógio novamente.

— Eles chegarão a qualquer instante.

Levanto-me e vejo Evelyn e Edward parados ao lado dos trilhos. Começam a correr antes que o trem passe por eles e pulam para dentro com quase a mesma facilidade que Tobias. Devem ter andado praticando.

Edward solta um riso de deboche ao me ver. Hoje em seu tapa-olho está costurado um grande "X" azul.

— Olá — cumprimenta Evelyn, olhando apenas para Tobias, como se eu nem estivesse aqui.

— Que ótimo local de encontro — diz Tobias. Está quase escuro agora, portanto vejo apenas o contorno negro dos prédios contra o céu azul-escuro e algumas luzes brilhando perto do lago, que devem ser da sede da Erudição.

O trem vira em uma direção que não costuma virar, para a esquerda, para longe das luzes da Erudição, em direção à parte abandonada da cidade. Pela redução dos ruídos dentro do vagão, percebo que o trem está desacelerando.

— Pareceu mais seguro — diz Evelyn. — Então, você queria se encontrar conosco.

— Sim. Gostaria de negociar uma aliança.

— Uma aliança — repete Edward. — E quem lhe deu a autoridade para fazer isso?

— Ele é um dos líderes da Audácia — digo. — Tem a autoridade para isso.

Edward ergue as sobrancelhas, impressionado. Evelyn finalmente olha para mim, mas apenas por alguns segundos, antes de sorrir para Tobias novamente.

— Interessante — diz ela. — *Ela* também é líder da Audácia?

— Não. Ela está aqui para me ajudar a decidir se devo ou não confiar em vocês.

Evelyn contrai os lábios. Parte de mim quer se aproximar do rosto dela e dizer: "Rá!" Mas me contento em dar um pequeno sorriso.

— Nós, é claro, concordamos com uma aliança... com algumas condições — diz Evelyn. — Um lugar garantido e igual dentro do governo que se formará depois que a Erudição for destruída e o controle total dos dados da Erudição depois do ataque. É claro...

— O que você fará com os dados da Erudição? — interrompo-a.

— Vamos destruí-los, é claro. A única maneira de tirar o poder da Erudição é tirando seu conhecimento.

Minha primeira reação é dizer o quão tola ela é. Mas algo me detém. Sem a tecnologia das simulações, sem os dados que eles têm a respeito das outras

facções, sem seu foco no avanço tecnológico, o ataque contra a Abnegação não teria ocorrido. Meus pais estariam vivos.

Mesmo se conseguirmos matar Jeanine, será que poderíamos confiar que a Erudição não tentaria nos atacar e controlar novamente? Não tenho certeza.

— O que receberíamos em troca, sob esses termos? — pergunta Tobias.

— Nosso efetivo, que vocês precisam tanto para tomar a sede da Erudição, e um lugar igual no governo, ao nosso lado.

— Tenho certeza de que Tori também vai exigir o direito de livrar o mundo de Jeanine Matthews — diz ele, baixinho.

Ergo as sobrancelhas. Não sabia que o ódio de Tori por Jeanine era algo de conhecimento geral. Ou talvez não seja. Ele deve saber coisas sobre ela que as outras pessoas não sabem, agora que os dois se tornaram líderes.

— Tenho certeza de que podemos arranjar isso — responde Evelyn. — Não me importa quem vai matá-la; quero apenas que ela morra.

Tobias olha para mim. Gostaria de poder contar para ele por que estou em conflito... explicar por que justamente eu tenho dúvidas sobre esmagar a Erudição, por assim dizer. Mas não saberia como explicar isso, mesmo que estivéssemos com tempo. Ele se volta para Evelyn.

— Então, estamos de acordo.

Ele lhe oferece a mão, e ela a aperta.

— Seria bom nos reunirmos em uma semana — diz ela. — Em um território neutro. A maior parte da Abnegação graciosamente permitiu que nós ficássemos no setor deles da cidade, para elaborar nosso plano, enquanto eles limpam os escombros do ataque.

— A maior parte?

O rosto de Evelyn endurece.

— Infelizmente, seu pai ainda comanda muitos deles, e ele os aconselhou a nos evitar quando veio visitar o lugar há alguns dias. — Ela abre um sorriso amargo. — E eles concordaram, como fizeram quando ele os convenceu a me exilarem.

— Eles exilaram você? — pergunta Tobias. — Pensei que você tivesse *nos deixado*.

— Não, os membros da Abnegação estavam inclinados a perdoar e buscar uma reconciliação, como você deve imaginar. Mas seu pai é muito influente dentro da Abnegação, como sempre foi. Decidi ir embora para não ser obrigada a enfrentar a humilhação de um exílio público.

Tobias parece chocado.

Edward, que está pendurado do lado de fora do vagão há alguns segundos, diz:

— Está na hora!

— Nós nos vemos em uma semana — diz Evelyn.

Quando o trem desce para o nível da rua, Edward salta. Alguns segundos depois, Evelyn o segue. Eu e Tobias permanecemos no trem, ouvindo o chiado das rodas nos trilhos, em silêncio.

— Por que você me trouxe, se ia fazer uma aliança de qualquer maneira? — pergunto finalmente, com a voz inexpressiva.

— Você não me deteve.

— O que eu poderia ter feito? Balançado as mãos para o alto? — Eu o encaro, irritada. — Mas não estou gostando nada disso.

— É uma aliança necessária.

— Não acho que seja. Deve haver outra maneira...

— Que outra maneira? — pergunta ele, cruzando os braços. — A questão é que você não gosta dela. Você não gosta dela desde que a conheceu.

— É claro que não gosto dela! Ela abandonou você!

— Eles a *exilaram*. E, se eu decidir perdoá-la, é melhor você também tentar fazer isso! Eu é que fui abandonado, não você.

— A questão é maior do que essa. Não confio nela. Acho que ela está tentando usar você.

— Mas não é você quem deve decidir isso.

— Por que você me trouxe, então? — digo, copiando seus braços cruzados. — Ah, lembrei. Para poder avaliar a situação. Bem, eu a avaliei e, só porque você não gosta do que eu decidi, não significa que...

— Eu tinha esquecido como sua parcialidade é capaz de obscurecer seu juízo. Se tivesse lembrado, não teria trazido você.

— A *minha* parcialidade? E quanto à *sua* parcialidade? E quanto a você achar que todos que odeiam seu pai tanto quanto você são seus aliados?

— Isso não tem nada a ver com ele!

— É claro que tem! Ele sabe de muitas coisas, Tobias. E nós deveríamos estar tentando descobrir que coisas são essas.

— Lá vem você de novo com essa história! Pensei que já tivéssemos resolvido isso. Ele é um *mentiroso*, Tris.

— Ah, é? — Ergo as sobrancelhas. — Bem, sua mãe também é. Você realmente acredita que a Abnegação exilaria alguém? Eu não acredito.

— Não fale assim da minha mãe.

Vejo uma luz na frente do trem. É a Pira.

— Está bem. — Caminho até a porta do vagão. — Não falarei mais.

Salto para fora, correndo um pouco ao alcançar o chão para manter o equilíbrio. Tobias salta depois de mim, mas não permito que ele me alcance. Caminho diretamente para o edifício, desço a escada e volto para o Fosso, a fim de encontrar um lugar para dormir.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

ALGO ME SACODE, e eu acordo.

– Tris! Levante-se!

Um grito. Não o questiono. Jogo as pernas para fora da cama e permito que uma mão me puxe em direção à porta. Estou descalça, e o chão é acidentado. Ele arranha meus dedos e as pontas dos meus calcanhares. Entrecerro os olhos para tentar enxergar quem está me puxando. Christina. Ela está quase arrancando o meu braço esquerdo.

– O que aconteceu? – pergunto. – O que houve?

– Cala a boca e corre.

Corremos até o Fosso, e o ronco do rio me segue pelos caminhos que sobem o paredão. A última vez que Christina me tirou correndo da cama foi para ver o corpo de Al sendo erguido para fora do abismo. Cerro os dentes e tento não pensar sobre isso. Isso não pode ter acontecido outra vez. Não pode.

Ela corre mais rápido do que eu, e arquejo enquanto avançamos rapidamente pelo chão de vidro da Pira. Christina dá um tapa forte no botão do elevador e entra nele antes que as portas se abram completamente, arrastando-me atrás de si. Ela aperta o botão FECHAR PORTA e depois o botão do último andar.

– Simulação – diz ela. – Está ocorrendo uma simulação. Nem todos estão sob o efeito, apenas... apenas algumas pessoas.

Ela apoia as mãos nos joelhos e respira fundo.

– Um deles disse alguma coisa sobre os Divergentes.

– Disse? – pergunto. – Sob o efeito da simulação?

Ela acena com a cabeça.

— A Marlene. Mas não soava como ela. Sua voz estava muito... inexpressiva.

As portas se abrem, e eu sigo Christina pelo corredor, até uma porta onde está escrito ACESSO AO TELHADO.

— Christina, por que estamos indo para o telhado? — pergunto.

Ela não me responde. A escada que leva ao telhado cheira a tinta velha. Há pichações da Audácia em tinta escura nas paredes de cimento. O símbolo da Audácia. Iniciais ligadas por sinais de mais: RG + NT, BR + FH. Casais que provavelmente estão velhos agora e talvez já tenham até se separado. Levo a mão ao peito para sentir o bater do meu coração. Ele está rápido demais. Nem sei como ainda estou respirando.

O ar noturno está gelado e faz os pelos dos meus braços se arrepiarem. Meus olhos já se ajustaram à escuridão, e, do outro lado do telhado, vejo três figuras em pé sobre a mureta da beirada, encarando-me. Uma delas é Marlene. A segunda é Hector. A outra é uma pessoa que não conheço, uma criança da Audácia, que não deve ter nem oito anos, com uma mecha verde no cabelo.

Eles estão parados sobre a mureta, embora o vento esteja soprando forte, jogando seus cabelos sobre suas testas e para dentro dos seus olhos e boca. Suas roupas estalam com o vento, mas, mesmo assim, eles continuam imóveis.

— Apenas desçam da mureta — diz Christina. — Não façam nada idiota. Vamos...

— Eles não conseguem ouvir você — falo baixinho, enquanto caminho em direção a eles. — Ou ver você.

— Deveríamos agarrar todos eles ao mesmo tempo. Eu pego Hec, e você...

— Arriscaremos jogá-los para fora do telhado se fizermos isso. Fique ao lado da garota, por via das dúvidas.

Ela é jovem demais para isso, penso. Mas não digo nada, porque isso significaria que Marlene, por sua vez, é velha o bastante.

Encaro Marlene, cujos olhos estão inexpressivos como pedras pintadas ou esferas de vidro. Sinto como se aquelas pedras estivessem descendo pela minha garganta e parando no meu estômago, puxando-me em direção ao chão. Não há como tirá-la daquela mureta.

Finalmente, ela abre a boca e fala:

— Tenho uma mensagem para os Divergentes. — Sua voz soa monótona. A simulação está usando suas cordas vocais, mas a privando das flutuações naturais da emoção humana.

Desvio o olhar de Marlene para Hector. Hector, que tinha tanto medo do que eu sou, porque sua mãe disse que deveria ter. Lynn provavelmente continua ao lado do leito de Shauna, esperando que ela consiga mover suas pernas quando acordar. Lynn não pode perder Hector.

Dou um passo à frente para receber a mensagem.

— Isso não é uma negociação. É um aviso — diz a simulação através de Marlene, movendo seus lábios e vibrando suas cordas vocais. — A cada dois dias, até que um de vocês se entregue na sede da Erudição, isso vai se repetir.

Isso.

Marlene dá um passo para trás e eu salto para a frente, mas não em direção a ela. Não em direção a Marlene, que um dia deixou que Uriah atirasse em um bolinho sobre sua cabeça, depois que ele a desafiou. Que juntou uma pilha de roupas para eu usar. Que sempre, sempre me recebeu com um sorriso. Não, não em direção a Marlene.

Enquanto Marlene e a outra garota da Audácia pisam para fora da beirada do prédio, salto em direção a Hector.

Agarro tudo o que consigo. Um braço. Um pedaço de camisa. O chão áspero do telhado rala meus joelhos quando seu peso me puxa para a frente. Não sou forte o bastante para erguê-lo.

— Socorro — sussurro, porque não consigo falar mais alto.

Christina já está ao meu lado. Ela me ajuda a puxar o corpo mole de Hector até o telhado. Seus braços caem para o lado, inanimados. A alguns metros de

distância, a menininha está deitada de costas sobre o telhado.

De repente, a simulação termina. Hector abre os olhos, e eles não parecem mais vazios.

— Ai — diz ele. — O que está acontecendo?

A menininha choraminga, e Christina vai até ela, murmurando algo em um tom reconfortante.

Eu me levanto, com o corpo inteiro tremendo. Caminho lentamente até a beirada do telhado e olho para baixo. A rua não está muito bem iluminada, mas consigo ver o contorno vago de Marlene na calçada.

Respirar. O que importa se eu consigo respirar ou não?

Desvio o rosto, ouvindo meu coração bater em meus ouvidos. Christina mexe a boca. Eu a ignoro e caminho até a porta, descendo a escada e depois o corredor, até o elevador.

A porta se fecha e, enquanto desabo no chão, assim como Marlene fez quando decidi não a salvar, solto um grito, unhando minhas próprias roupas. Minha garganta arde depois de alguns segundos, e há arranhões em meus braços, onde minhas unhas feriram a pele, mas continuo gritando.

O elevador para e toca um sinal. A porta se abre.

Ajeito minha camisa, depois meu cabelo, e saio.

+ + +

Tenho uma mensagem para os Divergentes.

Eu sou Divergente.

Isso não é uma negociação.

Não, não é.

É um aviso.

Entendido.

A cada dois dias, até que um de vocês se entregue na sede da Erudição...

Eu me entregarei.

... isso vai se repetir.

Isso nunca mais vai se repetir.

CAPÍTULO VINTE E SETE

ATRAVESSO A MULTIDÃO ao lado do abismo. O Fosso está barulhento, e não apenas por causa do ronco do rio. Quero encontrar um pouco de silêncio, então escapo para o corredor que leva aos dormitórios. Não quero ouvir o discurso que Tori fará em homenagem a Marlene, nem estar por perto dos brindes e dos gritos quando os membros da Audácia celebrarem sua vida e sua coragem.

Esta manhã, Lauren disse que havíamos esquecido algumas das câmeras nos dormitórios dos iniciandos, onde Christina, Zeke, Lauren, Marlene, Hector e Kee, a menina da mecha verde, estavam dormindo. É assim que Jeanine descobriu quem estava sendo controlado pela simulação. Não tenho a menor dúvida de que Jeanine escolheu membros jovens da Audácia porque sabia que suas mortes nos afetariam mais.

Paro em um corredor que não reconheço e encosto a testa na parede. A pedra é fria e áspera. Consigo ouvir os gritos dos membros da Audácia atrás de mim, abafados pelas camadas de pedra.

Ouço alguém se aproximando e olho para o lado. Christina, ainda vestida com as mesmas roupas de ontem à noite, está a alguns metros de mim.

— Oi — diz ela.

— Não estou em condições de me sentir ainda mais culpada agora. Então, por favor, vá embora.

— Só quero dizer uma coisa, depois eu saio.

Seus olhos estão inchados e sua voz, sonolenta não sei se pela exaustão, por ela ter bebido um pouco, ou por causa dos dois. Mas seu olhar é tão direto que eu imagino que ela deve saber o que está dizendo. Afasto-me da parede.

— Nunca tinha visto uma simulação como aquela. Sabe, de fora. Mas ontem... — Ela balança a cabeça. — Você tinha razão. Eles não conseguiam ouvir você, não conseguiam ver você. Assim como Will...

Christina engasga ao falar o nome dele. Ela para, respira fundo, engole em seco e pisca algumas vezes. Depois, volta a olhar para mim.

— Você disse que precisou fazer aquilo, ou ele teria atirado em você, e eu não acreditei. Agora acredito, e... Vou tentar perdoar você. É... é só isso o que eu queria dizer.

Uma parte de mim fica aliviada. Ela acredita em mim e está tentando me perdoar, mesmo que não seja fácil.

Mas uma parte maior de mim sente raiva. O que ela pensava antes de agora? Que eu *queria* atirar em Will, um dos meus melhores amigos? Ela deveria ter confiado em mim desde o princípio, deveria *saber* que eu não teria feito aquilo se tivesse conseguido enxergar outra opção na hora.

— Que sorte a minha você finalmente ter conseguido uma *prova* de que não sou uma assassina de sangue-frio. Quer dizer, além da minha palavra. Por que você acreditaria em mim, não é mesmo? — Forço uma risada, tentando permanecer indiferente. Ela abre a boca, mas eu continuo falando, sem conseguir me conter: — É melhor você se apressar com essa história de me perdoar, porque não temos muito tempo...

Minha voz falha, e eu não consigo mais me controlar. Começo a soluçar. Apoio-me na parede e sinto meu corpo deslizando para o chão, à medida que minhas pernas enfraquecem.

Minha visão está tão borrada que não consigo vê-la, mas sinto quando ela me envolve em seus braços e me aperta até doer. Ela cheira a óleo de coco e é forte, exatamente como era durante a iniciação da Audácia, quando ficou pendurada sobre o abismo pelas pontas dos dedos. Naquela época, que não faz tanto tempo assim, ela fazia com que eu me sentisse fraca, mas agora sua força faz com que eu sinta que posso ser mais forte também.

Nós nos ajoelhamos juntas no chão de pedra, e eu a agarro com a mesma força com que ela está me agarrando.

— Já foi — diz ela. — É isso o que eu queria dizer. Que eu já perdoei você.

+ + +

Todos os membros da Audácia se calam quando entro no refeitório aquela noite. Eu não os culpo. Como uma Divergente, tenho o poder de permitir que Jeanine mate um deles. A maioria deles provavelmente quer que eu me sacrifique por eles. Ou estão morrendo de medo de que eu não faça isso.

Se estivéssemos na Abnegação, não haveria um único Divergente sentado aqui agora.

Por um instante, não sei para onde ir, nem como chegar lá. Mas Zeke acena para mim, convidando-me para sua mesa com uma aparência triste, e eu guio meus passos em sua direção. Mas, antes que consiga chegar lá, sou abordada por Lynn.

É uma Lynn diferente da que conheço. O brilho de ferocidade em seu olhar se foi. Agora ela está pálida e morde o lábio para fingir que ele não está tremendo.

— É... — diz ela. Ela olha para a esquerda, para a direita, para qualquer direção que não a minha cara. — Eu realmente... Sinto falta de Marlene. Eu a conhecia há muito tempo, e eu... — Ela balança a cabeça. — A questão é: não pense que o fato de eu falar isso tenha *qualquer* coisa a ver com Marlene — continua ela, como se estivesse me dando uma bronca. — Mas... obrigada por salvar Hec.

Lynn desloca seu peso de um pé para o outro, movendo rapidamente os olhos por todo o refeitório. Depois, ela me abraça com um braço, agarrando minha camisa. Sinto uma pontada de dor no ombro, mas não falo nada.

Ela me solta, funga, depois começa a caminhar em direção à sua mesa, como se nada tivesse acontecido. Olho para ela por alguns segundos enquanto ela volta para a mesa e se senta.

Zeke e Uriah estão sentados um ao lado do outro, e o restante dos assentos da mesa estão vazios. O rosto de Uriah está abatido, e ele nem parece estar completamente acordado. Há uma garrafa marrom-escura na frente dele, e ele dá um gole de vez em quando.

Sinto-me cautelosa perto dele. Salvei Hec, e isso significa que deixei de salvar Marlene. Mas Uriah não olha para mim. Puxo a cadeira na frente dele e me sento na ponta.

— Onde está Shauna? — pergunto. — Ela ainda está no hospital?

— Não, ela está ali — diz Zeke, acenando com a cabeça em direção à mesa onde Lynn foi se sentar. Vejo-a lá, tão pálida que parece translúcida, sentada em uma cadeira de rodas. — Shauna não deveria ter saído da cama, mas Lynn está muito mal, e ela resolveu lhe fazer companhia.

— Mas, caso você esteja se perguntando por que elas estão tão longe de nós... é porque Shauna descobriu que sou Divergente — explica Uriah, com a voz arrastada. — E não quer que eu a contagie.

— Ah.

— Ela também está esquisita comigo — diz Zeke, suspirando. — Ela me perguntou como posso saber que meu irmão não está trabalhando contra nós e se eu o tenho observado. Eu daria tudo para poder socar a pessoa que envenenou a mente dela.

— Você não precisa dar nada a ninguém — diz Uriah. — A mãe dela está sentada logo ali. Vá lá e bata nela.

Sigo seu olhar até uma mulher de meia-idade com mechas azuis no cabelo e orelhas cobertas de brincos até os lóbulos. Ela é bonita, assim como Lynn.

Tobias entra no refeitório um pouco depois, seguido por Tori e Harrison. Tenho evitado-o. Não conversamos desde a nossa discussão, antes do incidente com Marlene...

— Olá, Tris — diz Tobias, quando está perto o bastante para que eu consiga ouvi-lo. Sua voz é grave e áspera. Ela me transporta para lugares tranquilos.

— Olá — respondo, com uma voz travada que não me pertence.

Ele se senta ao meu lado e apoia o braço no encosto da minha cadeira, inclinando-se para perto de mim. Não olho para ele. Eu me *recuso* a olhar para ele.

Olho para ele.

Seus olhos são escuros, com um tom peculiar de azul, capazes de fazer sumir todo o restante do refeitório, de me confortar, mas também de me lembrar de que estamos mais distantes um do outro do que eu gostaria que estivéssemos.

— Você não vai me perguntar se estou bem?

— Não. Tenho certeza de que você não está. — Ele balança a cabeça. — Vou apenas pedir que você não tome nenhuma decisão até que tenhamos conversado a respeito disso.

Tarde demais, penso. *A decisão já foi tomada.*

— Você quer dizer até que tenhamos todos conversado a respeito disso, porque isso envolve todos nós — acrescenta Uriah. — Acho que ninguém deve se entregar.

— Ninguém? — pergunto.

— Não! — diz Uriah, irritado. — Acho que devemos contra-atacar.

— Boa ideia — digo, secamente. — Vamos provocar a mulher capaz de forçar metade deste complexo a se suicidar. É uma ótima ideia.

Fui dura demais. Uriah vira o conteúdo de sua garrafa na boca. Ele bate com a garrafa na mesa com tanta força que acho que ela vai quebrar.

— Não fale sobre isso dessa maneira — diz ele, rugindo.

— Desculpe, mas você sabe que tenho razão. A melhor maneira de evitar a morte de metade da nossa facção é sacrificando uma única vida.

Não sei o que esperar. Talvez que Uriah, que sabe muito bem o que acontecerá se um de nós não se entregar, se voluntarie. Mas ele abaixa a cabeça. Não quer fazer isso.

— Eu, Tori e Harrison decidimos aumentar a segurança. Esperamos que, se todos estiverem mais cientes desses ataques, conseguiremos evitá-los —

diz Tobias. — Se isso não funcionar, pensaremos em outra solução. Fim de papo. Mas ninguém fará nada por enquanto. Certo?

Ele olha para mim ao falar isso, erguendo as sobrancelhas.

— Está bem — concordo, sem encará-lo de volta.

+ + +

Depois do jantar, tento voltar para o dormitório onde tenho dormido, mas não consigo passar pela porta. Então ando pelos corredores, roçando os dedos pelas paredes de pedra, ouvindo os ecos dos meus passos.

Sem querer, passo pelo bebedouro onde Peter, Drew e Al me atacaram. Descobri que era o Al por causa do seu perfume. Até hoje me lembro do cheiro de erva-cidreira. Hoje, não o associo mais ao meu amigo, mas à impotência que senti quando eles me arrastaram até o abismo.

Caminho mais rápido, mantendo os olhos bem abertos, para tentar evitar que a cena do ataque volte à minha mente. Preciso sair daqui, me afastar dos lugares onde meu amigo me atacou, onde Peter esfaqueou Edward, onde um exército inconsciente de amigos meus começou sua marcha em direção ao setor da Abnegação, dando início a toda essa loucura.

Vou direto ao último lugar onde me senti segura: o pequeno apartamento de Tobias. Assim que alcanço a porta, sinto-me mais calma.

A porta não está completamente fechada. Empurro-a com o pé. Ele não está lá, mas não vou embora. Sento-me na cama dele e seguro a colcha, mergulhando o rosto no tecido e respirando fundo. O antigo cheiro da colcha quase não existe mais; faz muito tempo que ele não dorme aqui.

A porta se abre e Tobias entra. Meu braço amolece e a colcha cai no meu colo. Como explicarei minha presença aqui? Eu deveria estar irritada com ele.

Ele não está carrancudo, mas sua boca está tão tensa que dá para ver que está com raiva de *mim*.

— Não seja idiota — diz ele.

— Idiota?

— Você mentiu. Você disse que não iria para a Erudição, mas mentiu, e ir para a Erudição faria de você uma idiota. Portanto, não vá.

Coloco a colcha na cama e me levanto.

— Não tente simplificar a situação — digo. — Ela não é simples. Você sabe muito bem que essa é a coisa certa a se fazer.

— Você escolheu *esse momento* para agir como alguém da Abnegação? — Sua voz preenche o quarto e faz meu peito formigar de medo. Sua raiva parece repentina demais. Estranha demais. — Você passou aquele tempo todo insistindo que era egoísta demais para eles, e agora que sua *vida* está em jogo, você resolve agir como uma heroína? Qual é o seu problema?

— Qual é o *seu* problema? Uma pessoa morreu. Ela se jogou do telhado! E eu posso impedir que isso ocorra novamente!

— Você é importante demais para simplesmente... morrer. — Ele balança a cabeça. Não consegue nem olhar para mim. Seus olhos ficam se desviando do meu rosto para a parede atrás de mim, ou para o teto, para tudo que não seja eu. Estou atordoada demais para sentir raiva.

— Não sou importante. Todos vão se sair bem sem mim.

— Quem se importa com os outros? E quanto a *mim*?

Ele abaixa a cabeça e a apoia em sua mão, cobrindo os olhos. Seus dedos estão tremendo.

Depois, atravessa o quarto a passos largos e encosta os lábios nos meus. A pressão delicada dos seus lábios apaga os últimos meses da minha vida, e eu me torno a menina sentada sobre as pedras do abismo, com gotículas da água do rio nas canelas, quando o beijei pela primeira vez. Sou a menina que segurou a mão dele no corredor só porque sentiu vontade de fazê-lo.

Afasto-me, com a mão apoiada em seu peito para mantê-lo distante. O problema é que também sou a menina que atirou em Will, depois mentiu a respeito disso, que escolheu entre Hector e Marlene e que fez tantas outras coisas. E não posso apagar tudo isso.

— Você ficaria bem. — Não olho para ele. Encaro sua camiseta por entre meus dedos e a tinta preta na curva de seu pescoço, mas não olho para seu rosto. — A princípio, não. Mas você seguiria em frente e faria o que precisa ser feito.

Ele envolve a minha cintura com um dos braços e me puxa para perto.

— Isso é uma *mentira* — diz ele, antes de me beijar novamente.

Isso é errado. É errado esquecer a pessoa que me tornei e deixar que ele me beije quando sei muito bem o que estou prestes a fazer.

Mas eu quero isso. Ah, eu quero.

Fico na ponta dos pés e o envolvo em meus braços. Apoio a mão entre as suas omoplatas e coloco a outra ao redor do seu pescoço. Consigo sentir sua respiração na palma da mão, enquanto seu corpo se expande e contrai, e sei que ele é forte, estável, irrefreável. Todas as coisas que preciso ser, mas não sou. Não sou.

Ele caminha para trás, puxando-me consigo, e eu tropeço. Tropeço e meus pés escapam dos sapatos. Quatro se senta na beirada da cama, e fico em pé diante dele, finalmente nos encarando olho no olho.

Ele toca meu rosto, cobrindo minhas bochechas com as mãos, deslizando as pontas dos dedos pelo meu pescoço, encaixando-os na curva tênue dos meus quadris.

Não consigo impedi-lo.

Encaixo minha boca na dele. Ele tem gosto de água e cheira a ar fresco. Deslizo a mão do seu pescoço até a parte inferior das suas costas, e a enfio sob sua camisa. Ele me beija com mais força.

Sabia que ele era forte, mas não sabia o quanto até sentir os músculos das suas costas contraindo-se entre meus dedos.

Pare, digo a mim mesma.

De repente é como se estivéssemos com pressa, seus dedos acariciando a lateral do meu corpo sob minha camisa, minhas mãos agarrando-o, enquanto nos esforçamos para chegar mais perto um do outro, embora seja impossível.

Ele se afasta apenas o suficiente para me olhar nos olhos, com as pálpebras semicerradas.

— Prometa-me que você não vai — sussurra ele. — Por mim. Faça apenas isso por mim.

Será que eu conseguiria fazer isso? Será que conseguiria ficar aqui, resolver as coisas com ele, deixar alguém morrer em meu lugar? Olhando para ele, acredito por um instante que eu conseguiria. De repente, vejo Will. A ruga entre suas sobrancelhas. Seus olhos vazios, dominados pela simulação. Seu corpo caído.

Faça apenas isso por mim. Os olhos escuros de Tobias imploram.

Mas, se eu não for à Erudição, quem irá? Tobias? É o tipo de coisa que ele faria.

Sinto uma pontada no peito ao mentir para ele.

— Está bem.

— Você promete? — pergunta ele, franzindo a testa.

A pontada vira uma dor, espalhando-se por todo o meu corpo, em uma mistura de culpa, medo e anseio.

— Prometo — respondo.

CAPÍTULO VINTE E OITO

AO COMEÇAR A cair no sono, ele mantém os braços em volta de mim, impetuosamente, como uma prisão para preservar minha vida. Mas eu espero, mantida acordada pelo pensamento de corpos se chocando contra a calçada, até que seu abraço se afrouxa e a respiração torna-se estável.

Não permitirei que Tobias vá para a Erudição quando isso acontecer novamente, quando outra pessoa morrer. Não permitirei.

Escapo dos seus braços. Visto um dos seus pulôveres para poder carregar seu cheiro comigo. Calço os sapatos. Não levo nenhuma arma ou lembrança.

Paro na porta e olho para ele, meio enterrado sob a colcha, pacífico e forte.

— Eu te amo — digo baixinho, experimentando a sensação de falar essas palavras. Deixo que a porta se feche atrás de mim.

Está na hora de colocar tudo em ordem.

Caminho até o dormitório onde os iniciandos nascidos na Audácia costumavam dormir. O quarto é exatamente igual àquele em que eu costumava dormir quando era uma inicianda; é comprido e estreito, com beliches nos dois lados e um quadro-negro em uma das paredes. Vejo, com a ajuda de uma luz azul em um dos cantos, que ninguém se preocupou em apagar o ranking escrito no quadro. O nome de Uriah continua no topo da lista.

Christina está dormindo na cama de baixo de um dos beliches, sob a cama de Lynn. Não quero assustá-la, mas não há outra maneira de acordá-la, portanto cubro a sua boca com a mão. Ela acorda sobressaltada, com os olhos arregalados, até me ver. Encosto o dedo nos lábios e peço para ela me seguir.

Caminho até o final do corredor, depois sigo por outro. Ele é iluminado por uma lâmpada de emergência salpicada de tinta, localizada sobre uma das portas de saída. Christina está descalça; ela contrai os dedos do pé, tentando protegê-los do frio.

— O que houve? Você está indo para algum lugar?

— Sim, eu... — Tenho que mentir, ou ela tentará me impedir. — Vou visitar meu irmão. Ele está com a Abnegação, lembra?

Ela semicerra os olhos.

— Desculpe acordar você. Mas preciso que você faça uma coisa. É muito importante.

— Tudo bem. Tris, você está muito estranha. Tem certeza de que não está...

— Não estou. Ouça bem. O momento do ataque de simulação não foi aleatório. Ele ocorreu naquele momento porque a Abnegação estava prestes a fazer alguma coisa. Não sei o que era, mas tinha a ver com alguma informação importante, e agora a Jeanine *tem* essa informação...

— O quê? — Ela franze a testa. — Você não sabe o que eles estavam prestes a fazer? Mas você sabe que informação era essa?

— Não. — Devo estar parecendo uma louca. — O problema é que não consegui descobrir muito a respeito disso, porque Marcus Eaton é a única pessoa que sabe de tudo e ele não quer me contar. Eu apenas... esse é o motivo do ataque. Esse é o *motivo*. E precisamos descobrir o que é.

Não sei mais o que dizer. Mas Christina já está acenando com a cabeça.

— É o motivo que levou Jeanine a nos forçar a atacar pessoas inocentes — diz ela, em um tom amargo. — Sim. Precisamos descobrir o que é.

Eu tinha quase me esquecido disso. *Ela* também esteve sob o efeito da simulação. Quantos membros da Abnegação será que ela matou? Como será que se sentiu quando acordou da simulação como uma assassina? Nunca perguntei isso a ela e nunca perguntarei.

— Preciso da sua ajuda, e logo. Preciso que alguém convença Marcus a cooperar e acho que você conseguirá fazer isso.

Ela inclina a cabeça para o lado e me encara por alguns segundos.

— Tris. Não faça nada idiota.

Forço um sorriso.

— Por que as pessoas não param de me pedir isso?

Ela agarra o meu braço.

— Não estou brincando.

— Já disse, estou indo visitar Caleb. Voltarei dentro de alguns dias e poderemos montar uma estratégia. Só pensei que seria bom se alguém soubesse de tudo isso antes de eu partir. Só por via das dúvidas. Está bem?

Ela segura o meu braço por alguns segundos, depois solta.

— Está bem.

Caminho em direção à saída. Eu me controlo até atravessar a porta, mas depois as lágrimas começam a escorrer.

É a última conversa que jamais terei com ela e foi repleta de mentiras.

+ + +

Quando saio do edifício, visto o capuz do pulôver de Tobias. Ao alcançar o final da rua, olho ao redor, procurando algum sinal de vida. Não há ninguém.

O ar gelado faz o meu pulmão formigar ao entrar, e, ao sair, forma uma nuvem de vapor. O inverno logo chegará. Será que a Erudição e a Audácia ainda estarão nesse estado suspenso, esperando que um grupo destrua o outro? Ainda bem que não estarei aqui para ver isso.

Antes de escolher a Audácia, eu nunca pensava em coisas assim. Pelo menos eu estava segura de que viveria muito tempo. Agora, não há segurança alguma, exceto de que, seja para onde eu for, vou porque escolhi.

Caminho entre as sombras dos edifícios, esperando que meus passos não atraiam atenção. Nenhuma das luzes da cidade está acesa nessa região, mas a luz da lua é forte o suficiente para que eu consiga ver para onde estou indo sem muita dificuldade.

Caminho sob os trilhos elevados. Eles tremem com o movimento de um trem que se aproxima. Preciso caminhar mais rápido se eu quiser chegar lá antes que alguém perceba que saí. Desvio de uma grande rachadura no asfalto, depois salto sobre um poste caído.

Não pensei na distância que teria que andar antes de partir. Não demora muito para o meu corpo esquentar com o exercício de andar, olhar para trás o tempo todo e desviar dos perigos que há na rua. Acelero o passo, meio caminhando e meio correndo.

Logo, alcanço uma parte da cidade que reconheço. As ruas aqui são mais bem cuidadas, limpas e com poucos buracos. Ao longe, vejo as luzes da sede da Erudição, violando as nossas leis de conservação de energia. Não sei o que farei quando chegar lá. Exigir que me levem até Jeanine? Ou apenas ficar parada até que alguém me note?

Roço os dedos em uma das janelas do edifício ao meu lado. Falta pouco. Agora que estou perto, começo a tremer, o que torna a caminhada mais difícil. Respirar também não é fácil; paro de tentar fazer silêncio e deixo que o ar entre e saia ruidosamente dos meus pulmões. O que será que eles farão comigo quando eu chegar lá? Quais serão os planos deles para mim depois que eu deixar de ser útil, e eles resolverem me matar? Tenho certeza de que vão acabar me matando. Concentro-me em seguir em frente, em mover as pernas, mesmo que elas pareçam incapazes de sustentar meu peso.

De repente, encontro-me diante da sede da Erudição.

Do lado de dentro, grupos de pessoas vestindo camisas azuis sentam-se ao redor de mesas, escrevendo em computadores, inclinados sobre livros ou passando folhas de papel umas para as outras. Algumas delas são pessoas decentes, que não compreendem o que sua facção fez, mas se, neste momento, todo este edifício desabasse sobre elas, eu provavelmente não ligaria.

Esta é a minha última chance de desistir. O ar gelado pinica minhas bochechas e minhas mãos enquanto hesito. Posso ir embora. Refugiar-me no

complexo da Audácia. Esperar e rezar e desejar que ninguém morra por causa do meu egoísmo.

Mas a verdade é que não posso ir embora, ou a culpa, o peso da morte de Will, dos meus pais e agora de Marlene, vai quebrar os meus ossos e impedir que eu respire.

Caminho lentamente em direção ao edifício e abro a porta.

É a única maneira de evitar que eu morra sufocada.

+ + +

Depois que meus pés tocam o chão de madeira e me encontro diante do enorme retrato de Jeanine Matthews pendurado na parede diante de mim, por um segundo ninguém me nota, nem mesmo os dois soldados traidores da Audácia rodeando a entrada. Caminho até a recepção, onde um homem calvo de meia-idade está sentado, examinando uma pilha de papéis. Coloco as mãos na mesa.

— Com licença — digo.

— Só um instante — diz ele, sem levantar a cabeça.

— Não.

Neste momento ele levanta a cabeça, com óculos tortos e uma expressão irritada, como se estivesse prestes a me dar uma bronca. Mas as palavras ficam travadas em sua garganta. Ele me encara, boquiaberto, com os olhos pulando do meu rosto para o pulôver preto que estou vestindo.

Apesar do meu medo, acho sua expressão engraçada. Abro um pequeno sorriso e escondo as mãos, que estão tremendo.

— Acho que Jeanine Matthews quer falar comigo — digo. — Portanto, peço que entre em contato com ela, por favor.

Ele faz um sinal para os traidores da Audácia que estão perto da porta, mas nem precisava. Os guardas finalmente perceberam o que está acontecendo. Soldados da Audácia que estavam em outros cantos do salão também já estão

vindo em minha direção, cercando-me, mas sem tocar em mim ou falar comigo. Olho para seus rostos tentando manter-me o mais plácida possível.

— Divergente? — pergunta um deles finalmente, enquanto o homem atrás da mesa pega o receptor do sistema de comunicações do edifício.

Ao cerrar os punhos, consigo evitar que minhas mãos tremam. Aceno com a cabeça.

Meus olhos voltam-se para os traidores da Audácia que estão saindo do elevador no lado esquerdo do salão, e os músculos do meu rosto murcham. Peter está vindo em minha direção.

Mil possíveis reações, desde me lançar contra a garganta de Peter a começar a chorar ou fazer uma piada atravessam minha mente ao mesmo tempo. Não consigo me decidir por uma delas. Portanto, apenas fico parada, observando-o. Jeanine deveria saber que eu vinha. Ela deve ter escolhido Peter de propósito para vir me buscar. Com certeza.

— Recebemos ordens para levá-la lá para cima — diz Peter.

Quero dar uma resposta ríspida ou indiferente, mas o único som que escapa de mim é um ruído de consentimento, sufocado pelo nó em minha garganta. Peter caminha em direção ao elevador, e eu o sigo.

Passamos por uma série de corredores elegantes. Apesar de subirmos algumas escadas, ainda sinto que estou descendo para as profundezas da terra.

Espero que eles me levem até Jeanine, mas não é isso o que fazem. Eles param de andar em um corredor curto, com uma série de portas de metal nos dois lados. Peter digita um código para abrir uma das portas, e os traidores da Audácia me cercam, de ombro a ombro, formando um túnel estreito para eu passar até o quarto.

O quarto é pequeno, com mais ou menos um metro e oitenta por um metro e oitenta. O chão, as paredes e o teto são todos feitos dos mesmos painéis de luz que havia na sala do teste de aptidão, mas os daqui estão à meia-luz. Em cada um dos cantos há uma minúscula câmera preta.

Finalmente, permito-me entrar em pânico.

Olho para cada um dos cantos, para as câmeras, e tento conter o grito que cresce dentro do meu estômago, do meu peito, da minha garganta, o grito que preenche cada parte de mim. Mais uma vez, sinto a culpa e a tristeza me arranhando por dentro, lutando uma contra a outra pela dominância, mas o medo é mais forte do que as duas. Respiro, mas não consigo soltar o ar. Meu pai me disse certa vez que isso era bom para curar soluços. Eu perguntei a ele se era possível morrer prendendo a respiração.

— Não — disse ele. — Seus instintos a forçarão a respirar.

É uma pena. Uma saída agora até que seria uma boa. Esse pensamento me faz querer rir. Depois gritar.

Agacho-me até conseguir tocar o rosto nos joelhos. Preciso bolar um plano. Se eu conseguir fazer isso, não sentirei tanto medo.

Mas não há plano algum. Não há como escapar das profundezas da sede da Erudição, não há como escapar de Jeanine e não há mais como escapar do que eu fiz.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

ESQUECI DE TRAZER meu relógio.

Minutos ou horas depois, quando o pânico diminui, é disso que mais me arrependo. Não de vir aqui, já que essa me pareceu a escolha óbvia, mas de vir sem o relógio, o que me impossibilita de saber há quanto tempo estou neste quarto. Minhas costas doem, e isso já indica alguma coisa, mas não o bastante.

Depois de um tempo, começo a caminhar pelo quarto, levantando os braços. Hesito em fazer qualquer coisa com as câmeras me observando, mas eles não conseguirão aprender nada apenas me observando tocar os dedos dos pés.

Esse pensamento faz minhas mãos tremerem, mas não tento afastá-lo da minha mente. Em vez disso, digo a mim mesma que sou da Audácia, e que o medo não é nada de novo para mim. Morrerei neste lugar. Talvez isso ocorra em breve. Esses são os fatos.

Mas há outras maneiras de encarar os fatos. Em breve, honrarei meus pais, morrendo da mesma maneira que eles morreram. E, se tudo no qual acreditavam é verdade, logo me juntarei a eles no além, seja lá onde isso for.

Balanço as mãos enquanto caminho. Elas ainda estão tremendo. Quero saber que horas são. Cheguei aqui pouco depois da meia-noite. Já deve ser de manhã, talvez umas quatro ou cinco horas. Ou talvez não tenha passado tanto tempo assim, e só pareça que passou, porque não estou fazendo nada.

A porta se abre, e finalmente fico diante da minha inimiga e dos seus guardas da Audácia.

— Olá, Beatrice — diz Jeanine. Ela está usando roupas azuis da Erudição, óculos da Erudição e um olhar de superioridade que meu pai me ensinou a

odiar. — Imaginei que seria você a vir.

Mas não sinto ódio ao olhar para ela. Não sinto nada, apesar de saber que ela é responsável por incontáveis mortes, incluindo a de Marlene. As mortes existem na minha mente como uma série de equações sem sentido, e eu fico paralisada, incapaz de solucioná-las.

— Olá, Jeanine — digo, porque é a única coisa que me vem à mente.

Desvio os olhos dos olhos úmidos e cinzentos de Jeanine e encaro os traidores da Audácia que a acompanham. Peter está parado atrás do ombro direito dela, e uma mulher com marcas de idade nos dois lados da boca está à sua esquerda. Atrás dela, há um homem careca com uma tatuagem de aviões na cabeça. Franzo a testa.

Por que será que Peter está em uma posição de prestígio como essa, como guarda-costas da Jeanine? Qual é a lógica disso?

— Gostaria de saber que horas são — digo.

— É mesmo? — pergunta ela. — Que interessante.

Já deveria saber que ela não me contaria. Cada informação que recebe influencia sua estratégia, e ela não me dirá que horas são, a não ser que decida que revelar a hora é mais útil do que escondê-la.

— Tenho certeza de que nossos companheiros da Audácia estão desapontados pelo fato de que você ainda não tentou arrancar meus olhos — comenta ela.

— Seria idiotice minha fazer isso.

— É verdade. Mas faria sentido, considerando o seu histórico de agir primeiro e pensar depois.

— Tenho dezesseis anos. — Contraio os lábios. — As pessoas mudam.

— Que boa notícia. — Ela consegue conter a emoção até das frases que normalmente contariam com alguma inflexão. — Que tal fazermos um pequeno tour?

Ela dá um passo para trás e gesticula em direção à porta. A última coisa que quero fazer é sair daqui e ir para um lugar desconhecido, mas não hesito.

Saio do quarto, com a mulher da Audácia de olhar severo andando na minha frente. Peter caminha logo atrás de mim.

O corredor é comprido e pálido. Viramos e caminhamos por um segundo corredor, exatamente igual ao primeiro.

Depois disso, passamos por outros dois corredores. Estou tão desorientada que não conseguiria lembrar o caminho de volta. De repente, o ambiente ao meu redor muda. O túnel branco leva a uma sala enorme, onde homens e mulheres da Erudição, vestindo longas jaquetas azuis, encontram-se atrás de mesas. Alguns seguram ferramentas, outros misturam líquidos multicoloridos, outros encaram monitores de computadores. Se eu tivesse que adivinhar o que eles estão fazendo, diria que estão misturando soros de simulação, mas tento não reduzir o trabalho da Erudição simplesmente às simulações.

A maioria deles interrompe o que está fazendo para nos assistir ao atravessarmos o corredor central da sala. Na verdade, eles assistem *a mim*. Alguns sussurram, mas a maioria fica quieta. A sala está muito silenciosa.

Sigo a traidora da Audácia por uma porta e paro tão de repente que Peter esbarra em mim.

A sala seguinte é tão grande quanto a anterior, mas há apenas uma coisa dentro dela: uma grande mesa de metal, com uma máquina do lado. Reconheço vagamente a máquina como um monitor cardíaco. E, acima dele, há uma câmera. Começo a tremer incontrolavelmente. Porque sei o que é isso.

— Fico muito feliz por *você*, especificamente, estar aqui — diz Jeanine. Ela passa na minha frente e apoia-se na mesa, segurando a beirada. — O que me deixa tão feliz, é claro, são os resultados do seu teste de aptidão. — Seu cabelo loiro, amarrado rente à cabeça, reflete a luz e chama a minha atenção. Ela continua: — Mesmo entre os Divergentes, você é uma espécie de exceção, porque apresenta aptidão para três facções. Abnegação, Audácia e Erudição.

+ + +

— Como... — Minha voz fica rouca. Esforço-me para terminar a pergunta: — Como sabe disso?

— Uma coisa de cada vez. A partir dos seus resultados, concluí que você é um dos Divergentes mais poderosos. Não digo isso como um elogio, mas apenas para explicar meu objetivo. Se meu objetivo é desenvolver uma simulação à qual a mente Divergente não consiga resistir, preciso estudar a mais forte entre as mentes Divergentes para consertar todas as fraquezas na tecnologia. Entendeu?

Não respondo. Continuo encarando o monitor cardíaco ao lado da mesa.

— Por isso eu e meus colegas cientistas estudaremos você pelo máximo de tempo possível. — Ela abre um pequeno sorriso. — Depois, quando meus estudos estiverem concluídos, você será executada.

Eu já sabia disso. Se eu já sabia, por que meus joelhos estão tão fracos, por que meu estômago está apertado, por quê?

— A execução ocorrerá aqui. — Ela roça as pontas dos dedos na mesa. — Nesta mesa. Achei que seria interessante mostrá-la a você.

Ela quer estudar minha reação. Quase não consigo respirar. Eu costumava acreditar que é preciso ter malícia para ser cruel, mas isso não é verdade. Jeanine não tem o menor motivo para agir de maneira maliciosa. Mas ela é cruel porque não se importa com o que faz, desde que isso a fascine. Eu poderia ser um quebra-cabeça ou uma máquina quebrada que ela quer consertar. Ela abriria o meu crânio só para estudar o funcionamento do meu cérebro. Morrerei aqui, e isso será o tiro de misericórdia.

— Eu já sabia o que aconteceria quando vim para cá — digo. — Isso é apenas uma mesa. E eu gostaria de voltar para o meu quarto agora.

+ + +

Não consigo realmente sentir o tempo passando, pelo menos não da maneira como costumava sentir, quando o tempo estava disponível para mim. Portanto, quando a porta se abre novamente e Peter entra na minha cela, não sei quanto tempo transcorreu. Só sei que estou exausta.

— Venha comigo, Careta.

— Não sou da Abnegação. — Estico os braços para cima da minha cabeça e eles encostam na parede. — E, agora que você virou um lacaio da Erudição, não pode mais me chamar de "Careta". É uma informação imprecisa.

— Eu disse para você vir comigo.

— Como assim? Você não vai fazer nenhum comentário cínico? — Olho para ele, fingindo surpresa. — Não vai falar algo como "Você foi idiota em vir aqui; seu cérebro deve ser tão deficiente quanto Divergente"?

— Isso já é evidente, não é mesmo? Ou você se levanta ou serei obrigado a arrastá-la pelo corredor. A escolha é sua.

Sinto-me mais calma. Peter é sempre cruel comigo; isso me parece mais familiar.

Levanto-me e saio do quarto. Percebo, enquanto caminho, que o braço de Peter, no qual atirei, não está mais em uma tipoia.

— Eles curaram a ferida em seu braço?

— Curaram. Agora você terá que encontrar outra fraqueza para explorar. Pena que eu não tenho mais nenhuma. — Ele agarra o meu braço sadio e caminha mais rápido, puxando-me. — Estamos atrasados.

Apesar da extensão e do vazio do corredor, nossos passos não ecoam muito. Parece que alguém cobriu os meus ouvidos com as mãos e eu só percebi agora. Tento memorizar os corredores pelos quais passamos, mas perco a conta depois de um tempo. Alcançamos o final de um deles e viramos à esquerda, entrando em uma sala escura que me lembra um aquário. Uma das paredes é coberta por um espelho unidirecional. Ele reflete o meu lado, mas tenho certeza de que é transparente do outro.

Há uma grande máquina no outro lado da sala, com uma bandeja do tamanho de uma pessoa saindo dela. Eu a reconheço do meu livro didático sobre história das facções, da unidade sobre Erudição e medicina. É uma máquina de ressonância magnética. Ela tirará fotos do meu cérebro.

Algo acende dentro de mim. Faz tanto tempo que não sinto isso que quase não reconheço o sentimento. É curiosidade.

Uma voz, a voz de Jeanine, fala no sistema de intercomunicação:

— Deite-se, Beatrice.

Olho para a bandeja que vai me levar para dentro da máquina.

— Não.

Ela suspira.

— Se não se deitar por conta própria, temos maneiras de obrigá-la.

Peter está em pé atrás de mim. Mesmo com um braço machucado, ele era mais forte do que eu. Imagino suas mãos me agarrando, empurrando-me em direção à bandeja, pressionando-me contra o metal, prendendo-me com as faixas presas à bandeja, apertadas demais.

— Vamos fazer um acordo. Se eu cooperar, você me deixa ver o exame.

— Você vai cooperar, querendo ou não.

Levanto um dedo.

— Isso não é verdade.

Olho para o espelho. Não é muito difícil fingir que estou conversando com Jeanine quando falo com meu próprio reflexo. Meu cabelo é loiro como o dela; ambas somos pálidas, com aparência severa. Pensar nisso me perturba tanto que perco o fio da meada por alguns segundos e fico em pé com o dedo em riste, em silêncio.

Minha pele é pálida, meu cabelo é pálido, e eu sou fria. Estou curiosa para ver as imagens do meu cérebro. Sou como Jeanine. Posso odiar isso, atacar isso, erradicar isso... ou usar isso.

— Isso não é verdade — repito. — Não importa o quanto você me amarre, não conseguirá me manter imóvel o bastante para que as imagens fiquem

claras. — Limpo a garganta. — Quero ver as imagens do exame. Você vai me matar de qualquer jeito, então o que importa o que eu ficar sabendo ou não sobre o meu cérebro antes disso?

Silêncio.

— Por que você quer tanto ver as imagens?

— Pensei que você entenderia, sendo quem é. Afinal de contas, apresento o mesmo nível de aptidão para a Erudição quanto para a Audácia e a Abnegação.

— Tudo bem. Você pode vê-las. Deite-se.

Caminho até a bandeja e me deito. O metal está frio como gelo. A bandeja desliza, e eu estou dentro da máquina. Encaro a brancura. Quando eu era mais nova, achava que o paraíso era assim, apenas uma luz branca e mais nada. Hoje, sei que isso não é verdade, porque luzes brancas são perigosas.

Ouço um som surdo de batidas e fecho os olhos, lembrando de um dos obstáculos da minha paisagem do medo, no qual punhos batiam contra as janelas do meu quarto e homens cegos tentavam me raptar. Finjo que as batidas são de um coração ou de um tambor. Do rio batendo contra as paredes do abismo no complexo da Audácia. De pés batendo contra o chão na cerimônia de encerramento da iniciação. De pés correndo na escada depois da Cerimônia de Escolha.

Não sei quanto tempo passa até as batidas pararem e a bandeja deslizar para fora da máquina. Levanto o tórax e esfrego as pontas dos dedos no pescoço.

A porta se abre, e vejo que Peter está no corredor. Ele faz um sinal para que eu o siga.

— Venha. Você pode ver as imagens do exame agora.

Salto para fora da bandeja e caminho em sua direção. Quando chego ao corredor, Peter balança a cabeça, olhando para mim.

— O que foi?

— Não sei como você sempre consegue o que quer.

— É, eu realmente queria ficar presa em uma cela na sede da Erudição. E realmente quero ser executada.

Soo indiferente, como se estivesse acostumada a lidar com execuções todos os dias. Mas falar a palavra "executada" me causa calafrios. Finjo que estou com frio, apertando os braços com as mãos.

— E você não queria? Você veio até aqui por livre e espontânea vontade, não foi? Não chamaria isso de um bom instinto de sobrevivência.

Ele digita uma série de números em um teclado do lado de fora da porta ao lado, e ela se abre. Entro na sala que fica do outro lado do espelho. Há vários monitores e uma luz dentro da sala, refletindo no vidro dos óculos dos membros da Erudição. Do outro lado da sala, outra porta se fecha. Há uma cadeira vazia atrás de um dos monitores, ainda girando. Alguém acabou de deixar a sala.

Peter está atrás de mim, bem perto, pronto para me agarrar caso eu decida atacar alguém. Mas não vou atacar ninguém. Para onde iria se fizesse isso? Talvez a um ou dois corredores de distância daqui. Depois disso, me perderia. Eu não conseguiria sair daqui mesmo que não houvesse guarda algum para me impedir.

— Projete-a ali — diz Jeanine, apontando para a grande tela na parede da esquerda. Um dos cientistas da Erudição bate com o dedo no monitor do seu computador e uma imagem aparece na parede. Uma imagem do meu cérebro.

Não sei exatamente o que estou vendo. Sei qual é a aparência de um cérebro e o que cada região dele faz, mais ou menos, mas não sei como o meu se compara a outros. Jeanine bate com o dedo no queixo e encara a imagem por um período que parece muito longo.

Finalmente, ela diz:

— Alguém poderia explicar para a srta. Prior a função do córtex pré-frontal?

— É a região do cérebro que fica atrás da testa — diz uma das cientistas. Ela não parece ser muito mais velha do que eu e usa óculos grandes e redondos

que fazem com que seus olhos pareçam maiores. — Ela é responsável pela organização dos nossos pensamentos e ações em busca dos nossos objetivos.

— Exatamente — diz Jeanine. — Agora, alguém pode dizer o que notou a respeito do córtex pré-frontal da srta. Prior?

— Ele é grande — diz outro cientista, calvo.

— Poderia ser mais específico? — diz Jeanine, como se o estivesse repreendendo.

Eu me dou conta de que estou em uma sala de aula, porque toda sala com mais de um membro da Erudição é uma sala de aula. E, entre eles, Jeanine é a professora mais respeitada. Todos a encaram com olhos arregalados e a boca aberta e ávida, esperando impressioná-la.

— Ele é muito maior do que o normal — corrige-se o homem calvo.

— Melhor. — Jeanine inclina a cabeça para o lado. — De fato, é um dos maiores córtices pré-frontais que já vi. No entanto, o córtex orbitofrontal é notavelmente pequeno. O que indicam esses dois fatos?

— O córtex orbitofrontal é o centro de recompensas do cérebro. Pessoas que se envolvem em comportamentos que buscam recompensas apresentam grandes córtices orbitofrontais — diz alguém. — Isso significa que a srta. Prior não se envolve em muitos comportamentos que busquem recompensas.

— Não é só isso. — Jeanine abre um pequeno sorriso. A luz azul dos monitores se reflete nas maçãs do seu rosto e em sua testa, mas deixa as órbitas dos seus olhos mais escuras. — Isso não indica algo apenas sobre o seu comportamento, mas também sobre os seus desejos. Ela não é motivada por recompensas. No entanto, é muito boa em direcionar seus pensamentos e ações para a conquista dos seus objetivos. Isso explica tanto sua tendência a comportamentos perigosos, mas altruístas, quanto, talvez, sua capacidade de se livrar das simulações. Como isso muda a nossa abordagem do novo soro de simulação?

— Ele precisa reprimir uma parte da atividade do córtex pré-frontal, mas não toda ela — diz a cientista com óculos redondos.

— Exatamente — diz Jeanine. Ela finalmente olha para mim, seus olhos brilhando com deleite. — Então, é isso que vamos fazer. Isso satisfez a minha parte do acordo, srta. Prior?

Minha boca está seca e é difícil engolir.

O que acontecerá se eles suprimirem as atividades do meu córtex pré-frontal? Se eles prejudicarem minha capacidade de tomar decisões? E se o soro funcionar e eu me tornar uma escrava das simulações, como os outros? E se eu me esquecer completamente da verdade?

Não tinha ideia de que toda a minha personalidade, todo o meu ser, poderiam ser descartados como um subproduto da minha anatomia. E se eu realmente for apenas uma pessoa com um grande córtex pré-frontal... e nada mais?

— Sim — respondo. — Satisfez.

+ + +

Em silêncio, Peter e eu começamos o caminho de volta para a cela. Viramos à esquerda e há um grupo de pessoas em pé no outro lado do corredor. É o corredor mais longo pelo qual passaremos, mas a distância encolhe quando o vejo.

Um traidor da Audácia agarra cada um dos seus braços, e há uma arma apontada para a sua cabeça.

Tobias, com sangue escorrendo da lateral do rosto e manchando sua camisa branca de vermelho; Tobias, outro Divergente, prestes a cair nessa fogueira onde serei queimada.

Peter segura meus ombros, mantendo-me no lugar.

— Tobias — digo, em um tom parecido com o de um arquejo.

O traidor da Audácia que está com a arma empurra Tobias em minha direção. Peter também tenta me empurrar para a frente, mas meus pés não se movem. Vim aqui para que ninguém mais precisasse morrer. Vim aqui para proteger o máximo de gente possível. E me importo mais com a segurança de

Tobias do que a de qualquer outra pessoa. Então, por que estou aqui, se ele também está? Qual é o sentido disso?

— O que você fez? — murmuro. Ele está bem perto de mim agora, mas não o bastante para me ouvir. Ao passar por mim, ele estica a mão em minha direção. Segura a palma da minha mão e a aperta. Aperta e depois solta. Seus olhos estão vermelhos e ele está pálido. — O que você fez? — Dessa vez a pergunta escapa da minha garganta como um rosnado.

Jogo-me em sua direção, tentando escapar das mãos de Peter, mesmo que elas me machuquem.

— O que você fez? — grito.

— Se você morrer, eu morro junto. — Tobias olha para trás e me encara. — Pedi para você não fazer isso. Você tomou sua decisão. Essas são as consequências.

Ele vira o corredor e desaparece. Minha última visão dele e dos traidores da Audácia que o estão guiando é o brilho do cano da pistola e o sangue na parte de trás do lóbulo da sua orelha, de uma ferida que eu ainda não havia percebido.

Desfaleço completamente depois que ele se vai. Paro de tentar lutar e deixo que as mãos de Peter me empurrem em direção à cela. Desabo no chão assim que entro no quarto e espero que a porta bata, significando que Peter foi embora, mas ela não bate.

— Por que ele veio até aqui? — pergunta Peter.

Olho para ele.

— Porque ele é um idiota.

— Claro que é.

Encosto a cabeça na parede.

— Será que ele achou que poderia salvar você? — Peter ri com desdém. — É bem o tipo de coisa que alguém nascido Careta faria.

— Eu acho que não — digo. Se Tobias quisesse me salvar, ele teria planejado isso melhor; teria trazido outras pessoas. Não teria invadido a sede da

Erudição sozinho.

As lágrimas acumulam-se em meus olhos e não tento afastá-las. Em vez disso, olho para o ambiente ao meu redor através delas, e ele fica borrado. Há alguns dias, nunca teria chorado na frente de Peter, mas não ligo mais. Ele é o menor entre os meus inimigos.

— Acho que ele veio aqui morrer junto comigo — digo. Cubro a boca com a mão para abafar meu soluço. Se eu conseguir continuar respirando, conseguirei parar de chorar. Não precisava, nem queria, que ele morresse comigo. Queria mantê-lo seguro. *Que idiota*, penso, sem convicção.

— Isso é ridículo. Não faz o menor sentido. Ele tem dezoito anos. Encontrará outra namorada depois que você morrer. E ele é um idiota se não consegue entender isso.

Lágrimas escorrem sobre meu rosto, primeiro quentes, depois frias. Fecho os olhos.

— Se você acha que é assim... — Engulo outro soluço. — ... então, você que é o idiota aqui.

— É. Sei lá.

Seus tênis fazem um ruído no chão quando ele se vira. Ele está indo embora.

— Espere! — Levanto o rosto e olho para sua silhueta embaçada, sem conseguir enxergar seu rosto. — O que eles farão com ele? A mesma coisa que estão fazendo comigo?

— Sei lá.

— Você poderia tentar descobrir? — Enxugo as bochechas com as costas das mãos, frustrada. — Você poderia pelo menos tentar descobrir se ele está bem?

— Por que eu faria isso? Por que faria qualquer coisa por você?

Um segundo depois, ouço a porta se fechando.

CAPÍTULO TRINTA

LI EM ALGUM lugar, não sei quando, que não há explicação científica para o choro. O único propósito das lágrimas é lubrificar os olhos. Não há um motivo real para as glândulas lacrimais produzirem um excesso de lágrimas por causa de emoções.

Acho que choramos para liberar nosso lado animal, sem perder a humanidade. Porque, dentro de mim, há uma fera que rosna, ruge e luta por liberdade, por Tobias e, acima de tudo, pela vida. Por mais que eu tente, não consigo matar essa fera.

Por isso, apenas soluço, chorando e cobrindo o rosto com as mãos.

+ + +

Esquerda, direita, direita. Esquerda, direita, esquerda. Direita, direita. São as direções que tomamos nos corredores, em ordem, do nosso ponto de origem, a minha cela, até nosso destino, uma sala onde nunca estive.

Dentro dela, há uma cadeira parcialmente reclinada, como a de um dentista. Em um dos cantos, há um monitor e uma mesa. Jeanine está sentada à mesa.

— Onde está ele? — pergunto.

Esperei horas para fazer essa pergunta. Caí no sono e sonhei que estava perseguindo Tobias dentro da sede da Audácia. Não importa o quão rápido eu corresse, ele estava sempre distante o bastante de mim para que eu conseguisse vê-lo dobrar o corredor à minha frente e vislumbrar uma manga da sua camisa ou um calço do seu sapato.

Jeanine me encara como se estivesse confusa. Mas não está. Está apenas brincando com minha mente.

— Tobias — explico, mesmo assim. Minhas mãos estão tremendo; desta vez não é de medo, mas de raiva. — Onde está ele? O que vocês estão fazendo com ele?

— Não vejo qualquer motivo para fornecer essa informação — diz Jeanine. — E, já que você está em total desvantagem, não sei qual motivo você poderia me dar, a não ser que queira mudar os termos do nosso acordo.

Quero gritar para ela que é claro, *é claro* que eu prefiro saber o que está acontecendo com Tobias a saber mais informações sobre a minha Divergência, mas não grito. Não posso tomar decisões precipitadas. Ela fará o que quiser com Tobias, quer eu saiba a respeito ou não. É mais importante que eu compreenda bem o que está acontecendo comigo.

Puxo o ar pelo nariz e solto pela boca. Balanço as mãos. Sento-me na cadeira.

— Interessante.

— Você não deveria estar comandando uma facção e planejando uma guerra? — pergunto. — Por que está aqui, realizando testes em uma garota de dezesseis anos?

— Você escolhe maneiras diferentes de se referir a si mesma, dependendo do que é mais conveniente — diz ela, inclinando-se em sua cadeira. — Às vezes, você insiste que não é uma garotinha e, às vezes, insiste que é. Mas estou curiosa para saber o seguinte: como você realmente vê a si mesma? Como uma coisa ou a outra? Ou como ambas? Ou como nenhuma delas?

Tento soar tão monótona e factual quanto ela:

— Não vejo qualquer motivo para fornecer essa informação.

Ouço uma pequena risada. Peter está cobrindo a boca. Jeanine olha para ele, e sua risada rapidamente se transforma em tosse.

— Zombaria é coisa de criança, Beatrice. Não combina com você.

— *Zombaria é coisa de criança, Beatrice* — repito, imitando sua voz da melhor maneira que consigo. — *Não combina com você.*

— O soro — diz Jeanine, olhando para Peter. Ele dá um passo à frente e mexe em uma caixa preta na mesa, pegando uma seringa com uma agulha já conectada.

Peter começa a vir em minha direção, e eu levanto a mão.

— Permita-me — digo.

Ele olha para Jeanine, pedindo permissão, e ela diz:

— Tudo bem.

Ele me entrega a seringa e eu enfio a agulha na lateral do meu pescoço, injetando o líquido. Jeanine aperta um dos botões do computador e tudo fica escuro.

+ + +

Minha mãe está parada no corredor com os braços estendidos acima da cabeça para conseguir segurar a barra de metal. Seu rosto está virado, não para as pessoas sentadas ao meu redor, mas para a cidade pela qual passamos à medida que o ônibus segue seu caminho. Vejo rugas em sua testa e ao redor de sua boca quando ela as franze.

— O que foi? — pergunto.

— Há tanto a se fazer — diz ela, apontando para as janelas do ônibus com um pequeno gesto. — Mas restam tão poucos de nós para fazer o que precisa ser feito.

Sei exatamente a que ela se refere. Do lado de fora, vejo ruínas até o horizonte. Do outro lado da rua, há um prédio destruído. Há cacos de vidro espalhados nos becos. O que será que causou tanta destruição?

— Para onde estamos indo? — pergunto.

Ela sorri para mim, e vejo rugas diferentes dessa vez, ao redor dos seus olhos.

— Vamos para a sede da Erudição.

Franzo a testa. Passei a maior parte da vida evitando a sede da Erudição. Meu pai costumava dizer que não gostava nem de respirar o ar lá de dentro.

— Por que estamos indo para lá?

— Eles vão nos ajudar.

Por que sinto uma pontada no estômago quando penso no meu pai? Lembro-me do seu rosto, desgastado por uma vida de frustrações em relação ao mundo ao seu redor, e do seu cabelo curto, seguindo a tradição da Abnegação, e sinto o mesmo tipo de dor no estômago que tenho quando passo muito tempo sem comer. Uma dor vazia.

— Aconteceu alguma coisa com o papai?

Ela balança a cabeça.

— Por que você pergunta isso?

— Não sei.

Não sinto dor quando estou olhando para minha mãe. Mas sinto que devo imprimir cada segundo que passamos a tão poucos centímetros de distância em minha mente, até que toda a minha memória aceite sua forma. Mas, se ela não é algo permanente, o que será que é?

O ônibus para, e as portas se abrem ruidosamente. Minha mãe começa a descer o corredor, e eu a acompanho. Ela é mais alta do que eu, portanto encaro o ponto entre seus ombros, no topo da sua espinha. Ela parece frágil, mas não é.

Piso na calçada. Cacos de vidro quebram sob meus pés. Eles são azuis e, considerando os buracos no prédio à minha direita, vejo que costumavam pertencer a janelas.

— O que aconteceu?

— Uma guerra — diz minha mãe. — É isso o que estávamos tentando tanto evitar.

— E a Erudição vai nos ajudar... fazendo o quê?

— Temo que toda a reprovação do seu pai a respeito da Erudição tenha sido prejudicial a você — diz ela, gentilmente. — É claro que eles cometeram

equívocos, mas, como todo mundo, são uma mistura do bem e do mal e não são inteiramente nem uma coisa nem outra. O que faríamos sem os nossos médicos, cientistas e professores?

Ela alisa meu cabelo.

— Não se esqueça disso, Beatrice.

— Está bem — prometo.

Continuamos a andar. Mas algo a respeito do que ela disse me incomoda. Será que é o que ela disse a respeito do meu pai? Não, meu pai realmente reclama o tempo todo da Erudição. Será que é o que ela disse a respeito da Erudição? Salto sobre um grande caco de vidro. Não, não pode ser isso. Ela estava certa a respeito da Erudição. Todos os meus professores pertenciam à Erudição, assim como o médico que curou o braço dela, quando ela o quebrou, há alguns anos.

O que me incomoda é a última coisa que ela disse. *Não se esqueça disso*. Como se ela não fosse mais ter a oportunidade de me lembrar mais tarde.

Sinto uma mudança em minha mente, como se algo que estivesse fechado acabasse de ser aberto.

— Mãe?

Ela olha para mim. Uma mecha de cabelo loiro cai do nó sobre sua cabeça e encosta em sua bochecha.

— Eu te amo.

Aponto para uma janela à minha esquerda, e ela explode. Uma chuva de partículas de vidro cai sobre nossas cabeças.

Não quero acordar em uma sala na sede da Erudição, então não abro os olhos imediatamente, nem mesmo quando a simulação se desfaz. Tento preservar a imagem da minha mãe e do cabelo colado à maçã do seu rosto pelo máximo de tempo possível. Mas, quando tudo o que consigo ver é o vermelho das minhas próprias pálpebras, eu as abro.

— Você terá que se esforçar um pouco mais — digo para Jeanine.

— Isso foi só o começo.

CAPÍTULO TRINTA E UM

NAQUELA NOITE, SONHO não com Tobias ou com Will, mas com minha mãe. Estamos nos pomares da Amizade, as maçãs estão maduras e penduradas a poucos centímetros das nossas cabeças. As sombras das folhas formam um padrão no rosto dela, e ela está vestida de preto, embora nunca a tenha visto de preto enquanto estava viva. Ela está me ensinando a fazer uma trança, demonstrando em uma mecha do seu próprio cabelo, e rindo dos meus dedos desajeitados.

Acordo, perguntando-me como eu nunca havia notado, a cada dia que me sentei na frente dela na mesa de café da manhã, que a energia da Audácia quase transbordava do seu ser. Será que ela escondia bem? Ou será que fui eu que não a observei direito?

Mergulho o rosto no colchão fino sobre o qual dormi. Nunca a conhecerei de verdade. Mas, pelo menos, ela também nunca saberá o que fiz a Will. A essa altura não sei se eu aguentaria se ela soubesse.

Ainda estou tentando afastar a névoa do sono dos meus olhos quando sigo Peter pelo corredor, segundos ou minutos depois. Não sei exatamente quanto tempo passou.

— Peter. — Minha garganta dói; devo ter gritado enquanto dormia. — Que horas são?

Ele está usando um relógio, mas a tela está coberta e não consigo enxergar as horas. Ele nem se dá o trabalho de olhar o pulso.

— Por que você sempre me leva para os lugares? — pergunto. — Você não deveria estar envolvido em alguma atividade depravada, como chutar cachorrinhos, espionar garotas trocando de roupa ou algo assim?

— Eu sei o que você fez com Will, sabia? Não finja ser melhor do que eu, porque somos exatamente iguais.

A única coisa que distingue um corredor do outro é o comprimento deles. Decido nomeá-los de acordo com a quantidade de passos necessária para percorrê-los. Dez. Quarenta e sete. Vinte e nove.

— Você está errado. Talvez nós dois sejamos maus, mas há uma diferença enorme entre nós. Eu não me contento em ser assim.

Peter solta uma pequena risada de desdém, e passamos entre as mesas do laboratório da Erudição. É aí que me dou conta de onde estou e para onde estou indo: de volta para a sala que Jeanine me mostrou. A sala onde serei executada. Tremo tanto que meus dentes rangem e tenho dificuldade em continuar andando e pensando direito. *É apenas uma sala*, digo a mim mesma. *Apenas uma sala como qualquer outra*.

Sou uma grande mentirosa.

Dessa vez a câmara de execução não está vazia. Quatro traidores da Audácia estão reunidos em um dos cantos com dois membros da Erudição. Um deles é uma mulher de pele escura, e o outro é um homem mais velho, e ambos vestem jalecos e estão ao lado de Jeanine, perto da mesa de metal no meio da sala. Há várias máquinas montadas ao redor da mesa e fios por toda a parte.

Não sei o que a maioria das máquinas faz, mas uma delas é um monitor cardíaco. O que será que Jeanine pretende fazer para precisar de um monitor cardíaco?

— Ponha ela na mesa — diz Jeanine, em um tom entediado. Encaro por um segundo a placa de aço que me aguarda. Será que ela desistiu de esperar para me executar? Será que é agora que vou morrer? Peter agarra meus braços, e eu me contorço, usando toda a minha força para lutar contra ele.

Mas ele apenas me levanta, desviando-se dos meus chutes, e me joga com força na mesa de metal, deixando-me sem fôlego. Arquejo e lanço um soco no ar, tentando atingir qualquer coisa. Acabo atingindo seu pulso. Ele faz uma

careta de dor, mas os outros traidores da Audácia já se apresentaram para ajudá-lo.

Um deles segura meus tornozelos, e os outros, os meus ombros, enquanto Peter prende tiras pretas por todo o meu corpo para me manter imóvel. Contraio o rosto ao sentir uma pontada de dor no meu ombro ferido e desisto de lutar.

— O que diabos está acontecendo? — pergunto, erguendo o pescoço para olhar para Jeanine. — Nós concordamos que iríamos cooperar para alcançar os resultados! Nós *concordamos*...

— Isso não tem nada a ver com nosso acordo — diz Jeanine, olhando para o relógio em seu pulso. — Isso não tem nada a ver com você, Beatrice.

A porta se abre novamente.

Tobias entra, *mancando*, rodeado de traidores da Audácia. Seu rosto está machucado, e há um corte sobre sua sobrancelha. Ele não se move com o cuidado de sempre; está perfeitamente ereto. Deve estar machucado. Tento não pensar em como ele ficou assim.

— O que é isto? — pergunta ele, com a voz rouca e falha.

Deve estar assim de tanto gritar.

Minha garganta parece estar inchada.

— Tris — diz ele, lançando-se em minha direção. Mas os traidores da Audácia são muito rápidos. Agarram-no antes que ele consiga dar mais do que alguns poucos passos. — Tris, você está bem?

— Estou — respondo. — E você?

Ele acena com a cabeça. Não acredito nele.

— Em vez de gastarmos mais tempo, sr. Eaton, achei melhor assumir a abordagem mais lógica. É claro que seria melhor usar o soro da verdade, mas perderíamos dias tentando convencer Jack Kang a nos dar um pouco, já que a Franqueza guarda o soro com muito afinco, e não quero gastar mais tempo.

Ela dá um passo à frente com uma seringa na mão. O soro dentro da seringa é cinza. Talvez seja uma nova versão do soro de simulação, mas eu

duvido.

O que será que esse soro faz? Pelo olhar de satisfação dela, não deve ser nada bom.

— Dentro de alguns segundos, injetarei este líquido em Tris. Nesse momento, acredito que seus instintos altruístas farão você nos contar exatamente o que precisamos saber.

— O que é que ela precisa saber? — pergunto a Tobias, interrompendo-a.

— Informações a respeito dos esconderijos dos sem-facção — responde ele, sem olhar para mim.

Arregalo os olhos. Os sem-facção são nossa última esperança, agora que metade dos membros leais da Audácia e toda a Franqueza estão prontas para ser controladas pela simulação e metade da Abnegação está morta.

— Não fale nada. Vou morrer de qualquer maneira. Não diga nada a ela.

— Refresque minha memória, sr. Eaton — diz Jeanine. — O que fazem as simulações da Audácia?

— Isto não é uma sala de aula — responde ele, com dentes cerrados. — Diga-me o que você vai fazer.

— Direi, desde que você responda minha simples pergunta.

— Tudo bem. — Os olhos de Tobias voltam-se para mim. — As simulações estimulam as amígdalas, que são responsáveis pelo processamento do medo, induzem alucinações baseadas nesse medo e transmitem os dados para um computador, para que possam ser processados e observados.

Parece que ele memorizou isso há muito tempo. Talvez realmente tenha memorizado. Afinal, ele passou um bocado de tempo administrando simulações.

— Muito bem — diz ela. — Quando desenvolvi as simulações da Audácia, há muitos anos, descobrimos que certos níveis de potência do soro sobrepujavam o cérebro e que o terror resultante tornava-o sensível demais para inventar novos ambientes. Por isso diluímos a solução, para que as

simulações se tornassem mais instrutivas. Mas ainda sei preparar a solução original.

Ela bate com a unha na seringa.

— Medo — diz ela — é mais poderoso do que dor. Portanto, há algo que você queira dizer antes que eu injete isto na srta. Prior?

Tobias contrai os lábios.

E Jeanine enfia a agulha.

+ + +

Começa silenciosamente, com o batimento de um coração. A princípio, não sei ao certo de quem é o coração que estou ouvindo, porque o som é alto demais para ser o meu. Depois, percebo que realmente vem do meu coração e está ficando cada vez mais rápido.

As palmas das minhas mãos e a parte de trás dos meus joelhos começam a acumular suor.

Depois, preciso arquejar para conseguir respirar.

É aí que começam os gritos.

E eu

Não consigo

Pensar.

+ + +

Tobias está lutando contra os traidores da Audácia que estão perto da porta.

Ouço algo que soa como o grito de uma criança ao meu lado e viro a cabeça para descobrir de onde está vindo, mas só vejo um monitor cardíaco. Acima de mim, as linhas entre os ladrilhos do teto se contorcem e dobram, transformando-se em criaturas monstruosas. Um cheiro de carne pútrida enche o ar, e eu engasgo. As criaturas monstruosas ganham formas mais

definitivas, de pássaros, corvos, com bicos do tamanho do meu antebraço e asas tão escuras que parecem engolir toda a luz do ambiente.

— Tris — diz Tobias. Desvio o olhar dos corvos.

Ele está parado diante da porta, onde estava antes de eu receber o soro injetado, mas agora está segurando uma faca. Ele a afasta do seu corpo e depois a vira, fazendo com que a lâmina aponte para dentro, para sua barriga. Depois, ele a aproxima de si, encostando a ponta da lâmina na barriga.

— O que você está fazendo? Pare!

Ele abre um pequeno sorriso e diz:

— Estou fazendo isso por você.

Ele empurra ainda mais a faca, devagar, e o sangue mancha a barra da sua camisa. Eu engasgo e forço o corpo contra as amarras que me mantêm colada à mesa.

— Não, pare!

Eu me debato. Em uma simulação, eu já teria conseguido me soltar, então isso deve ser real, é real. Ele desaba no chão, e seu sangue escorre rapidamente, cercando seu corpo. Os pássaros feitos de sombras viram seus olhos cintilantes em sua direção e avançam em um tornado de asas e garras, bicando sua pele. Vejo seus olhos em meio à confusão de penas, e ele ainda está acordado.

Um dos pássaros pousa sobre os dedos que seguram a faca. Ele puxa a faca para fora e ela cai ruidosamente no chão. Eu deveria esperar que ele estivesse morto, mas sou egoísta e não consigo. Minhas costas erguem-se da mesa, todos os meus músculos se contraem e minha garganta dói com o grito que deixa de formar palavras e não consegue mais cessar.

+ + +

— Sedativo — comanda uma voz rígida.

Sinto outra agulha em meu pescoço e meu coração começa a desacelerar. Soluço, aliviada. Durante alguns segundos, tudo o que consigo fazer é soluçar,

aliviada.

Aquilo não foi medo. Foi algo diferente; uma emoção que não deveria existir.

— Soltem-me — diz Tobias, e sua voz está mais rouca do que antes. Pisco rápido, para conseguir enxergá-lo por entre minhas lágrimas. Há marcas vermelhas nos seus braços, onde os traidores da Audácia o seguraram, mas ele não está morrendo; está bem. — Só vou contar se me soltarem.

Jeanine assente com a cabeça, e Tobias corre até mim. Ele segura minha mão e acaricia meu cabelo. Seus dedos ficam molhados com minhas lágrimas. Ele não as seca. Inclina-se para a frente e encosta a testa na minha.

— Os esconderijos dos sem-facção — diz ele, em uma voz inexpressiva, bem ao lado da minha bochecha. — Tragam um mapa, e eu os marcarei para vocês.

A sensação da sua testa contra a minha é gelada e seca. Meus músculos doem, provavelmente por terem ficado contraídos durante o tempo em que Jeanine deixou aquele soro pulsando dentro de mim.

Tobias mantém os dedos entrelaçados nos meus, até que os traidores da Audácia o arrastam para longe de mim, para outro lugar. Minha mão desaba, pesada, sobre a mesa. Não quero mais lutar contra as amarras. Só quero dormir.

— Já que você está aqui... — diz Jeanine, quando Tobias e os guardas que o acompanham se vão. Ela levanta o rosto e concentra seus olhos úmidos em um dos membros da Erudição. — Pegue-o e traga-o aqui. Está na hora.

Ela volta o olhar para mim novamente.

— Enquanto você dorme, faremos um pequeno procedimento para observar algumas coisas a respeito do seu cérebro. Não será nada invasivo. Mas, antes disso... Prometi a você que seria completamente transparente a respeito desses procedimentos. Portanto, acho justo que você saiba exatamente quem vem me ajudando em minhas experiências. — Ela abre um pequeno sorriso. — Foi ele quem me disse para quais três facções você tinha

aptidão, qual seria a melhor estratégia para trazê-la até aqui e que deveríamos colocar sua mãe na última simulação para torná-la mais eficiente.

Ela olha para a porta enquanto o sedativo começa a fazer efeito, fazendo com que as beiradas da minha visão embacem. Olho para trás e, em meio ao torpor causado pela droga, eu o vejo.

Caleb.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

ACORDO COM DOR de cabeça. Tento voltar a dormir. Pelo menos, quando estou dormindo, fico calma. Mas a imagem de Caleb em frente à porta passa pela minha mente continuamente, acompanhada do som de corvos grasnando.

Por que será que nunca questionei o motivo de Eric e Jeanine saberem que eu tinha aptidão para três facções?

Por que nunca me dei conta de que apenas três pessoas no mundo sabiam disso: Tori, Caleb e Tobias?

Minha cabeça lateja. Não consigo entender. Não entendo por que Caleb me trairia. Quando isso começou? Será que foi depois da simulação de ataque? Ou depois da fuga da Amizade? Ou será que foi antes disso, quando meu pai ainda estava vivo? Caleb disse que havia deixado a Erudição quando descobriu o que eles estavam planejando. Será que estava mentindo?

Provavelmente. Aperto o punho contra a testa. Meu irmão escolheu a facção, acima do sangue. Deve haver uma razão. Ela deve tê-lo ameaçado. Ou coagido de alguma maneira.

A porta se abre. Não levanto a cabeça ou abro os olhos.

— Careta. — É o Peter, é claro.

— Sim. — Quando deixo que minha mão caia do rosto, uma mecha de cabelo cai junto. Olho para ela com o canto dos olhos. Meu cabelo nunca esteve tão oleoso.

Peter coloca uma garrafa de água ao lado da cama, junto com um sanduíche. Só de pensar em comer aquilo fico enjoada.

— Você teve morte cerebral? — pergunta ele.

— Acho que não.

— Não tenha tanta certeza disso.

— Rá, rá — respondo. — Há quanto tempo estou dormindo?

— Há cerca de um dia. Recebi ordens para levar você até o chuveiro.

— Se você disser que estou precisando de um banho — digo, cansada —, *fincarei* meu dedo em seu olho.

O quarto gira quando levanto a cabeça, mas consigo jogar as pernas para fora da cama e me levantar. Peter e eu começamos a descer o corredor. Mas, quando viramos em direção ao banheiro, há pessoas no final do corredor.

Uma delas é Tobias. Vejo o ponto onde vamos cruzar um com o outro. Encaro não ele, mas o local onde ele estará quando segurar minha mão, como fez quando nos cruzamos pela última vez. Minha pele se arrepia com a expectativa. Eu o tocarei novamente, mesmo que apenas por um segundo.

Seis passos até cruzarmos um com o outro. Cinco passos.

A quatro passos, no entanto, Tobias para. Seu corpo todo amolece, surpreendendo o guarda traidor da Audácia que o acompanha. O guarda o solta por apenas um segundo, e Tobias desaba no chão.

Depois, ele gira o corpo, lança-o para a frente e agarra a arma do coldre do soldado da Audácia mais baixo.

A arma dispara. Peter mergulha para a direita, arrastando-me junto. A minha cabeça raspa a parede. A boca do guarda da Audácia está aberta. Ele deve estar gritando, mas não consigo ouvi-lo.

Tobias chuta sua barriga com força. A parte de mim que pertence à Audácia admira sua forma perfeita e sua velocidade incrível. Depois, ele vira, apontando a arma para Peter. Mas ele já me soltou.

Tobias agarra o meu braço esquerdo e me ajuda a levantar, depois começa a correr. Corro atrás dele, desajeitada. Cada vez que meu pé encosta no chão, sinto uma pontada de dor subindo até a cabeça, mas não posso parar. Afasto as lágrimas dos olhos. *Corra*, digo a mim mesma, como se isso fosse facilitar as coisas. A mão de Tobias é áspera e forte. Permito que ela me guie enquanto viramos um corredor.

— Tobias — digo, ofegante.

Ele para e olha para trás, para mim.

— Ah, não — diz ele, roçando os dedos em minha bochecha. — Vamos. Nas minhas costas.

Ele dobra o corpo, e eu jogo meus braços ao redor do seu pescoço, enfiando o rosto entre as suas omoplatas. Ele me levanta sem dificuldade e segura minha perna com a mão esquerda. Sua mão direita continua agarrada à arma.

Ele corre rapidamente, mesmo com meu peso. *É incrível que ele um dia tenha pertencido à Abnegação*, penso, preguiçosamente. Ele parece ser projetado para ser veloz e mortalmente preciso. Mas não para ser particularmente forte. Ele é esperto, mas não é forte. Só o bastante para me carregar.

Agora, os corredores estão vazios. Mas isso não vai durar muito tempo. Daqui a pouco, todos os membros da Audácia que estiverem dentro do edifício vão nos atacar de todos os lados, e ficaremos presos neste labirinto pálido. Como será que Tobias planeja passar por eles?

Levanto a cabeça por tempo suficiente para ver que ele acabou de passar direto por uma saída.

— Tobias, nós passamos direto.

— Passamos direto... pelo quê? — pergunta ele, ofegante.

— Por uma saída.

— Não estou tentando escapar. Eles atirariam em nós se tentássemos. Estou tentando... encontrar algo.

Eu suspeitaria de que estou sonhando se a dor na minha cabeça não fosse tão intensa. Geralmente, apenas os meus sonhos fazem tão pouco sentido. Se ele não está tentando escapar, por que me trouxe junto? E o que está fazendo, se não escapando?

Ele para de repente, quase me derrubando, ao chegar a um corredor largo com painéis de vidro nos dois lados, revelando escritórios. Os membros da Erudição ficam paralisados atrás de suas mesas, encarando-nos. Tobias não

dá a menor atenção a eles. Seus olhos, pelo que posso ver, estão fixos na porta no fim do corredor. Uma placa do lado de fora da porta diz CONTROLE: A.

Tobias procura em cada canto da sala, depois atira em uma câmera pendurada no teto, à nossa direita. A câmera desaba. Ele atira em outra câmera pendurada à nossa esquerda. A lente estilhaça.

— Você precisa andar agora. Juro que não vamos mais correr.

Desço das costas dele e seguro sua mão. Caminhamos em direção a uma porta fechada e entramos em um depósito. Ele fecha a porta e prende uma cadeira quebrada sob a maçaneta. Olho para ele, com uma prateleira cheia de papéis atrás de mim. Acima de nós, a luz azul cintila. Seus olhos passeiam sobre meu rosto, quase vorazes.

— Não tenho muito tempo, então vou direto ao ponto.

Aceno com a cabeça.

— Não vim aqui em uma missão suicida. Vim aqui por duas razões. A primeira era encontrar as duas salas centrais de controle da Erudição, para, quando invadirmos, sabermos o que precisamos destruir primeiro, e então nos livrarmos dos dados da simulação, para que ela não consiga ativar os transmissores da Audácia.

Isso explica a correria sem fuga. E nós realmente encontramos uma sala de controle, no final do corredor.

— A segunda é me assegurar de que você está aguentando firme, porque nós temos um plano.

— Que plano?

— De acordo com um dos nossos informantes, sua execução está marcada, provisoriamente, para daqui a duas semanas. Pelo menos é quando Jeanine planeja conseguir sua nova simulação à prova de Divergentes. Portanto, daqui a quatorze dias, os sem-facção, os membros fiéis da Audácia e os membros da Abnegação que estiverem dispostos a lutar vão invadir o complexo da Erudição e roubar sua arma mais poderosa: seu sistema de computadores.

— Mas você revelou para Jeanine a localização dos esconderijos dos sem-facção.

— É verdade. — Ele franze um pouco a testa. — Isso será um problema. Mas, como você e eu sabemos, muitos dos sem-facção são Divergentes, e muitos deles já estavam se mudando para perto do setor da Abnegação quando eu saí. Portanto, apenas alguns dos esconderijos estarão ativos. Eles ainda terão uma grande população para contribuir com a invasão.

Duas semanas. Será que aguentarei duas semanas disso? Já estou tão cansada que mal consigo ficar em pé sozinha. Até o resgate que Tobias está propondo quase não me atrai. Não quero a liberdade. Quero dormir. Quero que isso acabe.

— Eu não... — Engasgo com as palavras e começo a chorar. — Eu não... vou aguentar... tanto tempo.

— Tris — diz ele, de maneira severa. Ele nunca me mima. Queria que apenas dessa vez ele me mimasse. — Você precisa. Você precisa sobreviver.

— Por quê? — A pergunta se forma em meu estômago e escapa da minha garganta como um gemido. Sinto vontade de bater com os punhos contra seu peito, como uma criança fazendo birra. Lágrimas cobrem minhas bochechas e sei que estou sendo ridícula, mas não consigo parar. — Por que tenho que fazer isso? Por que outra pessoa não pode fazer alguma coisa para variar? E se eu não quiser mais?

Eu me dou conta de que estou me referindo à vida. Não quero mais viver. Quero os meus pais; e tenho querido isso há semanas. Tenho tentado me arrastar de volta para eles e agora estou tão perto, mas ele está dizendo que não devo fazer isso.

— Eu sei. — Nunca havia ouvido sua voz soar tão suave. — Sei que é difícil. É a coisa mais difícil que você já teve que fazer.

Balanço a cabeça.

— Não posso forçá-la a fazer isso. Não posso obrigá-la a querer sobreviver a isso. — Ele me puxa para perto de si e passa a mão pelo meu cabelo,

prendendo-o atrás da minha orelha. Seus dedos descem pelo meu pescoço, até os meus ombros, e ele diz:

— Mas você fará isso. Não importa se acha que é capaz ou não. Você fará isso, porque você é assim.

Afasto-me e levo minha boca à dele, não delicada ou hesitantemente. Beijo-o como costumava beijá-lo, quando eu tinha certeza sobre nós, e passo as mãos nas suas costas e pelos seus braços, como costumava fazer.

Não quero falar a verdade: que ele está errado, e eu não quero sobreviver.

As portas se abrem. Traidores da Audácia enchem o depósito. Tobias dá um passo para trás, vira a arma em sua mão e a oferece para o traidor da Audácia mais próximo.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

— BEATRICE.

Acordo assustada. A sala onde estou agora, para uma experiência qualquer que eles querem fazer comigo, é grande, com monitores na parede dos fundos, luzes azuis brilhando logo acima do chão e fileiras de bancos acolchoados no meio. Estou sentada no banco mais ao fundo da sala, com Peter à minha esquerda. Continuo não conseguindo dormir o suficiente.

Agora, não queria nem ter acordado. Caleb está em pé a poucos metros de distância, apoiado em um dos pés, em uma postura de insegurança.

— Você *chegou* a deixar a Erudição em algum momento? — pergunto.

— Não é tão simples assim. — Começa ele. — Eu...

— É simples assim, sim. — Quero gritar, mas minha voz soa inexpressiva. — Quando foi exatamente que você traiu nossa família? Antes de nossos pais morrerem ou depois?

— Fiz o que precisava fazer. Você acha que compreende a situação, Beatrice, mas não compreende. Toda essa situação... ela é muito maior do que você imagina. — Seus olhos imploram para que eu compreenda, mas reconheço o tom de sua voz. É o tom que ele usava quando éramos mais jovens, para me censurar. É um tom condescendente.

A arrogância é uma das falhas do coração daqueles que pertencem à Erudição. Sei disso. Ela muitas vezes está presente no meu.

Mas a ganância é outra. E eu não tenho essa falha. Portanto, estou na metade do caminho, como sempre.

Eu me levanto.

— Você ainda não respondeu a minha pergunta.

Caleb dá um passo para trás.

— A questão aqui não é a Erudição, mas todo o mundo. Todas as facções e a cidade. E o que se encontra do lado de fora da cerca.

— Não importa — digo, mas isso não é verdade. A frase "do lado de fora da cerca" atiça a minha curiosidade. Do lado de fora? Como isso pode ter a ver com o que se encontra do lado de fora?

Um pensamento se forma no fundo da minha mente. Marcus disse que o ataque de Jeanine contra a Abnegação foi motivado por uma informação que a Abnegação possuía. Será que essa informação tem algo a ver com o que está lá fora também?

Afasto momentaneamente esse pensamento.

— Pensei que sua maior preocupação fossem os fatos. E a liberdade de informação. E quanto a *esse* fato, Caleb? Quando... — Minha voz treme. — *Quando* foi que você traiu nossos pais?

— Sempre fui da Erudição — diz ele suavemente. — Mesmo quando eu deveria pertencer à Abnegação.

— Se você está com a Erudição, eu o odeio. Assim como nosso pai o odiaria.

— Nosso pai. — Caleb dá uma pequena risada debochada. — Nosso pai *era* da Erudição, Beatrice. Jeanine me contou. Ele era da turma dela na escola.

— Ele não era da Erudição — digo, depois de alguns segundos. — Ele escolheu deixá-los. Escolheu outra identidade, assim como você, e se transformou em outra coisa. Só que você escolheu esse... esse *mal*.

— Você soa exatamente como alguém da Audácia — diz Caleb, irritado. — É sempre uma coisa ou outra, não é? Não há nuança alguma. O mundo não *funciona* assim, Beatrice. O mal depende do ponto de vista de quem o vê.

— Não importa o que acontecer, sempre considerarei que controlar mentalmente uma cidade inteira é um ato de maldade. — Sinto o meu lábio tremendo. — Continuarei achando que entregar a própria irmã para que ela seja estudada e executada é um ato de maldade!

Ele é meu irmão, mas quero despedaçá-lo.

No entanto, em vez de tentar fazer isso, acabo me sentando novamente. Nunca conseguiria feri-lo o suficiente para fazer com que sua traição parasse de doer em mim. E ela *dói* em todas as partes do meu corpo. Aperto os dedos contra o peito, para massageá-lo e tentar afastar um pouco a tensão acumulada.

Jeanine e seu exército de cientistas da Erudição e traidores da Audácia entram na sala, enquanto enxugo lágrimas das minhas bochechas. Pisco rapidamente para que ela não consiga ver meu choro. Ela quase nem olha para mim.

— Que tal vermos os resultados? — anuncia ela. Caleb, que agora está ao lado dos monitores, aperta um botão, e eles são ligados. Palavras e números que eu não entendo surgem nas telas.

— Descobrimos algo extremamente interessante, srta. Prior. — Nunca a havia visto tão animada. Ela está quase sorrindo, mas nem tanto. — Você tem uma abundância de um tipo de neurônio, chamado, simplesmente, de neurônio-espelho. Alguém gostaria de explicar para a srta. Prior exatamente o que os neurônios-espelho fazem?

Todos os cientistas da Erudição levantam a mão ao mesmo tempo. Ela aponta para uma mulher mais velha, que está na frente.

— Neurônios-espelho disparam tanto quando alguém realiza um determinado ato quanto quando observa outra pessoa realizando o mesmo ato. Eles nos permitem imitar comportamentos.

— Pelo que mais eles são responsáveis? — Jeanine passa os olhos pela sua "turma", da mesma maneira que meus professores faziam nos níveis superiores. Outro cientista da Erudição levanta a mão.

— Pelo aprendizado da linguagem, a compreensão da intenção de terceiros baseada em seus comportamentos e... — Ele franze a testa. — E pela empatia.

— Para sermos mais específicos — diz Jeanine, sorrindo para mim dessa vez, um sorriso largo que enruga as suas bochechas —, alguém com muitos

neurônios-espelho fortes pode ter uma personalidade flexível, capaz de imitar terceiros de acordo com a situação, em vez de permanecer constante.

Entendo por que ela está sorrindo. Sinto como se minha mente estivesse rachada, e seus segredos estivessem derramando sobre o chão, para que eu pudesse finalmente vê-los.

— Uma personalidade flexível — diz ela — provavelmente significaria aptidão para mais de uma facção, não acha, srta. Prior?

— Provavelmente — respondo. — Então, se você conseguir fazer com que uma simulação suprima essa habilidade em particular, poderíamos acabar logo com isso.

— Uma coisa de cada vez. — Ela faz uma pausa. — Devo admitir que acho estranho você estar tão ansiosa para ser executada.

— Não, não acha. — Fecho os olhos. — Você não acha isso nem um pouco estranho. — Suspiro. — Agora, posso voltar para minha cela?

Devo parecer indiferente, mas não estou. Quero voltar para o meu quarto para poder chorar em paz. Mas não quero que ela saiba disso.

— Está bem, mas não se acomode muito — diz ela. — Teremos um soro de simulação para testar em breve.

— É — digo. — Tanto faz.

+ + +

Alguém sacode meu ombro. Acordo assustada, com os olhos arregalados, vasculhando o ambiente, e vejo Tobias ajoelhado sobre mim. Ele está vestindo uma jaqueta de traidor da Audácia, e um dos lados da sua cabeça está coberto de sangue. O sangue escorre de uma ferida em sua orelha. Ele perdeu a parte de cima dela. Faço uma careta.

— O que aconteceu?

— Levante-se. Temos que correr.

— Ainda não está na hora. Ainda não se passaram duas semanas.

— Não temos tempo para explicações. Vamos.

— Meu Deus. Tobias.

Sento-me na cama a jogo os braços ao redor dele, encostando o rosto em seu pescoço. Seus braços me envolvem e me apertam. Uma sensação de calor e conforto atravessa meu corpo. Se ele está aqui, estou segura. Minhas lágrimas tornam sua pele escorregadia.

Ele se levanta e me puxa para cima, e isso faz meu ombro ferido pulsar de dor.

— Reforços chegarão em breve. Vamos.

Deixo que ele me leve para fora do quarto. Conseguimos descer o primeiro corredor sem dificuldade, mas, no segundo, encontramos dois guardas da Audácia, um homem jovem e uma mulher de meia-idade. Tobias dispara duas vezes em poucos segundos e acerta os dois tiros, um na cabeça e outro no peito. A mulher, que recebeu o tiro no peito, desaba contra a parede, mas não morre.

Seguimos em frente. Por um corredor, depois por outro, todos iguais. A mão de Tobias, agarrada à minha, nunca fraqueja. Sei que, se ele é capaz de lançar uma faca e fazer com que ela atinja a ponta da minha orelha, ele também é capaz de atirar com precisão contra os soldados da Audácia que estiverem esperando por nós. Passamos por cima de corpos caídos, provavelmente as pessoas que Tobias matou quando foi me buscar, e finalmente alcançamos a saída de incêndio.

Tobias larga a minha mão para poder abrir a porta, e o alarme de incêndio zune em meus ouvidos, mas continuamos correndo. Estou arfando, sem ar, mas não me importo, porque estou quase escapando, e este inferno está quase acabando. Minha visão começa a escurecer nas extremidades, então agarro o braço de Tobias com força, confiando nele para guiar-me com segurança até o final da escada.

Os degraus acabam sob meus pés e abro os olhos. Tobias está prestes a abrir a porta de saída, mas eu o seguro.

— Preciso... recuperar o fôlego...

Ele para, e eu apoio as mãos nos joelhos, inclinando o corpo para a frente. Meu ombro ainda está latejando. Franzo a testa e olho para ele.

— Vem, vamos sair daqui logo — diz ele, insistentemente.

Meu estômago afunda. Encaro seus olhos. Eles são azul-escuros, com uma mancha azul-clara na íris direita.

Seguro seu queixo e puxo seus lábios para os meus, beijando-o lentamente e suspirando ao me afastar.

— Não podemos sair daqui — digo —, porque isto é uma simulação.

Ele me levantou com a mão direita. O Tobias de verdade teria se lembrado da ferida em meu ombro.

— O quê? — pergunta ele, irritado. — Você não acha que eu saberia se estivesse sob o efeito de uma simulação?

— Você não está sob o efeito de uma simulação. Você *é* a simulação.

Olho para cima e falo, em voz alta:

— Você terá que se esforçar mais do que isso, Jeanine.

Tudo o que preciso fazer agora é acordar e sei como fazer isso. Já fiz isso antes, na minha paisagem do medo, quando quebrei o tanque de vidro simplesmente encostando a palma da mão nele ou quando fiz uma arma aparecer na grama para atirar nos pássaros que desciam sobre mim. Tiro uma faca do bolso, uma faca que não estava lá antes, e desejo que minha perna seja tão dura quanto diamante.

Tento cravar a faca em minha coxa, mas a lâmina dobra.

+ + +

Acordo com lágrimas nos olhos. Acordo com o grito de frustração de Jeanine.

— O que é? — Ela agarra a arma da mão de Peter e cruza a sala rapidamente, encostando o cano na minha cabeça. Meu corpo enrijece e fica frio. Ela não atirará em mim. Sou um problema que ela não consegue resolver. Ela não atirará em mim.

— O que é que revela para você que se trata de uma simulação? Fale. Fale ou eu mato você.

Levanto-me vagarosamente da cadeira e fico em pé, pressionando a minha pele ainda mais contra o cano da arma.

— Você realmente acha que vou contar? Acha que eu acredito que você realmente vai me matar sem descobrir a resposta para essa pergunta?

— Sua garota idiota. Você acha que a questão aqui é você e seu cérebro anormal? A questão aqui não é você, nem eu. A questão é manter esta cidade segura de pessoas que a mergulhariam no inferno!

Junto o que resta das minhas forças e me lanço contra ela, arranhando qualquer pele que minhas unhas conseguem encontrar e cravando-as o máximo possível. Ela berra muito alto, e o som do seu grito faz meu sangue ferver. Soco o seu rosto com força.

Dois braços me envolvem e me puxam para longe dela, e um punho atinge a lateral do meu corpo. Solto um gemido e me lanço contra ela novamente, mas Peter me segura.

— A dor não me fará revelar nada. O soro da verdade não me fará revelar nada. As simulações não me farão revelar nada. Sou imune aos três.

O nariz dela está sangrando, e há arranhões em suas bochechas e na lateral do seu pescoço, que começam a ficar vermelhos com o sangue que brota. Ela me encara, tapando o nariz com os dedos, com o cabelo bagunçado e a mão livre tremendo.

— Você *falhou*. Você não é capaz de me controlar! — grito, tão alto que minha garganta dói. Paro de tentar me soltar e me encolho contra o peito de Peter. — Você *nunca* será capaz de me controlar.

Solto uma risada sem alegria, uma risada louca. Saboreio sua expressão irada e o ódio em seus olhos. Ela era como uma máquina, fria e sem emoção, movida unicamente pela lógica. E eu a quebrei.

Eu a quebrei.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

QUANDO ALCANÇAMOS O corredor, paro de tentar me soltar para atacar Jeanine. Minhas costelas doem no local onde Peter me socou, mas a dor não é nada se comparada ao pulso de triunfo em minhas bochechas.

Peter me leva até minha cela sem dizer uma única palavra. Fico parada no centro do quarto por um longo período, encarando a câmera localizada no canto esquerdo de trás. Quem será que está me observando toda hora? Serão os traidores da Audácia, para que eu não fuja, ou os membros da Erudição, para me estudar?

Quando meu rosto esfria e minhas costelas param de doer, eu me deito.

Uma imagem dos meus pais flutua em minha mente assim que fecho os olhos. Uma vez, quando eu tinha 11 anos, parei na porta do quarto deles para observá-los arrumando a cama juntos. Meu pai sorria para minha mãe, e eles esticavam e alisavam os lençóis em perfeita harmonia. Percebi, pela maneira como ele olhava para ela, que a respeitava ainda mais do que respeitava a si mesmo.

Nenhum egoísmo ou insegurança o impedia de perceber toda a bondade que havia dentro dela, como muitas vezes ocorre com as outras pessoas. Talvez esse tipo de amor só seja possível dentro da Abnegação. Eu não sei.

Meu pai: nascido na Erudição, criado na Abnegação. Ele costumava ter dificuldade em atender as exigências da facção que escolheu, assim como eu. Mas tentava e sabia reconhecer o verdadeiro altruísmo.

Agarro o travesseiro junto ao peito e mergulho o rosto nele. Não choro. Apenas sofro.

A tristeza não é tão pesada quanto a culpa, mas rouba mais de nós.

+ + +

– Careta.

Acordo assustada, ainda agarrada ao travesseiro. Há uma mancha molhada no colchão sob meu rosto. Sento-me na cama, esfregando os olhos com as pontas dos dedos.

As sobrancelhas de Peter, que costumam curvar-se para cima no meio da testa, estão franzidas.

– O que houve? – Seja lá o que for, não pode ser nada bom.

– Sua execução foi marcada para amanhã de manhã, às oito horas.

– Minha execução? Mas ela... ainda não desenvolveu o soro certo; ela certamente *não ia*...

– Ela disse que continuará as experiências com Tobias, não com você.

– Ah. – É tudo o que consigo dizer.

Agarro o colchão e balanço o corpo para a frente e para trás, para a frente e para trás. Amanhã, minha vida acabará. Talvez Tobias sobreviva tempo o bastante para escapar durante a invasão dos sem-facção. A Audácia elegerá um novo líder. Todas as questões abertas que deixarei para trás serão facilmente resolvidas.

Aceno com a cabeça. Não tenho mais família, não tenho nenhuma questão mal resolvida, não terei nada a perder.

– Eu poderia ter perdoado você, sabia? – digo. – Por tentar me matar durante a iniciação. Eu provavelmente teria perdoado você.

Nós dois ficamos em silêncio por alguns segundos. Não sei por que disse isso. Talvez seja só porque é a verdade, e, se há uma noite para ser honesto, a noite é esta. Esta noite serei honesta, altruísta e corajosa. Serei Divergente.

– Eu nunca pedi que você me perdoasse – diz ele, e se vira para ir embora.

Mas, antes de sair, ele para na porta e fala:

– São 9h24.

Dizer para mim as horas é um pequeno ato de traição, e, portanto, um ato comum de coragem. Talvez seja a primeira vez que vejo Peter agir verdadeiramente como um membro da Audácia.

+ + +

Morrerei amanhã. Faz muito que não tenho a certeza de nada e, portanto, isso me parece uma dádiva. Esta noite, nada. Amanhã, o que quer que venha depois da vida. E Jeanine ainda não sabe como controlar os Divergentes.

Quando começo a chorar, agarro o travesseiro junto ao peito e deixo as lágrimas caírem. Choro muito, como uma criança, até que meu rosto esquenta, e sinto que estou quase passando mal. Posso fingir ser corajosa, mas não sou.

Acho que agora seria a hora de pedir perdão por todas as coisas que fiz, mas sei que minha lista nunca estaria completa. Também não acredito que o que quer que aconteça depois da vida dependa de uma listagem correta das minhas transgressões. Isso soa demais como um conceito da Erudição para mim, que tem mais a ver com precisão do que com sentimento. Na verdade, não acredito que o que vem depois dependa de maneira alguma dos meus atos.

É melhor eu fazer o que a Abnegação me ensinou: voltar-me para longe de mim mesma, projetar-me sempre para fora, esperando que, no que quer que venha depois, eu seja melhor do que sou agora.

Abro um pequeno sorriso. Gostaria de poder dizer aos meus pais que vou morrer como alguém da Abnegação. Acho que eles se orgulhariam de mim.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

ESTA MANHÃ, COLOCO as roupas limpas que eles me oferecem: uma camisa preta de mangas compridas e calça preta. A calça está larga demais, mas e daí? Não ganho sapatos.

Ainda não está na hora. Entrelaço os dedos uns nos outros e abaixo a cabeça. Às vezes, meu pai fazia isso antes de sentar-se para tomar o café da manhã, mas nunca perguntei o que ele estava fazendo. Mesmo assim, gostaria de sentir que pertenço ao meu pai mais uma vez, antes de... bem, antes que tudo acabe.

Alguns minutos silenciosos depois, Peter me diz que está na hora de ir. Ele quase não olha para mim, apenas encara a parede dos fundos, carrancudo. Acho que realmente seria pedir demais ver um rosto amigável esta manhã. Levanto-me, e descemos o corredor juntos.

Meus dedos do pé estão gelados. Meus pés grudam nos ladrilhos. Viramos o corredor, e ouço gritos abafados. A princípio, não consigo entender o que a voz está dizendo, mas, ao nos aproximarmos, seus gritos ganham forma:

— Eu quero... ela! — Tobias. — Eu... *ver* ela!

Olho para Peter.

— Não posso falar com ele uma última vez, não é?

Peter balança a cabeça.

— Mas há uma janela. Talvez, se ele vir você, finalmente cale a boca.

Ele me guia por um corredor sem saída, com apenas cerca de dois metros de comprimento. No final, há uma porta, e Peter tem razão: há uma pequena janela perto do topo, cerca de trinta centímetros acima da minha cabeça.

— Tris! — A voz de Tobias está ainda mais clara aqui. — Quero vê-la!

Levanto o braço e encosto a palma da mão no vidro. Os gritos cessam, e seu rosto aparece atrás do vidro. Seus olhos estão vermelhos; seu rosto, manchado. Ele é bonito. Ele me encara por alguns segundos, depois encosta a mão no vidro, alinhando-a com a minha. Finjo sentir o calor dela através do vidro.

Tobias encosta a testa na porta e fecha os olhos com força.

Abaixo a mão e me viro antes que ele volte a abrir os olhos. Sinto uma dor em meu peito, pior do que a que senti quando levei um tiro no ombro. Agarro a parte da frente da minha camisa, afasto as lágrimas e me junto novamente a Peter no corredor principal.

— Obrigada — digo baixinho. Queria ter dito isso mais alto.

— Que seja. — Peter fica carrancudo novamente. — Vamos logo.

Ouço uma confusão em algum lugar adiante. O som de uma multidão. O corredor seguinte está abarrotado de traidores da Audácia, altos e baixos, jovens e velhos, armados e desarmados. Todos estão usando a faixa azul da traição nos braços.

— Ei! — grita Peter. — Abram caminho!

Os traidores da Audácia mais próximos o ouvem e se apertam contra as paredes para dar passagem. Os outros logo fazem o mesmo, e todos ficam calados. Peter dá um passo para trás, a fim de permitir que eu vá na frente. Sei o caminho a partir daqui.

Não sei quando os sons de batidas começam, mas alguém bate com os punhos contra a parede, e outra pessoa o imita, e eu desço o corredor em meio a traidores solenes, mas barulhentos, com as mãos movendo-se ao lado de seus corpos. As batidas são tão rápidas que meu coração acelera para tentar acompanhá-las.

Alguns dos traidores inclinam a cabeça quando passo. Não sei exatamente por que fazem isso, mas não importa.

Alcanço o final do corredor e abro a porta da minha câmara de execução.

Eu a abro.

Se os traidores da Audácia abarrotavam o corredor, os membros da Erudição abarrotam a sala de execução. Mas, aqui, já deixaram um caminho aberto para mim. Eles me estudam silenciosamente, enquanto caminho até a mesa de metal no centro da sala. Jeanine está a poucos passos de distância. Consigo ver os arranhões em seu rosto por trás da maquiagem, que parece ter sido aplicada às pressas. Ela não olha para mim.

Há quatro câmeras penduradas no teto, uma sobre cada canto da mesa. Sento-me, enxugo as mãos na calça, depois me deito.

A mesa é fria. Gelada. E o frio atravessa minha pele, alcançando meus ossos. Talvez isso seja apropriado, já que é o que ocorrerá com meu corpo depois que a vida o tiver abandonado por completo; ele se tornará frio e pesado, mais pesado do que jamais fui. Quanto ao resto de mim, não sei. Algumas pessoas acreditam que não há nada depois, e talvez tenham razão, mas talvez não. Tais especulações não me servem mais de nada, de qualquer maneira.

Peter enfia um eletrodo sob a gola da minha camisa e o aperta contra o meu peito, bem acima do coração. Em seguida, conecta um fio ao eletrodo e liga o monitor cardíaco. Ouço meu batimento cardíaco, rápido e forte. Logo, onde havia esse ritmo constante, não haverá mais nada.

De repente, de dentro de mim, brota um único pensamento:

Não quero morrer.

Nunca levei a sério todas aquelas vezes que Tobias brigou comigo porque eu estava arriscando minha vida. Acreditei que quisesse estar com meus pais e que desejasse o fim de tudo isso. Tinha certeza de que queria imitar o autossacrifício deles. Mas não. Não, não.

Ardendo e borbulhando dentro de mim, há o desejo de viver.

Não quero morrer não quero morrer não quero!

Jeanine dá um passo para a frente, segurando uma seringa cheia de soro roxo. Seus óculos refletem a luz fluorescente acima de nós, e mal consigo ver seus olhos.

Cada parte do meu corpo entoa em uníssono. *Viver, viver, viver.* Pensei que, para dar minha vida em troca da vida de Will, em troca da vida dos meus pais, eu precisava morrer, mas estava errada; preciso viver minha vida à luz das suas mortes. Preciso viver.

Jeanine segura a minha cabeça com uma mão e insere a agulha no meu pescoço com a outra.

Eu ainda não terminei!, grito dentro da minha cabeça, mas não para Jeanine. *Eu ainda não terminei aqui!*

Ela injeta o soro. Peter inclina-se para a frente e olha nos meus olhos.

— O soro fará efeito em um minuto. Seja corajosa, Tris.

Suas palavras me surpreendem, porque são exatamente o que Tobias disse quando me colocou sob minha primeira simulação.

Meu coração começa a disparar.

Por que Peter pediria para eu ser corajosa? Por que ele me ofereceria qualquer palavra gentil?

Todos os músculos do meu corpo relaxam ao mesmo tempo. Meus membros ficam pesados. Se isso é a morte, não é tão ruim assim. Meus olhos permanecem abertos, mas minha cabeça desaba para o lado. Tento fechar os olhos, mas não consigo. Não consigo me mover.

De repente, o monitor cardíaco para de apitar.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

MAS AINDA RESPIRO. Não profundamente; não o bastante para me satisfazer, mas *respiro*. Peter fecha as minhas pálpebras. Será que ele sabe que não estou morta? Será que Jeanine sabe? Será que ela consegue ver que estou respirando?

— Leve o corpo para o laboratório — diz Jeanine. — A autópsia será esta tarde.

— Tudo bem — responde Peter.

Peter empurra a mesa. Ouço murmúrios por todos os lados, enquanto passamos por um grupo de membros da Erudição. Minha mão desliza para fora da beirada da mesa ao virarmos o corredor e esbarra na parede. Sinto uma pontada de dor nas pontas dos dedos, mas não consigo mover a mão, por mais que eu tente.

Dessa vez, ao descermos o corredor cheio de traidores da Audácia, ele está silencioso. Peter caminha devagar a princípio, depois vira mais uma vez o corredor e acelera o passo. Ele quase corre no corredor seguinte, e, de repente, para. Onde estou? Não posso já estar no laboratório. Por que ele parou?

Os braços de Peter deslizam sob meus joelhos e ombros, e ele me levanta. Minha cabeça desaba sobre seu ombro.

— Para alguém tão pequena, você é *pesada*, Careta — murmura ele.

Ele sabe que estou acordada. Ele *sabe*.

Ouço uma série de bipes, depois algo deslizando. Uma porta sendo destrancada.

— O que... — A voz é de Tobias. *Tobias!* — Meu Deus! Oh...

— Poupe-me do seu chororô, está bem? — diz Peter. — Ela não está morta; só está paralisada. O efeito vai passar em cerca de um minuto. Agora, prepare-se para correr.

Não entendo.

Como será que Peter sabe?

— Deixa que eu a carrego — diz Tobias.

— Não. Você atira melhor do que eu. Pegue minha arma. Eu a carregarei.

Ouço o som da arma sendo retirada do coldre. Tobias acaricia minha testa. Os dois começam a correr.

A princípio, só consigo ouvir o som dos seus pés no chão, e minha cabeça quica dolorosamente. Sinto um formigamento nas minhas mãos e pés.

— Esquerda! — grita Peter para Tobias.

De repente, ouço um grito vindo do fundo do corredor:

— Ei, o que...?!

Um disparo. Depois, nada.

Mais correria.

— Direita! — grita Peter. Ouço outro disparo, depois mais outro.

— Nossa — murmura ele. — Espere, pare aqui!

Sinto um formigamento descendo pela minha espinha. Abro os olhos enquanto Peter abre outra porta. Ele a atravessa correndo e, logo antes de a minha cabeça bater no batente, levanto o braço e o agarro.

— Cuidado! — digo, com a voz engasgada. Minha garganta ainda continua tão apertada quanto quando ele injetou o líquido em mim e tive dificuldade em respirar. Peter vira de lado para me ajudar a atravessar a porta, depois a fecha com o calcanhar e me deixa cair no chão.

A sala na qual entramos está quase vazia, exceto por uma fileira de latas de lixo vazias encostadas em uma das paredes e uma porta quadrada de metal em outra, grande o bastante para caber uma das latas.

— Tris — diz Tobias, agachando-se ao meu lado. Seu rosto está pálido, quase amarelo.

Há tanto que eu quero dizer. A primeira coisa que escapa da minha garganta é:

— Beatrice.

Ele solta uma risada fraca.

— Beatrice — conserta ele, encostando os lábios nos meus. Enrosco os dedos em sua camisa.

— A não ser que queiram que eu vomite em cima de vocês, é melhor deixar isso para depois.

— Onde estamos? — pergunto.

— Este é o incinerador de lixo — diz Peter, batendo na porta quadrada. — Eu o desliguei. Ele nos levará até um beco. Depois, é melhor sua mira estar perfeita, Quatro, se você pretende sair vivo do setor da Erudição.

— Não se preocupe com minha mira — responde Tobias. Como eu, ele está descalço.

Peter abre a porta do incinerador.

— Você primeiro, Tris — diz ele.

A canaleta de lixo tem cerca de noventa centímetros de largura e um metro e vinte de altura. Enfio uma perna dentro dela e, com a ajuda de Tobias, ergo a outra também. Meu estômago parece afundar de nervoso enquanto escorrego pelo curto cano de metal. Depois, uma série de rolamentos bate contra as minhas costas enquanto deslizo sobre eles.

Sinto cheiro de fogo e cinzas, mas não estou queimada. Depois, desabo, e meu braço se choca contra uma parede de metal, fazendo com que eu solte um grunhido. Aterrisso em um chão de cimento, com força, e a dor do impacto atravessa minhas canelas.

— Ai.

Afasto-me, mancando, da abertura, depois grito:

— Podem vir.

Quando Peter chega, de lado, e não em pé, minhas pernas já doem menos. Ele solta um grunhido e se arrasta para longe da abertura a fim de se

recuperar da queda.

Olho ao redor. Estamos dentro do incinerador, que está completamente escuro, exceto por linhas de luz brilhando no formato de uma pequena porta do outro lado. Em alguns lugares, o chão é feito de metal sólido. Em outras, há grades de metal. O cheiro de lixo em decomposição e de queimado enche o espaço.

— Isso é para você jamais dizer que nunca a levei a um lugar legal — diz Peter.

— Eu nem sonharia em insinuar isso — respondo.

Tobias aterrissa no chão, em pé, mas depois se ajoelha com uma careta de dor. Eu o ajudo a se levantar, então me aproximo do seu corpo. Todos os cheiros, visões e sensações do mundo parecem amplificados. Eu estava quase morta, mas agora estou viva. Graças a Peter.

Logo Peter.

Ele caminha sobre a grade de metal e abre a pequena porta. A luz invade o incinerador. Tobias afasta-se, junto comigo, do cheiro de fogo do forno de metal, entrando na sala de cimento onde ele está localizado.

— Está com a arma? — pergunta Peter a Tobias.

— Não — diz Tobias. — Achei melhor atirar as balas pelo nariz, então a deixei lá em cima.

— Ah, cala a boca.

Peter estende outra arma para a frente e deixa a sala do incinerador. Entramos em um corredor úmido, com canos expostos no teto de apenas cerca de três metros de comprimento. A placa ao lado da porta no final do corredor diz SAÍDA. Estou viva e indo embora.

+ + +

O trecho entre a sede da Audácia e a sede da Erudição não parece o mesmo na direção contrária. Acho que tudo parece diferente quando você não está a

caminho da sua própria morte.

Quando alcançamos o final do beco, Tobias encosta o ombro em uma das paredes e se inclina apenas o suficiente para ver o que há depois da esquina. Com o rosto inexpressivo, ele coloca um dos braços para fora do beco, apoiando-o na parede do prédio, e dispara duas vezes. Tapo os ouvidos com os dedos e tento não prestar atenção aos disparos e do que eles me lembram.

— Rápido — diz Tobias.

Nós corremos. Primeiro Peter, depois eu, e Tobias por último, descendo a avenida Wabash. Olho para trás a fim de ver contra o que Tobias atirou e vejo dois homens no chão, atrás da sede da Erudição. Um deles não está se movendo, e o outro está agarrando o braço e correndo em direção à porta de entrada. Eles enviarão reforços atrás de nós.

Estou desnorteada, provavelmente por causa da exaustão, mas a adrenalina me mantém correndo.

— Sigam o trajeto menos lógico! — grita Tobias.

— O quê? — diz Peter.

— O trajeto menos lógico! — diz Tobias. — Para que eles não nos encontrem!

Peter vira à esquerda, descendo outro beco, cheio de caixas de papelão com cobertores puídos e travesseiros manchados. Acho que essa devia ser uma moradia dos sem-facção. Ele salta sobre uma caixa e eu a atropelo, chutando-a para trás de mim.

No final do beco, ele vira à esquerda, em direção a um pântano. Voltamos para a avenida Michigan. Estamos completamente visíveis da sede da Erudição, caso alguém de lá resolva olhar para a rua.

— Péssima ideia! — grito.

Peter vira a próxima rua à direita. Pelo menos todas as ruas aqui estão liberadas. Não há placas de rua caídas para desviar ou buracos para saltar. Meus pulmões doem, como se eu tivesse inalado veneno. Minhas pernas, que

antes doíam, agora estão dormentes, o que é melhor. Ouço gritos de algum lugar longe.

De repente, eu me dou conta de algo: a coisa mais ilógica a se fazer é parar de correr.

Agarro a manga da camisa de Peter e o arrasto até o prédio mais próximo. Tem seis andares de altura, com janelas largas organizadas em uma grade e divididas por pilastras de tijolos. A primeira porta que tento abrir está trancada, mas Tobias dispara contra a janela ao lado dela, que se estilhaça, e destranca a porta por dentro.

O edifício está completamente vazio. Não há uma única cadeira ou mesa. E há janelas demais. Caminhamos em direção à escada de emergência, e rastejo sob o primeiro lance, para que nos escondamos sob os degraus. Tobias senta-se ao meu lado e Peter de frente para nós, com os joelhos encostados no peito.

Tento recuperar o fôlego e me acalmar, mas não é fácil. Eu estava morta. Eu estava *morta*, e depois não estava mais, mas por quê? Por causa do Peter? *Peter?*

Eu o encaro. Ele ainda parece tão inocente, apesar de tudo o que já fez para provar que não é. Seu cabelo, brilhante e escuro, continua arrumado, como se ele não tivesse acabado de correr um quilômetro e meio a toda velocidade. Seus olhos redondos vasculham a escada, depois param em meu rosto.

— O que foi? Por que está olhando para mim desse jeito?

— Como você fez aquilo?

— Não foi tão difícil. Tingi um soro de paralisia de roxo e o troquei pelo soro mortal. Troquei o fio que deveria ler seu batimento cardíaco por um fio morto. A parte do monitor cardíaco foi mais difícil; precisei de um pouco de ajuda da Erudição e de um controle remoto. Você não entenderia, mesmo que eu tentasse explicar.

— Mas *por que* você fez aquilo? — pergunto. — Você me *quer* morta. Você estava disposto a me matar com as próprias mãos! O que o fez mudar de

ideia?

Ele contrai os lábios, mas por um longo tempo não desvia o olhar. Depois, abre a boca, hesita e finalmente diz:

— Não consigo ficar endividado com ninguém. Está bem? A ideia de dever algo a você estava me deixando doente. Eu acordava no meio da noite com vontade de vomitar. Em dívida com uma Careta? É ridículo. Completamente ridículo. E eu não consegui aguentar.

— Do que você está falando? Você me devia alguma coisa?

Ele revira os olhos.

— No complexo da Amizade. Alguém atirou contra mim. A bala estava na altura da cabeça; ela teria me atingido entre os olhos. E você me empurrou para fora do caminho. Estávamos quites antes disso. Quase matei você durante a iniciação, e você quase me matou durante a simulação de ataque; estávamos quites, certo? Mas depois daquilo...

— Você é louco — diz Tobias. — Não é assim que o mundo funciona... com todo mundo mantendo um saldo.

— Tem certeza? — Peter ergue as sobrancelhas. — Não sei em qual mundo *você* vive, mas, no meu, as pessoas só fazem coisas umas para as outras por dois motivos. Ou elas querem algo em troca, ou sentem que devem alguma coisa.

— Esses não são os únicos motivos para alguém fazer algo por você — falo. — Às vezes, as pessoas podem amar você. Bem, não *você*, mas...

Peter solta uma risada de deboche.

— É exatamente esse o tipo de baboseira que espero da boca de uma Careta delirante.

— Acho que devemos sempre nos assegurar de que você nos deva alguma coisa, então — diz Tobias. — Ou você vai correr para o lado de quem fizer a melhor oferta.

— É — concorda Peter. — É mais ou menos assim que funciona.

Balanço a cabeça. Não consigo me imaginar vivendo da maneira que ele vive, sempre me lembrando de quem me deu o que e do que preciso dar de volta, incapaz de sentir amor, lealdade ou perdão, como um homem de um olho só, procurando pelo olho de outra pessoa para furar. Isso não é viver. É uma versão mais pálida da vida. Onde será que ele aprendeu a viver assim?

— Então, quando vocês acham que podemos sair daqui? — pergunta Peter.

— Em algumas horas — diz Tobias. — É melhor irmos para o setor da Abnegação. É lá que os sem-facção e os membros da Audácia que não estão programados para a simulação estarão agora.

— Fantástico — diz Peter.

Tobias coloca o braço ao meu redor. Encosto a bochecha no seu ombro e fecho os olhos, para não precisar olhar para Peter. Sei que precisamos conversar sobre muitas coisas, embora não saiba exatamente o quê, mas não podemos conversar aqui ou agora.

+ + +

Enquanto caminhamos pelas ruas que um dia chamei de minhas, conversas nascem e morrem, e olhos encaram meu rosto e corpo. Eles acreditavam que eu havia morrido havia menos de seis horas. E tenho certeza de que a notícia da minha suposta morte chegou aqui, porque Jeanine sabe espalhar notícias. Noto que alguns dos sem-facção por quem passamos estão marcados com manchas azuis. Eles estão programados para uma simulação.

Agora que estamos aqui, seguros, percebo que há cortes na sola dos meus pés, resultantes da nossa correria sobre calçadas ásperas e cacos de vidro das janelas quebradas. Meus pés ardem a cada passo. Concentro-me na dor, para não precisar me concentrar nas pessoas que me encaram.

— Tris? — grita alguém diante de nós. Levanto a cabeça e vejo Uriah e Christina na calçada, comparando revólveres. Uriah solta sua arma sobre a grama e corre até mim. Christina o segue, mas mais devagar.

Uriah levanta os braços para me abraçar, mas Tobias apoia uma mão em seu ombro e o impede. Sinto uma onda de gratidão. Acho que não conseguiria aguentar o abraço, as perguntas ou o sentimento de surpresa de Uriah agora.

— Ela passou por maus bocados — diz Tobias. — Só precisa dormir. Ela ficará aqui na rua, no número trinta e sete. Venha visitá-la amanhã.

Uriah franze a testa e olha para mim. Pessoas da Audácia não costumam compreender restrições, e tudo o que Uriah conheceu em sua vida foi a Audácia. Mas ele parece respeitar a opinião de Tobias sobre mim, porque acena com a cabeça e diz:

— Está bem. Amanhã.

Christina estica o braço quando passo por ela e aperta meu ombro delicadamente. Tento andar mais ereta, mas meus músculos parecem uma gaiola, mantendo meus ombros curvados. Os olhos seguem-me pela rua, perfurando minha nuca. Sinto-me aliviada quando Tobias nos guia pela passagem que leva à entrada da casa cinza que costumava pertencer a Marcus Eaton.

Nem consigo imaginar a força que Tobias precisa juntar para atravessar a porta. Para ele, essa casa deve conter ecos dos gritos dos seus pais, dos estalos de cinto e das horas passadas dentro de armários apertados e escuros. No entanto, ele não parece apreensivo ao me guiar, junto com Peter, até a cozinha. Parece até andar mais ereto. Mas talvez Tobias seja assim mesmo. Quando ele deveria ser fraco, é forte.

Tori, Harrison e Evelyn estão na cozinha. Fico surpresa em vê-los. Encosto o ombro na parede e fecho os olhos com força. O contorno da mesa de execução está impresso nas minhas pálpebras. Abro os olhos. Tento respirar. Eles estão conversando, mas não consigo ouvir o que dizem. Por que Evelyn está aqui, na casa de Marcus? Onde está Marcus?

Evelyn envolve Tobias com um dos braços e encosta em seu rosto com o outro, apertando sua bochecha contra a dela. Ela lhe diz algo, e ele sorri e se

afasta. Mãe e filho, reconciliados. Não sei se isso foi uma boa escolha.

Tobias me vira e, com uma das mãos no meu braço e outra na minha cintura, para não encostar na ferida em meu ombro, guia-me em direção à escada. Subimos os degraus juntos.

No segundo andar, estão os antigos quartos de Tobias e dos seus pais, separados por um banheiro e mais nada. Ele me leva para o seu quarto e fico parada por um instante, olhando o lugar onde ele passou a maior parte da sua vida.

Ele mantém a mão em meu braço. Desde que deixamos o vão da escada do prédio, ele está encostando em mim como se imaginasse que eu poderia ruir caso não me segurasse firme o bastante.

— Tenho quase certeza de que Marcus não entrou mais neste quarto depois que eu fui embora — diz Tobias. — Não tinha nada fora do lugar quando voltei.

Membros da Abnegação não fazem muitas decorações, já que elas são vistas como algo egoísta. Mas Tobias tem tudo o que nos permitiam ter. Uma pilha de jornais escolares. Uma pequena prateleira de livros. E, por incrível que pareça, uma escultura de vidro azul em sua cômoda.

— Minha mãe trouxe isso escondido para mim quando eu era criança. Ela me disse para escondê-la. No dia da cerimônia, coloquei-a sobre a cômoda ao sair de casa. Para que ele pudesse ver. Um pequeno ato de rebeldia.

Aceno com a cabeça. É estranho estar em um lugar que carrega uma única lembrança de maneira tão completa. Este quarto é o Tobias de dezesseis anos, prestes a escolher a Audácia, para fugir do seu pai.

— Vamos cuidar do seu pé. — Mas ele não se move, apenas desliza os dedos até a parte de dentro do meu cotovelo.

— Está bem.

Entramos no banheiro adjacente, e eu me sento na beirada da banheira. Ele se senta ao meu lado, com a mão em meu joelho, enquanto abre a torneira

e tampa o ralo. A água derrama para dentro da banheira, cobrindo as unhas dos meus pés. Meu sangue torna a água rosa.

Ele se agacha dentro da banheira e coloca o meu pé no colo, pincelando os cortes mais profundos com uma toalha de rosto. Não sinto nada. Mesmo quando ele joga espuma de sabonete sobre os cortes, não sinto nada. A água da banheira fica cinza.

Pego o sabonete e o esfrego nas mãos, até que minha pele fica coberta de espuma branca. Estico o braço e passo os dedos nas mãos de Tobias, com cuidado, para limpar as linhas nas palmas e os espaços entre seus dedos. É bom fazer alguma coisa, limpar alguma coisa e poder tocá-lo novamente.

Molhamos todo o chão do banheiro ao jogarmos água um no outro para tirar o sabonete. A água faz com que eu sinta frio, mas tremo e nem ligo. Ele pega uma toalha e começa e enxugar minhas mãos.

— Eu não... — Minha voz soa como a de alguém que está sendo estrangulado. — Minha família está toda *morta* ou me traiu; como posso...

Minhas palavras não fazem sentido. Os soluços dominam meu corpo, minha mente, tudo. Ele me puxa para perto do seu corpo, e a água da banheira encharca as minhas pernas. Seu abraço é apertado. Ouço seu coração e, depois de um tempo, encontro uma maneira de deixar que seu ritmo me acalme.

— Serei a sua família agora.

— Eu te amo — digo.

Eu já disse isso uma vez, antes de partir para a sede da Erudição, mas ele estava dormindo. Não sei por que nunca disse quando ele podia ouvir. Talvez temesse confiar-lhe algo tão pessoal quanto minha devoção. Ou temesse não saber de verdade o que é amar alguém. Mas agora acho que a coisa mais assustadora foi eu não ter dito, antes que fosse quase tarde demais. Não ter dito antes que fosse quase tarde demais para mim.

Sou dele, e ele é meu, e sempre foi assim.

Ele me encara. Espero, agarrada aos seus braços para me equilibrar, enquanto ele pensa no que responder.

Ele franze a testa ao olhar para mim.

— Fala outra vez.

— Tobias, eu te amo.

A água torna sua pele escorregadia. Ele cheira a suor, e a minha camisa gruda em seus braços quando ele os desliza pelo meu corpo. Ele encosta o rosto no meu pescoço e me beija logo acima da clavícula, depois no pescoço, depois nos lábios.

— Eu também te amo.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

ELE SE DEITA ao meu lado, e caio no sono. Espero ter pesadelos, mas devo estar cansada demais, porque minha mente permanece vazia. Quando abro os olhos novamente, ele não está mais lá, mas há uma pilha de roupas ao meu lado, na cama.

Levanto-me e caminho até o banheiro, sentindo-me esfolada, como se minha pele tivesse sido completamente raspada da carne, e cada vez que respiro meu peito arde um pouco, mas estou estável. Não acendo as luzes do banheiro porque sei que elas serão brancas e fortes, como as luzes do complexo da Erudição. Tomo banho no escuro, quase sem conseguir diferenciar o xampu do condicionador, e digo a mim mesma que sairei do banho renovada e forte, que a água vai me curar.

Antes de sair do banheiro, belisco minhas bochechas com força, para trazer o sangue até a superfície da pele. Sei que é idiotice, mas não quero parecer fraca e exausta na frente de todo mundo.

Quando volto para o quarto de Tobias, Uriah está jogado na cama, de barriga para baixo; Christina segura a escultura azul, examinando-a, e Lynn está posicionada sobre Uriah, segurando um travesseiro, com um sorriso malicioso no rosto.

Lynn dá uma pancada forte com o travesseiro atrás da cabeça de Uriah.

— Ei, Tris! — diz Christina.

— Ai! Como você consegue fazer um *travesseiro* doer tanto, Lynn? — grita Uriah.

— Com a minha força incrível — explica ela. — Você levou um tapa, Tris? Uma das suas bochechas está muito vermelha.

Não devo ter beliscado a outra com força suficiente.

— Não, é apenas... meu brilho matinal.

Faço a piada como se tentasse aprender um novo idioma. Christina ri, talvez um pouco mais do que meu comentário merecia, mas fico feliz pelo seu esforço. Uriah quica na cama algumas vezes ao se locomover até a beirada.

— Então, o assunto sobre o qual não estamos falando.—Ele gesticula para mim. — Você quase morreu, um maricote sádico a salvou, e agora estamos todos em uma guerra séria, com os sem-facção como aliados.

— Maricote? — diz Christina.

— É uma gíria da Audácia. — Lynn solta uma pequena risada. — Supostamente, é um insulto terrível, mas ninguém mais fala assim.

— Porque é ofensivo demais — diz Uriah, acenando com a cabeça.

— Não. Porque é tão idiota que ninguém da Audácia que tenha noção de ridículo diria algo assim. Maricote. Você tem o quê, doze anos?

— Doze e meio — diz ele.

Acho que eles estão caçoando um ao outro apenas para me ajudar, para que eu não precise falar nada; para que eu possa apenas rir. E é isso o que faço, rio bastante para aquecer a pedra gelada que tinha se formado no meu estômago.

— Há comida lá embaixo — diz Christina. — Tobias preparou ovos mexidos, que eu acabei de descobrir que é uma comida nojenta.

— Ei — falo. — Eu *gosto* de ovos mexidos.

— Então deve ser um típico café da manhã de Caretas. — Ela agarra o meu braço. — Vamos.

Descemos as escadas juntos, fazendo um estrondo com os pés que eu nunca poderia ter feito na casa dos meus pais. Meu pai costumava brigar comigo sempre que eu descia a escada correndo.

— Não chame atenção para você mesma — dizia ele. — Não é educado com as pessoas ao redor.

Ouço vozes na sala de estar. Na verdade, ouço várias vozes, misturadas a risadas ocasionais e uma melodia indistinta tocada em um instrumento, como um banjo ou um violão. Não é algo que eu esperaria encontrar em uma

casa da Abnegação, geralmente tranquila e silenciosa, não importa a quantidade de gente reunida dentro dela. As vozes, as risadas e a música dão vida às paredes soturnas. Sinto-me ainda mais aquecida.

Fico parada na porta da sala de estar. Há cinco pessoas apertadas no sofá de três lugares, jogando um jogo de cartas que reconheço da sede da Franqueza. Um homem está sentado em uma poltrona, e uma mulher está sentada no seu colo. Há ainda outra pessoa sentada no braço da poltrona, com uma lata de sopa na mão. Tobias está sentado no chão, com as costas apoiadas na mesa de centro. Cada parte de sua postura sugere que ele está à vontade. Uma de suas pernas está dobrada e a outra, esticada, um dos seus braços está apoiado sobre o joelho, e sua cabeça está inclinada, para conseguir escutar melhor. Nunca o vi com uma aparência tão confortável sem uma arma na mão. Não sabia que isso era possível.

Sinto a mesma sensação de vazio no estômago que tenho sempre que sei que alguém mentiu para mim, mas não sei exatamente quem mentiu dessa vez ou a respeito do quê. Não é isso o que me ensinaram a esperar dos sem-facção. Ensinaram-me que ser sem-facção era algo pior do que a morte.

Fico parada por apenas alguns segundos, até que alguém repara em mim. A conversa deles cessa. Enxugo a palma das mãos na barra da minha camisa. Há olhos demais em mim, e silêncio demais.

Evelyn limpa a garganta.

— Pessoal, esta é Tris Prior. Vocês devem ter ouvido falar bastante dela ontem.

— E Christina, Uriah e Lynn — completa Tobias. Fico grata pela tentativa dele de desviar a atenção de todos de mim, mas não funciona.

Fico grudada ao batente da porta por alguns segundos, até que um homem sem-facção, mais velho e com a pele enrugada coberta de tatuagens, fala:

— Você não deveria estar morta?

Alguns dos outros riem, e eu tento sorrir. Meu sorriso sai torto e pequeno.

— É, deveria — respondo.

— Mas não gostamos de dar a Jeanine Matthews o que ela quer — diz Tobias. Ele se levanta e me oferece uma lata de ervilhas, mas não há ervilhas dentro dela, e sim ovos mexidos. O alumínio aquece meus dedos.

Ele se senta e eu me sento ao seu lado, colocando um pouco de ovo na boca. Não estou com fome, mas sei que preciso comer, então mastigo e engulo. Já sei como os sem-facção comem, então passo os ovos para Christina e pego uma lata de pêssegos de Tobias.

— Por que estão todos morando na casa de Marcus? — pergunto para ele.

— Evelyn o expulsou daqui. Ela disse que a casa também era dela, que ele já a havia usado por muitos anos e que agora é a vez dela. — Tobias sorri. — Isso causou uma briga enorme no quintal, mas Evelyn acabou vencendo.

Olho para a mãe de Tobias. Ela está no outro canto da sala, conversando com Peter e comendo mais ovos de outra lata. Meu estômago revira. Tobias fala dela de maneira quase reverente. Mas ainda me lembro do que ela disse a respeito da minha efemeridade na vida de Tobias.

— Há pão em algum lugar. — Ele pega um cesto sobre a mesa de centro e me entrega. — Pegue duas fatias. Você está precisando.

Enquanto mastigo a casca do pão, olho para Peter e Evelyn outra vez.

— Acho que ela está tentando recrutá-lo — diz Tobias. — Ela sabe fazer com que a vida dos sem-facção pareça incrivelmente atraente.

— Tudo bem, desde que isso o tire da Audácia. Ele pode até ter salvado minha vida, mas ainda não gosto dele.

— Se tudo der certo, não precisaremos mais nos preocupar com distinções de facção quando isso acabar. Acho que será legal.

Fico calada. Não quero arrumar outra briga com ele. Nem lembrá-lo de que não será tão fácil convencer os membros da Audácia e da Franqueza a se juntar aos sem-facção em uma cruzada contra o sistema de facções. Talvez isso cause outra guerra.

A porta da frente se abre, e Edward entra. Hoje, ele está usando um tapa-olho com um olho azul pintado sobre ele, completo com uma pálpebra semicerrada. O efeito do olho grande demais em seu rosto bonito é ao mesmo tempo grotesco e engraçado.

— Eddie! — grita alguém, saudando-o. Mas o olho bom de Edward já encontrou Peter. Ele começa a atravessar a sala, quase chutando uma lata de comida da mão de uma pessoa. Peter se encolhe na sombra do batente da porta como se quisesse desaparecer.

Edward para a centímetros dos pés de Peter, depois dá um bote na direção dele, como se estivesse prestes a socá-lo. Peter salta para trás com tanta força que bate com a cabeça na parede. Edward sorri, e os sem-facção ao redor começam a rir.

— Você não é tão corajoso à luz do dia — diz Edward.

Depois, vira-se para Evelyn e diz:

— Não dê nenhum utensílio doméstico para ele. Não sabemos o que ele poderia fazer com algo assim.

Ao falar isso, ele arranca o garfo da mão de Peter.

— Devolva isso — diz Peter.

Edward envolve a garganta de Peter com sua mão livre e aperta os dentes do garfo entre os dedos, perto do seu pomo de adão. Peter fica paralisado, e seu rosto enrubesce.

— Fique calado quando estiver perto de mim — ordena ele, com a voz baixa. — Ou eu farei isso novamente, mas, da próxima vez, cravarei o garfo no seu esôfago.

— Chega — diz Evelyn. Edward solta o garfo e Peter. Depois, atravessa a sala e se senta ao lado da pessoa que o chamou de Eddie há alguns instantes.

— Não sei se você sabe — diz Tobias —, mas Edward é um pouco instável.

— Estou começando a perceber.

— Aquele cara, Drew, que ajudou Peter com a história da faca de manteiga — diz Tobias. — Parece que, quando ele foi expulso da Audácia, tentou juntar-

se ao mesmo grupo sem-facção de Edward. Como você deve ter percebido, nunca mais vimos o Drew.

— Edward o matou?

— Quase — diz Tobias. — Parece que foi por isso que aquela outra transferida, acho que o nome dela era Myra, deixou Edward. Ela era delicada demais para aguentar esse tipo de coisa.

Sinto um vazio ao pensar em Drew, quase morto pelas mãos de Edward. Drew também me atacou.

Não quero falar sobre isso.

— Tudo bem. — Tobias toca meu ombro. — É difícil para você estar em uma casa da Abnegação novamente? Eu queria ter perguntado antes. Se for, podemos ir para outro lugar.

Termino de comer minha segunda fatia de pão. Todas as casas da Abnegação são iguais, portanto esta sala de estar é exatamente igual à da minha casa. E ela realmente me traz lembranças, se eu observá-la com cuidado. A luz atravessando as cortinas toda manhã, forte o bastante para que meu pai pudesse ler. O som das agulhas de crochê da minha mãe todas as noites. Mas não me sinto engasgada. Isso já é um começo.

É sim. Mas não tanto quanto você imagina.

Ele levanta uma sobrancelha.

— É sério. As simulações na sede da Erudição... me ajudaram de alguma maneira. A aguentar, talvez. — Franzo a testa. — Ou talvez não. Talvez elas tenham me ensinado a não me agarrar tanto às coisas. — Isso soa mais correto. — Algum dia conto isso melhor.

Minha voz soa distante.

Ele encosta na minha bochecha e, apesar de estarmos em uma sala cheia de pessoas e repleta de risadas e conversas, me beija devagar.

— Pega leve, Tobias — diz o homem à minha esquerda. — Você não foi criado como um Careta? Pensei que o máximo que vocês faziam era... dar as mãos ou algo assim.

— Então, como você explicaria todas as crianças da Abnegação? — Tobias ergue as sobrancelhas.

— Elas são geradas por pura força de vontade — diz a mulher sentada no braço da poltrona. — Você não sabia disso, Tobias?

— Não, não estava ciente. — Ele sorri. — Perdão.

Todos riem. Todos *nós* rimos. A mim ocorre que eu talvez esteja conhecendo a verdadeira facção de Tobias. Eles não são caracterizados por uma única virtude. Assumem todas as cores, todas as atividades, todas as virtudes e todas as falhas.

Não sei o que os une. A única coisa em comum entre eles, que eu saiba, é o fracasso. Mas, seja lá o que for, parece o bastante.

Sinto, ao encará-lo, que estou finalmente vendo como ele é, e não como é em relação a mim. Então, o quão bem será que eu o conheço, se nunca havia visto isso antes?

+ + +

O sol começa a se pôr. O setor da Abnegação não está nem um pouco tranquilo. Há pessoas da Audácia e dos sem-facção perambulando pelas ruas. Alguns seguram garrafas, outros, garrafas e armas.

À minha frente, Zeke empurra a cadeira de rodas de Shauna, na frente da casa de Alice Brewster, que costumava ser uma das líderes da Abnegação. Eles não me veem.

— Faz de novo! — diz ela.

— Tem certeza?

— Tenho!

— Está bem... — Zeke começa a correr, empurrando a cadeira de rodas. Depois, quando já quase não consigo vê-los, ele usa os cabos da cadeira para empurrar o corpo para cima e tirar os pés do chão, e os dois voam juntos pelo meio da rua, enquanto Shauna grita e Zeke gargalha.

Viro à esquerda na esquina seguinte e começo a descer a calçada rachada, em direção ao edifício onde a Abnegação costumava sediar suas reuniões mensais de facção. Embora pareça fazer muito tempo que não vou lá, ainda me lembro de como chegar. Uma quadra ao sul, duas quadras a oeste.

O sol move-se lentamente em direção ao horizonte enquanto caminho. Por causa da noite, as cores dos prédios ao redor dão lugar ao cinza.

A fachada da sede da Abnegação é apenas um retângulo de cimento, como todos os outros edifícios do setor. Mas, quando abro a porta da frente, sou recebida por tábuas corridas e fileiras de bancos organizadas em um quadrado, que conheço bem. No centro da sala há uma claraboia que permite a entrada de um quadrado alaranjado de luz solar. Ela é a única decoração da sala.

Sento-me no antigo banco da minha família. Eu costumava sentar-me ao lado do meu pai, e Caleb, da minha mãe. Agora, sinto-me como a única restante. A última Prior.

— É bonito, não é? — Marcus entra na sala e senta-se de frente para mim, com as mãos dobradas sobre seu colo. A luz solar está entre nós.

Há um grande hematoma em seu rosto, no local onde Tobias o acertou, e seu cabelo foi raspado recentemente.

— É tranquilo — digo, ajeitando o corpo. — O que está fazendo aqui?

— Vi você entrando. — Ele examina as próprias unhas com cuidado. — E queria trocar uma palavra com você a respeito da informação que Jeanine Matthews roubou.

— E se já for tarde demais para isso? E se eu já souber o que é?

Marcus levanta o rosto, e seus olhos escuros se semicerram. Seu olhar é muito mais venenoso do que qualquer um que Tobias conseguiria esboçar, mesmo que ele tenha os olhos do pai.

— Não há como você saber.

— Não há como você saber que não sei.

— Na verdade, eu sei sim. Porque já vi o que acontece com as pessoas que ouvem a verdade. Elas parecem se esquecer do que estavam procurando e ficam perambulando por aí, perdidas, tentando se lembrar.

Um arrepio atravessa minha espinha e se espalha pelos meus braços, erguendo meus pelos.

— Sei que Jeanine decidiu assassinar metade de uma facção para roubar essa informação, então ela deve ser extremamente importante — digo. Depois paro. Também sei outra coisa, mas que só descobri agora.

Logo antes de eu atacar Jeanine, ela disse:

A questão aqui não é você, nem eu.

E a tal *questão* era o que ela estava tentando fazer comigo, ou seja, descobrir uma simulação que funcionasse em mim. Nos Divergentes.

— Sei que tem algo a ver com os Divergentes — falo sem pensar. — Sei que a informação tem a ver com o que há do lado de fora da cerca.

— Isso não significa que você saiba o que há lá fora.

— Mas e aí? Vai me contar ou vai ficar apenas me atiçando?

— Não vim aqui para discutir de forma egoísta. E não, não vou contar o que é, mas não porque eu não queira. Não vou contar porque não tenho a menor ideia de como descrevê-lo a você. Você precisaria ver com os próprios olhos.

Enquanto ele fala, percebo que a luz do sol está se tornando mais laranja do que amarela, e lança sombras mais escuras sobre seu rosto.

— Acho que Tobias deve estar certo. Você *gosta* de ser o único a saber. Você gosta do fato de eu não saber. Isso faz com que você se sinta importante. É por isso que você não quer contar, não por ser algo indescritível.

— Isso não é verdade.

— Como posso ter certeza disso?

Marcus me encara, e eu o encaro de volta.

— Uma semana antes da simulação de ataque, os líderes da Abnegação decidiram que estava na hora de revelar as informações contidas no arquivo para todos. *Todos*, de toda a cidade. O dia no qual planejávamos revelar a

informação seria aproximadamente sete dias depois do dia da simulação de ataque. Como você bem sabe, isso não foi possível.

— Ela não queria revelar o que há do lado de fora da cerca? Por que não? Aliás, como é que ela sabia sobre a informação? Você não disse que apenas os líderes da Abnegação sabiam?

— Nós não *somos* daqui, Beatrice. Fomos colocados aqui para atingir um objetivo específico. Há algum tempo, a Abnegação foi forçada a pedir a ajuda da Erudição para conseguir atingir esse objetivo, mas tudo acabou dando errado por causa da Jeanine. Porque ela não quer fazer o que devemos fazer. Ela prefere apelar para assassinatos.

Colocados aqui.

Meu cérebro parece estar zunindo com tanta informação. Agarro a beirada do banco no qual estou sentada.

— O que devemos fazer? — pergunto, quase sussurrando.

— Já disse o bastante para convencê-la de que não sou um mentiroso. Quanto ao resto, realmente me considero incapaz de explicar. O que eu revelei, fiz apenas porque a situação é grave.

Grave. De repente, entendo o problema. Os sem-facção pretendem destruir não apenas todas as figuras importantes da Erudição, mas também todos os dados que eles tenham. Vão eliminar tudo.

Nunca pensei que esse plano fosse uma boa ideia, mas sabia que conseguiríamos nos recuperar dele, porque os membros da Erudição *conhecem* as informações relevantes, mesmo que deixem de possuir os dados sobre elas. Mas isso é algo que até mesmo o mais inteligente entre os membros da Erudição não conhece; algo que, se tudo for destruído, não conseguiremos replicar.

— Se eu ajudar você, trairei Tobias. Eu o perderei. — Engulo em seco. — Portanto, é bom você me dar um bom motivo.

— Fora o bem de toda a nossa sociedade? — Marcus contrai o nariz, com nojo. — Isso não é o bastante para você?

— Nossa sociedade já está despedaçada. Portanto, não, não é.

Marcus suspira.

— Seus pais morreram por você, é verdade. Mas o motivo que levou sua mãe para a sede da Abnegação na noite em que você quase foi executada não foi para salvar você. Ela nem sabia que você estava lá. Ela estava tentando resgatar o arquivo de Jeanine. E, quando ficou sabendo que você estava prestes a morrer, correu para salvá-la, deixando o arquivo nas mãos de Jeanine.

— Não foi isso o que ela me disse — digo, irritada.

— Ela mentiu. Porque foi obrigada a mentir. Mas, Beatrice, a questão é que... a questão é que sua mãe sabia que provavelmente não sairia viva da sede da Abnegação, mas precisava tentar. Ela estava disposta a morrer pelo arquivo. Compreende?

Os membros da Abnegação estão dispostos a morrer por qualquer pessoa, aliado ou inimigo, se a situação assim pedir. Talvez seja por isso que eles têm dificuldade em sobreviver em situações de vida ou morte. Mas há poucas *coisas* pelas quais eles estão dispostos a morrer. Eles não valorizam muitas coisas físicas.

Portanto, se ele estiver falando a verdade, minha mãe realmente estava disposta a morrer para que essa informação se tornasse pública... Eu faria praticamente qualquer coisa para atingir o objetivo que ela falhou em alcançar.

— Você está tentando me manipular. Não está?

— Talvez esteja — diz ele, enquanto as sombras escorrem para dentro da órbita dos seus olhos, como água escura. — Mas isso é algo que você terá que descobrir sozinha.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

EU ME DEMORO na caminhada de volta à casa dos Eaton e tento me lembrar do que minha mãe me disse quando me salvou do tanque, durante a simulação de ataque. Ela disse algo sobre ter observado os trens desde o começo do ataque. *Não sabia o que faria quando a encontrasse. Mas meu objetivo sempre foi salvar você.*

Mas, quando relembro sua voz, ela soa diferente. *Não sabia o que faria quando a encontrei.* Isso significa que ela não sabia como resgatar a mim e ao arquivo ao mesmo tempo. *Mas meu objetivo sempre foi salvar você.*

Balanço a cabeça. Será que foi isso mesmo o que ouvi, ou estou apenas manipulando minha própria memória depois do que Marcus me disse? Não há como saber. A única coisa que posso fazer é decidir se confiarei ou não nele.

E, embora ele tenha feito coisas cruéis e maléficas, nossa sociedade não é dividida entre "bem" e "mal". Ser cruel não torna uma pessoa desonesta, da mesma maneira que ser corajoso não faz de ninguém gentil. Marcus não é bom ou mau; ele é as duas coisas.

Bem, talvez seja mais mal do que bom.

Mas isso não significa que ele está mentindo.

À minha frente, na rua, vejo um brilho laranja de fogo. Preocupada, começo a andar mais rápido e vejo que o fogo está saindo de grandes latões de metal, do tamanho de uma pessoa, colocadas sobre as calçadas. Os membros da Audácia e os sem-facção reuniram-se entre elas, com um pequeno espaço dividindo um grupo do outro. E, diante deles, encontram-se Evelyn, Harrison, Tori e Tobias.

Encontro Christina, Uriah, Lynn, Zeke e Shauna no lado direito do grupo da Audácia e junto-me a eles.

— Onde esteve? — pergunta Christina. — Procuramos você por toda a parte.

— Fui dar uma caminhada. O que está acontecendo?

— Eles finalmente vão revelar o plano de ataque — diz Uriah, com uma expressão ansiosa.

— Ah.

Evelyn levanta as mãos, com as palmas voltadas para a frente, e os sem-facção se calam. Eles são mais bem-treinados do que os membros da Audácia, que demoram uns trinta segundos para ficar em silêncio.

— Passamos as últimas semanas desenvolvendo um plano para enfrentar a Erudição — diz Evelyn, e sua voz grave pode ser ouvida com facilidade. — E, agora que terminamos, gostaríamos de compartilhar o plano com vocês.

Evelyn acena com a cabeça para Tori, que assume o discurso:

— Nossa estratégia não é pontual, mas abrangente. Não há como saber quem da Erudição apoia Jeanine e quem não apoia. Portanto, será mais seguro se considerarmos que todos os que não a apoiam já deixaram a sede da Erudição.

— Todos sabemos que o poder da Erudição não está nos seus integrantes, mas na sua informação — diz Evelyn. — Enquanto eles continuarem a possuir essa informação, nunca estaremos livres deles, especialmente porque um grande número de nós está programado para as simulações. Eles têm usado informações para nos controlar e subjugar há tempo demais.

Um grito, que surge em meio aos sem-facção e se espalha para os membros da Audácia, ergue-se da multidão, como se fôssemos todos um único organismo seguindo as instruções de um único cérebro. Mas não sei exatamente o que pensar ou como me sentir. Há uma parte de mim que também está gritando e clamando pela destruição de cada membro da Erudição e tudo o que eles prezam.

Olho para Tobias. Sua expressão é neutra, e ele está parado atrás do brilho da fogueira, onde é difícil enxergá-lo. O que será que ele acha disso?

— Lamento informar que aqueles que foram alvejados com os transmissores de simulação serão obrigados a permanecer aqui — afirma Tori —, porque poderiam ser ativados como armas da Erudição a qualquer momento.

Algumas pessoas protestam, mas ninguém parece muito surpreso. Talvez porque todos saibam muito bem do que Jeanine é capaz através das simulações.

Lynn geme e olha para Tobias.

— Precisamos *ficar*?

— *Você* precisa ficar.

— Você também foi alvejado. Eu vi.

— Sou Divergente, lembra? — Lynn revira os olhos, e ele continua a falar depressa, provavelmente para evitar ouvir a teoria da conspiração Divergente de Lynn mais uma vez. — De qualquer maneira, duvido que eles vão conferir isso e quais são as chances de ela ativar você, sabendo que todos os outros com transmissores de simulação ficaram para trás?

Lynn franze a testa, pensando a respeito do que ele está sugerindo. Mas ela parece mais animada, ou pelo menos tão animada quanto é capaz de ficar, quando Tori começa a falar novamente:

— O restante de nós se dividirá em grupos mistos, com membros da Audácia e dos sem-facção. Um único grupo, grande, tentará invadir a sede da Erudição e abrir caminho dentro do edifício, limpando-o da influência deles. Vários outros grupos menores seguirão diretamente para os níveis superiores do edifício, para eliminar oficiais específicos da Erudição. Vocês receberão informações sobre seus respectivos grupos ainda hoje, mais tarde.

— O ataque ocorrerá dentro de três dias — diz Evelyn. — Preparem-se. Isso será perigoso e difícil. Mas os sem-facção estão acostumados com as dificuldades...

Os sem-facção celebram essas palavras, e eu lembro, de repente, que nós, da Audácia, ainda somos os mesmos que, há apenas algumas semanas, criticavam a Abnegação por doar comida e outros produtos necessários a eles. Por que será que foi tão fácil esquecer isso?

— E a Audácia está acostumada com o perigo...

Todos ao meu redor socam o ar e gritam. Sinto suas vozes dentro da minha cabeça, e a chama de triunfo dentro do meu peito, que me leva a querer me juntar a eles.

A expressão de Evelyn está desapaixonada demais para alguém fazendo um discurso tão fervoroso. Seu rosto parece uma máscara.

— Abaixo a Erudição! — grita Tori, e todos repetem suas palavras, com as vozes em uníssono, independente da facção a qual pertencem. Temos um inimigo em comum, mas será que isso nos torna amigos?

Percebo que Tobias não se junta ao grito, nem Christina.

— Isso não parece certo — diz ela.

— Como assim? — pergunta Lynn, enquanto as vozes erguem-se ao nosso redor. — Você não se lembra do que fizeram conosco? Eles nos colocaram sob o efeito de uma simulação e nos obrigaram a matar pessoas, sem que nem soubéssemos o que estávamos fazendo. Assassinaram todos os líderes da Abnegação.

— Eu sei — responde Christina. — Mas... invadir a sede de uma facção e matar todo mundo não é exatamente o que a Erudição acabou de fazer com a Abnegação?

— Isso é diferente. *Isso* não é um ataque do nada, sem provocação — consente Lynn, irritada.

— Eu sei — diz Christina. — É, eu sei.

Ela olha para mim. Não digo nada. Ela tem razão. Isso não parece certo.

Caminho até a casa dos Eaton à procura de silêncio.

Abro a porta da frente e subo a escada. Quando chego ao antigo quarto de Tobias, sento-me na cama e olho pela janela, para os sem-facção e os

membros da Audácia reunidos ao redor das fogueiras, rindo e conversando. Mas eles não estão misturados; ainda existe uma divisão inquietante entre eles, fazendo com que os sem-facção fiquem de um lado e os membros da Audácia do outro.

Vejo Lynn, Uriah e Christina perto de uma das fogueiras. Uriah passa a mão no fogo, rápido demais para se queimar. Seu sorriso parece mais uma careta, deformado pela tristeza.

Depois de alguns minutos, ouço passos na escada, e Tobias entra no quarto, tirando os sapatos ao lado da porta.

— O que você tem? — pergunta ele.

— Nada. Eu estava apenas pensando que estou surpresa com o fato de os sem-facção terem aceitado se aliar à Audácia tão facilmente. A Audácia nunca foi exatamente gentil com eles.

Ele para ao meu lado na janela, encostando na armação.

— Realmente, não é uma aliança muito natural. Mas temos o mesmo objetivo.

— Agora, sim. Mas o que acontecerá quando os objetivos mudarem? Os sem-facção querem se livrar das facções, e a Audácia, não.

Tobias contrai os lábios. De repente, lembro-me de Marcus e Johanna caminhando juntos pelo pomar. Marcus fizera a mesma expressão ao tentar esconder algo dela.

Será que Tobias herdou a expressão do seu pai? Ou será que isso significa algo diferente?

— Você vai ficar no meu grupo. Durante o ataque. Espero que você não se importe. Nossa missão é abrir caminho até a sala de controle.

O ataque. Se eu participar do ataque, não poderei ir atrás da informação que Jeanine roubou da Abnegação. Preciso escolher um dos dois.

Tobias disse que lidar com a Erudição é mais importante do que descobrir a verdade. E, se ele não tivesse prometido aos sem-facção o controle sobre os dados da Erudição, talvez tivesse razão. Mas ele não me deixou nenhuma

escolha. Se houver qualquer chance de que Marcus esteja falando a verdade, preciso ajudá-lo. Preciso trabalhar contra as pessoas que mais amo.

E agora preciso mentir.

Contorço os dedos.

— O que foi?

— Ainda não consigo atirar. — Olho para ele. — E, depois do que aconteceu na sede da Erudição... — Limpo a garganta. — Não estou mais tão ansiosa para arriscar a minha vida.

— Tris. — Ele acaricia minha bochecha com as pontas dos dedos. — Você não precisa ir.

— Não quero parecer covarde.

— Ei. — Seus dedos se encaixam sob minha mandíbula. Eles estão frios. Ele me encara de maneira severa. — Você já fez mais por esta facção do que qualquer outra pessoa. Você...

Ele suspira e encosta a testa na minha.

— Você é a pessoa mais corajosa que jamais conheci. Fique aqui. E se recupere.

Tobias me beija, e eu sinto que estou ruindo por dentro. Ele pensa que ficarei aqui, mas estarei agindo contra ele, trabalhando com o pai que detesta. Essa mentira... Essa mentira é a pior que jamais contei. Não haverá volta.

Quando nos afastamos, temo que ele ouça minha respiração irregular, então viro-me para a janela.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

– AGORA SIM. Você está parecendo uma molenga tocadora de banjo – diz Christina.

– É mesmo?

– Não. Na verdade, não. Só... deixa eu dar um jeito, está bem?

Ela vasculha sua bolsa por alguns segundos e encontra uma caixinha. Dentro dela há tubos e potes de tamanhos diferentes, que reconheço como maquiagem, mas que eu não saberia usar.

Estamos na casa dos meus pais. Foi o único lugar em que consegui pensar em vir para me aprontar. Christina não faz a menor cerimônia em bisbilhotar. Ela já descobriu dois livros didáticos escondidos entre a cômoda e a parede. Evidências da inclinação de Caleb para a Erudição.

– Eu entendi bem? Você deixou o complexo da Audácia para se preparar para a guerra... mas trouxe maquiagem?

– Isso mesmo. Imaginei que seria mais difícil alguém querer atirar em mim se visse o quão devastadoramente bonita eu sou – diz ela, erguendo uma sobrancelha. – Fique parada.

Ela tira a tampa de um tubo preto mais ou menos do tamanho de um dedo, revelando um bastão vermelho. É batom, é claro. Ela o encosta na minha boca e pincela até meus lábios ficarem cobertos de cor. Consigo ver a cor quando faço um biquinho.

– Alguém já falou para você dos milagres que uma pinça é capaz de fazer em uma sobrancelha? – pergunta ela, segurando uma.

– Mantenha isso longe de mim.

– Está bem. – Ela suspira. – Eu usaria o blush também, mas certamente não será a cor certa para você.

— Isso é chocante, já que os tons da nossa pele são tão parecidos.

— Rá, rá.

Quando deixamos a casa, estou usando batom vermelho, meus cílios estão curvados e visto um vestido vermelho. Além disso, há uma faca presa à parte interna do meu joelho. Tudo isso faz muito sentido.

— Onde é que Marcus, o Destruidor de Vidas, vai nos encontrar? — pergunta Christina. Ela está usando o amarelo da Amizade, não vermelho, e a cor brilha em contraste com sua pele.

Solto uma risada.

— Atrás da sede da Abnegação.

Descemos a calçada no escuro. Todos os outros devem estar jantando agora. Eu me certifiquei disso. Mas, caso encontremos alguém, estamos usando jaquetas pretas para esconder a maior parte das roupas da Amizade. Salto sobre uma rachadura na calçada por puro hábito.

— Aonde vocês duas estão indo? — diz a voz de Peter. Olho para trás. Ele está parado na calçada, atrás de nós. Há quanto tempo será que está ali?

— Por que você não está jantando com seu grupo de ataque? — pergunto.

— Não tenho um grupo. — Ele toca o braço no qual atirei. — Estou ferido.

— Ah, é. Até parece! — diz Christina.

— Bem, não quero lutar ao lado de um bando sem-facção — explica ele, com os olhos verdes cintilando. — Por isso, vou ficar aqui.

— Como um covarde — diz Christina, com os lábios retorcidos de repulsa. — Vai deixar que outras pessoas limpem a sujeira para você.

— Aham! — concorda ele, com certa alegria maliciosa. Ele bate palmas. — Divirtam-se morrendo.

Ele atravessa a rua assobiando e caminha na direção oposta.

— Bem, pelo menos o distraímos — diz ela. — Ele não voltou a perguntar para onde estávamos indo.

— É. Que bom. — Limpo a garganta. — Mas esse plano é meio idiota, não é?

— Não é... *idiota*.

— Claro que é. É idiotice confiar em Marcus. É idiotice tentar passar pelos soldados da Audácia na cerca. É idiotice ir contra a Audácia e os sem-facção. Tudo isso junto resulta... em um tipo de idiotice inédita na história da humanidade.

— Infelizmente, também é o melhor plano que temos agora. Se quisermos que todos saibam a verdade.

Confiei em Christina para assumir essa missão quando pensava que ia morrer, então não faria sentido não confiar nela agora. Temia que ela não quisesse vir comigo, mas havia me esquecido da sua facção de origem: a Franqueza, na qual a busca pela verdade é mais importante do que qualquer outra coisa. Ela pode ser da Audácia agora, mas, se há uma coisa que aprendi com tudo isso, é que nunca deixamos nossas antigas facções para trás.

— Então, foi aqui que você cresceu. Você gostava daqui? — Ela franze a testa. — Imagino que não, se você decidiu ir embora.

O sol movimenta-se lentamente em direção ao horizonte enquanto caminhamos. Eu costumava não gostar da luz da tardinha, porque ela tornava tudo no setor da Abnegação ainda mais monocromático, mas agora acho a onipresença do cinza reconfortante.

— Eu gostava de algumas coisas e odiava outras. E há algumas coisas que eu não sabia que tinha, até perder.

Chegamos à sede da Abnegação. Adoraria entrar na sala de reuniões e respirar o perfume de madeira antiga, mas não temos tempo. Entramos no beco ao lado do prédio e caminhamos até os fundos, onde Marcus me disse que estaria esperando.

Uma caminhonete azul-clara nos espera lá, com o motor ligado. Marcus está ao volante. Deixo que Christina entre primeiro, para que ela se sente no meio. Se possível, prefiro não sentar ao lado dele. Sinto como se odiá-lo enquanto agimos juntos de alguma forma diminuísse minha traição a Tobias.

Você não tem escolha, digo a mim mesma. *Não há opção.*

Com isso em mente, fecho a porta e procuro o cinto de segurança. Encontro apenas a ponta esfiapada de um cinto e uma fivela quebrada.

— Onde você encontrou esta lata velha? — pergunta Christina.

— Roubei-a dos sem-facção. Eles as consertam. Não foi fácil fazê-la pegar. É melhor se livrarem destas jaquetas, meninas.

Enrolo nossas jaquetas e jogo-as para fora da janela semiaberta. Marcus engata a marcha da caminhonete, e o motor range. Começo a duvidar de que sairemos do lugar quando ele pisar no acelerador, mas o automóvel funciona.

Pelo que lembro, o trajeto de automóvel entre o setor da Abnegação e a sede da Amizade dura cerca de uma hora, e a viagem exige um motorista experiente. Marcus entra em uma das vias principais e pisa mais forte no acelerador. O automóvel dá um tranco para a frente, e quase passamos por cima de um enorme buraco no asfalto. Agarro o painel para me equilibrar.

— Relaxe, Beatrice — diz Marcus. — Já dirigi antes.

— Já fiz muitas coisas na vida, mas isso não significa que sou boa nelas!

Marcus sorri e vira a caminhonete para a esquerda repentinamente, para desviar de um semáforo caído. Christina solta gritinhos ao desviarmos de outro destroço, como se estivesse se divertindo horrores.

— Um tipo de idiotice diferente, certo? — diz ela, alto o bastante para fazer ouvir sua voz em meio ao uivo do vento que atravessa a cabine.

Agarro o banco e tento não pensar no que comi no jantar.

+ + +

Quando chegamos à cerca, vemos os soldados da Audácia em pé diante dos nossos faróis, bloqueando o portão. As faixas azuis em seus braços chamam atenção. Tento manter uma expressão agradável. Não conseguirei convencê-los de que sou da Amizade com uma expressão preocupada.

Um homem de pele escura com uma arma na mão se aproxima da janela de Marcus. Ele aponta uma lanterna primeiro para Marcus, depois para Christina e por último para mim. Semicerro os olhos para me proteger da luz

e forço um sorriso, como se não me importasse nem um pouco com luzes ofuscantes na minha cara e uma arma apontada para minha cabeça.

Os membros da Amizade devem ser malucos, se é assim mesmo que encaram o mundo. Ou então andam comendo demais aquele pão.

— Então, me diga — diz o homem. — O que um membro da Abnegação está fazendo em uma caminhonete com duas meninas da Amizade?

— Estas duas meninas se ofereceram para trazer provisões para a cidade, e eu me ofereci para levá-las de volta em segurança.

— Além disso, não sabemos dirigir — diz Christina, sorrindo. — Meu pai tentou me ensinar há anos, mas eu sempre confundia o acelerador e o freio; dá para imaginar que desastre! De qualquer maneira, Joshua foi muito gentil em se oferecer para nos levar, porque senão teria demorado muito, e as caixas eram *tão* pesadas...

O soldado da Audácia ergue a mão.

— Tudo bem, já entendi.

— Ah, claro. Desculpe. — Christina solta uma risadinha. — Só achei melhor explicar, porque você parecia estar confuso, o que é compreensível, afinal não é muito comum encontrar esta...

— Certo — diz o homem. — E quando você pretende voltar para a cidade?

— Não tão cedo — diz Marcus.

— Tudo bem. Siga adiante, então. — Ele acena para os outros guardas da Audácia que estão perto do portão. Um deles digita uma série de números no teclado e o portão se abre, liberando nossa passagem. Marcus acena para o guarda que permitiu nossa passagem e segue pela estrada gasta que leva à sede da Amizade. Os faróis da caminhonete revelam marcas de pneus, grama da pradaria e insetos passando de um lado para outro à nossa frente. Na escuridão à minha direita, vejo vaga-lumes acendendo em um ritmo parecido com o bater de um coração.

Depois de alguns segundos, Marcus olha para Christina.

— O que diabos foi *aquilo*?

— Não há nada que os membros da Audácia odeiem mais do que um membro animado da Amizade falando pelos cotovelos — diz Christina, erguendo um ombro. — Pensei que, se ele ficasse irritado, se distrairia e nos deixaria passar.

Abro um grande sorriso.

— Você é um *gênio*! — falo.

— Eu sei. — Ela joga a cabeça para o lado como se estivesse jogando o cabelo por cima do ombro, mas ela não tem cabelo suficiente para isso.

— O problema — diz Marcus — é que Joshua não é um nome da Abnegação.

— Ah, fala sério. Até parece que alguém repara nisso.

Vejo o brilho da sede da Amizade adiante e o aglomerado familiar de construções de madeira com uma estufa no centro. Passamos pelo pomar de macieiras. O ar cheira a terra morna.

Mais uma vez, lembro-me da minha mãe esticando o braço para catar uma maçã neste pomar, há anos, quando viemos ajudar a Amizade com a colheita. Sinto uma pontada no peito, mas a memória não me arrasa da mesma maneira que fazia há algumas semanas. Talvez seja porque estou em uma missão para honrá-la. Ou talvez seja porque estou apreensiva demais a respeito do que está por vir para sofrer direito. Mas algo mudou.

Marcus estaciona a caminhonete atrás das cabines de dormitórios. Só agora noto que não há uma chave na ignição.

— Como você conseguiu ligar a caminhonete?

— Meu pai me ensinou muitas coisas a respeito de mecânica e computação. Passei esse conhecimento para meu próprio filho. Você não achou que ele tinha aprendido aquilo tudo sozinho, não é?

— Na verdade, pensei sim. — Abro a porta e saio da caminhonete. A grama roça os dedos dos meus pés e minhas panturrilhas. Christina fica parada à minha direita, inclinando a cabeça para trás.

— É tudo tão diferente aqui — diz ela. — Quase dá para esquecer o que está acontecendo *lá dentro*.

Ela aponta para a cidade.

— As pessoas aqui realmente costumam esquecer.

— Mas elas sabem o que há além da cidade, não sabem? — pergunta ela.

— Elas sabem tanto quanto os patrulheiros da Audácia — diz Marcus. — Que o mundo lá fora é desconhecido e potencialmente perigoso.

— Como você sabe o que elas sabem? — pergunto.

— Porque é o que dissemos a elas. — Ele começa a caminhar em direção à estufa.

Troco olhares com Christina. Depois, corremos para alcançá-lo.

— O que você quer dizer com *isso*?

— Quando você recebe toda a informação, precisa decidir o quanto dela as outras pessoas devem saber — explica Marcus. — Os líderes da Abnegação revelaram o que era preciso ser revelado. Agora, vamos esperar que Johanna mantenha seus hábitos. Geralmente, no começo da noite, ela está na estufa.

Ele abre a porta da estufa. O ar é tão denso quanto da outra vez que estive aqui, mas agora também está enevoado. A umidade esfria minhas bochechas.

— Nossa! — diz Christina.

O ambiente é iluminado pela lua e, portanto, é difícil diferenciar o que é planta, o que é árvore e o que foi construído pelo homem. Folhas roçam o meu rosto enquanto caminho pelo canto da estufa. De repente, vejo Johanna, agachada ao lado de um arbusto, com um pote na mão, catando o que parecem ser framboesas. Seu cabelo está preso, e consigo ver sua cicatriz.

— Não pensei que veria você aqui de novo, srta. Prior.

— Porque eu deveria estar morta?

— Sempre espero que as pessoas que vivem pelas armas acabem morrendo por elas. Muitas vezes fico agradavelmente surpresa. — Ela equilibra o pote no joelho e olha para mim. — Mas também não acredito que você tenha voltado porque gosta daqui.

— Não. Viemos por outro motivo.

— Tudo bem — diz ela, levantando-se. — Vamos conversar sobre isso, então.

Ela carrega o pote até o centro da sala, onde as reuniões da Amizade ocorrem. Nós a seguimos até as raízes da árvore, onde ela se senta e me oferece o pote de framboesas. Pego um pequeno punhado e passo o pote a Christina.

— Johanna, esta é Christina — diz Marcus. — Ela é da Audácia, mas nasceu na Franqueza.

— Seja bem-vinda à sede da Amizade, Christina — sorri Johanna de modo significativo. É estranho que duas pessoas nascidas na Franqueza possam parar em lugares tão diferentes: Audácia e Amizade.

— Diga-me, Marcus — diz Johanna. — A que devo esta visita?

— Acho que Beatrice deveria responder isso. Sou apenas o responsável pelo transporte.

Ela desvia o olhar para mim sem questioná-lo, mas noto, pela sua expressão preocupada, que ela preferiria conversar com Marcus. Ela negaria isso se eu perguntasse, mas tenho quase certeza de que Johanna Reyes me odeia.

— É... — Começo a dizer. Não foi a introdução mais brilhante da minha vida. Enxugo as palmas das mãos na minha camisa. — As coisas ficaram feias.

As palavras começam a jorrar, sem qualquer sutileza ou sofisticação. Explico que a Audácia se aliou aos sem-facção e que eles planejam destruir toda a Erudição, deixando-nos sem uma das duas facções essenciais. Digo a ela que há uma informação especialmente importante dentro do complexo da Erudição, além de todo o conhecimento que eles detêm, que precisa ser recuperada. Quando termino, percebo que não falei nada a respeito do que ela e sua facção têm a ver com isso, mas não sei como dizê-lo.

— Estou confusa, Beatrice. O que exatamente você deseja de nós?

— Não vim aqui pedir sua ajuda — digo. — Mas achei que você deveria saber que muitas pessoas vão morrer em breve. E sei que você não quer ficar aqui,

sem fazer nada, enquanto isso acontece, mesmo que uma parte da sua facção queira.

Ela olha para baixo, contorcendo a boca de uma maneira que indica que estou certa.

— Também queria perguntar se seria possível conversar com os membros da Erudição refugiados aqui — digo. — Sei que eles estão escondidos, mas preciso ter acesso a eles.

— E o que você pretende fazer?

— Atirar neles — digo com ironia, revirando os olhos.

— Isso não tem graça.

Eu suspiro.

— Desculpe. Preciso de informações. Só isso.

— Bem, você precisará esperar até amanhã — diz Johanna. — Vocês podem dormir aqui.

+ + +

Durmo assim que encosto a cabeça no travesseiro, mas acordo mais cedo do que o planejado. Pelo brilho perto do horizonte, dá para perceber que o sol está prestes a nascer.

Do outro lado do espaço que separa nossas camas, encontra-se Christina, com a cara enfiada no colchão e o travesseiro sobre a cabeça. Há uma cômoda com uma lâmpada entre nós. As tábuas corridas do chão rangem, independente de onde piso. Na parede esquerda há um espelho preso de maneira casual. Todas as facções, menos a Abnegação, consideram espelhos coisas normais. Ainda fico um pouco chocada sempre que vejo um exposto dessa maneira.

Visto-me sem me preocupar em fazer silêncio. Nem quinhentos membros barulhentos da Audácia conseguem acordar Christina quando ela está dormindo pesado, embora talvez um sussurro de alguém da Erudição consiga. Ela tem essa particularidade.

Saio ao ar livre quando o sol começa a aparecer em meio aos galhos das árvores e vejo um pequeno grupo de membros da Amizade reunido perto do pomar. Eu me aproximo para ver o que eles estão fazendo.

Eles formam uma roda com as mãos dadas. Metade deles está no começo da adolescência, e a outra metade é de adultos. A mais velha entre eles, uma mulher de cabelo grisalho e trançado, fala:

— Acreditamos em um Deus que oferece a paz e a estima. Portanto, oferecemos paz uns aos outros, e a estimamos.

Não percebi que isso era uma deixa, mas os membros da Amizade, sim. Todos começam a se mover ao mesmo tempo, encontrando alguém do outro lado do círculo e lhe dando as mãos. Quando todos já arrumaram um par, eles ficam parados por vários segundos, encarando-se. Alguns murmuram uma frase, outros sorriem, e outros ainda ficam parados, em silêncio. Depois, eles se afastam e encontram outra pessoa, repetindo a mesma série de ações.

É a primeira vez que vejo uma cerimônia religiosa da Amizade. Só conheço a religião da facção dos meus pais, que parte de mim ainda guarda, e outra parte rejeita, considerando-a tola. As preces antes do jantar, os encontros semanais, os atos de servidão, os poemas sobre um Deus altruísta. Isso é algo diferente, algo misterioso.

— Venha. Junte-se a nós — diz a mulher de cabelo grisalho. Demoro alguns segundos para perceber que ela está falando comigo. Ela acena para mim, sorrindo.

— Ah, não — respondo. — Só estou...

— Venha — diz ela novamente, e sinto que não tenho opção senão caminhar até lá e me juntar a eles.

Ela é a primeira a se aproximar de mim, segurando minha mão. Seus dedos são secos e ásperos, e seu olhar procura o meu, insistentemente, embora eu ache estranho encará-la.

Quando finalmente a encaro, o efeito é imediato e peculiar. Fico imóvel, e cada parte de mim está imóvel, como se pesasse mais do que antes, mas o

peso não é desagradável. Seus olhos são castanhos, inteiramente do mesmo tom, e não se movem.

— Que a paz de Deus esteja com você — diz ela, com a voz baixa —, mesmo em meio a dificuldades.

— Por que ela estaria? — indago baixinho, para que ninguém mais ouça. — Depois de tudo o que fiz...

— A questão não é você. É uma dádiva. Você não pode merecê-la, ou ela deixará de ser uma dádiva.

Ela solta minha mão e se direciona a outra pessoa, mas permaneço com a mão estendida, sozinha. Alguém se move para pegar minha mão, mas eu me afasto do grupo, primeiro andando, depois correndo.

Corro para o meio das árvores o mais rápido possível e só paro quando meus pulmões parecem arder em chamas.

Encosto a testa no tronco mais próximo, apesar de ele arranhar minha pele, e reprimo as lágrimas.

+ + +

Mais tarde, mas ainda de manhã, caminho debaixo de uma chuva rala até a estufa central. Johanna convocou uma reunião de emergência.

Permaneço o mais escondida possível, no canto da estufa, entre duas grandes plantas suspensas em solução mineral. Demoro alguns minutos para localizar Christina, vestida com a cor amarela da Amizade, no lado direito da estufa, mas é fácil localizar Marcus, que está em pé em meio às raízes da árvore gigante, com Johanna.

Johanna está com as mãos juntas na frente do corpo e o cabelo amarrado. A ferida que causou sua cicatriz também danificou seu olho. A pupila é tão dilatada que cobre toda a íris, e o olho esquerdo não se move junto com o direito quando ela olha para os membros da Amizade à sua frente.

Mas não há apenas membros da Amizade. Há pessoas com cabelos bem raspados e coques bem amarrados que devem ser da Abnegação e algumas

fileiras de pessoas de óculos que devem pertencer à Erudição. Cara está entre eles.

— Recebi uma mensagem da cidade — diz Johanna, quando todos se calam. — E gostaria de comunicá-la a vocês.

Ela puxa a barra da camisa, depois junta as mãos novamente na frente do corpo. Parece estar nervosa.

— A Audácia aliou-se aos sem-facção. Eles pretendem atacar a Erudição dentro de dois dias. A batalha não será travada contra um exército misto da Erudição e da Audácia, mas contra inocentes da Erudição e o conhecimento que eles trabalharam tanto para acumular.

Ela olha para baixo, respira fundo e prossegue:

— Sei que não reconhecemos nenhum líder e, portanto, não tenho o direito de me direcionar a vocês como tal. Mas espero que me perdoem por, apenas desta vez, pedir para reconsiderarmos nossa decisão de não nos envolvermos.

Ouço murmúrios. Murmúrios muito diferentes dos da Audácia, mas delicados, como o som de pássaros voando de galho em galho.

— Independente da relação que temos com a Erudição, sabemos melhor do que qualquer facção o papel fundamental que ela exerce na sociedade. Eles precisam ser protegidos de uma chacina desnecessária, não apenas por serem seres humanos, mas também porque não podemos sobreviver sem eles. Proponho que entremos na cidade como mediadores pacíficos e imparciais, para evitar de qualquer maneira a violência extrema que com certeza ocorrerá. Por favor, discutam isso.

A chuva respinga sobre os painéis de vidro acima de nossas cabeças. Johanna senta-se em uma das raízes da árvore para esperar, mas os membros da Amizade não começam a conversar instantaneamente, como fizeram da última vez que estive aqui. Sussurros, quase indistinguíveis do som da chuva, transformam-se em conversas normais, e ouço algumas vozes erguendo-se acima das outras, quase gritando, mas não exatamente.

Cada voz mais alta causa um calafrio em meu corpo. Já presenciei muitas discussões na minha vida, a maioria delas nos últimos dois meses, mas nenhuma me assustou dessa maneira. As pessoas da Amizade não deveriam discutir.

Decido não esperar mais. Caminho pelo limite do espaço de reunião, espremendo-me entre os membros da Amizade que estão em pé e saltando sobre mãos e pernas esticadas. Alguns deles me encaram. Posso estar usando uma camisa vermelha, mas as tatuagens na minha clavícula estão plenamente visíveis, mesmo a distância.

Paro ao lado da fileira de membros da Erudição. Cara levanta-se quando me aproximo, com os braços cruzados.

— O que você está fazendo aqui?

— Vim avisar a Johanna o que está acontecendo. E pedir a sua ajuda.

— A minha ajuda? Por que...

— Não a *sua* ajuda — respondo. Tento esquecer o que ela disse a respeito do meu nariz, mas é difícil. — A ajuda de todos vocês. Tenho um plano para salvar parte dos dados da sua facção, mas preciso da sua ajuda.

— Na verdade — diz Christina, surgindo ao lado do meu ombro esquerdo —, *nós* temos um plano.

Cara olha para Christina, depois me encara novamente.

— *Você* quer ajudar a Erudição? Estou confusa.

— Você queria ajudar a Audácia — digo. — Você acha que é a única que não segue cegamente o que sua facção manda?

— Realmente, combina com seu padrão de comportamento — diz Cara. — Atirar em quem se mete no seu caminho é uma característica da Audácia, afinal de contas.

Sinto uma pontada no fundo da garganta. Ela parece muito com o irmão, com a ruga entre as sobrancelhas e as mechas escuras nos cabelos loiros.

— Cara — intervém Christina. — Você vai nos ajudar ou não?

Cara suspira.

— É claro que vou. E tenho certeza de que os outros também ajudarão. Encontrem-nos no dormitório da Erudição depois da reunião e contem-nos o plano.

+ + +

A reunião dura mais uma hora. Até lá a chuva já parou, embora ainda haja gotas de água nos painéis das paredes e do teto. Eu e Christina estamos sentadas, encostadas em uma das paredes, jogando um jogo no qual uma tenta prender o polegar da outra. Ela sempre vence.

Finalmente, Johanna e os outros que se apresentaram como líderes da discussão ficam parados em uma fileira em meio às raízes da árvore. Agora, o cabelo de Johanna está solto, cobrindo seu rosto abaixado. Ela deve nos informar sobre o resultado da conversa, mas fica apenas parada, com os braços cruzados e os dedos batendo nos cotovelos.

— O que está acontecendo? — pergunta Christina.

Finalmente, Johanna levanta a cabeça.

— Claramente, não foi fácil chegarmos a um consenso. Mas a maioria de vocês prefere manter nossa política de não envolvimento.

Para mim, não faz diferença se a Amizade decide entrar na cidade ou não. Mas eu havia começado a esperar que eles não fossem todos covardes, e considero essa decisão bastante covarde. Eu me encosto na janela.

— Não desejo encorajar uma divisão dentro da comunidade que já me ofereceu tantas coisas — diz Johanna. — Mas minha consciência me obriga a ir contra essa decisão. Qualquer um que também seja impulsionado pela consciência em direção à cidade está convidado a juntar-se a mim.

A princípio, como todos os outros, não entendo exatamente o que ela quer dizer. Johanna inclina a cabeça, fazendo com que sua cicatriz fique novamente visível, e diz:

— Se isso significar que não posso mais fazer parte da Amizade, eu entenderei. — Ela funga. — Mas, por favor, saibam que, se eu for obrigada a

deixá-los, partirei com amor no coração, e não malícia.

Johanna faz uma reverência para os presentes, prende o cabelo atrás das orelhas e caminha em direção à saída. Alguns dos membros da Amizade levantam-se, apressadamente, depois outros, e logo todos estão de pé, e alguns deles, embora não muitos, seguem-na.

— Isso não é o que eu esperava — diz Christina.

CAPÍTULO QUARENTA

O DORMITÓRIO DA Erudição é um dos maiores da sede da Amizade. Há doze camas ao todo: uma fileira de oito, apertadas contra a parede dos fundos, e duas coladas em cada lado, deixando um espaço enorme no centro. Uma grande mesa ocupa esse espaço, coberta por ferramentas, pedaços de metal, engrenagens, peças usadas de computador e fios.

Eu e Christina acabamos de explicar o nosso plano, que pareceu muito mais idiota com doze membros da Erudição nos encarando.

— Seu plano é falho — diz Cara. Ela é a primeira a se pronunciar.

— É por isso que procuramos vocês — falo. — Para vocês nos mostrarem como consertá-lo.

— Bem, em primeiro lugar, esses dados importantes que vocês querem resgatar — diz ela. — Salvá-los em um disco é uma péssima ideia. Discos acabam quebrando ou caindo nas mãos erradas, como qualquer outro objeto físico. Sugiro que vocês usem a rede de dados.

— A... o quê?

Ela olha para os outros membros da Erudição. Um dos outros, um jovem rapaz moreno, de óculos, diz:

— Pode contar para elas. Não faz mais sentido guardarmos segredos.

Cara olha novamente para mim.

— Muitos dos computadores do complexo da Erudição são programados para receber dados dos computadores de outras facções. É por isso que foi tão fácil para Jeanine administrar a simulação de ataque de um computador da Audácia, e não de um da Erudição.

— O quê? — pergunta Christina. — Quer dizer que eles podem dar uma voltinha pelos dados das outras facções sempre que quiserem?

— Ninguém pode dar uma voltinha por dados — diz o jovem. — Isso é ilógico.

— É uma metáfora — diz Christina. Ela franze a testa. — Certo?

— Uma metáfora ou simplesmente uma figura de linguagem? — pergunta ele, também franzindo a testa. — Ou seria uma metáfora uma categoria definitiva sob o título "figura de linguagem"?

— Fernando — diz Cara. — Concentre-se.

Ele assente com a cabeça.

— A questão — continua Cara — é que a rede de dados existe e, apesar de ela ser algo eticamente questionável, pode funcionar a nosso favor. Da mesma maneira que podem acessar dados das outras facções, os computadores são capazes de *enviar* dados para outras facções. Se nós enviarmos os dados que você pretende resgatar para todas as outras facções, destruir todos eles seria impossível.

— Quando você diz "nós", está sugerindo que...

— Que nós iríamos com vocês? — pergunta ela. — É claro que nem todos iríamos, mas alguns precisam ir. Como vocês esperam se locomover dentro da sede da Erudição sozinhas?

— Espero que vocês entendam que, se forem com a gente, correm o risco de levar um tiro — diz Christina. Ela sorri. — E nada de se esconder atrás de nós para não quebrarem os óculos, ou algo assim.

Cara tira os óculos e quebra-os na metade.

— Arriscamos nossas vidas ao desertarmos da nossa facção — diz Cara. — E nós as arriscaremos novamente para salvar nossa facção de si mesma.

— Além disso — diz uma voz fina, vinda de trás de Cara. Uma menininha que não deve ter mais do que dez ou onze anos surge de trás do ombro dela. Seu cabelo preto é curto, como o meu, e um halo de fios crespos circunda sua cabeça. — Temos aparelhos úteis.

Eu e Christina trocamos olhares.

— Que tipo de aparelhos? — pergunto.

— São apenas protótipos — diz Fernando. — Portanto, não há por que analisá-los.

— Não somos muito de analisar — retruca Christina.

— Então, como vocês aprimoram as coisas? — pergunta a menininha.

— Na verdade, não aprimoramos — diz Christina. — As coisas meio que só pioram.

A menininha assente com a cabeça.

— Entropia — diz ela.

— Como?

— Entropia — repete ela, com sua voz aguda. — É a teoria que afirma que toda a matéria do universo está gradualmente alcançando a mesma temperatura. Ela também é conhecida como "morte térmica".

— Elia — diz Cara. — Você está simplificando demais algo que é muito mais complexo.

Elia mostra a língua para Cara. Não consigo segurar o riso. É a primeira vez que vejo alguém da Erudição mostrando a língua. Mas também nunca interagi muito com membros jovens de lá. Apenas com Jeanine e as pessoas que trabalham para ela. Incluindo meu irmão.

Fernando se abaixa ao lado de uma das camas e pega uma caixa. Ele a vasculha por alguns segundos, depois pega um disco pequeno e redondo. É feito do metal pálido que vi várias vezes na sede da Erudição, mas nunca em nenhum outro lugar. Fernando o carrega até mim na palma da mão. Quando estico o braço para tocá-lo, ele o afasta rapidamente.

— Cuidado! Trouxe isto da nossa sede. Não inventamos isto aqui. Você estava lá quando eles atacaram a Franqueza?

— Sim — respondo. — Estava *exatamente* lá.

— Lembra-se de quando o vidro estilhaçou?

— *Você* estava lá? — pergunto, com os olhos entrecerrados.

— Não. Mas eles gravaram tudo e me mostraram as imagens na sede da Erudição. Bem, você deve achar que o vidro estilhaçou porque atiraram

contra ele, mas não foi isso o que aconteceu. Um dos soldados da Audácia lançou um *destes* perto das janelas. O aparelho emite um sinal que não conseguimos ouvir, mas que faz com que vidros quebrem.

— Entendo. Mas por que isso seria útil para nós?

— Estilhaçar todas as janelas de um lugar ao mesmo tempo é algo que pode distrair muito as pessoas ao redor — diz ele, com um pequeno sorriso. — Especialmente na sede da Erudição, onde há muitas janelas.

— Entendi.

— O que mais vocês têm? — pergunta Christina.

— O pessoal da Amizade vai gostar disso — diz Cara. — Onde está? Ah. Aqui.

Ela pega uma caixa preta feita de plástico, pequena o bastante para envolver com os dedos de uma mão. Em cima da caixa há dois pedaços de metal que parecem dentes. Ela liga um interruptor embaixo da caixa, e um feixe de luz azul se estende no espaço entre os dois dentes.

— Fernando — diz Cara. — Quer demonstrar como funciona?

— Está maluca? — pergunta ele, com os olhos arregalados. — Nunca mais farei isso. Você fica perigosa com isso.

Cara sorri para ele e explica:

— Se eu encostasse este atordoador em você agora, seria extremamente doloroso, e você ficaria incapacitada. Fernando descobriu isso na própria pele ontem. Construí isto para que os membros da Amizade possam se defender sem precisar atirar em ninguém.

— Isso... — Franzo a testa. — É muita consideração da sua parte.

— Bem, o objetivo da tecnologia é tornar a vida melhor. Independente da sua crença, há sempre uma tecnologia que se encaixa nela.

O que minha mãe disse mesmo naquela simulação? *Temo que toda a reprovação do seu pai a respeito da Erudição tenha sido prejudicial a você.* E se ela estivesse certa, mesmo sendo apenas parte de uma simulação? Meu pai me ensinou a ver a Erudição de uma maneira específica. Ele nunca me ensinou que eles não julgam as crenças das pessoas, mas que projetam coisas que se

encaixam nessas crenças. Nunca me disse que eles podiam ser engraçados, ou que pudessem criticar sua própria facção.

Cara joga-se contra Fernando com o atordoador, rindo quando ele pula para fora do caminho.

Ele nunca me disse que alguém da Erudição poderia me oferecer ajuda, mesmo depois de eu ter matado seu irmão.

+ + +

O ataque começará de tarde, antes que fique escuro demais para conseguirmos enxergar as faixas azuis que marcam alguns dos traidores da Audácia. Assim que finalizamos nossos planos, atravessamos o pomar até a clareira onde as caminhonetes ficam estacionadas. Quando saio do meio das árvores, vejo que Johanna Reyes está sentada em cima do capô de uma das caminhonetes com as chaves penduradas nos dedos.

Atrás dela encontra-se um pequeno comboio de veículos cheios de membros da Amizade. Mas não apenas da Amizade, porque consigo ver alguns da Abnegação, com seus cortes sérios de cabelo e suas bocas imóveis. Robert, o irmão de Susan, está entre eles.

Johanna desce do capô com um salto. Atrás da caminhonete em que ela estava sentada há vários caixotes marcados com as palavras MAÇÃS, FARINHA e MILHO. Ainda bem que só precisamos carregar duas pessoas ali.

— Olá, Johanna — cumprimenta Marcus.

— Marcus — diz Johanna. — Espero que você não se importe se nós os acompanharmos até a cidade.

— De maneira alguma — diz Marcus. — Podem ir na frente.

Johanna entrega as chaves para Marcus e sobe na carroceria de uma das outras caminhonetes. Christina segue para a cabine da caminhonete, e eu vou para a carroceria, junto com Fernando.

— Não quer ir na frente? — pergunta Christina. — E você tem a cara de pau de dizer que é da Audácia...

— Prefiro ir em um lugar onde eu tenha menos chances de vomitar — respondo.

— Vomitar faz parte da vida.

Estou prestes a perguntar com qual frequência ela planeja vomitar no futuro quando a caminhonete dá a partida. Agarro-me à beirada da carroceria com as duas mãos para não ser lançada para fora, mas, depois de alguns minutos, quando me acostumo aos trancos e solavancos, solto-a. As outras caminhonetes seguem, sinuosamente, à nossa frente, seguindo o veículo de Johanna, que vai na frente.

Sinto-me calma até alcançarmos a cerca. Espero encontrar os mesmos guardas que tentaram impedir nossa passagem na vinda, mas o portão está abandonado, aberto. Um tremor começa no meu peito e se espalha para minhas mãos. Enquanto conhecia pessoas novas e organizava nosso plano, esqueci-me do fato de que ele consiste em entrar de cabeça numa batalha que poderia custar minha vida. E isso logo depois de me dar conta de que vale a pena viver.

O comboio desacelera ao passarmos pelo portão, como se esperássemos que alguém aparecesse do nada e nos impedisse de passar. Tudo está silencioso, exceto pelas cigarras que cantam nas árvores distantes e pelo ronco dos motores.

— Você acha que já começou? — pergunto a Fernando.

— Talvez. Mas talvez não. Jeanine conta com muitos informantes. Alguém provavelmente disse a ela que algo estava prestes a acontecer, e ela convocou todas as forças da Audácia de volta à sede da Erudição.

Aceno com a cabeça, mas a verdade é que estou pensando em Caleb. Ele era um desses informantes. Por que será que ele acreditou tanto que o mundo externo deveria permanecer escondido de nós que traiu todos com

quem supostamente se importava e se aliou logo à Jeanine, que não se importa com ninguém?

— Você conhece uma pessoa chamada Caleb? — pergunto.

— Caleb — diz Fernando. — Sim, havia um Caleb na minha turma de iniciação. Ele era brilhante, mas também era... qual seria o termo coloquial para isso? Um puxa-saco. — Ele dá uma risadinha debochada. — Havia um tipo de divisão entre os iniciandos. Entre aqueles que acreditavam em tudo que Jeanine dizia e aqueles que não. É claro que eu pertencia ao grupo que não acreditava. Caleb pertencia ao outro grupo. Por que você quer saber?

— Eu o conheci quando fui mantida prisioneira — respondo, e minha voz soa distante até para mim. — Só estava curiosa.

— Mas você não deve ser muito dura com ele — diz Fernando. — Jeanine tem o poder de ser extremamente convincente para qualquer um que não seja naturalmente desconfiado. Sempre fui naturalmente desconfiado.

Olho para trás, sobre meu ombro esquerdo, para a silhueta dos prédios, que fica cada vez mais nítida à medida que nos aproximamos da cidade. Procuro as duas hastes de cima do Eixo e, ao encontrá-las, sinto-me melhor e pior ao mesmo tempo. Melhor, porque o prédio me parece tão familiar, e pior, porque o fato de eu conseguir vê-lo significa que estamos quase chegando.

— É — digo. — Eu também.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

AO ALCANÇARMOS A cidade, todos na caminhonete param de conversar e contraem os lábios, com o rosto pálido. Marcus desvia de buracos no asfalto do tamanho de pessoas e pedaços de ônibus quebrados. O trajeto fica mais fácil quando deixamos o território dos sem-facção e entramos na parte mais limpa da cidade.

De repente, ouço tiros. Dessa distância, eles soam como estalos.

Por um segundo, fico desorientada, e tudo o que consigo ver são os líderes da Abnegação de joelhos sobre a calçada e os membros da Audácia com o rosto inexpressivo e armas nas mãos; tudo o que consigo ver é minha mãe virando-se para receber os tiros e Will desabando no chão. Mordo meu punho para não soltar um grito, e a dor me traz de volta ao presente.

Minha mãe pediu que eu fosse corajosa. Mas, se ela soubesse que sua morte me traria tanto medo, será que teria se sacrificado daquela maneira?

Abandonando o comboio de caminhonetes, Marcus vira na avenida Madison e, quando estamos a apenas duas quadras da avenida Michigan, onde a batalha está sendo travada, ele entra em um beco e desliga o motor.

Fernando pula para fora da carroceria e me oferece a mão.

— Vamos, Insurgente — diz ele, piscando.

— O quê? — pergunto. Seguro seu braço e deslizo para fora da caminhonete.

Ele abre a bolsa sobre a qual estava sentado. Está cheia de roupas azuis. Ele as vasculha, jogando peças para mim e para Christina. Fico com uma camiseta azul brilhante e uma calça jeans.

— Insurgente. Substantivo. Uma pessoa que age em oposição à autoridade estabelecida, mas que não é necessariamente considerada agressiva.

— Você precisa dar nome a *tudo*? — pergunta Cara, passando a mão sobre seu cabelo loiro-claro para arrumar os fios soltos. — Só estamos fazendo algo, e, por acaso, estamos em grupo. Não é por isso que precisamos de um novo título.

— Acontece que eu gosto de categorizar as coisas — responde Fernando, erguendo a sobrancelha escura.

Encaro Fernando. Na última vez que invadi a sede de uma facção, eu carregava uma arma e deixei alguns corpos para trás. Quero que dessa vez seja diferente. *Preciso* que seja diferente.

— Eu gostei — digo. — Insurgente. É perfeito.

— Viu só? — diz Fernando. — Não sou o único.

— Parabéns — responde Cara ironicamente.

Encaro minhas roupas da Erudição, enquanto os outros tiram suas roupas rapidamente.

— Não temos tempo para pudores, Careta — diz Christina, olhando para mim com reprovação.

Sei que ela tem razão, então tiro a camisa vermelha que estava usando e visto a azul. Olho para Fernando e Marcus, a fim de me certificar de que eles não estão me observando, e troco a calça também. Preciso dobrar a calça quatro vezes, e, quando prendo o cinto, a cintura da calça dobra como o topo de um saco de papel amassado.

— Ela te chamou de "Careta"? — pergunta Fernando.

— Sim — respondo. — Eu me transferi da Abnegação para a Audácia.

— Ah. — Ele franze a testa. — É uma mudança e tanto. Esse tipo de salto de personalidade entre gerações é quase geneticamente impossível hoje em dia.

— Às vezes, a personalidade de uma pessoa não tem nada a ver com sua escolha de facção — digo, pensando na minha mãe. Ela não deixou a Audácia porque não se encaixava na facção, mas porque era mais seguro ser Divergente na Abnegação. E há também o caso de Tobias, que se transferiu para a Audácia para fugir do pai. — Há muitos fatores envolvidos.

Ele se transferiu para escapar do homem a quem me aliei. Sinto uma pontada de culpa.

— Se você continuar falando assim, eles nunca vão descobrir que você não pertence à Erudição — diz Fernando.

Penteio o cabelo para alisá-lo, depois o prendo atrás das orelhas.

— Deixa eu ajudar você — diz Cara. Ela afasta uma mecha de cabelo do meu rosto e prende-a com um grampo prateado, como as garotas da Erudição costumam fazer.

Christina pega as armas que trouxemos e olha para mim.

— Você quer uma? Ou prefere carregar o atordoador?

Encaro a arma em sua mão. Se eu não carregar pelo menos o atordoador, ficarei completamente vulnerável a pessoas que atirarão em mim sem pensar duas vezes. Mas, se eu escolher o atordoador, demonstrarei minha fraqueza diante de Fernando, Cara e Marcus.

— Sabe o que Will diria? — pergunta Christina.

— O quê? — digo, com a voz trêmula.

— Ele diria para você superar isso logo. Para deixar de ser tão irracional e pegar logo a droga da arma.

Will não tinha muita paciência para a irracionalidade. Christina deve estar certa; ela o conhecia melhor do que eu.

E ela, que perdeu alguém querido aquele dia, assim como eu, foi capaz de me perdoar, um ato que deve ter sido quase impossível. Teria sido impossível para mim, se fosse o inverso. Então, por que é tão difícil perdoar a mim mesma?

Fecho a mão sobre a arma que Christina me oferece. A parte do metal onde ela encostou está morna. Sinto a memória de atirar em Will cutucando o fundo da minha mente e tento reprimi-la. Mas não consigo. Solto a arma.

— O atordoador é uma ótima opção — diz Cara, tirando um fio de cabelo da manga da sua camisa. — Aliás, na minha opinião, os membros da Audácia são chegados demais a armas.

Fernando me oferece o atordoador. Gostaria de poder comunicar minha gratidão a Cara, mas ela não está olhando para mim.

— Como conseguirei esconder isso? — pergunto.

— Não precisa nem tentar — responde Fernando.

— Certo.

— É melhor irmos logo — diz Marcus, olhando para o relógio.

Meu coração bate tão forte que marca cada segundo, mas o resto do meu corpo está dormente. Quase não consigo sentir o chão. Nunca senti tanto medo, e, considerando tudo o que vi nas simulações e tudo o que fiz durante a simulação de ataque, isso não faz o menor sentido.

Ou talvez faça. O que quer que a Abnegação estivesse prestes a mostrar para o restante da cidade antes do ataque, foi o bastante para fazer Jeanine tomar medidas drásticas e terríveis para impedi-la. E agora estou prestes a concluir esse trabalho, o trabalho pelo qual minha antiga facção morreu. Há muito mais do que minha vida em jogo agora.

Eu e Christina vamos na frente. Descemos correndo as calçadas limpas e planas da avenida Madison, passando pela rua State, em direção à avenida Michigan.

A meia quadra da sede da Erudição, paro repentinamente.

Há um grupo de pessoas organizadas em quatro fileiras diante de nós, a maioria delas vestida de preto e branco, a cerca de meio metro de distância umas das outras, com as armas erguidas e preparadas. Pisco os olhos, e eles tornam-se membros da Audácia sob o controle da simulação, no setor da Abnegação, durante a simulação de ataque. *Controle-se! Controle-se controle-se controle-se...* Pisco novamente, e eles voltam a ser membros da Franqueza, embora alguns deles, vestidos todos de preto, pareçam da Audácia. Se eu não tomar cuidado, perderei a noção de onde e quando estou.

— Meu Deus — diz Christina. — Minha irmã, meus pais... e se eles...

Ela olha para mim, e eu acho que sei o que ela está pensando, porque já passei por isso antes. *Onde estão meus pais? Preciso encontrá-los.* Mas, se os

pais delas estiverem na mesma situação desses membros da Franqueza, controlados pela simulação e armados, ela não poderá fazer nada por eles.

Será que Lynn se encontra em uma dessas fileiras, em algum outro lugar?

— O que faremos agora? — diz Fernando.

Dou um passo em direção aos membros da Franqueza. Talvez eles não estejam programados para disparar. Encaro os olhos enevoados de uma mulher vestindo blusa branca e calça preta. Ela parece ter acabado de chegar do trabalho. Dou mais um passo.

Bang! Salto instintivamente para o chão, cobrindo a cabeça com os braços, e me arrasto para trás, em direção aos sapatos de Fernando. Ele me ajuda a levantar.

— Que tal não fazermos mais isso? — diz ele.

Inclino-me para a frente, mas não muito, e espio para dentro do beco entre o prédio ao nosso lado e a sede da Erudição. Há membros da Franqueza dentro do beco também. Provavelmente, há muitos membros da Franqueza cercando todo o prédio da Erudição.

— Há alguma outra maneira de entrarmos na sede da Erudição? — pergunto.

— Não que eu saiba — diz Cara. — A não ser que você queira saltar de um telhado para outro.

Ela ri um pouco ao dizer isso, como se fosse uma piada. Ergo uma sobrancelha e olho para ela.

— Espera aí. Você não está pensando em...

— O telhado? Não. As janelas.

Ando para a esquerda, tomando cuidado para não avançar nem um centímetro na direção dos membros da Franqueza. O prédio à minha esquerda fica próximo da sede da Erudição. Deve haver algumas janelas voltadas umas para as outras.

Cara sussurra algo a respeito das loucuras que as pessoas da Audácia cometem, mas corre atrás de mim, seguida por Fernando, Marcus e

Christina. Tento abrir a porta dos fundos do edifício, mas está trancada.

Christina dá um passo para a frente e diz:

— Afastem-se.

Ela aponta a arma para a tranca. Protejo o rosto com as mãos, e ela dispara. Ouvimos um estrondo alto, seguido por um zunido causado por um disparo tão próximo. A tranca rompeu-se.

Abro a porta e entro. Sou recebida por um longo corredor com chão de ladrilhos e portas dos dois lados, algumas abertas e outras fechadas. Quando olho para dentro das salas abertas, vejo fileiras de mesas antigas e quadros-negros nas paredes, como os da sede da Audácia. O ar cheira a mofo, como as páginas de um livro de biblioteca misturadas a algum produto de limpeza.

— Isto costumava ser um edifício comercial — diz Fernando —, mas a Erudição o transformou em uma escola para a educação pós-Escolha. Depois das grandes reformas na sede da Erudição, há cerca de dez anos, quando todos os edifícios diante do Millenium foram conectados, eles suspenderam as aulas aqui. O prédio era velho demais e difícil de renovar.

— Obrigada pela aula de história — diz Christina.

Ao alcançar o final do corredor, entro em uma das salas de aula para me localizar. Vejo os fundos da sede da Erudição, mas não há nenhuma janela do outro lado do beco que esteja no nível da rua.

Pela janela, vejo uma criança da Franqueza, uma menininha, tão perto que eu poderia tocá-la se esticasse o braço através da janela. Ela segura uma arma do tamanho do seu antebraço e está tão imóvel que nem parece respirar.

Inclino o pescoço para ver as janelas acima do nível da rua. Acima da minha cabeça, no prédio escolar, há muitas delas. Nos fundos da sede da Erudição, há apenas uma no mesmo nível. Ela fica no terceiro andar.

— Tenho boas notícias — digo. — Encontrei uma maneira de atravessarmos.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

NÓS NOS ESPALHAMOS pelo prédio, à procura de depósitos de material de limpeza, para tentar encontrar uma escada. Ouço o som de tênis rangendo nos ladrilhos, e alguém grita:

— Encontrei um! Ah, não! Só há baldes dentro. Deixa pra lá.

Outra pessoa grita:

— Que tamanho a escada precisa ter? Uma escada curta não adianta, não é?

Enquanto eles procuram, encontro a sala de aula do terceiro andar com vista para a janela da Erudição. Abro três janelas até encontrar a certa.

Inclino o corpo para fora, por cima do beco, e grito:

— Ei!

Depois, volto para dentro o mais rápido possível. Mas não ouço tiros. *Que bom*, penso. *Eles não reagem a sons.*

Christina entra na sala com uma escada sob o braço, seguida pelos outros.

— Achei uma! Acho que ficará comprida o bastante quando a abrirmos.

Ela se vira repentinamente, e a escada bate no braço de Fernando.

— Ah! Desculpe, Nando.

O choque entorta os óculos de Fernando. Ele sorri para Christina e tira os óculos, enfiando-os no bolso.

— Nando? — pergunto a ele. — Pensei que as pessoas da Erudição não gostassem de apelidos.

— Quando uma menina bonita chama você por um apelido, aceitá-lo é uma atitude lógica.

Christina desvia o rosto e, a princípio, penso que está acanhada, mas então vejo que seu rosto se contorce, como se ela tivesse recebido um tapa, e

não um elogio. A morte de Will ainda é recente demais para que ela consiga aceitar um flerte.

Ajudo-a a deslizar a ponta da escada pela janela da sala de aula e através do espaço entre os dois edifícios. Marcus nos ajuda a estabilizá-la. Fernando solta um grito de alegria quando a escada encosta na janela da Erudição, do outro lado do beco.

— Agora, precisamos quebrar o vidro — digo.

Fernando pega o dispositivo de quebrar vidros do bolso e me oferece.

— Você provavelmente tem uma mira melhor — diz ele.

— Eu não contaria com isso. Meu braço direito está inutilizado. Eu precisaria lançar com o esquerdo.

— Deixa comigo — diz Christina.

Ela aperta o botão na lateral do aparelho e o lança até o outro lado do beco, movimentando o braço por baixo. Cerro os punhos e espero pela aterrissagem do dispositivo. Ele quica no parapeito e rola até o vidro. Há um flash de luz laranja e, de repente, todas as janelas, de cima, de baixo e do lado, se estilhaçam, formando centenas de minúsculos cacos que chovem sobre os membros da Franqueza abaixo.

Instantaneamente eles se voltam para cima e atiram. Todos se jogam no chão, mas eu permaneço em pé, maravilhada com a sincronia perfeita da situação e, ao mesmo tempo, enojada com o fato de que Jeanine Matthews transformou mais uma facção de seres humanos em peças de uma máquina. Nenhuma das balas atinge as janelas da sala de aula e muito menos o seu interior.

Quando os membros da Franqueza param de disparar, olho para baixo. Eles voltaram às suas posições originais: metade olhando para a avenida Madison, e a outra metade olhando para a rua Washington.

— Eles respondem apenas a movimentos, portanto... não caiam da escada — digo. — O primeiro a atravessar precisará segurar a ponta do outro lado.

Noto que Marcus, que deveria se oferecer de maneira altruísta para todas as tarefas, não se voluntaria.

— Não está se sentindo muito Careta hoje, Marcus? — pergunta Christina.

— Se eu fosse você, tomaria cuidado com quem insulta. Ainda sou a única pessoa aqui capaz de encontrar o que estamos procurando.

— Você está me *ameaçando*?

— Eu vou — digo, antes que Marcus consiga responder. — Também sou um pouco Careta, não é?

Prendo o atordoador sob a cintura da calça e subo em uma mesa para ficar em um ângulo melhor com a janela. Christina segura os lados da escada enquanto subo nela e começo a me deslocar para a frente.

Depois de atravessar a janela, posiciono meus pés nas estreitas barras laterais da escada e as mãos nos degraus. Ela parece tão sólida e estável quanto uma lata de alumínio, rangendo e vergando sob meu peso. Tento não olhar para os membros da Franqueza abaixo; tento não pensar em suas armas sendo erguidas e atiradas em minha direção.

Respirando rapidamente, olho para o meu destino, a janela da Erudição. Só faltam alguns poucos degraus.

Uma brisa atravessa o beco, empurrando-me para o lado, e lembro-me da vez que escalei a roda gigante com Tobias. Naquela situação, foi ele quem me ajudou a me equilibrar. Agora, não há ninguém para fazer isso.

Vejo de relance o chão, três andares abaixo, com os tijolos menores do que deveriam ser e as fileiras de pessoas da Franqueza, escravizadas por Jeanine. Meus braços doem enquanto me desloco lentamente através do vão, especialmente o braço direito.

A escada escorrega um pouco, aproximando-se mais da beirada da janela do outro lado. Christina está mantendo um lado estável, mas não pode impedir que a escada deslize do outro. Cerro os dentes e tento não balançá-la, mas não posso mover as duas pernas ao mesmo tempo. Preciso deixar que a escada balance um pouco. Só faltam quatro degraus.

A escada gira violentamente para a esquerda, e depois, ao mover meu pé direito para a frente, não encontro a beirada do degrau.

Solto um grito, e meu corpo é lançado para o lado. Fico abraçada à escada, com uma das pernas pendurada no ar.

— Você está bem? — grita Christina, atrás de mim.

Não respondo. Levanto a perna e a enfio sob meu corpo. Meu deslizar fez com que a escada se aproximasse ainda mais da beirada da janela. Agora, ela está apoiada por apenas um milímetro de concreto.

Decido mover-me rapidamente. Lanço-me em direção ao parapeito no momento exato em que a escada desliza para fora da janela. Minhas mãos agarram o parapeito, e o concreto arranha as pontas dos meus dedos, que suportam todo o peso do meu corpo. Ouço vários gritos atrás de mim.

Cerro os dentes ao erguer o corpo, e meu braço direito lateja de dor. Chuto a parede de tijolos do edifício, esperando que isso me dê alguma tração, mas não adianta nada. Grito, entre dentes cerrados, ao erguer o corpo por cima do parapeito, e fico com a metade do corpo para dentro e a outra metade pendurada para fora. Felizmente, Christina não deixou que a escada caísse muito. Nenhum dos membros da Franqueza atira em mim.

Puxo o restante do corpo para dentro do prédio da Erudição. Estou em um banheiro. Desabo no chão, sobre o ombro esquerdo, e tento respirar, apesar da dor. Gotas de suor escorrem da minha testa.

Uma mulher da Erudição sai de uma das cabines do banheiro, e eu me levanto rapidamente, sacando o atordoador, sem pensar.

Ela fica paralisada, com os braços para cima e um pedaço de papel higiênico preso no sapato.

— Não atire! — diz ela, com os olhos esbugalhados, confundindo o atordoador com uma arma de fogo.

De repente, lembro-me de que estou vestida com roupas da Erudição. Abaixo o atordoador.

— Perdão. — Tento adotar a fala formal das pessoas da Erudição. — Estou um pouco tensa com tudo o que está ocorrendo. Estamos reentrando, para recuperar parte dos resultados dos nossos testes do... Laboratório 4-A.

— Ah — diz a mulher. — Isso não me parece muito sensato.

— São dados extremamente importantes — explico, tentando soar tão arrogante quanto alguns dos membros da Erudição com quem já conversei. — Prefiro impedir que eles acabem cravados de balas.

— Longe de mim impedi-la de tentar recuperá-los. Agora, com sua licença, vou lavar minhas mãos e depois me refugiar.

— Sem problemas — respondo. Decido não dizer a ela que há papel higiênico preso em seu sapato.

Volto-me novamente para a janela. Do outro lado do beco, Christina e Fernando estão tentando erguer a escada outra vez até o parapeito. Embora meus braços e mãos doam, inclino o corpo para fora e agarro a outra ponta da escada, levantando-a até a janela. Depois, seguro-a no lugar enquanto Christina atravessa.

Dessa vez, a escada fica mais estável, e Christina atravessa o vão sem problemas. Ela toma meu lugar, segurando a escada enquanto empurro uma lata de lixo até a frente da porta, para que ninguém mais entre. Depois, jogo água gelada nos meus dedos, para mitigar a dor.

— Isso foi bem esperto, Tris.

— Não precisa parecer tão surpresa.

— É só que... — Ela faz uma pausa. — Você apresentou aptidão para a Erudição, não foi?

— E isso importa? — digo, ríspida demais. — As facções estão destruídas e sempre foram uma ideia idiota.

Nunca havia dito algo assim. Nem havia pensado. Mas fico surpresa em perceber que acredito nisso, que concordo com Tobias.

— Não estava tentando insultar você — diz Christina. — Apresentar aptidão para a Erudição não é ruim. Principalmente agora.

— Desculpe. Estou apenas... tensa. Só isso.

Marcus atravessa a janela e desaba no chão de ladrilhos. Cara é surpreendentemente ágil. Ela atravessa os degraus da escada como se estivesse dedilhando um banjo, tocando em cada um rapidamente e movendo-se logo para o seguinte.

Fernando será o último e ficará na mesma situação que eu fiquei, com a escada segura apenas de um lado. Eu me aproximo mais da janela a fim de poder avisar a ele para parar, caso veja que a escada está deslizando.

Fernando, que eu imaginei que não teria dificuldade, move-se com menos destreza do que qualquer um de nós. Ele deve ter passado a vida inteira atrás de um computador ou um livro. Move-se para a frente, desajeitado, com o rosto completamente vermelho, e agarra os degraus com tanta força que suas mãos ficam manchadas e roxas.

Quando ele alcança a metade do caminho, vejo algo deslizando para fora do seu bolso. São seus óculos.

— Fernan... — grito.

Mas já é tarde demais.

Os óculos caem, batem na beirada da escada e desabam na calçada.

Em uma onda, os membros da Franqueza viram seus corpos e atiram para cima. Fernando solta um grito e desaba sobre a escada. Uma bala atinge sua perna. Não sei onde as outras acertam, mas percebo, ao ver o sangue pingando entre os degraus da escada, que não foi em um lugar que não oferecesse perigo.

Fernando encara Christina com o rosto pálido. Ela lança-se para fora da janela, pronta para agarrá-lo.

— Não seja idiota! — diz ele, com a voz fraca. — Deixe-me aqui.

É a última coisa que ele diz.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

CHRISTINA VOLTA PARA o banheiro. Todos ficamos imóveis.

— Não quero parecer insensível — diz Marcus —, mas precisamos ir, antes que a Audácia e os sem-facção consigam entrar no prédio. Se é que eles já não entraram.

Ouço algo bater contra a janela e viro o rosto rapidamente, acreditando, por um milésimo de segundo, ser Fernando tentando entrar. Mas é apenas a chuva.

Seguimos Cara para fora do banheiro. Agora, ela é a nossa líder. É quem conhece melhor a sede da Erudição. Ela é seguida por Christina, depois por Marcus e, por último, por mim. Deixamos o banheiro e nos encontramos em um corredor da Erudição, exatamente igual a qualquer outro: branco, claro, estéril.

Mas esse corredor está mais movimentado do que qualquer outro que eu já tenha visto. Pessoas vestindo o azul da Erudição correm de um lado para outro, em grupos ou sozinhas.

— Eles estão na porta da frente! Subam o mais alto possível! — grita um deles.

— Eles desativaram os elevadores! Corram até as escadas! — grita outro.

De repente, em meio ao caos, percebo que esqueci o atordoador no banheiro. Estou desarmada novamente.

Traidores da Audácia também passam correndo por nós, embora pareçam menos desesperados que as pessoas da Erudição. Eu me pergunto o que Johanna, a Amizade e a Abnegação estão fazendo em meio a esse caos. Será que estão cuidando dos feridos? Ou será que estão se posicionando entre as

armas da Audácia e os inocentes da Erudição, recebendo os tiros em nome da paz?

Sinto um calafrio. Cara nos guia até uma escada, e nos juntamos a um grupo de pessoas da Erudição, aterrorizadas, subindo um, dois, três lances de escada. Depois, Cara abre uma porta com o ombro, mantendo a arma próxima ao peito.

Reconheço este andar.

É o meu andar.

Meus pensamentos ficam lentos. Quase morri aqui. Desejei a morte aqui.

Desacelero o passo e me afasto do grupo. Não consigo escapar do meu torpor, embora pessoas passem correndo por mim. Marcus grita alguma coisa, mas sua voz soa abafada. Christina volta e me agarra, arrastando-me até a Sala de Controle A.

Dentro da sala de controle, vejo fileiras de computadores, mas não consigo enxergá-los de verdade; é como se uma névoa cobrisse meus olhos. Pisco para tentar dissipá-la. Marcus se senta diante de um dos computadores, e Cara diante de outro. Eles enviarão todos os dados dos computadores da Erudição para os computadores das outras facções.

Atrás de mim, a porta se abre.

E ouço Caleb perguntar:

— O que vocês estão fazendo aqui?

+ + +

Sua voz me acorda do torpor. Viro-me e dou de cara com sua arma.

Seus olhos são idênticos aos da minha mãe, com um tom pálido de verde, quase cinzento, embora sua camisa azul faça com que a cor deles pareça mais potente.

— Caleb — digo. — O que pensa que está fazendo?

— Estou aqui para impedir o que quer que vocês estejam fazendo! — Sua voz treme, assim como a arma em sua mão.

— Estamos aqui para salvar os dados da Erudição que os sem-facção querem destruir — explico. — Não acho que você vai querer nos impedir.

— Isso não é verdade — diz ele, depois gira a cabeça na direção de Marcus. — Por que você o traria se não estivesse tentando descobrir algo a mais? Algo mais importante para ele do que todos os dados da Erudição?

— Ela contou para *você* a respeito disso? — pergunta Marcus. — *Você*, uma criança?

— Ela não me contou nada, a princípio — diz Caleb. — Mas não queria que eu escolhesse um lado sem conhecer os fatos!

— O fato — diz Marcus — é que ela morre de medo da realidade, e a Abnegação não morria. Aliás, não morre. Nem sua irmã. Pelo menos essa qualidade ela tem.

Faço uma careta. Mesmo quando ele está me elogiando, sinto vontade de bater nele.

— Minha irmã — diz Caleb, suavemente, olhando novamente para mim — não sabe no que está se metendo. Não sabe o que você quer mostrar para todo o mundo... não sabe que isso destruiria *tudo*!

— Estamos aqui por um propósito! — Marcus está quase gritando agora. — Nós completamos nossa missão, e está na hora de fazermos o que fomos enviados aqui para fazer!

Não sei a que propósito ou missão Marcus está se referindo, mas Caleb não parece confuso.

— *Nós* não fomos enviados aqui — diz Caleb. — Não temos responsabilidades sobre mais ninguém, a não ser nós mesmos.

— Esse é exatamente o tipo de pensamento interesseiro que aprendi a esperar de qualquer pessoa que tenha passado tempo demais ao lado de Jeanine Matthews. Você está tão disposto a preservar seu conforto que seu egoísmo está destruindo sua humanidade!

Não quero mais ouvir isso. Enquanto Caleb encara Marcus, giro o corpo e chuto seu pulso com força. O impacto o choca, e sua arma cai. Chuto-a com a

ponta do pé, fazendo-a deslizar sobre o chão.

— Você precisa confiar em mim, Beatrice — diz ele, com o queixo tremendo.

— Depois que você a ajudou a me torturar? Depois que você a ajudou a quase me *matar*?

— Não a ajudei a tort...

— Mas você não a impediu, não é? Você estava lá, e apenas *assistiu*...

— O que eu poderia ter feito? O que...

— Você poderia ter *tentado*, seu covarde! — grito tão alto que meu rosto esquenta e lágrimas escorrem. — Tentado e fracassado, porque você me ama!

Soluço, apenas para respirar ar o bastante. Tudo o que consigo ouvir são os dedos de Cara contra o teclado, enquanto ela se dedica à tarefa que viemos fazer. Caleb não parece ter uma resposta. Seu olhar de súplica gradualmente desaparece, substituído por uma expressão vazia.

— Vocês não vão encontrar o que estão procurando aqui. Ela não armazenaria arquivos tão importantes em computadores públicos. Isso seria ilógico.

— Então, ela não destruiu os arquivos? — diz Marcus.

Caleb balança a cabeça.

— Ela não acredita na destruição de informação. Apenas na sua contenção.

— Ainda bem — diz Marcus. — Onde ela os armazenou?

— Não vou dizer.

— Acho que eu sei — digo. Caleb disse que ela não manteria a informação em um computador público. Portanto, deve estar mantendo-a em um computador privado: o computador do seu escritório ou o do laboratório sobre o qual Tori me falou.

Caleb não olha para mim.

Marcus pega o revólver de Caleb e gira-o em sua mão, fazendo com que o punho da arma se projete para fora. Depois, ele lança o braço para o lado,

atingindo meu irmão sob o queixo. Os olhos de Caleb parecem revirar e ele desaba no chão.

Não quero nem saber como Marcus aprendeu essa manobra.

— Não podemos permitir que ele fuja e conte a alguém o que estamos fazendo — diz Marcus. — Vamos. Cara pode cuidar do resto, certo?

Cara acena com a cabeça, sem levantar o rosto do computador. Sentindo-me enjoada, sigo Marcus e Christina para fora da sala de controle, em direção à escada.

+ + +

O corredor agora está vazio. Há pedaços de papel e marcas de pegadas nos ladrilhos. Eu, Marcus e Christina corremos em fila até a escada. Encaro a parte de trás da cabeça dele, onde o formato do seu crânio aparece sob seu cabelo cortado rente.

Tudo o que consigo ver ao olhar para ele é o cinto voando em direção a Tobias e o punho da arma atingindo o queixo de Caleb. Não me importo com o fato de ele ter machucado Caleb. Eu teria feito o mesmo. Mas o fato de ele ser alguém que sabe machucar as pessoas, mas que sai por aí proclamando ser o líder altruísta da Abnegação, de repente me deixa tão irritada que mal consigo enxergar direito.

Especialmente porque eu o escolhi. *Ele*, e não Tobias.

— Seu irmão é um traidor — diz Marcus, ao virarmos o corredor. — Ele merecia coisa pior. Não precisa olhar para mim assim.

— Cala a boca! — grito, empurrando-o com força contra a parede. Ele fica surpreso demais para me empurrar de volta. — Eu o odeio, e você sabe disso! Eu o odeio pelo que fez a ele, e não estou falando do Caleb.

Eu me aproximo do rosto dele e sussurro:

— E, embora talvez não atire em você, eu certamente não o ajudarei se alguém tentar matar você. Portanto, é melhor rezar para que não nos encontremos nessa situação.

Ele me encara, aparentando indiferença. Eu o solto e sigo novamente em direção à escada, seguida por Christina. Ele também me segue.

— Para onde estamos indo? — pergunta ela.

— Caleb disse que o que estamos procurando não está em um computador público, portanto só pode estar em um computador privado. Que eu saiba, Jeanine só tem dois computadores privados. Um em seu escritório e outro em seu laboratório.

— Então, para qual devemos ir?

— Tori disse que o laboratório de Jeanine era extremamente bem protegido — digo. — E eu já estive em seu escritório; é uma sala comum.

— Então... o laboratório.

— É no último andar.

Alcançamos a porta da escada e, quando a abro, um grupo de membros da Erudição, incluindo algumas crianças, está descendo a toda velocidade. Agarro-me ao corrimão e abro caminho entre eles com o cotovelo, sem olhar para seus rostos, como se eles não fossem humanos, mas apenas uma massa que devo tirar do meu caminho.

Espero que o fluxo de pessoas acabe, mas elas continuam vindo do andar seguinte, em uma onda contínua de indivíduos vestidos de azul, sob a fraca luz azulada, com o branco dos olhos brilhando como lâmpadas e contrastando com tudo ao redor. Seus soluços de terror ecoam no vão de cimento centenas de vezes, como gritos de demônios com olhos brilhantes.

Quando alcançamos o sétimo andar, o fluxo de pessoas diminui, depois acaba. Passo as mãos nos braços para me livrar dos fantasmas de pelos, mangas e pele que encostaram em mim na subida. Consigo ver o topo das escadas de onde estou.

Também vejo o corpo de um guarda, com o braço inerte para fora da escada, e, em pé sobre ele, um homem sem-facção com um tapa-olho.

Edward.

+ + +

– Olha quem está aqui – diz Edward. Ele está em pé no topo de um pequeno lance de escada, com apenas sete degraus, e eu estou embaixo. O guarda traidor da Audácia encontra-se entre nós, com os olhos imóveis e uma mancha escura no peito, onde alguém, provavelmente Edward, atirou.

– Essa é uma roupa estranha para alguém que deveria odiar a Erudição. Pensei que você estivesse em casa, esperando o seu namorado voltar como um herói.

– Como você já deve ter percebido – digo, subindo um degrau –, o plano nunca foi esse.

A luz azul lança sombras sob as maçãs do seu rosto. Ele leva a mão às costas.

Se ele está aqui, isso significa que Tori também já subiu. Isso, por sua vez, significa que Jeanine talvez já esteja morta.

Sinto a presença de Christina perto das minhas costas e ouço sua respiração.

– Vamos passar por você – digo, subindo mais um degrau.

– Eu duvido – responde ele. Ele saca sua arma. Eu me jogo para a frente, sobre o guarda caído. Ele dispara, mas estou agarrando seu punho, e ele não consegue mirar direito.

Meus ouvidos zunem, e meus pés procuram se equilibrar sobre as costas do guarda morto.

Christina lança um soco sobre minha cabeça. Seu punho atinge o nariz de Edward. Não consigo me equilibrar sobre o corpo do guarda e caio de joelhos, cravando as unhas no pulso de Edward. Ele me empurra para o lado e dispara novamente, atingindo a perna de Christina.

Arquejando, Christina saca sua arma e dispara. A bala atinge a lateral do corpo de Edward, que dá um berro e solta a arma, desabando para a frente.

Ele cai sobre mim, e eu bato com a cabeça em um dos degraus de cimento. O braço do guarda morto está machucando minhas costas.

Marcus pega a arma de Edward e a aponta para nós.

— Levante-se, Tris — diz ele. Depois, vira-se para Edward: — E você, não se mova.

Procuro com a mão a beirada de um degrau e puxo meu corpo para fora do espaço entre Edward e o guarda morto. Edward senta-se, com dificuldade, sobre o guarda, como se ele fosse uma *almofada*, agarrando a lateral do corpo com as duas mãos.

— Você está bem? — pergunto a Christina.

Seu rosto se contorce.

— Ai. Estou. Ele atingiu o lado da perna, e não o osso.

Estendo o braço, para ajudá-la a se levantar.

— Beatrice — diz Marcus. — Precisamos deixá-la.

— Como assim *deixá-la*? — pergunto, irritada. — Não podemos deixá-la! Poderia acontecer algo terrível!

Marcus encosta o dedo indicador no meu esterno, entre as minhas clavículas, e inclina-se sobre mim.

— Ouça bem — diz ele. — Jeanine Matthews provavelmente fugiu para o seu laboratório ao primeiro sinal do ataque, porque lá é o lugar mais seguro do edifício. E, a qualquer momento, ela pode decidir que a Erudição perdeu e que é melhor deletar os dados do que correr o risco de que alguém os encontre, e toda a nossa missão terá sido em vão.

E eu terei perdido todo mundo: meus pais, Caleb e, por fim, Tobias, que nunca me perdoará por ter me aliado a seu pai, especialmente se eu não tiver como provar que valeu a pena.

— Vamos deixar a sua amiga aqui. — Seu bafo fede. — E vamos seguir em frente, a não ser que você prefira que eu vá sozinho.

— Ele tem razão — diz Christina. — Não temos tempo. Eu ficarei aqui e impedirei que Ed siga vocês.

Faço que sim com a cabeça. Marcus recolhe o dedo, mas onde ele tocou fica dolorido. Esfrego o lugar para afastar a dor e abro a porta no topo da escada. Olho para trás antes de atravessar a porta, e Christina abre um sorriso de dor, apertando a coxa com a mão.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

A SALA SEGUINTE parece mais um corredor: é larga, mas não comprida, com azulejos azuis, paredes azuis e o teto azul, todos do mesmo tom. Tudo brilha, mas não consigo saber de onde a luz está vindo.

A princípio, não vejo nenhuma porta, mas, quando os meus olhos se acostumam com o choque de cor, vejo um retângulo na parede à minha esquerda e outro na parede à minha direita. Apenas duas portas.

— Precisamos nos separar. Não temos tempo para tentar as duas juntos.

— Qual você quer? — pergunta Marcus.

— A da direita — respondo. — Não, espere. A da esquerda.

— Tudo bem. Vou pela da direita.

— Se eu encontrar o computador, o que devo procurar? — pergunto.

— Se você encontrar o computador, encontrará Jeanine. Suponho que conheça algumas maneiras de coagi-la a fazer o que você quer. Afinal de contas, ela não está acostumada a sentir dor.

Aceno afirmativamente com a cabeça. Andamos, no mesmo ritmo, em direção às nossas respectivas portas. Há pouco tempo, eu consideraria a ideia de me separar do Marcus um alívio. Mas continuar sozinha também é um fardo. E se eu não conseguir passar pelos sistemas de segurança que Jeanine certamente construiu para evitar a entrada de intrusos? E se, mesmo que eu consiga passar por eles, não consiga encontrar o arquivo certo?

Pouso a mão na maçaneta da porta. Não parece haver uma tranca. Quando Tori disse que o lugar era bem protegido, pensei que haveria aparelhos de escaneamento de retina, senhas e trancas, mas, até agora, tudo esteve aberto.

Por que isso me preocupa?

Abro a minha porta, e Marcus abre a sua. Trocamos um olhar. Entro na sala seguinte.

+ + +

A sala, como o corredor anterior, é azul, mas, aqui, dá para ver claramente de onde a luz está vindo. Ela brilha do centro de cada painel, do teto, do chão e das paredes.

Quando a porta se fecha atrás de mim, ouço um ruído, como um ferrolho sendo encaixado. Agarro novamente a maçaneta, e a empurro para baixo com o máximo de força possível, mas a porta não se move. Estou presa.

Pequenas luzes lancinantes me atingem de todas as direções. Minhas pálpebras não conseguem bloqueá-las, portanto sou obrigada a cobrir os olhos com as mãos.

Ouço uma voz feminina, calma:

— Beatrice Prior, segunda geração. Facção de origem: Abnegação. Facção de escolha: Audácia. Divergência confirmada.

Como será que esta sala sabe quem eu sou?

E o que será que quer dizer com "segunda geração"?

— Status: intrusa.

Ouço um clique e afasto os dedos um pouco para ver se as luzes já se foram. Elas não se foram, mas agora o teto está soltando um vapor colorido. Instintivamente, tapo a boca com a mão. Em questão de segundos, tudo o que consigo ver é uma névoa azul. Depois, não vejo mais nada.

Agora, estou em uma escuridão tão completa que, quando coloco a mão na frente do nariz, não consigo ver nem a sua silhueta. Eu deveria seguir adiante e procurar uma porta do outro lado da sala, mas tenho medo de me mover. Não sei o que poderia acontecer comigo se eu tentasse.

De repente, as luzes acendem, e eu estou na sala de treinamento da Audácia, no círculo onde costumávamos treinar. Minhas memórias deste círculo são muito variadas. Algumas são triunfantes, como a vez em que venci

da Molly, e algumas assustadoras, como quando Peter me socou tanto que eu desmaiei. Experimento o ar, e ele continua o mesmo, com cheiro de suor e poeira.

Do outro lado do círculo, há uma porta azul que não deveria estar ali. Franzo a testa ao olhar para ela.

— Intrusa — diz a voz, e agora ela soa como Jeanine, mas talvez seja só minha imaginação. — Você tem cinco minutos para chegar à porta azul antes que o veneno faça efeito.

— *O quê?*

Mas eu sei o que ela disse. Veneno. Cinco minutos. Isso não deveria me surpreender; esta é a obra de Jeanine, tão sem consciência quanto ela. Meu corpo treme, e me pergunto se isso é efeito do veneno, se ele já está desligando o meu cérebro.

Concentre-se. Não posso sair; preciso seguir em frente, ou...

Ou nada. Preciso seguir em frente.

Começo a caminhar em direção à porta, mas uma pessoa aparece no meu caminho. Ela é baixa, magra e loira e tem olheiras. Ela sou eu.

Um reflexo? Aceno com a mão para ver se ela vai espelhar o meu movimento. Ela não faz nada.

— Olá — digo. Ela não responde. Não achei que responderia.

O que será que está acontecendo? Engulo com força para estalar os ouvidos, que parecem estar cheios de algodão. Se Jeanine projetou isso, provavelmente é algum tipo de teste de inteligência ou lógica, o que significa que terei que pensar claramente. Isso, por sua vez, significa que terei que me acalmar. Aperto as mãos ao peito e pressiono, esperando que a pressão faça com que eu me sinta segura, como um abraço.

Não funciona.

Dou um passo para a direita, para ter uma visão melhor da porta, e minha sósia pula para o lado, arrastando os sapatos no chão, bloqueando a minha passagem novamente.

Acho que sei o que acontecerá se eu seguir em direção à porta, mas preciso tentar. Começo a correr, com a intenção de desviar-me dela, mas ela está preparada: agarra o meu ombro ferido e me lança para o lado. Solto um grito tão alto que arranha a minha garganta; sinto como se facas estivessem entrando cada vez mais fundo na lateral do meu corpo. Começo a me ajoelhar, quando ela chuta a minha barriga e eu desabo no chão, inalando a poeira.

Percebo, ao agarrar a barriga, que isso é exatamente o que eu faria se estivesse na posição dela. Isso significa que, para derrotá-la, preciso pensar em uma maneira de derrotar a mim mesma. Mas como posso lutar melhor do que eu mesma, se ela conhece todas as estratégias que conheço e é tão engenhosa e esperta quanto eu?

Ela avança contra mim novamente, e eu me levanto e tento ignorar a dor em meu ombro. Meu coração bate mais rápido. Quero socá-la, mas ela é mais rápida. Desvio no último segundo, e seu punho atinge a minha orelha, desequilibrando-me.

Dou alguns passos para trás, esperando que ela não me persiga, mas é o que faz. Ela me ataca novamente, agarrando os meus ombros e me empurrando para baixo, na direção do seu joelho dobrado.

Levanto as mãos, posicionando-as entre a minha barriga e o seu joelho, e empurro com o máximo de força que consigo. Ela não estava esperando isso; tropeça para trás, mas não cai.

Corro em sua direção e, ao sentir a vontade de chutá-la, eu me dou conta de que essa também é a vontade *dela*. Desvio do chute dela.

Sempre que quero fazer algo, ela imediatamente também quer. O máximo que conseguiremos é acabar a luta empatadas. Mas preciso *derrotá-la*. Para sobreviver.

Tento pensar sobre a minha situação, mas ela já está avançando contra mim novamente, com a testa franzida e uma expressão concentrada. Ela agarra o meu braço e eu agarro o dela, e ficamos agarradas aos antebraços uma da outra.

Jogamos nossos cotovelos para trás, depois os lançamos para a frente, ao mesmo tempo. Inclino o corpo no último segundo e meu cotovelo atinge seus dentes.

Nós duas gritamos. Sangue espirra dos seus lábios e escorre pelo meu antebraço. Ela cerra os dentes e solta um grito, mergulhando sobre mim, mais forte do que eu esperava.

Seu peso me derruba. Ela me prende no chão com os joelhos e tenta socar o meu rosto, mas me protejo com os braços. Seus punhos acertam meus braços, cada um deles atingindo a minha pele como uma pedra.

Exalando fortemente, agarro um dos seus pulsos e percebo que há manchas dançando nos cantos dos meus olhos. *O veneno*.

Concentre-se.

Enquanto ela luta para se soltar, levanto o joelho até o peito. Depois, empurro-a para trás, soltando um grunhido com o esforço, até conseguir pressionar a sua barriga com o pé. Eu a chuto, com o rosto fervendo.

O enigma lógico: como é possível alguém vencer uma luta entre pessoas exatamente iguais?

A resposta: não é possível.

Ela se levanta e limpa o sangue dos lábios.

Portanto: não podemos ser exatamente iguais. Então, o que pode ser diferente entre nós?

Ela caminha novamente em minha direção, mas preciso de mais tempo para pensar; então, para cada passo que ela dá para a frente, dou um para trás. A sala balança, depois gira, e eu dou uma guinada para o lado, encostando levemente as pontas dos dedos no chão, para me equilibrar.

O que há de diferente entre nós? Temos a mesma massa, nível de habilidade e padrões de pensamento...

Vejo a porta atrás dela e me dou conta de algo: temos objetivos diferentes. Eu *preciso* passar por aquela porta. Ela precisa protegê-la. Mas, mesmo em uma simulação, não é possível que ela esteja tão desesperada quanto eu.

Corro até a beirada do círculo, onde há uma mesa. Há apenas um instante, ela estava vazia, mas conheço as regras das simulações e sei controlá-las. Uma arma aparece sobre a mesa assim que penso nela.

Esbarro na mesa com força, com as manchas bloqueando a minha visão. Nem sinto dor ao colidir contra ela. Sinto meus batimentos cardíacos no rosto, como se meu coração tivesse soltado de suas amarras no meu peito e começado a migrar até o meu cérebro.

Do outro lado da sala, uma arma aparece no chão, diante da minha sósia. Nós duas seguramos as armas.

Sinto o peso e a lisura da arma em minha mão e esqueço-me dela; esqueço-me do veneno; esqueço-me de tudo.

Do outro lado da sala, não é mais a minha sósia que se encontra entre mim e meu objetivo, é Will. *Não, não*. Não pode ser Will. Obrigo-me a respirar. O veneno está cortando o fluxo de oxigênio para o meu cérebro. Ele é apenas uma alucinação dentro da simulação. Solto o ar, com um soluço.

Por um instante, vejo a minha sósia novamente, segurando a arma, mas tremendo visivelmente e afastando ao máximo a arma do corpo. Ela é tão fraca quanto eu. Não, ela não é tão fraca, porque não está ficando cega e perdendo o ar, mas é quase tão fraca, quase.

Depois, Will volta, com o olhar inexpressivo da simulação e o cabelo formando um halo dourado ao redor da cabeça. Há edifícios de tijolos dos dois lados, mas, atrás dele, a porta ainda está lá, a porta que me separa do meu pai e do meu irmão.

Não, não, esta é a porta que me separa de Jeanine e do meu objetivo.

Preciso atravessar aquela porta. *Preciso.*

Ergo a arma, embora meu ombro doa, e envolvo uma mão na outra, para estabilizá-la.

— Me... — Engasgo, com lágrimas escorrendo sobre as bochechas e entrando na minha boca. Sinto o gosto de sal. — Me perdoe.

Então, faço a única coisa que minha sósia é incapaz de fazer, porque não está desesperada o bastante:

Disparo.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

NÃO O VEJO morrer outra vez.

Fecho os olhos no momento em que aperto o gatilho, e, ao abri-los novamente, é a outra Tris que está deitada no chão em meio às manchas escuras em meus olhos; sou eu.

Solto a arma e corro em direção à porta, quase tropeçando sobre ela. Jogo o corpo contra a porta, giro a maçaneta e a desabo para o outro lado. Com as mãos dormentes, fecho a porta novamente. Balanço as mãos para afastar a dormência.

A sala seguinte tem duas vezes o tamanho da outra e também é iluminada por uma luz azul, mas mais tênue. Há uma enorme mesa no centro e fotos, diagramas e listas colados nas paredes.

Respiro fundo, e minha visão começa a clarear e meu coração, a desacelerar. Entre as fotos nas paredes, reconheço o meu próprio rosto e os de Tobias, Marcus e Uriah. Uma longa lista do que parecem ser produtos químicos está colada na parede, ao lado das nossas fotos. Cada um dos nomes de produtos foi riscado com uma caneta vermelha. Deve ser aqui que Jeanine desenvolve os soros de simulação.

Ouço vozes em algum lugar adiante e fico irritada comigo mesma. *O que você está fazendo? Corra!*

— O nome do meu irmão. — Ouço uma voz dizer. — Quero ouvir você dizê-lo.

É a voz de Tori.

Como será que ela conseguiu passar pela simulação? Será que ela também é Divergente?

— Eu não o matei — diz Jeanine.

— Você acha que isso a exonera? Você acha que não merece morrer?

Tori não está gritando, mas berrando, liberando toda a sua dor pela boca. Caminho em direção à porta. Mas me movo rápido demais e esbarro com o quadril na beirada da mesa. Sou obrigada a parar, fazendo uma careta de dor.

— Os motivos das minhas ações estão além da sua compreensão — diz Jeanine. — Eu estava disposta a fazer um sacrifício por um bem maior, algo que você nunca conseguiu compreender, nem quando éramos colegas de turma.

Sigo, mancando, em direção à porta, que é um painel de vidro fosco. Ele desliza quando me aproximo, e vejo Jeanine, encurralada contra uma parede, e Tori a alguns metros de distância, com a arma erguida.

Atrás delas, há uma mesa de vidro com uma torre prateada de computador e um teclado. O monitor cobre a parede dos fundos inteira.

Jeanine me encara, mas Tori não move um músculo; ela parece nem ouvir a minha chegada. Seu rosto está vermelho e coberto de lágrimas, e sua mão está tremendo.

Sei que não conseguirei encontrar o arquivo sozinha. Se Jeanine está aqui, posso obrigá-la a encontrá-lo para mim, mas se ela morrer...

— Não! — grito. — Tori, não faça isso!

Mas seu dedo já está no gatilho. Lanço-me sobre ela com o máximo de força possível, batendo com os braços na lateral do seu corpo. A arma dispara, e ouço um grito.

Minha cabeça atinge o chão de ladrilhos. Ignoro os flashes que cobrem a minha visão e jogo o corpo por cima do de Tori. Empurro a arma, e ela desliza para longe de nós.

Por que não pegou a arma, sua idiota?!

O punho de Tori atinge o lado do meu pescoço. Engasgo, e ela aproveita a oportunidade para me afastar e rastejar em direção à arma.

Jeanine está caída contra a parede, com a perna encharcada de sangue. *Perna!* Eu me lembro, e soco a coxa de Tori, perto da ferida de bala. Ela solta

um grito, e consigo me levantar.

Dou um passo em direção à arma caída, mas Tori é rápida demais. Ela abraça minhas pernas e me puxa. Meus joelhos chocam-se contra o chão, mas continuo mais alta do que ela. Dou um soco em sua direção, acertando seu peito.

Ela solta um grunhido, mas isso não a detêm; enquanto me arrasto em direção à arma, ela crava os dentes na minha mão. A dor é diferente de qualquer agressão física que eu já tenha sofrido, diferente de levar um tiro. Grito mais alto do que imaginava ser possível, e as lágrimas ofuscam a minha visão.

Não cheguei até aqui apenas para permitir que Tori atire em Jeanine antes que eu consiga pegar o que preciso.

Arranco a mão da sua boca, com a vista turva, e, lançando o braço para o lado, agarro o punho da arma. Giro o corpo e aponto para Tori.

Minha mão. Minha mão está coberta de sangue, assim como o queixo de Tori. Escondo a mão, para que seja mais fácil ignorar a dor e me levantar, ainda apontando a arma para ela.

— Não imaginei que você fosse uma traidora, Tris. — Sua voz soa como um rosnado, um som que nenhum ser humano seria capaz de produzir.

— Não sou — digo. Pisco para que as lágrimas escorram sobre minhas bochechas e eu consiga enxergá-la melhor. — Não posso explicar agora, mas... Só quero que você confie em mim, por favor. Há algo importante, algo que só ela sabe onde está...

— É verdade! — diz Jeanine. — Está *naquele* computador, Beatrice, e só eu sou capaz de localizá-lo. Se você não me ajudar a sobreviver a isto, a informação morrerá comigo.

— Ela é uma mentirosa — diz Tori. — Uma *mentirosa*, e, se acredita nela, você é uma idiota, além de uma traidora, Tris!

— Eu acredito nela — digo. — Acredito nela porque faz todo o sentido! A informação mais importante do mundo está escondida *naquele computador*,

Tori! – Respiro fundo e baixo a voz: – Por favor, ouça-me. Eu a odeio tanto quanto você. Não tenho por que defendê-la. Estou falando a verdade. Isso é importante.

Tori fica em silêncio. Penso, por um segundo, que venci a discussão. Que a convenci. Mas, de repente, ela diz:

– Nada é mais importante do que a morte dela.

– Se você insiste em acreditar nisso, não posso fazer nada. Mas não vou permitir que você a mate.

Tori ergue o corpo e fica de joelhos, limpando o sangue do queixo. Ela levanta a cabeça e encara os meus olhos.

– Sou uma líder da Audácia. Não é você quem decide o que farei.

E antes que eu consiga pensar em atirar...

Ela saca uma faca da lateral da sua bota, atira-se para a frente e a crava na barriga de Jeanine.

Solto um grito. Jeanine faz um som horrível com a boca, um grito gorgolejante de morte. Vejo os dentes cerrados de Tori e ouço-a murmurando o nome do seu irmão:

– George Wu.

Depois, vejo a faca entrando novamente.

E os olhos de Jeanine se transformam em vidro.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

TORI SE LEVANTA, com um olhar selvagem, e vira-se para mim.

Sinto-me dormente.

Todos os riscos que assumi para chegar aqui, como conspirar com Marcus, pedir a ajuda de membros da Erudição, cruzar uma escada a três andares de altura e atirar em mim mesma em uma simulação, e todos os sacrifícios que fiz, como a minha relação com Tobias, a vida de Fernando e minha posição dentro da Audácia, foram em vão.

Em vão.

Um segundo depois, a porta de vidro desliza novamente. Tobias e Uriah entram correndo, como se estivessem prontos para encarar uma batalha. Uriah está tossindo, provavelmente por causa do veneno. Mas a batalha acabou. Jeanine está morta, Tori triunfou, e eu traí a Audácia.

Tobias para, quase tropeçando, quando me vê. Ele arregala os olhos.

— Ela é uma traidora — diz Tori. — Ela quase atirou em mim para proteger a Jeanine.

— O quê? — diz Uriah. — Tris, o que está acontecendo? Isso é verdade? Por que você está aqui?

Mas apenas olho para Tobias. Uma pitada de esperança atravessa o meu corpo, de maneira estranhamente dolorosa, combinada com a culpa que sinto por tê-lo enganado. Tobias é teimoso e orgulhoso, mas ele é meu. Talvez me escute. Talvez exista uma chance de que o que fiz não tenha sido em vão.

— Você sabe por que estou aqui — digo, baixinho. — Não sabe?

Levanto a arma de Tori. Ele se aproxima, caminhando de maneira um pouco instável, e pega-a da minha mão.

— Encontramos Marcus na sala ao lado, preso a uma simulação — diz Tobias. — Você veio aqui com ele.

— Sim, vim — confirmo. O sangue da mordida de Tori escorre sobre meu braço.

— Eu confiei em você — diz ele, com o corpo tremendo de raiva. — Eu *confiei* em você, e você me abandonou para conspirar com *ele*?

— Não. — Balanço a cabeça. — Ele me disse uma coisa, e tudo o que meu irmão havia dito, tudo o que Jeanine havia dito quando fiquei presa aqui na sede da Erudição, encaixa-se perfeitamente com o que ele disse. E eu queria... *precisava* descobrir a verdade.

— A verdade. — Ela resfolega. — Você acha que descobriu a *verdade* de um mentiroso, um traidor e uma sociopata?

— A verdade? — diz Tori. — Do que vocês estão falando?

Eu e Tobias nos encaramos. Seus olhos azuis, que costumam ser tão pensativos, agora estão duros e críticos, como se estivessem descascando camada após camada do meu ser e estudando cada uma delas.

— Eu acho... — digo. Preciso fazer uma pausa para respirar, porque não o convenci; falhei, e isso provavelmente será a última coisa que eles permitirão que eu fale, antes de me prenderem.

— Acho que *você* é que é o mentiroso! — digo, com a voz trêmula. — Você diz que me ama, que confia em mim e que me acha mais perceptiva do que as pessoas em geral. E na primeira ocasião em que essa crença na minha percepção, essa confiança, esse *amor* é posto à prova, tudo isso desmorona. — Começo a chorar, mas não me envergonho das lágrimas que brilham na minha bochecha ou do tom grave da minha voz. — Então, você deve ter mentido quando disse todas essas coisas... Deve ter mentido, porque não consigo acreditar que seu amor seja tão frágil.

Eu me aproximo mais dele, e ficamos a poucos centímetros de distância, para que os outros não me ouçam.

— Ainda sou a mesma pessoa que preferiria morrer a matar você — falo, lembrando-me da simulação de ataque e da sensação do seu coração batendo debaixo de minha mão. — Sou exatamente quem você acha que sou. E agora estou falando que sei... *Sei* que essa informação mudará tudo. Tudo o que fizemos, e tudo o que estamos prestes a fazer.

Encaro-o como se fosse capaz de comunicar a verdade através dos olhos, mas isso é impossível. Ele desvia o olhar, e nem sei se ouviu o que eu disse.

— Chega disso — diz Tori. — Leve-a lá para baixo. Ela será julgada junto com os outros criminosos de guerra.

Tobias não se move. Uriah agarra meu braço e me arrasta para longe dele, atravessando o laboratório, a sala de luz e o corredor azul. Therese, dos sem-facção, junta-se a nós no caminho, encarando-me com curiosidade.

Quando alcançamos a escada, sinto algo cutucando o lado do meu corpo. Ao olhar para trás, vejo um pedaço de gaze na mão de Uriah. Pego a gaze, tentando sorrir com gratidão para ele, mas não consigo.

Enquanto descemos a escada, enrolo bem a gaze na mão, desviando de corpos, sem olhar para seus rostos. Uriah segura meu cotovelo para impedir que eu caia. A gaze não diminui a dor da mordida, mas faz com que eu me sinta um pouco melhor, assim como o fato de que pelo menos Uriah não parece me odiar.

Pela primeira vez, a indiferença da Audácia em relação à idade não me parece ser uma oportunidade. Na verdade, parece ser o que vai acabar me condenando. Eles não dirão: *Mas ela é jovem demais; deve ter ficado confusa.* Eles dirão: *Ela é adulta e fez uma escolha*.

É claro que concordo com eles. Realmente fiz uma escolha. Escolhi minha mãe e meu pai e a causa pela qual eles lutaram.

+ + +

Descer as escadas é mais fácil do que subir. Alcançamos o quinto andar antes que eu perceba que estamos descendo até o saguão.

— Entregue-me sua arma, Uriah — diz Therese. — Alguém precisará atirar em possíveis encrenqueiros, e você não conseguirá fazer isso se estiver tentando evitar que ela caia da escada.

Uriah entrega a arma sem questionar. Franzo a testa. Therese já *tem* uma arma, então por que ele teve que entregar a dele? Mas não pergunto nada. Já estou encrencada demais.

Alcançamos o andar térreo e passamos na frente de uma grande sala de reunião, cheia de pessoas vestidas de branco e preto. Paro por um segundo para observá-las. Algumas estão reunidas em pequenos grupos, apoiadas umas nas outras, com os rostos cobertos de lágrimas. Outras estão sozinhas, apoiadas nas paredes ou sentadas nos cantos, com olhares vazios ou encarando algo na distância.

— Fomos obrigados a atirar em tantos deles — murmura Uriah, apertando meu braço. — Só para conseguir entrar no prédio, fomos obrigados.

— Eu sei.

Vejo a irmã e a mãe de Christina abraçadas no lado direito da sala. E, no lado esquerdo, um jovem com cabelo escuro, que reflete a luz fluorescente: Peter. Sua mão está apoiada no ombro de uma mulher de meia-idade, que reconheço como sua mãe.

— O que ele está fazendo aqui? — pergunto.

— O covarde chegou depois da confusão, depois que todo o trabalho já tinha sido feito — diz Uriah. — Ouvi dizer que o pai dele morreu. Mas parece que a mãe dele está bem.

Peter olha para trás, e seu olhar encontra o meu por apenas um segundo. Nesse segundo, tento sentir alguma pena pela pessoa que salvou a minha vida. Mas, apesar de não sentir mais o mesmo ódio que sentia dele, também não consigo sentir mais nada.

— O que estão esperando? — pergunta Therese. — Vamos logo.

Saímos de frente da sala de reunião e seguimos até o saguão principal, onde um dia abracei Caleb. O retrato gigante de Jeanine está no chão, em

pedaços. A fumaça que paira no ar está mais densa sobre as estantes de livros, que estão completamente queimadas. Todos os computadores estão destruídos e caídos no chão.

Sentados em fileiras, no centro do saguão, encontram-se alguns membros da Erudição que não conseguiram fugir, assim como os traidores da Audácia que sobreviveram. Procuro alguém conhecido. Vejo Caleb perto da última fileira, com uma expressão atordoada. Desvio o olhar.

— Tris! — grita alguém. Christina está sentada perto da fileira da frente, ao lado de Cara, com a perna enfaixada com um tecido. Ela acena para mim, e eu me sento ao seu lado.

— Não conseguiu? — pergunta ela, baixinho.

Balanço a cabeça.

Ela suspira e me envolve em seu braço. Seu gesto é tão reconfortante que quase começo a chorar. Mas eu e Christina não somos pessoas que choram juntas; somos pessoas que lutam juntas. Portanto, seguro minhas lágrimas.

— Vi sua mãe e sua irmã na sala ao lado.

— É, eu também. Minha família está bem.

— Que bom. Como está sua perna?

— Está bem. Cara disse que ficará tudo bem; não está sangrando muito. Uma das enfermeiras da Erudição enfiou alguns analgésicos, antissépticos e gaze no bolso antes de a trazerem aqui, por isso também não está doendo muito — diz ela. Um pouco mais à frente, Cara também está examinando o braço de um homem da Erudição. — Onde está Marcus?

— Não sei — digo. — Tivemos que nos separar. Ele deveria estar aqui embaixo. A não ser que o tenham matado ou algo assim.

— Sinceramente, isso não me surpreenderia muito.

A sala fica caótica por um instante. Pessoas entram e saem, os guardas sem-facção que estão nos vigiando trocam de lugar, novas pessoas vestindo o azul da Erudição são trazidas e sentam-se entre nós. Mas, gradualmente, as

coisas vão se acalmando, e, de repente, eu o vejo: Tobias está atravessando a porta da escada.

Mordo o lábio com força e tento não pensar, tento ignorar o sentimento frio que enche meu peito e o peso na minha cabeça. Ele me odeia. Não acredita em mim.

Christina me segura mais forte quando ele passa por nós sem nem olhar para mim. Olho para trás para vê-lo. Ele para ao lado de Caleb, agarra o seu braço e o levanta à força. Caleb se contorce por um segundo, mas não tem nem metade da força de Tobias e não consegue escapar.

— O que foi? — diz Caleb, entrando em pânico. — O que você quer?

— Quero que você desarme o sistema de segurança do laboratório de Jeanine — diz Tobias, sem olhar para ele. — Para que os sem-facção acessem o computador dela.

Para destruí-lo, eu penso, e meu coração fica ainda mais pesado, se é que isso é possível. Tobias e Caleb desaparecem no vão da escada.

Christina apoia-se em mim, e eu me apoio nela.

— Sabia que a Jeanine ativou todos os transmissores da Audácia? — diz Christina. — Um dos grupos dos sem-facção caiu em uma emboscada de membros da Audácia controlados pela simulação, que chegaram tarde do setor da Abnegação, há cerca de dez minutos. Acho que os sem-facção venceram, mas não sei se atirar em um monte de zumbis pode ser chamado de vitória.

— É. — Não há muito mais o que dizer. Ela parece perceber isso também.

— O que aconteceu depois que fui alvejada?

Descrevo o corredor azul com as duas portas e a simulação que se seguiu, do momento em que reconheci a sala de treinamento da Audácia até o momento que atirei em mim mesma. Não falo sobre a minha alucinação com Will.

— Espere. Foi uma simulação? Sem um transmissor?

Franzo a testa. Não me preocupei em pensar sobre isso. Especialmente na hora.

— Se o laboratório consegue reconhecer as pessoas, talvez também tenha dados de todos e consiga apresentar um ambiente simulado correspondente, dependendo da facção da pessoa.

Mas isso tudo não importa mais, especialmente descobrir como Jeanine construiu o sistema de segurança do seu laboratório. Mas me sinto melhor fazendo alguma coisa, tentando resolver um novo problema, agora que falhei em resolver o mais importante deles.

Christina ajeita o corpo. Talvez ela sinta a mesma coisa.

— Ou talvez o veneno contenha um transmissor, de alguma maneira.

Não havia pensado nisso.

— Mas como será que Tori passou por ele? Ela não é Divergente.

Inclino a cabeça para o lado.

— Não sei.

Talvez ela seja, penso. Seu irmão era, e, depois do que aconteceu com ele, talvez ela nunca seja capaz de admitir, mesmo que isso se torne algo aceito.

Descobri que as pessoas são compostas de camadas e mais camadas de segredos. Você pode achar que as conhece, que as entende, mas seus motivos estão sempre ocultos, enterrados em seus próprios corações. Você nunca as conhecerá de verdade, mas às vezes decide confiar nelas.

— O que você acha que eles farão conosco, depois de decidirem que somos culpadas? — pergunta ela, após alguns minutos de silêncio.

— Sinceramente?

— Esta parece uma boa hora para a sinceridade?

Olho para ela de relance.

— Acho que eles nos obrigarão a comer muito bolo e depois nos forçarão a tirar um cochilo extremamente longo.

Ela solta uma risada. Tento não rir. Se eu começar a rir, também começarei a chorar.

+ + +

Ouço um grito e olho por entre a multidão, para tentar identificar de onde ele veio.

— Lynn! — O grito vem de Uriah. Ele corre em direção à porta, onde dois membros da Audácia estão carregando Lynn em uma maca improvisada, aparentemente construída com uma prateleira. Ela está pálida, pálida demais. E suas mãos estão dobradas sobre a barriga.

Levanto-me rapidamente e começo a caminhar em sua direção, mas algumas armas dos sem-facção impedem-me de seguir em frente. Levanto as mãos e fico parada, assistindo.

Uriah caminha ao redor da multidão de criminosos de guerra e aponta para uma mulher da Erudição, que tem uma expressão séria e cabelos grisalhos.

— Você. Venha aqui — diz ele.

A mulher se levanta e limpa a calça. Ela caminha, levemente, até a beirada da multidão sentada, e olha para Uriah, aguardando instruções.

— Você é médica, não é? — diz ele.

— Sim, sou.

— Então, cure-a! — diz ele, irritado. — Ela está ferida.

A médica aproxima-se de Lynn e pede para os membros da Audácia a colocarem no chão. Eles a obedecem, e ela inclina-se sobre a maca.

— Minha querida. Por favor, afaste as mãos da ferida.

— Não consigo — geme Lynn. — Dói demais.

— Sei que dói — diz a médica. — Mas não conseguirei avaliar a sua ferida, a não ser que você a mostre para mim.

Uriah ajoelha-se em frente à médica e a ajuda a afastar as mãos de Lynn da sua barriga. A médica levanta a camisa de Lynn. A ferida de bala é apenas um círculo vermelho na pele dela, mas, ao seu redor, há algo que parece um hematoma. Eu nunca tinha visto um hematoma tão escuro.

A médica contrai os lábios, e eu me dou conta de que Lynn já está praticamente morta.

— Cure-a! — diz Uriah. — Você sabe curá-la, então cure-a!

— Não é bem assim — diz a médica, olhando para ele. — Vocês incendiaram o setor hospitalar deste prédio, e, justamente por isso, não serei capaz de curá-la.

— Não quero saber de hospital! — exclama ele, quase gritando. — Você pode pegar as coisas lá e curá-la!

— A condição dela está avançada demais — diz a médica, com a voz tranquila. — Se vocês não tivessem insistido em incendiar tudo pelo caminho, eu poderia até ter tentado. Mas, da maneira que as coisas estão, isso seria inútil.

— Cala a boca! — diz ele, apontando o dedo para o peito da médica. — Não fui eu quem incendiou seu hospital! Ela é minha amiga, e eu... eu só...

— Uri — diz Lynn. — Cala a boca. Já é tarde demais.

Uriah deixa os braços caírem para o lado e segura a mão de Lynn, com os lábios tremendo.

— Também sou amiga dela — digo aos sem-facção que estão apontando as armas para mim. — Vocês poderiam pelo menos apontar as armas mais para lá?

Eles me deixam passar, e corro até o lado de Lynn, segurando sua outra mão, que está melada de sangue. Ignoro as armas apontadas para minha cabeça e concentro-me no rosto de Lynn, que agora está mais amarelado do que branco.

Ela pareceu não reparar em mim. Está encarando Uriah.

— Só estou feliz por não ter morrido sob o efeito da simulação — diz ela, com a voz fraca.

— Você não vai morrer agora.

— Não seja idiota. Uri, me ouça. Eu também a amava. Amava, de verdade.

— Você amava a quem? — pergunta ele, com a voz trêmula.

— Marlene.

— É, nós todos amávamos Marlene.

— Não, não é isso que eu quero dizer. — Ela balança a cabeça. Seu olhos se fecham.

Mesmo assim, demora alguns minutos até que a mão dela amoleça na minha. Eu a guio até sua barriga, depois pego a mão que Uriah está segurando e faço o mesmo. Ele esfrega os olhos, e suas lágrimas começam a escorrer. Nossos olhos encontram-se sobre o corpo de Lynn.

— É melhor você avisar Shauna. E Hector.

— É verdade. — Ele funga e encosta a palma da mão no rosto dela. Será que a bochecha dela ainda está morna? Não quero tocá-la e descobrir que não está.

Levanto-me e caminho de volta para Christina.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

MINHA MENTE INSISTE em reviver minhas memórias de Lynn, em uma tentativa de persuadir-me de que ela de fato se foi, mas afasto os flashes à medida que eles chegam. Algum dia, pararei de fazer isso, se eles não me executarem como traidora, ou seja lá o que os líderes planejam fazer conosco. Mas agora luto para manter minha mente vazia e fingir que este saguão é a única coisa que existe e a única coisa que jamais existirá. Isso não deveria ser fácil, mas é. Já aprendi a evitar a tristeza.

Tori e Harrison chegam ao saguão depois de um tempo. Tori manca em direção a uma cadeira. Tinha quase esquecido mais uma vez que ela está ferida; ela foi ágil quando matou Jeanine. Harrison a segue.

Atrás deles, há um membro da Audácia, carregando o corpo de Jeanine no ombro. Ele lança o corpo, como uma pedra, sobre uma mesa em meio às primeiras fileiras de membros da Erudição e traidores da Audácia.

Atrás de mim, ouço arquejos e murmúrios, mas não soluços. Jeanine não era o tipo de líder por quem as pessoas choram.

Encaro seu corpo, que parece muito menor em morte do que em vida. Ela é apenas alguns centímetros mais alta do que eu, e seu cabelo é só um pouco mais escuro. Agora, ela parece calma, quase em paz. É difícil ligar esse corpo à mulher sem consciência que conheci.

Mas até ela era mais complicada do que eu imaginava e mantinha um segredo que acreditava ser terrível demais para ser revelado, motivada por um instinto de proteção horrivelmente distorcido.

Johanna Reyes entra no saguão, molhada da cabeça aos pés pela chuva e com as roupas vermelhas manchadas por um tom mais escuro de vermelho.

Os sem-facção a cercam, mas ela nem parece notá-los ou as armas que carregam.

— Olá — diz ela para Harrison e Tori. — O que vocês querem?

— Não esperava que a líder da Amizade fosse tão curta e grossa — diz Tori, com um sorriso amargo. — Isso não é contra seu manifesto?

— Se você realmente conhecesse os costumes da Amizade, saberia que a facção não conta com um líder oficial — diz Johanna, com a voz gentil, mas firme. — Mas não represento mais a Amizade. Renunciei ao cargo para poder vir aqui.

— É, vi você e sua pequena tropa de paz, atrapalhando todo mundo — diz Tori.

— Sim, aquilo foi intencional — responde Johanna. — Já que atrapalhar significava ficar entre armas e pessoas inocentes, e salvar um grande número de vidas.

Suas bochechas coram, e um pensamento volta à minha mente: talvez Johanna Reyes ainda seja bonita. A diferença é que agora não penso apenas que ela é bonita, apesar da cicatriz, mas que é bonita *com* a cicatriz, como Lynn com o cabelo bem curto ou Tobias com as memórias da crueldade do seu pai, que ele usa como uma armadura, ou a minha mãe com suas roupas cinza e simples.

— Já que você continua tão generosa — diz Tori —, será que poderia levar uma mensagem de volta para a Amizade?

— Não gosto da ideia de permitir que você e seu exército façam justiça como bem entenderem — fala Johanna —, mas certamente enviarei outra pessoa até a Amizade com a mensagem.

— Está bem — consente Tori. — Diga a eles que um novo sistema político logo se formará, que excluirá a representatividade deles. Acreditamos que isso é um castigo justo, pelo fato de eles não terem escolhido um lado no conflito. É claro que serão obrigados a continuar a produzir e entregar

comida para a cidade, mas serão supervisionados por uma das facções de liderança.

Por um momento, parece que Johanna vai atacar Tori e enforcá-la. Mas ela endireita o corpo, ficando mais alta, e pergunta:

— Isso é tudo?

— É.

— Está bem. Vou procurar algo de útil para fazer. Imagino que você não permitirá que entremos aqui e cuidemos de alguns dos feridos, não é?

Tori olha para ela com desprezo.

— Não imaginei que você permitiria — diz Johanna. — Mas se lembre de que, às vezes, as pessoas que você oprime tornam-se mais poderosas do que você gostaria.

Ela se vira e sai do saguão.

Algo que ela disse chama minha atenção. Tenho certeza de que disse aquilo apenas como uma ameaça, e uma ameaça fraca, mas suas palavras soam na minha cabeça, como se significassem algo a mais, como se ela pudesse não estar falando da Amizade, mas de outro grupo oprimido. Os sem-facção.

Ao olhar em volta do saguão, para cada soldado da Audácia e cada soldado sem-facção, percebo um padrão.

— Christina. Todas as armas estão nas mãos dos sem-facção.

Ela olha ao redor, depois de volta para mim, franzindo a testa.

Na minha mente, vejo Therese, pegando a arma de Uriah, apesar de já ter a sua. Vejo a boca contraída de Tobias, quando o questionei a respeito da aliança frágil entre a Audácia e os sem-facção, como se ele estivesse escondendo alguma coisa.

De repente, Evelyn chega no saguão, com uma postura régia, como uma rainha retornando ao seu reino. Tobias não a acompanha. *Onde estará ele?*

Evelyn vai para trás da mesa onde está o corpo de Jeanine Matthews. Edward entra mancando no saguão, atrás dela. Evelyn saca uma arma, aponta para o retrato caído de Jeanine e dispara.

O saguão fica em silêncio. Evelyn coloca a arma sobre a mesa, ao lado da cabeça de Jeanine.

— Obrigada — diz ela. — Sei que todos vocês estão se perguntando o que acontecerá agora e eu estou aqui para falar sobre isso.

Tori ajeita o corpo em sua cadeira e inclina-se em direção a Evelyn, como se pretendesse dizer alguma coisa. Mas Evelyn não presta atenção.

— O sistema dos sem-facção, que há tempos vem se apoiando nas costas de seres humanos descartados, será desmontado imediatamente — diz Evelyn. — Nós sabemos que essa transição será difícil para vocês, mas...

— *Nós?* — interrompe-a Tori, com um olhar chocado. — Como assim, desmontado?

— O que quero dizer — diz Evelyn, finalmente olhando para Tori — é que a sua facção, que há apenas algumas semanas defendia, junto com a Erudição, a restrição de alimentos e bens para os sem-facção, em uma campanha que resultou na destruição da Abnegação, deixará de existir.

Evelyn abre um pequeno sorriso.

— E, se vocês decidirem usar suas armas contra nós, terão um pouco de dificuldade em encontrá-las.

Assisto, então, a cada soldado sem-facção levantar uma arma. Há pessoas sem-facção distribuídas de maneira igual por todos os cantos do saguão e para dentro de um dos vãos da escada. Estamos cercados.

Tudo isso é tão elegante e astuto que quase caio na gargalhada.

— Ordenei que minha metade do exército retirasse as armas da sua metade do exército assim que completássemos a missão — diz Evelyn. — Vejo agora que eles fizeram isso com sucesso. Lamento as mentiras, mas sabíamos que vocês haviam sido condicionados a se agarrar ao sistema de facções como a uma mãe e que teríamos que ajudá-los a fazer a transição para essa nova era.

— *Ajudar-nos a fazer a transição?* — pergunta Tori, irada. Ela se levanta e manca em direção a Evelyn, que calmamente pega sua arma e a aponta para ela.

— Não passei fome por mais de uma década para me entregar a uma mulher da Audácia com a perna ferida — diz Evelyn. — Portanto, a não ser que você queira que eu atire em você, é melhor sentar-se com os outros ex-membros de facções.

Percebo que todos os músculos do braço de Evelyn saltam. Seus olhos não são frios, ou pelo menos não como os de Jeanine, mas estão calculando, avaliando, planejando. Não consigo entender como essa mulher jamais se dobrou diante da vontade de Marcus. Naquele tempo, ela provavelmente não era a mesma mulher feita de aço e testada por fogo.

Tori fica parada diante de Evelyn por alguns segundos. Depois, manca para trás, afastando-se da arma, até o canto do saguão.

— Aqueles que nos ajudaram na tarefa de derrubar a Erudição serão recompensados — diz Evelyn. — Aqueles que resistiram a nós serão julgados e punidos de acordo com os seus crimes.

Ela ergue a voz ao falar a última frase, e a maneira como ela se projeta pelo ambiente é surpreendente.

Atrás dela, a porta da escada se abre, e Tobias aparece, seguido por Marcus e Caleb, mas quase ninguém nota. Eu noto porque me condicionei a perceber sua presença. Observo seus tênis à medida que ele se aproxima. São tênis pretos, com ilhoses cromados para os cadarços. Eles param ao meu lado, e ele se agacha perto do meu ombro.

Olho para ele, esperando encarar olhos frios e inflexíveis.

Mas não é isso que vejo.

Evelyn ainda está falando, mas não ouço mais o que ela está dizendo.

— Você estava certa — diz Tobias, baixinho, equilibrando-se sobre as pontas dos pés. Ele abre um pequeno sorriso. — Sei quem você é. Só precisava que me lembrassem disso.

Abro a boca, mas não sei o que dizer.

De repente, todos os monitores do saguão da Erudição que não foram destruídos no ataque acendem, incluindo um projetor posicionado acima da

parede, onde o retrato de Jeanine costumava ficar.

Evelyn para de falar no meio de uma frase. Tobias segura minha mão e me ajuda a levantar.

— O que é isso? — pergunta Evelyn.

— Isto — responde ele, apenas para mim — é a informação que vai mudar tudo.

Estou tão aliviada, mas apreensiva, que minhas pernas tremem.

— Você conseguiu?

— *Você* conseguiu. Só precisei obrigar Caleb a cooperar.

Jogo um braço ao redor do pescoço dele e encosto meus lábios nos seus. Ele segura meu rosto com as duas mãos e me beija de volta. Diminuo a distância entre nós, até que ela deixa de existir, destruindo os segredos que guardamos e as suspeitas que alimentamos. Para sempre, eu espero.

De repente, ouço uma voz.

Nós nos afastamos e olhamos para a parede, onde a imagem de uma mulher com cabelo curto está sendo projetada. Ela está sentada em uma cadeira de metal, com as mãos uma sobre a outra, em um lugar que não reconheço. Não dá para ver direito o que há atrás dela.

— Olá. Meu nome é Amanda Ritter. Neste arquivo, revelarei apenas o que vocês precisam saber. Sou a líder de uma organização que luta por justiça e paz. Durante as últimas décadas, esta luta tem se tornado cada vez mais importante, e, consequentemente, quase impossível. A razão disso é esta.

Imagens piscam na tela, tão rápido que mal consigo vê-las. Um homem ajoelhado, com uma arma apontada para sua cabeça. Uma mulher aponta a arma com um olhar inexpressivo.

A distância, uma pessoa está pendurada pelo pescoço em um poste de telefone.

Um buraco no chão, do tamanho de uma casa, cheio de corpos.

Há outras imagens também, mas elas passam mais rápido, e vejo apenas relances de sangue, ossos, morte e crueldade, de rostos vazios e olhos

desalmados ou cheios de terror.

Quando acho que cheguei ao meu limite e soltarei um grito se vir mais alguma imagem daquelas, a mulher reaparece na tela, atrás de sua mesa.

— Vocês não se lembram de nada disso. Mas, se pensam que estes são atos de um grupo terrorista ou um regime tirânico, estão apenas parcialmente corretos. Metade das pessoas nestas fotos, cometendo estes atos terríveis, eram seus vizinhos. Seus parentes. Seus colegas de trabalho. A batalha que estamos travando não é contra um grupo em particular. Ela é contra a própria natureza humana, ou pelo menos o que ela se tornou.

É por isso que Jeanine estava disposta a escravizar mentes e matar pessoas. É isso que ela queria impedir que soubéssemos. Para que continuássemos ignorantes e seguros, *dentro da cerca*.

Há uma parte de mim que compreende.

— É por isso que vocês são tão importantes — diz Amanda. — Nossa batalha contra a violência e a crueldade está apenas tratando dos sintomas de uma doença, e não a curando. *Vocês* são a cura.

— Para mantê-los seguros, desenvolvemos uma maneira de separá-los de nós. Da nossa fonte de água. Da nossa tecnologia. Da nossa estrutura societária. Construímos a sociedade de vocês de uma maneira particular, com a esperança de que vocês descobrissem o sentido moral que a maioria de nós perdeu. Com o passar do tempo, esperamos que vocês comecem a mudar, de uma maneira que a maioria de nós é incapaz de fazer.

— Estou deixando este arquivo para que vocês saibam quando chegar a hora de nos ajudar. Vocês saberão que a hora chegou quando houver muitos entre vocês cujas mentes parecem ser mais flexíveis do que as das outras pessoas. Vocês devem chamar essas pessoas de Divergentes. Quando elas se tornarem abundantes, seus líderes deverão ordenar que a Amizade destranque o portão para sempre, a fim de que vocês saiam do seu isolamento.

É isso o que meus pais queriam fazer: usar o que aprendemos para ajudar os outros. Eles foram fiéis aos princípios da Abnegação até o fim.

— As informações neste vídeo devem ficar restritas apenas aos representantes do governo — diz Amanda. — Vocês devem representar um novo começo. Mas não se esqueçam de nós.

Ela abre um pequeno sorriso.

— Estou prestes a me juntar a vocês. Como todos vocês, eu voluntariamente esquecerei meu nome, minha família e meu lar. Assumirei uma nova identidade, com memórias falsas e uma história falsa. Mas, para que vocês saibam que as informações que estou revelando são verdadeiras, revelarei o nome que estou prestes a assumir.

Ela abre um sorriso mais largo, e, por um instante, acho que a reconheço.

— Meu nome será Edith Prior. E há muitas coisas que ficarei feliz em esquecer.

Prior.

O vídeo termina. A luz do projetor na parede fica azul. Agarro a mão de Tobias, e há um momento de silêncio, como uma respiração presa.

Depois, os gritos começam.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, Deus, por cumprir Suas promessas.

Obrigada a:

Nelson, leitor beta, apoiador incansável, fotógrafo, melhor amigo e, principalmente, marido... Como bem disseram os Beach Boys: só Deus sabe o que eu seria sem você.

Joanna Volpe, eu não poderia esperar uma agente e amiga melhor do que você. Molly O'Neill, minha maravilhosa editora, por seu incansável trabalho neste livro, em todas as áreas. Katherine Tegen, por ser gentil e perspicaz, e toda a equipe da KT Books pelo apoio.

Susan Jeffers, Andrea Curley e a ilustre Brenna Franzitta, por observarem as minhas palavras; Joel Tippie e Amy Ryan, por tornarem este livro tão lindo; e Jean McGinley e Alpha Wong, por estenderem o alcance deste livro para muito além do que eu jamais esperei. Jessica Berg, Suzanne Daghlian, Barb Fitzsimmons, Lauren Flower, Kate Jackson, Susan Katz, Alison Lisnow, Casey McIntyre, Diane Naughton, Colleen O'Connell, Aubrey Parks-Fried, Andrea Pappenheimer, Shayna Ramos, Patty Rosati, Sandee Roston, Jenny Sheridan, Megan Sugrue, Molly Thomas e Allison Verost, assim como todos dos setores de áudio, design, financeiro, vendas internacionais, inventário, jurídico, direção editorial, marketing, marketing online, publicidade, produção, vendas, marketing para bibliotecas e escolas, vendas especiais e direitos adicionais da HarperCollins, pelo trabalho sensacional no mundo dos livros e no *meu* mundo dos livros.

Todos os professores, bibliotecários e livreiros que apoiaram meus livros com tanto entusiasmo. Bloggers literários, revisores e leitores de todas as idades, variedades e países de origem. Sou suspeita, mas acho que tenho os melhores leitores do mundo.

Lara Ehrlich, por um bocado de conhecimento literário. Meus amigos escritores. Listar todas as pessoas da comunidade literária que têm sido

gentis comigo tomaria muitas páginas, mas tenho os melhores colegas do mundo. Alice, Mary Katherine, Mallory e Danielle: que amigas fantásticas eu tenho.

Nancy Coffey, por seus olhos e sua sabedoria. Pouya Shahbazian e Steve Younger, minha incrível equipe cinematográfica; e Summit Entertainment, Red Wagon e Evan Daugherty, por desejarem viver neste mundo que criei.

Minha família: minha incrível mãe/psicóloga/torcedora, Frank Sr., Karl, Ingrid, Frank Jr., Candice, McCall e Dave. Vocês são pessoas incríveis e sou muito grata por tê-los em minha vida.

Beth e Darby, que conquistaram mais leitores do que sou capaz de contar através do seu charme e sua determinação; e Chase-baci e Sha-neni, que cuidaram tão bem de nós na Romênia. E Roger, Trevor, Tyler, Rachel, Fred, Billie e Granny, por me aceitarem como uma de vocês de maneira tão natural.

Mulţumesc/Köszönöm a Cluj-Napoca/Kolozsvár, por toda a inspiração e os amigos queridos que deixei lá, mas não para sempre.

Título Original
INSURGENT

Copyright © 2012 *by* Veronica Roth

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com a HarperCollins Children's Books, uma divisão da HarperCollins Publishers

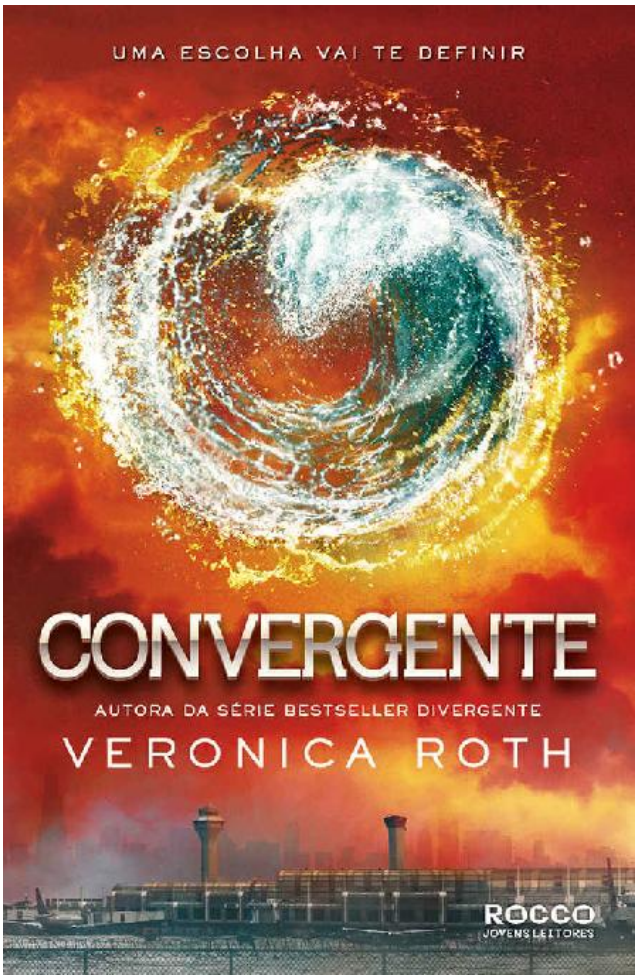
Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos Leitores

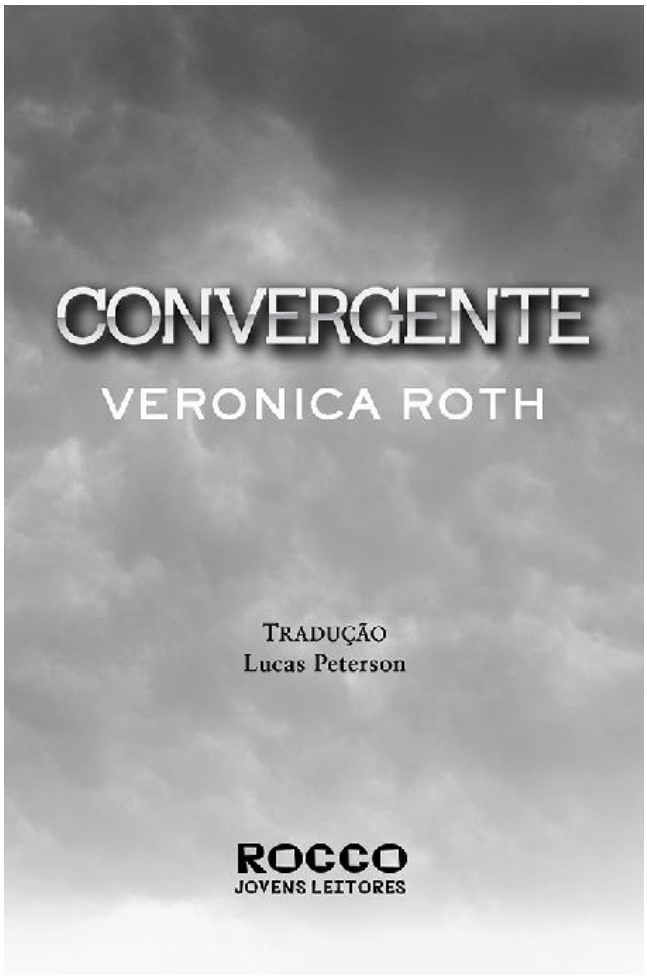
Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
FLORA PINHEIRO

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI


UMA ESCOLHA VAI TE DEFINIR
CONVERGENTE
AUTORA DA SÉRIE BESTSELLER DIVERGENTE
VERONICA ROTH
ROCCO
JOVENS LEITORES


CONVERGENTE
VERONICA ROTH
TRADUÇÃO
Lucas Peterson
ROCCO
JOVENS LEITORES

Para Jo, que me guia e estabiliza.

Qualquer pergunta que possa ser respondida deve ser respondida ou ao menos considerada.
Processos ilógicos de pensamento devem ser desafiados assim que surgem.
Respostas erradas devem ser corrigidas.
Respostas certas devem ser confirmadas.

— Do manifesto da Erudição

CAPÍTULO UM

TRIS

CAMINHO DE UM lado para outro dentro de nossa cela na sede da Erudição, e as palavras dela ecoam na minha cabeça: *Meu nome será Edith Prior. E há muitas coisas que ficarei feliz em esquecer.*

— Então, você *nunca* a viu antes? Nem em fotografias? — pergunta Christina, com a perna ferida apoiada em um travesseiro. Ela levou um tiro durante nossa tentativa desesperada de revelar o vídeo de Edith Prior para a nossa cidade. Não tínhamos a menor ideia do que o vídeo diria, nem que ele destruiria as bases de nossa sociedade, as facções, nossas identidades. — Ela é sua avó, sua tia ou algo assim?

— Já disse que não — respondo, dando meia-volta ao alcançar a parede. — Prior é... era... o sobrenome do meu pai, então devia ser alguém do lado dele da família. Mas Edith é um nome da Abnegação, e os parentes do meu pai devem ter sido da Erudição, portanto...

— Portanto, ela deve ser mais antiga — conclui Cara, apoiando a cabeça na parede. Desse ângulo ela fica muito parecida com o irmão, Will, meu amigo, em quem atirei. Depois ela endireita o corpo, e o fantasma dele desaparece. — De algumas gerações atrás. Uma ancestral.

— Ancestral. — A palavra soa antiga. Eu me encosto em uma das paredes da cela ao me virar outra vez. O painel é frio e branco.

Minha ancestral, e esta é a herança que ela me deixou: a libertação das facções e a compreensão de que a minha identidade Divergente é mais importante do que eu imaginava. Minha existência é um sinal de que devemos deixar a cidade e oferecer nossa ajuda a quem quer que esteja fora dela.

— Eu quero saber — diz Cara, esfregando o rosto. — Preciso saber há quanto tempo estamos aqui. Será que você podia parar de andar de um lado para outro por pelo menos *um minuto*?

Paro no meio da cela e levanto as sobrancelhas.

— Desculpe — murmura ela.

— Tudo bem — diz Christina. — Estamos aqui há tempo demais.

Há dias Evelyn controlou o caos no saguão da sede da Erudição com alguns comandos curtos e ordenou que todos os prisioneiros fossem levados para celas no terceiro andar. Uma mulher sem-facção veio cuidar dos nossos ferimentos e distribuir analgésicos, mas ninguém nos disse o que está acontecendo do lado de fora. Mesmo depois que insisti muito.

— Tobias já deveria ter chegado — digo, desabando sobre a beirada do meu catre. — Cadê ele?

— Talvez ainda esteja com raiva porque você mentiu e o traiu ao trabalhar com o pai dele — fala Cara.

Eu a encaro.

— Quatro não seria tão mesquinho — sugere Christina, não sei se para calá-la ou para me tranquilizar. — Se ainda não voltou, é porque deve ter acontecido alguma coisa. Ele disse para você confiar nele.

Em meio ao caos, enquanto todos gritavam e os sem-facção tentavam nos empurrar em direção à escada, agarrei a bainha da camisa dele para que não fôssemos separados. Ele segurou meu pulso e me empurrou para longe, e estas foram as palavras que me disse: *Confie em mim. Vá aonde eles mandarem.*

— Estou tentando — respondo para Christina, e é verdade. Estou tentando confiar nele. Mas cada pedaço de mim, cada fibra e cada nervo, anseia para se ver livre, não apenas desta cela, mas da prisão da cidade ao redor.

Preciso ver o que há do lado de fora da cerca.

CAPÍTULO DOIS

Tobias

NÃO CONSIGO CAMINHAR por estes corredores sem me lembrar dos dias que passei como prisioneiro aqui, descalço, a dor pulsando dentro de mim a cada vez que me movia. E, junto com essa memória, vem outra, de quando esperei Beatrice Prior seguir para a morte, de meus punhos cerrados batendo na porta, de seu corpo inerte nos braços de Peter quando ele me disse que ela fora apenas drogada.

Odeio este lugar.

Não está mais tão limpo quanto antes, quando era o complexo da Erudição; agora, está destruído pela guerra, com marcas de tiros nas paredes, vidros quebrados e lâmpadas estilhaçadas por todos os cantos. Caminho sobre pegadas sujas e sob luzes tremeluzentes até a cela dela e ganho permissão para entrar sem qualquer questionamento, porque carrego o símbolo dos sem-facção, um círculo vazio em uma tira preta ao redor do braço, e as feições de Evelyn em meu rosto. Tobias Eaton costumava ser um nome vergonhoso, mas agora é um título poderoso.

Tris está agachada no chão, dentro da cela, ao lado de Christina e em uma posição diagonal em relação a Cara. Minha Tris deveria parecer pálida e pequena, porque ela *é*, afinal, pálida e pequena, mas parece preencher toda a cela.

Seus olhos redondos encontram os meus, e ela se levanta, abraçando a minha cintura com força e apoiando o rosto no meu peito.

Aperto seu ombro com uma das mãos e corro a outra pelos seus cabelos, ainda estranhando o fato de seu cabelo só ir até o pescoço. Fiquei feliz quando

ela o cortou, porque aquele era o corte de uma guerreira, e não de uma garota, e eu sabia que era disso que ela precisaria.

— Como você conseguiu entrar? — pergunta ela em uma voz baixa mas clara.

— Sou Tobias Eaton — respondo, e ela ri.

— Certo. Sempre me esqueço. — Ela se afasta apenas o suficiente para olhar para mim. Há uma expressão vacilante em seus olhos, como se ela fosse uma pilha de folhas prestes a serem espalhadas pelo vento. — O que está acontecendo? Por que você demorou tanto?

Ela soa desesperada, suplicante. Este lugar traz lembranças horríveis para mim, mas para ela é ainda pior. A caminhada até a sua execução, a traição do irmão, o soro do medo. Preciso tirá-la daqui.

Cara olha para nós, interessada. Sinto um certo desconforto, como se minha pele não me servisse mais. Odeio ser observado.

— Evelyn bloqueou toda a cidade — conto a elas. — Ninguém pode dar um passo sem a autorização dela. Há alguns dias, ela fez um discurso, afirmando que deveríamos nos unir contra nossos opressores, as pessoas do lado de fora.

— Opressores? — indaga Christina. Ela retira um frasco do bolso e derrama o conteúdo na boca. Imagino que sejam analgésicos para a ferida em sua perna.

Enfio as mãos nos bolsos.

— Evelyn, e muitas outras pessoas, na verdade, acreditam que não deveríamos deixar a cidade apenas para ajudar um monte de gente que nos enfiou aqui só para nos usar depois. Eles querem tentar recuperar a cidade e resolver nossos próprios problemas, e não sair e resolver os problemas dos outros. É claro que estou apenas parafraseando — digo. — Acho que essa opinião é muito conveniente para a minha mãe, porque, enquanto continuarmos presos aqui, ela estará no comando. Se sairmos da cidade, ela perderá imediatamente o controle sobre nós.

— Ótimo. — Tris revira os olhos. — É claro que ela escolheria a opção mais egoísta de todas.

— Mas até que faz sentido. — Christina segura com firmeza o frasco em suas mãos. — Não estou dizendo que não quero sair da cidade e ver o que existe lá fora, mas já temos problemas suficientes aqui. Como vamos ajudar um bando de gente que nem conhecemos?

Tris reflete sobre o problema, mordendo a parte de dentro da bochecha.

— Não sei — admite.

Meu relógio indica que são três horas. Estou aqui há tempo demais. Tempo o bastante para levantar a suspeita de Evelyn. Eu disse a ela que viria aqui para romper meu relacionamento com Tris, e que não demoraria muito. Não sei se ela acreditou.

— Ouçam, eu vim aqui principalmente para alertá-las — digo. — Eles estão começando os julgamentos de todos os prisioneiros. Vão injetar o soro da verdade em todas vocês, e, se ele funcionar, serão condenadas como traidoras. Acho que todos nós queremos evitar isso.

— Condenadas como *traidoras*? — pergunta Tris, indignada. — Como revelar a verdade para toda a cidade pode ser considerado um ato de traição?

— Foi um ato de desacato aos seus líderes — respondo. — Evelyn e seus seguidores não querem deixar a cidade. Eles não vão agradecer a vocês por terem mostrado aquele vídeo.

— Eles são iguais a Jeanine! — Ela faz um gesto de raiva, como se quisesse bater em alguma coisa, mas percebesse que não há nada em que bater. — Estão dispostos a fazer qualquer coisa para abafar a verdade, e para quê? Para serem reis de seu pequeno mundinho? É ridículo.

Não quero admitir, mas, de certa maneira, concordo com minha mãe. Não devo nada às pessoas de fora desta cidade, mesmo sendo Divergente. Não sei bem se quero me oferecer a elas para solucionar os problemas da humanidade, seja lá o que isso signifique.

Mas realmente quero ir embora, da mesma maneira desesperada que um animal quer escapar de uma armadilha. Selvagem e raivoso. Disposto a tudo.

— Seja como for — digo com cuidado —, se o soro da verdade surtir efeito, você será condenada.

— *Se* surtir efeito? — pergunta Cara, desconfiada.

— Divergente — explica Tris, apontando para a própria cabeça. — Lembra?

— Fascinante. — Cara rearruma o coque improvisado, prendendo de volta uma mecha rebelde de cabelo. — Mas atípico. Segundo a minha experiência, a maioria dos Divergentes não consegue resistir ao soro da verdade. Por que será que você consegue?

— É o que você e todos os membros da Erudição que já me aplicaram uma injeção gostariam de saber — responde Tris, irritada.

— Que tal nos concentrarmos? Quero evitar ter de ajudá-las a fugir da prisão — digo. De repente, sinto-me desesperado por um pouco de conforto. Estendo a mão na direção de Tris, e seus dedos vêm ao encontro dos meus. Não somos do tipo que faz contato físico à toa; cada contato entre nós parece importante, uma onda de energia e alívio.

— Tudo bem, tudo bem — diz ela, com mais suavidade. — Qual é o seu plano?

— Vou convencer Evelyn a deixar que você seja a primeira das três a testemunhar — digo. — Tudo o que você precisa fazer é bolar uma mentira que inocente Christina e Cara e contá-la sob o efeito do soro da verdade.

— Que tipo de mentira faria isso?

— Achei melhor deixar você se encarregar dessa parte. Já que você mente melhor.

Ao falar isso, sei que minhas palavras tocam um ponto delicado entre nós. Tris mentiu para mim tantas vezes. Ela me prometeu que não se ofereceria para morrer no complexo da Erudição quando Jeanine exigiu o sacrifício de um Divergente, mas se ofereceu mesmo assim. Disse que ficaria em casa durante o ataque da Erudição, e depois a encontrei na sede da Erudição,

trabalhando com meu pai. Entendo por que ela fez todas essas coisas, mas isso não significa que elas não nos afetaram.

— É. — Tris encara os próprios sapatos. — Está bem, vou pensar em alguma coisa.

Apoio a mão em seu braço.

— Vou conversar com Evelyn sobre seu julgamento. Vou tentar adiantá-lo.

— Obrigada.

Sinto o ímpeto, já familiar, de saltar para fora do meu corpo e conversar diretamente com a mente dela. Percebo que é o mesmo ímpeto que me faz querer beijá-la toda vez que a vejo, porque a menor distância entre nós já me incomoda. Nossos dedos, que estavam entrelaçados com folga há alguns instantes, agora estão agarrados uns aos outros. A palma da sua mão está úmida, e a minha é áspera em alguns lugares, onde agarrei muitas barras de trens em movimento. Agora, ela parece pálida e pequena, mas seus olhos me fazem pensar em céus abertos que nunca vi de verdade, apenas vislumbrei em sonhos.

— Se vocês forem se beijar, por favor me avisem para que eu não olhe — pede Christina.

— É o que vamos fazer — diz Tris, e é o que fazemos.

Encosto em sua bochecha a fim de prolongar o beijo, segurando sua boca junto à minha, para que eu possa sentir todas as partes onde nossos lábios se encostam e todas as partes onde se afastam. Saboreio o ar que compartilhamos no segundo seguinte, e a maneira como seu nariz roça o meu. Penso em algo que quero dizer, mas é íntimo demais, então engulo as palavras. Um instante depois, decido que não me importo.

— Queria que estivéssemos sozinhos — digo ao dar um passo atrás para sair da cela.

Ela sorri.

— Eu quase sempre quero isso.

Ao fechar a porta, vejo Christina fingir que está vomitando, Cara rir e Tris com as mãos pendendo ao lado do corpo.

CAPÍTULO TRÊS

Tris

— Acho que vocês são todos idiotas. — Minhas mãos estão fechadas sobre o colo, como as de uma criança dormindo. Meu corpo está pesado por causa do soro da verdade. O suor se acumula nas minhas pálpebras. — Vocês deveriam estar me agradecendo, não me questionando.

— Quer dizer que nós deveríamos lhe agradecer por desobedecer as instruções dos líderes da sua facção? Agradecer por tentar impedir que um dos líderes da sua facção matasse Jeanine Matthews? Você agiu como uma traidora. — Evelyn Johnson cospe a última palavra como uma víbora. Estamos na sala de conferências na sede da Erudição, onde os julgamentos têm ocorrido. Estou presa há pelo menos uma semana.

Vejo Tobias, em parte escondido nas sombras atrás da mãe. Ele está evitando olhar para mim desde que me sentei na cadeira e cortaram as tiras de plástico usadas para algemar minhas mãos. Por apenas um instante, seus olhos encontram os meus, e eu sei que está na hora de começar a mentir.

Agora que já sei que consigo, fica mais fácil. Tão fácil quanto afastar o peso do soro da verdade da minha mente.

— Não sou uma traidora — digo. — Na época, acreditava que Marcus estava trabalhando sob ordens da Audácia e dos sem-facção. Como eu não podia me juntar à batalha como soldado, queria ajudar de outra maneira.

— Por que você não podia ser soldado? — Uma luz florescente irradia por detrás do cabelo de Evelyn. Não consigo ver seu rosto e não posso me concentrar em nada por mais de um segundo sem que o soro da verdade ameace me puxar para baixo novamente.

— Porque... — Mordo meu lábio, como se estivesse tentando evitar que as palavras escapassem da minha boca como uma torrente. Não sei quando me tornei uma atriz tão boa, mas acho que não é muito diferente de mentir, algo para o qual sempre tive certo talento. — Porque eu não conseguia segurar uma arma, está bem? Não depois de atirar... nele. No meu amigo Will. Eu não conseguia segurar uma arma sem entrar em pânico.

Evelyn estreita ainda mais os olhos. Suspeito que mesmo seu lado mais gentil não sinta a menor compaixão por mim.

— Então Marcus falou para você que estava trabalhando sob minhas ordens — diz ela —, e, apesar de tudo o que sabia a respeito da relação tensa dele com a Audácia e com os sem-facção, você acreditou?

— Acreditei.

— Dá para entender por que você não escolheu a Erudição. — Ela solta uma risada.

Minhas bochechas formigam. Eu adoraria estapeá-la, e tenho certeza de que muitas pessoas nesta sala gostariam de fazer o mesmo, embora não tenham coragem de admitir. Evelyn prendeu a todos nós na cidade, controlada por guardas sem-facção armados que patrulham as ruas. Ela sabe que o dono das armas domina o poder. E, depois da morte de Jeanine Matthews, não restou ninguém para desafiá-la por esse poder.

De uma tirana para outra. Este é o nosso mundo agora.

— Por que você não contou a ninguém sobre isso? — pergunta ela.

— Eu não queria admitir nenhum tipo de fraqueza — respondo. — E não queria que Quatro soubesse que eu estava trabalhando com o pai dele. Sabia que ele não iria gostar. — Sinto as palavras brotando na minha garganta, impulsionadas pelo soro da verdade. — Eu trouxe a vocês a verdade sobre a nossa cidade e a razão pela qual estamos aqui. Se não querem me agradecer, deveriam pelo menos tomar uma atitude, em vez de ficarem aqui sentados sobre a bagunça que fizeram, fingindo que ela é um trono!

O sorriso debochado de Evelyn se modifica, como se ela tivesse acabado de provar algo com gosto ruim. Ela se inclina para a frente, aproximando-se do meu rosto, e, pela primeira vez, noto sua idade; vejo as rugas ao redor dos olhos e da boca e a sua palidez doentia, causada por anos comendo menos que o necessário. Mesmo assim, ela é bela, como o filho. Quase ter morrido de fome não tirou isso dela.

— Estou tomando uma atitude. Estou construindo um novo mundo — diz ela, e sua voz fica ainda mais baixa, a ponto de eu quase não conseguir ouvi-la. — Eu era da Abnegação. Conheço a verdade há muito mais tempo do que você, Beatrice Prior. Não sei como você está conseguindo se safar, mas posso prometer que você não terá um lugar no meu novo mundo, principalmente não ao lado do meu filho.

Abro um pequeno sorriso. Não deveria fazer isso, mas o peso em minhas veias torna mais difícil reprimir gestos e expressões do que palavras. Evelyn acha que agora Tobias pertence a ela. Ela não sabe a verdade, que ele pertence apenas a si mesmo.

Evelyn endireita o corpo e cruza os braços.

— O soro da verdade revelou que, apesar de tola, você não é uma traidora. O interrogatório terminou. Você pode ir embora.

— E quanto às minhas amigas? — pergunto de maneira apática. — Christina, Cara. Elas também não fizeram nada de errado.

— Cuidaremos delas em breve — responde Evelyn.

Levanto-me, apesar de o soro me deixar fraca e tonta. A sala está abarrotada de pessoas, próximas demais umas das outras, e demoro vários segundos para encontrar a saída até que alguém agarra o meu braço, um garoto com a pele morena e um sorriso largo: Uriah. Ele me conduz até a porta. Todos começam a conversar.

+ + +

Uriah me guia pelo corredor até o saguão dos elevadores. As portas dos elevadores se abrem quando ele aperta o botão, e eu o sigo, ainda um pouco vacilante. Quando as portas se fecham, pergunto:

— Acha que exagerei na parte sobre a bagunça e o trono?

— Não. Ela espera que você seja esquentada. Se tivesse agido de outra maneira, talvez ela suspeitasse.

Sinto que tudo ao meu redor está vibrando com energia, em antecipação do que está por vir. Estou livre. Vamos encontrar uma forma de sair da cidade. Chega de esperar, de andar de um lado para outro dentro da cela, de exigir respostas ao guarda e não ser atendida.

Mas os guardas acabaram me falando algumas coisas sobre a nova ordem dos sem-facção esta manhã. Eles estão exigindo que antigos membros das facções se mudem mais para perto da sede da Erudição e se misturem entre si, para que não haja mais do que quatro membros de uma mesma facção em cada casa. Também é obrigatório misturar as roupas. Recebi uma camisa amarela da Amizade e calças pretas da Franqueza mais cedo, por causa da regra.

— Tudo bem, vamos por aqui... — Uriah sai do elevador. Este andar da sede da Erudição é todo feito de vidro, até as paredes. A luz do sol refrata no vidro e lança feixes de arco-íris sobre o chão. Protejo os olhos da claridade com uma das mãos e sigo Uriah até uma sala comprida e estreita, com camas dos dois lados. Junto de cada cama, há uma cômoda de vidro onde as pessoas guardam roupas e livros, além de uma pequena mesa.

— Este costumava ser o dormitório dos iniciandos da Erudição — diz Uriah. — Já reservei camas para Christina e Cara.

Três garotas de camisa vermelha, que imagino serem membros da Amizade, estão sentadas em uma cama perto da porta, e, no lado esquerdo do cômodo, uma mulher mais velha que talvez pertença à Erudição está deitada em uma das camas, os óculos pendurados de uma das orelhas. Sei que deveria

parar de tentar encaixar as pessoas em facções, mas é um velho hábito, difícil de abandonar.

Uriah desaba em uma das camas no canto mais distante do quarto. Sento-me na cama ao lado, feliz por estar enfim livre e em paz.

— Zeke disse que às vezes demora um tempo para os sem-facção processarem exonerações, então eles devem libertá-las mais tarde — diz Uriah.

Por um instante, sinto-me aliviada em saber que todas as pessoas de que gosto serão libertadas hoje. Mas depois lembro que Caleb continua preso, porque era um notório lacaio de Jeanine Matthews, e que os sem-facção nunca vão exonerá-lo. Mas não sei até onde irão para destruir a marca que Jeanine Matthews deixou na cidade.

Não me importo, penso. Mas sei que é mentira. Ele continua sendo o meu irmão.

— Ótimo — digo. — Obrigada, Uriah.

Ele concorda com a cabeça, depois a apoia na parede, para mantê-la levantada.

— Como você está? — pergunto. — Digo... Lynn...

Uriah sempre foi amigo de Lynn e Marlene, e agora as duas estão mortas. Acho que consigo compreender o que ele deve estar sentindo. Afinal, também já perdi dois amigos. Al, em decorrência das pressões da iniciação, e Will, por causa da simulação de ataque e das minhas próprias ações precipitadas. Mas não quero fingir que sofremos da mesma maneira. Até porque Uriah conhecia suas amigas melhor.

— Não quero falar sobre isso. — Uriah balança a cabeça. — Nem pensar sobre isso. Só quero seguir em frente.

— Tudo bem, entendo. É só que... Me avise se você precisar...

— Tudo bem. — Ele sorri para mim e se levanta. — Você está bem aqui, não está? Prometi à minha mãe que ia visitá-la hoje à noite, então preciso ir em

breve. Ah, quase me esqueci de avisar: Quatro disse que quer ver você mais tarde.

Eu endireito o corpo, alerta.

– Sério? Quando? Onde?

– Um pouco depois das dez, no Millenium Park. No gramado. – Ele solta uma risadinha debochada. – Não fique tão empolgada, ou sua cabeça vai acabar explodindo.

CAPÍTULO QUATRO

Tobias

MINHA MÃE SEMPRE se senta na beirada de cadeiras, saliências ou mesas, como se suspeitasse que terá que fugir a qualquer momento. Desta vez, é na beirada da antiga mesa de Jeanine na sede da Erudição que ela está sentada, com os dedos dos pés equilibrados no chão, enquanto a luz esfumaçada da cidade brilha atrás dela. Ela é uma mulher de fibra.

— Acho que precisamos conversar sobre a sua lealdade — diz ela, embora seu tom não seja acusatório. Ela apenas soa cansada. Por um instante, parece estar tão acabada que sinto que quase consigo enxergar através dela, mas depois ela endireita o corpo, e a sensação desaparece. — Afinal — continua —, foi você quem ajudou Tris a divulgar aquele vídeo. Ninguém mais sabe disso, mas *eu* sei.

— Veja bem. — Inclino o tronco para a frente e apoio os ombros nos joelhos. — Eu não sabia o que havia naquele arquivo. Confiei mais no juízo de Tris do que no meu. Foi só isso que aconteceu.

Pensei que dizer a Evelyn que eu havia terminado o relacionamento com Tris a ajudaria a confiar mais em mim, e eu estava certo. Desde que contei essa mentira, minha mãe está mais acessível e aberta do que nunca.

— E agora que você já viu o material do vídeo? — pergunta ela. — Qual sua opinião? Acha que devemos deixar a cidade?

Sei o que ela quer que eu diga. Que não vejo motivos para nos juntarmos ao mundo exterior. Mas não sou um bom mentiroso, então decido selecionar uma parte da verdade.

— Eu tenho medo disso — respondo. — Não sei se é uma boa ideia deixarmos a cidade sabendo dos perigos que podem existir lá fora.

Ela me analisa por um instante, mordendo a parte de dentro da bochecha. Herdei esse hábito dela. Eu costumava ferir a minha boca de tanto mordê-la enquanto esperava meu pai chegar em casa, sem saber qual versão dele eu encontraria, a que a Abnegação confiava e respeitava ou a que me surrava.

Passo a língua pelas cicatrizes de mordidas e engulo a lembrança como se fosse bile.

Ela se levanta da mesa e caminha até a janela.

— Tenho ouvido histórias perturbadoras a respeito de uma organização rebelde infiltrada entre nós. — Ela me encara, levantando a sobrancelha. — As pessoas sempre se organizam em grupos. É um fato da nossa existência. Só não esperava que isso ocorresse tão rápido.

— Que tipo de organização?

— O tipo que quer deixar a cidade. Eles divulgaram uma espécie de manifesto hoje de manhã. Se autointitulam Leais. — Ao perceber minha confusão, ela explica: — Porque eles têm um propósito convergente de manter as ideias originais da nossa cidade, são *leais* a elas... entende?

— As ideias originais? Quer dizer, as que estavam no vídeo de Edith Prior? Que deveríamos sair quando a cidade tivesse uma grande população de Divergentes?

— Sim, isso. Mas também a ideia de viver em facções. Os Leais afirmam que devemos viver em facções, porque é o que temos feito desde o princípio. — Ela balança a cabeça. — Certas pessoas sempre temerão as mudanças. Mas não podemos ceder a elas.

Com o desmantelamento das facções, uma parte de mim tem se sentido um homem libertado depois de passar muito tempo preso. Não preciso mais me preocupar em avaliar se cada pensamento ou escolha que faço se encaixa em uma ideologia estreita. Não quero as facções de volta.

Mas Evelyn não nos libertou como acredita ter feito. Apenas transformou todos nós em pessoas sem-facção. Ela tem medo do que poderíamos escolher se nos fosse dada uma liberdade genuína. E isso significa que,

independentemente da minha opinião a respeito das facções, estou feliz que alguém, em algum lugar, esteja se opondo a ela.

Assumo uma expressão vazia, mas meu coração está batendo mais rápido do que antes. Preciso ser cuidadoso para conseguir manter a simpatia de Evelyn. Para mim, é fácil mentir para qualquer outra pessoa, mas não para ela, a única que sabia todos os segredos da nossa casa na Abnegação, toda a violência contida entre aquelas paredes.

— O que você vai fazer a respeito? — pergunto.

— Vou controlá-los, é claro.

A palavra "controlá-los" me faz endireitar o corpo e ficar tão rígido quanto a cadeira na qual estou sentado. Nesta cidade, "controlar" significa seringas e soros e pessoas vendo sem enxergar; significa simulações como a que quase me levou a matar Tris, ou a que transformou a Audácia em um exército.

— Com simulações? — pergunto devagar.

Ela faz uma expressão irritada.

— É claro que não! Não sou Jeanine Matthews!

A onda de raiva que toma conta dela me faz responder no mesmo tom:

— Não esqueça que eu mal conheço você, Evelyn.

Ela estremece ao ouvir o meu lembrete.

— Então, quero que fique bem claro que jamais apelarei para simulações a fim de conseguir o que quero. Preferiria a morte.

É possível que ela use mesmo a morte. Matar pessoas é certamente uma boa maneira de mantê-las quietas, e de esmagar a revolução antes mesmo que ela comece. Quem quer que sejam os Leais, eles precisam ser alertados, e rápido.

— Posso descobrir quem eles são — sugiro.

— Não tenho a menor dúvida disso. Por que acha que contei sobre eles?

Há muitas razões para ela ter me contado. Para me testar. Para me pegar. Para me dar informações falsas. Sei o que minha mãe é. Ela é uma pessoa para

quem os fins justificam os meios, assim como o meu pai, e assim como eu às vezes.

— Então é o que farei. Vou encontrá-los.

Levanto-me, e os dedos dela, frágeis como gravetos, seguram o meu braço.

— Obrigada.

Eu me forço a olhar para ela. Seus olhos são próximos sobre o nariz, que tem a ponta curvada como o meu. Sua pele tem uma coloração morena, mais escura que a minha. Por um instante, consigo imaginá-la vestindo o cinza da Abnegação, o cabelo volumoso preso para trás por uma dezena de grampos, sentada diante de mim à mesa de jantar. Vejo-a agachada na minha frente, costurando os botões descombinados da minha camisa antes de eu ir para a escola, ou parada diante da janela, observando a rua uniforme à espera do carro do meu pai, com as mãos fechadas... não, com os punhos cerrados e com as juntas das mãos, que geralmente eram morenas, brancas de tanta tensão. Naquela época, o medo nos unia, mas, agora que ela não tem mais medo, parte de mim gostaria de saber como seria se fôssemos unidos pela força.

Sinto uma dor, como se a tivesse traído, a mulher que costumava ser a minha única aliada, e me viro antes de acabar retirando tudo o que disse e me desculpando.

Deixo a sede da Erudição em meio à multidão, com os olhos confusos, procurando automaticamente as cores das facções, embora não haja mais nenhuma. Estou vestindo uma camisa cinza, calças jeans azuis e sapatos pretos. Roupas novas. Mas, sob tudo isso, estão minhas tatuagens da Audácia. É impossível apagar as minhas escolhas. Principalmente estas.

CAPÍTULO CINCO

Tris

PROGRAMO MEU DESPERTADOR para as dez e caio no sono imediatamente, sem nem me ajeitar em uma posição confortável. Algumas horas depois, o toque do despertador não me acorda, mas o grito frustrado de alguém do outro lado do quarto, sim. Desligo o despertador, corro os dedos pelo cabelo e sigo em passos rápidos até uma das escadas de emergência. A saída no final da escada dará para um beco, onde é provável que não haja ninguém para me bloquear.

Quando saio do prédio, o ar frio me desperta. Cubro meus dedos com a manga da camisa para aquecê-los. O verão está acabando, finalmente. Há um pequeno grupo perto da entrada da sede da Erudição, mas ninguém repara quando atravesso escondida a avenida Michigan. Ser pequena às vezes tem suas vantagens.

Vejo Tobias parado no centro do gramado, vestindo cores misturadas das facções: camiseta cinza, calça jeans azul e moletom preto com capuz, representando todas as facções para as quais meu teste de aptidão indicou que eu era qualificada. Há uma mochila no chão, apoiada em seu pé.

— Como me saí? — pergunto, quando estou perto o bastante para ele escutar.

— Muito bem — diz ele. — Evelyn ainda odeia você, mas Christina e Cara foram libertadas sem questionamentos.

— Que bom. — Abro um sorriso.

Ele segura a parte da frente da minha camisa, bem acima da minha barriga, e me puxa para perto, beijando-me com delicadeza.

— Venha — diz, puxando a minha mão. — Tenho planos para hoje à noite.

— É mesmo?

— É. Bem, percebi que nunca saímos em um encontro romântico de verdade.

— É, o caos e a destruição costumam prejudicar a vida amorosa das pessoas.

— Eu gostaria de experimentar sair em um "encontro". — Ele caminha de costas, em direção à enorme estrutura de metal, do outro lado do gramado, e eu o sigo. — Antes de a gente se conhecer, eu só saía em encontros de casais, e eles eram desastrosos. Sempre terminavam com Zeke dando um amasso na menina com quem já planejava dar um amasso, e eu sentado em um silêncio desconfortável com alguma garota que eu havia ofendido de alguma maneira mais cedo.

— Você não é muito simpático — digo, sorrindo.

— Olha quem está falando.

— Ah, posso ser simpática se eu quiser.

— Hum. — Ele bate com o dedo no queixo. — Então diga alguma coisa simpática.

— Você é muito bonito.

Ele sorri, os dentes brilhando no escuro.

— Gostei dessa história de "simpática".

Alcançamos o limite do gramado. A estrutura de metal é maior e mais estranha de perto do que de longe. Na verdade, ela é um palco, e sobre ele encontram-se enormes placas de metal arqueadas que se enrolam em direções diferentes, como uma lata de alumínio que explodiu. Contornamos uma das placas no lado direito até os fundos do palco, que se ergue em um ângulo reto do chão. Lá, vigas de metal sustentam a parte de trás das placas. Tobias prende a mochila nos ombros, agarra uma das vigas e começa a escalar.

— Isto me parece familiar — digo. Uma das primeiras coisas que fizemos juntos foi escalar a roda gigante, mas, daquela vez, fui eu, e não ele, quem incentivou o outro a subir mais alto.

Dobro as mangas da camisa e o sigo. Meu ombro ainda dói por causa do tiro que levei, mas a ferida já está praticamente curada. Mesmo assim, apoio a maior parte do peso no braço esquerdo e tento usar os pés o máximo possível. Olho para baixo, para as barras de metal e, além delas, o chão e começo a rir.

Tobias escala até um local onde duas placas de metal se encontram formando um *V*, o que cria um espaço largo o bastante para duas pessoas sentarem. Ele se arrasta para trás, encaixando o corpo entre as duas placas, e estende os braços para agarrar a minha cintura e me ajudar quando chego perto o bastante. Não preciso de ajuda, mas não falo nada. Estou ocupada demais aproveitando a sensação que as mãos dele provocam.

Ele tira um cobertor da mochila e nos cobre, depois pega dois copos de plástico.

— Você quer ficar com a mente limpa ou nebulosa? — pergunta ele, olhando para dentro da mochila.

— Hã... — Inclino a cabeça. — Limpa. Acho que precisamos conversar sobre algumas coisas, não é?

— É.

Ele pega uma pequena garrafa com um líquido claro e borbulhante e gira a tampa, dizendo:

— Roubei isto das cozinhas da Erudição. Parece delicioso.

Ele serve um pouco em cada copo, e eu tomo um pequeno gole. Seja lá o que for, a bebida é doce como xarope, tem gosto de limão e me faz torcer a boca um pouco. O segundo gole é melhor.

— Conversar sobre algumas coisas — diz ele.

— Certo.

— Bem... — Tobias franze a testa ao olhar para o conteúdo do copo. — Está bem, entendo por que você trabalhou com Marcus e por que você sentiu que não podia me contar. Mas...

— Mas você está com raiva — completei. — Porque menti para você. Várias vezes.

Ele confirma com a cabeça, sem olhar para mim.

— Não é nem a questão de Marcus. É algo mais antigo do que isso. Não sei se você consegue entender o que foi acordar sozinho e saber que você tinha ido... — Suspeito que ele queira dizer *encontrar a morte*, mas ele não consegue botar para fora as palavras — para a sede da Erudição — conclui.

— Não, acho que não consigo. — Dou outro gole, mantendo a bebida açucarada na boca antes de engolir. — Ouça, eu... eu costumava pensar em sacrificar a minha vida por certas coisas, mas não compreendia o que realmente significa "sacrificar a vida" até estar lá, e ela estar prestes a ser tomada de mim.

Levanto o rosto e o encaro, e ele por fim me encara de volta.

— Agora eu sei — digo. — Sei que quero viver. Sei que quero ser honesta com você. Mas... mas não posso fazer isso, não vou fazer isso se você não confiar em mim ou falar comigo com aquele tom condescendente que você às vezes usa...

— *Condescendente*? — protesta ele. — Você estava fazendo coisas ridículas e arriscadas...

— Eu sei — digo. — Mas você acha mesmo que me ajudou de alguma forma falando comigo como se eu fosse uma criança que não sabia de nada?

— O que mais eu poderia fazer? — pergunta ele. — Você não conseguia ouvir a voz da razão!

— Talvez eu não precisasse de razão! — Inclino o tronco para a frente, incapaz de continuar fingindo que estou relaxada. — Senti que estava sendo consumida pela culpa, mas o que eu precisava era da sua paciência e da sua bondade, e não que você *gritasse* comigo. Ah, e também não precisava que você escondesse seus planos de mim o tempo todo, como se eu não fosse capaz de lidar com eles...

— Não queria sobrecarregar você ainda mais.

— Afinal, você me considera uma pessoa forte ou não? — pergunto, irritada. — Você parece achar que aguento suas broncas, mas não acha que consigo lidar com mais nada. O que isso significa?

— É claro que acho você uma pessoa forte. — Ele balança a cabeça. — É só que... não estou acostumado a contar as coisas para os outros. Estou acostumado a lidar com tudo sozinho.

— Você pode contar comigo — digo. — Pode confiar em mim. E pode deixar que eu avalio o que aguento ou não.

— Tudo bem — diz ele, acenando com a cabeça. — Mas chega de mentiras. Para sempre.

— Tudo bem.

Sinto-me rígida e espremida, como se meu corpo tivesse acabado de ser forçado para dentro de algo pequeno demais. Mas não quero que a conversa termine assim, então seguro a mão dele.

— Sinto muito por ter mentido para você — digo. — Sinto muito, de verdade.

— Bem, eu não tive a intenção de fazer você se sentir desrespeitada.

Ficamos parados ali um tempo, de mãos dadas. Recosto-me na placa de metal. Lá em cima, o céu está vazio e escuro, com a lua encoberta por nuvens. Vejo uma estrela diante de nós quando uma nuvem se move, mas ela parece ser a única. Quando inclino a cabeça para trás, no entanto, consigo ver a linha de prédios na avenida Michigan, parecendo uma fileira de guardas nos vigiando.

Fico quieta até que a sensação de rigidez e aperto passa. Agora me sinto aliviada. Geralmente, não é tão fácil me livrar da raiva, mas as últimas semanas foram estranhas para nós dois, e fico feliz de liberar os sentimentos que tenho guardado, a raiva, o medo de que ele me odeie e a culpa por ter trabalhado com o pai dele sem ele saber.

— Isso é meio nojento — diz ele, tomando o último gole do copo e o pousando sobre a placa de metal.

— É mesmo — concordo, encarando o resto da minha bebida. Engulo tudo em um único gole, torcendo o nariz quando as bolhas queimam a minha garganta. — Não sei do que os membros da Erudição vivem se gabando. O bolo da Audácia é bem mais gostoso.

— Imagina qual seria a guloseima da Abnegação se eles tivessem algo do tipo.

— Pão dormido.

Ele solta uma risada.

— Aveia pura.

— Leite.

— Às vezes, acho que acredito em todos os ensinamentos de lá — diz ele. — Mas é claro que não acredito, já que estou sentado aqui, segurando a sua mão, sem sermos casados.

— Quais os ensinamentos da Audácia sobre... isto? — pergunto, acenando com a cabeça na direção das nossas mãos.

— Os ensinamentos da Audácia... — Ele dá um sorriso malicioso. — Faça o que quiser, mas se proteja. É isso que eles ensinam.

Levanto as sobrancelhas. De repente, sinto o meu rosto corar.

— Acho que gostaria de encontrar um meio-termo para mim — diz ele. — Queria encontrar o equilíbrio entre o que quero e o que acredito ser a atitude mais sábia.

— Isso me parece ótimo. — Faço uma pausa. — Mas o que você quer?

Acho que sei a resposta, mas quero ouvir da boca dele.

— Hum. — Ele sorri e inclina o corpo para a frente, ficando de joelhos. Apoia as mãos na placa de metal, uma de cada lado da minha cabeça, e me beija, devagar, na boca, sob o queixo, bem acima da clavícula. Fico imóvel, nervosa demais para fazer qualquer coisa, com medo de parecer estúpida ou de fazer algo de que ele não goste. Mas, de repente, pareço uma estátua, como se não estivesse presente de verdade, e decido tocar a sua cintura, hesitante.

Então seus lábios retornam aos meus, ele puxa sua camisa de baixo das minhas mãos, e eu toco a sua pele nua. Ganho vida, apertando-me mais contra ele, passando as mãos pelas suas costas e deslizando-as sobre seus ombros. Sua respiração se acelera, e a minha também, e sinto o gosto da bebida borbulhante de limão que acabamos de beber e o cheiro do vento em sua pele, e tudo o que eu quero é mais e mais.

Levanto a sua camisa. Há alguns minutos, eu estava com frio, mas acho que nenhum de nós dois se sente assim mais. Ele envolve a minha cintura de maneira forte e segura, sua mão livre se entrelaça em meus cabelos, e eu desacelero, absorvendo tudo: a maciez da sua pele, marcada de cima a baixo com tinta preta, a persistência do seu beijo e o ar frio que nos envolve.

Eu relaxo e, de repente, já não me sinto mais como uma espécie de soldado Divergente, desafiando soros e líderes governamentais. Sinto-me mais delicada, leve, como se não houvesse problema algum rir um pouco quando as pontas dos dedos dele acariciam o meu quadril e a parte de baixo das minhas costas, ou suspirar em seu ouvido quando ele me puxa mais para perto, mergulhando seu rosto na lateral do meu pescoço para me beijar ali. Sinto-me como eu mesma, forte e fraca ao mesmo tempo, livre, pelo menos por um breve instante, para ser as duas coisas.

Não sei quanto tempo se passa até começarmos a ficar com frio outra vez e nos enfiarmos juntos debaixo do cobertor.

— Está ficando mais difícil ser sábio — diz ele, rindo ao meu ouvido.

Sorrio para ele.

— Acho que é assim que deve ser.

CAPÍTULO SEIS

Tobias

HÁ ALGUMA COISA no ar.

Tenho essa sensação ao atravessar o refeitório carregando a minha bandeja e ver um grupo sem-facção inclinado sobre potes de aveia, as cabeças próximas umas das outras. Seja lá o que for acontecer, será em breve.

Ontem, ao deixar o escritório de Evelyn, esperei um pouco no corredor para bisbilhotar sua próxima reunião. Antes de ela fechar a porta, ouvi-a dizer algo a respeito de uma manifestação. O que me incomoda é o seguinte: por que não me falou nada a respeito?

Ela não deve confiar em mim. Isso significa que não devo estar me saindo tão bem como seu falso braço direito quanto achei que estava.

Sento-me com o mesmo café da manhã de todas as outras pessoas: um pote de aveia com uma pitada de açúcar mascavo e uma xícara de café. Observo o grupo sem-facção enquanto levo colheradas de aveia até a boca, sem sentir o gosto da comida. Um deles, uma garota de cerca de quatorze anos, não para de olhar o relógio.

Já comi metade do café da manhã quando ouço os gritos. A garota sem-facção salta da cadeira, ansiosa, como se tivesse levado um choque, e todos correm em direção à porta. Estou logo atrás deles, abrindo caminho entre os mais lentos no saguão da Erudição, onde o retrato de Jeanine Matthews continua no chão, estraçalhado.

Um grupo sem-facção já está reunido do lado de fora, no meio da avenida Michigan. Uma camada de nuvens pálidas cobre o sol, tornando o dia brumoso e embotado. Ouço alguém gritar "Morte às facções!", e outras pessoas o imitam, transformando a frase em um grito de guerra, até encher

os meus ouvidos, *Morte às facções, morte às facções*. Vejo punhos erguidos, como os membros entusiasmados da Audácia costumavam fazer, mas sem a sua alegria. Os rostos deles estão retorcidos pelo ódio.

Abro caminho pelas pessoas e, de repente, vejo o que está no centro da multidão: os enormes recipientes da Cerimônia de Escolha jazem caídos, seus conteúdos espalhados sobre a avenida, misturando carvão, vidro, pedra, terra e água.

Lembro-me de quando cortei a palma da mão para derramar meu sangue sobre o carvão, em meu primeiro ato desafiador contra meu pai. Lembro como me senti forte e a onda de alívio que se seguiu. Fuga. Esses recipientes foram a minha fuga.

Edward está entre eles, com cacos de vidro reduzidos a pó sob seus calcanhares e uma marreta erguida sobre a cabeça. Ele marreta um dos recipientes virados, amassando o metal. A pancada levanta uma nuvem de carvão.

Preciso me segurar para não o atacar. Ele não pode destruir aquilo, não aquele recipiente, não a Cerimônia de Escolha, não o símbolo do meu triunfo. Essas coisas não deveriam ser destruídas.

Mais gente se junta à multidão, não apenas sem-facção, com suas braçadeiras pretas com círculos brancos vazios, mas pessoas de todas as antigas facções, de braços nus. Um homem que percebo claramente ter pertencido à Erudição por causa do cabelo repartido com cuidado sai correndo do meio da multidão no exato momento em que Edward ergue a marreta para mais um golpe. Ele agarra o cabo da marreta com as mãos macias e manchadas de tinta, bem acima das mãos de Edward, e eles empurram um ao outro, com os dentes cerrados.

Vejo uma cabeça loira do outro lado da multidão. É Tris, vestindo uma camisa azul larga e sem mangas, que deixa à mostra partes das tatuagens da facção em seus ombros. Ela tenta correr até Edward e o homem da Erudição, mas Christina a agarra com as duas mãos.

O rosto do homem da Erudição fica roxo. Edward é mais alto e forte. Ele não tem a menor chance de vencer, e foi tolice sua tentar. Edward arranca o cabo da marreta das mãos do homem da Erudição para golpear novamente o recipiente. Mas ele está desequilibrado, tonto de raiva, e a marreta atinge o ombro do homem da Erudição com toda a força. O metal quebra seus ossos.

Por um instante, tudo o que ouço são os gritos do homem da Erudição. É como se todos ao redor tivessem parado para recobrar o fôlego.

De repente, a multidão entra em frenesi, todos correndo em direção aos recipientes, a Edward, ao homem da Erudição. Eles se chocam uns contra os outros e contra mim, seus ombros, cotovelos e cabeças me atingindo sem parar.

Não sei para onde correr: para o homem da Erudição, para Edward, para Tris? Não consigo pensar; não consigo respirar. A multidão me empurra na direção de Edward, e eu agarro o seu braço.

— Solte isto! — grito por cima do ruído da multidão. Seu único olho brilhante me encara, e ele cerra os dentes, tentando se soltar.

Golpeio suas costelas com o joelho. Ele tropeça para trás, soltando a marreta. Eu a seguro perto da minha perna e corro em direção a Tris.

Ela está em algum lugar à minha frente, tentando alcançar o homem da Erudição. Vejo o cotovelo de uma mulher atingir sua bochecha, lançando-a para trás. Christina empurra a mulher para longe.

De repente, alguém dispara uma arma. Uma, duas, três vezes.

A multidão se dispersa, todos fugindo aterrorizados do perigo das balas, e tento ver se alguém foi atingido, mas a confusão de corpos em movimento é intensa demais. Não consigo ver quase nada.

Tris e Christina estão agachadas ao lado do homem da Erudição, cujo ombro está destruído. Seu rosto está ensanguentado, e suas roupas estão sujas, com marcas de pegadas. Seu cabelo penteado da Erudição está desarrumado. Ele não se move.

A poucos metros de distância, Edward está deitado em uma poça do seu próprio sangue. A bala atingiu sua barriga. Há outras pessoas no chão também, que não reconheço, que foram pisoteadas ou baleadas. Suspeito que a intenção tenha sido acertar apenas Edward e que as outras pessoas tenham sido vítimas acidentais.

Olho ao redor freneticamente, mas não vejo o atirador. Quem quer que tenha feito aquilo parece ter se misturado à multidão.

Largo a marreta no chão, perto do recipiente amassado, e me ajoelho ao lado de Edward, com as pedras da Abnegação ferindo os meus joelhos. Seu único olho se move de um lado para outro sob a pálpebra. Ele está vivo por enquanto.

— Precisamos levá-lo a um hospital — digo para quem estiver ouvindo. Quase todos já se foram.

Olho para trás, para Tris e o homem da Erudição, que não se moveu.

— Ele está...? — tento perguntar.

Os dedos dela estão pousados sobre a garganta dele, à procura do batimento cardíaco, e seus olhos estão arregalados e vazios. Ela balança a cabeça. Não, ele não está vivo. Não pensei que estivesse.

Fecho os olhos. A imagem dos recipientes está impressa em minhas pálpebras, e vejo-os caídos, seus conteúdos amontoados em uma pilha no meio da rua. Os símbolos do nosso antigo estilo de vida destruídos, um homem morto e vários feridos, e tudo isso para quê?

Para nada. Para a visão vazia e limitada de Evelyn: uma cidade onde as facções são arrancadas das pessoas contra as suas vontades.

Ela queria que tivéssemos mais do que cinco escolhas. Agora não temos nenhuma.

Percebo, então, que não posso ser seu aliado, que nunca pude.

— Precisamos ir embora — diz Tris, e sei que ela não está se referindo a sair da avenida Michigan ou a levar Edward para o hospital; está se referindo à cidade.

– Precisamos ir embora – repito.

+ + +

O hospital improvisado na sede da Erudição cheira a produtos químicos, o que quase faz meu nariz coçar. Fecho os olhos enquanto espero por Evelyn.

Estou com tanta raiva que não quero nem ficar sentado ali. Quero apenas arrumar minhas malas e ir embora. Ela deve ter planejado aquela manifestação, ou não saberia a respeito dela um dia antes, e já devia ter imaginado que a situação sairia de controle, considerando o quanto os ânimos estão alterados. Mas ela fez o que queria mesmo assim. Fazer um grande espetáculo contra as facções foi mais importante para ela do que a segurança das pessoas e a possível perda de vidas. Isso nem deveria me surpreender.

Ouço a porta do elevador se abrir, e a sua voz:

– Tobias!

Ela corre até mim e agarra minhas mãos, que estão grudentas por causa do sangue. Seus olhos escuros estão arregalados de medo, e ela pergunta:

– Você está ferido?

Está preocupada comigo. Pensar nisso acende uma pontada de calor dentro de mim. Ela deve me amar se está preocupada comigo. Ainda deve ser capaz de amar.

– O sangue é de Edward. Eu ajudei a carregá-lo até aqui.

– Como ele está? – pergunta ela.

Balanço a cabeça.

– Morto.

Não sei como contar de outra maneira.

Ela se encolhe, soltando minhas mãos, e se senta em uma das cadeiras da sala de espera. Minha mãe acolheu Edward depois que ele desertou a Audácia. Ela deve tê-lo ensinado a ser um guerreiro novamente, depois que ele perdeu seu olho, sua facção e seu chão. Nunca soube que eles eram tão próximos, mas

agora compreendo, vendo o brilho das lágrimas nos olhos dela e o tremor em seus dedos. É o máximo de emoção que a vejo demonstrar desde a minha infância, desde que meu pai a empurrava contra as paredes da sala da nossa casa.

Afasto a lembrança, como se estivesse tentando enfiá-la em uma gaveta pequena demais.

— Sinto muito — digo. Não sei se estou sendo sincero ou se digo aquilo apenas para que ela acredite que ainda estou do seu lado. Depois, pergunto, tímido: — Por que não me avisou sobre a manifestação?

Ela balança a cabeça.

— Eu não sabia de nada.

Está mentindo. Eu sei. Decido permitir que minta. Preciso evitar conflitos, para que ela continue a acreditar que estou do seu lado. Ou talvez eu simplesmente não queira insistir na questão, com a morte de Edward pairando sobre nós. Às vezes, é difícil saber onde a estratégia termina e a minha compaixão por minha mãe começa.

— Ah. — Coço a parte de trás da minha orelha. — Você pode entrar para vê-lo se quiser.

— Não. — Ela parece distante. — Sei bem como é um cadáver. — Ela parece estar ainda mais longe.

— Talvez seja melhor eu ir embora.

— Fique — pede ela, e toca a cadeira vazia que há entre nós. — Por favor.

Sento-me ao seu lado e, embora eu diga a mim mesmo que sou apenas um agente infiltrado obedecendo sua suposta líder, sinto-me como um filho oferecendo conforto à mãe em luto.

Permanecemos sentados, os ombros encostados e as respirações entrando no mesmo ritmo, e não falamos uma palavra.

CAPÍTULO SETE

Tris

Christina não para de girar uma pedra preta na mão enquanto conversamos. Demoro alguns segundos para perceber que a pedra, na verdade, é um pedaço de carvão, do recipiente da Audácia da Cerimônia de Escolha.

— Não queria falar nesse assunto, mas isso não sai da minha cabeça — diz ela. — Dos dez iniciandos transferidos que começaram a nossa iniciação, apenas seis continuam vivos.

À nossa frente, encontram-se o edifício Hancock e, depois dele, Lake Shore Drive, o calçadão tranquilo sobre o qual certa vez passei voando como um pássaro. Caminhamos pela calçada rachada lado a lado, as roupas manchadas pelo sangue já seco de Edward.

Ainda não caiu a ficha que Edward, o mais talentoso iniciando transferido da nossa iniciação, o garoto cujo sangue limpei do chão do nosso dormitório, está morto. Ele está morto.

— E, dos legais — digo —, restamos apenas eu, você, e... talvez Myra.

Não vejo Myra desde que ela deixou o complexo da Audácia com Edward, logo depois que uma faca de manteiga arrancou seu olho. Sei que eles terminaram o relacionamento pouco depois disso, mas nunca soube para onde ela foi. De qualquer maneira, acho que nunca troquei mais do que algumas poucas palavras com ela.

As portas duplas do edifício Hancock já estão abertas, penduradas nas dobradiças. Uriah disse que chegaria mais cedo para ligar o gerador, e, de fato, quando aperto o botão do elevador, ele acende sob a minha unha.

— Você já esteve aqui antes? — pergunto ao entrarmos no elevador.

— Não — responde Christina. — Quer dizer, nunca entrei no edifício. Acabei não vindo na tirolesa, lembra?

— Lembro. — Encosto-me na parede. — Você deveria tentar ir antes de irmos embora.

— É verdade. — Ela está usando batom vermelho. Isso me lembra a maneira como as crianças às vezes ficam com a boca suja de doces. — De vez em quando, entendo o lado de Evelyn. Aconteceram tantas coisas horríveis, que às vezes acho que seria uma boa ideia ficar aqui e apenas... tentar arrumar esta bagunça antes de nos envolvermos em outra. — Ela sorri um pouco. — Mas é claro que não vou fazer isso. Nem sei por quê. Acho que por curiosidade.

— Já conversou com sua família a respeito disso?

Às vezes, esqueço que Christina não é como eu, sem qualquer lealdade familiar que a prenda a um lugar. Ela tem mãe e uma irmã mais nova, ambas antigas integrantes da Franqueza.

— Eles precisam cuidar da minha irmã — diz ela. — Não sabem se é seguro lá fora e não querem colocá-la em risco.

— Mas eles aceitariam se você fosse embora?

— Eles aceitaram quando me juntei a outra facção. Aceitarão isso também — explica. Ela encara a ponta dos seus pés. — Eles desejam apenas que eu leve uma vida honesta, sabe? E não posso fazer isso aqui. Tenho certeza de que não posso.

A porta do elevador se abre, e o vento nos atinge de imediato, ainda quente, mas com indícios do frio de inverno. Ouço vozes vindas do telhado e subo a escada até elas. A escada balança um pouco a cada degrau que subo, mas Christina a segura até eu alcançar o topo.

Uriah e Zeke estão lá, lançando pedrinhas para fora do telhado e ouvindo o estilhaçar das janelas que elas atingem. Uriah tenta esbarrar no cotovelo de Zeke antes que ele lance uma pedra, para que erre o alvo, mas Zeke é rápido demais.

— Ei — dizem em uníssono quando veem Christina e eu.

— Espera aí, vocês dois por acaso são irmãos? — pergunta Christina, sorrindo. Os dois riem, mas Uriah parece um pouco atordoado, como se não estivesse completamente conectado com o presente ou o lugar. Acho que perder alguém como ele perdeu Marlene pode fazer isso com uma pessoa, mesmo que não seja o que aconteceu comigo.

Não há presilhas para a tirolesa no telhado, e não é para isso que viemos aqui. Não sei qual foi o motivo dos outros, mas eu queria estar no alto, ver o mais longe possível. Mas todo o terreno a oeste de onde estou é preto, como se estivesse coberto por um lençol escuro. Por um instante, acredito ver uma pequena luz brilhar no horizonte, mas depois ela desaparece, como uma ilusão de ótica.

Os outros estão em silêncio, como eu. Será que estamos pensando a mesma coisa?

— O que vocês acham que existe lá fora? — pergunta Uriah afinal.

Zeke dá de ombros, mas Christina chuta uma resposta.

— E se for apenas mais do mesmo? Apenas... mais cidades em ruínas, mais facções, mais de tudo?

— Não pode ser — diz Uriah, balançando a cabeça. — Deve haver *outra* coisa.

— Talvez não haja nada — sugere Zeke. — As pessoas que nos colocaram aqui podem simplesmente estar mortas. Pode estar tudo vazio.

Sinto um calafrio. Nunca havia pensado nisso, mas ele está certo. Não sabemos o que aconteceu lá fora desde que nos colocaram aqui nem quantas gerações viveram e morreram desde então. Talvez sejamos os últimos sobreviventes da terra.

— Não importa — digo com mais severidade do que gostaria. — Não importa o que existe lá fora. Precisamos ver com nossos próprios olhos. Depois lidaremos com isso.

Ficamos parados ali por um bom tempo. Meu olhar segue as beiradas acidentadas dos prédios, até que as janelas acesas se misturam, formando

uma linha. De repente, Uriah pergunta para Christina sobre o tumulto, e nosso momento quieto e silencioso passa, como que carregado pelo vento.

+ + +

No dia seguinte, Evelyn pisa nos pedaços do retrato de Jeanine Matthews no saguão da sede da Erudição e anuncia novas regras. Antigos membros de facções estão misturados aos sem-facção, e o lugar está tão lotado que há pessoas até do lado de fora, querendo ouvir o que a nossa nova líder tem a dizer. Filas de soldados sem-facção se posicionam junto às paredes, os dedos pousados sobre os gatilhos das armas. Eles nos mantêm sob controle.

— Os acontecimentos de ontem deixaram claro que não podemos mais confiar uns nos outros — diz Evelyn. Ela parece pálida e exausta. — Vamos introduzir mais estrutura na vida de todos, até que a nossa situação esteja mais estável. A primeira dessas medidas será um toque de recolher: todos devem retornar a suas habitações às nove da noite. Ninguém deve deixar sua habitação até as oito da manhã do dia seguinte. Guardas patrulharão as ruas o tempo todo para garantir a nossa segurança.

Solto uma risada de desdém, mas tento disfarçar tossindo. Christina dá uma cotovelada na minha costela e leva o dedo aos lábios. Não sei por que ela se importa tanto. Não há como Evelyn me ouvir da frente do saguão.

Tori, uma antiga líder da Audácia, afastada pela própria Evelyn, está a poucos metros de mim, de braços cruzados. Sua boca se contorce, formando um sorrisinho debochado.

— Também já está na hora de nos prepararmos para o nosso novo modo de vida, sem facções. A partir de hoje, todos começarão a aprender os trabalhos que os sem-facção têm feito desde sempre. Depois, *todos* nós assumiremos esses trabalhos em turnos rotativos, além das outras tarefas que foram tradicionalmente feitas pelas facções. — Evelyn sorri, mas sem sorrir de verdade. Não sei como ela consegue. — Todos contribuiremos da mesma

forma para a nossa cidade, como deve ser. As facções nos dividiram, mas agora seremos unidos. Agora e sempre.

Ao meu redor, os sem-facção comemoram, mas fico inquieta. Não é que discorde dela, mas os membros de facções que se revoltaram contra Edward ontem não aceitarão tudo isso com passividade. O controle de Evelyn sobre a cidade não é tão forte quanto ela acredita.

+ + +

Não quero ter que abrir passagem pela multidão depois do anúncio de Evelyn, então atravesso os corredores até encontrar uma das escadas de fundos, a que usamos para chegar ao laboratório de Jeanine há poucos dias. Naquela situação, os degraus estavam repletos de corpos. Agora, estão limpos e gelados, como se nada tivesse acontecido ali.

Quando estou passando pelo quarto andar, ouço um grito e sons de briga. Abro a porta e dou de cara com uma confusão de pessoas, todas jovens, mais novas do que eu, e todas usando braçadeiras dos sem-facção, cercando um jovem caído.

Não é apenas um jovem, mas um jovem da Franqueza, vestindo preto e branco da cabeça aos pés.

Corro até eles, e, ao ver uma garota sem-facção preparar-se para chutá-lo outra vez, grito:

— Ei!

Não adianta. O chute atinge a costela do rapaz da Franqueza, e ele solta um gemido, contorcendo o corpo.

— Ei! — grito de novo, e desta vez a garota se vira. Ela é muito mais alta do que eu, uns bons quinze centímetros, mas só sinto raiva, não medo.

— Afaste-se — ordeno. — Afaste-se dele.

— Ele está violando o código de vestuário. Estou agindo dentro do meu direito e não recebo ordens de quem ama as facções — diz ela com os olhos colados na tatuagem à mostra sobre a minha clavícula.

— Becks — diz o garoto sem-facção ao seu lado. — Esta é Prior, a garota do vídeo.

Os outros parecem impressionados, mas a garota apenas solta um risinho debochado.

— E daí?

— E daí que precisei machucar muitas pessoas para sobreviver à iniciação da Audácia e farei o mesmo com você se for necessário.

Abro o zíper do meu moletom azul e o jogo para o garoto da Franqueza, que me encara do chão, o sangue escorrendo de um corte na sobrancelha. Ele se levanta, ainda com a mão sobre a costela, e cobre os ombros com o moletom, como um cobertor.

— Pronto — digo. — Agora ele não está mais violando o código de vestuário.

A garota avalia a situação, tentando decidir se quer ou não brigar comigo. Quase consigo ouvir o que ela está pensando, que sou pequena, portanto um alvo fácil, mas sou da Audácia, por isso não deve ser tão simples me derrotar. Talvez ela saiba que já matei outras pessoas, ou talvez simplesmente não queira se meter em encrenca, mas está perdendo a coragem; dá para notar, pela maneira insegura como move a boca.

— É melhor você ficar ligada — ameaça ela.

— Posso garantir que não preciso — respondo. — Agora caia fora daqui.

Fico ali apenas o bastante para ver o grupo se dispersar, depois continuo andando. O garoto da Franqueza me chama.

— Espere! O seu moletom!

— Pode ficar! — grito de volta.

Viro o corredor, achando que encontrarei outra escada, mas entro em mais um corredor vazio, idêntico ao anterior. Tenho a impressão de ouvir passos atrás de mim e me viro depressa, pronta para enfrentar a garota sem-facção, mas não há ninguém.

Devo estar ficando paranoica.

Abro uma das portas do corredor principal, esperando encontrar uma janela que me ajude a me orientar, mas encontro apenas um laboratório revirado, béqueres e tubos de ensaio espalhados sobre os balcões. O chão está coberto de papéis rasgados, e estou agachada para pegar um deles quando a luz se apaga.

Corro até a porta, mas meu braço é agarrado, e sou puxada para o canto. Alguém cobre minha cabeça com um saco enquanto outra pessoa me empurra contra a parede. Luto contra eles, tentando me livrar do tecido que cobre meu rosto, e tudo o que consigo pensar é *De novo, não, de novo, não*. Giro o meu braço e consigo libertá-lo, desferindo um soco e atingindo o ombro ou o queixo de alguém, não sei ao certo.

— Ei! — diz uma voz. — Isso *doeu*!

— Não queremos assustar você, Tris — fala outra voz —, mas o anonimato é essencial em nossa operação. Não vamos machucar você.

— Então me *soltem*! — digo, quase rugindo. Todas as mãos que estão me segurando contra a parede me soltam.

— Quem são vocês? — pergunto.

— Somos os Leais — responde a voz. — E somos muitos, mas não somos ninguém...

Não consigo segurar o riso. Talvez seja o choque, o medo, ou o meu coração agitado desacelerando depressa, minhas mãos tremendo aliviadas.

A voz continua:

— Ouvimos dizer que você não é leal a Evelyn Johnson e seus lacaios sem-facção.

— Isso é ridículo.

— Não tão ridículo quanto revelar sua identidade a alguém sem que isso seja necessário.

Tento enxergar através do saco que cobre minha cabeça, mas ele é grosso demais e a sala está muito escura. Tento relaxar o corpo contra a parede, mas

é difícil sem conseguir me orientar pela visão. Quebro a lateral de um béquer sob meu pé.

— Não, não sou leal a ela. E daí?

— E daí que isso significa que você quer ir embora — diz a voz. Sinto uma pontada de emoção. — Queremos pedir um favor seu, Tris Prior. Faremos uma reunião amanhã à meia-noite. Queremos que traga seus amigos da Audácia.

— Tudo bem — digo. — Mas deixem eu perguntar uma coisa: se verei quem vocês são amanhã, por que é tão importante cobrir a minha cabeça hoje?

Por um instante a pergunta parece desorientar a pessoa com quem estou conversando.

— Um dia traz muitos perigos — diz a voz. — Nós nos encontraremos amanhã, à meia-noite, no lugar onde você fez a sua confissão.

De repente, a porta se abre, o vento faz o saco roçar minha bochecha, e ouço passos rápidos pelo corredor. Quando consigo tirar o saco da cabeça, o corredor já está silencioso. Olho para o saco, que, na verdade, é uma fronha azul-escura com as palavras "Facção antes do sangue" pintadas nela.

Quem quer que sejam essas pessoas, elas certamente são dramáticas.

No lugar onde você fez a sua confissão.

Eles só podem estar se referindo a um lugar: a sede da Franqueza, onde sucumbi ao soro da verdade.

+ + +

Quando enfim retorno ao dormitório aquela noite, encontro um bilhete de Tobias escondido sob o copo d'água na minha mesa de cabeceira.

VI—

O julgamento do seu irmão será amanhã de manhã e será reservado. Não posso ir, pois levantarei suspeitas, mas vou informar você do veredicto assim que possível. Depois poderemos pensar em algum plano.

Não importa o que aconteça, tudo acabará em breve.
– IV

CAPÍTULO OITO

Tris

SÃO NOVE HORAS. Eles podem estar decidindo o veredicto de Caleb agora mesmo, enquanto amarro os cadarços, ou no momento em que ajeito o lençol da minha cama pela quarta vez hoje. Corro as mãos pelo cabelo. Os sem-facção só fazem julgamentos reservados quando acreditam que o veredicto será óbvio, e Caleb era o braço direito de Jeanine antes de ela ser morta.

Eu não deveria me preocupar com o veredicto. Já está decidido. Todos os comparsas mais próximos de Jeanine serão executados.

Por que me importo?, pergunto a mim mesma. *Ele me traiu. Ele não tentou impedir a minha execução.*

Eu não me importo. Eu me importo. Eu não sei.

— Ei, Tris — diz Christina, batendo à porta. Uriah está meio escondido atrás dela. Ainda sorri o tempo todo, mas agora seus sorrisos parecem feitos de água, como se pudessem escorrer de seu rosto a qualquer momento.

— Você disse que tinha uma novidade para nos contar — diz ela.

Olho em volta do quarto outra vez, embora já saiba que estamos sozinhos. Todos estão tomando café da manhã, como exige a nossa programação. Pedi que Uriah e Christina deixassem de comer para que eu pudesse contar algo a eles. Minha barriga já está roncando.

— E tenho — digo.

Eles se sentam na cama em frente à minha, e eu conto a eles sobre como me emboscaram em um dos laboratórios da Erudição na noite anterior e sobre a fronha, os Leais e a reunião.

— O que acho estranho é você ter se contentado em apenas socar um deles — diz Uriah.

— Bem, eu estava em desvantagem — digo, na defensiva. Não foi uma atitude muito digna da Audácia eu ter confiado neles de cara, mas estamos vivendo tempos estranhos. E não sei muito bem o quanto eu realmente pertenço à Audácia de qualquer maneira, agora que as facções não existem mais.

Sinto uma pequena e estranha dor ao pensar sobre isso, bem no centro do peito. É difícil abrir mão de certas coisas.

— Mas o que você acha que eles querem? — pergunta Christina. — Apenas deixar a cidade?

— Parece que sim, mas eu não sei.

— Como podemos ter certeza de que eles não trabalham para Evelyn e querem nos enganar para nos expor como traidores?

— Também não sei. Mas não conseguiremos sair da cidade sem a ajuda de alguém, e eu não vou simplesmente continuar aqui, aprendendo a dirigir um ônibus e indo para a cama quando mandam.

Christina olha para Uriah, preocupada.

— Ei — digo. — Vocês não precisam vir, mas eu preciso sair daqui. Tenho que saber quem foi Edith Prior, e quem está nos esperando do lado de fora da cerca, se é que há alguém. Não sei por quê, mas preciso.

Respiro fundo. Não sei de onde veio esta onda de desespero, mas, agora que eu já a reconheci, é impossível ignorá-la, como se uma coisa que estivesse dormindo dentro de mim há muito tempo tivesse acordado. Ela se mexe no meu estômago e na minha garganta. Preciso sair da cidade. Preciso da verdade.

Em um momento raro, o sorriso fraco que Uriah sempre exibe desaparece.

— Eu também — diz ele.

— Tudo bem — diz Christina. Os olhos escuros dela ainda estão apreensivos, mas ela dá de ombros. — Então iremos à reunião.

— Ótimo. Um de vocês pode avisar Tobias? Eu preciso ficar longe dele, já que supostamente "terminamos" — digo. — Vamos nos encontrar no beco às onze e meia.

— Eu aviso. Acho que estou no grupo dele hoje — diz Uriah. — Vamos aprender sobre fábricas. *Mal posso esperar*. — Ele dá uma risadinha debochada. — Posso avisar Zeke também? Ou será que ele não é confiável o bastante?

— Pode avisar. Só peça a ele para não contar a mais ninguém.

Confiro o meu relógio de novo. São nove e quinze. O veredicto de Caleb já deve estar decidido; já está quase na hora de todos irem aprender seus trabalhos como sem- facção. Estou extremamente inquieta. Meu joelho balança por contra própria.

Christina apoia a mão em meu ombro, mas não me pergunta nada e fico grata por isso. Não saberia o que dizer.

+ + +

Christina e eu atravessamos a sede da Erudição por um trajeto complicado a fim de chegar à escada dos fundos, tentando evitar patrulhas dos sem-facção. Cubro meu pulso com a gola da camisa. Desenhei um mapa em meu braço antes de sair. Sei chegar à sede da Franqueza daqui, mas não conheço as ruas secundárias que nos ajudarão a passar despercebidas pelos guardas sem-facção.

Uriah nos espera do lado de fora, em frente à porta. Ele está todo vestido de preto, mas consigo ver um pouco do cinza da Abnegação por trás da gola do seu moletom. É estranho ver meus amigos da Audácia vestindo a cor da Abnegação, como se estivessem comigo a vida toda. Mas às vezes é isso que sinto, de verdade.

— Avisei Quatro e Zeke, mas eles vão nos encontrar lá — diz Uriah. — Vamos.

Corremos em grupo pelo beco, em direção à rua Monroe. Tento não estremecer cada vez que nossos passos soam altos demais. Afinal, nesta situação é mais importante ser rápido do que silencioso. Viramos na Monroe, e eu olho para trás, à procura de patrulhas dos sem-facção. Vejo silhuetas escuras se movendo perto da avenida Michigan, mas elas desaparecem atrás da fileira de edifícios, sem parar.

— Onde está Cara? — pergunto para Christina quando já estamos na rua State, longe o bastante da sede da Erudição para que já seja seguro conversar.

— Não sei. Acho que ela não recebeu o convite — responde Christina. — Estranho. Sei que ela quer...

— Pshhh! — faz Uriah. — Para que lado temos que ir agora?

Uso a luz do meu relógio para conferir as palavras escritas no meu braço.

— Precisamos entrar na rua Randolph!

Alcançamos certo ritmo, nossos sapatos batem na calçada, e nossas respirações pulsam quase em uníssono. Apesar da queimação em meus músculos, é gostoso correr.

Quando alcançamos a ponte, minhas pernas já estão doendo, mas então vejo o Merciless Mart do outro lado do rio lamacento, abandonado e escuro, e sorrio apesar da dor. Meu ritmo diminui depois que atravessamos a ponte, e Uriah apoia o braço em meus ombros.

— E agora — diz ele — precisamos subir um milhão de degraus.

— Será que eles não ligaram o elevador?

— Duvido. — Ele balança a cabeça. — Aposto que Evelyn está monitorando todo o uso de energia. É a melhor maneira de descobrir se alguém está se reunindo em segredo.

Solto um suspiro. Posso adorar correr, mas odeio subir escadas.

+ + +

Quando enfim chegamos lá em cima, estamos arfando, e faltam cinco minutos para meia-noite. Os outros seguem na frente enquanto recupero o

fôlego perto do elevador. Uriah tinha razão, não consigo ver nenhuma luz acesa no edifício, fora as placas de saída. É sob o brilho azulado delas que vejo Tobias sair da sala de interrogação logo adiante.

Desde o nosso encontro, só nos comunicamos por mensagens secretas. Preciso resistir à tentação de me jogar nos braços dele e passar os dedos pela curva dos seus lábios, pela covinha na sua bochecha e pelas linhas fortes das suas sobrancelhas e do seu queixo. Mas faltam dois minutos para a meia-noite. Não temos tempo.

Ele me abraça forte por alguns segundos. Sua respiração faz cócegas na minha orelha, e eu fecho os olhos, permitindo-me relaxar enfim. Ele cheira a vento, suor e sabão, a Tobias e a segurança.

— Vamos entrar? — pergunta ele. — Quem quer que eles sejam, devem ser pontuais.

— Vamos. — Minhas pernas estão tremendo de cansaço. Nem consigo imaginar ter que descer as escadas novamente e voltar correndo para a sede da Erudição mais tarde. — Você descobriu alguma coisa a respeito de Caleb?

Ele estremece.

— Acho melhor falarmos sobre isso mais tarde.

Essa resposta já basta.

— Eles vão executá-lo, não vão? — pergunto baixinho.

Ele confirma com a cabeça, depois segura a minha mão. Não sei como me sentir. Tento não sentir nada.

Juntos, entramos na sala onde eu e Tobias certa vez fomos interrogados sob o efeito do soro da verdade. *O lugar onde você fez a sua confissão.*

No chão, há um círculo de velas acesas sobre uma das balanças da Franqueza ilustradas no ladrilho. Vejo uma mistura de rostos familiares e desconhecidos na sala: Susan e Robert estão juntos, conversando; Peter está parado sozinho em um dos cantos, de braços cruzados; Uriah e Zeke acompanham alguns outros antigos membros da Audácia; Christina veio com a mãe e a irmã; em um dos cantos, vejo dois antigos membros da Erudição,

parecendo nervosos. As roupas novas não são capazes de apagar as divisões entre nós; estão arraigadas demais.

Christina me chama.

— Esta é a minha mãe, Stephanie — diz ela, apontando para uma mulher com mechas cinzentas no cabelo escuro e encaracolado. — E esta é a minha irmã, Rose. Mãe, Rose, esta é a minha amiga, Tris, e este é o meu instrutor de iniciação, Quatro.

— É claro que sim — diz Stephanie. — Vimos os interrogatórios deles há algumas semanas, Christina.

— Eu sei. Só estava tentando ser *educada*...

— A educação é um tipo de enganação em...

— Eu sei, eu sei. — Christina revira os olhos.

Percebo que sua mãe e sua irmã trocam um olhar carregado de desconfiança, raiva ou uma mistura de ambos. Depois, a irmã dela vira para mim e diz:

— Então, você matou o namorado de Christina.

Suas palavras geram uma sensação gélida dentro de mim, como se uma camada de gelo dividisse os dois lados do meu corpo. Quero responder, me defender, mas não encontro palavras.

— Rose! — repreende Christina. Ao meu lado, Tobias se empertiga, tenso. Pronto para brigar, como sempre.

— Só achei melhor deixar as coisas às claras de uma vez — diz Rose. — Assim, perdemos menos tempo.

— É por isso que abandonei a nossa facção — fala Christina. — Ser honesto não significa falar o que quer na hora que quer. Só significa que o que você escolhe falar será verdade.

— Uma mentira por omissão continua sendo uma mentira.

— Você quer a verdade? Estou me sentindo desconfortável e não quero estar aqui agora. Vejo vocês mais tarde. — Ela segura o meu braço e nos guia

para longe da sua família, balançando a cabeça o tempo todo. — Desculpem-me por aquilo. Elas não são muito de perdoar.

— Está tudo bem — digo, embora não esteja.

Pensei que, ao receber o perdão de Christina, a parte mais difícil da morte de Will tivesse passado. Mas, quando você mata alguém que ama, a parte difícil nunca passa. Só fica mais fácil se distrair do que você fez.

Meu relógio indica que é meia-noite. Uma porta se abre do outro lado da sala, e duas silhuetas esbeltas entram. A primeira delas é Johanna Reyes, antiga porta-voz da Amizade, que identifico com facilidade pela cicatriz que atravessa o seu rosto e pelo pedaço de tecido amarelo visível sob sua jaqueta preta. A segunda também é uma mulher, mas não consigo ver seu rosto, embora perceba que está vestida de azul.

Sinto uma pontada de terror. Ela se parece com... Jeanine.

Não, eu a vi morrer. Jeanine está morta.

A mulher se aproxima. Ela é elegante e loira, como Jeanine. Há um par de óculos pendurado no bolso da frente, e seu cabelo está trançado. Sem dúvida, ela é da Erudição, mas não é Jeanine Matthews.

Cara.

Cara e Johanna são as líderes dos Leais?

— Olá — diz Cara, e todos param de conversar. Ela sorri, mas sua expressão parece forçada, como se estivesse apenas seguindo uma convenção social. — Não deveríamos estar aqui, então esta reunião será breve. Alguns de vocês, como Zeke e Tori, têm nos ajudado nos últimos dias.

Olho para Zeke. *Zeke* tem ajudado Cara? Tinha esquecido que ele já trabalhou como espião da Audácia. Deve ter sido nesse período que provou sua lealdade a Cara. Eles tinham algum tipo de amizade antes de ela deixar a sede da Erudição, há não muito tempo.

Ele olha para mim, ergue a sobrancelha e sorri.

Johanna continua:

— Alguns de vocês estão aqui porque queremos pedir a sua ajuda. Todos vocês estão aqui porque não confiam em Evelyn Johnson para decidir o destino desta cidade.

Cara junta as palmas das mãos.

— Acreditamos em seguir a orientação dos fundadores desta cidade, que foi expressa de duas maneiras: na formação das facções e na missão Divergente, expressa por Edith Prior, de enviar pessoas para fora da cerca para ajudar quem quer que esteja do outro lado quando contarmos com uma grande população Divergente. Acreditamos que, mesmo que não tenhamos alcançado a população Divergente desejada, a situação em nossa cidade é grave o bastante para que mandemos pessoas para fora mesmo assim.

— Seguindo as intenções dos fundadores de nossa cidade, definimos dois objetivos: tirar Evelyn e os sem-facção do poder, para que possamos restabelecer as facções, e enviar alguns dos nossos para fora da cidade a fim de ver o que há por lá. Johanna liderará a primeira missão, e eu liderarei a segunda, na qual nos concentraremos melhor esta noite. — Ela prende uma mecha solta de cabelo na trança. — Poucos de nós poderão ir, porque um grupo muito grande chamaria atenção. Evelyn não nos deixará sair sem resistir, então imaginei que seria melhor recrutar pessoas que sei que têm alguma experiência de sobrevivência em situações de risco.

Olho para Tobias. Sem dúvida, temos experiência em situações de risco.

— Selecionei Christina, Tris, Tobias, Tori, Zeke e Peter — diz Cara. — Todos vocês já me provaram suas habilidades de uma maneira ou de outra, e é por isso que gostaria de pedir que me acompanhassem. É claro que vocês não são obrigados a aceitar.

— *Peter?* — pergunto sem pensar. Não consigo imaginar o que Peter poderia ter feito para "provar suas habilidades" para Cara.

— Ele evitou que a Erudição matasse você — diz Cara com calma. — Quem você acha que forneceu a ele a tecnologia para simular sua morte?

Ergo as sobrancelhas. Nunca tinha pensado nisso antes. Aconteceu tanta coisa depois da minha execução malsucedida que não tive tempo para pensar muito a respeito dos detalhes do meu salvamento. Mas agora está claro. Cara era a única desertora conhecida da Erudição àquela altura, a única pessoa para quem Peter poderia ter pedido ajuda. Quem mais poderia tê-lo ajudado? Quem mais saberia como ajudar?

Não reclamo mais. Não quero deixar a cidade ao lado de Peter, mas estou desesperada demais para ir embora, então resolvo não criar problemas.

— São muitas pessoas da Audácia — diz uma garota em um dos cantos da sala com um olhar desconfiado. Ela tem uma grossa monocelha, e sua pele é pálida. Quando ela vira a cabeça, vejo uma tatuagem preta bem abaixo da sua orelha. Certamente era da Audácia e se transferiu para a Erudição.

— É verdade — diz Cara. — Mas agora precisamos de pessoas com a capacidade de sair ilesas da cidade, e acho que o treinamento da Audácia as torna altamente qualificadas para a tarefa.

— Sinto muito, mas acho que não posso ir — diz Zeke. — Não poderia deixar Shauna para trás. Não depois que sua irmã simplesmente... bem, vocês sabem.

— Eu posso ir — fala Uriah, levantando a mão. — Sou da Audácia. Sou bom de mira. Além disso, sou um gato, uma característica que, sem dúvida, será útil.

Solto uma risada. Cara não parece ter achado a menor graça na piadinha dele, mas assente.

— Obrigada — agradece ela.

— Cara, você precisará deixar a cidade rápido — diz a garota que era da Audácia e foi para a Erudição. — E isso significa que precisa de alguém que saiba operar os trens.

— Bem pensado — diz Cara. — Alguém aqui sabe dirigir um trem?

— Bem, eu sei — responde a garota. — Pensei que estivesse implícito.

Os detalhes do plano são decididos. Johanna sugere que sigamos nas caminhonetes da Amizade, desde o final dos trilhos até o lado de fora da cidade, e se voluntaria a fornecê-las para nós. Robert se oferece para ajudá-la. Stephanie e Rose se dispõem a monitorar os movimentos de Evelyn durante as horas antes da fuga e a comunicar ao complexo da Amizade qualquer comportamento estranho usando rádios bidirecionais. Os antigos membros da Audácia que vieram com Tori se oferecem para procurar armas para nós. A garota da Erudição aponta todas as falhas que encontra, assim como Cara, e logo elas se convencem de que formulamos um bom plano.

Só há mais uma questão em aberto. E Cara pergunta:

— Quando devemos ir?

Eu ofereço uma resposta:

— Amanhã à noite.

CAPÍTULO NOVE

Tobias

O AR NOTURNO invade meus pulmões, e sinto como se respirasse pela última vez. Amanhã, deixarei este lugar à procura de outro.

Uriah, Zeke e Christina começam o caminho de volta à sede da Erudição, e seguro a mão de Tris para detê-la.

– Espere – peço. – Vamos ali.

– Ali? Mas...

– É rapidinho. – Puxo-a para a lateral do edifício. À noite, é mais fácil imaginar a época em que a água ainda enchia o canal, escura e riscada por marolas iluminadas pela lua. – Você está comigo, lembra? Eles não vão prendê-la.

O canto da boca dela treme, quase um sorriso.

Ao virarmos a esquina, ela se recosta à parede, e fico parado diante dela, de costas para o rio. Ela está usando algo escuro ao redor dos olhos, que destaca a cor deles, forte e marcante.

– Não sei o que fazer. – Ela cobre o rosto com as mãos, enrolando os dedos nos cabelos. – Quer dizer, a respeito de Caleb.

– Você não sabe?

Ela afasta uma das mãos do rosto para me encarar.

– Tris. – Apoio as mãos na parede, uma de cada lado do seu rosto. – Você não quer que ele morra. Sei que não quer.

– O problema é... – Ela fecha os olhos. – Estou com tanta... *raiva*. Tento não pensar nele, porque, quando penso, sinto vontade de...

– Eu sei. Pode ter certeza de que sei. – Durante toda a minha vida, sonhei em matar Marcus. Certa vez, até decidi como iria fazê-lo. Com uma faca, para

conseguir sentir o calor deixando o seu corpo, para estar próximo o bastante a fim de ver a luz deixando os seus olhos. Tomar essa decisão me assustou tanto quanto a violência com que ele agia.

— Mas meus pais iam querer que eu o salvasse. — Ela abre os olhos e encara o céu. — Eles diriam que é egoísmo deixar alguém morrer só por ter feito mal a mim. Perdoar, perdoar, perdoar.

— A questão não é o que eles iam querer, Tris.

— É, sim! — Ela se afasta da parede. — A questão é sempre o que iam querer. Porque ele pertence a eles mais do que a mim. E quero que sintam orgulho de mim. É tudo o que quero.

Seus olhos pálidos estão colados aos meus, determinados. Nunca tive pais que me dessem bons exemplos, pais por quem valesse a pena estar à altura das expectativas, mas ela teve. Posso enxergá-los dentro dela, na coragem e na beleza que deixaram marcadas dentro dela, como a marca de uma mão.

Toco a bochecha dela, deslizando meus dedos pelos seus cabelos.

— Vou soltá-lo.

— O quê?

— Vou soltá-lo da cela. Amanhã, antes de partirmos. — Aceno com a cabeça. — É o que farei.

— Sério? Você tem certeza?

— É claro que sim.

— Eu... — Ela franze a testa ao olhar para mim. — Obrigada. Você é... incrível.

— Não diga isso. Você ainda não descobriu as minhas segundas intenções. — Abro um sorriso. — Para ser sincero, não trouxe você aqui para falar sobre Caleb.

— Ah, é?

Encosto a mão nos lábios dela e a empurro com delicadeza contra a parede outra vez. Ela me encara, os olhos claros e ávidos. Inclino-me para tão perto

dela que consigo sentir o gosto de seu hálito, mas me afasto quando ela se aproxima, provocando-a.

Ela prende os dedos nos passadores da minha calça e me puxa para mais perto, forçando-me a me apoiar sobre meus antebraços. Ela tenta beijar a minha boca, mas viro a cabeça e a beijo bem abaixo da orelha, depois no queixo e no pescoço. Sua pele é macia e tem gosto de sal, como uma corrida noturna.

— Faça-me um favor — sussurra Tris em meu ouvido. — Sempre tenha segundas intenções.

Ela passa as mãos pelo meu corpo, tocando todos os lugares onde sou tatuado, nas minhas costas e costelas. As pontas dos seus dedos deslizam sob a cintura da minha calça jeans e me seguram junto dela. Respiro contra a lateral do seu pescoço, sem conseguir me mover.

Por fim nos beijamos, e é um alívio. Ela suspira, e sinto um sorriso malicioso surgir em meu rosto.

Eu a levanto, deixando que a parede sustente a maior parte do seu peso, e as pernas dela envolvem minha cintura. Ela ri enquanto me beija mais uma vez, e eu me sinto forte, mas ela também, com os dedos presos e firmes ao redor dos meus braços. O ar noturno invade os meus pulmões, e sinto como se respirasse pela primeira vez.

CAPÍTULO DEZ

Tobias

Os edifícios em ruínas no setor da Audácia parecem portais para outros mundos. À minha frente, vejo a Pira perfurando o céu.

A pulsação nas pontas dos meus dedos marca a passagem dos segundos. O ar nos meus pulmões ainda parece quente, embora o verão esteja quase acabando. Eu costumava correr e lutar o tempo todo, porque me preocupava com meus músculos. Agora que meus pés já me salvaram muitas vezes, não consigo mais separar os atos de correr e lutar do que eles de fato são: uma forma de escapar do perigo, uma maneira de sobreviver.

Alcanço o edifício e desacelero antes da entrada para recuperar o fôlego. Acima de mim, painéis de vidro refletem a luz em todas as direções. Em algum lugar lá em cima, encontra-se a cadeira na qual me sentei durante a simulação de ataque, perto da mancha de sangue do pai de Tris na parede. Em algum lugar lá em cima, a voz de Tris penetrou a simulação que me controlava, e senti a mão dela no meu peito, trazendo-me de volta à realidade.

Abro a porta da sala da paisagem do medo e a tampa da pequena caixa preta que estava no meu bolso de trás. Olho para as seringas guardadas dentro dela. Esta é a caixa que sempre usei, com acolchoado ao redor das seringas; é um símbolo de algo doentio dentro de mim, ou de algo corajoso.

Posiciono a agulha sobre minha garganta, fecho os olhos e aperto o êmbolo. A caixa preta faz um barulho ao desabar no chão, mas, quando abro os olhos, ela já desapareceu.

Estou no telhado do edifício Hancock, perto da tirolesa onde os membros da Audácia desafiam a morte. As nuvens estão escurecidas pela chuva, e o

vento enche minha boca quando a abro para respirar. À minha direita, o cabo da tirolesa arrebenta e é lançado para trás, estilhaçando as janelas abaixo.

Meu olhar se fixa na beirada do telhado, até isso ser tudo o que vejo. Consigo ouvir a minha própria respiração, apesar do sopro do vento. Eu me forço a caminhar até a beirada. A chuva desaba com força sobre os meus ombros e a minha cabeça, empurrando-me para baixo. Jogo o meu peso para a frente apenas um pouco e caio, cerrando os dentes para impedir meus gritos, abafados e sufocados pelo meu próprio medo.

Depois de aterrissar, não tenho nem um segundo para descansar antes de as paredes de madeira começarem a se fechar à minha volta, esbarrando em minhas costas, depois na minha cabeça e nas minhas pernas. Claustrofobia. Aproximo os braços do peito, fecho os olhos e tento não entrar em pânico.

Penso em Eric em sua paisagem do medo, vencendo o terror com uma respiração profunda e lógica. E em Tris, conjurando armas do nada para atacar seus piores pesadelos. Mas não sou Eric e não sou Tris. O que sou? Do que preciso para superar meus medos?

Sei a resposta, é claro: preciso negar a eles o poder de me controlar. A caixa range, depois quebra, e as tábuas desabam no chão de concreto. Fico em pé sobre elas, no escuro.

Amah, meu instrutor de iniciação, ensinou-me que nossas paisagens do medo estão sempre em transformação, modificando-se de acordo com nosso humor e se alterando com os pequenos sussurros dos nossos pesadelos. A minha foi sempre a mesma até algumas semanas atrás. Até que provei a mim mesmo que poderia vencer meu pai. Até que descobri alguém que morria de medo de perder.

Não sei o que verei a seguir.

Fico esperando por um bom tempo, e nada muda. A sala continua escura, o chão continua frio e duro, meu coração continua batendo mais rápido do que o normal. Resolvo conferir o relógio e descubro que ele está no pulso

errado. Costumo usá-lo no pulso esquerdo, não no direito, e a pulseira não é cinza, mas preta.

De repente, noto pelos eriçados nos meus dedos que não estavam lá antes. Os calos nas juntas dos meus dedos desapareceram. Olho para baixo e noto que estou vestindo calça e camiseta cinzentas; minha cintura é mais grossa e meus ombros mais finos.

Levanto os olhos e encaro um espelho que agora se encontra à minha frente. O rosto que me encara de volta é o de Marcus.

Ele pisca para mim, e sinto os músculos ao redor do meu olho se contraindo ao mesmo tempo, involuntariamente. De repente, os braços dele, ou meus, ou *nossos*, se lançam na direção do espelho e entram nele, agarrando o pescoço do meu reflexo. Mas então o espelho desaparece, e as mãos dele, minhas, *nossas,* estão agarradas ao nosso próprio pescoço. Pontos escuros surgem em minha visão. Desabamos no chão, e as mãos apertam o meu pescoço mais forte do que ferro.

Não consigo pensar. Não consigo pensar em uma forma de sair dessa.

Por instinto, solto um grito. O som vibra contra as minhas mãos. Imagino-as como de fato são: grandes, com dedos delgados e juntas calejadas, das horas que passei golpeando o saco de pancadas. Imagino que o meu reflexo é como água correndo sobre a pele de Marcus, substituindo cada pedaço dele por um pedaço meu. Transformo-me na minha própria imagem.

Eu estou sobre o concreto, arfando.

Minhas mãos tremem, e corro os dedos sobre meu pescoço, meus ombros, meus braços. Só para ter certeza.

Eu disse para Tris, no trem a caminho do encontro com Evelyn, há algumas semanas, que Marcus continuava na minha paisagem do medo, mas que havia mudado. Passei muito tempo pensando sobre isso; era algo que invadia meus pensamentos toda noite antes de eu dormir e clamava pela minha atenção toda vez que eu acordava. Sabia que ainda tinha medo dele, mas de forma diferente. Eu não era mais uma criança com medo da ameaça

que meu temível pai representava para minha segurança. Eu era um homem com medo da ameaça que ele representava para o meu caráter, para o meu futuro, para a minha identidade.

Mas sei que até esse medo não se compara ao seguinte. Apesar de saber o que está por vir, preferiria abrir a minha veia e drenar todo o soro do meu corpo a ver aquilo novamente.

Um círculo de luz aparece no concreto diante de mim. Uma das mãos com os dedos dobrados em garra se estica para o feixe de luz, seguida pela outra, depois uma cabeça de cabelos loiros e ensebados. A mulher tosse e se arrasta até o centro, centímetro por centímetro. Tento me mover na direção dela, para ajudá-la, mas estou paralisado.

A mulher vira o rosto na direção da luz, e vejo que é Tris. Sangue escorre dos seus lábios e se acumula em seu queixo. Seus olhos injetados encontram os meus, e ela diz, sem fôlego:

— Socorro.

Ela tosse algo vermelho no chão, e me jogo em sua direção, sabendo, de alguma maneira, que se eu não alcançá-la logo a vida deixará seus olhos. Mãos agarram os meus braços, ombros e peito, formando uma jaula de pele e ossos, mas continuo lutando para alcançá-la. Tento arranhar as mãos que me seguram, mas acabo apenas arranhando a mim mesmo.

Grito o nome dela, e ela tosse outra vez, agora cuspindo mais sangue. Ela grita por ajuda, e eu grito por ela, mas não ouço nada. Não sinto nada, a não ser o meu próprio batimento cardíaco, o meu próprio terror.

Ela desaba no chão, imóvel, e revira os olhos. É tarde demais.

A escuridão desaparece. As luzes voltam. Pichações cobrem as paredes da sala da paisagem do medo, e, diante de mim, vejo as vitrines espelhadas da sala de observação. Nos cantos, câmeras registram cada sessão, tudo exatamente onde deve estar. Meu pescoço e minhas costas estão cobertos de suor. Enxugo o rosto com a barra da camisa e caminho até a porta do outro lado da sala, deixando para trás a minha caixa preta com a seringa e a agulha.

Não preciso mais reviver os meus medos. Tudo o que preciso fazer agora é tentar superá-los.

+ + +

Sei, por experiência, que exibir segurança, por si só, pode fazer uma pessoa conseguir entrar em um lugar proibido. Como as celas no terceiro andar da sede da Erudição.

Mas parece que não é o caso agora. Um homem sem-facção me para com a ponta da sua arma antes que eu consiga alcançar a porta, e fico nervoso, engasgo.

— Aonde está indo?

Seguro a ponta da arma e a afasto do meu braço.

— Não aponte isto para mim. Estou aqui seguindo ordens de Evelyn. Vou visitar um prisioneiro.

— Não estou sabendo de nenhuma visita fora do horário hoje.

Baixo o tom da minha voz para que ele ache que está escutando um segredo.

— Isso é porque ela não quer que a visita seja registrada.

— Chuck! — grita alguém da escada acima de nós. É Therese. Ela faz um gesto com a mão ao descer a escada. — Deixe-o passar. Ele é dos nossos.

Aceno com a cabeça para Therese e sigo em frente. Os destroços foram limpos do corredor, mas as lâmpadas quebradas não foram substituídas, então atravesso trechos escuros, como fileiras de machucados na pele, em direção à cela certa.

Quando alcanço o corredor norte, não vou direto à cela, mas à mulher que está no outro extremo. Ela está na meia-idade, os cantos dos seus olhos estão caídos e a boca, contraída. Sua expressão faz parecer que tudo a exaure, inclusive eu.

— Olá — cumprimento. — Meu nome é Tobias Eaton. Estou aqui para recolher um prisioneiro, segundo ordens de Evelyn Johnson.

Sua expressão não muda quando ela ouve o meu nome, então, por alguns instantes, não sei ao certo se serei obrigado a deixá-la inconsciente para pegar o que quero. Ela retira uma folha de papel amassada do bolso e a alisa sobre a palma da mão esquerda. Nela, há uma lista com nomes de prisioneiros e o número correspondente de suas celas.

— Nome? — pergunta ela.

— Caleb Prior. 308A.

— Você é o filho de Evelyn, não é?

— Sou. Digo... sim. — Ela parece ser o tipo de pessoa que gosta de respostas mais formais.

Ela me guia até uma porta de metal cru, com o código 308A. Para que será que ela era usada quando nossa cidade não precisava de tantas celas? Ela digita um código, e a porta se abre.

— Imagino que devo fingir que não sei o que você está prestes a fazer — diz ela.

Ela deve achar que vim matá-lo. Decido deixar que continue acreditando nisso.

— Sim.

— Faça-me um favor e elogie o meu trabalho para Evelyn. Não quero fazer tantos turnos noturnos. Meu nome é Drea.

— Pode deixar comigo.

Ela amassa o papel outra vez e o enfia no bolso ao se afastar. Mantenho a mão na maçaneta até que ela alcança seu posto novamente e se vira de lado, sem olhar para mim. Parece que já fez isso algumas vezes. Quantas pessoas já desapareceram destas celas sob as ordens de Evelyn?

Entro na cela. Caleb Prior está sentado a uma mesa de metal, debruçado sobre um livro, com o cabelo amassado em um dos lados da cabeça.

— O que você quer? — pergunta ele.

— Odeio ter que dizer isso... — Faço uma pausa. Há algumas horas, decidi como queria lidar com isso. Quero ensinar uma lição a Caleb. — Para falar a

verdade, não odeio tanto assim. Sua execução foi adiantada algumas semanas. Para esta noite.

Isso chama a sua atenção. Ele gira na cadeira e me encara, os olhos agitados e esbugalhados, como uma presa diante do seu predador.

— Isso é uma piada?

— Não sou muito bom em contar piadas.

— Não. — Ele balança a cabeça. — Não, ainda tenho algumas semanas, não vai ser hoje à noite, *não*...

— Se calar a boca, darei uma hora para você se acostumar com a informação. Se não calar a boca, vou deixá-lo inconsciente e atirar em você no beco aqui fora antes que acorde. Faça a sua escolha agora.

Assistir a alguém da Erudição processando uma ideia é como olhar as engrenagens de um relógio, todas girando, mexendo, ajustando, trabalhando juntas para exercer uma função específica, que, neste caso, é tentar entender a sua morte iminente.

Os olhos de Caleb se voltam para a porta atrás de mim, e ele agarra a cadeira, girando o corpo e a jogando na minha direção. As pernas da cadeira me atingem com força, o que me detém por tempo o bastante para ele conseguir escapar pela porta.

Sigo-o pelo corredor, com os braços doendo onde a cadeira me atingiu. Sou mais rápido do que ele. Dou um tranco em suas costas, e ele cai no chão de cara, sem se proteger. Com os joelhos em suas costas, junto os punhos dele e os prendo em uma algema de plástico. Ele geme, e, quando o levanto, seu nariz está vermelho, encharcado de sangue.

Os olhos de Drea encontram os meus por apenas um segundo, depois se desviam.

Arrasto-o pelo corredor, não pelo caminho por onde vim, mas por outro, em direção à saída de emergência. Descemos um lance estreito de escadas, onde os ecos dos nossos pés se sobrepõem, dissonantes e vazios. Quando alcanço o fim da escada, bato na porta de saída.

Zeke a abre com um sorriso idiota no rosto.

— Não teve problemas com a guarda?

— Não.

— Imaginei que seria fácil passar por Drea. Ela não liga para nada.

— Parece que ela já fez vista grossa outras vezes.

— Isso não me surpreenderia. Este é Prior?

— O próprio.

— Por que ele está sangrando?

— Porque é um idiota.

Zeke me oferece uma jaqueta preta com um símbolo dos sem-facção costurado ao colarinho.

— Não sabia que idiotice fazia o nariz das pessoas sangrarem por conta própria.

Coloco a jaqueta sobre os ombros de Caleb e fecho um dos botões em frente ao seu peito. Ele evita os meus olhos.

— Acho que é um novo fenômeno — digo. — O beco está vazio?

— Eu me certifiquei disso. — Zeke me oferece a sua arma. — Cuidado, ela está carregada. Agora, seria ótimo se você me batesse, para que eu pareça mais convincente quando disser para os sem-facção que você a roubou de mim.

— Está me pedindo para bater em você?

— Ah, até parece que você nunca teve vontade. Bate logo, Quatro.

Eu gosto mesmo de bater nas pessoas. Gosto da explosão de poder e energia e da sensação de que sou invencível porque consigo machucá-las. Mas odeio essa parte de mim mesmo, porque é a parte que está mais despedaçada.

Zeke se prepara, e eu cerro o punho.

— Anda logo, seu maricote.

Decido mirar no queixo, que é duro demais para quebrar, mas mesmo assim vai ficar bem roxo. Eu o golpeio, acertando bem onde quero. Zeke

geme, cobrindo o rosto com as mãos. Sinto uma pontada de dor subindo pelo meu braço e sacudo a mão.

— Ótimo. — Zeke cospe na parede do prédio. — Bem, acho que é isso.

— Acho que sim.

— Acho que não o verei novamente, não é? Quer dizer, sei que os outros talvez voltem, mas você... — Ele se interrompe, mas retoma o raciocínio instantes depois. — Parece que você vai ficar feliz em deixar isso tudo para trás, só isso.

— É, acho que você tem razão. — Encaro os meus sapatos. — Tem certeza de que não quer vir?

— Não posso. Shauna não pode ir de cadeira de rodas para onde vocês vão, e não posso abandoná-la, entende? — Ele toca o queixo de leve, para sentir como está. — Não deixe Uri beber muito, está bem?

— Claro — respondo.

— Não, é sério — diz ele, e sua voz fica mais grave, como acontece sempre que ele resolve falar sério para variar. — Prometa que vai cuidar dele.

Sempre foi muito claro para mim, desde que os conheci, que Zeke e Uriah eram mais próximos do que a maioria dos irmãos. Eles perderam o pai ainda jovens, e suspeito que desde então Zeke tenha agido como pai e irmão. Não consigo imaginar como deve estar sendo para Zeke vê-lo deixar a cidade, ainda mais agora que Uriah está tão fragilizado pela morte de Marlene.

— Prometo — digo.

Sei que devo ir, mas preciso me demorar um pouco neste momento, sentindo o seu significado. Zeke foi um dos primeiros amigos que fiz na Audácia após sobreviver à iniciação. Depois, ele trabalhou na sala de controle comigo, observando as câmeras e projetando programas idiotas que enunciavam palavras no monitor ou faziam jogos de adivinhação com números. Ele nunca perguntou o meu verdadeiro nome ou o motivo de um iniciando classificado em primeiro lugar acabar trabalhando nos setores de

segurança e instrução, não em uma posição de liderança. Ele não exigiu nada de mim.

— Vamos nos abraçar de uma vez — diz ele.

Mantendo uma das mãos agarrada com firmeza ao braço de Caleb, abraço Zeke com o braço livre, e ele faz o mesmo.

Quando nos afastamos, puxo Caleb em direção ao beco, mas não consigo resistir e grito para Zeke:

— Vou sentir saudades.

— E eu de você, docinho!

Ele sorri, e seus dentes brancos se sobressaem na meia-luz. Eles são a última coisa que vejo dele antes de virar a esquina e começar a correr na direção do trem.

— Você está indo a algum lugar — diz Caleb, esbaforido. — Você e algumas outras pessoas.

— Sim.

— Minha irmã vai com você?

A pergunta dele acorda uma raiva instintiva dentro de mim, que não será saciada por palavras duras e insultos. Ela só pode ser saciada pelo tapa forte que dou na orelha dele. Ele estremece e se encolhe, preparando-se para um segundo golpe.

Será que era assim que eu ficava quando meu pai me batia?

— Ela não é sua irmã — digo. — Você a traiu. Você a torturou. Arrancou dela a única família que ela ainda tinha. E... para quê? Porque queria guardar os segredos de Jeanine, queria ficar na cidade, são e salvo? Você é um covarde.

— Não sou um covarde! — diz Caleb. — Eu sabia que se...

— Vamos voltar ao acordo no qual você mantém a sua boca calada.

— Tudo bem — concorda ele. — Mas para onde você está me levando, afinal? Você pode me matar aqui mesmo, não é?

Faço uma pausa. Uma forma se move na calçada atrás da gente, seguindo pelo canto de minha visão. Eu me viro e saco a arma, mas a silhueta

desaparece dentro de um beco.

Sigo em frente, puxando Caleb e tentando escutar passos atrás de mim. Pisamos em cacos de vidro. Fico de olho nos edifícios escuros e nas placas de rua penduradas dos postes como folhas de outono que demoraram demais para cair. Então, alcanço a estação onde vamos pegar o trem e conduzo Caleb por um lance de degraus de metal, subindo até a plataforma.

Vejo o trem se aproximando a distância, terminando de atravessar a cidade. Houve um tempo em que os trens eram como uma força da natureza para mim, algo que continuava seguindo o seu caminho, independentemente do que fizéssemos dentro dos limites da cidade. Algo pulsante, vivo e poderoso. Agora que conheço os homens e mulheres que os guiam, um pouco desse mistério desapareceu. Mas o que os trens significam para mim nunca desaparecerá. Meu primeiro ato como membro da Audácia foi saltar para dentro de um, e desse dia em diante eles representaram uma fonte de liberdade, oferecendo-me o poder de me mover dentro deste mundo, um contraponto à época em que eu me sentia tão confinado dentro do setor da Abnegação e da casa que me serviu de prisão.

Quando o trem se aproxima, corto a algema de plástico dos pulsos de Caleb com meu canivete e seguro seu braço com firmeza.

— Você sabe fazer isso, não sabe? — pergunto. — Entre no último vagão.

Ele desabotoa a jaqueta e a joga no chão.

— Está bem.

Partimos correndo de uma das pontas da plataforma sobre as tábuas gastas do chão, acompanhando a porta aberta do vagão. Ele não faz menção de agarrar a barra do trem, então eu o empurro na direção dela. Ele tropeça, depois a agarra e puxa o corpo para dentro do último vagão. Estou ficando sem tempo. A plataforma está prestes a acabar. Agarro a barra e lanço meu corpo para dentro do trem, enquanto meus músculos absorvem o puxão para a frente.

Encontro Tris dentro do vagão, com um sorriso pequeno e torto no rosto. Sua jaqueta preta está fechada até o pescoço, emoldurando seu rosto na escuridão. Ela agarra o meu colarinho, me puxa para perto e me beija. Ao se afastar, ela diz:

— Sempre adorei ver você fazendo isso.

Eu sorrio.

— Este era o seu plano? — pergunta Caleb atrás de mim. — Que ela estivesse presente quando você me matasse? Isso é...

— *Matar*? — pergunta Tris, sem olhar para o irmão.

— É, deixei que ele pensasse que estava sendo levado para a execução — digo alto o bastante para que ele consiga ouvir. — Sabe, mais ou menos como ele fez com você na sede da Erudição.

— Eu... era mentira? — O rosto de Caleb, iluminado pela lua, está em choque. Percebo que os botões da sua camisa estão nas casas erradas.

— É — confirmo. — Na verdade, acabei de salvar a sua vida.

Ele começa a dizer algo, mas eu o interrompo.

— Talvez você não queira me agradecer ainda. Vamos levar você junto com a gente. Para o lado de fora da cerca.

O lado de fora da cerca: o lugar que ele tanto tentou evitar, que o fez se voltar contra a própria irmã. De qualquer maneira, parece-me um castigo pior do que a morte. A morte é tão rápida, tão certa. No lugar para onde estamos indo, nada é certo.

Ele parece assustado, mas não tanto quanto pensei que ficaria. De repente, acho que compreendo suas prioridades: em primeiro lugar, vem a sua vida; em segundo, seu conforto em um mundo criado por ele mesmo; em algum lugar depois dessas coisas, estão as vidas das pessoas que deveria amar. Ele é o tipo de pessoa desprezível que não tem a menor ideia do quanto é desprezível, e insultá-lo não vai mudar isso; nada vai. Não estou com raiva, apenas pesado, impotente.

Não quero mais pensar nele. Seguro a mão de Tris e a puxo para o outro lado do vagão a fim de que possamos assistir à cidade desaparecer atrás de nós. Ficamos parados lado a lado diante da porta aberta, cada um segurando uma das barras. Os edifícios criam um padrão escuro e escarpado no horizonte.

— Nós fomos seguidos — digo.

— Tomaremos cuidado — responde ela.

— Onde estão os outros?

— Nos vagões da frente. Achei melhor ficarmos sozinhos. Ou tanto quanto possível.

Ela sorri para mim. Estes são nossos últimos momentos na cidade. É claro que é melhor passá-los sozinhos.

— Realmente vou sentir saudade deste lugar — diz ela.

— É mesmo? — pergunto. — Estou feliz por estarmos indo embora.

— Você não vai sentir saudade de *nada*? Não tem nenhuma memória boa? — Ela me dá uma cotovelada.

— Está bem. — Eu sorrio. — Tem algumas coisas.

— Alguma que não tenha a ver comigo? — pergunta ela. — Ok, isso soou um pouco egocêntrico. Mas você entendeu.

— Claro, acho que sim — digo, dando de ombros. — Quer dizer, consegui ter uma vida diferente na Audácia, um nome diferente. Eu me transformei no Quatro, graças ao meu instrutor de iniciação. Foi ele quem me deu o apelido.

— Sério? — Ela inclina a cabeça. — Por que não o conheci?

— Ele morreu. Era Divergente. — Dou de ombros mais uma vez, apesar de não me sentir indiferente. Amah foi a primeira pessoa a perceber que eu era Divergente. Mas não conseguiu esconder a própria Divergência e morreu por isso.

Ela toca o meu braço com gentileza, mas não diz nada. Eu me movo, desconfortável.

— Viu? — digo. — Há muitas lembranças ruins aqui. Mal posso esperar para ir embora.

Sinto-me vazio, não por tristeza, mas por alívio. Toda a tensão está fluindo para fora do meu corpo. Evelyn está naquela cidade, e Marcus, toda a tristeza, os pesadelos, as lembranças ruins e as facções, que me prenderam dentro de uma versão única de mim mesmo. Aperto a mão de Tris.

— Olhe — digo, apontando para um conjunto distante de edifícios. — Lá está o setor da Abnegação.

Ela sorri, mas seus olhos estão marejados, como se uma parte dormente dela lutasse para se libertar, derramando-se de seus olhos. O trem chia sobre os trilhos, uma lágrima escorre pela bochecha de Tris, e a cidade desaparece na escuridão.

CAPÍTULO ONZE

Tris

O TREM DESACELERA quando nos aproximamos da cerca, um sinal da condutora de que devemos saltar em breve. Tobias e eu estamos sentados na porta do vagão, que se move devagar sobre os trilhos. Ele coloca o braço ao redor do meu ombro e encosta o nariz no meu cabelo, respirando fundo. Olho para ele, para a sua clavícula, que escapa da gola da camiseta, e para a curva tênue do seu lábio e sinto um calor crescer dentro de mim.

— No que está pensando? — sussurra ele ao meu ouvido.

Volto à realidade bruscamente. Olho para ele o tempo todo, mas não *assim*. Sinto que ele acabou de me pegar fazendo algo vergonhoso.

— Nada! Por quê?

— Por nada. — Ele me puxa mais para perto, e eu encosto a cabeça em seu ombro, respirando fundo o ar fresco. O ar ainda tem cheiro de verão, de grama torrando sob o calor do sol.

— Parece que estamos nos aproximando da cerca — digo.

Dá para perceber, porque os prédios estão desaparecendo, dando lugar aos campos pontilhados pelo brilho ritmado dos vagalumes. Atrás de mim, Caleb está sentado perto da porta, abraçando os joelhos. Seu olhos encontram os meus no pior momento, e quero gritar para as partes mais sombrias dele, para que ele possa enfim me ouvir e entender o que fez comigo, mas apenas o encaro de volta, até que ele não aguenta mais e desvia o olhar.

Levanto-me usando a barra da porta para me equilibrar, e Tobias e Caleb fazem o mesmo. A princípio, Caleb tenta ficar atrás de nós, mas Tobias o empurra para a frente, até a beirada do vagão.

— Você primeiro — diz ele. — Um, dois três e... já!

Ele empurra Caleb apenas o suficiente para fazê-lo saltar do vagão, e meu irmão desaparece. Tobias salta em seguida, e eu fico sozinha dentro do vagão.

É idiotice sentir saudade de algo quando há tantas pessoas de quem eu deveria estar sentindo saudade, mas a verdade é que já sinto saudade deste trem e de todos os outros que me carregaram através da cidade, da *minha* cidade, depois que juntei coragem o suficiente para andar neles. Corro os dedos pela parede do vagão, depois salto. O trem está se movendo tão devagar que tento compensar na minha aterrissagem, acostumada a ter que correr contra o momentum, e desabo no chão. A grama seca arranha as palmas das minhas mãos e eu me levanto, procurando Tobias e Caleb na escuridão.

Antes de encontrá-los, ouço Christina:

— Tris!

Ela e Uriah vêm ao meu encontro. Ele está carregando uma lanterna e parece bem mais alerta do que mais cedo, o que é um bom sinal. Há mais luzes e vozes atrás deles.

— Seu irmão veio? — pergunta Uriah.

— Veio. — Enfim vejo Tobias segurando o braço de Caleb e vindo ao nosso encontro.

— Não sei como alguém da Erudição não consegue entender isso — diz Tobias —, mas você não vai conseguir fugir de mim.

— Ele tem razão — fala Uriah. — Quatro é rápido. Não tão rápido quanto eu, mas, sem dúvida, mais rápido do que um Cimento como você.

Christina solta uma risada.

— Um o quê? — pergunta ela.

— Um Cimento. É um trocadilho. Vem de "conhecimento", por causa da Erudição... entendeu? É como chamar alguém de Careta.

— As pessoas da Audácia usam gírias muito estranhas. Maricote, Cimento... Vocês têm algum apelido para os membros da Franqueza?

— É claro que sim — diz Uriah, sorrindo. — Imbecis.

Christina empurra Uriah com força, e ele derruba a lanterna. Tobias solta uma gargalhada e nos guia em direção ao restante do grupo, a alguns metros de distância. Tori balança a lanterna no ar para chamar a atenção de todos.

— Vamos lá — diz ela. — Johanna e as caminhonetes estão a cerca de dez minutos a pé daqui, então é melhor seguirmos em frente. Se eu ouvir um pio de qualquer um de vocês, espancarei a pessoa até ela desmaiar. Ainda não saímos da cidade.

Nós nos aproximamos uns dos outros. Tori caminha alguns metros à frente e de costas, no escuro, ela me lembra Evelyn, com braços e pernas esguios e definidos, e os ombros puxados para trás, tão segura de si que é quase assustadora. Sob a luz das lanternas, mal consigo ver a tatuagem de gavião na sua nuca. Foi a primeira coisa sobre a qual conversamos quando ela aplicou meu teste de aptidão. Tori me disse que o gavião simbolizava um medo que ela havia superado, o medo do escuro. Será que esse medo ainda a incomoda, depois de se esforçar tanto para enfrentá-lo? Será que medos desaparecem de fato ou apenas perdem o seu poder sobre nós?

Ela está cada vez mais longe de nós, em um ritmo mais de corrida do que de caminhada. Está ansiosa para deixar a cidade, para escapar deste lugar onde o irmão foi assassinado e ela assumiu um papel de destaque, mas foi frustrada por uma mulher sem-facção que nem deveria estar viva.

Ela está tão à frente que, quando os tiros são disparados, vejo apenas a sua lanterna desabar, e não seu corpo.

— Dividam-se! — ruge Tobias sobre o som dos nossos gritos, do nosso caos. — Corram!

Em meio à escuridão, procuro a sua mão, mas não encontro. Saco a arma que Uriah me deu antes de sairmos e a aponto para a frente, ignorando a maneira como segurá-la faz minha garganta se fechar. Não posso correr na escuridão da noite. Preciso de luz. Corro na direção do corpo caído de Tori, de sua lanterna.

Ouço, mas sem ouvir, os tiros, os gritos e as pessoas correndo. Ouço, mas sem ouvir, o batimento do meu coração. Agacho-me ao lado do feixe de luz que ela deixou cair e pego a lanterna, com a intenção de apenas agarrá-la e sair correndo, mas, sob a luz, vejo o rosto dela. Está brilhando de suor, e seus olhos estão girando sob as pálpebras, como se ela estivesse procurando alguma coisa, mas estivesse cansada demais para achar.

Uma das balas atingiu sua barriga, e a outra, o seu peito. Tori não vai sobreviver. Eu posso até estar com raiva dela por ter lutado comigo no laboratório de Jeanine, mas ela continua sendo Tori, a mulher que guardou o segredo da minha Divergência. Minha garganta se aperta quando me lembro da vez que a segui para dentro da sala do teste de aptidão, com os olhos fixos em sua tatuagem de gavião.

Seus olhos se viram na minha direção e me encaram. Ela franze as sobrancelhas, mas não fala nada.

Mudo a posição da lanterna, travando-a com o polegar, e seguro a sua mão, apertando seus dedos suados.

Ouço alguém se aproximar e aponto a lanterna e a arma na mesma direção. O feixe de luz atinge uma mulher usando uma braçadeira dos sem-facção, que aponta uma arma para a minha cabeça. Disparo, cerrando os dentes com tanta força que eles rangem.

A bala atinge a barriga da mulher, e ela solta um grito, atirando cegamente na direção da luz.

Olho mais uma vez para Tori. Seus olhos estão fechados, e seu corpo está imóvel. Apontando a minha lanterna para o chão, corro para longe dela e da mulher em quem acabei de atirar. Minhas pernas doem, e meus pulmões ardem. Não sei para onde estou indo, se estou correndo para perto ou para longe do perigo, mas continuo correndo pelo máximo de tempo possível.

Por fim, vejo uma luz a distância. A princípio, acho que é outra lanterna, mas, ao me aproximar, percebo que é maior e mais estável do que uma lanterna. É um farol. Ouço o som de um motor e me agacho na grama alta para

me esconder, desligando a minha lanterna e mantendo a arma apontada. A caminhonete desacelera, e ouço uma voz:

— Tori?

Parece a voz de Christina. A caminhonete é vermelha e enferrujada: um veículo da Amizade. Eu me levanto, apontando a lanterna para mim mesma, para ela saber que sou eu. A caminhonete para a alguns metros de mim, e Christina salta do banco do carona, me abraçando. Eu repito a cena na minha cabeça para torná-la real: o corpo de Tori desabando, as mãos da mulher sem-facção cobrindo a própria barriga. Não está dando certo. Nada parece real.

— Graças a Deus — diz Christina. — Entre. Vamos encontrar Tori.

— Tori morreu — digo com clareza, e a palavra "morreu" torna aquilo tudo real para mim. Enxugo as lágrimas das minhas bochechas com as costas das mãos e me esforço para controlar minha respiração trêmula. — Eu... eu atirei na mulher que a matou.

— O quê? — Johanna parece desvairada. Ela se inclina para fora do banco do motorista. — O que disse?

— Tori se foi — repito. — Eu vi tudo.

A expressão de Johanna é ocultada por seu cabelo. Ela respira com dificuldade.

— Bem, então vamos encontrar os outros.

Entro na caminhonete. O motor ronca quando Johanna pisa no acelerador, e chacoalhamos sobre a grama à procura dos outros.

— Você viu algum deles? — pergunto.

— Alguns. Cara, Uriah. — Johanna balança a cabeça. — Ninguém mais.

Seguro a maçaneta da porta e aperto. Se eu tivesse me esforçado mais para encontrar Tobias... Se não tivesse parado para ficar com Tori...

E se Tobias não tiver sobrevivido?

— Eles devem estar bem — diz Johanna. — O seu garoto sabe se virar.

Concordo com a cabeça, não muito convencida. Tobias sabe se virar, mas, em um ataque, a sobrevivência é acidental. Não é uma questão de habilidade ficar parado onde nenhuma bala o atinja ou atirar no escuro e acertar uma pessoa que você não estava vendo. É tudo uma questão de sorte ou providência, dependendo da sua crença. E eu não sei, nem nunca soube, bem no que acredito.

Ele está bem ele está bem ele está bem.

Tobias está bem.

Minhas mãos tremem, e Christina aperta o meu joelho. Johanna segue em direção ao ponto de encontro, onde viu Uriah e Cara. Vejo o ponteiro do velocímetro subir, depois parar no número cento e vinte. Esbarramos uma na outra no banco do carona, sendo jogadas de um lado para outro pelo terreno irregular.

— Ali! — Christina aponta. Há um amontoado de luzes à nossa frente. São pequenos pontos que parecem lanternas com outras luzes ao redor, como faróis.

Chegamos mais perto, e o vejo. Tobias está sentado na capota da outra caminhonete com o braço encharcado de sangue. Cara está parada diante dele com um kit de primeiros socorros. Caleb e Peter estão sentados na grama, a alguns metros de distância. Antes que Johanna consiga frear por completo, abro a porta e salto da caminhonete, e corro em direção a ele. Tobias se levanta, ignorando as ordens de Cara para ficar parado, e nos encontramos, e ele me abraça com o braço que não está ferido e me levanta do chão. Suas costas estão molhadas de suor, e, quando ele me beija, tem gosto de sal.

Todos os nós de tensão dentro de mim se desfazem de repente. Sinto, por apenas um instante, que estou refeita, nova em folha.

Ele está bem. Estamos saindo da cidade. Ele está bem.

CAPÍTULO DOZE

Tobias

Meu braço lateja, como um segundo batimento cardíaco, por causa do tiro que levei de raspão. A mão de Tris esbarra na minha quando ela a levanta para apontar na direção de algo à direita: uma série de construções compridas e baixas, iluminadas por lâmpadas azuis de emergência.

— O que é aquilo? — pergunta Tris.

— São as outras estufas — explica Johanna. — Elas não exigem muita mão de obra, mas cultivamos e criamos produtos em grande quantidade lá, como animais, material bruto para tecidos e trigo, entre outras coisas.

Os painéis das estufas brilham sob a luz das estrelas, obscurecendo os tesouros que imagino existirem dentro delas, como pequenas plantas cheias de frutas penduradas dos seus galhos ou fileiras de batateiras enfiadas na terra.

— Vocês não as mostram aos visitantes — digo. — Nós nunca vimos essas estufas antes.

— A Amizade guarda alguns segredos — diz Johanna com orgulho.

A estrada que seguimos é longa e reta, marcada por rachaduras e lombadas. Nas laterais, encontram-se árvores retorcidas, postes de luz quebrados, antigos cabos de eletricidade. De vez em quando, encontramos um pedaço isolado de calçada, com ervas daninhas arrebentando o concreto, ou uma pilha de madeira em decomposição onde antes havia uma casa.

Quanto mais tempo penso sobre esta paisagem, que todo patrulheiro da Audácia foi ensinado a acreditar ser normal, mais vejo uma velha cidade surgir ao meu redor, com construções mais baixas do que as que deixamos para trás, mas tão numerosas quanto as outras. Uma cidade antiga que foi

transformada em um campo para que a Amizade pudesse cultivar seus produtos. Em outras palavras, uma cidade antiga que foi demolida, incendiada e completamente destruída, onde até as estradas desapareceram e a natureza tomou conta dos escombros.

Boto a mão para fora da janela, e o vento passa pelos meus dedos como mechas de cabelo. Quando eu era muito jovem, minha mãe fingia que conseguia moldar objetos de vento e me dava coisas para usar, como martelos e pregos, espadas ou patins. Era um jogo que fazíamos de noitinha, no jardim em frente à nossa casa, antes que Marcus voltasse do trabalho. Era algo que ajudava a nos distrair do nosso medo.

Na caçamba da caminhonete, atrás de nós, viajam Caleb, Christina e Uriah. Christina e Uriah estão próximos o bastante para que seus ombros encostem, mas olham em direções diferentes, mais como estranhos do que amigos. Logo atrás de nós, vem outra caminhonete, dirigida por Robert, com Cara e Peter. Tori deveria estar com eles. Pensar nisso me faz sentir oco, vazio. Ela aplicou meu teste de aptidão. Ela me fez pensar, pela primeira vez, que eu poderia deixar a Abnegação. Que eu precisava fazer isso. Sinto que devo algo a ela, mas ela morreu antes que eu pudesse pagar a dívida.

— Chegamos — anuncia Johanna. — Este é o limite das patrulhas da Audácia.

Não há qualquer cerca ou muro separando o complexo da Amizade do mundo externo, mas eu me lembro de monitorar as patrulhas da Audácia a partir da sala de controle para me certificar de que não passassem do limite, marcado por uma série de placas com um *X*. As patrulhas eram estruturadas para que o combustível de suas caminhonetes acabasse se elas fossem longe demais, um delicado sistema de controle equilibrado, que preserva a nossa segurança e a deles. Percebo agora que o sistema era também uma forma de guardar o segredo da Abnegação.

— Você já ultrapassou o limite? — pergunta Tris.

— Algumas vezes — diz Johanna. — Era responsabilidade nossa lidar com esse tipo de situação quando ocorria.

Tris a olha de maneira estranha, e ela dá de ombros.

— Toda facção tem seu soro — explica Johanna. — O soro da Audácia oferece alucinações, o da Franqueza oferece a verdade, o da Amizade oferece a paz, o da Erudição oferece a morte... — Ao ouvir aquilo, Tris estremece de maneira visível, mas Johanna continua, como se nada tivesse acontecido. — E o da Abnegação apaga a memória.

— *Apaga* a memória?

— Como a memória de Amanda Ritter — digo. — Ela disse, "Há muitas coisas que ficarei feliz em esquecer", lembra?

— Sim, muito bem — diz Johanna. — A Amizade é encarregada de administrar o soro da Abnegação a qualquer pessoa que ultrapasse o limite, em uma quantidade que a faça esquecer apenas aquela experiência. Tenho certeza de que alguns já conseguiram escapar sem que percebêssemos, mas não muitos.

Ficamos calados. Reviro aquela informação na minha mente sem parar. Há algo profundamente errado em roubar as memórias de uma pessoa. Embora eu saiba que era necessário manter a cidade segura pelo tempo que fosse preciso, pensar sobre o assunto me causa um desconforto no fundo do estômago. Se você rouba as memórias de uma pessoa, você muda quem ela é.

Dentro de mim, cresce a sensação de desconforto, porque, quanto mais nos afastamos dos limites das patrulhas da Audácia, mais perto estamos de ver o que existe do lado de fora do único mundo que jamais conheci. Sinto pavor, empolgação, confusão e outras centenas de sentimentos ao mesmo tempo.

Vejo algo adiante, na luz da manhãzinha, e agarro a mão de Tris.

— Vejam — digo.

CAPÍTULO TREZE

Tris

O MUNDO ALÉM do nosso é cheio de estradas, edifícios escuros e cabos de eletricidade arrancados.

Não existe vida nele, pelo que consigo ver; nenhum movimento e nenhum som, fora o vento e meus próprios passos.

É como a paisagem de uma frase interrompida, com um lado pairando no ar, inacabado, e o outro, um assunto completamente diferente. No nosso lado da frase, há terreno vazio, grama e trechos de estradas. Do outro, há dois muros de concreto com meia dúzia de trilhos de trem entre eles. Mais adiante, há uma ponte de concreto que atravessa os dois muros, e nas beiradas dos trilhos há edifícios de madeira, tijolo e vidro, com janelas escuras e árvores crescendo ao redor, tão selvagens que seus galhos se juntaram ao crescer.

Em uma placa à direita, está escrito "90".

– O que faremos agora? – pergunta Uriah.

– Seguiremos os trilhos – digo, mas bem baixinho, e só eu escuto.

+ + +

Saltamos das caminhonetes na fronteira entre o nosso mundo e o deles, sejam "eles" quem forem. Robert e Johanna acenam um breve adeus, manobram as caminhonetes e voltam para a cidade. Eu os vejo irem embora. Não consigo imaginar chegar tão longe e depois voltar, mas eles realmente têm coisas para fazer na cidade. Johanna ainda precisa organizar uma rebelião Leal.

Eu, Tobias, Caleb, Peter, Christina, Uriah e Cara, ou seja, quem sobrou, seguimos os trilhos com as poucas coisas que trouxemos conosco.

Os trilhos não são iguais aos da cidade. São polidos e lisos, e, em vez das tábuas posicionadas de modo perpendicular aos trilhos, há lâminas de metal texturizado. Mais adiante, vejo um dos trens que corre sobre eles abandonado perto de um muro. Ele é chapeado de metal no teto e na frente, como um espelho, com janelas coloridas por toda a lateral. Ao nos aproximarmos, vejo fileiras de assentos lá dentro, com almofadas cor de vinho. Não parece ser o tipo de trem do qual as pessoas saltem.

Tobias caminha atrás de mim sobre um dos trilhos, com os braços abertos para se equilibrar. Os outros estão espalhados pelos trilhos, Peter e Caleb, perto de um dos muros; e Cara, perto do outro. Ninguém fala muito, exceto para indicar algo novo, como uma placa, um edifício ou uma pista de como este mundo talvez tenha sido quando ainda havia pessoas nele.

Só os muros de concreto já chamam a minha atenção. Eles estão cobertos com retratos estranhos de pessoas de pele tão macia que mal parecem humanas ou com potes de xampu, condicionador, vitaminas ou outras substâncias que não conheço, com palavras que não entendo, como "vodca", "Coca-Cola" e "bebida energética". As cores, formas, palavras e imagens são tão espalhafatosas, tão abundantes, que se tornam fascinantes.

— Tris. — Tobias apoia a mão no meu ombro, e eu paro.

Ele inclina a cabeça e diz:

— Está ouvindo isso?

Ouço os passos e as vozes baixas dos nossos companheiros. Ouço a minha própria respiração e a dele. Mas, sob elas, há um ruído surdo e baixo, inconsistente em sua intensidade. Parece o som de um motor.

— Parem, todos! — grito.

E, para a minha surpresa, todos me obedecem, até mesmo Peter, e nos agrupamos no meio dos trilhos. Vejo Peter sacar e levantar sua arma, e faço o

mesmo com as duas mãos juntas para mantê-la estável, lembrando a facilidade com a qual costumava empunhá-la, que já não existe mais.

Algo dobra a esquina adiante. Uma caminhonete preta, maior do que qualquer outra que já vi, grande o bastante para carregar uma dúzia de pessoas em sua caçamba coberta.

Sinto um calafrio.

A caminhonete segue chacoalhando sobre os trilhos e para a seis metros de nós. Consigo ver o motorista. Ele tem a pele escura e o cabelo longo, preso em um nó atrás da cabeça.

— Meu Deus — diz Tobias, segurando a arma com mais firmeza.

Uma mulher sai do banco do carona. Parece ter mais ou menos a idade da Johanna, a pele coberta de sardas escuras e o cabelo tão escuro que é quase preto. Ela salta até o chão e levanta as duas mãos para mostrar que está desarmada.

— Olá — diz ela com um sorriso nervoso. — Meu nome é Zoe. E este é Amah.

Ela inclina a cabeça para o lado, para indicar o motorista, que também saltou da caminhonete.

— Amah está morto — diz Tobias.

— Não estou, não. Venha, Quatro — chama Amah.

O rosto de Tobias está tenso de medo. É compreensível. Não é todo dia que vemos alguém de que gostamos retornar do mundo dos mortos.

Vejo os rostos de todas as pessoas que perdi. Lynn. Marlene. Will. Al.

Meu pai. Minha mãe.

E se ainda estiverem vivos, como Amah? E se a cortina que nos separa não for a morte, mas uma cerca de arame e uma extensão de terra?

Não consigo afastar essa esperança, por mais tolo que possa parecer.

— Trabalhamos para a mesma organização que fundou a sua cidade — diz Zoe, olhando para Amah. — A mesma organização de onde veio Edith Prior. E...

Ela enfia a mão no bolso e retira uma foto parcialmente amassada. Estende a foto em nossa direção, e então seus olhos encontram os meus em meio ao grupo de pessoas e armas.

— Acho que você deveria ver isto, Tris — diz ela. — Vou dar um passo à frente e deixar a foto no chão, depois recuar. Tudo bem?

Ela sabe o meu nome. O medo aperta a minha garganta. *Como* ela sabe o meu nome? Não apenas meu nome, mas meu apelido, o nome que escolhi quando me juntei à Audácia?

— Tudo bem — respondo, mas minha voz soa rouca, e as palavras são quase inaudíveis.

Zoe dá um passo à frente, repousa a foto sobre os trilhos, depois recua. Deixo a segurança do nosso grupo e me agacho perto da foto, sem tirar os olhos dela. Depois, volto para o grupo com a foto na mão.

Na imagem, vejo uma fileira de pessoas diante de uma cerca de arame, com os braços apoiados nos ombros e costas uns dos outros. Vejo uma versão infantil de Zoe, identificável pelas sardas, e algumas pessoas que não reconheço. Prestes a perguntar por que estou olhando aquela foto, vejo uma jovem de cabelo loiro-claro, preso para trás, e um sorriso largo.

Minha mãe. O que ela está fazendo junto daquelas pessoas?

Algo, uma mistura de sofrimento, dor e saudade, aperta o meu peito.

— Há muito o que explicar — diz Zoe. — Mas este não é o melhor lugar para isso. Gostaríamos de levá-los até a nossa sede. Fica a uma distância curta de carro daqui.

Ainda com a arma em punho, Tobias encosta no meu pulso com a mão livre, trazendo a foto para mais perto do seu rosto.

— Esta é a sua mãe? — pergunta ele.

— É a mamãe? — pergunta Caleb. Ele abre caminho esbarrando em Tobias para conseguir ver a foto por cima do meu ombro.

— É — respondo para os dois.

— Você acha que devemos confiar neles? — pergunta Tobias baixinho, apenas para mim.

Zoe não me parece mentirosa, nem soa como uma. E, se ela sabe quem eu sou, e soube como nos encontrar aqui, deve ser porque tem algum acesso à cidade, o que significa que deve estar falando a verdade a respeito de ter feito parte do grupo de Edith Prior. E também há Amah, que está observando cada movimento de Tobias.

— Viemos até aqui porque queríamos encontrar estas pessoas — digo. — Precisamos confiar em alguém, não é? Senão vamos simplesmente continuar caminhando por este cenário devastado e talvez até morrer de fome.

Tobias solta o meu pulso e baixa a arma. Faço o mesmo. Os outros aos poucos nos imitam, e Christina é a última a baixar a sua.

— Aonde quer que vocês nos levem, teremos a liberdade de ir embora quando quisermos — diz Christina. — Está certo?

Zoe pousa a mão no peito, bem acima do coração.

— Prometo.

Espero, por todos nós, que a promessa dela valha alguma coisa.

CAPÍTULO QUATORZE

Tobias

FICO EM PÉ na beirada da caçamba da caminhonete, segurando a estrutura que sustenta a cobertura de pano. Gostaria que esta nova realidade fosse uma simulação possível de ser manipulada e que eu pudesse pelo menos compreendê-la. Mas ela não é uma simulação, e não consigo compreendê-la.

Amah está vivo.

Um dos comandos preferidos dele durante a minha iniciação era: "Adapte-se!" Às vezes, ele gritava isso tanto que invadia meus sonhos; eu era acordado por aquilo, como um despertador, exigindo mais de mim do que eu conseguia dar. *Adapte-se*. Adapte-se mais rápido, adapte-se melhor, adapte-se a coisas às quais ninguém deveria ter que se adaptar.

Como esta: deixar um mundo completamente formado e descobrir outro.

Ou esta: descobrir que seu amigo morto na verdade está vivo e está dirigindo a caminhonete onde você se encontra.

Tris está sentada atrás de mim, em um banco no interior da caçamba, com a foto amassada em suas mãos. Seus dedos pairam sobre o rosto da mãe, quase encostando nele, mas sem chegar a tocá-lo. Christina e Caleb estão sentados junto dela, um de cada lado. Ela deve estar permitindo que ele fique ali só para ver a foto; mas todo o seu corpo o evita, espremendo-se contra o de Christina.

– É a mãe de vocês? – pergunta Christina.

Tris e Caleb assentem.

– Ela está tão jovem na foto. E bonita também – diz Christina.

– Ela é mesmo. Quer dizer, era.

Esperava que a resposta de Tris soasse triste, como se a memória da beleza desvanecente de sua mãe causasse dor. Mas sua resposta é nervosa, e seus lábios estão contraídos de expectativa. Espero que ela não esteja alimentando falsas esperanças.

— Deixe-me ver — diz Caleb, estendendo a mão na direção da irmã.

Em silêncio e sem de fato olhar para ele, ela lhe entrega a foto.

Volto a observar o mundo que estamos deixando para trás, para o final dos trilhos. Os enormes campos desertos. E, a distância, o Eixo, quase invisível em meio à bruma que cobre o horizonte da cidade. É uma sensação estranha ver o Eixo deste lugar, como se ainda pudesse tocá-lo ao esticar bem o braço, embora tenha viajado para tão longe.

Peter vai até a beirada da caçamba, para o meu lado, segurando o pano para se equilibrar. Os trilhos de trem fazem uma curva na direção oposta da nossa, e não consigo mais ver os campos. Os muros dos dois lados do nosso caminho desaparecem aos poucos enquanto o terreno se torna mais plano, e vejo edifícios por toda parte, alguns pequenos, como as casas da Abnegação, e outros largos, como prédios urbanos virados de lado.

Árvores, descuidadas e enormes, crescem para além das estruturas de cimento que deveriam cercá-las, e suas raízes se espalham pelas calçadas. Uma fila de pássaros negros, como os tatuados na clavícula de Tris, encontra-se empoleirada na beirada de um dos telhados. Quando a caminhonete passa, eles guincham e voam.

Este é um mundo selvagem.

De repente, não consigo mais aguentar aquilo e preciso me afastar da beirada e me sentar em um dos bancos. Apoio a cabeça nas mãos, os olhos fechados para não absorver mais nada. Sinto o braço forte de Tris nas minhas costas, puxando-me para o lado, para perto de seu corpo pequeno. Minhas mãos estão dormentes.

— Concentre-se apenas no aqui e agora — diz Cara do outro lado da caçamba. — Na maneira como a caminhonete está se movendo. Isso ajudará.

Eu tento. Penso em como o banco em que estou sentado é duro e em como a caminhonete vibra mesmo quando o terreno é plano, causando um zunido em meus ossos. Detecto seus movimentos suaves, para a esquerda e para a direita, para a frente e para trás, e absorvo cada quique quando o automóvel passa por cima dos trilhos. Concentro-me até que tudo ao nosso redor escurece e não sinto mais a passagem do tempo ou o pânico da descoberta. Sinto apenas o nosso movimento sobre a terra.

— Acho que você deveria olhar agora — diz Tris com uma voz fraca.

Christina e Uriah estão em pé onde eu estava, olhando por trás do pano. Espio atrás dos seus ombros, para ver para onde estamos indo. Há uma grade alta que se estende pela paisagem. Parece vazia comparada aos vários edifícios que vi antes de me sentar. A cerca é composta de barras pretas verticais e pontiagudas que apontam para fora, como se estivesse destinada a espetar qualquer pessoa que tentasse passar por cima dela.

A alguns metros de distância, vejo outra cerca de arame, como a que envolve a cidade, com arame farpado enrolado em cima. Ouço um zumbido alto vindo da segunda cerca, uma carga elétrica. Pessoas caminham no espaço que as divide, carregando armas parecidas com as nossas armas de paintball, mas muito mais letais e poderosas do que elas.

Em uma placa presa à primeira cerca, está escrito: DEPARTAMENTO DE AUXÍLIO GENÉTICO.

Ouço a voz de Amah conversando com os guardas armados, mas não sei o que está dizendo. Um portão na primeira cerca se abre para nos deixar entrar, e depois um portão na segunda. Após as duas cercas, encontra-se... a ordem.

Até onde consigo ver, a paisagem é tomada por edifícios baixos separados por gramados aparados e mudas de árvores. As ruas que conectam os edifícios são bem-cuidadas e sinalizadas, com setas apontando para várias direções: ESTUFAS, em frente; POSTO DE SEGURANÇA, esquerda; RESIDÊNCIAS DOS OFICIAIS, direita; COMPLEXO PRINCIPAL, em frente.

Eu me levanto e me debruço na caminhonete para ver o complexo, metade do meu corpo pendurado para fora. O Departamento de Auxílio Genético não é alto, mas, mesmo assim, é enorme, mais largo do que consigo ver, um gigante de vidro, aço e concreto. Atrás do complexo, vejo algumas torres altas com pontas arredondadas. Não sei por quê, mas elas me lembram a sala de controle, e me pergunto se é mesmo isso que elas são.

Fora os guardas entre as grades, vejo poucas pessoas. As que vejo param para nos olhar, mas passamos tão rápido de caminhonete que não consigo ver suas expressões.

Paramos diante de portas duplas, e Peter é o primeiro a saltar. Nós o seguimos, saltando para a calçada atrás dele, e ficamos colados uns nos outros, tão perto que consigo ouvir o ritmo da respiração de cada um. Na cidade, nós nos dividíamos por facção, idade, histórico, mas aqui todas as divisões desaparecem. Só temos uns aos outros.

— Lá vamos nós — murmura Tris quando Zoe e Amah se aproximam.

Lá vamos nós, repito para mim mesmo.

+ + +

— Sejam bem-vindos ao complexo — diz Zoe. — Este edifício costumava ser o Aeroporto O'Hare, um dos mais movimentados dos Estados Unidos. Hoje, ele é a sede do Departamento de Auxílio Genético, ou simplesmente o Departamento, como o conhecemos por aqui. É uma agência do governo dos Estados Unidos.

Sinto o meu rosto ficar inexpressivo. Conheço todas as palavras que ela está dizendo, mas não sei bem o que os termos "aeroporto" e "estados unidos" significam, e a frase não está fazendo muito sentido de maneira geral. Não sou o único que parece confuso. Peter ergue as sobrancelhas, como se quisesse fazer uma pergunta.

— Desculpem-me — diz ela. — Esqueço que vocês não sabem muita coisa.

— Acho que a culpa de não sabermos nada é de *vocês*, e não *nossa* — diz Peter.

— É melhor eu reformular a minha frase. — Zoe sorri com delicadeza. — Esqueço que fornecemos poucas informações a vocês. Aeroportos são centros para viagens aéreas, e...

— Viagens *aéreas*? — pergunta Christina, incrédula.

— Um dos avanços tecnológicos sobre os quais não era necessário que soubéssemos quando estávamos dentro da cidade eram as viagens aéreas — diz Amah. — Elas são seguras, rápidas e incríveis.

— Uau! — exclama Tris.

Ela parece animada. Eu, no entanto, quando penso em voar pelo céu, bem acima do complexo, sinto vontade de vomitar.

— Enfim. Quando os experimentos começaram a ser desenvolvidos, o aeroporto foi convertido neste complexo para que pudéssemos monitorar os experimentos a distância — diz Zoe. — Vou levá-los até a sala de controle, para que vocês conheçam David, o líder do Departamento. Vocês verão muitas coisas que não entenderão, mas é melhor receberem algumas explicações preliminares antes de começarem a me fazer perguntas. Portanto, lembrem-se das coisas sobre as quais desejam aprender mais e sintam-se à vontade para perguntar a mim ou a Amah sobre elas depois.

Ela começa a andar na direção da entrada, e as portas se abrem para deixá-la passar, puxadas por dois guardas armados que a cumprimentam com um sorriso. O contraste entre a saudação simpática e as armas apoiadas em seus ombros é quase engraçado. As armas são enormes, e me pergunto qual deve ser a sensação de dispará-las e se é possível sentir seu poder mortal apenas apoiando o dedo no gatilho.

O ar gelado atinge meu rosto quando entro no complexo. Janelas arqueiam-se, altas, sobre a minha cabeça, deixando entrar uma luz fraca, mas esse é o aspecto mais interessante do lugar. O chão de azulejos está opaco por causa da sujeira e porque é antigo, e as paredes são cinzentas e vazias. À nossa

frente, há um mar de pessoas e máquinas, e uma placa sobre elas diz: POSTO DE VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA. Não entendo por que eles precisam de tanta segurança se já estão protegidos por duas cercas, uma delas eletrificada, e algumas fileiras de guardas, mas este não é o meu mundo, e não devo questioná-lo.

Não, este definitivamente não é o meu mundo.

Tris encosta no meu ombro e aponta para o longo saguão de entrada.

– Veja só.

Do outro lado do recinto, fora do posto de verificação de segurança, encontra-se um enorme bloco de pedra e um aparato de vidro suspenso sobre ele. É um claro exemplo das coisas que veremos aqui e que não entenderemos. Também não entendo a avidez que vejo nos olhos de Tris, devorando tudo ao redor, como se só aquilo fosse capaz de nutri-la. Às vezes, acho que somos iguais, mas outras, como agora, parece que a diferença entre nossas personalidades nos leva a dar de cara contra uma parede.

Christina diz algo para Tris e as duas sorriem. Tudo que ouço está abafado e distorcido.

– Você está bem? – pergunta Cara.

– Estou – respondo de forma automática.

– Sabe, seria bastante lógico você entrar em pânico agora – diz ela. – Não precisa ficar insistindo o tempo todo na sua masculinidade inabalável.

– A minha... o quê?

Ela sorri, e percebo que está brincando.

Todas as pessoas do posto de verificação de segurança abrem caminho para nós, formando um túnel para atravessarmos. À nossa frente, Zoe anuncia:

– Armas não são permitidas dentro do edifício, mas, ao deixarem as suas no posto de verificação de segurança, podem pegá-las novamente ao sair se desejarem. Depois que vocês as entregarem, passaremos pelos detectores e poderemos seguir em frente.

— Essa mulher é irritante — diz Cara.

— O quê? — pergunto. — Por quê?

— Ela não consegue se distanciar do próprio conhecimento — diz ela enquanto pega a sua arma. — Fica falando coisas como se fossem óbvias, mesmo quando está claro que não são.

— Tem razão — concordo sem convicção. — Isso é mesmo irritante.

À minha frente, vejo Zoe colocar sua arma em um recipiente cinza e entrar no detector, uma caixa do tamanho de uma pessoa, com um túnel no meio, onde mal passa um ser humano. Saco a minha arma, ainda pesada com as balas que não usei, e a coloco no recipiente que o guarda me entrega, onde se encontram todas as outras armas.

Vejo Zoe passando pelo detector, depois Amah, Peter, Caleb, Cara e Christina. Ao alcançar a beirada do detector, com suas paredes que me esmagarão, sinto o começo de um novo ataque de pânico. Minhas mãos ficam dormentes, e meu peito aperta. O detector me lembra da caixa de madeira que me cerca na paisagem do medo, espremendo os meus ossos.

Não posso, não vou entrar em pânico aqui.

Forço os meus pés a entrarem no detector e paro no meio, onde todos os outros pararam. Ouço algo se movendo dentro das paredes nos dois lados, depois ouço um apito agudo. Estremeço e tudo o que vejo é a mão do guarda pedindo para que eu siga em frente.

Já posso escapar.

Saio do detector, cambaleante, e o ar se abre ao meu redor. Cara me olha fixamente, mas não fala nada.

Quando Tris passa pelo detector e segura a minha mão, quase não a sinto. Lembro-me de passar pela minha paisagem do medo com ela, dos nossos corpos apertados um contra o outro dentro da caixa de madeira que nos aprisionava, da palma da minha mão em seu peito, sentindo seu batimento cardíaco. Isso é o bastante para me trazer de volta à realidade.

Depois que Uriah passa pelo detector, Zoe faz um sinal para que sigamos em frente.

Após o posto de verificação de segurança, o edifício não é tão decrépito quanto antes. O chão ainda é de ladrilho, mas eles estão perfeitamente polidos, e há janelas por toda parte. Seguindo um longo corredor, vejo fileiras de mesas de laboratório e computadores que me lembram da sede da Erudição, embora este ambiente seja mais claro, e não pareça haver nada escondido aqui.

Zoe nos guia por um corredor mais escuro à direita. Ao passarmos pelas pessoas, elas param para nos observar, e sinto seus olhares em mim, como pequenos raios de calor, me esquentando da garganta às bochechas.

Andamos por muito tempo, adentrando cada vez mais o complexo, e Zoe para, virando-se para nós.

Atrás dela, há um grande círculo de monitores apagados, como mariposas ao redor de uma chama. Pessoas dentro do círculo estão sentadas diante de mesas baixas, digitando furiosamente em outros monitores, que por sua vez estão voltados para fora, e não para dentro. É uma sala de controle, mas aberta, e não sei ao certo o que estão observando aqui, já que todos os monitores parecem apagados. Amontoados ao redor dos monitores voltados para dentro há cadeiras, bancos e mesas, como se pessoas tivessem se reunido ali para assistir aos monitores por puro prazer.

Alguns metros à frente da sala de controle está um homem mais velho com um sorriso no rosto e um uniforme azul-escuro como os de todas as outras pessoas. Ao notar a nossa aproximação, ele abre os braços para nos dar boas-vindas. Imagino que seja David.

— Isto — diz o homem — é o que estamos esperando desde o princípio.

CAPÍTULO QUINZE

Tris

Tiro a foto do bolso. O homem diante de mim, David, está nela, ao lado da minha mãe, com o rosto um pouco menos enrugado e um pouco mais magro.

Cubro o rosto da minha mãe com a ponta do dedo. Toda a esperança dentro de mim já desapareceu. Se minha mãe, meu pai ou meus amigos estivessem vivos, eles estariam nos esperando na porta. Eu deveria saber que o que aconteceu com Amah, seja lá o que foi, não poderia se repetir.

— Meu nome é David. Como Zoe já deve ter lhes informado, sou o líder do Departamento de Auxílio Genético. Tentarei ao máximo explicar as coisas — diz ele. — A primeira coisa que vocês devem saber é que as informações que Edith Prior lhes ofereceu são apenas parcialmente verdadeiras.

Ao falar o nome "Prior", ele pousa os olhos em mim. Meu corpo estremece de ansiedade. Quando vi aquele vídeo, fiquei desesperada por respostas e estou prestes a ouvi-las.

— Ela lhes deu apenas as informações de que vocês precisavam para alcançar os objetivos necessários para os nossos experimentos — diz David. — E, em muitos casos, isso significou simplificar em excesso, omitir e até mentir. Agora que vocês estão aqui, nada disso será mais preciso.

— Vocês não param de falar sobre "experimentos" — diz Tobias. — *Que* experimentos?

— Sim, já vou falar sobre isso. — David olha para Amah. — Por onde eles começaram quando explicaram isso a você?

— Não importa por onde você começa. Não há como isso ser fácil de aceitar — diz Amah, cutucando suas cutículas.

David considera a sua resposta por um instante, depois pigarreia.

— Há muito tempo, o governo dos Estados Unidos...

— Os estados o quê? — pergunta Uriah.

— É um país — diz Amah. — Um país grande. Tem fronteiras estabelecidas e seu próprio governo, e estamos no meio dele agora. Podemos falar sobre isso mais tarde. Continue, senhor.

David aperta o dedão contra a palma da mão e a massageia, claramente incomodado com todas as interrupções.

E recomeça:

— Há alguns séculos, o governo deste país se interessou em incutir certos comportamentos desejáveis em seus cidadãos. Estudos haviam indicado que tendências violentas poderiam ser explicadas em parte pelos genes de uma pessoa. Um gene denominado "assassino" foi o primeiro deles, mas houve muitos outros, como predisposições genéticas para covardia, desonestidade, falta de inteligência. Ou seja, todas as características que acabam contribuindo para uma sociedade degradada.

Eles nos ensinaram que as facções foram formadas para resolver um problema, ou seja, o problema das nossas naturezas falhas. Parece que as pessoas que David está descrevendo, seja lá quem forem, também acreditavam nesse problema.

Sei muito pouco sobre genética, apenas o que posso ver passando de pais para filhos, no meu rosto e nos rostos dos meus amigos. Não consigo imaginar alguém isolando um gene de assassinato, covardia ou desonestidade. Essas coisas parecem nebulosas demais para terem uma localização concreta no corpo de uma pessoa. Mas não sou nenhuma cientista.

— É claro que há muitos fatores que determinam a personalidade de uma pessoa, como a criação e as experiências — continua David. — Apesar da paz e prosperidade que reinavam neste país quase um século atrás, pareceu vantajoso para nossos antepassados reduzir através da correção os riscos de que essas qualidades indesejáveis surgissem em nossa população. Ou seja, editaram a humanidade.

— Foi assim que nasceu o experimento de manipulação genética. Para que qualquer tipo de manipulação genética se manifeste, são necessárias várias gerações, mas as pessoas foram selecionadas da população geral em grandes números, de acordo com seus históricos e comportamentos, e elas tiveram a opção de dar um presente para as futuras gerações, uma alteração genética que tornaria seus descendentes um pouquinho melhores.

Olho para as outras pessoas. Peter está torcendo a boca com desdém. A testa de Caleb está franzida. Cara está boquiaberta, como se estivesse faminta por respostas e tivesse a intenção de retirá-las do ar. Christina parece simplesmente desconfiada, com uma sobrancelha erguida, e Tobias está encarando os sapatos.

Sinto que não estou ouvindo nada de novo, apenas a mesma filosofia que originou as facções, só que neste caso levando as pessoas a manipularem seus genes, em vez de se separarem em grupos de acordo com suas virtudes. Eu entendo. De certa forma, até concordo. Mas não entendo o que tem a ver conosco aqui e agora.

— Mas, quando as manipulações genéticas começaram a fazer efeito, as alterações tiveram consequências desastrosas. Ocorre que a experiência resultou não em genes corrigidos, mas em genes danificados — diz David. — Se você tira o medo, a falta de inteligência ou a desonestidade de uma pessoa... acaba tirando também a sua compaixão. Se você tira a agressividade de uma pessoa, tira também a sua motivação ou a sua habilidade de se impor. Se você tira o egoísmo de uma pessoa, tira também seu senso de autopreservação. Se vocês pensarem a respeito, tenho certeza de que entenderão exatamente sobre o que estou falando.

Listo cada uma das qualidades na minha cabeça conforme ele as menciona: medo, falta de inteligência, desonestidade, agressividade, egoísmo. Ele está mesmo falando sobre as facções. E tem razão em afirmar que cada facção perde algo ao ganhar uma virtude: a Audácia, corajosa, mas cruel; a Erudição,

inteligente, mas vaidosa; a Amizade, pacífica, mas passiva; a Franqueza, honesta, mas insensível; a Abnegação, altruísta, mas sufocante.

— A humanidade nunca foi perfeita, mas as alterações genéticas pioraram as coisas. Isso se manifestou no que chamamos de Guerra da Pureza. Uma guerra civil, travada por quem tinha genes danificados contra o governo e todos os que tinham genes puros. A Guerra da Pureza causou um grau de destruição sem precedentes no território americano, dizimando quase metade da população do país.

— A imagem está disponível — diz uma das pessoas sentadas a uma das mesas na sala de controle.

Um mapa aparece no monitor sobre a cabeça de David. É uma forma que não conheço, e não sei ao certo o que representa, mas está coberta com áreas de luzes rosa, vermelhas e marrons.

— Este é o nosso país antes da Guerra da Pureza — explica David. — E *isto* é depois...

A luzes começam a desaparecer, e as áreas iluminadas encolhem, como poças secando sob o sol. De repente, percebo que as luzes representam pessoas. Pessoas desaparecendo, suas luzes se apagando. Encaro o monitor, sem conseguir assimilar uma perda tão substancial.

— Quando a guerra por fim terminou — continua David —, a população exigiu uma solução permanente para o problema genético. E foi assim que o Departamento de Auxílio Genético foi formado. Com todo o conhecimento científico do nosso governo ao seu dispor, nossos predecessores desenvolveram experimentos para restaurar a humanidade ao seu estado de pureza genética.

— Eles pediram que indivíduos geneticamente danificados se apresentassem, para que o Departamento pudesse alterar seus genes. Em seguida, eles foram colocados em ambientes seguros, onde ficariam por um longo período, equipados com versões básicas dos soros para ajudá-los a controlar sua sociedade. Eles esperariam pela passagem do tempo, pela

passagem das gerações, para que cada uma produzisse seres humanos mais geneticamente curados. Ou, como vocês os conhecem agora... Divergentes.

Desde que Tori me falou sobre o termo usado para definir o que sou, Divergente, quero saber o que significa. E eis a resposta mais simples que recebi: "Divergente" significa que meus genes estão curados. Puros. Inteiros. Eu deveria me sentir aliviada por enfim saber a resposta. Mas sinto apenas que algo está fora do lugar, uma voz no fundo da minha mente.

Pensei que "Divergente" explicasse tudo o que sou e tudo o que posso ser. Talvez eu estivesse errada.

Começo a perder o fôlego à medida que as revelações penetram a minha mente e o meu coração e que David desvela as camadas de mentiras e segredos. Levo a mão ao peito para sentir o meu coração e tentar me controlar.

— Sua cidade é um desses experimentos de cura genética e de longe o mais bem-sucedido, por causa da extensão de modificação comportamental. Ou seja, as facções. — David sorri para nós, como se devêssemos nos orgulhar disso, mas não sinto orgulho. Eles nos criaram, moldaram o nosso mundo, nos disseram no que deveríamos acreditar.

Se eles nos disseram no que deveríamos acreditar, e não concluímos isso sozinhos, será que continua sendo verdade? Aperto a mão com mais força contra o peito. *Controle-se*.

— As facções foram uma tentativa dos nossos predecessores de incorporar um elemento de "estímulo" ao experimento. Eles descobriram que a mera correção genética não era suficiente para alterar a maneira como as pessoas se comportavam. Uma nova ordem social, combinada à modificação genética, foi determinada como a solução mais completa para os problemas comportamentais decorrentes da danificação genética.

O sorriso de David desaparece quando ele olha para todos nós. Não sei o que ele esperava. Que sorríssemos de volta? Mas ele segue em frente:

— Mais tarde, as facções foram introduzidas na maioria dos nossos outros experimentos, três do quais continuam ativos. Nós nos esforçamos muito para proteger e observar vocês e também para aprender com vocês.

Cara corre as mãos por cima do cabelo, como se procurasse fios soltos. Sem encontrar nenhum, ela diz:

— Então, quando Edith Prior disse que deveríamos determinar a causa da nossa Divergência e deixar a cidade para ajudar vocês, aquilo foi...

— "Divergente" é o nome que decidimos dar àqueles que alcançaram o nível desejado de cura genética — explica David. — Queríamos nos certificar de que os líderes da sua cidade os valorizassem. Não esperávamos que a líder da Erudição começasse a caçá-los, ou que a Abnegação revelasse a ela o que eles são. E, ao contrário do que disse Edith Prior, nunca planejamos de fato que vocês nos enviassem um exército Divergente. Afinal, não precisamos da sua ajuda. Precisamos apenas que seus genes curados permaneçam intactos e que sejam passados para as gerações futuras.

— Então, você está dizendo que quem não é Divergente é *danificado* — diz Caleb. Sua voz soa trêmula. Nunca pensei que veria Caleb prestes a chorar por algo assim, mas estou vendo agora.

Controle-se, digo a mim mesma, depois respiro fundo, bem devagar.

— *Geneticamente* danificado, sim — diz David. — No entanto, ficamos surpresos em descobrir a eficácia do componente de modificação comportamental do experimento da nossa cidade. Há até pouco tempo, ele ajudou bastante a solucionar os problemas comportamentais que em princípio tornaram a manipulação genética problemática. Portanto, de maneira geral, seria impossível saber apenas pelo comportamento de uma pessoa se os seus genes são danificados ou curados.

— Sou inteligente — diz Caleb. — Você está dizendo que, como meus antepassados foram *alterados* para serem inteligentes, eu, seu descendente, não posso ser compassivo por completo. Eu, e todas as outras pessoas

geneticamente danificadas, somos limitados por nossos genes danificados. E os Divergentes não.

— Bem — diz David, levantando o ombro. — Pense bem.

Caleb olha para mim pela primeira vez em dias, e eu o encaro de volta. Será que essa é a explicação para sua traição: seus genes danificados? Como uma doença que ele não é capaz de curar ou controlar? Isso não me parece certo.

— Genes não são tudo — diz Amah. — Pessoas, inclusive as geneticamente danificadas, fazem escolhas. É isso que importa.

Penso em meu pai, nascido na Erudição, e não Divergente; um homem que não tinha outra escolha senão ser inteligente escolhendo a Abnegação, encarando uma batalha para a vida toda contra a sua própria natureza e vencendo-a no fim. Um homem em guerra consigo mesmo, assim como eu estou em guerra comigo mesma.

Essa guerra interna não parece produto de danos genéticos, mas é completa e puramente *humana*.

Olho para Tobias. Ele está tão esgotado, tão curvado, que parece prestes a desmaiar. E não é o único: Christina, Peter, Uriah e Caleb também parecem atordoados. Cara está beliscando a bainha da camisa, passando o dedão pelo tecido e franzindo a testa.

— É muita informação para vocês processarem — diz David.

Muita informação é pouco.

Ao meu lado, Christina bufa.

— E vocês passaram a noite inteira acordados — continua David, como se ninguém o tivesse interrompido. — Portanto, vou levá-los a um lugar onde possam descansar um pouco e comer.

— Espere — digo. Penso na foto em meu bolso e em como Zoe sabia o meu nome quando a entregou para mim. Penso sobre o que David disse, sobre nos observar e aprender conosco. Penso nas fileiras de monitores desligados, bem diante de mim. — Você disse que tem nos observado. Como?

Zoe comprime os lábios. David acena com a cabeça para uma das pessoas atrás dele. De repente, todos os monitores se acendem, cada um deles mostrando a imagem de uma câmera diferente. Nas que estão mais perto de mim, vejo a sede da Audácia. O Merciless Mart. O Millenium Park. O Edifício Hancock. O Eixo.

— Vocês sempre souberam que membros da Audácia observam a cidade com câmeras de segurança — diz David. — Bem, nós também temos acesso a essas câmeras.

Eles têm nos vigiado.

+ + +

Penso em ir embora.

Passamos em frente ao posto de verificação de segurança a caminho do lugar para onde David está nos levando, e penso em passar por ele de novo, pegar a minha arma de volta e fugir deste lugar, de onde eles têm me vigiado. Desde a minha infância. Meus primeiros passos, minhas primeiras palavras, meu primeiro dia de aula, meu primeiro beijo.

Vigiando quando Peter me atacou. Quando minha facção foi colocada sob o efeito de uma simulação e transformada em um exército. Quando meus pais morreram.

O que mais eles viram?

A única coisa que me impede de fazer isso é a foto no meu bolso. Não posso ir embora sem antes descobrir como essas pessoas conheciam a minha mãe.

David nos guia pelo complexo até uma área carpetada, com vasos de plantas dos dois lados. O papel de parede é velho e amarelado, descascando nos cantos. Seguimos David até um aposento grande, com o pé direito alto, chão de madeira e luzes de um amarelo-alaranjado. Catres estão organizados em duas fileiras retas, com baús ao lado para as coisas que trouxemos conosco, e há enormes janelas com cortinas elegantes do outro lado do

cômodo. Quando me aproximo, percebo que as pontas das cortinas estão gastas e puídas.

David diz que esta parte do complexo costumava ser um hotel ligado ao aeroporto por um túnel e que este costumava ser o salão de baile. Mais uma vez, as palavras não significam nada para nós, mas ele parece não notar.

— É claro que esta é apenas uma acomodação temporária. Quando vocês decidirem o que fazer, nós os acomodaremos em outro lugar, seja neste complexo ou não. Zoe se certificará de que vocês sejam bem-cuidados — diz ele. — Voltarei amanhã para ver como estão.

Olho para Tobias, que está andando de um lado para outro em frente às janelas, roendo as unhas. Nunca percebi que ele tinha esse hábito. Talvez nunca tenha estado estressado a este ponto.

Eu poderia ficar aqui para tentar oferecer algum conforto a ele, mas preciso de respostas a respeito da minha mãe e não vou esperar mais. Sei que Tobias, em especial, vai entender. Sigo David até o corredor. Do lado de fora do salão, ele se apoia na parede e coça a nuca.

— Olá — digo. — Meu nome é Tris. Acho que você conheceu a minha mãe.

Ele toma um susto, mas sorri para mim. Cruzo os braços. Sinto a mesma coisa que senti quando Peter arrancou a minha toalha durante a iniciação da Audácia só por crueldade: exposta, envergonhada, irada. Talvez não seja justo direcionar tudo isso a David, mas não consigo evitar. Ele é o líder deste complexo, do Departamento.

— Sim, é claro. Eu reconheci você.

De onde? Das câmeras sinistras que seguiam todos os meus movimentos? Aperto mais os braços contra o peito.

— Certo. — Espero um pouco, depois digo: — Preciso saber sobre a minha mãe. Zoe me entregou uma foto com ela, e você está bem ao lado dela, então imaginei que você pudesse ajudar.

— Ah — diz ele. — Posso ver a foto?

Tiro a foto do bolso e a ofereço a ele, que a alisa com as pontas dos dedos, e há um sorriso estranho em seu rosto ao olhar para ela, como se a estivesse acariciando com os olhos. Transfiro o meu peso de um pé para outro. Sinto que estou invadindo um momento particular.

— Ela voltou certa vez — diz ele. — Antes de se tornar mãe. Foi nessa época que tiramos esta foto.

— *Voltou* para vocês? — pergunto. — Ela era uma de vocês?

— Era — responde David de maneira simples, como se a sua resposta não transformasse por completo o meu mundo. — Ela veio daqui. Nós a enviamos para a cidade quando ela era jovem para resolver um problema no experimento.

— Então ela sabia — falo com a voz trêmula, sem saber por quê. — *Sabia* sobre este lugar e sobre o que havia do lado de fora da cerca.

David parece confuso, e suas sobrancelhas grossas estão franzidas.

— Sim, é claro.

O tremor desce pelos meus braços, até as minhas mãos, e logo todo o meu corpo estremece, como se tentasse rejeitar algum veneno que eu tivesse engolido. E esse veneno é o conhecimento, o conhecimento deste lugar, de seus monitores e de todas as mentiras sobre as quais construí a minha vida.

— Ela sabia que vocês estavam nos *observando* o tempo todo... observando enquanto ela *morria* e o meu pai morria e todos começaram a matar uns aos outros! Mas vocês enviaram alguém para ajudá-la, para me ajudar? Não! Não, tudo o que fizeram foi tomar notas.

— Tris...

Ele faz menção de tocar em mim, mas afasto sua mão.

— Não me chame assim. Você não deveria saber o meu nome. Você não deveria saber nada sobre nós.

Tremendo, retorno ao salão.

+ + +

Lá dentro, os outros já escolheram suas camas e guardaram seus pertences. Estamos sozinhos, sem intrusos. Encosto-me à parede ao lado da porta e passo as mãos pela parte da frente das minhas calças, para enxugar o suor.

Ninguém parece estar se ajustando muito bem. Peter está deitado com a cara voltada para a parede. Uriah e Christina estão sentados um ao lado do outro, conversando em voz baixa. Caleb está massageando suas têmporas com as pontas dos dedos. Tobias continua andando de um lado para outro e roendo as unhas. E Cara está sozinha, passando a mão no rosto. Pela primeira vez desde que a conheci, ela parece chateada, sem sua armadura da Erudição.

Sento-me diante dela.

— Você não parece nada bem.

Seu cabelo, em geral preso com perfeição em um coque, está desarrumado. Ela me encara, irritada.

— Obrigada por me avisar.

— Desculpe — digo. — Não tive a intenção de ser grosseira.

— Eu sei. — Ela suspira. — Sou... sou da Erudição, sabe?

Abro um pequeno sorriso.

— Sim, eu sei.

— Não. — Ela balança a cabeça. — É a única coisa que sou. Da Erudição. E agora eles me dizem que isso é resultado de algum tipo de defeito nos meus genes... e que as próprias facções são apenas uma prisão mental para nos manter sob controle. Exatamente como disseram Evelyn Johnson e os sem-facção. — Ela faz um pausa. — Então, para que formar os Leais? Para que vir até aqui?

Eu não havia percebido o quanto Cara já se apegara à ideia de ser uma Leal, que converge para o sistema de facções e defende os nossos fundadores. Para mim, aquela era apenas uma identidade temporária, poderosa, porque podia me tirar da cidade. Para ela, a identificação deve ter sido bem mais profunda.

— Mesmo assim, é bom termos vindo até aqui — digo. — Descobrimos a verdade. Isso não vale alguma coisa para você?

— É claro que sim — diz Cara suavemente. — Mas isso significa que preciso de outras palavras para descrever o que sou.

Logo depois que a minha mãe morreu, agarrei-me à minha Divergência como se ela fosse uma mão estendida para mim. Eu precisava daquela palavra para definir quem eu era quando tudo ao meu redor estava desmoronando. Mas agora não sei mais se preciso dela e se em algum momento de fato *precisamos* destas palavras, "Audácia", "Erudição", "Divergente", "Leal" ou se podemos simplesmente ser amigos, amantes, irmãos, definidos apenas pelas escolhas que fazemos e o amor e a lealdade que nos unem.

— É melhor você ver se ele está bem — diz Cara, indicando Tobias com a cabeça.

— É verdade.

Atravesso o aposento e paro diante das janelas, encarando o que podemos ver do complexo, que não passa de mais vidro e aço, calçadas, grama e cercas. Quando ele me vê, interrompe sua andança de um lado a outro e para ao meu lado.

— Você está bem? — pergunto.

— Estou. — Ele se senta no parapeito da janela, encarando-me, e nossos olhos ficam na mesma altura. — Quer dizer, na verdade, não. Não consigo parar de pensar na falta de sentido de tudo aquilo. Digo, do sistema de facções.

Ele massageia a própria nuca, e me pergunto se está pensando nas tatuagens nas suas costas.

— Nós dedicamos tudo o que tínhamos a elas — diz ele. — Todos nós. Mesmo sem percebermos que estávamos fazendo isso.

— É sobre isso que você está pensando? — Levanto as sobrancelhas. — Tobias, eles estavam nos *vigiando*. Tudo o que aconteceu, tudo o que fizemos. Não intervieram, apenas invadiram a nossa privacidade. O tempo todo.

Ele massageia a têmpora com a ponta dos dedos.

— Acho que você tem razão. Mas não é isso que está me incomodando.

Eu devo estar olhando-o com incredulidade sem perceber, porque ele balança a cabeça.

— Tris, trabalhei na sala de controle da Audácia. Havia câmeras por toda a parte o tempo todo. Tentei alertá-la de que havia pessoas vigiando você durante a iniciação, lembra?

Eu me lembro dos olhos dele olhando para o teto, para o canto. Os alertas codificados dele, sussurrados entredentes. Nunca me dei conta de que ele estava me alertando sobre as câmeras. Simplesmente nunca tinha pensado nisso antes.

— Isso costumava me incomodar — diz ele. — Mas superei isso há muito tempo. Sempre pensávamos que estávamos sozinhos, e agora parece que estávamos certos. Eles nos deixaram sozinhos. É assim que as coisas são.

— Acho que não consigo aceitar isso. Se você vê uma pessoa em apuros, deve ajudá-la. Não importa se é um experimento. E... meu Deus. — Estremeço. — Eles viram tantas coisas.

Ele me lança um sorriso.

— O que foi? — pergunto.

— Estava só pensando em algumas coisas que eles viram — diz ele, pousando a mão na minha cintura. Olho feio para ele por um segundo, mas não consigo sustentar o olhar, não com ele sorrindo assim para mim. Não quando sei que ele está tentando me fazer sentir melhor. Abro um pequeno sorriso.

Sento-me ao seu lado no parapeito, as mãos presas entre as minhas pernas e a madeira.

— Sabe — continuo —, o fato de o Departamento ter desenvolvido as facções não é muito diferente do que pensávamos que havia acontecido: há muito tempo, um grupo de pessoas decidiu que o sistema de facções seria a melhor maneira de viver ou de fazer as pessoas viverem da melhor forma possível.

A princípio, ele não responde, apenas morde o interior do seu lábio e encara os nossos pés, lado a lado no chão. As pontas dos meus pés mal

encostam no chão.

— É, isso me acalma um pouco — diz ele. — Mas tantas coisas eram mentiras, que é difícil definir o que era verdade, o que era real, o que importava.

Seguro a sua mão, deslizando meus dedos entre os dele. Ele encosta a testa na minha.

Eu me pego pensando *Graças a Deus* por uma questão de hábito e, de repente, entendo por que ele está tão preocupado. E se o Deus dos meus pais, todo o seu sistema de crenças, for apenas algo bolado por um bando de cientistas para nos manter sob controle? E não apenas as crenças deles sobre Deus e sobre o que mais houver lá fora, mas sobre o que é certo e o que é errado, sobre o altruísmo? Será que todas essas coisas precisam mudar porque agora sabemos como nosso mundo foi construído?

Não sei.

Pensar nisso me deixa abalada. Então, eu o beijo devagar para sentir o calor da sua boca, a pressão delicada e sua respiração quando nos afastamos.

— Por que será que sempre estamos cercados de pessoas? — pergunto.

— Não sei — diz ele. — Talvez porque somos idiotas.

Solto uma risada, e é a risada, e não a luz, que expulsa a escuridão que estava se acumulando dentro de mim, que me lembra de que ainda estou viva, mesmo que seja neste lugar estranho, onde tudo em que eu acreditava está desmoronando. Mas ainda sei de algumas coisas. Sei que não estou sozinha, que tenho amigos e que estou apaixonada. Sei de onde vim. Sei que não quero morrer, e, para mim, isso já é alguma coisa. É mais do que eu tinha há algumas semanas.

+ + +

À noite, aproximamos nossas camas um pouquinho mais e olhamos nos olhos um do outro, momentos antes de dormirmos. Quando Tobias enfim apaga, nossos dedos estão entrelaçados no espaço entre as camas.

Abro um pequeno sorriso e me deixo cair no sono.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Tobias

O SOL AINDA não havia terminado de se pôr quando caímos no sono, mas acordo poucas horas depois, à meia-noite. Minha mente está agitada demais para descansar, cheia de pensamentos, questões e dúvidas. Tris soltou a minha mão há um tempo, e seus dedos agora tocam o chão. Ela está espalhada no colchão, com o cabelo cobrindo os olhos.

Enfio os pés nos sapatos e caminho pelos corredores, arrastando os cadarços pelo carpete. Estou tão acostumado com o complexo da Audácia que o ranger de tábuas corridas sob meus pés não me parece nada familiar. Eu me habituei a ouvir meus passos se arrastando e ecoando nas pedras e ao ronco e pulsar da água do abismo.

Uma semana depois do começo da minha iniciação, Amah, preocupado com o meu isolamento e minha obsessão crescentes, convidou-me para jogar Desafio com alguns membros mais velhos da Audácia. Fui desafiado a ir até o Fosso para fazer a minha primeira tatuagem, as chamas da Audácia que cobrem as minhas costelas. Foi doloroso, mas gostei de cada minuto daquilo.

Chego ao final do corredor e me encontro em um átrio, cercado pelo cheiro de terra molhada. Ao meu redor, plantas e árvores estão suspensas sobre a água, como nas estufas da Amizade. No centro da sala há uma árvore em um enorme tanque d'água erguido bem alto, e consigo ver sob a planta os emaranhado de raízes estranhamente humanas, como nervos.

— Você está menos atento do que antigamente — diz Amah atrás de mim. — Segui você desde o lobby do hotel.

— O que quer? — Bato com os nós dos dedos no tanque, formando marolas na água.

— Imaginei que você gostaria de saber por que não estou morto.

— Estive pensando sobre isso. Eles nunca permitiram que víssemos o seu corpo. Não seria tão difícil forjar a morte de alguém sem nunca apresentar o corpo.

— Parece que você já entendeu tudo. — Amah bate palmas. — Bom, se não está curioso, então acho que vou embora...

Cruzo os braços.

Amah corre a mão pelo cabelo preto, amarrando-o com um elástico.

— Eles forjaram a minha morte porque eu era Divergente, e Jeanine havia começado a matar os Divergentes. Tentaram salvar o maior número possível deles antes que ela os pegasse, mas era difícil, sabe, porque ela estava sempre um passo à frente.

— Existem outros? — pergunto.

— Alguns — responde ele.

— Algum chamado Prior?

Amah balança a cabeça.

— Não, Natalie Prior está morta, infelizmente. Foi ela quem me ajudou a sair. Ela também ajudou outro cara... George Wu. Você o conhece? Ele está na patrulha agora, senão teria vindo buscar vocês comigo. A irmã dele continua na cidade.

O nome causa um nó na minha barriga.

— Meu Deus — digo, apoiando-me na parede do tanque.

— O que foi? Você o conhece?

Balanço a cabeça.

Nem consigo imaginar aquilo. Poucas horas separam a morte de Tori da nossa chegada aqui. Em um dia normal, poucas horas podem conter longos períodos nos quais as pessoas apenas conferem o relógio. Tempo livre. Mas ontem algumas horas colocaram uma barreira intransponível entre Tori e seu irmão.

— Tori era irmã dele — explico. — Ela tentou deixar a cidade conosco.

— *Tentou* — repete Amah. — Ah. Nossa. Isso é...

Nós dois ficamos em silêncio por um tempo. George nunca reencontrará a irmã, e ela morreu pensando que ele fora assassinado por Jeanine. Não há nada a dizer a respeito disso. Pelo menos, nada que valha a pena.

Agora que meus olhos se ajustaram à escuridão, vejo que as plantas aqui foram selecionadas por sua beleza, e não sua praticidade. São flores, trepadeiras e grupos de folhas roxas e vermelhas. As únicas flores que vi na vida eram selvagens, ou flores das macieiras nos pomares da Amizade. Estas são mais extravagantes, vibrantes e complexas, com pétalas dobradas sobre outras pétalas. Seja lá o que for este lugar, ele não precisou ser tão pragmático quanto a nossa cidade.

— A mulher que encontrou o seu corpo — digo. — Ela estava... mentindo?

— Não podemos confiar que alguém vá mentir de maneira consistente. — Ele mexe a sobrancelha. — Nunca pensei que diria isso, mas é verdade. A memória dela foi apagada e alterada para que pensasse ter me visto saltando da Pira, e o corpo plantado não era meu. Mas ele estava em um estado tão ruim que ninguém percebeu.

— A memória dela foi apagada. Você quer dizer, com o soro da Abnegação?

— Nós o chamamos de "soro da memória", já que, tecnicamente, ele não pertence apenas à Abnegação. Mas, sim. Foi com ele mesmo.

Antes, eu estava com raiva dele. Não sei bem por quê. Talvez só estivesse irritado porque o mundo se tornou um lugar tão complicado, e eu nunca soube nem uma fração da verdade a seu respeito. Ou porque me permiti sofrer pela morte de alguém que nunca esteve morto de verdade, da mesma maneira que sofri pela perda da minha mãe durante todos os anos em que achei que ela estivesse morta. Fazer uma pessoa sofrer, levando-a a acreditar que você se foi, é a mentira mais cruel à qual alguém pode ser submetido, e já fui submetido a ela duas vezes.

Contudo, ao olhar para ele, minha raiva se esvai, como uma mudança de maré. E, no lugar da raiva, encontra-se o meu instrutor de iniciação e amigo,

vivo novamente.

Abro um sorriso.

— Então, você está vivo.

— O mais importante — diz ele, apontando para mim — é que você não está mais chateado por isso.

Ele agarra o meu braço e me puxa para um abraço, batendo nas minhas costas com uma das mãos. Tento mostrar o mesmo entusiasmo, mas não é algo que me vem com naturalidade. Quando nos afastamos, meu rosto está quente. E, pela maneira como ele cai na gargalhada, devo estar vermelho também.

— Uma vez Careta, sempre Careta — diz ele.

— Tá bom... Mas e aí, você gosta daqui?

Amah dá de ombros.

— Não tenho muita escolha, mas, sim, até que gosto. Trabalho na segurança, é claro, já que só fui treinado para isso. Adoraríamos que trabalhasse conosco, mas acho que você merece coisa melhor.

— Ainda não decidi ao certo se quero mesmo ficar. Mas obrigado.

— Não há nenhum lugar melhor lá fora. Todas as outras cidades, onde a maioria da população do país mora, são sujas e perigosas, a não ser que você conheça as pessoas certas. Aqui temos pelo menos água limpa, comida e segurança.

Troco o meu pé de apoio. Estou desconfortável. Não quero pensar em ficar, em fazer deste lugar o meu lar. Já me sinto aprisionado em minha própria decepção. Não era isso que eu esperava quando pensava em escapar dos meus pais e das memórias ruins que eles me causavam. Mas não quero estragar tudo com Amah agora, quando enfim sinto que tenho meu amigo de volta, então digo apenas:

— Vou pensar a respeito.

— Ouça, preciso contar outra coisa.

— O quê? Mais ressurreições?

— O meu caso não é bem de ressurreição, já que nunca morri, não é? — Amah balança a cabeça. — Não, é algo a respeito da cidade. Alguém ouviu na sala de controle hoje que o julgamento de Marcus está marcado para amanhã de manhã.

Eu sabia que esse dia chegaria. Eu sabia que Evelyn deixaria o julgamento dele por último e que ela saborearia cada momento que passasse assistindo-o se contorcer sob o efeito do soro da verdade, como se fosse sua última refeição. Só não imaginei que teria a opção de ver tudo se eu quisesse. Pensei que tivesse finalmente me livrado deles, de todos eles, para sempre.

— Ah. — É tudo o que consigo dizer.

Ainda me sinto entorpecido e confuso no caminho de volta para o dormitório e, mais tarde, quando me deito na cama. Não sei o que farei.

CAPÍTULO DEZESSETE

Tris

ACORDO POUCO ANTES do nascer do sol. Ninguém mais se mexe na cama. O braço de Tobias cobre seus olhos, mas agora ele está calçado, como se tivesse se levantado no meio da noite. Christina está com a cabeça enfiada embaixo do travesseiro. Permaneço deitada por alguns minutos, descobrindo formas no teto, depois calço os sapatos e corro os dedos pelo cabelo para arrumá-lo.

Os corredores do complexo estão quase vazios, exceto por alguns poucos funcionários. Imagino que eles estejam acabando o turno da noite, porque estão inclinados diante das telas dos computadores, com os queixos apoiados nas mãos, ou agarrados a vassouras, quase desabando, já mal se lembrando de varrer. Enfio as mãos nos bolsos e sigo as placas até a entrada. Quero examinar melhor aquela escultura que vi ontem.

Quem quer que tenha projetado este lugar devia amar a luz. Há vidros na curva de cada teto do corredor e em cada parte inferior das paredes. Mesmo agora, que ainda nem amanheceu direito, já há luz o bastante para enxergar.

Tateio o bolso de trás em busca do crachá que Zoe me deu ontem durante o jantar e atravesso o posto de verificação de segurança com ele na mão. Então vejo a escultura a algumas centenas de metros das portas por onde entramos ontem, melancólica, enorme e misteriosa, como uma entidade viva.

É uma enorme lâmina de pedra escura, quadrada e áspera, como as pedras no fundo do abismo da Audácia. Uma enorme rachadura atravessa o meio da pedra, e há listras mais claras perto das extremidades. Um tanque de vidro cheio de água, com as mesmas dimensões, está suspenso sobre a rocha. Uma lâmpada posicionada sobre o centro do tanque lança um feixe de luz pela água,

que se refrata em suas marolas. Ouço o som sutil de uma gota atingindo a pedra. Vem do pequeno tubo que atravessa o centro do tanque. A princípio, imagino que o tanque esteja apenas vazando, mas outra gota cai, e depois uma terceira, e uma quarta, com o mesmo intervalo de tempo entre elas. Depois que algumas gotas se acumulam, a água desaparece em um canal estreito na pedra. As gotas devem ser intencionais.

— Olá. — Zoe está do outro lado da escultura. — Desculpe, eu estava prestes a ir até o dormitório para procurá-la, mas vi você vir para cá e pensei que tivesse se perdido.

— Não, não me perdi. Queria mesmo vir para cá.

— Ah. — Ela para do meu lado e cruza os braços. Tem quase o meu tamanho, mas sua postura é mais ereta, o que a faz parecer mais alta. — É uma escultura bem estranha, não é?

Enquanto ela fala, observo as sardas nas suas bochechas, sarapintadas como a luz do sol atravessando uma folhagem densa.

— Ela significa alguma coisa?

— É o símbolo do Departamento de Auxílio Genético — explica ela. — A lâmina de pedra é o problema que estamos enfrentando. O tanque d'água é o nosso potencial para modificar o problema. E a gota d'água é o que de fato conseguimos fazer em um dado momento.

Não consigo deixar de rir.

— Não é muito encorajador, não é mesmo?

Ela sorri.

— Sim, sob um ponto de vista, não é mesmo. Mas prefiro enxergar de outra maneira. Prefiro acreditar que, se forem persistentes, até pequenas gotas d'água, com o tempo, podem mudar uma pedra para sempre. E a pedra nunca voltará ao que era.

Ela aponta para o centro da escultura, onde há uma pequena impressão, como um pote raso entalhado na pedra.

— Aquilo, por exemplo, não estava lá quando eles instalaram a escultura.

Assinto com a cabeça e vejo a gota seguinte cair. Embora encare com desconfiança o Departamento e tudo o que há nele, a esperança silenciosa da escultura me toca. É um símbolo prático, comunicando a atitude paciente que permitiu às pessoas daqui permanecerem por tanto tempo observando e esperando. Mas preciso perguntar.

— Não seria mais eficaz soltar o tanque inteiro de uma vez? — Imagino a onda colidindo com a rocha e se derramando no chão de ladrilho, ao redor dos meus pés. Fazer um pouco de cada vez pode acabar sendo eficaz, mas penso que, se acreditamos que algo é realmente um problema, devemos fazer tudo o que podemos, porque é impossível se segurar.

— Por um tempo. Mas não sobraria água para fazer mais nada, e danos genéticos não são o tipo de problema que pode ser solucionado com uma grande mudança.

— Entendo. Só estou imaginando se é uma boa ideia se contentar com pequenos passos quando é possível dar passos grandes.

— Como o quê?

Dou de ombros.

— Acho que não sei. Mas vale a pena pensar sobre isso.

— Verdade.

— Então... você disse que estava me procurando? — pergunto. — Para quê?

— Ah! — Zoe leva a mão à testa. — Tinha esquecido. David pediu para eu levá-la para o laboratório. Há algo lá que pertenceu à sua mãe.

— Minha mãe? — Minha voz soa esganiçada e aguda. Ela me conduz para longe da escultura, em direção ao posto de verificação de segurança.

— É melhor eu avisar: talvez as pessoas fiquem encarando você — diz Zoe ao passarmos pelo detector de segurança. Há mais gente no corredor agora do que antes. Deve ser o início do expediente. — Seu rosto é conhecido aqui. As pessoas do Departamento assistem aos monitores com frequência, e, nos últimos meses, você esteve envolvida em muitas coisas interessantes. Muitos dos mais jovens a consideram uma heroína.

— Ah, ótimo — digo, com um gosto amargo na boca. — É mesmo, o que eu queria era ser uma heroína. E não, você sabe, continuar viva.

Zoe para de caminhar.

— Perdão. Não tive a intenção de fazer pouco caso das coisas pelas quais você passou.

Ainda não me sinto à vontade com a ideia de que todos têm nos observado. Tenho vontade de me cobrir ou me esconder em algum lugar onde ninguém mais consiga olhar para mim. Mas não há muito o que Zoe possa fazer a respeito, então não falo nada.

A maioria das pessoas nos corredores veste variações do mesmo uniforme, nas cores azul-escura ou verde-clara, e alguns usam jaquetas, macacões e moletons abertos, revelando camisetas de uma grande variedade de cores, algumas com estampas.

— As cores dos uniformes significam alguma coisa? — pergunto a Zoe.

— Na verdade, sim. As pessoas vestindo azul-escuro são cientistas e pesquisadores, e as de verde são da equipe de apoio, que cuida de manutenção, limpeza e coisas do tipo.

— Então eles são como os sem-facção.

— Não. Não, a dinâmica aqui é diferente. Todos fazem o que podem para ajudar a missão. Todos são valorizados e importantes.

Ela tinha razão. As pessoas estão mesmo olhando para mim. A maioria apenas me encara por tempo demais, mas algumas apontam, e outras até dizem o meu nome, como se ele lhes pertencesse. Isso faz com que me sinta oprimida, como se não pudesse me mover direito.

— A maior parte da equipe de apoio pertencia ao experimento de Indianápolis, uma outra cidade, perto daqui — conta Zoe. — Mas, para eles, a transição foi mais fácil do que será para vocês. Indianápolis não contava com os componentes comportamentais da sua cidade. — Ela faz uma pausa. — Digo, as facções. Depois de alguns anos, percebendo que a sua cidade não havia se autodestruído como as outras, o Departamento implementou os

componentes das facções nas cidades mais novas, St. Louis, Detroit e Minneapolis, usando o experimento relativamente novo de Indianápolis como grupo de controle. O Departamento sempre promoveu os experimentos no Centro-Oeste, porque há mais espaço aqui. No leste, as zonas urbanas são mais próximas.

— Então, em Indianápolis, vocês simplesmente... corrigiram os genes das pessoas e as enfiaram em uma cidade qualquer? Sem facções?

— Eles tinham um sistema complexo de regras, mas... sim, foi basicamente isso.

— E não deu muito certo?

— Não. — Ela comprime os lábios. — Pessoas geneticamente danificadas, que foram condicionadas pelo sofrimento e não são educadas para viver de outra maneira, o que as facções as teriam feito, tornam-se muito destrutivas. Esse experimento logo falhou, num intervalo de três gerações. Chicago, a sua cidade, e outras cidades que contam com facções duraram muito mais.

Chicago. É tão estranho ter um nome para o lugar que sempre foi apenas o meu lar. Faz com que a cidade pareça menor na minha mente.

— Então vocês têm feito isso há muito tempo.

— Sim, há bastante tempo. O Departamento é diferente da maioria das agências governamentais, por causa da natureza do nosso trabalho e da nossa localização relativamente remota. Passamos conhecimento e objetivos para nossas crianças, em vez de contar com indicações ou contratações. Fui treinada para fazer o que faço desde que nasci.

Através das muitas janelas, vejo um estranho veículo. Ele tem o formato de um pássaro, com duas estruturas de asas e um bico pontudo, mas também tem rodas, como as de um carro.

— Aquilo serve para viagens aéreas? — pergunto, apontando para ele.

— Sim. — Ela sorri. — É um avião. Talvez possamos levá-la para voar em um deles algum dia, se você for *audaciosa* o bastante.

Não reajo ao jogo de palavras. Não consigo esquecer a maneira como ela me reconheceu assim que meu viu.

David está diante de uma das portas mais à frente. Quando nos vê, acena para nós.

— Oi, Tris — cumprimenta ele. — Obrigado por trazê-la, Zoe.

— De nada, senhor — diz Zoe. — Vou indo, então. Tenho muito trabalho a fazer.

Ela sorri para mim, depois vai embora. Não quero que vá. Agora que Zoe não está mais aqui, fico sozinha com David e com a memória de como gritei com ele ontem. Ele não comenta o episódio. Apenas passa seu crachá no sensor da porta para abri-la.

Do outro lado da porta, encontramos um escritório sem janelas. Um jovem, talvez da idade do Tobias, está sentado a uma mesa, e há uma segunda mesa vazia do outro lado da sala. O jovem olha para nós quando entramos, digita algo no monitor do seu computador e se levanta.

— Olá, senhor — diz ele. — Posso ajudar?

— Matthew. Onde está o seu supervisor? — pergunta David.

— Foi buscar comida no refeitório — diz Matthew.

— Bem, então talvez você possa me ajudar. Preciso da ficha de Natalie Wright carregada em um aparelho portátil. Você pode fazer isso?

Wright? Será o nome verdadeiro da minha mãe?

— É claro — diz Matthew, voltando a se sentar. Ele digita algo em seu computador e abre uma série de documentos, que estou longe demais para enxergar com clareza. — Pronto, é só esperar a transferência.

— Você deve ser a filha de Natalie, Beatrice. — Ele apoia o queixo na mão e me examina de maneira crítica. Seus olhos são tão escuros que parecem pretos e são um pouco puxados nas pontas. Ele não parece impressionado nem surpreso em me ver. — Você não se parece muito com ela.

— Tris — corrijo automaticamente. Mas fico feliz que Matthew não conheça meu apelido. Isso talvez signifique que ele não passe o tempo todo assistindo

aos monitores, como se as nossas vidas na cidade fossem um espetáculo. — E, sim, eu sei disso.

David puxa uma cadeira para perto, arrastando-a ruidosamente nos ladrilhos, e dá um tapinha nela.

— Sente-se. Vou lhe dar um aparelho com todos os arquivos de Natalie para que você e seu irmão possam lê-los por conta própria. Mas, enquanto eles estão sendo transferidos, acho que vou contar uma história.

Sento-me na beirada da cadeira, e ele se senta atrás da mesa do supervisor de Matthew, girando uma caneca de café pela metade em círculos sobre o metal.

— Quero começar dizendo que sua mãe foi uma descoberta fantástica. Nós a localizamos quase por acidente dentro do mundo danificado, e os genes dela eram praticamente perfeitos — diz David, exultante. — Nós a retiramos de uma situação ruim e a trouxemos para cá. Ela passou vários anos aqui, mas então surgiu uma crise em sua cidade, e ela se voluntariou para entrar lá e resolver a situação. Mas tenho certeza de que você sabe tudo sobre isso.

Durante alguns segundos, só consigo piscar. Minha mãe veio de fora deste lugar? De onde?

De repente, me dou conta, mais uma vez, de que ela andou por estes corredores, assistiu à cidade nos monitores da sala de controle. Será que ela se sentou nesta cadeira? Será que os seus pés tocaram estes ladrilhos? De repente, parece haver marcas invisíveis da minha mãe por toda parte, em cada parede, maçaneta e pilastra.

Agarro o assento da cadeira e tento organizar meus pensamentos o bastante para fazer uma pergunta.

— Não, não sei — respondo por fim. — Que crise?

— O representante da Erudição havia começado a matar os Divergentes, é claro — diz ele. — Seu nome era Nor... Norman?

— Norton — corrige Matthew. — O antecessor de Jeanine. Parece que ele passou a ideia de matar Divergentes para ela logo antes de sofrer um ataque

cardíaco.

— Obrigado. Enfim, enviamos Natalie para investigar a situação e parar as mortes. Não imaginamos que ela passaria tanto tempo lá dentro, mas ela foi útil. Nunca havíamos pensado em ter alguém infiltrado, e Natalie conseguiu fazer várias coisas que nos ajudaram muito. Além disso, ela construiu uma vida para si mesma, o que obviamente inclui você.

Franzo a testa.

— Mas os Divergentes ainda estavam sendo assassinados durante a minha iniciação.

— Você só tem conhecimento sobre os que morreram — diz David. — Não sobre os que não morreram. Alguns estão aqui, neste complexo. Acho que você conheceu Amah ontem, não foi? Ele é um deles. Alguns dos Divergentes resgatados precisavam de certa distância do experimento. Era difícil demais para eles assistir às pessoas que haviam conhecido e amado vivendo suas vidas, então foram treinados para integrar a vida fora do Departamento. Mas sua mãe fez um trabalho importante.

Ela também contou um bocado de mentiras e poucas verdades. Será que meu pai sabia quem ela era e de onde realmente vinha? Ele era líder da Abnegação, afinal, e, como tal, um dos guardiões da verdade. De repente, penso algo terrível: e se ela só se casou com ele por obrigação, como parte da sua missão na cidade? E se toda a relação deles não passou de um embuste?

— Então ela não nasceu na Audácia, afinal — digo, pensando nas mentiras que ela deve ter contado.

— Quando ela entrou na cidade pela primeira vez, foi como membro da Audácia, porque ela já tinha tatuagens, e isso seria difícil de explicar para os nativos. Ela estava com dezesseis anos, mas dissemos que tinha quinze a fim de que tivesse algum tempo para se ajustar. Nossa intenção era que ela... — Ele levanta um ombro. — Bem, é melhor você ler a ficha. Não conseguirei fazer jus à perspectiva de alguém de dezesseis anos.

Como se essa fosse algum tipo de deixa, Matthew abre uma gaveta na mesa e retira um pequeno pedaço de vidro plano. Ele o toca com a ponta do dedo, e uma imagem aparece na tela. É um dos documentos que acabou de abrir no computador. Ele me oferece o aparelho, que é mais rígido do que eu imaginava, duro e resistente.

— Não se preocupe. É praticamente indestrutível — diz David. — Você deve querer voltar para os seu amigos. Matthew, você pode levar a srta. Prior de volta ao hotel? Preciso resolver algumas coisas.

— E eu não preciso? — diz Matthew. Em seguida, ele pisca. — Estou brincando, senhor. Eu a levarei.

— Obrigada — digo para David, levantando-me para deixar o escritório.

— Disponha. E me avise se tiver qualquer dúvida.

— Está pronta? — pergunta Matthew.

Ele é alto, talvez da mesma altura que Caleb, e seu cabelo preto é artisticamente despenteado na frente, como se ele passasse muito tempo tentando parecer que acabou de sair da cama. Sob seu uniforme azul-escuro, ele veste uma camiseta preta lisa e um cordão preto ao redor do pescoço. O cordão se move sobre seu pomo de adão quando ele engole em seco.

Eu o sigo para fora do pequeno escritório e descemos o mesmo corredor por onde vim. Há menos pessoas nele agora. Todos já devem estar em seus postos, trabalhando ou tomando café da manhã. Há vidas inteiras sendo vividas neste lugar, pessoas dormindo, comendo e trabalhando, tendo filhos, construindo famílias e morrendo. Este é o lugar que no passado minha mãe chamou de lar.

— Estou esperando o momento em que você vai surtar — fala ele. — Depois de descobrir todas essas coisas ao mesmo tempo.

— Não vou surtar — digo, sentindo-me defensiva. *Eu já surtei*, penso, mas não quero admitir isso.

Matthew dá de ombros.

— Eu surtaria — diz ele.

Vejo uma placa com as palavras ENTRADA DO HOTEL mais à frente. Abraço o pequeno aparelho, ansiosa para chegar ao dormitório e contar a Tobias sobre a minha mãe.

— Ouça, uma das coisas que eu e meu supervisor fazemos é administrar testes genéticos — diz Matthew. — Gostaria de saber se você e o outro cara, o filho de Marcus Eaton, se importariam em nos visitar, para que eu possa testar os seus genes.

— Por quê?

— Curiosidade. — Ele dá de ombros novamente. — Ainda não testamos os genes de ninguém em uma geração tão recente do experimento, e você e Tobias parecem ser um pouco... estranhos na maneira de manifestar certas coisas.

Ergo as sobrancelhas.

— Você, por exemplo, tem uma resistência extraordinária aos soros. A maioria dos Divergentes não demonstra tamanha capacidade — explica Matthews. — E Tobias consegue resistir às simulações, mas não apresenta algumas das características que esperamos encontrar nos Divergentes. Posso explicar com maiores detalhes depois.

Hesito, sem saber ao certo se quero ver os meus genes ou os genes de Tobias e compará-los, como se isso importasse alguma coisa. Mas Matthew parece ansioso de forma quase infantil, e entendo sua curiosidade.

— Vou perguntar se ele topa. Mas eu aceito. Quando?

— Que tal esta manhã mesmo? Posso vir buscá-los em mais ou menos uma hora. Vocês não podem entrar no laboratório sem mim, de qualquer maneira.

Concordo com a cabeça. De repente, fico empolgada para aprender mais a respeito dos meus genes. É quase como ler um diário da minha mãe: vou recuperar pedaços dela.

CAPÍTULO DEZOITO

Tobias

É ESTRANHO VER de manhã pessoas que você não conhece muito bem, com olhos sonolentos e marcas de travesseiro no rosto; saber que Christina acorda de bom humor, e Peter se levanta com o cabelo completamente arrumado, mas que Cara se comunica apenas por grunhidos, se arrastando, membro por membro, a caminho do café.

A primeira coisa que faço é tomar um banho e vestir as roupas que eles nos deram, que não são muito diferentes das nossas, exceto pelo fato de que todas as cores estão misturadas, como se não significassem nada para as pessoas daqui, porque provavelmente não significam. Visto uma camisa preta e jeans azuis e tento me convencer de que isso parece normal, de que me sinto normal, de que estou me adaptando.

O julgamento do meu pai é hoje. Ainda não decidi se vou assistir ou não.

Quando volto para o dormitório, Tris está completamente vestida, sentada na beirada de um dos catres, como se estivesse pronta para saltar dali a qualquer momento. Exatamente como Evelyn.

Agarro um bolinho da bandeja de café da manhã que alguém trouxe para nós e me sento de frente para ela.

— Bom dia. Você acordou cedo.

— Acordei — diz ela, arrastando o pé para a frente e o prendendo entre os meus. — Zoe me encontrou perto daquela escultura gigantesca de manhã. David tinha algo para me mostrar. — Ela pega uma tela de vidro pousada sobre a cama ao seu lado. A tela se acende quando Tris a toca, exibindo um documento. — É a ficha da minha mãe. Ela escreveu um diário. Parece ser um

diário pequeno, mas mesmo assim... — Ela se mexe, como se estivesse desconfortável. — Ainda não li muita coisa.

— Então... Por que você não está lendo?

— Não sei. — Ela pousa o equipamento sobre a cama, e a tela se apaga de forma automática. — Acho que estou com medo.

Crianças da Abnegação raramente conhecem bem seus pais, porque pais da Abnegação não se abrem da mesma maneira que outros pais quando seus filhos atingem certa idade. Eles se mantêm envoltos em uma armadura de tecidos cinzentos e atos altruístas, convencidos de que compartilhar seus sentimentos é ser egoísta. Este não é apenas um pedaço da mãe de Tris a ser redescoberto; é um dos primeiros e últimos vislumbres que Tris jamais terá de quem Natalie Prior foi.

De repente, entendo por que ela o segura como se fosse um objeto mágico, algo que pode desaparecer a qualquer momento. E por que quer mantê-lo oculto por um tempo. É a mesma coisa que sinto a respeito do julgamento do meu pai. A ficha poderia informar algo que ela não quer saber.

Sigo seu olhar pela sala, até o local onde Caleb está sentado, mastigando seu cereal lentamente, como uma criança emburrada.

— Você vai mostrar para ele?

Ela não responde.

— Normalmente, não seria a favor de dar nada a ele — digo. — Mas, neste caso... isso não pertence apenas a você.

— Eu sei — diz ela, um pouco irritada. — É claro que vou mostrar para ele. Mas acho que quero ficar sozinha com isso primeiro.

Não há como discutir. Passei a maior parte da minha vida guardando informações, revirando-as na cabeça sem parar. O impulso de compartilhar qualquer coisa é novo para mim, e o impulso de esconder as coisas é tão natural quanto respirar.

Ela suspira, depois arranca um pedaço do meu bolinho. Dou um peteleco nos seus dedos.

— Ei. Há vários outros iguais a este a menos de dois metros à sua direita.

— Então você não deveria se preocupar tanto em perder um pouco do seu — retruca ela, sorrindo.

— Está certo.

Ela me puxa pela frente da camisa e me beija. Deslizo minha mão pelo seu queixo e o seguro enquanto a beijo de volta.

De repente, percebo que ela está roubando outro naco do meu bolinho, e me afasto, olhando-a de cara feia.

— É sério — digo. — Vou pegar um da mesa para você. Volto em um segundo.

Ela sorri.

— Ah, eu queria perguntar uma coisa. Você toparia fazer um pequeno teste genético esta manhã?

A expressão "pequeno teste genético" soa como um paradoxo.

— Por quê? — pergunto. Pedir para ver meus genes é quase como me pedir para tirar a roupa.

— Bem, conheci um cara chamado Matthew que trabalha em um dos laboratórios daqui, e ele disse que estão interessados em analisar nosso material genético para suas pesquisas. E perguntou especificamente por você, porque você é meio que uma anomalia.

— Anomalia?

— Parece que você apresenta algumas características Divergentes, mas não outras — explica ela. — Eu sei lá. Ele só está curioso. Mas você não precisa aceitar.

O ar ao redor da minha cabeça parece mais quente e pesado. Para aliviar o desconforto, levo a mão à nuca, coçando o local onde meu cabelo começa.

Em algum momento na próxima hora, Marcus e Evelyn aparecerão nos monitores. De repente, sei que não posso assistir.

Então, embora não queira *realmente* deixar que um estranho examine as peças do quebra-cabeça que compõem a minha existência, digo:

— Claro. Eu topo.

— Ótimo — diz ela, comendo outro pedaço do meu bolinho. Um fio de cabelo cai sobre seus olhos, e eu o afasto antes mesmo que ela note. Tris cobre a minha mão com a sua, que é quente e forte, e os cantos da sua boca formam um sorriso.

A porta abre, e um jovem de olhos puxados e cabelo preto entra no dormitório. Logo o reconheço como George Wu, irmão mais novo de Tori. Ela costumava chamá-lo de "Georgie".

Ele sorri um sorriso exultante, e sinto vontade de me afastar, de criar mais espaço entre mim e seu sofrimento iminente.

— Acabei de voltar — diz ele, sem fôlego. — Eles me disseram que a minha irmã saiu da cidade com vocês, e...

Eu e Tris trocamos olhares preocupados. Ao nosso redor, os outros estão notando George perto da porta e ficando em silêncio, o mesmo tipo de silêncio ouvido em um funeral da Abnegação. Até Peter, que eu esperaria ver feliz com a dor dos outros, parece desorientado, levando as mãos da cintura para os bolsos, depois de volta para a cintura.

— E aí... — começa George novamente. — Por que estão todos me olhando assim?

Cara se aproxima, pronta para dar a má notícia, mas não consigo imaginá-la se saindo muito bem, então me levanto, falando mais alto do que ela.

— Sua irmã realmente veio conosco — digo. — Mas fomos atacados pelos sem-facção, e ela... não sobreviveu.

Há tantas coisas que a frase não diz, como o quão rápido tudo aconteceu, como foi o som do corpo dela atingido o chão, ou o caos que se instaurou quando todos correram pela noite, tropeçando na grama. Não voltei para ajudá-la. Eu deveria ter voltado. De todas as pessoas do nosso grupo, era Tori quem eu conhecia melhor. Eu conhecia a maneira firme como ela segurava a agulha da tatuagem e como a sua risada era áspera, como se tivesse sido arranhada com uma lixa.

George apoia a mão na parede atrás de si, para recobrar o equilíbrio.

— O quê?

— Ela sacrificou a própria vida para nos defender — diz Tris com uma delicadeza surpreendente. — Sem ela, nenhum de nós teria conseguido fugir.

— Ela... morreu? — pergunta George, baixinho. Ele apoia todo o corpo na parede, e seus ombros se curvam.

Vejo Amah no corredor com uma torrada na mão, e um sorriso desaparece depressa de seu rosto. Ele repousa a torrada na mesa ao lado da porta.

— Tentei encontrar você mais cedo para contar — diz Amah.

Ontem à noite, Amah falou o nome de George de maneira tão casual que pensei que eles não se conhecessem de verdade. Mas parece que se conhecem.

Os olhos de George ficam perdidos, e Amah lhe dá um abraço com um braço só. Os dedos de George agarram a camisa de Amah com força, até as juntas dos dedos ficarem brancas. Não o ouço chorar, e talvez ele não chore. Talvez só precise se agarrar a alguma coisa. Lembro-me apenas vagamente do meu próprio sofrimento quando pensei que minha mãe estava morta. Só me recordo do sentimento de estar separado de tudo ao meu redor e da sensação constante de precisar engolir alguma coisa. Não sei como as outras pessoas se sentem na mesma situação.

Amah acaba guiando George para fora do dormitório, e eu os observo andar pelo corredor, lado a lado, conversando em voz baixa.

+ + +

Mal me lembrava de que havia concordado em participar de um teste genético até outra pessoa aparecer na porta do dormitório. É um garoto. Ou melhor, não exatamente um garoto, já que parece ter mais ou menos a minha idade. Ele acena para Tris.

— Ah, este é Matthew — diz ela. — Acho que está na hora de irmos.

Ela segura a minha mão e me guia até a porta. Não me lembro de ela ter mencionado que o tal "Matthew" não era um cientista velho e acabado. Talvez ela não tenha falado nada.

Não seja idiota, penso.

Matthew me oferece a sua mão.

— Olá. É um prazer conhecê-lo. Meu nome é Matthew.

— Tobias — digo, porque parece estranho me apresentar como "Quatro" aqui, onde as pessoas nunca se identificariam pela quantidade de medos que têm. — O prazer é meu.

— Bom, acho que podemos ir ao laboratório. É por aqui.

O complexo está bastante movimentado esta manhã, todo mundo vestindo uniformes verdes e azul-escuros curtos ou compridos demais, dependendo da altura da pessoa. O complexo tem várias áreas abertas que bifurcam dos corredores centrais, como câmaras de um coração, cada uma marcada com uma letra e um número. E as pessoas parecem estar circulando entre elas, algumas carregando aparelhos de vidro como o que Tris trouxe para o dormitório esta manhã, outros de mãos vazias.

— Para que servem estes números? — pergunta Tris. — É só uma forma de identificar cada área?

— Elas costumavam ser portões — explica Matthew. — Ou seja, cada área tem uma porta e uma passarela que costumava levar a um avião que seguiria para determinado lugar. Quando eles transformaram o aeroporto neste complexo, tiraram todas as cadeiras que as pessoas usavam para esperar pelos voos e as substituíram por equipamentos de laboratório, a maioria vindos de escolas da cidade. Esta área do complexo é basicamente um laboratório gigante.

— No que estão trabalhando? Pensei que vocês só observassem os experimentos — digo, vendo uma mulher correr de um lado para outro do corredor com uma tela equilibrada nas duas mãos, como uma oferenda. Raios de luz iluminam os ladrilhos polidos, atravessando as janelas do teto. Através das janelas, tudo parece pacífico, com cada pedaço de grama aparado e as

árvores selvagens balançando a distância, e é difícil imaginar que pessoas estão se matando lá fora por causa de "genes danificados" ou vivendo sob as regras rígidas de Evelyn na cidade que deixamos para trás.

— Alguns estão fazendo exatamente isso. Tudo o que notam nos experimentos deve ser registrado e analisado, e isso exige muita mão de obra. Mas outros buscam novas maneiras de curar os danos genéticos, ou trabalham desenvolvendo soros para o nosso próprio uso, e não para uso nos experimentos. São dezenas de projetos. Tudo o que uma pessoa precisa fazer é ter uma ideia, formar uma equipe e apresentar uma proposta para o conselho que administra o complexo, sob o comando de David. Eles costumam aprovar qualquer coisa que não seja arriscada demais.

— É — diz Tris. — Afinal, vocês não iam querer correr risco nenhum.

Ela revira os olhos.

— Eles têm bons motivos para se esforçar tanto — conta Matthew. — Antes da criação das facções e, como consequência, dos soros, todos os experimentos costumavam estar quase sempre sob ataque interno. Os soros ajudam as pessoas dentro dos experimentos a manter as coisas sob controle, em especial o soro da memória. Bem, acho que ninguém está trabalhando nisso agora. Ele está no Laboratório de Armas.

"Laboratório de Armas." Ele fala essas palavras como se fossem frágeis. Palavras sagradas.

— Então, foi o Departamento que nos deu os soros no começo — conclui Tris.

— Sim — responde ele. — E a Erudição continuou a desenvolvê-los, a aperfeiçoá-los. Entre eles, o seu irmão. Para ser sincero, aproveitamos alguns dos avanços obtidos por eles, depois de os observarmos da sala de controle. Mas eles não trabalharam muito no soro da memória, o soro da Abnegação. Nós o desenvolvemos bem mais, já que ele é a nossa maior arma.

— Uma arma — repete Tris.

— Bem, ele arma as cidades contra suas próprias rebeliões, por exemplo. Apaga as memórias das pessoas e, assim, não há necessidade de matá-las. Elas simplesmente esquecem pelo que estavam lutando. Além disso, podemos usar o soro contra rebeldes da margem, que fica a cerca de uma hora daqui. Às vezes, moradores da margem tentam promover ataques, e o soro da memória os detém, sem matá-los.

— Isso é... — começo a dizer.

— Terrível de qualquer jeito? — completa Matthew. — Sim, é mesmo. Mas os chefões aqui consideram isso o nosso suporte à vida, nosso respirador. Chegamos.

Levanto as sobrancelhas. Ele acabou de criticar seus próprios líderes de maneira tão casual que mal notei. Será que aqui é assim? Será que discordâncias podem ser expressas em público, no meio de uma conversa normal, e não apenas em lugares secretos, em sussurros?

Ele passa o cartão pelo sensor de uma porta pesada à esquerda, e entramos em outro corredor, mais estreito e iluminado por lâmpadas fracas e fluorescentes. Para diante de uma porta onde está escrito SALA DE TERAPIA DE GENES 1. Do outro lado da porta, uma garota com a pele moreno-clara, vestindo um macacão verde, está trocando o papel que cobre a mesa de exame.

— Esta é Juanita, técnica do laboratório. Juanita, estes são...

— Sim, eu sei quem eles são — diz ela, sorrindo. Pelo canto do olho, vejo Tris se empertigar, irritada com o lembrete de que nossas vidas foram registradas pelas câmeras. Mas ela não fala nada a respeito.

A garota me oferece a mão.

— O supervisor de Matthew é a única pessoa que me chama de Juanita. Além de Matthew, aparentemente. Sou Nita. Precisam que eu prepare dois testes?

Matthew assente com a cabeça.

— Vou buscá-los. — Ela abre um armário do outro lado da sala e começa a pegar coisas embaladas em plástico e papel e etiquetadas. A sala se enche com o som de materiais sendo amassados e rasgados.

— Estão gostando daqui até agora? — pergunta ela.

— Estamos nos ajustando — respondo.

— Sim, eu entendo. — Nita sorri para mim. — Vim de um dos outros experimentos. O de Indianápolis, que foi um fracasso. Ah, vocês não sabem onde fica Indianápolis, não é mesmo? Não é muito longe daqui. Fica a menos de uma hora de avião. — Ela faz uma pausa. — Mas isso também não significa nada para vocês. Quer saber? Não é tão importante assim.

Ela retira uma seringa e uma agulha de sua embalagem, e Tris fica tensa.

— Para que é isso? — pergunta ela.

— É o que nos permitirá analisar os seus genes — responde Matthew. — Tudo bem?

— Tudo — diz Tris, embora continue tensa. — É só que... não gosto que injetem substâncias estranhas em mim.

Matthew assente.

— Juro que isto só vai ler os seus genes. É só o que faz. Nita pode confirmar que estou falando a verdade.

Nita concorda com a cabeça.

— Tudo bem — diz Tris. — Mas posso injetar em mim mesma?

— Claro — consente Nita. Ela prepara a seringa, enchendo-a com o que quer que seja que eles vão injetar em nós, e a oferece a Tris.

— Vou explicar de forma simplificada como funciona — diz Matthew enquanto Nita limpa o braço de Tris com um líquido antisséptico. O cheiro é azedo e irrita as minhas narinas.

— O fluido está cheio de microcomputadores. Eles são projetados para detectar marcadores genéticos específicos e transmitir os dados para um computador. Levará cerca de uma hora para me fornecerem a informação de

que preciso, mas é claro que demorariam muito mais para ler todo o seu material genético.

Tris enfia a agulha no braço e aperta o êmbolo.

Nita levanta o meu braço e passa a gaze com o líquido alaranjado na minha pele. O fluido na seringa é cinza-prateado como as escamas de um peixe, e, quando ele flui para dentro de mim através da agulha, imagino a tecnologia microscópica invadindo o meu corpo, me lendo e analisando. Ao meu lado, Tris pressiona um chumaço de algodão no local da injeção.

— O que são os... microcomputadores? — Matthew assente com a cabeça, e eu continuo. — O que estão procurando, exatamente?

— Bem, quando nossos predecessores aqui no Departamento inseriram genes "corrigidos" nos antepassados de vocês, eles também incluíram um rastreador genético, que é basicamente algo que nos diz se uma pessoa atingiu a cura genética. Neste caso, o rastreador genético é o estado de consciência durante as simulações. É algo que podemos testar com facilidade, que nos mostra se seus genes estão ou não curados. Esse é um dos motivos pelos quais todos na cidade devem fazer um teste de aptidão aos dezesseis anos de idade. Se ficam conscientes durante o teste, isso nos mostra que talvez seus genes estejam curados.

Incluo o teste de aptidão na lista mental de coisas que eu considerava importantes, mas que agora descarto, porque não passava de uma artimanha para fornecer a estas pessoas as informações que queriam.

Não acredito que o estado de consciência durante as simulações, algo que fazia com que eu me sentisse poderoso e singular, algo que levou Jeanine e a Erudição a *assassinar* pessoas, não passe de um sinal de cura genética para estas pessoas. Como uma palavra-senha que os avisa que pertenço à sua sociedade geneticamente curada.

— O único problema com o rastreador genético — continua Matthew — é que estar consciente durante simulações e resistir ao soro não significa necessariamente que uma pessoa é Divergente, apesar de existir uma

correlação forte. Às vezes, pessoas são capazes de permanecer conscientes durante simulações ou de resistir aos soros mesmo tendo genes danificados. — Ele dá de ombros. — É por isso que estou interessado em seus genes, Tobias. Estou curioso para saber se você é mesmo Divergente, ou se seu estado de consciência durante as simulações apenas faz parecer que você é.

Nita, que está limpando a bancada, contrai os lábios, como se estivesse se segurando para não dizer algo. De repente, sinto-me inquieto. Há uma chance de que eu não seja Divergente?

— Agora, só nos resta sentar e esperar — diz Matthew. — Vou tomar café da manhã. Algum de vocês quer comer algo?

Eu e Tris balançamos a cabeça.

— Eu já volto. Nita, você se importa de fazer companhia para eles?

Matthew sai da sala sem esperar a resposta de Nita, e Tris se senta na mesa de exame, amassando o papel que a cobre e rasgando-o no local onde sua perna está pendurada na beirada. Nita enfia as mãos nos bolsos do seu macacão e olha para nós. Seus olhos são escuros, têm o mesmo brilho de uma poça de óleo sob um motor que vaza. Ela me entrega um chumaço de algodão, e eu o pressiono na bolha de sangue do lado de dentro do meu cotovelo.

— Então, você veio de um experimento em uma cidade — diz Tris. — Há quanto tempo está aqui?

— Desde que o experimento de Indianápolis foi desmontado, há cerca de oito anos. Eu poderia ter me integrado à população geral, fora dos experimentos, mas isso me pareceu muito assustador. — Nita se apoia na bancada. — Então, eu me ofereci para vir para cá. Costumava trabalhar como zeladora. Acho que estou subindo na vida.

Ela fala isso com certa amargura. Suspeito que aqui, como na Audácia, exista um certo limite para o quanto se pode subir, e ela está alcançando esse limite mais rápido do que gostaria. Bem como eu, quando escolhi trabalhar na sala de controle.

— E a sua cidade não tinha facções? — pergunta Tris.

— Não, nós éramos o grupo de controle, o que os ajudou a perceber que as facções eram na verdade eficazes, por comparação. Mas tínhamos muitas regras, como toques de recolher, hora para acordar, regulamentos de segurança. Armas eram proibidas. Coisas desse tipo.

— O que aconteceu? — pergunto, mas logo me arrependo, porque os cantos da boca de Nita se retraem, como se cada lado carregasse uma memória pesada.

— Bem, algumas pessoas lá dentro ainda sabiam fabricar armas. Eles construíram uma bomba, sabe, um explosivo, e a plantaram na sede do governo. Muitas pessoas morreram. Depois disso, o Departamento decidiu que nosso experimento era um fracasso. Eles apagaram a memória dos responsáveis pela bomba e realocaram o restante da população. Fui uma das únicas pessoas que quis vir para cá.

— Lamento — diz Tris com delicadeza. Às vezes, ainda esqueço que ela tem um lado mais gentil. Durante muito tempo, tudo o que enxerguei foi a sua força, salientada pelos músculos definidos dos seus braços e pela tinta que marca um voo em sua clavícula.

— Está tudo bem. Afinal, vocês conhecem bem esse tipo de coisa — fala Nita. — Digo, por causa do que Jeanine Matthews fez, e tudo mais.

— Por que eles não fecharam a nossa cidade? — pergunta Tris. — Como fizeram com a sua?

— Talvez ainda a fechem — diz Nita. — Mas acho que o experimento de Chicago, em especial, foi bem-sucedido por tanto tempo que eles estão relutantes em apenas acabar com ele agora. Foi o primeiro a incluir as facções.

Afasto o chumaço de algodão do meu braço. Há um pequenino ponto vermelho no local da injeção, mas não está mais sangrando.

— Gosto de imaginar que teria escolhido a Audácia — diz Nita. — Mas acho que não teria estômago para isso.

— Você ficaria surpresa em como temos estômago, quando precisamos — diz Tris.

Sinto uma pontada no centro do peito. Ela tem razão. O desespero pode levar uma pessoa a fazer coisas surpreendentes. Nós dois sabemos bem disso.

+ + +

Matthew retorna pontualmente uma hora depois, e, em seguida, permanece sentado diante do computador por muito tempo, com os olhos indo de um lado para outro, enquanto lê alguma coisa no monitor. De vez em quando, solta um som revelador, como "hum!" ou "ah!". Quanto mais ele espera para nos dizer alguma coisa, qualquer coisa, mais tensos ficam meus músculos, até que meus ombros parecem ser feitos de pedra, e não de carne. Ele afinal levanta a cabeça e vira o monitor para que possamos ver o que está escrito.

— Este programa nos ajuda a interpretar os dados. O que vocês estão vendo aqui é um retrato simplificado de uma sequência específica do material genético de Tris — diz ele.

A imagem no monitor é uma massa complicada de linhas e números, com algumas partes selecionadas em amarelo e vermelho. Não consigo extrair mais nada daquela imagem. Ela está além da minha compreensão.

— Estas seleções sugerem genes curados. Não as veríamos se estivessem danificados. — Ele aponta para alguns pontos da tela. Não entendo para o que está apontando, mas ele parece nem notar, distraído por sua própria explicação. — Estas seleções aqui indicam que o programa também encontrou o rastreador genético, a consciência durante a simulação. A combinação de genes curados e de genes de consciência durante a simulação é exatamente o que eu esperava ver em um Divergente. Agora, esta é a parte estranha.

Ele toca o monitor mais uma vez, e a imagem muda, mas continua igualmente confusa, com uma rede de linhas e emaranhados de números.

— Este é o mapa dos genes de Tobias — diz Matthew. — Como vocês podem ver, ele conta com os componentes genéticos certos para a consciência

durante simulações, mas não tem os mesmos genes "curados" de Tris.

Minha garganta está seca, e sinto que recebi más notícias, mas ainda não entendi ao certo quais são.

— O que isso significa? — pergunto.

— Significa — diz Matthew — que você não é Divergente. Seus genes ainda são danificados, mas você conta com uma anomalia genética que lhe permite permanecer consciente durante simulações. Em outras palavras, você parece Divergente sem de fato ser.

Processo a informação aos poucos, parte por parte. Não sou Divergente. Não sou como Tris. Sou geneticamente danificado.

A palavra "danificado" afunda dentro de mim, como se feita de chumbo. Acho que sempre soube que havia algo de errado comigo, mas pensei que fosse por causa do meu pai ou da minha mãe e da dor que eles me deixaram de herança, como uma relíquia familiar, passada de geração a geração. E isso significa que a única coisa boa que o meu pai tinha, a sua Divergência, não foi passada para mim.

Não olho para Tris. Não consigo olhar para ela. Olho apenas para Nita. Sua expressão é dura, quase raivosa.

— Matthew — diz ela. — Você não quer levar esses dados para o seu laboratório a fim de analisá-los?

— Bem, eu estava planejando discuti-los com nossos sujeitos aqui — diz Matthew.

— Não acho que isso seja uma boa ideia — diz Tris, ríspida.

Matthew diz algo que não ouço muito bem; estou escutando o batimento do meu coração. Ele toca o monitor de novo, e a imagem do meu DNA desaparece da tela, que agora é só um vidro. Ele sai, instruindo-nos a visitar seu laboratório caso desejemos mais informações, e Tris, Nita e eu permanecemos na sala, em silêncio.

— Não é tão sério assim — diz Tris, firme. — Está bem?

— Você não tem o direito de me dizer que não é sério! — digo um pouco mais alto do que pretendia.

Nita se ocupa na bancada, certificando-se de que os potes sobre ela estão alinhados, embora não tenham sido movidos desde que chegamos aqui.

— Tenho, sim! — diz Tris. — Você é a mesma pessoa que era há cinco minutos, há quatro meses ou há dezoito anos! Isso não muda nada a respeito de você.

Ouço certa razão nas suas palavras, mas é difícil acreditar nela agora.

— Então, você quer me dizer que isso não me afeta em nada — digo. — Que a verdade não afeta nada.

— Que verdade? — pergunta ela. — Essas pessoas falam que há algo de errado com seus genes, e você acredita?

— Estava bem ali. — Aponto para o monitor. — Você viu.

— Eu também vejo você — diz ela com ferocidade, agarrando o meu braço. — E sei quem você é.

Balanço a cabeça. Ainda não consigo olhar para ela. Não consigo olhar para nada em particular.

— Eu... preciso dar uma volta. Vejo você mais tarde.

— Tobias, espere...

Deixo a sala, e parte da pressão que sinto dentro de mim é liberada na hora. Desço o corredor apertado e opressor, até os salões iluminados pelo sol mais adiante. Agora, o céu está completamente azul. Ouço passos atrás de mim, mas são pesados demais para pertencer a Tris.

— Ei. — Nita gira o pé, produzindo um ruído agudo no ladrilho. — Não quero pressionar você, mas queria conversar a respeito de todo... esse negócio de danos genéticos. Se estiver interessado, encontre-me aqui hoje à noite, às nove. E... nada contra a sua garota, mas é melhor não trazê-la.

— Por quê? — pergunto.

— Ela é uma GP: geneticamente pura. Por isso, não consegue entender que... bem, é difícil explicar. Apenas confie em mim, está bem? Será melhor

para ela se afastar por um tempo.

— Está bem.

— Está bem. — Nita assente. — Preciso ir.

Vejo-a voltar correndo para a sala de terapia de genes, depois continuo andando. Não sei bem para onde estou indo, mas sei que, quando ando, o turbilhão de informações que aprendi no último dia para de se mover tão rápido e de gritar tão alto dentro da minha cabeça.

CAPÍTULO DEZENOVE

Tris

NÃO VOU ATRÁS dele, porque não sei o que dizer.

Quando descobri a minha Divergência, pensava nela como um poder secreto que ninguém mais possuía. Algo que me tornava diferente, melhor, mais forte. Agora, depois de comparar o meu DNA com o de Tobias na tela do computador, percebo que "Divergente" não significa o que eu pensava. É apenas uma palavra que descreve uma sequência de DNA específica e que poderia ser usada para descrever todas as pessoas de olhos castanhos ou cabelo loiro.

Apoio a cabeça nas mãos. Mas estas pessoas ainda acreditam que ela significa alguma coisa. Ainda acham que significa que estou curada de uma maneira que Tobias não está. E querem que eu simplesmente confie nisso, acredite nisso.

Bem, não acredito. E não entendo por que Tobias acredita. Por que está pronto a acreditar que é danificado.

Não quero mais pensar nisso. Deixo a sala de terapia de genes no exato momento em que Nita está voltando.

— O que você disse a ele? — pergunto.

Ela é bonita. É alta, mas não demais, magra, mas não demais, e sua pele tem uma cor bonita.

— Só queria me certificar de que ele sabia para onde estava indo — diz ela. — Este lugar é complicado.

— É mesmo. — Saio dali, não sei bem para onde vou, apenas para longe de Nita, a menina bonita que conversa com meu namorado quando não estou por perto. Mas, afinal, a conversa nem foi tão longa assim.

Vejo Zoe no final do corredor, e ela acena para que eu me aproxime. Agora, parece mais relaxada do que mais cedo. Sua testa está lisa, e não franzida, e seu cabelo está solto. Ela enfia as mãos nos bolsos do macacão.

— Acabei de avisar os outros — conta ela. — Marcamos um passeio de avião para daqui a duas horas para quem quiser. Você topa?

Uma mistura de medo e empolgação remexe o meu estômago, bem como quando me prenderam à linha da tirolesa sobre o edifício Hancock. Imagino a sensação de disparar pelos ares em um carro alado, com a energia do motor e o sopro do vento através de todas as frestas nas paredes, e a possibilidade, mesmo que remota, de que algo dê errado, e eu desabe para a morte.

— Sim.

— Nós nos encontraremos no portão B14. Siga as placas! — Ela abre um sorriso e vai embora.

Olho pelas janelas sobre a minha cabeça. O céu está limpo e claro, da mesma cor dos meus olhos. Há certa inevitabilidade nele, como se sempre tivesse esperado por mim, talvez porque eu goste de alturas, enquanto outras pessoas a temem, ou talvez porque, depois de ver o que vi, só resta uma fronteira a ser explorada, e ela está sobre a minha cabeça.

+ + +

Os degraus de metal que levam até a pista rangem a cada passo que dou neles. Preciso inclinar a cabeça para trás a fim de olhar para o avião, que é maior do que eu esperava, com coloração branco-prateada. Sob a asa, há um enorme cilindro com lâminas giratórias dentro. Imagino as lâminas me sugando para dentro e me cuspindo do outro lado e estremeço um pouco.

— Como algo tão grande pode se sustentar no ar? — pergunta Uriah atrás de mim.

Balanço a cabeça. Não sei nem quero pensar sobre isso. Sigo Zoe por outro lance de escadas, conectado a um buraco na lateral do avião. Minha mão

treme quando agarro o corrimão, e olho para trás uma última vez, para ver se Tobias chegou. Ele não está lá. Não o vejo desde o teste genético.

Baixo a cabeça ao atravessar o buraco, apesar de ele ser mais alto do que eu. Dentro do avião, há fileiras e mais fileiras de assentos cobertos com um tecido azul rasgado e desfiado. Escolho um mais para a frente, ao lado da janela. Uma barra de metal aperta as minhas costas. A sensação é de que estou sentada em um esqueleto de poltrona, sem quase nenhuma carne para sustentá-lo.

Cara se senta atrás de mim, e Peter e Caleb vão para o fundo do avião e se sentam perto um do outro. Não sabia que eles eram amigos. Mas faz sentido, considerando o quanto os dois são desprezíveis.

— Esse treco é muito velho? — pergunto a Zoe, que está em pé perto da frente do avião.

— Ele é bem velho. Mas restauramos as peças importantes. Tem um tamanho bom para as nossas necessidades.

— Para que vocês o usam?

— Para missões de vigilância, principalmente. Gostamos de ficar de olho no que acontece na margem caso ameace o que está acontecendo aqui. — Zoe faz uma pausa. — A margem é um lugar enorme e meio caótico, entre Chicago e a área mais próxima regulada pelo governo, Milwaukee, que fica a cerca de três horas de carro.

Gostaria de perguntar o que exatamente *está* acontecendo na margem, mas Uriah e Christina se sentam nas cadeiras ao meu lado, e perco a oportunidade. Uriah baixa o encosto de braço entre nossos assentos e se inclina sobre mim para olhar pela janela.

— Se os membros da Audácia conhecessem isto, todos fariam fila para aprender a pilotar um — diz ele. — Inclusive eu.

— Não, eles se prenderiam às asas — diz Christina, cutucando o seu braço. — Você não conhece a sua própria facção?

Uriah cutuca a bochecha dela de volta, depois vira para a janela outra vez.

— Vocês viram Tobias? — pergunto.

— Não, não o vi — diz Christina. — Está tudo bem?

Antes que eu consiga responder, uma mulher mais velha com linhas ao redor da boca para no corredor entre as fileiras de assentos e bate palmas.

— Meu nome é Karen e pilotarei este avião hoje! — anuncia ela. — Pode parecer assustador, mas lembrem: as chances de um desastre de avião, na realidade, são muito menores do que de um acidente de carro.

— Assim como as nossas chances de sobrevivência se *de fato* houver um acidente — sussurra Uriah, mas ele sorri. Seus olhos escuros estão alertas, e ele parece animado como uma criança. Não o vejo assim desde que Marlene morreu. Ele voltou a ser bonito.

Karen desaparece na dianteira do avião, e Zoe se senta do outro lado do corredor de Christina, virando para trás para gritar instruções como: "Apertem os cintos!" e "Não se levantem até que atinjamos a altitude de cruzeiro!" Não sei ao certo o que significa altitude de cruzeiro, e ela não explica, bem ao estilo Zoe. O fato de que ela tenha se lembrado de explicar o que é a margem foi quase um milagre.

O avião começa a dar ré, e fico surpresa pela suavidade dos seus movimentos, como se já estivéssemos flutuando acima do chão. Em seguida, ele vira e desliza sobre a pista, que está pintada com dezenas de linhas e símbolos. Meu coração bate mais rápido à medida que nos afastamos do complexo, e então a voz de Karen fala pelo sistema interno de comunicação:

— Tripulação, preparar para a decolagem.

Agarro os braços da poltrona quando o avião dá uma guinada e começa a se mover. A inércia me empurra para trás, contra o esqueleto de poltrona, e a vista da janela se transforma em um borrão de cores. De repente, eu sinto a ascensão, o avião subindo, e vejo o chão se estendendo sob nós, tudo diminuindo depressa. Fico boquiaberta e me esqueço até de respirar.

O complexo tem o formato de um neurônio que vi certa vez em um livro de ciências da escola, e vejo a cerca a seu redor. Em volta da cerca, há uma

rede de estradas de concreto, com edifícios entre elas.

E, de repente, não consigo nem mais ver as estradas e os edifícios, porque há apenas uma camada verde e marrom abaixo, e, mais longe do que consigo enxergar, em todas as direções, terra, terra, terra.

Não sei exatamente o que esperava. Talvez ver o lugar onde o mundo termina, como uma montanha gigantesca flutuando no céu.

O que eu não esperava era descobrir que fui alguém que vivia em uma casa que nem consigo ver daqui. Que caminhei em uma rua entre centenas ou milhares de outras ruas.

O que eu não esperava era me sentir tão, tão pequena.

— Não podemos voar alto demais ou perto demais da cidade, para não chamarmos atenção, então vamos observar de uma grande distância. À sua esquerda, vocês vão ver agora um pouco da destruição causada pela Guerra da Pureza, antes de os rebeldes apelarem para armas biológicas, em vez de explosivos — diz Zoe.

Preciso afastar as lágrimas dos meus olhos para enxergar. A princípio, parece ser apenas um conjunto de prédios escuros. Mas, quando os examino melhor, percebo que os prédios não deveriam ser escuros. Estão completamente carbonizados. Alguns desabaram. A calçada entre eles está quebrada como uma casca de ovo rachada.

Eles me lembram de algumas partes da cidade, mas, ao mesmo tempo, são diferentes. A destruição da cidade pode ter sido causada por pessoas. Mas deveria ter sido causado por outra coisa, por algo maior.

— Agora vocês verão Chicago! — diz Zoe. — Verão que uma parte do lago foi drenada para que pudéssemos construir a cerca, mas que deixamos intacto tudo quanto possível.

Enquanto ela fala, vejo o Eixo com suas duas pontas, tão pequeno que parece de brinquedo, o horizonte acidentado da nossa cidade interrompendo o mar de concreto. E, além dele, uma área marrom: o pântano. E, depois do pântano... azul.

Certa vez, desci em uma tirolesa do edifício Hancock e imaginei como seria o pântano se estivesse cheio d'água, cinza-azulado e brilhando sob o sol. Agora que consigo ver mais longe do que jamais vi, sei que, bem depois dos limites da nossa cidade, ele é exatamente como imaginei, como o lago a distância, brilhando com raios de luz e marcado pela textura das ondas.

O avião está silencioso, exceto pelo ronco constante do motor.

— Nossa — diz Uriah.

— Psit — responde Christina.

— Qual é o tamanho dela em comparação com o resto do mundo? — pergunta Peter da outra ponta do avião. Ele parece estar engasgando com cada palavra. — Digo, a nossa cidade. Em termos de área de superfície. Qual é a porcentagem?

— Chicago ocupa cerca de quinhentos e oitenta e oito quilômetros quadrados — diz Zoe. — A área de superfície do planeta é de pouco mais de cinco milhões de quilômetros quadrados. A porcentagem é... tão pequena que é desprezível.

Ela nos oferece esses fatos com calma, como se fossem insignificantes para ela. Mas eles me atingem em cheio na barriga, e me sinto oprimida, como se algo me esmagasse. Tanto espaço. Como serão as coisas nos outros lugares? Como será que as pessoas vivem lá?

Olho pela janela outra vez, inalando lenta e profundamente o ar para dentro do meu corpo, que está tenso demais para se mexer. E, ao olhar para a terra abaixo, penso que isso é no mínimo a maior evidência da existência do Deus dos meus pais, o fato de nosso mundo ser tão gigantesco que está completamente fora de controle, de que não podemos, de maneira alguma, ser tão grandes quanto nos sentimos.

Tão pequena que é desprezível.

É estranho, mas há algo nessa ideia que me faz sentir quase... livre.

+ + +

De noite, quando todos estão jantando, sento-me no parapeito da janela do dormitório e ligo a tela que David me deu. Minhas mãos tremem quando abro o arquivo intitulado "Diário".

O primeiro texto diz o seguinte:

David me pede o tempo todo para escrever sobre o que vivi. Acho que ele espera que seja horripilante e talvez até queira isso. Talvez algumas partes tenham sido mesmo, mas elas foram ruins para todos, então não é como se eu fosse especial.

Cresci em um lar unifamiliar em Milwaukee, Wisconsin. Nunca soube muito bem quem estava no território fora da cidade (que as pessoas aqui chamam de "margem"). Só sabia que não devia ir para lá. Minha mãe era oficial da lei; ela tinha uma personalidade explosiva e era impossível de agradar. Meu pai era professor; era flexível, solidário e inútil. Certo dia, eles começaram a brigar na sala de estar, e as coisas saíram de controle. Ele a agarrou, e ela atirou nele. Naquela noite, ela enterrou o corpo dele no quintal dos fundos enquanto eu juntava uma boa parte dos meus pertences e saía pela porta da frente. Nunca mais a vi.

Onde eu cresci, a tragédia estava por toda a parte. A maioria dos pais dos meus amigos bebia até cair, gritava demais ou tinha parado de amar seus cônjuges havia muito tempo; e era simplesmente assim que as coisas funcionavam, não era nada demais. Portanto, quando parti, tenho certeza de que me tornei apenas mais um item em uma longa lista de coisas terríveis que tinham acontecido no nosso bairro aquele ano.

Eu sabia que, se fosse para qualquer lugar oficial, como outra cidade, as figuras governamentais me obrigariam a voltar para a casa da minha mãe. E eu não achava que conseguiria olhar para ela de novo sem ver a mancha de sangue que a cabeça do meu pai deixou no tapete da sala, por isso, não fui para nenhum lugar oficial. Fui para a margem, onde um monte de gente vive em uma pequena colônia construída de lona e alumínio, em alguns escombros pós-guerra, alimentando-se de restos e queimando velhos papéis para se aquecer,

porque o governo não pode ajudá-los, já que está gastando todos os nossos recursos tentando nos reconstruir, como tem feito há mais de um século, desde que a guerra nos destruiu. Ou talvez eles simplesmente não queiram ajudá-los. Não sei.

Certo dia, vi um homem adulto espancar uma das crianças da margem, e bati com uma tábua na sua cabeça, para fazê-lo parar, e ele morreu bem ali, no meio da rua. Eu tinha apenas treze anos. Fugi. Fui pega por um cara em uma van, um cara que parecia um policial. Mas ele não me levou para a beira da estrada e atirou em mim, nem me levou para a cadeia; ele apenas me trouxe para esta área segura, testou meus genes e me contou tudo a respeito dos experimentos nas cidades e sobre como meus genes eram mais limpos do que os de outras pessoas. Ele até me mostrou um mapa dos meus genes em um monitor como prova.

Mas eu matei um homem, exatamente como a minha mãe. David diz que não tinha problema, porque não foi intencional e porque o homem estava prestes a matar aquela criancinha. Mas acho que minha mãe também não tinha a intenção de matar meu pai, então que diferença faz ter ou não ter a intenção de fazer uma coisa? Seja por acidente ou por querer, o resultado é o mesmo: uma vida a menos do que deveria haver no mundo.

Acho que é isso que vivi. Segundo David, parece que tudo isso aconteceu porque há muito, muito tempo, pessoas tentaram mexer com a natureza humana e acabaram piorando as coisas.

Acho que faz sentido. Pelo menos, eu gostaria que fizesse.

Mordo meu lábio inferior. Aqui no complexo do Departamento, pessoas estão sentadas no refeitório agora mesmo, comendo, bebendo e rindo. Na cidade, devem estar fazendo a mesma coisa. A vida comum me cerca, e estou sozinha com essas revelações.

Agarro a tela junto ao peito. Minha mãe era daqui. Este lugar representa tanto a minha história antiga quanto a minha história recente. Consigo sentir

a minha mãe nas paredes, no ar. Consigo sentir a minha mãe dentro de mim, de onde nunca partirá. A morte não conseguiu apagá-la; ela é permanente.

O frio do vidro atravessa a minha camisa, e eu estremeço. Uriah e Christina entram no dormitório rindo de alguma coisa. Os olhos límpidos e os passos firmes de Uriah me dão alívio, e meus olhos se enchem de lágrimas de repente. Christina e ele parecem preocupados. Apoiam-se na janela perto de mim.

— Você está bem? — pergunta ela.

Assinto com a cabeça e afasto as lágrimas.

— Onde vocês estiveram hoje? — pergunto.

— Depois do passeio de avião, fomos assistir aos monitores na sala de controle durante um tempo — diz Uriah. — É muito estranho ver o que eles estão fazendo agora que não estamos mais lá. Apenas mais do mesmo. Evelyn está sendo estúpida, junto com seus lacaios, e assim por diante. Mas foi como receber notícias de casa.

— Acho que não quero assistir aos monitores — digo. — Aquilo é muito... repugnante e invasivo.

Uriah dá de ombros.

— Não sei. Se eles querem me ver coçando a bunda e comendo meu jantar, acho que isso diz mais sobre eles do que sobre mim.

Solto uma risada.

— Quanto tempo por dia você passa coçando a sua bunda?

Ele me empurra com o ombro.

— Sem querer desviar a conversa das *bundas*, que todos concordamos que são de extrema importância... — diz Christina, sorrindo um pouco. — Mas concordo com você, Tris. Fiquei péssima só em assistir àquilo, como se estivesse fazendo algo errado. Acho que vou manter distância daqueles monitores de agora em diante.

Ela aponta para a pequena tela no meu colo, de onde a luz continua a brilhar ao redor das palavras da minha mãe.

— O que é isso? — pergunta ela.

— Ao que parece — digo —, minha mãe era daqui. Bem, era do mundo exterior, mas depois veio para cá, e, quando ela tinha quinze anos, foi inserida em Chicago, como membro da Audácia.

— Sua mãe era daqui? — pergunta Christina.

Assinto com a cabeça.

— Sim. É uma loucura. O mais estranho é que ela escreveu este diário e o deixou com eles. É isso que eu estava lendo antes de vocês voltarem.

— Nossa — diz Christina baixinho. — Isso é bom, não é? Digo, que você possa aprender mais sobre ela.

— É, é bom. E não, não estou mais triste, então você pode parar de me olhar assim. — O olhar de preocupação que estava se formando no rosto de Uriah desaparece.

Solto um suspiro.

— Mas não paro de pensar... que, de alguma maneira, pertenço a este lugar. Como se aqui pudesse ser o meu lar.

Christina franze as sobrancelhas.

— Talvez — diz ela, mas sinto que não acredita nisso de verdade, apesar de ser gentil da parte dela falar aquilo.

— Não sei — fala Uriah, agora em tom sério. — Não sei se jamais me sentirei em casa em algum lugar novamente. Mesmo que voltássemos para a cidade.

Talvez ele tenha razão. Talvez sejamos estrangeiros aonde quer que formos, seja no mundo lá fora, dentro do Departamento ou de volta ao experimento. Tudo mudou e não vai parar de mudar tão cedo.

Ou talvez construamos um lar dentro de nós mesmos, para carregar conosco aonde quer que formos, da mesma maneira que carrego a minha mãe agora.

Caleb entra no dormitório. Há uma mancha na sua camisa parecida com molho, mas ele nem parece notar. Está com uma expressão que eu já

reconheço como fascínio intelectual, e me pergunto o que ele anda lendo, ou assistindo, que o fez ficar assim.

— Olá — diz ele, e faz menção de se aproximar de mim. Mas deve ter notado a minha repulsa, porque para no meio do caminho.

Cubro a tela com a mão, embora não haja como ele enxergar do outro lado do dormitório, e o encaro, incapaz, ou até mesmo sem vontade, de responder.

— Você acha que voltará a falar comigo algum dia? — pergunta ele com tristeza.

— Se ela voltasse, eu ficaria muito surpresa — diz Christina de maneira fria.

Eu desvio os olhos dele. A verdade é que às vezes tenho vontade de esquecer tudo o que aconteceu e voltar à maneira como éramos antes de escolhermos nossas facções. Mesmo quando ele me corrigia o tempo todo ou me lembrava de que eu deveria ser altruísta, era melhor do que isso, do que esse sentimento de que devo proteger dele até o diário da minha mãe para que ele não o envenene, como fez com todo o resto. Levanto-me e escondo o monitor sob o travesseiro.

— Venha — chama Uriah. — Quer vir comer sobremesa conosco?

— Vocês já não comeram?

— E daí? — Uriah revira os olhos e apoia o braço nos meus ombros, guiando-me em direção à porta.

Juntos, nós três caminhamos até o refeitório, deixando meu irmão para trás.

CAPÍTULO VINTE

Tobias

— Não sabia se você viria mesmo — diz Nita.

Quando ela se vira para me guiar até sabe-se lá onde, vejo que sua camisa folgada deixa uma parte das costas à mostra, e há uma tatuagem ali, mas não consigo decifrar o que é.

— Vocês também fazem tatuagens aqui? — pergunto.

— Algumas pessoas, sim — diz ela. — A das minhas costas é um vidro quebrado. — Ela faz uma pausa. O tipo de pausa que as pessoas fazem quando estão decidindo se devem ou não compartilhar algo pessoal. — Eu a fiz porque ela sugere dano. É... tipo uma piada.

De novo esta palavra: "dano." A palavra que fica indo e voltando, indo e voltando à minha mente, desde o teste genético. Se a tatuagem é uma piada, não acho que seja muito engraçada, e parece que Nita também não. Ela cospe a explicação como se deixasse um gosto amargo na boca.

Passamos por um dos corredores cobertos de ladrilhos, quase vazio agora que o expediente está acabando, depois descemos um lance de escadas. Ao descermos, luzes azuis, verdes, roxas e vermelhas dançam pela parede, mudando de tom a cada segundo. O túnel no fim da escada é largo e escuro, e a única coisa que nos guia é a estranha luz. O chão é de ladrilho antigo, e, mesmo através das solas dos meus sapatos, sinto a terra e a poeira.

— Esta parte do aeroporto foi completamente restaurada e expandida quando eles se mudaram para cá — diz Nita. — Durante um tempo, depois da Guerra da Pureza, todos os laboratórios ficavam no subterrâneo para que estivessem mais protegidos de ataques. Agora apenas a equipe de apoio visita este lugar.

— São eles que você quer que eu conheça?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Ser da equipe de apoio não é apenas um emprego. Quase todos nós somos GDs: geneticamente danificados, restos dos experimentos fracassados das cidades ou descendentes de outros restos, ou pessoas trazidas para cá do lado de fora, como a mãe de Tris, só que sem a vantagem genética dela. E todos os cientistas e líderes são GPs: geneticamente puros, descendentes de pessoas que resistiram ao movimento da engenharia genética. É claro que há algumas exceções, mas são tão poucas que eu posso listar todas para você se quiser.

Estou prestes a perguntar por que a divisão é tão rígida, mas posso deduzir sozinho. Os chamados "GPs" cresceram nesta comunidade, em um mundo de experimentos, observação e aprendizado. Os "GDs" cresceram dentro dos experimentos, onde tinham que aprender apenas o bastante para sobreviver até a geração seguinte. A divisão é pautada no conhecimento e nas qualificações. Mas, como aprendi com os sem-facção, qualquer sistema que dependa de um grupo de pessoas sem educação para fazer o trabalho sujo sem uma chance de ascensão não é muito justo.

— Mas acho que sua garota tem razão — diz Nita. — Nada mudou; agora, você apenas tem mais noção das suas próprias limitações. Qualquer ser humano tem limitações, até mesmo os GPs.

— Então, existe um limite máximo... do quê? Da minha compaixão? Da minha consciência? — pergunto. — É isso que você tem a me oferecer como conforto?

Nita me analisa com cautela, mas não responde.

— Isso é ridículo — digo. — Que direito você, eles ou qualquer pessoa tem de determinar os meus limites?

— É assim que as coisas são, Tobias — fala Nita. — É apenas genética, nada mais.

— Isso é mentira. A questão aqui tem a ver com coisas que vão além de genes, e você sabe disso.

Sinto que preciso ir embora, dar as costas e voltar correndo para o dormitório. A raiva está fervendo dentro de mim, enchendo-me de calor, e nem sei ao certo a quem ela é direcionada. A Nita, que apenas aceitou a ideia de que é limitada, ou a quem a convenceu disso? Talvez eu tenha raiva de todos.

Alcançamos o fim do túnel, e ela empurra com o ombro uma pesada porta de madeira. Do outro lado, há um mundo movimentado e brilhante. A sala é iluminada por pequenas lâmpadas penduradas, mas os fios estão tão emaranhados que uma teia amarela e branca cobre o teto. Em um dos cantos da sala, há um balcão de madeira com garrafas incandescentes atrás, coberto por um mar de copos. Há mesas e cadeiras no lado esquerdo da sala e um grupo de pessoas com instrumentos musicais no lado direito. A música preenche o ambiente, mas os únicos sons que reconheço da minha convivência limitada com a Amizade são os das cordas dos violões e dos tambores.

Sinto que estou sob um holofote e que todos estão me observando, esperando que eu me mova, fale, faça algo. A princípio, é difícil ouvir qualquer coisa além da música e do ruído de conversas, mas, depois de alguns segundos, me acostumo e ouço a voz de Nita:

— Venha por aqui! Você quer um drinque?

Estou prestes a responder quando um homem entra correndo na sala. Ele é baixo e usa uma camiseta grande demais, uns dois números maior. Gesticula para que os músicos parem de tocar, e eles param apenas o tempo suficiente para ele gritar:

— Está na hora do veredicto!

Metade das pessoas se levanta e corre em direção à porta. Olho para Nita, pedindo explicações, e ela franze a sobrancelha, criando uma ruga em sua testa.

– O veredicto de quem? – pergunto.

– De Marcus, com certeza – responde ela.

E eu começo a correr também.

+ + +

Desço o túnel correndo, tentando passar entre as pessoas, empurrando-as quando não consigo me espremer entre elas. Nita corre logo atrás de mim, gritando para que eu pare, mas não consigo. Sinto-me à parte deste lugar, destas pessoas e do meu próprio corpo, e, além disso, sempre fui bom em correr.

Corro escada acima, subindo os degraus de três em três, agarrando o corrimão para me equilibrar. Não sei por que estou tão ansioso. Será que é pela condenação de Marcus? Ou pela sua exoneração? Será que espero que Evelyn o julgue culpado e o execute ou que ela o poupe? Não sei dizer. Para mim, cada resultado parece feito da mesma substância. Tudo se resume ou à maldade de Marcus ou à sua máscara, à maldade de Evelyn ou à sua máscara.

Não preciso tentar me lembrar de onde fica a sala de controle, porque as pessoas no corredor já me mostram o caminho. Quando a alcanço, espremo-me entre elas até a frente da sala, e lá estão eles, meus pais, expostos em metade dos monitores. Todos se afastam de mim, cochichando, exceto Nita, que para ao meu lado, recuperando o fôlego.

Alguém aumenta o volume para que todos possam ouvir o que é dito. Suas vozes estalam, distorcidas pelos microfones, mas conheço a voz do meu pai; consigo ouvi-la mudando em todos os momentos certos, subindo de tom em todos os lugares certos. Consigo quase prever suas palavras, antes mesmo que eles as diga.

– Você não teve pressa – diz ele com desprezo. – Está saboreando o momento?

Fico paralisado. Essa não é a máscara de Marcus. Essa não é a pessoa que a cidade conhece como o meu pai. O líder calmo e paciente da Abnegação, que

nunca machucaria ninguém, muito menos o filho e a mulher. Este é o homem que tirava o cinto devagar e o enrolava no punho. Esse é o Marcus que conheço melhor, e enxergá-lo agora, como quando o vejo na paisagem do medo, transforma-me em uma criança.

— É claro que não, Marcus — diz minha mãe. — Você serviu bem esta cidade durante muitos anos. Esta não foi uma decisão fácil para mim ou para qualquer um dos meus conselheiros.

Marcus não está usando a sua máscara, mas Evelyn está usando a dela. Ela soa tão sincera que quase me convence.

— Eu e os antigos representantes das facções tivemos muito a considerar. Seus anos de serviço, a lealdade que você inspirou entre os membros da sua facção, os sentimentos que ainda sinto por você como meu ex-marido...

Uma bufada de desdém escapa de meus lábios.

— Ainda sou seu marido — diz Marcus. — A Abnegação não permite o divórcio.

— Eles permitem em casos de violência doméstica — responde Evelyn, e sou tomado por aquele mesmo sentimento antigo, o vazio e o peso. Não acredito que ela acabou de admitir isso em público.

Mas o fato é que ela agora quer que as pessoas da cidade a enxerguem de outra maneira. Não como a mulher desalmada que assumiu o controle de suas vidas, mas como a mulher que Marcus oprimiu com sua força, o segredo que ele escondeu por trás de uma casa asseada e de roupas cinzentas bem passadas.

De repente, sei qual será o desfecho.

— Ela vai matá-lo — digo.

— Mas o fato — continua Evelyn, quase com carinho —, é que você cometeu crimes egrégios contra esta cidade. Você enganou crianças inocentes, levando-as a arriscar a própria vida por seus propósitos. Sua recusa em seguir minhas ordens e as de Tori Wu, ex-líder da Audácia, resultou em incontáveis mortes durante o ataque da Erudição. Você traiu seus pares ao

deixar de fazer o que estava combinado e ao deixar de lutar contra Jeanine Matthews. Você traiu sua própria facção ao revelar o que deveria ser um segredo confidencial.

— Eu não...

— Não terminei de falar — diz Evelyn. — Dado o seu histórico de serviço a esta cidade, decidimos adotar uma solução alternativa. Ao contrário dos outros antigos representantes de facções, você não será perdoado, nem poderá opinar nos assuntos que dizem respeito a esta cidade. Mas também não será executado como traidor. Você será enviado para o lado de fora da cerca, para além do complexo da Amizade, e não poderá voltar jamais.

Marcus parece surpreso. Eu não o culpo.

— Parabéns — diz Evelyn. — Você ganhou a chance de recomeçar.

Será que eu deveria sentir alívio por meu pai não ser executado? Ou raiva, por ter chegado tão perto de enfim me ver livre dele, mas ver que ele continuará neste mundo, pairando sobre a minha cabeça?

Não sei. Não sinto nada. Minhas mãos ficam dormentes, e isso é um indício de que estou entrando em pânico, mas não me sinto assim ou pelo menos não como costumo me sentir. A necessidade de estar em algum outro lugar toma conta de mim, então me viro e deixo os meus pais, Nita e a cidade onde costumava morar para trás.

CAPÍTULO VINTE E UM

Tris

ELES ANUNCIAM PELA manhã o exercício de simulação de ataque através do sistema de som enquanto tomamos café. A voz feminina e clara nos instrui a trancar a porta da sala onde estivermos pelo lado de dentro, cobrir as janelas e nos sentarmos em silêncio até que os alarmes parem de tocar.

– Isso ocorrerá dentro de uma hora – diz ela.

Tobias parece cansado e pálido, com olheiras. Ele pega um bolinho e belisca pequenos pedaços. Às vezes come, outras simplesmente se esquece de botar na boca.

A maioria de nós acordou tarde, às dez, acho que porque não tínhamos nenhum motivo para acordar mais cedo. Quando deixamos a cidade, perdemos as nossas facções, nosso propósito. Aqui, não há nada para fazer, a não ser esperar que alguma coisa aconteça, e isso não me deixa nada relaxada, mas agitada e tensa. Estou acostumada a ter algo para fazer, algo pelo qual lutar, o tempo todo. Tento me lembrar de que devo relaxar.

– Eles nos levaram para voar de avião ontem – digo a Tobias. – Onde você estava?

– Eu só precisava dar uma volta. Processar as coisas. – Ele soa conciso, irritado. – Como foi?

– Para falar a verdade, foi incrível. – Sento-me diante dele, e nossos joelhos se tocam no espaço entre as camas. – O mundo é... muito maior do que eu pensava.

Ele acena com a cabeça.

– Acho que eu não teria gostado. Por causa da altura e tal.

Não sei por quê, mas fico desapontada com sua reação. Desejava que ele dissesse que queria ter estado lá comigo, ter vivido aquilo comigo. Ou pelo menos que perguntasse por que foi incrível. Porém, tudo o que tem a dizer é que não teria gostado de estar lá.

— Está tudo bem? — pergunto. — Você parece mal ter dormido.

— Bem, o dia de hoje me proporcionou uma revelação e tanto — fala ele, apoiando a testa na mão. — Você não pode me culpar por estar chateado.

— Você pode ficar chateado com o que quiser — digo, franzindo a testa. — Mas, na minha opinião, não há muito pelo que ficar chateado. Sei que é uma surpresa, porém, como eu disse, você continua sendo a mesma pessoa de antes, independentemente do que digam.

Ele balança a cabeça.

— Não estou falando sobre meus genes. Estou falando de Marcus. Você não tem a menor ideia, não é mesmo? — A pergunta é acusatória, mas seu tom, não. Ele se levanta para jogar o bolinho no lixo.

Sinto-me magoada e frustrada. É claro que eu sabia de Marcus. As pessoas estavam comentando sobre isso no dormitório quando acordei. Mas, por algum motivo, não pensei que ele ficaria chateado em descobrir que seu pai não seria executado. Parece que eu estava errada.

O fato de que os alarmes soam naquele exato momento, impedindo-me de dizer qualquer outra coisa, não ajuda em nada. Os alarmes são altos, estridentes e agridem tanto os meus ouvidos que mal consigo pensar, muito menos me mover. Cubro um dos ouvidos com uma das mãos, e enfio a outra sob o travesseiro para pegar o aparelho que guarda o diário da minha mãe.

Tobias tranca a porta e fecha as cortinas, e todos permanecem sentados em suas camas. Cara cobre a cabeça com o travesseiro. Peter apenas permanece sentado, com as costas encostadas na parede e os olhos fechados. Não sei onde está Caleb. Deve estar pesquisando o que quer que o tenha deixado tão distante ontem. Também não sei onde estão Christina e Uriah. Talvez explorando o complexo. Ontem, depois da sobremesa, eles pareceram

determinados a explorar todos os cantos deste lugar. Eu preferi explorar as opiniões da minha mãe a respeito daqui. Ela escreveu várias vezes no diário sobre suas impressões do complexo, sobre o quanto era estranho para ela o lugar ser tão limpo, sobre a maneira como todos viviam sorrindo, como ela se apaixonou pela cidade ao vê-la da sala de controle.

Ligo o aparelho, esperando me distrair do barulho ensurdecedor.

Hoje eu me ofereci para entrar na cidade. David disse que os Divergentes estão morrendo e que alguém precisa pôr fim nisso, porque é um desperdício do nosso melhor material genético. Acho que essa é uma forma muito doentia de ver as coisas, mas David não faz por mal. Ele só quer dizer que, se não fosse pela morte dos Divergentes, nós não interviríamos até que certo grau de destruição fosse alcançado, mas, já que é com eles, a situação precisa ser resolvida imediatamente.

Ele disse que é só por alguns anos. Tudo o que tenho aqui são alguns amigos, nenhuma família, e sou jovem o bastante para que seja fácil me inserir. Basta apagar e reprogramar as memórias de algumas pessoas, e estou dentro. Eles vão me colocar na Audácia, a princípio, porque já tenho tatuagens, e seria difícil de explicar isso para as pessoas dentro do experimento. O único problema é que, na minha Cerimônia de Escolha, no ano que vem, terei que me juntar à Erudição, porque é lá que está o assassino, e não sei se serei inteligente o bastante para passar pela iniciação. David diz que não importa, porque ele pode alterar os resultados, mas isso parece errado. Mesmo que o Departamento considere que as facções não significam nada, que elas não passam de um tipo de modificação comportamental que ajuda a reparar os danos, as pessoas da cidade acreditam que elas são importantes, e não parece certo burlar seu sistema.

Eu os tenho observado há alguns anos, então não preciso aprender muito sobre como agir como eles. A esta altura, aposto que conheço a cidade melhor do que eles. Será difícil enviar meus informes. Alguém poderá notar que estou me conectando a um servidor externo, e não a um servidor de dentro da cidade,

portanto, incluirei poucas informações no diário ou talvez nenhuma. Será difícil deixar para trás tudo o que conheço, mas talvez seja bom. Talvez seja um recomeço.

Um recomeço seria muito bom para mim.

É muita coisa para absorver, mas acabo relendo a frase: *O único problema é que, na minha Cerimônia de Escolha, no ano que vem, terei que me juntar à Erudição, porque é lá que está o assassino.* Não sei sobre que assassino ela está falando. Será que é sobre o antecessor de Jeanine Matthews? Mas o mais confuso é que ela acabou *não* indo para a Erudição.

O que será que a levou a se juntar à Abnegação?

O alarme para e, na sua ausência, os sons parecem abafados em meus ouvidos. Os outros saem do dormitório um por um, mas Tobias fica mais um pouco, tamborilando os dedos na perna. Não falo com ele. Acho que não quero ouvir o que ele tem a dizer agora que estamos os dois à flor da pele.

Mas tudo o que diz é:

— Posso beijar você?

— Pode — respondo, aliviada.

Ele se inclina para a frente e toca o meu rosto, depois me beija com delicadeza.

Bem, pelo menos ele sabe melhorar o meu humor.

— Não me lembrei da questão do Marcus. Deveria ter lembrado — digo.

Ele dá de ombros.

— Já passou.

Sei que não passou. Com Marcus, as coisas nunca passam; as maldades que ele cometeu são grandes demais. Mas não insisto na questão.

— Mais textos do diário? — pergunta ele.

— Sim. Até agora, apenas algumas memórias do complexo. Mas está ficando interessante.

— Ótimo. Vou deixar você ler em paz.

Ele abre um pequeno sorriso, mas percebo que continua cansado e chateado. Não tento impedi-lo de ir. De certa maneira, parece que estamos deixando um ao outro sozinhos com nossas tristezas, a dele causada pela perda da sua Divergência e pelo que esperava do julgamento de Marcus, e a minha, pela perda dos meus pais.

Toco na tela para ler o próximo texto.

Caro David,

Ergo as sobrancelhas. Agora ela está escrevendo para David?

Caro David,

Perdão, mas as coisas não vão acontecer como planejamos. Eu não consigo. Sei que você vai pensar que estou agindo como uma adolescente idiota, mas esta é a minha vida, e, se vou passar uns anos aqui, preciso fazer isso do meu jeito. Ainda conseguirei fazer o meu trabalho de fora da Erudição. Portanto, amanhã, na Cerimônia de Escolha, eu e Andrew escolheremos a Abnegação juntos.

Espero que você não esteja irritado. Acho que, mesmo que esteja, não vou ficar sabendo.

— Natalie

Leio e releio o texto, até absorver as palavras. *Eu e Andrew escolheremos a Abnegação juntos.*

Sorrio, cobrindo a boca com a mão, depois apoio a cabeça na janela e deixo as lágrimas escorrerem em silêncio.

Meus pais realmente se amavam. O bastante para abandonar planos e facções. O bastante para desafiar a ideia de "facção antes do sangue". Facção antes do sangue, não. *Amor* antes da facção, sempre.

Desligo o aparelho. Não quero ler nada que estrague esta sensação: de que estou boiando em águas tranquilas.

É estranho como, embora eu devesse estar sofrendo a perda da minha mãe, na verdade, sinto que estou recuperando pedaços dela, palavra por palavra, linha por linha.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Tris

HÁ APENAS MAIS uma dúzia de textos no arquivo, e eles não me dizem nada que eu queira saber, embora criem mais dúvidas. E, em vez de conterem os pensamentos e impressões da minha mãe, são todos dirigidos a alguém.

Caro David,

Pensei que você era mais meu amigo do que meu supervisor, mas acho que estava errada.

O que você pensou que aconteceria quando entrei aqui? Que eu viveria solteira e solitária para sempre? Que não me apegaria a ninguém? Que não tomaria nenhuma decisão por conta própria?

Deixei tudo para trás a fim de entrar aqui, quando ninguém mais queria fazer isso. Você deveria estar me agradecendo, e não me acusando de perder o foco da missão. Vamos deixar uma coisa bem clara: não vou esquecer por que estou aqui só porque escolhi a Abnegação e vou me casar. Mereço ter uma vida própria. Uma vida que eu queira, e não uma que você e o Departamento escolham por mim. Você deveria saber bem disso. Deveria entender por que esta vida me agradaria, depois de tudo o que vi e vivi.

Para ser franca, acho que você nem liga para o fato de que não escolhi a Erudição, como deveria ter feito. Parece apenas que você está com ciúmes. E, se quiser que eu continue enviando informações, deve desculpar-se por duvidar de mim. Mas, se você não se desculpar, não enviarei mais informação alguma, e, sem dúvida, não deixarei mais a cidade para visitá-lo. Você é quem sabe.

— Natalie

Será que ela tinha razão a respeito de David? Essa ideia instiga a minha mente. Será que ele de fato sentia ciúme do meu pai? Será que o ciúme dele sumiu com o tempo? Só consigo enxergar o relacionamento deles a partir do olhar da minha mãe e não sei se ela é a fonte mais confiável.

Dá para perceber que ela está ficando mais velha nos textos. Sua linguagem está se tornando mais refinada à medida que o tempo a separa da margem onde costumava viver, e suas reações estão ficando mais moderadas. Ela está amadurecendo.

Confiro a data do texto seguinte. Foi escrito alguns meses depois, mas não é para David, como alguns dos outros. O tom também é diferente. Não é tão familiar, e sim mais direto.

Toco na tela, passando pelos textos. Preciso tocá-la dez vezes até encontrar outro texto para ele. A data do texto sugere que foi escrito dois anos depois.

Caro David,

Recebi a sua carta. Entendo por que você não pode mais ser a pessoa a receber meus comunicados e respeito a sua decisão, mas vou sentir saudade.

Desejo-lhe toda a felicidade do mundo.

— Natalie

Tento passar para a página seguinte, mas é o fim do diário. O último documento no arquivo é um atestado de óbito. Segundo o atestado, a causa da morte foi *ferimentos múltiplos no torso causados por arma de fogo*. Balanço para a frente e para trás durante um tempo, para afastar da minha mente a imagem dela desabando na rua. Quero aprender mais sobre ela e meu pai e sobre ela e David. Qualquer coisa que me distraia da maneira como a sua vida terminou.

+ + +

Sigo Zoe até a sala de controle mais tarde nesta manhã, e isso mostra como estou desesperada por informações. Ela conversa com o administrador da

sala de controle sobre uma reunião com David enquanto encaro, determinada, os meus pés, sem querer ver o que está nos monitores. Sinto que, se me permitir olhar para eles, mesmo que por um segundo, ficarei viciada, perdida no mundo antigo porque não sei como lidar com o novo.

Porém, quando Zoe encerra sua conversa, não consigo mais conter minha curiosidade. Olho para o enorme monitor pendurado sobre as mesas. Evelyn está sentada na cama, correndo as mãos sobre algo em sua mesa de cabeceira. Aproximo-me do monitor para ver o que é, e a mulher na mesa à minha frente diz:

— Esta é a câmera de Evelyn. Nós a observamos vinte e quatro horas por dia.

— Vocês podem ouvi-la?

— Só se aumentarmos o som — responde a mulher. — Mas em geral mantemos o som desligado. É difícil ouvir tanta conversa o dia inteiro.

Assinto com a cabeça.

— O que é isso que ela está tocando?

— Um tipo de escultura, não sei. — A mulher dá de ombros. — Mas ela costuma olhar muito para ela.

Eu a reconheço de algum lugar. Do quarto de Tobias, onde dormi depois da minha quase execução na sede da Erudição. Ela é feita de vidro azul. Uma forma abstrata que parece água sendo derramada e paralisada no tempo.

Levo as pontas dos dedos ao queixo, vasculhando minha memória. Ele me disse que Evelyn o havia presenteado com a escultura quando ele era jovem e o instruíra a mantê-la escondida do pai, que, por ser da Abnegação, desaprovaria um objeto lindo, mas inútil. Não pensei muito sobre a escultura então, mas ela deve significar algo para Evelyn, já que a carregou do setor da Abnegação até a sede da Erudição e a manteve em sua mesa de cabeceira. Talvez seja a sua maneira de se rebelar contra o sistema de facções.

No monitor, Evelyn equilibra o queixo na mão e encara a escultura por um instante. Depois, levanta-se e balança as mãos antes de deixar o quarto.

Não, não acredito que a escultura seja um símbolo de rebelião. Acho que é apenas uma lembrança de Tobias. De alguma forma, não me dei conta disso quando deixamos a cidade. Ele não era apenas um rebelde desafiando sua líder, mas também um filho abandonando a mãe. E ela está sofrendo por isso.

Será que ele também está?

Por mais problemático que fosse o relacionamento dos dois, os laços entre eles nunca vão se quebrar. Isso seria impossível.

Zoe toca o meu ombro.

— Você queria me perguntar alguma coisa?

Assinto com a cabeça e afasto os olhos do monitor. Zoe está jovem na foto em que aparece ao lado da minha mãe, mas ela estava lá, então deve saber alguma coisa. Eu teria perguntado a David, mas, por ser líder do Departamento, não é fácil encontrá-lo.

— Quero informações sobre meus pais. Estou lendo o diário da minha mãe e acho que estou tendo dificuldade em entender como eles se conheceram ou por que entraram na Abnegação juntos.

Zoe acena a cabeça devagar.

— Posso dizer o que sei. Você se importa em me acompanhar até o laboratório? Preciso levar uma mensagem para Matthew.

Ela leva as mãos às costas, apoiando-as no quadril. Ainda estou segurando a tela que David me deu. Ela está toda marcada com minhas impressões digitais e morna por conta do meu toque constante. Entendo por que Evelyn toca tanto aquela escultura. É o último pedaço que ela tem do seu filho, assim como aquele pequeno aparelho é o último pedaço da minha mãe. Sinto-me mais próxima dela quando estou com ele.

Acho que é por isso que não consigo entregá-lo a Caleb, embora ele tenha o direito de ver. Acho que ainda não consigo abrir mão dela.

— Eles se conheceram em uma aula — conta Zoe. — Embora seu pai fosse um homem inteligente, nunca foi muito bom em psicologia, e a professora, que, é claro, pertencia à Erudição, era muito dura com ele por isso. Então, sua

mãe se ofereceu para ajudá-lo depois das aulas, e ele disse para os pais que estava fazendo um tipo de trabalho escolar. Isso durou várias semanas, e então eles começaram a se encontrar em segredo. Acho que um dos lugares preferidos deles era o chafariz do Millenium Park. O Chafariz Buckingham, bem ao lado do pântano. Sabe?

Imagino a minha mãe e o meu pai sentados ao lado do chafariz, sob a nuvem de gotas d'água, os pés tocando o fundo de concreto. Sei que o chafariz ao qual Zoe está se referindo não funciona há muito tempo e que não haveria água alguma, mas a imagem fica mais bonita assim.

— A Cerimônia de Escolha se aproximava, e seu pai mal podia esperar para deixar a Erudição, porque vira algo terrível...

— O quê? O que ele viu?

— Bem, seu pai era muito amigo de Jeanine Matthews — diz Zoe. — E ele a viu realizar um experimento em um homem sem-facção em troca de comida ou roupas. De qualquer maneira, ela estava testando o soro indutor de medo que mais tarde foi incorporado na iniciação da Audácia. Antigamente, as simulações de medo não eram geradas pelos medos específicos das pessoas, entende, mas por medos generalizados, como altura e aranhas, ou algo do tipo. E Norton, que na época era o representante da Erudição, estava presente, mas deixou que o experimento durasse mais do que deveria. O homem sem-facção nunca mais foi o mesmo. E isso foi a gota d'água para o seu pai.

Ela para diante da porta do laboratório a fim de abri-la com o crachá. Entramos no escritório sujo onde David me deu o diário da minha mãe. Matthew está sentado com o nariz colado no monitor do computador e os olhos semicerrados. Ele quase não nota a nossa presença.

Sou tomada por uma vontade de sorrir e chorar ao mesmo tempo. Sento-me em uma cadeira ao lado da mesa vazia, as mãos juntas entre os joelhos. Meu pai era um homem difícil. Mas também era um bom homem.

— Seu pai queria sair da Erudição, e sua mãe não queria entrar, independentemente do objetivo da sua missão. Mas ela queria estar próxima de Andrew, então eles escolheram a Abnegação juntos. — Ela faz uma pausa. — Isso causou um rompimento entre sua mãe e David, como você deve ter lido. Ele acabou se desculpando, mas disse que não receberia mais os informes dela, não sei por quê; ele não quis dizer. Depois disso, os informes dela passaram a ser muito curtos, puramente informativos. E é por isso que não estão incluídos no diário.

— Mas ela conseguiu mesmo assim continuar a sua missão na Abnegação.

— Sim. E acho que ela foi muito mais feliz lá do que teria sido na Erudição — diz Zoe. — É claro que, em certos aspectos, a Abnegação acabou não sendo muito melhor. Parece que não há como escapar dos danos genéticos. Até a liderança da Abnegação foi envenenada por eles.

Franzo a testa.

— Você está se referindo a Marcus? Mas ele é Divergente. Os danos genéticos não tiveram nada a ver com o que ele fez.

— Um homem cercado por danos genéticos não consegue deixar de imitá-los em seu próprio comportamento — diz Zoe. — Matthew, David quer marcar uma reunião com seu supervisor para discutir um dos soros em desenvolvimento. Da última vez, Alan esqueceu completamente, então queria saber se você pode acompanhá-lo até lá.

— Claro — diz Matthew sem afastar os olhos do computador. — Vou dar um jeito de fazê-lo reservar um tempo para mim.

— Ótimo. Bem, preciso ir. Espero ter respondido as suas perguntas, Tris. — Ela sorri e deixa o recinto.

Sento-me encurvada para a frente com os cotovelos nos joelhos. Marcus era Divergente, geneticamente puro, como eu. Mas não aceito que ele era uma pessoa ruim porque estava cercado por pessoas geneticamente danificadas. Eu também estava. Uriah também estava. Assim como a minha mãe. Mas nenhum de nós agrediu nossos entes queridos.

— O argumento dela é meio furado, não é? — pergunta Matthew. Ele está olhando para mim de trás da mesa, tamborilando os dedos no braço da cadeira.

— É — respondo.

— Algumas pessoas aqui querem culpar os danos genéticos por tudo. É mais fácil para elas acreditar nisso do que na verdade, que é a seguinte: não há como eles saberem tudo sobre as pessoas e os motivos que as levam a agir como agem.

— Todos têm que culpar alguma coisa pelo mundo ser como é — digo. — Para o meu pai, a culpada era a Erudição.

— Então é melhor eu não dizer que a Erudição sempre foi a minha facção preferida — diz Matthew, com um pequeno sorriso.

— Sério? — Ajeito o corpo. — Por quê?

— Não sei. Acho que concordo com eles. Com a ideia de que, se todos aprendessem o tempo todo sobre o mundo ao seu redor, teríamos muito menos problemas.

— Desconfiei deles a minha vida inteira — digo, apoiando o queixo na mão. — Meu pai odiava a Erudição, então aprendi a odiá-los também, assim como tudo o que eles faziam. Mas agora acho que ele estava errado. Ou, pelo menos... estava sendo preconceituoso.

— Sobre a Erudição ou sobre o aprendizado?

Dou de ombros.

— Os dois. Tantas pessoas da Erudição já me ajudaram sem eu nem precisar pedir. — Will, Fernando, Cara eram todos da Erudição, e algumas das pessoas mais bondosas com que convivi, mesmo que por pouco tempo. — Eles estavam tão determinados a transformar o mundo em um lugar melhor. — Balanço a cabeça. — O que Jeanine fez não tem nada a ver com sede de conhecimento, que a levou à sede por poder, como meu pai disse, mas sim com o medo dela da dimensão do mundo e como isso a tornava impotente. Talvez a Audácia é que tivesse razão.

— Existe um velho ditado — diz Matthew. — Conhecimento é poder. O poder de fazer o mal, como Jeanine... ou o poder de fazer o bem, como estamos fazendo. O poder em si não é mau. Portanto, o conhecimento em si não é mau.

— Acho que fui criada para desconfiar dos dois. Do poder e do conhecimento — digo. — Para a Abnegação, o poder só deve ser dado a pessoas que não o querem.

— Isso até faz algum sentido — diz Matthew. — Mas talvez esteja na hora de você superar essas desconfianças.

Ele pega um livro sob a mesa. É um livro grosso, com a capa gasta e as bordas puídas. Na capa, está escrito BIOLOGIA HUMANA.

— Este livro é um pouco rudimentar, mas me ajudou a aprender o que é ser humano. O que significa ser uma máquina biológica tão complicada e misteriosa e, o que é ainda mais fascinante, ter a capacidade de analisar a própria máquina! Isso é algo muito especial, sem precedentes em toda a história evolutiva. Nossa habilidade de aprender sobre nós mesmos e sobre o mundo é o que nos torna humanos.

Ele me entrega o livro e volta a encarar o computador. Olho para a capa gasta e corro os dedos pelas beiradas das páginas. Ele faz a aquisição de conhecimento parecer algo secreto e lindo, algo antigo. Sinto que, se ler este livro, conseguirei voltar no tempo, através de todas as gerações da humanidade, até a primeira, seja lá quando foi. Que participarei de algo muito maior e mais antigo do que eu.

— Obrigada — agradeço, e não estou me referindo ao livro. E sim ao fato de ele ter me devolvido algo, algo que eu havia perdido antes mesmo de ter.

+ + +

O saguão do hotel cheira a limão cristalizado e água sanitária, uma combinação pungente, que queima minhas narinas quando respiro. Passo

por um vaso de planta com uma flor espalhafatosa crescendo em meio aos galhos e sigo em direção ao dormitório que se tornou nosso lar temporário. Ao caminhar, esfrego a minha camisa na tela, tentando limpar algumas das minhas impressões digitais.

Caleb está sozinho no dormitório, o cabelo despenteado e os olhos vermelhos de quem acabou de acordar. Ele pisca ao olhar para mim quando entro, e jogo o livro de biologia sobre a cama. Sinto uma dor nauseante no estômago e agarro o aparelho com o arquivo sobre a nossa mãe junto às minhas costelas. *Ele é filho dela. Tem tanto direito de ler o diário dela quanto você.*

— Se você tem algo a dizer — fala ele —, diga logo.

— Mamãe viveu aqui. — Deixo escapar como um segredo guardado há anos, alto e rápido demais. — Ela veio da margem, eles a trouxeram para cá, e ela viveu aqui durante alguns anos, depois foi para a cidade a fim de impedir que a Erudição assassinasse os Divergentes.

Caleb pisca novamente ao me encarar. Antes que eu perca a coragem, ofereço-lhe a tela.

— O arquivo dela está aqui. Não é muito longo, mas você devia ler.

Meu irmão se levanta e segura a placa de vidro. Ele está tão mais alto do que costumava ser, tão maior do que eu. Por alguns anos, quando éramos crianças, fui mais alta do que ele, apesar de ser quase um ano mais nova. Aqueles foram alguns dos nossos melhores anos, uma época na qual eu não sentia que ele era maior, melhor, mais inteligente ou mais altruísta do que eu.

— Há quanto tempo você sabe disso? — pergunta ele, semicerrando os olhos.

— Não importa. — Dou um passo para trás. — Estou contando agora. Aliás, você pode ficar com isso. Não preciso mais.

Ele limpa a tela com a manga da camisa e avança pelo dispositivo de maneira habilidosa até encontrar o primeiro texto do diário da nossa mãe.

Imagino que vá se sentar e ler o texto, encerrando a conversa, mas ele suspira.

— Também tenho algo para mostrar — diz ele. — É sobre Edith Prior. Venha.

É o nome dela, e não o que me resta de ligação com ele, que me leva a segui-lo quando ele sai andando.

Saímos do dormitório, descemos o corredor e viramos algumas vezes até uma sala distante de todas as que conheço no complexo do Departamento. A sala é comprida e estreita, e as paredes são cobertas de prateleiras com livros azul-acinzentados idênticos, grossos e pesados, como dicionários. Entre as duas primeiras fileiras há uma longa mesa de madeira com cadeiras. Caleb acende o interruptor, e uma luz pálida enche a sala, lembrando-me da sede da Erudição.

— Tenho passado muito tempo aqui — diz ele. — É a sala de registro. Eles guardam algumas informações sobre o experimento de Chicago aqui.

Ele caminha diante das prateleiras do lado direito da sala, correndo os dedos pelas lombadas dos livros. Pega um dos volumes e o repousa sobre a mesa, abrindo-o, e consigo ver as páginas repletas de textos e fotos.

— Por que eles não guardam tudo isso em computadores?

— Acho que guardavam esses registros quando ainda não haviam desenvolvido um sistema de segurança sofisticado para a rede — diz ele sem levantar a cabeça. — Dados nunca desaparecem de verdade, mas papéis podem ser destruídos para sempre, e, portanto, é fácil se livrar disso para evitar que caia nas mãos erradas. Às vezes, é mais seguro ter tudo impresso.

Seus olhos verdes acompanham o texto depressa enquanto ele procura o ponto certo com dedos ágeis, feitos para virar páginas. Penso em como ele disfarçou esse aspecto de si, escondendo livros entre a cabeceira da cama e a parede na nossa casa na Abnegação, até derramar seu sangue na água da Erudição no dia da nossa Cerimônia de Escolha. Eu deveria ter percebido, naquele dia, que ele era um mentiroso, leal apenas a si mesmo.

Sinto a dor nauseante outra vez. Mal consigo suportar estar aqui dentro com ele, a porta nos prendendo e apenas a mesa entre nós.

— Ah, aqui está. — Ele aponta para a página, depois vira o livro para me mostrar.

Parece uma cópia de um contrato, mas é escrita à mão com tinta.

Eu, Amanda Marie Ritter, de Peoria, Illinois, consinto com os seguintes procedimentos:

O procedimento de "cura genética", conforme definido pelo Departamento de Auxílio Genético: "um procedimento de engenharia genética projetado para corrigir os genes especificados como 'danificados' na página três deste formulário."

O "procedimento de reinicialização", conforme definido pelo Departamento de Auxílio Genético: "um procedimento de apagamento de memória, com o objetivo de tornar mais adequado o participante do experimento."

Declaro que fui cuidadosamente instruída quanto aos riscos e benefícios desses procedimentos por um membro do Departamento de Auxílio Genético. Entendo que isso significa que receberei um novo histórico e uma nova identidade pelo Departamento e que serei inserida no experimento em Chicago, Illinois, onde viverei o resto da minha vida.

Concordo em me reproduzir pelo menos duas vezes, para oferecer aos meus genes corrigidos a maior chance possível de sobrevivência. Entendo que serei encorajada a fazer isso durante a minha reeducação, depois do procedimento de reinicialização.

Também autorizo que meus filhos e os filhos dos meus filhos etc., permaneçam nesse experimento até que o Departamento de Auxílio Genético o considere completo. Eles serão instruídos com a história falsa que eu também receberei depois do procedimento de reinicialização.

Assinado,

Amanda Marie Ritter

Amanda Marie Ritter. Ela era a mulher do vídeo, Edith Prior, minha antepassada.

Olho para Caleb, cujos olhos estão brilhando com o conhecimento, como se fios elétricos passassem dentro deles.

Nossa antepassada.

Puxo uma das cadeiras e me sento.

— Ela era antepassada do papai? — pergunto.

Ele faz que sim com a cabeça e se senta de frente para mim.

— Sim, há sete gerações. Uma tia. O irmão dela foi quem passou adiante o nome Prior.

— E isto é...

— É um termo de consentimento. O termo de consentimento dela para se juntar ao experimento. As notas do texto afirmam que este é apenas um rascunho. Ela foi uma das projetistas originais do experimento. Era membro do Departamento. No experimento original, havia poucos membros do Departamento; a maioria das pessoas no experimento não trabalhava para o governo.

Releio o texto, tentando decifrá-lo. Quando a vi no vídeo, parecia tão lógico o fato de ela se tornar uma moradora da nossa cidade, de ela mergulhar no nosso sistema de facções, de se oferecer para deixar tudo para trás. Mas isso foi antes de eu saber como é a vida fora da cidade, e ela não parece tão terrível quanto Edith descreveu em sua mensagem para nós.

Ela foi uma hábil manipuladora naquele vídeo, cuja intenção era nos manter contidos e dedicados à visão do Departamento. *O mundo fora da cidade está gravemente danificado, e os Divergentes precisam sair para consertá-lo.* Não é bem uma mentira, porque as pessoas do Departamento de fato acreditam que genes curados vão consertar certas coisas, que, se nos integrarmos à população geral e passarmos adiante nossos genes, o mundo será um lugar melhor. Mas eles não precisavam que os Divergentes marchassem da cidade como um exército para combater a injustiça e salvar a

todos, como Edith sugeriu. Será que ela acreditava nas suas próprias palavras ou será que as falou só porque precisava?

Há uma foto dela na página seguinte, com a boca em uma linha firme e cabelo castanho. Ela deve ter visto algo terrível para se oferecer para ter a memória apagada e a vida inteira reconstruída.

— Você sabe por que ela resolveu participar? — pergunto.

Caleb balança a cabeça em um gesto negativo.

— Os registros sugerem, embora de maneira bastante vaga, que as pessoas se juntavam ao experimento para que suas famílias pudessem escapar de um estado de pobreza extrema. As famílias dos sujeitos recebiam por mais de dez anos um ordenado mensal pela participação no teste. Mas essa com certeza não foi a motivação de Edith porque ela trabalhava no Departamento. Suspeito que algo traumático tenha acontecido a ela, algo que ela queria muito esquecer.

Franzo a testa ao olhar para a foto. Não consigo imaginar que tipo de pobreza levaria alguém a abrir mão de si mesmo e de todos os que ama em troca de um ordenado mensal para sua família. Posso até ter vivido de pão e legumes da Abnegação durante a maior parte da minha vida, sem nenhum luxo, mas nunca estive desesperada a esse ponto. A situação deles deveria ser bem pior do que qualquer coisa que vi na cidade.

Também não consigo imaginar o que teria deixado Edith tão desesperada. Talvez ela apenas não tivesse ninguém por quem manter a sua memória.

— Queria saber se existem precedentes jurídicos para o consentimento em nome de descendentes — diz Caleb. — Acho que é uma extrapolação do consentimento para crianças com menos de dezoito anos, mas parece um pouco estranho.

— Acho que todos nós decidimos o destino dos nossos filhos quando tomamos nossas próprias decisões — digo de forma vaga. — Será que teríamos escolhido as facções que escolhemos se mamãe e papai não tivessem optado

pela Abnegação? — Dou de ombros. — Não sei. Talvez não tivéssemos nos sentido tão reprimidos. Talvez tivéssemos nos tornado pessoas diferentes.

O pensamento invade a minha mente como uma criatura rastejante: *Talvez tivéssemos nos tornado pessoas melhores. Pessoas que não traem a própria irmã.*

Encaro a mesa diante de mim. Durante os últimos minutos, foi fácil fingir que eu e Caleb éramos simplesmente irmã e irmão outra vez. Mas não dá para esquecer a realidade e a raiva durante muito tempo, antes que a verdade venha de novo à tona. Quando levanto meus olhos e encontro os dele, lembro-me da vez que o encarei exatamente assim, quando ainda era prisioneira na sede da Erudição. Lembro-me de estar cansada demais para brigar com ele ou para ouvir as desculpas dele; cansada demais para me importar com o fato de que meu irmão havia me abandonado.

— Edith se juntou à Erudição, não foi? Apesar de ter adotado um nome da Abnegação? — pergunto de maneira dura.

— Sim! — Ele parece não perceber o meu tom. — Na verdade, a maioria dos nossos antepassados pertencia à Erudição. Houve alguns casos isolados que se juntaram à Abnegação e um ou dois que se juntaram à Franqueza, mas a linhagem é bastante consistente.

Sinto frio, como se pudesse estremecer e depois me estilhaçar toda.

— Então, imagino que, na sua mentalidade torpe, você tenha usado isso como desculpa para o que fez — digo de maneira dura. — Para ter se juntado à Erudição, para ter sido leal a eles. Quer dizer, se você já estava destinado a ser um deles, então "facção antes do sangue" se torna uma crença aceitável, certo?

— Tris... — diz ele, e seus olhos imploram pela minha compreensão, mas não compreendo. Eu me recuso.

Levanto-me.

— Então, agora sei sobre Edith e você sobre a nossa mãe. Vamos deixar as coisas assim.

Às vezes, quando olho para ele, sinto uma pontada de compaixão, mas outras vezes tenho vontade de agarrar seu pescoço. Porém, agora só quero escapar e fingir que isso nunca aconteceu. Deixo a sala de registros, e meus sapatos chiam no chão de ladrilhos enquanto corro até o hotel. Corro até sentir o cheiro de limão doce, depois paro.

Tobias está parado no corredor, do lado de fora do dormitório. Estou sem fôlego e consigo sentir o meu batimento cardíaco nas pontas dos dedos; sinto-me sufocada, cheia de um sentimento de perda e assombro, raiva e saudade.

— Tris — diz Tobias com uma expressão preocupada. — Você está bem?

Balanço a cabeça, ainda tentando recuperar o fôlego, e o empurro contra a parede, meus lábios encontrando os seus. Por um instante, ele tenta me afastar, mas depois talvez decida que não se importa se estou bem, não se importa se ele está bem, não se importa. Há dias que não ficamos juntos, só nós dois. Semanas. Meses.

Seus dedos deslizam pelos meus cabelos, e eu me agarro aos seus braços para me equilibrar enquanto nos apertamos um contra o outro, como duas lâminas em um duelo empatado. Ele é a pessoa mais forte que conheço e é mais carinhoso do que as pessoas pensam; ele é um segredo que guardo comigo e guardarei pelo resto da vida.

Ele se curva e beija o meu pescoço com força, e suas mãos deslizam pelo meu corpo, parando e agarrando minha cintura. Prendo meus dedos nos passadores da sua calça, fechando os olhos. Naquele momento, sei exatamente o que quero; quero retirar todas as camadas de roupa entre nós, despir tudo o que nos separa, o passado, o presente e o futuro.

Ouço passos e risadas no fim do corredor, e nos afastamos. Alguém, provavelmente Uriah, assobia, mas quase não o ouço por trás do pulsar nos meus ouvidos.

Os olhos de Tobias encontram os meus, e é como na primeira vez que realmente olhei para ele durante a minha iniciação, depois da simulação do

medo; nos olhamos por tempo demais, com intensidade demais.

— Cala a boca! — grito para Uriah sem tirar os olhos de Tobias.

Uriah e Christina entram no dormitório, e nós os seguimos como se nada tivesse acontecido.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Tobias

NAQUELA NOITE, QUANDO minha cabeça desaba no travesseiro, pesada com tantos pensamentos, ouço algo sendo amassado sob a minha bochecha. Um bilhete sob a fronha.

T–

Encontre-me na entrada do hotel às onze. Preciso falar com você.

– Nita

Olho para o catre de Tris. Ela está deitada de costas, e há uma mecha de cabelo cobrindo seu nariz e sua boca que se mexe cada vez que ela respira. Não quero acordá-la, mas me sinto estranho indo encontrar uma garota no meio da noite sem avisá-la. Ainda mais agora que estamos nos esforçando tanto para sermos honestos um com o outro.

Olho o meu relógio. Faltam dez minutos para as onze.

Nita é apenas uma amiga. Você pode avisar Tris amanhã. Talvez seja urgente.

Afasto a coberta e enfio os pés nos sapatos. Tenho ido dormir com as roupas que uso durante o dia. Passo pela cama de Peter, depois pela de Uriah. Vejo a boca de uma garrafa escondida sob o travesseiro de Uriah. Eu a pego com cuidado e a carrego em direção à porta, escondendo-a sob o travesseiro de uma das camas vazias. Não tenho tomado conta dele como prometi a Zeke.

Ao chegar no corredor, amarro os cadarços e ajeito o cabelo. Parei de cortar o cabelo como faz um membro da Abnegação quando decidi que queria que as pessoas da Audácia me enxergassem como um possível líder, mas sinto saudade do ritual do modo antigo, o zumbido da máquina e os movimentos cuidadosos das minhas mãos, que se orientavam mais pelo tato

do que pela visão. Quando eu era criança, meu pai costumava cortar meu cabelo no corredor do segundo andar da nossa casa na Abnegação. Ele nunca era muito cuidadoso com a lâmina, arranhando a minha nuca e machucando as minhas orelhas. Mas nunca reclamava de ter que cortar o meu cabelo. Isso já é alguma coisa, eu acho.

Nita bate o pé no chão. Desta vez, está usando uma camisa branca de manga curta, e seu cabelo está preso. Ela sorri, mas seus olhos não refletem o sorriso.

— Você parece preocupada — digo.

— É porque estou. Venha, tem um lugar que quero mostrar para você há um tempo.

Ela me guia por corredores escuros e vazios exceto por um ou outro faxineiro. Todos parecem conhecer Nita. Eles acenam para ela ou sorriem. Ela enfia as mãos nos bolsos, desviando com cuidado os olhos dos meus sempre que nossos olhares se cruzam.

Passamos por uma porta que não tem qualquer sensor de segurança para mantê-la trancada. Do outro lado, há uma grande sala circular com um lustre de vidro no centro. O chão é de madeira escura polida, e as paredes, cobertas de folhas de bronze, refletem a luz. Há nomes escritos nos painéis de bronze. Dezenas de nomes.

Nita para sob o lustre e abre os braços para abranger toda a sala com o gesto.

— Estas são as árvores genealógicas de Chicago — diz ela. — As árvores genealógicas de vocês.

Aproximo-me de uma das paredes e leio os nomes, procurando algum que me pareça familiar. No final, encontro dois: Uriah Pedrad e Ezekiel Pedrad. Ao lado de cada nome, há um pequeno "AA", e há um ponto ao lado do nome de Uriah que parece ter sido gravado há pouco tempo, provavelmente marcando-o como Divergente.

— Você sabe onde está o meu? — pergunto.

Ela atravessa a sala e toca em um dos painéis.

— As gerações são matrilineares. É por isso que os registros de Tris diziam que ela era de "segunda geração". Porque a mãe dela veio de fora da cidade. Não sei ao certo como Jeanine sabia disso, mas acho que agora nunca vamos descobrir.

Hesitante, aproximo-me do painel com o meu nome, embora não saiba ao certo por que deveria temer ver meu nome e os nomes dos meus pais gravados em bronze. Vejo uma linha vertical ligando Kristin Johnson e Evelyn Johnson e outra linha horizontal ligando Evelyn Johnson a Marcus Eaton. As pequenas letras ao lado do meu nome dizem "AbA", e há um ponto também, embora eu agora saiba que não sou de fato Divergente.

— A primeira parte indica a sua facção de origem — explica ela —, e a segunda, a sua facção de escolha. Eles acreditavam que manter um registro das facções os ajudaria a traçar um trajeto dos genes.

As letras da minha mãe: "EAS". Imagino que o *S* signifique "sem-facção".

As letras do meu pai: "AbAb", com um ponto.

Toco a linha que os conecta a mim, a linha que conecta Evelyn a seus pais e a linha que os conecta a seus pais, voltando oito gerações, contando a minha. Isto é um mapa que mostra o que eu sempre soube, que sou ligado a eles, preso para sempre a essa herança vazia, não importa o quanto eu fuja.

— Embora eu me sinta grato por ter me mostrado isto — digo, sentindo-me triste e cansado —, não entendo por que tinha que ser no meio da noite.

— Imaginei que você fosse querer ver. E queria conversar com você sobre uma coisa.

— Vai de novo me tranquilizar, dizendo que as minhas limitações não me definem? — Balanço a cabeça. — Não, obrigado. Já estou farto disso.

— Não. Mas fico feliz por você dizer isso.

Ela se apoia no painel, cobrindo o nome de Evelyn com o ombro. Eu me afasto, porque não quero estar perto o bastante dela para ver o anel de tom castanho um pouco mais claro ao redor das suas pupilas.

— A conversa que tive com você ontem à noite, sobre danos genéticos... na verdade, foi um teste. Queria saber como você reagiria ao que eu disse sobre genes danificados para saber se podia confiar em você — diz ela. — Se você aceitasse o que falei sobre as suas limitações, a resposta teria sido não. — Ela desliza um pouco mais para perto de mim, e seu ombro cobre o nome de Marcus também. — Sabe, não concordo muito em ser classificada como "danificada".

Lembro-me de como ela cuspiu a explicação sobre a tatuagem de vidro quebrado nas suas costas, como se fosse veneno.

Meu coração começa a bater mais forte, e consigo sentir a pulsação na garganta. O bom humor na voz dela foi substituído por amargura, e seus olhos perderam calor. Tenho medo dela, do que ela tem a dizer. Mas também estou animado, porque isso significa que não preciso aceitar que sou menor do que acreditava.

— Imagino que você também não concorde.

— Não. Não concordo.

— Existem muitos segredos neste lugar — diz ela. — Um deles é que, para eles, os GDs são dispensáveis. Outro é que alguns de nós não estão dispostos a aceitar isso.

— Como assim, dispensáveis? — pergunto.

— Os crimes que eles cometeram contra pessoas como nós são muito sérios — diz Nita. — E estão escondidos. Tenho provas, mas só posso mostrá-las depois. O que posso dizer agora é que estamos trabalhando contra o Departamento, por bons motivos, e queremos que você se junte a nós.

Semicerro os olhos.

— Por quê? O que vocês querem de mim exatamente?

— Agora quero dar a você a oportunidade de ver como é o mundo fora deste complexo.

— E o que você ganha com isso?

— A sua proteção — diz ela. — Estou indo para um lugar perigoso e não posso contar a mais ninguém do Departamento. Você não é daqui, e isso significa que é mais seguro para mim confiar em você, e sei que você sabe se defender. E, se vier comigo, posso mostrar a tal prova que você quer ver.

Com delicadeza, ela leva a mão ao coração, como se estivesse jurando. Minha desconfiança é grande, mas minha curiosidade é maior ainda. Não é difícil para mim acreditar que o Departamento tenha feito coisas más, porque todo governo que já conheci fez coisas más, até mesmo a oligarquia da Abnegação, que era dirigida pelo meu pai. E, para além dessa desconfiança razoável, ainda borbulha dentro de mim a esperança de que não sou danificado, de que valho mais do que os genes corrigidos que poderei passar a meus futuros filhos.

Então decido aceitar a proposta dela. Por enquanto.

— Está bem — digo.

— Em primeiro lugar — continua ela —, antes que eu mostre qualquer coisa, você precisa prometer que não vai contar a ninguém, nem mesmo a Tris, sobre as coisas que verá. Concorda?

— Ela é confiável, sabe. — Prometi a Tris que não guardaria mais segredos dela. Não deveria me envolver em situações nas quais terei que fazer isso de novo. — Por que não posso contar a ela?

— Não estou dizendo que ela não é confiável. Mas ela não tem as habilidades de que precisamos, e não devemos colocar ninguém em risco a menos que seja necessário. O Departamento não quer que nos organizemos, entende? Se acreditarmos que não somos "danificados", estaremos afirmando que tudo o que eles estão fazendo, os experimentos, as alterações genéticas, tudo isso, é uma perda de tempo. E ninguém quer ouvir que o trabalho da sua vida é uma farsa.

Sei bem disso. É como descobrir que as facções são um sistema artificial, projetado por cientistas para nos manter sob controle o maior tempo possível.

Ela se afasta da parede e diz a única coisa que poderia dizer para me fazer concordar:

— Se você contar a ela, estará privando-a da escolha que estou dando a você agora. Estará forçando-a a se tornar cúmplice da nossa conspiração. Ao guardar este segredo, você a estará protegendo.

Corro os dedos sobre o meu nome, gravado no painel de metal: Tobias Eaton. Estes genes são meus, esta bagunça é minha. Não quero arrastar Tris para dentro disso.

— Tudo bem — digo. — Vamos lá.

+ + +

Vejo o feixe da lanterna que ela carrega se mover para cima e para baixo a cada passo seu. Acabamos de pegar uma bolsa no armário de limpeza deste corredor. Ela se preparou para isso com antecedência. Ela me guia para as profundezas dos corredores subterrâneos do complexo, passando por onde os GDs se reúnem até um corredor em que não há mais eletricidade. Em determinado local, ela se agacha e corre a mão pelo chão até encontrar uma alça. Me entrega a lanterna e puxa a alça, abrindo um alçapão entre os ladrilhos.

— É uma saída de emergência — explica ela. — Eles a fizeram quando chegaram aqui, para que sempre houvesse como fugir durante uma emergência.

Ela pega um tubo preto da bolsa e o abre. Ele solta faíscas vermelhas que refletem em seu rosto. Ela o solta sobre o alçapão e ele cai alguns metros, imprimindo um traço de luz nas minhas pálpebras. Ela se senta na beira do buraco, com a mochila nos ombros, e salta.

Sei que o túnel não é muito longo, mas parece maior por causa do espaço vazio sob meus pés. Sento-me na beirada, vendo a silhueta escura dos meus sapatos contra as faíscas vermelhas, e empurro o corpo para a frente.

— Interessante — diz Nita quando aterrisso. Levanto a lanterna e ela segura o sinalizador diante de si enquanto descemos o túnel, onde mal conseguimos caminhar lado a lado, e onde mal consigo caminhar com o corpo ereto. O cheiro do túnel é pesado e rançoso, como mofo e ar estagnado. — Esqueci que você tem medo de altura.

— Bem, não tenho medo de quase nada além disso — digo.

— Não precisa ficar na defensiva! — Ela sorri. — Na verdade, sempre quis lhe perguntar sobre isso.

Salto uma poça, e as solas dos meus sapatos aderem ao chão arenoso do túnel.

— O seu terceiro medo — diz ela. — De atirar naquela mulher. Quem era ela?

O sinalizador apaga, e a lanterna que estou segurando passa a ser nossa única fonte de luz. Afasto o braço porque não quero encostar nela no escuro.

— Não era ninguém em especial — respondo. — O medo não era de atirar nela.

— Você tinha medo de atirar nas pessoas?

— Não. Eu tinha medo da minha capacidade de matar.

Ela se cala, e eu também. É a primeira vez que falo isso em voz alta, e agora percebo o quanto é estranho. Quantos outros jovens temem haver um monstro morando dentro de si? As pessoas deveriam ter medo umas das outras, não de si mesmas. Elas deveriam desejar ser como seus pais, não ter calafrios só de pensar nisso.

— Sempre quis saber o que apareceria na minha paisagem do medo. — Ela diz isso em um tom sussurrado, como uma prece. — Às vezes, sinto que há tanta coisa a temer e outras vezes sinto que não sobrou nada.

Aceno com a cabeça, embora ela não consiga me ver, e continuamos caminhando com o feixe da lanterna balançando para cima e para baixo, nossos pés raspando o chão, o ar bolorento correndo contra nós, vindo do que quer que seja que existe do outro lado.

+ + +

Depois de caminhar por vinte minutos, o corredor faz uma curva, e sinto o cheiro de ar puro, frio o bastante para me fazer tremer. Desligo a lanterna, e o luar no fim do túnel nos guia até a saída.

O túnel nos deixa em algum lugar da paisagem erma por onde passamos de caminhonete para chegar ao complexo, entre edifícios em ruínas e árvores selvagens rompendo o concreto. A alguns metros de nós há uma caminhonete estacionada, com a caçamba coberta por uma lona rasgada e esfarrapada. Nita chuta um dos pneus para testá-lo, depois se senta no banco do motorista. As chaves já estão na ignição.

— De quem é a caminhonete? — pergunto ao me sentar no banco do carona.

— É das pessoas com quem vamos nos encontrar. Pedi para elas estacionarem aqui.

— E quem são elas?

— Amigos meus.

Não sei como se orienta pelo labirinto de ruas adiante, mas ela consegue, desviando de raízes de árvores e postes de luz caídos, iluminando com os faróis os animais que saem em disparada no canto da minha visão.

Uma criatura com pernas compridas e um corpo marrom e delgado atravessa a rua à nossa frente, quase tão alta quanto os faróis. Nita pisa nos freios devagar, para não atingi-la. As orelhas do animal tremem, e seus olhos escuros e redondos nos observam com uma curiosidade cuidadosa, como uma criança.

— São lindos, não são? — pergunta ela. — Antes de chegar aqui, eu nunca tinha visto um veado.

Concordo com a cabeça. É elegante, mas hesitante, temeroso.

Nita buzina de leve, e o veado sai do caminho. Aceleramos outra vez, alcançando uma estrada larga e aberta, suspensa sobre os trilhos por onde

caminhei para alcançar o complexo. Vejo suas luzes à frente: o único ponto iluminado nesta terra erma e escura.

E seguimos na direção nordeste para longe das luzes.

+ + +

Demora muito até eu ver luzes elétricas novamente. Quando vejo, é ao longo de uma rua estreita e esburacada. As lâmpadas estão penduradas em um fio suspenso entre antigos postes de luz.

— Vamos parar aqui. — Nita gira o volante, guiando a caminhonete para um beco entre dois edifícios de tijolos. Ela tira as chaves da ignição e olha para mim. — Confira o porta-luvas. Pedi para eles deixarem armas para nós.

Abro o compartimento à minha frente. Sobre algumas embalagens velhas, há duas facas.

— Você é bom com facas? — pergunta ela.

A Audácia já ensinava seus iniciandos a atirar facas mesmo antes das mudanças no processo de iniciação realizadas por Max, antes da minha entrada. Nunca gostei muito disso, porque me parecia uma forma de encorajar a inclinação da Audácia para a teatralidade, e não para as habilidades realmente úteis.

— Eu me viro — digo com um sorriso debochado. — Mas nunca pensei que essa habilidade fosse de fato servir para alguma coisa.

— Parece que os membros da Audácia servem para alguma coisa, afinal... *Quatro* — diz Nita com um pequeno sorriso. Ela pega a faca maior, e eu pego a menor.

Estou tenso, girando sem parar o cabo da faca ao descer o beco. Acima de mim, as janelas brilham com uma luz diferente: chamas de velas e lampiões. A certa altura, quando olho para cima, vejo uma cortina de cabelos e órbitas de olhos escuros me encarando de volta.

— Tem gente vivendo aqui — digo.

— Este é o limite da margem — diz Nita. — Fica a cerca de duas horas de carro de Milwaukee, uma área metropolitana ao norte daqui. Sim, pessoas vivem aqui. Hoje em dia, ninguém se afasta muito das cidades, mesmo quem quer se libertar da influência do governo, como as pessoas daqui.

— Por que elas querem se libertar da influência do governo? — Sei como é viver fora do governo, porque conheço os sem-facção. Eles sempre passavam fome, com frio no inverno e calor no verão, lutando o tempo todo para sobreviver. Não é uma opção fácil. É preciso ter um bom motivo para isso.

— Porque são geneticamente danificadas — diz Nita, olhando para mim. — Pessoas geneticamente danificadas são tecnica ou legalmente iguais a pessoas geneticamente puras, mas isso só conta no papel, por assim dizer. Na realidade, elas são mais pobres, mais propensas a serem condenadas por crimes, têm menos chances de serem contratadas para bons empregos... qualquer coisa que você possa imaginar se torna um problema, e isso tem ocorrido desde a Guerra de Pureza, há mais de um século. Para quem vive na margem, pareceu melhor se afastar por completo da sociedade do que tentar corrigir o problema de dentro, como pretendo fazer.

Lembro-me do fragmento de vidro tatuado na pele dela. Quando será que ela fez a tatuagem? O que será que a levou a ter esse olhar perigoso, esse tom dramático na voz? O que a fez se tornar uma revolucionária?

— Como você planeja fazer isso?

Ela contrai a mandíbula e diz:

— Tirando um pouco do poder do Departamento.

O beco leva a uma rua larga. Algumas pessoas se esgueiram pelas extremidades, mas outras caminham bem no meio da rua, em grupos, com movimentos abruptos e garrafas nas mãos. Todos jovens. Acho que não há muitos adultos na margem.

Ouço gritos mais à frente e o som de vidro estilhaçando no chão. Uma multidão cerca duas figuras que se chutam e se socam.

Começo a caminhar na direção deles, mas Nita agarra o meu braço e me arrasta na direção de um dos edifícios.

— Esta não é a hora de bancar o herói — diz ela.

Aproximamo-nos da porta do edifício na esquina. Há um homem enorme atrás dela, girando uma faca na mão. Quando subimos os degraus da entrada, ele para de girar a faca e a joga para a outra mão, coberta de cicatrizes.

Seu tamanho, sua destreza com a arma e sua aparência suja e marcada por cicatrizes deveriam me intimidar. Mas seus olhos são como o do veado, grandes, cautelosos e curiosos.

— Viemos ver Rafi — diz ela. — Somos do complexo.

— Vocês podem entrar, mas suas facas ficam — fala o homem. Sua voz é mais aguda e leve do que eu esperava. Talvez ele pudesse ser um homem amável se este fosse um lugar diferente. Mas vejo que, nesta situação, ele não é nada amável. Aliás, não sabe nem o que isso significa.

Embora eu mesmo considere qualquer tipo de delicadeza inútil, não consigo deixar de acreditar que, se este homem foi forçado a negar sua própria natureza, algo importante se perdeu.

— Sem chance — diz Nita.

— Nita, é você? — quer saber uma voz de dentro do edifício. É uma voz expressiva e musical. O homem a quem ela pertence é baixinho e exibe um sorriso largo. Ele vem até a porta. — Não falei para você deixá-los entrar? Entrem, entrem.

— Olá, Rafi — diz ela, visivelmente aliviada. — Quatro, este é Rafi. Ele é um homem importante na margem.

— É um prazer conhecê-lo — diz Rafi, sinalizando para que o sigamos.

Lá dentro há uma sala grande e espaçosa, iluminada por fileiras de velas e lampiões. Há móveis de madeira espalhados por toda a parte, e todas as mesas estão vazias, exceto uma.

Uma mulher está sentada ao fundo da sala, e Rafi se senta na cadeira ao seu lado. Embora eles não se pareçam (ela tem cabelos vermelhos e um físico

pesado; as feições dele são escuras, e seu corpo é bem magro), eles têm um olhar idêntico, como duas rochas esculpidas pelo mesmo cinzel.

— Armas na mesa — diz Rafi.

Desta vez, Nita obedece, pousando sua faca na beirada da mesa, à sua frente. Ela se senta. Faço o mesmo. Do outro lado, a mulher pousa uma arma de fogo sobre a mesa.

— Quem é este? — pergunta a mulher, acenando a cabeça na minha direção.

— Este é meu parceiro — diz Nita. — Quatro.

— Que tipo de nome é "Quatro"? — Ao contrário do que costuma acontecer quando me perguntam isso, seu tom não é debochado.

— O tipo que se recebe dentro de um experimento urbano — diz Nita. — Quando se tem apenas quatro medos.

Percebo que ela talvez tenha me apresentado como Quatro apenas para ter a oportunidade de dizer de onde sou. Será que isso oferece alguma vantagem a ela? Será que me torna mais confiável para essas pessoas?

— Interessante. — A mulher tamborila o dedo indicador na mesa. — Bem, *Quatro*, meu nome é Mary.

— Mary e Rafi são os líderes da divisão Centro-Oeste do grupo rebelde GD — diz Nita.

— Quando você diz "grupo", parece que somos um bando de velhinhas jogando baralho — diz Rafi de modo suave. — Estamos mais para um levante. Temos representantes em todo o país. Há pessoas em cada área metropolitana existente e supervisores regionais no Centro-Oeste, no Sul e no Leste.

— E quanto ao Oeste? — pergunto.

— Não mais — diz Nita baixinho. — Era muito difícil transitar no terreno e as cidades eram afastadas demais, por isso não fazia sentido morar lá depois da guerra. Hoje em dia, é uma terra selvagem.

— Então é verdade o que dizem — diz Mary, seus olhos refletindo a luz como cacos de vidro ao me encarar. — As pessoas nos experimentos urbanos

realmente não sabem o que existe do lado de fora.

— É claro que é verdade. Por que elas saberiam? — diz Nita.

De repente, sinto fadiga e um peso na cabeça. Na minha curta vida, já participei de levantes demais. Dos sem-facção e agora parece que deste dos GDs também.

— Não quero interromper as apresentações — diz Mary —, mas é melhor não passarmos muito tempo aqui. Não conseguiremos manter as pessoas do lado de fora por muito tempo antes que resolvam entrar e xeretar.

— Certo — concorda Nita. Ela olha para mim. — Quatro, você pode conferir se há alguma coisa acontecendo lá fora? Preciso conversar um pouco com Mary e Rafi em particular.

Se estivéssemos sozinhos, perguntaria por que não posso ficar aqui enquanto ela conversa com eles, ou por que ela se deu o trabalho de me trazer para dentro quando eu poderia ter simplesmente montado guarda do lado de fora. Acho que ainda não concordei em ajudá-la, e por algum motivo ela devia querer que eles me conhecessem. Então me levanto, pego a faca e caminho até a porta onde o guarda de Rafi observa a rua.

A briga do outro lado da rua terminou. Uma pessoa solitária está deitada na calçada. Por um instante, acho que ela ainda se mexe, mas depois percebo que é apenas alguém revirando seus bolsos. Não é uma pessoa, é um cadáver.

— Morto? — pergunto, e a palavra deixa minha boca como um suspiro.

— Sim. Aqui, quem não sabe se defender não dura uma noite.

— Então por que as pessoas vêm para cá? — pergunto, franzindo a testa. — Por que não voltam para as cidades?

Ele passa tanto tempo em silêncio que começo a achar que não ouviu a pergunta. Vejo o ladrão virar os bolsos do morto ao avesso e abandonar o corpo, entrando em um dos edifícios próximos. Por fim, o guarda de Rafi se pronuncia:

— Aqui, se você morre, há uma chance de que alguém se importe. Como Rafi ou um dos outros líderes — diz o guarda. — Nas cidades, se você é morto,

sem dúvida, ninguém dará a mínima, não se você for um GD. O pior crime pelo qual vi um GP ser condenado após assassinar um GD foi "homicídio culposo". É uma enganação.

— Homicídio culposo.

— Significa que o crime foi considerado um acidente — diz a voz suave e cantarolada de Rafi atrás de mim. — Ou pelo menos que não é tão grave quanto um assassinato em primeiro grau, por exemplo. Mas é claro que, *oficialmente*, somos todos tratados de forma igualitária, não é mesmo? Mas isso quase nunca é posto em prática.

Rafi para ao meu lado com os braços cruzados. Quando olho para ele, vejo um rei observando seu reinado, que acredita ser lindo. Olho para a rua, para o cimento quebrado e o corpo sem vida com os bolsos revirados e as janelas brilhando com a luz das chamas, e sei que a beleza que ele vê é apenas a liberdade. Liberdade de ser visto como um homem inteiro, e não como um homem danificado.

Testemunhei essa liberdade certa vez, quando Evelyn me chamou entre os sem-facção, me tirou da minha facção para me tornar uma pessoa mais completa. Mas era tudo mentira.

— Você é de Chicago? — pergunta Rafi.

Faço que sim com a cabeça, ainda encarando a rua escura.

— E agora que você está fora? Como lhe parece o mundo?

— Mais ou menos a mesma coisa — respondo. — As pessoas só estão divididas por coisas diferentes, lutando em guerras diferentes.

Os passos de Nita fazem ranger as tábuas corridas de dentro do edifício, e, quando me viro, ela está atrás de mim com as mãos enfiadas nos bolsos.

— Obrigada por marcar este encontro — diz Nita, acenando para Rafi. — Temos que ir agora.

Descemos a rua outra vez, e, quando me viro para olhar para Rafi, sua mão está levantada, acenando um adeus.

+ + +

No percurso de volta à caminhonete ouço gritos novamente, mas desta vez são gritos de criança. Passo por sons de fungadas e lamúrias e me lembro de quando era criança, agachado em meu quarto, limpando o nariz em uma das mangas da camisa. Minha mãe costumava esfregar os punhos das camisas com uma esponja antes de colocá-las para lavar. Ela nunca dizia nada.

Quando entro na caminhonete, já me sinto entorpecido por este lugar e a sua dor e estou pronto para voltar para o sonho do complexo, para o calor, a luz e a sensação de segurança.

— Ainda não consigo entender como este lugar pode ser melhor do que a vida na cidade — digo.

— Só estive uma vez em uma cidade que não é um experimento — diz Nita. — Eles têm eletricidade, mas é racionada. Cada família tem direito a apenas algumas horas por dia. Com a água, é a mesma coisa. E ocorrem muitos crimes, sempre com a desculpa dos danos genéticos. Também há policiais, mas não conseguem fazer muita coisa.

— Então, o complexo do Departamento é, sem dúvida, o melhor lugar para viver.

— Em termos de recursos, sim — diz Nita. — Mas o mesmo sistema social que existe nas cidades também existe no complexo; só é um pouco mais difícil de ver.

Vejo a margem desaparecer no espelho retrovisor, e ela é diferente dos edifícios abandonados ao seu redor apenas pelo fio de luzes elétricas pendurado na rua estreita.

Passamos diante de casas escuras com janelas cobertas por tábuas, e tento imaginá-las limpas e conservadas, como devem ter sido em algum momento no passado. Elas têm quintais cercados que deviam ser podados e verdes, além de janelas que deviam brilhar à noite. Imagino que as vidas passadas dentro delas eram pacíficas e tranquilas.

— Sobre o que você veio conversar com eles exatamente? — pergunto.

— Vim solidificar nossos planos — diz Nita. Percebo, pelas luzes do painel, que há alguns cortes em seu lábio inferior, como se ela o estivesse mordendo demais. — E eu queria que conhecessem você para verem como é alguém de dentro dos experimentos com facções. Mary costumava suspeitar que pessoas como você estavam de conluio com o governo, o que, é claro, não é verdade. Mas Rafi... ele foi a primeira pessoa a me oferecer provas de que o Departamento, o governo, estava mentindo para nós a respeito da nossa história.

Ela faz uma pausa, como se isso fosse me ajudar a sentir o peso das suas palavras, mas não preciso de tempo, silêncio ou espaço para acreditar nela. Meu governo mentiu para mim a minha vida inteira.

— O Departamento fala de uma época áurea da humanidade, antes das manipulações genéticas, quando todos eram geneticamente puros e a paz reinava — diz Nita. — Mas Rafi me mostrou fotos antigas de *guerras*.

Espero um instante.

— E daí? — pergunto.

— E daí? — diz Nita, incrédula. — Se pessoas geneticamente puras causaram guerras e devastações terríveis no passado, na mesma magnitude das quais pessoas geneticamente danificadas supostamente causam agora, então qual é a base por trás da crença de que precisamos gastar tantos recursos e tanto tempo trabalhando para corrigir os danos genéticos? Qual é a utilidade dos experimentos, afinal, exceto convencer as pessoas certas de que o governo está fazendo alguma coisa para melhorar nossas vidas, mesmo que não esteja?

A verdade muda tudo. Não é por isso que Tris estava tão desesperada para exibir o vídeo de Edith Prior, a ponto de se aliar ao meu pai? Ela sabia que a verdade, qualquer que fosse, mudaria a nossa luta, transformaria as prioridades para sempre. E aqui, agora, uma mentira mudou a luta, uma mentira transformou as prioridades para sempre. Em vez de combater a

pobreza e o crime que se alastraram por todo o país, essas pessoas decidiram trabalhar contra os danos genéticos.

— Mas por quê? Por que gastar tanto tempo e energia lutando contra algo que não é de fato um problema? — pergunto, sentindo-me frustrado de repente.

— Bem, acho que as pessoas que lutam contra isso agora o fazem porque aprenderam que esse *é* o problema. Isso é outra coisa que Rafi me mostrou: exemplos da propagandas lançadas pelo governo sobre danos genéticos — diz Nita. — Mas no início? Não sei. Talvez tenha sido uma mistura de vários fatores. Preconceito contra os GDs? Controle? Controlar a população geneticamente danificada ensinando que há algo de errado com ela e controlar a população geneticamente pura ensinando que ela é saudável e completa? Essas coisas não acontecem do dia para a noite, nem por uma única razão.

Encosto a cabeça na janela fria da caminhonete e fecho os olhos. Há informações demais zunindo na minha mente, e não consigo me concentrar em uma única coisa, então desisto de tentar e me permito divagar.

Quando afinal atravessamos o túnel de volta e retorno para a minha cama, o sol está prestes a nascer, e o braço de Tris está pendurado para fora da cama outra vez, com os dedos arrastando no chão.

Sento-me de frente para ela, observando seu rosto enquanto dorme e pensando no acordo que fizemos naquela noite no Millenium Park: chega de mentiras. Se eu não contar a ela a respeito do que ouvi e vi esta noite, estarei quebrando a promessa. E por que motivo? Para protegê-la? Por Nita, uma garota que mal conheço?

Afasto o cabelo do rosto dela com delicadeza, para não acordá-la.

Ela não precisa da minha proteção. Ela é forte o bastante.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Tris

Peter está do outro lado do quarto, organizando livros em uma pilha e os enfiando em uma mala. Ele morde uma caneta vermelha e leva a mala para fora do quarto; ouço os livros lá dentro esbarrarem na sua perna enquanto ele caminha pelo corredor. Espero até não conseguir ouvi-los mais e então me viro para Christina.

— Tenho me segurado para não perguntar, mas não aguento mais — digo. — O que está rolando entre você e Uriah?

Christina, esparramada no catre com uma de suas longas pernas pendurada para fora, olha para mim com uma cara estranha.

— O que foi? Vocês têm passado muito tempo juntos. Muito mesmo.

O dia está ensolarado, e a luz atravessa as cortinas brancas. Não sei como, mas o dormitório cheira a sono. A roupa suja, sapatos, suor noturno e café matinal. Algumas das camas estão feitas, e outras ainda têm lençóis jogados na parte inferior ou na lateral. A maioria de nós veio da Audácia, mas fico surpresa com o quanto somos diferentes. Hábitos diferentes, temperamentos diferentes, diferentes visões de mundo.

— Talvez você não acredite, mas não é nada disso. — Christina se apoia nos cotovelos. — Ele está sofrendo. Nós dois estamos entediados. Além disso, ele é *Uriah*.

— E daí? Ele é bonito.

— É bonito, mas completamente incapaz de ter uma conversa séria. — Christina balança a cabeça. — Não me leve a mal. Gosto de rir. Mas também quero um relacionamento que signifique alguma coisa, entende?

Assinto com a cabeça. Eu entendo bem. Talvez mais do que a maioria das pessoas, porque Tobias e eu somos mais sérios.

— Além disso — continua ela —, nem toda amizade vira romance. Eu nunca tentei beijar você, por exemplo.

Solto uma risada.

— É verdade.

— E onde *você* esteve nos últimos tempos? — pergunta Christina. Ela levanta uma sobrancelha. — Com Quatro? Fazendo um pouco de... soma? Multiplicação?

Cubro o rosto com as mãos.

— Essa foi a pior piada que já ouvi.

— Não fuja da pergunta.

— Nada de "soma" para nós — respondo. — Ainda não, pelo menos. Ele anda um pouco preocupado com esse negócio de "dano genético".

— Ah. Essa história. — Ela se senta na cama.

— O que você acha disso? — pergunto.

— Não sei. Acho que me dá uma certa raiva. — Ela franze a testa. — Ninguém gosta de ouvir que há algo de errado com você, ainda mais com seus genes, que não podem ser mudados.

— Você acredita que haja mesmo algo de errado com vocês?

— Acho que sim. É como uma doença, não é? Eles conseguem detectar isso nos nossos genes. Não é uma questão que pode ser contestada, não é?

— Não estou dizendo que seus genes não são diferentes — digo. — Só estou dizendo que isso não significa necessariamente que um é danificado e o outro não é. Os genes para olhos azuis e olhos castanhos também são diferentes, mas por acaso "olhos azuis" são danificados? Parece que eles simplesmente decidiram que um tipo de DNA é ruim e o outro, bom.

— Com base em evidências de que o comportamento dos GDs era pior — argumenta Christina.

— O que poderia ser causado por vários fatores — rebato.

— Não sei por que estou discutindo isso com você quando o que mais quero é que você tenha razão — diz Christina, rindo. — Mas você não acha que esse monte de cientistas do Departamento, que, sem dúvida, são inteligentes, não seria capaz de descobrir a causa do mau comportamento?

— Claro — digo. — Mas acho que, independentemente da inteligência, as pessoas costumam enxergar o que já estão procurando, só isso.

— Talvez você também esteja sendo parcial. Porque tem amigos e um namorado com esse problema genético.

— Talvez. — Sei que estou me esforçando para encontrar uma explicação na qual talvez nem eu acredite de verdade, mas digo mesmo assim. — Acho que não vejo um motivo para acreditar em danos genéticos. Isso por acaso vai me levar a tratar melhor as outras pessoas? Não. Talvez aconteça o oposto.

Além disso, sei como essa história afetou Tobias, como o levou a questionar a si mesmo, e não vejo que bem isso pode fazer.

— Não devemos acreditar nas coisas só porque melhoram a nossa vida. Devemos acreditar nelas porque são verdadeiras — diz ela.

— Mas... — falo devagar enquanto penso no assunto. — Será que analisar os efeitos de uma crença não é uma boa maneira de avaliar se ela é verdadeira?

— Isso me parece um típico raciocínio Careta. — Ela faz uma pausa. — Mas acho que a minha maneira de pensar também é muito típica da Franqueza. Meu Deus! A gente não consegue se livrar das facções aonde quer que vá, não é?

Dou de ombros.

— Talvez não seja tão importante se livrar delas.

Tobias entra no dormitório, pálido e exausto, como tem andado o tempo todo ultimamente. Seu cabelo está arrepiado em um dos lados, por causa do travesseiro, e está com a mesma roupa de ontem. Ele tem ido dormir sem trocar de roupa desde que chegamos no Departamento.

Christina se levanta.

— Vou nessa. Vou deixar vocês dois... com *todo este espaço*. Sozinhos. — Ela gesticula para todos os catres vazios, depois pisca para mim e sai do dormitório.

Tobias abre um pequeno sorriso, que não chega a me convencer de que está mesmo feliz. Em vez de se sentar ao meu lado, ele fica parado ao pé da cama, mexendo com a bainha da camisa.

— Precisamos conversar — diz ele.

— Tudo bem — respondo, sentindo uma pontada de medo no peito, como um salto em um monitor cardíaco.

— Queria pedir para você prometer que não ficará com raiva — diz ele —, mas...

— Mas você sabe que não faço promessas idiotas — digo com um nó na garganta.

— Eu sei. — Ele afinal se senta nos lençóis desarrumados da sua cama. E evita o meu olhar. — Nita deixou um bilhete sob meu travesseiro ontem à noite, pedindo para eu encontrá-la. E fui.

Eu me endireito e sinto uma onda de calor furioso se espalhar pelo meu corpo enquanto imagino o rosto bonito de Nita, os pés graciosos dela, caminhando em direção ao meu namorado.

— Uma garota bonita pede para você encontrá-la tarde da noite, e você *vai*? — pergunto. — E depois quer que eu não *fique com raiva*?

— Não há nada entre mim e Nita. Nada mesmo — diz ele depressa, e enfim me encara. — Ela só queria me mostrar uma coisa. Ela não acredita em dano genético, ao contrário do que me levou a acreditar. Tem um plano para diminuir o poder do Departamento, para trazer um pouco mais de igualdade para os GDs. Fomos até a margem.

Ele me conta sobre o túnel subterrâneo que leva ao exterior, a cidade arruinada na margem e a conversa com Rafi e Mary. Explica sobre a guerra que o governo manteve oculta para que ninguém soubesse que pessoas "geneticamente puras" são capazes de violências terríveis, e sobre a maneira

como os GDs vivem nas áreas metropolitanas, onde o governo ainda tem o poder.

Enquanto ele fala, sinto uma suspeita em relação a Nita crescer dentro de mim, mas não sei de onde ela vem, se do meu instinto, no qual costumo confiar, ou do meu ciúme. Quando termina de falar, ele olha para mim com expectativa, e eu contraio os lábios, tentando decidir.

— Como você sabe que ela está falando a verdade? — pergunto.

— Não sei. Ela prometeu me mostrar provas. Hoje à noite. — Ele segura a minha mão. — Gostaria que você viesse comigo.

— E Nita não vai se importar?

— Nem quero saber. — Seus dedos deslizam entre os meus. — Se ela precisa mesmo da minha ajuda, vai ter que aceitar isso.

Olho para os nossos dedos entrelaçados, para o punho puído da sua camisa cinza e suas calças jeans gastas na altura do joelho. Não quero ficar um tempo com Nita e Tobias, sabendo que o suposto dano genético dela lhe dá algo que jamais terei em comum com ele. Mas isso é importante para Tobias, e quero saber tanto quanto ele se existem provas dos crimes do Departamento.

— Está bem — digo. — Eu vou. Mas saiba que não compro essa história de que ela só está interessada em seu código genético.

— Bem. Saiba que não estou interessado em ninguém além de você.

Ele repousa a mão na minha nuca e puxa a minha boca para a dele.

O beijo e suas palavras me tranquilizam, mas minha inquietação não desaparece por completo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Tobias

Tris e eu nos encontramos com Nita no saguão do hotel depois da meia-noite, entre os vasos de plantas florescendo, a natureza domesticada. Quando Nita vê Tris ao meu lado, seu rosto endurece, como se tivesse acabado de provar algo amargo.

— Você prometeu que não contaria a ela — diz Nita, apontando para mim. — E o que falamos sobre protegê-la?

— Mudei de ideia — digo.

Tris solta uma risada áspera.

— Foi isso que você disse para ele? Que ele estaria me protegendo? É uma manipulação e tanto. Parabéns.

Levanto as sobrancelhas ao olhar para ela. Não encarei aquilo como uma manipulação, e isso me assusta um pouco. Em geral, consigo detectar as intenções escusas das pessoas, isso quando não as invento na minha própria cabeça, mas estou tão acostumado com o meu desejo de proteger Tris, ainda mais depois que quase a perdi, que nem pensei duas vezes sobre isso.

Ou será que estou tão acostumado a mentir, em vez de ter que contar verdades duras, que aproveitei a oportunidade de enganá-la?

— Não foi manipulação, foi a verdade. — Nita não parece mais estar com raiva, apenas cansada, passando a mão pelo rosto e depois alisando o cabelo. Ela não está na defensiva, e isso significa que talvez esteja falando a verdade. — Você poderia ser presa apenas por saber o que sabe e não informar as autoridades. Pensei que seria melhor evitar isso.

— Bem, agora é tarde demais — digo. — Tris vem com a gente. Você tem algum problema com isso?

— Para mim, é melhor ter os dois do que nenhum, e imagino que esta seja a condição implícita — diz Nita, revirando os olhos. — Vamos logo.

+ + +

Nós três caminhamos pelo complexo silencioso e tranquilo até o laboratório onde Nita trabalha. Ninguém diz uma palavra, e ouço cada rangido dos meus sapatos, cada voz a distância, cada porta sendo fechada. Sinto que estamos fazendo algo proibido, embora, tecnicamente, não estejamos. Ainda não, pelo menos.

Nita para diante da porta do laboratório e passa seu cartão na máquina de identificação. Nós a seguimos, passando pela sala de terapia de genes onde vi um mapa do meu código genético, até um local mais ao centro do complexo do que jamais estive. O ambiente aqui é escuro e lúgubre, e levantamos nuvens de poeira ao passarmos.

Nita empurra outra porta com o ombro, e entramos em um depósito. As paredes são cobertas de gavetas simples de metal marcadas com números de papel com a tinta gasta pelo tempo. No centro do depósito há uma mesa de laboratório com um computador e um microscópio, diante dos quais um jovem com cabelo loiro engomado está sentado.

— Tobias, Tris, este é meu amigo Reggie — diz Nita. — Ele também é um GD.

— É um prazer conhecê-los — fala Reggie, sorrindo. Ele aperta a mão de Tris, depois a minha, de maneira firme.

— Primeiro, vamos mostrar a eles os slides — diz Nita.

Reggie toca no monitor do computador e acena para que nos aproximemos.

— Ele não morde — brinca ele.

Tris e eu trocamos um olhar, depois vamos para trás de Reggie na mesa a fim de enxergar o monitor. Fotos começam a surgir na tela, uma depois da outra. Elas estão em preto e branco e parecem pixeladas e distorcidas. Devem

ser muito antigas. Demoro poucos segundos para perceber que são fotos de sofrimento: crianças esqueléticas com olhos enormes, covas cheias de corpos, pilhas enormes de papéis em chamas.

As fotos passam tão rápido, como páginas de um livro agitadas pelo vento, que absorvo apenas impressões do horror. Depois, afasto o olhar, incapaz de continuar vendo aquilo. Sinto um silêncio profundo crescendo dentro de mim.

A princípio, quando olho para Tris, seu rosto é um lago tranquilo, como se as imagens que acabamos de ver não lhe causassem nenhuma agitação. Mas então sua boca estremece, e ela contrai os lábios para disfarçar.

— Vejam as armas. — Reggie abre a foto de um homem uniformizado segurando uma arma e aponta para ela. — Esse tipo de arma é incrivelmente antigo. As armas usadas na Guerra de Pureza eram *muito* mais avançadas. Até o Departamento concordaria com isso. Deve ter sido utilizada em um conflito muito antigo. Que deve ter sido travado por pessoas geneticamente *puras*, já que a manipulação genética não existia naquela época.

— Como alguém consegue esconder uma *guerra*? — pergunto.

— As pessoas estão isoladas, famintas — diz Nita baixinho. — Elas sabem apenas o que lhes é ensinado e veem apenas as informações que estão disponíveis. E quem controla tudo isso? O governo.

— Está certo. — A cabeça de Tris move-se para cima e para baixo, e ela fala rápido, nervosa. — Então, eles estão mentindo sobre a sua, a *nossa*, história. Isso não significa que sejam o inimigo. Significa apenas que são um grupo de pessoas muito mal-informadas, tentando... melhorar o mundo. De maneira insensata.

Nita e Reggie trocam olhares.

— Essa é exatamente a questão — diz Nita. — Eles estão ferindo pessoas.

Ela pousa as mãos sobre a bancada e se inclina para a frente na nossa direção, e mais uma vez vejo a revolucionária ganhando força dentro dela, sobrepujando as partes que pertencem à jovem GD técnica de laboratório.

— Quando a Abnegação quis revelar a grande verdade do seu mundo antes da hora — diz ela bem devagar —, e Jeanine tentou impedi-los... o Departamento fez questão de providenciar um soro de simulação incrivelmente avançado para ela, o da simulação de ataque que escravizou os membros da Audácia e que resultou na destruição da Abnegação.

Demoro um instante para absorver a informação.

— Isso não pode ser verdade — digo. — Jeanine me disse que a facção com mais Divergentes, com mais pessoas geneticamente *puras*, era a Abnegação. Você disse que o Departamento valoriza tanto as pessoas geneticamente puras que enviou alguém para a cidade a fim de salvá-las. Por que eles ajudariam Jeanine a matar essas pessoas?

— Jeanine estava errada — diz Tris, distante. — Evelyn me disse isso. Os sem-facção tinham mais Divergentes, não a Abnegação.

Olho para Nita.

— Mesmo assim, não entendo por que eles arriscariam as vidas de tantos Divergentes — digo. — Preciso de provas.

— Por que acha que viemos aqui? — Nita acende outra luz, que ilumina as gavetas, e caminha ao longo da parede esquerda. — Demorei muito tempo para conseguir autorização para entrar — diz ela. — E mais tempo ainda para acumular conhecimento o bastante a fim de compreender o que encontrei. Na verdade, tive ajuda de um dos GPs. Um simpatizante.

Sua mão paira sobre uma das gavetas de baixo. De dentro dela, ela retira um frasco de líquido laranja.

— Parece familiar? — pergunta ela para mim.

Tento me lembrar da injeção que eles me deram antes de iniciarem a simulação de ataque, logo antes do último estágio da iniciação de Tris. Foi Max quem enfiou a agulha na lateral do meu pescoço, como eu já havia feito dezenas de vezes. Logo antes de ele me injetar, o frasco de vidro ficou visível à luz; era laranja, idêntico ao que Nita está segurando.

— As cores são iguais — digo. — E daí?

Nita carrega o frasco até o microscópio. Reggie pega uma lâmina de vidro de uma bandeja perto do computador e, usando um conta-gotas, pinga duas gotas do líquido laranja no centro dela, depois cobre o líquido com outra lâmina. Ao colocá-lo no microscópio, seus dedos são cuidadosos, mas firmes; são os movimentos de alguém que já fez isso centenas de vezes.

Reggie toca o monitor do computador algumas vezes, abrindo um programa chamado "MicroScan".

— Esta informação está disponível para qualquer um que saiba usar o equipamento e tenha a senha do sistema, a qual o simpatizante GP fez o enorme favor de me dar — diz Nita. — Portanto, em outras palavras, não é muito difícil acessá-la, mas ninguém cogitou observar com mais cuidado. E os GDs não sabem as senhas do sistema, então não teria como sabermos disso. Este depósito guarda experimentos obsoletos ou falhos, coisas inúteis.

Ela olha pelo microscópio usando um botão na lateral para ajustar o foco da lente.

— Pronto.

Reggie aperta um botão no computador, e um texto aparece abaixo da barra do "MicroScan" no topo do monitor. Ele aponta para um parágrafo no meio da página, e eu o leio.

— Soro de Simulação V4.2. Coordena um grande número de alvos. Transmite sinais a longa distância. Alucinógeno de fórmula original não incluído. Realidade simulada é predeterminada por mestre do programa.

É isso.

É o soro da simulação de ataque.

— Agora... Por que o Departamento teria isso se não tivesse sido desenvolvido por eles mesmos? — questiona Nita. — Foram eles que introduziram os soros nos experimentos, mas costumavam ignorá-los depois e deixar que os moradores das cidades os aprimorassem. Se Jeanine tivesse desenvolvido este soro, não o teriam roubado dela. Se ele está aqui, é porque *eles* o criaram.

Olho para a lâmina iluminada no microscópio, para a gota laranja boiando no visor, e solto um suspiro trêmulo.

— Por quê? — diz Tris sem ar.

— A Abnegação estava prestes a revelar a verdade para todos dentro da cidade. E vocês viram o que aconteceu agora que todos sabem a verdade: Evelyn tornou-se ditadora, os sem-facção estão reprimindo os membros das facções, e tenho certeza de que as facções vão se revoltar mais cedo ou mais tarde. Muitas pessoas morrerão. Não há dúvida de que contar a verdade coloca em risco a segurança do experimento — afirma Nita. — Por isso, há alguns meses, quando a Abnegação estava prestes a causar essa destruição e instabilidade ao revelar o vídeo de Edith Prior para a cidade, é provável que o Departamento tenha decidido que seria melhor se a Abnegação sofresse uma enorme perda, mesmo que isso lhes custasse alguns Divergentes, do que se a cidade como um todo sofresse uma enorme perda. Seria melhor acabar com a vida da Abnegação do que colocar o experimento em risco. Então, eles apelaram para alguém que tinham certeza de que concordaria com eles. Jeanine Matthews.

Essas palavras me cercam e se enterram dentro de mim.

Apoio as mãos na mesa fria do laboratório e encaro o meu reflexo distorcido no metal escovado. Posso ter odiado o meu pai durante a maior parte da minha vida, mas nunca odiei a sua facção. A tranquilidade da Abnegação, sua comunidade, sua rotina sempre me pareceram boas. E agora a maioria daquelas pessoas boas e generosas morreu. Foram assassinadas pelas mãos da Audácia, manipuladas por Jeanine, que, por sua vez, contava com o apoio do poder do Departamento.

A mãe e o pai de Tris estavam entre elas.

Tris fica completamente imóvel, com as mãos pendendo ao lado do corpo, sem vida, e o rosto cada vez mais vermelho.

— Esse é o problema com o comprometimento cego deles a esses experimentos — diz Nita ao nosso lado, como se estivesse encaixando as

palavras nos espaços vazios em nossas mentes. — O Departamento valoriza mais os experimentos do que as vidas dos GDs. Isso está claro. E agora as coisas podem piorar mais ainda.

— Piorar? — pergunto. — O que poderia ser pior do que matar a maioria dos membros da Abnegação?

— Há quase um ano o governo tem ameaçado fechar os experimentos — diz Nita. — Os experimentos costumam se desestruturar porque as comunidades não conseguem viver em paz, e David sempre encontra formas de restaurar a paz em cima da hora. Se algo mais der errado em Chicago, ele pode fazer isso de novo. Pode reprogramar todos os experimentos quando bem entender.

— *Reprogramar*? — pergunto.

— Sim, com o soro da memória da Abnegação — conta Reggie. — Bem, na verdade, é o soro da memória do Departamento. Cada homem, mulher e criança terá que recomeçar do zero.

— Suas vidas inteiras *apagadas* contra a sua vontade — diz Nita — apenas para resolver um "problema" de dano genético que não existe de verdade. Essas pessoas têm o poder de fazer isso. E ninguém deveria ter esse poder.

Lembro-me do que pensei quando Johanna me contou sobre como a Amizade administrava o soro da memória em patrulhas da Audácia. Pensei que, quando se rouba a memória de uma pessoa, você muda quem ela é.

De repente já não me importa qual é o plano de Nita, desde que signifique que investiremos contra o Departamento com força total. O que aprendi nos últimos dias me fez sentir que não há nada neste lugar que valha a pena salvar.

— Qual é o plano, então? — pergunta Tris com a voz inexpressiva, quase mecânica.

— Vou permitir que meus amigos da margem entrem pelo túnel subterrâneo — diz Nita. — Tobias, nesse momento você vai desligar o sistema de segurança para que não sejamos descobertos. É quase a mesma tecnologia com a qual você trabalhou na sala de controle da Audácia. Será fácil para você. Depois, Rafi, Mary e eu invadiremos o Laboratório de Armas e roubaremos o

soro da memória para que o Departamento não possa mais usá-lo. Reggie tem nos ajudado dos bastidores, mas ele abrirá o túnel para nós no dia do ataque.

— O que você vai fazer com todo aquele soro da memória? — pergunto.

— Vou destruí-lo — diz Nita com segurança.

Sinto-me estranho, vazio como um balão sem ar. Não sei o que tinha em mente quando Nita me contou do seu plano, mas não era isso. Tudo parece pequeno demais, um ato de retaliação passivo demais às pessoas responsáveis pela simulação de ataque, às pessoas que me disseram que havia algo de errado com o meu próprio ser, com o meu código genético.

— É *só isso* que vocês pretendem fazer? — pergunta Tris, enfim desviando os olhos do microscópio. Ela semicerra os olhos ao encarar Nita. — Vocês sabem que o Departamento é responsável pela morte de centenas de pessoas, e o seu plano é... roubar o soro da memória deles?

— Não me lembro de pedir a sua opinião sobre meu plano.

— Não estou criticando o seu plano — diz Tris. — Estou dizendo que não acredito em você. Você odeia essas pessoas. Dá para perceber pela maneira como fala sobre elas. Seja qual for a sua intenção, acredito que é muito pior do que apenas roubar um pouco de soro.

— O soro da memória é o que eles usaram para manter os experimentos em andamento. É a maior fonte de poder deles sobre a sua cidade, e eu quero tirar isso deles. Acho que é um ataque e tanto, por enquanto. — Nita soa gentil, como se estivesse explicando algo para uma criança. — Nunca disse que é a única coisa que farei. Nem sempre é sensato investir toda a sua força na primeira oportunidade. Isso é uma maratona, não uma corrida de cem metros rasos.

Tris apenas balança a cabeça.

— Tobias, você está dentro? — pergunta Nita.

Olho para Tris, com sua postura tensa e ereta, depois para Nita, que está relaxada, pronta. Não vejo o que Tris vê, nem ouço o que ouve. E, quando

penso em dizer não, sinto que meu corpo vai desabar. Preciso fazer alguma coisa. Mesmo que pareça pouco, preciso fazer alguma coisa e não entendo por que Tris não sente o mesmo desespero.

— Sim — digo. Tris me encara com os olhos arregalados, incrédula. Eu a ignoro. — Posso desabilitar o sistema de segurança. Precisarei de um pouco de soro da paz, da Amizade. Você tem acesso a ele?

— Sim, tenho. — Nita abre um pequeno sorriso. — Enviarei uma mensagem com os horários. Vamos, Reggie. Vamos deixar os dois sozinhos para que eles possam... conversar.

Reggie acena a cabeça para mim, depois para Tris, e ele e Nita saem do depósito, fechando a porta com cuidado, para não fazer barulho.

Tris se volta para mim, os braços cruzados como duas barras diante do corpo, mantendo-me de fora.

— Não acredito que você fez isso — diz ela. — Ela está *mentindo.* Como não consegue ver?

— Porque ela *não está* — respondo. — Sei quando alguém está mentindo tanto quanto você. E, nesta situação, acho que seu julgamento pode estar obscurecido por outro fator, como o ciúme.

— Não estou com *ciúme*! — diz ela com uma expressão irritada. — Estou sendo esperta. Ela tem um plano maior, e, se eu fosse você, correria de qualquer pessoa que mentisse a respeito de algo de que quer que eu participe.

— Bem, você não sou eu. — Balanço a cabeça. — Meu Deus, Tris. Essas pessoas assassinaram seus pais, e você não vai fazer nada?

— Nunca disse que não vou fazer nada — diz ela com aspereza. — Mas também não preciso aceitar o primeiro plano que aparece pela frente.

— Sabe, trouxe você aqui porque queria ser honesto com você, e não para que tirasse conclusões precipitadas sobre as pessoas e me dissesse o que tenho que fazer!

— Você se lembra do que aconteceu da última vez que não confiou nas minhas "conclusões precipitadas"? — pergunta Tris, fria. — Você acabou descobrindo que eu estava certa. Eu estava certa em acreditar que o vídeo de Edith Prior mudaria tudo, estava certa em relação a Evelyn, e estou certa sobre isto.

— É, você está sempre certa — digo. — Estava certa quando se meteu em situações perigosas desarmada? Estava certa quando mentiu para mim e se ofereceu para morrer na sede da Erudição, no meio da noite? E quanto a Peter, você estava certa sobre ele?

— Não jogue essas coisas na minha cara. — Ela aponta para mim, e me sinto como uma criança levando uma bronca dos pais. — Nunca disse que era perfeita, mas você, você não consegue nem enxergar além do seu próprio desespero. Você seguiu Evelyn porque estava desesperado para ter uma mãe e agora está seguindo com isso porque está desesperado para não ser *danificado...*

A palavra provoca um arrepio pelo meu corpo.

— Não sou danificado — digo baixinho. — Não acredito que você tenha tão pouca fé em mim a ponto de tentar me convencer a não confiar em mim mesmo. — Balanço a cabeça. — Não preciso da sua *permissão*.

Começo a caminhar até a porta, e, quando alcanço a maçaneta, ela diz:

— Está indo embora apenas para ter a última palavra. Que maduro da sua parte!

— Também é muito maduro suspeitar das motivações de uma pessoa só porque ela é bonita — respondo. — Acho que estamos quites.

Saio do depósito.

Não sou uma criança desesperada e desequilibrada, que confia em qualquer um. Não sou danificado.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Tris

Olho pelo microscópio. O soro flutua diante de mim, marrom-alaranjado.

Eu estava tão preocupada em identificar se Nita estava mentindo que mal registrei a verdade: se o Departamento queria este soro, eles devem tê-lo desenvolvido, e, de alguma maneira, entregaram-no para Jeanine. Eu me afasto do microscópio. Por que Jeanine trabalharia com o Departamento quando queria tanto ficar na cidade, longe dele?

Mas acho que o Departamento e Jeanine tinham um objetivo em comum. Os dois queriam que o experimento continuasse. Os dois morriam de medo do que aconteceria se ele fosse encerrado. E os dois estavam dispostos a sacrificar vidas inocentes para que isso acontecesse.

Pensei que este lugar poderia ser o meu lar. Mas o Departamento está cheio de assassinos. Recuo de repente, como se estivesse sendo empurrada por uma força invisível, e deixo o laboratório com o coração batendo rápido.

Ignoro as poucas pessoas paradas no corredor do lado de fora. Apenas sigo em frente, em direção ao centro do complexo, em direção ao estômago da besta.

Lembro-me do que disse para Christina: *Talvez este lugar pudesse ser o meu lar*.

E as palavras de Tobias ecoam na minha mente: *Essas pessoas assassinaram seus pais.*

Não sei para onde estou indo, mas preciso de espaço e de ar. Agarro a minha credencial e atravesso a passos largos o posto de segurança em direção à escultura. Não há nenhuma luz brilhando dentro do tanque agora, embora a

água continue a cair nele, uma gota a cada segundo. Fico parada um instante, observando a escultura. De repente, vejo o meu irmão do outro lado da pedra.

— Você está bem? — pergunta ele, hesitante.

Não estou bem. Eu tinha começado a sentir que havia encontrado um lugar para ficar, um lugar que não era tão instável, corrupto ou controlador, ao qual poderia enfim pertencer. Eu já deveria ter aprendido que tal lugar não existe.

— Não — respondo.

Ele começa a contornar o bloco de pedra, vindo em minha direção.

— O que houve? — pergunta ele.

— O que houve? — Solto uma risada. — É o seguinte: acabei de descobrir que você não é a pior pessoa que conheço.

Agacho-me e corro os dedos pelo cabelo. Sinto-me entorpecida e apavorada com o meu próprio torpor. O Departamento é responsável pela morte dos meus pais. Por que preciso ficar repetindo isso a mim mesma para acreditar? Qual é o meu problema?

— Ah — diz ele. — Eu... lamento?

Só consigo responder com um curto grunhido.

— Sabe o que a mamãe me disse certa vez? — pergunta ele, e a maneira como diz *mamãe*, como se não a tivesse *traído*, faz com que eu trinque os dentes. — Ela disse que todas as pessoas têm algo de mau dentro de si e que o primeiro passo para amar qualquer pessoa é reconhecer o mesmo mal dentro de nós para que possamos perdoá-la.

— É isso que você quer que eu faça? — pergunto em um tom monótono ao me levantar. — Posso ter feito coisas ruins na minha vida, Caleb, mas *nunca* o levaria à sua própria execução.

— Você não pode afirmar isso — diz ele, e parece que está suplicando, implorando para que eu diga que sou exatamente como ele, que não sou melhor. — Não sabe como Jeanine era persuasiva...

Algo dentro de mim arrebenta, como um elástico gasto.

Soco o rosto dele.

Só consigo pensar em como a Erudição tirou o meu relógio e os meus sapatos e me levou até a mesa vazia, onde eles tirariam a minha vida. Uma mesa que talvez Caleb até tenha sido o responsável por arrumar.

Pensei que já tivesse superado esse tipo de perigo, mas, quando ele se afasta, cobrindo o rosto com as mãos, eu o persigo, agarrando a frente da sua camisa e lançando-o contra a escultura de pedra, gritando que ele é um covarde e um traidor, e que vou matá-lo, vou matá-lo.

Uma das guardas se aproxima de mim, e ela só precisa apoiar a mão no meu ombro para me fazer sair do transe. Solto a camisa de Caleb. Balanço a minha mão, que está ardendo. Viro as costas e vou embora.

+ + +

Há um suéter bege pendurado em uma cadeira vazia no laboratório de Matthew, com a manga arrastando no chão. Ainda não conheço o supervisor dele. Estou começando a suspeitar que Matthew faz todo o trabalho sozinho.

Sento-me sobre o suéter e examino as juntas dos meus dedos. Algumas estão feridas e manchadas com pequenos pontos roxos por causa do soco que dei em Caleb. Parece justo que o golpe deixe marcas em nós dois. É assim que o mundo funciona.

Ontem à noite, quando voltei para o dormitório, Tobias não estava lá, e eu estava irritada demais para dormir. Nas horas que permaneci acordada, encarando o teto, decidi que, embora não fosse participar do plano de Nita, também não iria impedi-lo. A verdade sobre a simulação de ataque gerou um ódio dentro de mim pelo Departamento, e quero vê-lo ruir de dentro para fora.

Matthew está dando explicações científicas. Não estou conseguindo prestar muita atenção.

— ...fazendo um pouco de análise genética, o que não tem problema algum, mas antes estávamos desenvolvendo um método para fazer o composto da

memória se comportar como um vírus — diz ele. — Com a mesma replicação rápida, a mesma capacidade de se espalhar pelo ar. E desenvolvemos uma vacina para ele. É apenas temporária, tem duração de apenas quarenta e oito horas, mas enfim.

Assinto com a cabeça.

— Então... vocês estavam tentando arrumar um jeito de estabelecer outros experimentos urbanos com mais facilidade, não é? — pergunto. — Não seria necessário injetar o soro da memória em todo mundo. Vocês poderiam simplesmente soltá-lo no ar e deixar que ele se espalhasse.

— Exatamente! — Ele parece empolgado por eu estar interessada em suas explicações. — E é um modelo mais avançado, já que podemos selecionar membros específicos da população para ficar de fora. É só vaciná-los. O vírus se espalha em vinte e quatro horas e não teria qualquer efeito sobre eles.

Concordo com a cabeça mais uma vez.

— Você está bem? — pergunta Matthew com a caneca de café parada perto da boca. Ele a baixa. — Ouvi dizer que os seguranças tiveram que separar uma briga em que você estava envolvida ontem à noite.

— Foi com o meu irmão. Caleb.

— Ah. — Matthew ergue uma sobrancelha. — O que ele fez desta vez?

— Na verdade, nada. — Belisco a manga do suéter. As pontas estão todas puídas, gastas pelo tempo. — Eu estava à flor da pele. Ele só apareceu na minha frente.

Já sei, só de olhá-lo, a pergunta que ele quer fazer, e quero lhe explicar tudo, tudo o que Nita me mostrou e contou. Será que posso confiar nele?

— Fiquei sabendo de uma coisa ontem — digo com cuidado. — Sobre o Departamento. Sobre a cidade e as simulações.

Ele ajeita o corpo e me olha de forma estranha.

— O que foi? — pergunto.

— Você ficou sabendo por Nita?

— É. Como você sabia?

— Já a ajudei algumas vezes. Fui eu quem a liberou para entrar no depósito. Ela disse mais alguma coisa?

Matthew é o informante de Nita? Eu o encaro. Nunca imaginei que Matthew, que se esforçou tanto para me mostrar a diferença entre meus genes "puros" e os genes "danificados" de Tobias, poderia ajudar Nita.

— Ela falou algo sobre um plano — digo devagar.

Ele se levanta e caminha na minha direção, estranhamente tenso. Por instinto, eu me afasto dele.

— Eles vão levar a cabo o plano? — pergunta ele. — Você sabe quando?

— O que está acontecendo? Por que você ajudaria Nita?

— Porque toda essa baboseira sobre "danos genéticos" é ridícula — diz ele. — É muito importante que você responda as minhas perguntas.

— Sim, eles vão colocar o plano em prática. Não sei quando, mas acho que será em breve.

— Droga. — Matthew cobre o rosto com as mãos. — Nada de bom resultará disso.

— Se você não parar de falar em códigos, vou lhe dar um tapa — digo, levantando-me da cadeira.

— Eu estava ajudando Nita até que ela me disse o que ela e aquelas pessoas da margem querem fazer — diz Matthew. — Querem entrar no Laboratório de Armas e...

— ...roubar o soro da memória, eu sei.

— Não. — Ele balança a cabeça. — Não, eles não querem o soro da memória; querem o soro da morte. É parecido com o que a Erudição tinha. O que queriam injetar em você quando quase foi executada. Eles vão usá-lo para matar pessoas, muita gente. É só usar uma lata de aerossol para soltar o soro no ar que isso se torna fácil, entende? Se eles o entregarem às pessoas erradas, teremos uma explosão de anarquia e violência, e isso é exatamente o que aquelas pessoas da margem querem.

Sim, eu entendo. Consigo ver a imagem de um frasco sendo virado, de um botão de uma lata de aerossol sendo apertado. Consigo ver os corpos de pessoas da Abnegação e da Erudição espalhados por ruas e escadas. Consigo ver os pequenos pedaços deste mundo aos quais conseguimos nos agarrar ardendo em chamas.

— Pensei que estivesse ajudando Nita com um plano mais inteligente — diz Matthew. — Se eu soubesse que estava ajudando a começar outra guerra, não teria feito aquilo. Precisamos tomar alguma providência.

— Eu avisei a ele — falo baixinho, não para Matthew, mas para mim mesma. — Eu avisei a ele que ela estava mentindo.

— Talvez a maneira como tratamos os GDs neste país seja um problema, mas isso não será resolvido com um genocídio — diz ele. — Venha, vamos para o escritório de David.

Não sei mais o que é certo ou errado. Não sei nada sobre este país, sobre como ele funciona ou do que precisa para mudar. Mas sei que uma quantidade grande de soro da morte nas mãos de Nita e de algumas pessoas da margem é tão ruim quanto nas mãos do pessoal do Laboratório de Armas do Departamento. Então sigo Matthew pelo corredor. Caminhamos depressa em direção à entrada principal, por onde entrei no complexo pela primeira vez.

Quando atravessamos o posto de segurança, vejo Uriah perto da escultura. Ele levanta a mão para acenar para mim, a boca contraída em uma linha que poderia ser um sorriso se ele se esforçasse mais. Sobre a sua cabeça, a luz refrata no tanque d'água, o símbolo do esforço lento e inútil do Departamento.

Acabo de passar pelo posto de segurança quando vejo a parede ao lado de Uriah explodir.

Parece uma chama brotando de um botão de flor. Cacos de vidros e pedaços de metal são lançados do centro do botão, e o corpo de Uriah está entre eles, como um projétil inanimado. Um ruído surdo e profundo

atravessa o meu corpo como um abalo. Minha boca está aberta; estou gritando o nome dele, mas não consigo ouvir a minha voz porque meus ouvidos estão zumbindo.

Ao meu redor, todos estão agachados, cobrindo suas cabeças com os braços. Mas eu estou de pé, olhando para o buraco na parede do complexo. Ninguém o atravessa.

Segundos depois, todos ao meu redor começam a fugir da explosão, e me jogo contra elas, abrindo caminho com o ombro, atrás de Uriah. Um cotovelo acerta as minhas costelas e eu desabo. Meu rosto raspa em algo duro e de metal, a lateral de uma mesa. Levanto-me com dificuldade, limpando o sangue da minha sobrancelha com a manga da camisa. Roupas raspam nos meus braços, e tudo o que consigo ver são braços, cabelos e olhos arregalados, exceto pela placa sobre suas cabeças, que diz SAÍDA DO COMPLEXO.

— Soem os alarmes! — grita um dos guardas do posto de segurança. Abaixo-me para desviar de um braço e tropeço para o lado.

— Já tentei! — grita outro guarda. — Não estão funcionando!

Matthew agarra o meu ombro e grita ao meu ouvido:

— O que você está fazendo? Não vá *na direção*...

Corro mais rápido até achar o caminho livre. Matthew corre atrás de mim.

— Não deveríamos estar indo para o local da explosão. Os responsáveis por ela já estão dentro do prédio — diz ele. — Laboratório de Armas! Vamos!

O Laboratório de Armas. Palavras sagradas.

Penso em Uriah jogado no chão de ladrilhos, cercado de vidro e metal. Meu corpo, todos os meus músculos, estão me puxando para perto dele, mas sei que não posso fazer nada por ele agora. O mais importante é usar o meu conhecimento de caos, de ataques, para impedir que Nita e seus amigos roubem o soro da morte.

Matthew estava certo. Nada de bom resultará disso.

Ele toma a dianteira, mergulhando na multidão de pessoas como se ela fosse uma piscina. Tento olhar apenas para a sua nuca a fim de conseguir

acompanhá-lo, mas os rostos vindo na minha direção me distraem com suas bocas e seus olhos rígidos de terror. Eu o perco de vista por alguns segundos, depois o encontro novamente, a vários metros de distância, virando à direita no corredor seguinte.

— Matthew! — grito, abrindo caminho entre outro grupo de pessoas. Afinal o alcanço e agarro a parte de trás da sua camisa. Ele se vira e segura a minha mão.

— Você está bem? — pergunta ele, olhando para o corte logo acima da minha sobrancelha. Na correria, quase me esqueci do ferimento. Pressiono a manga da minha camisa no corte, e ela fica vermelha, mas, mesmo assim, faço que sim com a cabeça.

— Estou bem! Vamos!

Corremos lado a lado pelo corredor, que não está tão cheio quanto os outros, mas percebo que quem se infiltrou no prédio já passou por ele. Há guardas caídos no chão, alguns vivos e outros, não. Vejo uma arma sobre os ladrilhos ao lado de um bebedouro e a agarro, soltando a mão de Matthew.

Ofereço-a a Matthew, mas ele balança a cabeça.

— Nunca usei uma arma — diz ele.

— Ah, pelo amor de Deus.

Posiciono meu dedo sobre o gatilho. Esta arma é diferente das que tínhamos na cidade. Ela não tem um cano que vai para o lado, a mesma tensão no gatilho nem a mesma distribuição de peso. Como não me traz as mesmas lembranças, ela é mais fácil de segurar.

Matthew está arquejando, sem ar. Eu também, mas não percebo da mesma maneira, porque já corri em meio ao caos muitas vezes. O próximo corredor para o qual ele me guia está vazio, exceto por uma soldada caída. Ela não está se movendo.

— Estamos quase chegando — diz ele, e eu levo o dedo aos lábios, pedindo silêncio.

Desaceleramos o passo, e seguro a arma com mais firmeza, porque o meu suor a deixa escorregadia. Não sei quantas balas há na arma e não sei conferir. Quando passamos pela soldada, paro para checar se ela está armada. Encontro uma arma presa embaixo do seu quadril, que desabou sobre o pulso. Matthew a encara, sem piscar os olhos, enquanto pego a arma.

— Ei — digo baixinho. — Apenas continue andando. Ande agora, pense nisso depois.

Eu o cutuco com o cotovelo e sigo na frente. Os corredores são mal-iluminados, e o teto é coberto de barras e canos entrecruzados. Consigo ouvir pessoas adiante e não preciso das instruções sussurradas de Matthew para encontrá-las.

Quando alcançamos o corredor no qual devemos virar, encosto o corpo na parede e tento espiar, tomando cuidado para me manter o mais escondida possível.

Há um conjunto de portas de vidro duplo que parecem tão pesadas quanto portas de metal, mas estão abertas. Do outro lado, há um corredor apertado e vazio, exceto por três pessoas de preto. Estão vestindo roupas pesadas e carregando armas tão grandes que acho que nem conseguiria levantar uma delas. Seus rostos estão cobertos por um tecido preto, que oculta tudo, menos seus olhos.

David está ajoelhado diante das portas, com uma arma apontada para a sua cabeça e sangue escorrendo pelo queixo. E, entre os invasores, vestindo a mesma máscara dos outros, vejo uma garota com rabo de cavalo.

Nita.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Tris

– Coloque-nos para dentro, David – diz Nita com a voz abafada pela máscara.

Bem devagar, os olhos de David se voltam para o homem que está apontando a arma para ele.

– Acho que você não vai atirar em mim – fala ele. – Porque sou o único neste prédio que sabe essa informação, e vocês querem o soro.

– Talvez não atire na sua cabeça – retruca o homem –, mas existem outros lugares.

O homem e Nita se entreolham. Depois o homem baixa a arma, apontando-a para o pé de David, e dispara. Fecho os olhos quando os gritos de David se espalham pelo corredor. Ele pode até ter sido uma das pessoas que ofereceu a simulação de ataque a Jeanine Matthews, mas mesmo assim não gosto de ouvir seus gritos.

Olho para as armas que estou carregando, uma em cada mão, e para os meus dedos pálidos nos gatilhos. Imagino-me podando todos os galhos que cobrem o meu pensamento, focando-me apenas neste lugar, neste momento.

Aproximo a boca da orelha de Matthew e sussurro:

– Vá buscar ajuda. Agora.

Matthew assente com a cabeça e vai embora pelo corredor. Pelo menos ele se move em silêncio, os passos mudos sobre os ladrilhos. No fim do corredor ele olha para trás, para mim, depois se vira e desaparece.

– Estou cansada desta porcaria – diz a mulher de cabelo ruivo. – Exploda a porta de uma vez.

– Uma explosão ativaria um dos sistemas auxiliares de segurança – explica Nita. – Precisamos da senha de acesso.

Espio o corredor de novo, e, desta vez, os olhos de David encontram os meus. Seu rosto está pálido e suado, e há uma poça grande de sangue ao redor dos seus tornozelos. Os outros estão encarando Nita, que retira uma caixa preta do bolso e a abre, revelando uma seringa.

— Você não disse que esse treco não funciona nele? — pergunta o homem com a arma.

— Eu disse que ele era capaz de *resistir* ao soro, e não que não funciona — diz ela. — David, isto é uma mistura muito potente de soro da verdade e soro do medo. Vou injetá-la em você se não nos revelar a senha de acesso.

— Sei que é culpa apenas dos seus genes, Nita — diz David com a voz fraca. — Se você parar agora, posso ajudá-la, posso...

Nita abre um sorriso torto. Saboreando o momento, ela enfia a agulha no pescoço dele e aperta o êmbolo. David desaba para a frente, depois seu corpo estremece uma vez e depois outra.

Ele arregala os olhos e solta um grito, encarando o ar vazio, e sei o que está vendo, porque eu mesma já vi algo parecido na sede da Erudição sob a influência do soro do terror. Vi meus piores medos ganharem vida.

Nita ajoelha-se diante dele e agarra o seu rosto.

— David! — diz ela com urgência. — Posso fazer isso parar se nos disser como entrar na sala. Você está me ouvindo?

Ele arfa, e seus olhos não se focam nela, mas em algo atrás dela.

— Não faça isso! — grita ele, e se lança para a frente, em direção a um fantasma qualquer que o soro lhe mostra. Nita apoia o braço em seu peito para apoiá-lo, e ele grita: — Não...

Nita o sacode.

— Vou impedir que eles façam isso se você me disser como entrar na sala!

— Ela! — diz David com lágrimas brilhando nos olhos. — O... o nome...

— O nome de quem?

— Nosso tempo está acabando! — avisa o homem com a arma apontada para David. — Se não conseguirmos o soro, é melhor matá-lo...

— *Ela* — diz David, apontando para o espaço à sua frente.

Apontando para mim.

Eu estico o braço pelo canto da parede e disparo duas vezes. O primeiro disparo atinge a parede. O segundo atinge o braço do homem, e sua enorme arma desaba no chão. A mulher ruiva aponta sua arma para mim ou para a parte de mim que ela consegue ver, meio escondida pela parede, e Nita grita:

— Não atire! — E continua: — Tris, você não sabe o que está fazendo...

— Você deve ter razão — digo, e disparo outra vez. Agora, minha mão está mais firme, e minha mira é melhor; acerto Nita bem acima do quadril. Ela solta um grito abafado pela máscara e aperta a região atingida, caindo de joelhos com as mãos cobertas de sangue.

David corre em minha direção, com uma expressão de dor ao apoiar-se em sua perna ferida. Agarro sua cintura com o braço e giro o seu corpo, fazendo-o ficar entre mim e os soldados. Depois, encosto o cano de uma das minhas armas na sua nuca.

Todos ficam imóveis. Posso sentir meu coração pulsar na garganta, nas mãos, atrás dos meus olhos.

— Ninguém atire, ou explodirei a cabeça dele — ameaço.

— Você não mataria o seu próprio líder — diz a mulher ruiva.

— Ele não é o meu líder. Não me importo se ele morrer — digo. — Mas, se vocês acham que deixarei que peguem o soro da morte, estão muito enganados.

Começo a me mover para trás, com David lamuriando-se na minha frente, ainda sob o efeito do coquetel de soros. Baixo a cabeça e viro o corpo para o lado, para ficar em segurança atrás dele. Mantenho uma das armas apontada para a sua cabeça.

Alcançamos o final do corredor, e a mulher resolve pagar para ver. Ela dispara, atingindo David logo acima do joelho, na perna que não estava ferida. Ele desaba, soltando um grito, e fico exposta. Eu me jogo no chão, e uma bala zune ao meu lado, com um som que vibra dentro da minha cabeça.

De repente, sinto algo quente se espalhar pelo meu braço esquerdo, vejo sangue, e meus pés cambaleiam no chão, à procura de apoio. Encontro o equilíbrio e disparo às cegas na direção deles. Agarro a gola de David e o arrasto pela curva do corredor, o braço esquerdo latejando de dor.

Ouço passos acelerados e solto um grunhido. Mas não estão vindo de trás de mim; vêm da frente. Pessoas me cercam, entre elas Matthew, e algumas levantam David e correm com ele pelo corredor. Matthew me oferece a mão.

Meus ouvidos estão zunindo. Não acredito que consegui.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Tris

O HOSPITAL ESTÁ cheio de gente, todos gritando, correndo de um lado para outro ou fechando cortinas com força. Antes de me sentar, confiro todos os leitos à procura de Tobias. Ele não está em nenhum deles. Ainda estou tremendo, aliviada.

Uriah também não está aqui. Ele está em uma das outras salas, e a porta está fechada, o que não é um bom sinal.

A enfermeira que passa um líquido antisséptico em meu braço está sem ar e olha ao redor para toda a movimentação, e não para o meu ferimento. Disseram-me que não passou de um tiro de raspão, nada sério.

— Posso esperar se você precisar fazer outra coisa — digo. — Preciso encontrar alguém, de qualquer maneira.

Ela contrai os lábios e fala:

— Você precisa levar pontos.

— Foi apenas um tiro de raspão!

— Não no seu braço, na sua cabeça — diz ela, apontando para o corte acima do meu olho. Em meio ao caos, havia me esquecido, apesar de ele ainda não ter parado de sangrar.

— Está bem.

— Precisarei injetar este agente anestesiante em você — diz ela, mostrando uma seringa.

Estou tão acostumada com agulhas que nem reajo. Ela passa antisséptico na minha testa. Eles são muito cuidadosos com germes aqui. Sinto o espetar ardido da agulha, que diminui aos poucos, à medida que a anestesia faz efeito.

Vejo as pessoas passando por mim enquanto ela costura a minha pele. Um médico tira um par de luvas sujas de sangue; um enfermeiro carrega uma bandeja de gaze, quase escorregando nos ladrilhos; um parente de um dos feridos torce as mãos, nervoso. O ar cheira a produtos químicos, papel velho e corpos quentes.

— Alguma notícia sobre David? — pergunto.

— Ele sobreviverá, mas levará muito tempo para voltar a andar — diz ela. Seus lábios relaxam por alguns segundos. — Poderia ter sido muito pior se você não estivesse lá. Pronto, acabei.

Assinto com a cabeça. Gostaria de poder dizer a ela que não sou uma heroína, que estava usando David como escudo humano, como um muro de carne. Gostaria de poder confessar que sou uma pessoa cheia de ódio pelo Departamento e por David, alguém que deixaria que outro ser humano fosse cravado de balas para salvar a própria pele. Meus pais sentiriam vergonha de mim.

Ela coloca um curativo sobre os pontos para proteger a ferida e reúne todos os embrulhos e chumaços de algodão molhados em sua mão para jogar no lixo.

Antes que eu consiga agradecer, ela vai embora para o leito seguinte, o paciente seguinte, o ferimento seguinte.

Os feridos estão enfileirados no corredor, do lado de fora do pronto-socorro. Fiquei sabendo que houve outra explosão simultânea à da entrada. Ambas fizeram parte de uma tática para desviar a atenção das pessoas. Nossos agressores entraram pelo túnel subterrâneo, como Nita disse que faria. Ela nunca disse que abriria enormes buracos nas paredes.

As portas no fim do corredor estão abertas, e um grupo de pessoas entra correndo, carregando uma jovem mulher, Nita. Elas a colocam em uma maca perto de uma das paredes. Ela solta um grunhido, agarrada a um rolo de gaze que cobre a ferida na lateral de seu corpo. Sinto-me estranhamente distante da sua dor. Atirei nela. Fui obrigada. Isso é tudo.

Ao caminhar pelo corredor, entre os feridos, noto os uniformes. Todos os que estão sentados aqui vestem verde. Com algumas exceções, são todos da equipe de apoio. Estão com as mãos em braços, pernas e cabeças sangrando. Suas feridas não são menos graves que as minhas, e algumas são até muito piores.

Vejo o meu reflexo nas janelas logo além do corredor principal. Meu cabelo está com um aspecto sujo, e o curativo ocupa grande parte da minha testa. Alguns pontos das minhas roupas estão ensanguentados, manchados com o meu sangue e o de David. Preciso tomar um banho e trocar de roupa, mas primeiro tenho que achar Tobias e Christina. Não vejo nenhum dos dois desde antes da invasão.

Não demoro muito a encontrar Christina. Ela está sentada na sala de espera quando saio da ala de emergência, o joelho balançando tanto que a pessoa sentada ao seu lado a olha com reprovação. Ela levanta a mão para me cumprimentar, mas seus olhos logo se desviam dos meus e olham para a porta.

— Você está bem? — pergunta ela.

— Estou — respondo. — Ainda não tenho notícias sobre Uriah. Não consegui entrar na sala.

— Estas pessoas me deixam maluca, sabe? Elas não me dizem nada. Não nos deixam vê-lo. Parece que acham que são donas dele e de tudo o que acontece com ele!

— Elas trabalham de forma diferente aqui. Com certeza vão informar você quando souberem de algo mais concreto.

— Bem, eles informariam *você* — diz ela, irritada. — Mas estou convencida de que nem notariam a minha presença.

Há alguns dias, poderia ter discordado dela, quando ainda não conhecia a influência que a crença em danos genéticos tem sobre o comportamento das pessoas daqui. Não sei o que fazer. Não sei como conversar com ela agora que

tenho esses privilégios e ela, não, e não há nada que qualquer uma de nós possa fazer a respeito. Só consigo pensar em ficar ao seu lado.

— Preciso encontrar Tobias, mas volto logo para esperar com você, está bem?

Ela afinal olha para mim e para de balançar o joelho.

— Eles não lhe contaram? — pergunta ela.

Sinto um calafrio no estômago.

— O quê?

— Tobias foi preso — diz ela baixinho. — Eu o vi sentado com os invasores logo antes de entrar aqui. Algumas pessoas o viram na sala de controle antes do ataque. Dizem que ele desarmou o sistema de alarme.

Ela me olha com tristeza, como se sentisse pena de mim. Mas eu já sabia o que Tobias fez.

— Onde eles estão? — pergunto.

Preciso conversar com ele. E sei exatamente o que devo dizer.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Tobias

MEUS PULSOS ARDEM por causa da algema de plástico com a qual o guarda me prendeu. Corro as pontas dos dedos pelo queixo para conferir se estou sangrando.

— Você está bem? — pergunta Reggie.

Faço que sim com a cabeça. Já tive ferimentos piores. Já levei golpes mais fortes do que a coronhada que o soldado me deu no queixo ao me prender. Seus olhos estavam cheios de raiva.

Mary e Rafi estão sentados a poucos metros de distância. Rafi pressiona um punhado de gaze contra o braço ensanguentado. Um guarda está parado entre nós e eles, mantendo-nos separados. Quando olho para eles, Rafi me encara de volta e assente com a cabeça, como se dissesse, *Você foi bem*.

Se fui tão bem assim, por que me sinto nauseado?

— Ouça — diz Reggie, aproximando-se de mim. — Nita e as pessoas da margem vão assumir a culpa. Vai ficar tudo bem.

Assinto com a cabeça mais uma vez, mas não estou convencido. Tínhamos um plano B para o caso provável de sermos detidos, e o seu sucesso não me preocupa. O que me preocupa é a demora para lidarem conosco e a maneira casual como tudo ocorreu. Estamos sentados e encostados à parede de um corredor vazio desde que eles apreenderam os invasores, há mais de uma hora, e ninguém veio nos dizer o que vai acontecer conosco ou perguntar qualquer coisa. Ainda não vi Nita.

Sinto um gosto amargo. O que quer que tenhamos feito parece tê-los abalado, e nada abala tanto as pessoas quanto vidas perdidas.

Por quantas dessas vidas perdidas eu sou responsável porque participei disso?

— Nita me disse que eles iriam roubar o soro da memória — falo para Reggie, e tenho medo de olhar para ele. — É verdade?

Reggie olha para a guarda que está parada a alguns metros de nós. Eles já gritaram conosco antes porque estávamos conversando.

Mas já sei a resposta.

— Era mentira, não era? — pergunto. Tris tinha razão. Nita estava mentindo.

— Ei! — A guarda caminha até nós e enfia o cano da arma entre mim e Reggie. — Afastem-se. Vocês estão proibidos de conversar.

Reggie se move para a direita, e eu encaro a guarda.

— O que está acontecendo? — pergunto. — O que houve?

— Ah, até parece que você não sabe — responde ela. — Agora, cale a boca.

Eu a observo se afastar, depois vejo uma garota loira e pequena aparecer no fim do corredor. Tris. Um curativo cobre sua testa, e há manchas de sangue com o formato de dedos em suas roupas. Ela está segurando um pedaço de papel com firmeza.

— Ei! — diz a guarda. — O que você está fazendo aqui?

— Shelly — diz o outro guarda, correndo até ela. — Acalme-se. Esta é a garota que salvou David.

A garota que salvou David? Do que exatamente?

— Ah. — Shelly baixa a arma. — Bem, mesmo assim, minha pergunta faz sentido.

— Eles me pediram para trazer um informe para vocês — diz Tris ao oferecer o papel para Shelly. — David está em recuperação. Ele sobreviverá, mas não sabem dizer quando conseguirá andar novamente. A maioria dos outros feridos já foi tratada.

O gosto amargo em minha boca fica mais forte. David não pode andar. E, durante todo esse tempo, eles estiveram ocupados cuidando dos feridos.

Toda essa destruição, para quê? Eu nem sei. Não sei a verdade.

O que será que eu fiz?

— Eles já sabem o número de mortos? — pergunta Shelly.

— Ainda não — responde Tris.

— Obrigada por nos avisar.

— Ouçam... — Ela apoia todo o seu peso em um só pé. — Preciso conversar com ele.

Ela me indica com a cabeça.

— Não podemos... — começa a dizer Shelly.

— Só por um segundo, juro — diz Tris. — Por favor.

— Deixe-a falar com ele — fala o outro guarda. — Que mal poderia fazer?

— Está bem — concorda Shelly. — Você tem dois minutos.

Ela acena para mim, e eu uso a parede para me levantar, minhas mãos ainda presas na frente do corpo. Tris se aproxima, mas não muito. O espaço e seus braços cruzados formam uma barreira entre nós que poderia ser um muro. Ela olha para algum lugar abaixo dos meus olhos.

— Tris, eu...

— Você quer saber o que seus amigos fizeram? — pergunta ela. Sua voz está trêmula, e não cometo o erro de achar que é de choro. Sua voz está trêmula de raiva. — Eles não planejavam pegar o soro da memória. Eles queriam o veneno, o soro da morte. Para assassinar um monte de gente importante do governo e começar uma guerra.

Olho para baixo, para as minhas mãos, para os ladrilhos, para as pontas dos meus sapatos. Uma guerra.

— Eu não sabia...

— Eu estava certa. Eu estava certa, e você não me deu ouvidos. De novo — diz ela baixinho. Seus olhos encaram os meus, e percebo que não quero o contato visual que desejava porque ele me desmonta, pedaço por pedaço. — Uriah estava parado bem diante de um dos explosivos que eles detonaram para causar distrações. Ele está inconsciente, e não se sabe se vai acordar.

É estranho como uma palavra, uma expressão, uma frase, podem parecer um golpe na cabeça.

— O quê?

Tudo o que consigo ver é o rosto de Uriah quando ele aterrissou na rede depois da Cerimônia de Escolha, o seu sorriso animado quando eu e Zeke o puxamos para a plataforma. Ou ele sentado no estúdio de tatuagem, puxando a orelha para a frente a fim de que não atrapalhasse Tori enquanto ela pintava a cobra em sua pele. Uriah talvez não acorde? Uriah, perdido para sempre?

E prometi. Prometi a Zeke que cuidaria dele, *prometi*...

— Ele é um dos últimos amigos que tenho — diz ela com a voz fraca. — Acho que nunca mais conseguirei olhar para você da mesma maneira.

Ela vai embora. Ouço a voz abafada de Shelly pedindo para que eu me sente e caio de joelhos, deixando os pulsos descansarem sobre as minhas pernas. Luto para encontrar uma forma de escapar disto, deste horror em relação ao que fiz, mas não há qualquer lógica sofisticada capaz de me liberar; não há qualquer saída.

Cubro o rosto com as mãos e tento não pensar, tento não imaginar absolutamente nada.

+ + +

A luz do teto da sala de interrogatórios projeta um círculo difuso sobre o centro da mesa. É nele que mantenho os meus olhos ao narrar a história que Nita me contou, que é tão próxima da verdade que não tenho nenhuma dificuldade em relatá-la. Quando termino, o homem que a está registrando digita as últimas frases em uma tela, e letras aparecem nos lugares em que ele toca do vidro. Então, uma mulher chamada Angela, que está atuando como substituta de David, diz:

— Então, você não sabia por que Juanita pediu para você desabilitar o sistema de segurança?

— Não — respondo, e isso é verdade. Eu não sabia o motivo real; o que eu sabia era uma mentira.

Eles colocaram todos os outros sob o efeito do soro da verdade, mas não a mim. A anomalia genética que permite que eu fique consciente durante as simulações também sugere que eu talvez seja resistente a soros, e, por isso, um testemunho meu sob efeito do soro da verdade não seria confiável. Desde que a minha história bata com as dos outros, eles acreditarão que estou falando a verdade. Não sabem que, há algumas horas, todos nós fomos inoculados contra o soro da verdade. O informante de Nita entre os GPs deu a ela o soro de inoculação há meses.

— Então, como ela o convenceu a fazer aquilo?

— Somos amigos — digo. — Ela é, ou era, uma das minhas únicas amigas aqui. E pediu que eu confiasse nela, disse que era por um bom motivo, e eu concordei.

— E o que você acha da situação agora?

Enfim olho para ela.

— Nunca me arrependi tanto de algo na minha vida.

Os olhos duros e claros de Angela se suavizam um pouco. Ela assente com a cabeça.

— Bem, a sua história bate com o que os outros nos disseram. Como você é novo nesta comunidade, não tinha ciência do plano e é geneticamente deficiente, estamos inclinados a ser clementes. Você está condenado à liberdade condicional. Deverá trabalhar para o bem desta comunidade e ter comportamento exemplar durante um ano. Você não terá permissão de entrar em nenhum laboratório ou aposento privado. Não deixará este complexo sem permissão prévia. Todo mês, deverá se apresentar ao oficial de condicional, que lhe será designado ao final do nosso processo. Você entende esses termos?

Com as palavras "geneticamente deficiente" pairando em meu cérebro, eu assinto e digo:

— Sim, entendo.

— Então, terminamos aqui. Você está livre. — Ela se levanta, empurrando a cadeira para trás. O homem que estava registrando o testemunho também se levanta, guardando a tela em sua bolsa. Angela toca na mesa para que eu olhe para ela.

— Não seja tão duro consigo mesmo — diz ela. — Você é muito jovem, sabe?

Não acho que a minha idade seja uma desculpa para o que fiz, mas aceito a tentativa de gentileza dela sem protestar.

— Posso saber o que vai acontecer com Nita? — pergunto.

Angela contrai os lábios.

— Quando ela se recuperar dos ferimentos, será transferida para a nossa prisão, onde passará o resto da vida.

— Ela não será executada?

— Não. Não acreditamos em pena capital para os geneticamente danificados. — Angela caminha em direção à porta. — Afinal, não podemos nutrir as mesmas expectativas comportamentais em relação aos geneticamente danificados que nutrimos pelos que têm genes puros.

Com um sorriso triste, ela deixa a sala sem fechar a porta. Permaneço sentado por alguns segundos, absorvendo o impacto de suas palavras. Queria acreditar que eles estavam errados a respeito de mim, que não sou limitado pelos meus genes, que não sou mais danificado do que qualquer outra pessoa. Mas como isso pode ser verdade, quando minhas ações levaram Uriah para o hospital, quando Tris não consegue nem olhar nos meus olhos, quando tantas pessoas morreram?

Cubro meu rosto e trinco os dentes enquanto as lágrimas escorrem, absorvendo a onda de desespero como se ela fosse um punho a me golpear. Quando enfim me levanto para ir embora, as mangas da minha camisa, usadas para enxugar o meu rosto, estão úmidas, e meu queixo dói.

CAPÍTULO TRINTA

Tris

– Você já conseguiu entrar?

Cara está em pé ao meu lado de braços cruzados. Ontem, Uriah foi transferido do seu quarto isolado para um quarto com janela, acho que para evitar que ficássemos perguntando sobre ele o tempo todo. Christina está sentada ao lado da cama, segurando sua mão inerte.

Pensei que ele tinha sido despedaçado como uma boneca de pano com um fio solto, mas, exceto por alguns curativos e arranhões, ele não está tão diferente. Dá a impressão de que poderia acordar a qualquer instante, sorrindo, sem entender por que estamos todos olhando para ele.

– Entrei ontem à noite – respondo. – Pareceu errado deixá-lo sozinho.

– Alguns estudos sugerem que, dependendo da extensão dos danos cerebrais, ele talvez consiga nos ouvir e sentir de alguma maneira – diz Cara. – Mas me disseram que o prognóstico não é nada bom.

Às vezes, ainda sinto vontade de dar uma bofetada nela. Não preciso que fiquem me lembrando de que Uriah não deve se recuperar.

– É – respondo.

Depois que saí do lado de Uriah ontem à noite, vaguei sem rumo pelo complexo. Eu deveria estar pensando no meu amigo, que está entre este mundo e o que há além, mas pensei apenas no que disse para Tobias. E em como me senti ao olhar para ele, como se algo estivesse se quebrando.

Não disse que aquele era o fim do nosso relacionamento. Pretendia dizer, mas, ao olhar a ele, foi impossível articular as palavras. Sinto as lágrimas brotando de novo, como tem acontecido, mais ou menos, a cada hora desde ontem, e eu as reprimo engolindo o choro.

— Então, você salvou o Departamento — diz Cara, olhando para mim. — Parece que você se envolve em muitos conflitos. Acho que devemos agradecer pelo fato de que consiga se manter estável em situações de crise.

— Não salvei o Departamento. Não tenho o menor interesse em salvar o Departamento — respondo. — Só mantive uma arma longe de mãos perigosas. — Espero um instante. — Você, por acaso, acabou de me elogiar?

— Consigo reconhecer as qualidades de outras pessoas — fala Cara, sorrindo. — Além disso, acho que as *nossas* questões já estão resolvidas, tanto em um nível lógico quanto emocional. — Ela limpa a garganta, e me pergunto se está desconfortável por afinal admitir que tem emoções ou se é por algum outro motivo. — Parece que você descobriu alguma coisa sobre o Departamento que a irritou. Eu me pergunto se você me diria o que é.

Christina encosta a cabeça na ponta do colchão de Uriah, com seu corpo delgado desabando para o lado.

— Também me pergunto — digo com ironia. — Talvez nunca venhamos a saber.

— Humm. — Uma ruga aparece entre as suas sobrancelhas quando ela franze a testa, deixando-a tão parecida com Will que sou obrigada a desviar os olhos. — Será que preciso pedir por favor?

— Está bem. Sabe o soro de simulação de Jeanine? Bem, não era dela de fato. — Solto um suspiro. — Venha, eu mostro para você. É mais fácil.

Seria igualmente fácil apenas contar a ela o que vi naquele velho depósito, escondido no meio dos laboratórios do Departamento. Mas a verdade é que preciso me manter ocupada para não pensar em Uriah. Ou em Tobias.

— Parece que essas mentiras nunca vão acabar — diz Cara enquanto caminhamos até o depósito. — As facções, o vídeo que Edith Prior deixou para nós... não passaram de mentiras para nos fazer agir de determinadas maneiras.

— É isso mesmo que você pensa a respeito das facções? — pergunto. — Pensei que você adorasse ser membro da Erudição.

— Adorava mesmo. — Ela coça a nuca, deixando pequenas linhas vermelhas em sua pele. — Mas o Departamento fez com que eu me sentisse uma tola por lutar por tudo aquilo e pelo que os Leais defendiam. E não gosto de me sentir tola.

— Então, você acha que nada daquilo valeu a pena — digo. — Toda a história dos Leais.

— Você acha que valeu?

— Foi o que nos fez sair da cidade e nos levou à verdade e era melhor do que a comunidade sem-facção que Evelyn tinha em mente, onde ninguém poderia escolher nada.

— É, acho que você tem razão — diz ela. — É só que me orgulho de ser uma pessoa que sabe enxergar a verdade por trás das coisas, inclusive do sistema de facções.

— Você sabe o que a Abnegação costumava dizer a respeito do orgulho?

— Algo ruim, imagino.

Solto uma risada.

— É claro. Diziam que o orgulho cega as pessoas para a verdade sobre elas mesmas.

Chegamos à porta dos laboratórios, e bato algumas vezes, para que Matthew ouça e nos deixe entrar. Enquanto espero que ele abra a porta, Cara olha para mim de maneira estranha.

— Os antigos escritos da Erudição diziam mais ou menos a mesma coisa — diz ela.

Nunca pensei que a Erudição diria alguma coisa sobre o orgulho, que eles chegariam a se preocupar com algo como moralidade. Parece que eu estava errada. Quero perguntar mais coisas a ela, mas a porta se abre, e Matthew nos encara do corredor, mastigando uma maçã.

— Você pode me levar ao depósito? — pergunto. — Preciso mostrar uma coisa para Cara.

Ele morde o último pedaço da maçã e acena com a cabeça.

– É claro – diz ele.

Faço uma careta, imaginando o gosto amargo das sementes de maçã, e depois o sigo.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Tobias

NÃO POSSO VOLTAR para os olhares acusatórios e as perguntas silenciosas das pessoas do dormitório. Sei que também não deveria voltar para a cena do meu enorme crime, apesar de não ser uma das áreas restritas onde sou impedido de entrar, mas sinto que preciso ver o que está acontecendo na cidade. Como se precisasse lembrar que existe um mundo além deste, onde não sou odiado.

Caminho até a sala de controle e me sento em uma das cadeiras. Cada monitor na estrutura acima mostra uma parte diferente da cidade: o Merciless Mart, o saguão da sede da Erudição, o Millenium Park, o pavilhão do lado de fora do edifício Hancock.

Durante muito tempo, vejo as pessoas perambularem pela sede da Erudição usando as braçadeiras dos sem-facção e com armas nas cinturas, trocando palavras rápidas e distribuindo latas de comida para o jantar, um hábito antigo dos sem-facção.

De repente, ouço alguém da sala de controle dizer para um dos colegas de trabalho:

— Lá está ele.

Vasculho os monitores para encontrar a pessoa de quem estão falando. De repente, eu o vejo, parado diante do edifício Hancock: Marcus, perto da porta da frente, conferindo o relógio.

Levanto-me e levo o dedo indicador à tela para aumentar o som. Por um instante, ouço apenas o sopro do vento saindo dos autofalantes sob a tela, mas depois ouço passos. Johanna Reyes se aproxima do meu pai. Ele oferece a

mão para cumprimentá-la, mas ela o ignora, e meu pai fica com a mão pairando no ar, como uma isca que ela não mordeu.

— Eu *sabia* que você tinha ficado na cidade — diz ela. — Estão procurando você por toda a parte.

Algumas pessoas na sala de controle param atrás de mim para assistir. Quase não as noto. Estou vendo o meu pai abaixar o braço, cerrando o punho.

— Por acaso fiz alguma coisa que a ofendeu? — pergunta Marcus. — Contatei você porque pensei que fosse minha amiga.

— Pensei que você tivesse me contatado porque sabe que ainda sou a líder dos Leais e porque você quer uma aliada — diz Johanna, virando o pescoço para deixar uma mecha de cabelo cair sobre seu olho marcado pela cicatriz. — E, dependendo de qual for o seu objetivo, ainda posso ser sua aliada, Marcus, mas acho que nossa amizade não existe mais.

Marcus franze as sobrancelhas. Meu pai aparenta ter sido um homem bonito, mas, à medida que envelhecia, as bochechas se tornaram ocas, e as feições, duras e rígidas. Seu cabelo, raspado rente à cabeça, no estilo da Abnegação, não ajuda a melhorar essa impressão.

— Eu não entendo — diz Marcus.

— Conversei com alguns dos meus amigos da Franqueza — diz Johanna. — Eles me contaram o que o seu filho disse sob o efeito do soro da verdade. Aquele boato asqueroso que Jeanine Matthews espalhou, sobre você e seu filho... era verdade, não era?

Meu rosto esquenta, e me encolho, curvando os ombros para a frente.

Marcus balança a cabeça.

— Não, Tobias...

Johanna levanta a mão. Ela fala de olhos fechados, como se não suportasse olhar para ele.

— Por favor. Observei a maneira como o seu filho se comporta e como a sua esposa se comporta. Sei como são pessoas marcadas pela violência. — Ela

prende o cabelo atrás da orelha. — Sabemos reconhecer aqueles que são como nós.

— Você não pode acreditar mesmo... — Marcus começa a dizer, depois balança a cabeça. — Sim, sou disciplinador, mas só queria o melhor...

— O papel de um marido não é *disciplinar* a mulher — diz Johanna. — Nem mesmo na Abnegação. E, quanto ao seu filho... bem, digamos apenas que acredito, *sim*, que você seja capaz de uma coisa dessas.

Os dedos de Johanna tocam a cicatriz em sua bochecha. Sou sobrepujado pelo ritmo do meu coração. Ela sabe. Ela sabe, não por ter me ouvido confessar a minha vergonha na sala de interrogação da Franqueza, mas simplesmente porque *sabe*, porque já passou por isso também, tenho certeza. Quem será o culpado? Sua mãe? Pai? Ou outra pessoa?

Parte de mim sempre se perguntou o que meu pai faria se fosse confrontado com a verdade. Imaginei que talvez ele fosse se transformar do modesto líder da Abnegação para o pesadelo com o qual eu vivia em casa, que talvez ficasse agressivo e revelasse quem de fato é. Seria uma reação satisfatória para mim, mas não é o que acontece.

Ele apenas fica parado, com um olhar confuso, e, por um momento, pergunto-me se de fato *está* confuso, se, em seu coração doentio, ele acredita nas próprias mentiras sobre me disciplinar. Esse pensamento cria uma tormenta dentro de mim, um ronco de trovão e um tufão de vento.

— Agora que já fui honesta com você — diz Johanna, um pouco mais calma —, pode me dizer por que pediu que eu viesse aqui.

Marcus muda de assunto como se nunca tivesse discutido o tópico anterior. Vejo nele um homem que se divide em compartimentos e que consegue mudar de um para o outro à vontade. Um desses compartimentos era reservado apenas a minha mãe e a mim.

Os funcionários do Departamento aproximam a câmera, e o edifício Hancock se torna apenas um fundo preto atrás de Marcus e Johanna. Sigo uma viga do outro lado da tela com os olhos, para não precisar olhar para ele.

— Evelyn e os sem-facção são tiranos — diz Marcus. — A paz na qual vivíamos nas facções, antes do primeiro ataque de Jeanine, *pode* ser restaurada, tenho certeza. E quero tentar. Acho que você também quer.

— Sim, quero — afirma Johanna. — Como acha que devemos fazer isso?

— Acho que você não vai gostar desta parte, mas espero que tente manter a mente aberta — responde Marcus. — Evelyn controla a cidade porque controla as armas. Se tirarmos as armas dela, ela perderá boa parte do seu poder, e poderemos desafiá-la.

Johanna concorda com a cabeça e arrasta o sapato no calçamento. Desse ângulo, só consigo ver o lado liso de seu rosto, o cabelo cacheado e sem volume e a boca grossa.

— O que você quer que eu faça? — pergunta ela.

— Permita que eu me junte a você na liderança dos Leais — sugere ele. — Eu era um dos líderes da Abnegação. Era quase o líder desta cidade. O povo vai se unir sob a minha liderança.

— O povo já se uniu — diz Johanna. — E não sob uma pessoa, mas sob o desejo de restaurar as facções. Quem disse que precisamos de você?

— Não quero menosprezar suas conquistas, mas os Leais ainda são insignificantes demais para representar algo além de um pequeno levante — diz Marcus. — Os sem-facção estão em maior número do que imaginávamos. Vocês precisam de mim, sim. E sabe disso.

Meu pai sabe convencer as pessoas sem ser carismático, mas nunca entendi direito como. Ele apresenta suas opiniões como se fossem fatos, e, de alguma forma, sua certeza absoluta convence as pessoas a acreditarem nele. Essa qualidade me assusta agora, porque sei o que ele me disse: que eu era fraco, que eu era inútil, que eu não era nada. Em quantas dessas coisas ele me convenceu a acreditar?

Percebo que Johanna está começando a acreditar nele, pensando no pequeno número de pessoas que conseguiu reunir em prol da causa Leal. Pensando no grupo que enviou para o lado de fora da cerca com Cara, de

quem nunca mais teve notícias. Pensando em como está sozinha e em como Marcus possui um histórico de liderança. Quero gritar para ela através da tela para que não confie nele, para dizer que ele só quer voltar a assumir sua posição como líder das facções. Mas minha voz não pode alcançá-la. Nem que eu estivesse parado ao seu lado, ela a alcançaria.

Com cuidado, Johanna pergunta:

— Você pode me prometer que, sempre que possível, tentará limitar o nível de destruição que causaremos?

— É claro — responde ele.

Ela faz que sim outra vez, mas, agora, parece que o gesto é para si mesma.

— Às vezes, precisamos lutar pela paz — diz ela, mais para a calçada do que para Marcus. — Acredito que esta seja uma dessas situações. E acredito mesmo que você seria útil e que as pessoas o seguiriam.

É o início da rebelião Leal que tenho esperado acontecer desde que fiquei sabendo da formação do grupo. Mesmo que isso parecesse inevitável para mim, desde que vi a maneira como Evelyn decidiu governar a cidade, sinto-me nauseado. Parece que as rebeliões nunca terminam, na cidade, neste complexo, em todo lugar. Existem apenas intervalos entre elas, e, tolos, chamamos esses breves períodos de "paz".

Afasto-me do monitor com a intenção de deixar a sala de controle para respirar um pouco de ar puro, onde quer que eu consiga.

Mas, ao me afastar, vejo outro monitor, que mostra uma mulher de cabelo escuro andando de um lado para o outro em um escritório da sede da Erudição. Evelyn. É claro que eles exibem as imagens de Evelyn no maior monitor da sala de controle. Faz sentido.

Evelyn corre as mãos pelo cabelo, agarrando as mechas mais grossas. Ela desaba em um sofá, com papéis jogados no chão ao redor, e eu penso, *Ela está chorando*, mas não sei por quê, já que não vejo seus ombros se mexendo.

Pelas caixas de som do monitor, ouço alguém bater à porta do escritório. Evelyn se ajeita, arruma o cabelo, enxuga o rosto e diz:

— Entre!

Therese entra no escritório com a braçadeira dos sem-facção desarrumada.

— Acabo de receber uma informação das patrulhas. Disseram que não viram qualquer sinal dele.

— Ótimo. — Evelyn balança a cabeça. — Eu o exilo, e ele fica na cidade. Deve estar fazendo isso apenas para me irritar.

— Ou talvez tenha se juntado aos Leais, e eles o estão abrigando — sugere Therese, lançando o corpo sobre uma das cadeiras do escritório. Ela torce um dos papéis no chão com as solas da bota.

— Sim, claro. — Evelyn apoia o braço na janela e se inclina, olhando para a cidade abaixo e para o pântano, mais além. — Obrigada pela informação.

— Nós o encontraremos — diz Therese. — Ele não pode ter ido muito longe. Prometo que o encontraremos.

— Só quero que ele vá embora — diz Evelyn com a voz sufocada e baixa como a de uma criança. Será que ela ainda sente medo dele, como eu sinto, como um pesadelo que continua a reaparecer durante o dia? O quão semelhantes eu e minha mãe somos por dentro, onde realmente importa?

— Eu sei — diz Therese, deixando o escritório.

Fico parado por um longo tempo, observando Evelyn olhar pela janela com os dedos trêmulos.

Sinto que me tornei algo entre a minha mãe e o meu pai, violento e impulsivo, desesperado e receoso. Sinto que perdi o controle sobre o que me tornei.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Tris

DAVID PEDE QUE eu compareça ao seu escritório no dia seguinte, e temo que ele se lembre da maneira que o usei como escudo humano enquanto me afastava do Laboratório de Armas e de como apontei uma arma para a sua cabeça e disse que não me importava se ele morresse.

Zoe me encontra no saguão do hotel e segue na minha frente pelo corredor central, depois por outro corredor, comprido e estreito, com janelas à minha direita que mostram a pequena frota de aviões estacionados em fileiras sobre o concreto. A neve escassa toca a janela, oferecendo um sabor precoce de inverno, e derrete em questão de segundos.

Olho de relance para Zoe algumas vezes enquanto caminhamos, tentando ver como age quando acha que não está sendo observada, mas ela parece sempre igual, animada, ainda que com uma aparência profissional. Como se o ataque nunca tivesse acontecido.

— Ele está em uma cadeira de rodas — avisa ela quando chegamos ao final do corredor estreito. — É melhor não comentar. Ele não gosta que sintam pena dele.

— Não sinto pena dele. — Esforço-me para controlar o tom de raiva em minha voz. Isso levantaria suspeitas. — Não é a primeira pessoa do mundo a ser baleada.

— Sempre esqueço que você testemunhou muito mais violência do que nós — diz Zoe, passando sua credencial no posto de segurança seguinte. Espio os guardas do outro lado através do vidro da porta. Eles mantêm o corpo ereto e as armas apoiadas nos ombros, olhando para a frente. Imagino que sejam obrigados a ficar assim o dia inteiro.

Sinto-me pesada e dolorida, como se meus músculos estivessem comunicando uma dor mais profunda e emocional. Uriah continua em coma. Ainda não consigo olhar para Tobias quando ele está no dormitório, no refeitório, no corredor, sem ver a parede explodindo ao lado da cabeça de Uriah. Não sei quando, ou se, as coisas vão melhorar e não sei se essas feridas podem ser curadas.

Passamos pelos guardas, e os ladrilhos sob meus pés dão lugar a tábuas corridas. Vejo pequenas pinturas com molduras douradas penduradas nas paredes, e, bem do lado de fora do escritório de David, há um pedestal encimado por um buquê de flores. São pequenos detalhes, mas fazem-me sentir que minhas roupas estão imundas.

Zoe bate à porta, e uma voz lá dentro grita:

— Pode entrar!

Ela abre a porta para mim, mas fica do lado de fora. O escritório de David é espaçoso e quente, as paredes repletas de livros nos espaços onde não há janelas. No lado esquerdo, vejo uma mesa com telas de vidro suspensas, e, no lado direito, um pequeno laboratório com móveis de madeira, e não de metal.

David está sentado em uma cadeira de rodas, e suas pernas estão cobertas por um material rígido, cujo propósito, imagino, seja mantê-las imóveis, para que possam sarar. Apesar de pálido e abatido, está com uma aparência saudável. Embora saiba que ele teve alguma coisa a ver com a simulação de ataque e com todas aquelas mortes, é difícil ligar essas ações ao homem que vejo diante de mim. Será que é assim com todos os homens maus? Será que, para quem os vê, eles parecem homens bons, falam como homens bons e são tão simpáticos quanto homens bons?

— Tris. — Ele empurra a cadeira de rodas na minha direção e aperta a minha mão entre as suas. Mantenho a mão firme, ainda que sua pele pareça seca como papel e que seu toque me provoque repulsa.

— Você é tão corajosa — diz ele, depois solta a minha mão. — Como estão seus ferimentos?

Dou de ombros.

— Já estive pior. E quanto aos seus?

— Levarei algum tempo até voltar a andar, mas eles estão confiantes de que conseguirei. Além disso, alguns dos nossos funcionários estão desenvolvendo sofisticados suportes para as pernas, e posso ser a primeira cobaia se necessário — diz ele, enrugando os cantos dos olhos. — Você poderia me empurrar para trás da mesa novamente? Ainda não aprendi a conduzir isto direito.

Eu o empurro, guiando suas pernas rígidas para debaixo da mesa e deixando que o restante do seu corpo as siga. Depois de me assegurar de que ele está posicionado de maneira correta, sento-me na cadeira à sua frente e tento sorrir. Até encontrar uma forma de vingar a morte dos meus pais, preciso manter intactas a confiança e a afeição que ele sente por mim. E não conseguirei fazer isso sendo antipática.

— Pedi que viesse aqui principalmente para lhe agradecer — diz ele. — Poucos jovens teriam ido me resgatar daquela maneira, em vez de fugir para se proteger, ou teriam a capacidade de salvar este complexo, como você fez.

Penso em como encostei uma arma na cabeça dele e ameacei a sua vida e engulo em seco.

— Você e as pessoas que vieram com você estão em um estado de transição lamentável desde que chegaram — fala ele. — Para ser sincero, não sabemos muito bem o que fazer com todos vocês, e tenho certeza de que vocês mesmos não sabem bem o que fazer, mas pensei em algo que gostaria que *você* fizesse. Sou o líder oficial deste complexo, mas, na realidade, temos um sistema de governo parecido com o da Abnegação, e, portanto, sou ajudado por um pequeno grupo de conselheiros. Gostaria que você começasse um treinamento para assumir um desses postos.

Minhas mãos agarram os descansos da cadeira com força.

— Sabe, vamos precisar fazer algumas mudanças por aqui agora que fomos atacados. Precisaremos defender a nossa causa de forma mais enfática. E acho que você sabe fazer isso.

Não há como discordar dele.

— O que... — Limpo a garganta. — O que eu teria que fazer para treinar para essa posição?

— Comparecer às nossas reuniões, por exemplo, e aprender os pormenores do nosso complexo, a maneira como ele funciona em todos os seus setores, nossa história, nossos valores e assim por diante. Não posso permitir que você faça parte do conselho oficialmente porque ainda é jovem demais, e há um processo pelo qual deve passar como assistente de um dos membros atuais do conselho, mas estou convidando você a seguir por esse caminho se for do seu interesse.

Seus olhos, e não a sua voz, é que fazem a pergunta.

Os conselheiros devem ser as pessoas que autorizaram a simulação de ataque e garantiram que o soro fosse entregue a Jeanine no momento certo. E ele quer que eu me sente entre eles, aprenda a me tornar um deles. Apesar do gosto amargo em minha boca, não hesito em responder.

— É claro — digo, sorrindo. — Seria uma honra.

Ao receber uma oportunidade de se aproximar do seu inimigo, sempre aceite. Sei disso sem que ninguém tenha me ensinado.

Ele deve acreditar no meu sorriso, porque também abre um pequeno sorriso de volta.

— Imaginei que você aceitaria — diz ele. — É algo que eu queria que sua mãe tivesse feito comigo antes de se voluntariar para entrar na cidade. Mas acho que ela se apaixonou a distância pela cidade e não conseguiu resistir.

— Se apaixonou... pela cidade? — pergunto. — Acho que existe mesmo gosto para tudo.

É apenas uma piada, mas não estou sendo sincera. Apesar disso, David solta uma risada, e sei que falei a coisa certa.

— Você era... próximo da minha mãe, durante o período no qual ela esteve aqui? — pergunto. — Tenho lido o diário dela, mas ela não é muito prolixa.

— Não, isso não faria o tipo dela, não é? Natalie sempre foi muito direta. Sim, sua mãe e eu éramos próximos. — A voz de David se torna mais suave ao falar dela. Ele deixa de lado a persona de líder calejado do complexo e se torna um homem velho, pensando com carinho no passado.

O passado que ocorreu antes de ele causar a morte dela.

— Tivemos uma história parecida. Também fui resgatado de um mundo danificado quando criança... meus pais eram pessoas extremamente disfuncionais, que foram presas quando eu ainda era jovem. Em vez de sucumbir a um sistema de adoção sobrecarregado de órfãos, eu e meus irmãos decidimos fugir para a margem, o mesmo lugar onde sua mãe se refugiou anos depois, e fui o único a sair de lá com vida.

Não sei o que dizer, nem o que fazer com a compaixão que está brotando dentro de mim por um homem que fez coisas terríveis. Apenas encaro as minhas mãos e imagino que minhas entranhas são feitas de metal líquido e que estão se solidificando em contato com o ar, assumindo uma forma que nunca mais mudará.

— Você terá que ir lá com nossas patrulhas amanhã. Assim, poderá ver a margem com os próprios olhos — diz ele. — É importante que um futuro membro do conselho veja isso.

— Estou muito interessada.

— Ótimo. Bem, lamento encerrar a nossa conversa, mas preciso recuperar um bocado de tempo perdido de trabalho — fala ele. — Vou pedir que alguém notifique você a respeito das patrulhas, e nossa primeira reunião de conselho será na sexta-feira, às dez da manhã, então nos veremos em breve.

Fico tensa. Não perguntei o que queria perguntar. Acho que a oportunidade não surgiu. De qualquer maneira, agora é tarde demais. Levanto-me e caminho até a porta, mas ele fala comigo novamente.

— Tris, sinto que devo ser franco com você, já que pretendemos estabelecer uma relação de confiança.

Pela primeira vez desde que o conheci, David parece estar quase... com medo. Seus olhos estão arregalados como os de uma criança. Mas, segundos depois, a expressão desaparece.

— Mesmo sob a influência do coquetel de soros, ouvi o que você disse a eles para que não atirassem em nós. Sei que você disse que me mataria para proteger o que há dentro do Laboratório de Armas.

Minha garganta aperta, e mal consigo respirar.

— Não se preocupe — diz ele. — Essa é uma das razões pelas quais lhe ofereci essa oportunidade.

— Por... por quê?

— Você demonstrou a qualidade de que mais preciso em um conselheiro — explica ele. — A habilidade de fazer sacrifícios pelo bem maior. Se pretendemos vencer esta batalha contra os danos genéticos, se pretendemos evitar que os experimentos sejam encerrados, precisaremos fazer sacrifícios. Você entende isso, não entende?

Sinto uma onda de raiva tomar conta de mim, mas me forço a assentir com a cabeça. Nita já nos disse que os experimentos corriam o risco de serem encerrados, e, por isso, não fico surpresa em saber que é verdade. Mas o desespero de David para salvar o trabalho ao qual dedicou a sua vida não é nenhuma desculpa para matar toda uma facção, a *minha* facção.

Fico parada por um instante, com a mão na maçaneta, tentando me recompor, e então decido correr o risco.

— O que teria acontecido se eles tivessem detonado outra bomba para conseguir entrar no Laboratório de Armas? — pergunto. — Nita disse que outra explosão ativaria uma medida de segurança auxiliar, mas, para mim, parecia a solução mais óbvia para o que eles queriam.

— Um soro teria sido lançado no ar... Um soro para o qual as máscaras não teriam servido como proteção por ser absorvido pela pele — diz David. — Um

soro ao qual nem os geneticamente puros são capazes de resistir. Não sei como Nita sabe disso, já que é uma informação confidencial, mas acho que vamos descobrir.

— O que esse soro faz?

O sorriso dele se transforma em uma careta.

— Digamos que é tão ruim que Nita preferiu passar o resto da vida na prisão a entrar em contato com ele.

Ele tem razão. Não é preciso dizer mais nada.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Tobias

– Vejam só quem chegou – diz Peter quando entro no dormitório. – O traidor.

Há mapas espalhados sobre dois dos catres. São brancos, azul-claros e verde-foscos e me atraem como se exercessem um estranho magnetismo sobre mim. Em cada um deles, Peter desenhou um círculo trêmulo sobre a nossa cidade, sobre Chicago. Ele está marcando os limites de onde já esteve.

Vejo o círculo diminuir em cada mapa até que se torne apenas um ponto vermelho como uma gota de sangue.

Depois, afasto-me, assustado com o que pode significar o fato de eu ser tão pequeno.

– Se você acha que está em algum tipo de pedestal sob o ponto de vista moral, está muito enganado – digo a Peter. – Para que todos estes mapas?

– Estou tendo dificuldade em compreender o tamanho do mundo – explica ele. – Alguns dos funcionários do Departamento têm me ajudado a aprender mais sobre isso. Planetas, estrelas, massas de água e outras coisas do tipo.

Seu tom é natural, mas dá para perceber, pela maneira como rabiscou freneticamente os mapas, que essa naturalidade é forçada e ele está obcecado. Eu costumava ser igualmente obsessivo em relação aos meus medos, sempre tentando entendê-los, sem parar.

– E ajudou alguma coisa? – pergunto. Percebo que nunca tive uma conversa com Peter, a não ser pelas vezes que gritei com ele. Não que não fosse merecido, mas não sei quase nada sobre ele. Mal me lembro do seu sobrenome, da chamada da iniciação. Hayes. Peter Hayes.

— Mais ou menos. — Ele pega um dos mapas maiores, que mostra todo o globo, achatado como massa sovada. Encaro o mapa até entender as formas que estou vendo, as extensões azuis de água e os pedaços de terra multicoloridos. Em um deles, há um ponto vermelho, para o qual ele aponta. — Este ponto contém todos os lugares onde já estivemos. Poderíamos cortar este pedaço de terra e afundá-lo no oceano, e ninguém nem notaria.

Sinto o mesmo medo outra vez. O medo do meu próprio tamanho.

— Sim. E daí?

— E daí? E daí que tudo com o qual jamais nos preocupamos, tudo o que dissemos ou fizemos, que importância tem? — Ele balança a cabeça. — Não tem importância nenhuma.

— É claro que tem. Toda esta terra está repleta de pessoas, todas diferentes, e as coisas que fazem umas às outras têm importância.

Peter balança a cabeça de novo, e, de repente, eu me pergunto se esta é a maneira que ele encontrou para se sentir melhor a respeito de si mesmo: convencendo-se de que as coisas más que fez não têm importância. Entendo como o gigantesco planeta, que me aterroriza, parece um abrigo seguro para ele, um lugar onde pode desaparecer em meio ao enorme espaço, sem se distinguir, e sem jamais ser responsabilizado por seus atos.

Ele se curva para a frente a fim de desamarrar os cadarços.

— Então, você foi banido do seu pequeno grupo de seguidores? — pergunta ele.

— Não — respondo automaticamente, mas depois digo: — Talvez. Mas eles não são meus seguidores.

— Ah, por favor. Eles parecem o Culto do Quatro.

Não consigo deixar de rir.

— Está com inveja? Queria que existisse um Culto dos Psicopatas para chamar de seu?

Uma das suas sobrancelhas salta para cima.

— Se eu fosse um psicopata, já teria matado você enquanto dormia.

— E, sem dúvida, teria adicionado meu globo ocular à sua coleção.

Peter também solta uma gargalhada, e me dou conta de que estou conversando e trocando piadas com o iniciando que enfiou uma faca no olho de Edward e que tentou matar a minha namorada, se é que ainda posso chamá-la assim. Mas, afinal, ele também é um membro da Audácia que nos ajudou a encerrar a simulação de ataque e salvou Tris de uma morte terrível. Não sei qual de suas ações deveria pesar mais para mim. Talvez eu devesse esquecer todas elas e permitir que ele comece do zero.

— Talvez você devesse se juntar ao meu pequeno grupo de pessoas odiadas — diz Peter. — Por enquanto, Caleb e eu somos os únicos membros, mas, como é bem fácil se tornar odiado por aquela garota, tenho certeza de que nosso número vai crescer.

Meu corpo enrijece.

— Você tem razão. Ela odeia as pessoas com facilidade. Basta tentar matá-la, por exemplo.

Meu estômago se revira. *Eu* quase a matei. Se ela estivesse mais perto da explosão, poderia estar na mesma condição de Uriah, ligada a tubos no hospital, com a mente em silêncio.

Não é à toa que ela não sabe se quer ou não ficar comigo.

O momento descontraído passa. Não posso esquecer o que Peter fez, porque ele não mudou. Ainda é a mesma pessoa que estava disposta a matar, machucar e destruir para se tornar o primeiro lugar da turma de iniciandos. E também não posso esquecer o que fiz. Eu me levanto.

Peter apoia as costas na parede e cruza os dedos sobre a barriga.

— Só estou dizendo que, quando ela decide que alguém não presta, todos concordam na mesma hora. É um talento estranho para alguém que costumava ser apenas mais uma Careta chata, não acha? E talvez seja poder demais para uma pessoa só, não é?

— O talento dela não é controlar as opiniões dos outros, mas sim estar certa a respeito das pessoas.

Ele fecha os olhos.

— Você é quem sabe, Quatro.

Sinto uma tensão tomar conta dos meus braços e pernas. Deixo o dormitório e os mapas, com seus círculos vermelhos, para trás, embora não saiba muito bem para onde ir.

Para mim, Tris sempre pareceu exercer um tipo de magnetismo indescritível, sem nem perceber. Nunca a temi ou odiei por isso, como Peter, mas sempre estive em uma posição de poder, sem ser ameaçado por ela. Agora que perdi essa posição, consigo sentir uma inclinação para o ressentimento, forte e segura, como mãos puxando o meu braço.

Encontro-me novamente no jardim do átrio, e, desta vez, há uma luz brilhando por trás das janelas. De dia, as flores parecem lindas e selvagens, como criaturas ferozes paradas no tempo, imóveis.

Cara entra correndo no átrio, o cabelo desarrumado e cheio.

— Achei você. É tão fácil perder as pessoas neste lugar.

— O que você quer?

— Bem... Você está bem, Quatro?

Mordo o lábio com tanta força que sinto uma pontada de dor.

— Estou ótimo. O que foi?

— Nós vamos fazer uma reunião e queremos a sua presença.

— "Nós" quem exatamente?

— Os GDs e os simpatizantes dos GDs que não querem permitir que o Departamento fique impune em relação a algumas das suas ações — diz ela, depois inclina a cabeça para o lado. — Pessoas que planejam as coisas melhor do que os últimos indivíduos com os quais você se envolveu.

Quem será que contou para ela?

— Você sabe sobre a simulação de ataque?

— Mais do que isso, reconheci o soro da simulação no microscópio quando Tris o mostrou para mim — diz Cara. — Sim, eu sei de tudo.

Balanço a cabeça.

— Bem, não vou me envolver nesse assunto outra vez.

— Não seja tolo — diz ela. — O que você ouviu continua sendo verdade. Essas pessoas continuam sendo responsáveis pelas mortes da maior parte da Abnegação, a escravização mental da Audácia e a destruição total do nosso modo de vida, e algo precisa ser feito a respeito delas.

Acho que não quero estar no mesmo recinto de Tris, sabendo que podemos estar prestes a terminar. Seria como estar à beira de um abismo. É mais fácil fingir que isso não está acontecendo quando não estou perto dela. Entretanto, Cara coloca as coisas de maneira tão simples que não há como não concordar com ela: sim, alguma coisa precisa ser feita.

Ela segura a minha mão e me guia pelo saguão do hotel. Sei que tem razão, mas estou indeciso, inseguro sobre participar de outra tentativa de resistência. Mesmo assim, já estou seguindo-a, e parte de mim clama pela chance de voltar a me mover, em vez de apenas ficar paralisado diante das imagens da nossa cidade, captadas pelas câmeras de vigilância, como tenho feito nos últimos tempos.

Quando percebe que estou vindo atrás, ela larga a minha mão e prende uma mecha solta de cabelo atrás da orelha.

— Ainda é estranho não ver você de azul — comento.

— Acho que está na hora de deixar tudo isso para trás — responde ela. — Mesmo se eu pudesse voltar, não iria querer a esta altura.

— Você não sente saudade das facções?

— Na verdade, sinto. — Ela olha para mim. Já passou tanto tempo desde a morte de Will que não o vejo mais quando olho para ela. Vejo apenas Cara. Eu a conheço há muito mais tempo do que o conhecia. Ela tem um pouco do bom humor dele, o bastante para me assegurar de que posso caçoar dela sem que se ofenda. — Eu me dava bem na Erudição. Tantas pessoas dedicadas ao descobrimento e à inovação, era ótimo. Mas agora que sei o quanto o mundo é grande... bem. Acho que acabei crescendo demais para a minha facção. — Ela franze a testa. — Perdão, isso soou arrogante?

— Quem se importa?

— Algumas pessoas se importam. É bom saber que você não é uma delas.

Não consigo deixar de perceber que algumas das pessoas por quem passamos a caminho da reunião me olham com expressões carrancudas ou desviam do caminho ao me verem. Já fui odiado e evitado antes, como filho de Evelyn Johnson, a tirana sem-facção, mas isto me incomoda mais. Agora sei que fiz algo que justifica esse ódio; eu traí todos eles.

— Ignore-os — diz Cara. — Eles não sabem como é tomar uma decisão difícil.

— Aposto que você não teria feito o que fiz.

— Sim, mas apenas porque me ensinaram a ser cautelosa quando não conheço todas as informações e lhe ensinaram que riscos podem trazer grandes recompensas. — Ela olha para mim de soslaio. — Ou, como neste caso, pode não trazer recompensa alguma.

Ela para diante da porta do laboratório usado por Matthew e seu supervisor e bate. Matthew abre a porta e morde a maçã que segura na mão. Nós o seguimos para dentro da sala onde descobri que não sou Divergente.

Tris está na sala, ao lado de Christina, que olha para mim como se eu fosse um coisa podre que precisa ser jogada fora. No canto ao lado da porta, vejo Caleb com o rosto coberto de hematomas. Estou prestes a perguntar o que aconteceu quando percebo que as juntas da mão de Tris também estão machucadas e que ela faz questão de não olhar para ele.

Nem para mim.

— Acho que todos já estão aqui — diz Matthew. — Tudo bem... então... é. Tris, sou péssimo nisso.

— Sim, é mesmo — diz ela, sorrindo. Sinto uma pontada de ciúme. Ela limpa a garganta. — Então, sabemos que essas pessoas foram responsáveis pelo ataque à Abnegação e que não podemos mais confiar nelas para salvaguardar a nossa cidade. Sabemos que queremos fazer algo a respeito disso e que a última tentativa de fazer algo foi... — Os olhos dela encontram os

meus, e seu olhar me transforma em um homem menor. — Insensata. Podemos fazer melhor.

— Qual é a sua sugestão? — pergunta Cara.

— Só sei que quero expor o que eles de fato são — responde Tris. — Não é possível que todos no complexo saibam o que seus líderes fizeram, e acho que devemos revelar isso a eles. Quem sabe possam eleger novos líderes, que talvez não tratem as pessoas dos experimentos como dispensáveis. Pensei que seria uma boa ideia causar uma "infecção" generalizada de soro da verdade, por assim dizer...

Lembro-me do peso do soro da verdade, preenchendo todos os espaços vazios dentro de mim, meus pulmões, minha barriga e meu rosto. Lembro-me de como achei surpreendente Tris conseguir erguer todo aquele peso e mentir.

— Isso não vai funcionar — digo. — Eles são GPs, lembra? GPs conseguem resistir ao soro da verdade.

— Isso não é necessariamente verdade — diz Matthew, puxando e torcendo o cordão ao redor do seu pescoço. — Não vemos muitos Divergentes que conseguem resistir ao soro da verdade. O único caso que conhecemos na história recente é o de Tris. A capacidade de resistir aos soros parece ser maior em alguns indivíduos. Veja você, por exemplo, Tobias. — Matthew dá de ombros. — Mesmo assim, é por isso que eu o convidei, Caleb. Você já trabalhou com os soros. Talvez os conheça tão bem quanto eu. Talvez consigamos desenvolver um soro da verdade ao qual seja mais difícil resistir.

— Não quero mais fazer esse tipo de trabalho — diz Caleb.

— Ah, cala a... — começa a dizer Tris, mas Matthew a interrompe.

— Por favor, Caleb — pede ele.

Caleb e Tris trocam olhares. A pele do rosto dele e das juntas do punho de Tris tem quase a mesma cor, roxo-azul-verde, como se tivesse sido pintada com tinta. É isso que acontece quando irmãos se enfrentam: eles se

machucam da mesma maneira. Caleb, com as costas apoiadas na beirada do balcão, escorrega para baixo, encostando a nuca nas gavetas de metal.

— Está bem — diz Caleb. — Desde que você prometa que não vai usar isso contra mim, Beatrice.

— Por que eu usaria? — pergunta Tris.

— Eu posso ajudar — diz Cara, levantando a mão. — Também já trabalhei com soros na Erudição.

— Ótimo. — Matthew bate palmas. — Enquanto isso, Tris trabalhará como espiã.

— E eu? — pergunta Christina.

— Pensei que você e Tobias talvez pudessem tentar convencer Reggie a nos ajudar — diz Tris. — David não quer me falar nada sobre as medidas de segurança auxiliares do Laboratório de Armas, mas Nita decerto não era a única pessoa que sabia delas.

— Você quer que eu *tente convencer* o cara que detonou os explosivos que deixaram Uriah em coma? — pergunta Christina.

— Vocês não precisam ficar amigos dele — diz Tris —, apenas conversar a respeito do que ele sabe. Tobias pode ajudar você.

— Não preciso de Quatro. Posso fazer isso sozinha — diz Christina.

Ela se mexe com desconforto sobre a mesa de exame, rasgando o papel sob a coxa, e me olha com desdém outra vez. Sei que ela deve ver o rosto imóvel de Uriah toda vez que olha para mim. Sinto como se houvesse algo entalado na minha garganta.

— Na verdade, você precisa de mim, sim. Porque ele já confia em mim — digo. — Essas pessoas são muito sigilosas, e isso significa que precisaremos ser sutis.

— Eu consigo ser sutil — retruca Christina.

— Não consegue, não.

— Ele tem *razão*... — cantarola Tris, abrindo um sorriso.

Christina dá uma tapa no braço de Tris, e ela devolve o tapa.

— Então, está resolvido — diz Matthew. — Acho que devemos nos reunir de novo depois que Tris participar da reunião do conselho, que acontecerá na sexta-feira. Cheguem aqui às cinco.

Ele se aproxima de Cara e Caleb e fala alguma coisa sobre compostos químicos que não entendo muito bem. Christina deixa a sala, esbarrando no meu ombro ao sair. Tris levanta os olhos e me encara.

— Acho que devemos conversar — digo.

— Está bem — responde ela, e eu a sigo até o corredor.

Esperamos ao lado da porta até que todos tenham ido embora. Os ombros dela estão curvados para a frente, como se ela estivesse tentando ficar ainda menor do que é, tentando evaporar de onde estamos, e estamos distantes demais, com toda a largura do corredor entre nós. Tento me lembrar da última vez que a beijei, mas não consigo.

Por fim ficamos sozinhos, e o corredor está em silêncio. Minhas mãos começam a formigar e ficam dormentes, como sempre acontece quando entro em pânico.

— Você acha que conseguirá me perdoar algum dia? — pergunto.

Ela balança a cabeça, mas diz:

— Não sei. Acho que é exatamente isso que preciso descobrir.

— Você sabe... você *sabe* que nunca quis que Uriah se machucasse, não sabe? — Olho para os pontos na testa dela e digo: — Ou você. Também não queria que você tivesse se machucado.

Ela está batendo com o pé no chão, e seu corpo se move no mesmo ritmo. E faz que sim com a cabeça.

— Eu sei — responde ela.

— Eu precisava fazer alguma coisa — digo. — Simplesmente *precisava*.

— Muitas pessoas se machucaram — diz ela. — Só porque você não levou o que falei a sério, e, o que é ainda pior, porque achou que eu estava sendo mesquinha e *ciumenta*. Só uma garotinha boba de dezesseis anos, não é?

Tris balança a cabeça.

— Nunca chamaria você de boba ou de mesquinha — respondo, bem sério. — Sim, realmente pensei que seu julgamento estava comprometido. Só isso.

— É ruim o bastante. — Os dedos dela deslizam pelo seu cabelo e o agarram. — É o mesmo problema se repetindo, não é? Você não me respeita tanto quanto diz. No fundo, ainda acredita que não consigo pensar racionalmente...

— *Não* é isso! — digo, irritado. — Respeito você mais do que qualquer um. Mas agora não sei o que a incomoda mais: eu ter tomado uma decisão idiota ou não ter tomado a decisão que *você* queria.

— O que quer dizer com isso?

— O que quero dizer é que você falou que deveríamos ser honestos um com o outro, mas acho que o que você queria mesmo é que eu sempre concordasse com você.

— Não acredito que você disse isso! Você estava *errado*...

— Sim, eu estava errado! — Agora estou gritando, e não sei de onde veio esta raiva, mas posso senti-la se remexer dentro de mim, violenta e cruel. A raiva mais forte que sinto há dias. — Eu estava errado e cometi um erro enorme! O irmão do meu melhor amigo está quase morto! E agora você está agindo como se fosse minha mãe, punindo-me por não ter feito o que você mandou. Bem, você não é a minha mãe, Tris, e não tem o direito de me dizer o que tenho que fazer ou que escolher...!

— Pare de gritar comigo — diz ela baixinho, e afinal me encara. Eu costumava identificar vários sentimentos em seus olhos, como amor, saudade e curiosidade, mas agora só vejo raiva. — Pare, agora.

Seu tom de voz baixo diminui a raiva dentro de mim, e eu relaxo, apoiando as costas na parede e enfiando as mãos nos bolsos. Não queria ter gritado com ela. Não queria ter sentido raiva.

Eu a encaro, chocado, enquanto lágrimas escorrem por sua face. Não a vejo chorar há muito tempo. Ela funga, engole em seco e tenta soar normal, mas não consegue.

— Só preciso de um pouco de tempo — diz ela, engasgando com cada palavra. — Está bem?

— Está bem — respondo.

Tris enxuga o rosto com as palmas das mãos e vai embora pelo corredor. Olho para a sua cabeça loira até que ela dobra o corredor e desaparece, e me sinto nu, como se não houvesse mais nada para me proteger da dor. A ausência dela é o que mais dói.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Tris

– Aí está ela – diz Amah quando me aproximo do grupo. – Venha, vou pegar seu colete, Tris.

– Meu... colete? – Como prometi a David ontem, vou para a margem esta tarde. Não sei o que esperar, o que em geral me deixa nervosa, mas estou esgotada demais dos últimos dias para sentir qualquer coisa.

– Sim, um colete à prova de balas. A margem não é muito segura – diz ele enquanto enfia a mão em um baú perto das portas, procurando o tamanho certo entre uma pilha de coletes pretos grossos. Ele acaba pegando um que parece grande demais para mim. – Desculpe-nos, mas não há muita variedade aqui. Este vai servir. Levante os braços.

Ele veste o colete em mim e ajeita o tamanho das tiras na lateral do meu corpo.

– Não sabia que você também viria – comento.

– Bem, o que você acha que faço aqui no Departamento? Só ando por aí contando piadas? – Ele abre um sorriso. – Eles encontraram um bom uso para as habilidades que aprendi na Audácia. Sou parte da equipe de segurança. Assim como George. Costumamos lidar apenas com a segurança do complexo, mas, sempre que alguém quer visitar a margem, a gente se oferece para levar.

– Está falando de mim? – pergunta George, que estava com o grupo perto das portas. – Olá, Tris. Espero que ele não esteja falando mal de mim.

George apoia o braço nos ombros de Amah, e eles sorriem um para o outro. George parece melhor do que da última vez que o vi, mas a tristeza

continua a marcar a sua expressão, afastando as rugas dos cantos dos seus olhos e as covinhas das bochechas quando ele sorri.

— Acho que deveríamos dar uma arma para ela — sugere Amah. E olha para mim. — Não costumamos oferecer armas para possíveis futuros membros do conselho porque eles não têm a menor ideia de como usá-las, mas tenho certeza de que você tem.

— Estou bem — digo. — Realmente, não preciso...

— Que nada, você deve atirar melhor do que a maioria das pessoas aqui — diz George. — E mais uma pessoa da Audácia poderia ser bem útil para nós. Vou buscar uma arma.

Alguns minutos depois, estou armada e caminhando com Amah até a caminhonete. Ele e eu nos sentamos bem no fundo, George e uma mulher chamada Ann se sentam no meio, e dois oficiais de segurança mais velhos, chamados Jack e Violet, se sentam na frente. A parte de trás da caminhonete é coberta por um material preto e duro. As portas de trás parecem opacas e pretas do lado de fora, mas, de dentro, são transparentes para conseguirmos ver aonde estamos indo. Sento-me entre Amah e pilhas de equipamentos, que bloqueiam a nossa visão da parte da frente da caminhonete. George espia por cima dos equipamentos e sorri quando o automóvel começa a andar, mas, fora isso, fico sozinha com Amah.

Observo enquanto o complexo desaparece atrás de nós. Atravessamos os jardins e passamos diante dos edifícios externos que o cercam, e, meio escondidos atrás do complexo, vejo os aviões, brancos e imóveis. Alcançamos a cerca, e o portão é aberto para nós. Ouço Jack falando com o soldado da cerca externa, relatando nossos planos e o conteúdo do veículo, em uma série de palavras que não entendo, antes que nos libertem para seguirmos pelo mundo selvagem.

— Qual é o objetivo desta patrulha? — pergunto. — Quer dizer, além de me mostrar como as coisas funcionam.

— Sempre mantivemos um olho na margem, que é a área geneticamente danificada mais próxima do complexo. Em geral, fazemos apenas pesquisas, estudando a maneira como se comportam os geneticamente danificados — diz Amah. — Mas, depois do ataque, David e o conselho decidiram que precisamos montar uma vigilância mais abrangente lá para prevenirmos outro ataque parecido.

Passamos pelo mesmo tipo de ruínas que vi quando deixei a cidade, com construções desabando sob o próprio peso e plantas crescendo em liberdade, quebrando o concreto.

Não conheço Amah, não confio muito nele, mas preciso perguntar:

— Então, você acredita em tudo aquilo? Toda aquela história de que os danos genéticos são a causa... *disto*?

Todos os seus antigos amigos no experimento eram GDs. Será que ele acredita mesmo que são danificados, que há algo de errado com eles?

— Você não acredita? — pergunta ele. — A meu ver, a Terra existe há muito, muito tempo. Há mais tempo do que conseguimos imaginar. E, antes da Guerra de Pureza, ninguém jamais havia feito *isto*, certo?

Ele faz um gesto indicando o mundo do lado de fora.

— Não sei — digo. — Acho difícil acreditar que não tenham feito.

— Você tem uma visão muito pessimista da natureza humana.

Não respondo.

— De qualquer maneira, se algo assim tivesse acontecido antes na história, o Departamento saberia.

Para mim, isso soa ingênuo vindo de alguém que já viveu na minha cidade e viu, pelo menos através dos monitores, quantos segredos escondíamos uns dos outros. Evelyn tentou controlar pessoas usando armas, mas Jeanine foi ainda mais ambiciosa. Ela sabia que, quando alguém controla as informações ou as manipula, não precisa de força para manter as pessoas sob seu jugo. Elas obedecerão por vontade própria.

É isso que o Departamento, e provavelmente todo o governo, está fazendo: condicionando as pessoas a serem felizes sob o seu controle.

Seguimos em silêncio por um tempo, acompanhados apenas pelo chacoalhar do equipamento e pelo som do motor. A princípio, olho para cada edifício pelo qual passamos, tentando decifrar o que costumavam ser, mas depois eles parecem se misturar. Quantas ruínas será que precisamos ver antes de decidir simplesmente chamar tudo aquilo de "ruína"?

— Estamos quase chegando à margem — grita George do meio da caminhonete. — Vamos saltar aqui e seguir o restante do caminho a pé. Todos devem pegar alguns equipamentos e montá-los, exceto Amah, que deve se preocupar apenas com a segurança de Tris. Tris, você pode saltar e dar uma olhada na região, mas não se afaste de Amah.

Sinto que todos os meus nervos estão à flor da pele e que um simples toque poderia fazê-los disparar. A margem é o local para onde a minha mãe fugiu depois de presenciar um assassinato. É onde o Departamento a encontrou e a resgatou, por suspeitar que seu código genético era puro. Agora, caminharei por aqui até o local onde, de certa maneira, tudo começou.

A caminhonete para e Amah abre as portas. Ele segura a sua arma com uma das mãos e me chama com a outra. Salto do automóvel.

Há edifícios aqui, mas em quantidade muito menor do que os barracos construídos de ferro-velho e lonas de plástico e empilhados um ao lado do outro, como se estivessem se sustentando. Nos becos estreitos entre eles, vejo pessoas, em sua maioria crianças, vendendo produtos em bandejas, carregando baldes d'água ou cozinhando em fogueiras.

Quando as crianças mais perto de nós nos veem, um menininho sai correndo, gritando:

— Batida! Batida!

— Não se preocupe com isso — diz Amah. — Eles acham que somos soldados. Às vezes, ocorrem batidas para transportar as crianças para orfanatos.

Mal registro o comentário. Apenas sigo por um dos becos enquanto a maioria das pessoas sai correndo ou se fecha dentro dos barracos usando um pedaço de papelão ou uma lona de plástico. Eu os vejo através dos espaços entre as paredes e percebo que suas casas são praticamente apenas pilhas de comida e suprimentos de um lado, e colchões do outro. Como será que eles sobrevivem ao inverno? E como será que fazem suas necessidades?

Penso nas flores dentro do complexo, nas portas de madeira e em todas as camas no hotel que estão desocupadas e pergunto:

— Vocês os ajudam de alguma forma?

— Acreditamos que a melhor maneira de ajudar o nosso mundo é consertando suas deficiências genéticas — diz Amah, como se estivesse repetindo um discurso decorado. — Alimentar as pessoas é como cobrir uma enorme ferida com um pequeno curativo. Talvez pare o sangramento por um tempo, mas a ferida continuará aberta.

Não consigo responder. Apenas balanço a cabeça um pouco e continuo andando. Começo a entender por que a minha mãe ingressou na Abnegação quando deveria ter ingressado na Erudição. Se quisesse apenas se afastar da crescente corrupção da Erudição, poderia ter ido para a Amizade ou a Franqueza. Mas escolheu a facção onde poderia ajudar os necessitados e dedicou a maior parte da sua vida a garantir alguns recursos para os sem-facção.

Eles deviam lembrá-la deste lugar, da margem.

Olho para o outro lado a fim de que Amah não veja as lágrimas nos meus olhos.

— Vamos voltar para a caminhonete — digo.

— Você está bem?

— Estou.

Nós nos viramos para voltar para o automóvel, mas, de repente, ouvimos tiros.

E, em seguida, um grito:

— Socorro!

Todos ao nosso redor se dispersam.

— É George — diz Amah, e começa a correr por um beco à direita. Eu o sigo em meio às estruturas de ferro-velho, mas ele é rápido demais para mim, e este lugar é um labirinto. Eu o perco em questão de segundos e fico sozinha.

Por mais que meus anos na Abnegação façam com que me sinta solidária às pessoas que vivem neste lugar, também tenho medo delas. Se elas são como os sem-facção, então decerto também são tão desesperadas quanto eles, e pessoas desesperadas me preocupam.

Certa mão agarra o meu braço e me puxa para trás, para dentro de um dos abrigos de alumínio. No interior do abrigo, um tom azul envolve tudo por causa da lona que cobre as paredes, insulando o ambiente contra o frio. O chão é coberto de tábuas de madeira compensada, e, diante de mim, vejo uma mulher pequena e magra, de rosto encardido.

— Não é bom você ficar lá fora — diz ela. — Eles atacarão qualquer um, por mais jovem que seja.

— Eles?

— Há muitas pessoas indignadas aqui na margem — conta a mulher. — A raiva de algumas pessoas as faz quererem matar qualquer um que considerem inimigo. Outras pessoas usam a raiva de maneira mais construtiva.

— Bem, obrigada por me ajudar — agradeço. — Meu nome é Tris.

— Amy. Sente-se.

— Não posso — digo. — Meus amigos estão lá fora.

— Então, é melhor você esperar as pessoas correrem até onde seus amigos estão para surpreendê-las por trás.

Parece uma ideia sensata.

Sento-me no chão, a arma pressionando minha perna. O colete à prova de balas é rígido demais, e é difícil ficar confortável, mas me esforço ao máximo para parecer relaxada. Ouço pessoas correndo e gritando do lado de fora. Amy puxa o canto da lona para espiar o que está acontecendo no beco.

— Então, você e seus amigos não são soldados — diz Amy, ainda olhando para fora. — Isso significa que devem ser do pessoal do Auxílio Genético, certo?

— Não — respondo. — Quer dizer, eles são, mas eu sou da cidade. Digo, de Chicago.

Amy ergue as sobrancelhas, surpresa.

— Nossa. Esse experimento já foi desativado?

— Ainda não.

— Que pena.

— Que pena? — Franzo a testa ao olhar para ela. — Você está falando sobre a minha casa, sabia?

— Bem, a sua casa está perpetuando a crença de que pessoas geneticamente danificadas precisam ser consertadas, ou seja, de que estão de fato *danificadas*, algo que elas, quer dizer, nós, não estamos. Portanto, sim, acho uma pena que os experimentos ainda existam. E não vou me desculpar por dizer isso.

Não havia pensado na questão dessa maneira. Para mim, Chicago precisa continuar existindo porque as pessoas que perdi viviam lá, porque o modo de vida que eu costumava levar continua lá, mesmo que em crise. Mas não havia pensado que a própria existência de Chicago pudesse ser prejudicial a pessoas do lado de fora, que só querem ser consideradas inteiras.

— Você deve ir agora — diz Amy, soltando a ponta da lona. — Eles devem estar em uma das áreas de reunião, a noroeste daqui.

— Mais uma vez, obrigada.

Ela assente a cabeça para mim, e eu me abaixo para sair do seu casebre improvisado, as tábuas do chão rangendo sob meus pés.

Sigo pelos becos e agradeço o fato de que todos fugiram quando chegamos, porque assim não há ninguém bloqueando o meu caminho. Salto sobre uma poça de algo que não quero nem saber o que é e chego a um tipo de

pátio, onde um rapaz alto e desengonçado está apontando uma arma para George.

Um pequeno grupo de pessoas cerca o garoto com a arma. Eles distribuíram entre si o equipamento de vigilância que George estava carregando e o estão destruindo, golpeando-o com sapatos, pedras e martelos.

Os olhos de George me encontram, mas levo o dedo aos lábios depressa. Agora estou atrás do grupo; o garoto com a arma não me viu.

— Baixe a arma — pede George.

— Não! — responde o garoto. Seus olhos pálidos movimentam-se continuamente, de George para o grupo ao redor depois de volta para George. — Eu me esforcei muito para conseguir a arma e não vou entregá-la a você agora.

— Então apenas... me deixe ir. Pode ficar com ela.

— Não até você me dizer para onde têm levado o nosso povo! — retruca o garoto.

— Não levamos nenhum de vocês — diz George. — Não somos soldados. Somos cientistas.

— Até parece — diz o rapaz. — Um colete à prova de balas? Se isso não é coisa de soldado, então eu sou o cara mais rico dos Estados Unidos. Agora, desembuche!

Movimento-me para trás a fim de me esconder atrás de um dos abrigos, depois estendo minha arma da beirada da estrutura e digo:

— Ei!

Todos do grupo se viram ao mesmo tempo, mas o rapaz com a arma não para de apontá-la para George, ao contrário do que eu esperava que fizesse.

— Você está na minha mira — digo. — Vá embora agora, e deixarei você fugir.

— Vou atirar nele! — fala o garoto.

— Vou atirar em *você* — retruco. — Somos do governo, mas não somos soldados. Não sabemos onde está o seu povo. Se deixá-lo ir, vamos embora em silêncio. Se você o matar, garanto que *soldados* logo chegarão aqui para prendê-lo, e não vão ser tão legais quanto eu.

Neste momento, Amah surge no pátio, atrás de George, e alguém do grupo grita:

— Há mais deles!

Todos se espalham. O rapaz com a arma salta para o beco mais próximo, deixando George, Amah e eu sozinhos. Mesmo assim, mantenho a arma levantada, perto do rosto, caso eles decidam voltar.

Amah abraça George, que bate com o punho fechado nas suas costas. Amah olha para mim com o rosto sobre o ombro de George.

— Ainda acha que os danos genéticos não são os culpados? — pergunta ele.

Passo por um dos barracos e vejo uma menininha agachada logo depois da porta, abraçando os joelhos. Ela me vê através de uma fenda nas camadas de lonas e choraminga baixinho. Quem será que ensinou estas pessoas a ter tanto medo de soldados? O que fez o rapaz ficar tão desesperado?

— Sim. Ainda acho.

Tenho pessoas melhores para culpar por isto.

+ + +

Quando chegamos à caminhonete, Jack e Violet estão instalando uma câmera de vigilância que não foi roubada pela população da margem. Violet segura uma pequena tela onde há uma longa lista de números e os lê para Jack, que os programa em sua própria tela.

— Onde vocês estavam? — pergunta ele.

— Fomos atacados — responde George. — Precisamos ir embora agora.

— Felizmente, esta é a última série de coordenadas — diz Violet. — Vamos nessa.

Entramos outra vez na caminhonete. Amah fecha as portas, e pouso a minha arma no chão, com a trava de segurança acionada, feliz em me livrar dela. Quando acordei hoje, não pensei que apontaria uma arma perigosa para alguém. Também não pensei que testemunharia condições de moradia como aquelas.

— É a Abnegação dentro de você — diz Amah. — Faz com que você odeie este lugar. Dá para notar.

— Há muitas coisas dentro de mim.

— É algo que notei em Quatro também. A Abnegação produz pessoas muito sérias. Pessoas que automaticamente enxergam coisas como necessidade — diz ele. — Percebi que, quando as pessoas mudam para a Audácia, alguns perfis comuns surgem. Pessoas da Erudição que vão para a Audácia se tornam cruéis e brutais. Pessoas da Franqueza que vão para a Audácia costumam se tornar viciados em adrenalina, exaltados que gostam de arrumar briga. E pessoas da Abnegação que vão para a Audácia se tornam... não sei, acho que soldados. Revolucionários.

Ele faz uma pausa.

— É isso que ele poderia ser se confiasse mais em si mesmo — continua Amah. — Se Quatro não fosse tão inseguro, acho que seria um líder e tanto. Sempre pensei assim.

— Acho que você tem razão — digo. — Ele só se mete em problemas quando está seguindo outra pessoa. Como Nita. Ou Evelyn.

E quanto a você?, eu me pergunto. *Você também queria que ele a seguisse.*

Não, eu não queria, digo a mim mesma, mas não sei se acredito nisso.

Amah assente com a cabeça.

Imagens da margem não param de vir à minha cabeça, como soluços. Imagino a criança que minha mãe foi um dia, encolhida dentro de um daqueles barracos, desesperada atrás de armas porque elas significavam pelo menos um pouco de segurança, engasgando em fumaça para se aquecer durante o inverno. Não sei por que ela teve tanta vontade de deixar aquele

lugar depois que foi resgatada. Foi absorvida pelo complexo e depois trabalhou para ele pelo resto da vida. Será que ela se esqueceu de onde veio?

Não poderia ter esquecido. Passou toda a vida tentando ajudar os sem-facção. Talvez não para cumprir sua obrigação como membro da Abnegação. Talvez fosse um desejo de ajudar pessoas como as que ela tinha deixado para trás.

De repente, não aguento mais pensar sobre minha mãe, aquele lugar ou as coisas que vi lá. Apego-me ao primeiro pensamento que surge na minha cabeça, para tentar me distrair.

— Então, você e Tobias eram próximos?

— Alguém é próximo dele de fato? — Amah balança a cabeça. — Mas fui eu quem lhe deu o apelido. Vi-o encarando seus medos e notei o quanto ele era perturbado. Achei que uma nova vida seria uma boa para ele e comecei a chamá-lo de "Quatro". Mas, não, não diria que éramos próximos. Não tanto quanto eu gostaria.

Amah inclina a cabeça para trás e a encosta na parede, fechando os olhos. Um pequeno sorriso surge em sua boca.

— Ah. Você... *gosta* dele?

— Por que está me perguntando isso?

Dou de ombros.

— Não sei. Pelo jeito que você fala.

— Não *gosto* mais dele se é realmente isso que quer saber. Mas, sim, eu gostava, mas ficou claro que o sentimento não era recíproco, então me afastei — diz Amah. — Por favor, não comente nada sobre isso.

— Para Tobias? É claro que não.

— Não, não quero que você diga nada a ninguém. E não estou falando apenas da situação com Tobias.

Ele olha para a nuca de George, que agora conseguimos ver sobre a pilha consideravelmente reduzida de equipamentos.

Levanto a sobrancelha ao olhar para ele. O fato de que os dois tenham se sentido atraídos um pelo outro não me surpreende. Os dois são Divergentes que tiveram de fingir suas próprias mortes para sobreviver. Os dois são forasteiros em um mundo desconhecido.

— Você precisa entender — diz Amah. — O Departamento é obcecado por procriação, por passar genes adiante. E tanto George quanto eu somos GPs, portanto, qualquer relacionamento que não seja capaz de produzir um código genético mais forte... Não é algo que seja encorajado, só isso.

— Ah. — Assinto com a cabeça. — Você não precisa se preocupar comigo. Não sou obcecada pela produção de genes fortes. — Abro um sorriso debochado.

— Obrigado.

Ficamos sentados em silêncio por alguns segundos, assistindo às ruínas se transformarem em um borrão, à medida que a caminhonete ganha velocidade.

— Acho que você faz bem a Quatro, sabe? — comenta ele.

Encaro as minhas mãos dobradas sobre o colo. Não tenho vontade de explicar para ele que estamos prestes a terminar o namoro. Não o conheço e, mesmo se conhecesse, não teria vontade de falar sobre isso. Tudo o que consigo dizer é:

— Ah, é?

— É. Consigo ver o que você desperta nele. Você não sabe, porque nunca viu, mas Quatro, sem você, é uma pessoa bem diferente. Ele é... obsessivo, explosivo, inseguro...

— Obsessivo?

— Do que mais você chamaria uma pessoa que passa repetidas vezes por sua própria paisagem do medo?

— Não sei... determinada. — Faço uma pausa. — Corajosa.

— É, está bem. Mas também um pouco maluca, não é? Quer dizer, a maioria dos membros da Audácia preferiria saltar para dentro do abismo a

continuar passando por suas paisagens do medo. Há uma diferença entre coragem e masoquismo, mas, para ele, a linha se tornou muito tênue.

— Conheço bem essa linha.

— Eu sei. — Amah abre um sorriso. — De qualquer maneira, o que quero dizer é que, sempre que duas pessoas diferentes são comprimidas uma contra a outra, haverá problemas, mas dá para ver que o que vocês têm vale a pena, só isso.

Franzo o nariz.

— Pessoas *comprimidas* umas contra as outras? Sério?

Amah aperta as palmas das suas mãos uma contra a outra e as torce para um lado e para o outro a fim de ilustrar o que quer dizer. Solto uma risada, mas não consigo ignorar a pontada em meu peito.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Tobias

Caminho até o grupo de cadeiras mais próximo das janelas na sala de controle e abro as imagens de diferentes câmeras espalhadas pela cidade, uma por uma, à procura dos meus pais. Encontro Evelyn primeiro. Ela está no saguão da sede da Erudição, conversando de perto com Therese e um homem sem-facção, que, agora que não estou mais lá, são o segundo e o terceiro no comando. Aumento o volume do microfone, mas ainda não consigo ouvir nada além de murmúrios.

Pelas janelas dos fundos da sala de controle, vejo o mesmo céu noturno e limpo sobre a cidade, interrompido apenas pelas pequenas luzes azuis e vermelhas que marcam a pista de pouso de aviões. É estranho pensar que temos isso em comum, ao passo que todo o resto aqui é tão diferente.

Agora as pessoas na sala de controle já sabem que fui eu quem desligou o sistema de segurança na noite antes do ataque, embora não tenha sido eu quem deu soro da paz para um dos funcionários do turno da noite a fim de que eu pudesse fazer isso. Foi Nita. Mas, em geral, eles apenas me ignoram, desde que eu mantenha distância de suas mesas.

Em outra tela, vasculho as imagens outra vez em busca de Marcus e Johanna ou de qualquer coisa que me dê uma indicação do que está acontecendo com os Leais. Todas as partes da cidade aparecem na tela: a ponte perto do Merciless Mart, a Pira e a principal via pública do setor da Abnegação, o Eixo, a roda gigante e os campos da Amizade, agora cultivados por todas as facções. Mas nenhuma das câmeras me mostra o que procuro.

— Você tem vindo muito aqui — comenta Cara ao se aproximar de mim. — Está com medo do resto do complexo? Ou de alguma outra coisa?

Ela tem razão. Tenho vindo muito para a sala de controle. É apenas uma forma de passar o tempo enquanto espero uma decisão de Tris, enquanto espero que nosso plano de atacar o Departamento se concretize, enquanto espero por alguma coisa, *qualquer coisa.*

— Não. Estou apenas de olho nos meus pais.

— Os pais que você odeia? — Ela para ao meu lado de braços cruzados. — Claro, entendo perfeitamente por que você quer passar todas as horas dos seus dias observando as pessoas de quem quer distância. Faz muito sentido.

— Eles são perigosos — digo. — E o mais perigoso é que, além de mim, ninguém sabe o quanto são perigosos.

— E o que você fará daqui, se eles fizerem algo terrível? Mandar um sinal de fumaça?

Eu a olho de cara feia.

— Está bem, está bem. — Ela levanta as mãos como se estivesse se rendendo. — Só estou tentando lembrá-lo de que você não está mais no mundo deles, e sim neste. Só isso.

— Já entendi.

Nunca pensei que os membros da Erudição fossem particularmente perceptivos quando o assunto é relacionamentos, ou emoções, mas os olhos atentos de Cara enxergam todo tipo de coisa. Meu medo. Minha procura por uma distração em meio ao meu passado. É quase preocupante.

Corro o dedo por um dos ângulos da câmera, depois pauso, e volto. A imagem está escura por causa da hora, mas vejo pessoas se reunindo ao redor de um prédio que não reconheço, como um bando de pássaros, com movimentos sincronizados.

— Está acontecendo — diz Cara, animada. — Os Leais estão realmente atacando.

— Ei! — grito para uma das mulheres nas mesas da sala de controle. A mais velha, que sempre me olha de cara feia quando chego, levanta a cabeça. — Câmera vinte e quatro! Rápido!

Ela toca a tela, e todos os que circulam pela área de segurança se aglomeram ao seu redor. Pessoas passando pelo corredor param para ver o que está acontecendo, e eu me viro para Cara.

— Você pode chamar os outros? — pergunto. — Acho que eles deveriam ver isto.

Ela assente com a cabeça, empolgada, e sai correndo da sala de controle.

As pessoas ao redor do edifício desconhecido não estão vestindo uniformes que as distingam, mas também não estão usando as braçadeiras dos sem-facção e estão armadas. Tento reconhecer algum rosto, qualquer coisa que me pareça familiar, mas a imagem está muito desfocada. Vejo-os se organizarem, acenando uns para os outros a fim de se comunicarem, sacudindo os braços escuros na noite ainda mais escura.

Prendo a unha do meu dedão entre os dentes, esperando com impaciência que alguma coisa, qualquer coisa, aconteça. Alguns minutos depois, Cara chega acompanhada dos outros. Quando eles alcançam o grupo de pessoas ao redor do monitor principal, Peter diz, alto o bastante para fazer todos se virarem:

— Com licença!

Quando eles veem quem falou aquilo, abrem caminho para ele.

— O que foi? — pergunta Peter ao se aproximar. — O que está acontecendo?

— Os Leais formaram um exército — respondo, apontando para o monitor à esquerda. — Há pessoas de todas as facções nele, até da Amizade e da Erudição. Tenho visto bastante desses monitores nos últimos tempos.

— *Erudição*? — pergunta Caleb.

— Os Leais são os inimigos dos novos inimigos, os sem-facção — responde Cara. — E isso cria um objetivo comum à Erudição e aos Leais: derrubar Evelyn.

— Você disse que há membros da Amizade em um *exército*? — pergunta Christina.

— Eles não estão participando de fato da parte violenta — respondo. — Mas estão trabalhando em conjunto.

— Os Leais saquearam o primeiro depósito de armas há alguns dias — diz a mulher sentada à mesa da sala de controle mais próxima, olhando para trás. — Este será o segundo. Depois do primeiro saque, Evelyn realocou a maioria das armas, mas não conseguiu mudar esse depósito a tempo.

Meu pai sabe o que Evelyn sabia: que o poder de fazer as pessoas o temerem é o único necessário. Armas são capazes de oferecer esse poder.

— Qual é o objetivo deles? — pergunta Caleb.

— Os Leais são motivados pelo desejo de retornar ao nosso propósito original na cidade — diz Cara. — Seja mandar um grupo de pessoas para fora, de acordo com as instruções de Edith Prior, que pensávamos serem importantes, mas que já descobri que não são, seja reinstaurar as facções à força. Eles estão se preparando para atacar o reduto dos sem-facção. É isso que discuti com Johanna antes de deixarmos a cidade. *Não* discutimos nada a respeito de se aliar ao seu pai, Tobias, mas acho que ela tem a capacidade de tomar as próprias decisões.

Havia quase esquecido que Cara era a líder dos Leais antes de sairmos da cidade. Agora, nem sei se ela quer saber se as facções sobreviverão ou não, mas ainda se importa com as pessoas. Dá para perceber pela maneira como observa os monitores: ansiosa, mas temerosa.

Mesmo com toda a conversa das pessoas ao redor, ouço o som de tiros começando a ser disparados, e eles soam apenas como estalos e ruídos nos microfones. Toco o vidro à minha frente algumas vezes, e o ângulo da câmera muda para dentro do edifício que os invasores acabaram de arrombar. Em uma mesa no interior, há uma pilha de pequenas caixas de munição e algumas pistolas. Não é nada comparado com as armas que as pessoas têm aqui com toda a abundância, mas, dentro da cidade, sei que aquilo é valioso.

Alguns homens e mulheres com braçadeiras dos sem-facção protegem a mesa, mas estão sendo derrotados depressa por conta da vantagem numérica

dos Leais. Reconheço um rosto familiar entre eles: Zeke, que dá uma coronhada no queixo de um homem sem-facção. Os sem-facção são subjugados em menos de dois minutos, derrubados pelas balas que vejo apenas quando já estão alojadas em seus corpos. Os Leais se espalham pela sala, saltando sobre corpos, como se não passassem de destroços, e reúnem tudo o que podem. Zeke empilha as armas espalhadas sobre a mesa com um olhar duro que vi poucas vezes na vida.

Ele nem sabe o que aconteceu com Uriah.

A mulher na mesa toca a tela em alguns lugares diferentes. Em um dos monitores menores sobre sua cabeça há um frame das imagens de vigilância que acabamos de assistir, congelado em um momento específico. Ela toca novamente a tela, e a imagem se aproxima mais dos alvos, um homem de cabelo raspado e uma mulher de cabelo longo e escuro que cobre um dos lados do seu rosto.

Marcus, é claro. E Johanna, carregando uma arma.

— Juntos, eles conseguiram reunir a maioria dos membros convergentes aos ideais das facções sob a sua causa. Mas o mais surpreendente é que, mesmo assim, os Leais continuam em menor número do que os sem-facção. — A mulher inclina sua cadeira para trás e balança a cabeça. — Havia muito mais pessoas sem-facção do que jamais imaginamos. Afinal, é difícil conseguir uma contagem de população precisa quando as pessoas estão espalhadas.

— Johanna? Liderando a rebelião? Com uma arma? Isso não faz sentido — diz Caleb.

Johanna me disse, certa vez, que se tivesse sido a responsável por tomar as decisões, teria apoiado uma ação concreta contra a Erudição, e não a passividade que o resto da sua facção defendia. Mas ela estava à mercê da sua facção e do medo dos seus membros. Agora, com as facções desmanteladas, parece que se tornou algo diferente da porta-voz da Amizade ou até mesmo da líder dos Leais. Ela se tornou uma soldada.

— Faz mais sentido do que você imagina — digo, e Cara assente com a cabeça ao ouvir as minhas palavras.

Eu os vejo esvaziarem a sala de armas e de munição e seguirem em frente, rápido, espalhando-se como sementes ao vento. Sinto-me mais pesado, como se estivesse carregando um novo fardo. Será que as pessoas ao meu redor, Cara, Christina, Peter e até Caleb sentem a mesma coisa? A cidade, a nossa cidade, está ainda mais perto da destruição total do que antes.

Podemos fingir que não pertencemos mais à cidade enquanto vivemos em um lugar de relativa segurança, mas a verdade é que pertencemos. Sempre pertenceremos.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Tris

Está escuro e nevando quando chegamos à entrada do complexo. Os flocos se espalham pela estrada, leves como açúcar de confeiteiro. É apenas uma neve de início de outono; de manhã, já terá desaparecido. Retiro meu colete à prova de balas assim que salto da caminhonete e o entrego a Amah junto com a arma. Hoje em dia, sinto-me desconfortável segurando uma arma. Pensava que meu desconforto passaria com o tempo, mas agora não sei mais. Talvez nunca passe, e talvez isso não seja um problema.

O ar quente me envolve quando atravesso a porta. O complexo parece mais limpo do que nunca, agora que vi a margem. A comparação é desconcertante. Como posso caminhar neste chão lustroso e vestir estas roupas limpas quando sei que aquelas pessoas estão lá fora, cobrindo suas casas com lonas para se aquecer?

Porém, quando alcanço o dormitório do hotel, o desconforto já passou.

Procuro Christina no quarto, ou Tobias, mas não encontro nenhum dos dois. Apenas Peter e Caleb estão presentes. Peter está com um enorme livro no colo, rabiscando em um caderno, e Caleb lê o diário da nossa mãe na tela, com os olhos marejados. Tento ignorar isso.

— Algum de vocês viu... — Mas com quem quero conversar, Christina ou Tobias?

— Quatro? — pergunta Caleb, decidindo por mim. — Eu o vi na sala de genealogia mais cedo.

— Na... sala de quê?

— Eles têm os nomes dos nossos antepassados expostos em uma sala. Você pode me dar uma folha de papel? — pergunta ele para Peter.

Peter arranca uma página da parte de trás do caderno e a entrega a Caleb, que rabisca alguma coisa nela. Instruções.

— Encontrei os nomes dos nossos pais lá mais cedo — diz ele. — No lado direito da sala, no segundo painel depois da porta.

Ele me entrega as instruções sem olhar para mim. Encaro a sua letra caprichada e precisa. Antes de ser agredido por mim, Caleb teria insistido em me levar pessoalmente, desesperado pela oportunidade de se explicar. Mas, nos últimos dias, tem se mantido distante, seja porque tem medo de mim, ou porque finalmente desistiu.

Nenhuma das duas opções faz com que me sinta bem.

— Obrigada — digo. — É... como está o seu nariz?

— Está ótimo — responde ele. — O roxo faz sobressaírem os meus olhos, não acha?

Ele abre um pequeno sorriso, e eu retribuo. Mas está claro que nenhum dos dois sabe o que fazer em seguida, porque não temos mais o que dizer.

— Espere, você não estava por aqui hoje, não é? — diz ele, um segundo depois. — Algo está acontecendo na cidade. Os Leais se revoltaram contra Evelyn e atacaram seus depósitos de armas.

Eu o encaro. Faz alguns dias que não penso no que pode estar acontecendo na cidade; estou preocupada demais com o que está acontecendo aqui.

— Os Leais? As pessoas lideradas por *Johanna Reyes*... atacaram um depósito?

Antes de irmos embora, eu tinha certeza de que outro conflito estava prestes a estourar na cidade. Parece que foi exatamente o que aconteceu agora. Mas me sinto distante disso. Quase todos com quem me importo estão aqui.

— Lideradas por Johanna Reyes e Marcus Eaton — diz Caleb. — Mas Johanna estava lá, segurando uma arma. Foi bizarro. O pessoal do Departamento pareceu bastante perturbado com aquilo.

— Nossa. — Balanço a cabeça. — Acho que era apenas uma questão de tempo.

Caímos novamente em silêncio, depois nos afastamos um do outro ao mesmo tempo. Caleb volta para seu catre, e eu saio para o corredor, seguindo as instruções que ele me deu.

Vejo a sala de genealogia a distância. As paredes de bronze reluzem com uma luz quente. Parada à porta, sinto-me em um pôr do sol, com seu esplendor me cercando. Tobias corre o dedo pela linha do que imagino ser a árvore da sua família, mas ele faz isso bem devagar, como se não estivesse de fato prestando atenção.

Sinto que consigo ver o traço obsessivo ao qual Amah estava se referindo. Sei que Tobias tem observado os pais nos monitores, e agora ele está observando seus nomes, embora não haja nada nesta sala que ele já não saiba. Eu estava certa em dizer que ele estava desesperado — desesperado por ter uma ligação com Evelyn, desesperado para não ser danificado —, mas nunca pensei em como essas coisas estavam conectadas. Não sei como seria a sensação de odiar a minha própria história e, ao mesmo tempo, desejar exatamente o amor das pessoas que me deram esta história. Como é possível que eu nunca tenha conseguido enxergar a cisão dentro do coração dele? Como é possível que eu nunca tenha percebido que, apesar de todas as partes fortes e bondosas dentro dele, também existem partes feridas e quebradas?

Caleb me contou que nossa mãe disse que existe maldade dentro de todos nós, e que o primeiro passo para amar alguém é reconhecer essa maldade em nós mesmos, para que possamos perdoar as pessoas. Então, como posso criticá-lo pelo seu desespero como se eu fosse melhor do que ele, como se eu nunca tivesse permitido que as partes quebradas dentro de mim também me cegassem?

— Ei — digo, enfiando as instruções de Caleb no bolso de trás da calça.

Ele se vira, e sua expressão é dura, mas familiar. Parece com a que eu via durante as primeiras semanas após conhecê-lo, como um sentinela guardando seus pensamentos mais profundos.

— Escute. Pensei que precisava decidir se conseguiria perdoar você ou não, mas agora penso que você não fez nada contra mim que eu precise perdoar, exceto talvez me acusar de sentir ciúme de Nita...

Ele abre a boca para discutir, mas levanto a mão para detê-lo.

— Se ficarmos juntos, terei de perdoá-lo muitas e muitas vezes, e, se você ainda me quiser, terá de me perdoar muitas e muitas vezes também — digo. — Portanto, a questão não é o perdão. O que eu deveria estar tentando decidir é se ainda somos bons um para o outro ou não.

Durante todo o trajeto de volta, pensei no que Amah disse, sobre relacionamentos terem problemas. Pensei nos meus pais, que discutiam com mais frequência do que quaisquer outros pais da Abnegação que eu conhecia, mas que passaram todos os dias juntos até morrer.

Depois, pensei em como me tornei forte, como me sinto segura em relação à pessoa que sou agora, e o quanto, durante todo esse percurso, ele me disse que sou corajosa, que sou respeitada, que sou amada e que vale a pena me amar.

— E? — pergunta ele, com a voz, os olhos e as mãos um pouco instáveis.

— E acho que você ainda é a única pessoa afiada o bastante para afiar alguém como eu.

— Sou mesmo — diz ele com aspereza.

E eu o beijo.

Seus braços deslizam ao redor de mim e me seguram com força, me levantando até eu ficar nas pontas dos pés. Mergulho meu rosto no seu ombro e fecho os olhos, apenas sentindo seu cheiro limpo, o cheiro do vento.

Eu costumava pensar que, quando as pessoas se apaixonavam, elas apenas iam aonde fossem levadas, sem ter qualquer liberdade de escolha a respeito disso depois. Talvez isso seja o caso no começo dos relacionamentos, mas não é o que está acontecendo agora.

Eu me apaixonei por ele. Mas não fico com ele de maneira automática, como se não existisse mais ninguém disponível para mim. Fico com ele

porque decido fazê-lo todos os dias quando acordo e sempre que brigamos, mentimos um para o outro ou nos desapontamos. Eu o escolho continuamente, e ele me escolhe também.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Tris

Chego ao escritório do David para a minha primeira reunião de conselho no instante exato em que o meu relógio marca dez horas, e ele chega logo depois em sua cadeira de rodas. David parece ainda mais pálido do que da última vez que o vi, e suas olheiras estão muito salientes, parecendo hematomas.

– Olá, Tris – cumprimenta ele. – Está ansiosa? Chegou bem na hora.

Ainda sinto meus membros um pouco pesados por conta do soro da verdade que Cara, Caleb e Matthew testaram em mim mais cedo, como parte do nosso plano. Eles estão tentando desenvolver um soro da verdade mais potente, ao qual não sejam imunes nem mesmo GPs resistentes aos soros como eu.

Ignoro o peso que sinto e digo:

– É claro que estou ansiosa. É minha primeira reunião. Você quer ajuda? Parece cansado.

– Está bem, está bem.

Vou para trás da cadeira de rodas e começo a empurrá-la.

Ele suspira.

– Acho que estou mesmo cansado. Passei a noite em claro lidando com a nossa crise mais recente. Vire à esquerda aqui.

– Que crise?

– Você logo vai descobrir. Não vamos nos afobar.

Seguimos pelos corredores mal-iluminados do Terminal 5, como o local é chamado. David diz que é um nome antigo. Os corredores não têm janelas, nem qualquer outra pista do mundo exterior. Quase posso sentir a paranoia que emana das paredes, como se o próprio terminal morresse de medo de

olhares de estranhos. Se eu ao menos soubesse o que *meus* olhos estão procurando.

Enquanto seguimos pelo corredor, observo as mãos de David, agarradas ao descanso da cadeira. A pele ao redor das unhas está ferida e vermelha, como se ele a tivesse roído a noite inteira. As unhas também estão roídas. Lembro-me de quando a minha mão também tinha essa aparência, quando as memórias das simulações de medo invadiam todos os meus sonhos e pensamentos. Talvez sejam as memórias do ataque que estejam causando isso a David.

Eu não me importo, penso. *Lembre-se do que ele fez. E faria novamente.*

— Chegamos — diz David.

Empurro a cadeira de rodas entre um par de portas duplas mantidas abertas por pesos. A maioria dos membros do conselho parece estar presente, mexendo as xícaras de café com pequenos palitos, e quase todos têm mais ou menos a mesma idade de David. Mas há também alguns membros mais jovens. Zoe está entre eles e sorri para mim de maneira forçada, embora educada.

— Vamos começar a reunião! — anuncia David, e empurra a cadeira de rodas até a cabeceira da mesa de conferências.

Sento-me em uma das cadeiras num dos cantos da sala, ao lado de Zoe. Claramente, não devemos nos sentar à mesa com todas as pessoas importantes, e não vejo problema nenhum nisso. Assim será mais fácil tirar um cochilo se a reunião ficar muito monótona. Porém, se essa nova crise for séria o bastante para manter David acordado a noite inteira, duvido que a reunião vá ser monótona.

— Ontem à noite recebi uma ligação muito tensa dos funcionários na sala de controle — conta David. — Parece que a violência em Chicago está prestes a eclodir de novo. Pessoas convergentes aos ideais das facções, que batizaram a si mesmas de Leais, começaram uma rebelião contra os sem-facção, atacando depósitos de armas. O que eles não sabem é que Evelyn Johnson descobriu

uma nova arma: estoques de soro da morte escondidos na sede da Erudição. Como sabemos, ninguém consegue resistir ao soro da morte, nem mesmo os Divergentes. Se os Leais atacarem o governo sem-facção, e Evelyn Johnson retaliar, o número de mortes com certeza será catastrófico.

Encaro o chão diante dos meus pés enquanto todos na sala começam a falar ao mesmo tempo.

— Silêncio — ordena David. — Os experimentos correm o risco de serem encerrados se não conseguirmos provar aos nossos superiores que somos capazes de controlá-los. Outra revolução em Chicago os convenceria de que essa iniciativa já não tem mais utilidade alguma, algo que não podemos permitir que aconteça se quisermos continuar combatendo os danos genéticos.

Atrás da expressão cansada e abatida de David, existe algo mais duro e forte. Eu acredito nele. Acredito que ele não vai permitir que isso aconteça.

— Está na hora de usarmos o vírus do soro da memória para uma reprogramação em massa — diz ele. — E acho que devemos usá-lo em todos os quatro experimentos.

— Uma *reprogramação*? — pergunto, porque não consigo me conter. Todos na sala olham para mim. Parecem ter esquecido que eu, que costumava pertencer a um dos experimentos a que eles estão se referindo, estou presente.

— "Reprogramação" é a palavra que usamos para nos referir ao processo de apagamento generalizado de memórias — explica David. — É o que fazemos quando experimentos que incorporam modificações comportamentais correm o risco de dar errado. Fizemos isso quando criamos cada experimento com algum componente de modificação comportamental, e a última reprogramação feita em Chicago ocorreu algumas gerações antes da sua. — Ele sorri de maneira estranha para mim. — Por que você acha que o setor dos sem-facção estava tão destruído? Houve um levante, e fomos obrigados a reprimi-lo da forma mais limpa possível.

Fico sentada em minha cadeira, estarrecida, pensando nas ruas rachadas, nas janelas quebradas e nos postes derrubados do setor dos sem-facção, uma destruição que não é visível em nenhuma outra parte da cidade, nem ao norte da ponte, onde os edifícios estão vazios, mas parecem ter sido evacuados de modo pacífico. Sempre imaginei que os setores em ruínas de Chicago tivessem chegado àquele estado naturalmente e que aquilo fosse apenas evidência do que acontece quando as pessoas não pertencem a uma comunidade. Nunca imaginei que aquilo fosse o resultado de um levante e de uma subsequente reprogramação.

Fico nauseada de tanta raiva. Já é ruim o bastante que eles queiram deter uma revolução não para salvar vidas, e sim para salvar seu precioso experimento. Mas por que acham que têm o direito de apagar as memórias das pessoas, suas identidades, só porque é conveniente?

É claro que já sei a resposta. Para eles, as pessoas na nossa cidade são apenas recipientes de material genético, apenas GDs, valiosos pelos genes corrigidos que podem passar adiante, e não pelos cérebros em suas cabeças ou pelos corações em seus peitos.

— Quando? — pergunta um dos membros do conselho.

— Dentro de, no máximo, quarenta e oito horas — diz David.

Todos assentem com a cabeça, como se sua resposta fosse sensata.

Lembro-me do que ele me disse em seu escritório. *Se pretendemos vencer esta batalha contra os danos genéticos, precisaremos fazer sacrifícios. Você entende isso, não entende?* Eu deveria ter imaginado que ele não teria problemas em trocar milhares de memórias e vidas de GDs pelo controle sobre seus experimentos. Que ele as trocaria sem nem cogitar uma alternativa, sem nem se preocupar em tentar salvá-las.

Afinal, elas são *danificadas*.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Tobias

APOIO O SAPATO na ponta da cama de Tris e firmo os nós dos cadarços. Pela grande janela, vejo a luz da tarde se refletindo nos painéis laterais dos aviões estacionados na pista de pouso. GDs de uniformes verdes caminham sobre as asas e se enfiam embaixo dos bicos, conferindo os aviões antes da decolagem.

— Como anda o seu projeto com Matthew? — pergunto para Cara, que está a duas camas de distância. Tris deixou que Cara, Caleb e Matthew testassem seu novo soro da verdade nela hoje de manhã, mas não a vi desde então.

Cara está penteando o cabelo. Antes de responder, ela olha ao redor para se certificar de que o dormitório está vazio.

— Nada bem. Por enquanto, Tris continua imune à nova versão do soro que desenvolvemos. Ela não foi afetada. É muito estranho os genes de uma pessoa a tornarem mais resistente a qualquer tipo de manipulação mental.

— Talvez não sejam os genes dela — digo, dando de ombros. Troco o pé apoiado na cama. — Talvez seja apenas algum tipo de teimosia sobre-humana.

— Ah, vocês estão naquela fase pós-término na qual as pessoas começam a se insultar? Porque pratiquei muito isso com Tris depois do que aconteceu com Will. Se quiser, tenho algumas coisas interessantes para dizer sobre o nariz dela.

— Não terminamos o namoro. — Abro um sorriso. — Mas é bom saber que você nutre sentimentos tão calorosos em relação à minha namorada.

— Peço desculpas. Não sei por que tirei essa conclusão precipitada. — As bochechas de Cara ficam vermelhas. — Sim, meus sentimentos em relação à sua namorada às vezes são contraditórios, mas, de maneira geral, tenho muito respeito por ela.

— Eu sei. Só estava brincando. É bom ver que você também fica vermelha de vez em quando.

Cara me olha feio.

— Aliás, o que há de errado com o nariz dela?

A porta do dormitório se abre, e Tris entra, descabelada e com uma expressão perturbada. Não gosto de vê-la tão agitada. Parece que o chão que estou pisando deixa de ser sólido. Levanto-me e passo a mão pelo cabelo dela para arrumá-lo.

— O que houve? — pergunto, pousando a mão em seu ombro.

— A reunião do conselho — diz Tris. Ela cobre a minha mão com a sua por um instante, depois se senta em uma das camas, com as mãos entre os joelhos.

— Detesto ser repetitiva — diz Cara —, mas... o que aconteceu?

Tris balança a cabeça como se estivesse tentando tirar poeira do cabelo.

— O conselho traçou planos. Planos importantes.

Ela nos conta, de maneira nervosa e truncada, sobre os planos do conselho para reprogramar os experimentos. Ao falar, põe as mãos sobre as pernas e as pressiona até que os pulsos ficam vermelhos.

Quando ela termina, sento-me ao seu lado, colocando o braço sobre seus ombros. Olho pela janela para os aviões parados na pista, brilhando e preparados para o voo. Em menos de dois dias, estes aviões devem lançar o vírus do soro da memória sobre os experimentos.

— O que você pretende fazer? — pergunta Cara para Tris.

— Não sei — diz Tris. — Sinto que não sei mais o que é certo e o que é errado.

Tris e Cara são parecidas. Duas mulheres endurecidas pela perda. A diferença é que a dor de Cara a fez ter certeza de tudo enquanto Tris guardou sua incerteza, protegeu-a, apesar de tudo pelo que passou. Ela ainda encara tudo como uma pergunta, e não uma resposta. É uma característica que admiro nela, mas que provavelmente deveria admirar ainda mais.

Durante alguns segundos, permanecemos em silêncio, e tento organizar meus pensamentos enquanto eles se reviram na minha cabeça.

— Eles não podem fazer isso — digo. — Não podem apagar a memória de todo mundo. Eles nem deveriam ter o poder de fazer isso. — Faço uma pausa. — Só consigo pensar em como isso seria muito mais fácil se estivéssemos lidando com um grupo diferente de pessoas, gente que consegue ouvir a voz da *razão*. Aí talvez conseguíssemos encontrar um equilíbrio entre proteger os experimentos e buscar outras soluções.

— Talvez devêssemos trazer um novo grupo de cientistas — diz Cara, suspirando. — E descartar os antigos.

Tris faz uma careta e leva a mão à testa, como se estivesse tentando aliviar uma pontada de dor inconveniente.

— Não — responde ela. — Não precisamos chegar a tanto.

Ela olha para mim, e seus olhos claros me mantêm imóvel.

— O soro da memória — diz ela. — Alan e Matthew descobriram uma forma de fazer os soros agirem como vírus, para que pudessem se espalhar por toda uma população sem que fosse necessário injetá-lo em todo mundo. É assim que eles estão planejando reprogramar os experimentos. Mas nós poderíamos reprogramar os *cientistas*. — Ela fala mais rápido à medida que a ideia toma forma na sua cabeça, e sua empolgação é contagiosa; borbulha dentro de mim, como se a ideia fosse minha, e não de Tris. Mas, para mim, esse plano não parece sugerir uma solução para o nosso problema. Parece sugerir que causemos outro problema. — Podemos reprogramar o Departamento e apagar toda a doutrinação e o desdém pelos GDs. Assim, eles nunca mais vão considerar apagar as memórias das pessoas dos experimentos. O perigo passará para sempre.

Cara ergue uma sobrancelha.

— Será que apagar suas memórias também não apagaria o seu conhecimento? Se isso ocorrer, eles vão se tornar inúteis.

— Não sei. Acho que existe um modo seletivo de apagar a memória, dependendo de onde o conhecimento está armazenado no cérebro, senão os primeiros membros das facções não saberiam nem falar, amarrar o cadarço nem fazer qualquer outra coisa. — Tris se levanta. — É melhor perguntarmos para Matthew. Ele sabe como o soro funciona melhor do que eu.

Também me levanto, bloqueando o caminho dela. Os raios de sol refletidos pelas asas dos aviões me cegam, e não consigo ver seu rosto.

— Tris — digo. — Espere. Você quer mesmo apagar as memórias de toda uma população à força? É exatamente o que *eles* estão planejando fazer com nossos amigos e familiares.

Protejo os olhos do sol para ver o olhar frio dela, a expressão que vi em minha mente antes mesmo de enxergá-la. Ela me parece mais velha do que nunca, inflexível, resistente e esgotada pelo tempo. Também me sinto assim.

— Essas pessoas não têm o menor respeito pela vida humana — diz Tris. — Estão prestes a apagar as memórias de todos os nossos amigos e vizinhos. São responsáveis pelas mortes da grande maioria da nossa antiga facção. — Ela se desvia de mim e marcha em direção à porta. — Acho que eles deveriam é agradecer por eu não pretender matá-los.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Tris

MATTHEW FECHA AS mãos atrás das costas.

– Não, não, o soro não apaga todo o conhecimento da pessoa – explica ele. – Você acha que criaríamos um soro que fizesse as pessoas esquecerem como andar ou falar? – Ele balança a cabeça. – O soro ataca memórias explícitas, como o seu nome, onde você cresceu, o nome da sua primeira professora e deixa intactas as memórias implícitas, como a habilidade de falar, amarrar os cadarços ou andar de bicicleta.

– Interessante – diz Cara. – Isso funciona mesmo?

Tobias e eu trocamos olhares. Não há nada como uma conversa entre alguém da Erudição e alguém que bem poderia ter sido da Erudição. Cara e Matthew estão perto demais um do outro e, quanto mais falam, mais gesticulam.

– Inevitavelmente, algumas memórias importantes serão perdidas – diz Matthew. – Mas, se tivermos um registro das descobertas científicas e do histórico das pessoas, elas conseguirão reaprendê-los no período nebuloso depois que suas memórias forem apagadas. Nesse período, as pessoas ficam muito influenciáveis.

Encosto-me à parede.

– Espere – digo. – Se o Departamento vai encher esses aviões com o vírus do soro da memória para reprogramar os experimentos, sobrará algum soro para usarmos contra o complexo?

– Teremos de pegá-lo antes deles – diz Matthew. – Em menos de quarenta e oito horas.

Cara parece não ter me ouvido.

— Depois que você apaga a memória das pessoas, não precisa programá-las com novas memórias? Como isso funciona?

— Só precisamos reeducá-las. Como eu disse, as pessoas costumam ficar desorientadas durante alguns dias depois de serem reprogramadas, e isso significa que é mais fácil controlá-las. — Matthew se senta e rodopia uma vez em sua cadeira. — Podemos simplesmente oferecer uma aula nova de história para eles. Uma que ensine os fatos, e não a doutrinação.

— Poderíamos usar a sequência de slides da margem para suplementar uma aula de história básica — digo. — Eles têm fotos de uma guerra causada por GPs.

— Ótimo. — Matthew assente com a cabeça. — Mas há um grande problema. O vírus do soro da memória está no Laboratório de Armas. O que Nita acabou de tentar invadir *sem sucesso*.

— Christina e eu íamos falar com Reggie — diz Tobias —, mas, considerando nosso novo plano, acho melhor falar com Nita.

— Acho que você tem razão — digo. — Vamos descobrir onde exatamente ela errou.

+ + +

Quando chegamos aqui, o complexo me pareceu enorme e labiríntico. Agora nem preciso mais consultar as placas para me lembrar de como chegar ao hospital, nem Tobias, que me acompanha até lá. É estranho como o tempo tem a capacidade de fazer um lugar encolher e acabar com a sua estranheza.

Ficamos em silêncio, embora possamos sentir a necessidade de conversar crescer entre nós. Por fim, decido perguntar.

— O que foi? — pergunto. — Você não falou quase nada durante a reunião.

— É só que... — Ele balança a cabeça. — Não sei se estamos fazendo a coisa certa. Eles querem apagar as memórias dos nossos amigos, então decidimos apagar as deles?

Eu o encaro e toco seu ombro de leve.

— Tobias, temos quarenta e oito horas para detê-los. Se você tiver qualquer outra ideia, qualquer coisa capaz de salvar a nossa cidade, estou aberta a sugestões.

— Não consigo pensar em mais nada. — Seus olhos azuis parecem derrotados e tristes. — Mas estamos agindo de maneira desesperada para salvar algo que é importante para nós, exatamente como o Departamento está fazendo. Qual é a diferença?

— A diferença é o que está certo — digo com firmeza. — As pessoas da cidade, de forma geral, são inocentes. As pessoas do Departamento, que ofereceram a simulação de ataque a Jeanine, não são inocentes.

Ele faz um bico e dá para perceber que não está completamente convencido.

Solto um suspiro.

— Não é uma situação perfeita. Mas, quando precisamos escolher entre duas opções ruins, escolhemos a que salvará as pessoas que amamos e em quem acreditamos mais. É o que precisa ser feito. Está bem?

Tobias segura a minha mão, e sua mão é quente e forte.

— Está bem — responde ele.

— Tris! — Christina empurra as portas oscilantes do hospital e corre na nossa direção. Peter vem logo atrás, o cabelo preto penteado para o lado.

A princípio, acho que ela está animada, e sinto uma onda de esperança. Será que Uriah acordou?

Porém, quando ela se aproxima, fica claro que não está animada. Está desesperada. Peter fica parado atrás dela, de braços cruzados.

— Acabei de falar com um dos médicos — diz ela, esbaforida. — Ele disse que Uriah não vai acordar. Parece que tem algo a ver com... falta de ondas cerebrais.

Meus ombros pesam. É claro que eu sabia que Uriah talvez não acordasse. Mas a esperança que afastava a tristeza está desaparecendo, fugindo a cada palavra de Christina.

— Eles iam desligar o sistema de suporte à vida agora mesmo, mas implorei para que não fizessem isso. — Ela enxuga um dos olhos com vigor com as costas da mão, impedindo que uma lágrima escorra. — O médico acabou concordando em me dar mais quatro dias para que eu possa contatar a família de Uriah.

A família de Uriah. Zeke continua na cidade, assim como a mãe deles, da Audácia. Ainda não havia me tocado de que eles não sabem o que aconteceu com ele, e nunca nos preocupamos em informá-los porque estávamos tão concentrados em...

— Eles vão reprogramar a cidade dentro de quarenta e oito horas — digo de repente, agarrando o braço de Tobias. Ele parece atordoado. — Se não conseguirmos impedi-los, Zeke e sua mãe se *esquecerão* da existência de Uriah.

Eles se esquecerão dele, sem nem ter a chance de se despedir. Será como se ele nunca tivesse existido.

— O quê? — pergunta Christina com os olhos arregalados. — Minha *família* está lá dentro. Eles não podem reprogramar todo mundo! Como conseguiriam fazer isso?

— É bem fácil, na verdade — diz Peter. Eu havia esquecido que ele estava presente.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto.

— Fui visitar o Uriah — conta ele. — Existe alguma lei contra isso?

— Você nem ligava para ele — retruco, irritada. — Que direito você tem de...

— Tris. — Christina balança a cabeça. — Agora não, está bem?

Tobias hesita, com a boca aberta, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa.

— Precisamos entrar na cidade — diz ele. — Matthew disse que é possível vacinar pessoas contra o soro da memória, certo? Então entramos, vacinamos a família de Uriah, por via das dúvidas, e os trazemos para o complexo a fim de que possam se despedir. Mas precisamos fazer isso

amanhã ou será tarde demais. — Ele faz uma pausa. — E você também pode vacinar a sua família, Christina. De qualquer modo, acho que eu é que devo dar a notícia a Zeke e Hanna.

Christina assente com a cabeça. Aperto o braço dela, tentando oferecer algum conforto.

— Eu também vou — diz Peter. — Senão, contarei o seu plano para o David.

Todos paramos e olhamos para ele. Não sei por que Peter quer voltar para a cidade, mas seu motivo não deve ser nada bom. Entretanto, não podemos deixar que David descubra o que estamos planejando, não agora, quando não temos tempo.

— Está bem — consente Tobias. — Mas, se você causar qualquer confusão, terei o direito de deixá-lo inconsciente e trancá-lo em um prédio abandonado qualquer.

Peter revira os olhos.

— Como chegaremos lá? — pergunta Christina. — Eles não costumam simplesmente emprestar carros às pessoas.

— Aposto que conseguiríamos convencer Amah a levar vocês — digo. — Hoje ele me disse que sempre se oferece para participar das patrulhas. Portanto, conhece todas as pessoas certas. E tenho certeza de que concordaria em ajudar Uriah e a família dele.

— Acho melhor ir perguntar agora. E é melhor alguém fazer companhia a Uriah... para a gente ter certeza de que o médico não vai descumprir sua promessa. Christina, não Peter. — Tobias esfrega a nuca, arranhando a tatuagem da Audácia como se quisesse arrancá-la do corpo. — Depois, é melhor eu arrumar um jeito de informar à família de Uriah de que fui responsável pela sua morte quando deveria estar cuidando dele.

— Tobias... — digo, mas ele levanta a mão para me silenciar.

Ele começa a se afastar.

— É provável que não vão me deixar visitar Nita, de qualquer maneira.

Às vezes, é difícil saber como cuidar das pessoas. Enquanto vejo Peter e Tobias indo embora, caminhando distantes um do outro, penso que talvez Tobias precise que alguém corra atrás dele, porque as pessoas têm permitido que ele vá embora, que se retraia, por toda a sua vida. Mas ele tem razão: precisa fazer isso por Zeke, e eu preciso conversar com Nita.

— Vamos — diz Christina. — O horário de visita está quase acabando. Vou voltar lá para ficar com Uriah.

+ + +

Antes de entrar no quarto de Nita, que reconheço pelo guarda sentado ao lado da porta, passo no quarto de Uriah com Christina. Ela se senta em uma cadeira ao lado dele, que já está marcada com o contorno das suas pernas.

Faz bastante tempo que não converso com ela como uma amiga, que não rimos juntas. Eu estava perdida sob a névoa do Departamento, sob a promessa de poder pertencer ao lugar.

Paro ao seu lado e olho para Uriah. Ele não parece mais ferido. Há alguns hematomas e cortes, mas nada sério o bastante para matá-lo. Inclino a cabeça para enxergar a tatuagem de cobra enroscada ao redor da sua orelha. Sei que é ele, mas a pessoa que vejo não se parece muito com Uriah sem o sorriso largo no rosto e os olhos escuros, brilhantes e alertas.

— Eu e ele nem éramos tão próximos — diz ela. — Apenas no... no fim. Porque ele havia perdido alguém, e eu também...

— Eu sei — digo. — Você o ajudou muito.

Arrasto uma cadeira e me sento ao lado dela. Ela agarra a mão de Uriah, que permanece inerte sobre o lençol.

— Às vezes, parece que perdi todos os meus amigos — diz ela.

— Você não perdeu Cara. Ou Tobias. E, Christina, você não me perdeu. Nunca vai me perder.

Ela se vira para mim, e, em meio ao torpor de tristeza, nos abraçamos, da mesma maneira desesperada que fizemos quando ela me disse que me

perdoava por ter matado Will. Nossa amizade se manteve de pé sob um peso incrível, o peso resultante de eu ter atirado em alguém que ela amava, o peso de tantas perdas. Outros elos teriam se rompido. Por algum motivo, este não se rompeu.

Permanecemos abraçadas por muito tempo, até que o desespero se esvai.

— Obrigada — diz ela. — Você também não vai me perder.

— Acho que, se fosse perder você, isso já teria acontecido. — Abro um sorriso. — Ouça, preciso contar algumas coisas.

Conto a ela sobre o nosso plano para impedir que o Departamento reprograme os experimentos. Ao falar, penso nas pessoas que ela poderá perder, como o pai, a mãe e a irmã. Todas essas conexões, alteradas e descartadas para sempre em nome da pureza genética.

— Lamento — digo ao terminar. — Sei que você provavelmente quer nos ajudar, mas...

— Não precisa se lamentar. — Ela olha para Uriah. — Apesar de tudo, estou feliz de voltar para a cidade. — Christina assente com a cabeça algumas vezes. — Vocês vão impedir que eles reprogramem o experimento. Tenho certeza disso.

Espero que ela tenha razão.

+ + +

Quando chego ao quarto de Nita, faltam apenas dez minutos para acabar o horário de visita. O guarda levanta os olhos do livro que está lendo e ergue a sobrancelha ao me ver.

— Posso entrar? — pergunto.

— Eu não deveria deixar ninguém entrar aí — diz ele.

— Fui eu que atirei nela — digo. — Isso conta alguma coisa?

— Bem. — Ele dá de ombros. — Desde que prometa que não vai atirar nela outra vez. E que saia em dez minutos.

— Combinado.

Ele me obriga a tirar o casaco para provar que não estou carregando nenhuma arma; depois, permite que eu entre. Nita se sobressalta ao perceber a minha entrada, mas não consegue se mexer muito. Metade do seu corpo está engessada, e uma das mãos está algemada à cama, como se ela fosse capaz de escapar, mesmo se tentasse. Seu cabelo está despenteado e emaranhado, mas, é claro, Nita continua bonita.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta ela.

Eu não respondo. Confiro os cantos do quarto, à procura de câmeras, e localizo uma à minha frente, apontada para o leito de Nita.

— Não há microfones — diz ela. — Eles não fazem esse tipo de coisa aqui.

— Ótimo. — Arrasto uma cadeira e me sento ao seu lado. — Estou aqui porque preciso de informações importantes de você.

— Já contei a eles tudo o que tive vontade de contar. — Ela me lança um olhar raivoso. — Não tenho mais nada a dizer. Ainda mais para a pessoa que atirou em mim.

— Se eu não tivesse atirado em você, não teria virado a queridinha de David e não saberia tudo o que sei. — Olho para a porta, mais por paranoia do que por uma preocupação real de que alguém esteja escutando a nossa conversa. — Temos um novo plano. Matthew e eu. E Tobias. E precisaremos entrar no Laboratório de Armas.

— E você imaginou que eu poderia ajudá-los? — Ela balança a cabeça. — Eu não consegui entrar da primeira vez, lembra?

— Preciso saber como funciona o sistema de segurança. David é a única pessoa que sabe o código de segurança?

— Ele não é, tipo... a única pessoa do mundo — diz ela. — Isso seria burrice. Os superiores dele também sabem, mas, sim, ele é a única pessoa no complexo que sabe.

— Está bem, mas qual é a medida auxiliar de segurança? A que é ativada se as portas forem explodidas?

Ela contrai os lábios, e eles quase desaparecem, depois olha para o gesso que cobre metade do seu corpo.

— É o soro da morte — diz ela. — Em forma de aerossol, ele é praticamente irrefreável. Mesmo que vocês usem roupas de laboratório ou algo do tipo, ele acaba conseguindo entrar. Só demorará um pouco mais. Pelo menos, é isso o que dizem os relatórios do laboratório.

— Então, eles automaticamente *matarão* qualquer pessoa que consiga entrar naquela sala sem um código de acesso?

— Isso a surpreende?

— Acho que não. — Apoio os cotovelos nos joelhos. — E não há outra maneira de entrar, exceto pelo código de David.

— Sim, e, como você deve ter percebido, ele não está muito disposto a revelar o código — diz ela.

— Existe alguma chance de um GP resistir ao soro da morte? — pergunto.

— Não. Definitivamente, não.

— A maioria dos GPs também não consegue resistir ao soro da verdade — digo. — Mas eu consigo.

— Se você quiser desafiar a morte, fique à vontade. — Ela apoia as costas nos travesseiros. — Já parei com isso.

— Só mais uma pergunta — acrescento. — Digamos que eu queira desafiar a morte. Onde posso conseguir explosivos para arrombar as portas?

— Até parece que vou contar.

— Acho que você não está entendendo — retruco. — Se esse plano funcionar, você não vai mais passar o resto da vida na prisão. Depois de se recuperar, será libertada. Então me ajudar é do seu interesse.

Nita me encara, como se estivesse me pesando e medindo. Seu pulso puxa a algema apenas o bastante para deixar uma linha marcada em sua pele.

— Reggie tem explosivos — diz ela. — Ele pode ensinar você a usá-los, mas é péssimo em ação, então, pelo amor de Deus, não o leve junto, a não ser que queira ser a babá dele.

— Entendi.

— Diga a ele que vocês precisarão de duas vezes mais potência para arrombar aquelas portas do que qualquer outra. Elas são muito resistentes.

Assinto com a cabeça. Meu relógio toca, indicando que meu tempo ali acabou. Eu me levanto e empurro a cadeira de volta até o canto onde a encontrei.

— Obrigada pela ajuda.

— Qual é o plano? — pergunta ela. — Se não se importa em me dizer.

Faço uma pausa, pensando em que palavras usar.

— Bem — respondo por fim. — Digamos apenas que ele vai apagar o termo "geneticamente danificado" do vocabulário geral.

O guarda abre a porta, provavelmente para gritar comigo por passar do horário de visita, mas já estou de saída. Olho para trás uma última vez antes de sair e vejo que Nita exibe um pequeno sorriso.

CAPÍTULO QUARENTA

Tobias

AMAH CONCORDA EM nos ajudar a entrar na cidade sem que eu precise insistir muito. Ele está ansioso por uma aventura, como eu sabia que estaria. Combino de encontrá-lo mais tarde para jantar e discutir o plano com Christina, Peter e George, que vão nos ajudar a conseguir o veículo.

Depois de conversar com Amah, caminho até o dormitório e me deito com um travesseiro sobre o rosto por um longo tempo, planejando o que direi a Zeke quando o encontrarmos. *Perdão, eu estava fazendo o que pensei que precisava ser feito, e todos os outros estavam cuidando de Uriah, e eu não pensei...*

Pessoas entram no quarto e depois vão embora, a calefação é ligada, e o ar quente entra pelo sistema de ventilação, que depois é desligado outra vez. Durante todo esse tempo, não paro de pensar no que direi, concatenando desculpas e depois as descartando, escolhendo o tom certo, os gestos certos. Por fim, frustrado, tiro o travesseiro do rosto e o lanço contra a parede à minha frente. Cara, que está alisando uma camisa limpa sobre seu quadril, dá um salto para trás.

— Pensei que você estivesse dormindo — diz ela.

— Desculpe.

Ela toca o cabelo, assegurando-se de que cada fio está seguro. É tão cuidadosa em seus movimentos, tão precisa, que me lembra os músicos da Amizade, dedilhando as cordas dos seus banjos.

— Tenho uma pergunta. — Eu me sento na cama. — Mas ela é um pouco pessoal.

— Tudo bem. — Ela se senta de frente para mim na cama de Tris. — Diga.

— Como você conseguiu perdoar a Tris depois do que ela fez ao seu irmão? — pergunto. — Quer dizer, se é que de fato a perdoou.

— Hum. — Cara cruza os braços. — Às vezes, acho que a perdoei. Outras vezes, não tenho tanta certeza. Não sei como isso funciona. É como perguntar a uma pessoa como ela consegue seguir com a vida depois de perder alguém. Você simplesmente segue em frente, e, no dia seguinte, continua.

— Ela... poderia ter feito algo para ajudar nesse processo? Ou ela chegou a fazer algo que, de fato, ajudou?

— Por que você está me perguntando isso? — Ela apoia a mão no meu joelho. — É por causa de Uriah?

— É — respondo com firmeza, e mexo a perna um pouco, derrubando a sua mão. Não preciso que me acariciem ou consolem como uma criança. Não preciso das sobrancelhas erguidas dela nem da sua voz suave, tentando arrancar uma emoção minha que eu preferiria conter.

— Está bem. — Ela ajeita o corpo, e, quando volta a falar, seu tom é casual como de costume. — Acho que a coisa mais importante que ela fez, mesmo que sem querer, foi confessar. Há uma diferença entre admitir e confessar. Admitir envolve suavizar a história e inventar desculpas para algo que não pode ser desculpado; confessar é apenas uma nomeação do crime em toda a sua seriedade. Eu precisava disso.

Assinto com a cabeça.

— E, depois de ter se confessado a Zeke, acho que seria bom se você o deixasse sozinho pelo tempo que ele precisar. É tudo o que você pode fazer.

Concordo com a cabeça novamente.

— Mas, Quatro, você não matou Uriah. Você não acionou a bomba que causou seus ferimentos. Não bolou o plano que resultou naquela explosão.

— Mas participei dele.

— Ah, cala a boca, está bem? — Ela diz isso de maneira gentil, com um sorriso. — Aconteceu. Foi horrível. Você não é perfeito. É só isso, pronto. Não confunda a sua tristeza com culpa.

Permanecemos em silêncio na solidão do dormitório vazio por mais alguns minutos, e tento permitir que suas palavras entrem em mim.

+ + +

Janto com Amah, George, Christina e Peter no refeitório, entre o balcão de bebidas e uma fileira de lixeiras. O pote de sopa diante de mim esfriou antes que eu conseguisse tomar tudo, e ainda há biscoitos de sal boiando no caldo.

Amah nos informa onde e quando devemos nos encontrar, depois seguimos para os corredores perto da cozinha, onde não seremos vistos. Ele pega uma pequena caixa preta com seringas e entrega uma para Christina, uma para Peter e uma para mim, junto com lenços antibacterianos embalados individualmente, que suspeito que só ele vai se preocupar em usar.

— O que é isto? — pergunta Christina. — Não vou injetar em mim mesma sem saber o que é.

— Tudo bem. — Amah cruza os braços. — Há uma chance de ainda estarmos na cidade quando o vírus do soro da memória for lançado. Você precisará se vacinar contra ele a não ser que queira perder todas as suas lembranças. É a mesma coisa que injetará em seus familiares, portanto não precisa se preocupar.

Christina vira o braço e dá tapinhas na parte interna do cotovelo para fazer a veia ficar mais visível em sua pele. Por puro hábito, enfio a agulha na lateral do meu pescoço, como fazia sempre que passava pela minha paisagem do medo, algo que, em certa época, eu fazia várias vezes por semana. Amah faz o mesmo.

Percebo, no entanto, que Peter apenas finge injetar a vacina. Quando pressiona o êmbolo, o líquido escorre por sua garganta, e ele o limpa disfarçadamente com a manga da camisa.

Como será a sensação de optar por esquecer tudo?

+ + +

Depois do jantar, Christina caminha até mim e diz:

— Precisamos conversar.

Descemos uma escadaria longa que leva ao espaço subterrâneo dos GDs; nossos joelhos se movem em sincronia, e atravessamos um corredor com luzes multicoloridas. No final do corredor, Christina cruza os braços, e uma luz roxa dança sobre seu nariz e boca.

— Amah não sabe que vamos tentar impedir a reprogramação? — pergunta ela.

— Não — respondo. — Ele é leal ao Departamento. Não quero envolvê-lo nisso.

— Sabe, a cidade continua à beira de uma revolução — diz ela, e a luz fica azul. — O Departamento quer reprogramar nossos amigos e familiares para impedir que eles matem uns aos outros. Se impedirmos a reprogramação, os Leais vão atacar Evelyn, ela vai usar o soro da morte, e muita gente vai morrer. Mesmo ainda estando com raiva de você, não acho que você queira que tanta gente da cidade morra. Especialmente os seus pais.

Solto um suspiro.

— Para falar a verdade, não me importo com o que vai acontecer com eles — digo.

— Você não pode estar falando sério — retruca ela, irritada. — Eles são os seus *pais*.

— Na verdade, posso, sim — digo. — Quero contar a Zeke e sua mãe o que fiz a Uriah. Fora isso, não me importo com o que venha a acontecer com Evelyn e Marcus.

— Talvez você não se importe com sua família permanentemente perturbada, mas deveria se importar com as outras pessoas! — exclama Christina. Ela segura meu braço com força e me sacode para que eu olhe em sua direção. — Quatro, minha irmãzinha está lá dentro. Se Evelyn e os Leais entrarem em conflito, ela pode se ferir, e eu não estarei lá para protegê-la.

Vi Christina com a família durante o Dia da Visita, quando para mim ela não passava de uma falastrona transferida da Franqueza. Vi sua mãe arrumando o colarinho da camisa de Christina com um sorriso orgulhoso. Se o vírus do soro da memória for lançado, essa lembrança será apagada da mente da sua mãe. Se o soro da memória não for lançado, a sua família se encontrará em meio a mais uma batalha por poder, que tomará toda a cidade.

— Então, o que sugere que a gente faça? — pergunto.

Ela me solta.

— Deve haver uma forma de evitar um enorme conflito, uma que não envolva apagar a memória de todos.

— Talvez — admito. Eu não havia pensado nisso porque não me pareceu necessário. Mas é necessário. Claro que é necessário. — Você tem alguma ideia de como deter o conflito?

— O conflito se resume, basicamente, a um dos seus pais contra o outro — diz Christina. — Será que não há algo que você possa dizer a eles que os impeça de tentarem se matar?

— Algo que eu possa *dizer* a eles? — pergunto. — Você está brincando? Eles não dão ouvidos a ninguém. Eles não fazem nada que não os beneficie diretamente.

— Então, não há nada que você possa fazer. Vai simplesmente deixar que a cidade destrua a si mesma.

Encaro os meus sapatos banhados em uma luz verde e penso no assunto. Se eu tivesse pais diferentes ou pelo menos mais razoáveis e menos motivados pela dor, pela raiva e pelo desejo por vingança, até que isso poderia funcionar. Talvez eles dessem ouvidos ao filho. Infelizmente, não tenho pais diferentes.

Mas eu poderia ter. Poderia ter se quisesse. Apenas uma gota do soro da memória no café matinal deles ou na água que tomam antes de dormir, e eles se tornariam pessoas diferentes, telas em branco, não corrompidas pela

história. Teriam que aprender até que tiveram um filho; teriam que reaprender o meu nome.

É a mesma técnica que estamos usando para curar o complexo. Eu poderia usá-la para curá-los também.

Olho para Christina.

— Providencie um pouco de soro da memória para mim — peço. — Enquanto você, Amah e Peter estiverem procurando a sua família e a de Uriah, eu resolverei esse problema. É provável que não terei tempo o suficiente para encontrar meu pai e minha mãe, mas só um deles já será o suficiente.

— Como você vai se separar do grupo?

— Preciso... Não sei. Precisamos criar uma complicação. Algo que exija que um de nós deixe o grupo.

— Que tal um pneu furado? — sugere Christina. — Vamos à noite, não é? Então, posso pedir para Amah parar o automóvel a fim de que eu vá ao banheiro ou algo assim e cortar os pneus. Assim, precisaremos nos dividir para você procurar outra caminhonete.

Penso nisso por um instante. Eu poderia simplesmente contar para Amah o que está acontecendo, mas, para isso, eu teria que desfazer o denso nó de doutrinação e mentiras que o Departamento amarrou em seu cérebro. Mesmo que eu fosse capaz de fazer isso, não teríamos tempo.

Mas temos tempo para uma mentira bem-contada. Amah sabe que meu pai me ensinou a ligar um carro usando apenas os fios quando eu era mais novo. Ele não acharia estranho se eu me oferecesse para encontrar outro veículo.

— Isso vai funcionar — digo.

— Ótimo. — Ela inclina a cabeça para o lado. — Então, você vai mesmo apagar a memória de um dos seus pais?

— O que fazer quando seus pais são do mal? Arrumar novos pais. Se pelo menos um deles não tiver toda a bagagem que os dois carregam hoje, talvez os

dois consigam negociar uma espécie de acordo de paz.

Ela franze a testa para mim, como se quisesse dizer alguma coisa, mas acaba assentindo com a cabeça.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Tris

O CHEIRO DE água sanitária irrita o meu nariz. Estou parada ao lado do esfregão no depósito do porão; acabei de contar a todos que a pessoa que invadir o Laboratório de Armas embarcará em uma missão suicida. O soro da morte é irrefreável.

— A questão é: isso é realmente algo pelo qual estamos dispostos a sacrificar uma vida? — pergunta Matthew.

Esta é a sala onde Matthew, Caleb e Cara estavam desenvolvendo o novo soro antes da mudança de planos. Frascos, béqueres e cadernos rabiscados estão espalhados sobre a mesa de laboratório diante de Matthew. Ele está mastigando, distraído, o próprio cordão.

Tobias se apoia na porta de braços cruzados. Lembro-me de como ele ficava parado do mesmo jeito, durante a iniciação, enquanto nos observava lutando um contra o outro, tão alto e forte que nunca imaginei que fosse me olhar de outra maneira que não de relance.

— A questão não é apenas vingança — digo. — A questão não é o que eles fizeram com a Abnegação. A questão é impedi-los antes que eles façam algo igualmente cruel com as pessoas de todos os experimentos. A questão é tirar o poder deles de controlar milhares de vidas.

— É verdade, vale a pena — diz Cara. — Uma morte para salvar milhares de pessoas de um destino terrível? E cortar o poder do complexo pela raiz? Resta alguma dúvida?

Sei o que ela está fazendo. Comparando a importância de uma única vida com a importância de tantas vivências e memórias e tirando uma conclusão óbvia do resultado. É assim que funciona a mente de um membro da

Erudição e de um membro da Abnegação, mas não sei ao certo se esse é o tipo de mente de que precisamos agora. Uma vida em troca de milhares de memórias, é claro que a resposta é fácil, mas precisa ser uma de nossas vidas? Será que precisamos ser as pessoas a agir?

Mas, como já sei qual será a minha resposta, minha mente se volta para outra questão. Se tem que ser um de nós, quem deve ser?

Meus olhos vagam de Matthew para Cara, parada atrás da mesa, para Tobias, para Christina, com o braço apoiado em um cabo de vassoura, e param em Caleb.

Ele.

Um segundo depois, sinto nojo de mim mesma.

— Ah, falem logo — diz Caleb, encontrando os meus olhos. — Vocês querem que seja eu. Todos vocês querem.

— Ninguém disse isso — fala Matthew, cuspindo o seu cordão.

— Todos estão olhando para mim — insiste Caleb. — Vocês acham que eu não percebi? Fui eu que escolhi o lado errado, que trabalhei com Jeanine Matthews; nenhum de vocês liga para mim, então é melhor que seja eu a morrer.

— Por que você acha que Tobias se ofereceu para tirá-lo da cidade antes da sua execução? — Minha voz soa fria e baixa. O cheiro de água sanitária paira em meu nariz. — Porque não me importo se você está vivo ou morto? Porque não me importo com você?

Ele deveria ser a pessoa a morrer, pensa uma parte de mim.

Não quero perdê-lo, argumenta a outra.

Não sei em qual parte confiar ou em qual acreditar.

— Você acha que não sei reconhecer o ódio? — Caleb balança a cabeça. — Eu o vejo sempre que você olha para mim. Nas raras ocasiões em que você olha para mim.

Seus olhos estão marejados. É a primeira vez, desde a minha quase execução, que o vejo com ar de remorso, não defensivo ou cheio de desculpas.

Talvez esta também seja a primeira vez que o vejo como meu irmão, e não como o covarde que me entregou a Jeanine Matthews. De repente, tenho dificuldade em engolir.

— Se eu fizer isso...

Balanço a cabeça para dizer não, mas ele levanta a mão.

— Pare — pede ele. — Beatrice, se eu fizer isso... você vai conseguir me perdoar?

Para mim, quando uma pessoa faz mal a outra, as duas compartilham o ônus dessa maldade. A dor dela pesa sobre as duas. O perdão, então, é a opção por carregar o peso sozinho. A traição de Caleb é algo que ambos carregamos, e, já que ele foi o responsável por ela, tudo o que eu queria é que ele retirasse esse peso de cima de mim. Não sei se conseguirei carregá-lo todo sozinha. Não sei se sou forte ou boa o bastante. Mas eu o vejo se preparando para enfrentar esse destino e sei que *preciso* ser forte e boa o bastante se ele for se sacrificar por todos nós.

Concordo com a cabeça.

— Vou — respondo, engasgada. — Mas esse não é um bom motivo para ser você.

— Tenho muitos motivos — diz Caleb. — Eu faço. É claro que faço.

+ + +

Não sei exatamente o que acabou de acontecer.

Matthew e Caleb ficam para trás, para ajustar a roupa de laboratório de Caleb. A roupa que vai mantê-lo vivo no Laboratório de Armas por tempo o suficiente para que ele ative o vírus do soro da memória. Espero até os outros saírem antes de ir embora também. Quero voltar para o dormitório acompanhada apenas pelos meus pensamentos.

Há algumas semanas, eu mesma teria sido voluntária para a missão suicida, como de fato fui. Eu me ofereci para ir à sede da Erudição, sabendo que a morte me esperava lá. Mas não fiz aquilo por ser altruísta ou corajosa.

Fiz aquilo porque me sentia culpada, e uma parte de mim queria perder tudo; a parte de mim que estava sofrendo queria morrer. Será que é essa a motivação de Caleb? Será mesmo que devo permitir que ele morra para que sinta que quitou sua dívida comigo?

Caminho pelo corredor, com seu arco-íris de luzes, e subo as escadas. Não consigo nem pensar em uma alternativa. Será que eu estaria mais disposta a perder Christina, Cara ou Matthew? Não. A verdade é que eu estaria menos disposta a perdê-los porque eles têm sido bons amigos, e Caleb não, há muito tempo que não. Mesmo antes de me trair, ele me abandonou para se juntar à Erudição, sem olhar para trás. Eu é que fui visitá-lo durante a iniciação, e ele passou o tempo todo se perguntando por que eu estava lá.

E não quero mais morrer. Estou preparada para o desafio de suportar a culpa e a tristeza, disposta a enfrentar as dificuldades que a vida colocou no meu caminho. Alguns dias são mais difíceis do que outros, mas estou preparada para viver cada um deles. Não posso me sacrificar desta vez.

Nas partes mais honestas do meu ser, consigo admitir que foi um alívio ouvir Caleb se voluntariando.

De repente, não consigo mais pensar no assunto. Chego à entrada do hotel e ando até o dormitório, esperando conseguir simplesmente desabar na cama e dormir, mas Tobias está me esperando no corredor.

— Você está bem? — pergunta ele.

— Estou — respondo. — Mas não deveria estar. — Levo a mão por um instante à cabeça. — Sinto que já venho sofrendo a perda dele. Como se ele tivesse morrido no momento em que o vi na sede da Erudição quando estive lá. Você entende?

Confessei a Tobias, pouco depois daquilo, que eu havia perdido toda a minha família. E ele me assegurou de que passara a ser a minha família.

É assim que me sinto. Como se tudo entre nós estivesse misturado, amizade, amor e família, e eu não conseguisse distinguir entre um e outro.

— Sabe, a Abnegação tem ensinamentos a respeito disso — diz ele. — Sobre deixar que outras pessoas se sacrifiquem por nós, mesmo que isso seja egoísta. Eles dizem que, se o sacrifício for a melhor maneira de a pessoa nos mostrar que nos ama, devemos permitir que ela o faça. — Ele apoia o ombro na parede. — E, em tal situação, essa é a maior dádiva que podemos dar à pessoa. Assim como foi quando seus pais morreram por você.

— Mas não acho que seja o amor que o está motivando. — Fecho os olhos. — Parece mais ser a culpa.

— Talvez — admite Tobias. — Mas por que ele se sentiria culpado por tê-la traído se não amasse você?

Assinto com a cabeça. Sei que Caleb me ama, e sempre amou, até quando estava me ferindo. Também sei que o amo. Mas, mesmo assim, me parece errado.

Apesar disso, consigo ser consolada por um momento, sabendo que isso é algo que talvez meus pais teriam entendido se estivessem aqui agora.

— Talvez não seja o melhor momento, mas quero dizer uma coisa.

Na mesma hora, fico tensa, temendo que ele cite algum crime meu que passou despercebido, uma confissão que o está corroendo por dentro ou algo igualmente difícil. Não consigo decifrar a sua expressão.

— Só quero agradecer — diz ele em voz baixa. — Um grupo de cientistas disse a você que meus genes eram danificados, que havia algo de errado comigo, e mostraram resultados de testes como prova. E até eu comecei a acreditar naquilo.

Ele toca o meu rosto, acariciando a minha bochecha com o dedão, e seus olhos seguem os meus, intensos e insistentes.

— Mas você nunca acreditou neles. Nem por um segundo. Você sempre continuou insistindo que eu era... não sei, inteiro.

Cubro a mão dele com a minha.

— Bem, você é.

— Ninguém jamais me disse isso — diz ele baixinho.

— É o que você merece ouvir — falo com firmeza, a visão embaçada pelas lágrimas. — Que você é inteiro, que vale a pena amá-lo e que você é a melhor pessoa que já conheci.

Assim que essas últimas palavras deixam a minha boca, ele me beija.

Beijo-o de volta com tanta força que dói e torço os dedos na sua camisa. Eu o empurro pelo corredor, por uma das portas, para dentro de um quarto pouco mobiliado perto do dormitório. Chuto a porta com o calcanhar para fechá-la.

Assim como tenho insistido que Tobias tem valor, ele sempre insistiu que sou forte, insistiu que a minha capacidade é maior do que acredito. E eu sei, sem que ninguém precise me dizer, que é isso que o amor faz quando é certo. Ele torna você algo maior do que é, maior do que acreditava ser capaz de ser.

Isso é certo.

Seus dedos deslizam pelos meus cabelos e se enroscam neles. Minhas mãos tremem, mas não me importo se ele perceber ou não, não me importo se ele souber que tenho medo do quão intensa é essa sensação. Puxo sua camisa e o arrasto mais para perto e suspiro o seu nome contra a sua boca.

Esqueço que ele é outra pessoa; parece que é apenas mais uma parte de mim, tão essencial quanto um coração, um olho ou um braço. Levanto a sua camisa e a puxo pela cabeça. Corro as mãos pela pele que exponho, como se ela fosse minha.

Suas mãos agarram a minha camisa e eu a tiro, mas então me lembro. Lembro que sou pequena, que meus seios são pequenos e que sou doentiamente pálida e me retraio.

Ele olha para mim, não como se estivesse esperando uma explicação, mas como se eu fosse a única coisa na sala para a qual vale a pena olhar.

Também olho para ele, mas tudo o que vejo faz com que me sinta pior. Ele é tão bonito, e até a tinta preta que se contorce em sua pele o transforma em

uma obra de arte. Há poucos segundos, eu estava convencida de que éramos um par perfeito, e talvez ainda sejamos, mas apenas vestidos.

Mas ele continua a olhar para mim daquela maneira.

Ele sorri, um sorriso pequeno e tímido. Depois, pousa as mãos na minha cintura e me puxa para si. Ele se agacha e beija entre seus dedos e suspira "linda" contra o meu estômago.

E eu acredito nele.

Ele se levanta e pressiona seus lábios nos meus, com a boca aberta, suas mãos no meu quadril nu, seus dedões deslizando para debaixo da minha calça jeans. Toco o seu peito, apoio-me nele e sinto o seu suspiro cantando em meus ossos.

— Amo você, sabia? — digo.

— Eu sei — responde ele.

Com uma expressão ardilosa em suas sobrancelhas, ele dobra os joelhos e agarra as minhas pernas com o braço, lançando-me sobre seu ombro. Uma risada escapa da minha boca, metade de alegria e metade de nervosismo. Ele me carrega pela sala e, sem cerimônias, me deixa cair no sofá.

Tobias se deita ao meu lado, e eu corro os dedos pelas chamas que envolvem suas costelas. Ele é forte, esbelto e seguro.

E é meu.

Encaixo a minha boca na dele.

+ + +

Temia que continuássemos a colidir um contra o outro se ficássemos juntos e que o impacto me quebraria. Mas agora sei que sou uma navalha, e ele é uma pedra de amolar...

Sou forte demais para quebrar com facilidade e me torno melhor, mais afiada, toda vez que o toco.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Tobias

AS PRIMEIRAS COISAS que vejo quando acordo, ainda no sofá do quarto do hotel, são os pássaros voando na clavícula dela. Sua camisa, apanhada do chão no meio da noite por causa do frio, está caída em um dos lados, e Tris está deitada sobre ela.

Já dormimos juntos antes, mas, neste caso, a sensação é diferente. Das outras vezes, ficamos juntos apenas para reconfortar ou proteger um ao outro; agora, estamos juntos só porque queremos e porque caímos no sono antes de conseguirmos voltar ao dormitório.

Estendo a mão e toco a sua tatuagem com as pontas dos dedos, e ela abre os olhos.

Tris me envolve em seus braços e chega mais perto, quente, macia e maleável.

– Bom dia – digo.

– Pshh – responde ela. – Se você não der atenção a ele, talvez ele vá embora.

Eu a puxo para mim, com a mão no seu quadril. Seus olhos estão grandes, alertas, embora ela tenha acabado de acordar. Beijo a sua bochecha, depois o seu queixo, depois o seu pescoço, parando ali por alguns segundos. Suas mãos seguram a minha cintura com mais força, e ela suspira ao meu ouvido.

Meu autocontrole está prestes a desaparecer em cinco, quatro, três...

– Tobias – sussurra ela. – Odeio ter que dizer isso, mas... acho que temos algumas *coisinhas* para fazer hoje.

– Elas podem esperar – digo com a boca perto do seu ombro, depois beijo sua primeira tatuagem bem devagar.

— Não, não podem!

Desabo de novo no acolchoado, e sinto frio sem o corpo dela ao meu lado.

— É. Quanto a isso... Estive pensando que seria bom se o seu irmão treinasse um pouco de tiro ao alvo. Só por via das dúvidas.

— Acho uma boa ideia — diz ela baixinho. — Ele só atirou... O quê? Uma ou duas vezes?

— Posso ensinar a ele — digo. — Se há uma coisa no qual sou bom, é de mira. E talvez ele se sinta melhor se distraindo com alguma coisa.

— Obrigada — agradece Tris. Ela senta no sofá e passa os dedos pelo cabelo para penteá-lo. Sob a luz da manhã, ele parece mais brilhante, como se tivesse fios de ouro. — Sei que você não gosta dele, mas...

— Mas, se você deixar o que ele fez para trás — digo, segurando a mão dela —, vou tentar fazer o mesmo.

Ela sorri e beija a minha bochecha.

+ + +

Enxugo a água de chuveiro que ainda molha a minha nuca com a palma da mão. Tris, Caleb, Christina e eu estamos na sala de treinamento, na área subterrânea dos GDs. Ela é fria, mal-iluminada e cheia de equipamentos, armas de treinamento, tapetes, capacetes e alvos, tudo de que poderíamos precisar. Seleciono a arma de treinamento certa, que tem mais ou menos o tamanho de uma pistola, mas é mais volumosa, e a ofereço a Caleb.

Os dedos de Tris deslizam entre os meus. Tudo é mais fácil esta manhã. Cada sorriso e risada, cada palavra e cada movimento.

Se formos bem-sucedidos no que tentaremos fazer esta noite, amanhã Chicago estará segura, o Departamento mudará para sempre, e Tris e eu poderemos construir uma vida nova em algum lugar. Talvez em um lugar onde eu possa trocar minhas armas e facas por ferramentas mais produtivas, como chaves de fenda, pregos e pás. Esta manhã, sinto que poderia ter essa sorte. Eu realmente poderia.

— Ela não dispara balas de verdade — digo —, mas acho que a projetaram para parecer o máximo possível com uma das armas que você vai usar. E a sensação de dispará-la é quase real.

Caleb segura a arma com as pontas dos dedos, como se temesse que ela fosse se despedaçar em suas mãos.

Solto uma risada.

— Primeira lição: não tenha medo dela. Agarre-a. Já segurou uma arma antes, lembra? Você nos ajudou a sair do complexo da Amizade com aquele tiro.

— Aquilo foi apenas sorte — diz Caleb, virando a arma para estudá-la de todos os ângulos. Sua língua empurra a bochecha, como se ele estivesse solucionando um quebra-cabeças. — Não foi resultado de habilidade nenhuma.

— É melhor ter sorte do que não ter — digo. — Agora, podemos trabalhar a sua habilidade.

Olho para Tris. Ela sorri para mim, depois inclina o corpo e sussurra algo para Christina.

— Você está aqui para ajudar ou não, Careta? — pergunto. Falo no mesmo tom de voz que cultivei como instrutor de iniciação, mas, desta vez, uso-o de brincadeira. — Você também precisa treinar um pouco com o braço direito se bem me lembro. Você também, Christina.

Tris faz cara feia para mim, depois ela e Christina atravessam a sala e pegam armas também.

— Pronto. Agora, encare o alvo e solte a trava de segurança — instruo. Há um alvo do outro lado da sala, mais sofisticado do que o alvo de madeira da sala de treinamento da Audácia. Existem três anéis de cores diferentes, verde, amarelo e vermelho, e assim é mais fácil saber onde a bala atinge. — Mostre-me como você atiraria.

Ele segura a arma com uma das mãos, ajeita os pés e os ombros em relação ao alvo, como se estivesse se preparando para levantar algo pesado, e dispara.

A arma recua com força para trás e para cima, disparando a bala perto do teto. Cubro a boca com a mão para disfarçar o sorriso.

— Não precisa *rir* — diz Caleb, irritado.

— Parece que os livros não ensinam tudo, não é mesmo? — comenta Christina. — Você precisa segurar a arma com as *duas* mãos. Não parece tão legal, mas atacar o teto também não.

— Eu não estava tentando parecer legal!

Christina se posiciona, com as pernas levemente desniveladas, e levanta os dois braços. Encara o alvo por um segundo, depois dispara. A bala de treinamento atinge o círculo externo do alvo e ricocheteia, rolando no chão. O projétil deixa um círculo de luz no alvo, marcando o local de impacto. Adoraria ter tido acesso a esse tipo de tecnologia durante o treinamento de iniciação.

— Ah, que bom — comento. — Você acertou o ar ao redor do corpo do seu alvo. Muito útil.

— Estou um pouco enferrujada — admite Christina, sorrindo.

— Acho que a maneira mais fácil de você aprender é me imitando — digo para Caleb. Posiciono-me da mesma forma de sempre, com tranquilidade e naturalidade, e levanto os dois braços, apertando a arma com uma das mãos e estabilizando-a com a outra.

Caleb tenta me imitar, começando pelos pés e seguindo com o resto do corpo. Por mais que Christina queira caçoar dele, é a sua capacidade de análise que o torna bem-sucedido. Consigo ver que ele está ajustando os ângulos, as distâncias, a tensão e a força de empunhadura ao olhar para mim, tentando fazer tudo certo.

— Ótimo — digo quando ele termina. — Agora, concentre-se no que está tentando acertar e em mais nada.

Encaro o centro do alvo e tento deixar que ele me envolva. A distância não me incomoda. A bala traçará uma linha reta, como faria se eu estivesse mais perto. Puxo o ar e me preparo, depois solto a respiração e disparo, e a bala

atinge exatamente o local que eu queria que atingisse: o círculo vermelho no centro do alvo.

Dou um passo atrás para assistir à tentativa de Caleb. Ele está de pé na posição correta, segura a arma do jeito certo, mas está rígido, como uma estátua armada. E prende a respiração ao disparar. Desta vez, o coice da arma não o assusta tanto, e a bala atinge de raspão a parte de cima do alvo.

— Ótimo — repito. — Acho que o que você precisa mesmo é se sentir confortável com a arma. Está tenso demais.

— Como esperava que eu estivesse? — pergunta Caleb. Sua voz treme, mas apenas no fim de cada palavra. Ele parece alguém que está aprisionando o terror dentro de si. Vi a mesma expressão nos rostos de duas turmas de iniciandos, mas ninguém nelas estava diante do que Caleb está encarando agora.

Balanço a cabeça e digo baixinho:

— É, tem razão. Mas você precisa perceber que, se não conseguir se livrar dessa tensão hoje à noite, talvez nem consiga chegar no Laboratório de Armas, e isso não seria bom para ninguém.

Ele solta um suspiro.

— A técnica física é importante — digo. — Mas isso é basicamente um jogo mental, o que é ótimo, porque você é bom nisso. Não deve praticar apenas o ato de atirar, mas também o foco mental. Assim, quando estiver em uma situação na qual está lutando para sobreviver, o foco estará tão entranhado em você que virá com naturalidade.

— Não sabia que os membros da Audácia tinham tanto interesse em treinar o cérebro — diz Caleb. — Posso ver você tentar, Tris? Acho que nunca vi você atirar sem o ombro ferido.

Tris abre um pequeno sorriso e encara o alvo. Quando a vi atirando pela primeira vez, durante o treinamento da Audácia, ela parecia desajeitada como um pássaro. Mas sua forma magra e frágil se tornou esbelta, mas musculosa, e, quando ela segura a arma, parece fazê-lo com facilidade. Fecha um pouco

um dos olhos, muda o pé de apoio e dispara. Sua bala erra o centro do alvo, mas apenas por alguns centímetros. Caleb ergue as sobrancelhas, claramente impressionado.

— Não fique tão surpreso! — reclama Tris.

— Desculpe — diz ele. — É que... você costumava ser tão desajeitada, lembra? Não sei como não percebi que você não é mais assim.

Tris dá de ombros, mas, ao desviar o rosto, suas bochechas estão coradas, e ela está com um ar de satisfação. Christina dispara outra vez, e, agora, seu tiro se aproxima mais do centro do alvo.

Dou um passo para trás a fim de deixar Caleb treinar, e vejo Tris disparando outra vez. Observo as linhas retas do seu corpo quando levanta a arma e como ela se mantém estável quando dispara. Toco o seu ombro e me aproximo do seu ouvido.

— Você se lembra de como a arma quase atingiu o seu rosto durante o treinamento? — sussurro.

Ela assente com a cabeça e abre um pequeno sorriso.

— Você se lembra de quando fiz *isto* durante o treinamento? — pergunto, levando a mão à barriga dela. Sua respiração falha.

— Não vou esquecer tão cedo — murmura Tris.

Ela se vira e puxa o meu rosto para perto do seu, com as pontas dos dedos em meu queixo. Nós nos beijamos, e ouço Christina fazendo algum comentário sobre nós, mas, pela primeira vez, não dou a mínima.

+ + +

Não há muito o que fazer depois do treinamento de tiro ao alvo senão esperar. Tris e Christina pegam os explosivos com Reggie e ensinam Caleb a usá-los. Depois, Matthew e Cara estudam minuciosamente um mapa, examinando rotas diferentes para alcançar o Laboratório de Armas através do complexo. Christina e eu nos encontramos com Amah, George e Peter para bolar a rota que seguiremos pela cidade à noite. Tris é chamada para uma

reunião de última hora do conselho. Matthew passa o dia vacinando pessoas contra o soro da memória. Ele vacina Cara, Caleb, Tris, Nita, Reggie e a si mesmo.

Não temos tempo para pensar na importância do que vamos tentar fazer: deter uma revolução, salvar os experimentos, mudar o Departamento para sempre.

Enquanto Tris está ocupada, vou para o hospital a fim de visitar Uriah uma última vez antes de trazer sua família para vê-lo.

Quando chego lá, não consigo entrar. De onde estou, através do vidro, posso fingir que está apenas dormindo, e que, se eu o tocasse, ele acordaria, sorriria e contaria uma piada. Lá dentro, eu conseguiria ver como está sem vida, como o impacto contra o seu cérebro levou embora as últimas partes dele que eram Uriah.

Cerro os punhos para disfarçar o quanto minhas mãos estão tremendo.

Matthew se aproxima de mim vindo do fim do corredor, com as mãos nos bolsos do seu uniforme azul-escuro. Seu andar é relaxado, mas seus passos são pesados.

— Ei — cumprimenta ele.

— Oi — respondo.

— Eu estava vacinando Nita — diz ele. — Ela está mais animada hoje.

— Que bom.

Matthew bate com o dedo no vidro.

— Então... você vai trazer a família dele mais tarde? É o que Tris me disse.

Confirmo com a cabeça.

— O irmão e a mãe dele.

Já conheço a mãe de Zeke e Uriah. É uma mulher pequena, com uma postura poderosa, e um dos poucos membros da Audácia que age de maneira tranquila e discreta. Gostei dela, mas ela também me dá medo.

— Ele não tem pai? — pergunta Matthew.

— O pai deles morreu quando eram pequenos. Isso é algo comum entre os membros da Audácia.

— Entendo.

Ficamos parados em silêncio durante um tempo, e me sinto grato pela presença dele, que impede que eu seja tomado pela tristeza. Sei que Cara tinha razão ontem quando disse que não matei Uriah, mas *sinto* como se o tivesse matado e talvez eu me sinta assim para sempre.

— Quero perguntar uma coisa há um tempo — digo depois de alguns minutos. — Por que você está nos ajudando? Parece ser um risco enorme para alguém que não tem qualquer interesse pessoal no resultado da nossa empreitada.

— Na verdade, tenho, sim — diz Matthew. — É uma história um pouco longa.

Ele cruza os braços, depois puxa o cordão ao redor do pescoço com o dedão.

— Havia essa garota — diz ele. — Ela era geneticamente danificada, o que significava que eu não deveria sair com ela, sabe? Devemos tentar nos envolver com parceiros "adequados" para produzirmos filhos geneticamente superiores ou algo assim. Bem, eu estava me sentindo rebelde, e existia uma atração a mais no fato de que aquilo era proibido, então começamos a namorar. Não tinha a intenção de que aquilo se tornasse algo sério, mas...

— Mas se tornou.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Sim. Ela, mais do qualquer outra pessoa, me convenceu de que o complexo estava errado a respeito dos danos genéticos. Ela era uma pessoa melhor do que sou, do que jamais serei. E foi atacada. Um grupo de GPs a espancou. Ela era meio respondona e jamais se contentava em ficar onde estava. Acho que talvez isso tenha tido alguma influência sobre o que aconteceu... ou talvez não. Talvez as pessoas apenas façam coisas assim do nada, e tentar encontrar um motivo é frustrante.

Examino com mais atenção o cordão com o qual ele está brincando. Sempre pensei que fosse preto, mas, ao olhar mais de perto, percebo que é verde, da cor dos uniformes da equipe de apoio.

— Enfim, ela ficou gravemente ferida, mas um dos GPs era filho de um membro do conselho. Ele alegou que o ataque foi provocado, e esta foi a desculpa que eles usaram quando o liberaram, junto com os outros GPs, com apenas uma pena leve de serviço comunitário. Mas eu sabia que não era verdade. — Ele começa a acenar a cabeça enquanto fala. — Eu sabia que eles haviam sido liberados porque o Departamento a considerava inferior a eles. Como se os GPs tivessem espancado um animal.

Um arrepio começa no topo da minha coluna e desce pelas minhas costas.

— O que...

— O que aconteceu com ela? — Matthew olha para mim. — Morreu um ano depois, após um procedimento cirúrgico para reparar parte do estrago. Ela teve azar e pegou uma infecção. — Suas mãos caem ao lado do corpo. — No dia em que ela morreu, comecei a ajudar Nita. Não achei o último plano dela bom e por isso não a ajudei com ele. Mas também não me esforcei para detê-la.

Penso em todas as coisas que se deve dizer a alguém em um momento como este, as desculpas e os consolos, mas não encontro uma única expressão que soe correta. Então, deixo que o silêncio entre nós se prolongue. É a única resposta adequada para o que ele acabou de me dizer, a única coisa que faz jus à tragédia, em vez de simplesmente a remendar com pressa e depois seguir em frente.

— Sei que não parece — diz Matthew —, mas eu os odeio.

Os músculos da sua mandíbula estão tensos. Ele nunca me pareceu uma pessoa calorosa, mas também nunca foi frio. Mas é assim que está agora, um homem envolto em gelo, os olhos duros e a voz como um sopro gélido.

— Eu teria me oferecido para morrer no lugar de Caleb... mas quero muito estar aqui para ver quando eles sofrerem as consequências. Quero vê-los

desnorteados sob o efeito do soro da memória, sem saber mais quem são, porque é isso que aconteceu comigo quando ela morreu.

— Isso me parece um castigo adequado.

— É mais adequado do que matá-los — diz Matthew. — Além disso, não sou um assassino.

Fico inquieto. Não é todo dia que nos deparamos com a verdadeira pessoa por trás de uma máscara simpática, seu lado mais sombrio. Não é confortável quando isso acontece.

— Lamento pelo que aconteceu com Uriah — diz Matthew. — Vou deixar você sozinho com ele.

Ele enfia as mãos nos bolsos outra vez e segue novamente pelo corredor, assobiando.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Tris

A REUNIÃO DE emergência do conselho é apenas mais do mesmo: a confirmação de que o vírus será lançado nas cidades esta noite, discussões sobre que aviões serão usados e em quais horários. Eu e David trocamos palavras amigáveis após a reunião, depois escapo enquanto os outros ainda estão tomando café e volto para o hotel.

Tobias me leva até o átrio perto do dormitório, e passamos algum tempo lá, conversando, nos beijando e apontando para as plantas mais estranhas. Tenho a sensação de que é isso que pessoas normais fazem: saem em encontros, falam sobre amenidades, riem. Tivemos tão poucos momentos como este. A maior parte do nosso tempo juntos foi gasta entre uma ameaça e outra, correndo em direção a uma ameaça ou outra. Mas consigo ver um tempo no horizonte em que isso não será mais necessário. Nós reprogramaremos as pessoas no complexo e trabalharemos para reconstruir este lugar juntos. Talvez, então, descubramos se nos sairemos tão bem nos momentos tranquilos quanto nos agitados.

Mal posso esperar.

Enfim, chega a hora de Tobias partir. Fico em pé no degrau mais alto do átrio, e ele, no mais baixo, para ficarmos da mesma altura.

— Não gosto de não poder estar com você hoje à noite — diz ele. — Não me parece certo deixá-la sozinha com algo desta magnitude.

— Acha que não consigo aguentar o tranco? — pergunto um pouco na defensiva.

— É claro que não. — Ele toca o meu rosto e encosta a testa na minha. — Só não quero que você tenha que suportar isso sozinha.

— E eu não quero que você tenha que lidar com a família de Uriah sozinho — digo baixinho. — Mas acho que essas são coisas que precisamos fazer separadamente. Fico feliz em poder ficar com Caleb antes de... você sabe. Será bom não precisar me preocupar com você.

— É. — Ele fecha os olhos. — Mal posso esperar por amanhã, quando eu tiver voltado e você tiver feito o que pretende fazer, e então poderemos decidir o que vem a seguir.

— Posso garantir que vai incluir muito disto — digo, pressionando meus lábios nos dele.

Suas mãos descem das minhas bochechas para os meus ombros, depois, deslizam devagar pelas minhas costas. Seus dedos encontram a bainha da minha camisa, depois deslizam sob ela, quentes e persistentes.

De repente, sinto-me ciente de tudo, da pressão da boca dele, do gosto do seu beijo, da textura da sua pele, da luz laranja refletindo em seus cílios fechados e do cheiro de coisas verdes, coisas crescendo. Quando me afasto, e ele abre os olhos, vejo tudo o que há neles, o risco azul-claro em seu olho esquerdo, o azul-escuro que faz com que me sinta segura dentro dele, como se eu estivesse sonhando.

— Amo você — digo.

— Também amo você — responde ele. — Nós nos veremos em breve.

Ele me beija mais uma vez, suavemente, depois me deixa no átrio. Fico parada sob o raio de sol, até que o sol desaparece.

Está na hora de ficar com o meu irmão.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Tobias

Confiro os monitores antes de ir me encontrar com Amah e George. Evelyn está enfurnada na sede da Erudição com seus apoiadores sem-facção, curvada sobre um mapa da cidade. Marcus e Johanna estão em um edifício na Avenida Michigan, ao norte do edifício Hancock, conduzindo uma reunião.

Espero que estejam no mesmo lugar daqui a algumas horas, quando eu decidir qual dos dois vou reprogramar. Amah nos deu pouco mais de uma hora para encontrar e vacinar a família de Uriah e trazê-los escondidos para o complexo, então só terei tempo para um dos meus pais.

+ + +

A neve rodopia sobre a calçada do lado de fora, flutuando com o vento. George me oferece uma arma.

— Está perigoso lá dentro agora — diz ele. — Com toda essa história dos Leais.

Pego a arma sem nem olhar para ela.

— Vocês entenderam o plano? — pergunta George. — Estarei monitorando vocês daqui, da pequena sala de controle. Mas vamos ver o quão útil serei hoje à noite, com esta neve cobrindo as câmeras.

— E onde estarão os outros agentes de segurança?

— Bebendo? — George dá de ombros. — Disse para eles tirarem a noite de folga. Ninguém dará falta da caminhonete. Tudo vai dar certo, prometo.

Amah abre um sorriso.

— Está bem, vamos lá — diz ele.

George aperta o braço de Amah e acena para nós. Enquanto os outros seguem Amah até a caminhonete estacionada do lado de fora, seguro George. Ele me olha de maneira estranha.

— Não me pergunte nada sobre isso, porque não vou responder — digo. — Mas é melhor você se vacinar contra o soro da memória, está bem? O mais rápido possível. Matthew pode ajudá-lo.

Ele franze a testa ao olhar para mim.

— Apenas faça o que digo. — Afasto-me dele em direção à caminhonete.

Flocos de neve grudam no meu cabelo, e uma nuvem de vapor se enrosca ao redor da minha boca cada vez que respiro. Christina esbarra em mim ao caminharmos para a caminhonete e enfia alguma coisa no meu bolso. Um frasco.

Percebo os olhos de Peter sobre nós quando me sento no banco do carona. Ainda não entendo por que ele está tão ansioso para vir conosco, mas sei que preciso tomar cuidado.

O interior da caminhonete está quente, e logo os pequenos flocos de neve que nos cobriam derretem.

— Você é um cara de sorte — diz Amah. Ele me entrega uma tela de vidro com luzes brilhantes emaranhadas, como veias. Olho mais de perto e vejo que são ruas e que a linha mais forte traça o nosso caminho por elas. — Você está encarregado de conferir o mapa.

— Você precisa de um mapa? — Levanto a sobrancelha. — Que tal simplesmente... ir em direção aos prédios gigantes?

Amah faz uma careta ao olhar para mim.

— Não vamos seguir em linha reta até a cidade. Vamos seguir um caminho menos óbvio. Agora, cale a boca e cuide do mapa.

Encontro um ponto azul no mapa que marca a nossa posição. Amah sai com a caminhonete para a neve, que cai tão rápido que mal posso enxergar alguns metros à frente.

Os prédios pelos quais passamos parecem figuras escuras espiando através de um véu branco. Amah dirige rápido, confiando que o peso da caminhonete nos manterá estáveis. Entre os flocos de neve, vejo a cidade adiante. Eu tinha me esquecido de como estamos perto dela, porque tudo é tão diferente além dos seus limites.

— Nem posso acreditar que estamos voltando — diz Peter baixinho, como se não esperasse uma resposta.

— Nem eu — digo, porque é a pura verdade.

A distância que o Departamento manteve do resto do mundo é um mal de natureza diferente da guerra que eles planejam travar contra as nossas memórias. Um mal mais sutil, ainda que, de certa maneira, seja igualmente sinistro. Eles tiveram a chance de nos ajudar enquanto padecíamos em nossas facções, mas escolheram permitir que ruíssemos. Que morrêssemos. Que matássemos uns aos outros. Só agora, que estamos prestes a destruir um nível de material genético além do aceitável, eles resolveram intervir.

Chacoalhamos de um lado para outro dentro da caminhonete que Amah dirige sobre trilhos de trem, mantendo-nos perto do muro de cimento à direita.

Olho para Christina pelo espelho retrovisor. O joelho direito dela está balançando depressa.

+ + +

Ainda não sei que memória apagarei: se a de Marcus ou a de Evelyn.

Em geral, eu tentaria decidir qual seria a escolha mais altruísta, porém, neste caso, qualquer uma das duas parece egoísta. Reprogramar Marcus significaria apagar da face da terra o homem que mais odeio e temo. Significaria a minha libertação da influência dele.

Reprogramar Evelyn significaria transformá-la em uma nova mãe, que não me abandonaria ou tomaria decisões baseadas no desejo por vingança, nem controlaria todos em um esforço de não precisar confiar nas pessoas.

De qualquer maneira, estarei melhor com qualquer um dos dois fora de cena. Mas o que seria melhor para a cidade?

Não sei mais.

+ + +

Posiciono as mãos diante da saída de calefação para aquecê-las enquanto Amah continua a dirigir sobre os trilhos de trem, passando pelo vagão abandonado que vimos quando chegamos, que reflete a luz dos faróis em seus painéis prateados. Alcançamos o local onde o mundo externo termina e o experimento começa, e a mudança é tão abrupta quanto se alguém tivesse desenhado uma linha no chão.

Amah atravessa essa linha como se ela nem estivesse lá. Imagino que, para ele, ela tenha desaparecido com o tempo, à medida que ele se acostumou com seu novo mundo. Para mim, parece que estamos passando da verdade para a mentira, da vida adulta para a infância. Vejo a paisagem de cimento, vidro e metal se transformar em um campo aberto. Agora, a neve está caindo de leve, e consigo ver vagamente o contorno dos prédios da cidade adiante, e eles parecem só um pouco mais escuros do que as nuvens.

— Aonde devemos ir para encontrar Zeke? — pergunta Amah.

— Zeke e sua mãe se uniram aos Leais — digo. — Então, imagino que estejam onde a maioria deles estiver.

— O pessoal da sala de controle disse que a maioria deles passou a viver ao norte do rio, perto do edifício Hancock — conta Amah. — Que tal um passeio de tirolesa?

— De jeito nenhum.

Amah solta uma risada.

Demoramos mais uma hora para nos aproximarmos do local. Só começo a ficar nervoso quando vejo o edifício Hancock a distância.

— Hã... Amah? — diz Christina do banco de trás. — Detesto dizer isso, mas preciso muito parar. E... você sabe, fazer xixi.

— Agora? — pergunta ele.

— É. A vontade apareceu de repente.

Ele suspira, mas para a caminhonete perto da calçada.

— Vocês, fiquem aqui dentro. E nada de olhar! — diz Christina, e salta do automóvel.

Vejo a silhueta dela caminhando até a traseira da caminhonete e espero. Tudo o que sinto quando ela corta os pneus é um pequeno quique na caminhonete, tão sutil que tenho certeza de que só o senti porque estava esperando por ele. Quando Christina volta, está exibindo um pequeno sorriso.

Às vezes, a única coisa necessária para salvar pessoas de um destino terrível é que alguém esteja disposto a fazer algo a respeito. Mesmo que este "algo" seja apenas uma falsa ida ao banheiro.

Amah dirige por mais alguns minutos antes que alguma coisa aconteça. De repente, a caminhonete estremece e começa a quicar, como se estivéssemos passando sobre um quebra-molas.

— Droga — diz Amah, olhando para o velocímetro. — Não acredito.

— O pneu furou? — pergunto.

— Furou. — Ele suspira, pisando devagar o freio e parando o automóvel.

— Vou conferir — digo.

Salto do banco do carona e caminho até a traseira da caminhonete. Os dois pneus traseiros estão completamente murchos, rasgados pela faca que Christina trouxe consigo. Olho pela janela traseira para me assegurar de que há apenas um estepe, depois volto para a porta aberta para dar a notícia.

— Os dois pneus traseiros estão murchos e só temos um estepe — digo. — Precisamos abandonar a caminhonete e conseguir outro veículo.

— Droga! — Amah golpeia o volante. — Não temos tempo para isso. Precisamos vacinar Zeke, sua mãe e a família de Christina antes que o soro da memória seja lançado, ou tudo isso será inútil.

— Calma — digo. — Sei onde podemos encontrar outro veículo. Que tal vocês continuarem a pé enquanto procuro outra coisa que a gente possa dirigir?

A expressão de Amah se ilumina.

— Boa ideia — diz ele.

Antes de me afastar da caminhonete, certifico-me de que minha arma está carregada, apesar de não saber se vou precisar usá-la. Todos saltam do automóvel, e Amah estremece de frio e dá saltinhos nas pontas dos pés.

Confiro o relógio.

— Até que horas vocês precisam vaciná-los?

— Segundo o cronograma de George, temos uma hora antes de a cidade ser reprogramada — diz Amah, também conferindo o relógio, para ter certeza. — Se você quiser poupar Zeke e a mãe dele da tristeza de descobrirem o que aconteceu com Uriah e permitir que eles sejam reprogramados, vou entender. Farei isso se você quiser.

Balanço a cabeça.

— Eu não poderia fazer isso. Eles não sofreriam, mas não seria real.

— Como eu sempre disse — diz Amah, sorrindo —, uma vez Careta, sempre Careta.

— Você poderia... não contar a eles o que aconteceu? Só até eu chegar lá? Apenas os vacine. Quero dar a notícia.

O sorriso de Amah murcha um pouco.

— Sim, é claro.

Meus sapatos já estão encharcados só de ter ido conferir os pneus, e meus pés doem quando tocam o chão gelado mais uma vez. Estou prestes a me afastar da caminhonete quando Peter resolve abrir a boca.

— Vou com você — diz ele.

— O quê? Por quê? — Eu o olho feio.

— Talvez você precise de ajuda para encontrar uma caminhonete — sugere ele. — A cidade é bem grande.

Olho para Amah, mas ele dá de ombros.

— Faz sentido — diz ele.

Peter se inclina para perto de mim e fala baixinho para que apenas eu consiga ouvir:

— E, se não quiser que eu diga a ele que você está planejando alguma coisa, é melhor não discutir.

Ele olha o bolso do meu casaco, onde o soro da memória está guardado.

Solto um suspiro.

— Está bem. Mas faça exatamente o que eu mandar.

Vejo Amah e Christina se distanciando em direção ao edifício Hancock. Quando eles já estão longe demais para nos ver, dou alguns passos para trás, enfiando a mão no bolso para proteger o frasco.

— Não estou indo procurar uma caminhonete — digo. — É melhor que você saiba disso logo. Vai me ajudar com o que tenho que fazer ou terei que atirar em você?

— Depende do que você for fazer.

É difícil encontrar uma resposta quando nem eu sei muito bem o que vou fazer. Fico parado, olhando para o edifício Hancock. À minha direita, encontram-se os sem-facção, Evelyn e seu estoque de soro da morte. À minha esquerda, estão os Leais, Marcus e seu plano de insurreição.

Onde será que tenho mais influência? Onde posso fazer mais diferença? Essas são as perguntas que eu deveria estar fazendo a mim mesmo. Mas só consigo pensar em qual dos dois eu mais quero destruir.

— Vou impedir uma revolução.

Viro à direita, e Peter me segue.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Tris

MEU IRMÃO ESTÁ parado atrás do microscópio, o olho junto à lente. A luz da plataforma do microscópio lança sombras estranhas em seu rosto, fazendo-o parecer muito mais velho.

– Com certeza, é ele – diz Caleb. – Digo, o soro da simulação de ataque. Sem a menor dúvida.

– É sempre bom ter a confirmação de outra pessoa – diz Matthew.

Estou ao lado do meu irmão nas horas antes da sua morte. E ele está analisando soros. É tão idiota.

Sei por que Caleb queria vir aqui: para se certificar de que morrerá por uma boa razão. Eu compreendo. Depois de se morrer por algo, não há como voltar atrás. Pelo menos, acho que não.

– Diga-me o código de ativação mais uma vez – diz Matthew. O código de ativação acionará a arma do soro da memória, e outro botão vai dispará-la de maneira instantânea. Matthew tem obrigado Caleb a repetir os dois a cada cinco minutos desde que chegamos aqui.

– Não tenho nenhuma dificuldade em memorizar sequências de números! – gaba-se Caleb.

– Não duvido disso. Mas não sabemos qual será o seu estado mental quando o soro da morte começar a agir, e esse código precisa estar bem-gravado na sua cabeça.

Caleb faz uma careta ao ouvir o termo "soro da morte". Encaro os meus sapatos.

– 080712 – diz Caleb. – Depois, aperto o botão verde.

Enquanto estamos aqui, Cara está com o pessoal da sala de controle para jogar soro da paz em suas bebidas e desligar as luzes do complexo enquanto eles estiverem entorpecidos demais para notar, assim como Nita e Tobias fizeram há algumas semanas. Quando ela fizer isso, correremos até o Laboratório de Armas, escondidos das câmeras pela escuridão.

Diante de mim, sobre a mesa do laboratório, encontram-se os explosivos que Reggie nos deu. Eles parecem tão comuns dentro de uma caixa preta com garras de metal nas pontas e um detonador remoto. As garras prenderão a caixa ao segundo conjunto de portas do laboratório. O primeiro conjunto ainda não foi consertado desde o ataque.

— Acho que é isso — fala Matthew. — Agora, tudo o que precisamos fazer é esperar.

— Matthew — digo. — Você poderia nos deixar a sós um pouco?

— É claro. — Matthew abre um sorriso. — Voltarei quando estiver na hora.

Ele fecha a porta ao sair. Caleb corre as mãos pela roupa de laboratório, pelos explosivos, pela mochila onde levará o equipamento. E alinha todos os objetos, ajeitando um canto, depois outro.

— Estive pensando sobre quando a gente era criança e brincava de "Franqueza" — conta ele. — Como eu colocava você sentada em uma cadeira na sala de estar e fazia perguntas? Você se lembra disso?

— Lembro — respondo. Apoio o quadril na mesa do laboratório. — Você costumava sentir o meu pulso e me dizer que, se eu mentisse, você saberia, porque membros da Franqueza sempre sabem quando os outros estão mentindo. Não era muito legal.

Caleb solta uma risada.

— Uma vez, você confessou que havia roubado um livro da biblioteca da escola no exato momento em que a mamãe chegou em casa...

— E fui obrigada a me desculpar à bibliotecária! — Solto uma risada também. — Aquela bibliotecária era terrível. Ela chamava todo mundo de "minha jovem" e "meu jovem".

— Ah, mas ela me adorava. Sabia que, quando trabalhei como voluntário na biblioteca, e deveria estar guardando livros nas prateleiras durante o horário de almoço, na verdade, eu passava o tempo todo entre as estantes, lendo? Ela me pegou algumas vezes, mas nunca disse nada.

— Sério? — Sinto uma pontada no peito. — Eu não sabia.

— Acho que havia muito que não sabíamos a respeito um do outro. — Ele tamborila os dedos na mesa. — Gostaria que tivéssemos conseguido ser mais honestos um com o outro.

— Eu também.

— E agora é tarde demais, não é? — Ele olha para mim.

— Nem tanto. — Puxo uma cadeira da mesa do laboratório e me sento nela. — Vamos brincar de Franqueza. Primeiro, eu respondo uma pergunta; depois, é a sua vez de responder. Com honestidade, é claro.

Ele parece um pouco exasperado, mas aceita.

— Está bem. O que você fez para quebrar aqueles vidros na cozinha quando disse que estava apenas tentando limpar as manchas deles?

Reviro os olhos.

— É esta a pergunta para a qual você quer uma resposta honesta? Fala sério, Caleb.

— Está bem, está bem. — Ele limpa a garganta, e seus olhos verdes se fixam nos meus, sérios. — Você realmente me perdoou ou está apenas dizendo isso porque estou prestes a morrer?

Encaro as minhas mãos, pousadas no meu colo. Tenho conseguido ser gentil e agradável com ele porque toda vez que penso sobre o que aconteceu na sede da Erudição imediatamente afasto o pensamento. Mas isso não pode ser perdão. Se eu o tivesse perdoado, conseguiria pensar sobre o que aconteceu sem aquele ódio que sinto dentro de mim, não é?

Ou talvez o perdão seja apenas o afastamento contínuo de lembranças amargas até que o tempo diminua a dor e a raiva, e o mal seja esquecido.

Pelo bem de Caleb, decido acreditar na segunda opção.

— Sim, eu perdoei você — respondo, depois faço uma pausa. — Ou, pelo menos, quero desesperadamente perdoar, e acho que talvez isso seja a mesma coisa.

Ele parece aliviado. Levanto-me para que ele possa se sentar na cadeira. Sei o que quero perguntar desde que ele se ofereceu para se sacrificar.

— Qual é o principal motivo pelo qual você está fazendo isso? — pergunto. — O motivo mais importante?

— Não me pergunte isso, Beatrice.

— Não é uma armadilha — digo. — Não vou deixar de perdoar você por isso. Só preciso saber.

Entre nós dois encontram-se a roupa de laboratório, os explosivos e a mochila, enfileirados sobre o aço escovado. São os instrumentos que vão fazê-lo ir embora e não voltar mais.

— Acho que eu sinto que essa é a única maneira como conseguirei escapar da culpa por todas as coisas que fiz — responde ele. — Nunca quis tanto alguma coisa quanto quero me livrar da culpa.

Suas palavras me ferem por dentro. Temia que ele dissesse isso. Já sabia que é o que ele iria dizer, mas queria que ele não tivesse dito.

De repente, uma voz sai da caixa do sistema de comunicação interna no canto da sala:

— Atenção, residentes do complexo. Iniciando procedimento de confinamento emergencial, em vigor até as cinco da manhã. Repito, iniciando procedimento de confinamento emergencial, em vigor até as cinco da manhã.

Eu e Caleb trocamos olhares preocupados. Matthew entra correndo.

— Droga — diz ele, depois repete mais alto. — Droga!

— Confinamento emergencial? — pergunto. — É a mesma coisa que um alarme de ataque?

— Basicamente. Significa que devemos agir *agora*, enquanto os corredores ainda estão caóticos e antes que eles aumentem a segurança — diz Matthew.

— Por que fariam isso? — pergunta Caleb.

— Talvez estejam apenas tentando aumentar a segurança antes de lançar os vírus — diz Matthew. — Ou talvez tenham descoberto que vamos tentar alguma coisa. Mas, se soubessem, é provável que já teriam vindo nos prender.

Olho para Caleb. Os minutos que eu ainda tinha ao lado dele se dissipam.

Atravesso o laboratório e pego nossas armas sobre o balcão, mas um pensamento se agarra ao fundo da minha mente, sobre o que Tobias disse ontem: a Abnegação afirma que devemos permitir que alguém se sacrifique por nós se essa for a maneira da pessoa de nos mostrar que nos ama.

E a razão de Caleb não é essa.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Tobias

Meu pé escorrega na calçada coberta de neve.

– Você não se vacinou ontem – digo para Peter.

– Não, não me vacinei.

– Por que não?

– Por que eu deveria contar?

Corro o dedão pelo frasco e digo:

– Você veio comigo porque sabe que estou com o soro da memória, não é? Se quer que eu lhe dê o soro, poderia pelo menos me dar um motivo.

Ele olha mais uma vez para o meu bolso, como fez antes. Deve ter visto quando Christina colocou o frasco ali.

– Prefiro *tomá-lo* de você.

– Fala sério. – Levanto os olhos para ver a neve se amontoando sobre as beiradas dos prédios. Está escuro, mas a lua oferece luz o bastante para enxergarmos. – Você pode achar que é muito bom de luta, mas não o bastante para me derrotar, pode ter certeza.

De repente, ele me empurra com força, e eu escorrego no chão coberto de neve e caio. Minha arma desaba no chão, meio enterrada na neve. *Isto é para você deixar de ser metido*, penso enquanto tento me levantar. Ele agarra o colarinho da minha camisa e me puxa para a frente, fazendo-me escorregar de novo. Mas, desta vez, mantenho o equilíbrio e atinjo a sua barriga com o meu cotovelo. Ele chuta a minha perna com força, de modo a deixá-la dormente, e agarra a frente do meu casaco a fim de me puxar para si.

Sua mão vasculha o meu bolso, onde o soro está guardado. Tento empurrá-lo, mas ele está muito estável, e minha perna continua dormente.

Com um gemido de frustração, puxo meu braço livre para perto do meu rosto, depois atinjo a sua boca com o cotovelo. A dor se espalha pelo meu braço. É doloroso atingir os dentes de uma pessoa. Mas valeu a pena. Ele solta um grito, deslizando pela rua e agarrando o rosto com as mãos.

— Sabe por que você ganhava as lutas durante a iniciação? — digo enquanto me levanto. — Porque você é cruel. Porque gosta de machucar as pessoas. E acha que é especial, e que todos ao seu redor são maricas que não conseguem tomar decisões difíceis como você.

Peter começa a se levantar, mas chuto as suas costelas, e ele desaba de novo. Depois, piso seu peito, com o pé bem abaixo da sua garganta, e nossos olhos se encontram. Seus olhos parecem arregalados e inocentes, completamente diferentes do que existe dentro dele.

— Você não é especial. Também gosto de machucar as pessoas. Consigo tomar decisões cruéis. A diferença é que, às vezes, não é isso que faço. Mas você sempre age assim, e é isso que o torna mau.

Passo por cima dele e volto a seguir pela Avenida Michigan. Dou apenas alguns passos antes de ouvir sua voz.

— É por isso que eu quero o soro — diz ele com a voz trêmula.

Eu paro, mas não me viro. Não quero ver o rosto dele agora.

— Quero o soro porque estou cansado de ser assim. Estou cansado de fazer coisas ruins e gostar disso e, depois, ficar me perguntando o que há de errado comigo. Quero que isso acabe. Quero recomeçar.

— E você não acha que essa é uma saída covarde? — pergunto.

— Acho que eu não ligo se é ou não — diz Peter.

Sinto a raiva que crescia dentro de mim diminuir enquanto giro o frasco em meus dedos dentro do bolso. Ouço-o se levantar e limpar a neve da sua roupa.

— Não tente se meter no meu caminho novamente e eu prometo que, quando tudo estiver resolvido, deixarei que você se reprograme. Não tenho nenhum motivo para não deixar.

Ele assente com a cabeça e continuamos caminhando pela neve lisa em direção ao edifício onde vi minha mãe pela última vez.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Tris

UM SILÊNCIO TENSO paira no corredor, embora haja pessoas por todo lado. Uma mulher esbarra em mim com o ombro e murmura um pedido de desculpa, e eu me aproximo mais de Caleb para não o perder de vista. Às vezes, queria ter apenas alguns centímetros a mais para que o mundo não parecesse uma grande coleção de torsos.

Caminhamos rápido, mas não rápido demais. Quanto mais seguranças vejo, mais cresce a pressão que sinto dentro de mim. A mochila de Caleb, com a roupa de laboratório e os explosivos, quica em suas costas enquanto caminhamos. As pessoas estão se movendo em todas as direções, mas, em breve, alcançaremos um corredor onde não há qualquer motivo para pessoas passarem.

– Acho que algo deve ter acontecido com Cara – diz Matthew. – As luzes já deveriam ter apagado.

Concordo com a cabeça. Sinto a pressão da arma, ocultada pela minha camisa larga, contra as minhas costas. Eu esperava não ter de usá-la, mas parece que isso não será possível. E mesmo que eu a use, talvez não consigamos chegar ao Laboratório de Armas.

Toco os braços de Caleb e de Matthew, e nós três paramos no meio do corredor.

– Tenho uma ideia – digo. – Vamos nos dividir. Eu e Caleb corremos até o laboratório enquanto Matthew cria algum tipo de distração.

– Distração?

– Você tem uma arma, não tem? Dispare-a para cima.

Ele hesita.

— Apenas faça o que digo, está bem? — digo entredentes.

Matthew saca sua arma. Agarro o cotovelo de Caleb e o guio pelo corredor. Ao olhar para trás, vejo Matthew levantar a arma e disparar diretamente para cima, acertando um dos painéis de vidro sobre sua cabeça. Ao som do estampido, começo a correr, arrastando Caleb comigo. Os sons de gritos e de vidro estilhaçado enchem o ambiente, e seguranças passam correndo por nós, sem notar que estamos correndo para longe dos dormitórios, correndo em direção a um lugar onde não deveríamos estar.

É estranho sentir os meus instintos e o treinamento da Audácia se manifestarem. Minha respiração se torna mais profunda, mais estável, enquanto seguimos o trajeto que determinamos de manhã. Minha mente parece mais afiada e clara. Olho para Caleb, esperando ver a mesma coisa acontecendo com ele, mas toda a circulação parece ter desaparecido do seu rosto, e ele está arquejando. Mantenho a mão firme em seu cotovelo para mantê-lo estável.

Viramos o corredor, os sapatos chiando sobre os ladrilhos, e um corredor meio vazio, com o teto espelhado, estende-se à nossa frente. Sinto uma onda de triunfo. Conheço este lugar. Não estamos longe agora. Vamos conseguir.

— Parem! — grita uma voz atrás de mim.

Os seguranças. Eles nos encontraram.

— Parem, ou atiraremos!

Caleb estremece e levanta as mãos. Levanto as minhas também e olho para ele.

Sinto tudo desacelerando dentro de mim, meus pensamentos urgentes e o bater forte do meu coração.

Quando olho para ele, não vejo o jovem covarde que me entregou para Jeanine Matthews e não ouço as desculpas que ele me ofereceu depois.

Quando olho para ele, vejo o garoto que segurou a minha mão no hospital quando nossa mãe quebrou o pulso e me disse que tudo ia ficar bem. Vejo o irmão que me disse que eu deveria fazer as minhas próprias escolhas na noite

antes da Cerimônia de Escolha. Penso em todas as coisas louváveis que ele é: esperto, entusiasmado e observador, tranquilo, sério e bondoso.

Ele é parte de mim e sempre será, e eu sou parte dele também. Não pertenço à Abnegação ou à Audácia, nem mesmo aos Divergentes. Não pertenço ao Departamento, ao experimento ou à margem. Pertenço às pessoas que amo, e elas pertencem a mim. Elas, junto com o amor e a lealdade que eu lhes ofereço, formam a minha identidade muito mais do que qualquer palavra ou grupo jamais formará.

Amo o meu irmão. Eu o amo, e ele está tremendo de medo diante da perspectiva de morrer. Eu o amo e tudo o que consigo pensar, tudo o que consigo ouvir em minha mente, são as palavras que disse para ele há alguns dias: *Eu nunca o levaria à sua própria execução.*

— Caleb. Me dê a mochila.

— O quê?

Deslizo a mão sob a parte de trás da minha camisa e seguro a arma. Eu a aponto para ele.

— Me dê a mochila.

— Tris, não. — Ele balança a cabeça. — Não. Não vou deixar você fazer isso.

— Baixe a arma! — grita o guarda no final do corredor. — Baixe a arma, ou atiraremos!

— Talvez eu consiga sobreviver ao soro da morte — argumento. — Sou boa em combater soros. Existe uma chance de eu sobreviver. Você não tem a menor chance. Me dê a mochila, ou vou atirar na sua perna e tomá-la de você.

Então, falo mais alto para que os guardas consigam me ouvir.

— Ele é meu refém! Não se aproximem, ou vou matá-lo!

Neste momento, ele me lembra o meu pai. Seus olhos estão cansados e tristes. Há um vestígio de barba em seu queixo. Suas mãos tremem quando ele puxa a mochila para a frente do corpo e a entrega para mim.

Pego a mochila e lanço-a sobre meu ombro. Mantenho a arma apontada para ele e mudo a posição do meu corpo, fazendo com que ele bloqueie minha

visão dos guardas e do final do corredor.

— Caleb, amo você.

Seus olhos brilham com lágrimas, e ele diz:

— Eu também amo você, Beatrice.

— De joelhos! — grito para que os guardas consigam ouvir.

Caleb ajoelha-se no chão.

— Se eu não sobreviver, diga a Tobias que eu não queria deixá-lo.

Eu me afasto, apontando a arma para um dos guardas. Inspiro e firmo a mão. Disparo. Ouço um grito de dor e corro na direção oposta, o som de tiros enchendo os meus ouvidos. Corro em ziguezague para dificultar a mira dos guardas, depois mergulho na curva do corredor. Uma bala atinge a parede bem atrás de mim, abrindo um buraco.

Enquanto corro, giro a mochila para a frente do corpo e abro o zíper. Retiro os explosivos e o detonador. Ouço gritos e passos apressados atrás de mim. Não tenho tempo. Não tenho tempo.

Corro mais rápido, mais do que pensei que conseguiria. O impacto de cada passo faz meu corpo estremecer, e viro mais uma vez o corredor, onde encontro dois guardas ao lado das portas que Nita e os invasores quebraram. Agarrando os explosivos e o detonador junto ao peito com a mão livre, atiro na perna de um dos guardas e no peito de outro.

O guarda que acertei na perna tenta pegar a sua arma, e eu atiro mais uma vez, fechando os olhos depois de mirar. Ele não se move mais.

Atravesso as portas quebradas correndo e entro no corredor entre elas. Bato com os explosivos contra a barra de metal, no local onde as duas portas se unem, e prendo as garras ao redor dela para que eles não saiam do lugar. Depois, corro de volta para o fim do corredor, viro a esquina e me agacho de costas para as portas enquanto aperto o botão de detonação e cubro os ouvidos com as mãos.

O som vibra em meus ossos quando a pequena bomba explode, e a força da explosão me joga de lado no chão, fazendo minha arma deslizar sobre os

ladrilhos. Cacos de vidro e metal voam ao meu redor, depois caem sobre o chão onde estou deitada, atordoada. Apesar de ter tapado os ouvidos, ainda ouço um zunido quando afasto as mãos e não consigo me equilibrar direito.

No fim do corredor, os guardas me alcançam. Eles atiram, e uma bala atinge a parte carnuda do meu braço. Solto um grito e cubro a ferida com a mão, e minha visão fica enevoada. Viro novamente o corredor e caminho, entre tropeços, em direção às portas arrombadas.

Do outro lado, há um pequeno vestíbulo com um par de portas fechadas, mas destrancadas, no outro extremo. Através das pequenas janelas dessas portas, vejo o Laboratório de Armas, com fileiras uniformes de maquinaria, aparelhos escuros e frascos de soros iluminados de baixo, como se estivessem em uma exposição. Ouço um som de spray e sei que o soro da morte está flutuando no ar ao meu redor, mas os guardas estão atrás de mim, e não tenho tempo de vestir a roupa de laboratório que retardará seus efeitos.

Também sei, tenho certeza, que conseguirei sobreviver a isto.

Entro no vestíbulo.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Tobias

A SEDE DOS sem-facção, que, para mim, sempre será a sede da Erudição, independentemente de qualquer coisa, está silenciosa sob a neve, com nada além de janelas acesas para sinalizar que há pessoas lá dentro. Paro diante das portas e produzo um som de insatisfação com a garganta.

— O que foi? — pergunta Peter.

— Odeio este lugar.

Ele afasta dos olhos o cabelo encharcado de neve.

— Então, o que devemos fazer? Quebrar uma janela? Procurar uma porta dos fundos?

— Vou simplesmente entrar. Sou o filho dela.

— Você também a traiu e deixou a cidade quando ela proibiu todo mundo de fazer isso — lembra ele. — E ela mandou pessoas atrás de você para detê-lo. Pessoas armadas.

— Pode ficar aqui se quiser — digo.

— Aonde o soro for, eu vou. Mas, se atirarem em você, vou agarrar o frasco e sair correndo.

— Não esperava outra coisa.

Ele é uma pessoa estranha.

Entro no saguão, onde alguém reconstruiu o retrato de Jeanine Matthews, mas desenhou um *X* sobre cada um dos seus olhos com tinta vermelha e escreveu "lixo das facções" embaixo.

Várias pessoas com braçadeiras dos sem-facção avançam contra nós com armas apontadas. Reconheço algumas delas das fogueiras no armazém dos sem-facção ou do tempo que passei ao lado de Evelyn como líder da Audácia.

Outros são completos estranhos, o que me lembra que a população sem-facção é muito maior do que jamais suspeitamos.

Levanto as mãos.

— Vim ver Evelyn.

— Claro — diz um deles. — Porque nós deixamos qualquer pessoa que quiser falar com ela entrar assim.

— Tenho uma mensagem das pessoas do lado de fora — aviso. — Tenho certeza de que ela gostará de ouvir.

— Tobias? — diz uma mulher sem-facção. Eu a reconheço, não do armazém dos sem-facção, mas do setor da Abnegação. Ela era minha vizinha. Seu nome é Grace.

— Olá, Grace. Só quero falar com a minha mãe.

Ela morde o interior da bochecha e me estuda, depois passa a segurar a arma com menos firmeza.

— Bem, mesmo assim, não devemos deixar ninguém entrar.

— Pelo amor de Deus! — exclama Peter. — Que tal ir contar o que está acontecendo e ver o que ela tem a dizer sobre isso, então? Podemos esperar.

Grace recua para o meio da multidão que se reuniu ao nosso redor enquanto conversávamos, depois baixa a arma e sai apressada por um corredor próximo.

Ficamos parados ali por um tempo que parece muito longo, até que meus ombros doem de tanto suportar o peso dos meus braços levantados. Depois, Grace retorna e faz um sinal para que a sigamos. Desço os braços, os outros baixam suas armas, e entro no foyer, passando pelo centro da multidão, como um fio passando pelo buraco de uma agulha. Ela nos guia até um elevador.

— O que está fazendo com uma arma, Grace? — pergunto. Nunca soube de alguém da Abnegação usando uma arma.

— Os costumes das facções não existem mais — diz ela. — Agora posso me defender. Posso ter um senso de autopreservação.

— Que bom — digo, e estou sendo sincero. A Abnegação era tão problemática quanto qualquer outra facção, mas seus males eram menos óbvios, disfarçados pela máscara do altruísmo. Exigir que uma pessoa desapareça, que suma em meio à paisagem aonde quer que for, não é melhor do que a encorajar a socar outra pessoa.

Subimos até o andar onde o escritório administrativo de Jeanine costumava ficar, mas não é para lá que Grace nos leva. Ela nos leva para uma grande sala de reuniões com mesas, sofás e cadeiras organizadas em quadrados arrumados. Enormes janelas na parede dos fundos deixam entrar a luz da lua. Evelyn está sentada a uma mesa à direita, olhando pela janela.

— Pode ir, Grace — diz Evelyn. — Você tem uma mensagem para mim, Tobias?

Ela não olha para mim. Seu cabelo espesso está preso em um nó, e ela veste uma camisa cinza com uma braçadeira dos sem-facção. Parece exausta.

— Você se importa em esperar no corredor? — digo para Peter, e, para a minha surpresa, ele não discute. Apenas sai da sala, fechando a porta.

Eu e minha mãe estamos sozinhos.

— As pessoas do lado de fora não têm nenhuma mensagem para nós — digo, aproximando-me dela. — Querem roubar as memórias de todos nesta cidade. Acreditam que não há como argumentar conosco, não há como apelar para nosso lado bom. Eles decidiram que seria mais fácil nos apagar do que conversar conosco.

— Talvez tenham razão — diz Evelyn. Enfim, ela me encara, apoiando a maçã do rosto em suas mãos. Há um círculo vazio tatuado em um dos seus dedos, como uma aliança. — Então, o que você veio fazer aqui?

Eu hesito com a mão no frasco em meu bolso. Olho para ela e consigo ver a maneira como o tempo a exauriu, como um pedaço de pano velho, puído e com as fibras expostas. E também consigo ver a mulher que conheci na minha infância, a boca que se abria em um sorriso, os olhos que brilhavam com alegria. Mas, quanto mais olho para ela, mais me convenço de que a mulher

feliz nunca existiu. A mulher é apenas uma versão tênue da minha mãe real, vista através dos olhos egocêntricos de uma criança.

Sento-me à mesa, de frente para ela, e pouso o frasco de soro da memória entre nós.

— Vim fazer você beber isto — digo.

Ela olha para o frasco, e acho que vejo lágrimas nos seus olhos, mas poderia ser apenas a luz.

— Pensei que seria a única maneira de prevenir a destruição absoluta — digo. — Sei que Marcus, Johanna e o pessoal deles vão atacar e sei que você fará o que for preciso para detê-los, incluindo usar o soro da morte que possui. — Inclino a cabeça. — Estou errado?

— Não. As facções são más. Elas não podem ser restauradas. Eu preferiria ver todos nós destruídos.

A mão dela aperta a beirada da mesa, e suas juntas ficam brancas.

— O motivo pelo qual as facções eram más é que não ofereciam uma saída — digo. — Elas nos davam a ilusão da escolha, sem de fato nos oferecer uma. É a mesma coisa que você está fazendo ao aboli-las. Você está dizendo: *Faça uma escolha. Mas que a sua escolha não seja pelas facções, ou vou acabar com você!*

— Se você pensava assim, por que não me disse nada? — pergunta ela, com a voz mais alta e os olhos evitando os meus, me evitando. — Por que não me disse, em vez de *me trair*?

— Porque eu tinha medo de você! — As palavras escapam da minha boca, e eu me arrependo delas, mas, ao mesmo tempo, fico feliz de tê-las dito. Fico feliz pelo fato de que, antes de pedir que ela abra mão da sua identidade, eu possa pelo menos ser honesto. — Você... você me faz lembrar *dele*!

— Não ouse falar isso. — Ela cerra os punhos e quase cospe as palavras em mim. — Não *ouse*.

— Não me importa se você não quiser ouvir — digo, levantando-me. — Ele era um tirano em nossa casa, e agora você é uma tirana nesta cidade e nem consegue enxergar que é a mesma coisa!

— Então, foi por isso que você trouxe isto — diz ela, fechando a mão ao redor do frasco, levantando-o e o analisando. — Porque acha que é a única maneira de consertar as coisas.

— Eu... — Estou prestes a dizer que é a maneira mais fácil, a melhor, talvez a única pela qual eu possa confiar nela.

Se eu apagar sua memória, posso criar uma nova mãe para mim mesmo, mas...

Mas ela é mais do que a minha mãe. É uma pessoa por si só e não pertence a mim.

Eu não posso decidir o que ela vai se tornar só porque não consigo lidar com quem é.

— Não — digo. — Não, eu vim lhe oferecer uma escolha.

De repente, sinto-me aterrorizado, as mãos dormentes e o coração batendo rápido...

— Pensei em visitar Marcus esta noite, mas não fui. — Engulo em seco. — Eu vim ver você porque... porque acredito que ainda existe alguma chance de reconciliação entre nós. Não agora, nem tão cedo, mas algum dia. E, com ele, não existe nenhuma esperança, nenhuma chance de reconciliação.

Ela me encara com os olhos ferozes, mas se enchendo de lágrimas.

— Não é justo lhe dar essa escolha — digo. — Mas é o que preciso fazer. Você pode liderar os sem-facção, pode lutar contra os Leais, mas terá que fazer isso sem mim, para sempre. Ou pode abandonar essa cruzada, e... e terá o seu filho de volta.

É uma oferta fraca, eu sei, e é por isso que estou com medo. Com medo de que Evelyn se recuse a escolher, que escolha o poder, e não a mim, que diga que sou uma criança ridícula, que é exatamente o que sou. Sou uma criança. Tenho meio metro de altura e estou perguntando se ela me ama.

Os olhos de Evelyn, escuros como terra molhada, estudam os meus durante um longo tempo.

Depois, ela estende a mão sobre a mesa e me puxa com força para os seus braços, que formam uma gaiola ao redor de mim, com uma força surpreendente.

— Deixe que eles fiquem com a cidade e tudo o que há dentro dela — diz ela, com o rosto mergulhado no meu cabelo.

Não consigo me mover, não consigo falar. Ela me escolheu. Ela me escolheu.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Tris

O SORO DA morte cheira a fumaça e tempero, e meus pulmões o rejeitam assim que o respiro. Começo a tossir e cuspir e sou engolida pela escuridão.

Desabo de joelhos. Parece que alguém trocou o meu sangue por melaço e meus ossos por chumbo. Um fio invisível me puxa em direção ao sono, mas quero ficar acordada. É importante que eu queira ficar acordada. Imagino essa vontade, esse desejo, queimando o meu peito como uma chama.

O fio puxa mais forte, e eu alimento a chama com nomes. Tobias. Caleb. Christina. Matthew. Cara. Zeke. Uriah.

Mas não consigo suportar o peso do soro. Meu corpo desaba de lado, e meu braço ferido se aperta contra o chão frio. Estou flutuando...

Seria gostoso sair flutuando, diz uma voz dentro da minha cabeça. *E ver para onde serei levada...*

Mas a chama, a chama.

O desejo de viver.

Ainda não terminei, ainda não.

Sinto que estou cavando em minha própria mente. É difícil lembrar por que vim aqui e por que estou tão preocupada em me livrar deste lindo peso. Mas, de repente, minhas mãos, que cavam, encontram a memória do rosto da minha mãe, e seu corpo esparramado na calçada, o sangue escorrendo do corpo do meu pai.

Mas estão mortos, diz a voz. *Você poderia se juntar a eles.*

Eles morreram por mim, respondo. E agora preciso retribuir o sacrifício. Preciso impedir que outras pessoas percam tudo. Preciso salvar a cidade e as pessoas que minha mãe e meu pai amavam.

Se eu me juntar aos meus pais, quero que seja por um bom *motivo*, e não isto, este colapso sem sentido no limiar.

A chama, a chama. Ela arde dentro de mim, uma fogueira e depois um inferno, e o meu corpo é o combustível. Sinto-a se espalhando depressa dentro de mim, consumindo o peso. Não há nada capaz de me matar agora; sou poderosa, invencível e eterna.

Sinto o soro grudando na minha pele como óleo, mas a escuridão recua. Bato com a mão pesada no chão e empurro meu corpo para cima, levantando-me.

Curvada para a frente, lanço meu ombro contra a porta dupla e ela range contra o chão quando o selo se rompe. Respiro o ar puro e ajeito o corpo. Eu cheguei, *cheguei*.

Mas não estou sozinha.

— Não se mova — diz David, levantando sua arma. — Olá, Tris.

CAPÍTULO CINQUENTA

Tris

– Como você se vacinou contra o soro da morte? – pergunta David. Ele continua sentado em sua cadeira de rodas, mas não precisa andar para disparar uma arma.

Pisco os olhos ao olhar para ele, ainda atordoada.

– Não me vacinei.

– Não seja idiota – diz David. – É impossível sobreviver ao soro da morte sem a vacina, e sou a única pessoa do complexo que tem a substância.

Eu apenas o encaro sem saber o que dizer. Não me vacinei. O fato de que continuo em pé é impossível. Não há mais nada a dizer.

– Acho que não importa mais – diz ele. – Estamos aqui agora.

– O que está fazendo aqui? – murmuro. Meus lábios parecem desagradavelmente inchados, e é difícil falar. Ainda sinto o peso oleoso em minha pele, como se a morte se agarrasse a mim, apesar de eu tê-la vencido.

Tenho vaga ciência de que deixei a minha arma no corredor por onde passei, certa de que não precisaria usá-la quando chegasse aqui.

– Eu sabia que algo estava acontecendo – conta David. – Você tem andado com pessoas geneticamente danificadas a semana inteira, Tris. Pensou que eu não fosse perceber? – Ele balança a cabeça. – Depois, sua amiga Cara foi pega tentando manipular as luzes, mas, muito esperta, desmaiou antes que pudesse nos contar qualquer coisa. Então, resolvi vir para cá, por via das dúvidas. Fico triste em dizer que não estou surpreso em encontrá-la aqui.

– Você veio sozinho? – pergunto. – Não foi muito esperto, não é?

Ele semicerra um pouco os olhos brilhantes.

— Bem, sou resistente ao soro da morte e tenho uma arma, e não há como você lutar contra mim. Não há como roubar quatro dispositivos de vírus enquanto aponto minha arma para você. Temo que tenha chegado tão longe à toa, e isso custará sua vida. O soro da morte pode não a ter matado, mas eu vou. Você com certeza entenderá. Oficialmente, não acreditamos em penas capitais, mas não posso permitir que você sobreviva a isto.

Ele acha que estou aqui para roubar as armas que vão reprogramar os experimentos, e não ativá-las. É claro que é isso que ele pensa.

Tento manter minha expressão neutra, embora tenha certeza de que ela continua frouxa. Observo a sala, à procura do dispositivo que lançará o vírus do soro da memória. Eu estava presente quando Matthew o descreveu para Caleb de maneira extremamente detalhada, mais cedo: uma caixa preta com um teclado numérico prateado, marcada por uma fita azul com o número do modelo. É um dos únicos objetos no balcão da parede esquerda, a poucos metros de distância. Mas não posso me mover, ou ele vai me matar.

Precisarei esperar o momento certo e agir rápido.

— Eu sei o que você fez — digo. Começo a me afastar, esperando que a acusação o distraia. — Sei que você projetou a simulação de ataque. Sei que é responsável pela morte dos meus pais. Pela morte da minha *mãe*. Eu sei.

— Não sou responsável pela morte dela! — exclama David, com as palavras escapando da boca, altas e repentinas demais. — Eu *avisei* o que estava por vir logo antes do começo do ataque para que ela tivesse tempo o bastante para levar seus entes queridos até um abrigo. Se ela tivesse ficado onde estava, teria sobrevivido. Mas era uma mulher tola, que não entendia que é preciso fazer sacrifícios pelo bem maior, e foi *isso* que a matou!

Franzo a testa ao olhar para ele. Há algo em sua reação, em seus olhos marejados, algo que ele murmurou quando Nita injetou o soro do medo nele, algo a respeito *dela*.

— Você a amava? — pergunto. — Durante todos aqueles anos, quando ela lhe enviava aquelas correspondências... a razão pela qual você não quis que ela

ficasse lá... a razão pela qual você disse que não poderia mais ler seus relatórios depois que ela se casou com o meu pai...

David fica parado, como uma estátua, como um homem feito de pedra.

— Sim, eu a amava — diz ele. — Mas esse tempo passou.

Deve ter sido por isso que ele me acolheu dentro do seu círculo de confiança, por isso que me deu tantas oportunidades. Porque sou um pedaço dela, tenho o cabelo dela e falo com a sua voz. Porque ele passou a vida tentando tê-la e não conseguiu nada.

Ouço passos no corredor do lado de fora. Os soldados estão vindo. Que bom. Preciso que eles venham. Preciso que sejam expostos ao soro, que é transportado por via aérea, a fim de que o transmitam para o restante do complexo. Espero que aguardem até que o ar esteja livre do soro da morte.

— Minha mãe não era tola — digo. — Ela apenas entendia algo que você não entende. Não é nenhum sacrifício quando é a vida de *outra pessoa* que você está jogando fora. Isso é apenas maldade.

Dou mais um passo para trás.

— Ela me ensinou tudo sobre verdadeiros sacrifícios — continuo. — Que devem ser feitos por amor, e não por um nojo equivocado pelo código genético alheio. Que devem ser feitos por necessidade e apenas quando não existem opções. Que devem ser feitos para pessoas que precisam da nossa força, porque não dispõem de força o bastante. É por isso que preciso impedi-lo de "sacrificar" todas aquelas pessoas e suas memórias. É por isso que preciso livrar o mundo de você de uma vez por todas.

Balanço a cabeça.

— Não vim aqui roubar nada, David.

Eu me viro e salto em direção ao dispositivo. A arma dispara, e uma dor atravessa o meu corpo. Nem sei onde a bala atingiu.

Ainda consigo ouvir Caleb repetindo o código para Matthew. Com a mão trêmula, digito os números no teclado.

A arma dispara outra vez.

Mais dor, e os cantos da minha visão escurecem, mas ouço a voz de Caleb falando novamente. *O botão verde*.

Tanta dor.

Mas como, se meu corpo está tão dormente?

Começo a desabar e bato com a mão no teclado ao cair. Uma luz acende atrás do botão verde.

Ouço um bipe, e o som de algo chacoalhando.

Deslizo até o chão. Sinto algo morno em meu pescoço e sob a minha bochecha. Vermelho. Sangue tem uma cor estranha. Escura.

Pelo canto do olho, vejo David caído sobre sua cadeira.

E a minha *mãe* aparece atrás dele.

Ela usa as mesmas roupas que vestia quando a vi pela última vez, o cinza da Abnegação manchado com seu sangue, e seus braços estão descobertos, mostrando sua tatuagem. Ainda há furos de balas em sua camisa; através deles, consigo ver sua pele ferida, vermelha, mas já sem sangrar, como se ela estivesse congelada no tempo. Seu cabelo loiro-claro está amarrado em um coque, mas alguns fios soltos formam uma moldura dourada ao redor do seu rosto.

Sei que ela não pode estar viva, mas não sei se a vejo porque estou delirando, por causa do sangue perdido, se o soro da morte aturdiu a minha mente ou se ela está aqui de alguma outra maneira.

Ela se ajoelha ao meu lado e leva sua mão fria ao meu rosto.

— Olá, Beatrice — diz ela, depois abre um sorriso.

— Acabou? — pergunto, mas não sei se falo isso mesmo ou se apenas penso, e ela consegue escutar.

— Acabou — responde ela, os olhos marejados. — Minha doce criança, você se saiu muito bem.

— E os outros? — Eu engasgo em um soluço quando a imagem de Tobias aparece na minha mente, quando penso em como seus olhos eram escuros e

tranquilos, em como suas mãos eram fortes e quentes, quando ficamos cara a cara pela primeira vez. — Tobias, Caleb, meus amigos?

— Eles vão cuidar uns dos outros — diz ela. — É isso que as pessoas fazem.

Eu sorrio e fecho os olhos.

Sinto um fio me puxar de novo, mas, desta vez, sei que não é uma força sinistra me arrastando em direção à morte.

Desta vez, sei que é a mão da minha mãe, puxando-me para os seus braços.

E, feliz, aceito o seu abraço.

+ + +

Será que poderei ser perdoada pelo que fiz para chegar aqui?

Quero ser.

Eu posso.

Eu acredito.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Tobias

Evelyn enxuga as lágrimas dos olhos com o dedão. Estamos parados diante das janelas, lado a lado, assistindo à neve rodopiar no ar. Alguns dos flocos se acumulam no parapeito, do lado de fora, amontoando-se nos cantos das janelas.

Minha mão não está mais dormente. Enquanto encaro o mundo lá fora, polvilhado de branco, sinto que tudo recomeçou e que as coisas serão melhores desta vez.

— Acho que posso entrar em contato com Marcus pelo rádio e negociar um tratado de paz — diz Evelyn. — Ele estará prestando atenção ao rádio. Seria idiotice dele não prestar.

— Antes que você entre em contato com ele, fiz uma promessa que preciso cumprir — digo. Apoio a mão no ombro de Evelyn. Esperava que seu sorriso fosse mais forçado, mas não é assim.

Sinto uma pontada de culpa. Não vim aqui pedir para ela baixar suas armas por mim ou trocar tudo pelo qual lutou apenas para ter-me de volta. Mas também não vim aqui para lhe oferecer qualquer tipo de escolha. Acho que Tris tinha razão. Quando é preciso escolher entre opções ruins, escolhemos aquela que salva as pessoas que amamos. Eu não estaria salvando Evelyn se lhe desse aquele soro. Eu a estaria destruindo.

Peter está sentado com as costas apoiadas na parede do corredor. Olha para mim quando me inclino sobre ele, com o cabelo escuro colado na testa por causa da neve derretida.

— Você a reprogramou? — pergunta ele.

— Não.

— Imaginei que não teria coragem.

— Não tem nada a ver com coragem. Quer saber? Dane-se. — Balanço a cabeça e levanto o frasco de soro da memória. — Você ainda quer fazer isso?

Ele assente com a cabeça.

— Você poderia simplesmente se esforçar, sabe? Poderia tomar decisões melhores, levar uma vida melhor.

— É, eu sei — diz ele. — Mas não é o que vou fazer. Nós dois sabemos disso.

É, sei mesmo. Sei que essa mudança é difícil e lenta e que é o resultado de muitos dias sucessivos, um após o outro, até que a origem deles seja esquecida. Ele teme não conseguir se esforçar tanto, acha que desperdiçará esses dias e que acabará pior do que está agora. E eu entendo esse sentimento. Entendo o que é ter medo de si mesmo.

Portanto, peço que se sente em um dos sofás e pergunto-lhe o que quer que eu diga a respeito dele mesmo depois que suas memórias desaparecerem como fumaça. Ele apenas balança a cabeça. Nada. Não quer guardar nada.

Peter segura o frasco com a mão trêmula e desenrosca a tampa. O líquido treme dentro do frasco, quase derramando. Ele o coloca sob o nariz, para sentir o cheiro.

— Quanto devo beber? — pergunta ele, e acho que ouço seus dentes batendo.

— Acho que não faz diferença — respondo.

— Certo. Bem... lá vou eu. — Ele levanta o frasco para a luz, como se estivesse fazendo um brinde.

Quando encosta o frasco na boca, eu digo:

— Seja corajoso.

Depois, ele o engole.

E eu vejo Peter desaparecer.

+ + +

O ar do lado de fora tem gosto de gelo.

– Ei, Peter! – grito, e o ar que sai da minha boca vira vapor.

Peter está parado na porta da sede da Erudição, o olhar completamente perdido. Ao ouvir seu nome, que eu já repeti para ele pelo menos dez vezes desde que bebeu o soro, Peter levanta as sobrancelhas, apontando para o próprio peito. Matthew disse que as pessoas ficariam desorientadas por um tempo depois de beber o soro da memória, mas eu não sabia que "desorientado" significava "idiota".

Solto um suspiro.

– Sim, é você! Pela décima primeira vez! Venha logo!

Pensei que, quando olhasse para Peter depois de ele beber o soro, ainda veria o iniciando que enfiou uma faca de manteiga no olho de Edward, o garoto que tentou matar a minha namorada e todas as coisas que ele fez desde que o conheço. Mas é mais fácil do que eu imaginava ver que ele não tem mais a menor ideia de quem é. Seus olhos ainda carregam aquele olhar arregalado e inocente, mas, desta vez, acredito neles.

Evelyn e eu caminhamos lado a lado, e Peter nos segue. A neve parou de cair, mas já se acumulou tanto no chão que meu passos rangem.

Caminhamos até o Millenium Park, onde a enorme escultura em forma de feijão reflete o luar, depois descemos um lance de escadas. Ao descermos, Evelyn agarra o meu cotovelo para se equilibrar, e trocamos um olhar. Será que ela está tão nervosa quanto eu em encarar meu pai novamente? Será que sempre fica nervosa ao vê-lo?

Ao fim da escada, há um pavilhão com dois blocos de vidro, cada um com pelo menos três vezes a minha altura. É aqui que marcamos o encontro com Marcus e Johanna. Os dois lados estarão armados, não para sermos realistas, mas justos.

E já estão lá. Johanna não está segurando uma arma, mas Marcus, sim, e ele a aponta para Evelyn. Aponto para ele a arma que Evelyn me deu, só por segurança. Noto as linhas do seu crânio, sob seu cabelo raspado, e o caminho tortuoso que seu nariz entalha por seu rosto.

— Tobias! — diz Johanna. Ela veste um casaco vermelho da Amizade salpicado de flocos de neve. — O que está fazendo aqui?

— Tentando impedir que vocês todos se matem — digo. — Estou surpreso por você estar carregando uma arma.

Aceno na direção do volume no bolso do seu casaco, com os contornos claros de uma arma.

— Às vezes, é preciso tomar medidas difíceis para alcançar a paz — comenta Johanna. — Acho que você concorda com esse princípio.

— Não viemos aqui para bater papo — diz Marcus, olhando para Evelyn. — Você disse que queria discutir um acordo.

As últimas semanas o afetaram. Percebo isso nos cantos caídos da sua boca e na pele arroxeada sob seus olhos. Vejo meus próprios olhos encaixados em seu crânio e penso no meu reflexo na paisagem do medo e em como eu ficava aterrorizado vendo a pele dele se espalhar sobre a minha, como uma erupção. Ainda fico nervoso com a ideia de me tornar Marcus, mesmo agora, enfrentando-o ao lado da minha mãe, como sonhei fazer durante a minha infância.

Mas acho que não tenho mais medo.

— Sim — diz Evelyn. — Tenho alguns termos sobre os quais nós dois devemos concordar. Acho que você vai considerá-los justos. Se concordar com eles, renunciarei ao meu cargo e entregarei qualquer arma que meus seguidores não estejam usando para a sua proteção pessoal. Deixarei a cidade e nunca mais voltarei.

Marcus solta uma risada. Não sei se é de deboche ou de descrença. Ele é igualmente capaz dos dois sentimentos, sendo um homem arrogante e profundamente desconfiado.

— Deixe-a terminar de falar — diz Johanna baixinho, enfiando as mãos nas mangas do casaco.

— Em troca — continua Evelyn —, vocês não vão atacar ou tentar assumir o controle da cidade. Permitirão que as pessoas que queiram sair e buscar uma

nova vida em outro lugar assim o façam. Permitirão que as pessoas que ficarem *votem* em um novo líder e um novo sistema social. E o mais importante: *você*, Marcus, não poderá se candidatar para liderá-los.

Esse é o único termo puramente egoísta do tratado de paz. Ela me disse que não suportaria a ideia de ter Marcus enganando mais pessoas, e eu não discuti.

Johanna levanta as sobrancelhas. Percebo que ela prendeu o cabelo dos dois lados da cabeça, revelando a sua cicatriz. Ela fica melhor assim. Parece mais forte quando não está se escondendo atrás de uma cortina de cabelo. Escondendo o que é.

— Não há acordo — afirma Marcus. — Sou o líder dessas pessoas.

— Marcus — diz Johanna.

Ele a ignora.

— *Você* não tem o direito de decidir se posso liderá-los ou não só porque tem uma birra comigo, Evelyn!

— Com licença — intervém Johanna bem alto. — Marcus, o que ela está oferecendo é bom demais para ser verdade. Conseguiremos tudo o que queremos sem violência! Como você pode dizer não?

— Porque sou o líder dessas pessoas por direito! — diz Marcus. — Sou o líder dos Leais! Eu...

— Não, não é — diz Johanna com calma. — *Eu* sou a líder dos Leais. E você vai aceitar o tratado, ou então direi a eles que você teve a chance de acabar com este conflito sem derramamento de sangue se sacrificasse o seu orgulho, mas disse não.

A máscara passiva de Marcus caiu, e ele revelou sua face maliciosa. Porém, nem essa nova faceta conseguiu argumentar com Johanna, cuja calma e ameaça perfeitas o subjugaram. Ele balança a cabeça, mas não discute mais.

— Aceito os seus termos — diz Johanna, e estende a mão, com os pés amassando a neve.

Evelyn tira a luva dedo por dedo e estende a mão para apertar a de Johanna.

— Amanhã de manhã reuniremos todos e comunicaremos o novo plano — diz Johanna. — Você pode garantir uma reunião segura?

— Farei o melhor possível — fala Evelyn.

Confiro o relógio. Passou-se uma hora desde que Amah e Christina se separaram de nós perto do edifício Hancock, o que significa que ele deve saber que o vírus do soro não funcionou. Ou talvez não saiba. De qualquer maneira, preciso fazer o que vim fazer. Preciso encontrar Zeke e sua mãe e informá-los sobre o que aconteceu com Uriah.

— É melhor eu ir — digo para Evelyn. — Preciso resolver outra coisa. Mas posso buscar você nos limites da cidade amanhã à tarde?

— Sim, é um bom plano — concorda Evelyn, esfregando meu braço vigorosamente com a mão enluvada, como costumava fazer quando eu chegava em casa com frio quando criança.

— Imagino que você não vai voltar, certo? — diz Johanna para mim. — Você encontrou uma vida para si mesmo do lado de fora?

— Sim, encontrei — digo. — Boa sorte aqui. As pessoas do lado de fora... elas vão tentar fechar a cidade. É melhor vocês estarem preparados.

Johanna abre um sorriso.

— Tenho certeza de que conseguiremos negociar com elas.

Ela estende a mão, e eu a aperto. Sinto os olhos de Marcus em mim, como um peso opressivo, ameaçando me esmagar. Obrigo-me a olhar para ele.

— Adeus — digo para ele com sinceridade.

+ + +

Hanna, a mãe de Zeke, tem pés pequenos que não tocam o chão quando ela se senta na poltrona da sala de estar. Usa um roupão preto esfarrapado e pantufas, mas sua expressão, com as mãos dobradas sobre o colo e as

sobrancelhas levantadas, é tão digna que sinto que estou diante de uma líder mundial. Olho para Zeke, que esfrega o rosto com os punhos para acordar.

Amah e Christina os encontraram, não entre os outros revolucionários perto do edifício Hancock, mas no apartamento da família, na Pira, acima da sede da Audácia. Só os encontrei porque Christina teve o bom senso de deixar um bilhete para Peter e para mim na caminhonete abandonada, informando a localização deles. Peter está esperando na nova van que Evelyn encontrou para que possamos voltar para o Departamento.

— Perdão — digo. — Não sei por onde começar.

— É melhor começar pelo pior — sugere Hanna. — Como o que aconteceu com o meu filho.

— Ele foi gravemente ferido durante um ataque — digo. — Houve uma explosão, e ele estava muito próximo dela.

— Meu Deus — diz Zeke, balançando para a frente e para trás, como se seu corpo quisesse voltar a ser criança, embalado pelo movimento.

Mas Hanna apenas inclina a cabeça, escondendo seu rosto de mim.

A sala de estar deles cheira a alho e cebola, possíveis resquícios do jantar. Apoio meu ombro na parede branca ao lado da porta. Pendurado de maneira torta na parede ao meu lado, encontra-se um retrato de família, com Zeke ainda criança e Uriah bebê, equilibrando-se no colo da mãe. O rosto do pai deles conta com vários *piercings* no nariz, nas orelhas e no lábio. Mas seu sorriso largo e claro e sua tez escura são mais familiares para mim, porque ele as passou para seus dois filhos.

— Ele está em coma desde então — digo. — E...

— E não vai acordar — completa Hanna com a voz falha. — Foi isso que você veio nos contar, não foi?

— Sim. Vim buscá-los para que possam decidir o que fazer.

— Decidir? — repete Zeke. — Você quer dizer, decidir se desligamos ou não os aparelhos?

— Zeke — diz Hanna, depois balança a cabeça. Ele se afunda novamente no sofá. As almofadas parecem envolvê-lo.

— É claro que não queremos mantê-lo vivo dessa maneira — diz Hanna. — Vamos querer seguir em frente. Mas gostaríamos de vê-lo.

Assinto com a cabeça.

— É claro. Mas há outra coisa que eu devo dizer. O ataque... foi um tipo de levante, que envolveu algumas das pessoas do local onde temos ficado. E eu participei dele.

Encaro a rachadura nas tábuas corridas bem à minha frente, e a poeira que se acumulou ali com o tempo. Espero uma reação, qualquer reação. Recebo apenas o silêncio de volta.

— Não fiz o que você me pediu para fazer — digo para Zeke. — Não cuidei dele como deveria ter cuidado. E lamento.

Experimento olhar para ele, e ele está apenas parado, encarando o vaso vazio sobre a mesa de centro, pintado com rosas desbotadas.

— Acho que precisamos de um tempo para pensar sobre isso — diz Hanna. Ela limpa a garganta, mas isso não melhora a sua voz trêmula.

— Adoraria poder fazer isso por vocês — digo. — Mas voltaremos para o complexo em breve, e vocês precisam vir conosco.

— Está bem — diz Hanna. — Espere lá fora, por favor. Sairemos em cinco minutos.

+ + +

A viagem de volta para o complexo é lenta e escura. Vejo a lua desaparecer e reaparecer atrás das nuvens enquanto seguimos chacoalhando. Quando alcançamos o limite da cidade, começa a nevar de novo, em flocos grandes e leves, que rodopiam diante dos faróis. Será que Tris está assistindo à neve flutuar sobre o chão e se amontoar ao lado dos aviões? Será que ela está vivendo em um mundo melhor do que o de antes, entre pessoas que não lembram mais o que é ter genes puros?

Christina inclina o corpo para a frente a fim de sussurrar ao meu ouvido.

— Então, você conseguiu? Funcionou? — pergunta ela.

Faço que sim com a cabeça. Pelo espelho retrovisor, vejo-a levando as duas mãos ao rosto e sorrindo, cobrindo a boca. Sei como ela se sente: segura. Estamos todos seguros.

— Você vacinou a sua família? — pergunto.

— Sim. Encontrei-os junto com os Leais no edifício Hancock — diz ela. — Mas a hora da reprogramação já passou. Parece que Tris e Caleb conseguiram impedi-la.

Hanna e Zeke conversam em voz baixa durante o caminho, maravilhados com o mundo estranho e escuro que atravessamos. Amah oferece as explicações básicas durante o trajeto, olhando mais para eles, no banco de trás, do que para a estrada, o que me deixa incomodado. Tento ignorar minhas ondas de pânico quando ele quase bate em postes de luz ou barreiras de estrada e me concentro na neve.

Sempre odiei o vazio que o inverno traz, a paisagem branca e a diferença gritante entre o céu e o chão, a maneira como as árvores se transformam em esqueletos e a cidade parece um terreno desolado. Talvez, neste inverno, eu consiga mudar de ideia.

Passamos pelas cercas e paramos diante das portas da frente, que não estão mais sendo vigiadas por guardas. Saltamos da van, e Zeke segura a mão da mãe para equilibrá-la enquanto ela caminha pela neve. Ao entrarmos no complexo, tenho certeza de que Caleb foi bem-sucedido, porque não há ninguém à vista. Isso só pode significar que eles foram reprogramados e que suas memórias foram alteradas para sempre.

— Cadê todo mundo? — pergunta Amah.

Atravessamos o posto de segurança abandonado, sem parar. Do outro lado, vejo Cara. A lateral do seu rosto está muito machucada, e há um curativo em sua cabeça, mas não é isso que me preocupa. O que me preocupa é a sua expressão perturbada.

— O que foi? — pergunto.

Cara balança a cabeça.

— Onde está Tris?

— Eu lamento, Tobias.

— Lamenta o quê? — diz Christina, áspera. — Conte logo o que *aconteceu*!

— Tris entrou no Laboratório de Armas no lugar de Caleb — diz Cara. — Ela sobreviveu ao soro da morte e lançou o soro da memória, mas... foi baleada. E não sobreviveu. Eu lamento.

Geralmente, consigo perceber quando as pessoas estão mentindo, e isso deve ser uma mentira, porque Tris continua viva, com seus olhos brilhantes, suas bochechas ruborizadas e seu pequeno corpo cheio de poder e força, parada sob um raio de luz no átrio. Tris ainda está viva. Ela não me deixaria sozinho. Não entraria no Laboratório de Armas no lugar de Caleb.

— Não — diz Christina, balançando a cabeça. — Não pode ser. Deve haver algum engano.

Os olhos de Cara se enchem de lágrimas.

É quando me dou conta: é claro que Tris entraria no Laboratório de Armas no lugar de Caleb.

É claro que faria isso.

Christina grita alguma coisa, mas sua voz soa abafada para mim, como se eu tivesse enfiado a cabeça dentro d'água. Também estou tendo dificuldade de enxergar os detalhes do rosto de Cara, e o mundo ao meu redor vira um borrão de cores embotadas.

Tudo o que consigo fazer é ficar parado. Sinto que, se simplesmente ficar parado, posso impedir que isso seja verdade, posso fingir que está tudo bem. Christina dobra o corpo para a frente, incapaz de sustentar a própria tristeza, e Cara a abraça. E tudo o que eu faço é ficar parado.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Tobias

QUANDO O CORPO dela atingiu a rede pela primeira vez, tudo o que vi foi um borrão cinza. Eu a puxei pela rede, e sua mão era pequena, mas morna. E então ela ficou em pé diante de mim, pequena, magra, simples e comum em todos os sentidos, exceto pelo fato de que havia pulado primeiro. A Careta havia pulado primeiro.

Nem eu pulei primeiro.

Os olhos dela eram tão firmes, tão insistentes.

Lindos.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

Tobias

MAS AQUELA NÃO foi a primeira vez que a vi. Eu a vira nos corredores da escola, no falso funeral da minha mãe e caminhando pelas calçadas do setor da Abnegação. Eu a vira, mas não a enxergara; ninguém a enxergava como ela era de fato, até que ela pulou.

Imagino que uma chama que queime com tanta intensidade não seja feita para durar.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Tobias

Vou ver o corpo dela... em algum momento. Não sei quanto tempo se passou desde que Cara me contou o que aconteceu. Christina e eu caminhamos lado a lado; seguimos logo atrás de Cara. Não me lembro do trajeto da entrada até o necrotério, apenas de algumas imagens borradas e dos poucos sons que consigo ouvir através da barreira que se formou dentro da minha cabeça.

Ela está deitada na mesa, e, por um instante, penso que está apenas dormindo e que, quando eu tocá-la, vai acordar e sorrir para mim, beijar a minha boca. Porém, quando eu a toco, ela está gelada, e seu corpo está rígido e inflexível.

Christina funga e soluça. Eu aperto a mão de Tris, esperando que, se apertá-la com força o bastante, encherei seu corpo novamente de vida, e ela vai ruborizar e acordar.

Não sei quanto tempo demora até eu me dar conta de que isso não vai acontecer, de que ela se foi. Mas, quando percebo isso, sinto que toda a força se esvai do meu corpo, e eu caio de joelhos ao lado da mesa e acho que choro, ou pelo menos quero chorar, e tudo dentro de mim clama por só mais um beijo, uma palavra, um olhar, só mais um.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

NOS DIAS SEGUINTES é o movimento, e não a imobilidade, que mantém a tristeza afastada, então caminho pelos corredores do complexo em vez de dormir. Assisto à recuperação do soro da memória que alterou a todos de maneira permanente como se estivesse a uma grande distância.

Aqueles que estão perdidos no torpor do soro da memória são divididos em grupos para aprender a verdade: que a natureza humana é complexa, que todos os nossos genes são diferentes, mas que não são nem danificados nem puros. Eles também aprendem uma mentira: que suas memórias foram apagadas por causa de um acidente e que estavam prestes a pressionar o governo pela igualdade dos GDs.

Sinto-me o tempo todo sufocado pela companhia de terceiros e depois incapacitado pela solidão quando estou sozinho. Estou morrendo de medo, mas nem sei do que, porque já perdi tudo. Minhas mãos tremem quando paro na sala de controle para assistir à cidade nos monitores. Johanna está organizando um sistema de transporte para as pessoas que querem deixar a cidade. Eles virão aqui aprender a verdade. Não sei o que acontecerá com aqueles que ficarem em Chicago e não sei se me importo.

Enfio as mãos nos bolsos e assisto aos monitores por alguns minutos, depois me afasto de novo, tentando sincronizar meus passos com meu batimento cardíaco ou evitar os espaços entre os ladrilhos. Quando passo pela entrada, vejo um pequeno grupo de pessoas reunidas perto da escultura de pedra, e uma delas está em uma cadeira de rodas: Nita.

Atravesso a barreira de segurança inútil e fico parado a certa distância, observando-os. Reggie pisa a laje de pedra e abre uma válvula na parte inferior do tanque d'água. As gotas se transformam em um rio, e logo a água

começa a jorrar do tanque, molhando toda a laje e encharcando a bainha da calça de Reggie.

— Tobias?

Estremeço de leve. É Caleb. Afasto-me da voz, procurando uma rota de fuga.

— Espere. Por favor — implora ele.

Não quero olhar para ele e acabar medindo o quanto está sofrendo ou não pela morte dela. E não quero pensar em como ela morreu por um covarde tão miserável, em como ele não valia a vida dela.

Mesmo assim, olho para ele, perguntando a mim mesmo se conseguirei ver alguma coisa dela no rosto dele, ainda a desejando, mesmo sabendo que ela se foi.

O cabelo dele está sujo e despenteado, seus olhos verdes estão vermelhos, sua boca está trêmula, formando uma careta.

Ele não se parece com ela.

— Não quero incomodar — diz ele. — Mas preciso dizer uma coisa. Uma coisa que... *ela* me pediu para dizer, antes...

— Fale logo — interrompo-o.

— Ela me disse que, se não sobrevivesse, eu deveria lhe dizer que... — Caleb engasga, depois ajeita o corpo, segurando as lágrimas. — Que ela não queria deixar você.

Eu deveria sentir alguma coisa ouvindo as últimas palavras dela para mim, não deveria? Não sinto nada. Sinto-me mais distante do que nunca.

— É mesmo? — pergunto, áspero. — Então por que ela me deixou? Por que não deixou você morrer?

— Acha que não estou me perguntando a mesma coisa? — diz Caleb. — Ela me amava. A ponto de me ameaçar com uma arma para morrer por mim. Não tenho a menor ideia de por que fez isso, mas foi o que aconteceu.

Ele se afasta antes que eu possa responder, e talvez seja melhor assim, porque não consigo pensar em nada para dizer que faça jus à minha raiva.

Pisco os olhos para afastar as lágrimas e sento-me no chão, bem no meio do saguão.

Eu sei por que Tris queria me dizer que não tinha a intenção de me deixar. Ela queria que eu soubesse que não estava repetindo o que fez no caso da sede da Erudição e que não era apenas uma mentira contada para me fazer dormir enquanto ela seguia para a morte, não era um sacrifício desnecessário. Esfrego os olhos com força, como se fosse possível empurrar as lágrimas de volta para dentro do meu crânio. *Não chore*, eu me censuro. Se eu permitir que um pouco da emoção saia, toda ela vai começar a sair e nunca vai parar.

Algum tempo depois, ouço vozes perto de mim, de Cara e Peter.

— Esta escultura era um símbolo de mudança — diz ela. — Mudança gradual, mas agora eles vão derrubá-la.

— É mesmo? — Peter soa ansioso. — Por quê?

— É... eu explicarei depois, está bem? — diz Cara. — Você se lembra do caminho até o dormitório?

— Sim.

— Então... volte para lá um pouco. Alguém estará esperando lá para ajudar você.

Cara se aproxima de mim, e faço uma careta em antecipação a sua voz. Mas tudo o que ela faz é se sentar ao meu lado no chão, as mãos dobradas sobre o colo e as costas eretas. Alerta, mas relaxada, assistindo à escultura, onde Reggie está em pé sob a água que jorra.

— Você não precisa ficar aqui — digo.

— Não tenho nenhum lugar para ir — diz ela. — E gosto deste silêncio.

Então, sentamo-nos lado a lado, encarando a água, em silêncio.

+ + +

— Aí estão vocês — diz Christina, correndo em nossa direção. Seu rosto está inchado, e sua voz, apática, como um suspiro alto. — Venham. Está na hora. Vão desligar os aparelhos dele.

Estremeço ao ouvir as palavras dela, mas me levanto mesmo assim. Hanna e Zeke têm ficado ao lado de Uriah desde que chegamos aqui, segurando sua mão enquanto seus olhos procuram por algum sinal de vida. Mas não sobrou vida alguma, apenas a máquina fazendo seu coração bater.

Cara caminha atrás de nós enquanto seguimos até o hospital. Não durmo há dias, mas não estou cansado ou pelo menos não como costumo ficar, embora meu corpo doa quando caminho. Christina e eu não conversamos, mas sei que estamos pensando o mesmo, focados em Uriah, em seus últimos suspiros.

Alcançamos a janela de observação do lado de fora do quarto de Uriah, e Evelyn está lá. Amah foi buscá-la para mim há alguns dias. Ela tenta tocar o meu ombro, e eu me afasto, porque não quero que tentem me consolar.

Dentro do quarto, Zeke e Hanna estão em pé, cada um de um lado de Uriah. Hanna segura uma das suas mãos, e Zeke segura a outra. Um médico está parado ao lado do monitor cardíaco, estendendo uma prancheta, não para Hanna ou Zeke, mas para *David*. Sentado em sua cadeira de rodas, o corpo curvado, e atordoado, como todos os outros que perderam a memória.

— O que *ele* está fazendo aqui? — Parece que todos os meus músculos, ossos e nervos estão em chamas.

— Ele ainda é tecnicamente o líder do Departamento, pelo menos até que o substituam — diz Cara atrás de mim. — Tobias, ele não se lembra de nada. O homem que você conheceu não existe mais; é como se estivesse morto. *Este* homem não se lembra de ter mata...

— Cale a boca! — grito. David assina a prancheta e vira a cadeira, empurrando-a em direção à porta. Ela se abre, e eu não consigo me conter. Lanço-me na direção ele, e apenas o físico rijo de Evelyn consegue impedir que eu aperte a sua garganta. Ele me olha de maneira estranha, depois empurra a cadeira pelo corredor enquanto tento me libertar do braço da minha mãe, que parece uma barra contra os meus ombros.

— Tobias — diz Evelyn. — Acalme-se.

— Por que ninguém o prendeu? — pergunto, e meus olhos estão embaçados demais para enxergar.

— Porque ele ainda trabalha para o governo — explica Cara. — Só porque eles declararam que tudo não passou de um infeliz acidente, não significa que demitiram todo mundo. E o governo não vai prendê-lo só porque ele matou uma rebelde em uma situação de pressão.

— Uma rebelde — repito. — É só isso que ela é agora?

— Era — diz Cara de maneira suave. — E não, é claro que não. Mas é assim que o governo a vê.

Estou prestes a responder, mas Christina me interrompe.

— Gente, eles vão desligar os aparelhos — diz ela.

No quarto de Uriah, Zeke e Hanna juntam suas mãos livres sobre o corpo de Uriah. Vejo os lábios de Hanna se movendo, mas não consigo decifrar o que ela está dizendo. Será que os membros da Audácia têm preces para aqueles que morrem? Os membros da Abnegação reagem à morte com silêncio e servidão, não com palavras. Sinto minha raiva se esvair e me perco novamente em um sofrimento embotado, desta vez, não apenas por Tris, mas também por Uriah, cujo sorriso está marcado na minha memória. O irmão do meu amigo, que depois virou meu amigo também, embora não por tempo o bastante para que eu pudesse absorver seu humor, não por tempo o bastante.

O médico aperta alguns interruptores com a prancheta junto à barriga, e as máquinas param de respirar por Uriah. Os ombros de Zeke estremecem, e Hanna aperta a sua mão com força, até que suas juntas ficam brancas.

Depois, ela fala alguma coisa, abre as mãos e se afasta do corpo de Uriah. Permitindo que ele parta.

Afasto-me da janela, primeiro andando e depois correndo, abrindo caminho pelos corredores, descuidado, cego, vazio.

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

NO DIA SEGUINTE, pego uma das caminhonetes do complexo. As pessoas ainda estão se recuperando da perda de memória, então ninguém tenta me impedir. Dirijo pelos trilhos do trem em direção à cidade, os olhos vagando sobre o horizonte, mas sem realmente absorver a vista.

Quando alcanço os campos que separam a cidade do mundo externo, piso com força o acelerador. A caminhonete esmaga a grama morta e a neve sob os pneus, e logo o chão se transforma em asfalto no setor da Abnegação, e quase não sinto a passagem do tempo. As ruas são todas iguais, mas minhas mãos e pés sabem para onde ir, mesmo que minha mente não se preocupe em guiá-los. Estaciono diante da casa perto da placa de "Pare", com a calçada de entrada rachada.

A minha casa.

Atravesso a porta da frente e subo as escadas, ainda com a sensação de abafamento nos ouvidos, como se estivesse vagando para longe do mundo. As pessoas falam sobre a dor causada pela perda, mas não sei o que querem dizer com isso. Para mim, a perda causa uma dormência devastadora, e todas as sensações parecem embotadas.

Pressiono a palma da mão contra o painel que cobre o espelho no segundo andar e o empurro para o lado. Embora a luz do sol se pondo seja alaranjada, atravessando o chão e iluminando o meu rosto de baixo, nunca pareci tão pálido; minhas olheiras nunca estiveram tão evidentes. Passei os últimos dias meio acordado, meio dormindo, sem conseguir lidar muito bem com qualquer um dos dois extremos.

Ligo a máquina de cortar cabelo na tomada perto do espelho. O pente correto já está encaixado, então tudo o que preciso fazer é passar a máquina

pelo cabelo, dobrando as orelhas para protegê-las da lâmina, virando a cabeça para conferir se deixei passar algum lugar na nuca. O cabelo raspado cai nos meus pés e ombros, irritando toda a pele em que encosta. Passo a mão pela cabeça para me certificar de que o corte está nivelado, mas não preciso realmente conferir. Aprendi a fazer isso sozinho há muitos anos.

Passo muito tempo limpando o cabelo dos meus ombros e pés, depois varrendo-o para uma pá de lixo. Quando termino, paro diante do espelho outra vez e consigo ver as pontas da minha tatuagem, a chama da Audácia.

Retiro o frasco de soro da memória do bolso. Sei que um frasco vai apagar a maior parte da minha vida, mas vai afetar as minhas lembranças, e não o conhecimento. Ainda saberei escrever, falar, montar um computador, porque esses dados estão guardados em uma parte diferente do meu cérebro. Mas não me lembrarei de mais nada.

O experimento acabou. Johanna conseguiu negociar com o governo, os superiores de David, para que permitissem que os antigos membros das facções ficassem na cidade, desde que fossem autossuficientes, se submetessem à autoridade do governo e aceitassem que pessoas de fora entrassem na cidade e se juntassem a eles, tornando Chicago apenas mais uma área metropolitana, como Milwaukee. O Departamento, que costumava controlar o experimento, agora estará encarregado de manter a ordem dentro dos limites da cidade de Chicago.

Será a única área metropolitana do país governada por pessoas que não acreditam em danos genéticos. Uma espécie de paraíso. Matthew me disse que espera que os moradores da margem entrem aos poucos na cidade, para preencher todos os seus espaços vazios, e que lá encontrem uma vida mais próspera do que aquela que deixaram para trás.

Tudo o que quero é me tornar alguém novo. Neste caso, Tobias Johnson, filho de Evelyn Johnson. Tobias Johnson pode ter levado uma vida pacata e vazia, mas pelo menos é uma pessoa inteira, e não este fragmento de pessoa que eu sou, danificado demais pela dor para ter qualquer utilidade.

— Matthew me disse que você roubou um pouco do soro da memória e uma caminhonete — diz uma voz do final do corredor. A voz de Christina. — Devo dizer que não acreditei nele.

Acho que não a ouvi entrar na casa por conta da sensação abafada em meus ouvidos. Até a voz dela parece estar submersa em água antes de chegar até mim, e demoro alguns segundos para decifrar o que disse. Quando entendo, olho para ela e digo:

— Então, por que você veio se não acreditou nele?

— Só para ter certeza — diz Christina, e começa a caminhar na minha direção. — Eu também queria ver a cidade uma última vez antes que tudo mude. Me dê este frasco, Tobias.

— Não. — Fecho os dedos ao redor do frasco para protegê-lo dela. — A decisão é minha, não sua.

Ela arregala os olhos escuros, e seu rosto fica radiante com a luz do sol. Cada fio do seu cabelo espesso e escuro brilha com uma cor alaranjada, como se estivesse em chamas.

— Essa *não é* a sua decisão — diz ela. — É a decisão de um covarde, e você pode ser muitas coisas, Quatro, mas não covarde. Você nunca foi covarde.

— Talvez eu seja agora — respondo de maneira passiva. — As coisas mudaram. Não tenho problema algum com isso.

— Tem, sim.

Sinto-me tão exausto que tudo o que consigo fazer é revirar os olhos.

— Você não pode se transformar em uma pessoa que ela odiaria — diz Christina baixinho. — E ela odiaria isso.

A raiva corre sem rumo pelo meu corpo, quente e vívida, e a sensação de abafamento em meus ouvidos desaparece, fazendo até a rua silenciosa da Abnegação parecer barulhenta. Estremeço com a força do som.

— Cale a boca! — grito. — Cale a boca! Você não sabe o que ela odiaria; você nem a conhecia, você...

— Eu sei o bastante! — responde ela com rispidez. — Sei que ela não iria querer que você a apagasse da sua memória, como se ela nem importasse para você!

Lanço-me na direção dela, prendendo o seu ombro contra a parede, e me aproximo do seu rosto.

— Nem *ouse* insinuar isso outra vez, ou eu...

— Ou você vai fazer o quê? — Christina me empurra de volta com força. — Vai me machucar? Sabe, existe um nome para homens grandes e fortes que batem em mulheres: *covardes*.

Lembro-me dos gritos do meu pai enchendo a casa e da sua mão na garganta da minha mãe, atirando-a contra as paredes e as portas. Lembro-me de assistir a tudo da porta, com a mão agarrada ao batente. Lembro-me também de ouvir soluços baixinhos através da porta do quarto dela, e de como ela a trancava para que eu não pudesse entrar.

Afasto-me de Christina e me encolho contra a parede, deixando que meu corpo desabe sobre ela.

— Desculpe-me — digo.

— Eu sei.

Ficamos parados por alguns instantes, apenas olhando um para o outro. Lembro-me de tê-la detestado na primeira vez que a vi, porque ela era da Franqueza, porque as palavras simplesmente escapavam da sua boca de forma descontrolada e descuidada. Mas, com o tempo, ela me mostrou quem de fato era: uma amiga clemente, fiel à verdade, corajosa o bastante para agir. Não há como não gostar dela agora. Não há como não ver o que Tris via nela.

— Sei como é querer esquecer tudo. Também sei como é quando alguém que você ama morre sem razão e conheço a sensação de querer trocar todas as memórias dessa pessoa por apenas um momento de paz.

Ela envolve minhas mãos nas suas, e minhas mãos envolvem o frasco.

— Não passei muito tempo com Will, mas ele mudou a minha vida. Ele *me* mudou. E sei que Tris mudou você ainda mais.

A expressão dura que Christina apresentava há um instante desaparece, e ela toca o meu ombro com delicadeza.

— Vale a pena ser a pessoa que você se tornou com ela. Se você engolir este soro, nunca mais conseguirá encontrar essa pessoa.

As lágrimas surgem outra vez, como quando vi o corpo de Tris, e, agora, a dor chega junto, quente e afiada em meu peito. Aperto o frasco em meu punho, desesperado pelo alívio que ele pode oferecer, a proteção da dor de cada memória que me arranha por dentro como um animal.

Christina coloca os braços ao redor dos meus ombros, e seu abraço apenas intensifica a dor, porque me lembra de todas as vezes que os braços finos de Tris me envolveram, hesitantes a princípio, mas depois confiantes, mais seguros dela e de mim. Ele me lembra de que nenhum abraço trará a mesma sensação novamente, porque ninguém jamais será como ela, porque ela se foi.

Ela se foi, e chorar me parece uma atitude tão inútil, tão idiota, mas é tudo o que consigo fazer. Christina me segura em pé e não diz nada durante um longo tempo.

Acabo me afastando, mas as mãos dela continuam nos meus ombros, mornas, ásperas e calejadas. Talvez, como a pele da mão, que endurece com o tempo depois da dor repetida, as pessoas também endureçam. Mas não quero me tornar um homem calejado.

Há outros tipos de pessoas neste mundo. Existe gente como Tris, que, depois de sofrer e ser traída, ainda conseguiu encontrar amor o bastante para sacrificar a própria vida e poupar a vida do irmão. Ou pessoas como Cara, que conseguiu perdoar a pessoa que atirou na cabeça do seu irmão. Ou como Christina, que perdeu amigo após amigo, mas mesmo assim decidiu continuar aberta e fazer novos amigos. Diante de mim, surge outra opção, mais clara e forte do que as que dei a mim mesmo.

Abrindo os olhos, ofereço-lhe o frasco. Ela pega o soro e guarda-o em seu bolso.

— Sei que Zeke continua estranho perto de você — diz ela, jogando o braço sobre o meu ombro. — Mas posso ser sua amiga enquanto isso. Podemos até trocar pulseiras de melhores amigos, como as meninas da Amizade costumavam fazer.

— Acho que isso não será necessário.

Descemos a escada e saímos para a rua. O sol se escondeu atrás dos edifícios de Chicago, e, a distância, ouço o trem percorrendo os trilhos, mas estamos nos afastando deste lugar e de tudo o que ele significou pra nós. E está tudo bem.

+ + +

Existem tantas maneiras de ser corajoso neste mundo. Às vezes, coragem significa abrir mão da sua vida por algo maior do que você ou por outra pessoa. Às vezes, significa abrir mão de tudo o que você conhece, ou de todos os que você jamais amou, por algo maior.

Mas, às vezes, não.

Às vezes, significa apenas encarar a sua dor e o trabalho árduo do dia a dia e caminhar devagar em direção a uma vida melhor.

Esse é o tipo de coragem que preciso ter agora.

EPÍLOGO

DOIS ANOS E MEIO DEPOIS

EVELYN ESTÁ PARADA na junção entre os dois mundos. Há marcas de pneu no chão agora, das frequentes idas e vindas de pessoas da margem, que se mudam para dentro e para fora da cidade, ou de pessoas do antigo Departamento, indo e vindo do trabalho. A mala dela está apoiada em sua perna, em um dos poços na terra. Ela levanta a mão para me cumprimentar quando me aproximo.

Beija minha bochecha ao entrar na caminhonete, e eu deixo que ela o faça. Sinto um sorriso se formando no meu rosto e permito que ele fique lá.

— Bem-vinda de volta.

O acordo que eu ofereci a ela há mais de dois anos, e que ela fechou com Johanna pouco depois, era de que deveria deixar a cidade. Agora, tanta coisa mudou em Chicago que não vejo por que Evelyn não poderia voltar, e ela também não. Embora tenham se passado dois anos, ela parece mais jovem, tem o rosto mais cheio e o sorriso mais largo. O tempo fora da cidade lhe fez bem.

— Como você está? — pergunta ela.

— Estou... bem — respondo. — Vamos espalhar as cinzas dela hoje.

Olho de relance para a urna pousada sobre o banco traseiro, como um terceiro passageiro. Durante muito tempo deixei as cinzas de Tris no necrotério do Departamento, sem saber que tipo de funeral ela gostaria de ter e se eu aguentaria passar por isso. Mas hoje seria o Dia da Escolha se ainda tivéssemos facções e está na hora de seguir em frente, mesmo que seja dando um pequeno passo.

Evelyn pousa a mão no meu ombro e olha para os campos do lado de fora. As plantações que costumavam se limitar às áreas ao redor da sede da

Amizade se espalharam e continuam a se espalhar por todo o terreno ao redor da cidade. Às vezes, sinto saudade do terreno desolado e vazio. Mas agora não me importo em dirigir por entre as fileiras e mais fileiras de milho e trigo. Vejo pessoas entre as plantas, conferindo o solo com aparelhos manuais desenvolvidos pelos antigos cientistas do Departamento. Elas vestem vermelho, azul, verde e roxo.

— Como é viver aqui sem as facções? — pergunta Evelyn.

— É muito normal — digo. Sorrio para ela. — Você vai adorar.

+ + +

Levo Evelyn para o meu apartamento, ao norte do rio. Fica em um dos andares mais baixos, mas, através das muitas janelas, consigo ver a vasta extensão de prédios. Fui um dos primeiros colonizadores da nova Chicago; portanto, pude escolher onde queria morar. Zeke, Shauna, Christina, Amah e George escolheram viver nos andares mais altos do edifício Hancock, e Caleb e Cara se mudaram de volta para os apartamentos perto do Millenium Park, mas vim para cá porque é lindo aqui e porque não fica perto de nenhuma das minhas duas antigas casas.

— Meu vizinho é um especialista em história. Ele veio da margem — digo enquanto procuro as chaves no meu bolso. — Ele chama Chicago de "quarta cidade", porque ela foi destruída por um incêndio, há muito tempo, depois pela Guerra de Pureza, e agora estamos tentando colonizar a cidade pela quarta vez.

— A quarta cidade — repete Evelyn quando abro a porta. — Gostei.

Há muito pouca mobília no apartamento. Apenas um sofá e uma mesa, algumas cadeiras, uma cozinha. A luz do sol se reflete nas janelas do edifício do outro lado do rio lamacento. Alguns dos antigos cientistas do Departamento estão tentando recuperar o rio e o lago, devolver sua antiga glória, mas isso levará tempo. A mudança, como a cura, é um processo lento.

Evelyn coloca sua mala sobre o sofá.

— Obrigada por me deixar ficar com você por um tempo. Prometo que encontrarei outro lugar em breve.

— Sem problema — digo. Sinto-me nervoso em tê-la aqui, nervoso com a possibilidade de ela xeretar meus poucos pertences e perambular pelos corredores, mas não podemos ficar distantes para sempre. Não se eu lhe prometi que tentaria diminuir essa distância entre nós.

— George disse que precisa de ajuda para treinar a força policial — diz Evelyn. — Você não se ofereceu?

— Não — digo. — Já disse que não uso mais armas.

— É verdade. Agora você usa *palavras* — fala Evelyn, fazendo uma careta. — Não confio em políticos, sabia?

— Você confiará em mim porque sou seu filho. E, de qualquer maneira, não sou um político. Pelo menos, ainda não. Sou um assistente.

Ela se senta à mesa e olha ao redor, irrequieta e alerta, como um gato.

— Você sabe onde está seu pai? — pergunta ela.

Dou de ombros.

— Alguém me disse que ele deixou a cidade. Não perguntei para onde foi.

Evelyn apoia o queixo na mão.

— Você não queria dizer nada para ele? Nada mesmo?

— Não — respondo. Giro as chaves no meu dedo. — Só queria deixá-lo no passado, onde é o lugar dele.

Há dois anos, quando fiquei diante do meu pai no parque, com a neve caindo ao redor, percebi que, assim como atacá-lo na frente dos membros da Audácia no Merciless Mart não fez com que eu me sentisse melhor a respeito da dor que ele me causou, gritar com ele ou insultá-lo também não ajudaria. Só me restava uma opção: deixar para lá.

Evelyn olha para mim de maneira estranha e analítica, depois atravessa a sala e abre a mala que deixou sobre o sofá. Ela retira um objeto feito de vidro azul. Parece água sendo derramada, mas parada no tempo.

Lembro-me de quando ela me presenteou com aquilo. Eu era novo, mas não novo demais para perceber que aquilo era um objeto proibido no setor da Abnegação, um objeto inútil e, portanto, autoindulgente. Perguntei-lhe para que servia aquilo, e ela me disse: *Isto não faz nada de óbvio. Mas pode fazer alguma coisa aqui.* Então, ela levou a mão ao coração. *Coisas lindas, às vezes, fazem isso.*

Durante anos, o objeto serviu como símbolo da minha rebeldia silenciosa, da minha pequena recusa em ser uma criança obediente e deferente da Abnegação, e serviu como símbolo da rebeldia da minha mãe também, mesmo que eu acreditasse que ela estivesse morta. Eu o escondi debaixo da cama e, no dia em que decidi deixar a Abnegação, coloquei-o sobre a minha mesa para que meu pai pudesse ver, ver a minha força e a dela.

— Quando você esteve fora, isto me lembrou de você — diz Evelyn, apertando o vidro contra a barriga. — Isto me lembrou do quanto você era corajoso e sempre foi. — Ela abre um pequeno sorriso. — Imaginei que você pudesse guardá-lo aqui. Afinal, a intenção era ser um presente para você.

Acho que não conseguiria manter a minha voz estável se tentasse falar; portanto, apenas sorrio de volta e assinto com a cabeça.

+ + +

O ar primaveril é frio, mas deixo as janelas da caminhonete abertas para poder senti-lo no meu peito, para que ele cause uma ardência nas pontas dos meus dedos, como um lembrete do inverno persistente. Paro na plataforma de trem perto do Merciless Mart e pego a urna no banco traseiro. Ela é prateada e simples, sem gravuras. Não fui eu quem a escolheu, mas Christina.

Desço a plataforma em direção ao grupo que já se formou. Christina está parada ao lado de Zeke e Shauna, que está sentada em sua cadeira de rodas, com um cobertor sobre o colo. Ela tem uma cadeira de rodas melhor agora, com pegadores atrás, mais fácil de conduzir. Matthew está parado na plataforma com as pontas dos pés para fora da beirada.

— Olá — digo, parando ao lado de Shauna.

Christina sorri para mim, e Zeke me dá um tapinha no ombro.

Uriah morreu poucos dias depois de Tris, mas Zeke e Hanna se despediram dele apenas semanas depois, espalhando suas cinzas no abismo, em meio aos gritos dos amigos e familiares. Gritamos o nome dele dentro da câmara de eco do Fosso. Apesar disso, sei que Zeke está se lembrando dele hoje, assim como todos nós, apesar deste último ato de bravura da Audácia ser dedicado a Tris.

— Tenho uma coisa para mostrar — diz Shauna, afastando o cobertor e revelando um complexo aparelho de metal em suas pernas. Ele vai até o seu quadril e dá a volta na barriga, como uma gaiola. Ela sorri para mim, e, com um som de engrenagens, seu pé se move até o chão diante da cadeira, e, desajeitada, ela se levanta.

Apesar da ocasião solene, abro um sorriso.

— Ora, vejam só — digo. — Eu tinha esquecido o quanto você é alta.

— Caleb e seus amigos cientistas desenvolveram-na para mim — diz ela. — Ainda estou me adaptando, mas eles disseram que eu talvez consiga correr algum dia.

— Ótimo. Aliás, cadê ele?

— Ele e Amah vão nos encontrar no fim da linha — diz ela. — Alguém precisa estar lá para pegar a primeira pessoa.

— Ele continua sendo um maricas — diz Zeke. — Mas estou começando a gostar dele.

— Hum — digo sem dar o braço a torcer. A verdade é que, apesar de ter feito as pazes com Caleb, ainda não consigo ficar perto dele muito tempo. Seus gestos, sua entonação, seus modos são os dela. Eles o tornam apenas um sussurro dela, e isso não é o bastante, mas também é demais para mim.

Eu falaria mais, mas o trem está vindo. Ele vem depressa na nossa direção pelos trilhos polidos, depois chia ao desacelerar e parar diante da plataforma.

Uma pessoa bota a cabeça para fora do primeiro vagão, onde ficam os controles. É Cara, com o cabelo preso em uma trança apertada.

— Entrem! — chama ela.

Shauna se senta na cadeira e a empurra pela porta. Matthew, Christina e Zeke a seguem. Entro por último, oferecendo a urna para que Shauna a segure, e fico parado na porta, agarrado à barra. O trem começa a andar novamente, acelerando a cada segundo. Ouço o chacoalhar sobre a pista e o apito sobre os trilhos, e sinto o poder dele crescer dentro de mim. O ar atinge o meu rosto e faz minha roupa grudar no corpo, e vejo a cidade se estender diante de mim, com os prédios iluminados pelo sol.

Não é mais a mesma cidade de antes, mas já me acostumei com isso há muito tempo. Todos nós encontramos novos lugares. Cara e Caleb trabalham nos laboratórios do complexo, que agora compõem um pequeno segmento do Departamento de Agricultura, cujo objetivo é tornar a agricultura mais eficiente, para poder alimentar mais pessoas. Matthew trabalha com pesquisas psiquiátricas em algum lugar da cidade. A última vez que perguntei, ele estava pesquisando algo relacionado à memória. Christina trabalha em um escritório que realoca pessoas da margem que querem se mudar para a cidade. Zeke e Amah são policiais, e George treina a força policial. Chamo essas funções de trabalhos da Audácia. E eu sou assistente de uma das nossas representantes governamentais: Johanna Reyes.

Estendo o braço e agarro a outra barra, inclinando o corpo para fora do vagão quando o trem faz uma curva, quase me pendurando sobre a rua, dois andares abaixo. Sinto uma excitação no estômago, o tipo de excitação alimentada pelo medo que os verdadeiros membros da Audácia adoram.

— Ei — chama Christina atrás de mim. — Como está sua mãe?

— Bem — respondo. — Acho que ainda vamos ver como as coisas ficam.

— Você vai descer na tirolesa?

Vejo os trilhos mergulhando diante de nós, alcançando o nível da rua.

— Vou — respondo. — Acho que Tris gostaria que eu tentasse, pelo menos uma vez.

Falar o nome dela ainda causa uma pontada de dor no meu peito, um beliscão que me faz lembrar que a memória dela ainda me é cara.

Christina observa os trilhos adiante e apoia seu ombro no meu apenas por alguns segundos.

— Acho que você tem razão — diz ela.

Minhas memórias de Tris, algumas das memórias mais poderosas que tenho, ficaram menos nítidas com o tempo, como as memórias costumam ficar, e não ardem mais, como costumavam arder. Às vezes, até gosto de revisitá-las em minha mente, mas isso é raro. Outras vezes, discuto-as com Christina, e ela ouve melhor do que eu esperava, considerando que é uma falastrona da Franqueza.

Cara para o trem, e eu salto para a plataforma. No topo da escada, Shauna se levanta da cadeira e desce os degraus, um por um, usando seu novo aparelho. Matthew e eu carregamos sua cadeira vazia, que é pesada e complicada, mas não impossível de carregar.

— Você tem notícia de Peter? — pergunto para Matthew quando alcançamos o final da escada.

Depois que Peter deixou o torpor do soro da memória, alguns dos aspectos mais ácidos e grosseiros da sua personalidade retornaram, mas não todos. Perdi contato com ele após isso. Não o odeio mais, mas isso não significa que preciso gostar dele.

— Ele está em Milwaukee — diz Matthew. — Mas não sei o que está fazendo.

— Está trabalhando em algum tipo de escritório — diz Cara da parte de baixa da escada. Ela está com a urna aninhada em seus braços, depois de retirá-la do colo de Shauna quando saltamos do trem. — Acho que faz bem para ele.

— Sempre imaginei que ele se juntaria aos rebeldes GDs na margem — comenta Zeke. — Não sei de nada mesmo.

— Ele está diferente agora — diz Cara, dando de ombros.

Ainda existem rebeldes na margem que acreditam que só conseguirão o que querem por meio de outra guerra. Concordo mais com o lado que acredita em trabalhar para conseguir mudanças sem violência. Já vivi violência o bastante para uma vida inteira e ainda a carrego comigo, não em cicatrizes na minha pele, mas nas lembranças que surgem na minha mente quando menos desejo, como as do punho do meu pai atingindo o meu queixo, minha arma erguida para executar Eric, os corpos dos membros da Abnegação espalhados pelas ruas do meu antigo bairro.

Caminhamos pelas ruas em direção à tirolesa. As facções deixaram de existir, mas há mais antigos membros da Audácia morando nesta parte da cidade do que em qualquer outra, e ainda é possível reconhecê-los por seus rostos cobertos de *piercings* e suas peles tatuadas, embora não mais pelas cores das suas roupas, que às vezes são muito espalhafatosas. Alguns caminham pela calçada ao nosso lado, mas a maioria está no trabalho. Todos em Chicago são obrigados a trabalhar, desde que sejam capazes de fazê-lo.

Mais adiante, vejo o edifício Hancock, erguendo-se em direção ao céu, a base mais larga que o topo. As vigas pretas seguem umas às outras até o telhado, entrecruzando-se, apertando-se e alargando-se. Faz tempo que não chego tão perto do prédio.

Entramos no saguão, com seu chão brilhante e polido e suas paredes cheias de pichações da Audácia, deixadas ali pelos moradores do prédio como um tipo de relíquia. Este é um lugar da Audácia, porque foram seus antigos membros que o adotaram, por sua altura e, eu suspeito, por ser solitário. Os membros da Audácia gostavam de preencher espaços vazios com barulho. Isso é algo que eu gostava neles.

Zeke crava o dedo no botão do elevador. Nós nos espremememos lá dentro, e Cara aperta o número noventa e nove.

Fecho os olhos quando o elevador dispara para cima. Quase consigo ver o espaço se abrindo sob meus pés, um poço de escuridão e apenas trinta centímetros de chão sólido entre eu e o mergulho, a queda, o despencar. O

elevador estremece ao parar, e me seguro na parede para manter o equilíbrio quando a porta abre.

Zeke encosta no meu ombro.

— Não se preocupe, cara. Fazíamos isso o tempo todo, lembra?

Assinto com a cabeça. Uma corrente de ar entra pelo buraco no teto, e, sobre a minha cabeça, vejo o céu, azul-claro. Sigo os outros devagar até a escada, atordoado demais para fazer meus pés se moverem mais rápido.

Encontro a escada com as pontas dos dedos e me concentro em um degrau por vez. Acima de mim, Shauna sobe a escada de maneira desajeitada, usando mais a força dos braços.

Certa vez, enquanto Tori tatuava os símbolos nas minhas costas, perguntei se ela achava que éramos as últimas pessoas no mundo. *Talvez*, foi tudo o que ela disse. Acho que ela não gostava de pensar sobre o assunto. Mas, daqui de cima, do telhado do prédio, é possível acreditar que somos as últimas pessoas em qualquer lugar.

Olho para os prédios diante do pântano, e meu peito se espreme, se aperta como se estivesse prestes a implodir.

Zeke atravessa o telhado correndo até a tirolesa e prende um dos arneses no cabo de aço. Ele o trava para que não deslize para baixo e olha para o grupo com um ar de expectativa.

— Christina — diz ele. — É com você.

Christina para perto do arnês, tamborilando o queixo com o dedo.

— O que você acha? Olhando para cima ou de costas?

— De costas — diz Matthew. — Quero ir olhando para cima a fim de não urinar nas calças, e não quero que você me imite.

— Descer olhando para cima só aumentará as chances de que isso aconteça, sabia? — diz Christina. — Então, faça isso de uma vez para que eu possa começar a chamar você de Mijão.

Christina entra no arnês com os pés primeiro, de barriga para baixo, para ver o prédio diminuir enquanto desce. Sinto um calafrio.

Não consigo assistir. Fecho os olhos enquanto Christina se afasta cada vez mais, depois faço o mesmo na vez de Matthew e na de Shauna. Consigo ouvir seus gritos de felicidade, como cantos de pássaros no vento.

— É a sua vez, Quatro — anuncia Zeke.

Balanço a cabeça.

— Vamos lá — diz Cara. — É melhor acabar logo com isso, não é?

— Não — digo. — Vá você. Por favor.

Ela me oferece a urna, depois respira fundo. Seguro a urna contra a barriga. O metal está morno, depois de ser tocado por tantas pessoas. Cara entra no arnês, insegura, e Zeke aperta as presilhas. Ela cruza os braços sobre o peito, e ele a empurra para fora, sobre a Lake Shore Drive, sobre a cidade. Não ouço um pio dela, nem mesmo um arquejo.

Então, só sobram eu e Zeke, olhando um para o outro.

— Acho que não vou conseguir — digo, e, embora a minha voz esteja estável, meu corpo está tremendo.

— É claro que vai. Você é *Quatro*, uma lenda da Audácia! Você consegue enfrentar qualquer coisa.

Cruzo os braços e me aproximo devagar da beirada do telhado. Apesar de estar a metros de distância, sinto o meu corpo desabar da beirada e balanço a cabeça de novo, de novo e de novo.

— Ei. — Zeke apoia a mão no meu ombro. — Lembre-se de que isto não tem a ver com você. Tem a ver com ela. A questão é fazer algo que ela gostaria de fazer e que ela se orgulharia se você fizesse. Certo?

É isso. Não há como evitar. Não posso dar para trás agora. Não quando ainda me lembro do sorriso dela ao escalar a roda gigante comigo ou do seu queixo contraído ao encarar medo após medo nas simulações.

— Como ela desceu?

— De cabeça — diz Zeke.

— Está bem. — Eu entrego a urna a ele. — Prenda isto nas minhas costas, está bem? E abra a tampa.

Entro no arnês com as mãos tremendo tanto que mal consigo segurar as laterais. Zeke aperta as tiras nas minhas costas e nas minhas pernas, depois prende a urna atrás de mim com a abertura para fora para que as cinzas se espalhem. Olho para baixo, vendo a Lake Shore Drive, engolindo bile, e começo a deslizar.

De repente, quero voltar atrás, mas já é tarde, já estou mergulhando em direção ao chão. Estou gritando tão alto que quero cobrir meus próprios ouvidos. Sinto o grito vivendo dentro de mim, enchendo o meu peito, a minha garganta, a minha cabeça.

O vento faz meus olhos arderem, mas eu os forço a ficarem abertos, e, em meio ao meu pânico cego, entendo por que ela escolheu descer assim, de cabeça. É porque assim sentia que estava voando como um pássaro.

Consigo sentir o vazio sob mim, e ele se parece com o vazio dentro de mim, como uma boca aberta, prestes a me engolir.

Percebo, então, que não estou mais me movendo. As últimas cinzas flutuam ao vento, como flocos de neve, depois desaparecem.

O chão está a poucos metros de distância, perto o bastante para eu pular. Os outros se reuniram em um círculo, com os braços ligados para formar uma rede de ossos e músculos para me pegar. Aperto o rosto contra o arnês e solto uma risada.

Jogo a urna vazia para eles, depois dobro o braço até as minhas costas para soltar as tiras que estão me prendendo. Desabo nos braços dos meus amigos como uma pedra. Eles me pegam, e seus ossos afundam em minhas costas e pernas, depois me colocam no chão.

Há um silêncio desagradável enquanto encaro o edifício Hancock, maravilhado, e ninguém sabe o que dizer. Caleb sorri para mim com cautela.

Christina pisca, afastando as lágrimas dos olhos, depois diz:

— Vejam! Zeke está descendo.

Zeke está voando em nossa direção, preso a um arnês preto. A princípio, ele parece um ponto, depois uma mancha, depois uma pessoa envolvida pelo

preto. Ele canta de alegria ao desacelerar e parar, e estico o braço para agarrar o antebraço de Amah. Do outro lado, agarro o braço pálido de Cara. Ela sorri para mim, e há certa tristeza no seu sorriso.

O ombro de Zeke atinge os nossos braços com força. Ele abre um sorriso selvagem e deixa que o aninhemos como uma criança.

— Isso foi legal. Quer ir de novo, Quatro? — oferece ele.

Nem hesito em responder:

— De jeito nenhum.

+ + +

Caminhamos de volta para o trem em um grupo espalhado. Shauna anda de muletas, e Zeke empurra sua cadeira de rodas enquanto conversa amenidades com Amah. Matthew, Cara e Caleb caminham juntos, conversando sobre algo que os deixa muito entusiasmados, já que têm interesses parecidos. Christina se aproxima de mim e coloca a mão no meu ombro.

— Feliz Dia da Escolha — diz ela. — Vou perguntar como você realmente está. E você vai me dar uma resposta honesta.

Conversamos assim, às vezes, dando ordens um para o outro. De alguma forma, ela se tornou uma das minhas melhores amigas, apesar de vivermos discutindo.

— Estou bem. É difícil. Sempre será difícil.

— Eu sei — diz ela.

Caminhamos atrás do grupo, passando por edifícios ainda abandonados, com suas janelas escuras, pela ponte que atravessa o rio-pântano.

— É, a vida às vezes é mesmo um saco — diz ela. — Mas sabe o que estou esperando?

Ergo as sobrancelhas.

Ela também ergue as dela, imitando-me.

— Os momentos que não são um saco — diz ela. — O truque é perceber quando eles aparecem.

Depois, ela sorri, e eu sorrio de volta. E subimos a escada até a plataforma de trem, lado a lado.

+ + +

Desde que eu era criança, sempre soube disto: a vida nos danifica, a todos nós. Não há como escapar desse dano.

Mas agora também estou aprendendo isto: podemos ser consertados. Consertamos uns aos outros.

AGRADECIMENTOS

PARA MIM, A página de agradecimentos é um espaço onde posso dizer, da maneira mais sincera possível, que não prospero, na vida ou nos livros, apenas pela minha força e capacidade. Esta série pode ter apenas uma autora, mas esta autora não teria conseguido fazer quase nada sem as seguintes pessoas. Portanto, com isso em mente: obrigada, Deus, por me dar as pessoas que me consertam.

Obrigada: ao meu marido, por não apenas me amar de forma extraordinária, mas também por algumas sessões difíceis de *brainstorming*, por ler *todos* os esboços deste livro e por lidar com a Autora/Esposa Neurótica com uma paciência incrível.

A Joanna Volpe, por cuidar de tudo LIKE A BOSS, como as pessoas costumam dizer, com honestidade e gentileza. A Katherine Tegen, pelos excelentes conselhos e por continuamente me mostrar a doçura compassiva por trás da editora durona. (Juro que não vou contar para ninguém. Ops, acabei de contar.) A Molly O'Neill, por todo o seu tempo e trabalho e pelo olhar que selecionou *Divergente* em meio a uma pilha de manuscritos que eu imagino que devia ser gigantesca. A Casey McIntyre, por uma sagacidade publicitária e tanto e por me mostrar uma bondade estarrecedora (e alguns passos de dança).

Obrigada a Joel Tippie, assim como a Amy Ryan e Barb Fitzsimmons, por tornar estes livros tão lindos TODAS. AS. VEZES. Aos incríveis Brenna Franzitta, Josh Weiss, Mark Rifkin, Valerie Shea, Christine Cox e Joan Giurdanella, por cuidarem tão bem das minhas palavras. A Lauren Flower, Alison Lisnow, Sandee Roston, Diane Naughton, Colleen O'Connell, Aubry Parks-Fried, Margot Wood, Patty Rosati, Molly Thomas, Megan Sugrue, Onalee Smith e Brett Rachlin, por todos os esforços de marketing e publicidade, que são

muitos para listar. A Andrea Pappenheimer, Kerry Moynagh, Kathy Faber, Liz Frew, Heather Doss, Jenny Sheridan, Fran Olson, Deb Murphy, Jessica Abel, Samantha Hagerbaumer, Andrea Rosen e David Wolfson, especialistas em vendas, por seu entusiasmo e apoio. A Jean McGinley, Alpha Wong e Sheala Howley, por levarem minhas palavras para tantas prateleiras ao redor do mundo. Aliás, a todos os meus editores estrangeiros, por acreditarem nestas histórias. A Shayna Ramos e Ruiko Tokunaga, magos da produção; a Caitlin Garing, Beth Ives, Karen Dziekonski e Sean McManus, que fazem audiolivros fantásticos; e a Randy Rosema e Pam Moore, do departamento financeiro, por todo o seu trabalho árduo e talento. A Kate Jackson, Susan Katz e Brian Murray, por guiarem esse navio da Harper tão bem. Tenho uma editora entusiástica e solidária em todos os níveis, e isso significa muito para mim.

A Pouya Shahbazian, por encontrar uma casa tão boa para o filme *Divergente* e por todo o seu trabalho árduo, sua paciência, sua amizade e seus terríveis trotes com insetos. A Danielle Barthel, por sua mente organizada e paciente. A todo o restante da equipe da New Leaf Literary, por serem pessoas maravilhosas e que fazem um trabalho igualmente maravilhoso. A Steve Younger, por sempre cuidar de mim na minha vida e no meu trabalho. A todos os envolvidos nas "coisas do filme", especialmente Neil Burger, Doug Wick, Lucy Fisher, Gillian Bohrer, and Erik Feig, por lidarem com meu trabalho com tanto cuidado e respeito.

Obrigada a mamãe, Frank, Ingrid, Karl, Frank Jr., Candice, McCall, Beth, Roger, Tyler, Trevor, Darby, Rachel, Billie, Fred, Granny, os Johnson (tanto os da Romênia quanto os de Missouri), os Krauss, os Paquette, os Fitch, e os Rydze, por todo o seu amor. (Eu nunca colocaria a minha facção acima de vocês. Nunca.)

A todos os membros do passado, do presente e do futuro da YA Highway e da Write Night, por serem companheiros de escrita tão atenciosos e compreensivos. A todos os autores mais experientes que me incluíram e ajudaram durante os últimos anos. A todos os escritores que entraram em

contato comigo através do Twitter ou por e-mail, por sua camaradagem. Escrever pode ser um trabalho solitário, mas não para mim, porque tenho vocês. Gostaria de poder listar todos. A Mary Katherine Howell, Alice Kovacik, Carly Maletich, Danielle Bristow, e a todos os meus amigos não escritores, por me ajudarem a manter a cabeça no lugar.

Obrigada a todos os *fansites* de Divergente, pelo entusiasmo muito maneiro na internet (e no mundo real).

Aos meus leitores, por lerem, pensarem, reclamarem, *twittarem*, conversarem, emprestarem e, acima de tudo, por me ensinarem tantas lições valiosas sobre a escrita e a vida.

Todas as pessoas listadas acima fizeram desta série o que ela é, e conhecer todos vocês mudou a minha vida. Tenho muita sorte.

Vou falar uma última vez: sejam corajosos.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

NA PRIMAVERA DE 2012, cinquenta blogs ajudaram a espalhar seu amor pela série Divergente, apoiando o lançamento de *Insurgente* em uma campanha on-line baseada em facções. Cada participante foi essencial para o sucesso desta série. Obrigada a:

ABNEGAÇÃO: Amanda Bell (líder da facção), Katie Bartow, Heidi Bennett, Katie Butler, Asma Faizal, Hafsah Faizal, Ana Grilo, Kathy Habel, Thea James, Julie Jones e H.D. Tolson.

AMIZADE: Meg Caristi, Kassiah Faul e Sherry Atwell (líderes da facção), Kristin Aragon, Emily Ellsworth, Cindy Hand, Melissa Helmers, Abigail J., Sarah Pitre, Lisa Reeves, Stephanie Su e Amanda Welling.

FRANQUEZA: Kristi Diehm (líder da facção), Jaime Arnold, Harmony Beaufort, Damaris Cardinali, Kris Chen, Sara Gundell, Bailey Hewlett, John Jacobson, Hannah McBride e Aeicha Matteson.

AUDÁCIA: Alison Genet (líder da facção), Lena Ainsworth, Stacey Canova e Amber Clark, April Conant, Lindsay Cummings, Jessica Estep, Ashley Gonzales, Anna Heinemann, Tram Hoang, Nancy Sanchez e Yara Santos.

ERUDIÇÃO: Pam van Hylckama Vlieg (líder da facção), James Booth, Mary Brebner, Andrea Chapman, Amy Green, Jen Hamflett, Brittany Howard, O'Dell Hutchison, Benji Kenworthy, Lyndsey Lore, Jennifer McCoy, Lisa Parkin e Lisa Roecker.

Título Original
ALLEGIANT

Copyright © 2013 *by* Veronica Roth

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com a HarperCollins Children's Books, uma divisão da HarperCollins Publishers

Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos Leitores

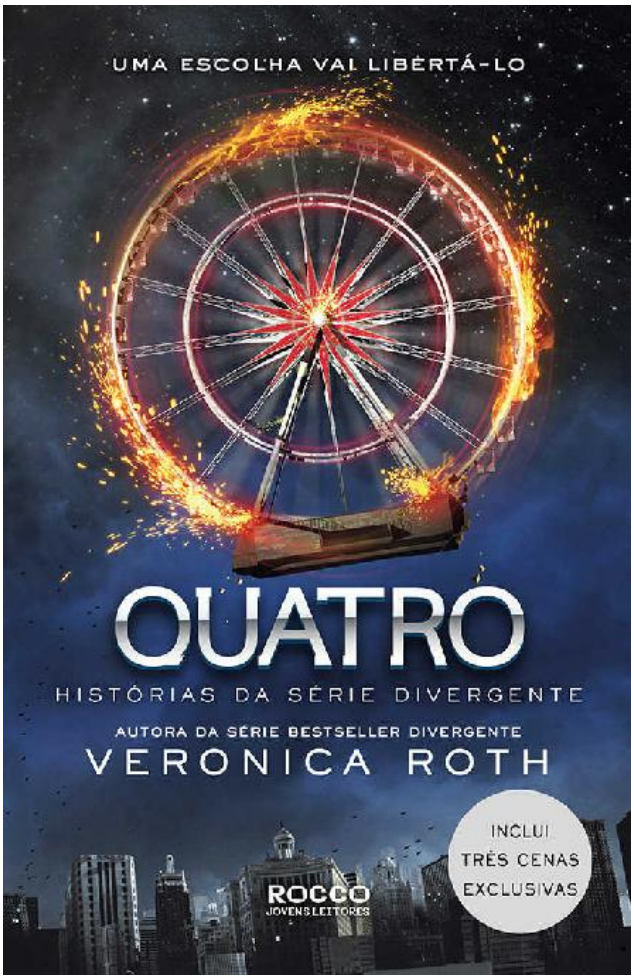
Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
FLORA PINHEIRO

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
MARIANA CALIL


UMA ESCOLHA VAI LIBERTÁ-LO
QUATRO
HISTÓRIAS DA SÉRIE DIVERGENTE
AUTORA DA SÉRIE BESTSELLER DIVERGENTE
VERONICA ROTH
INCLUI
TRÊS CENAS
EXCLUSIVAS
ROCCO
JOVENS LEITORES


QUATRO
HISTÓRIAS DA SÉRIE DIVERGENTE
VERONICA ROTH
TRADUÇÃO
Lucas Peterson
ROCCO
JOVENS LEITORES

Para os meus leitores, que são inteligentes e corajosos.

INTRODUÇÃO

COMECEI A ESCREVER *Divergente* na perspectiva de Tobias Eaton, um jovem da Abnegação que vivia sob extrema tensão com o pai e ansiava por se libertar de sua facção. Na página trinta, cheguei a um impasse, porque o narrador não funcionava muito bem para a história que eu queria contar. Quatro anos depois, quando retomei a narrativa, encontrei a personagem certa para conduzi-la: uma garota da Abnegação que ansiava por saber do que era capaz. Mas Tobias nunca desapareceu. Ele entrou na história como Quatro, o instrutor, amigo, namorado e par de Tris. Nunca perdi o interesse em explorá-lo enquanto personagem, porque ele ganhava vida para mim sempre que aparecia nas páginas. Na minha opinião, ele é poderoso principalmente pela maneira como continua a superar as adversidades, conseguindo até, em várias ocasiões, utilizá-las a seu favor.

As três primeiras histórias desta coleção, "A transferência", "A iniciação" e "O filho", passam-se antes de ele conhecer Tris, narrando a sua transferência da Abnegação para a Audácia durante seu processo de fortalecimento. Na última história, "O traidor", que coincide cronologicamente com a metade de *Divergente*, ele encontra Tris. Eu queria muito incluir o momento em que eles se conhecem, porém, infelizmente, isso não se encaixava no fluxo da narrativa. Em vez disso, a história desse momento foi incluída no final deste livro.

A série *Divergente* acompanha Tris a partir do momento em que ela assumiu o controle da própria vida e de sua identidade; nestes contos, poderemos seguir Quatro à medida que ele também passa por esse processo. E o resto, como dizem, é história.

— *Veronica Roth*


A TRANSFERÊNCIA

ACORDO DA SIMULAÇÃO com um grito. Meu lábio arde, e, quando afasto a mão dele, há sangue nas pontas dos meus dedos. Devo tê-lo mordido durante o teste.

A mulher da Audácia que está administrando o meu teste de aptidão — Tori, como disse se chamar — olha para mim com uma expressão estranha ao prender o cabelo preto em um coque. Seus braços são marcados de cima a baixo com tatuagens: chamas, raios de luz e asas de gavião.

— Enquanto estava na simulação... você tinha consciência de que não era real? — pergunta Tori ao desligar a máquina. Ela soa e age de forma natural, mas sua naturalidade é calculada, resultado de anos de prática. Percebo isso de imediato. Eu sempre percebo.

De repente, ouço o meu próprio batimento cardíaco. Isso é o que meu pai disse que aconteceria. Ele sabia que me perguntariam se eu estava consciente durante a simulação. E me preparou para o que eu deveria responder.

— Não — falo. — Se eu estivesse, acha que teria mordido o lábio deste jeito?

Tori me estuda por alguns segundos, depois morde a argola em seu lábio antes de responder:

— Parabéns. Você apresentou um resultado típico da Abnegação.

Faço que sim com a cabeça, mas a palavra "Abnegação" é como uma corda ao redor do meu pescoço.

— Não ficou satisfeito? — pergunta ela.

— Os membros da minha facção ficarão.

— Não perguntei sobre eles, perguntei sobre você. — Os cantos da boca e dos olhos de Tori desabam, como se carregassem pesos. Como se ela estivesse triste por algum motivo. — Esta sala é segura. Você pode falar o que quiser aqui.

Eu sabia quais seriam as minhas opções no teste de aptidão antes mesmo de chegar à escola hoje de manhã. Escolhi a comida, e não a arma. Joguei-me na frente do cachorro para salvar a menininha. Eu sabia que depois de fazer

essas escolhas o teste terminaria e o resultado seria Abnegação. E não sei se faria escolhas diferentes se meu pai não tivesse me preparado e controlado todos os aspectos do meu teste de aptidão a distância. Então, o que eu estava esperando? Qual facção queria?

Qualquer uma. Qualquer uma, menos a Abnegação.

— Estou satisfeito — respondo com firmeza. Não importa o que ela diz. Esta sala não é segura. Não existem salas seguras, assim como não existem verdades seguras ou segredos que possam ser contados com segurança.

Ainda consigo sentir os dentes do cachorro se fechando no meu braço, rasgando a minha pele. Assinto para Tori e começo a caminhar em direção à porta, mas, antes que eu saia, ela agarra o meu cotovelo.

— É você quem precisará conviver com a sua escolha — diz ela. — Os outros vão superar, seguir em frente, não importa a sua decisão. Mas você nunca conseguirá fazer isso.

Abro a porta e saio da sala.

+ + +

Volto para o refeitório e me sento à mesa da Abnegação, entre pessoas que mal me conhecem. Meu pai não permite que eu frequente a maioria dos eventos da comunidade. Ele alega que eu causaria algum transtorno, faria algo para prejudicar a sua imagem. Eu não ligo. Fico mais feliz em meu quarto, na casa silenciosa, do que entre os membros deferentes e obsequiosos da Abnegação.

No entanto, a consequência da minha ausência constante é que os outros membros da Abnegação desconfiam de mim, convencidos de que há algo de errado comigo, de que sou um enfermo, um imoral, um estranho. Mesmo quem está disposto a me cumprimentar com um aceno de cabeça não encara diretamente os meus olhos.

Sento-me abraçando os joelhos e observo as outras mesas enquanto os alunos terminam seus testes de aptidão. A mesa da Erudição está coberta de

papéis, mas nem todos estudam. Eles estão apenas se exibindo, trocando conversas, e não ideias, voltando os olhos de novo para as palavras sempre que desconfiam que alguém está olhando. Os membros da Franqueza falam alto, como sempre. Os integrantes da Amizade riem, gargalham, tiram comida dos bolsos e distribuem entre si. Os membros da Audácia são barulhentos, largam-se sobre as mesas e cadeiras, apoiam-se nos amigos, cutucam e implicam uns com os outros.

Eu preferiria qualquer outra facção. Qualquer outra facção que não fosse a minha, em que todos já decidiram que não sou digno de atenção.

Finalmente, uma mulher da Erudição entra no refeitório e levanta a mão, pedindo silêncio. Os membros da Abnegação e da Erudição se calam na mesma hora, mas ela precisa gritar para chamar a atenção dos integrantes da Audácia, Amizade e Franqueza.

— Os testes de aptidão estão concluídos — anuncia ela. — Lembrem-se de que vocês não têm permissão de discutir seus resultados com *ninguém*, nem mesmo seus amigos e familiares. A Cerimônia de Escolha será amanhã à noite no Eixo. Tentem chegar com pelo menos dez minutos de antecedência. Vocês estão liberados.

Todos correm em direção às portas, menos as pessoas da nossa mesa, que, antes de se levantarem, esperam os outros deixarem o refeitório. Conheço o caminho que meus companheiros da Abnegação seguirão para ir embora, passando pelo corredor e saindo pelas portas da frente, até o ponto de ônibus. Eles talvez fiquem mais de uma hora lá, permitindo que as outras pessoas embarquem na frente. Acho que não consigo mais suportar esse silêncio.

Em vez de segui-los, escapo por uma porta lateral, saindo em um beco ao lado da escola. Já fiz esse caminho antes, mas costumo me esgueirar devagar por ele, tentando evitar ser visto ou ouvido. Hoje, quero apenas sair correndo.

Corro até o final do beco e pego a rua vazia, saltando um buraco na calçada. Meu casaco largo da Abnegação balança com o vento, e eu o deixo escorregar por meus ombros até que ele fique sacudindo atrás de mim, como uma bandeira, e então o solto. Puxo as mangas da camisa até os cotovelos enquanto corro, desacelerando um pouco quando meu corpo já não suporta manter a velocidade. Parece que a cidade inteira está passando por mim, formando um borrão que mistura todos os prédios. Ouço o ruído de meus passos como se fosse um som distante.

Afinal preciso parar, com os músculos ardendo. Estou no páramo dos sem-facção, entre o setor da Abnegação e as sedes da Erudição e da Franqueza, e das nossas áreas comuns. Em todas as reuniões de facção, nossos líderes, geralmente representados pelo meu pai, afirmam que não devemos temer os sem-facção e que devemos tratá-los como seres humanos, não como criaturas violadas e perdidas. Mas nunca me ocorreu temê-los.

Caminho até a calçada para poder olhar pelas janelas dos prédios. Em geral, vejo apenas móveis antigos em cada cômodo vazio, com lixo espalhado pelo chão. Quando a maioria dos habitantes da cidade foi embora (o que certamente aconteceu, já que a nossa população atual não ocupa todos os edifícios), ela não deve ter saído com pressa, porque os lugares onde moravam estão muito vazios. Não sobrou nada de interessante.

No entanto, quando passo por um dos edifícios de esquina, vejo algo no interior. O cômodo do outro lado da janela está tão vazio quanto qualquer um dos outros pelos quais passei, mas, do outro lado de uma porta, lá dentro, vejo uma única brasa, um carvão aceso.

Franzo a testa e paro diante da janela para tentar abri-la. A princípio, ela nem se move, mas depois que a sacudo ela se abre de repente. Passo o torso primeiro, depois as pernas, desabando sem jeito lá dentro. Meus cotovelos ardem ao rasparem no chão.

O edifício cheira a comida, fumaça e suor. Caminho devagar em direção à brasa, atento a vozes que revelem a presença dos sem-facção, mas ouço

apenas o silêncio.

No cômodo seguinte, as janelas estão enegrecidas por tinta e sujeira, mas deixam atravessar um pouco da luz do dia, permitindo que eu veja catres enrolados espalhados por todo o chão do cômodo e latas velhas com restos de comida seca presos no interior. No centro dele, há uma pequena grelha sobre brasas. A maioria dos pedaços de carvão está branca, já consumida, mas um deles ainda está aceso, sugerindo que quem esteve ali não foi embora há muito tempo. E, a julgar pelo cheiro e pela quantidade de latas e cobertores, havia um bocado de gente ali.

Sempre me ensinaram que os sem-facção não vivem em comunidade, ficando isolados uns dos outros. Agora, vendo este lugar, pergunto-me como pude acreditar nisso. O que os impediria de formar grupos, assim como nós fizemos? É a nossa natureza.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta uma voz, que me atravessa como um choque elétrico. Eu me viro e vejo um homem sujo e de rosto amarelado no cômodo ao lado, limpando as mãos em uma toalha esfarrapada.

— Eu estava apenas... — Olho para a grelha. — Eu vi fogo. Só isso.

— Ah. — O homem enfia a ponta da toalha no bolso traseiro. Ele veste calças pretas da Franqueza remendadas com tecido azul da Erudição e uma camisa cinza da Abnegação exatamente igual à que estou vestindo. É bastante esguio, mas parece forte. Forte o bastante para me machucar, mas acho que ele não vai fazer isso.

— Obrigado, eu acho — diz ele. — Mas não há incêndio algum aqui.

— É, eu percebi — falo. — Que lugar é este?

— É a minha casa — responde o homem com um sorriso frio. Ele não tem um dos dentes. — Não sabia que receberia visita, então não me preocupei em arrumá-la.

Desvio o olhar para as latas espalhadas pelo chão.

— Você deve se revirar muito, para precisar de tantos cobertores.

— Nunca conheci um Careta que se intrometesse tanto na vida dos outros. — Ele se aproxima de mim e franze a testa. — Você me parece um pouco familiar.

Sei que é impossível eu tê-lo visto antes. Não onde moro, cercado por casas idênticas, no bairro mais monótono da cidade, rodeado de pessoas com roupas cinzentas idênticas e cabelos curtos idênticos. E então me ocorre: embora meu pai se esforce para me manter escondido, ele continua sendo o líder do conselho, um dos homens mais importantes da cidade, e eu continuo parecido com ele.

— Perdão por tê-lo incomodado — digo, na minha melhor voz de membro da Abnegação. — Já vou indo.

— Sim, eu conheço você — diz o homem. — Você é filho de Evelyn Eaton, não é?

Meu corpo enrijece quando ouço o nome dela. Há anos não o ouço, porque meu pai não o pronuncia e finge nem o reconhecer se alguém o menciona. Ser conectado a ela outra vez, mesmo que apenas pela semelhança física, parece estranho, como vestir uma antiga peça de roupa que não cabe mais.

— Você a conhecia? — Ele devia conhecê-la bem se consegue reconhecê-la em meu rosto, que é mais pálido do que o dela, e com olhos azuis, não castanho-escuros. A maioria das pessoas não prestou atenção o suficiente para perceber todas as características que tínhamos em comum: nossos dedos longos, nossos narizes aquilinos, nossas sobrancelhas retas e franzidas.

Ele hesita por um instante.

— Às vezes ela se voluntariava com outros membros da Abnegação. Distribuindo comida, cobertores e roupas. Ela tinha um rosto marcante. Além disso, era casada com um líder de conselho. Todos não a conheciam?

Às vezes, sei que as pessoas estão mentindo apenas pela maneira como sinto as palavras me pressionando, de forma desconfortável e forte, como

uma pessoa da Erudição se sente ao ver um erro gramatical. Não sei como ele conhecia a minha mãe, mas certamente não era apenas porque ela lhe entregou uma lata de sopa alguma vez. Mas estou tão ansioso para ouvir mais a respeito dela que não insisto no assunto.

— Ela morreu, sabia? — digo. — Há anos.

— Não, eu não sabia. — Um dos cantos da boca dele se curva um pouco para baixo. — Sinto muito.

Sinto-me estranho neste lugar úmido, que cheira a corpos vivos e a fumaça, em meio a latas vazias que sugerem pobreza e o fracasso em se encaixar. Mas também há algo atraente aqui, certa liberdade ou uma recusa de pertencer às categorias arbitrárias que inventamos para nós mesmos.

— Sua Escolha deve ser amanhã, já que você parece tão preocupado — observa o homem. — Que facção você tirou?

— Não devo contar para as outras pessoas — respondo automaticamente.

— Não sou outra pessoa — diz ele. — Sou ninguém. É isso que significa ser um sem-facção.

Mesmo assim, não digo nada. A proibição de revelar o resultado do meu teste de aptidão ou qualquer um dos meus outros segredos é construída rigidamente no molde que me faz e refaz todos os dias. É impossível mudar isso agora.

— Ah, um seguidor de regras — comenta ele, como se estivesse desapontado. — Sua mãe me disse certa vez que ela sentia que a inércia a havia levado para a Abnegação. Foi o caminho de menor resistência. — Ele dá de ombros. — Confie em mim quando digo, garoto Eaton, que vale a pena resistir.

Sinto uma onda de raiva. Ele não deveria falar sobre a minha mãe como se ela pertencesse a ele e não a mim, e não deveria estar me fazendo questionar tudo o que lembro a respeito dela só porque ela talvez tenha servido, ou não, comida para ele algum dia. Ele não deveria estar me contando nada. Ele não é ninguém, é um sem-facção, um apartado, não é nada.

— É mesmo? Olha só para onde a resistência levou você. Para uma vida de latas vazias em edifícios decadentes. Não me parece tão bom assim.

Começo a caminhar em direção à porta pela qual o homem entrou. Sei que encontrarei uma saída para o beco em algum lugar ao lado do edifício; não me importa onde, desde que eu consiga ir embora o mais rápido possível.

Escolho um trajeto, tomando cuidado para não pisar em nenhum cobertor. Quando chego ao corredor, o homem diz:

— Prefiro comer de uma lata a ser oprimido por uma facção.

Não olho para trás.

+ + +

Ao chegar a casa, sento-me no degrau de entrada e respiro fundo o ar frio da primavera por alguns minutos.

Foi a minha mãe quem me ensinou a aproveitar momentos como este, momentos de liberdade, embora ela não soubesse disso. Eu a via escapar pela porta da frente depois de escurecer enquanto meu pai dormia, depois voltar escondida para casa, quando a luz do sol começava a surgir atrás dos prédios. Ela também aproveitava esses momentos quando estava conosco, diante da pia, de olhos fechados, tão distante do presente que nem me ouvia falar com ela.

Mas também aprendi outra coisa observando-a: os momentos livres sempre precisam acabar.

Levanto-me, limpo pedaços de cimento das minhas calças de cor cinza e abro a porta. Meu pai está sentado na poltrona da sala de estar, cercado por uma papelada. Ajeito a postura para não ser repreendido por andar curvado. Caminho em direção à escada. Talvez ele me deixe ir para o meu quarto, talvez não preste atenção em mim.

— Conte-me sobre seu teste de aptidão — pede ele, apontando para o sofá.

Atravesso a sala, saltando cuidadosamente uma pilha de papéis sobre o carpete, e me sento onde ele apontou, bem na ponta do sofá, para poder me

levantar depressa.

— E então? — Ele tira os óculos e olha para mim, esperando uma resposta. Ouço certa tensão em sua voz, típica de um dia difícil no trabalho. É melhor eu tomar cuidado. — Qual foi o resultado?

A possibilidade de me recusar a responder nem passa pela minha cabeça.

— Abnegação.

— Nada mais?

Franzo a testa.

— Não, é claro que não.

— Não olhe para mim assim — diz ele, e minha testa franzida volta ao normal. — Não aconteceu nada de estranho em seu teste?

Durante o meu teste, eu sabia onde estava. Sabia que, apesar de parecer que eu me encontrava no refeitório da escola secundária, na verdade continuava prostrado sobre uma cadeira na sala do teste de aptidão, conectado a uma máquina por uma série de fios. Aquilo foi estranho. Mas não quero falar sobre isso agora, quando consigo ver o estresse crescendo dentro dele, como uma tempestade.

— Não — respondo.

— Não minta para mim — ordena ele, agarrando o meu braço e apertando os dedos como um torno. Não olho para meu pai.

— Não estou mentindo — digo. — Meu resultado foi Abnegação, como esperado. A mulher quase nem olhou para mim quando deixei a sala. Eu juro.

Ele me solta. Meu braço lateja onde ele me agarrou.

— Ótimo — diz ele. — Você certamente precisa pensar um pouco. É melhor ir para o seu quarto.

— Sim, senhor.

Levanto-me e atravesso a sala outra vez, aliviado.

— Ah! — exclama ele. — Alguns dos meus colegas do conselho virão aqui hoje, então é melhor você jantar mais cedo.

— Sim, senhor.

+ + +

Antes do pôr do sol, pego comida dos armários e da geladeira: dois pães e cenouras cruas, ainda com as folhas, um pedaço de queijo, uma maçã e restos de frango sem tempero. Tudo tem o mesmo gosto, de poeira e pasta. Mantenho os olhos na porta para não esbarrar em nenhum colega do meu pai. Ele não ia gostar se eu ainda estivesse no andar de baixo quando eles chegassem.

Estou terminando um copo de água quando o primeiro membro do conselho alcança a porta da frente, então passo correndo pela sala de estar antes que meu pai chegasse à porta. Ele me espera passar pelo balaústre, com a mão na maçaneta e as sobrancelhas erguidas na minha direção. Aponta para o segundo andar, e eu subo os degraus apressadamente enquanto ele abre a porta.

— Olá, Marcus. — Reconheço a voz de Andrew Prior. É um dos amigos de trabalho mais próximos do meu pai, o que não significa nada, porque ninguém conhece meu pai *de verdade*. Nem eu.

Do alto da escada, olho para Andrew. Ele limpa os sapatos no capacho. Às vezes, vejo-o com sua família, uma unidade perfeita da Abnegação, Natalie e Andrew, e o filho e a filha (que não são gêmeos, mas estão no mesmo ano da escola, dois antes do meu), todos caminhando serenamente pela calçada, cumprimentando as pessoas por quem passam com um aceno de cabeça. Natalie organiza todas as ações voluntárias entre os membros da Abnegação. Minha mãe provavelmente a conhecia, embora raramente frequentasse eventos sociais da Abnegação, preferindo guardar seus segredos como guardo os meus: dentro de casa.

Os olhos de Andrew encontram os meus, e eu corro pelo corredor até o meu quarto, fechando a porta atrás de mim.

Para todos os efeitos, meu quarto é tão esparso e limpo quanto qualquer outro da Abnegação. Os lençóis e cobertores cinzentos estão bem presos ao

colchão fino, e meus livros escolares foram empilhados ordenadamente, em uma torre perfeita, em cima da mesa de madeira compensada. Uma pequena cômoda com várias roupas idênticas fica ao lado de uma estreita janela, que permite a entrada mínima de luz solar à tarde. Pela janela, consigo ver a casa ao lado, idêntica à minha, mas quatro metros e meio para a direita.

Sei como a inércia levou minha mãe à Abnegação, se é que aquele homem falou a verdade sobre ela. Também consigo ver isso acontecendo comigo amanhã, quando estiver diante dos recipientes de elementos das facções, com uma faca nas mãos. Existem quatro facções que não conheço e nas quais não confio, com práticas que não compreendo, e apenas uma que é familiar, previsível, compreensível. Escolher a Abnegação pode não me levar a uma vida de grande felicidade, mas pelo menos vai me dar uma situação confortável.

Sento-me na beirada da cama. *Não, não vai*, penso, depois engulo o pensamento, porque sei de onde ele vem: a parte infantil dentro de mim que teme o homem reinando sobre a sala de estar. O homem cujos punhos conheço melhor do que os abraços.

Verifico se a porta está bem fechada e prendo a cadeira sob a maçaneta, só para ter certeza. Depois, agacho-me ao lado da cama e enfio a mão debaixo dela, para pegar o baú que guardo ali.

Minha mãe me deu o baú quando eu era criança e disse ao meu pai que serviria para guardar cobertores e que o tinha encontrado em um beco qualquer. Mas, ao colocá-lo no meu quarto, ela não o encheu de cobertores. Ela fechou a porta e posicionou o dedo sobre a boca, pousando o baú na cama para abri-lo.

Dentro dele havia uma escultura azul. Parecia água se derramando, mas era de vidro, completamente transparente, polida, perfeita.

— O que isso faz? — perguntei a ela.

— Nada de óbvio — respondeu minha mãe e depois sorriu, mas seu sorriso foi tenso, como se ela temesse algo. — Mas pode fazer alguma coisa aqui. — Ela

tocou o próprio peito, bem acima do esterno. — Coisas lindas, às vezes, fazem isso.

Desde então, tenho enchido o baú com objetos que outras pessoas considerariam inúteis: óculos velhos sem lentes, fragmentos de placas-mãe descartadas, velas de automóveis, fios desencapados, o gargalo quebrado de uma garrafa verde, uma navalha enferrujada. Não sei se minha mãe, ou até mesmo eu, consideraria esses objetos lindos, mas cada um deles teve sobre mim o mesmo efeito da escultura. Eram coisas secretas, ou valiosas, talvez simplesmente por serem tão ignoradas.

Em vez de pensar sobre o resultado do meu teste de aptidão, seguro, um a um, os objetos e os giro nas mãos para memorizar cada detalhe deles.

+ + +

Acordo assustado ao ouvir os passos de Marcus no corredor do lado de fora do meu quarto. Estou deitado na cama, com os objetos espalhados ao meu redor, sobre o colchão. Os passos desaceleram à medida que ele se aproxima da minha porta, e eu pego as velas de automóvel, as peças de placa-mãe e os fios, jogo tudo dentro do baú e o tranco, guardando a chave no bolso. Percebo no último segundo, quando a maçaneta começa a girar, que a escultura continua fora do baú, então a enfio debaixo do travesseiro e empurro o baú para debaixo da cama.

Salto até a cadeira e a retiro de debaixo da maçaneta para que meu pai consiga entrar.

Ao entrar, ele olha para a cadeira na minha mão, desconfiado.

— O que isso estava fazendo aí? — pergunta ele. — Você está tentando me impedir de entrar?

— Não, senhor.

— É a segunda vez que você mente para mim hoje — diz Marcus. — Não criei o meu filho para ser um mentiroso.

— Eu... — Não consigo pensar em absolutamente nada para dizer; então apenas me calo e ponho a cadeira diante da mesa, onde é o seu lugar, bem atrás da pilha perfeita de livros escolares.

— O que você estava fazendo aqui dentro que não queria que eu visse?

Agarro o braço da cadeira com força e encaro os meus livros.

— Nada — respondo num sussurro.

— É a terceira mentira — diz ele em um tom baixo, mas duro como pedra. Ele se aproxima de mim, e eu me afasto instintivamente. Porém, em vez de tentar me segurar, ele se abaixa e puxa o baú de debaixo da cama, depois tenta abrir a tampa. Ela não se move.

O medo rasga a minha barriga como uma navalha. Belisco a bainha da camisa, mas não consigo sentir as pontas dos meus dedos.

— Sua mãe disse que isto servia para guardar cobertores — diz ele. — Que você sentia frio à noite. Mas eu sempre quis saber... se ainda há cobertores aqui dentro, por que você o mantém trancado?

Ele estende a mão com a palma para cima e ergue as sobrancelhas ao olhar para mim. Sei o que ele quer: a chave. E preciso entregá-la, porque ele sabe quando estou mentindo; ele sabe tudo sobre mim. Agora, não consigo sentir as palmas das minhas mãos, e a respiração está começando: a respiração acelerada com que sempre fico quando sei que ele está prestes a explodir.

Fecho os olhos enquanto ele abre o baú.

— O que é isto? — Ele move as mãos descuidadamente sobre os objetos valiosos, espalhando-os para todos os lados. Ele os retira do baú, um a um, e os joga na minha direção. — Para que você precisa *disto*, ou *disto*...?

Estremeço, objeto após objeto, e não tenho resposta. Não preciso deles. Não preciso de nenhum deles.

— Isto *fede* a um capricho! — grita ele, depois empurra o baú da beirada da cama, fazendo o conteúdo se espalhar pelo chão. — Isto envenena a nossa casa com egoísmo!

Também não consigo sentir meu rosto.

As mãos dele atingem meu peito. Tropeço para trás e bato na cômoda. Depois, ele levanta a mão, preparando-se para me bater, e eu digo, com a garganta apertada de medo:

— A Cerimônia de Escolha, pai!

Ele para com a mão erguida, e eu tremo de medo, me encolhendo contra a cômoda com a visão embaçada demais para enxergar. Ele geralmente tenta não deixar marcas no meu rosto, em especial antes de dias como o de amanhã, quando tantas pessoas voltarão seus olhos para mim, observando-me fazer a escolha.

Ele baixa a mão, e, por um instante, penso que a violência acabou, que a ira foi contida. Mas, então, ele diz:

— Está bem. Espere aqui.

Eu me apoio na cômoda. Sei muito bem que ele não vai simplesmente embora, não vai pensar no que aconteceu e depois voltar para pedir desculpas. Ele nunca faz isso.

Ele voltará com um cinto, e as listras que ele entalha nas minhas costas serão facilmente escondidas por uma camisa e uma expressão obediente da Abnegação.

Eu me viro, com o tremor tomando conta do meu corpo. Agarro-me ao canto da cômoda e espero.

+ + +

À noite, durmo de bruços, com a dor mordendo cada um dos meus pensamentos e todos os meus bens quebrados no chão ao redor. Depois de me espancar até eu ser obrigado a enfiar o punho na boca para abafar os gritos, ele pisoteou cada um dos objetos até quebrá-los ou amassá-los, tornando-os irreconhecíveis, depois lançou o baú contra a parede, soltando a tampa das dobradiças.

O pensamento surge de repente: *Se você escolher a Abnegação, nunca conseguirá escapar dele.*

Enfio a cara no travesseiro.

Mas não sou forte o bastante para resistir à inércia da Abnegação, ao medo que me impulsiona pelo caminho que meu pai traçou para mim.

+ + +

Na manhã seguinte tomo um banho frio, não para conservar recursos, como manda a Abnegação, mas porque isso diminui a dor nas minhas costas. Visto as roupas largas e simples da Abnegação bem devagar e paro diante do espelho do corredor para cortar o cabelo.

— Deixe-me ajudar — diz meu pai do final do corredor. — Afinal, é o seu Dia de Escolha.

Pouso a máquina de raspar cabelo sobre o canto formado pelo painel deslizante e tento ajeitar a postura. Ele para atrás de mim, e desvio os olhos quando a máquina começa a zunir. Há apenas um nivelador para a lâmina, apenas um comprimento de cabelo aceitável para os homens da Abnegação. Contraio o rosto enquanto os dedos dele estabilizam a minha cabeça e espero que ele não perceba, não veja como um simples toque seu já me aterroriza.

— Você sabe o que esperar — diz ele.

Ele cobre o topo da minha orelha com a mão enquanto arrasta a máquina pela lateral da minha cabeça. Hoje, tenta proteger a minha orelha de ser cortada pela máquina, mas ontem estava me surrando com um cinto. O pensamento parece veneno atravessando o meu corpo. É quase engraçado. Tenho vontade de rir.

— Você ficará parado no seu lugar; quando seu nome for chamado, irá para a frente e pegará sua faca. Depois, você se cortará e pingará uma gota de sangue no recipiente certo.

Nossos olhos se encontram no espelho, e sua boca quase forma um sorriso. Ele toca o meu ombro, e percebo que agora temos quase a mesma altura e quase o mesmo tamanho, embora eu ainda me sinta bem menor.

Depois, ele diz gentilmente:

— A dor do corte passa rápido. E, então, sua escolha terá sido feita, e tudo estará acabado.

Será que ele se lembra do que aconteceu ontem, ou será que já guardou o evento em um compartimento separado da mente, mantendo sua metade monstro separada de sua metade pai? Eu, no entanto, não tenho esses compartimentos e consigo ver todas as suas identidades sobrepostas, como camadas: o monstro, o pai, o homem, o líder de conselho e o viúvo.

De repente, meu coração dispara, meu rosto esquenta e quase não consigo me segurar.

— Não se preocupe com a dor que vou sentir. Tenho muita experiência.

Durante um segundo, seus olhos no espelho são como adagas, e a raiva que me fortalece se esvai, substituída pelo medo habitual. Mas tudo o que ele faz é desligar a máquina, pousá-la sobre o canto do painel e descer a escada, deixando para mim a tarefa de varrer o cabelo cortado do chão, limpar os fios dos meus ombros e pescoço, e guardar a máquina na gaveta do banheiro.

Depois, volto para o meu quarto e encaro os objetos quebrados no chão. Cuidadosamente, reúno-os em uma pilha e os jogo na lixeira ao lado da minha mesa, peça por peça.

Fazendo uma careta de dor, eu me levanto. Minhas pernas estão trêmulas.

Neste momento, encarando a vida vazia que construí para mim mesmo aqui e os restos destruídos dos meus poucos pertences, eu penso: *preciso ir embora*.

É um pensamento potente. Sinto a sua força dentro de mim, como um sino tocando, então penso novamente. *Preciso ir embora*.

Caminho até a cama e enfio a mão sob o travesseiro, onde a escultura da minha mãe continua segura, azul e brilhante com a luz da manhã. Coloco-a sobre a mesa, ao lado da pilha de livros, e deixo o quarto, fechando a porta ao sair.

No andar de baixo, estou nervoso demais para comer, mas enfio uma fatia de torrada na boca mesmo assim, para que meu pai não me faça perguntas. Eu

não deveria me preocupar. Agora, ele está fingindo que não existo, fingindo que eu não faço uma careta de dor sempre que preciso me abaixar para pegar algo.

Preciso ir embora. Isso virou um cântico, um mantra, a única coisa à qual ainda consigo me agarrar.

Ele acaba de ler as notícias que a Erudição publica todas as manhãs, eu termino de lavar a louça que sujei, e deixamos a casa juntos sem trocarmos uma única palavra. Caminhamos pela calçada, ele cumprimenta nossos vizinhos com um sorriso, e tudo está sempre em perfeita ordem para Marcus Eaton, exceto pelo seu filho. Exceto por mim; eu não estou em ordem, mas em constante caos.

Mas hoje isso é bom.

Entramos no ônibus e paramos no corredor para permitir que as pessoas se sentem ao nosso redor, em um retrato perfeito da deferência da Abnegação. Assisto aos outros passageiros embarcando, garotos e garotas falastrões da Franqueza, membros da Erudição, com seus semblantes estudiosos. Vejo os outros membros da Abnegação se levantando para ceder o assento. Hoje, todos estão indo para o mesmo lugar: o Eixo, um pilar preto a distância, com suas duas pontas apunhalando o céu.

Quando chegamos, meu pai apoia a mão no meu ombro conforme caminhamos até a entrada, lançando choques de dor pelo meu corpo.

Preciso ir embora.

É um pensamento desesperado, e a dor só o estimula mais a cada passo que dou enquanto subo as escadas até o andar da Cerimônia de Escolha. Tenho dificuldade em respirar, mas não devido às minhas pernas que ardem; é por causa do meu coração fraco, que se fortalece a cada segundo. Ao meu lado, Marcus enxuga gotas de suor da testa, e todos os outros membros da Abnegação fecham suas bocas para não ofegarem e parecerem estar reclamando.

Levanto os olhos e vejo os degraus diante de mim. Sou incendiado por esse pensamento, essa necessidade, essa chance de escapar.

Chegamos ao andar certo, e todos param para recobrar o fôlego antes de entrar. A sala é mal-iluminada, as janelas estão fechadas, as cadeiras ordenadas ao redor de um círculo de recipientes de vidro, água, pedras, carvão e terra. Encontro o meu lugar na fileira, entre uma garota da Abnegação e um garoto da Amizade. Marcus para na minha frente.

— Você sabe o que deve fazer — diz ele, e parece estar falando mais consigo mesmo do que comigo. — Você sabe qual é a escolha certa. Eu sei que você sabe.

Apenas encaro um ponto abaixo dos seus olhos.

— Nos vemos em breve — diz ele.

Meu pai caminha em direção ao setor da Abnegação e se senta na primeira fileira com alguns dos outros líderes do conselho. As pessoas aos poucos enchem o salão, os que vão fazer a escolha ficam de pé em um canto, e os que estão assistindo à cerimônia se sentam em cadeiras no centro. As portas são fechadas, e há um momento de silêncio enquanto o representante do conselho da Audácia caminha até o pódio. Seu nome é Max. Ele agarra o canto do pódio, e consigo ver, até mesmo daqui, que seus punhos estão feridos.

Será que eles aprendem a lutar na Audácia? Certamente, sim.

— Sejam bem-vindos à Cerimônia de Escolha — diz Max, e sua voz grave preenche facilmente o salão. Ele não precisa do microfone; sua voz é alta e potente o bastante para penetrar meu crânio e envolver meu cérebro. — Hoje, vocês vão escolher as suas facções. Até este momento, vocês seguiram os caminhos dos seus pais, as regras dos seus pais. Hoje, encontrarão seus próprios caminhos, criarão suas próprias regras.

Quase consigo ver meu pai contrair os lábios em desdém ao ouvir um discurso tão típico da Audácia. Conheço os hábitos dele tão bem que quase o imito, embora não compartilhe o sentimento. Não tenho nenhuma opinião em relação à Audácia.

— Há muito tempo, nossos ancestrais perceberam que cada um de nós, cada indivíduo, era responsável pelo mal que existe no mundo. Mas eles não concordaram sobre o que exatamente era esse mal — diz Max. — Alguns diziam que era a duplicidade...

Penso nas mentiras que já contei, ano após ano, sobre determinada ferida ou corte, e nas minhas omissões quando escondi meus segredos de Marcus.

— Alguns diziam que era a ignorância, outros, a agressividade...

Penso na paz dos pomares da Amizade e na liberdade que encontraria lá, longe da violência e da crueldade.

— Alguns diziam que a causa era o egoísmo.

Isto é para o seu próprio bem, foi o que Marcus disse antes do primeiro golpe. Como se me bater fosse um ato de sacrifício. Como se doesse nele também. Bem, *ele* não estava mancando pela cozinha hoje de manhã.

— E o último grupo disse que a culpa era da covardia.

Alguns membros da Audácia gritam e assobiam, e o restante dos integrantes da facção cai na gargalhada. Penso no medo que me engoliu ontem, até eu não conseguir sentir mais nada, até eu não conseguir mais respirar. Penso nos anos em que fiquei esmagado no chão, sob os pés do meu pai.

— Foi assim que criamos as nossas facções: Franqueza, Erudição, Amizade, Abnegação e Audácia. — Max abre um sorriso. — Nelas, encontramos administradores, professores, conselheiros, líderes e protetores. Nelas, encontramos nosso senso de pertencimento, nosso senso de comunidade, nossas próprias vidas. — Ele limpa a garganta. — Mas chega disso. Vamos direto ao ponto. Venham para a frente e peguem as suas facas, depois façam a escolha. O primeiro é Zellner, Gregory.

Faz sentido que a dor me siga da minha vida antiga até a minha vida nova, através da faca cortando a palma da minha mão. Apesar disso, mesmo hoje de manhã, eu não sabia qual facção escolheria como refúgio. Gregory Zellner

posiciona sua mão sangrenta sobre o recipiente com a terra, escolhendo a Amizade.

A Amizade parece a escolha óbvia para um refúgio, com sua vida pacífica, seus pomares cheirosos e sua comunidade sorridente. Lá eu encontraria o tipo de aceitação que busquei a vida inteira, e talvez, com o tempo, a facção pudesse me ensinar a me sentir mais seguro e confortável a respeito de quem sou.

Mas, ao olhar para as pessoas sentadas naquela seção, com suas roupas vermelhas e amarelas, vejo apenas pessoas inteiras e curadas, capazes de incentivar umas às outras, de apoiar umas às outras. Eles são perfeitos demais, bondosos demais, para que alguém como eu seja levado aos seus braços por raiva e medo.

A cerimônia está andando rápido demais.

— Rogers, Helena.

Ela escolhe a Franqueza.

Sei o que acontece durante a iniciação da Franqueza. Ouvi alguém cochichar sobre isso na escola uma vez. Lá, eu seria obrigado a expor todos os meus segredos, desencavá-los com as minhas próprias unhas. Eu teria que me esfolar vivo para me juntar à Franqueza. Não, não posso fazer isso.

— Lovelace, Frederick.

Frederick Lovelace, todo vestido de azul, corta a palma da sua mão e pinga o seu sangue na água da Erudição, deixando-a de um tom rosado. Consigo aprender rápido o suficiente para a Erudição, mas também me conheço bem o bastante para compreender que sou volátil e emocional demais para um lugar como aquele. A facção me sufocaria, e o que quero é ser livre, e não ser enfiado em outra prisão.

Não demora muito para o nome da menina da Abnegação ao meu lado ser chamado.

— Erasmus, Anne.

Anne, outra que nunca encontrou mais do que algumas poucas palavras para dirigir a mim, tropeça para a frente e desce o corredor até o pódio de Max. Ela aceita a faca com as mãos trêmulas, corta a palma de uma delas e a estende sobre o recipiente da Abnegação. Para ela, é fácil. Ela não tem motivo para fugir, apenas uma comunidade receptiva e bondosa para a qual voltar. Além disso, há anos ninguém da Abnegação se transfere. É a facção mais leal, segundo as estatísticas da Cerimônia de Escolha.

— Eaton, Tobias.

Não estou nervoso ao descer o corredor até os recipientes, embora ainda não tenha feito a minha escolha. Max me entrega a faca, e envolvo o seu cabo com os meus dedos. O cabo é liso e frio, e a lâmina está limpa. Uma faca nova para cada pessoa, e uma nova escolha.

Ao caminhar até o centro da sala, até ficar diante dos recipientes, passo por Tori, a mulher que administrou o meu teste de aptidão. *É você quem precisará conviver com a sua escolha*, disse ela. O cabelo dela está preso, e consigo ver uma tatuagem em sua clavícula, quase no pescoço. Seus olhos encontram os meus com uma intensidade peculiar, e eu a encaro de volta, impávido, ao me posicionar entre os recipientes.

Com qual opção conseguirei viver? Não com a Erudição ou a Franqueza. Nem com a Abnegação, o lugar de onde estou tentando escapar. Nem mesmo com a Amizade, para a qual estou danificado demais.

Na verdade, quero que a minha escolha seja uma faca atravessando o coração do meu pai, apunhalando-o, causando o máximo de dor, vergonha e decepção possível.

Apenas uma escolha tem esse poder.

Olho para ele, vejo-o assentir com a cabeça e abro um corte fundo na palma da minha mão, tão fundo que meus olhos lacrimejam de dor. Afasto as lágrimas, piscando, e fecho a mão em um punho, para permitir que o sangue se acumule. Os olhos dele são iguais aos meus, de um azul tão profundo que, nesta luz, parecem quase pretos, como fossos em seu crânio. Minhas costas

latejam e doem, a camisa de colarinho arranha a minha pele ferida, a pele que ele marcou com o cinto.

Abro a mão sobre os carvões. Parece que eles queimam o meu estômago, enchendo-me até a borda com fogo e fumaça.

Eu estou livre.

+ + +

Não ouço a comemoração dos membros da Audácia; tudo o que ouço é um zumbido.

Minha facção é como uma criatura de muitos braços estendendo-se na minha direção. Caminho até eles e nem me dou o trabalho de olhar para trás para ver a expressão do meu pai. Recebo tapinhas nos braços, parabenizando-me pela escolha, e sigo até a parte de trás do grupo, com o sangue escorrendo pelos dedos.

Paro entre os outros iniciandos, ao lado de um garoto da Erudição de cabelo preto, que com um único olhar me avalia e logo me ignora. Não devo parecer grande coisa, vestindo o cinza da Abnegação, alto e magricelo, depois do estirão de crescimento do último ano. O corte na minha mão está quase jorrando, e o sangue pinga no chão e escorre pelo meu pulso. Enfiei a faca fundo demais.

Enquanto as últimas pessoas escolhem, seguro a bainha da minha camisa larga da Abnegação entre os dedos e a rasgo. Arranco uma tira de tecido da frente da camisa e envolvo-a na minha mão para estancar o sangramento. Não precisarei mais destas roupas.

Os membros da Audácia sentados à nossa frente se levantam assim que a última pessoa escolhe e correm em direção às portas, carregando-me junto. Viro-me logo antes de atravessar a porta, sem conseguir me conter, e vejo meu pai, ainda sentado na primeira fileira, com alguns outros membros da Abnegação ao redor. Ele parece atordoado.

Abro um pequeno sorriso. Eu consegui. *Consegui* botar aquela expressão na cara dele. Não sou a criança perfeita da Abnegação, fadada a ser engolida por inteiro pelo sistema e dissolvida em meio à obscuridade. Não, sou a primeira pessoa a se transferir da Abnegação para a Audácia em mais de uma década.

Viro e começo a correr para alcançar os outros, porque não quero ficar para trás. Antes de deixar o salão, desabotoo a camisa de manga comprida rasgada e deixo-a cair no chão. A camiseta cinza que uso por baixo também é grande demais para mim, mas é mais escura e se mistura melhor com as roupas pretas da Audácia.

Eles descem as escadas de maneira barulhenta, abrindo as portas aos encontrões, rindo e gritando. Sinto as minhas costas, ombros, pulmões e pernas queimando e, de repente, já não tenho mais certeza de ter feito a escolha certa, de ter escolhido as pessoas certas a quem me juntar. Eles são tão barulhentos e selvagens. Será que conseguirei mesmo criar um lugar para mim entre eles? Não sei.

Acho que não tenho escolha.

Abro caminho, procurando os outros iniciandos, mas eles parecem ter desaparecido. Vou até a lateral do grupo, tentando ver para onde estamos indo, e avisto os trilhos de trem suspensos sobre a rua à nossa frente, em uma grade entrelaçada de madeira e metal. Os membros da Audácia sobem a escada e se espalham pela plataforma. Ao pé da escada há tanta gente que não consigo passar, mas sei que se eu não subir a escada logo posso perder o trem; então decido abrir caminho à força. Preciso cerrar os dentes para me segurar e não pedir desculpas enquanto acotovelo pessoas para que saiam da minha frente, e a multidão me empurra escada acima.

— Você até que corre bem — diz Tori ao se aproximar de mim na plataforma. — Para um garoto da Abnegação, pelo menos.

— Obrigado.

— Você sabe o que acontece agora, não sabe? — Ela vira e aponta para a luz distante, na frente do trem que se aproxima. — O trem não vai parar. Ele vai apenas desacelerar um pouco. E, se você não conseguir embarcar, já era para você. Você se tornará um sem-facção. É bem fácil ser expulso.

Assinto com a cabeça. O fato de a prova de iniciação ter começado no segundo em que deixamos a Cerimônia de Escolha não me surpreende. E a Audácia esperar que eu prove do que sou capaz também não me surpreende. Assisto ao trem se aproximando. Já consigo ouvi-lo apitar sobre os trilhos.

Ela sorri para mim.

— Você vai se sair muito bem aqui, não é mesmo?

— Por que diz isso?

Ela dá de ombros.

— Você me parece alguém que está disposto a lutar, só isso.

O trem se aproxima ruidosamente de nós, e os membros da Audácia começam a saltar para dentro. Tori corre em direção à beirada da plataforma, e eu a sigo, imitando a sua postura e os seus movimentos enquanto ela se prepara para saltar. Ela agarra a barra na beirada da porta e se lança para dentro, então faço o mesmo, a princípio com dificuldade, mas depois consigo içar o corpo e entrar.

Mas não estou preparado para a curva do trem e tropeço, batendo com o rosto na parede de metal. Seguro o meu nariz dolorido.

— Quanta elegância! — observa um garoto da Audácia dentro do trem. Ele é mais jovem do que Tori, tem a pele escura e um sorriso simpático.

— Requinte é coisa dos metidos da Erudição — comenta Tori. — Ele conseguiu entrar no trem, Amah, e é isso o que importa.

— Mas ele deveria estar no outro vagão. Com os outros iniciandos — diz Amah. Ele me encara, porém não da mesma maneira que o garoto transferido da Erudição fez há alguns minutos. Parece mais curioso do que qualquer outra coisa, como se eu fosse algo estranho que ele precisa examinar com

cuidado para entender. — Se ele é seu amigo, acho que não tem problema. Qual é o seu nome, Careta?

Meu nome está na ponta da língua assim que ele faz a pergunta, e estou prestes a responder como sempre fiz, dizendo que sou Tobias Eaton. Isso deveria ser natural, mas, naquele momento, não consigo dizer meu nome em voz alta, não aqui, entre as pessoas que esperava que fossem meus novos amigos, minha nova família. Não posso, não *serei* mais o filho de Marcus Eaton.

— Você pode me chamar de 'Careta'. Não estou nem aí — digo, experimentando o tipo de gracejo ácido da Audácia, que até hoje só ouvi nos corredores e nas salas de aula da escola. O vento invade o vagão à medida que o trem acelera, e o som é *alto*, rugindo nos meus ouvidos.

Tori olha para mim de forma estranha, e, por um segundo, temo que ela revele o meu nome a Amah. Com certeza ela ainda se lembra dele, por conta do teste de aptidão. Mas ela apenas assente de leve, e, aliviado, volto-me para a porta aberta, ainda segurando a barra lateral.

Nunca me ocorreu que eu poderia um dia me recusar a revelar a alguém meu nome, ou que eu poderia fornecer um nome falso, construir uma identidade nova para mim mesmo. Aqui, sou livre. Livre para responder rispidamente às pessoas, para me recusar a fazer algo que elas pedirem e até mesmo mentir.

Vejo a rua entre as vigas de madeira que sustentam os trilhos do trem, apenas um andar abaixo de nós. Mais adiante, os velhos trilhos dão lugar a trilhos mais novos, e a plataforma fica mais alta, passando ao lado dos telhados dos prédios. A subida é gradual, eu nem a perceberia se não estivesse encarando o chão enquanto nos afastamos cada vez mais dele e nos aproximamos do céu.

O medo enfraquece minhas pernas, então me afasto da porta e me agacho junto a uma parede, à espera do nosso destino.

+ + +

Ainda estou na mesma posição, agachado junto à parede, com a cabeça apoiada nas mãos, quando Amah me cutuca com o pé.

— Levante-se, Careta — diz ele, mas não com rispidez. — Está quase na hora de saltar.

— Saltar? — pergunto.

— É. — Ele abre um sorriso debochado. — Este trem não para pra ninguém.

Levanto-me com dificuldade. O pano que enrolei na minha mão está encharcado e vermelho. Tori vem logo atrás de mim e me empurra em direção à porta.

— Deixem que o iniciando salte primeiro.

— O que você está fazendo? — pergunto, olhando-a feio.

— Estou lhe fazendo um favor! — responde ela, empurrando-me outra vez em direção à porta.

Os outros membros da Audácia abrem caminho para mim, todos sorrindo como se eu fosse uma presa. Arrasto os pés até a beirada, agarrando a barra com tanta força que meus dedos começam a ficar dormentes. Vejo o local para onde devo saltar. Mais adiante, os trilhos ficam bem próximos do telhado de um prédio antes de fazerem uma curva. Daqui o vão parece pequeno, mas, à medida que o trem se aproxima do telhado, ele fica cada vez mais largo, e a minha morte iminente parece cada vez mais provável.

Todo o meu corpo treme enquanto os membros da Audácia nos vagões à nossa frente começam a saltar. Nenhum deles erra o salto, mas isso não significa que não serei o primeiro. Solto os dedos da barra, encaro o telhado e dou o máximo de impulso que consigo.

O impacto atravessa o meu corpo, e desabo para a frente, com as mãos e os joelhos no chão, e os cascalhos do telhado perfuram a ferida na palma da minha mão. Olho para meus dedos. É como se o tempo avançasse, e meu salto simplesmente tivesse desaparecido de minha visão e da memória.

— Droga — diz alguém atrás de mim. — Eu esperava que a gente pudesse varrer da calçada uma panqueca de Careta mais tarde.

Encaro o chão e me sento sobre os calcanhares. O telhado está inclinando e balançando sob mim. Não sabia que era possível ficar tonto de medo.

Mas sei que, pelo menos, acabo de passar em dois testes da iniciação: embarquei num trem em movimento e consegui saltar para o telhado. A questão agora é: como será que o pessoal da Audácia *desce* do telhado?

Pouco depois, Amah sobe na mureta, e eu tenho a minha resposta: eles vão nos obrigar a saltar.

Fecho os olhos e finjo que não estou ali, ajoelhado sobre estes cascalhos, com estas pessoas loucas e tatuadas ao redor de mim. Vim aqui para escapar, mas isto não é uma fuga, apenas uma forma diferente de tortura, e já é tarde demais para me livrar disto. Minha única opção, portanto, é sobreviver.

— Sejam bem-vindos à Audácia! — grita Amah. — Aqui, suas únicas opções são encarar os seus medos e tentar não morrer no processo, ou ir embora como covardes. Como era de se esperar, este ano tivemos o menor número de transferidos de facção.

Os membros da Audácia ao redor de Amah erguem os punhos e gritam, encarando o fato de que ninguém quer se juntar a eles como motivo de orgulho.

— A única maneira de chegar ao complexo da Audácia por este telhado é saltando da mureta — explica Amah, abrindo os braços para indicar o espaço vazio à sua volta. Ele inclina o corpo para trás e balança os braços, como se estivesse prestes a cair, mas recobra o equilíbrio e abre um sorriso. Respiro fundo pelo nariz e prendo o ar.

— Como sempre, ofereço para os nossos iniciandos a oportunidade de ir primeiro, sejam eles nascidos na Audácia ou não. — Ele desce da mureta e gesticula na direção dela em seguida, com as sobrancelhas erguidas.

Os jovens da Audácia perto da mureta se entreolham. Avisto, mais afastados, o garoto da Erudição que vi antes, uma garota da Amizade, dois

garotos e uma garota da Franqueza. Somos apenas seis.

Um dos iniciandos da Audácia dá um passo à frente, um rapaz de pele escura que gesticula pedindo a torcida dos amigos.

— Vai, Zeke! — grita uma das garotas.

Zeke pula sobre a mureta, mas calcula mal o movimento e se desequilibra, caindo para a frente imediatamente. Ele grita algo ininteligível e desaparece. A menina da Franqueza quase arqueja, cobrindo a boca com a mão, mas os amigos da Audácia de Zeke caem na gargalhada. Acho que não foi o momento dramático e heroico que ele esperava.

Sorrindo, Amah gesticula outra vez para a mureta. Os nascidos na Audácia formam uma fila atrás dela, assim como o garoto da Erudição e a garota da Amizade. Sei que tenho que me juntar a eles, tenho que saltar, independentemente de como me sinta. Aproximo-me da fila, rígido, como se as minhas juntas fossem parafusos enferrujados. Amah olha para o relógio e passa a indicar o momento em que cada pessoa deve saltar, com intervalos de trinta segundos entre si.

A fila está encolhendo, se dissolvendo.

De repente, a fila termina, e sou o único que resta. Subo na mureta e espero a indicação de Amah para saltar. O sol está se pondo atrás dos prédios distantes, cuja silhueta denteada não consigo reconhecer deste ângulo. A luz brilha, dourada, perto do horizonte, e o vento sopra, subindo pela lateral do prédio e balançando as roupas no meu corpo.

— Pode ir — diz Amah.

Fecho os olhos e fico paralisado; nem consigo me impulsionar para fora do telhado. Tudo o que consigo fazer é inclinar o corpo para a frente e cair. Meu estômago desaba, e meus membros vasculham o ar, tentando se agarrar a alguma coisa, mas não há nada, apenas a queda, o ar, a busca desesperada pelo chão.

De repente, caio em uma rede.

Ela se enrosca ao redor do meu corpo, envolvendo-me em fios fortes. Mãos se estendem na beirada. Engancho os dedos na rede e me puxo na direção delas. Caio em pé sobre uma plataforma de madeira, e um homem com pele marrom-escura e punhos feridos sorri para mim. Max.

— O Careta! — Ele dá um tapa nas minhas costas, fazendo-me contrair o rosto em uma expressão de dor. — É bom ver que você chegou até aqui. Junte-se aos outros iniciandos. Amah deve descer em breve.

Atrás dele há um túnel escuro com paredes de pedra. O complexo da Audácia é subterrâneo. Pensei que ele ficaria pendurado no topo de um edifício alto por uma série de cordas frágeis, o que seria a concretização dos meus piores pesadelos.

Tento descer os degraus e me juntar aos outros iniciandos. Minhas pernas parecem ter voltado a funcionar. A garota da Amizade sorri para mim.

— Aquilo foi surpreendentemente divertido — comenta ela. — Meu nome é Mia. Você está bem?

— Parece que ele está tentando não vomitar — diz um dos rapazes da Franqueza.

— Bota logo pra fora, cara — diz o outro garoto da Franqueza. — Adoraríamos um espetáculo.

Minha resposta irritada parece sair do nada:

— Cala a boca.

Para a minha surpresa, é exatamente isso que eles fazem. Acho que não estão acostumados a ouvir um "cala a boca" de alguém da Abnegação.

Alguns segundos depois, vejo Amah rolar para fora da rede. Ele desce a escada com um aspecto selvagem e amarrotado, como se estivesse pronto para a próxima acrobacia insana. Depois pede a todos os iniciandos que se aproximem, e nos reunimos na entrada do grande túnel, em semicírculo.

Amah junta as mãos em frente ao corpo.

— Meu nome é Amah — apresenta-se. — Sou seu instrutor de iniciação. Eu cresci aqui e, há três anos, passei na iniciação com mérito, o que significa

que poderei ser o responsável pelos recém-chegados pelo tempo que quiser. Sorte de vocês.

"Os iniciandos nascidos na Audácia e os transferidos realizam a maior parte do treinamento físico separados, para que os nascidos na Audácia não quebrem os transferidos ao meio logo de cara... — Do outro lado do semicírculo, os iniciandos nascidos na Audácia sorriem ao ouvir isso. — Mas, este ano, tentaremos algo diferente. Os líderes da Audácia e eu queremos saber se conhecer os seus medos antes do início do treinamento poderá prepará-los melhor para o restante da iniciação. Portanto, antes mesmo de permitir que vocês entrem no refeitório e jantem, vamos participar de uma sessão de autodescoberta. Sigam-me."

— E se eu não quiser me autodescobrir? — pergunta Zeke.

Basta um olhar de Amah para fazer Zeke se misturar novamente ao grupo de iniciandos nascidos na Audácia. Amah é diferente de qualquer pessoa que já conheci. Pode ser simpático em uma hora e rígido na outra, e às vezes é as duas coisas ao mesmo tempo.

Ele nos guia pelo túnel até chegarmos a uma porta construída na parede, que ele abre com o ombro. Nós o seguimos para dentro de uma sala úmida com uma enorme janela na parede do fundo. Sobre nossas cabeças, as luzes fluorescentes tremeluzem e piscam, e Amah começa a mexer em uma máquina que se parece bastante com a usada no meu teste de aptidão. Ouço o som de algo pingando. Há uma goteira no teto que forma uma poça no canto da sala.

Outra sala enorme e vazia é visível do outro lado da janela. Há câmeras em todos os cantos. Será que há câmeras por todo o complexo da Audácia?

— Esta é a sala da paisagem do medo — anuncia Amah, sem tirar os olhos da máquina. — Uma paisagem do medo é uma simulação na qual vocês confrontarão os seus maiores temores.

Em uma mesa ao lado da máquina há uma fileira de seringas. Sob a luz tremeluzente elas parecem sinistras, como se pudessem ser instrumentos de

tortura, facas, lâminas e atiçadores em brasa.

— Como isso é possível? — indaga o garoto da Erudição. — Vocês não sabem os nossos maiores medos.

— Eric, certo? — pergunta Amah. — Você tem razão, eu não sei quais são os seus maiores medos, mas o soro que injetarei em você estimulará as partes do seu cérebro que processam o medo, e você mesmo criará os obstáculos da simulação, de certa forma. Nessa simulação, ao contrário do teste de aptidão, você estará ciente de que o que verá não é real. Enquanto isso, eu estarei nesta sala, controlando o procedimento, e posso fazer o programa embutido no soro de simulação prosseguir para o próximo obstáculo, uma vez que seu batimento cardíaco atinja determinada frequência, ou seja, uma vez que você tenha se acalmado ou enfrentado seu medo de maneira significativa. Quando seus medos acabarem, o programa se encerrará e você 'acordará' naquela sala novamente com um conhecimento maior deles.

Ele pega umas das seringas e pede que Eric se aproxime.

— Permita que eu satisfaça a sua curiosidade da Erudição — diz ele. — Você vai ser o primeiro.

— Mas...

— Mas — diz Amah suavemente — sou o seu instrutor de iniciação, e é melhor você fazer o que mando.

Eric fica parado por um instante, depois tira o casaco azul, dobra-o ao meio e o pousa sobre o encosto de uma cadeira. Seus movimentos são lentos e calculados, com a intenção, imagino, de irritar Amah o máximo possível. Eric se aproxima de Amah, que crava a seringa quase com selvageria na lateral do seu pescoço. Em seguida, ele guia Eric até a sala ao lado.

Quando Eric já está posicionado no meio da outra sala, atrás do vidro, Amah se conecta à máquina com eletrodos e aperta algo no monitor do computador atrás dela para iniciar o programa.

Eric está parado com as mãos abaixadas. Ele nos olha através da janela e, um instante depois, apesar de não ter se movido, parece que está olhando

para outra coisa, como se a simulação já tivesse começado. Mas ele não grita nem se debate ou chora, como eu esperaria que alguém fizesse ao encarar seus maiores medos. Seu batimento cardíaco, registrado pelo monitor diante de Amah, não para de subir, como um pássaro alçando voo.

Ele está com medo. Está com medo, mas não se move.

— O que está acontecendo? — pergunta Mia para mim. — O soro está funcionando?

Eu faço que sim com a cabeça.

Vejo Eric encher os pulmões de ar e exalar pelo nariz. Seu corpo treme e estremece, como se o chão vibrasse sob seus pés, mas sua respiração é lenta e regular, e seus músculos se contraem e relaxam em intervalos de alguns segundos, como se ele os estivesse tensionando acidentalmente, para depois corrigir seu erro. Olho para a sua frequência cardíaca no monitor diante de Amah conforme ela desacelera cada vez mais, até que Amah toca a tela, forçando o programa a seguir em frente. Isso se repete com cada novo medo. Conto os medos que passam em silêncio, dez, onze, doze. Então Amah toca a tela pela última vez, e Eric relaxa o corpo. Ele pisca devagar, depois abre um sorriso debochado ao olhar para a janela.

Percebo que os iniciandos nascidos na Audácia, que costumam comentar tudo, ficam em silêncio. Isso deve significar que o que estou sentindo é correto, que Eric é alguém em quem devemos ficar de olho. Talvez até alguém que devamos temer.

+ + +

Durante mais de uma hora, vejo os outros iniciandos encararem seus medos, correndo, pulando, apontando armas invisíveis e, em alguns casos, deitados de bruços no chão, chorando. Às vezes, tenho uma ideia do que eles estão vendo, dos medos rastejantes que os atormentam, mas, na maioria dos casos, os vilões que tentam afastar são particulares, conhecidos apenas por eles e por Amah.

Fico perto dos fundos da sala, estremecendo sempre que ele chama a pessoa seguinte. Mas, de repente, sou o último, e Mia está acabando a sessão, retirada da paisagem do medo quando está agachada perto da parede dos fundos, com a cabeça nas mãos. Ela se levanta, aparentemente esgotada, e se arrasta para fora da sala, sem esperar que Amah a dispense. Ele olha para a última seringa na mesa e depois para mim.

— Somos só você e eu agora, Careta — diz ele. — Venha, vamos acabar logo com isso.

Paro diante dele. Quase não sinto a agulha entrar; nunca tive medo de injeções, mas alguns dos outros iniciandos ficaram com os olhos marejados na vez deles. Entro na sala e encaro a janela, que, deste lado, parece um espelho. No momento antes de a simulação fazer efeito, consigo ver a mim mesmo da mesma maneira que os outros devem me ver, com os ombros caídos e afogado nas roupas largas, alto, ossudo e sangrando. Tento ajeitar a postura e me surpreendo com a diferença, com a sombra de força que vejo em mim mesmo logo antes de a sala desaparecer.

Imagens fragmentadas preenchem a sala: o horizonte da nossa cidade, o buraco na calçada sete andares abaixo de mim, a mureta sob meus pés. O vento sobe pela lateral do prédio, mais forte do que quando estive ali na vida real, atingindo as minhas roupas com tanta força que elas estalam e me empurrando de todas as direções. De repente, o prédio cresce sob mim, afastando-me ainda mais do chão. O buraco fecha, e o cimento duro o cobre.

Tento ir para longe da beirada, mas o vento não permite que eu recue. Meu coração bate mais forte e mais rápido enquanto confronto a realidade do que preciso fazer; preciso saltar outra vez, agora sem a garantia de que não haverá dor ao atingir o chão.

Uma panqueca de Careta.

Balanço as mãos, fecho os olhos com força e solto um grito entre dentes cerrados. Depois, sigo o empurrão do vento e desabo, rápido. Atinjo o chão.

Uma dor lancinante e escaldante atravessa o meu corpo apenas por um segundo.

Eu me levanto, limpo a poeira das bochechas e espero o obstáculo seguinte. Não tenho a menor ideia do que será. Não dediquei muito tempo para pensar sobre meus medos, ou até mesmo sobre o que significaria libertar-me do medo, vencê-lo. Ocorre-me que, sem o medo, eu poderia ser forte, poderoso, implacável. A ideia me seduz por apenas um segundo, quando sou atingido nas costas com força.

Depois, algo atinge uma costela esquerda, então uma direita, e, de repente, estou enclausurado em uma caixa na qual cabe apenas o meu corpo. A princípio, o choque me protege do pânico, mas depois respiro o ar estagnado e encaro a escuridão, e minhas entranhas se espremem cada vez mais. Não consigo mais respirar. Não consigo respirar.

Mordo o lábio para evitar um soluço. Não quero que Amah me veja chorar, não quero que ele diga aos outros membros da Audácia que sou um covarde. Preciso pensar, mas não consigo, sufocado dentro da caixa. A parede às minhas costas é a mesma das lembranças de quando eu era criança, trancado na escuridão do corredor do segundo andar, de castigo. Eu nunca sabia quando aquilo acabaria, quantas horas passaria lá, preso com monstros imaginários aterrorizando-me na escuridão, com o som do choro da minha mãe atravessando as paredes.

Esmurro a parede à minha frente várias vezes, depois a arranho, embora as farpas machuquem a pele sob minhas unhas. Levanto os antebraços e atinjo a caixa com todo o peso do corpo, sem parar, fechando os olhos para fingir que não estou aqui dentro, não estou. *Deixe-me sair, deixe-me sair, deixe-me sair, deixe-me sair.*

— Pense em uma solução, Careta! — grita uma voz, e eu fico paralisado. Lembro-me de que isso é uma simulação.

Pense em uma solução. Do que preciso para sair desta caixa? Preciso de uma ferramenta, algo mais forte do que eu. Esbarro em algo com os dedos do pé e

me agacho para pegar. Mas, ao fazer isso, o topo da caixa se move comigo, e não consigo mais levantar o corpo. Engulo um grito e encontro a ponta afiada de um pé de cabra com os dedos. Eu o enfio entre as tábuas que formam o canto esquerdo da caixa e empurro com toda a minha força.

Todas as tábuas abrem ao mesmo tempo e se espalham no chão ao meu redor. Respiro o ar fresco, aliviado.

De repente, uma mulher aparece à minha frente. Não reconheço o seu rosto, e suas roupas são brancas, não pertencem a nenhuma facção. Caminho em direção a ela, e uma mesa surge diante de mim, com uma arma e uma bala sobre ela. Franzo a testa ao olhá-la.

Isso é um medo?

— Quem é você? — pergunto, mas ela não responde.

O que preciso fazer está claro: carregar a arma e dispará-la. O terror se assoma dentro de mim, tão poderoso quanto qualquer medo. Minha boca fica seca, e, sem jeito, pego a arma e a bala. Nunca segurei uma arma e demoro alguns segundos para descobrir como abrir o pente da pistola. Nesses segundos penso na luz dos olhos dela se apagando, essa mulher desconhecida, que não conheço bem o bastante para me importar.

Estou com medo. Estou com medo do que serei obrigado a fazer na Audácia, do que terei vontade de fazer.

Medo de que possa haver algum tipo de violência oculta dentro de mim, forjada pelo meu pai e pelos anos de silêncio aos quais minha facção me submeteu.

Coloco a bala dentro do pente, seguro a arma com as duas mãos e o corte na minha palma lateja. Olho para o rosto da mulher. O lábio inferior dela estremece, e os olhos dela se enchem de lágrimas.

— Perdão — digo, e aperto o gatilho.

Vejo o buraco escuro que a bala cria no corpo dela, e a mulher desaba, evaporando em uma nuvem de poeira ao atingir o chão.

Mas o terror não passa. Sei que há mais por vir; consigo sentir algo se assomando dentro de mim. Marcus ainda não apareceu, mas ele aparecerá, sei disso como sei o meu próprio nome. O nosso nome.

Um círculo de luz me envolve, e, na sua extremidade, vejo sapatos cinzentos e gastos se aproximando. Marcus Eaton aparece na beirada do círculo de luz, mas não o Marcus Eaton que conheço. Este tem fossos no lugar dos olhos e uma enorme bocarra preta onde deveria estar a boca.

Outro Marcus Eaton para ao seu lado, e, aos poucos, ao redor de todo o círculo, versões cada vez mais monstruosas do meu pai se aproximam para me cercar, com bocas largas e desdentadas escancaradas, cabeças inclinadas de maneira estranha. Cerro os punhos. Não é real. É óbvio que não é real.

O primeiro Marcus desafivela o cinto e o tira da cintura, passador após passador, e, enquanto faz isso, os outros Marcus repetem o movimento. Então os cintos se transformam em cordas de metal com pontas farpadas. Eles arrastam os cintos em linhas pelo chão, com suas línguas pretas e oleosas deslizando pelo canto das bocas escuras. De repente, eles levantam as cordas de metal, e eu solto um grito com toda a força, protegendo a cabeça com os braços.

— É para o seu bem — dizem os Marcus com vozes metálicas em uníssono, como um coral.

Sinto a dor rasgar, lacerar, retalhar. Caio de joelhos e ponho os braços ao redor da cabeça, como se eles pudessem me proteger, mas nada pode me proteger, nada. Solto outro grito, e mais outro, e mais outro, mas a dor continua, assim como sua voz:

— Não aceitarei caprichos dentro da minha casa! Não criei o meu filho para ser um mentiroso!

Não consigo escutar, não vou escutar.

A imagem da escultura que minha mãe me deu surge na minha mente de forma espontânea. Vejo-a onde a coloquei, sobre a mesa, e a dor começa a recuar. Concentro todo o pensamento na escultura e nos outros objetos

espalhados ao redor do quarto, quebrados, e na tampa do baú solta das dobradiças. Lembro-me das mãos da minha mãe, com seus dedos finos, fechando o baú, trancando-o e me entregando a chave.

Uma por uma, as vozes desaparecem, até que não resta mais nenhuma.

Deixo meus braços desabarem no chão, esperando o próximo obstáculo. As juntas dos meus dedos arrastam no chão de pedra, frio e granuloso de terra. Ouço passos e me preparo para o que virá a seguir, mas então escuto a voz de Amah:

— Já? Já acabou? Meu Deus, Careta.

Ele para ao meu lado e me oferece a mão. Eu a seguro e deixo que ele me ajude a levantar. Não olho para ele. Não quero ver a sua expressão. Não quero que ele saiba o que sabe, não quero ser o iniciando patético cuja infância foi problemática.

— Acho que devemos arrumar outro nome pra você — diz ele com naturalidade. — Algo mais durão do que 'Careta'. Como 'Lâmina', 'Matador' ou algo assim.

Então, olho para ele, que sorri um pouco. Vejo um resquício de pena em seu sorriso, mas não tanto quanto pensei que veria.

— Se eu fosse você, também não iria querer revelar o meu nome para as pessoas. Venha, vamos arrumar alguma coisa pra comer.

+ + +

Ao chegarmos ao refeitório, Amah me guia até a mesa dos iniciandos. Alguns membros da Audácia já estão sentados ao redor, de olho no outro lado do salão, de onde chefs com piercings e tatuagens ainda trazem a comida. O refeitório é uma caverna iluminada por luzes azul-esbranquiçadas que conferem a tudo um brilho misterioso.

Sento-me em uma das cadeiras vazias.

— Nossa, Careta. Você parece prestes a desmaiar — diz Eric, e um dos garotos da Franqueza abre um sorriso.

— Todos vocês saíram vivos — diz Amah. — Parabéns. Vocês sobreviveram ao primeiro dia de iniciação, com níveis diferentes de sucesso. — Ele olha para Eric. — Mas nenhum de vocês se saiu tão bem quanto Quatro aqui.

Ele aponta para mim ao falar. Franzo a testa. Quatro? Ele está se referindo aos meus medos?

— Ei, Tori — grita Amah por cima do ombro. — Você já ouviu falar em alguém que tenha apenas quatro medos na paisagem do medo?

— Pelo que sei, o recorde era sete ou oito. Por quê? — grita Tori de volta.

— Tenho um transferido aqui com apenas quatro medos.

Tori aponta para mim, e Amah assente.

— É um novo recorde — comenta ela.

— Muito bem — diz Amah pra mim. Depois, ele se vira e caminha até a mesa de Tori.

Todos os outros iniciandos me encaram de olhos arregalados, em silêncio. Antes da paisagem do medo, eu era apenas alguém em quem eles podiam pisar em seu caminho para entrar na Audácia. Agora, sou como Eric. Alguém em quem eles precisam ficar de olho, ou talvez até temer.

Amah me deu mais do que um novo nome. Ele me deu poder.

— Qual é o seu nome verdadeiro mesmo? Começa com *E*...? — pergunta Eric com os olhos semicerrados. Como se ele soubesse algo, mas não tivesse certeza sobre o momento certo para compartilhar a informação.

Os outros talvez também tenham uma vaga lembrança do meu nome, da Cerimônia de Escolha, assim como eu tenho dos deles, apenas como letras do alfabeto enterradas sob uma névoa de nervosismo enquanto eu esperava a minha vez. Se eu causar impacto agora, o máximo que conseguir, e me tornar tão memorável como alguém da Audácia, talvez consiga me salvar.

Hesito por um instante, depois apoio os cotovelos na mesa e ergo uma sobrancelha ao olhar para ele.

— Meu nome é Quatro. Se você me chamar de 'Careta' mais uma vez, nós dois teremos um problema.

Ele revira os olhos, mas sei que fui bastante claro. Tenho um novo nome, e isso significa que posso ser uma nova pessoa. Alguém que não aceita comentários agressivos de sabichões da Erudição. Alguém que sabe ser agressivo de volta.

Alguém, enfim, pronto para lutar.

Quatro.


A INICIAÇÃO

A SALA DE treinamento cheira a esforço físico, com o odor de suor, poeira e sapatos. Sempre que meu punho atinge o saco de pancada, sinto uma pontada de dor nas juntas dos dedos, cobertas de machucados depois de uma semana de lutas na Audácia.

— Parece que você já viu o mural — diz Amah, encostando-se no batente da porta. Ele cruza os braços. — E sabe que enfrentará Eric amanhã. Caso contrário, você estaria na paisagem do medo, e não aqui.

— Também venho aqui de vez em quando — digo, afastando-me do saco de pancada e sacudindo as mãos. Às vezes, fecho os punhos com tanta força que começo a perder a sensibilidade nas pontas dos dedos.

Quase perdi a minha primeira luta contra a garota da Amizade, Mia. Não sabia como derrotá-la sem bater nela, e não consegui bater nela. Pelo menos não até ela me prender em um mata leão e a minha visão começar a escurecer. Reagi por instinto, e uma única cotovelada no queixo a derrubou. Ainda sinto a culpa dentro de mim quando penso sobre isso.

Também quase perdi a segunda luta, contra o maior garoto da Franqueza, Sean. Eu o cansei, levantando sempre que ele pensava ter me derrotado. Ele não sabia que superar a dor é um dos meus hábitos mais antigos, que aprendi bem cedo, como roer a unha do dedão ou segurar o garfo com a mão esquerda em vez de fazê-lo com a direita. Agora, meu rosto está todo roxo e cortado, mas provei do que sou capaz.

Amanhã, meu adversário será Eric. Para derrotá-lo, precisarei de mais do que um golpe esperto, ou de persistência. Precisarei de habilidades que não tenho, de uma força que ainda não conquistei.

— É, eu sei — responde Amah com uma risada. — Sabe, passo muito tempo tentando entender qual é a sua, então comecei a perguntar para as pessoas. Descobri que você vem aqui toda manhã, e vai à sala da paisagem do medo toda noite. Você nunca passa tempo com os outros iniciandos. Está sempre exausto e dorme como uma pedra.

Uma gota de suor escorre pela minha nuca. Enxugo-a com os dedos enfaixados, depois limpo a testa com o braço.

— Juntar-se a uma facção não é só passar da iniciação, sabia? — diz Amah, enganchando os dedos na corrente que sustenta o saco de pancada, testando a sua resistência. — A maioria dos membros da Audácia conhece os seus melhores amigos durante a iniciação, assim como suas namoradas, namorados, seja o que for. Os inimigos também. Mas você parece determinado a não ter nenhuma dessas coisas.

Já vi os outros iniciandos juntos, fazendo piercings juntos e aparecendo para o treinamento com narizes, orelhas e lábios vermelhos e perfurados ou construindo torres de restos de comida sobre a mesa do café da manhã. Nunca pensei que poderia ser um deles, ou que deveria tentar ser.

Dou de ombros.

— Estou acostumado a ficar sozinho.

— Bem, parece que você está prestes a estourar, e não quero estar por perto quando isso acontecer — diz ele. — Vamos lá. Alguns de nós vamos jogar hoje à noite. Um jogo da Audácia.

Cutuco o esparadrapo que cobre uma das juntas dos meus dedos. Eu não deveria sair para jogar. Deveria ficar aqui treinando e depois ir dormir, para estar preparado para a luta amanhã.

Mas aquela voz, a que diz "deveria", soa como a do meu pai, exigindo que eu me comporte, que eu me isole. E vim aqui porque estava pronto para *parar* de ouvir aquela voz.

— Estou oferecendo a você um pouco de status da Audácia só porque sinto pena de você — diz ele. — Não seja idiota de desperdiçar essa oportunidade.

— Está bem — respondo. — Qual é o jogo?

Amah apenas sorri.

+ + +

— O nome do jogo é Desafio.

Uma garota da Audácia, Lauren, está segurando a barra na lateral do vagão, mas não para de se balançar e quase cai para fora do trem, depois começa a rir e puxa o corpo para dentro, como se os trilhos não estivessem suspensos dois andares acima da rua e ela não fosse quebrar o pescoço se caísse.

Na outra mão, ela segura um cantil prateado, o que explica muita coisa.

Ela inclina a cabeça.

— O primeiro participante escolhe uma pessoa e a desafia a fazer alguma coisa. Depois, a pessoa toma um trago, cumpre o desafio e ganha a chance de desafiar outra pessoa a fazer outra coisa. Quando todos já tiverem cumprido seus desafios, ou morrido tentando, ficamos um pouco bêbados e tropeçamos de volta para casa.

— Como é que se vence? — grita um dos garotos da Audácia do outro lado do vagão. Ele está sentado de maneira desleixada, encostado contra Amah, como se eles fossem velhos amigos ou irmãos.

Não sou o único iniciando no vagão. Zeke, o que saltou primeiro, está sentado de frente para mim, junto com uma garota de cabelo castanho com uma franja reta sobre a testa e um piercing no lábio. Os outros são mais velhos, todos membros da Audácia. Parecem tranquilos, recostados uns nos outros, socando os braços uns dos outros, bagunçando os cabelos uns dos outros. O que vejo é camaradagem, amizade e flerte, e nada disso parece familiar para mim. Tento relaxar e envolvo os joelhos com os braços.

Realmente sou um Careta.

— Você vence se não for um maricote — diz Lauren. — Aliás, acabei de inventar uma nova regra: você também vence quando não faz perguntas idiotas. — Eu serei a primeira, porque sou a detentora do álcool — diz ela. — Amah, eu desafio você a entrar na biblioteca da Erudição enquanto os Narizes estão estudando e gritar algo obsceno.

Ela fecha a tampa do cantil e o joga para ele. Todos comemoram quando Amah bebe um gole do líquido.

— É só me avisar quando chegarmos na parada certa! — grita ele, sob o regozijo geral.

Zeke acena para mim.

— Ei, você é um transferido, não é? Quatro?

— Isso mesmo — respondo. — Você mandou bem no primeiro salto.

Percebo, tarde demais, que talvez ele não goste muito de ser lembrado disso, do seu momento de triunfo roubado por um tropeço e a perda de equilíbrio. Mas ele apenas ri.

— É, não foi o meu melhor momento.

— Bem, ninguém mais se ofereceu — comenta a garota ao seu lado. — Meu nome é Shauna, aliás. É verdade que você só tem quatro medos?

— É por isso que me deram esse nome — digo.

— Nossa! — Ela acena com a cabeça. Parece impressionada, e isso me faz ajeitar o corpo. — Acho que você já nasceu com sangue da Audácia.

Dou de ombros, como se o que ela disse pudesse ser verdade, apesar de eu saber que não é. Ela não sabe que o que me trouxe aqui foi a vontade de escapar da vida à qual fui designado, que estou me esforçando ao máximo para passar pela iniciação só pra não precisar admitir que sou um impostor. Nascido na Abnegação, com a Abnegação como resultado, em um refúgio da Audácia.

Os cantos da boca dela murcham, como se ela estivesse triste por algum motivo, mas não pergunto qual o problema.

— Como estão indo as suas lutas? — pergunta Zeke.

— Nada mal — digo. Indico o meu rosto ferido. — Como vocês podem ver.

— Olha só. — Zeke vira a cabeça, mostrando-me um grande hematoma na lateral inferior da mandíbula. — Graças a esta garota aqui.

Ele aponta para Shauna com o dedão.

— Ele me derrotou — diz Shauna. — Mas acertei um bom soco, pelo menos uma vez na vida. Eu sempre perco.

— Não se importa de ele ter batido em você? — pergunto.

— Por que me importaria?

— Não sei — respondo. — Porque... você é uma garota?

Ela ergue as sobrancelhas.

— Como assim? Você acha que não sou capaz de aguentar o tranco como todos os outros iniciandos só porque tenho peitos? — Ela aponta para o busto, e me pego encarando-o, apenas por um segundo, antes de me lembrar de desviar o olhar, com o rosto corado.

— Desculpe — digo. — Não foi o que eu quis dizer. É só que não estou acostumado com isso. Com nada disso.

— Claro, eu entendo — diz ela, sem parecer irritada. — Mas é melhor você saber uma coisa sobre a Audácia: aqui, não importa se você é garota, garoto ou o que quer que seja. O que importa é se você tem coragem ou não.

De repente, Amah se levanta, posicionando as mãos no quadril em uma pose dramática, e marcha em direção à porta aberta. O trem começa a descer, mas Amah não se segura em nada, apenas se move e balança junto com o movimento do vagão. Todos se levantam, e Amah é o primeiro a saltar, lançando-se para dentro da noite. Os outros saltam depois dele, e deixo que as pessoas atrás de mim me empurrem até a porta. Não tenho medo da velocidade do trem, só da altura, mas o trem agora está perto do chão; então, quando salto, não sinto medo. Caio em pé, tropeçando um pouco antes de parar.

— Veja só, você já está pegando o jeito de saltar do trem — diz Amah, me dando uma cotovelada. — Tome, dê um gole. Você parece estar precisando.

Ele me oferece o cantil.

Nunca provei álcool. Os integrantes da Abnegação não bebem, e, por isso, eu nem tinha acesso a álcool. Mas já vi como as pessoas parecem se sentir à vontade quando bebem, e quero desesperadamente parar de me sentir desconfortável, então nem hesito: aceito o cantil e bebo.

O álcool queima a minha garganta e tem gosto de remédio, mas desce rápido, aquecendo-me.

— Bom trabalho — diz Amah, aproximando-se de Zeke e passando o braço ao redor do seu pescoço, depois puxando a cabeça dele para junto do peito. — Vejo que você conheceu o meu jovem amigo Ezekiel.

— Só porque a minha mãe me chama assim não significa que você precisa me chamar desse jeito — diz Zeke, desvencilhando-se de Amah. Ele olha para mim. — Os avós de Amah eram amigos dos meus pais.

— Eram?

— Bem, o meu pai morreu, e os avós dele também — explica Zeke.

— E os seus pais? — pergunto a Amah.

Ele dá de ombros.

— Eles morreram quando eu era pequeno. Em um acidente de trem. Muito triste. — Ele sorri, como se não fosse tão triste. — E meus avós deram o salto depois que me tornei membro oficial da Audácia.

Ele faz um gesto com a mão, sugerindo um mergulho.

— O salto?

— Ah, não conte a ele enquanto eu estiver aqui — diz Zeke, balançando a cabeça. — Não quero ver a cara dele.

Amah não lhe dá ouvidos.

— Os membros idosos da Audácia às vezes dão um salto para o desconhecido no Abismo quando chegam a certa idade. A única opção que têm é se tornarem sem-facção — conta Amah. — O meu avô estava muito doente. Câncer. Minha avó não queria seguir em frente sem ele.

Ele inclina a cabeça para trás e olha para o céu, e seus olhos refletem o luar. Por um instante, sinto que ele está me mostrando um lado secreto de si, cuidadosamente escondido sob camadas de charme, humor e bravata da Audácia, e isso me assusta, porque esse lado secreto é duro, frio e triste.

— Lamento — digo.

— Pelo menos, assim, consegui dizer adeus a eles — diz Amah. — Na maioria das vezes, a morte simplesmente chega, mesmo que você não tenha se despedido.

O lado secreto dele desaparece com um rápido sorriso, e Amah corre para alcançar o resto do grupo, com o cantil na mão. Fico para trás com Zeke. Ele caminha ao meu lado, desajeitado e gracioso ao mesmo tempo, como um cão selvagem.

— E você? — pergunta Zeke. — Você tem família?

— Um pai — respondo. — Minha mãe morreu há muito tempo.

Lembro-me do funeral, com os membros da Abnegação enchendo a nossa casa com seus sussurros, acompanhando-nos no nosso luto. Eles nos levaram refeições em bandejas de metal cobertas com papel-alumínio, limparam a nossa cozinha e encaixotaram todas as roupas da minha mãe para nós, até que não sobrasse mais nenhum resquício dela. Lembro-me deles murmurando que ela morreu por causa de complicações ao parir outra criança. Mas tenho uma lembrança dela, alguns meses antes da sua morte, diante da sua cômoda, abotoando a segunda camisa, larga sobre a mais justa de baixo, com a barriga reta. Balanço um pouco a cabeça, afastando a memória. Ela está morta. É uma lembrança infantil e não confiável.

— E o seu pai, aceitou a sua escolha? — pergunta ele. — O Dia da Visita está chegando, sabia?

— Não — respondo, distante. — Ele não aceitou nem um pouco.

Meu pai não virá no Dia da Visita. Tenho certeza. Ele nunca mais falará comigo.

O setor da Erudição é mais limpo do que qualquer outra parte da cidade, com cada pedaço de lixo e destroço varrido da calçada, cada rachadura na rua coberta de asfalto. Sinto que preciso pisar com cuidado para não arranhar a calçada com meus tênis. Os outros membros da Audácia caminham com desleixo, e as solas dos seus sapatos estalam no chão como o barulho de chuva.

As sedes das facções podem deixar as luzes acesas em seus saguões à meia-noite, mas todas as outras luzes precisam estar apagadas. Aqui, no setor da Erudição, cada edifício que compõe a sede é como um pilar de luz. As

janelas pelas quais passamos mostram membros da Erudição sentados ao redor de mesas longas, com os narizes enfiados em livros e monitores, ou conversando em voz baixa entre si. Os jovens e os velhos se misturam em todas as mesas, vestindo impecáveis roupas azuis, com os cabelos arrumados, e mais da metade deles usa óculos brilhantes. *Vaidade*, diria o meu pai. *Eles se preocupam tanto em parecer inteligentes que se tornam tolos.*

Paro e os observo um pouco. Eles não me parecem vaidosos. Eles me parecem pessoas se esforçando ao máximo para se sentirem tão espertas quanto devem ser. Se isso significa usar óculos sem precisar, quem sou eu para julgá-los? Eles são um refúgio que eu poderia ter escolhido. Mas acabei escolhendo o refúgio que caçoa deles através das janelas e que manda Amah para dentro do saguão para causar confusão.

Amah alcança a porta do edifício central da Erudição e entra. Assistimos do lado de fora, dando risadinhas. Olho lá para dentro e vejo um retrato de Jeanine Matthews pendurado na parede à frente. Seu cabelo loiro está bem preso em um rabo de cavalo alto, e a jaqueta azul foi abotoada até a garganta. Ela é bonita, mas essa não foi a primeira coisa que notei no retrato. A primeira coisa que notei foi a sua argúcia.

Além disso, talvez seja só a minha imaginação, mas será que ela parece um pouco assustada?

Amah entra correndo no saguão, ignorando os protestos do pessoal da Erudição na recepção, e grita:

— Ei, Narizes! Olhem isso!

Os membros da Erudição no saguão levantam as cabeças em frente aos livros e monitores, e todos da Audácia caem na gargalhada quando Amah se vira e mostra a bunda para eles. Os membros da Erudição atrás da recepção dão a volta e correm para prendê-lo, mas Amah levanta as calças e corre na nossa direção. Todos começamos a fugir.

Não consigo resistir. Também estou rindo, e fico surpreso com isso, com a maneira como a minha barriga dói de tanto rir. Zeke corre ao meu lado, e

seguimos em direção aos trilhos, porque não há mais para onde correr. Os membros da Erudição que nos perseguem desistem depois de uma quadra, e todos paramos em um beco, encostando-nos nos tijolos para recobrar o fôlego.

Amah é o último a chegar, com as mãos levantadas, e nós o aplaudimos. Ele levanta o cantil como um troféu e aponta para Shauna.

— Jovem — diz ele. — Eu a desafio a escalar a escultura na frente do edifício dos Níveis Superiores.

Shauna pega o cantil quando ele o arremessa e toma um trago.

— Sem problema — diz ela, sorrindo.

+ + +

Quando finalmente chega a minha vez, todos estão bêbados, trôpegos e rindo de todas as piadas, mesmo as mais idiotas. Sinto-me quente apesar do ar frio, mas minha mente ainda está alerta, absorvendo todos os detalhes da noite: o forte odor de mangue e o som das risadinhas, o azul-escuro do céu e a silhueta de cada edifício contra ele. Minhas pernas estão doendo de tanto correr, andar e escalar, e ainda nem cumpri meu desafio.

Agora, estamos perto da sede da Audácia. Os edifícios estão em decadência.

— Quem ainda não foi? — pergunta Lauren. Seus olhos examinam todo o grupo até me encontrarem. — Ah, o iniciando de nome numérico da Abnegação. Quatro, certo?

— Isso mesmo.

— Um Careta? — O garoto que estava sentado tão confortavelmente ao lado de Amah olha para mim, atropelando as palavras. É ele quem está com o cantil e determinará o próximo desafio. Até agora, já vi pessoas escalando estruturas altas, saltando para dentro de buracos escuros e entrando em edifícios vazios para buscar uma torneira ou uma cadeira, vi pessoas correndo peladas por becos e enfiando agulhas nos lóbulos das orelhas sem

qualquer anestesia. Se eu tivesse que bolar um desafio, não conseguiria pensar em nada. Ainda bem que sou o último.

Sinto um tremor no peito, nos nervos. O que ele exigirá que eu faça?

— Os Caretas são muito certinhos — diz o garoto, como se isso fosse um fato. — Então, para provar que você realmente pertence à Audácia agora... eu o desafio a fazer uma tatuagem.

Vejo a tinta nas peles deles, subindo por seus punhos, braços, ombros e pescoços. Tachas de metal atravessam orelhas, narizes, lábios e sobrancelhas. Minha pele está em branco, curada, inteira. Mas ela não combina com a pessoa que sou. Eu deveria ter cicatrizes, ser marcado como eles são, mas marcado com memórias de dor, com cicatrizes das coisas às quais sobrevivi.

Dou de ombros.

— Está bem.

Ele me joga o cantil, e eu o esvazio, apesar de o líquido queimar a minha garganta e os meus lábios e ser amargo como veneno.

Seguimos em direção à Pira.

+ + +

Tori está vestindo uma cueca masculina e uma camiseta quando abre a porta, o seu cabelo caído sobre o lado esquerdo do rosto. Ela levanta uma sobrancelha ao olhar pra mim. Obviamente a acordamos de um sono profundo, mas ela não parece irritada, apenas um pouco ranzinza.

— Por favor? — pede Amah. — É para o jogo de Desafio.

— Você tem certeza de que quer uma mulher com sono fazendo a sua tatuagem, Quatro? Esse não é o tipo de tinta que sai no banho — diz ela.

— Confio em você — respondo.

Não vou fugir do desafio. Não depois de ver todos cumprirem os seus.

— Está bem. — Tori boceja. — Faço qualquer coisa pela tradição da Audácia. Já volto. Vou vestir umas calças.

Ela sai e fecha a porta. No caminho até aqui, fiquei pensando no que gostaria de tatuar e onde. Não consegui decidir. Meus pensamentos estavam embaçados demais. Aliás, eles ainda estão.

Alguns segundos depois, Tori reaparece vestindo calças, mas ainda sem nada nos pés.

— Se eu me encrencar por ter acendido as luzes a esta hora, vou dizer que foi culpa de vândalos e entregarei os seus nomes — ameaça ela.

— Entendi — digo.

— Tem uma porta nos fundos. Venham — diz ela, indicando que devemos segui-la. Eu a sigo por sua sala de estar escura, que é arrumada, exceto pelas folhas espalhadas pela mesa de centro, cada uma marcada com um desenho diferente. Alguns são grosseiros e simples, como a maioria das tatuagens que vi por aqui, mas outros são mais complexos, detalhados. Tori deve ser o mais próximo que existe de um artista dentro da Audácia.

Paro diante da mesa. Uma das páginas retrata todos os símbolos das facções, sem os círculos que costumam enquadrá-los. A árvore da Amizade está na parte inferior, formando um tipo de sistema de raízes para o olho da Erudição e para a balança da Franqueza. Sobre eles, as mãos da Abnegação parecem quase aninhar as chamas da Audácia. É como se os símbolos estivessem se entremeando uns com os outros.

Os outros já passaram por mim. Corro para alcançá-los, atravessando a cozinha de Tori, que também é muito arrumada, embora os equipamentos sejam velhos, a torneira esteja enferrujada e a porta da geladeira, presa por um grande grampo. A porta nos fundos da cozinha está aberta e leva a um corredor curto e úmido, que vai dar no estúdio de tatuagem.

Já passei por ele algumas vezes, mas não me interessei em entrar, pois tinha certeza de que nunca teria uma boa razão para agredir o meu próprio corpo com agulhas. Agora, parece que tenho uma razão. As agulhas serão uma forma de me separar do passado, não apenas aos olhos dos outros membros

da Audácia, mas também aos meus próprios olhos cada vez que eu olhar para o meu reflexo.

As paredes do estúdio estão cobertas de desenhos. A parede ao lado da porta é inteiramente dedicada a símbolos da Audácia, alguns pretos e simples, outros coloridos e quase irreconhecíveis. Tori acende a luz sobre uma das cadeiras e arruma as agulhas de tatuagem em uma bandeja ao seu lado. Os outros membros da Audácia se reúnem em bancos e cadeiras ao nosso redor, como se estivessem se preparando para assistir a algum tipo de performance. Meu rosto esquenta.

— Princípios básicos da tatuagem — diz Tori. — Quanto menos enchimento houver sob a pele, ou quanto mais ossudo você for em uma área em particular, mais a tatuagem doerá. Já que é a sua primeira vez, é melhor fazer a tatuagem, não sei, no braço ou...

— Na nádega — sugere Zeke com uma risadinha debochada.

Tori dá de ombros.

— Não seria a primeira vez. Nem a última.

Olho para o garoto que me desafiou. Ele ergue as sobrancelhas ao olhar para mim. Sei o que ele espera, o que todos eles esperam: que eu faça algo pequeno, no braço ou na perna, algo que eu consiga facilmente esconder. Olho para a parede com todos os símbolos. Um dos desenhos chama a minha atenção em especial: uma interpretação artística das chamas.

— Aquele — digo, apontando para o desenho.

— Certo — diz Tori. — Tem alguma ideia de onde vai fazer?

Tenho uma cicatriz, uma pequena cavidade no joelho, de uma vez que tropecei na calçada quando criança. Sempre me pareceu idiota o fato de que a dor pela qual passei não deixou uma marca visível; às vezes, como não tinha um meio de prová-la para mim mesmo, eu começava a duvidar de que passara por tudo aquilo, e as lembranças se tornavam nebulosas com o tempo. Quero carregar algo que me lembre de que, embora as feridas cicatrizem, elas não

somem pra sempre. Eu as carrego para todo lugar a que vou, sempre, e é assim que as coisas são, assim que as cicatrizes são.

Essa tatuagem será isto pra mim: uma cicatriz. E parece fazer sentido que ela documente a pior memória de dor que tenho.

Apoio a mão nas costelas, lembrando-me de antigos hematomas e do medo que senti de morrer. Meu pai teve uma série de noites ruins logo após a morte da minha mãe.

— Você tem certeza? — pergunta Tori. — Esse talvez seja o local onde dói mais.

— Ótimo — digo, sentando-me na cadeira.

O grupo de membros da Audácia comemora e começa a passar de mão em mão um cantil ainda maior do que o anterior, e bronze em vez de prateado.

— Parece que temos um masoquista na mesa hoje. Maravilha. — Tori senta-se no banco ao meu lado e coloca um par de luvas de borracha. Inclino o tronco para a frente, erguendo a bainha da camisa, e ela molha um chumaço de algodão no álcool, depois o passa nas minhas costelas. Ela está prestes a se afastar quando franze a testa e puxa a minha pele com a ponta do dedo. O álcool queima a pele das minhas costas, que ainda está sarando, e eu contraio o rosto.

— Como isto aconteceu, Quatro? — pergunta ela.

Levanto o rosto e percebo que Amah está me encarando, franzindo a testa.

— Ele é um iniciando — diz Amah. — A esta altura, *todos* eles estão cobertos de cortes e hematomas. Você deveria ver como eles andam juntos, todos mancando. É uma cena triste.

— Estou com um machucado enorme no joelho — comenta Zeke. — Ele tem uma cor azul nojenta...

Zeke levanta a perna da calça para exibir o hematoma para os outros, e todos começam a exibir suas próprias feridas e cicatrizes.

— Arrumei este quando eles me *derrubaram*, depois da tirolesa.

— Bem, eu levei uma facada quando você errou o lançamento da faca, então acho que estamos quites.

Tori me encara por alguns segundos, e tenho certeza de que ela não aceitou a explicação de Amah para as marcas nas minhas costas, mas não insiste na questão. Ela apenas liga a agulha, enchendo o ar com um zumbido, e Amah joga o cantil para mim.

O álcool ainda queima a minha garganta quando a agulha toca a minha costela, e eu contraio o rosto, mas, de alguma maneira, não ligo para a dor.

Eu a saboreio.

+ + +

No dia seguinte, quando acordo, tudo dói. Especialmente a minha cabeça.

Meu Deus, a minha cabeça.

Eric está sentado na ponta do colchão ao lado do meu, amarrando os cadarços do sapato. A pele ao redor dos anéis em seu lábio está vermelha. Ele deve ter feito os piercings recentemente. Não tenho prestado muita atenção.

Ele olha para mim.

— Você está com uma cara péssima — diz ele.

Eu me levanto, e o movimento brusco faz minha cabeça latejar ainda mais.

— Espero que não use isso como desculpa quando perder a luta — diz ele com um risinho debochado. — Porque eu venceria de qualquer maneira.

Ele levanta, se espreguiça e deixa o dormitório. Apoio a cabeça nas mãos por alguns segundos, depois levanto para tomar banho. Preciso manter metade do corpo fora da água por causa da tatuagem na área das costelas. Os membros da Audácia passaram horas comigo, esperando a tatuagem ficar pronta, e, quando finalmente fomos embora, havíamos esvaziado todos os cantis. Tori fez um sinal de positivo com o dedo quando deixei o estúdio de tatuagem, trôpego, e Zeke apoiou o braço nos meus ombros e disse:

— Acho que você é da Audácia agora.

Ontem à noite, saboreei aquelas palavras. Agora, queria ter a minha velha cabeça de volta, a que era focada e obstinada, que não parecia ser o lar de pequenos homenzinhos com martelos. Deixo a água gelada escorrer sobre mim por mais alguns minutos, depois confiro o relógio na parede do banheiro.

Faltam dez minutos para a luta. Vou me atrasar. E Eric tem razão. Vou perder.

Aperto a mão contra a testa e corro até a sala de treinamento com metade dos pés para fora dos sapatos. Quando atravesso a porta, os iniciandos transferidos e alguns dos nascidos na Audácia estão em pé no canto da sala. Amah está no centro da arena, conferindo o relógio. Ele me encara com um olhar de reprovação.

— Que bom que você resolveu dar o ar de sua graça — debocha ele. Percebo, pela maneira como ele ergue as sobrancelhas, que a camaradagem da noite anterior não se estenderá para a sala de treinamento. Ele aponta para os meus tênis. — Amarre os cadarços e pare de me fazer perder tempo.

Do outro lado da arena, Eric estala as juntas dos dedos das mãos, uma a uma, cuidadosamente, sem parar de me encarar. Amarro os cadarços correndo e enfio as pontas dentro dos sapatos para que não me atrapalhem.

Ao encarar Eric, só consigo sentir o bater do meu coração, o latejar da minha cabeça, a queimação nas minhas costelas. Então Amah dá um passo para trás, e Eric corre na minha direção, rápido, atingindo a minha mandíbula em cheio com o punho.

Tropeço para trás, levando as mãos ao rosto. Toda a dor se mistura na minha mente. Levanto as mãos para bloquear o soco seguinte. Minha cabeça lateja, e vejo sua perna se mover. Tento girar o corpo e desviar do chute, mas seu pé atinge a minha costela com força. Sinto como se um choque elétrico atravessasse o lado esquerdo do meu corpo.

— Isto é mais fácil do que eu esperava — comenta Eric.

O sentimento de vergonha esquenta o meu corpo, e, na abertura arrogante que ele deixa para mim, desfiro um gancho na sua barriga.

A palma da mão dele atinge a minha orelha, fazendo-a zunir, e perco o equilíbrio, tocando o chão para não cair.

— Sabe — diz Eric baixinho —, acho que descobri o seu verdadeiro nome.

Meus olhos estão embaçados por meia dúzia de dores diferentes. Não sabia que ela podia vir em tantas variedades, como sabores, ácido, fogo, dor e pontada.

Ele avança outra vez, tentando me acertar no rosto, mas atingindo minha clavícula. Eric sacode a mão e diz:

— Será que conto para eles? Será que revelo o seu segredo?

Ele tem meu nome entre os dentes, *Eaton*, uma arma bem mais ameaçadora do que os seus pés, cotovelos ou punhos. Os membros da Abnegação costumam dizer, em sussurros, que o problema de muitos da Erudição é o egoísmo, mas, para mim, é a arrogância, o orgulho que sentem em saber coisas que as outras pessoas ignoram. Naquele momento, sobrepujado pelo medo, reconheço isso como a fraqueza de Eric. Ele não acredita que eu possa feri-lo tanto quanto ele pode me ferir. Ele acha que eu sou tudo o que imaginou que eu era quando me conheceu: humilde, altruísta e passivo.

Sinto minha dor desaparecer, dando lugar à ira, e seguro seu braço para imobilizá-lo enquanto o golpeio, uma, duas, três vezes. Nem vejo onde estou atingindo; não vejo, sinto nem ouço nada. Estou vazio, sozinho; nada.

Então finalmente ouço seus gritos e vejo-o cobrir o rosto com as mãos. O sangue encharca seu queixo e corre entre seus dentes. Ele tenta se soltar, mas estou segurando seu braço com toda a força, como se minha vida dependesse disso.

Chuto sua costela com força, e ele desaba. Encontro seus olhos sob as mãos que cobrem o rosto.

Eles estão desfocados, vazios. O sangue brilha em sua pele. Ocorre-me que fui eu que fiz aquilo, fui eu, e o medo volta a me invadir, só que, desta vez, é um medo diferente. Um medo do que eu sou, daquilo em que posso estar me transformando.

As juntas dos meus dedos latejam, e deixo a arena sem ser liberado.

+ + +

O complexo da Audácia é um bom lugar para se recuperar, escuro e cheio de lugares secretos e silenciosos.

Encontro um corredor perto do Fosso e sento recostado na parede, deixando que o frio da pedra escorra para dentro de mim. A dor de cabeça voltou, junto com várias outras causadas pela luta, mas quase não as percebo. As juntas dos meus dedos estão grudentas de sangue, o sangue de Eric. Tento limpá-lo, mas já está seco. Venci a luta, e isso significa que minha posição na Audácia está segura por enquanto. Eu deveria estar satisfeito, e não com medo. Talvez até feliz por finalmente pertencer a um lugar, por estar entre pessoas cujos olhos não se desviam dos meus na mesa de jantar. Mas sei que, para tudo de bom que acontece, há um preço. Qual será o preço de ser da Audácia?

— Ei. — Levanto a cabeça e vejo Shauna batendo na parede de pedra, como se ela fosse uma porta. Ela sorri. — Esta não é exatamente a dança da vitória que eu esperava.

— Eu não danço — respondo.

— É, eu deveria ter adivinhado. — Ela se senta de frente pra mim, recostando-se na outra parede do corredor. Leva os joelhos ao peito e os abraça. Nossos pés estão a poucos centímetros de distância. Não sei por que noto isso. Bem, sei sim. Ela é uma menina.

Não sei conversar com meninas. Especialmente meninas da Audácia. Algo me diz que não há como saber o que esperar de uma menina da Audácia.

— Eric está no hospital — conta ela com um sorriso no rosto. — Eles acham que você quebrou o nariz dele. Com certeza um dente se foi.

Olho para o chão. Arranquei o dente de uma pessoa?

— Eu pensei que talvez você pudesse me ajudar — diz ela, cutucando o meu sapato com a ponta do pé.

Como suspeitei: as meninas da Audácia são imprevisíveis.

— Ajudar com o quê?

— A lutar. Não sou muito boa. Sempre sou humilhada na arena. — Ela balança a cabeça. — Terei que enfrentar uma garota em dois dias, o nome dela é Brenda, mas ela quer que todos a chamem de Brasa. — Shauna revira os olhos. — Sabe, as chamas da Audácia, *brasa*, tanto faz. De qualquer maneira, ela é uma das melhores do nosso grupo, e temo que ela vá me matar. Realmente me matar.

— Por que você quer a minha ajuda? — pergunto, de repente desconfiado. — Por que você sabe que sou um Careta e que devemos ajudar as pessoas?

— O quê? Não, é claro que não! — Ela franze as sobrancelhas, confusa. — Quero que você me ajude porque você é o melhor no *seu* grupo, é claro.

Solto uma risada.

— Não sou, não.

— Você e Eric eram os únicos invictos, e você acabou de derrotá-lo, então, você é o melhor, sim. Ouça, se você não quiser me ajudar, é só...

— Eu ajudarei. Só não sei exatamente como.

— Nós daremos um jeito. Que tal amanhã à tarde? Me encontra na arena?

Concordo com a cabeça. Ela sorri, se levanta e começa a ir embora. Mas, depois de alguns passos, ela se vira, voltando pelo corredor.

— Não fique tão amuado, Quatro — diz ela. — Todos estão impressionados com você. Aceite isso.

Vejo a silhueta dela desaparecer no final do corredor. Fiquei tão perturbado com a luta que nem parei pra pensar no que significa ter derrotado Eric: agora sou o primeiro na minha turma de iniciandos. Eu

posso ter escolhido a Audácia como um refúgio, mas não estou apenas sobrevivendo aqui, estou me destacando.

Olho para o sangue de Eric nas juntas dos meus dedos e sorrio.

+ + +

Na manhã seguinte, decido assumir um risco. Sento com Zeke e Shauna na mesa de café da manhã. A única coisa que Shauna consegue fazer é ficar inclinada sobre a comida, respondendo perguntas com grunhidos. Zeke boceja enquanto toma café, mas me aponta os integrantes da sua família: seu irmão mais novo, Uriah, está sentado em uma das outras mesas com Lynn, a irmã mais nova de Shauna. Sua mãe, Hana, o membro da Audácia mais dócil que já vi, cuja facção só é identificável pela cor das roupas, ainda está na fila do café da manhã.

— Você sente saudade de morar em casa? — pergunto.

Já percebi que os membros da Audácia têm uma quedinha por doces. Há sempre pelo menos dois sabores de bolo no jantar e uma montanha de muffins numa mesa perto do final da fila do café da manhã. Quando foi a minha vez de pegar um, os melhores sabores já tinham acabado, então escolhi um de grãos.

— Não muito — responde ele. — Quer dizer, a minha família está bem ali. Os iniciandos nascidos na Audácia não devem conversar com seus familiares até o Dia da Visita, mas sei que, se eu realmente precisar de alguma coisa, eles estarão lá.

Concordo com a cabeça. Ao lado dele, Shauna fecha os olhos e cai no sono com o queixo apoiado na mão.

— E você? — pergunta ele. — Sente saudade de casa?

Estou prestes a responder que não, mas, de repente, o queixo de Shauna escorrega da mão, e ela cai de cara em seu muffin de chocolate. Zeke chora de tanto rir, e não consigo conter um sorriso ao terminar de tomar meu suco.

+ + +

Naquela mesma manhã, mais tarde, encontro Shauna na sala de treinamento. Seu cabelo curto está preso, e suas botas da Audácia, cujos cadarços costumam ficar desamarrados, agitando-se quando ela anda, agora estão bem atadas. Ela soca o ar, para entre cada soco a fim de ajustar a sua posição, e, por um momento, eu fico assistindo, sem saber por onde começar. Eu mesmo acabei de aprender como desferir um soco; não sou qualificado para ensinar nada a ela.

Mas, enquanto assisto, começo a reparar em certos detalhes. A maneira como ela se posiciona com os joelhos travados, como não levanta uma das mãos para proteger o queixo, a forma como soca usando o cotovelo em vez de projetar o peso do corpo em cada golpe. Ela para e enxuga a testa com as costas da mão. Ao notar minha presença, Shauna se sobressalta, como se tivesse tocado em um fio desencapado.

— A regra número um para não parecer um pervertido — diz ela — é anunciar a sua presença em um ambiente quando a outra pessoa não o viu entrar.

— Desculpe. Eu estava pensando em algumas dicas pra você.

— Ah. — Ela morde o lado de dentro da bochecha. — Que dicas?

Listo as coisas que notei, e depois nos enfrentamos na arena de luta. Começamos devagar, contendo cada golpe para não nos machucarmos. Preciso ficar cutucando o seu cotovelo com o punho para lembrá-la de proteger o rosto, mas, meia hora depois, ela pelo menos já está se movendo melhor do que antes.

— Essa garota com quem você terá que lutar amanhã. Eu a acertaria bem aqui, na mandíbula. — Encosto na parte interna da minha mandíbula. — Um bom gancho será o suficiente. Vamos praticar isso.

Ela ajeita o corpo, e noto satisfeito que seus joelhos estão levemente dobrados, e há certo bailado em sua postura que não existia antes. Movemo-

nos um ao redor do outro por alguns segundos, e então ela dá um soco para cima. Ao fazê-lo, sua mão esquerda se afasta do rosto. Bloqueio o primeiro soco, depois aproveito a guarda aberta pra fazer uma investida. No último segundo, paro o punho no ar e ergo as sobrancelhas, encarando-a.

— Sabe, talvez eu aprendesse a minha lição se você me atingisse de verdade — diz ela, ajeitando o corpo. Sua pele está vermelha de cansaço, e o suor brilha na sua testa. Seus olhos estão brilhantes e críticos. Percebo, pela primeira vez, que ela é bonita. Não da maneira como penso em beleza em geral, macia e delicada, mas de uma forma forte e capaz.

— É melhor não.

— O que você acredita ser um tipo remanescente de cavalheirismo da Abnegação é, na verdade, meio insultante — diz ela. — Sei me proteger. Posso aguentar um pouco de dor.

— O problema não é esse. Não é só por você ser menina. É só que eu... não sou muito a favor de violência gratuita.

— É uma coisa de Careta, então?

— Na verdade, não. Os Caretas não gostam de nenhum tipo de violência. Se você colocar um Careta na Audácia, ele deixará que as pessoas o soquem o dia inteiro — digo, permitindo-me sorrir um pouco. Não estou acostumado a usar gírias da Audácia, mas é bom adotar essa linguagem como minha, permitir-me relaxar e assumir seus ritmos. — A questão é que pra mim isso não é um jogo.

É a primeira vez que expresso isso para alguém. Sei por que não me parece um jogo. Porque, por muito tempo, esta foi a minha realidade, era o que eu encarava ao acordar até a hora de dormir. Aqui, aprendi a me defender, aprendi a ser mais forte, mas há algo que não aprendi, que não me permitirei aprender, que é gostar de causar dor a alguém. Se vou me tornar um membro da Audácia, farei isso da minha maneira, mesmo significando que parte de mim continuará sendo Careta.

— Está bem — diz ela. — Vamos de novo.

Continuamos praticando até que ela domina a técnica do gancho, e quase perdemos a hora do jantar. Quando saímos da sala de treinamento, ela me agradece e, com naturalidade, coloca um braço ao redor do meu corpo. É apenas um abraço rápido, mas ela ri ao ver como fico tenso com isso.

— Como Ser Um Membro da Audácia: Aula Introdutória — diz ela. — Primeira Lição: aqui, não há problema nenhum em abraçar um amigo.

— Somos amigos? — pergunto, meio brincando.

— Ah, cala a boca — diz ela, depois corre pelo corredor, a caminho do dormitório.

+ + +

Na manhã seguinte, todos os iniciandos transferidos seguem Amah, passando direto pela sala de treinamento, até um corredor sinistro com uma porta pesada no final. Ele pede que nos sentemos encostados à parede, depois desaparece atrás da porta sem falar nada. Confiro o meu relógio. Shauna vai lutar a qualquer minuto. Os iniciandos nascidos na Audácia estão demorando mais do que nós para concluir a primeira etapa, porque estão em número maior.

Eric está sentado o mais longe possível de mim, e essa distância me agrada. Na noite seguinte à minha luta com ele, ocorreu-me que Eric talvez conte a todos que sou filho de Marcus Eaton apenas para se vingar de mim por tê-lo derrotado, mas ele ainda não fez isso. Será que está apenas esperando a hora certa, ou será que está se segurando por outro motivo? De qualquer forma, é melhor eu manter o máximo de distância dele.

— O que você acha que há lá dentro? — pergunta Mia, a menina transferida da Amizade, soando nervosa.

Ninguém responde. Por alguma razão, não me sinto nervoso. Não há nada atrás daquela porta capaz de me machucar. Por isso, quando Amah volta para o corredor e chama o meu nome primeiro, não olho para os outros iniciandos com um olhar de desespero. Apenas sigo-o para o outro lado da porta.

O recinto é escuro e sujo, e lá dentro há somente uma cadeira e um computador. A cadeira está reclinada, como a do teste de aptidão. A tela do computador é bastante brilhante, e ele roda um programa que se resume a linhas de texto escuro sobre um fundo branco. Quando eu era mais novo, trabalhava como voluntário na sala de computadores da escola, fazendo a manutenção das instalações e, às vezes, até consertando os computadores quando eles quebravam. Eu trabalhava sob a supervisão de uma mulher da Erudição chamada Katherine, e ela me ensinou muito mais do que precisava, satisfeita em compartilhar seu conhecimento com alguém disposto a ouvir. Por isso, sei, olhando para aquele código, que tipo de programa estou vendo, embora não seja capaz de fazer muita coisa com ele.

— Uma simulação? — pergunto.

— Quanto menos você souber, melhor — responde ele. — Sente-se.

Eu me sento, recosto-me na cadeira e apoio os braços nos descansos. Amah prepara uma seringa, levantando-a contra a luz para se certificar de que o frasco está posicionado no lugar certo. Ele enfia a agulha no meu pescoço sem qualquer aviso, apertando o êmbolo. Eu contraio o rosto.

— Vamos ver qual dos seus medos aparece primeiro — diz ele. — Sabe, já estou ficando meio entediado com eles. Você bem que poderia tentar mostrar algo novo.

— Vou dar o meu melhor.

A simulação me engole.

+ + +

Estou sentado em um banco duro de madeira, em uma mesa de jantar da Abnegação, com um prato vazio diante de mim. Todas as cortinas estão fechadas, e a única luz vem da lâmpada pendurada sobre a mesa, com seu filamento brilhando em um tom alaranjado. Olho para o tecido preto cobrindo o meu joelho. *Por que estou vestindo preto e não cinza?*

Quando levanto a cabeça, ele, Marcus, está sentado de frente para mim. Por um milésimo de segundo, ele é exatamente como o homem que vi do outro lado do salão na Cerimônia de Escolha, há não muito tempo, com olhos azul-escuros como os meus, a boca contraída numa expressão séria.

Estou de preto porque sou da Audácia agora, lembro a mim mesmo. *Então, por que estou em uma casa da Abnegação, sentado diante do meu pai?*

Vejo o contorno da lâmpada refletido no meu prato vazio. *Deve ser uma simulação*, penso.

De repente, a lâmpada acima de nós pisca, e ele se transforma no homem que sempre vejo na minha paisagem do medo, um monstro retorcido, com buracos no lugar dos olhos e uma boca enorme e vazia. Ele salta sobre a mesa com as mãos estendidas e, em vez de unhas, tem navalhas presas nas pontas dos dedos.

Ele tenta me golpear, e eu me jogo pra trás, caindo do banco. Tento recobrar o equilíbrio no chão, depois corro até a sala de estar. Há outro Marcus lá, perto da parede, estendendo o braço para me pegar. Procuro a porta da frente, mas alguém a selou com blocos de concreto, prendendo-me lá dentro.

Subo a escada correndo, arfando. No andar de cima, tropeço e caio estatelado no chão de madeira do corredor. Um Marcus abre a porta do armário, saindo lá de dentro; outro chega do quarto dos meus pais; outro ainda se arrasta pelo chão, vindo do banheiro. Encolho-me contra a parede. Não há janelas.

O lugar está cheio dele.

De repente, um dos Marcus para bem na minha frente, empurrando-me contra a parede, com as duas mãos ao redor do meu pescoço. Outro corre as unhas pelos meus braços, provocando uma dor lancinante que faz meus olhos lacrimejarem.

Estou paralisado, em pânico.

Engulo o ar. Não consigo gritar. Sinto dor e o batimento forte do meu coração, e chuto com o máximo de força possível, sem acertá-lo. O Marcus com as mãos no meu pescoço me empurra parede acima, e agora os dedos do meu pé mal alcançam o chão. Meus membros estão inertes como os de uma boneca de pano. Não consigo me mover.

Este lugar, este lugar está cheio dele. *Não é real*, percebo. *É uma simulação. É exatamente como a paisagem do medo*.

Agora, mais Marcus esperam abaixo de mim com as mãos estendidas, e, ao olhar para eles, tudo o que vejo é um mar de lâminas. Seus dedos tentam agarrar as minhas pernas, cortando-me, e sinto um calor na lateral do meu pescoço quando o Marcus que está me enforcando aperta mais forte.

Simulação, lembro a mim mesmo. Tento enviar vida para todos os meus membros. Imagino o meu sangue em chamas, espalhando-se por meu corpo. Bato com a mão na parede, procurando algum tipo de arma. Um dos Marcus estica o braço, com os dedos posicionados sobre os meus olhos. Solto um grito e começo a me debater enquanto as lâminas se cravam nas minhas pálpebras.

Minhas mãos não encontram uma arma, mas uma maçaneta. Eu a giro com força e caio dentro de outro armário. Os Marcus me soltam. No armário há uma janela por onde mal consigo passar. Enquanto eles me perseguem para dentro da escuridão, dou uma cotovelada no vidro, estilhaçando-o. O ar fresco enche os meus pulmões.

Endireito-me na cadeira, arfando.

Levo as mãos ao pescoço, aos meus braços, às minhas pernas, procurando feridas que não estão lá. Ainda consigo sentir os cortes e o sangue derramando das minhas veias, mas minha pele está ilesa.

Minha respiração desacelera, assim como meus pensamentos. Amah está sentado diante do computador, ligado à simulação, e me encara.

— O que foi? — pergunto, sem fôlego.

— Você passou cinco minutos lá — diz Amah.

— Isso é muito tempo?

— Não. — Ele franze a testa ao olhar para mim. — Não, certamente não é muito tempo. É muito bom, aliás.

Coloco os pés no chão e apoio a cabeça nas mãos. Talvez eu não tenha passado tanto tempo em pânico durante a simulação, mas a imagem deformada do meu pai tentando arrancar os meus olhos continua voltando à minha mente, fazendo o meu batimento cardíaco acelerar.

— O soro ainda está fazendo efeito? — pergunto, com os dentes cerrados. — Está me fazendo entrar em pânico?

— Não, ele deveria ter ficado inativo assim que você deixou a simulação — diz ele. — Por quê?

Balanço as mãos, que formigam como se estivessem ficando dormentes. Balanço a cabeça. *Não foi real*, digo a mim mesmo. *Esqueça.*

— Às vezes, a simulação causa um resquício de pânico, dependendo do que você vê dentro dela — diz Amah. — É melhor eu acompanhá-lo de volta ao dormitório.

— Não. — Balanço a cabeça. — Vou ficar bem.

Ele me encara com severidade.

— Não pedi a sua autorização. — Ele se levanta e abre uma porta atrás da cadeira. Sigo-o por um corredor curto e escuro, depois por corredores de pedra que levam ao dormitório dos iniciandos transferidos. O ar é gelado e úmido porque estamos no subterrâneo. Ouço o eco dos nossos passos e a minha própria respiração, nada mais.

Acho que vejo algo, um movimento, à minha esquerda, e retraio o corpo para me afastar, recuando na direção da parede. Amah me detém, pousando as mãos nos meus ombros e me forçando a olhar para o seu rosto.

— Ei. Controle-se, Quatro.

Concordo com a cabeça, e o calor invade o meu rosto. Sinto uma pontada profunda de vergonha no estômago. Eu deveria ser audaz. Eu não deveria

temer que o monstro Marcus me ataque no escuro. Encosto-me à parede de pedra e respiro fundo.

— Posso perguntar uma coisa? — diz Amah. Eu me contraio, achando que ele vai perguntar sobre o meu pai, mas ele não faz isso. — Como você conseguiu sair daquele corredor?

— Eu abri uma porta — respondo.

— Havia uma porta atrás de você o tempo todo? Havia uma porta na sua antiga casa?

Balanço a cabeça.

O rosto de Amah, que costuma ser amigável, fica sério.

— Então, você criou uma porta do nada?

— Sim — respondo. — As simulações estão todas na nossa cabeça. Minha mente criou uma porta para que eu pudesse sair. Tudo o que precisei fazer foi me concentrar.

— Que estranho — diz ele.

— O quê? Por quê?

— A maioria dos iniciandos não é capaz de fazer algo impossível acontecer nessas simulações, porque, ao contrário das paisagens do medo, eles não são capazes de reconhecer que estão *dentro* de uma simulação — explica ele. — Por isso, eles não saem tão rápido delas.

Sinto o meu batimento cardíaco na garganta. Não percebi que essas simulações eram diferentes da paisagem do medo. Pensei que todos tivessem consciência da simulação quando estavam dentro dela. Mas, julgando pelo que Amah disse, elas são como o teste de aptidão, e, antes do meu teste de aptidão, meu pai me alertou sobre a consciência dentro da simulação, falando que eu deveria escondê-la. Ainda me lembro de como ele foi insistente, de como sua voz soou tensa e de como ele agarrou o meu braço um pouco forte demais.

Na época, pensei que ele nunca falaria comigo daquele jeito se não estivesse preocupado comigo. Preocupado com a minha segurança.

Ele estava apenas sendo paranoico, ou será que é perigoso estar consciente durante as simulações?

— Eu era como você — diz Amah baixinho. — Eu conseguia mudar as simulações. Mas pensava que era o único.

Quero pedir que ele não fale mais nada, que proteja seus próprios segredos. Mas as pessoas da Audácia não ligam para segredos da mesma forma que as da Abnegação, com seus sorrisos de lábios apertados e suas casas arrumadinhas e idênticas.

Amah está me olhando de uma maneira estranha, ansioso, como se esperasse algo de mim. Ajeito o corpo, desconfortável.

— Provavelmente não é algo do qual você deve se gabar — diz ele. — A Audácia busca a conformidade, assim como qualquer outra facção, apesar de isso não parecer tão óbvio aqui.

Concordo com a cabeça.

— Deve ser só uma falha — digo. — Não consegui fazer a mesma coisa no meu teste de aptidão. Na próxima vez, provavelmente serei mais normal.

— Certo. — Ele não soa convencido. — Bem, na próxima vez, tente não fazer nada impossível, está bem? Apenas encare o seu medo de maneira lógica, de um modo que sempre faça sentido para você, quer esteja consciente ou não.

— Tudo bem.

— Você está bem agora, não está? Consegue voltar para o dormitório sozinho?

Quero dizer que, desde o começo, eu poderia ter conseguido voltar ao dormitório sozinho; nunca precisei da ajuda dele para chegar lá. Mas apenas assinto de novo. Ele bate com a mão no meu ombro, bem-humorado, depois volta para a sala de simulação.

Não consigo deixar de pensar que meu pai não teria me alertado a não exibir a minha consciência na simulação apenas por normas de facção. Ele me dava broncas o tempo todo por envergonhá-lo na frente de membros da Abnegação, mas nunca sussurrou alertas nos meus ouvidos ou me ensinou

como evitar passos em falso antes, assim como ele nunca havia me encarado, com os olhos arregalados, até eu prometer fazer o que ele disse.

É estranho saber que ele provavelmente estava tentando me proteger. Como se ele não fosse bem o monstro que imagino, que vejo nos meus piores pesadelos.

Quando volto a caminhar em direção ao dormitório, ouço algo no final do corredor pelo qual acabamos de passar, algo como pegadas silenciosas e apressadas, movendo-se na direção oposta.

+ + +

Shauna corre até mim no refeitório durante o jantar e acerta um soco forte no meu braço. O sorriso estampado em seu rosto é tão largo que dá a impressão de que vai cortar suas bochechas. Há um inchaço logo abaixo do seu olho direito. Vai ficar roxo mais tarde.

— Eu venci! — anuncia ela. — Fiz o que você disse. Acertei-a bem na mandíbula nos primeiros sessenta segundos e a deixei completamente desequilibrada. Ela ainda acertou o meu olho porque baixei a guarda, mas, depois disso, eu a espanquei. Ela está com o nariz sangrando. Foi incrível.

Abro um sorriso. Fico surpreso com o quanto isso me satisfaz, ensinar uma pessoa a fazer uma coisa e depois descobrir que funcionou.

— Muito bem — elogio.

— Eu não teria conseguido sem a sua ajuda. — Seu sorriso muda, se suaviza, fica menos entusiasmado e mais sincero. Ela fica na ponta dos pés e beija a minha bochecha.

Eu a encaro quando ela se afasta. Shauna ri e me arrasta até a mesa onde Zeke e alguns dos outros iniciandos nascidos na Audácia estão sentados. Ocorre-me que meu problema não é ser um Careta, mas não saber o que esses gestos de afetividade significam na Audácia. Shauna é bonita e engraçada, e, na Abnegação, se eu estivesse interessado nela, jantaria na casa de sua família, depois descobriria em qual projeto ela trabalha como

voluntária e daria um jeito de ingressar nele também. Na Audácia, não tenho a menor ideia de como devo agir, ou de como descobrir se realmente gosto dela dessa maneira.

Decido não permitir que isso me distraia, pelo menos não agora. Pego um prato de comida e sento para comer, ouvindo a conversa e as risadas dos outros. Todos parabenizam Shauna por sua vitória, apontando para a garota que ela derrotou, sentada em uma das outras mesas com o rosto ainda inchado. Ao final da refeição, enquanto cutuco um pedaço de bolo de chocolate com o garfo, duas mulheres da Erudição entram no refeitório.

Não é fácil silenciar os membros da Audácia. Nem a chegada repentina das mulheres da Erudição os silencia completamente: a sala continua repleta de murmúrios, como o som distante de pessoas correndo. Mas, quando as mulheres da Erudição se sentam com Max e nada mais acontece, as conversas aos poucos recomeçam. Não participo delas. Continuo furando o bolo com o garfo, assistindo.

Max se levanta e se aproxima de Amah. Eles têm uma conversa tensa entre as mesas, depois começam a andar na minha direção. Até *mim*.

Amah pede que eu me aproxime. Abandono a minha bandeja quase vazia.

— Você e eu fomos chamados para uma avaliação — diz Amah. Sua boca, sempre sorridente, agora é uma linha reta, e sua voz animada soa monótona.

— Avaliação? — pergunto.

Max abre um pequeno sorriso para mim.

— Os resultados da sua simulação do medo foram um pouco anormais. Nossas amigas da Erudição ali atrás... — Olho sobre os ombros dele, para as mulheres da Erudição. Surpreso, percebo que uma delas é Jeanine Matthews, a representante da Erudição. Ela veste um terno azul elegante, e um par de óculos pende do seu pescoço preso por uma corrente, um símbolo tão exagerado da vaidade da Erudição que chega a ser ilógico. — Elas observarão outra simulação, para se certificarem de que o resultado anormal não foi um

erro no programa. Amah levará todos vocês à sala de simulação do medo agora.

Sinto os dedos do meu pai agarrando o meu braço, ouço a sua voz sibilante alertando-me a não fazer nada de estranho na simulação do meu teste de aptidão. Tenho a sensação de formigamento nas palmas das mãos, o sinal de que estou prestes a entrar em pânico. Não consigo falar; então apenas olho para Max, depois para Amah, e faço que sim com a cabeça. Não sei o que isso significa, estar consciente durante uma simulação, mas sei que não pode ser nada de bom. Sei que Jeanine Matthews nunca viria aqui só para observar minha simulação se não houvesse algo muito errado comigo.

Caminhamos até a sala de simulação do medo sem trocar uma única palavra, enquanto Jeanine e a mulher que imagino ser sua assistente conversam baixinho atrás de nós. Amah abre a porta para que entremos.

— Vou buscar um equipamento extra para que vocês possam observar — diz Amah. — Já volto.

Jeanine caminha pela sala com uma expressão pensativa. Como qualquer outra pessoa da Abnegação, fui treinado para desconfiar da vaidade e da ganância da Erudição, e não confio nela. Ao olhar para ela, no entanto, ocorre-me que o que me ensinaram talvez não seja verdade. A mulher da Erudição que me ensinou a desmontar um computador quando eu trabalhava como voluntário na sala de computadores da escola não era gananciosa ou vaidosa; talvez Jeanine Matthews também não seja.

— Você foi registrado no sistema como 'Quatro' — diz Jeanine depois de alguns segundos. Ela para de caminhar, cruzando os braços na frente do corpo. — Achei isso intrigante. Por que não o conhecem como 'Tobias' aqui?

Jeanine já sabe quem eu sou. É claro que sabe. Ela sabe de tudo, não é mesmo? Parece que minhas entranhas estão murchando, desabando sobre si mesmas. Jeanine sabe o meu nome, conhece o meu pai e, se assistiu a uma das minhas simulações do medo, também conhece algumas das minhas

partes mais sombrias. Seus olhos límpidos e quase úmidos encontram os meus, e desvio o olhar.

— Eu queria recomeçar do zero — respondo.

Ela acena com a cabeça.

— Consigo entender isso. Especialmente depois das experiências pelas quais você passou.

Ela soa quase... *gentil*. Fico arrepiado com o tom da sua voz quando a encaro.

— Estou bem — digo com frieza.

— É claro que está. — Ela abre um pequeno sorriso.

Amah empurra um carrinho para dentro da sala. Ele carrega mais fios, eletrodos e peças de computador. Sei o que devo fazer; sento-me na cadeira reclinável e apoio os braços nos descansos. Os outros se conectam à simulação. Amah se aproxima de mim com uma agulha, e fico parado enquanto ele espeta o meu pescoço.

Fecho os olhos, e o mundo se desfaz.

+ + +

Quando abro os olhos, estou em pé no telhado de um edifício extremamente alto, muito perto da beirada. Abaixo, vejo a calçada dura, as ruas vazias, ninguém que possa me ajudar a descer. O vento me atinge de todos os lados, e me inclino para trás, caindo de costas no telhado de cascalho.

Não gosto nem de estar aqui em cima, vendo este céu vasto e vazio ao meu redor, o que me faz lembrar de que estou no ponto mais alto da cidade. Recordo-me de que Jeanine Matthews está assistindo; jogo o corpo contra a porta do telhado, tentando abri-la enquanto bolo uma estratégia. Normalmente, eu encararia este medo saltando da beirada do prédio, porque sei que é apenas uma simulação e que não vou morrer de verdade. Mas outra pessoa nunca faria isso nesta simulação; outra pessoa encontraria uma forma segura de descer.

Avalio minhas opções. Posso tentar abrir a porta, mas não há nenhuma ferramenta para me ajudar a fazer isso aqui, apenas um telhado de cascalho, uma porta e o céu. Não posso fazer uma ferramenta surgir para me ajudar a atravessar a porta, porque este é exatamente o tipo de manipulação de simulação que Jeanine deve estar procurando. Afasto-me, chutando a porta com força, mas ela não cede.

Com o coração batendo muito rápido, caminho até a beirada outra vez. Em vez de olhar completamente para baixo, para as calçadas minúsculas, olho para o próprio edifício. Há janelas com parapeitos, centenas delas. A maneira mais rápida de descer, a maneira mais apropriada para alguém da Audácia, seria escalar a lateral do edifício.

Apoio o rosto nas mãos. Sei que isso não é real, mas parece real, com o vento assobiando nos meus ouvidos, seco e frio. Sinto a aspereza do concreto sob as minhas mãos e ouço o som dos cascalhos espalhados ao redor dos meus sapatos. Coloco uma perna para fora da beirada, tremendo, depois viro de cara para o edifício e começo a descer, um pé de cada vez, até ficar pendurado da beirada pelas pontas dos dedos.

O pânico borbulha dentro de mim, e solto um grito entre dentes cerrados. *Meu Deus*. Eu odeio alturas, simplesmente *odeio*. Pisco para afastar as lágrimas, culpando mentalmente o vento por elas, e tento achar o parapeito mais próximo com as pontas dos pés. Ao encontrá-lo, procuro o topo da janela com uma das mãos e faço força para cima, para manter o equilíbrio, enquanto apoio o corpo sobre as pontas dos meus pés.

Meu corpo se inclina para trás, pendurado no espaço vazio, e solto outro grito, cerrando os dentes com tanta força que eles rangem.

Preciso fazer isso outra vez. E mais outra. E mais outra.

Inclino o corpo, segurando a parte de cima da janela com uma das mãos e a parte de baixo com a outra. Quando consigo agarrar bem, arrasto a ponta do pé pela lateral do edifício, ouvindo o som do meu tênis raspando a pedra, depois me penduro outra vez.

Agora, ao saltar para o outro parapeito, não seguro forte o bastante. Meus pés escapam do parapeito, e meu corpo pende para trás. Sacudo os braços, roçando o prédio de concreto com as pontas dos dedos, mas não adianta nada; desabo, e outro grito cresce dentro de mim, derramando da minha garganta. Eu poderia criar uma rede sob mim; eu poderia criar uma corda no ar para me salvar, mas não. É melhor eu não criar nada, ou eles saberão o que sou capaz de fazer.

Permito-me desabar. Permito-me morrer.

Acordo sentindo dor, criada pela minha própria mente, ressoando em cada parte do meu corpo, gritando, e os meus olhos estão embaçados pelas lágrimas e pelo terror. Lanço o tronco bruscamente para a frente, sem fôlego. Meu corpo treme; sinto-me envergonhado em agir assim com esta plateia, mas sei que é uma coisa boa. Provará para elas que não sou especial. Sou apenas mais um imprudente da Audácia, que pensou que conseguiria descer pela parede de um prédio, mas falhou.

— Interessante — diz Jeanine, mas mal consigo ouvir sua voz por trás do som da minha própria respiração. — Nunca me canso de ver o interior da mente das pessoas. Cada detalhe sugere tantas coisas.

Jogo as pernas, ainda trêmulas, para fora da cadeira e pouso os pés no chão.

— Você foi bem — diz Amah. — Sua técnica de escalada ainda precisa melhorar um pouco, mas, mesmo assim, você saiu da simulação bem rápido, como da última vez.

Ele sorri para mim. Devo ter conseguido agir de forma normal, porque ele não parece mais preocupado.

Aceno com a cabeça.

— Bem, parece que o resultado anormal do seu teste foi uma falha do programa. Precisaremos investigar o programa de simulação para encontrar a falha — diz Jeanine. — Agora, Amah. Eu gostaria de assistir a uma das *suas* simulações do medo, se você não se importar.

— Minhas? Por que as minhas?

O sorriso meigo de Jeanine não muda.

— Nossas informações sugerem que você não se surpreendeu com o resultado anormal de Tobias e que, na verdade, você parecia bastante familiar com ele. Portanto, gostaria de saber se essa familiaridade vem da experiência.

— Suas informações — diz Amah. — Informações de onde?

— Um iniciando nos procurou para expressar a sua preocupação pelo seu bem-estar, assim como o de Tobias — diz Jeanine. — Gostaria de respeitar a privacidade dele. Tobias, você já pode ir embora. Obrigada por sua cooperação.

Olho para Amah. Ele acena de leve com a cabeça. Levanto-me, ainda vacilante, e saio da sala, deixando a porta um pouco aberta, para poder ficar e ouvir o que está acontecendo. Mas, assim que entro no corredor, a assistente de Jeanine bate a porta, e não consigo ouvir nada, mesmo encostando a orelha nela.

Um iniciando os procurou para expressar a sua preocupação, e tenho certeza de quem foi. O único de nós que antes era da Erudição: Eric.

+ + +

Durante uma semana, parece que a visita de Jeanine não vai dar em nada. Todos os iniciandos, tanto os nascidos na Audácia quanto os transferidos, passam por simulações do medo diariamente, e eu sempre me permito ser consumido pelos meus próprios medos: alturas, confinamento, violência, Marcus. Às vezes, eles se misturam: Marcus no topo de edifícios altos, violência em espaços confinados. Sempre acordo em um estado de semidelírio, tremendo, envergonhado porque, mesmo sendo o iniciando que tem apenas quatro medos, também sou aquele que não consegue se livrar deles depois que a simulação acaba. Eles me surpreendem quando menos espero, enchendo meu sono de pesadelos e minhas horas acordadas de tremedeiras e paranoias. Cerro os dentes, assusto-me com qualquer barulho,

e minhas mãos ficam dormentes do nada. Temo enlouquecer antes do fim da iniciação.

— Você está bem? — pergunta Zeke no café da manhã, certo dia. — Você parece... exausto.

— Estou bem — respondo, um pouco mais áspero do que esperava.

— É, dá pra ver — diz Zeke, sorrindo. — Não tem problema não estar bem, sabia?

— É, eu sei — respondo, depois me obrigo a terminar a comida, apesar de tudo estar sem gosto nos últimos tempos. Sinto que estou enlouquecendo, mas pelo menos tenho ganhado peso, principalmente em músculos. É estranho ocupar tanto espaço apenas existindo, quando eu costumava desaparecer com tanta facilidade. Isso me faz sentir um pouquinho mais forte, um pouquinho mais estável.

Zeke e eu entregamos as nossas bandejas. No caminho para o Fosso, o irmão mais novo de Zeke, que eu me lembro se chamar Uriah, corre até nós. Ele já é mais alto do que Zeke e tem um curativo atrás da orelha cobrindo uma nova tatuagem. Geralmente, ele aparenta estar sempre prestes a contar uma piada, mas não desta vez. Agora, apenas parece atordoado.

— Amah — diz ele, um pouco ofegante. — Amah... — Ele balança a cabeça. — Amah morreu.

Solto uma pequena risada. Distanciando-me, tenho consciência de que não é a reação apropriada, mas não consigo me conter.

— O quê? Como assim, ele *morreu*? — pergunto.

— Uma mulher da Audácia encontrou um corpo no chão, perto da Pira, hoje cedo — diz Uriah. — Eles acabaram de identificá-lo. Era Amah. Ele... ele deve ter...

— Pulado? — diz Zeke.

— Ou caído, ninguém sabe — diz Uriah.

Caminho em direção às passagens que sobem as paredes do Fosso. Geralmente, quase me encosto à parede ao fazer isso, com medo da altura,

mas, desta vez, nem penso no que há embaixo. Passo por crianças que correm e gritam, e por pessoas entrando e saindo das lojas. Subo a escada suspensa do teto de vidro.

Há uma multidão reunida no saguão da Pira. Acotovelo as pessoas para abrir caminho. Algumas delas me xingam ou me acotovelam de volta, mas quase não noto. Alcanço o canto do recinto, as paredes de vidro com vista para as ruas que cercam o complexo da Audácia. Do lado de fora, uma área foi isolada por uma fita, e um filete vermelho-escuro se espalha sobre a calçada.

Encaro o filete por bastante tempo, até começar a compreender que ele é composto do sangue de Amah, sangue do seu corpo que se chocou com o chão.

Depois, vou embora.

+ + +

Não conhecia Amah bem o bastante para ficar de luto, ou pelo menos não da maneira que aprendi a entender esse sentimento. O luto é o que senti depois da morte da minha mãe: um peso que me impedia de me mover todos os dias. Lembro-me de parar no meio de tarefas simples para descansar e depois me esquecer de retomá-las, ou de acordar no meio da noite com o rosto úmido de lágrimas.

Não carrego a perda de Amah dessa maneira. Surpreendo-me sentindo a sua falta de vez em quando, quando me lembro de como ele me batizou, como ele me protegeu quando ainda nem me conhecia. Mas, na maior parte do tempo, sinto apenas raiva. Sua morte teve alguma coisa a ver com Jeanine Matthews e a avaliação da simulação do medo, tenho certeza. E isso significa que o que quer que tenha acontecido também é culpa do Eric, porque ele ouviu a nossa conversa e a relatou à líder de sua antiga facção.

Eles assassinaram Amah, os membros da Erudição. Mas todos acham que ele pulou ou caiu. É algo que alguém da Audácia faria.

Uma cerimônia em memória a ele é organizada pela Audácia naquela noite. Ao final, todos estão bêbados. Reunimo-nos perto do abismo, e Zeke me passa um copo com um líquido escuro. Eu o engulo sem pensar. Enquanto a tranquilidade líquida derrama dentro de mim, balanço o corpo um pouco e devolvo o copo vazio para ele.

— É, acho que é uma boa — diz Zeke, encarando o copo vazio. — Vou buscar mais.

Aceno com a cabeça e ouço o ronco do abismo. Jeanine Matthews pareceu aceitar que os meus resultados anormais foram apenas uma falha do programa, mas e se ela estivesse apenas fingindo? E se ela vier atrás de mim, como foi atrás de Amah? Tento afastar o pensamento, levá-lo para um lugar onde não o encontrarei novamente.

Uma mão escura e cheia de cicatrizes pousa no meu ombro, e Max para ao meu lado.

— Você está bem, Quatro? — pergunta ele.

— Sim — respondo, e falo a verdade. Estou bem. Estou bem porque ainda estou de pé, e ainda não estou enrolando a língua.

— Sei que Amah tinha um interesse especial por você. Acho que ele via muito potencial em você. — Max abre um pequeno sorriso.

— Eu não o conhecia muito bem.

— Ele era um pouco perturbado, um pouco desequilibrado. Era diferente dos outros iniciandos da turma em que entrou — diz Max. — Acho que a perda dos avós o abalou muito. Ou talvez o problema fosse mais profundo... Não sei. Talvez ele esteja melhor assim.

— Melhor *morto*? — pergunto, olhando para ele com raiva.

— Não foi exatamente isso que eu quis dizer — responde Max. — Mas aqui na Audácia encorajamos nossos membros a escolher seus próprios caminhos na vida. Se foi isso que ele escolheu... melhor para ele. — Ele pousa a mão no meu ombro outra vez. — Dependendo de como você se sair no seu exame final amanhã, nós dois precisaremos conversar sobre o futuro que você gostaria de

ter aqui na Audácia. Você é, de longe, nosso iniciando mais promissor, apesar do seu histórico.

Eu apenas continuo a encará-lo. Não entendo o que ele está falando, ou por que está falando isso aqui, na cerimônia em memória de Amah. Será que ele está tentando me *recrutar*? Para quê?

Zeke volta com dois copos, e Max se mistura à multidão, como se nada tivesse acontecido. Um dos amigos de Amah sobe em uma cadeira e grita algo sem sentido, sobre como Amah era corajoso o bastante para explorar o desconhecido.

Todos levantam seus copos e gritam o nome dele. *Amah*, *Amah*, *Amah*. Eles gritam o nome dele tantas vezes que ele perde o sentido, se transformando em um som inexorável, repetitivo e esgotante.

Depois, todos bebemos. É assim que a Audácia pranteia os seus mortos: expulsando a tristeza até o esquecimento alcoólico e deixando-a lá.

Está bem. Tudo bem. Eu também consigo expulsar a tristeza.

+ + +

Meu exame final, minha paisagem do medo, é administrado por Tori e observado pelos líderes da Audácia, entre eles Max. Paro em algum lugar no meio do grupo de iniciandos e, pela primeira vez, não me sinto nem um pouco nervoso. Na paisagem do medo, todos ficam conscientes durante a simulação, então não tenho nada a esconder. Cravo a agulha no meu próprio pescoço e deixo a realidade desaparecer.

Já fiz isso várias vezes. Encontro-me no topo de um edifício alto e salto correndo da beirada. Fico trancado dentro de uma caixa e entro em pânico por um breve instante, antes de lançar o ombro contra a parede à direita, quebrando a madeira com o impacto, de modo impossível. Pego uma arma e disparo, sem pensar duas vezes, contra a cabeça de uma pessoa inocente, agora um homem sem rosto vestindo o preto da Audácia.

Desta vez, quando os Marcus me cercam, eles se parecem mais com meu pai do que antes. Sua boca é uma boca, embora seus olhos ainda sejam cavidades vazias. E, quando levantam os braços para me agredir, eles seguram um cinto, não uma corda farpada ou qualquer outra arma capaz de me despedaçar. Recebo alguns golpes, depois me lanço contra o Marcus mais próximo, agarrando sua garganta. Soco violentamente seu rosto, e a violência me causa um breve momento de satisfação antes de eu acordar, agachado no chão da sala da paisagem do medo.

As luzes da sala ao lado se acendem, permitindo que eu veja as pessoas lá dentro. Há duas fileiras de iniciandos à espera, entre eles Eric, que agora tem tantos piercings no lábio que às vezes me pego imaginando como seria arrancar todos, um por um. Sentados na frente deles, encontram-se três líderes da Audácia, entre eles Max, e todos balançam afirmativamente com a cabeça e sorriem. Tori faz um sinal de positivo para mim com o polegar.

Comecei o exame pensando que não me importava mais. Não me importava mais em passar, ou em ir bem, ou em entrar para a Audácia. Mas o sinal de positivo de Tori me enche de orgulho, e permito-me sorrir um pouco ao deixar a sala. Amah pode estar morto, mas ele sempre quis que eu me saísse bem. Não posso dizer que fiz isso por ele. Na verdade, não fiz por ninguém, nem por mim mesmo. Mas pelo menos não o envergonhei.

Todos os iniciandos que já terminaram o exame final esperam pelos resultados no dormitório dos transferidos, até os nascidos na Audácia. Zeke e Shauna soltam um grito de comemoração quando entro, e eu me sento na beirada da cama.

— Como foi? — pergunta Zeke.

— Tudo bem — respondo. — Sem grandes surpresas. E o de vocês?

— Foi horrível, mas sobrevivi — diz ele, dando de ombros. — Mas a Shauna enfrentou alguns medos novos.

— Consegui lidar com eles — diz Shauna com um tom exagerado de indiferença. Ela pôs um travesseiro que pertence a Eric entre os joelhos. Ele

não gostará nada disso.

A máscara dela cai, e ela abre um sorriso.

— Eu mandei muito bem — diz ela.

— Certo, certo — diz Zeke.

Shauna o atinge com o travesseiro, bem na cara. Ele o arranca das mãos dela.

— O que você quer que eu diga? É verdade, você mandou muito bem. É verdade, você é a melhor integrante da Audácia da história. Satisfeita? — Ele a atinge no ombro com o travesseiro. — Ela não para de se gabar desde que começamos as simulações do medo, só porque é melhor nelas do que eu. Não aguento mais.

— Só estou me vingando pelo tanto que você se gabou durante o treinamento de combate — retruca ela. — 'Você viu aquele golpe que eu dei bem no começo?' Blá, blá, blá.

Ela o empurra, e ele agarra seu pulso. Shauna se solta e dá um peteleco na orelha dele, e os dois riem e lutam.

Talvez eu não entenda a afetividade da Audácia, mas acho que sei reconhecer quando as pessoas estão flertando. Dou uma risadinha. Acho que isso resolve a minha questão com Shauna, não que estivesse me incomodando tanto assim. Isso provavelmente já era a resposta em si.

Permanecemos sentados por mais uma hora enquanto os outros terminam os exames finais e entram no dormitório, um por um. O último a entrar é Eric, que fica parado na porta, com ar convencido.

— Chegou a hora de anunciarem os resultados — diz ele.

Os outros se levantam e passam pelo garoto, saindo do dormitório. Alguns parecem nervosos; outros estão convencidos e seguros. Espero até que todos tenham saído antes de caminhar até a porta, mas não passo por ela. Paro, cruzando os braços, e encaro Eric por alguns segundos.

— Tem algo a dizer? — pergunta ele.

— Sei que foi você — respondo. — Você dedurou o Amah para a Erudição. Eu sei.

— Não sei do que você está falando — diz ele, mas é óbvio que sabe.

— Ele morreu por sua causa. — Fico surpreso com a rapidez com que sou tomado pela ira. Meu corpo treme de raiva, e meu rosto esquenta.

— Acertaram a sua cabeça durante o exame, Careta? — zomba Eric com uma risadinha debochada. — Você não está falando coisa com coisa.

Eu o empurro com força contra a porta. Depois, seguro-o com um braço. Por um instante, fico surpreso com a minha força. Inclino-me para a frente, aproximando-me do rosto dele.

— Sei que foi você — repito, procurando alguma coisa, qualquer coisa, em seus olhos pretos. Não vejo nada, apenas olhos de peixe morto, impenetráveis. — Ele morreu por sua causa, e você não vai se safar dessa.

Eu o solto e desço o corredor em direção ao refeitório.

+ + +

O refeitório está *abarrotado* de pessoas que vestem suas melhores roupas da Audácia — piercings exagerados combinando com anéis mais chamativos e todas as tatuagens à mostra, mesmo que isso signifique ficar sem roupa. Tento manter os olhos fixos nos rostos das pessoas enquanto atravesso a multidão apertada de corpos. Os cheiros de bolo, carne cozida e pão enchem o ambiente, me dando água na boca. Eu me esqueci de almoçar.

Quando chego à minha mesa de costume, roubo um pão do prato de Zeke quando ele não está olhando e fico parado junto com os outros, aguardando os resultados. Tomara que eles não nos façam esperar demais. Sinto como se estivesse segurando uma cerca elétrica. Minhas mãos têm espasmos, e meus pensamentos estão frenéticos, caóticos. Zeke e Shauna tentam falar comigo, mas nenhum de nós consegue gritar alto o bastante para ser ouvido com o barulho ao redor, então nos contentamos em esperar em silêncio.

Max sobe em uma das mesas e levanta as mãos, pedindo silêncio. Quase consegue, mas nem ele é capaz de silenciar a Audácia por completo, e alguns continuam conversando e fazendo piadas como se nada tivesse acontecido. Mesmo assim, consigo ouvir o discurso.

— Há algumas semanas, um grupo de iniciandos esquálidos e assustados deixou seu sangue nos carvões e deu o grande salto para dentro da Audácia — diz Max. — Para ser sincero, pensei que nenhum deles conseguiria sobreviver ao primeiro dia. — Ele faz uma pausa para as risadas, que realmente ocorrem, apesar de a piada não ter sido tão boa assim. — Mas estou satisfeito em anunciar que este ano todos os nossos iniciandos atingiram a pontuação necessária para entrar para a Audácia!

Todos comemoram. Apesar da certeza de que não serão cortados, Zeke e Shauna trocam olhares nervosos. A ordem na qual fomos qualificados ainda determinará o tipo de emprego que poderemos escolher dentro da Audácia. Zeke coloca o braço nos ombros de Shauna e a aperta.

De repente, sinto-me sozinho novamente.

— Sem mais delongas — diz Max. — Sei que nossos iniciandos estão com o coração quase saindo pela boca. Então, eis os doze novos membros da Audácia!

Os nomes dos iniciandos aparecem em um enorme monitor atrás dele, grande o bastante para que até as pessoas no fundo do refeitório vejam. Procuro automaticamente os nomes deles na lista:

6. Zeke

7. Brasa

8. Shauna

Instantaneamente, parte da minha tensão se dissipa. Sigo até o topo da lista e, por um segundo, sinto uma pontada de pânico quando não encontro o meu nome. Mas então eu o vejo, bem no topo.

1. Quatro

2. Eric

Shauna solta um grito, e ela e Zeke me apertam em um abraço desajeitado, quase me derrubando no chão. Solto uma risada e levanto os braços para devolver o gesto.

De alguma forma, em meio ao caos, deixei meu pão cair. Eu o esmago sob o calcanhar e sorrio enquanto as pessoas me cercam, até as que nem conheço, batendo nos meus ombros, sorrindo e dizendo o meu nome. Meu nome, que passou a ser apenas "Quatro". Todas as suspeitas sobre as minhas origens foram esquecidas agora que sou um deles, um membro da Audácia.

Não sou Tobias Eaton, não mais, nunca mais. Sou um membro da Audácia.

+ + +

De noite, embriagado de animação e tão bem-alimentado que mal consigo andar, escapo da comemoração e subo o caminho que leva ao topo do Fosso, até o saguão da Pira. Atravesso a porta e respiro fundo o ar noturno, que é frio e refrescante, diferente do ar quente e estagnado do refeitório.

Caminho em direção aos trilhos, animado demais para ficar parado. Há um trem chegando, e o seu farol dianteiro pisca à medida que ele se aproxima de mim. Ele passa, poderoso e cheio de energia, ruidoso como trovão nos meus ouvidos. Inclino-me mais para perto dele, saboreando, pela primeira vez, a empolgação do medo no meu estômago, de estar tão perto de algo tão perigoso.

De repente, vejo algo escuro, parecido com uma figura humana, em um dos últimos vagões. É uma mulher alta, inclinada para fora do vagão, segurando uma das barras. Por um único segundo, quando o borrão do trem passa por mim, vejo um cabelo escuro e encaracolado e um nariz curvado.

Ela quase parece a minha mãe.

Depois, ela se vai, junto com o trem.


O FILHO

O PEQUENO APARTAMENTO não está mobiliado, e o chão ainda guarda nos cantos a poeira acumulada pelas vassouradas. Meus únicos pertences são as roupas da Abnegação, que estão enfiadas no fundo da sacola ao meu lado. Eu a jogo no colchão vazio e vasculho as gavetas sob a cama, à procura de lençóis.

Tive sorte na loteria da Audácia, porque fiquei classificado em primeiro lugar e porque, ao contrário dos meus colegas iniciandos extrovertidos, eu queria morar sozinho. Alguns, como Zeke e Shauna, cresceram rodeados pela comunidade da Audácia, e, para eles, o silêncio e a quietude da vida a sós seriam insuportáveis.

Arrumo a cama depressa, esticando bem o lençol de cima a ponto de envolver os cantos do colchão. Algumas partes dos lençóis estão puídas, comidas por traças ou gastas pelo uso, não tenho certeza. O cobertor, uma colcha azul, cheira a cedro e poeira. Ao abrir a sacola com meus parcos pertences, seguro a camisa rasgada da Abnegação, de quando tive que cortar o tecido para atar o ferimento na minha mão. Ela parece pequena. Acho que não caberia mais em mim, mas não tento vesti-la; apenas a dobro e jogo dentro da gaveta.

Ouço uma batida à porta e, pensando ser Zeke ou Shauna, digo:

— Entre!

Mas é Max, o homem alto com pele escura e dedos feridos, quem entra no apartamento, com as mãos dobradas diante do corpo. Ele examina o quarto, depois contorce o lábio com nojo ao ver as calças cinza dobradas sobre a cama. Sua reação me surpreende um pouco. Não há muitas pessoas na cidade que escolheriam a Abnegação como facção, mas poucos a odeiam. Parece que encontrei um deles.

Levanto-me, sem saber ao certo o que dizer. Há um líder de facção no meu apartamento.

— Olá — cumprimento.

— Desculpe-me por interromper — diz ele. — Fico surpreso por você não ter escolhido dividir um apartamento com um dos seus amigos iniciandos. Você fez alguns, não fez?

— Fiz — respondo. — Mas assim me sinto mais confortável.

— Acho que vai demorar um tempo até você deixar para trás sua antiga facção. — Max passa a ponta do dedo sobre a bancada da minha pequena cozinha, examina a poeira que coletou e depois limpa a mão nas calças. Ele me encara com um olhar crítico, que me diz que devo abrir mão da minha antiga facção mais rápido. Se eu ainda fosse um iniciando, poderia me preocupar com seu olhar, mas agora sou um membro da Audácia, e ele não pode tirar isso de mim, não importa o quão "Careta" eu pareça.

Ou será que ele pode?

— Hoje à tarde você escolherá o seu emprego — diz Max. — Você tem algum em mente?

— Acho que depende do que estiver disponível — respondo. — Quero fazer algo voltado para o ensino. Como o que Amah fazia, talvez.

— Acho que o iniciando que ficou em primeiro lugar pode escolher algo melhor do que 'instrutor de iniciação', não é mesmo? — Max ergue as sobrancelhas, e noto que uma delas não levanta tanto quanto a outra. Ela é marcada por cicatrizes. — Estou aqui porque surgiu uma oportunidade.

Ele puxa uma cadeira que estava junto à pequena mesa perto da bancada da cozinha, vira-a e se senta de frente para o encosto. Suas botas pretas estão sujas de lama marrom-clara, e os cadarços amarrados têm as pontas esfiapadas. Ele pode ser o membro mais velho da Audácia que já vi, mas parece feito de aço.

— Para ser sincero, um dos líderes da Audácia está ficando um pouco velho para a função — diz Max. Sento-me na beirada da cama. — Os outros quatro de nós acreditam que seria uma boa ideia trazer sangue novo para a liderança. Mais especificamente, novas ideias para novos membros da Audácia e para a iniciação. De qualquer maneira, essa tarefa costuma ser entregue ao líder

mais jovem, então seria perfeito. Consideramos escolher alguém das turmas mais recentes de iniciandos para um programa de treinamento, para descobrir se algum deles seria um bom candidato. Você seria uma escolha natural.

De repente, sinto-me pouco à vontade. Ele realmente está sugerindo que, aos dezesseis anos, eu poderia ser elegível para um cargo de liderança na Audácia?

— O programa de treinamento durará um ano, no mínimo — diz Max. — Será rigoroso e testará as suas habilidades em diversas áreas. Nós dois sabemos que você se sairá muito bem na paisagem do medo.

Concordo com a cabeça, sem pensar. Ele não deve ligar para minha autoconfiança, porque abre um pequeno sorriso.

— Você não precisará ir à reunião de seleção de empregos mais tarde — diz Max. — O treinamento começará muito em breve. Amanhã de manhã, na verdade.

— Espere — digo, quando um pensamento brota em meio à confusão na minha mente. — Eu não tenho escolha?

— É claro que você tem escolha. — Ele parece confuso. — Mas imaginei que alguém como você preferiria treinar para se tornar um líder do que passar o dia todo ao redor de uma cerca com uma arma apoiada no ombro, ou ensinando iniciandos sobre boas técnicas de luta. Mas talvez eu esteja errado...

Não sei por que hesito. Não quero passar os meus dias protegendo a cerca ou patrulhando a cidade, nem mesmo caminhando pela sala de treinamento. Posso ter aptidão para a luta, mas isso não significa que eu tenha que lutar o tempo todo. A chance de fazer a diferença na Audácia agrada o meu lado da Abnegação, o lado que não quer ir embora e que ocasionalmente exige a minha atenção.

Acho que apenas não gosto quando não me dão escolha.

Balanço a cabeça.

— Não, você não está errado. — Limpo a garganta e tento soar mais firme, mais determinado. — Quero fazer isso. Obrigado.

— Excelente. — Max se levanta e estala um dos dedos da mão, de maneira indiferente, como se fosse um velho hábito. Ele estende a mão para apertar a minha, e eu a seguro, embora seu gesto ainda pareça pouco familiar para mim. Os membros da Abnegação nunca se tocariam de maneira tão casual. — Venha para a sala de conferências perto do meu escritório amanhã de manhã, às oito. Fica na Pira. No décimo andar.

Ele vai embora, e as solas das suas botas espalham pedaços de terra seca ao sair. Eu os varro com a vassoura que está encostada à parede, ao lado da porta. Mas, ao empurrar a cadeira de volta para junto da mesa, percebo uma coisa. Se me tornar um líder da Audácia, um representante da minha facção, terei que ficar cara a cara com o meu pai de novo. E não apenas uma vez, mas várias, até que ele finalmente se aposente e volte à obscuridade da Abnegação.

Meus dedos começam a ficar dormentes. Já enfrentei meus medos tantas vezes nas simulações, mas isso não significa que eu esteja pronto para encará-los no mundo real.

+ + +

— Cara, você perdeu a reunião! — Zeke está com os olhos arregalados, preocupado. — Os únicos empregos que sobraram no final foram os nojentos, como limpar privadas! Onde *você* estava?

— Está tudo bem — digo, levando a bandeja de comida até a nossa mesa, perto da porta. Shauna está lá com a irmã mais nova, Lynn, e uma amiga de Lynn, Marlene. Assim que as vi lá, tive vontade de dar meia-volta e ir embora. Marlene é animada demais para mim, mesmo quando estou de bom humor. Entretanto, Zeke já tinha me visto, então era tarde demais. Atrás de nós, Uriah dá uma corridinha para nos alcançar, com uma quantidade de comida tão grande no prato que duvido que consiga fazer tudo caber no seu estômago. — Eu não perdi nada. Max veio me visitar mais cedo.

Enquanto nos sentamos à mesa, sob uma das lâmpadas fortes e azuis penduradas na parede, explico a oferta de Max, tentando fazê-la soar menos impressionante do que de fato é. Acabei de fazer amigos; não quero criar uma tensão de inveja entre nós à toa. Quando termino de contar a história, Shauna apoia o rosto em uma das mãos e fala para Zeke:

— Acho que deveríamos ter nos esforçado mais durante a iniciação, não é mesmo?

— Ou matado o Quatro antes de ele fazer o teste final.

— Ou os dois. — Shauna sorri para mim. — Parabéns, Quatro. Você merece.

Sinto os olhos de todos em mim como feixes de calor distintos e poderosos, e mudo o assunto depressa.

— Com quais empregos vocês ficaram?

— Na sala de controle — diz Zeke. — Minha mãe costumava trabalhar lá, e já me ensinou quase tudo que precisarei saber.

— Eu estou naquele... negócio de liderança do caminho da patrulha — diz Shauna. — Não é o emprego mais emocionante do mundo, mas pelo menos trabalharei ao ar livre.

— É, quero ver você dizer isso no meio do inverno, quando estiver andando em trinta centímetros de neve e gelo — diz Lynn amargamente. Ela dá uma garfada em uma pilha de purê de batata. — É melhor eu me sair bem na iniciação. Não quero ficar presa patrulhando a cerca.

— Já não falamos sobre isso? — diz Uriah. — Não diga a palavra com 'i' até pelo menos duas semanas antes de ela terminar. Isso me dá vontade de vomitar.

Encaro a pilha de comida na sua bandeja.

— E quanto a se entupir de comida, não tem problema?

Ele revira os olhos e se debruça sobre a bandeja para continuar comendo. Mal toco a minha comida. Estou sem apetite desde hoje de manhã, preocupado demais sobre o dia de amanhã para aguentar um estômago cheio.

Zeke vê alguém do outro lado do refeitório.

— Já volto — diz ele.

Shauna o observa cruzar o salão para cumprimentar alguns jovens membros da Audácia. Eles não parecem muito mais velhos do que ele, mas não os reconheço da iniciação, então devem ter um ou dois anos a mais. Zeke fala algo com o grupo, composto quase inteiramente de meninas, e todos caem na gargalhada. Ele cutuca a costela de uma das garotas, e ela solta um gritinho. Ao meu lado, Shauna observa a cena furiosa, errando a boca com o garfo e sujando a bochecha com o molho do frango. Lynn bufa sobre sua comida, e Marlene a chuta sob a mesa de maneira audível.

— E aí — diz Marlene, bem alto. — Você conhece mais alguém que vá participar do programa de liderança, Quatro?

— Pensando bem, também não vi Eric na reunião hoje — diz Shauna. — Esperava que ele tivesse tropeçado e caído no abismo, mas...

Enfio uma garfada de comida na boca e tento não pensar no assunto. A luz azul faz minhas mãos parecerem pálidas como as de um cadáver. Não falo com Eric desde que o acusei de ser indiretamente responsável pela morte de Amah. Alguém denunciou a capacidade de Amah de permanecer consciente em simulações a Jeanine Matthews, líder da Erudição, e, como antigo integrante da Erudição, Eric é o principal suspeito. Ainda não decidi o que farei da próxima vez que falar com ele. Espancá-lo outra vez não vai provar que ele é um traidor da facção. Precisarei encontrar uma forma de conectar suas atividades recentes à Erudição e levar a informação a um dos líderes da Audácia, provavelmente o Max, já que o conheço melhor.

Zeke volta para a mesa e se senta.

— Quatro, o que você fará amanhã à noite? — pergunta ele.

— Não sei — respondo. — Nada?

— Agora você já tem o que fazer — diz ele. — Você me acompanhará em um encontro.

Engasgo com um pedaço de batata.

— O quê?

— É, detesto ter que lhe dizer isso, irmãozão — comenta Uriah —, mas as pessoas costumam ir a encontros sozinhas, não com amigos.

— É um encontro duplo, claro — comenta Zeke. — Chamei a Maria para sair, e ela disse alguma coisa sobre encontrar um cara para sair com a amiga dela, Nicole, e eu disse que você se interessaria.

— Qual delas é a Nicole? — pergunta Lynn, esticando o pescoço para olhar para o grupo de meninas.

— A ruiva — responde Zeke. — Então, será às oito. Você vai, e eu não estou nem perguntando.

— Eu não... — digo. Olho para a ruiva do outro lado do refeitório. Ela tem a pele clara, olhos grandes cheios de maquiagem preta e veste uma camisa apertada que exibe a curva da sua cintura e... outras coisas que a voz da Abnegação dentro de mim me diz para não notar. Mas que, mesmo assim, eu noto.

Nunca fui a um encontro romântico, graças aos rígidos rituais de paquera da minha antiga facção, que incluem se voluntariar para a mesma causa e talvez, *apenas talvez*, jantar com a família do outro e ajudar a lavar a louça depois. Nunca nem pensei se queria ou não namorar alguém; era completamente impossível.

— Zeke, eu nunca...

Uriah franze a testa e cutuca a minha cara com força. Dou um tapa na sua mão.

— *O que foi?*

— Ah, nada — diz Uriah, animado. — Você só estava soando mais *Careta* do que o normal, então pensei em conferir...

Marlene solta uma risada.

— Até parece — diz ela.

Zeke e eu nos entreolhamos. Nunca conversamos abertamente sobre não contarmos a minha facção de origem, mas, até onde sei, ele nunca mencionou isso a ninguém. Uriah sabe, mas, apesar de ser um falastrão, ele

parece saber quando não revelar uma informação. Apesar disso, não sei como a Marlene ainda não descobriu. Talvez ela não seja muito observadora.

— Não é nada de mais, Quatro — diz Zeke. Ele termina de comer. — Você vai, conversará com a garota como se ela fosse um ser humano normal, o que ela de fato é. Talvez ela até deixe que você — *suspiro* — *segure a mão dela*...

Shauna se levanta de repente, e sua cadeira se arrasta no chão de pedra. Ela prende o cabelo atrás da orelha e caminha em direção ao local de devolução de bandejas com a cabeça abaixada. Lynn olha feio para Zeke — uma expressão pouco diferente da que costuma ter — e segue a irmã pelo refeitório.

— Está bem, você não precisa segurar a mão de ninguém — diz Zeke, como se nada tivesse acontecido. — Apenas vá comigo, está bem? Vou ficar te devendo uma.

Olho para Nicole. Ela está sentada em uma mesa perto do local de devolução de bandejas, rindo de outra piada de alguém. Talvez Zeke tenha razão, talvez não seja nada demais, e talvez essa seja outra maneira de desaprender o meu passado na Abnegação e adotar o meu futuro na Audácia. Além disso, ela é bonita.

— Está bem — digo. — Eu vou. Mas se você fizer algum tipo de piada sobre segurar a mão dela, quebro o seu nariz.

+ + +

Quando volto para o meu apartamento à noite, ele ainda cheira a poeira e um pouco de mofo. Acendo uma das lâmpadas e vejo algo brilhar sobre a bancada. Passo a mão por ela, e um pequeno caco de vidro fura o meu dedo, fazendo-o sangrar. Eu o seguro com as pontas dos dedos e o carrego até o lixo, que forrei com um saco hoje de manhã. Mas, no fundo do saco agora há uma pilha de cacos do que antes era um copo.

Eu ainda não usei um copo desses.

Sinto um calafrio e procuro outros sinais suspeitos pelo apartamento. Os lençóis não estão amassados, nenhuma das gavetas está aberta, e nenhuma

das cadeiras foi movida. Mas eu saberia se tivesse quebrado um copo de manhã.

Então, quem esteve no meu apartamento?

+ + +

Não sei por quê, mas a primeira coisa que minhas mãos encontram de manhã, quando entro cambaleante no banheiro, é a máquina de cortar cabelo que comprei com meus créditos da Audácia ontem. Então, enquanto ainda estou piscando para afastar o sono, viro a máquina e a encosto na cabeça, como tenho feito desde criança. Dobro a orelha para a frente, para protegê-la das lâminas; sei exatamente como devo virar e mover a cabeça para ver o máximo possível da minha nuca. O ritual acalma os meus nervos e me faz sentir focado e seguro. Limpo os cabelos raspados dos meus ombros e pescoço e os varro para a lixeira.

É uma manhã da Abnegação. Uma chuveirada rápida, um café da manhã simples, uma casa limpa. A diferença é que estou vestindo o preto da Audácia, botas, calças, camisa e jaqueta. Evito olhar para o espelho ao sair, e isso me faz cerrar os dentes por saber o quão profundas são as minhas raízes de Careta, e como será difícil extirpá-las da minha mente, de tão emaranhadas que estão em tudo. Deixei aquele lugar por medo e rebeldia, e isso fará com que seja mais difícil me adaptar do que qualquer um pode imaginar, mais difícil do que se eu tivesse escolhido a Audácia pelos motivos certos.

Caminho a passos rápidos em direção ao Fosso, entrando por uma passagem em forma de arco no muro. Mantenho a distância da beirada da passagem, embora crianças da Audácia, gritando e rindo, às vezes corram bem no limite, e eu devesse ser mais corajoso do que elas. Não sei se a coragem é algo que adquirimos com a idade, como a sabedoria, mas talvez aqui, na Audácia, a coragem seja a forma mais alta de sabedoria, o reconhecimento de que a vida pode e deve ser vivida sem medo.

É a primeira vez que me pego pensando sobre a vida na Audácia, então me apego a essa ideia enquanto subo o caminho ao redor do Fosso. Alcanço a escada que desce do teto de vidro e mantenho os olhos voltados para cima, desviando-os do espaço que se abre sob mim, para não entrar em pânico. De qualquer maneira, quando chego ao final da escada, meu coração está disparado; sinto-o até na garganta. Max disse que seu escritório ficava no décimo andar; então subo pelo elevador com um grupo de membros da Audácia a caminho do trabalho. Eles parecem não se conhecer. Ao contrário da Abnegação, não é importante para eles memorizar nomes, rostos, necessidades e desejos dos outros, e talvez eles se atenham apenas aos seus amigos e familiares, formando comunidades ricas, mas separadas, dentro da facção. Como a que eu mesmo estou formando.

Quando chego ao décimo andar, não sei ao certo aonde ir, mas então vejo uma cabeça com cabelos pretos virando um corredor à minha frente. Eric. Eu o sigo, em parte porque ele provavelmente sabe aonde está indo, mas também porque quero saber o que ele está fazendo, mesmo que não esteja indo para o mesmo lugar que eu. Contudo, quando viro o corredor, vejo Max dentro de uma sala de conferências com paredes de vidro, cercado por jovens da Audácia. O mais velho talvez tenha vinte anos, e o mais novo não deve ser muito mais velho do que eu. Max me vê através do vidro e acena para que eu entre. Eric está sentado ao seu lado. *Puxa-saco*, penso. Vou para a outra ponta da mesa, entre uma garota com uma argola entre as narinas e um rapaz cujo cabelo pintado é de um verde tão gritante que nem consigo encará-lo diretamente. Em comparação a eles, sinto-me simples. Posso ter tatuado chamas da Audácia nas costelas durante a iniciação, mas elas não estão à mostra.

— Acho que todos já estão aqui, então vamos começar. — Max fecha a porta da sala de conferências e para à nossa frente. Ele parece estranho em um ambiente tão normal, como se estivesse aqui para quebrar todos os vidros e causar caos, não para conduzir uma reunião. — Todos vocês estão aqui porque

mostraram potencial, em primeiro lugar, mas também porque demonstraram entusiasmo a respeito da nossa facção e do seu futuro. — Não sei como posso ter feito isso. — Nossa cidade está mudando, mais rápido agora do que antes, e, se quisermos acompanhar o seu ritmo, precisaremos mudar também. Precisaremos nos tornar mais fortes, mais corajosos, melhores do que somos agora. Entre vocês, estão as pessoas que poderão nos levar até esse patamar, mas precisaremos descobrir quem elas são. Realizaremos uma combinação de aulas e testes de habilidade durante os próximos meses, para ensinar o que vocês precisarão saber se concluírem este programa, mas também para ver a rapidez do seu aprendizado.

Isso parece algo que seria valorizado na Erudição, e não na Audácia. Estranho.

— A primeira coisa que precisam fazer é preencher este formulário com seus dados — diz ele, e quase caio na gargalhada. Há algo de ridículo em um guerreiro durão da Audácia com uma pilha de papéis que chama de "formulários com seus dados", mas é claro que algumas coisas precisam ser normais aqui, porque assim é mais eficiente. Ele distribui a pilha de papéis, junto com um punhado de canetas. — Isso vai nos ajudar a conhecer mais sobre vocês, e nos oferecerá um ponto de partida para medirmos o seu progresso. Então, é do seu interesse que sejam honestos e não tentem parecer melhores do que são.

Sinto-me perturbado, encarando esta folha de papel. Preencho o meu nome, que é a primeira pergunta, depois a minha idade, a segunda. A terceira pede a minha facção de origem, e a quarta o meu número de medos. A quinta pergunta quais são esses medos.

Não sei muito bem como os descrever. Os dois primeiros são fáceis, altura e confinamento, mas e o medo seguinte? E o que devo escrever sobre o meu pai? Que tenho medo de Marcus Eaton? Acabo colocando *perder o controle* para o meu terceiro medo e *ameaças físicas em espaços confinados* para o quarto, sabendo que isso não é nem próximo da verdade.

Mas as perguntas seguintes são estranhas, confusas. Elas são declarações, formuladas de maneira capciosa, com as quais devo concordar ou não. *Não há problema em roubar se o objetivo for ajudar outra pessoa.* Bem, essa é fácil: concordo. *Algumas pessoas merecem mais recompensas do que outras.* Talvez. Depende das recompensas. *O poder deve ser entregue apenas àqueles que o merecem. Circunstâncias difíceis formam pessoas mais fortes. Não há como calcular a força de uma pessoa até que ela realmente seja testada.* Olho para os outros ao redor da mesa. Algumas pessoas parecem confusas, mas ninguém dá a impressão de se sentir como eu, perturbado, quase com medo de circular uma resposta sobre cada declaração.

Não sei o que fazer, então circulo "concordo" para todas e entrego o meu formulário, junto com os dos outros.

+ + +

Zeke e seu par no encontro, Maria, estão encostados em uma parede no corredor ao lado do Fosso. Consigo ver suas silhuetas daqui. Parece que eles continuam grudados um no outro, como estavam há cinco minutos, quando foram até lá, rindo sem parar, como idiotas. Cruzo os braços e olho para Nicole.

— E aí — digo.

— E aí — responde ela, inclinando-se para a frente e ficando nas pontas dos pés, depois descendo novamente os calcanhares para o chão. — Isso é um tanto constrangedor, não é?

— É — concordo, aliviado. — É, sim.

— Há quanto tempo você é amigo do Zeke? — pergunta ela. — Não o vejo muito por aí.

— Algumas semanas — respondo. — Nos conhecemos durante a iniciação.

— Ah — diz ela. — Você se transferiu?

— Hum... — Não quero admitir que me transferi da Abnegação, em parte porque, sempre que admito isso, as pessoas começam a achar que sou muito

certinho, e em parte porque não gosto de dar dicas para as pessoas a respeito de quem são meus pais se puder evitar. Decido mentir. — Não, eu apenas... ficava mais na minha antes, eu acho.

— Ah. — Ela semicerra um pouco os olhos. — Você deve ter feito isso muito bem.

— É uma das minhas especialidades — digo. — Há quanto tempo você é amiga da Maria?

— Desde que éramos crianças. Se ela tropeçasse, conseguiria cair em um encontro romântico com alguém — diz Nicole. — Outras, como eu, não são tão talentosas.

— É. — Balanço a cabeça. — Zeke teve que me pressionar um pouco para vir.

— É mesmo? — Nicole ergue uma sobrancelha. — Ele pelo menos mostrou no que você estava se metendo?

Ela aponta para si mesma.

— É, sim — digo. — Não sabia ao certo se você era o meu tipo, mas pensei que talvez...

— Não era o seu tipo. — De repente, ela soa fria. Tento voltar atrás.

— Quer dizer, não acho que isso seja tão importante — falo. — A personalidade é bem mais importante do que...

— Do que a minha aparência insatisfatória? — Ela levanta as duas sobrancelhas.

— Não foi isso que eu quis dizer — corrijo depressa. — Sou... muito ruim nisso.

— É — concorda ela. — Você é mesmo.

Ela pega a pequena bolsa preta no chão aos seus pés e a enfia sob o braço.

— Diga a Maria que tive que ir para casa mais cedo.

Ela se afasta do corrimão e desaparece dentro de uma das passagens perto do Fosso. Eu suspiro e olho para Zeke e Maria outra vez. Percebo, pelos movimentos leves que consigo detectar, que eles não desaceleraram nada. Tamborilo os dedos no corrimão. Agora que nosso encontro duplo se tornou

um encontro constrangedor em triângulo, acho que não tem problema eu ir embora.

Vejo Shauna saindo do refeitório e aceno para ela.

— Hoje não era a noite do seu grande encontro com Ezekiel? — pergunta ela.

— *Ezekiel* — digo, contraindo o rosto. — Tinha esquecido que esse é o nome completo dele. É, meu par no encontro acabou de ir embora, irritada.

— Boa — diz ela, rindo. — Quanto tempo você durou, dez minutos?

— Cinco — digo, e começo a rir também. — Parece que sou insensível.

— Não — exclama ela, fingindo surpresa. — Você? Mas você é tão sentimental e doce.

— Muito engraçado — digo. — Onde está Lynn?

— Ela começou a discutir com o Hector. Nosso irmão mais novo. E tenho ouvido eles fazendo isso desde, bem, a minha vida inteira. Então, resolvi sair. Pensei em passar na sala de treinamento e me exercitar um pouco. Quer vir?

— Quero. Vamos lá.

Caminhamos em direção à sala de treinamento, mas então percebo que teremos que passar pelo mesmo corredor onde estão Zeke e Maria para chegar lá. Tento deter Shauna com a mão, mas é tarde demais. Ela vê os corpos dos dois apertados um contra o outro, e seus olhos se arregalam. Ela para por um instante, e ouço sons de beijos, que preferia não ter ouvido. Depois, ela continua a caminhar pelo corredor, andando tão rápido que preciso correr para alcançá-la.

— Shauna...

— Sala de treinamento — diz ela.

Quando chegamos lá, ela começa imediatamente a bater no saco de pancadas, e nunca a vi fazer isso com tanta força.

+ + +

— Embora possa parecer estranho, é importante que os membros do alto escalão da Audácia entendam como funcionam alguns dos programas — diz Max. — Dentre eles, o programa de vigilância na sala de controle, é claro. Às vezes, um líder da Audácia precisa monitorar o que acontece na facção. Há também os programas de simulação, que vocês deverão conhecer para avaliar os iniciandos da Audácia. Além disso, vocês precisarão entender como funciona o programa de rastreamento monetário, que mantém o comércio na nossa facção funcionando, entre outros. Alguns desses programas são bastante sofisticados, o que significa que vocês deverão ter facilidade em aprender a lidar com computadores, se já não souberem. É isso que faremos hoje.

Ele gesticula para uma mulher parada à sua esquerda. Eu a reconheço do jogo de Desafio. Ela é jovem, com mechas roxas no cabelo curto e mais piercings do que consigo contar.

— A Lauren aqui ensinará algumas das noções básicas, e depois nós testaremos vocês — diz Max. — Lauren é uma das nossas instrutoras de iniciação, mas, no seu tempo livre, trabalha como técnica de informática na sede da Audácia. Há um quê de Erudição nisso, mas vamos deixar passar, pelo bem da conveniência.

Max pisca para ela, e ela sorri.

— Podem começar — diz ele. — Voltarei em uma hora.

Max vai embora, e Lauren bate palmas.

— Vamos lá. Hoje vamos falar sobre como funciona a programação. Quem já tiver alguma experiência com isso pode ficar à vontade para me ignorar. Mas é melhor que os outros prestem atenção, porque não vou repetir. Aprender isso é como aprender um idioma. Não basta memorizar as palavras; é preciso também compreender as regras e por que elas funcionam dessa forma.

Quando era mais novo, trabalhei como voluntário no laboratório de informática do edifício dos Níveis Superiores para cumprir as horas

obrigatórias de voluntariado da minha facção — e para sair de casa — e aprendi a montar e desmontar um computador. Mas nunca aprendi isso. A hora passa em uma confusão de termos técnicos que mal consigo acompanhar. Tento anotar algumas coisas em um pedaço de papel que encontrei no chão, mas ela fala tão rápido que minhas mãos mal conseguem seguir os meus ouvidos, então desisto depois de alguns minutos e tento apenas prestar atenção. Ela apresenta exemplos do que está falando em um monitor na frente da sala, e é difícil não se distrair com a vista das janelas atrás dela. Deste ângulo, consigo ver as silhuetas dos prédios no horizonte da cidade, as pontas do Eixo furando o céu, o pântano surgindo entre os edifícios reluzentes.

Não sou o único que parece considerar aquilo muita informação. Os outros candidatos sussurram uns para os outros, desesperados, perguntando sobre definições que não entenderam. Eric, no entanto, senta-se confortavelmente em sua cadeira, desenhando nas costas da mão. Tem um sorriso debochado. Reconheço aquele sorriso. É claro que ele já sabe tudo isso. Deve ter aprendido tudo na Erudição, provavelmente quando ainda era criança, ou não pareceria tão convencido.

Antes que eu consiga registrar a passagem de tempo, Lauren aperta um botão e o monitor sobe para dentro do teto.

— No desktop dos seus computadores, vocês encontrarão um arquivo intitulado 'Teste de Programação' — diz ela. — Abram-no. Ele os levará a um exame cronometrado. Vocês passarão por uma série de pequenos programas e marcarão os erros que encontrarem, que estiverem causando o seu mau funcionamento. Podem ser coisas muito grandes, como a ordem do código, ou coisas muito pequenas, como uma palavra ou marcação no lugar errado. Vocês não precisam consertar os erros agora, mas devem ser capazes de localizá-los. Haverá um erro por programa. Podem começar.

Todos começam a digitar freneticamente nos monitores. Eric se inclina para perto de mim e diz:

— Sua casa de Careta ao menos *tinha* um computador, Quatro?

— Não — respondo.

— Bem, veja só, é assim que se abre um arquivo — diz ele, clicando de maneira exagerada o arquivo em sua tela. — Está vendo, parece papel, mas é apenas uma imagem no monitor. Você sabe o que é um monitor, não sabe?

— Cale a boca — digo, abrindo o teste.

Encaro o primeiro programa. É como aprender um idioma, repito para mim mesmo. *Tudo precisa começar na ordem certa e terminar na ordem inversa. Apenas se certifique de que tudo está no lugar certo.*

Não começo no início do código e sigo até o fim. Em vez disso, prefiro encontrar o centro do código, dentro de todos os invólucros. Ali, noto que a linha de códigos termina no lugar errado. Marco o local e aperto o botão em forma de seta, que permitirá que eu continue o teste se estiver certo. A tela muda, apresentando um novo programa.

Ergo as sobrancelhas. Devo ter absorvido mais do que imaginei.

Começo o próximo desafio da mesma forma, seguindo do centro do código para fora, conferindo o início do programa em relação à parte final, prestando atenção a aspas, pontos e barras invertidas. Procurar erros de programação é uma atividade estranhamente tranquilizante. É apenas mais uma maneira de se certificar de que o mundo ainda está na ordem que deve. Enquanto isso acontecer, tudo correrá sem problemas.

Esqueço todas as pessoas ao meu redor, até a paisagem do lado de fora e o que significará terminar esta avaliação. Concentro-me apenas no que há diante de mim, no emaranhado de palavras no meu monitor. Percebo que Eric é o primeiro a acabar, bem antes de qualquer pessoa parecer perto de completar seu teste, mas tento não me preocupar com isso. Mesmo depois que ele decide parar ao meu lado e olhar para o meu monitor enquanto trabalho.

Finalmente, clico na seta, e uma nova imagem aparece na tela. *EXAME COMPLETO*.

— Bom trabalho — elogia Lauren, ao conferir o meu monitor. — Você foi o terceiro a terminar.

Olho para Eric.

— Espere — digo. — Você não ia me explicar o que é um monitor? Claramente, não levo o *menor* jeito para computadores, e preciso muito da sua ajuda.

Ele me lança um olhar furioso, e eu abro um sorriso.

+ + +

A porta do meu apartamento está aberta quando retorno. É apenas uma fresta, mas sei que a fechei ao sair. Empurro-a com a ponta do pé e entro com o coração a mil, esperando encontrar um invasor vasculhando as minhas coisas, embora não tenha ideia de quem poderia ser. Talvez um dos lacaios de Jeanine procurando evidências de que sou diferente como Amah era, ou Eric tentando descobrir uma maneira de armar uma emboscada contra mim. Mas o apartamento está vazio, do jeito como o deixei ao sair.

Igual, exceto por um pedaço de papel sobre a mesa. Aproximo-me devagar, como se ele estivesse prestes a entrar em combustão ou dissolver no ar. Há uma mensagem escrita no papel, em letras pequenas e inclinadas.

No dia que você mais odiou
Na hora em que ela morreu
No lugar onde você pulou pela primeira vez.

A princípio, as palavras não fazem sentido, e imagino que não passam de uma piada, algo deixado ali para mexer comigo, e funcionou, porque perco o chão. Sento-me em uma das cadeiras bambas com força, sem desgrudar os olhos do papel. Leio e releio o texto, e a mensagem começa a se formar na minha mente.

No lugar onde você pulou pela primeira vez. Isso deve se referir à plataforma de trem que subi quando me juntei à Audácia.

Na hora em que ela morreu. "Ela" só pode ser uma pessoa: minha mãe. Minha mãe morreu no meio da noite, e, quando acordei, o corpo dela já havia sido levado, carregado por meu pai e seus amigos da Abnegação. Ele disse que ela morreu por volta das duas da manhã.

No dia que você mais odiou. Essa é a parte mais difícil. Será que se refere a um dia do ano, um aniversário ou um feriado? Mas não há nenhum aniversário ou feriado por perto, e não entendo por que alguém deixaria um bilhete com tanto tempo de antecedência. Deve ser algum dia da semana, mas qual eu mais odiava? Essa é fácil. Os dias de reunião de conselho, porque meu pai chegava em casa mais tarde, de péssimo humor. Quarta-feira.

Quarta-feira, às duas da manhã, na plataforma de trem perto do Eixo. É hoje à noite. E só existe uma pessoa no mundo que saberia todas essas informações: Marcus.

+ + +

Agarro o pedaço de papel dobrado no meu punho cerrado, mas não consigo senti-lo. Minhas mãos estão formigando, quase completamente dormentes desde que pensei no nome dele.

Deixei a porta do meu apartamento escancarada, e os meus cadarços estão desamarrados. Sigo junto às paredes do Fosso sem notar a altura e corro escada acima até a Pira sem ficar tentado a olhar para baixo uma única vez. Zeke mencionou por alto a localização da sala de controle há alguns dias. Espero apenas que ele ainda esteja lá, porque precisarei da sua ajuda para acessar as imagens do corredor do lado de fora do meu apartamento. Sei onde fica a câmera, escondida no canto do corredor, onde eles acham que ninguém a notaria. Bem, eu notei.

Minha mãe também costumava perceber coisas assim. Quando caminhávamos pelo setor da Abnegação, só nós dois, ela me mostrava as

câmeras, escondidas em bolhas de vidro escuro ou fixadas às curvas dos edifícios. Ela nunca disse nada a respeito delas ou demonstrou qualquer preocupação, mas sempre sabia onde estavam, e, quando passávamos por elas, fazia questão de olhar diretamente para a câmera, como se dissesse: *eu também estou te vendo*. Por isso, cresci buscando, vasculhando, à procura de detalhes nos arredores.

Subo de elevador até o quarto andar, depois sigo as placas até a sala de controle. Depois de virar em um pequeno corredor, encontro uma porta aberta. Sou recebido por uma parede de monitores. Há algumas poucas pessoas sentadas atrás dela, em mesas, e há outras mesas ao longo das paredes, onde mais pessoas estão sentadas, cada uma com seu próprio monitor. A imagem nas telas muda a cada cinco minutos, mostrando diferentes partes da cidade: os campos da Amizade, as ruas ao redor do Eixo, o complexo da Audácia e até o Merciless Mart, com seu enorme saguão. Vejo o setor da Abnegação de relance em um dos monitores, depois saio do estado de torpor e procuro Zeke. Ele está sentado a uma mesa na parede direita, digitando algo em uma caixa de diálogo na metade esquerda do seu monitor, enquanto imagens do Fosso passam na metade. Todos na sala usam fones de ouvido. Imagino que eles escutem o que estão assistindo.

— Zeke — chamo baixinho. Alguns dos outros olham para mim, como se estivessem irritados com a minha intromissão, mas ninguém fala nada.

— Ei! — diz ele. — Que bom que você veio. Estou completamente entediado e... O que houve?

Ele olha para o meu rosto, depois para o meu punho, ainda agarrando o papel. Não sei como explicar, então nem tento.

— Preciso ver as imagens do corredor do lado de fora do meu apartamento. Das últimas quatro horas, mais ou menos. Você pode me ajudar?

— Por quê? — pergunta Zeke. — O que aconteceu?

— Alguém esteve no meu apartamento. Quero saber quem foi.

Ele olha ao redor, para se certificar de que ninguém está observando. Ou ouvindo.

— Ouça, não posso fazer isso. Nem a gente tem permissão de acessar imagens específicas, a não ser quando notamos algo estranho. Fica tudo em rotação...

— Você me deve um favor, lembra? Só estou pedindo porque é importante.

— Eu sei. — Zeke olha ao redor outra vez, depois fecha a caixa de diálogo que estava na tela e abre outra. Vejo o código que ele digita para acessar o material certo e me surpreendo por entender parte dele depois de apenas um dia de aula. Uma imagem aparece no monitor, de um dos corredores da Audácia, perto do refeitório. Ele clica nela, que é substituída por outra, do interior do refeitório; a outra é do estúdio de tatuagem, depois do hospital.

Ele continua vasculhando o complexo da Audácia, e assisto às imagens que passam no monitor, mostrando vislumbres da vida comum da Audácia: pessoas cutucando seus piercings enquanto esperam na fila por roupas novas, pessoas praticando golpes na sala de treinamento. Vejo uma imagem rápida de Max no que parece ser o seu escritório, sentado em uma das cadeiras e de frente para uma mulher. Uma mulher com cabelo loiro preso em um coque apertado. Levo a mão ao ombro de Zeke.

— Espere. — De repente, o papel na minha mão parece menos importante. — Volte.

Ele volta, e confirmo a minha suspeita: Jeanine Matthews está no escritório de Max com uma pasta no colo. Suas roupas estão perfeitamente passadas, sua postura é ereta. Arranco os fones de ouvido da cabeça de Zeke, e ele me encara, irritado, mas não me detém.

Max e Jeanine conversam baixinho; mesmo assim, consigo ouvi-los.

— Reduzi o número a seis — diz Max. — Eu diria que isso não é nada mal para, o quê? O segundo dia?

— Isso não é eficiente — afirma Jeanine. — Já temos um candidato. Eu me certifiquei disso. Esse sempre foi o plano.

— Você nunca me perguntou o que eu achava do plano, e esta é a minha facção — diz Max com severidade. — Não gosto do garoto e não quero passar todos os meus dias trabalhando com uma pessoa de quem não gosto. Portanto, você terá que permitir que eu pelo menos tente encontrar outra pessoa que satisfaça todos os critérios...

— Está bem. — Jeanine se levanta, apertando a pasta contra a barriga. — Mas, quando você falhar, vou querer que admita seu erro. Não tenho a menor paciência para o orgulho da Audácia.

— Claro, porque a Erudição é um exemplo de humildade — diz Max, de maneira amarga.

— Ei — sussurra Zeke. — Meu supervisor está olhando. Devolva os meus fones de ouvido.

Ele os arranca da minha cabeça, e eles batem nas minhas orelhas, machucando-as.

— Você precisa sair daqui, ou perderei o meu emprego — pede Zeke.

Ele parece sério e preocupado. Não reclamo, apesar de não ter descoberto o que queria saber. Afinal, a culpa foi minha por ter me distraído. Escapo da sala de controle com a cabeça a mil, uma parte de mim ainda apavorada com a ideia de que meu pai esteve no meu apartamento e quer me encontrar sozinho em uma rua abandonada no meio da noite, e a outra parte confusa com o que acabei de ouvir. *Já temos um candidato. Eu me certifiquei disso.* Eles provavelmente se referiam ao candidato para a liderança da Audácia.

Mas por que Jeanine Matthews está preocupada com quem será escolhido como novo líder da Audácia?

Sigo todo o percurso de volta para o meu apartamento de forma automática, depois me sento na beirada da cama e encaro a parede. Não consigo parar de nutrir pensamentos distintos, mas igualmente frenéticos. *Por que Marcus quer se encontrar comigo? Por que a Erudição está tão envolvida nas questões políticas da Audácia? Será que Marcus quer me matar sem testemunhas,*

ou será que quer me alertar a respeito de alguma coisa, ou me ameaçar...? Quem era o candidato sobre quem eles estavam falando?

Pressiono a palma da minha mão contra a testa e tento me acalmar, embora sinta cada pensamento nervoso como uma pontada na nuca. Não posso fazer nada a respeito de Max e Jeanine por enquanto. O que preciso decidir agora é se vou ou não para esse encontro hoje à noite.

No dia que você mais odiou. Nunca percebi que Marcus me notava, notava as coisas de que eu gostava ou que eu odiava. Ele parecia apenas me ver como um incômodo, um desconforto. Mas, afinal, não descobri há algumas semanas que ele sabia que as simulações não funcionariam comigo e que tentou evitar que eu corresse perigo? Talvez, apesar de todas as coisas horríveis que ele fez e disse para mim, haja uma parte dele que é realmente o meu pai. Talvez seja essa a parte que esteja me chamando para um encontro, e ele esteja tentando me mostrar isso, demonstrando que me conhece, que sabe o que odeio, o que amo, o que temo.

Não sei bem por que esse pensamento me enche tanto de esperança após eu tê-lo odiado por um longo tempo. Mas, assim como existe uma parte dele que é realmente o meu pai, talvez exista uma parte de mim que seja de fato seu filho.

+ + +

O calor do sol continua a emanar da calçada à uma e meia da manhã, quando deixo o complexo da Audácia. Sinto-o nas pontas dos dedos. A lua está encoberta por nuvens, por isso a rua está mais escura do que o normal, mas não tenho medo do escuro ou das ruas, não mais. Essa é uma das coisas que se aprende batendo em um monte de iniciandos da Audácia.

Inalo o cheiro de asfalto quente e começo a correr devagar, os tênis batendo no chão. As ruas ao redor do setor da Audácia estão vazias; minha facção vive amontoada em um único lugar, como uma matilha de cães dormindo. É por isso, acho, que Max pareceu tão preocupado com o fato de

eu querer morar sozinho. Se eu realmente pertencesse à Audácia, será que não deveria querer que minha vida se misturasse às deles o máximo possível, será que não deveria estar procurando maneiras de penetrar ainda mais na minha facção, até nos tornarmos inextricáveis?

Penso no assunto enquanto corro. Talvez ele tenha razão. Talvez eu não esteja me integrando muito bem, talvez não esteja me esforçando o bastante. Encontro um ritmo estável de corrida, semicerrando os olhos a fim de ler as placas com os nomes das ruas ao passar por elas, para não me perder. Sei quando alcanço o conjunto de edifícios ocupados pelos sem-facção porque consigo ver suas sombras se movimentando atrás das janelas pintadas de preto ou cobertas por tábuas. Movimento-me para correr sob os trilhos, com as madeiras em treliça se estendendo bem à minha frente, curvando-se para longe da rua.

O Eixo cresce mais e mais à medida que me aproximo. Meu coração está disparado, mas acho que não é por causa da corrida. Paro de repente ao alcançar a plataforma de trem e, ao pé da escada, enquanto recupero o fôlego, lembro-me da primeira vez que subi estes degraus, do mar de integrantes da Audácia que gritava e se movia ao meu redor, empurrando-me para a frente. Naquele instante, foi fácil ser carregado pela multidão. Agora, eu mesmo preciso me impulsionar adiante. Começo a subir, com meus pés ecoando no metal, e, ao chegar no topo, confiro o relógio.

Duas horas.

Mas a plataforma está vazia.

Caminho de um lado para o outro da plataforma, para me certificar de que nenhuma figura obscura está escondida em algum canto escuro. Um trem ronca a distância, e paro para olhar a luz fixada na sua dianteira. Não sabia que os trens funcionavam tão tarde. Toda a energia da cidade deveria ser desligada depois da meia-noite, para ser conservada. Será que Marcus pediu um favor especial para os sem-facção? Mas por que ele viajaria de trem? O

Marcus Eaton que conheço nunca ousaria se associar tanto com a Audácia. Ele preferiria caminhar descalço pelas ruas.

O farol pisca uma única vez antes de passar pela plataforma. O trem ressoa e se agita, desacelerando mas sem parar, e vejo uma pessoa saltar do penúltimo vagão, esguia e frágil. Não é Marcus. É uma mulher.

Aperto o papel com mais força no punho, depois com mais força ainda, até que as juntas dos meus dedos doem.

A mulher caminha na minha direção, e, quando está a poucos metros de distância, consigo vê-la. Seu cabelo é longo e encaracolado. O nariz é grande e curvado. Ela usa calças pretas da Audácia, camisa cinza da Abnegação e botas marrons da Amizade. Seu rosto é marcado, cansado e magro. Mas eu a conheço, nunca esqueceria o seu rosto, minha mãe, Evelyn Eaton.

— Tobias — diz ela, sem fôlego, com os olhos arregalados, como se estivesse tão surpresa com a minha presença quanto estou com a dela, mas é impossível. Ela sabia que eu estava vivo, mas eu me lembro da urna com suas cinzas sobre a lareira do meu pai, marcada com as impressões digitais dele.

Lembro-me do dia em que acordei e encontrei um grupo de membros da Abnegação com cara de velório na cozinha do meu pai, e de como todos levantaram a cabeça quando entrei, e Marcus me explicou, com uma compaixão que certamente ele não sentia, que minha mãe falecera no meio da noite, de complicações de um parto prematuro e um aborto espontâneo.

Ela estava grávida?, lembro-me de perguntar.

É claro que estava, filho. Ele se virou para as pessoas na nossa cozinha. *Ele está apenas em choque, é claro. É normal, em uma situação como esta.*

Lembro-me de sentar com um prato cheio de comida, na sala de estar, com um grupo de membros da Abnegação conversando em voz baixa ao meu redor, de todos os vizinhos empacotando a minha casa até ficar tudo arrumadinho e de ninguém falar nada que importasse para mim.

— Sei que isso deve ser... chocante para você — diz ela. Quase não reconheço a sua voz; está mais grave, forte e dura do que nas memórias que

tenho dela, e é assim que percebo que os anos a mudaram. Sinto coisas demais para controlar, é tudo poderoso demais para que eu possa lidar, mas, de repente, não sinto mais nada.

— Você deveria estar morta — digo, de maneira inexpressiva. É uma coisa idiota de se dizer. É uma coisa tão idiota de se dizer à própria mãe depois de ela ressuscitar, mas é uma situação idiota.

— Eu sei — responde ela, e acho que vejo lágrimas nos seus olhos, mas está escuro demais para saber. — Mas não estou.

— Dá para perceber. — A voz que sai da minha boca é sarcástica, casual. — Você estava realmente grávida?

— Grávida? Foi isso que eles disseram, que eu morri dando à luz? — Ela balança a cabeça. — Não, eu não estava. Eu planejava a minha fuga havia semanas. Eu precisava desaparecer. Pensei que ele talvez lhe contasse a verdade quando você ficasse mais velho.

Solto uma risada breve, como um latido.

— Você pensou que *Marcus Eaton* admitiria que sua mulher o deixou. Para mim.

— Você é filho dele — diz Evelyn, franzindo a testa. — Ele te ama.

De repente, toda a tensão da última hora, das últimas semanas, dos últimos *anos* cresce dentro de mim, grande demais para ser contida, e eu realmente caio na gargalhada, mas minha risada sai estranha, mecânica. Ela me assusta, apesar de sair da minha própria boca.

— Você tem todo o direito de sentir raiva por terem mentido para você. Eu também sentiria. Mas, Tobias, eu precisava ir embora, e sei que você entende o motivo...

Ela estende a mão para mim, e eu agarro o seu punho, empurrando-a para longe.

— Não toque em mim.

— Está bem, está bem. — Ela levanta as mãos e se afasta. — Mas você entende, tenho certeza.

— O que *entendo* é que você me deixou sozinho em uma casa com um maníaco sádico — digo.

Parece que algo dentro dela está ruindo. Suas mãos desabam como pesos. Seus ombros se curvam. Até o rosto dela murcha quando ela se dá conta do que eu quis dizer, do que eu certamente quis dizer com aquilo. Cruzo os braços e jogo os ombros para trás, tentando parecer maior, mais forte e mais valente. Agora isso é mais fácil, vestindo o preto da Audácia, do que jamais foi com o cinza da Abnegação, e talvez seja *por isso* que escolhi a Audácia como refúgio. Não foi por rancor nem para machucar Marcus, mas apenas porque sabia que esta vida me ensinaria a ser uma pessoa mais forte.

— Eu...

— Pare de me fazer perder tempo. O que estamos fazendo aqui? — Jogo o bilhete amassado no chão entre nós e levanto as sobrancelhas ao olhar para ela. — Faz sete anos que você morreu, e você nunca tentou fazer esta revelação dramática antes, então, o que há de diferente agora?

Ela não responde de imediato. Em seguida, ela claramente se recompõe e diz:

— Nós, os sem-facção, gostamos de ficar de olho nas coisas. Como na Cerimônia de Escolha. Desta vez, nosso olheiro me disse que você escolheu a Audácia. Eu mesma teria ido, mas não queria correr o risco de dar de cara com *ele*. Eu me tornei... uma espécie de líder dos sem-facção, e é importante que eu não me exponha.

Sinto um gosto amargo na boca.

— Veja só. Como tenho pais importantes. Sou tão sortudo.

— Você não é assim — diz ela. — Existe pelo menos uma parte de você que está feliz em me ver de novo?

— Feliz em ver você de novo? Eu quase não me lembro de você, Evelyn. Vivi praticamente o mesmo tempo sem você do que com você.

O rosto dela se contorce. Eu a feri. Fico satisfeito.

— Quando você escolheu a Audácia — continua ela bem devagar —, eu percebi que era a hora de entrar em contato com você. Sempre planejei reencontrá-lo depois que tivesse feito sua escolha e estivesse vivendo por conta própria, para convidá-lo a se juntar a nós.

— Juntar-me a vocês. Tornar-me um sem-facção? Por que eu faria isso?

— Nossa cidade está mudando, Tobias. — É a mesma coisa que Max falou ontem. — Os sem-facção estão se unindo, assim como a Audácia e a Erudição. Em breve, todos terão que escolher um lado, e sei em qual lado você preferirá estar. Acho que você realmente pode fazer a diferença conosco.

— *Você* sabe em qual lado eu preferirei estar. Sério? Não sou um traidor de facção. Escolhi a Audácia; lá é o meu lugar.

— Você não é um daqueles tolos desmiolados e viciados em adrenalina — diz ela, irritada. — Assim como você não era um robô sufocado e Careta. Você pode ser mais do que qualquer um dos dois, melhor do que qualquer facção.

— Você não tem a menor ideia do que eu sou e de quem posso ser. Fiquei em primeiro lugar entre os iniciandos. Eles querem que eu seja um líder da Audácia.

— Não seja ingênuo — dispara ela, semicerrando os olhos. — Eles não querem um novo líder; querem um fantoche que possam manipular. É por isso que Jeanine Matthews frequenta a sede da Audácia, é por isso que ela continuamente planta seguidores na sua facção, para que relatem a ela as suas atividades. Ou você ainda não percebeu que ela parece saber de coisas sobre as quais não tem o menor direito de saber, ou que eles vivem mudando o treinamento da Audácia, fazendo experimentos com ele? Como se os membros da Audácia fossem mudar qualquer coisa assim, por conta própria.

Amah nos disse que as paisagens do medo não costumavam ser a primeira etapa da iniciação da Audácia, que isso era algo novo que estavam testando. Um experimento. Mas ela tem razão; a Audácia não realiza experimentos. Se eles realmente estivessem preocupados com praticidade e eficiência, não se dariam o trabalho de nos ensinar a lançar facas.

Além disso, há Amah, que apareceu morto. Eu mesmo não acusei Eric de ser um informante? Não tenho desconfiado há semanas de que ele continua em contato com a Erudição?

— Mesmo que você esteja certa — digo, e toda a energia maliciosa já se esvaiu de mim. Aproximo-me dela. — Mesmo que você esteja certa a respeito da Audácia, nunca me juntaria a você. — Tento controlar a minha voz quando completo: — Nunca mais quero te ver.

— Não acredito em você — diz ela baixinho.

— Não me importo com o que você acredita ou não.

Passo por ela e sigo até a escada por onde cheguei na plataforma.

— Se você mudar de ideia, qualquer mensagem entregue a um sem-facção chegará até mim — grita ela.

Não olho para trás. Corro escada abaixo, depois disparo pela rua, para longe da plataforma. Nem sei se estou indo na direção certa. Só sei que quero estar o mais longe possível dela.

+ + +

Não consigo dormir.

Caminho de um lado para o outro dentro do meu apartamento, frenético. Retiro os resquícios da minha vida na Abnegação das gavetas e os jogo no lixo: a camisa rasgada, as calças, os sapatos, as meias e até o meu relógio. A certa altura, por volta do nascer do sol, lanço minha máquina de cortar cabelo contra a parede do chuveiro, e ela quebra em vários pedaços.

Uma hora depois do alvorecer, entro no estúdio de tatuagem. Tori já está lá. Bem, "estar lá" talvez seja exagero, porque seus olhos estão inchados de sono e desconcentrados, e ela só está começando a tomar seu café.

— Algum problema? — pergunta ela. — Não cheguei ainda. Marquei de correr com o Bud, aquele maníaco.

— Esperava que você abrisse uma exceção para mim — digo.

— Poucas pessoas vêm aqui com pedidos urgentes de tatuagens.

— Há uma primeira vez para tudo.

— Está bem. — Ela se levanta, mais alerta. — Tem alguma ideia do que quer fazer?

— Quando passamos pelo seu apartamento, há algumas semanas, vi um desenho lá. Tinha todos os símbolos das facções juntos. Você ainda tem aquele desenho?

Ela fica tensa.

— Você não deveria ter visto aquilo.

Sei por que eu não deveria ter visto o desenho; por que não é algo que ela queira tornar público. Ele sugere inclinações a outras facções, em vez de afirmar a supremacia da Audácia, como suas tatuagens deveriam fazer. Até membros antigos da Audácia se preocupam em se provar, e não entendo por que isso acontece, que ameaças são feitas àqueles que são chamados de "traidores da facção", mas é exatamente por isso que estou aqui.

— A questão é mais ou menos essa. Quero fazer aquela tatuagem.

Pensei nisso no caminho de volta para casa, enquanto ruminava o que minha mãe disse. *Você pode ser mais do que qualquer um dos dois, melhor do que qualquer facção.* Ela pensou que, para me tornar mais do que qualquer facção, eu teria que abandonar este lugar e as pessoas que me aceitaram como uma delas; teria que perdoá-la e me deixar ser engolido por suas crenças e seu estilo de vida. Mas não preciso ir embora ou fazer algo que não queira. Posso ser mais do que qualquer facção aqui mesmo, na Audácia; talvez eu já seja mais, e agora seja a hora de mostrar isso.

Tori olha ao redor, e seus olhos param na câmera no canto, que notei ao entrar. Ela também é do tipo que percebe câmeras.

— Era só um desenho idiota — diz ela, bem alto. — Vamos, você está claramente chateado. Podemos conversar sobre isso e descobrir algo melhor para você fazer.

Ela me chama para o fundo do estúdio, passando pela sala de depósito, até o apartamento dela. Atravessamos a cozinha dilapidada e chegamos à sala de

estar, onde seus desenhos continuam empilhados na mesa de centro.

Ela vasculha as páginas até encontrar um desenho igual ao que eu estava falando: as chamas da Audácia sendo aninhadas pelas mãos da Abnegação, as raízes da árvore da Amizade crescendo sob o olho da Erudição, que está equilibrado sob as balanças da Franqueza. Todos os símbolos das facções, empilhados uns sobre os outros. Ela o levanta, e eu concordo com a cabeça.

— Não posso fazer isso em um lugar onde as pessoas vejam o tempo todo — diz ela. — Isso o tornaria um alvo ambulante. Um suspeito de trair a facção.

— Quero que você faça nas minhas costas. Cobrindo a minha coluna.

As feridas do meu último dia com meu pai já estão curadas, mas quero me lembrar de onde elas estavam; quero me lembrar do que escapei pelo resto da vida.

— Você realmente não faz nada pela metade, não é? — Ela suspira. — Vai demorar muito tempo. Várias sessões. Teremos que fazer a tatuagem aqui, de madrugada, porque não vou deixar que as câmeras nos filmem, mesmo que eles não se preocupem em olhar aqui quase nunca.

— Está bem.

— Sabe, o tipo de pessoa que faz uma tatuagem assim é provavelmente aquela que deveria mantê-la em segredo — diz ela, olhando para mim pelo canto do olho. — Ou vão começar a pensar que ela é um Divergente.

— Divergente?

— É a palavra que usamos para descrever pessoas que ficam conscientes durante as simulações, que se recusam a ser categorizadas. Uma palavra que você não deve falar à toa, porque pessoas assim costumam morrer sob circunstâncias misteriosas.

Ela mantém os cotovelos apoiados nos joelhos, de maneira casual, enquanto desenha a tatuagem que quero em um papel de transferência. Nossos olhos se encontram, e eu entendo: Amah. Amah conseguia manter a consciência durante as simulações, e agora ele está morto.

Amah era um Divergente.

Assim como eu.

— Obrigado pela aula de vocabulário.

— Sem problemas. — Ela volta a desenhar. — Estou começando a achar que você gosta de sentir dor.

— E daí? — pergunto.

— Nada, é só uma qualidade bem particular da Audácia, para uma pessoa que tirou a Abnegação como resultado. — A boca dela treme. — Vamos começar. Vou deixar um bilhete para o Bud; ele poderá correr sozinho desta vez.

+ + +

Talvez Tori tenha razão. Talvez eu realmente goste de sentir dor; talvez haja um lado masoquista dentro de mim que usa a dor para lidar com a dor. A queimação fraca que me acompanha no dia seguinte durante o treinamento de liderança certamente torna mais fácil manter o foco no que tenho que fazer, e não na voz fria e grave da minha mãe, e na maneira como a afastei quando ela tentou me consolar.

Nos anos seguintes à sua morte, eu costumava sonhar que ela voltaria à vida no meio da noite, passaria a mão pelo meu cabelo e diria algo reconfortante, mas sem sentido, como "Tudo vai ficar bem" ou "Tudo vai melhorar um dia". Depois, no entanto, parei de me permitir sonhar, porque era mais doloroso ansiar por coisas que nunca conseguiria do que lidar com o que estava diante de mim. Ainda não quero imaginar como seria me reconciliar com ela, como seria ter uma mãe. Estou velho demais para ouvir coisas reconfortantes e sem sentido. Velho demais para acreditar que tudo vai ficar bem.

Confiro a parte de cima do curativo que sai da gola da minha camisa, para ver se ele está bem preso. Tori delineou os dois primeiros símbolos esta manhã, da Audácia e da Abnegação, que serão maiores do que os outros, porque representam a facção que escolhi e a facção para a qual de fato tenho

aptidão, respectivamente. Pelo menos, acho que tenho aptidão para a Abnegação, mas é difícil ter certeza. Ela me pediu para manter os símbolos escondidos. Quando estou de camisa, o único desenho que fica à mostra são as chamas da Audácia, e raramente sou obrigado a tirar a camisa em público; então acho que isso não será um problema.

Todos os outros já chegaram à sala de conferências, e Max está conversando com eles. Sinto um cansaço indiferente quando atravesso a porta e me sento. Evelyn estava errada sobre várias coisas, mas não a respeito da Audácia. Jeanine e Max não querem um líder. Eles querem um fantoche, e é por isto que estão escolhendo entre os mais jovens: porque jovens são mais fáceis de manipular e moldar. Não serei moldado e manipulado por Jeanine Matthews. Não serei um fantoche, nem para eles, nem para a minha mãe, nem para o meu pai. Não pertencerei a ninguém a não ser a mim mesmo.

— Que bom que você chegou — diz Max. — Esta reunião atrapalhou o seu sono?

Os outros dão risadinhas, e Max continua:

— Como eu estava dizendo, hoje eu gostaria de ouvir suas ideias sobre como melhorar a Audácia, as suas visões para a nossa facção nos próximos anos. Eu me reunirei com vocês em grupos divididos pela faixa etária, começando pelos mais velhos. Os outros podem ir pensando em algo bom para dizer.

Ele deixa a sala com os três candidatos mais velhos. Eric está bem na minha frente, e percebo que ele tem mais metal pendurado no rosto do que da última vez que o vi. Agora, argolas atravessam suas sobrancelhas. Daqui a pouco ele vai parecer mais uma alfineteira do que um ser humano. Talvez esta seja a questão: estratégia. Ninguém que olhasse para ele agora o confundiria com alguém da Erudição.

— Será que estou enganado, ou você está realmente atrasado porque estava fazendo uma tatuagem? — diz ele, apontando para a ponta do curativo visível no meu ombro.

— Perdi a hora. Parece que uma quantidade enorme de metal grudou no seu rosto ultimamente. É melhor você consultar um médico.

— Muito engraçado — diz Eric. — Não sabia que uma pessoa com o seu histórico era capaz de desenvolver senso de humor. Seu pai não parece ser o tipo de pessoa que permitiria isso.

Sinto uma pontada de medo. Ele está muito perto de dizer o meu nome na frente desta sala cheia de gente, e quer que eu saiba disso. Quer que eu lembre que ele sabe quem eu sou e que pode usar isso contra mim quando bem entender.

Não posso fingir que não me importo. A dinâmica de poder mudou, e não consigo alterá-la de novo.

— Acho que sei quem te contou isso — digo. Jeanine sabe meu nome e meu sobrenome. Ela deve ter revelado os dois para ele.

— Eu já suspeitava — comenta ele, baixinho. — Mas é verdade, minhas suspeitas foram confirmadas por uma fonte confiável. Você não sabe manter segredos tão bem quanto pensa, Quatro.

Eu o ameaçaria, diria a ele que, se revelar o meu nome aos membros da Audácia, revelarei sua conexão duradoura com a Erudição. Mas não tenho provas, e, de qualquer maneira, os membros da Audácia gostam menos da Abnegação do que da Erudição. Recosto-me na cadeira e espero.

Os outros deixam a sala ao serem chamados, e logo só sobramos nós dois. Max desce o corredor e nos chama da porta, sem uma única palavra. Nós o seguimos até seu escritório, que reconheço das imagens que vi ontem da reunião dele com Jeanine Matthews. Uso a lembrança daquela conversa a fim de me preparar para o que virá a seguir.

— Então. — Max cruza as mãos sobre a mesa, e, mais uma vez, fico surpreso em vê-lo em um ambiente tão limpo e formal. Ele fica mais natural dentro de uma sala de treinamento, batendo no saco de pancadas, ou perto do Fosso, debruçando-se sobre o corrimão. Não sentado em uma mesa baixa de madeira, rodeado de papéis.

Olho pelas janelas da Pira e observo o setor da Audácia. A alguns metros de distância, vejo a beirada do buraco para dentro do qual pulei quando escolhi a Audácia e o telhado onde estava logo antes de fazê-lo. *Escolhi a Audácia*, eu disse para a minha mãe ontem. *Lá é o meu lugar*.

Será que isso realmente é verdade?

— Eric, vamos começar por você — diz Max. — Você tem alguma ideia que poderia ser boa para a Audácia, no futuro?

— Tenho. — Eric ajeita o corpo na cadeira. — Acho que deveríamos fazer algumas mudanças e que elas deveriam começar pela iniciação.

— Que tipo de mudanças você tem em mente?

— A Audácia sempre adotou um espírito de competitividade — diz Eric. — A competitividade nos torna melhores; ela expõe nosso melhor e nossa maior força. Acho que a iniciação deveria incentivar esse sentimento de competitividade mais do que faz hoje em dia. Atualmente, os iniciandos estão competindo apenas contra o sistema, tentando atingir determinada nota para conseguir seguir adiante. Acho que eles deveriam estar competindo uns contra os outros pelas vagas na Audácia.

Não consigo me conter; viro-me e o encaro. Um número limitado de vagas? Em uma facção? Depois de apenas *duas semanas* de treinamento de iniciação?

— E se eles não conseguirem uma vaga?

— Eles se tornam sem-facção — diz Eric. Engulo uma risada irônica. Ele continua: — Se acreditamos que a Audácia realmente é uma facção superior, que seus objetivos são mais importantes do que os objetivos das outras facções, então tornar-se um de nós deveria ser uma honra e um privilégio, e não um direito.

— Você só pode estar brincando — digo, sem conseguir mais me segurar. — As pessoas escolhem uma facção porque valorizam as mesmas coisas que aquela facção, e não por já dominarem o que aquela facção ensina. Você expulsaria pessoas da Audácia só por não conseguirem saltar de um trem ou

vencer uma luta. Você favoreceria os grandes, fortes e imprudentes mais do que os pequenos, espertos e corajosos. Isso não melhoraria em nada a Audácia.

— Tenho certeza de que os pequenos e espertos se dariam melhor na Erudição, ou como pequenos Caretas vestidos de cinza — diz Eric com um sorriso debochado. — E acho que você não está dando crédito suficiente aos nossos possíveis futuros membros da Audácia, Quatro. Esse sistema favoreceria apenas os mais determinados.

Olho para Max. Espero que ele pareça indiferente ao plano de Eric, mas não. Ele está inclinado para a frente, focado no rosto perfurado de Eric como se algo nele o tivesse inspirado.

— Este é um debate interessante — diz ele. — Quatro, como você melhoraria a Audácia sem tornar a iniciação mais competitiva?

Balanço a cabeça, olhando novamente pela janela. *Você não é um daqueles tolos desmiolados e viciados em adrenalina*, minha mãe me disse. Mas é esse tipo de pessoa que Eric quer na Audácia: tolos desmiolados e viciados em adrenalina. Se Eric é um dos lacaios de Jeanine Matthews, por que ela o encorajaria a propor um plano assim?

Ah! Porque tolos desmiolados e viciados em adrenalina são mais fáceis de controlar, mais fáceis de manipular. É claro.

— Eu melhoraria a Audácia incentivando a verdadeira coragem, e não a estupidez e a brutalidade. Eu excluiria o lançamento de facas. Prepararia as pessoas física e mentalmente para defender os fracos dos fortes. É isto que prega o nosso manifesto: atos comuns de bravura. Acho que deveríamos voltar a isso.

— Depois poderíamos todos dar as mãos e cantar juntos, não é? — Eric revira os olhos. — Você quer transformar a Audácia na Amizade.

— Não. Quero me certificar de que ainda conseguimos pensar por nós mesmos, pensar em algo além da próxima onda de adrenalina. Ou apenas

pensar e ponto final. Assim, não poderemos ser dominados ou... controlados por forças externas.

— Isso me soa como algo da Erudição — diz Eric.

— A capacidade de pensar não é uma exclusividade da Erudição — respondo, irritado. — A capacidade de pensar sob pressão é exatamente o que as simulações de medo deveriam desenvolver.

— Está bem, está bem — diz Max, levantando as mãos. Ele parece preocupado. — Quatro, lamento dizer, mas você está soando um pouco paranoico. Quem nos dominaria ou tentaria nos controlar? As facções têm coexistido pacificamente há mais tempo do que você está vivo, e não há qualquer motivo para que isso mude agora.

Abro a boca para falar que ele está errado, que no momento em que deixou Jeanine Matthews se envolver nas questões da nossa facção, quando permitiu que ela plantasse transferidos leais à Erudição no nosso programa de iniciação e começou a se consultar com ela a respeito de quem deveria selecionar como o próximo líder da Audácia, ele comprometeu o sistema de equilíbrio de poder que tem permitido a nossa coexistência pacífica durante tanto tempo. Mas então percebo que falar isso seria como o acusar de traição, além de revelar o quanto eu sei.

Max olha para mim, e vejo decepção no seu rosto. Sei que ele gosta de mim. Gosta mais de mim do que de Eric, pelo menos. Mas minha mãe tinha razão ontem. Max não quer alguém como eu, alguém que consiga pensar por conta própria, desenvolver seus próprios valores. Ele quer alguém como Eric, que o ajudará a desenvolver os novos valores da Audácia, que será mais fácil de manipular simplesmente por continuar sob o controle de Jeanine Matthews, alguém que esteja bem alinhado com Max.

Minha mãe me apresentou duas opções ontem: ser um fantoche da Audácia ou me tornar um sem-facção. Mas existe uma terceira opção: não ser nenhum dos dois. Não me alinhar a ninguém em particular. Viver fora do radar e ser livre. É isso que realmente quero. Livrar-me de todas as pessoas

que querem me formar e moldar, uma por uma, e aprender a moldar a mim mesmo.

— Para ser honesto, senhor, acho que este não é o lugar certo para mim — digo calmamente. — Eu disse, quando você me convidou, que gostaria de ser um instrutor, e estou percebendo cada vez mais que a minha aptidão é para uma profissão assim.

— Eric, você poderia nos dar licença, por favor? — diz Max. Quase sem conseguir controlar sua alegria, Eric assente e sai. Não o vejo indo embora, mas apostaria todos os meus créditos da Audácia que ele está saltitando pelo corredor.

Max se levanta e senta ao meu lado, na cadeira de onde Eric acabou de sair.

— Espero que você não esteja dizendo isso só porque o acusei de estar sendo paranoico — diz Max. — Só fiquei preocupado com você. Temi que a pressão o estivesse afetando, fazendo com que você parasse de pensar direito. Ainda o considero um forte candidato para a liderança. Você se encaixa no perfil, demonstrou competência em tudo que ensinamos e, além disso, francamente, você é mais simpático do que alguns dos nossos outros candidatos promissores, o que é importante em um ambiente fechado de trabalho.

— Obrigado. Mas você tem razão, a pressão realmente está me afetando. E, se eu me tornasse um líder, a pressão seria muito maior.

Max concorda com a cabeça, triste.

— Bem. — Ele assente outra vez. — Se você quiser ser um instrutor de iniciação, posso acertar isso para você. Mas é um trabalho sazonal. Onde você gostaria de trabalhar durante o resto do ano?

— Pensei em talvez trabalhar na sala de controle — respondo. — Descobri que gosto de mexer em computadores. Acho que não gostaria nem um pouco de patrulhar.

— Está bem — diz Max. — Pode deixar comigo. Obrigado por ser honesto.

Levanto-me, e tudo o que sinto é alívio. Ele parece preocupado comigo, compreensivo. Não parece suspeitar de mim, dos meus motivos ou da minha paranoia.

— Se você mudar de ideia algum dia — diz Max —, por favor, não hesite em falar comigo. Poderíamos sempre usar alguém como você.

— Obrigado — digo, e apesar de ele ser o pior traidor de facção que já conheci e, provavelmente, ter um pouco de culpa pela morte de Amah, não consigo deixar de me sentir um pouco grato a ele, por me deixar ir embora tão facilmente.

+ + +

Eric está esperando por mim quando viro o corredor. Tento passar por ele, mas ele agarra o meu braço.

— Cuidado, Eaton — murmura ele. — Se qualquer coisa a respeito do meu envolvimento com a Erudição escapar da sua boca, você não vai gostar do que acontecerá com você.

— Você também não vai gostar do que acontecerá com você se me chamar assim outra vez.

— Logo, serei um dos seus líderes — diz Eric com uma risadinha debochada. — E, acredite em mim, vou ficar de olho em você e na maneira como implementará os meus novos métodos de treinamento.

— Ele não gosta de você, sabia? — digo. — O Max. Ele preferiria qualquer pessoa a você. Ele não lhe dará liberdade alguma. Então, boa sorte com a sua coleirinha.

Eu me desvencilho e caminho até os elevadores.

+ + +

— Cara — diz Shauna. — *Isso* é que é um dia ruim.

— É.

Estou sentado com ela, e nossos pés estão pendurados no abismo. Encosto a cabeça nas barras da grade de metal que nos impede de cair e morrer, e sinto os respingos da água nos meus calcanhares quando uma das ondas maiores bate no muro.

Contei a ela sobre ter saído do treinamento de liderança e sobre a ameaça de Eric, mas não sobre a minha mãe. Como contar a alguém que sua mãe acabou de ressuscitar?

Durante toda a minha vida, sempre houve alguém tentando me controlar. Marcus era um tirano na nossa casa, e nada acontecia sem a sua permissão. Depois, Max quis me recrutar como seu fantoche da Audácia. E até a minha mãe tinha um plano pra mim, que eu me juntasse a ela quando atingisse certa idade para lutar contra o sistema de facções, contra o qual *ela* tem uma vendeta, seja lá por qual motivo. E, logo quando pensei ter escapado completamente do controle dos outros, Eric apareceu para me lembrar de que, se ele se tornar líder da Audácia, ficará de olho em mim.

Percebo que tudo o que tenho são os pequenos momentos de rebeldia que consigo encontrar, exatamente como quando era da Abnegação e coletava objetos que encontrava na rua. A tatuagem que Tori está fazendo nas minhas costas, a que pode revelar que sou Divergente, representa um desses momentos. Precisarei procurar por mais deles, mais momentos breves de liberdade em um mundo que se recusa a permitir que eles existam.

— Onde está o Zeke? — pergunto.

— Não sei. Não tenho tido muita vontade de andar com ele nos últimos dias.

Olho para ela de soslaio.

— Você poderia simplesmente falar para ele que gosta dele, sabia? Falando sério, acho que ele não faz ideia.

— É óbvio que não faz — diz ela, bufando. — Mas e se é isso que ele quer, ficar pulando de garota para garota por um tempo? Não quero ser apenas mais uma.

— Duvido muito que você seria — digo —, mas entendo o que quer dizer.

Permanecemos em silêncio por alguns segundos, encarando a água furiosa abaixo.

— Você será um bom instrutor — diz ela. — Você me ensinou muito bem.

— Obrigado.

— *Aí* estão vocês — exclama Zeke de trás de nós. Ele está carregando uma grande garrafa cheia de um líquido marrom, segurando-a pelo gargalo. — Venham. Encontrei uma coisa.

Shauna e eu nos entreolhamos e damos de ombros, depois o seguimos até as portas do outro lado do Fosso, que atravessamos pela primeira vez logo depois de saltar sobre a rede. Mas, em vez de nos levar até a rede, ele atravessa outra porta, cuja tranca está presa com fita adesiva, depois segue por um corredor completamente escuro e um lance de escadas.

— Já devemos estar chegando... Ai!

— Desculpa. Não vi que você parou — diz Shauna.

— Espera aí, estou quase conseguindo...

Ele abre a porta, deixando entrar uma luz tênue para que vejamos onde estamos. É o lado oposto do abismo, vários metros acima da água. Lá no alto, o Fosso parece seguir eternamente, e as pessoas caminhando perto do corrimão são pequenas e escuras, impossíveis de distinguir dessa distância.

Solto uma risada. Zeke acabou de nos guiar até outro pequeno momento de rebeldia, provavelmente sem querer.

— Como você encontrou este lugar? — diz Shauna, claramente maravilhada, enquanto salta para uma das pedras abaixo. Agora que estou aqui, vejo um caminho que nos levaria para cima, até o outro lado do muro, se quiséssemos atravessar o abismo.

— Aquela garota, a Maria — diz Zeke. — A mãe dela trabalha na manutenção do abismo. Nem sabia que esse trabalho existia, mas parece que existe.

— Você ainda está saindo com ela? — pergunta Shauna, tentando falar com naturalidade.

— Não — diz Zeke. — Toda vez que estava com ela, sentia vontade de ficar com meus amigos. Isso não é um bom sinal, não é?

— Não — concorda Shauna, parecendo mais alegre.

Desço com mais cuidado até a pedra onde Shauna está. Zeke se senta ao lado dela, abrindo a sua garrafa e a passando para nós.

— Fiquei sabendo que você saiu da disputa — comenta Zeke, passando a garrafa para mim. — Imaginei que você pudesse precisar de um trago.

— Sim — digo, depois dou um gole.

— Considere este ato de embriaguez pública como um grande... — Ele faz um gesto obsceno para o teto de vidro sobre o Fosso. — Sabe, para Max e Eric.

E Evelyn, eu penso, tomando outro trago.

— Trabalharei na sala de controle quando não estiver treinando iniciandos — digo.

— Irado! — exclama Zeke. — Será legal ter um amigo por lá. Agora, ninguém fala comigo.

— Era assim comigo na minha antiga facção — conto, rindo. — Imaginem um almoço inteiro no qual ninguém nem olha para você.

— Que barra — diz Zeke. — Bem, acho que você deve estar feliz em estar aqui, então.

Pego a garrafa dele de novo, bebo outro gole ardido de álcool e limpo a boca com as costas da mão.

— É — digo. — Estou.

Se as facções estão se deteriorando, como minha mãe quer que eu acredite, este não é o pior lugar para estar quando elas ruírem. Aqui, pelo menos, tenho amigos para me fazer companhia enquanto isso acontece.

+ + +

Acaba de escurecer, e meu capuz está levantado para esconder o meu rosto enquanto corro pela área dos sem-facção, bem na fronteira com o setor da Abnegação. Precisei ir até a escola para me orientar, mas agora lembro onde

estou e para onde corri no dia em que invadi um armazém dos sem-facção, investigando uma brasa que se extinguia.

Alcanço a porta que atravessei quando deixei o local e bato nela com as juntas dos dedos. Ouço vozes do outro lado e sinto cheiro de comida vindo de uma das janelas abertas, de onde a fumaça do fogo lá dentro está se espalhando para o corredor. Ouço os passos de alguém que vem conferir quem está batendo à porta.

Agora, o homem veste uma camisa vermelha da Amizade e calças pretas da Audácia. Ele continua com uma toalha presa no bolso traseiro, como da última vez em que conversei com ele. Ele abre a porta apenas o bastante para olhar para mim, nem um centímetro a mais.

— Veja só, olha quem passou por uma mudança — diz ele, observando as minhas roupas da Audácia. — A que devo esta visita? Sentiu falta da minha agradável companhia?

— Você sabia que a minha mãe estava viva quando me conheceu — digo. — Foi assim que me reconheceu, porque já passou tempo com ela. Por isso, você sabia o que ela disse a respeito de a inércia tê-la carregado para a Abnegação.

— É verdade — diz o homem. — Mas não imaginei que fosse meu papel revelar a você que ela estava viva. Você está aqui para exigir desculpas ou algo assim?

— Não. Estou aqui para mandar uma mensagem. Você pode entregá-la a ela?

— Sim, claro. Eu a encontrarei nos próximos dias.

Enfio a mão no bolso e retiro um papel dobrado. Eu o entrego a ele.

— Pode ler, eu não ligo. E obrigado.

— Pode deixar — diz ele. — Quer entrar? Você está começando a parecer mais um de nós do que um deles, Eaton.

Balanço a cabeça.

Saio novamente para o beco e, antes de virar a esquina, vejo-o abrindo o bilhete para ler o que está escrito.

Evelyn,
Algum dia. Ainda não.
—4
P.S. Fico feliz por você não estar morta.


O TRAIDOR

OUTRO ANO, OUTRO Dia da Visita.

Há dois anos, quando eu era um iniciando, fingi que meu próprio Dia da Visita não existia, e o passava escondido na sala de treinamento na companhia de um saco de pancadas. Passei tanto tempo lá que ainda conseguia sentir o cheiro de poeira e suor dias depois. No ano passado, meu primeiro como instrutor dos iniciandos, fiz a mesma coisa, embora tanto Zeke quanto Shauna tenham me convidado para ficar um tempo com suas famílias.

Este ano tenho coisas mais importantes para fazer do que bater em um saco e me lamentar pela minha família disfuncional. Vou para a sala de controle.

Atravesso o Fosso, desviando-me de reencontros chorosos e risadas alegres. As famílias sempre podem se reunir no Dia da Visita, mesmo que sejam de facções diferentes, porém, com o tempo, as visitas costumam parar. "Facção antes do sangue", afinal. A maioria das roupas de cores diferentes que vejo se misturarem ao preto da Audácia pertencem às famílias de transferidos: a irmã de Will, da Erudição, veste azul-claro, os pais de Peter, da Franqueza, usam branco e preto. Observo seus pais por um instante e me pergunto se eles foram os responsáveis por torná-lo a pessoa que ele é hoje. Mas acho que, de modo geral, não é tão fácil assim explicar as pessoas.

Eu deveria estar em uma missão, mas paro ao lado do abismo, encostando-me à grade. Alguns pedaços de papel flutuam na água. Agora sei onde ficam os degraus de pedra; do outro lado, consigo vê-los imediatamente, assim como a porta oculta que leva até eles. Abro um pequeno sorriso, pensando nas noites que passei naquelas pedras com Zeke ou Shauna, às vezes conversando, outras apenas ouvindo o som de água corrente.

Ouço passos se aproximando e olho para trás. Tris caminha na minha direção, aconchegada sob o braço vestido de cinza de uma mulher da Abnegação. Natalie Prior. Fico tenso, subitamente desesperado para fugir. E

se Natalie souber quem eu sou, de onde venho? E se ela revelar isso sem querer, aqui, com todas essas pessoas ao redor?

Ela com certeza não me reconhecerá. Não pareço nada com o menino que ela conheceu: fraco, curvado e escondido dentro das roupas largas da Abnegação.

Quando está perto o suficiente, ela estende a mão.

— Olá. Meu nome é Natalie — apresenta-se ela. — Sou a mãe de Beatrice.

Beatrice. Esse nome é tão errado para ela.

Aperto a mão de Natalie. Nunca gostei do aperto de mão da Audácia. É muito imprevisível. Nunca sei o quão forte apertar, ou quantas vezes subir e descer a mão.

— Quatro — digo. — É um prazer conhecê-la.

— Quatro — repete Natalie, depois abre um sorriso. — É um apelido?

— Sim — respondo. Mudo de assunto. — Sua filha está indo bem aqui. Tenho supervisionado o treinamento.

— Fico feliz em saber — diz ela. — Tenho algum conhecimento a respeito da iniciação da Audácia e estava preocupada com ela.

Olho para Tris. Ela está corada e parece feliz, como se ver a mãe estivesse lhe fazendo bem. Só então reparo no quanto ela mudou desde que a vi pela primeira vez, pisando de maneira insegura na plataforma de madeira, com a aparência frágil, como se o impacto contra a rede a tivesse estilhaçado. Ela não aparenta mais aquela fragilidade, traz resquícios de hematomas no rosto e adquiriu uma nova estabilidade na postura, como se estivesse pronta para encarar qualquer coisa.

— Não precisa se preocupar — digo para Natalie.

Tris desvia o olhar. Acho que ela ainda está com raiva de mim, pela maneira como feri a sua orelha com aquela faca. Não posso culpá-la.

— Não sei por quê, mas você me parece familiar, Quatro — diz Natalie. Consideraria seu comentário inocente, não fosse a maneira como está

olhando para mim, como se estivesse tentando me arrancar alguma informação.

— Também não consigo imaginar de onde poderia ser — digo com o tom de voz mais frio possível. — Não costumo me associar a pessoas da Abnegação.

Ela não reage da maneira que eu esperava, com surpresa, medo ou raiva. Apenas ri.

— Hoje em dia, poucas pessoas se associam. Sei que não é nada pessoal.

Se ela me reconhece, não parece impelida a revelar isso. Tento relaxar.

— Bem, vou deixar vocês matarem a saudade em paz — digo.

+ + +

No meu monitor, as imagens das câmeras de segurança mudam do saguão da Pira para o buraco rodeado por quatro edifícios, a entrada dos iniciandos da Audácia. Há um grupo de pessoas reunido ao redor do buraco, entrando e saindo dele, acho que para testar a rede.

— Não curte Dias da Visita? — Meu supervisor, Gus, está em pé atrás de mim, bebericando uma caneca de café. Ele não é tão velho, mas o topo da sua cabeça é calvo. O que resta de seu cabelo é mantido curto, mais até do que o meu. Os lóbulos das suas orelhas estão esticados por alargadores. — Pensei que não o veria mais até o final da iniciação.

— Resolvi pelo menos fazer algo produtivo.

No meu monitor, todos escalam para fora do buraco e se afastam, encostando-se em um dos prédios. Bem devagar, uma figura escura se aproxima da beirada do edifício acima do buraco, corre um pouco e depois salta. Sinto um frio na barriga, como se fosse eu que estivesse desabando, e a figura desaparece abaixo da calçada. Nunca vou me acostumar a ver aquilo.

— Eles parecem estar se divertindo — diz Gus, bebericando mais uma vez seu café. — Bem, não vou reclamar se você quiser trabalhar fora do horário, mas um pouco de diversão não faz mal a ninguém, Quatro.

Ele se afasta, e eu murmuro:

– É, estou sabendo.

Vasculho a sala de controle. Está quase vazia. No Dia da Visita, poucas pessoas são obrigadas a trabalhar, geralmente só as mais velhas. Gus está inclinado sobre seu monitor. Há outros dois funcionários ao seu lado, observando as imagens com apenas um fone de ouvido na orelha. Além deles, apenas eu.

Digito um comando, abrindo a gravação que salvei na semana passada. Ela mostra Max em seu escritório, sentado diante do computador. Ele digita com o dedo indicador, catando as teclas certas durante vários segundos entre uma digitação e outra. Poucos membros da Audácia sabem digitar rápido, especialmente o Max, que, pelo que me disseram, passou a maior parte da sua vida na Audácia patrulhando o setor dos sem-facção com a sua arma. Ele não deve ter imaginado que um dia precisaria usar um computador. Inclino-me para perto do monitor a fim de me certificar de que os números que anotei antes estão certos. Se estiverem, tenho a senha de acesso ao computador de Max escrita em um papel, no meu bolso.

Desde que descobri que Max estava trabalhando com Jeanine Matthews e comecei a suspeitar de que eles estivessem ligados de alguma maneira à morte de Amah, tenho procurado um modo de investigar mais a fundo. E consegui quando o vi digitar sua senha outro dia.

084628. Sim, os números parecem corretos. Acesso as imagens de segurança ao vivo outra vez e procuro entre as câmeras até encontrar a que mostra o escritório de Max e o corredor mais adiante. Depois, digito o comando que retira a imagem do escritório de Max do circuito, para que Gus e os outros não a vejam; ela só será exibida no meu monitor. As imagens de toda a cidade são sempre divididas entre o número de pessoas que estiverem trabalhando na sala de controle, para que não fiquemos todos observando os mesmos lugares. Só podemos tirar as imagens da rotação geral como acabei de fazer por alguns segundos, e somente se precisarmos analisar algo com

mais cuidado, mas acho que isso não vai demorar muito. Saio da sala e caminho até os elevadores.

Este andar da Pira está quase vazio. Todos saíram. Isso facilitará o que preciso fazer agora. Sigo de elevador até o décimo andar e caminho com decisão até o escritório de Max. Descobri que, quando você anda por aí sem querer ser notado, é melhor não parecer que está andando por aí sem querer ser notado. Tamborilo o pendrive no meu bolso enquanto caminho e viro o corredor, parando em frente à sala dele.

Abro a porta com a ponta do pé. Hoje mais cedo, após ter certeza de que Max havia descido para o Fosso com o objetivo de começar as preparações para o Dia da Visita, vim escondido até aqui e prendi a tranca com fita adesiva. Fecho a porta atrás de mim silenciosamente, sem acender as luzes, e agacho-me ao lado da sua mesa. Não quero mexer na cadeira ou sentar nela; não quero que ele note nenhuma mudança no escritório quando voltar.

O monitor exige uma senha. Minha boca está seca. Retiro o papel do bolso e o aperto contra a mesa enquanto digito. 084628.

A tela muda. Não acredito que funcionou.

Rápido. Se Gus descobrir que saí, que estou aqui, não sei o que direi ou que desculpa minimamente razoável poderei dar. Insiro o pendrive e transfiro o programa que guardei nele mais cedo. Pedi a Lauren, uma das funcionárias da equipe de assistência técnica da Audácia e minha colega entre os instrutores de iniciação, por um programa que tornasse um computador um espelho de outro, com a desculpa de que queria pregar uma peça em Zeke quando estivéssemos trabalhando. Ela me ajudou de bom grado. Outra coisa que descobri é que os membros da Audácia estão sempre dispostos a participar de trotes e quase não reparam em mentiras.

Com alguns cliques rápidos, o programa é instalado e escondido em uma pasta do computador de Max onde tenho certeza de que ele nunca procurará. Enfio o pendrive de volta no bolso, junto com o pedaço de papel no qual

anotei a senha, e deixo o escritório sem marcar a parte de vidro da porta com minhas impressões digitais.

Até que foi fácil, penso enquanto caminho de volta para os elevadores. Segundo o meu relógio, a operação durou só cinco minutos. Se alguém perguntar, posso dizer que fui ao banheiro.

Mas, quando volto para a sala de controle, Gus está sentado diante do meu computador, encarando o monitor.

Fico paralisado. Há quanto tempo será que ele está lá? Será que ele me viu invadir o escritório de Max?

— Quatro — diz Gus com a voz séria. — Por que você isolou esta imagem? Vocês não podem retirar imagens da rotação. Você sabe disso.

— Eu... — *Minta! Minta agora!* — pensei ter visto alguma coisa — concluo, nada convincente. — Podemos isolar imagens quando vemos coisas fora do comum.

Gus se aproxima de mim.

— Então por que acabei de vê-lo no monitor, saindo desse corredor?

Ele aponta para o corredor no monitor. Minha garganta aperta.

— Pensei ter visto algo estranho e fui investigar — digo. — Desculpe. Eu precisava dar uma volta.

Ele me encara, mastigando a parte de dentro da bochecha. Fico imóvel. Não desvio o olhar.

— Se voltar a ver algo fora do normal, siga o protocolo. Você precisa avisar o seu supervisor, que é... quem mesmo?

— Você — digo, suspirando um pouco. Não gosto que me tratem com condescendência.

— Correto. Que bom que você *consegue* acompanhar esse raciocínio — diz ele. — Honestamente, Quatro, depois de mais de um ano trabalhando aqui, não deveria haver mais nenhuma irregularidade na sua performance. Temos regras muito claras, e tudo o que você precisa fazer é segui-las. Este é seu último aviso. Certo?

— Certo — respondo. Já fui repreendido algumas vezes por tirar imagens da rotação para bisbilhotar encontros entre Jeanine Matthews e Max, ou entre Max e Eric. Nunca consegui qualquer informação útil assim, e quase sempre fui pego.

— Que bom. — Sua voz fica um pouco mais suave. — Boa sorte com os iniciandos. Você ficou com os transferidos de novo este ano?

— Fiquei — respondo. — Lauren pegou os nascidos na Audácia.

— Ah, que pena. Achei que você fosse conhecer a minha irmãzinha — diz Gus. — Se eu fosse você, faria alguma coisa para relaxar. Não precisamos de ajuda aqui agora. Só peço que libere aquela imagem antes de ir embora.

Ele volta para o seu computador, e eu relaxo a mandíbula. Nem percebi que ela estava tão tensa. Com o rosto latejando, desligo o computador e deixo a sala de controle. Não acredito que consegui me safar.

Agora, com esse programa instalado no computador de Max, posso acessar todos os seus arquivos da privacidade relativa da sala de controle. Posso descobrir exatamente o que ele e Jeanine Matthews estão tramando.

+ + +

À noite, sonho que estou caminhando pelos corredores da Pira, sozinho, mas os corredores não terminam, e a vista das janelas não muda, com os trilhos suspensos do trem curvando-se para dentro de edifícios altos, o sol encoberto pelas nuvens. Sinto que estou andando há horas e, quando acordo assustado, parece que nem dormi.

De repente, ouço uma batida na porta e uma voz gritando:

— Abra!

Parece mais um pesadelo do que o tédio do qual acabei de escapar. Tenho certeza de que são soldados da Audácia vindo me buscar porque descobriram que sou Divergente, ou que estou espionando Max, ou que entrei em contato com a minha mãe sem-facção no ano passado. Todas essas coisas gritam "traidor da facção".

Soldados da Audácia vindo me matar. Mas, ao caminhar até a porta, percebo que, se eles fizessem isso, não causariam esse estardalhaço no corredor. Além do mais, a voz é de Zeke.

— Zeke — digo, abrindo a porta. — Qual é o seu problema? Estamos no meio da noite.

Há um pouco de suor na sua testa, e ele está sem fôlego. Deve ter corrido até aqui.

— Eu estava trabalhando no turno da noite na sala de controle — diz Zeke. — Aconteceu alguma coisa no dormitório dos transferidos.

Por algum motivo, a primeira coisa em que penso é *nela*, nos seus olhos grandes me encarando das profundezas da minha memória.

— O quê? — pergunto. — Com quem?

— Vamos conversar enquanto andamos — pede Zeke.

Calço os sapatos, visto o casaco e o sigo pelo corredor.

— O garoto da Erudição. O loiro — diz Zeke.

Tenho que reprimir um suspiro de alívio. Não foi ela. Nada aconteceu a ela.

— Will? — pergunto.

— Não, o outro.

— Edward.

— É, o Edward. Ele foi atacado. Levou uma facada.

— Ele morreu?

— Não, está vivo. A facada foi no olho.

Paro de andar.

— No *olho*?

Zeke concorda com a cabeça.

— Para quem você contou isso?

— Para o supervisor da noite. Ele foi contar para o Eric, e o Eric disse que resolveria a situação.

— É claro que vai. — Desvio para a direita, para longe do dormitório dos transferidos.

— Aonde está indo? — pergunta Zeke.

— O Edward já está na enfermaria? — Caminho de costas enquanto falo.

Zeke faz que sim com a cabeça.

— Então vou conversar com Max — digo.

+ + +

O complexo da Audácia é pequeno o bastante para que eu saiba onde as pessoas moram. O apartamento de Max fica bem afastado, entre os corredores subterrâneos do complexo, perto da porta que leva para os trilhos, do lado de fora. Marcho na sua direção, seguindo as lâmpadas azuis de emergência alimentadas pelo nosso gerador a energia solar.

Esmurro a porta de metal com o punho cerrado, acordando Max da mesma maneira que Zeke me acordou. Ele abre a porta com força alguns segundos depois, com pés descalços e olhos transtornados.

— O que aconteceu? — pergunta ele.

— Um dos meus iniciandos levou uma facada no olho — digo.

— E você veio aqui? Alguém informou isso ao Eric?

— Sim. É sobre esse assunto que quero falar com você. Posso entrar?

Não espero a resposta. Esbarro nele e entro em sua sala de estar. Ele acende as luzes, revelando a sala mais bagunçada que já vi, com copos e pratos sujos cobrindo a mesa de centro, todas as almofadas do sofá desarrumadas e o chão cinza de tanta poeira.

— Quero que a iniciação volte a ser como era antes de Eric torná-la mais competitiva, e quero que ele fique longe da minha sala de treinamento.

— Você não acredita realmente que o fato de um iniciando ter se machucado seja culpa do Eric — diz Max, cruzando os braços. — Ou que você tenha o direito de fazer exigências.

— Sim, a culpa é dele, é claro que a culpa é dele! — respondo, mais alto do que queria. — Se eles não estivessem todos lutando por uma das dez vagas, não se desesperariam a ponto de atacar uns aos outros! Ele os deixou tão tensos que obviamente acabariam estourando uma hora ou outra!

Max fica em silêncio. Ele parece irritado, mas não está me chamando de ridículo, o que já é um começo.

— Você não acha que devemos responsabilizar o autor do ataque? Você não acha que ele ou ela deve ser considerado culpado no lugar de Eric?

— É claro que ele, ou ela, ou quem quer que seja, deve ser responsabilizado Mas isso nunca teria acontecido se Eric...

— Você não pode ter certeza disso — diz Max.

— Posso ter a mesma certeza que qualquer pessoa razoável teria.

— E eu não sou razoável? — Sua voz está baixa, perigosa, e, de repente, lembro-me de que Max não é apenas um líder da Audácia que gosta de mim por alguma razão inexplicável. Ele é o líder da Audácia que está trabalhando com Jeanine Matthews, a mesma pessoa que selecionou Eric e provavelmente teve alguma relação com a morte de Amah.

— Não foi o que eu quis dizer — digo, tentando permanecer calmo.

— Você precisa ser cuidadoso e escolher melhor as palavras. — Max aproxima-se de mim. — Ou alguém pode começar a pensar que você está insultando seus superiores.

Não respondo. Ele se aproxima ainda mais.

— Ou questionando os valores da sua facção — diz ele, e seus olhos vermelhos saltam para o meu ombro, onde as chamas da Audácia aparecem pela gola da minha camisa. Tenho mantido os cinco símbolos das facções que cobrem as minhas costas escondidos desde que fiz a tatuagem, mas, por algum motivo, agora fico apavorado com a possibilidade de Max saber sobre eles. De ele saber o que significam, que não sou um membro perfeito da Audácia; sou uma pessoa que acredita que mais de uma virtude deve ser valorizada; sou um Divergente.

— Você teve a sua chance de se tornar um líder da Audácia — diz Max. — Talvez pudesse ter evitado esse incidente se não tivesse desistido como um covarde. Mas foi isso que você fez. Então, agora terá que aguentar as consequências.

Seu rosto revela a sua idade. Ele tem marcas que não possuía no ano passado, ou no ano retrasado, e sua pele está marrom-acinzentada, como se estivesse coberta de cinzas.

— Eric só está tão envolvido com a iniciação porque você se recusou a seguir ordens no ano passado...

No ano passado, na sala de treinamento, parei todas as lutas antes que os ferimentos ficassem sérios demais, contra a ordem de Eric de que as lutas só deveriam ser interrompidas quando um dos lutadores não conseguisse mais continuar. Como resultado, quase perdi meu posto de instrutor da iniciação; teria perdido se Max não tivesse interferido.

— E eu queria te dar outra chance para fazer a coisa certa, com um monitoramento maior — diz Max. — Você tem falhado em fazer isso. Você já foi longe demais.

O suor que se acumulou na minha pele quando corri até aqui esfriou. Ele dá um passo para trás e abre novamente a porta do seu apartamento.

— Saia do meu apartamento e lide com seus iniciandos — diz Max. — Não quero ver você sair da linha outra vez.

— Sim, senhor — digo baixinho, e vou embora.

+ + +

Visito Edward na enfermaria na manhã seguinte bem cedo, ao nascer do sol, quando a luz atravessa o teto de vidro do Fosso. A cabeça dele está envolta em esparadrapos brancos, e o garoto não se move nem fala. Também não digo nada, apenas me sento ao lado dele e espero enquanto os minutos passam no relógio da parede.

Fui um idiota. Pensei que era invencível, que a vontade de Max de que eu fosse um líder da Audácia nunca oscilaria, que, em algum nível, ele confiava em mim. Não deveria ter sido tão idiota. Tudo o que Max queria era um fantoche. Foi o que minha mãe disse.

Não posso ser um fantoche. Mas não sei o que mais devo ser.

+ + +

O cenário que Tris Prior inventa é estranho e quase bonito, com o céu amarelo-esverdeado e a grama amarela se estendendo por quilômetros em todas as direções.

Assistir à simulação do medo de outra pessoa é esquisito. Íntimo. Não me sinto à vontade forçando outras pessoas a ficar vulneráveis, mesmo que não goste delas. Todo ser humano tem direito a ter seus segredos. Assistir aos medos dos meus iniciandos, um após o outro, me faz sentir como se a minha pele tivesse sido completamente raspada com uma lixa.

Na simulação de Tris, a grama amarela está perfeitamente parada. Se o ar não estivesse estagnado, eu diria que tudo é um sonho, não um pesadelo. Mas a ausência do vento significa apenas uma coisa para mim: uma tempestade iminente.

Uma sombra se move pela grama, e um grande pássaro preto pousa no ombro dela, cravando as garras em sua camisa. As pontas dos meus dedos formigam quando me lembro de como toquei seu ombro quando ela entrou na sala de simulação, e de como afastei o cabelo do seu pescoço antes de injetar o soro nela. Estúpido. Descuidado.

Ela bate no pássaro negro com força, e, de repente, tudo acontece ao mesmo tempo. O trovão estrondeia; o chão escurece, não com nuvens de tempestade, mas com *pássaros*, um bando impossivelmente grande deles, movendo-se em uníssono, como muitas partes da mesma mente.

O som do grito dela é o pior som do mundo, desesperado. Ela está desesperada por ajuda, e eu estou desesperado para ajudá-la, embora saiba

que o que vejo não é real. Eu sei disso. Os corvos continuam vindo, implacáveis, cercando-a, enterrando-a viva em penas escuras. Ela grita por ajuda, e não posso ajudá-la e não quero assistir a isso, não quero assistir nem mais um segundo.

Mas, de repente, ela começa a se mexer, mudando de posição e deitando na grama, cedendo, relaxando. Se ela está sentindo dor agora, não demonstra; apenas fecha os olhos e se rende, e isso, de alguma forma, é pior do que seus gritos por ajuda.

De repente, a simulação acaba.

Ela lança o corpo para a frente na cadeira de metal, batendo no próprio corpo para afastar os pássaros, embora eles já tenham desaparecido. Depois, encolhe-se e esconde o rosto.

Estendo a mão para tocar seu ombro, para reconfortá-la, e ela bate no meu braço com força.

— Não toque em mim!

— Acabou — digo, contraindo o rosto. Ela me socou com mais força do que imagina. Ignoro a dor e corro a mão pelo seu cabelo, porque sou idiota, e inapropriado, e idiota...

— Tris.

Ela apenas move o corpo para a frente e para trás, acalmando-se.

— Tris, vou levar você de volta ao dormitório, está bem?

— Não! Eles não podem me ver... não desta maneira...

É isso que o novo sistema de Eric cria: um ser humano corajoso acabou de vencer um dos seus piores medos em menos de cinco minutos, um esforço que outras pessoas costumam demorar pelo menos o dobro do tempo para concluir, mas está morrendo de medo de voltar para o corredor, de ser visto expressando qualquer tipo de fraqueza e vulnerabilidade. Tris tem todas as características da Audácia, isso é simples e claro, mas esta facção já não tem mais tanto a ver com essas características.

— Ah, acalme-se — digo com um tom mais irritado do que queria. — Eu a levarei pela porta dos fundos.

— Não preciso que você me leve... — Consigo ver as mãos dela tremendo, apesar da recusa à minha oferta.

— Isso é besteira — digo. Seguro o braço dela e a ajudo a levantar. Ela enxuga os olhos enquanto caminho em direção à porta. Amah atravessou esta porta comigo certa vez, e tentou me levar de volta ao dormitório, apesar de eu não querer sua companhia, como Tris provavelmente não quer a minha agora. Como é possível viver a mesma história duas vezes, sob dois pontos de vista?

Ela se desvencilha de mim e me encara.

— Por que você fez aquilo comigo? Qual foi o propósito daquilo, hein? Quando escolhi a Audácia, não sabia que estava me candidatando a semanas de tortura!

Se ela fosse qualquer outro, qualquer um dos outros iniciandos, já teria gritado várias vezes com ela por sua insubordinação. Teria me sentido ameaçado por seus ataques constantes ao meu caráter e tentado reprimir seus atos de revolta com crueldade, como fiz com Christina no primeiro dia de iniciação. Mas Tris ganhou o meu respeito quando decidiu ser a primeira a pular na rede; ao me desafiar em sua primeira refeição; ao não se intimidar por minhas respostas desagradáveis às suas perguntas; quando enfrentou o Al e me olhou nos olhos enquanto atirava facas contra ela. Ela não é minha subordinada, e nunca poderia ser.

— Você achou que superar a covardia seria uma tarefa fácil? — digo.

— Aquilo não teve nada a ver com a superação da minha covardia! A covardia se encontra em como alguém escolhe ser na vida real, e na vida real eu não seria bicada até a morte por corvos, Quatro!

Ela começa a chorar, mas fico chocado demais com suas palavras para me sentir desconfortável com suas lágrimas. Tris não está aprendendo as lições

que Eric quer que ela aprenda. Está aprendendo coisas diferentes, mais sábias.

— Quero ir para casa.

Sei onde ficam as câmeras neste corredor. Espero que nenhuma delas tenha captado o que ela acabou de dizer.

— Saber pensar em meio ao medo é uma lição que todos, até mesmo a sua família de Caretas, devem aprender — digo. Desconfio de muitas coisas a respeito da iniciação da Audácia, mas as simulações do medo não são uma delas; elas são a maneira mais direta para que uma pessoa enfrente seus medos e os derrote, bem mais direta do que o lançamento de facas ou as lutas. — É isso o que estamos tentando ensinar-lhe. Se você não conseguir aprender, terá que dar o fora daqui, porque não vamos querer você.

Sou duro com ela porque sei que ela aguenta o tranco. Além disso, não sei como ser de outro jeito.

— Estou tentando. Mas eu fracassei. Estou fracassando.

Quase caio na gargalhada.

— Quanto tempo você acha que passou naquela alucinação, Tris?

— Não sei. Cerca de meia hora?

— Três minutos. Você acordou três vezes mais rápido do que os outros iniciandos. Você pode ser qualquer coisa, Tris, menos um fracasso.

Você talvez seja Divergente, penso. Mas ela não fez nada para mudar a simulação, então talvez não seja. Talvez ela seja apenas corajosa.

Sorrio para ela.

— Amanhã você se sairá melhor. Você vai ver.

— Amanhã?

Ela parece mais calma agora. Apoio a mão nas suas costas, logo abaixo do ombro.

— O que você viu na sua primeira alucinação? — pergunta ela.

— Não foi exatamente um 'que' mas um 'quem'. — Ao falar, me dou conta de que deveria ter revelado a ela apenas o primeiro obstáculo da minha

paisagem do medo, o medo de alturas, embora não seja exatamente isso que ela está perguntando. Quando estou com ela, não consigo controlar o que digo, como faço com outras pessoas. Falo coisas vagas, porque é a melhor forma que encontro para me segurar e não falar nada, com a mente aturdida pela sensação do corpo dela sob a camisa. — Mas isso não importa.

— E você já conseguiu superar esse medo?

— Ainda não. — Estamos na porta do dormitório. O caminho nunca passou tão rápido. Enfio as mãos no bolso, para não fazer nada de idiota com elas outra vez. — Talvez eu nunca supere.

— Então, eles não vão embora?

— Às vezes vão. E às vezes são apenas substituídos por novos medos. Mas o objetivo não é perder o medo. Isso seria impossível. Aprender a controlar seu medo e libertar-se dele é o *verdadeiro* objetivo.

Ela acena com a cabeça. Não sei por que ela está aqui, mas acredito que tenha escolhido a Audácia para se libertar. A Abnegação teria sufocado a faísca nela até que se apagasse por completo. Mas, apesar de todas as suas falhas, a Audácia alimentou essa faísca, transformando-a em uma chama.

— De qualquer maneira — digo —, seus medos dificilmente serão exatamente o que aparece na simulação.

— Como assim?

— Bem, você realmente tem medo de corvos? — Eu sorrio. — Quando você vê um corvo, você sai correndo e gritando?

— Não. Acho que não.

Ela se aproxima de mim. Estava me sentindo mais seguro quando havia mais espaço entre nós. Ela chega ainda mais perto. Penso em tocá-la, e minha boca fica seca. Quase nunca penso em pessoas desta maneira, sobre garotas desta maneira.

— Então, do que tenho medo de verdade? — pergunta ela.

— Não sei — digo. — Apenas você pode saber.

— Eu não sabia que me tornar um membro da Audácia seria tão difícil.

Fico feliz em ter outra coisa na qual pensar que não seja o quão fácil seria levar a mão até suas costas.

— Dizem que nem sempre foi assim. Quer dizer, se tornar um membro da Audácia.

— O que mudou?

— A liderança. A pessoa que controla o treinamento estabelece o padrão de comportamento da Audácia. Há seis anos, Max e outros líderes mudaram os métodos de treinamento para torná-los mais competitivos e brutais, afirmando que isso testaria a força das pessoas. — Há seis anos, a parte de combate do treinamento era breve e não incluía lutas sem luvas. Iniciandos usavam proteção. A ênfase estava em ser forte e capacitado, além de desenvolver camaradagem com os outros iniciandos. E, mesmo quando eu era um iniciando, a situação era melhor do que agora: as possibilidades de iniciandos se tornarem membros eram ilimitadas, e as lutas paravam quando um dos competidores se rendia. — E isso modificou as prioridades da Audácia como um todo. Aposto que você consegue adivinhar quem é o novo protegido dos líderes.

É claro que ela sabe imediatamente de quem estou falando.

— Se você ficou em primeiro lugar entre os iniciandos da sua turma, então em que posição ficou Eric? — pergunta ela.

— Em segundo.

— Então, ele era a segunda opção de liderança deles. E você era a primeira.

Ela é perceptiva. Não sei se eu era a primeira escolha, mas certamente era uma escolha melhor do que Eric.

— Por que acha isso?

— Pela maneira como Eric se comportou durante o jantar na primeira noite. Ele estava com inveja, mesmo já tendo o que quer.

Nunca pensei em Eric dessa maneira. Inveja? De quê? Nunca tirei nada dele, nunca representei uma ameaça a ele. Foi Eric quem foi atrás de Amah, quem veio atrás de mim. Mas talvez ela tenha razão. Talvez eu nunca tenha

percebido o quão frustrado ele estava em ser o segundo, atrás de um transferido da Abnegação, depois do duro que ele deu, ou por eu ser o preferido de Max para a liderança, mesmo depois de ele ser plantado aqui especificamente para assumir essa posição.

Ela limpa o rosto.

— Parece que eu estive chorando?

A pergunta é quase cômica para mim. As lágrimas dela sumiram quase tão depressa quanto vieram, e agora seu rosto está calmo outra vez, seus olhos estão secos, seu cabelo está liso. Como se nada tivesse acontecido. Como se ela não tivesse acabado de passar três minutos sobrepujada pelo terror. Ela é mais forte do que eu era.

— Bem... — Inclino-me para perto dela, fingindo examiná-la, mas, de repente, não estou mais fingindo, estou apenas perto, e sentimos a respiração um do outro. — Não, Tris — digo. — Você parece... — Tento usar uma expressão da Audácia. — Dura como uma pedra.

Ela abre um pequeno sorrio. Faço o mesmo.

+ + +

— Ei — diz Zeke, sonolento, apoiando a cabeça na mão fechada. — Quer assumir o trabalho para mim? Estou quase pregando os meus olhos com fita adesiva.

— Desculpe — digo. — Só preciso usar um computador. Você sabe que são apenas nove da noite, não sabe?

Ele boceja.

— Fico cansado quando estou tão entediado. Mas meu turno está quase acabando.

Adoro a sala de controle à noite. Só três pessoas monitoram as imagens, então a sala fica completamente silenciosa, exceto pelo zumbido dos computadores. Pelas janelas, vejo apenas um fiapo da lua; todo o resto está escuro. É difícil encontrar paz no complexo da Audácia, e este é o lugar onde a encontro com mais frequência.

Zeke volta a olhar para o monitor. Sento-me diante de um computador, a algumas cadeiras de distância dele, e ajeito o monitor para que as outras pessoas na sala não consigam ver a tela. Em seguida, faço o *login* usando o usuário falso que criei há meses, para que ninguém consiga rastrear isso até mim.

Abro o programa de espelhamento que me permite usar o computador de Max remotamente. Ele leva alguns segundos para rodar, mas, quando carrega, parece que estou sentado no escritório de Max, usando a máquina dele.

Trabalho de maneira rápida e sistemática. Ele nomeia suas pastas com números; por isso, não sei o que cada uma contém. A maioria delas não traz nada sério, apenas listas de membros da Audácia ou calendários de eventos. Abro e fecho as pastas em segundos.

Concentro-me mais nos arquivos, pasta após pasta, e, de repente, encontro algo estranho. Uma lista de suprimentos, mas os itens não são comida, tecidos ou qualquer outra coisa que eu reconheceria da vida mundana da Audácia. É uma lista de armas. E de algo nomeado como *Soro D2*.

Só consigo imaginar uma coisa que exigiria da Audácia tantas armas: um ataque. Mas contra quem?

Confiro a sala de controle de novo, com o coração batendo tão forte que minha cabeça lateja. Zeke está jogando um jogo de computador que ele mesmo programou. Outro operador da sala está caído para o lado, com os olhos meio fechados. O terceiro mexe um copo de água distraidamente com um canudo e olha pela janela. Ninguém está prestando a menor atenção em mim.

Abro mais arquivos. Depois de algumas tentativas infrutíferas, encontro um mapa. Ele está quase todo marcado com letras e números, e, a princípio, não sei o que estou vendo.

Mas depois abro um mapa da cidade do banco de dados da Audácia e comparo os dois; recosto-me na cadeira ao perceber quais ruas o mapa de Max está destacando.

O setor da Abnegação.

O ataque será contra a Abnegação.

+ + +

Isso deveria ser óbvio, é claro. Quem mais Max e Jeanine se preocupariam em atacar? A vendeta daqueles dois é contra a Abnegação, e sempre foi. Eu deveria ter percebido isso quando a Erudição publicou aquela matéria sobre meu pai, o marido e pai monstruoso. Que eu saiba, essa foi a única matéria verídica que eles já escreveram.

Zeke cutuca a minha perna com o pé.

— Acabou o turno. Hora de dormir?

— Não — respondo. — Preciso beber alguma coisa.

Sua empolgação é visível. Não é toda noite que decido abandonar a minha existência frugal e reclusa para uma noitada ao estilo da Audácia.

— Pode contar comigo — diz ele.

Fecho o programa, desconecto da minha conta e tudo o mais. Também tento deixar a informação sobre o ataque contra a Abnegação de lado até conseguir pensar no que fazer com ela, mas isso me persegue até o elevador, através do saguão e pelos caminhos até o fundo do Fosso.

+ + +

Saio da simulação com uma sensação pesada no fundo do estômago. Desconecto-me dos fios e me levanto. Ela ainda está se recuperando da sensação de quase se afogar, balançando as mãos e respirando fundo. Observo-a por alguns segundos, sem saber ao certo como dizer o que precisa ser dito.

— O que foi? — pergunta ela.

— Como você conseguiu fazer aquilo?

— Fazer o quê?

— Quebrar o vidro.

— Não sei.

Assinto e lhe ofereço a mão. Ela se levanta sem problemas, mas evita os meus olhos. Procuro as câmeras nos cantos da sala. Encontro uma, exatamente onde pensei que estaria, bem na nossa frente. Seguro seu cotovelo e a puxo para fora da sala, para um lugar onde sei que não seremos observados, em um ponto cego entre dois pontos de vigilância.

— O que foi? — pergunta ela, irritada.

— Você é Divergente — digo. Não estou sendo muito simpático com ela hoje. Ontem à noite, encontrei-a com amigos perto do abismo e, em um lapso de julgamento, ou de sobriedade, inclinei-me para muito perto dela, para dizer que estava bonita. Acho que talvez tenha ido longe demais. Agora, estou ainda mais preocupado, mas por motivos diferentes.

Ela quebrou o vidro. Ela é Divergente. Ela está correndo perigo.

Ela me encara.

Depois, encosta-se à parede, adotando uma aura quase convincente de indiferença.

— O que é um Divergente?

— Não se faça de idiota — digo. — Suspeitei da última vez, mas agora ficou óbvio. Você manipulou a simulação; você é Divergente. Vou apagar a gravação, mas, a não ser que você queira acabar *morta* no fundo do abismo, é melhor arrumar um jeito de esconder isso durante as simulações. Agora, me dá licença.

Volto para a sala de simulação e fecho a porta. É fácil deletar as imagens. Com alguns cliques, eu as apago, e o registro fica limpo. Confiro de novo o arquivo dela, para me certificar de que a única coisa que restou foi a informação sobre a primeira simulação. Precisarei arrumar uma desculpa para explicar onde os dados dessa sessão foram parar. Uma boa mentira que realmente convença Eric e Max.

Pego o meu canivete e o finco entre os painéis que cobrem a placa-mãe do computador, separando-os. Depois, sigo até o bebedouro do corredor e encho a boca de água.

Volto para a sala de simulação e cuspo um pouco da água no vão entre os painéis. Guardo o canivete e espero.

Cerca de um minuto depois, o monitor fica preto. A sede da Audácia é, basicamente, uma caverna cheia de infiltrações. Danos causados por água acontecem o tempo todo.

+ + +

Eu estava desesperado.

Mandei uma mensagem pelo mesmo sem-facção que usei como mensageiro da última vez que precisei entrar em contato com minha mãe. Combinei de encontrá-la no último vagão do trem das dez e quinze, que sai da sede da Audácia. Acho que ela saberá como me achar.

Sento-me recostado na parede, com um dos braços envolvendo meu joelho, e vejo a cidade passar por mim. Os trens noturnos não andam tão rápido quanto os diurnos. É mais fácil observar como os edifícios mudam à medida que o trem se aproxima do centro da cidade, como eles ficam mais altos, mas também mais estreitos, as pilastras de vidro agora se misturam às estruturas menores e mais antigas de pedra. Levanto-me, segurando um dos corrimãos ao longo da parede, e Evelyn salta para dentro do vagão usando botas da Amizade, um vestido da Erudição e uma jaqueta da Audácia. Seu cabelo está preso, o que torna o seu rosto severo ainda mais duro.

— Olá — diz ela.

— Oi.

— Cada vez que te vejo, você está maior — comenta ela. — Acho que não preciso nem perguntar se está comendo direito.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre você — digo —, mas por motivos diferentes.

Sei que ela não está comendo direito. Ela é uma sem-facção, e os membros da Abnegação não têm providenciado tanta ajuda quanto de costume, com toda a pressão que a Erudição está exercendo.

Pego a mochila com as latas que afanei do depósito da Audácia.

— É apenas sopa insossa e verduras, mas é melhor do que nada — digo, oferecendo-a para ela.

— Quem disse que preciso da sua ajuda? — pergunta Evelyn com cuidado. — Estou bem, sabia?

— Não é para você — respondo. — É para todos os seus amigos magricelas. Se eu fosse você, não recusaria comida.

— Não estou recusando — diz ela, pegando a mochila. — Só não estou acostumada com a sua preocupação. É um pouco desconcertante.

— Conheço esse sentimento muito bem — digo com frieza. — Quanto tempo você demorou até resolver conferir como andava a minha vida? Sete anos?

Evelyn suspira.

— Se você pediu que eu viesse aqui só para começar essa discussão outra vez, lamento, mas não poderei ficar muito tempo.

— Não — digo. — Não foi por isso que pedi para você vir aqui.

Eu nem queria ter entrado em contato com ela, mas sabia que não podia contar a nenhum membro da Audácia o que descobri sobre o ataque contra a Abnegação. Não sabia o quão leais à facção e às suas políticas eles eram. Mas precisava contar para alguém. Quando conversei com Evelyn, ela parecia saber coisas sobre a cidade que eu desconhecia. Imaginei que ela talvez pudesse me ajudar com isso, antes que seja tarde demais.

É arriscado, mas não sei mais o que fazer.

— Tenho vigiado Max — digo. — Você disse que a Erudição estava envolvida com a Audácia, e tinha razão. Eles estão planejando algo juntos, Max e Jeanine e sabe-se lá quem mais.

Conto a ela o que vi no computador de Max, as listas de suprimentos e os mapas. Conto o que observei a respeito da atitude da Erudição em relação à Abnegação, dos relatórios e de como eles estão botando os membros da Audácia contra nossa antiga facção.

Quando termino de falar, Evelyn não parece surpresa, nem mesmo preocupada. Na verdade, não tenho a menor ideia de como interpretar sua expressão. Ela fica em silêncio por alguns segundos, depois diz:

— Você viu alguma indicação de quando isso aconteceria?

— Não — respondo.

— E quanto a números? Qual é o tamanho da força que a Audácia e a Erudição pretendem usar? Como planejam convocá-la?

— Não sei — respondo, frustrado. — Também não me importo. Não faz diferença a quantidade de recrutas que eles conseguirem reunir, reduzirão a Abnegação a cinzas em segundos. Eles não são exatamente treinados para se defender. Nem treinariam, mesmo se soubessem como o fazer.

— Eu sabia que algo estava acontecendo — diz Evelyn, franzindo a testa. — As luzes ficam acesas na sede da Erudição o tempo todo. Isso significa que eles não têm mais medo de se encrencar com os líderes do conselho, o que... sugere alguma coisa a respeito da sua crescente dissidência.

— Está bem — digo. — Como os alertaremos?

— Alertaremos quem?

— A Abnegação! — respondo, irritado. — Como alertaremos a Abnegação de que eles serão mortos? Como diremos à Audácia que seus líderes estão conspirando contra o conselho? Como...

Faço uma pausa. Evelyn está parada, com as mãos largadas ao lado do corpo e o rosto relaxado e passivo. *Nossa cidade está mudando, Tobias.* Foi o que ela me disse quando nos reencontramos pela primeira vez. *Em breve, todos terão que escolher um lado, e sei em qual lado você preferirá estar.*

— Você já sabia — digo bem devagar, esforçando-me para processar a verdade. — Você sabia que eles estavam planejando alguma coisa assim. Você

já sabe há algum tempo. Só estava esperando acontecer. Estava contando com isso.

— Não me resta qualquer simpatia pela minha antiga facção. Não quero que eles, ou qualquer outra facção, continuem a controlar esta cidade e seus habitantes — afirma Evelyn. — Se alguém quiser acabar com meus inimigos por mim, pretendo permitir que o façam.

— Não acredito no que você está falando — digo. — Eles não são todos o Marcus, Evelyn. Eles são *indefesos*.

— Você acha que eles são tão inocentes... Você não os conhece. Eu os conheço, e já *vi* quem eles realmente são.

A voz dela é grave, gutural.

— Como acha que seu pai conseguiu mentir para você sobre mim durante tantos anos? Acha que os outros líderes da Abnegação não o ajudaram, não perpetuaram a mentira? *Eles* sabiam que eu não estava grávida, que ninguém tinha chamado um médico, que *não havia corpo* algum. Mas mesmo assim falaram que eu tinha morrido, não falaram?

Nunca tinha pensado nisso. Não havia corpo algum. Não havia corpo, mas, mesmo assim, todos os homens e mulheres sentados na casa do meu pai naquela manhã terrível e no funeral na noite seguinte participaram de um jogo de faz de conta para mim e para o resto da comunidade da Abnegação, dizendo, mesmo em seu silêncio, *Ninguém jamais nos deixaria. Quem iria querer fazer uma coisa dessas?*

Eu não deveria ficar tão surpreso em descobrir que uma facção está cheia de mentirosos, mas acho que alguma parte de mim ainda é ingênua como uma criança.

Mas isso mudou.

— Pense bem — diz Evelyn. — Essas pessoas, que falam para uma criança que sua mãe morreu apenas para manter as aparências, são realmente o tipo de pessoa que você quer ajudar? Ou você quer ajudar a tirá-las do poder?

Eu acreditava que sabia o que queria. Aquelas pessoas inocentes da Abnegação, com seus atos constantes de serviço voluntário e suas cabeças baixas em deferência, precisavam ser salvas.

Mas aqueles *mentirosos*, que forçaram o meu luto, que me deixaram sozinho com o homem que me causou tanta dor, será que eles deveriam ser salvos?

Não consigo olhar para ela, não consigo responder. Espero o trem passar pela plataforma e salto sem olhar para trás.

+ + +

– Não me leve a mal, mas você está com uma cara péssima.

Shauna afunda na cadeira ao lado da minha, pousando sua bandeja sobre a mesa. Parece que a conversa de ontem com minha mãe foi um estrondo repentino, de estourar os tímpanos, e agora todos os sons que ouço estão abafados. Sempre soube que meu pai era cruel. Mas acreditava que os outros membros da Abnegação eram inocentes; no fundo, sempre me considerei fraco por ter deixado a facção, era como se eu tivesse traído os meus próprios valores.

Agora, parece que, não importa o que eu escolha, sempre acabo traindo alguém. Se alertar a Abnegação sobre o plano de ataque que encontrei no computador de Max, trairei a Audácia. Se não os alertar, trairei a minha antiga facção outra vez, e de uma maneira muito mais séria do que antes. Não tenho escolha senão decidir, e a ideia de ter que decidir me dá náuseas.

Passei o dia de hoje do único jeito que sei: levantei-me e fui trabalhar. Divulguei as posições dos iniciandos, o que gerou certo atrito, porque defendi que o progresso deveria ter um peso maior sobre os resultados, e Eric defendeu que esse peso deveria ser dado à consistência. Fui comer. Funcionei no automático, como se me movesse usando apenas memória muscular.

— Você vai comer isso? — pergunta Shauna, apontando para o meu prato cheio de comida.

Dou de ombros.

— Talvez — respondo.

Dá para perceber que ela está prestes a perguntar o que há de errado comigo, então mudo de assunto.

— Como está Lynn?

— Você deve saber melhor do que eu — diz ela. — Já que consegue ver os medos dela e tudo mais.

Corto um pedaço de carne e mastigo.

— Como é? — pergunta ela cautelosamente, erguendo uma sobrancelha ao olhar para mim. — Quer dizer, ver todos os medos deles.

— Não posso falar com você sobre os medos deles — digo. — Você sabe disso.

— É uma regra sua ou da Audácia?

— Isso importa?

Shauna suspira.

— É só que, às vezes, parece que eu nem a conheço mais.

Passamos o resto da refeição em silêncio. É isso que mais gosto na Shauna: ela não sente a necessidade de falar só por falar. Quando terminamos, deixamos o refeitório juntos, e Zeke nos chama do outro lado do Fosso.

— Ei! — diz ele. Ele está girando um rolo de esparadrapo no dedo. — Querem ir socar alguma coisa?

— Sim — respondemos Shauna e eu, em uníssono.

Caminhamos em direção à sala de treinamento, e Shauna conta para Zeke como foi sua semana na cerca:

— Há dois dias, um idiota com quem eu estava patrulhando começou a surtar, jurando ter visto algo lá fora... Acabou que não passava de um *saco plástico*.

Zeke desliza o braço sobre os ombros dela. Corro os dedos sobre as juntas das minhas mãos e tento não atrapalhá-los.

Quando nos aproximamos da sala de treinamento, penso ouvir vozes lá dentro. Franzindo a testa, abro a porta com o pé. Na sala estão Lynn, Uriah, Marlene e... Tris. O encontro de todos esses mundos me desconcerta um pouco.

— Bem que eu pensei ter ouvido alguma coisa daqui de dentro — digo.

Uriah está atirando contra um alvo com uma das armas de brinquedo, do tipo que os membros da Audácia usam por diversão. Tenho certeza de que a arma não é dele, então deve ser do Zeke. Enquanto isso, Marlene mastiga algo. Ela sorri para mim e acena quando entro.

— Parece que é o idiota do meu irmão — diz Zeke. — Vocês não deveriam estar aqui tão tarde. Cuidado, ou o Quatro pode contar para o Eric, e aí vocês vão se ferrar.

Uriah guarda a arma de brinquedo na cintura da calça, contra as costas, sem acionar a trava de segurança. Ele provavelmente vai acabar com uma ferida na bunda quando a arma disparar dentro da sua calça. Não comento nada.

Seguro a porta para que eles saiam. Ao passar por mim, Lynn diz:

— Você não nos deduraria ao Eric.

— Não, eu não faria isso — digo. Quando Tris passa por mim, estendo a mão, e ela se encaixa automaticamente no espaço entre suas omoplatas. Nem sei se meu gesto foi intencional ou não. E não me importo.

Os outros começam a descer o corredor. Nosso plano original de passar um tempo na sala de treinamento é esquecido quando Uriah e Zeke começam a discutir e Shauna e Marlene dividem o resto de um bolinho.

— Espere um pouco — digo para Tris. Ela se vira para mim com um olhar preocupado, então tento sorrir, mas é difícil sorrir em um momento como este.

Notei certa tensão na sala de treinamento quando divulguei as posições hoje mais cedo. Mas nunca pensei, quando estava somando os pontos dos iniciandos, que talvez devesse reduzir os pontos dela para protegê-la. Teria sido um insulto à sua habilidade nas simulações colocá-la em uma posição mais baixa na lista, mas talvez ela preferisse o insulto ao afastamento crescente entre ela e os outros transferidos.

Apesar de Tris estar pálida e exausta, e de haver pequenos cortes ao redor das suas unhas e uma expressão vacilante nos seus olhos, sei que esse não é o caso. Essa garota nunca gostaria de ser resguardada seguramente no meio do grupo, nunca.

— Você sabe que aqui é o seu lugar, não sabe? — digo. — Seu lugar é conosco. Logo, isso tudo vai terminar, então aguente só mais um pouco, está bem?

De repente, sinto um calor na nuca e a coço com a mão, sem conseguir olhar nos olhos dela, embora consiga *senti-los* em mim enquanto o silêncio se estende.

Ela desliza os dedos entre os meus, e eu a encaro, perplexo. Aperto a mão dela de leve e, imerso em minha confusão e exaustão, percebo que, apesar de já ter tocado nela algumas vezes, sempre em um lapso de julgamento, esta é a primeira vez que ela retribuiu o toque.

Ela se vira e corre atrás dos seus amigos.

E eu fico parado no corredor, sozinho, sorrindo como um idiota.

+ + +

Passo quase uma hora tentando dormir, virando de um lado para o outro sob as cobertas à procura de uma posição confortável. Mas parece que alguém substituiu meu colchão por um saco de pedras. Ou talvez minha mente esteja agitada demais para dormir.

Acabo desistindo, calçando os sapatos, vestindo a jaqueta e caminhando até a Pira, como sempre faço quando não tenho sono. Penso em rodar o

programa da paisagem do medo outra vez, mas me esqueci de reabastecer minha provisão de soro à tarde, e seria muito difícil conseguir um pouco agora. Decido seguir até a sala de controle, onde Gus me recebe com um grunhido, e os outros dois funcionários do turno nem notam quando entro.

Não tento bisbilhotar os arquivos de Max de novo. Acho que já sei tudo o que preciso saber, ou seja, que algo ruim vai acontecer, e não tenho a menor ideia se vou tentar impedir isso ou não.

Preciso contar a *alguém*, preciso de *alguém* com quem dividir este fardo, para me dizer o que devo fazer. Mas não há ninguém aqui a quem eu confiaria algo assim. Até os meus amigos nasceram e cresceram na Audácia; como saber se eles não acreditariam implicitamente nos seus líderes? É impossível.

Por algum motivo, o rosto de Tris me vem à mente, aberto, mas sério, segurando minha mão no corredor.

Observo as imagens de segurança, vendo as ruas da cidade, depois retornando ao complexo da Audácia. A maioria dos corredores está tão escura que eu não conseguiria ver nada, mesmo se houvesse algo para ver. Nos fones de ouvido, ouço apenas o correr da água do abismo e o assobio do vento pelos corredores. Suspiro, apoiando a cabeça na mão, e assisto às imagens mudando, uma seguida da outra, permitindo que elas me ninem em algo como um sono.

— Vá para a cama, Quatro — diz Gus do outro lado da sala.

Acordo com um susto e aceno com a cabeça. Se não estou realmente assistindo às imagens, não é uma boa ideia permanecer na sala de controle. Desconecto o meu usuário e desço o corredor até o elevador, piscando para tentar acordar.

Ao atravessar o saguão, ouço um grito vindo de baixo, do Fosso. Não é um grito de diversão de alguém da Audácia, ou um grito de alguém que tomou um susto e gostou; não é nada além do tom alto e muito distinto que indica terror.

Pequenas pedras se espalham atrás de mim enquanto corro até o fundo do Fosso, com a respiração rápida e pesada, mas constante.

Três pessoas altas, com roupas pretas, estão perto da grade abaixo. Elas estão todas ao redor de uma quarta pessoa, mais baixa, e, apesar de não conseguir ver muita coisa, sei reconhecer uma briga. Na verdade, não é propriamente uma briga, porque são três contra um.

Um dos agressores se vira, me vê e corre na direção oposta. Ao me aproximar, vejo outro agressor levantar a vítima sobre o abismo e grito:

— Ei!

Vejo o cabelo dela, loiro, e quase não consigo enxergar mais nada. Choco-me contra um deles, Drew, que identifico pelo cabelo vermelho-alaranjado, e o lanço contra a grade do abismo. Soco o seu rosto uma, duas, três vezes, e ele desaba no chão, depois começo a chutá-lo, e não consigo pensar, não consigo pensar em nada.

— Quatro. — A voz dela é baixa, fraca, e é a única coisa capaz de me alcançar neste lugar. Ela está agarrada à grade, pendurada sobre o abismo, como uma isca em um anzol. O outro agressor fugiu.

Corro na direção dela, segurando-a sob os ombros, e a puxo por cima da grade. Abraço-a contra o meu corpo. Ela encosta o rosto no meu ombro, emaranhando seus dedos na minha camisa.

Drew está no chão, desmaiado. Ouço-o gemendo enquanto a levo embora, não para a enfermaria, onde seus agressores saberiam onde encontrá-la, mas para o meu apartamento, naquele corredor vazio e afastado. Empurro a porta, entro no apartamento e a deito na cama. Corro os dedos por seu nariz e suas bochechas para conferir se há alguma fratura, depois sinto o seu pulso e aproximo o meu rosto dela para ouvir a sua respiração. Tudo parece normal, estável. Até o galo atrás da sua cabeça, embora inchado e arranhado, não parece nada sério. Ela não está muito machucada, mas poderia ter se ferido seriamente.

Minhas mãos tremem quando me afasto dela. *Ela* não está muito machucada, mas talvez Drew esteja. Nem sei quantas vezes o acertei antes de ela chamar o meu nome e me acordar do meu transe. O resto do meu corpo também começa a tremer, e me certifico de que há um travesseiro apoiando sua cabeça antes de deixar o apartamento para voltar à grade ao lado do Fosso. No caminho, tento repassar os últimos minutos na minha mente, tento lembrar onde bati nele, quando e com quanta força, mas tudo está perdido em um acesso confuso de raiva.

Será que ele também se sentia assim?, penso, lembrando-me do olhar selvagem e desvairado de Marcus sempre que ele ficava com raiva.

Quando alcanço a grade, Drew ainda está lá, deitado em uma posição estranha. Apoio o braço dele nos meus ombros e o ergo o máximo que consigo, arrastando-o até a enfermaria.

+ + +

Quando volto para o apartamento, entro imediatamente no banheiro para lavar o sangue das mãos. Algumas juntas estão feridas, cortadas pelo impacto com o rosto de Drew. Se Drew estava lá, o outro agressor certamente era Peter, mas quem era o terceiro? Não era Molly. A figura era alta demais, grande demais. Aliás, só há um iniciando daquele tamanho.

Al.

Examino o meu reflexo no espelho, como se fosse ver pequenos pedaços do Marcus me encarando de volta. Há um corte no canto da minha boca. Será que Drew revidou em algum momento? Não importa. Meu lapso de memória não importa. O que importa é que Tris está respirando.

Mantenho as mãos sob a água gelada até ela voltar a correr transparente, depois as enxugo na toalha e vou buscar um saco de gelo no congelador. Quando levo o saco até ela, percebo que acordou.

— Suas mãos — diz ela, e é uma coisa tão ridícula de dizer, tão idiota, estar preocupada com minhas *mãos* depois de ser pendurada pelo pescoço sobre o

abismo.

— Você não precisa se preocupar com minhas mãos — respondo, irritado.

Inclino-me sobre ela, posicionando o saco de gelo sob sua cabeça, onde senti o galo mais cedo. Ela levanta a mão e toca a minha boca de leve com as pontas dos dedos.

Nunca pensei ser possível sentir um toque dessa maneira, como um choque. Seus dedos são macios, curiosos.

— Tris — digo —, eu estou bem.

— Por que você estava lá?

— Eu estava voltando da sala de controle. Ouvi um grito.

— O que você fez com eles?

— Deixei Drew na enfermaria há meia hora. Peter e Al correram. Drew disse que eles estavam apenas tentando assustar você. Pelo menos, eu acho que era isso o que estava tentando dizer.

— Ele está muito machucado?

— Ele vai sobreviver. Só não sei em que condições — digo com raiva.

Eu não deveria permitir que ela visse esse meu lado, o lado que sente prazer com a dor de Drew. Eu não deveria nem *ter* esse lado.

Ela estende a mão e aperta o meu braço.

— Que bom — diz.

Eu a encaro. Ela também tem esse lado, com certeza tem. Vi como Tris ficou quando bateu na Molly, como se quisesse continuar, mesmo com a oponente inconsciente. Talvez ela e eu sejamos iguais.

Tris contorce o rosto, depois começa a chorar. Geralmente, quando alguém chora na minha frente, sinto-me comprimido, como se precisasse escapar da sua companhia para respirar. Não é assim com ela. Com Tris, não me preocupo que ela espere demais de mim ou que precise de qualquer coisa de mim. Ajoelho-me no chão, para ficarmos no mesmo nível, e a observo por um instante. Depois, levo a mão à sua bochecha, com cuidado para não tocar

nenhuma das suas feridas, que ainda estão inchando. Corro o dedo pela maçã do seu rosto. A pele dela está morna.

Não encontro a palavra certa para descrever sua aparência, mas mesmo agora, com partes do rosto inchadas e manchadas por hematomas, há algo de surpreendente nela, algo que eu nunca tinha percebido antes.

Neste momento, consigo aceitar a inevitabilidade do que sinto, embora não com alegria. Preciso conversar com alguém. Preciso confiar em alguém. E, embora não saiba por que, eu sei, *sei* que ela é a pessoa certa.

Vou ter que começar revelando o meu nome.

+ + +

Aproximo-me de Eric na fila do café da manhã, parando atrás dele com minha bandeja enquanto ele usa uma colher com cabo longo para se servir de ovo mexido.

— Se eu dissesse que um dos iniciandos foi atacado ontem à noite por um grupo de outros iniciandos — digo —, você se importaria?

Ele empurra os ovos para um lado do prato e ergue um ombro.

— Poderia me importar com o fato de o instrutor deles parecer estar perdendo o controle dos seus iniciandos — diz Eric, enquanto pego uma tigela de cereais. Ele olha para as juntas feridas na minha mão. — Poderia me importar com o fato de que o suposto ataque já seria o *segundo* sob o comando do tal instrutor... Enquanto isso, os iniciandos nascidos na Audácia não parecem ter o mesmo problema.

— As tensões entre os transferidos são naturalmente maiores. Eles não se conhecem, não conhecem essa facção, e seus históricos são completamente diferentes. E você é líder deles. Será que você não deveria ser o responsável por mantê-los 'sob controle'?

Ele coloca uma fatia de torrada ao lado dos ovos usando uma pinça. Depois, aproxima-se do meu ouvido.

— Você está brincando com fogo, *Tobias* — diz ele. — Discutindo comigo na frente dos outros. Resultados de simulações 'perdidos'. Sua preferência escancarada pelos iniciandos mais fracos nas posições. Até o Max já concorda comigo. Se um ataque realmente *tivesse* acontecido, acho que ele não ficaria muito feliz com você, e talvez concordasse se eu sugerisse que você fosse removido do seu posto.

— Você ficaria sem um instrutor uma semana antes do fim da iniciação.

— Consigo terminar isso sozinho.

— Já consigo *imaginar* como seria o treinamento sob seu controle — digo, semicerrando os olhos. — Nem precisaríamos fazer cortes. Eles todos morreriam ou abandonariam a iniciação por conta própria.

— Se não tiver cuidado, não precisará imaginar nada. — Ele chega ao fim da fila e se vira para mim. — Ambientes competitivos geram tensões, Quatro. É natural que as tensões sejam liberadas de alguma maneira. — Ele abre um pequeno sorriso, esticando a pele entre seus piercings. — Um ataque certamente nos mostraria, em uma situação real, quem são os fortes e quem são os fracos, não acha? Assim, nem precisaríamos dos resultados dos testes. Poderíamos tomar uma decisão com mais embasamento sobre quem pertence a este lugar ou não. Isto é... se um ataque realmente tivesse acontecido.

A implicação do que ele está dizendo é clara: como sobrevivente do ataque, Tris seria vista como mais fraca do que os outros iniciandos, e como alguém a ser eliminado. Eric não tentaria salvar a vítima, preferindo defender a sua expulsão da Audácia, como fez antes de Edward decidir ir embora por conta própria. Não quero que Tris seja forçada a se tornar uma sem-facção.

— Está certo — digo baixinho. — Que bom que não ocorreu nenhum ataque recentemente, então.

Derramo um pouco de leite na minha tigela de cereais e caminho até a mesa. Eric não punirá Peter, Drew ou Al, e não posso fazer nada sem sair da

linha e sofrer as consequências. Mas talvez não precise fazer isso sozinho. Pouso a bandeja na mesa, entre Zeke e Shauna, e digo:

— Preciso da ajuda de vocês.

+ + +

Depois que a explicação sobre a paisagem do medo acaba e os iniciandos são liberados para almoçar, levo Peter para a sala de observação, ao lado da sala vazia de simulação. Nela há fileiras de cadeiras para os iniciandos se sentarem enquanto esperam para realizar os seus exames finais. Lá, também estão Zeke e Shauna.

— Precisamos ter uma conversa — digo.

Zeke pula na direção de Peter, lançando-o contra a parede de concreto com uma força preocupante. Peter bate com a cabeça na parede e contrai o rosto.

— Oi, tudo bem? — diz Zeke, e Shauna se aproxima deles, girando uma faca na palma da mão.

— O que está acontecendo? — pergunta Peter. Ele não parece nem um pouco amedrontado, mesmo quando Shauna segura o cabo da faca e encosta a ponta na sua bochecha, criando uma covinha. — Estão tentando me *assustar*? — Ele ri com deboche.

— Não — digo. — Estamos tentando provar uma coisa. Você não é o único que tem amigos dispostos a causar algum prejuízo.

— Acho que os instrutores da iniciação não deveriam ameaçar iniciandos, você não concorda? — Peter me encara com os olhos arregalados que eu até poderia confundir com inocência, se não conhecesse a sua verdadeira natureza. — Mas precisarei perguntar ao Eric, só para ter certeza.

— Eu não o ameacei — digo. — Não estou nem tocando em você. E, segundo as imagens armazenadas nos computadores da sala de controle, nem estamos aqui agora.

Zeke abre um sorriso, como se não conseguisse se conter. Essa ideia foi dele.

— Sou eu quem está ameaçando você — diz Shauna, quase rosnando. — Mais um acesso de violência e vou lhe ensinar uma coisa sobre justiça. — Ela segura a ponta da faca diante do olho dele e a abaixa bem devagar, pressionando-a contra sua pálpebra. Peter fica paralisado, mal se mexendo, nem para respirar. — Olho por olho. Ferida por ferida.

— Eric talvez não se importe por você perseguir seus colegas — diz Zeke —, mas nós nos importamos, e existem muitos membros da Audácia como nós. Pessoas que acreditam que não devemos agredir nossos colegas de facção. Pessoas que ouvem fofocas e as espalham rapidamente. Não demorará muito para revelarmos a eles o tipo de verme que você é, ou para eles tornarem a sua vida muito, muito difícil. Sabe, na Audácia, a primeira impressão é a que costuma ficar.

— Vamos começar por todos os seus possíveis empregadores — diz Shauna. — O Zeke pode falar com os supervisores da sala de controle, e eu posso falar com os líderes da cerca. A Tori conhece todos no Fosso. Quatro, você é amigo da Tori, não é?

— Sou, sim — digo. Aproximo-me de Peter e inclino a cabeça para o lado. — Você pode até conseguir causar dor aos outros, iniciando... mas nós conseguiremos lhe causar uma vida inteira de sofrimento.

Shauna afasta a faca do olho de Peter.

— Pense sobre isso — diz ela.

Zeke solta a camisa de Peter e a alisa, ainda com um sorriso no rosto. De alguma maneira, a combinação da ferocidade de Shauna e da animação de Zeke é estranha o bastante para ser ameaçadora. Zeke acena para Peter, e todos deixamos a sala juntos.

— Você quer que conversemos com as pessoas de qualquer maneira, não é? — pergunta Zeke.

— Sim, claro — respondo. — Com certeza. Não apenas sobre Peter, mas também Drew e Al.

— Quem sabe, se ele sobreviver à iniciação, eu o faça tropeçar sem querer e cair dentro do abismo — diz Zeke com a voz esperançosa, fazendo um gesto de mergulho com a mão.

+ + +

Na manhã seguinte, há uma multidão reunida ao redor do abismo, todos parados em silêncio, embora o cheiro do café da manhã seja bastante convidativo na direção do refeitório. Não pergunto por que eles estão reunidos.

Ouvi dizer que isso acontece quase todo ano. Uma morte. Como a de Amah, repentina, terrível e um desperdício. Um corpo pescado do abismo, como um peixe em um anzol. Geralmente, é alguém jovem, um acidente causado por algum desafio perigoso que deu errado ou talvez não seja um acidente, mas uma mente ferida, ainda mais prejudicada pela escuridão, pela pressão e pela dor da Audácia.

Não sei como me sentir a respeito dessas mortes. Culpado, talvez, por não ter percebido a dor. Triste, porque certas pessoas não conseguem encontrar outra forma de escapar.

Ouço o nome do falecido dito por alguém adiante, e as duas emoções me atingem com tudo.

Al. Al. Al.

Meu iniciando, *minha responsabilidade*, e eu falhei, porque estive tão obcecado em pegar Max e Jeanine, ou em culpar Eric por tudo, ou na minha decisão a respeito de avisar a Abnegação ou não. Mas nada me incomoda tanto quanto isto: distanciei-me deles pela minha própria proteção, quando deveria estar ajudando-os a sair dos lugares obscuros deste lugar, na direção de lugares mais claros. As risadas com amigos nas pedras do abismo. As tatuagens de madrugada, depois de um jogo de Desafio. Os mares de abraços

após o anúncio das posições. Poderia ter mostrado a ele essas coisas. Mesmo se não o tivesse ajudado, deveria ter tentado.

Mas sei de uma coisa: depois que a iniciação deste ano acabar, Eric não terá que se esforçar para me tirar do meu posto. Para mim, já chega.

+ + +

Al. Al. Al.

Por que será que todos os mortos se tornam heróis na Audácia? Por que precisamos que eles se tornem? Talvez, sejam os únicos heróis que conseguimos encontrar em uma facção de líderes corruptos, colegas competitivos e instrutores cínicos. Os mortos podem ser nossos heróis porque não podem mais nos decepcionar; eles apenas melhoram com o tempo, à medida que esquecemos cada vez mais como eram em vida.

Al era inseguro e sensível, depois se tornou invejoso e violento, e então morreu. Homens mais delicados do que Al já sobreviveram, e homens mais durões do que ele já morreram, e não há explicação para nada disso.

Mas Tris quer uma explicação, anseia por uma, e consigo perceber isso na expressão do seu rosto, como um tipo de fome. Ou de raiva. Ou dos dois. Imagino que não seja fácil gostar de uma pessoa, depois odiá-la, e então perdê-la, antes de conseguir absorver esses sentimentos. Sigo-a para longe da multidão que grita, porque sou arrogante o bastante para acreditar que posso fazê-la se sentir melhor.

É, até parece. Talvez eu a siga porque estou cansado de ficar tão afastado de todos, e não tenho mais certeza de que essa é a melhor escolha para mim.

— Tris — digo.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta ela, amargamente. — Você não deveria estar prestando as condolências?

— E você, não deveria? — Aproximo-me dela.

— Não posso prestar condolências a alguém que não respeito. — Por um instante, fico surpreso que ela consiga ser tão fria. Tris nem sempre é

simpática, mas não costuma agir com indiferença. Ela demora apenas um segundo para balançar a cabeça. — Desculpe, isso não é verdade.

— Ah.

— Isso é ridículo — diz ela, ruborizando. — Ele se joga de um abismo, e Eric o chama de corajoso? Eric, que tentou fazer com que você atirasse facas na cabeça do Al? — O rosto dela se contorce. — Ele não era corajoso! Estava deprimido, era um covarde e quase me matou! É esse o tipo de coisa que devemos respeitar aqui?

— O que você quer que eles façam? — pergunto, da maneira mais gentil possível, o que não é grande coisa. — O condenem? Al já está morto. Ele não poderá ouvir sua condenação. Já é tarde demais para isso.

— A questão não é o Al — diz ela. — A questão são todas as pessoas que estão assistindo! Todas as pessoas que agora acreditam que se jogar do abismo é uma opção válida. Quer dizer, por que não se matar se todos o chamarão de herói depois? Por que não se matar, se todos lembrarão o seu nome? — Mas é claro que a questão é o Al, e ela sabe disso. — É... — Ela está se esforçando, lutando contra si mesma. — Não consigo... Isso *nunca* teria acontecido na Abnegação! Nada disso! Nunca. Este lugar o transformou e o destruiu, e eu não me importo se dizer isso faz de mim uma Careta, não me importo, não me *importo*!

Minha paranoia é tão enraizada que olho automaticamente para a câmera escondida na parede próxima ao bebedouro, disfarçada por uma lâmpada azul. As pessoas na sala de controle conseguem nos ver, e, se a sorte nos falhar, eles também poderão escolher este momento para escutar o que estamos falando. Já consigo imaginar o Eric chamando a Tris de traidora de facção e o corpo dela jogado na calçada, perto dos trilhos...

— Cuidado, Tris! — digo.

— Isso é tudo o que você tem a dizer? — Ela franze a testa ao me encarar. — Que eu devo ter *cuidado*? Só isso?

Entendo que a minha resposta não é bem o que ela esperava, mas, para alguém que acabou de recriminar a imprudência da Audácia, ela certamente está agindo como um deles.

— Você é pior do que um membro da Franqueza, sabia? — digo. Os membros da Franqueza nunca calam a boca ou pensam nas consequências das suas palavras. Eu a puxo para longe do bebedouro, e então aproximo meu rosto do seu, e consigo ver seus olhos mortos flutuando na água do rio subterrâneo, e não aguento mais, não depois de ela ter sido atacada em uma situação na qual só Deus sabe o que poderia ter acontecido se eu não tivesse ouvido o seu grito.

— Só vou dizer isso uma vez, então escute bem. — Pouso as mãos nos seus ombros. — Eles estão observando você. *Você*, em especial.

Lembro-me do olhar de Eric para ela depois da sessão de lançamento de facas. Das suas perguntas sobre os dados de simulação dela, apagados. Eu disse que eles haviam sido apagados por um dano causado pela água. Ele achou interessante que esse dano ocorreu apenas cinco minutos depois do fim da simulação de Tris. *Interessante*.

— Me solta — diz ela.

Eu a solto imediatamente. Não gosto de como a voz dela soa.

— Eles também estão observando você?

Sempre observaram e nunca vão deixar de observar.

— Eu fico tentando te ajudar — digo —, mas você se recusa a ser ajudada.

— Ah, tá. Que *ajuda*! — diz ela. — Cortar minha orelha com uma faca, me provocar e gritar comigo mais do que com qualquer outra pessoa realmente são coisas que me ajudam muito.

— Provocar você? Você quer dizer, quando eu atirei as facas? Eu não estava provocando você. — Balanço a cabeça. — Eu estava tentando fazer você se lembrar de que, se você fracassasse, outra pessoa teria que tomar o seu lugar.

Para mim, naquele momento, isso pareceu quase óbvio. Pensei que, como Tris parecia me compreender melhor do que a maioria das pessoas, também

entenderia aquilo. Mas é claro que não entendeu. Ela não consegue ler a minha mente, afinal.

— Por quê? — pergunta ela.

— Porque... você é da Abnegação — digo —, e... é exatamente nos momentos em que você está agindo de maneira altruísta que você é mais corajosa. Se eu fosse você, me esforçaria mais para fingir que esse impulso altruísta está passando, porque, se as pessoas erradas descobrirem... bem, não será nada bom para você.

— Por quê? Por que eles estão tão interessados nas minhas intenções?

— As únicas coisas que interessam a eles são as intenções. Eles tentam convencê-los de que se importam com o que vocês fazem, mas não é verdade. Eles não querem que vocês ajam de determinada maneira. Querem que vocês *pensem* de determinada maneira. Para que seja fácil decifrá-los. Para que vocês não sejam uma ameaça para eles.

Apoio a mão na parede perto do seu rosto e me inclino sobre ela, pensando nas tatuagens que formam uma linha nas minhas costas. Ter feito as tatuagens não me tornou um traidor da facção, mas o que elas significaram para mim, sim: uma fuga do pensamento tacanho inerente a qualquer facção, a mentalidade que dilacera todas as diferentes partes de mim, reduzindo-me a uma única versão de mim mesmo.

— Eu não entendo por que eles se importam tanto com o que eu estou pensando, se eu estiver agindo de acordo com o que eles querem — diz ela.

— Você está agindo como eles querem agora, mas o que acontecerá quando o seu cérebro com inclinação para a Abnegação a levar a fazer algo diferente, algo que eles não querem que você faça?

Por mais que eu goste dele, Zeke é um exemplo perfeito disso. Nascido na Audácia, criado na Audácia, e que escolheu a Audácia. Tenho certeza de que ele sempre encarará as coisas da mesma maneira. Ele foi treinado assim desde criança. Para ele, não existem opções.

— Talvez eu não precise da sua ajuda! Já pensou nisso? — pergunta ela. Quase caio na gargalhada. É claro que ela não precisa de mim. Essa nunca foi a questão. — Não sou fraca, sabia? Posso encarar isso sozinha.

— Você pensa que o meu instinto imediato é proteger você. — Mudo a posição do corpo, aproximando-me um pouco mais dela. — Porque você é pequena, ou uma menina, ou uma Careta. Mas você está enganada.

Chego ainda mais perto. Toco o seu queixo e, por um instante, penso em cobrir a distância entre nós completamente.

— Meu instinto *imediato* é de pressionar você até que você ceda, só para ver o quanto terei que empurrar — digo, e é uma confissão estranha, uma confissão perigosa. Não desejo nenhum mal a ela, nunca desejei, e espero que ela entenda que não é isso que quero dizer. — Mas eu me contenho.

— Por que é este o seu instinto imediato?

— Porque o medo não faz com que você se apague — digo. — Ele faz com que você acenda. Já vi isso acontecendo com você. É fascinante. — Seus olhos, em todas as simulações do medo, parecem gelo e aço e chama azul. A garota baixa e magra com os braços fortes. Uma contradição ambulante. Minha mão desliza pela sua mandíbula e toca o seu pescoço. — Às vezes, eu quero apenas ver de novo. Ver você acesa.

A mão dela toca a minha cintura, e ela pressiona seu corpo no meu, ou me puxa para junto do dela, não sei bem qual dos dois. Suas mãos acariciam as minhas costas, e eu a *quero*, com uma intensidade que nunca senti antes, não apenas um impulso físico e irracional, mas um desejo real e específico. Não por "alguém", mas por *ela*.

— Será que eu deveria estar chorando? — pergunta ela, e demoro um pouco para me dar conta de que ela voltou a falar sobre o Al. Que bom, porque, se este abraço a tivesse deixado com vontade de chorar, eu precisaria admitir que não sei nada sobre romance. Aliás, talvez não saiba mesmo. — Será que há algo de errado comigo?

— Você acha que eu entendo alguma coisa de lágrimas? — As minhas brotam sem razão e desaparecem segundos depois.

— Se eu o tivesse perdoado... você acha que ele estaria vivo agora?

— Não sei. — Pouso a mão na sua bochecha, e meus dedos se estendem até a orelha dela. Tris realmente é pequena. Mas não me importo.

— Sinto que isso tudo é minha culpa.

Eu também sinto que é minha culpa.

— Não é sua culpa. — Apoio a testa na dela. Sua respiração quente toca o meu rosto. Eu estava certo, isto é melhor do que manter distância, muito melhor.

— Mas eu devia. Devia tê-lo perdoado.

— Talvez. Talvez todos nós pudéssemos ter feito mais por ele — digo, depois solto um chavão da Abnegação sem querer: — Mas nós devemos apenas fazer com que a culpa nos ajude a fazer mais no futuro.

Ela se afasta imediatamente, e sinto o impulso familiar de ser cruel com ela, para que ela esqueça o que eu disse, para não me fazer perguntas.

— De que facção você veio, Quatro?

Acho que você sabe.

— Isso não importa. É aqui que estou agora. E você deveria se lembrar disso também.

Não quero mais estar perto dela; ao mesmo tempo, isso é tudo o que quero fazer.

Quero beijá-la; agora não é a hora.

Roço os lábios em sua testa, e nenhum de nós dois se move. Agora não há mais como voltar atrás, não para mim.

+ + +

Algo que ela disse ecoa na minha mente o dia inteiro. *Isso nunca teria acontecido na Abnegação.*

A princípio, penso, *Ela simplesmente não sabe como eles realmente são.*

Mas estou errado, e ela está certa. Al não teria morrido na Abnegação, e também não a teria atacado. Eles talvez não sejam tão puros quanto eu acreditava, ou queria acreditar, mas certamente não são maus.

Vejo o mapa do setor da Abnegação que encontrei no computador de Max gravado na parte interna de minhas pálpebras sempre que fecho os olhos. Sou um traidor de qualquer maneira, alertando-os ou não. Sou um traidor de qualquer maneira, para uma coisa ou outra. Portanto, se a lealdade é impossível, pelo que devo lutar?

+ + +

Demoro algum tempo para bolar um plano. Se ela fosse uma garota normal da Audácia e eu fosse um garoto normal da Audácia, eu a chamaria para sair comigo, e nós daríamos uns amassos perto do abismo, e talvez eu exibisse o meu conhecimento sobre a sede da Audácia. Mas isso parece normal demais depois das coisas que dissemos um para o outro, depois que vi as partes mais sombrias da sua mente.

Talvez seja esse o problema. Agora, a situação está muito unilateral, porque sei tudo sobre ela, sei do que ela tem medo, o que ama e odeia, mas tudo o que ela sabe sobre mim é o que contei para ela. E o que revelei é tão vago que é como se eu estivesse sendo negligente, porque não sou muito bom com detalhes.

Depois disso, sei o que fazer; o problema é como fazê-lo.

Ligo o computador na sala da paisagem do medo e o preparo para rodar com o meu programa. Pego duas seringas de soro de simulação no depósito e guardo-as na pequena caixa de madeira que tenho justamente para isso. Depois, sigo até o dormitório dos transferidos, sem saber ao certo como conseguirei ficar sozinho com ela tempo o bastante para convidá-la a vir comigo.

Mas então vejo-a com Will e Christina, perto da grade, e sinto que deveria chamá-la, mas não consigo. Será que estou louco em pensar em deixá-la

entrar na minha cabeça? Deixar que ela veja Marcus, descubra meu nome, e saiba tudo o que me esforcei tanto para esconder?

Começo a subir o caminho do Fosso outra vez, com o estômago revirando. Alcanço o saguão, e as luzes da cidade estão começando a se apagar ao meu redor. Ouço passos na escada. Ela veio atrás de mim.

Viro a caixa preta na mão.

— Já que você está aqui — digo, fingindo um tom casual, o que é ridículo —, é melhor que venha comigo de uma vez.

— Para dentro da paisagem do medo?

— É.

— Eu posso fazer isso?

— O soro nos conecta ao programa, mas é ele que determina de quem será a paisagem na qual entraremos. E agora ele está programado para reproduzir a minha.

— Você vai deixar que eu veja a sua paisagem do medo?

Não consigo realmente olhar para ela.

— Por que você acha que eu estou entrando? — Meu estômago está doendo ainda mais. — Quero te mostrar algumas coisas.

Abro a caixa e retiro a primeira seringa. Ela inclina a cabeça para o lado, e injeto o soro, como sempre fazemos durante as simulações do medo. Mas, em vez de me injetar com a outra seringa, ofereço a ela a caixa. O objetivo disso é ficarmos quites, afinal.

— Nunca fiz isso antes — diz ela.

— Bem aqui. — Toco no lugar onde a seringa deve ser injetada. Ela treme um pouco ao inserir a agulha, e a dor profunda é familiar, mas não me incomoda mais. Já fiz isso muitas vezes. Observo seu rosto. Não há como voltar atrás, não há como voltar atrás. É hora de ver do que nós dois somos feitos.

— Tente descobrir por que me chamam de Quatro.

A porta se fecha atrás de nós, e a sala fica escura. Ela se aproxima de mim e pergunta:

— Qual é o seu verdadeiro nome?

— Tente descobrir isso também.

A simulação começa.

A sala se abre, revelando um vasto céu azul, e nós dois estamos no teto de um edifício, cercados pela cidade, que reluz sob o sol. Ela parece linda por apenas alguns segundos, antes de o vento começar a soprar, impiedoso e poderoso. Coloco o braço ao redor dela, porque sei que, neste lugar, ela é mais estável do que eu.

Respiro com dificuldade, o que é normal para mim quando estou aqui. O turbilhão de ar me sufoca, e a altura me dá vontade de me encolher e me esconder.

— Precisamos pular, não é? — pergunta ela, e eu me lembro de que não posso simplesmente fugir; preciso encarar isso agora.

Faço que sim com a cabeça.

— No três, está bem?

Assinto outra vez. Tudo o que preciso fazer é segui-la, só isso.

Ela conta até três e me puxa enquanto corre, como se ela fosse um veleiro, e eu a âncora, empurrando os dois para baixo. Nós dois caímos, e luto contra a sensação com todas as minhas forças, com o terror gritando em cada nervo do meu corpo, e, de repente, estou no chão, agarrando o peito.

Ela me ajuda a levantar. Sinto-me idiota, lembrando como Tris escalou a roda gigante sem hesitar.

— E o que vem em seguida?

Quero falar para ela que isto não é um jogo; meus medos não são atrações de um parque de diversões. Mas não deve ser isso que ela quis dizer.

— É...

As paredes vêm de todos os lados, atingindo as suas costas, as minhas costas, nossas costelas. Ela se espreme contra meu corpo, mais perto do que

jamais estivemos.

— Confinamento — digo, e a situação é pior com ela aqui, usando metade do ar. Solto um pequeno gemido, inclinando-me sobre ela. Odeio estar aqui. *Odeio* estar aqui.

— Ei — diz ela. — Está tudo bem. Veja...

Ela puxa o meu braço ao redor do seu corpo. Sempre pensei nela como uma pessoa magra, mas sua cintura é macia.

— É a primeira vez que me sinto feliz por ser tão pequena — diz ela.

— Mmmm.

Ela fala sobre como podemos escapar. Uma estratégia para a paisagem do medo. Mas só estou tentando me concentrar em respirar. Depois, ela puxa nossos corpos para baixo e se vira, encostando as costas no meu peito, e eu a envolvo completamente.

— Isto é pior — digo, porque, com a combinação do meu nervosismo a respeito da caixa e o meu nervosismo a respeito de tocá-la, não consigo nem pensar direito. — Isto é muito...

— Silêncio. Coloque os braços ao redor de mim.

Coloco o braço em volta da sua cintura e enterro o rosto em seu ombro. Ela cheira a sabonete da Audácia e a um cheiro doce, como maçã.

Ela começa a falar novamente sobre a paisagem do medo, e eu ouço, mas também estou concentrado em como ela está se *sentindo*.

— Então tente se esquecer de que estamos aqui — conclui ela.

— É mesmo? — Aproximo a minha boca da sua orelha, desta vez de propósito, para manter a distração em andamento, e também porque desconfio que não sou o único que está distraído. — É fácil assim, não é?

— Sabe, a maioria dos garotos adoraria estar trancada em um lugar fechado com uma garota.

— Não os claustrofóbicos, Tris!

— Tudo bem, tudo bem. — Ela guia a minha mão até seu peito, bem abaixo da clavícula. De repente, só consigo pensar no que quero, que não tem nada a

ver com sair da caixa. — Sinta o ritmo do meu coração. Você consegue sentilo?

— Sim.

— Você percebe como ele está estável?

Abro um sorriso, com o rosto contra o seu ombro.

— Ele está acelerado.

— É, bem, mas isso não tem nada a ver com a caixa. — É claro que não. — Toda vez que você me sentir respirar, respire junto. Concentre-se nisso.

Respiramos juntos, uma, duas vezes.

— Por que você não me diz de onde vem este medo? Talvez falar sobre isso nos ajude... de alguma maneira.

Sinto que este medo já deveria ter desaparecido, mas ela está me mantendo em um nível constante de inquietude aguçada, e não acabando completamente com o meu medo. Tento me concentrar na origem desta caixa.

— Bem... está bem. — *Está certo, vamos lá, apenas diga algo real*. — Vem... da minha maravilhosa infância. Castigos para uma criança. O minúsculo armário do andar de cima.

Trancado no escuro para pensar no que fiz. Era melhor do que os outros castigos, mas, às vezes, eu passava tempo demais lá, desesperado por ar puro.

— Minha mãe mantinha nossas roupas de inverno no armário — diz ela, uma coisa tola para se dizer depois do que acabei de revelar a ela, mas dá para perceber que ela não sabe mais o que fazer.

— Eu não quero mais falar sobre isso — digo, arquejando. Ela não sabe o que dizer porque ninguém saberia o que dizer, pois a minha dor da infância é patética demais para que outras pessoas lidem com ela. Meu batimento cardíaco acelera outra vez.

— Tudo bem. Então... eu posso falar. Pergunte-me alguma coisa.

Levanto a cabeça. Isso estava funcionando antes, concentrar-me nela. Seu coração está disparado, e seu corpo está apertado junto ao meu. Dois fortes

esqueletos envoltos em músculos, enlaçados; dois transferidos da Abnegação esforçando-se para deixar a tentação do flerte de lado.

— Por que o seu coração está batendo tão rápido, Tris?

— Bem, eu... Eu mal o conheço. — Consigo imaginá-la fazendo uma careta. — Eu mal o conheço, e estou espremida dentro de uma caixa com você, Quatro. O que você esperava?

— Se esta fosse a sua paisagem do medo... — digo — eu estaria nela?

— Não tenho medo de você.

— Claro que você não tem. Mas não foi isso o que eu quis dizer. — O que quis dizer não foi *Você tem medo de mim?*, mas *Sou importante o bastante para aparecer na sua paisagem de qualquer maneira?*

Provavelmente, não. Ela tem razão, mal me conhece. Mesmo assim, o coração dela está disparado.

Solto uma risada, e as paredes quebram, como se minha risada as tivesse abalado e destruído, e o ar se abre ao redor de nós. Respiro fundo, e nos afastamos um do outro. Ela olha para mim, desconfiada.

— Talvez você pertença mesmo é à Franqueza, porque você é uma péssima mentirosa — digo.

— Acho que o meu teste de aptidão descartou completamente essa possibilidade.

— Os testes de aptidão não significam nada.

— O que você está tentando me dizer? Não foi por causa do seu teste que você veio parar na Audácia?

Dou de ombros.

— Não exatamente. Eu...

Vejo algo pelo canto do olho e viro-me para encará-lo. Uma mulher com o rosto comum e facilmente esquecível está parada, sozinha, do outro lado da sala. Entre ela e nós há uma mesa, sobre a qual se encontra uma arma.

— Você precisa matá-la — diz Tris.

— Todas as vezes.

— Ela não é real.

— Ela parece real. Isso tudo parece real.

— Se ela fosse real, já teria matado *você*.

— Tudo bem. É só eu... acabar logo com isso. — Começo a caminhar em direção à mesa. — Esta não é tão difícil assim. Não me causa tanto pânico.

O pânico e o terror não são os únicos tipos de medo. Existem outros mais profundos, mais terríveis. A apreensão e o pavor extremamente profundo.

Carrego a arma sem nem pensar duas vezes, aponto-a para a frente e olho para o rosto da mulher. Ele está inexpressivo, como se ela soubesse o que farei e aceitasse isso.

Ela não veste as roupas de nenhuma facção, mas poderia ser da Abnegação, parada assim, esperando que eu a machuque, como eles fariam. Como eles farão se Max, Jeanine e Evelyn conseguirem o que querem.

Fecho um olho para me concentrar no meu alvo e disparo.

Ela desaba, e penso nos socos que dei em Drew até ele quase perder a consciência.

A mão de Tris agarra o meu braço.

— Venha. Vamos embora. Vamos seguir em frente — diz ela.

Passamos diante da mesa, e estremeço de medo. Esperar pelo próximo obstáculo talvez seja um medo por si só.

— Lá vamos nós — digo.

Esgueirando-se para dentro do círculo de luz que agora ocupamos, caminhando ao redor dele, de modo que apenas a ponta do seu sapato fique visível. Então, ele se aproxima de nós, Marcus, com cavidades escuras no lugar dos olhos, as roupas cinza e o cabelo raspado que exibe os contornos do seu crânio.

— Marcus — sussurra ela.

Eu o observo. Esperando pelo primeiro golpe.

— Esta é a parte em que você descobre meu nome — digo.

— Será que ele é... — Agora ela sabe. Ela saberá para sempre. Não poderei fazê-la esquecer, se quiser. — Tobias.

Faz muito tempo que ninguém diz meu nome dessa maneira, como uma revelação, e não uma ameaça.

Marcus desenrola um cinto do seu punho.

— Isso é para o seu próprio bem — diz ele, e sinto vontade de gritar.

Ele se multiplica imediatamente, cercando-nos, com os cintos arrastando nos ladrilhos brancos. Encolho-me, inclinando o corpo para a frente, esperando, esperando. O cinto é jogado para trás, e contraio o rosto antes mesmo de ele me atingir, mas isso não acontece.

Tris está parada diante de mim, com o braço levantado, tensa da cabeça aos pés. Ela range os dentes enquanto o cinto se enrosca em seu braço, depois o arranca da mão dele e o golpeia. O movimento é tão poderoso que fico impressionado com o quão forte parece, com a *força* com a qual o cinto atinge a pele de Marcus.

Ele se lança contra Tris, e eu me posiciono entre os dois. Desta vez, estou pronto. Pronto para contra-atacar.

Mas o momento não chega. As luzes se acendem, e a paisagem do medo termina.

— Já acabou? — diz ela, e encaro o lugar onde Marcus estava. — Estes eram os seus piores medos? Por que você só tem quatro... Ah.

Ela olha para mim.

— É por isso que o chamam de...

Eu temia que, se ela soubesse do meu pai, olharia para mim com pena, e isso me faria sentir fraco, pequeno e vazio.

Mas ela viu Marcus e o encarou, com raiva e sem medo. Ela não me fez sentir fraco, mas poderoso. Poderoso o bastante para contra-atacar.

Eu a puxo para perto de mim pelo cotovelo e beijo a sua bochecha lentamente, deixando que sua pele esquente a minha. Seguro-a junto a mim, debruçando-me para perto dela.

— Ei. — Ela suspira. — Nós conseguimos.

Corro meus dedos pelo seu cabelo.

— *Você* me ajudou a conseguir — digo.

+ + +

Levo-a para as pedras onde costumo ir às vezes com Zeke e Shauna, de madrugada. Tris e eu nos sentamos em uma pedra plana suspensa sobre a água, e os respingos encharcam as minhas botas, mas não está muito frio, então não ligo. Como todos os iniciandos, ela está concentrada demais no teste de aptidão, e me esforço para conversar com ela sobre ele. Pensei que, ao revelar um segredo, os outros viriam naturalmente, mas começo a perceber que ser mais aberto é um hábito que desenvolvemos com o tempo, e não algo que tenha um interruptor que ligamos quando bem entendemos.

— Não falo dessas coisas para qualquer um, sabia? Nem para os meus amigos. — Observo a água escura e lamacenta e as coisas que ela carrega: pedaços de lixo, roupas descartadas, garrafas flutuantes como pequenos barcos seguindo em uma jornada. — Meu resultado foi o esperado. Abnegação.

— Ah. — Ela franze a testa. — Mas você escolheu a Audácia mesmo assim?

— Por necessidade.

— Por que você precisava sair da Abnegação?

Desvio o olhar, sem saber se posso revelar minhas razões, porque admiti-las faz de mim um traidor da facção, e faz com que eu me sinta um covarde.

— Você precisava fugir do seu pai — diz ela. — É por isso que você não quer ser um líder da Audácia? Porque talvez precisasse vê-lo novamente?

Dou de ombros.

— Por isso e porque eu nunca me senti como se realmente pertencesse à Audácia. Pelo menos, não da maneira como a facção é agora. — Não é exatamente verdade. Não sei se esta é a hora certa de revelar a ela o que sei

sobre Max, Jeanine e o ataque. De forma egoísta, quero manter este momento apenas para mim, só por mais um tempinho.

— Mas você é... incrível — diz ela. Levanto as sobrancelhas ao olhar para ela. Ela parece envergonhada. — Quer dizer, pelos padrões da Audácia. Quatro medos é algo inédito. Como este poderia não ser o seu lugar?

Dou de ombros outra vez. Quanto mais o tempo passa, mais acho estranho a minha paisagem do medo não estar cheia de medos, como as de todos os outros. Muitas coisas fazem com que eu me sinta nervoso, ansioso, desconfortável... mas, quando sou confrontado com elas, consigo *agir*, nunca fico paralisado. Contudo, se eu não tomar cuidado, meus quatro medos são capazes de me paralisar. Essa é a única diferença.

— Eu tenho a teoria de que o altruísmo e a coragem não são tão diferentes assim. — Levanto a cabeça e olho para o Fosso, que se ergue acima de nós. Daqui, consigo ver apenas um pedacinho do céu noturno. — Se você passou a vida inteira treinando para se esquecer de si mesmo quando está diante do perigo, isso se torna o seu instinto natural. Meu lugar poderia ser a Abnegação tão facilmente quanto é aqui.

— Pois é. Deixei a Abnegação porque não era altruísta o bastante, por mais que eu tentasse.

— Isso não é inteiramente verdade — digo, sorrindo. — E aquela garota que deixou que alguém atirasse facas contra ela para poupar um amigo; que bateu com um cinto no meu pai para me proteger; aquela garota altruísta não era você?

Sob esta luz, ela parece vinda de outro mundo, com os olhos tão pálidos que parecem reluzir no escuro.

— Você tem prestado bastante atenção, não tem? — pergunta ela, como se tivesse lido os meus pensamentos. Mas Tris não está falando sobre eu olhar para o seu rosto.

— Gosto de observar as pessoas — respondo, dissimuladamente.

— Talvez seu lugar seja mesmo na Franqueza, Quatro, porque você é um péssimo mentiroso.

Pouso a mão ao lado da dela e me aproximo.

— Tudo bem. — Seu nariz longo e fino não está mais inchado do ataque, nem sua boca. Sua boca é bonita. — Eu a observei porque gosto de você. E... não me chame de 'Quatro', está bem? É... bom ouvir meu nome novamente.

Ela parece ficar surpresa.

— Mas você é mais velho do que eu... Tobias.

É tão bom ouvi-la falando o meu nome. Como se não houvesse nada do que se envergonhar.

— Ah, claro. A enorme diferença de dois anos é *intransponível*, não é mesmo?

— Não estou tentando ser autodepreciativa — diz ela com teimosia. — Mas não entendo. Eu sou mais nova. Não sou bonita. Eu...

Solto uma risada e beijo a sua têmpora.

— Não precisa fingir — diz ela, soando um pouco ofegante. — Você sabe que eu não sou. Não sou feia, mas certamente não sou bonita.

A palavra "bonita" e tudo o que ela representa me parecem tão inúteis agora que não tenho nenhuma paciência para isso.

— Tudo bem. Você não é bonita. E daí? — Arrasto meus lábios até sua bochecha, tentando juntar coragem. — Eu gosto da sua aparência. — Eu me afasto. — Você é extremamente esperta. Você é corajosa. E, mesmo que tenha descoberto a questão com o Marcus... Você não está me olhando daquele jeito. Como se eu... fosse algum tipo de cachorrinho abandonado.

— Bem — diz ela com sinceridade. — Você não é.

Meus instintos estavam certos: posso confiar nela. Com meus segredos, minha vergonha, com o nome que abandonei. Com as verdades lindas, e as horríveis. Tenho certeza disso.

Encosto meus lábios nos dela. Nossos olhos se encontram, e eu sorrio e a beijo outra vez, agora com mais segurança.

Não é o bastante. Eu a puxo mais para perto, beijo-a com mais força. Ela ganha vida, envolvendo-me em seus braços e inclinando-se contra mim, mas ainda não basta. Como poderia?

+ + +

Eu a acompanho de volta para o dormitório dos transferidos, as botas ainda úmidas com a água do rio, e ela sorri para mim ao passar pela porta. Começo a caminhar em direção ao meu apartamento, e não demora muito para o alívio animado ser substituído novamente pela inquietação. Entre vê-la ser atingida no braço pelo cinto na minha paisagem do medo e dizer a ela que o altruísmo e a coragem muitas vezes eram a mesma coisa, tomei uma decisão.

Viro no corredor seguinte, não em direção ao meu apartamento, mas à escada que leva para o lado de fora, perto do apartamento de Max. Desacelero ao passar na frente da porta dele, temendo que meus passos sejam altos o bastante para acordá-lo. É uma preocupação irracional.

Meu coração dispara quando alcanço o topo da escada. Um trem está passando, e sua lateral prateada reflete a luz da lua. Caminho sob os trilhos e sigo até o setor da Abnegação.

+ + +

Tris era da Abnegação. Parte da sua força natural vem de lá, a mesma que surge sempre que precisa defender pessoas mais fracas do que ela. E não consigo suportar a ideia de homens e mulheres iguais a ela sucumbindo às armas da Audácia e da Erudição. Eles podem ter mentido para mim, e talvez eu os tenha traído quando escolhi a Audácia, e talvez esteja traindo a Audácia agora, mas não preciso trair a mim mesmo. Além disso, não importa em qual facção esteja, *eu* sei qual é a coisa certa a fazer.

O setor da Abnegação é muito limpo, sem qualquer lixo nas ruas, nas calçadas ou nos gramados. As construções cinza idênticas estão gastas em

alguns lugares porque os seus membros altruístas se recusaram a consertá-los, já que o setor dos sem-facção precisa tanto de materiais, mas estão sempre bem-cuidadas. As ruas aqui parecem um labirinto, mas não passei tanto tempo assim longe, e ainda recordo-me do caminho até a casa de Marcus.

É estranho o quão rápido, na minha mente, ela se tornou a casa *dele*, e não a minha.

Talvez eu não tenha que contar a ele; poderia falar com outro líder da Abnegação, mas ele é o mais influente, e ainda há uma parte dele que é o meu pai, que tentou me proteger porque sou Divergente. Tento me lembrar da onda de poder que senti na paisagem do medo, quando Tris me mostrou que ele era apenas um homem, e não um monstro, e que eu poderia enfrentá-lo. Mas ela não está aqui comigo agora, e sinto-me frágil, como se fosse feito de papel.

Sigo o caminho até a casa com as pernas rígidas, como se não tivessem juntas. Não bato à porta; não quero acordar mais ninguém. Pego a chave sobressalente sob o capacho e destranco a porta da frente.

Está tarde, mas a luz da cozinha continua acesa. Quando passo pela porta, ele já está parado onde consigo vê-lo. Atrás dele, a mesa da cozinha está coberta de papéis. Ele está descalço. Seus sapatos ficaram sobre o tapete da sala de estar, com os cadarços desamarrados. E os seus olhos são tão envoltos em sombras quanto a imagem que faço deles nos meus pesadelos.

— O que você está fazendo aqui? — Ele me olha da cabeça aos pés. Tento entender o que ele tanto observa até me lembrar de que estou vestindo o preto da Audácia, com botas pesadas e jaqueta, e agora tenho uma tatuagem no pescoço. Ele se aproxima um pouco mais, e percebo que sou tão alto quanto ele, e mais forte do que jamais fui.

Ele nunca conseguiria me subjugar agora.

— Você não é mais bem-vindo nesta casa — diz ele.

— Eu... — Ajeito o corpo, mas não porque ele odeia má postura. — Eu não dou a mínima — digo, e suas sobrancelhas saltam para cima, como se eu o tivesse surpreendido.

Talvez eu realmente o tenha surpreendido.

— Vim alertar você — digo. — Encontrei algo. Planos para um ataque. Max e Jeanine vão atacar a Abnegação. Não sei quando, nem como.

Ele me encara por um segundo, de uma maneira que faz com que eu me sinta analisado, e então sua expressão muda para um sorriso debochado.

— Max e Jeanine vão atacar — repete ele. — Só os dois, sozinhos, armados com algumas seringas de simulação? — Seus olhos se semicerram. — Max o mandou aqui? Você virou o lacaio da Audácia dele? Por quê, ele quer me assustar?

Quando pensei em alertar a Abnegação, tinha certeza de que a parte mais difícil seria atravessar esta porta. Nunca pensei que ele não *acreditaria* em mim.

— Não seja idiota — digo. Nunca teria dito isso a ele quando morava nesta casa, mas, depois de dois anos adotando intencionalmente os maneirismos da Audácia, a frase deixa a minha boca com naturalidade. — Se você suspeita de Max, é por uma boa razão, e posso garantir que é uma razão muito boa. Você está certo em suspeitar dele. Você corre perigo. Todos vocês correm.

— Como ousa entrar na minha casa, depois de trair a sua facção — diz ele com a voz grave —, trair a sua *família*... e me insultar? — Ele balança a cabeça. — Recuso-me a ser intimidado a fazer o que Max e Jeanine querem, ainda mais pelo meu próprio filho.

— Quer saber? — digo. — Esquece. Eu deveria ter procurado outra pessoa.

Viro-me para a porta, e ele diz:

— Não vire as costas para mim.

Ele agarra o meu braço com força. Eu o encaro, sentindo-me tonto por um instante, como se estivesse fora do meu próprio corpo, já me separando do momento, para conseguir sobreviver a ele.

Você consegue lutar contra ele, penso, e me lembro da Tris arrancando o cinto dele na minha paisagem do medo, para agredi-lo.

Eu me desvencilho de sua mão. Sou forte demais, e ele não consegue me segurar. Mas só tenho força o bastante para ir embora. Ele não ousa gritar e ir atrás de mim, porque os vizinhos poderiam ouvir. Minhas mãos tremem um pouco, então as enfio nos bolsos. Não ouço a porta da frente se fechar atrás de mim, então sei que ele está me observando ir embora.

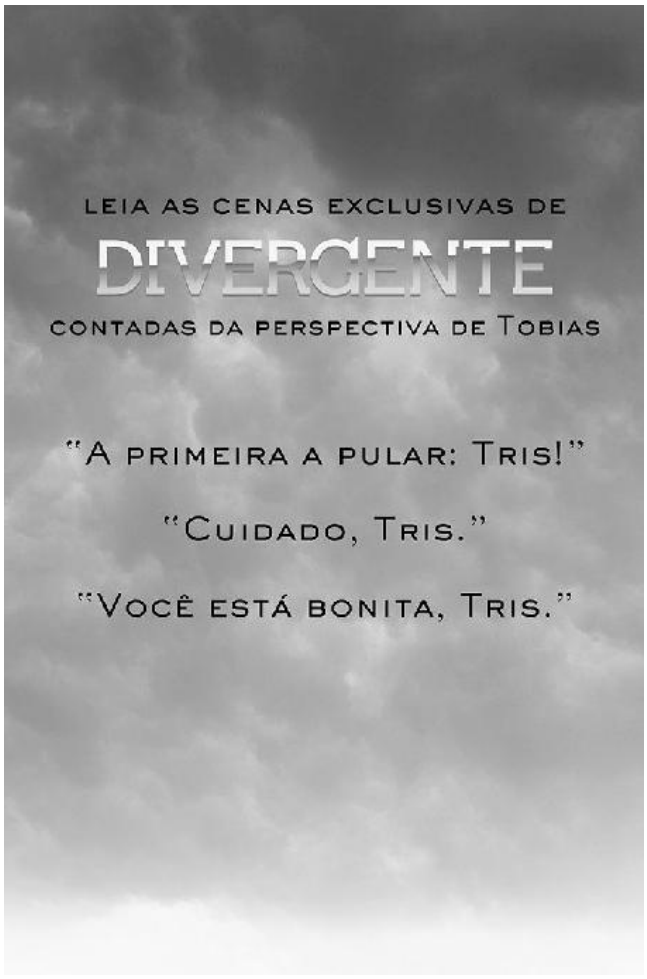
Não foi o retorno triunfante que imaginei.

+ + +

Sinto-me culpado quando atravesso a porta de entrada da Pira, como se os olhos de todos os membros da Audácia me encarassem, julgando-me pelo que acabei de fazer. Fui contra os líderes da minha facção, e pelo quê? Por um homem que odeio, que nem acreditou em mim? Não sinto que valeu a pena, não valeu a pena ser chamado de traidor da facção.

Olho para o abismo abaixo, sob o chão de vidro, a água tranquila e escura, longe demais para refletir o luar. Havia algumas horas, eu estava bem ali, prestes a revelar a uma garota que mal conheço todos os segredos que lutei tanto para proteger.

Ela também confiou em mim, mesmo que Marcus não tenha confiado. Ainda vale a pena protegê-la, assim como a sua mãe e o resto da facção na qual ela acredita. Então, é o que farei.


LEIA AS CENAS EXCLUSIVAS DE
DIVERGENTE
CONTADAS DA PERSPECTIVA DE TOBIAS
"A PRIMEIRA A PULAR: TRIS!"
"CUIDADO, TRIS."
"VOCÊ ESTÁ BONITA, TRIS."

"A primeira a pular: Tris!"

Confiro o relógio. O primeiro iniciando deve saltar a qualquer momento.

A rede espera ao meu lado, larga, resistente e iluminada pelo sol. A última vez em que estive aqui foi no Dia da Escolha do ano passado, e, antes disso, no dia em que pulei. Não queria me lembrar da sensação de me aproximar lentamente da beirada do edifício, de como minha mente e meu corpo foram tomados pelo medo, e então a queda terrível, o sacudir involuntário de braços e pernas, o estalar das fibras da rede contra meus braços e meu pescoço.

– Como foi o trote? – pergunta Lauren.

Demoro um segundo para perceber do que ela está falando: do programa, e da minha suposta vontade de pregar uma peça em Zeke.

– Ainda não fiz. Nossos horários de trabalho não estão batendo hoje.

– Sabe, se você estivesse disposto a estudar bastante, poderíamos usar alguém como você nos serviços de informática – diz ela.

– Se estão recrutando, você deveria falar com Zeke. Ele é muito melhor do que eu.

– É, mas Zeke não sabe a hora de calar a boca. Recrutamos mais por compatibilidade do que por capacidade. Passamos muito tempo juntos.

Abro um sorriso. Zeke realmente gosta de tagarelar, mas isso nunca me incomodou. Às vezes, é bom não precisar se preocupar em começar as conversas.

Lauren brinca com uma das argolas em sua sobrancelha enquanto esperamos. Tento esticar o pescoço para enxergar o topo do edifício, mas tudo o que consigo ver é o céu.

– Aposto que será um dos nascidos na Audácia – afirma ela.

– É sempre um nascido na Audácia. Nem vale a pena apostar.

Os nascidos na Audácia têm uma vantagem injusta sobre os transferidos. Eles geralmente sabem o que há no fundo do buraco antes de saltar, embora tentemos esconder isso deles o máximo possível. Esta entrada para a sede só é usada no Dia da Escolha, mas os integrantes da Audácia são curiosos e exploram o complexo quando acham que ninguém está vendo. Além disso, eles crescem cultivando o desejo de realizar atos audaciosos, de tomar atitudes, de se comprometer de corpo e alma com tudo o que decidam fazer. Seria muito estranho um transferido fazer isso sem ter aprendido com alguém.

De repente, eu a vejo.

Não um rastro preto, como eu esperava, mas cinza, tombando em direção à rede. Ouço o estalar da rede esticando ao redor dos suportes de metal, se deformando para aninhá-la. Por um instante, encaro, impressionado, as roupas familiares que ela veste. Depois, estendo a mão para ela.

Ela agarra os meus dedos, e eu a puxo. Enquanto ela rola para fora da rede, agarro seus braços para equilibrá-la. Ela é pequena e magra, sua aparência é frágil, como se o impacto com a rede pudesse despedaçá-la. Seus olhos são grandes e azul-claros.

— Obrigada — agradece ela. Pode até parecer frágil, mas sua voz é firme.

— Não acredito — diz Lauren com mais arrogância da Audácia do que o normal. — Uma Careta, a primeira a pular? Isso é inédito.

Ela tem razão. É de fato uma ocorrência inédita. É raro, inclusive, um Careta se juntar à Audácia. Ano passado, não tivemos nenhum transferido da Abnegação. E, antes disso, durante muito tempo, fui o único.

— Existe uma razão para ela tê-los deixado, Lauren — digo, sentindo-me distante do meu próprio corpo por um segundo. Recomponho-me e pergunto para a inicianda: — Qual é o seu nome?

— É... — Ela hesita, e, por um breve e estranho momento, sinto que a conheço. Não dos meus anos na Abnegação ou da escola, mas de um modo mais profundo, de alguma forma. Seus olhos e sua boca procuram um nome,

insatisfeita com o que ela encontra, assim como eu fiquei. Meu instrutor da iniciação me ofereceu uma maneira de escapar da minha antiga identidade. Também posso oferecer uma a ela.

— Pode pensar — digo, esboçando um sorriso. — Esta é sua única chance de escolher um.

— Tris — diz ela, como se já tivesse certeza.

— Tris — repete Lauren. — Faça o anúncio, Quatro.

Esta transferida da Abnegação, afinal, é minha inicianda.

Olho para trás, para a multidão de membros da Audácia que se reuniu para assistir aos saltos dos iniciandos, e anuncio:

— A primeira a pular: Tris!

Assim, eles se lembrarão dela não pelas roupas cinza que está vestindo, mas pelo seu primeiro ato de coragem. Ou de loucura. Às vezes, as duas coisas se confundem.

Todos comemoram, e, enquanto o som preenche a caverna, outro iniciando desaba na rede, soltando um grito de gelar o sangue. Uma garota vestindo as roupas brancas e pretas da Franqueza. Desta vez, Lauren é quem estende a mão para ajudá-la. Apoio as costas de Tris, para guiá-la até a escada, caso ela não esteja tão estável quanto parece. Antes que ela dê o primeiro passo, digo:

— Seja bem-vinda à Audácia.

"Cuidado, Tris."

Uma da Abnegação, cinco da Franqueza e dois da Erudição. Esses são meus iniciandos.

Disseram-me que a Franqueza e a Audácia contam com um grau de transferência mútua bastante alto. Geralmente, perdemos a mesma quantidade de membros para eles quanto eles para nós. Considero que minha tarefa seja fazer esses oito iniciandos passarem pelo menos do primeiro corte. No ano passado, quando Eric e Max insistiram nesse sistema, lutei contra eles o máximo que ousei. Mas parece que o sistema de cortes chegou para ficar, apenas beneficiando a Audácia que Max e Eric querem criar — uma facção de brutamontes desmiolados.

Mas pretendo deixar a Audácia assim que descobrir o que Max e Jeanine estão tramando, e, se isso acontecer no meio da iniciação, melhor ainda.

Quando todos os nascidos na Audácia se juntam a nós, entre eles Uriah, Lynn e Marlene, começo a descer o túnel, sinalizando com a mão para que eles me sigam. Atravessamos o corredor escuro até a entrada do Fosso.

— É aqui que nos separamos — diz Lauren, ao alcançar a porta. — Os iniciandos nascidos na Audácia vêm comigo. Acho que *vocês* não precisam de um tour do local.

Ela sorri, e os iniciandos nascidos na Audácia a seguem pelo corredor que passa ao largo do Fosso, levando-os diretamente para o refeitório. Assisto-os indo embora e, depois que desaparecem, ajeito a postura. Ano passado, aprendi que, se quiser que me respeitem desde o início, preciso ser duro com eles de cara. Não tenho o charme natural de Amah, que conseguia ganhar a lealdade das pessoas só com um sorriso ou uma piada; então preciso compensar de outras maneiras.

— Eu geralmente trabalho na sala de controle, mas durante as próximas semanas serei seu instrutor — digo. — Meu nome é Quatro.

Uma das garotas da Franqueza, que é alta, morena e tem uma voz enérgica, resolve abrir a boca:

— Quatro? Como o número?

Percebo o início de um motim. Pessoas que não sabem o significado do meu nome gostam de rir dele, e não gosto que riam de mim, especialmente um grupo de iniciandos recém-saídos da Escolha que não têm a menor ideia de onde estão se metendo.

— Sim — respondo, irritado. — Você tem algum problema com isso?

— Não — diz a garota.

— Ótimo. Nós estamos prestes a entrar no Fosso, que vocês um dia aprenderão a amar. Ele...

A garota da Franqueza me interrompe outra vez.

— Fosso? Que ótimo nome.

Sinto a irritação crescer dentro de mim e me aproximo dela sem realmente ter tomado a decisão de fazer isso. Não posso permitir que alguém faça piadinhas sobre tudo o que digo, ainda mais no começo da iniciação, quando as atitudes de todos ainda estão muito maleáveis. Preciso mostrar a todos eles que não sou alguém com quem podem se meter, e preciso fazer isso agora.

Inclino-me para perto do rosto dela e a encaro por alguns segundos, até ver seu sorriso esmorecer.

— Qual é o seu nome? — pergunto, mantendo a voz baixa.

— Christina — responde ela.

— Bem, Christina, se eu quisesse aguentar os espertinhos da Franqueza, teria me juntado à sua facção — digo. — A primeira lição que você aprenderá de mim é como manter sua boca calada. Entendeu bem?

Ela faz que sim com a cabeça. Viro-me, com o coração fazendo meus ouvidos latejarem. Acho que isso foi o bastante, mas não posso ter certeza,

não até a iniciação realmente começar. Empurro a porta dupla que leva ao Fosso e, por um instante, vejo o local como se fosse a primeira vez, o espaço imenso, cheio de vida e energia, a ferocidade da água no abismo chocando-se contra as rochas, o eco de conversas por toda parte. Geralmente evito o Fosso, porque é movimentado demais, mas hoje, amo este lugar. Não consigo evitar.

— Sigam-me — digo —, e lhes mostrarei o abismo.

+ + +

A transferida da Abnegação sentou-se à minha mesa. Por um instante, pergunto-me se ela sabe quem eu sou, ou se, de alguma forma, é atraída a mim por uma força invisível dos Caretas que não consigo deixar de emanar. Mas ela não olha para mim como se me conhecesse. E não sabe o que é um hambúrguer.

— Você nunca comeu hambúrguer? — pergunta Christina. Ela está estupefata. As pessoas da Franqueza são assim. Ficam pasmas com o fato de que nem todos vivem da mesma maneira que elas. É um dos motivos por que não gosto delas. É como se o resto do mundo não existisse para elas. Para os integrantes da Abnegação, no entanto, o resto do mundo é tudo o que existe, e está cheio de necessidades.

— Não — diz Tris. Para alguém tão pequeno, sua voz é grave. Ela sempre soa séria, independentemente do que está dizendo. — É assim que se chama?

— Os Caretas comem comida simples — digo, experimentando usar a gíria. A palavra soa pouco natural quando aplicada a Tris; sinto que preciso oferecer a ela as cortesias que deveria a qualquer mulher da minha antiga facção, como desviar o olhar com deferência e conversar de maneira educada. Preciso me esforçar para lembrar que não estou mais na Abnegação. Nem ela.

— Por quê? — pergunta Christina.

— A extravagância é considerada autocomplacente e desnecessária. — Ela fala como se estivesse recitando isso de cor. Talvez esteja.

— Não me admira que você tenha partido.

— Claro. — Tris revira os olhos, o que me surpreende. — Foi só por causa da comida.

Tento não sorrir. Não sei se consigo.

De repente, Eric entra no refeitório, e todos ficam em silêncio.

A nomeação de Eric a líder da Audácia foi recebida com confusão e, em alguns casos, raiva. Nunca houve um líder tão jovem, e muitas pessoas se pronunciaram contra a decisão, preocupadas com sua idade e seu passado na Erudição. Max logo silenciou essas preocupações. Assim como Eric. Alguns protestavam um dia e, no dia seguinte, ficavam calados e assustados, como se ele os tivesse ameaçado. Se conheço Eric, foi exatamente o que ele fez, com palavras ditas com suavidade que se distorce e se transforma em malícia, esperto e calculista como sempre.

— Quem é esse? — pergunta Christina.

— Seu nome é Eric — respondo. — Ele é um de nossos líderes.

— Sério? Mas ele é tão jovem.

Contraio a mandíbula.

— A idade não importa aqui.

Conexões com Jeanine Matthews importam.

Ele se aproxima de nós e desaba no assento ao meu lado. Encaro a minha comida.

— E então, não vai me apresentar? — pergunta ele com suavidade. Como se fôssemos amigos.

— Essas são Tris e Christina. — digo.

— Olha só, uma Careta — diz Eric, e dá uma risada debochada. Por um instante, temo que ele conte para ela de onde *eu* vim, e agarro o joelho, segurando-me para não o agredir. Mas tudo o que ele diz é: — Vamos ver quanto tempo você vai durar.

Mesmo assim, quero socá-lo. Ou lembrá-lo de que o último transferido que tivemos da Abnegação, sentado bem ao seu lado, conseguiu arrancar um

dos seus dentes, e, portanto, quem sabe o que esta próxima fará. Mas, com as novas práticas de treinamento, como lutar até os oponentes não conseguirem mais ficar de pé e cortes depois de apenas uma semana de treinamento, ele tem razão. Ela provavelmente não durará muito tempo, pequena do jeito que é. Não gosto disso, mas é a vida.

— O que você tem feito, Quatro? — pergunta Eric.

Sinto uma pontada de medo, temendo, por um instante, que ele saiba que estou espionando Max e ele. Dou de ombros.

— Nada de mais — respondo.

— Max me disse que está tentando falar com você há tempos, mas que você nunca aparece — diz Eric. — Ele pediu para eu descobrir o que está acontecendo.

É fácil ignorar as mensagens de Max como se fossem pedaços de lixo lançados contra mim pelo vento. As reações à sua nomeação a líder da Audácia podem não preocupar mais Eric, mas ainda preocupam Max, que nunca gostou do seu protegido tanto quanto deveria. Ele gostava de mim, embora eu não saiba bem por que, já que costumo me isolar enquanto os outros membros da Audácia andam em bandos.

— Diga a ele que estou satisfeito no cargo em que me encontro.

— Então, ele quer oferecer-lhe um emprego.

Eis a bisbilhotice desconfiada outra vez, escorrendo da sua boca como pus de um novo piercing.

— Parece que sim.

— E você não está interessado?

— Há dois anos que não estou interessado.

— Bem. Vamos esperar que ele se toque, então.

Ele bate no meu ombro como se quisesse ser casual, mas a força do golpe quase me joga contra a mesa. Eu o encaro enquanto ele vai embora. Não gosto de ser empurrado, muito menos por magricelas amantes da Erudição.

— Vocês dois são... amigos? — pergunta Tris.

— Fomos da mesma turma de iniciandos. — Decido realizar um ataque preventivo e jogá-las contra Eric, antes que ele as jogue contra mim. — Ele se transferiu da Erudição.

Christina ergue as sobrancelhas, mas Tris ignora a palavra "Erudição", ignora as suspeitas que deveriam estar programadas na sua mente depois de uma vida na Abnegação, e diz:

— Você também é um transferido?

— Pensei que teria problemas com a garota da Franqueza perguntando demais — digo. — Agora tenho uma Careta na minha cola também?

Como fiz com Christina antes, a intenção da minha rispidez é fechar as portas antes que elas se abram demais. Mas Tris contorce a boca, como se tivesse comido algo amargo, e dispara:

— Deve ser porque você é tão acolhedor. Sabe? Quase como uma cama de pregos.

Seu rosto fica vermelho quando a encaro, mas ela não desvia o olhar. Há algo familiar nela, mas tenho certeza de que lembraria se tivesse conhecido uma garota da Abnegação tão esperta, mesmo que apenas por um segundo.

— Cuidado, Tris — digo. Cuidado com o que você diz para mim, é o que quero dizer. Cuidado com o que você diz para qualquer pessoa desta facção, que valoriza todas as coisas erradas e que não entende que, quando você vem da Abnegação, impor-se, mesmo que brevemente, representa o máximo da coragem.

Ao falar seu nome, percebo que sei quem ela é. Ela é filha de Andrew Prior. Beatrice. Tris.

"Você está bonita, Tris."

Nem sei se lembro o que me fez rir, mas sei que foi algo que Zeke disse, e que foi hilário. À minha volta, o Fosso oscila, como se eu estivesse em pé sobre um balanço. Seguro a grade para tentar me equilibrar e derramo o resto do que quer que eu esteja bebendo garganta abaixo.

Ataque da Abnegação? Que ataque da Abnegação? Quase não me lembro mais disso.

Bem, na verdade, isso é mentira, mas nunca é tarde demais para começar a se sentir confortável em mentir para si mesmo.

Vejo uma cabeça loira subindo e descendo em meio à multidão e a sigo até ver o rosto de Tris. Ela finalmente não está vestindo tantas camadas de roupas, e a gola da camisa não está abotoada até logo abaixo da garganta. Consigo ver a forma do seu corpo... *Pare com isso*, grita uma voz na minha cabeça, antes que eu consiga prosseguir com esse pensamento.

— Tris! — A palavra escapa da minha boca, e não há como voltar atrás, apesar de eu nem me preocupar em tentar. Caminho na direção dela, ignorando os olhares de Will, Al e Christina. É fácil fazer isso. Seus olhos parecem mais claros e penetrantes do que nunca.

— Você está... diferente — digo. Queria dizer que ela parece mais velha, mas não quero sugerir que parecia jovem antes. Talvez ela não seja capaz de fazer tudo o que uma mulher mais velha faz, mas ninguém poderia olhar para o seu rosto e ver uma criança. Nenhuma criança tem essa ferocidade.

— Você também — diz ela. — O que está fazendo?

Bebendo, penso, mas ela provavelmente já notou isso.

— Desafiando a morte — respondo, soltando uma risada. — Bebendo ao lado do abismo. Não deve ser uma boa ideia.

— Realmente, não é. — Ela não está rindo. Parece preocupada. Preocupada com o quê? Comigo?

— Não sabia que você tinha uma tatuagem — digo, olhando para a sua clavícula, onde vejo três pássaros negros. É uma tatuagem simples, mas parece que os pássaros estão voando sobre a sua pele. — É claro. Os *corvos*.

Quero perguntar por que ela tatuou um dos seus piores medos no corpo, por que quer vestir a marca do seu medo para sempre em vez de enterrá-la, com vergonha. Talvez ela não sinta vergonha dos seus medos como eu sinto dos meus.

Olho para trás e vejo Zeke e Shauna, que estão em pé, com os ombros encostados, perto da grade.

— Eu a convidaria a se juntar a nós — digo —, mas não é certo você me ver assim.

— Assim como? — pergunta ela. — Bêbado?

— É... bem, não. — De repente, a situação não parece tão engraçada para mim. — Verdadeiro, eu acho.

— Vou fingir que não vi.

— É muito gentil da sua parte. — Aproximo-me dela mais do que pretendia, e sinto o cheiro do seu cabelo e a pele fria, lisa e delicada da sua bochecha contra a minha. Eu me sentiria envergonhado de estar agindo de maneira tão tola e direta se ela tivesse, mesmo que por um segundo, se afastado. Mas ela não faz isso. Na verdade, ela se aproxima ainda mais. — Você está bonita, Tris — digo, porque não sei se ela sabe disso, e ela deveria saber.

Desta vez, ela ri.

— Só me faça o favor de manter-se longe do abismo, está bem?

— É claro.

Ela sorri. E me pergunto, pela primeira vez, se ela gosta de mim. Se Tris consegue sorrir para mim quando estou neste estado... bem, talvez ela goste.

Só sei de uma coisa: por me ajudar a me esquecer do quão horrível é o mundo, prefiro ela ao álcool.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, obrigada, obrigada a:

Meu marido, minha família (os Roth-Rydz-Ross, Fitch, Krauss, Paquette, Johnson e todos os outros entre eles) e meus amigos (escritores e não escritores, de todo o mundo), por seu constante apoio, generosidade e perdão, sem os quais eu certamente pereceria. É sério.

Joanna Volpe, amiga/agente, pela sua simpatia e sabedoria e Todas as Coisas (Boas). Katherine Tegen, amiga/editora, por todo tipo de sabedoria editorial e trabalho muito árduo. Toda a equipe da HarperCollins, por sua excelência constante: Joel Tippie, Amy Ryan, Barb Fitzsimmons, Brenna Franzitta, Josh Weiss, Mark Rifkin, Valerie Shea, Christine Cox, Joan Giurdanella, Lauren Flower, Alison Lisnow, Sandee Roston, Diane Naughton, Colleen O'Connell, Aubry Parks-Fried, Margot Wood, Patty Rosati, Molly Thomas, Onalee Smith, Andrea Pappenheimer, Kerry Sheridan, Fran Olson, Deb Murphy, Jessica Abel, Samantha Hagerbaumer, Andrea Rosen, David Wolfson, Jean McGinley, Alpha Wong, Sheala Howley, Ruiko Tokunaga, Caitlin Garing, Beth Ives, Katie Bignell, Karen Dziekonski, Sean McManus, Randy Rosema, Pam Moore, Rosanne Romanello, Melinda Weigel, Gwen Morton, Lillian Sun, Rosanne Lauer, Erica Ferguson e, é claro, Kate Jackson, Susan Katz e Brian Murray. Vocês são a melhor editora do mundo.

Danielle Barthel, por sua mente paciente e pelo encorajamento especial em relação a estas histórias. Pouya Shahbazian, por me mostrar como permanecer estável, mesmo em meio à tempestade (estou me esforçando para aprender). Todos da New Leaf Literary, por se esforçarem tanto e fazerem o trabalho ser tão bom. Steve Younger, por ser tão competente tanto no humor quanto em questões legais.

E por último, mas certamente não menos importante: todos os leitores de Divergente (Iniciandos!) ao redor do mundo. Seu entusiasmo por essas

personagens me incentivou a escrever estas histórias e me ajudou a atravessar as partes difíceis.

Acho que só faz sentido terminar com um

<4

Título Original
FOUR:
A DIVERGENT COLLECTION

Copyright © 2014 *by* Veronica Roth

Four: The Transfer: A Divergent Story
Copyright © 2013 *by* Veronica Roth

Four: The Initiate: A Divergent Story
Copyright © 2014 *by* Veronica Roth

Four: The Son: A Divergent Story
Copyright © 2014 *by* Veronica Roth

Four: The Traitor: A Divergent Story
Copyright © 2014 *by* Veronica Roth

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com HarperCollins Children's Books, uma divisão da HarperCollins Publishers.

Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos Leitores

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
FLORA PINHEIRO

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R754s
Roth, Veronica
Série Divergente [recurso eletrônico] : divergente, insurgente, convergente / Veronica Roth ; tradução Lucas Peterson. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.
recurso digital (Divergente)

Tradução de: Divergent series
ISBN 978-85-8122-622-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Peterson, Lucas. II. Título. III. Série.

15-27383

CDD: 028.5
CDU: 028.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

Veronica Roth é uma autora de sucesso internacional. *Divergente*, o primeiro título de sua trilogia de estreia, alcançou o primeiro lugar dos mais vendidos do *New York Times*. Atualmente, ela mora em Chicago, nos Estados Unidos, com seu marido.